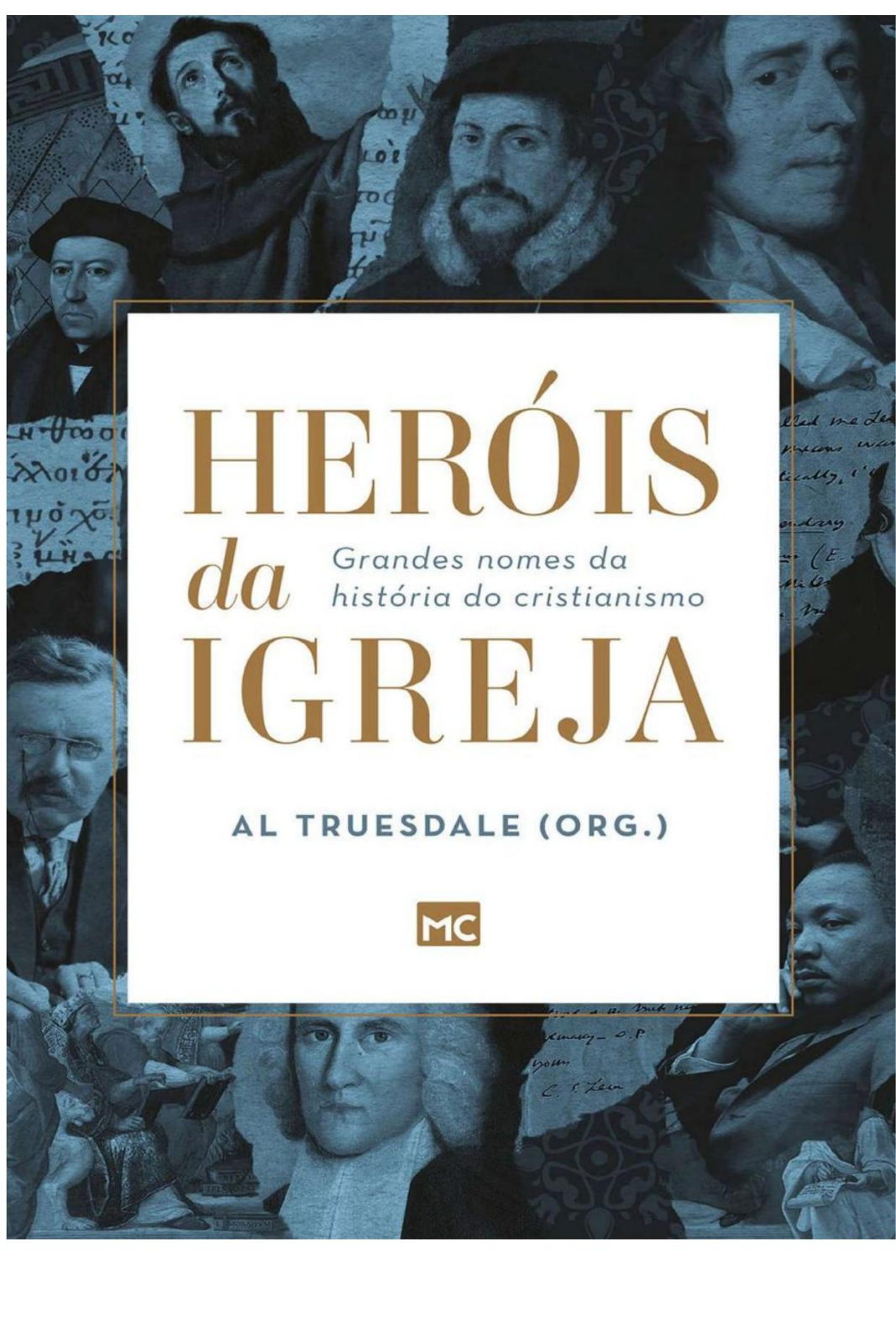




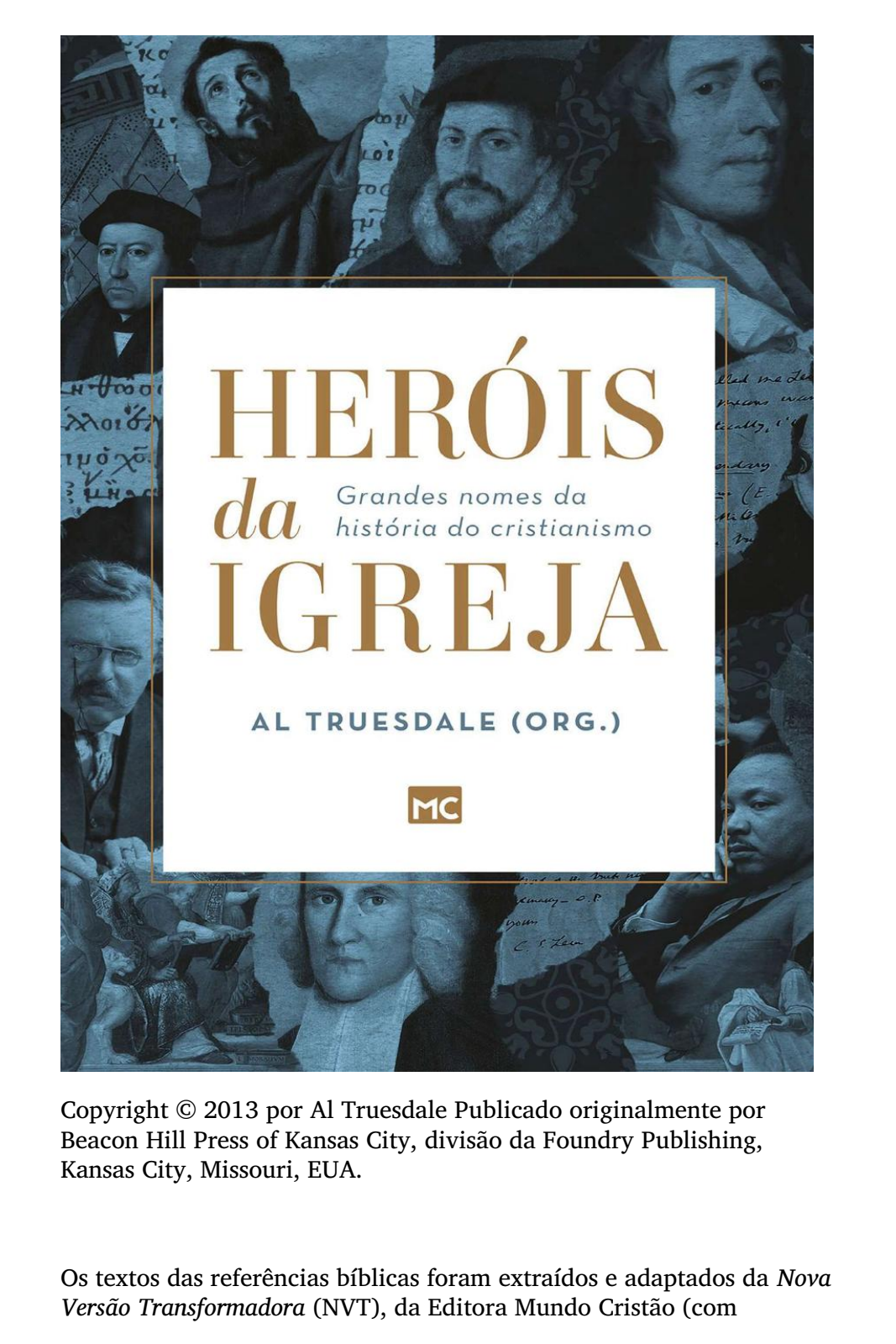
HERÓIS *da* Grandes nomes da história do cristianismo IGREJA

AL TRUESDALE (ORG.)

MC

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

The background of the cover is a collage of various historical figures and text. At the top left, there's a portrait of a man with a beard and a hat. To his right is a portrait of a man with a beard and a hat. Further right is a portrait of a man with long hair. Below these, on the left, is a portrait of a man with a mustache and glasses. In the center, there's a portrait of a man with a beard and a hat. To the right of the center is a portrait of a man with a beard and a hat. At the bottom left, there's a portrait of a man with a beard and a hat. At the bottom right, there's a portrait of a man with a beard and a hat. The collage also includes various snippets of text in different fonts and colors, some of which are in Greek or Latin.

HERÓIS *da* Grandes nomes da história do cristianismo IGREJA

AL TRUESDALE (ORG.)



Copyright © 2013 por Al Truesdale Publicado originalmente por Beacon Hill Press of Kansas City, divisão da Foundry Publishing, Kansas City, Missouri, EUA.

Os textos das referências bíblicas foram extraídos e adaptados da Nova Versão Transformadora (NVT), da Editora Mundo Cristão (com

permissão da Tyndale House Publishers, Inc.), salvo a seguinte indicação: *Bíblia de Jerusalém* (BJ), da Paulus.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Edição

Daniel Faria

Revisão

Natália Custódio

Produção e diagramação

Felipe Marques

Colaboração

Ana Luiza Ferreira

Capa

Maquinaria Studio

Conversão para Ebook

SCALT Soluções Editoriais

ISBN 978-85-433-0528-8 (recurso eletrônico - Box)

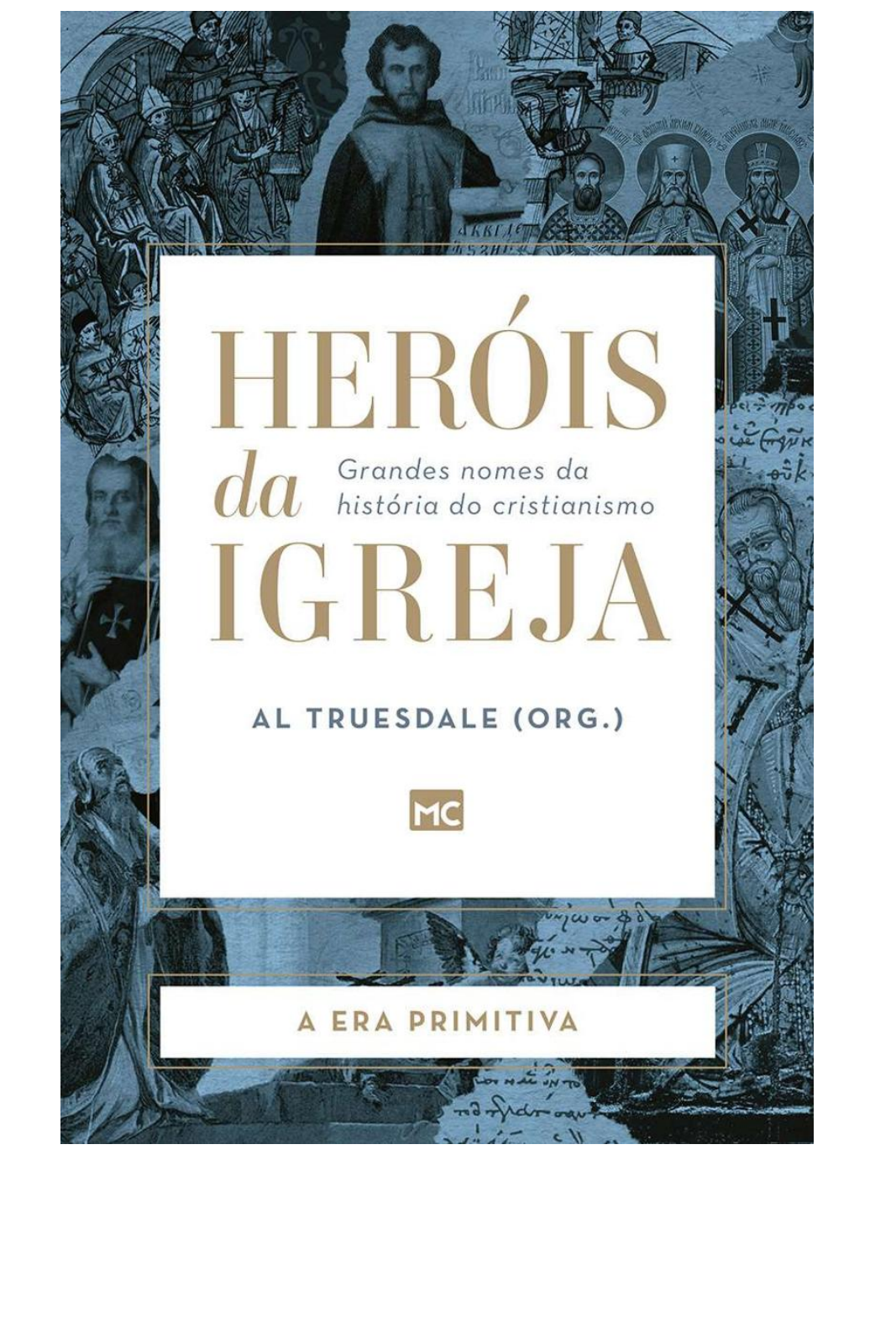
Categoria: Espiritualidade 1a edição eletrônica: janeiro de 2021

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por: Editora
Mundo Cristão Rua Antônio Carlos Tacconi, 69

São Paulo, SP, Brasil CEP 04810-020

Telefone: (11) 2127-4147

www.mundocristao.com.br

The background of the cover is a complex collage of various religious images. It includes a central figure of a man in a dark robe, likely a saint or historical figure, surrounded by other figures in religious attire. There are also depictions of architectural structures, possibly churches or monasteries, and various symbols of faith, including crosses and halos. The overall style is reminiscent of medieval or early modern religious art.

HERÓIS *da* Grandes nomes da história do cristianismo IGREJA

AL TRUESDALE (ORG.)



A ERA PRIMITIVA

HERÓIS DA IGREJA

Grandes nomes da história do cristianismo

VOLUME 1

A ERA PRIMITIVA

Editado por

AL TRUESDALE

Traduzido por Almiro Pisetta



Copyright © 2013 por Al Truesdale Publicado originalmente por
Beacon Hill Press of Kansas City, divisão da Foundry Publishing,
Kansas City, Missouri, EUA.

Os textos das referências bíblicas foram extraídos e adaptados da *Nova Versão Transformadora* (NVT), da Editora Mundo Cristão (com permissão da Tyndale House Publishers, Inc.), salvo a seguinte indicação: *Bíblia de Jerusalém* (BJ), da Paulus.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Edição

Daniel Faria

Revisão

Natália Custódio

Produção e diagramação

Felipe Marques

Colaboração

Ana Luiza Ferreira *Capa*

Maquinaria Studio *Conversão para Ebook*

SCALT Soluções Editoriais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H48

v. 1

Heróis da igreja [recurso eletrônico] : grandes nomes da história do cristianismo : a era primitiva, volume 1 / editado por Al Truesdale ; traduzido por Almiro Pisetta. - 1. ed. -

São Paulo : Mundo Cristão, 2020.

recurso digital (Heróis da igreja ; 1)

Tradução de: The book of saints : the early era

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-433-0495-3 (recurso eletrônico)

1. Teologia - História - Igreja primitiva, ca. 30-600. 2. Pais da igreja. 3. Pais apostólicos.

4. Livros eletrônicos. I. Truesdale, Al. II. Pisetta, Almiro. III. Série.

19-61596 CDD: 270.1

Categoria: Espiritualidade 1a edição eletrônica: janeiro de 2021

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por: Editora
Mundo Cristão Rua Antônio Carlos Tacconi, 69

São Paulo, SP, Brasil CEP 04810-020

Telefone: (11) 2127-4147

www.mundocristao.com.br

Sumário

Introdução

Os Pais Apostólicos

Clemente de Roma

A Doutrina dos apóstolos (Didaquê)

Inácio de Antioquia

Policarpo de Esmirna

O Pastor de Hermas

A Epístola a Diogneto [Mathetes]

Os Apologistas Gregos

Aristides

Justino Mártir

Atenágoras

Teólo de Antioquia

A “Escola” de Alexandria

Clemente de Alexandria

Orígenes

Dionísio de Alexandria

A Igreja do Ocidente

Irineu

Hipólito de Roma

Tertuliano

Cipriano de Cartago

A Igreja do Oriente depois de Orígenes e antes de Niceia

Gregório de Neocesareia

Metódio de Olimpo

Apêndice: Lista de pais anteniceos

Fontes bibliográficas

Recebam de mim mensagens, não argutas, mas ponderadas; palavras, não enfeitadas para encantar um auditório comum mediante uma retórica sofisticada, mas simples e adequadas por sua despojada verdade, para a proclamação da misericórdia divina.

Cipriano, bispo de Cartago, *Epístola a Donato*

INTRODUÇÃO

Uma consequência nada auspiciosa de nossa sociedade excessivamente móvel é que, não raro, não sabemos quem são nossos parentes, os atuais e os do passado. Crianças crescem tendo pouco contato com tias, tios, primos e avós. Amigos são essenciais, mas somente a família pode nos ensinar como nossa vida está assentada em narrativas intrigantes e únicas. Só ela sabe dizer como nossos tataravós conseguiram chegar à Califórnia fugindo das tempestades de areia que assolavam as pradarias americanas no início do século 20, ou como nossos corajosos pais bateram em fuga no m da Guerra do Vietnã levando consigo apenas a roupa do corpo.

Meu irmão e eu crescemos sabendo que a escolarização formal de

nosso pai terminou no quarto ano primário. Mais tarde, descobrimos que, aos 12 anos, depois da morte da mãe, ele se tornou efetivamente órfão, sendo rejeitado até mesmo pela irmã de sua mãe. Apesar disso, ele aprendeu uma profissão que lhe permitiu sustentar a família. Ouvir a segunda parte da história aumentou nossa admiração pelo nosso pai e teve um impacto em nosso zelo e em nosso entendimento de nós mesmos.

O que se aplica a famílias individuais também se aplica à família cristã: nossos pais e mães, nossos irmãos e irmãs em Cristo. Podemos nos enriquecer e nos fortalecer ao aprender daquela “grande multidão de testemunhas” (Hb 12.1) que combateu antes de nós “o bom combate”

da fé (2Tm 4.7). Que legado a transmitir! Tendo ouvido as histórias deles, nós saímos dizendo: “Incrível! E eu não sabia disso”.

A finalidade deste livro é colocar-nos aos pés de alguns dos pais da igreja primitiva que viveram logo depois dos apóstolos e antes do primeiro concílio ecumênico (geral) da igreja em Niceia (325 d.C.). Essa era costuma ser referida como o período “sub-apostólico”. Os primeiros

pais antenigenos são chamados pais apostólicos por aquilo que a tradição alegou acerca do relacionamento deles com os apóstolos. O segundo grupo é conhecido como apologistas. Eles apresentaram defesas circunstanciadas da fé cristã a uma plateia greco-romana. Depois disso nós nos voltamos para os pais associados à igreja na Alexandria, no Egito e, em seguida, aos pais da igreja do Ocidente, isto é, a Gália, Roma e o Norte da África. Por fim, dois pais orientais, Gregório de Neocesareia (séc. 3) e Metódio (final do séc. 3 e início do séc. 4) nos instruirão.

Todos os pais antenigenos enfrentaram a ameaça da perseguição oficial romana. Alguns deles tornaram-se mártires. A perseguição da jovem fé provinha de todas as partes. Uma delas, promovida pelo Estado, variava em intensidade, duração e abrangência geográfica. Havia períodos de relativa calma. Aproximadamente dez períodos de perseguição aconteceram antes que o Edito de Milão (313 a.C.) equiparasse o cristianismo com outras religiões. A perseguição não oficial provinha do povo romano. Os cristãos eram considerados inimigos da coesão social e do bem-estar do Império porque se recusavam a participar das práticas religiosas pagãs que pululavam na cultura greco-romana. A religião pagã em todas as suas formas admitidas defendia a supremacia do Império e reconhecia o imperador como

senhor e salvador. Os cristãos eram acusados de tudo, da amotinação à perpetração de atos lascivos durante seus cultos religiosos, de responsabilidade pelas crises de fome e pelas derrotas militares, e do canibalismo ao ateísmo.

Alguns pais antenigenos não serão abordados porque seus escritos não se prestam a leituras devocionais. Um breve esboço biográfico precede os textos selecionados de cada pai da igreja. Uma oração (muitas vezes um hino) e referências bíblicas* para leitura acompanham cada leitura.

Em muitos casos, foi necessário parafrasear as traduções em domínio público.

À medida que valores que identifi cam nosso tempo se tornam cada vez mais claramente pagãos, e à medida que a “memória” cristã se perde na praça pública (e às vezes até mesmo na igreja), beber nas ricas fontes do cristianismo apostólico torna-se cada vez mais útil. Como levar uma vida santa num mundo pagão é um o dourado que perpassa os escritos dos pais da igreja.

* Referências bíblicas em negrito identi cam versículos bíblicos citados ou parafraseados nos excertos selecionados e nas orações.

OS PAIS

APOSTÓLICOS

O título “pais apostólicos” é atribuído aos escritos cristãos primitivos que aparecem depois do Novo Testamento. A partir do

século 17, seus autores receberam essa denominação porque teriam conhecido os apóstolos pessoalmente. Em alguns casos, isso pode ter de fato acontecido. Com o passar do tempo, em razão do modo

de classificação do material pelos estudiosos, o número desses pais foi crescendo, de cinco para oito. Há discordância sobre como classificar a *Epístola a Diogneto*. Com exceção de *Diogneto*, as obras dos pais apostólicos são endereçadas a outros cristãos. Em alguns casos, só conhecemos o nome do documento. Alguns escritos dos

pais apostólicos são claramente benéficos para educação, enquanto

outros são considerados menos aptos para isso.

CLEMENTE DE ROMA

No pai apostólico conhecido como Clemente de Roma (c. 30–100 d.C.), encontramos alguém marcado pelo espírito dos apóstolos. Ele tinha um entendimento lúcido do evangelho, um amor a Deus e à igreja e uma paixão pela ordem e harmonia no corpo de Cristo. É provável que Clemente tenha conhecido o apóstolo Paulo. Ao que parece, ele esteve em Filipos (c. 57 d.C.) quando Paulo passou por lá. Juntamente com mulheres devotas e outras pessoas, esteve entre os que, segundo Paulo,

“trabalharam arduamente comigo na propagação das boas-novas” (Fp 4.3).

Clemente foi colega presbítero ou clérigo com Lino e Cleto na igreja de Roma. Depois da morte desses dois irmãos, que provavelmente sofreram o martírio sob o imperador Nero (c. 64–67 d.C.), Clemente tornou-se bispo de Roma. Durante a parte nal de sua vida, a igreja de Corinto foi infestada por con itos internos. Irrompeu uma rebelião de alguns membros jovens contra o bispo (pastor). “Algumas pessoas impetuosas e autocon antes” haviam provocado “um surto de loucura”

(Clemente, *Primeira epístola aos coríntios*, cap. 1). A confusão estava subvertendo a fé em muitos, desencorajando outros, dando ensejo à dúvida e, de modo geral, provocando sofrimento.

Em nome da igreja de Roma, Clemente escreveu uma carta (c. 96

d.C.) aos coríntios. Essa carta é conhecida como *1 Clemente* e também como *Primeira epístola de Clemente aos coríntios*. É uma carta enviada de uma igreja para outra. Seu tom e a condição da igreja de Corinto nos lembram problemas que Paulo enfrentou décadas antes. Aliás, Clemente pede aos coríntios que “tomem a carta do bem-aventurado apóstolo Paulo” (cap. 47). A exemplo de Paulo, Clemente faz um apelo à unidade, à paz e à justiça na igreja de Cristo. O tom é amistoso e comendatício, mas também rme em seu chamado à reforma e correção. Clemente diz

à congregação que a vida cristã deve ser conduzida com temor reverente perante o Senhor. Suas instruções se baseiam fortemente nas Escrituras.

A carta foi muito estimada na igreja primitiva por sua sólida doutrina.

Uma segunda epístola aos coríntios leva o nome de Clemente, mas não é considerada autêntica.

1

Prestemos obediência à excelente e gloriosa vontade de Deus; e, implorando sua misericórdia e amorosa bondade, deixando de lado todas as inúteis lidas, discussões e invejas que conduzem à morte, convertamo-nos e busquemos o auxílio de sua compaixão. Sigamos rmente aqueles que serviram com perfeição à sua glória magní ca.

Tomemos Enoque, por exemplo, que, tendo-se mostrado justo por sua obediência, foi arrebatado aos céus; nunca se soube que ele tenha provado a morte. Noé, julgado el, pregou a regeneração ao mundo, e por intermédio dele o Senhor salvou os animais que, de comum acordo, entraram na arca.

Clemente, *Primeira epístola aos coríntios*, cap. 10

Ergue-nos, ó Deus, por tua graça. Dedicuemo-nos a ti por intermédio de Jesus Cristo. Oramos pelos recém-convertidos, para que sejam fortalecidos na fé e para que todos os teus seguidores confortem uns aos outros. Santifica-nos, corpo e alma; concede-nos o favor de sermos puri cados de toda impureza da carne e do espírito.

Que obtenhamos as coisas boas que nos estão reservadas. Não consideres nenhum de nós indigno, mas sê tu nosso conforto, auxílio e proteção, por meio do teu Cristo, a quem sejam atribuídos, juntamente contigo e com o Espírito Santo, glória, honra, louvor, hinos e ação de graças, para todo o sempre. Amém.

Liturgia clementina (final do séc. 4),

em *Constituições dos santos apóstolos*, livro 8, seção 2.13

PARA REFLETIR: Gn 5.21-24; 1Sm 12.19-25; 2Co 6.6; 7.1; Ef 4.7-16,25-32; Fp 4.4-8; Hb 11.1-38

2

Tendo diante de nós tantos grandes e gloriosos exemplos de humildade e piedosa submissão, entreguemo-nos de novo à prática daquela paz que desde o início nos foi proposta como meta. Fixemos o olhar no Pai e Criador do universo e mantenhamo-nos éis a seus poderosos e insuperavelmente grandes dons e benefícios da paz. Contemplemo-lo com nosso entendimento e vislumbremos com os

olhos da alma seu longânimo propósito. Consideremos como ele não nutre ira alguma contra toda a sua criação.

Clemente, *Primeira epístola aos coríntios*, cap. 19

Senhor, não guardes em tua memória os pecados de teus servos e servas; antes, puri ca-nos com a puri cação da tua verdade; e dirige nossos passos para que caminhemos em santidade de coração e pratiquemos o que é bom e agradável aos teus olhos. Que sejamos submissos ao teu todo-poderoso e excelente nome. Amém.

Clemente, *Primeira epístola aos coríntios*, cap. 60, Lightfoot **PARA REFLETIR:** Dt 7.7-11; Ed 9.5-9; Sl 66.1-20; 95.1; Is 55.7-9; Ef 2.4-7; Hb 4.12-16; 12.1-3

3

Os céus, movimentando-se sob o comando de Deus, a ele paci camente obedecem. O dia e a noite percorrem a rota por ele estabelecida, sem que em nada um atrapalhe o outro. O sol e a lua, tendo a companhia das estrelas, deslizam em harmonia seguindo seu comando dentro dos limites predeterminados, sem desvio algum. A frutífera terra, seguindo a vontade dele, produz alimento com fartura nas estações adequadas para os humanos e os animais e todos os seres vivos. Primavera, verão, outono e inverno, em paz as estações se alternam. Deus beneficia a todos, mas de modo mais abundante a nós que nos refugiamos em sua compaixão por meio de nosso Senhor Jesus Cristo, a quem sejam a glória e a majestade para todo o sempre. Amém.

Clemente, *Primeira epístola aos coríntios*, cap. 20

Ó Senhor, faz tua face brilhar sobre nós para sempre, em paz, para que sejamos protegidos por tua poderosa mão e salvos de todo pecado por teu braço levantado. Nós nos submetemos ao teu todo-poderoso e excelente nome. Amém.

Clemente, *Primeira epístola aos coríntios*, cap. 60, Lightfoot **PARA REFLETIR:** Jó 38.4-11; Sl 8.1-9; 19.1-4; 24.1-2; Is 40.12-17; Jr 10.12-16; Jo 1.1-19; Cl 1.15-20

4

Prestem atenção, amados, para que as múltiplas bondades divinas não se tornem a condenação de todos nós. Pois assim será se não levarmos uma vida digna dele e, de modo unânime, não praticarmos o que é bom e agradável a seus olhos. Tomemos consciência de como ele está

perto, e de que nenhum dos pensamentos ou ideias que entretemos pode passar despercebido dele. Reverenciemos o Senhor Jesus Cristo, cujo sangue foi derramado por nós; estimemos aqueles que nos governam; honremos os mais velhos; eduquemos os jovens no temor de Deus. Que nossas crianças tenham uma educação cristã verdadeira; que aprendam o valor que Deus dá à humildade, o poder que o amor puro tem para ele, como é excelente e importante temê-lo e como isso signifi ca a salvação dos que se conduzem com a mente pura. Pois Deus examina nossos pensamentos e desejos; seu sopro de vida está em nós. Quando lhe aprouver, ele pode retirá-lo.

Clemente, *Primeira epístola aos coríntios*, cap. 21

Ó Senhor, concede concórdia e paz a todos os que vivem neste mundo, assim como tu concedeste a nossos pais quando eles a ti recorreram em fé e verdade, submissos como nós a teu todo-poderoso e excelente nome. Amém.

Clemente, *Primeira epístola aos coríntios*, cap. 60, Lightfoot **PARA REFLETIR**: Dt 30.1-20; Is 61.8-11; Mq 6.6-8; Rm 6.1-23; Ef 4.17-32; 1Ts 5.12-13; Hb 13.17

5

Alimentando assim nossa esperança cristã, apeguemo-nos àquele que é el em suas promessas e justo em seus juízos. Aquele que nos manda evitar a mentira é absolutamente incapaz de mentir. Nada é impossível a Deus, exceto mentir. Reacendamos, portanto, a fé em Deus em nosso coração. Por meio de sua majestosa palavra ele constituiu o universo, e por meio de sua palavra pode fazê-lo chegar a seu m. Ele fará tudo o que quiser, quando lhe aprouver, e nada do que ele decretou há de falhar. Tudo está exposto a seus olhos, e nada escapa à sua vontade.

Clemente, *Primeira epístola aos coríntios*, cap. 27

Deus Todo-poderoso e eterno, Senhor do mundo inteiro, Criador e Governador de todas as coisas, nós te pedimos a paz e um feliz acordo do mundo e das santas igrejas.

Concede-nos a tua paz, que nunca pode ser subtraída. Preenche em nós as virtudes que a piedade exige. Oramos pelos nossos inimigos e pelos que nos odeiam. Oramos pelos que nos perseguem por causa do nome do Senhor, para que ele lhes paci que os ânimos e lhes dissipe a raiva. Oramos pelos que ainda não são cristãos e pelos que se afastaram do caminho, para que o Senhor os converta. Oramos pelos infantes na fé, para que o Senhor

aperfeiçoe neles seu temor e os conduza à maturidade completa.

Oramos pelas irmãs e irmãos em Cristo, para que o Senhor nos guarde a todos e, por sua graça, nos preserve até o m. Livra-nos, Senhor, do maligno, de todos os escândalos daqueles que praticam iniquidades. Preserva-nos para o teu reino celestial.

Salva-nos, arrebatá-nos, ó Deus, por tua misericórdia. Que nós entreguemos a nós e uns aos outros ao Deus vivo, por meio de Jesus Cristo. Amém.

Liturgia clementina (final do séc. 4), em *Constituições dos*

santos apóstolos, livro 8, seção 2.9,10

PARA REFLETIR: Sl 19.1-3; 31.1-15; 138.2; Is 51.6-8; Mt 24.35; Rm 8.18-39; 2Co 1.18-22; Tt 1.2; Hb 6.18; 10.22-37; 11.18-29

6

Sabendo, portanto, que pertencemos ao Santo, pratiquemos as coisas próprias da santidade, evitando toda calúnia, toda relação abominável e impura, e também toda embriaguez, toda suja luxúria, o detestável adultério e a desagradável arrogância. “Pois Deus”, dizem as Escrituras,

“se opõe aos orgulhosos, mas concede graça aos humildes.”

Apeguemo-nos, então, àqueles que receberam a graça de Deus. Revistamo-nos com a paz e a humildade, sempre exercendo o domínio próprio, mantendo-nos longe da tagarelice e da calúnia, tornando-nos conhecidos por nossas obras e não por nossas palavras. Que nosso louvor seja endereçado a Deus e não a nós mesmos, pois Deus rejeita quem se vangloria. Que os outros aplaudam nossas boas obras, como aconteceu com nossos justos antecessores. A presunção, a arrogância e a audácia são próprias daqueles que Deus amaldiçoa; mas a delicadeza, a humildade e a serenidade são próprias daqueles que Deus abençoa.

Nós, que fomos chamados pela vontade de Deus em Cristo Jesus, não somos justificados por nós mesmos, por nossa sabedoria e inteligência, ou por nossa devoção, ou pelas boas obras que de boa mente praticamos, mas sim pela fé mediante a qual, desde o início, o Deus Todo-poderoso justiciou seu povo. A ele seja a glória para todo o sempre. Amém.

Clemente, *Primeira epístola aos coríntios*, cap. 30, 32

Nós te louvamos, nós te entoamos hinos, nós te bendizemos por tua imensa glória, Ó

Senhor, nosso Rei, o Pai de Cristo, o Cordeiro imaculado que tira o pecado do mundo.

Tu mereces o louvor, tu mereces os hinos, tu mereces a glória, tu que és o Deus e Pai, por meio do Filho, no sumo Espírito Santo, para todo o sempre. Amém.

“Orações diárias”, em *Constituições dos santos apóstolos*, livro 7, seção 5.48

PARA REFLETIR: Pv 3.34; Ef 1.4-14; 4.20-24; Fp 1.10-11; 2.15; 4.8; Cl 3.5-15; Tg 4.6; 1Pe 5.5

7

Apressemos-nos com a máxima energia e predisposição na prática de todas as boas obras. Pois o Criador e Senhor de tudo nelas se alegra.

Com seu poder in nito ele constituiu os céus, e com sua insondável sabedoria os adornou. Ele também separou a terra das águas que a cercam e a xou sobre fundações inabaláveis. Também os animais que vagam sobre a terra foi ele que, por meio de sua palavra, ordenou que existissem. Acima de tudo, com suas santas e puras mãos ele formou o homem, a mais marcante de suas criaturas. Os seres humanos são verdadeiramente notáveis por causa do entendimento que Deus lhes deu. São a semelhança expressa de sua vontade. Concluída a criação de todas as coisas, Deus as aprovou, abençoou e ordenou que fossem férteis e se multiplicassem. Vemos, então, como todos os justos foram adornados com boas obras e como o próprio Senhor, adornando-se com suas próprias obras, nelas se alegra. Tendo, portanto, esse exemplo, obedeçamos sem vacilar à sua vontade e concentremos nosso máximo esforço em agir corretamente.

Clemente, *Primeira epístola aos coríntios*, cap. 33

Inspira em nós, ó Deus e Senhor nosso, a fragrância da suavidade do teu amor; iluminadas são as almas pelo conhecimento da tua verdade; que assim nos tornemos dignos de receber a manifestação do teu Amado nos santos céus, onde nós te renderemos graças. Enquanto esperamos, nós te gloriaremos sem cessar em tua igreja, que está coroada e repleta de amparo e bênçãos. Tu és Senhor e Pai, Criador de tudo. Amém.

Addai e Mari, A liturgia dos benditos apóstolos (c. 150 d.C.)

PARA REFLETIR: Gn 1.26-28; Êx 20.1-17; Rm 12.1-21; Cl 3.5-17; Ap 22.12-21

8

Amados, como são benditas e maravilhosas as dádivas de Deus! A vida com a imortalidade, o esplendor com a retidão, a verdade com a plena confiança, a fé com a certeza, o domínio próprio com a santidade. O

que, então, será aquilo que está preparado para os que aguardam a vinda de Cristo? O Criador e Pai de tudo, o Santíssimo, só ele conhece a medida e beleza daquilo. Esforcemo-nos, então, para nos encontrarmos entre os que estão à sua espera, para podermos compartilhar as dádivas por ele prometidas. Como, amados, podemos conseguir isso? Isso conseguiremos se nossa mente se fixar em Deus pela fé; se buscarmos com determinação o que é de seu agrado e deleite; se o que fizermos estiver de acordo com sua pura vontade; se seguirmos no caminho da verdade, livrando-nos de toda injustiça e iniquidade, juntamente com toda cobiça, discórdia, perversão, fraude, tagarelice e calúnia, todo ódio contra Deus, todo orgulho e soberba, e toda vanglória e ambição pecaminosa.

Clemente, *Primeira epístola aos coríntios*, cap. 35

Ilumina, ó Deus e Senhor nosso, nossa meditação para que ouçamos e entendamos tuas vivi cantes e divinas ordens nas Epístolas. Concede-nos por tua graça colher nelas a certeza do teu amor, a esperança e a salvação adequadas para a alma e o corpo. Cantaremos para ti glória eterna sem cessar, ó Senhor de tudo. Amém.

Addai e Mari, A liturgia dos benditos apóstolos (c. 150 d.C.)

PARA REFLETIR: Sl 27.1-5; 31.1-3; Rm 12.1-2; Ef 4.17-32; Hb 10.32-39; 12.29; 1Pe 1.3-21

9

Quem ama Cristo guarda seus mandamentos. Quem pode descrever o

abençoado vínculo do amor de Deus? Quem é capaz de expressar devidamente sua excelente beleza? A altura a que o amor eleva é inefável. O amor nos une a Deus. O amor cobre uma multidão de pecados. O amor tudo suporta, é paciente em tudo. Não há nada desprezível, nada arrogante, no amor. O amor não admite nenhuma divisão; o amor não causa nenhuma sedição; o amor tudo faz em harmonia. Pelo amor de Deus todos os seus escolhidos foram

aperfeiçoados; sem amor nada é do agrado de Deus. No amor Deus nos reuniu em torno de si. Pelo amor que teve por nós, Jesus Cristo, nosso Senhor, derramou seu sangue pela vontade do Pai; seu corpo pelo nosso corpo e seu sangue pela nossa alma.

Clemente, *Primeira epístola aos coríntios*, cap. 49

Em paz supliquemos ao Senhor. Pela paz que vem do alto, pelo amor de Deus à humanidade e pela salvação de nossa alma, supliquemos ao Senhor. Pela paz do mundo inteiro e pela unidade de todas as santas igrejas de Deus, supliquemos ao Senhor. Pela remissão de nossos pecados e pelo perdão de nossas transgressões, pela nossa libertação de toda tribulação, ira, perigo, angústia e insurreição de nossos inimigos, supliquemos ao Senhor. Amém.

A divina liturgia do santo apóstolo Tiago (c. 150–200 d.C.)

PARA REFLETIR: Mt 5.43-48; 19.16-22; Jo 17.1-26; 1Co 13.1-13; 14.1; Hb 13.1-22; Tg 1.27; 5.20; 1Pe 4.8; 1Jo 4.7-21

10

Percebam, amados, como é grande e maravilhoso o amor e como sua perfeição é indescritível. Quem é digno desse amor, a não ser os que foram privilegiados por Deus? Oremos, então, e supliquemos a ele que, em sua misericórdia, nos conceda amar de forma irrepreensível, sem parcialidade humana por uma pessoa em detrimento de outra. Todas as gerações de Adão até hoje passaram; mas aqueles que, pela graça de Deus, foram aperfeiçoados no amor têm agora lugar entre os santos que aparecerão quando o reino de Cristo se consumir. Felizes somos nós, amados, se observarmos os mandamentos do reino de Deus na harmonia do amor, de modo que pelo amor nossos pecados sejam perdoados. Pois está escrito: “Como é feliz aquele cuja obediência é perdoada, cujo pecado é coberto!”. A bênção se destina àqueles que Deus escolheu por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor. A ele seja a glória para todo o sempre. Amém.

Clemente, *Primeira epístola aos coríntios*, cap. 50

Que Deus, que vê todas as coisas e que é Soberano de todos os espíritos e Senhor de toda a humanidade, que escolheu nosso Senhor Jesus Cristo e nele também nos escolheu para sermos um povo singular, conceda a cada alma que invoque seu glorioso e santo nome fé, temor, paz, paciência, longanimidade, domínio próprio, pureza e sobriedade para o agrado de seu nome, por meio de nosso Sumo Sacerdote e Protetor, Jesus Cristo, por meio de quem a ele sejam a glória, a majestade, o poder e a honra, agora e para

todo o sempre. Amém.

Clemente, *Primeira epístola aos coríntios*, cap. 58

PARA REFLETIR: Sl 32.1-2; Is 26.20; Lc 10.25-37; Ef 5.21-33; 1Ts 5.8-14; Hb 13.1-6; 1Jo 3.11-24

A DOCTRINA DOS DOZE APÓSTOLOS

(DIDAQUÊ)

A *Doutrina dos doze apóstolos*, obra também conhecida como *Didaquê* (do grego *didachê*, “ensino”), é um dos primeiros escritos cristãos não incluídos no Novo Testamento. Seu título antigo era *Doutrina do Senhor mediante os doze apóstolos para as nações*. A *Didaquê* foi citada ou mencionada por muitos autores da fase inicial do cristianismo, como Clemente de Alexandria, Orígenes, Atanásio e o historiador da igreja Eusébio. Alguns pais apostólicos até a consideraram inspirada e integrante do Novo Testamento. A *Didaquê* em seu formato nal é resultado da combinação de fontes que não são possíveis de identi car com precisão. Ela re ete a vida na igreja, talvez desde 70 d.C., e provavelmente alcançou seu formato nal por volta de 150 d.C.

Os dezesseis capítulos dividem-se em três partes. (Os estudiosos divergem sobre esse número.) A primeira parte (1—5) contém ensinamentos sobre os “dois caminhos”. Um “caminho” conduz à vida, e o outro à morte. Essa seção da *Didaquê* consta em outros escritos dos primórdios cristãos e, acredita-se, existia então de forma independente.

Resume a vida cristã e, ao que parece, destinava-se aos catecúmenos (pessoas que se preparavam para o batismo). A segunda parte (6—14) é um manual de instruções sobre a ordem e a prática da igreja. Contém advertências sobre falsos mestres, instruções para o batismo, o jejum, a Oração do Senhor e preces para a refeição comunitária, cuja natureza precisa não está clara. Os capítulos 9 e 10 descrevem uma refeição na qual os comungantes “comem à vontade”, ao passo que o capítulo 14

fala de uma refeição que ocorre no Dia do Senhor e é considerada um

“sacrifício”. A terceira parte (15—16) é um manual de instruções sobre ofícios e posições dos líderes da igreja. Termina com um apelo à vigilância e à preparação para o retorno do Senhor.

Há dois caminhos: um de vida, outro de morte, mas entre os dois há uma grande diferença. Ora, este é o caminho da vida: primeiro, você deve amar a Deus, que o criou; segundo, amar o próximo como a si mesmo e não fazer contra outros o que não quer que façam contra você.

O que esses princípios nos ensinam é isto: abençoe quem o amaldiçoa, ore por seus inimigos e jejue por quem o persegue. Pois que mérito tem se amar aqueles que o amam? Acaso os gentios não fazem isso? Ame, porém, quem o odeia, e assim não terá inimigos. Abstenha-se de paixões carnavais e mundanas. Se alguém o ferir na face direita, ofereça-lhe também a outra face, e você será perfeito. Se alguém o forçar a caminhar uma milha, vá com ele duas. Se alguém lhe roubar a túnica, dê-lhe também sua capa. Se alguém tirar sua propriedade, não a peça de volta, pois de fato você não se sairia bem. Dê a todo aquele que lhe pedir, e não lhe exija que o devolva; pois o Pai quer que todas as nossas bênçãos sejam divididas por espontânea vontade. Feliz é quem dá como lhe ordenam os mandamentos, pois é inocente. Mas aí de quem recebe sem estar necessitado! Quem recebe por estar necessitado é inocente; mas quem recebe sem estar necessitado pagará sua pena.

Didaquê, cap. 1

Verdadeiramente é digno e justo, adequado e devido, louvar-te, cantar-te, bendizer-te, adorar-te, gloriar-te e render-te graças, Ó Criador de todas as coisas, Tesouro de bondades eternas, Fonte de vida e imortalidade, Deus e Senhor de todos. Amém.

A divina liturgia do santo apóstolo Tiago (c. 150–200 d.C.)

PARA REFLETIR: Lv 26.1-46; Dt 5.1-33; Pv 23.27-32; Is 33.15-17; Ez 18.21-24; Mt 5.13-48; Fp 3.7-16

12

Eis o segundo mandamento da doutrina: não mate, não cometa adultério, não corrompa meninos, não cometa fornicação, não furete, não pratique magia, não se envolva em bruxaria, não assassine uma criança pelo aborto, nem mate um recém-nascido. Não cobice os bens do próximo, não cometa perjúrio, não dê falso testemunho, não calunie, não alimente ressentimentos. Não seja mentalmente inconstante nem dissimulado, pois a língua falsa é armadilha mortal. Não sejam suas palavras desonestas ou vazias, mas sim com cheiros pela ação. Não seja ganancioso, extorsivo, hipócrita, malicioso ou

arrogante. Não trame contra o próximo. Não odeie ninguém, mas repreve alguns, ore por outros e ame ainda outros mais que a sua própria vida.

Didaquê, cap. 2

Verdadeiramente é digno e justo, adequado e devido, louvar a ti que és louvado pelos céus e por todas as hostes celestiais; o sol, a lua e todos os coros de estrelas; a terra, o mar e tudo que neles existe; Jerusalém, a assembleia celestial, e a igreja dos primogênitos cujos nomes estão escritos no céu; os espíritos dos justos e dos profetas; as almas dos mártires e dos apóstolos; os anjos, arcanjos, tronos, domínios, principados, autoridades e poderes do terror; os querubins de muitos olhos e os serafins de seis asas, que entoam alto o hino vitorioso de tua majestosa glória, bradando, louvando, gritando e dizendo: “Santo, santo, santo, Senhor do universo! O céu e a terra estão repletos de tua glória. Hosana nas alturas; bendito o que vem no nome do Senhor.

Hosana nas alturas”. Amém.

A divina liturgia do santo apóstolo Tiago (c. 150–200 d.C.)

PARA REFLETIR: Lv 11.44-45; Sl 24.3-5; Is 35.3-10; Cl 3.5-17; Tt 1.10-16; Tg 1.20; 5.1-11; Jd 1.1-23

13

Meu lho, fuja de toda malícia e de todas as coisas dessa espécie. Não seja irritável, pois a ira leva ao assassinato. Não seja ciumento, contencioso ou impetuoso, pois tudo isso gera o assassinato. Meu lho, não seja lascivo, pois a lascívia leva ao adultério. Não faça uso de linguagem suja ou maliciosa, pois tudo isso gera o adultério. Meu lho, não seja mentiroso, pois a mentira leva ao furto. Não seja avaro ou vaidoso, pois tudo isso gera o roubo. Meu lho, não seja um resmungão, pois o resmungar leva à blasfêmia. Não seja egocêntrico ou malvado, pois tudo isso gera a blasfêmia. Pelo contrário, seja humilde, pois os humildes herdarão a terra. Seja paciente, misericordioso, sincero, gentil e bom. Não se dê ares de superioridade e não se entregue à presunção.

Não ande com os grandes e poderosos, mas sim com os justos e humildes.

Didaquê, cap. 3

Nós te agradecemos, Pai Santo, por teu santo nome, que tu zeste habitar

nosso coração, e pelo conhecimento, fé e imortalidade que nos deste a conhecer por meio de Jesus, teu Servo. A ti seja a glória para todo o sempre. Amém.

Didaquê, cap. 10

PARA REFLETIR: Pv 11.2-8; Os 10.12; Mt 5.1-16; Jo 14.21-24; 15.4-12; Rm 15.1-18

14

Não anseie pela divisão; antes, reconcilie os que se desentenderam.

Julgue com justiça e não privilegie ninguém ao reprovar transgressões.

Não seja alguém que estende a mão para receber, mas a fecha quando se trata de dar. Não vire as costas aos necessitados; antes, compartilhe tudo com seu irmão ou irmã, e não rotule coisa alguma como propriedade sua. Pois, se você compartilha o que é eterno, com muito mais motivo deve compartilhar o que é transitório. Ensine a seu lho ou lha a temer a Deus desde a infância. Não abandone de maneira nenhuma os mandamentos do Senhor, mas observe os que recebeu, nada

acrescentando e nada subtraindo. Nas reuniões da igreja, confesse seus pecados, e não se apresentará para a oração com a consciência pesada.

Esse é o caminho da vida.

Didaquê, cap. 4

Ó Senhor Todo-poderoso e Altíssimo, que moras nos altos céus, tu és o Santo que descansa entre os santos, eterno, o único Rei, que por meio de Cristo nos deste a conhecer o evangelho. Reconhecemos tua glória e teu nome, revelado por Cristo para nosso entendimento. Digna-te agora, por intermédio de Cristo, voltar para nós teu olhar e libertar-nos de toda ignorância e prática perversa. Concede-nos que tenhamos a ti com sinceridade, que te amemos com afeição e que reverenciemos devidamente tua glória. Sê benevolente e misericordioso conosco, e ouve-nos quando oramos.

Preserva-nos para que sejamos rmes, irrepreensíveis e sem mancha, a m de sermos santos de corpo e alma, sem nódoa ou ruga ou qualquer outra coisa semelhante, e sejamos, assim, completos em ti. Amém.

Liturgia clementina (final do séc. 4), em *Constituições dos*

santos apóstolos, livro 8, seção 2.11

PARA REFLETIR: Am 8.4-10; Mq 6.6-8; Mt 5.21—7.27; Jo 17.1-26; Rm 14.17-19; Ef 4.1-7; Tg 1.2—

2.26; 3.13-18; 1Jo 3.11-22

15

Este é o caminho da morte: em primeiro lugar, ele é perverso e maldito, pois inclui assassinatos, adultérios, atos lascivos, fornicações, furtos, idolatria, artes mágicas, bruxaria, estupros, falso testemunho, hipocrisia, duplicidade, engano, insolência, depravação, obstinação, ganância, conversa torpe, ciúme, arrogância, ostentação; inclui aqueles que perseguem gente honesta, que odeiam a verdade, que amam a mentira, que ignoram a recompensa da retidão, que não se apegam ao que é bom e ao julgamento justo, e que não se atêm ao bem, mas ao mal. A humildade e a paciência são mantidas longe deles. Amam ilusões, procuram a vingança, não têm compaixão dos pobres, não trabalham em prol dos oprimidos e não conhecem seu Criador. Assassnam crianças, destruindo obras das mãos de Deus. Dão as costas aos necessitados, a igindo quem já está desamparado. São advogados dos ricos, juízes ilegais contra os pobres. São pecadores contumazes. Meus lhos, não se envolvam com esse tipo de gente.

Didaquê, cap. 5

Lembra-te, Senhor, de tua igreja, para livrá-la de todo mal e fazê-la perfeita em teu amor. Reúne-a dos quatro cantos do mundo, santi cada para o teu reino, que tu preparaste para ela, pois teus são o poder e a glória para sempre. Amém.

Didaquê, cap. 10

PARA REFLETIR: Sl 112.1-10; Is 33.15-17; Tg 1.22-25; 1Jo 2.15-29

16

Se alguém aparecer e lhes ensinar a suportar perfeitamente o jugo do Senhor, recebam-no bem. Mas, se o tal mestre voltar e lhes ensinar uma doutrina destrutiva, não lhe deem ouvidos. Se ele ensinar de modo a incrementar a justiça e o conhecimento do Senhor, recebam-no como ao Senhor. Mas, no que diz respeito aos apóstolos e profetas, ajam de acordo com as determinações do evangelho. Que todo

apóstolo que se aproximar de vocês seja recebido como o Senhor. Um verdadeiro profeta segue os caminhos do Senhor. Portanto, é por sua conduta que se pode distinguir o profeta falso do verdadeiro. Recebam todos os que vêm em nome do Senhor, mas testem-nos para conhecê-los bem; assim vocês terão a percepção do certo e do errado.

Didaquê, cap. 6, 11—12

Ó Deus Todo-poderoso, o Deus verdadeiro, a quem nada se compara, que está em toda parte e presente em todas as coisas, sê bondoso conosco e ouve-nos pelo teu nome.

Abençoa os que se curvam diante de ti e concede-lhes os pedidos de seu coração. Não excludas nenhum deles do teu reino, mas santi ca-os, guarda-os, protege-os e socorre-os. Liberta teu povo de seus adversários e de todos os inimigos. Preserva a casa deles e protege-os quando saírem e quando chegarem. Pois a ti pertencem a glória, o louvor, a majestade, a veneração e adoração, e a teu Filho Jesus, teu Cristo, nosso Senhor e Deus e Rei, e ao Espírito Santo, para todo o sempre. Amém.

Liturgia clementina (final do séc. 4), em *Constituições dos*

santos apóstolos, livro 8, seção 2.15

PARA REFLETIR: Sl 121.1-8; Is 26.3-4; 40.28-31; 43.10-21; Mt 25.34-46; Lc 14.12-14; 1Pe 4.9-11; 1Jo 4.1-12

INÁCIO DE ANTIOQUIA

Sentar-se aos pés de Inácio de Antioquia (c. 50–c. 98–117 d.C.), também chamado *Theophorus* (portador de Deus), signi ca ser instruído por um genuíno pastor cristão cujo amor a Cristo e à igreja respira o ar do Novo Testamento. É perfeitamente possível que ele e seu amigo Policarpo tenham conhecido e ouvido o apóstolo João. A cativante tradição segundo a qual Inácio foi a criança que Jesus exibiu como modelo para quem entra no reino de Deus (Mt 18.2-6) não tem base alguma, mas mostra como ele viveu perto dos tempos apostólicos.

Inácio foi preso em Antioquia e condenado a ser devorado por feras em Roma. A perseguição dos cristãos irrompera na Síria porque o imperador Trajano (r. 98–117 d.C.) decretou que, para reforçar a universalidade do seu reino, todos os seus súditos deviam adorar os deuses romanos. Quem se recusasse a obedecer enfrentaria a pena de morte. O valente Inácio se recusou a adorar esses deuses e renegar a Cristo. Foi preso e levado à presença do imperador, que na ocasião

estava em Antioquia. Trajano o acusou de recusar-se a obedecer a seu decreto e de incentivar outros a seguirem seu exemplo. Condenado à morte, Inácio foi enviado para Roma a pé. Escreveu que estava

“acorrentado entre dez leopardos”, dez soldados romanos “que, mesmo quando recebiam benefícios, mostravam-se cada vez piores” (*Epístola aos romanos*, cap. 5). As correntes que o prendiam ele denominou suas “joias espirituais” (*Epístola aos efésios*, cap. 11).

A caminho de Roma, Inácio recebeu delegações de várias igrejas na Ásia Menor. Ele por sua vez escreveu cartas às igrejas, sete ao todo.

Essas epístolas são uma janela que mostra a jovem igreja cristã na Síria e na Ásia Menor no início do segundo século. Há de fato quinze cartas que levam o nome de Inácio, mas acredita-se que apenas sete sejam autênticas. Quatro delas foram escritas de Esmirna para os efésios, os

magnésios, os tralianos e os romanos. Três foram escritas de Troade para os esmirniotas, para Policarpo, bispo de Esmirna, e para os ladél os. Poucos escritos dos primórdios do cristianismo aproximam tanto o leitor do espírito do Novo Testamento quanto essas cartas.

Infelizmente, não há muitas seções “devocionais”, como talvez desejássemos que houvesse.

Em suas cartas, Inácio não faz absolutamente nenhuma restrição a morrer por seu Senhor. Ele pede aos efésios que não orem por sua desobrigação de “lutar com feras em Roma” e apela aos cristãos romanos que não tentem impedi-lo de se tornar “alimento para as feras”. Sua profunda preocupação é com o bem-estar da igreja de Cristo.

Inácio está atento à perseguição de fora da igreja e aos falsos mestres que a prejudicam de dentro dela. O conselho que ele dá é vigoroso e se aplica tão bem hoje como se aplicava à igreja do século 2. Acima de tudo, Inácio quer ter certeza da ordem e da fé in exível das igrejas. Ele é um pastor que logo será forçosamente tirado do rebanho de Jesus.

Muito mais que consigo próprio, ele está interessado no bem-estar das ovelhas. Em particular, em tempos tão perigosos a igreja na Síria está sem liderança episcopal. A carta de Inácio a Policarpo, seu caro amigo que logo percorrerá a senda do martírio, é especialmente inspiradora.

Ouvi falar de alguns estranhos que lhes ensinaram doutrinas falsas. Mas vocês não lhes deram ouvidos, para não receber o que eles estavam semeando. Vocês são pedras do templo do Pai, talhadas para a construção de Deus, o Pai, e içadas pelo instrumento de Jesus Cristo, que é a cruz, usando o Espírito Santo como corda, enquanto a fé foi o meio que os elevou e o amor foi o caminho que os fez subir até Deus.

Vocês, portanto, bem como todos os seus companheiros de viagem, são portadores de Deus, portadores do templo, portadores de Cristo, portadores da santidade, adornados sob todos os aspectos com os mandamentos de Jesus Cristo, em quem eu também exulto por ter sido considerado digno, por meio desta carta, de conversar e alegrar-me com vocês, pois no que diz respeito à vida cristã vocês não amam coisa alguma a não ser a Deus somente.

Inácio, *Epístola aos efésios*, cap. 9

Vem, Santo Espírito, nossa alma inspira,

Dá-nos provar teu calor,

Fonte da antiga, profética lira,

Manancial de luz e amor.

Abre tuas asas, Pomba celestial,

Nossa natureza abriga;

Organiza este nosso caos moral,

Que agora a luz seja amiga.

Coletânea de hinos para uso das pessoas denominadas metodistas (1889), hino 87

PARA REFLETIR: Jo 12.32; Cl 3.12-17; 1Ts 4.1-12; 1Pe 2.1-12; 2Pe 1.1-21

18

Orem sem cessar pelos outros. Pois há neles esperança de arrependimento, a fim de que cheguem a Deus. Cuidem, então, para que eles sejam instruídos por suas boas ações, se não houver outro jeito.

Retribuam-lhes o mau humor com gentileza, a ostentação com

humildade, a blasfêmia com oração e a crueldade com brandura.

Enquanto cuidamos para não imitar a conduta deles, com sincera bondade mostremos que somos seus irmãos, e procuraremos ser seguidores do Senhor (quem jamais foi tratado mais injustamente, mais desamparado, mais condenado?), para que nenhuma erva do maligno seja encontrada entre vocês, mas que se mantenham puros e comedidos em Jesus Cristo, tanto no corpo como no espírito.

Inácio, *Epístola aos efésios*, cap. 10

Em júbilo, nós te adoramos,

Deus da glória e do amor;

O coração aberto apresentamos,

Ao sol o queremos expor.

Desfaz nuvens de pecado e tristeza,

Nossas dúvidas obvia;

Tu em nós despertas imortal certeza,

Dá-nos plena luz do dia!

Henry van Dyke (1852–1933), STTL, no 17

PARA REFLETIR: Nm 7.3; Sl 34.1-10; Is 57.15; Jr 8.4; Mt 5.4,13-16; Gl 5.22; Cl 1.21-23; 2Tm 2.24-25; Tg 3.17; Ap 2.8-11

19

Reúnam-se sempre como igreja para render graças a Deus e louvá-lo.

Quando nos reunimos com frequência no mesmo lugar, os poderes de Satanás são inutilizados, e a destruição pretendida por ele é frustrada pela unidade de fé que vocês têm. Nada é mais precioso que a paz, pela qual todos os conflitos nos céus e na terra são resolvidos.

Nada disso é segredo para vocês, se tiverem fé total e amor por Jesus Cristo que são o princípio e o fim da vida. O princípio é a fé, e o fim é o amor. Ora, esses dois, sendo inseparáveis, provêm de Deus. Tudo o mais que se requer para uma vida santa depende deles. Ninguém que faz uma verdadeira profissão de fé continua a pecar. Tampouco quem é tomado pelo amor é capaz de odiar alguém. Uma árvore é conhecida

pelos frutos; assim também, quem se professa cristão será conhecido por sua conduta. Não se exige uma mera profissão de fé. O que se exige é que a pessoa continue a viver no poder da fé até o m.

Inácio, *Epístola aos efésios*, cap. 13—14

Quero dentro de mim implantado

Um princípio de temor,

Uma noção tão clara do pecado

Que ele perto cause dor;

Quero sentir a onda mais furtiva

Do orgulho ou tolo desejo,

Para prender a vontade evasiva

E ao fogo não dar ensejo.

Coletânea de hinos para uso das pessoas denominadas metodistas (1889),
hino 308

PARA REFLETIR: Mt 12.31-37; Lc 10.27; Jo 3.1-24; Ef 6.10-18; 1Tm 1.14

20

É melhor manter-se calado e agir como cristão que falar e ser falso.

Ensinar é uma coisa boa, se o mestre pratica o que prega. Houve um único Mestre que falou e tudo se fez, embora até o que ele fez em silêncio fosse digno do Pai. Quem captou a palavra de Jesus é verdadeiramente apto a ouvir até o silêncio dele, de modo que ele pode ser perfeito e praticar o que diz e ser reconhecido por seu silêncio. Nada existe que Deus não saiba, e nossos segredos são acessíveis para ele.

Façamos, então, tudo como quem tem Deus morando dentro de si, para que sejamos templo dele e ele habite em nós como nosso Deus, como de fato é e se manifestará aos nossos olhos.

Inácio, *Epístola aos efésios*, cap. 15

Senhor e Pai da humanidade,

Perdoa o nosso insano jeito!

Restaura nossa boa mentalidade;

Mais pura servirá à tua majestade,

Com mais louvor e respeito.

Sopra em nosso coração exaltado

Com teu bálsamo e tua brisa!

Corpo e sentidos sejam subjugados;

Tremores, vento, fogo e fortes brados,

Ó voz silente, suaviza!

John Greenleaf Whittier (1807–1892),

STTL, no 472

PARA REFLETIR: Sl 91.1-16; Mt 5.19; 6.6-18; Rm 10.9-10; 1Co 5.18-20; 6.9-20; 1Jo 3.14—4.21; Jd 1.20-25

POLICARPO DE ESMIRNA

Em Policarpo, bispo de Esmirna (moderna cidade de Izmir, na Turquia), encontramos um dos mais reverenciados líderes da igreja primitiva. Ele é lembrado por sua resoluta delidade a Jesus Cristo e por sua defesa da sã doutrina contra quem buscava destruí-la. A perspectiva teológica de Policarpo se assemelha à do Evangelho de João. O eletrizante relato de seu martírio é outro motivo da grande reverência que ele desfruta.

Pouco sabemos sobre a vida de Policarpo. Ele foi um estimado e jovem amigo de Inácio de Antioquia, depois de quem também foi martirizado. Na juventude, Policarpo, Inácio e Papias possivelmente foram pupilos do apóstolo João. Acredita-se que Policarpo tenha tido contato com muitas pessoas que viram Cristo. Quem sabe ele tenha sido o “anjo da igreja em Esmirna” a quem Cristo, no livro de Apocalipse, disse: “Se você permanecer el mesmo diante da morte, eu lhe darei a coroa da vida” (2.8,10). Sendo esse o caso, em seu martírio Policarpo obedeceu plenamente ao Senhor.

Irineu, um dos grandes defensores da ortodoxia na igreja primitiva, a quem encontraremos mais adiante, foi aluno de Policarpo. Ele

apresenta o seguinte retrato de seu professor: “Eu poderia descrever o lugar exato no qual o abençoado Policarpo se sentava e ensinava; poderia descrever sua entrada e saída; todo o caráter de sua vida; sua aparência física; como ele falava de conversas que tivera com João e com outros que viram o Senhor; como ele mencionava as palavras deles e tudo o que havia deles ouvido a respeito do Senhor” (Eusébio, *História eclesiástica*, livro 5, cap.

20, seção 6).

Quando Inácio de Antioquia percorreu seu caminho até Roma e o martírio, ele passou por Esmirna, onde teve um tempo com Policarpo.

Depois de retomar a jornada para Roma, Inácio enviou de Troade uma carta a Policarpo.

Após o martírio de Inácio, a igreja de Filipos (a igreja que Paulo tanto amou) enviou uma carta a Policarpo em Esmirna pedindo-lhe que lhes transmitisse palavras de exortação. Também pediram que Policarpo entregasse à igreja em Antioquia uma carta escrita por eles. Os lipenses pediram a Policarpo que lhes enviasse cópias de qualquer carta de Inácio que ele tivesse em seu poder. Além de enviar cartas de Inácio, em nome dos presbíteros que então estavam com ele, Policarpo lhes enviou uma carta de exortação.

Depois de visitar Roma em 155 d.C., em idade muito avançada, Policarpo foi preso e martirizado, provavelmente em fevereiro de 156.

Seu martírio se deu na cidade onde ele havia prestado seu testemunho cristão como bispo. Pouco depois de sua morte, a igreja de Esmirna enviou o *Martírio de Policarpo* à igreja de Filomélio (a moderna Akşehir, na Turquia), que circularia por todas as igrejas. O relato se destaca como um genuíno testemunho do poder de Cristo manifestado na fraqueza humana.

21

Policarpo e os presbíteros que estão com ele, à igreja de Deus estabelecida em Filipos: que a misericórdia lhes seja multiplicada, e a paz do Deus Todo-poderoso e do Senhor Jesus Cristo, nosso Salvador.

Muito me alegrei com vocês em nosso Senhor Jesus Cristo, porque vocês seguiram o exemplo do amor verdadeiro mostrado por Deus e acompanharam, como era de esperar que zessem, os perseguidos que estavam em correntes, que são os ornamentos próprios dos santos.

Aquelas correntes são, de fato, os diademas do verdadeiro eleito de Deus e nosso Senhor. A forte raiz de sua fé, comentada em tempos idos, até hoje persiste. Ela produz frutos para nosso Senhor Jesus Cristo, que morreu por nossos pecados, mas a quem “Deus ressuscitou, rompendo os grilhões da sepultura”. Vocês, lipenses, exultam “com alegria inexprimível e gloriosa”, e muitos gostariam de sentir isso. Vocês foram salvos pela graça, e não por obras.

Policarpo, *Epístola aos filipenses*, saudações e cap. 1

Ó Deus,

Em ti deposito toda minha esperança;

Minha conança toda invade.

Tu me guias de mudança em mudança,

Único bem e verdade.

Deus misterioso,

Tu, só tu,

Convidas minh'alma ao teu repouso.

Joachim Neander (1650–1680), da trad.

de Robert Seymour Bridges (1899), Hinário

PARA REFLETIR: At 2.22-36; Rm 15.13; Ef 2.8-9; Fp 1.5; Cl 1.9-18; 1Pe 1.8

22

Fiquem alerta; sirvam ao Senhor em temor e verdade, como quem abandonou a loquacidade vazia e os ensinamentos errados da multidão.

Vocês creram no Pai que ressuscitou nosso Senhor dentre os mortos. O

Pai lhe deu glória e um trono à sua direita. A Cristo estão sujeitas todas as coisas nos céus e na terra. A ele todos os espíritos servem. Ele virá para julgar os vivos e os mortos. Seu sangue Deus exigirá de quem não crê nele. Mas o Pai que o ressuscitou dentre os mortos também nos ressuscitará, se nós

zermos sua vontade e seguirmos seus

mandamentos; se amarmos o que ele amou, abstendo-nos de todo mal, da avareza, do apego ao dinheiro, da calúnia e do falso testemunho. Não retribuamos mal com mal, nem insulto com insulto, nem golpe com golpe, nem maldição com maldição. Sejam misericordiosos, para podermos obter misericórdia.

Policarpo, *Epístola aos filipenses*, cap. 2

Nós te damos graças, sim, mais que isso, ó Senhor, nosso Deus, Pai de nosso Senhor e Deus e Salvador Jesus Cristo, por toda tua bondade em todas as ocasiões e lugares, porque tu nos protegeste, nos resgataste, nos ajudaste e nos guiaste todos os dias de nossa vida. Nós oramos e te pedimos, Deus misericordioso, que nos concedas por tua bondade passar todos os dias da vida sem pecado, em plenitude de alegria, saúde, segurança, santidade e reverência por ti. Mas toda inveja, todo medo, toda tentação, toda inuência de Satanás, toda cilada de pessoas maldosas, afasta, Senhor, para longe de nós e de tua igreja, pela graça, misericórdia e amor do teu Filho unigênito, por intermédio de quem e com quem sejam a ti o poder e a glória pelo sumamente santo, bondoso e vivi cante Espírito, agora, doravante e para todo o sempre. Amém.

A divina liturgia do santo apóstolo e evangelista Marcos

(antes de 200 d.C.)

PARA REFLETIR: Sl 2.11; Mt 3.10; 6.12-14; 7.1; Lc 6.20,36; At 17.31; Rm 8.11; 1Co 6.14; 2Co 4.14; Ef 6.14; Fp 2.10; 1Pe 1.13,21; 3.22

23

Se oramos ao Senhor pedindo perdão, nós também devemos perdoar, pois estamos diante do olhar de nosso Senhor e Deus. Todos devemos comparecer perante o tribunal de Cristo e prestar contas. Sirvamos a ele, portanto, com temor e total reverência, como ele mesmo nos mandou, e como nos ensinaram os apóstolos que nos pregaram o evangelho e os profetas que proclamaram de antemão a vinda do Senhor. Sejam zelosos na busca do que é bom.

Todos os que distorcem os ensinamentos do Senhor movidos por desejos lascivos e a rram não haver nem ressurreição nem julgamento, esses são os primogênitos de Satanás. Abandonando a vaidade de muitos e suas falsas doutrinas, voltemos à palavra que nos foi transmitida desde o princípio. Vigiemos em oração e perseveremos em jejum, suplicando com fervor ao Deus que tudo vê para que não

nos deixe cair em tentação. Como disse o Senhor: “O espírito está pronto, mas a carne é fraca”.

Policarpo, *Epístola aos filipenses*, cap. 6—7

Ó Senhor Soberano, nosso Deus, que escolheste a lâmpada dos doze apóstolos e os enviaste a proclamar o evangelho do teu reino ao mundo inteiro, e a curar enfermidades e todos os males que afetam as pessoas, puri ca nossa vida e nosso coração de toda poluição e maldade, para que com a consciência e o coração puros sejamos para ti perfume agradável, pela graça, misericórdia e amor de teu Filho unigênito, por intermédio de quem e com quem sejam a ti o poder e a glória pelo sumamente santo, bondoso e vivi cante Espírito, agora, doravante e para todo o sempre. Amém.

A divina liturgia do santo apóstolo e evangelista Marcos

(antes de 200 d.C.)

PARA REFLETIR: Mt 6.12-14; 26.41; Mc 14.38; Rm 12.17; 14.10-12; 2Co 5.10; 8.31; 1Pe 4.7; Jd 1.3

24

Mantenham-se constantes nessas coisas, portanto, e sigam o exemplo do Senhor. Sejam rmes e inabaláveis na fé, amando os irmãos, sendo afetuosos uns com os outros, cooperando em prol da verdade e mostrando a suavidade do Senhor na interação de vocês, sem desprezar ninguém. Quando puderem fazer o bem, não deixem para depois, porque “a doação de esmolas livra da morte” [BJ]. Que todos vocês se submetam uns aos outros. Que sua conduta seja irrepreensível entre os gentios, para que sejam elogiados por suas boas obras e o Senhor não seja blasfemado por sua culpa. “Ai daqueles, porém, por meio dos quais o nome do Senhor é blasfemado!” Portanto, ensinem a todos a sobriedade e mostrem-na em sua conduta.

Policarpo, *Epístola aos filipenses*, cap. 10

Ó Deus soberano e Todo-poderoso, Pai de nosso Senhor e Deus e Salvador Jesus Cristo, oramos e suplicamos que nos concedas, ó Senhor, o que é bom e justo.

Qualquer pecado que cometamos, perdoa com tua bondade e misericórdia. Não nos abandones, Senhor, enquanto depositamos em ti nossa esperança, nem nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do maligno e de suas obras, pela graça, misericórdia e amor de teu Filho unigênito, por

intermédio de quem e com quem sejam a ti o poder e a glória pelo sumamente santo, bondoso e vivi cante Espírito, agora, doravante e para todo o sempre. Amém.

A divina liturgia do santo apóstolo e evangelista Marcos

(antes de 200 d.C.)

PARA REFLETIR: Tobias 4.9-10; 12.9 (deuterocanônico); Is 52.5; Jo 12.23-33; 1Co 12.12-31; 1Ts 5.22; 2Ts 3.13; 1Pe 2.17; 4.5

25

Con o que vocês sejam bem versados nas Sagradas Escrituras e que nada lhes escape. Que o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, e o próprio Jesus Cristo, que é o Filho de Deus e nosso eterno Sumo Sacerdote, os edifique na fé, na verdade e em toda mansidão, gentileza, paciência, longanimidade, clemência e pureza; e lhes conceda lugar e participação entre os santos, e também a nós juntamente com vocês, e a todos que, sob o céu, vierem a crer em nosso Senhor Jesus Cristo e em seu Pai, que o ressuscitou dos mortos. Orem por todos os santos. Orem também pelos reis, magistrados e príncipes, pelos que os perseguem e os odeiam, e pelos inimigos da cruz. Assim, o fruto de vocês será visível a todos e vocês serão perfeitos em Cristo.

Policarpo, *Epístola aos filipenses*, cap. 12

Faz de tua igreja, Ó Salvador,

Lâmpada de ouro brunido,

Para exhibir ante o mundo ao redor

Tua luz dos tempos idos;

Ensina teus peregrinos errantes

Como o rumo achar,

Para sem as trevas e as nuvens de antes

A tua face possam olhar.

William Walsham How (1823–1897), Hinário

PARA REFLETIR: Mt 5.44; 28.7; Mc 9.10; Jo 15.1-11; At 3.15; 1Co

(Esta leitura e as duas seguintes descrevem o martírio de Policarpo conforme narrado em carta escrita pela igreja de Esmirna.)

Assim que as feras acabaram de devorar o mártir Germânico, não satisfeita com a morte dele, toda a multidão se pôs a gritar: “Fora os ateus! [i.e., os cristãos] Achem Policarpo!”. Sua localização fora divulgada pelas autoridades por meio da tortura de informantes. Após orar, Policarpo foi trazido ao estádio. O irenarca Herodes tentou convencê-lo a poupar a própria vida caso oferecesse sacrifícios a César.

Policarpo se recusou.

Quando ele foi apresentado, a multidão se pôs em alvoroço. O

procônsul perguntou: “O senhor é Policarpo?”. Ao ouvir a resposta afirmativa, o procônsul tentou persuadi-lo a renegar Cristo. “Respeite sua idade avançada. Jure pelo gênio de César. Diga: ‘Fora os ateus!’.”

Policarpo, porém, tando toda a multidão com o semblante carregado, e acenando com a mão para todos, disse: “Fora os ateus!”. Em seguida, o procônsul insistiu que dissesse: “Jure, e eu o porei em liberdade; condene Cristo”. Policarpo respondeu: “Por oitenta e seis anos eu o servi, e ele nunca me fez ofensa alguma; como então posso blasfemar contra meu Rei e meu Salvador?”.

O martírio de Policarpo, cap. 1—9

Ó Senhor, tu és nosso Deus, aquele que liberta os cativos e anima os oprimidos.

Acolhe, alivia e restaura todas as almas cristãs que estão a itas ou desorientadas.

Enche nosso coração de alegria e regozijo, para que em todas as ocasiões, tendo tudo o que nos é su ciente, transbordemos em toda boa obra em Cristo Jesus, nosso Senhor.

Toda honra, glória, adoração e ação de graças são devidas a ti, o Pai, Filho e Espírito Santo, agora, doravante e para todo o sempre. Amém.

A divina liturgia do santo apóstolo e evangelista Marcos

(antes de 200 d.C.)

PARA REFLETIR: Mt 24.9; Lc 9.24; At 6.8—7.60; Ap 6.9-11

27

O procônsul disse então a Policarpo: “Tenho feras a meu dispor; a elas vou atirá-lo a menos que se arrependa”. Policarpo, contudo, respondeu:

“Chame-as então, pois nós não estamos acostumados a nos arrepender do que é bom para adotar o que é mau; e eu aceito abandonar o que é mau pelo que é justo”. Novamente o procônsul lhe disse: “Se não se arrepender, eu farei que seja consumido pelo fogo, já que percebo que menospreza as feras”. Policarpo respondeu: “O senhor me ameaça com o fogo que queima por uma hora e depois morre. O senhor desconhece o fogo do futuro juízo e o castigo eterno reservado para os ímpios. Mas por que demorar? Faça o que o senhor quiser”.

O martírio de Policarpo, cap. 11

No atro val da morte nada temo,

Se tu, Senhor, estás comigo;

Em teu cajado meu conforto tenho,

Tua cruz me mostra o caminho.

E assim ao longo deste meu labor

Tua bondade está presente;

Que eu te louve, ó Bom Pastor,

Em tua casa eternamente.

Henry William Baker (1821–1877),

Hinário

PARA REFLETIR: Rm 13.1-7; Tt 3.1; 1Pe 3.8—4.19; Ap 22.5-17

28

O o cial encarregado de cuidar das feras informou que não sobravam mais leões para soltar. Ficou então decidido que Policarpo seria

queimado vivo. Os espectadores enlouquecidos foram correndo providenciar lenha para a fogueira. Policarpo não foi pregado, mas apenas amarrado. Então, colocando as mãos atrás das costas e atado como um carneiro retirado do grande rebanho para o sacrifício e preparado para ser um holocausto oferecido a Deus, ergueu os olhos para o céu e disse: “Senhor Deus Todo-poderoso, Pai do teu amado e bendito Filho Jesus Cristo, por meio de quem viemos a te conhecer, Deus de anjos e potestades, de todas as criaturas e de todas as espécies de justos que vivem em tua presença, eu te dou graças por me teres considerado digno deste dia e desta hora e por eu ser incluído entre os teus mártires, no cálice de Cristo, a mim de ressuscitar de corpo e alma para a vida eterna, mediante a incorruptibilidade conferida pelo Espírito Santo. Que entre eles eu possa ser recebido à tua presença neste dia como sacrifício abundante e aceitável, conforme tu, o Deus eternamente verdadeiro, de antemão ordenaste e revelaste e agora cumpriste. Por isso eu também te louvo por todas as coisas, te bendigo, te gloriço, juntamente com o eterno e celeste Jesus Cristo, teu Filho amado, com quem a ti e ao Espírito Santo seja a glória agora e em todos os tempos vindouros. Amém”.

O martírio de Policarpo, cap. 12—14

“Aleluia! Porque o Senhor, nosso Deus, o Todo-poderoso, reina. Alegrem-nos, exultemos e a ele demos glória!” Aquele que sabe nos reunir todos em seu reino eterno por sua graça e bondade, mediante seu Filho unigênito Jesus Cristo, a ele sejam a glória, a honra, o poder e a majestade para sempre. Amém.

Apocalipse 19.6-7; *O martírio de Policarpo*, cap. 20

PARA REFLETIR: Mt 20.22,26.39; Mc 10.38; Lc 23.27-38; Hb 11.32—12.5

O PASTOR DE HERMAS

Uma das obras mais estranhas da literatura cristã primitiva também acabou sendo uma das mais populares, comparável nesse aspecto a *O*

peregrino (1678), de John Bunyan. *O Pastor de Hermas* (c. 100–160 d.C.) é frequentemente mencionado entre os pais apostólicos. Embora hoje se acredite que a obra é um romance, muitos dos primeiros cristãos a receberam como inspirada, incluindo líderes proeminentes como Irineu, Clemente de Alexandria e Orígenes. *O Pastor* foi muitas vezes lido em cultos religiosos como parte das Escrituras. Mais tarde, o Fragmento Muratoriano (c. 180–200 d.C.), a primeira lista mais

conhecida dos livros do Novo Testamento reconhecida pela igreja, rejeitou uma data mais antiga para a obra. O Fragmento Muratoriano informa que, embora útil para leitura pessoal, o *Pastor* não deve ser considerado parte das Escrituras, nem deve ser lido nas igrejas. Não se conhece com exatidão nem o autor nem a data de sua criação. É possível que tenha havido vários autores. Seja como for, muitos dos primeiros cristãos tinham certeza de que o livro havia sido escrito por Hermas, um conhecido do apóstolo Paulo mencionado em Romanos 16.14.

Herma é o principal personagem da obra. A ele é concedida uma série de cinco visões, doze mandamentos e dez parábolas, tudo isso exigindo explicações detalhadas de mensageiros enviados a ele. Essas partes constituem as três divisões do livro. Juntas, elas estabelecem intricados caminhos que conduzem ao arrependimento, à fé, ao entendimento e à pureza. A principal preceptora de Herma é a “senhora”, a igreja, que às vezes aparece como uma idosa sentada numa cadeira e às vezes como uma virgem saindo de seu aposento nupcial. A gloriosa e perseguida igreja, agora em construção, e o seu discipulado dela são temas unificadores. O *Pastor* trata de numerosos problemas eclesiais, como a negligência, a apostasia e o tratamento dispensado aos cristãos que,

depois de abandonar a igreja, voltam arrependidos. No início da quinta visão, um homem de aparência imponente, vestido como pastor, é enviado por um anjo para guiar Herma pelo resto de sua vida. Passo a passo, Herma recebe instruções sobre como devem ser purificadas suas de ciências e iniquidades, que representam de ciências e iniquidades da igreja, muitas das quais ele antes desconhecia. A purificação possibilitará que Herma avance no caminho da santidade. Ele é assegurado de que é possível observar os mandamentos recebidos.

O gênero literário do *Pastor de Herma* é o apocalipse cristão, um tipo de literatura de revelação com uma estrutura narrativa. Uma revelação, ou apocalipse (do grego *apokalypsis*), é feito por um ser de outro mundo a um receptor humano. Empregando vários tipos de sinais e visões, o discurso apocalíptico revela “uma realidade transcendente” que é

“temporal” porque trata da “salvação escatológica”, e “espacial” porque

“envolve outro mundo, que é sobrenatural” .^{*} Houve muitos apocalipses nos primórdios do cristianismo, e o livro bíblico assim intitulado é o mais conhecido.

O leitor contemporâneo pode facilmente entender por que o *Pastor* teria capturado a atenção e a lealdade dos primeiros cristãos.

Exploraremos a seguir alguns dos motivos.

* John J. Collins, “Introduction: Towards the Morphology of a Genre”, em *Apocalypse: The Morphology of a Genre*, ed. John J. Collins, *Semeia*, nº 14 (1979), p. 9.

29

A senhora [a igreja] a Hermas: “Ouça, e dê ouvidos às glórias de Deus.

Por seu invisível e forte poder e grande sabedoria, Deus criou o mundo.

Por seu glorioso plano, envolveu a criação em beleza. Por sua forte palavra, xou os céus e lançou as fundações da terra sobre as águas. Por sua própria sabedoria e providência, Deus criou sua santa igreja, a qual abençoou. Veja! Ele concede à igreja a bênção que prometeu, com muita glória e júbilo, bastando que seu povo observe os mandamentos que com grande fé recebeu”.

O Pastor de Hermas, livro 1, visão 1, cap. 3

Toda glória ao Senhor Redentor, Que nos reúne em sua graça E nos manda, em mútuo fervor,

Juntos buscar sua face.

Um ao outro ajudar ele nos manda,

E unânimes nos unir;

Vamos rumo a nossa bela demanda

De mãos dadas prosseguir.

Charles Wesley (1708–1788),

Hinário

PARA REFLETIR: Gn 1.1—2.25; Ne 9.6; Jó 38.4-38; Sl 33.6-9; 89.11-12; Is 45.5-13; Jo 1.1-14; Ap 4.10-11; 10.6

30

O pastor [o anjo do arrependimento] me disse: “Seja simples e inocente, e você será como as crianças que não conhecem a maldade que arruína a vida dos homens. Primeiro, então, não fale mal de ninguém, nem dê ouvidos com prazer a quem falar mal de outra pessoa. Se ouvir, você compartilha o pecado de quem zer isso. Pois a calúnia é um demônio perverso e volúvel. Nunca está em paz, mas sempre alimenta a discórdia.

Mantenha-se longe disso, e você sempre estará em paz com todo mundo. Revista-se da santidade na qual não há causa de ofensa, mas todos os atos são temperados e alegres. Pratique a bondade e, da recompensa que Deus lhe dá por seu trabalho, doe a todos os necessitados com simplicidade, sem hesitar quanto a quem você deve ou não deve dar. Doe a todos, pois Deus deseja que entre todos suas dádivas sejam compartilhadas. Os que as recebem prestarão contas a Deus, dizendo por que e para que as receberam. Os atos que as receberem não serão condenados, mas os que as receberem sob falsos pretextos serão punidos. Aquele que serve em simplicidade viverá para Deus”.

O Pastor de Hermas, livro 2, mandamento 2

Nós oramos e te suplicamos, ó bom Senhor que a todos amas, lembra-te em tua bondosa misericórdia de tua igreja espalhada pelo mundo e de todo o teu povo.

Concede paz celestial ao coração de todos nós, mas concede-nos também paz nesta vida. Que nós sejamos teus, Senhor, pois não conhecemos outro Deus que não sejas tu, nem outro nome que não seja o teu. Dá-nos vida, e não permitas que nenhum pecado mortal prevaleça contra nós ou contra o teu povo. Pois és tu que abençoa e santificas todas as coisas. A ti atribuímos honra, glória e ação de graças. Amém.

A divina liturgia do santo apóstolo e evangelista Marcos

(antes de 200 d.C.)

PARA REFLETIR: Sl 37.3-8; 40.1-10; Pv 12.1-7,26-28; 22.1; Mq 6.8; Mt 25.34-40; 1Jo 3.17-18

31

O pastor me disse: “Ame a verdade e não permita que coisa alguma, exceto a verdade, saia de sua boca, para que o espírito que Deus colocou em seu corpo seja encontrado verdadeiro diante das pessoas; e o Senhor, que mora em você, será glorificado, porque ele é verdadeiro

em todas as palavras; nele não há falsidade. Aqueles que mentem, portanto, negam o Senhor e o roubam, não lhe restituindo o depósito que receberam. Pois receberam dele um espírito isento de falsidade. Se lhe devolverem um espírito mentiroso, eles profanam o mandamento do Senhor e tornam-se ladrões”.

O Pastor de Hermas, livro 2, mandamento 3

Ó Senhor Soberano e Todo-poderoso, olha lá do céu a tua igreja, todo o teu povo e todo o teu rebanho. Salva-nos a todos, teus servos indignos, e envia-nos o dom do teu Espírito Santo, para que, de coração puro e consciência limpa, saudemos uns aos outros com beijo santo, sem hipocrisia e sem propósito hostil. Faze-nos inocentes e puros num único espírito, no vínculo da paz e do amor, um corpo e um espírito, em uma única fé, tal como fomos chamados em uma única esperança de nossa vocação, para que todos nos encontremos no divino e in nito amor, em Cristo Jesus, nosso Senhor, com quem tu és bendito. Pois toda glória, honra, adoração e ação de graças são devidas a ti, o Pai, Filho e Espírito Santo, agora, doravante e para todo o sempre.

Amém.

A divina liturgia do santo apóstolo e evangelista Marcos

(antes de 200 d.C.)

PARA REFLETIR: 1Sm 12.24; 2Rs 20.1-5; Sl 25.4-14; 86.1-17; Jo 1.15-18; 4.24; 14.16; **Ef 4.25,29**; 1Jo 3.19-21; 4.6

32

“Ouça agora”, disse o pastor, “como é perversa a ação da ira, e como ela derruba os servos de Deus e os afasta do caminho da justiça. Não age, contudo, sobre os que estão repletos de fé nem os afeta da retidão, porque o poder do Senhor está com eles. A ira desvia do caminho os insensatos e os que duvidam. Pois, assim que vê esse tipo de pessoa, ela lhe invade o coração e, por uma razão insigni cante, a pessoa se enche de amargura por causa de acontecimentos comuns em seu dia a dia, por causa da comida, por exemplo, ou de alguma palavra supér ua que foi ouvida, ou por causa de algum amigo ou de algum presente ou dívida, ou de algum caso desimportante. Pois todas essas coisas são tolas, vazias e inúteis para os servos de Deus. Mas a paciência é grande, poderosa, forte e calma em meio a grande expansão, alegre, jovial, despreocupada, sempre glori cando a Deus, isenta de toda amargura, permanecendo no Senhor continuamente, branda e silenciosa. Afaste-se da ira, esse espírito extremamente

perverso, e você estará na companhia da pureza que o Senhor ama.”

O Pastor de Hermas, livro 2, mandamento 5

Liberta os cativos; resgata os aitos; alimenta os famintos; consola os desanimados; converte os que estão no erro; ilumina os que estão nas trevas; ergue os caídos; comrma os indecisos; cura os enfermos; e guia a todos, bondoso Senhor, para o caminho da salvação e para dentro do teu santo rebanho. Liberta-nos de nossas iniquidades; protege-nos e defende-nos a todo tempo. Toda glória, honra, adoração e ação de graças são devidas a ti, o Pai, Filho e Espírito Santo, agora, doravante e para todo o sempre. Amém.

A divina liturgia do santo apóstolo e evangelista Marcos

(antes de 200 d.C.)

PARA REFLETIR: Mt 5.22; Gl 5.19-26; Ef 4.26-27; Cl 3.8; Tt 1.7; Tg 3.11

A EPÍSTOLA A DIOGNETO [MATHETES]

A Epístola a Diogneto (c. 130 d.C.) foi escrita por um cristão anônimo que atribuiu a si mesmo o nome de Mathetes, ou seja, “Discípulo” (dos apóstolos). Diferindo dos escritos dos pais apostólicos que falam para outros cristãos, a *Epístola a Diogneto* é endereçada a um erudito pagão greco-romano. É na verdade classificado como uma apologia (defesa) da fé cristã. Em geral, porém, a obra é listada entre os pais apostólicos, e assim ela será considerada aqui.

Sabemos muito pouco sobre Mathetes, inclusive sobre onde e quando escreveu sua carta. É possível que ele tenha sido um discípulo do apóstolo Paulo ou um de seus colaboradores. A epístola é importante porque respira o espírito de Paulo e ilustra como os cristãos se comunicavam com seus vizinhos pagãos quando queriam levá-los a converter-se ao cristianismo. Em linguagem simples, a carta defende admiravelmente o estilo de vida cristão, algo que os primeiros autores cristãos não se cansavam de fazer. A epístola foi chamada uma “joia do mais puro brilho” .*

Diogneto, o destinatário da carta, pode ter sido o tutor do imperador Marco Aurélio (r. 161–180 d.C.), que também foi um filósofo estoico.

Quem quer que tenha sido o suposto destinatário, era alguém interessado em informar-se sobre como os cristãos viviam e adoravam a Deus.

* A. Cleveland Coxe, “Introductory Note to the Epistle of Mathetes do Diognetus”, em *The Apostolic Fathers, Justin Martyr, Irenaeus*, vol. 1, Ante-Nicene Fathers (1885; reimpr., Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 1994), p. 23.

33

(O autor da epístola discute a inutilidade dos ídolos.) Acaso não se assemelha o primeiro dos seus ídolos a uma pedra sobre a qual pisamos? E o segundo não é bronze, de modo algum superior àqueles vasos que são feitos para uso comum? O terceiro não é feito de madeira, e madeira que já se deteriora? O quarto não é de prata, que alguém precisa proteger dos ladrões? O quinto não é de ferro, agora já consumido pela ferrugem? O sexto não é simplesmente de barro, de modo algum mais precioso que aquilo que é formado para os ns mais banais? Não são todos eles de material corruptível? O escultor não criou o primeiro deles; o fundidor, o segundo; o ourives, o terceiro; e o oleiro, o quarto? Acaso não são todos os seus deuses surdos? Não são cegos? Não são inertes? Não são desprovidos de sentimentos? Não são incapazes de movimento? Essas coisas você chama de deuses; a elas você serve; a elas adora; e, nesse processo, você se tornou exatamente como elas.

Epístola a Diogneto, cap. 2

Louvado seja o Deus vivente!

Seu nome seja louvado!

Ele era, ele é e será

Sempre o mesmo, sempre amado.

O único Deus sempiterno

Antes que nada existisse:

O primeiro e já o derradeiro,

Na eternidade ele existe.

Daniel ben Judah (c. 1400 d.C.), da trad. de Max Landsberg

(1845–1928), Hinário

PARA REFLETIR: Sl 16.4; Is 42.17; At 17.16-31; 1Co 10.13-22; 1Jo 5.21

Sobre o comportamento dos cristãos, eles não se distinguem de outras pessoas nem por seu país, nem por sua língua, nem pelos costumes que observam. Pois nem habitam em cidades exclusivas, nem empregam uma forma particular de fala, nem levam uma vida caracterizada por qualquer peculiaridade. Sua linha de conduta não foi concebida pela especulação ou deliberação de mentes especulativas. Tampouco os cristãos, como fazem alguns, proclamam-se defensores de doutrinas meramente humanas. Em vez disso, morando em cidades gregas bem como em cidades bárbaras, conforme determina a sorte de cada um, e seguindo os costumes dos habitantes do lugar no que diz respeito a vestimenta, alimentação e os demais aspectos comuns de

comportamento, eles mostram seu maravilhoso e confessadamente chocante estilo de vida. Moram em seu próprio país, mas apenas como peregrinos. Como cidadãos, participam de tudo com os demais e, no entanto, tudo suportam como se fossem estrangeiros. Cada terra estrangeira é para eles como seu país nativo, e cada terra onde nasceram é como terra de estrangeiros.

Epístola a Diogneto, cap. 5

Ó Senhor Deus, Pai Soberano e Todo-poderoso, é verdadeiramente adequado e justo, santo e digno e bom para nossa alma louvar-te, abençoar-te e agradecer-te, e confessar-te abertamente dia e noite, sem cessar, com voz, lábios e coração.

Verdadeiramente os céus e a terra estão repletos de tua glória, pela manifestação de nosso Senhor e Deus e Salvador, Jesus Cristo. Santi ca-nos como sacrifícios vivos, santos e aceitáveis aos teus olhos, o que constitui nossa adoração espiritual, por meio do ministério do teu Santíssimo Espírito. Amém.

A divina liturgia do santo apóstolo e evangelista Marcos

(antes de 200 d.C.)

PARA REFLETIR: Rm 12.3-21; 13.1-14; Tg 3.17-18; 1Pe 4.7-19; Jd 1.17-25

Os cristãos se casam, como outros fazem; geram filhos, mas não matam sua prole. Compartilham a mesa, mas não a cama. Estão na carne, mas

não seguem as leis da carne. Passam seus dias sobre a terra, mas são cidadãos do céu. Obedecem às leis estabelecidas e, ao mesmo tempo, a vida deles excede tais leis. Amam a todos e são por todos perseguidos.

Não são conhecidos e, mesmo assim, são condenados; são mortos e, mesmo assim, recuperam a vida. São pobres e, mesmo assim, enriquecem a muitos; são carentes de tudo e, mesmo assim, têm tudo em abundância; são difamados e, mesmo assim, em sua difamação são glorificados. São alvo de maledicência e, mesmo assim, são justificados; são injuriados e, mesmo assim, abençoam; são insultados e, mesmo assim, retribuem o insulto com honra; fazem o bem e, mesmo assim, são punidos como malfeitores. Quando punidos, rejubilam-se como se ganhassem nova vida; são atacados pelos judeus como estrangeiros e perseguidos pelos gregos; e, mesmo assim, aqueles que os odeiam não conseguem atribuir nenhuma razão para seu ódio.

Epístola a Diogneto, cap. 5

Tem piedade de nós, Senhor, e fortalece-nos com teu divino poder. Afasta de nós a inútil pecaminosidade e perversa do desejo carnal. Que tua luz brilhe em nosso coração e disperse as trevas do pecado que nos cercam. Junta-nos à abençoadíssima assembleia, a igreja; pois, por teu intermédio e contigo, todo louvor, honra, poder, adoração e ação de graças são devidas ao Pai e ao Espírito Santo, agora e para sempre.

Amém.

A divina liturgia do santo apóstolo e evangelista Marcos

(antes de 200 d.C.)

PARA REFLETIR: Mt 10.16-28; Lc 21.12-19; 1Co 4.1-14; Ef 4.11—6.24; 1Pe 3.1-18

36

Nenhuma invenção terrena foi entregue aos cristãos, nem receberam eles um mero sistema humano de opinião. Tampouco a eles foi concedida uma dispensação de meros mistérios humanos. Na verdade, o próprio Deus onipotente, Criador de todas as coisas visíveis e invisíveis, enviou do céu e colocou entre os seres humanos Aquele que é a verdade, a santa e misteriosa Palavra. Deus estabeleceu firmemente a Palavra no coração deles. Não enviou à humanidade um simples servo humano, um anjo ou um governante ou qualquer autoridade detentora de poder sobre coisas terrenas. Mandou o próprio Criador e Formador de todas as coisas. Por ele foram feitos os céus. Por ele,

Deus com nou o mar dentro de seus limites adequados. Seus decretos todas as estrelas elmente observam. Dele o sol recebeu a duração de seu percurso diário. É a ele que a lua obedece, tendo ordens para brilhar à noite, e as estrelas obedecem a ele, por quem foram dispostas e colocadas em seus limites adequados. A ele todas as coisas se submetem: os céus e os seres que os habitam, a terra e os seres que a habitam, o mar e os seres que o habitam, os seres das alturas, os seres das profundezas, e tudo o que existe no espaço intermediário.

Epístola a Diogneto, cap. 7

Ó Senhor, sê misericordioso e tem piedade de nós, pois és nosso amparo em todas as circunstâncias, ó Senhor de tudo. Ilumina os rumos de nossas meditações, para ouvirmos e entendermos teus vivi cantes e divinos mandamentos; e concede-nos, por tua graça e misericórdia, deduzir deles a certeza de teu amor, esperança e salvação, tanto do corpo como da alma. Nós cantaremos tua glória eterna sempre e sem cessar, ó Senhor de tudo. Amém.

Addai e Mari, A liturgia dos benditos apóstolos

(c. 150 d.C.)

PARA REFLETIR: Jo 1.1-14; 17.1-26; At 2.14-49; Hb 1.1-14; 1Jo 2.22-24; 4.1-3

37

Esse Mensageiro Deus enviou aos cristãos. Isso aconteceu, como se poderia esperar, com o propósito de exercer uma tirania ou de inspirar medo e terror? De maneira nenhuma; foi em espírito de misericórdia e mansidão que ele veio. Como um rei envia seu lho, que também é rei, assim Deus enviou Cristo; como Deus, ele o enviou; como para a humanidade, ele o enviou; como Salvador, ele o enviou; como quem busca persuadir e não obrigar, pois esse tipo de violência não cabe na natureza de Deus. Como alguém que ama, o Pai o enviou, não como alguém que persegue para se vingar; como alguém que ama, não como quem condena. Um dia ele enviará Cristo para nos julgar, e quem suportará seu aparecimento? Você não vê cristãos expostos a feras para serem convencidos a renegar ao Senhor e, no entanto, eles não são vencidos? Não percebe que quanto maior o número de cristãos perseguidos, mais cresce o número deles? Isso não parece ser obra humana. Isso é obra de Deus.

Epístola a Diogneto, cap. 7

*Que todo mortal silencie,
Paralisado em seu temor,
E nada terreno pondere,
Pois com bênçãos a seu dispor
Cristo Deus à terra desceu,
Para exigir pleno louvor.*

Hino querúbico para o ofertório, adaptado de A divina
liturgia do santo apóstolo Tiago (c. 150–200 d.C.), da trad.
de Gerard Moultrie (1829–1885), Hinário

PARA REFLETIR: Rm 3.20-28; 1Co 1.17-31; Ef 1.3-32; Fp 2.1-11

38

Quando castigos e morte ameaçavam seres humanos por causa de nossos pecados, e quando chegou o tempo determinado por Deus para mostrar sua bondade e poder, ele agiu com extrema misericórdia para conosco.

Não agiu movido por ódio, nem nos rejeitou, nem evocou contra nós nossa iniquidade. Em vez disso, mostrou grande longanimidade e foi paciente conosco. O próprio Deus assumiu o fardo de nossas iniquidades. Ele entregou seu Filho como nosso resgate, o Santo pelos transgressores, o Inocente pelos perversos, o Justo pelos injustos, o Incorruptível pelos corruptíveis e o Imortal pelos mortais. Pois que outro feito poderia encobrir nossos pecados senão a virtude de Cristo?

Por quem mais era possível que nós, os perversos e ímpios, nos reconciliássemos com Deus senão por seu próprio Filho?

Epístola a Diogneto, cap. 9

*A seus pés sera ns com seis asas,
Querubins com olhar vigilante,
Cabisbaixos à sua presença,
Vão bradando com voz incessante:*

“Aleluia, aleluia, aleluia,

Nas alturas Senhor triunfante!”.

Hino querúbico para o ofertório, adaptado de A divina
liturgia do santo apóstolo Tiago (c. 150–200 d.C.), da trad.

de Gerard Moultrie (1829–1885), Hinário

PARA REFLETIR: Is 53.1-12; Jo 3.14-21; 10.7-18; Hb 2.1-10

39

Ó doce permuta! Ó insondável operação! Ó benefícios que superam toda expectativa! Como é possível que a maldade de muitos fosse encoberta em um único Justo, e que a justiça de um Justo justifiasse as transgressões de muitos! Tendo, portanto, nos convencido em tempos de outrora que nossa natureza era incapaz de obter vida, e tendo agora revelado o Salvador que é capaz de salvar até mesmo aqueles seres inaptos para a salvação, ele nos levou a confiar em sua bondade, a apreciar nele nosso Sustento, Pai, Mestre, Conselheiro, Médico, nossa Sabedoria, Luz, Honra, Glória, Poder e Vida, de modo que não nos preocupássemos com o que vestir ou comer.

Epístola a Diogneto, cap. 9

Senhor Jesus Cristo, tu estendeste teus braços amorosos sobre a dura madeira da cruz, para que todos estivessem ao alcance do teu abraço salvador; reveste-nos, então, com teu Espírito para que nós, estendendo nossas mãos amorosas, levemos aqueles que não te conhecem a te conhecer e te amar, para honra do teu nome. Amém.

“Coleta para orientação”, Oração matinal diária:

rito 2, LOC

PARA REFLETIR: Rm 5.1.21; Cl 2.6-15; 3.1-17; Hb 10.12-23; 1Pe 1.3-25

40

Não é dominando o próximo, não é impondo-se sobre os fracos, enriquecendo ou agindo com violência para com os que são inferiores que se consegue a felicidade. Tampouco pode alguém com essas atitudes tornar-se seguidor de Cristo. Essas atitudes de modo algum constituem a majestade de Deus. Pelo contrário, aquele que assumir

para si o fardo de seu próximo; aquele que, em qualquer situação sendo superior, está disposto a prover por alguém necessitado; aquele que, tendo recebido de Deus o que quer que seja, distribuindo tudo entre os necessitados, torna-se semelhante a Deus para quem recebe as doações, esse alguém é um imitador de Deus.

Epístola a Diogneto, cap. 10

Ó Pai do céu, sê nosso guia

Sobre o tempestuoso mar;

Sustém-nos, guarda e alivia;

Sem ti, quem há de nos ajudar?

Somos dotados e abençoados,

Se Deus, nosso Pai, se mostrar.

James Edmeston (1791–1867), Hinário

PARA REFLETIR: Mt 5.1-12; Rm 12.6-21; 1Co 13.1-13; Fp 2.1-11; 1Tm 6.17-21; Tg 1.22-27

41

Se você se tornar imitador de Deus, então verá, ainda neste mundo, que Deus nos céus governa sobre todas as coisas; então passará a declarar os mistérios de Deus; então começará a amar e admirar os que são punidos porque não aceitam renegar a Deus; então condenará a falsidade e o erro do mundo. Você saberá o que signi ca viver no céu quando desprezar o que o mundo descarta como letal, quando temer o que é verdadeiramente letal. Então passará a dar valor aos que, por amor à justiça, suportam a perseguição que dura apenas um momento, e os considerará felizardos.

Epístola a Diogneto, cap. 10

Ó Deus, Rei eterno, tu que separas o dia da noite e transformas a sombra da morte em amanhecer, afasta de nós todos os maus desejos, inclina nosso coração à observância da lei e guia nossos pés para o caminho da paz; para que, tendo feito tua vontade com entusiasmo durante o dia, nós nos alegremos, quando a noite chegar, por te render graças; por Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

“Coleta para renovação da vida”, Oração matinal diária:

PARA REFLETIR: 2Co 4.11-18; Hb 12.1-8; 1Pe 3.8—4.19; Ap 21.1-8; 22.6-14

OS APOLOGISTAS

GREGOS

Os ensinamentos a seguir provêm dos pais apologistas gregos. Eles começaram a aparecer em meados do segundo século. O termo

“apologista” vem do grego *apologia*, que signi ca “responder em nome” ou “fazer uma defesa” de algo que se acredita ser verdadeiro. Os apologistas foram os primeiros a explicar a fé cristã à cultura clássica, a argumentar em prol de sua superioridade e a defendê-la de ataques pagãos (e, às vezes, judaicos). No processo, mostraram os erros da religião pagã e discutiram as de ciências dos lósofos. Alguns deles notaram semelhanças entre certas crenças cristãs e certas ideias losó cas. Notável entre os apologistas foi a familiaridade com a desconcertante gama de deidades pagãs e suas origens.

Embora os apologistas muitas vezes endereçassem suas defesas a

imperadores, elas visavam plateias mais amplas. Com frequência, o apologista cristão recorria a uma “ponte” ou fundamento comum às duas partes para explicar sua posição. O apóstolo Paulo fez isso ao falar com os estoicos e epicureus de Atenas (At 17.16-31). No século 13, Tomás de Aquino (c. 1225–1274) costumava usar o lósofo Aristóteles como posição intermediária para iniciar sua apresentação do evangelho aos muçulmanos. Um apologista que usasse essa estratégia admitiria que sua plateia tinha de antemão

alguma medida de conceitos corretos, como as percepções religiosas alcançadas por Platão, Aristóteles ou os estoicos, o que preparava o caminho para o entendimento da apologia por ele apresentada. A nalidade não era apenas defender, mas também convencer. Nem todos os apologistas lançaram mãos dessa

abordagem. Alguns viam apenas um renhido con ito entre a cultura greco-romana e a fé cristã. Outros acreditavam que alguns lósofos haviam enxergado parcialmente a verdade e que eles haviam até sido ajudados pelo Logos divino.

Um perigo associado à apologética é que esforços para estabelecer uma “ponte” podem resultar na concessão ou na deturpação de algo

essencial para a própria visão do apologista. Fosse quais fossem as táticas usadas, em suas tentativas de explicar a fé cristã eles julgavam necessário explicar as alegações cristãs de maneiras sistemáticas até então não exigidas. Seus sinceros esforços por vezes os levaram a fazer afirmações menos precisas quando comparados a

outros pensadores cristãos e a concílios posteriores da igreja. Em suma, o préstimo dos apologistas em favor da igreja primitiva foi admirável e essencial, pois eles não apenas explicaram a fé cristã, como também dissecaram o politeísmo e mostraram que era

absurdo persistir em sua prática. É longa a lista de apologistas gregos, e os escritos de alguns deles se perderam.

ARISTIDES

Por volta do ano 125 d.C., um cristão identificado como Aristides, o Filósofo de Atenas, endereçou uma apologia ao “venerável e misericordioso” imperador Adriano (r. 117–138 d. C.), quando este visitou Atenas. Diz-se que sua apologia serviu de inspiração para as obras de Justino Mártir. Aristides diz que há quatro classes de seres humanos: bárbaros, gregos, judeus e cristãos. Ao que parece, os egípcios, tidos por ele como “mais desprezíveis e estúpidos que todos os outros povos” (*Apologia*, cap. 12), não contavam. Cada classe tem sua religião, mas apenas uma delas — os cristãos — expressa o elemento único Deus verdadeiro.

Segundo Aristides, os bárbaros se desviaram porque adoraram elementos criados em lugar do Criador. Criaram imagens e as colocaram em templos. Os gregos, embora mais cultos, desviaram-se ainda mais que os bárbaros criando deuses e deusas fictícios. Alguns eram adúlteros, alguns assassinos, alguns invejosos, alguns coléricos, alguns ladrões e assaltantes, alguns aleijados, alguns feiticeiros, enquanto outros até matavam os pais. Depois, para piorar as coisas, os gregos foram incentivados a imitar seus deuses. Aristides pensou que os judeus, adorando um único Deus que é o Criador dos céus e da terra, aproximaram-se da verdade mais corretamente que outros povos.

Incorreram, porém, na idolatria. Prestaram mais culto a anjos e a suas próprias leis que a Deus. Em contrapartida, os cristãos identificaram o início de sua religião em Jesus, o Messias, que é o Filho do Deus Altíssimo.

Os cristãos, ó rei, conhecem Deus e com am nele, que é o Criador dos céus e da terra, em quem estão e de quem provêm todas as coisas e para quem não há nenhum outro deus ou associado. Dele os cristãos receberam mandamentos que estão gravados em sua mente. Esses mandamentos eles observam na esperança e expectativa do mundo futuro. Por causa disso, não cometem adultério nem fornicção, não dão falso testemunho nem falseiam suas promessas, e também não cobiçam coisas alheias. Honram pai e mãe e mostram bondade aos que os cercam. Quando precisam julgar, julgam com justiça. Não adoram ídolos feitos à imagem de seres humanos; e o que não desejam que outros lhes façam eles não fazem a outros.

Apologia de Aristides, o Filósofo de Atenas, cap. 15

Pai celestial, em ti vivemos e nos movemos e existimos. Humildemente, pedimos-te que nos guies e nos governes por meio do teu Espírito Santo, a m de que em todos cuidados e ocupações de nossa vida não nos esqueçamos de ti, mas nos lembremos de que estamos sempre caminhando sob teu olhar; por Jesus Cristo, nosso Senhor.

Amém.

“Coleta para orientação”, Oração matinal diária:

rito 2, LOC

PARA REFLETIR: Lc 6.17-49; 1Ts 5.1-15; Tt 2.11—3.8; Hb 13.20-21

43

Os cristãos consolam seus opressores e os tornam seus amigos; eles fazem o bem a seus inimigos. Suas jovens mulheres solteiras, ó rei, são puras como virgens. Suas lhas são recatadas. Os homens se absterem de qualquer relação ilegítima e de toda impureza, na esperança de uma recompensa futura no outro mundo. Além disso, se um ou outro deles tiver escravos ou escravas ou lhos de escravos, por amá-los os convencem a se tornarem cristãos e, feito isso, eles os chamam de irmãos, sem fazer distinção alguma.

Apologia de Aristides, o Filósofo de Atenas, cap. 15

O Rei do amor é o Pastor meu;

Seu bem é sempre presente.

Nada me falta se eu for seu

E ele for meu para sempre.

Para verdes correntes de água viva

Ele minha alma conduz,

Onde a pastagem verde-oliva

Celeste alimento produz.

Vivendo a vida enquanto eu for,

Tua bondade nunca falta;

Quero louvar-te, Bom Pastor,

Em tua casa, em voz bem alta.

Henry William Baker (1821–1877),

Hinário

PARA REFLETIR: Êx 20.1-17; Sl 19.1-3; Jr 4.1-4; 1Co 5.8—6.20; 1Jo 5.11-21

44

Os cristãos não adoram deuses estranhos, e seguem seu caminho com toda modéstia e alegria. Não se encontra entre eles a mentira; e eles se amam uns aos outros. Às viúvas não negam o respeito devido; e resgatam o órfão de quem o trata com crueldade. Quem tem dá a quem não tem, sem alarde. Quando deparam com um desconhecido, levam-no para casa e se alegram com ele como se fosse um irmão; pois não se chamam mutuamente “irmãos” segundo a carne, mas “irmãos” segundo o Espírito e em Deus. E, sempre que um deles deixa este mundo, cada um deles, segundo suas possibilidades, cuida do falecido e providencia um cuidadoso sepultamento. Se tomam conhecimento de que um dos seus está preso ou angustiado por causa do nome do Messias, todos eles se preocupam e cuidam de suas necessidades, e se é possível redimi-lo eles o libertam. Se houver entre eles alguém pobre e necessitado, e se eles não têm comida suficiente, os cristãos jejuarão por dois ou três dias para conseguir o alimento.

Apologia de Aristides, o Filósofo de Atenas, cap. 15

Examina os corações e convida

A nos livrar da dívida devida;

A cobiça do ouro e o prazer,

O pecado que faz esmorecer,

Com o teu rigor e os castigos teus

Os erros faz-nos conhecer, ó Deus.

William B. Carpenter (1841–1919),

Hinário

PARA REFLETIR: Sl 96.5; 115.4-8; 135.15-18; Is 40.18-26; Rm 14.1-19; 1Co 12.2

45

Os cristãos observam elmente os preceitos de seu Messias, vivendo honesta e sobriamente como manda o Senhor, seu Deus. Toda manhã e a toda hora agradecem e louvam a Deus por sua bondade para com eles.

Pela comida e bebida, eles agradecem. Se alguma pessoa justa entre eles passa deste mundo, eles se rejubilam e agradecem a Deus; e acompanham o corpo como se ele estivesse se mudando de um lugar para outro na vizinhança. Quando nasce um lho de um deles, agradecem a Deus; e, se por acaso o lho morrer na infância, agradecem a Deus mais ainda, como se agradecessem por alguém que passou pelo mundo sem pecar. E além disso, se eles se dão conta de que um deles morreu na impiedade ou em pecado, por ele lamentam amargamente e se entristecem como se tratasse de alguém que vai ao encontro de sua condenação.

Apologia de Aristides, o Filósofo de Atenas, cap. 15

Senhor, nosso Pai celestial, Deus eterno e todo-poderoso, que em segurança nos trouxeste ao início deste dia, defende-nos hoje com teu vasto poder e concede-nos que neste dia não cometamos nenhum pecado, nem incorramos em nenhum tipo de perigo; mas que nós, sendo comandados pelo teu governo, sempre façamos o que é justo aos teus olhos; por Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

“Coleta para orientação”, Oração matinal diária:

rito 1, LOC

PARA REFLETIR: Sl 40.1-10; 98.1-9; 118.1-4; Ef 5.17-21; Fp 3.8-16; Hb 13.15

46

Esse, ó rei, é o mandamento pelo qual os cristãos pautam sua vida, e esse é seu modo de vida. Como gente que conhece a Deus, eles fazem pedidos que são apropriados para Deus conceder e para eles receberem.

Tais pedidos eles fazem a vida inteira. E, porque conhecem a amorosa bondade de Deus, eis que se mostram à vista deles as coisas belas do mundo. E verdadeiramente eles encontraram a verdade quando a procuraram; somente eles se aproximam do conhecimento da verdade.

Eles não se vangloriam perante as multidões das boas obras que praticam, mas se preocupam para que ninguém as note; e escondem suas doações a exemplo de quem encontra um tesouro e o oculta.

Apologia de Aristides, o Filósofo de Atenas, cap. 16

Ó Senhor, tu nos ensinaste que sem amor tudo o que fazemos de nada vale; envia teu Espírito Santo e derrama em nosso coração tua dádiva maior, que é o amor, o verdadeiro elo da paz e de toda virtude, sem a qual a vida é creditada como morta em tua presença. Concede isso em nome do teu Filho unigênito Jesus Cristo, que vive e reina contigo e com o Espírito Santo, um só Deus, agora e para sempre. Amém.

“Sétimo domingo depois da Epifania”, Coletas:

contemporâneas, LOC

PARA REFLETIR: Sl 117.1-2; Is 54.1-11; Mt 6.1-15; 25.34-36; Jo 14.5-14

47

Os cristãos se esforçam para serem justos como pessoas que esperam contemplar seu Messias e receber dele com grande glória as promessas por ele feitas. Quanto às suas palavras e aos seus preceitos, ó rei, e ao seu modo de glori car a Deus em seus cultos, e quanto à sua esperança de serem recompensados num outro mundo de acordo com o modo de

vida que seguiram, o rei pode informar-se sobre tudo isso lendo os escritos deles. Grande, de fato, e maravilhosa é a doutrina deles aos olhos de quem investigá-la e sobre ela re etir. E, com efeito, os cristãos

são um povo novo; há uma presença divina no meio deles.

Apologia de Aristides, o Filósofo de Atenas, cap. 16

Ó Soberano Senhor Cristo Jesus, a Palavra coeterna do Pai eterno, tu que em tudo foste feito igual a nós, mas sem pecado, para a salvação de nossa raça; que enviaste teus discípulos e apóstolos a proclamar e ensinar o evangelho do teu reino e curar todas as enfermidades, todas as doenças entre teu povo, que seja do teu agrado agora, ó Senhor, difundir tua luz e tua verdade. Ilumina os olhos de nossa mente, para que compreendamos teus oráculos divinos. Prepara-nos para que nos tornemos ouvintes, e não apenas ouvintes mas também agentes de tua palavra, a m de que, sendo frutíferos e produzindo bons frutos multiplicados de trinta a cem vezes, sejamos considerados dignos do reino do céu. Amém.

A divina liturgia do santo apóstolo e evangelista Marcos

(antes de 200 d.C.)

PARA REFLETIR: Mt 25.34-46; Lc 6.22-23,25; 2Co 5.14-21; 1Pe 3.9-12; Ap 1.17-20; 3.21-22

JUSTINO MÁRTIR

O mais importante apologista grego do segundo século foi um filósofo que tinha pesquisado muitos sistemas filosóficos, inclusive os de Sócrates e Platão, antes de se converter ao cristianismo. Depois da conversão, continuou a usar o traje tradicional de filósofo por acreditar que no cristianismo ele havia finalmente descoberto a verdadeira filosofia; nele toda a filosofia se completa. Nós o conhecemos como Justino Mártir (c. 100–165 d.C.), um gentio oriundo da Samaria, perto do poço de Jacó. Era culto e muito viajado. Possuía os dons intelectuais e a instrução necessária para apresentar o evangelho de Jesus, o Galileu, às rebuscadas mentes greco-romanas. Tornou-se uma “estrela” do Ocidente que conduziu investigadores para o estábulo de Belém. Justino acreditava que, ao contrário de qualquer filósofo, Jesus Cristo satisfaz as expectativas daqueles que em todos os povos esperavam de Deus coisas boas. Fosse qual fosse a classe social, o evangelho de Cristo é para todos.

Os sábios abandonarão as velhas filosofias fracassadas e as antigas divindades pagãs e passarão a amar somente a verdade que se encontra em Jesus.

Àqueles que perseguem cristãos simplesmente por sua denominação Justino diz que, para serem justos, eles devem primeiro examinar o

verdadeiro sentido do termo “cristão”, um serviço que ele fornece. Isso feito, os opositores perceberão o erro envolvido na acusação e perseguição dos cristãos. Seus oponentes não lhe deram ouvidos. Justino foi martirizado em Roma por volta de 165 d.C., durante o reinado de Marco Aurélio (161–180 d.C.).

Existem três obras de Justino cuja autoria é inconteste. Uma *Primeira apologia* é endereçada ao imperador Antonino Pio (r. 138–161 d.C.), ao lho dele Veríssimo, ao filósofo Lúcio, ao senado e a todos os romanos.

Uma *Segunda apologia* é endereçada ao senado romano. O *Diálogo com É*

Trifão foi escrito em Éfeso (c. 150 d.C.) e consiste em uma suposta conversa com o judeu mais célebre de sua época. Existem outras obras, mas a autoria delas é discutível.

48

(Justino alegou que até mesmo alguns dos filósofos eram ateus; que poetas satirizavam a imortalidade de Júpiter; e que os romanos aprovavam e premiavam poetas que ridicularizavam os deuses.) Que hipocrisia perseguir os cristãos como ateus. O senhor nos chama ateus porque não sabemos apontar para um relicário ou templo do nosso Deus. Nós confessamos que somos ateus no que diz respeito aos seus deuses, mas não no que diz respeito ao mais verdadeiro Deus.

Ele é o Pai da justiça, da temperança e das outras virtudes. Está isento de qualquer impureza.

Mas tanto a ele e a seu Filho, que dele proveio e nos ensinou estas verdades, quanto ao profético Espírito nós cultuamos e adoramos. Nós os conhecemos pela razão e pela verdade, e essa verdade ensinamos a todos os que a desejam conhecer, assim como nós fomos ensinados.

Primeira apologia de Justino Mártir, caps. 5—6, 9—10

Sopra sobre mim, ó Sopro Divino,

Restaura-me novamente,

Para que eu ame o que tu amas

E aja conforme tua mente.

Sopra sobre mim, ó Sopro Divino,

Meu coração deixa puro;

Quero contigo fazer tua vontade

E agir sempre seguro.

Sopra sobre mim, ó Sopro Divino,

Até eu ser todo teu,

Até que toda a parte terrena

Brilhe no fogo de Deus.

Edwin Hatch (1835–1889), Hinário

PARA REFLETIR: Sl 89.1-18; Jr 9.23-25; At 17.22-31; Rm 1.18-26;
12.1-2; Ap 14.6-7

49

Quando interrogados antes de sermos presos, torturados ou martirizados, está em nosso poder negar que somos cristãos. Mas não vivemos falando mentiras. Motivados pelo desejo da vida eterna e pura, procuramos a morada que está em Deus, o Pai e Criador de tudo. Mais que depressa, confessamos nossa fé. Fomos persuadidos de que aqueles que, com suas obras, mostraram a Deus que o seguiram e anseiam por estar com ele em sua morada, onde não há nenhum pecado para causar inquietação, esses desfrutarão tais prêmios. Se alguém disser que isso é incrível ou impossível, esse nosso “erro” só diz respeito a nós e a mais ninguém, desde que o senhor não possa nos condenar por agirmos de forma errada.

Primeira apologia de Justino Mártir, cap. 8

Ó Deus,

Associo a mim mesmo neste dia

O forte nome da Trindade;

Passarei a invocar-te doravante,

Ó Trina e Una Divindade.

Associo a mim mesmo neste dia

Seu poder para reter e guiar,

Olhos para olhar, poder para deter,

Ouvidos para ouvir quem dele carecer,

A sabedoria do meu Deus para ensinar,

A mão que me guie, o escudo que me proteja,

A Palavra de Deus que me ensine a falar,

Sua hoste celestial para me guardar.

Patrício (c. 387–463 d.C.), da trad. de Cecil F. Alexander

(1889), Hinário

PARA REFLETIR: Mt 25.14-23; Lc 16.10-12; 2Co 4.1—5.11; Ap 2.10

50

Os cristãos não honram com sacrifícios ou arranjos de ores as divindades que seres humanos criaram e colocaram em seus templos.

Nós sabemos que eles não têm vida, que são inertes e não têm a forma de Deus, o qual não tem forma física nenhuma. O senhor sabe que artesãos esculpem, talham e forjam elementos materiais transformando-os em deuses, muitas vezes receptáculos de ignomínia. Basta mudar a forma e fazer uma imagem encomendada, e os artesãos criam um deus.

Julgamos isso não apenas absurdo, mas também ofensivo para Deus; aquele que é detentor de glória e forma inefáveis tem seu nome associado a objetos corruptíveis que exigem manutenção constante. O

senhor sabe bem que os próprios criadores desses deuses são imoderados e praticam todo tipo de vício. Sabe bem que até as próprias donzelas que trabalham com eles são corruptas. Que insanidade!

Homens imorais criando os deuses que o senhor venera; e o senhor fazer desses homens os guardiões dos seus templos! Não percebe a loucura que é dizer que homens possam ser guardiões de deuses?

Primeira apologia de Justino Mártir, cap. 8

Glória a Deus nas alturas!

Nele vivem suas criaturas.

Deus que nos guia com amor

Rumo ao trono do Senhor!

Cercando o trono seus anjos,

Lá celebram seus arranjos.

Daqui ecoam as criaturas:

Glória a Deus nas alturas!

Coletânea de hinos para uso das pessoas denominadas

metodistas (1889), hino 53

PARA REFLETIR: Êx 20.3-6; Dt 27.15; Is 44.9-20; Jr 10.3; 1Co 10.19-23

51

(Justino mostra o contraste entre o culto cristão e o pagão.) Os cristãos aprenderam que Deus não precisa de oferendas materiais que os seres humanos podem lhe apresentar, visto que ele mesmo é o provedor de tudo. E nós aprendemos e estamos convencidos de que Deus aceita os que imitam as qualidades superiores que nele residem: temperança, justiça e amor por todas as pessoas. E nós aprendemos que no início Deus, por sua benevolência, criou todas as coisas em prol da humanidade. Se com suas obras os cristãos se mostrarem éis aos desígnios de Deus, eles reinarão com ele, livres da corrupção e do sofrimento. Como no início, Deus nos criou a partir de nada pre existente; assim também, os que optam pelo que é do agrado dele receberão a incorruptibilidade e a companhia dele. Pois passar a existir no início não estava ao nosso alcance, e para que possamos fazer as escolhas que a ele agradam, mediante as faculdades racionais por ele concedidas, ele nos persuade e nos conduz para a fé.

Primeira apologia de Justino Mártir, cap. 10

Ouvindo o nome de Jesus,

*Que todo joelho se dobre
E toda língua o proclame,
O Rei que de glória se cobre;
Para prazer do próprio Pai,
Devemos chamar de Senhor
Aquele que desde o princípio
Já era a Palavra e o amor.*

Caroline Maria Noel (1817–1877),

Hinário

PARA REFLETIR: 1Cr 16.23-36; Ne 9.4-15; Jó 9.8-9; 38.4-38; Is 45.7-18

52

Que pessoa séria, então, não reconhecerá que não somos ateus? Nós adoramos o Criador do universo. Declaramos, como aprendemos, que Deus não precisa de rios de sangue, de libações ou de incenso. Com oração e ação de graças nós o louvamos por tudo o que ele nos deu.

Aprendemos que a honra digna de Deus não consiste em queimar no fogo do altar o que ele concedeu apenas para usarmos em nosso próprio benefício e dos necessitados. Com gratidão apresentamos nossos agradecimentos a Deus. Com orações e hinos rendemos-lhe graças por nossa criação, pela saúde, pelos atributos das múltiplas coisas, e pelas cambiantes estações. Com fé apresentamos-lhe petições por nossa ressurreição para a incorruptibilidade. Nosso mestre em tudo é Jesus Cristo. Ele nasceu para isso e foi crucificado sob Pôncio Pilatos na época de Tibério César. Nós com justiça o adoramos, tendo aprendido que ele é o Filho do verdadeiro Deus. Nossos delatores dizem que nossa loucura consiste em chamar um crucificado de Filho do imutável e eterno Deus, o Criador de todas as coisas.

Primeira apologia de Justino Mártir, cap. 13

Amor divino! Que foi que zeste?

Morreste por mim, meu Deus imortal?

O Filho coeterno do Pai celeste

Meu pecado assumiu na cruz fatal.

O Deus imortal, por mim imolado,

Meu Senhor e amor foi cruci cado.

Coletânea de hinos para uso das pessoas denominadas

metodistas (1889), hino 28

PARA REFLETIR: Ed 9.5-8; Sl 76.11; 96.8; Mc 8.27-33; 9.2-9; 1Co 1.17-31; Ap 14.7; 19.10

53

(Justino discute o batismo, também conhecido como iluminação.)
Todos os que estão convencidos e acreditam na verdade do que ensinamos, e desejam viver segundo o que aprenderam, são instruídos a orar e suplicar a Deus com jejum para a remissão de seus pecados no passado. Nós oramos e jejuamos com eles. Então, em nome de Deus, o Pai e Senhor do universo, e de nosso Senhor Jesus Cristo, e do Espírito Santo, eles recebem a ablução com água.

Cristo nos ensinou: “Se alguém não nascer de novo, não poderá entrar no reino de Deus”. Para podermos vir a ser os lhos da escolha e do conhecimento e obter no batismo a remissão de pecados previamente cometidos, pronuncia-se sobre quem escolhe nascer de novo e se arrependeu de seus pecados o nome de Deus, o Pai e Senhor do universo. Essa ablução é chamada iluminação, porque os batizados são iluminados em seu entendimento. E em nome de Jesus Cristo, que foi cruci cado sob Pôncio Pilatos, e em nome do Espírito Santo, que por meio dos profetas tudo predisse sobre Jesus, aquele que é iluminado é lavado.

Primeira apologia de Justino Mártir, cap. 61

Cristo em mim, Cristo comigo,

Na quietude e no perigo;

Cristo na alma de quem me ama,

Na boca do estranho ou amigo.

Patrício (c. 387–463 d.C.), da trad. de Cecil F. Alexander

(1889), Hinário

PARA REFLETIR: Jo 3.1-13; At 9.18; 10.1-48; Rm 6.1-18; Ef 4.1-7; 5.25-27; Cl 2.9-15

54

(Justino descreve a cerimônia da Ceia do Senhor, a Eucaristia.) Depois de lavar aquele que foi persuadido e que aceitou nossos ensinamentos, nós o levamos para o local onde estão reunidos os assim chamados irmãos. Fazemos fervorosas orações por nós mesmos, pelos batizados e por todos em toda parte. Terminadas as orações, saudamos uns aos outros com um beijo. Em seguida são apresentados, ao presidente dos irmãos reunidos, pão e uma taça de vinho misturado com água. Ele, tomando-os, dá louvor e glória ao Pai do universo pelo nome do Filho e do Espírito Santo. Rende graças de considerável duração para sermos considerados dignos de receber essas dádivas das mãos de Deus. Assim que conclui as orações e as ações de graça, todos os presentes expressam sua anuência dizendo: “Amém”. E depois que o presidente deu graças, e todos expressaram seu consentimento, os assim chamados diáconos dão a cada um o pão e o vinho misturado com água. Eles também levam uma porção aos ausentes.

Primeira apologia de Justino Mártir, cap. 65

Que teu sangue por amor derramado

E teu santo corpo todo ferido,

Sejam para mim, Senhor amado,

Prova de amor incontrovertido;

E se tua vida entregaste por mim,

Por ti a minha viverei até o m.

Hino grego, da trad. de John Brownlie (1907),

Hinário

PARA REFLETIR: Lc 22.1-20; Rm 16.16; 1Co 11.23-29; 16.20; 2Co 13.12; 1Ts 5.26; 1Pe 5.14

55

(Justino Mártir continua sua discussão sobre a Eucaristia.) Esse

alimento se chama entre nós de Eucaristia. Só pode dele partilhar quem acredita que nossos ensinamentos são verdadeiros, quem foi lavado com o banho para a remissão dos pecados para a regeneração, e quem pratica as instruções de Cristo. Não recebemos a Eucaristia como pão e bebida comuns. Nós a recebemos como sendo Jesus, nosso Salvador, que, tendo encarnado pela palavra de Deus, tinha ambos, a carne e o sangue, para nossa salvação. Assim também nos ensinaram que o alimento que é abençoado pela oração de sua palavra, e do qual, mediante a transformação, nosso sangue e nossa carne se nutrem, é a carne e o sangue daquele mesmo Jesus encarnado. Pois os apóstolos, nas memórias registradas por eles, que são os Evangelhos, nos transmitiram o que lhes foi recomendado: Jesus tomou o pão e, depois de dar graças, disse: “Façam isto em memória de mim; isto é o meu corpo”. De igual maneira, tendo tomado o cálice, deu graças e disse: “Isto é o meu sangue”, e ofereceu somente a eles.

Primeira apologia de Justino Mártir, cap. 66

Pelos espinhos cravados na testa,

Por teus pregos e profundas feridas,

Pela dor e morte agora me resta

De ti, Cristo, exigir amor sem bridas;

E se tua vida entregaste por mim,

Por ti a minha viverei até o m.

Hino grego, da trad. de John Brownlie (1907),

Hinário

PARA REFLETIR: Mt 26.14-35; Lc 22.19-20; Jo 13.1-30; 1Co 11.23-32

56

(Justino Mártir descreve o culto semanal dos cristãos.) A todo tempo relembramos uns aos outros tudo o que Cristo ensinou e fez. E os abastados entre nós ajudam os necessitados. Sempre nos mantemos unidos, e por todas as coisas que temos à disposição agradecemos ao Criador de tudo por meio de seu Filho Jesus Cristo e do Espírito Santo. E no dia chamado domingo, todos os que moram na cidade ou no campo se reúnem em um único lugar, e as memórias dos apóstolos

[i.e., os quatro Evangelhos] ou os escritos dos profetas são lidos enquanto o tempo permitir; então, quando o leitor se cala, o presidente da assembleia toma a palavra e recomenda a imitação das coisas boas ouvidas durante a leitura.

Primeira apologia de Justino Mártir, cap. 67

Aqui conosco vem na fé exaltar

O Deus ressuscitado e amigo;

Faz nosso coração te ouvir cantar

Dizendo: “A paz seja contigo”.

Depois, atentos, vamos com esforço

As Escrituras decifrar;

Contemplando os mistérios, vamos todos

Ocultos tesouros encontrar.

Tu escolheste por nós sofrer na cruz

E ressuscitaste de novo;

Instrui, com rma e instiga a nossa luz,

E santo e sábio faz teu povo.

James Montgomery (1771–1854), Hinário

PARA REFLETIR: Jo 15.1-8; 1Co 3.1-23; 14.26-33; Ef 1.15-23

57

(Justino Mártir continua sua descrição do culto semanal.) Depois nos levantamos todos e oramos, e como dissemos antes, terminada a oração, pão, vinho e água são trazidos para a Eucaristia, e o presidente da assembleia de igual modo oferece orações e ações de graça, segundo sua capacidade, e as pessoas concordam, dizendo: “Amém”. Em seguida distribui-se pão e vinho a cada um. Aos ausentes, uma porção da Eucaristia é enviada pelos diáconos. E os que são abastados, e estão dispostos a isso, doam então o que cada um considera apropriado. O que se coleta é entregue ao presidente, que o emprega para prover aos órfãos, às viúvas, aos que, por doença ou

alguma outra razão, estão necessitados, aos que estão presos e aos estrangeiros que temporariamente residem entre nós.

Domingo é o dia em que todos celebramos nossa assembleia comum

porque é o primeiro dia em que Deus, depois de causar uma mudança nas trevas e na matéria, criou o mundo. E Jesus Cristo, nosso Salvador, nesse mesmo dia ressuscitou dos mortos. Ele foi crucificado no dia anterior ao de Saturno [no sábado]; e no dia seguinte ao de Saturno, que é o dia do Sol, tendo aparecido a seus apóstolos e discípulos, ele lhes ensinou essas coisas.

Primeira apologia de Justino Mártir, cap. 67

Vem! Vamos juntos e numa só voz

Com hinos seu trono exaltar;

Este é o dia que Senhor ressurreto

Fez seu e voltou a exultar.

Coletânea de hinos para uso das pessoas denominadas

metodistas (1889), hino 954

PARA REFLETIR: Mt 28.1-10; Mc 16.1-11; Lc 24.1-12; Jo 20.1-10

ATENÁGORAS

Por volta do ano 177 d.C., Atenágoras (c. 133–190), que se autodenominava o filósofo ateniense e cristão, escreveu *Petição em favor dos cristãos*. Era uma apologia em defesa dos cristãos acusados, por seus opositores, de três crimes: ateísmo, canibalismo e incesto. Basicamente, o fato de o culto cristão acontecer longe do olhar do público e a participação na Ceia do Senhor se restringir aos que fossem batizados deu azo a muitas suspeitas e acusações. O ódio contra os cristãos veio em seguida. Com o passar do tempo, conforme a influência cristã aumentava e o culto pagão diminuía, os cristãos eram responsabilizados por fracassos militares, terremotos, doenças, carestias e invasões de bárbaros. Numa obra tardia, *Sobre a ressurreição dos mortos*, Atenágoras defendeu a esperança cristã na ressurreição, assim como zera anteriormente o apóstolo Paulo em Atenas. Devemos apresentar outra razão importante para a perseguição dos cristãos. A participação na vasta estrutura religiosa pagã, que incluía o culto do imperador, era uma expressão da *pietas*

romana [piedade coletiva], da lealdade à unidade, do poder e grandeza do Império. A prática religiosa pagã solapava todos os aspectos da vida pública e privada, inclusive comércio, banquetes e festivais, e a participação em associações e guildas comerciais. A recusa de participar da *pietas* e apoiá-la era logo vista como subversiva. Assim, porque os cristãos se recusavam a participar de práticas pagãs e apoiar o culto ao imperador, e porque se espalhavam boatos sobre atos repulsivos praticados durante encontros secretos da Eucaristia, eles eram tidos como uma superstição. As superstições buscavam, de modo imoderado e perigoso, o conhecimento do divino extrapolando os limites aceitáveis da razão e religião. Portanto, os cristãos eram acusados de subverter a unidade social, isto é, de serem traidores do Império.

Muito pouco sabemos sobre Atenágoras. Era de Atenas e, como Justino, depois de tornar-se cristão continuou a referir-se a si mesmo como filósofo. É reconhecido por seu bem realizado estilo como escritor. Sua demonstração da Trindade, embora não tão re nada como a doutrina que viria mais tarde, é basicamente sólida. Como Justino, identi cou algumas semelhanças positivas entre os filósofos e as crenças cristãs. Mas ele também observou que os filósofos muitas vezes se contradiziam porque o ensinamento deles provinha da própria cabeça, e não da revelação divina.

58

Mediante a apresentação das doutrinas que adotamos como não tendo origem humana, mas transmitidas e ensinadas por Deus, nós os convenceremos a não nos ver como ateus. Quais são as doutrinas nas quais fomos criados? “Eu lhes digo: amem os seus inimigos, abençoem quem os amaldiçoa e orem por quem que os persegue, para que vocês sejam lhos de seu Pai, que está no céu. Pois ele dá a luz do sol tanto a maus como a bons e faz chover tanto sobre justos como injustos.” Entre nós, vocês encontrarão pessoas sem instrução, artesãos e mulheres idosas que, embora não saibam provar com palavras os frutos de nossa doutrina, todavia com suas obras mostram os frutos que provêm da convicção sobre sua verdade. Não ensaiam discursos, mas mostram boas obras; quando golpeados, não revidam a ofensa; quando roubados, não recorrem à lei; doam a quem lhes pede e amam seu próximo como a si mesmos.

Atenágoras, *Petição em favor dos cristãos*, cap. 11

Ó Deus, que preparaste para os que te amam coisas tão boas que ultrapassam todo o entendimento humano, derrama em nosso coração

*tamanho amor por ti que nós, amando-te em todas as coisas, obtenhamos
tuas promessas, que vão além de tudo que podemos desejar, por Jesus
Cristo, nosso Senhor. Amém.*

“Sexto domingo depois da Trindade”, Coleta, LOC

da Escócia (1637)

PARA REFLETIR: Mt 5.20-48; Lc 6.27-28; 1Co 1.18-31

59

Sobre não oferecermos sacrifícios aos seus deuses, o Artífice e Pai deste universo não precisa de sangue. Não precisa do cheiro de sacrifícios queimados ou da fragrância de ores e incenso. Pois ele mesmo é a fragrância perfeita, não carecendo de nada interior ou exterior. E o mais nobre sacrifício para ele consiste em reconhecermos Aquele que estendeu e abobadou os céus e xou a terra em seu lugar como centro.

Ele juntou a água nos mares e separou a luz das trevas; adornou o céu com estrelas e fez a terra produzir todo tipo de semente; criou animais e plasmou a humanidade. Acreditamos que Deus é o Artífice de todas as coisas. Ele preserva a existência delas e a tudo governa e dirige com seu conhecimento e habilidade.

Atenágoras, Petição em favor dos cristãos, cap. 13

Criaturas todas, ao Deus soberano

Cantai conosco um forte hino ufano:

Aleluia! Aleluia!

Tu, ardente sol, com teu raio dourado,

Tu, branda lua, com teu fulgor prateado.

Toda criatura abençoe seu Senhor

E humilde o adore com louvor

E mais louvor! Aleluia!

Louvor seja ao Pai e ao Filho divino,

Com o Espírito do Deus uno e trino!

Francisco de Assis (1182–1226),

STTL, no 77

PARA REFLETIR: Is 40.21-31; Rm 12.1-2; Cl 2.15-19; 3.1-17; Ap 2.18-23

60

Belo sem dúvida é o mundo, distinguindo-se por sua magnitude bem como pela disposição de suas partes. Não é a este mundo, porém, mas sim ao seu Criador, que devemos adorar. Pois quando alguns de seus súditos se apresentam a vocês, eles lhes prestam homenagens como seus governantes e soberanos, dos quais conseguirão aquilo de que necessitam. Se por acaso passam por sua régia residência, eles endereçarão de passagem um olhar de admiração à sua bela estrutura.

Mas é para vocês em pessoa que eles honram como sendo “tudo em tudo”.

O mundo é um instrumento a nado e move-se em perfeito compasso.

O Ser a quem adoro deu ao mundo sua harmonia, e toca sua música e canta sua harmoniosa melodia. Mas eu não adoro o instrumento. Em concursos de música, os jurados não ignoram os alaudistas e coroam os alaúdes. Como diz Platão, o mundo é um produto de arte divina.

Admiro sua beleza, mas adoro seu Criador.

Atenágoras, Petição em favor dos cristãos, cap. 16

Louvai o Senhor, ó céus, e adorai!

Louvai-o, anjos nas alturas!

Sol e lua, diante dele exultai!

Louvai-o estrelas, luzes puras!

Louvai o Senhor que, com sua palavra,

Mundos sua forte voz dobrou;

Leis sempre obedecidas, de sua lavra,

Para guiá-los decretou.

PARA REFLETIR: Sl 19.1-10; Is 42.5-12; 45.5-12; Jr 10.6-13; Cl 1.16-20

61

(Atenágoras responde a acusações de que os cristãos são condenáveis por muitos crimes.) A vida dos cristãos se volta para Deus como seu soberano, para que, diante dele, cada um de nós seja inocente e irrepreensível. Não cogitaremos nem sequer o mais leve pecado. Pois se acreditássemos que a vida se limita apenas ao estado presente, então poderíamos ser suspeitos de pecar, sendo escravos da carne e do sangue, ou dominados pela visão do lucro e do desejo carnal.

Mas sabemos que Deus é testemunha de tudo o que pensamos e dizemos, de noite bem como durante o dia, e que, sendo ele próprio luz, enxerga todas coisas em nosso coração.

Estamos convencidos de que, quando formos retirados da vida presente, viveremos outra vida, melhor que a presente, vida celestial e não terrena (pois estaremos próximos de Deus e com Deus, livres de qualquer mudança ou sofrimento na alma). Por essas razões é improvável que escolhamos praticar o mal ou nos entregar ao supremo Juiz para sermos punidos.

Atenágoras, *Petição em favor dos cristãos*, cap. 31

Minha alma, aborda a sé da compaixão,

Onde Jesus ouve quem ora;

Ali, humilde, ajoelha-te no chão;

Ninguém vai perecer agora.

Tua promessa é meu único argumento:

Com ela ousa ser mais seu;

Tu convidaste as almas em tormento,

E assim, Senhor, me sinto eu.

John Newton (1725–1807), Hinário

PARA REFLETIR: Rm 8.1-16; 1Co 15.13-20,34-58; 1Jo 3.1-11

Estamos tão distantes da prática do comportamento promíscuo que para nós não é legítimo sequer ceder a um olhar lascivo. “Pois”, diz o Senhor,

“quem olhar para uma mulher com cobiça já cometeu adultério com ela em seu coração . ” Nós, portanto, somos proibidos de olhar para qualquer coisa que não seja o objeto para o qual Deus nos deu os olhos, que foram concebidos para nos serem luz. Como pode alguém duvidar de que praticamos a temperança, se consideramos que qualquer olhar lascivo é adultério (os olhos tendo sido concebidos para outro m) e que teremos de prestar contas de nossos pensamentos? Nossa primeira responsabilidade não consiste nas leis humanas, que uma pessoa perversa pode burlar; nós temos uma lei segundo a qual a medida da retidão moral consiste em tratar o próximo como a nós mesmos.

Atenágoras, *Petição em favor dos cristãos*, cap. 32

Ó Senhor Soberano e Todo-poderoso, que estás sentado sobre os querubins e és gloriado pelos serafins; que zeste os céus e os adornaste com constelações de estrelas; que colocaste uma hoste de anjos nas alturas dos céus para entoar-te louvores para sempre; nós te suplicamos que repilas de nossa mente os tenebrosos ataques do pecado e que a alegres com o esplendor divino do teu Espírito Santo. Perdoa-nos todos os pecados por tua generosa e insondável bondade, pela graça, misericórdia e amor do teu Filho unigênito. Amém.

A divina liturgia do santo apóstolo e evangelista Marcos

(antes de 200 d.C.)

PARA REFLETIR: Mt 5.27-32; 1Co 10.1-14; Gl 5.13-26

Sendo esse nosso caráter, como pode alguém em sã consciência dizer que somos assassinos? Nós, que acreditamos que ver alguém sendo morto em lutas de gladiadores ou em combates com feras é o mesmo que matar um ser humano, temos repudiado tais espetáculos para não incorrer em culpa ou contaminação; como podemos nós cometer um assassinato? E quando dizemos que mulheres que utilizam drogas para provocar um aborto cometem assassinato e prestarão contas a Deus por isso, por que razão lógica poderíamos cometer assassinatos? Não tem cabimento a mesma pessoa considerar o feto no ventre como uma

pessoa, digna do cuidado divino, e depois, quando ela nasce, matá-la.

Nós não abandonamos um infante ao léu, pois os que assim fazem são culpados de infanticídio.

Atenágoras, *Petição em favor dos cristãos*, cap. 35

Sê tu minha Palavra e Sensatez;

Eu teu, tu meu, o imenso amor nos fez.

Tu és, só tu, o meu amor primeiro,

Grande Rei, meu tesouro verdadeiro.

Ó grande Rei celeste, que eu, vitorioso,

Desfrute no céu teu brilho glorioso.

Meu coração, o que quer que aconteça,

Que em minha visão teu brilho apareça.

Hino irlandês (c. séc. 8 d.C.), da trad. de Mary E. Byrne

(1905), STTL, no 460

PARA REFLETIR: Mt 5.13-16,21-24; Rm 13.7-14; 2Co 6.14-18; Ef 5.1-21

64

(Atenágoras discute a ressurreição dos mortos.)

O poder de Deus é suficiente para ressuscitar os mortos. A prova disso é a criação de nosso corpo. Antes que os seres humanos existissem, Deus optou por criá-los com todos os seus elementos componentes originais.

Portanto, quando eles são corrompidos pela morte, seja qual for a causa dela, Deus os ressuscitará de novo com igual facilidade. Pois, assim como a criação original, a ressurreição também é possível para Deus. O

poder divino que foi capaz de dar forma à matéria informe e dar vida àquilo que antes não a tinha pode reunir o que está dissolvido e ressuscitar o que está sepultado. Deus pode restaurar os mortos para a

vida e transformar o corruptível em incorruptível.

Atenágoras, Sobre a ressurreição dos mortos, cap. 3

Deus Todo-poderoso, que por meio do teu santo apóstolo nos ensinaste a xar a atenção nas coisas do alto, concede-nos labutar nesta vida de tal modo que sempre tenhamos consciência de que somos cidadãos daqueles lugares celestiais para onde foi antes de nós Cristo, nosso Salvador, que vive e reina contigo e com o Espírito Santo, um só Deus, por toda a eternidade. Amém.

“Véspera da Ascensão”, Coleta, LOC escocês (1929)

PARA REFLETIR: Jo 11.1-27; At 2.22-36; 1Co 15.1-58

TEÓFILO DE ANTIOQUIA

Por volta do ano 180 d.C., Teólo († c. 183–185 d.C.), bispo de Antioquia, escreveu três tratados para seu amigo Autólico, num esforço de convencê-lo a tornar-se cristão. Escreveu também outros livros que se perderam. Criado como pagão, Teólo tornou-se cristão depois de reter sobre as Escrituras. Por volta do ano 169, sucedeu Cornélio como bispo de Antioquia. O historiador de doutrinas Justo González afirma que Teólo foi o primeiro autor cristão a empregar o termo

“trindade” referindo-se ao Pai, Filho e Espírito Santo* Segundo Teólo, somente os puros de coração conseguem ver Deus.

Teólo teve uma formação grega. Mas, ao contrário de alguns outros apologistas, não estudou sozinho. Alegava não dominar a retórica. Não levava em conta o que os filósofos ensinavam sobre Deus, considerando as opiniões deles e a dos poetas contraditórias e, portanto, inúteis. Uma vez que os filósofos e os poetas não tiveram o benefício da revelação, pensava Teólo, eles emitiam ideias sem valor algum. Diferentemente das histórias e fábulas tolas adotadas pelos pagãos, os profetas do Antigo Testamento foram inspirados pelo Espírito. Santos e justos, eles receberam sua sabedoria de Deus.

O estilo de escrita de Teólo é descrito como vivaz, imaginativo e original; sua expressão, como elegante e clara. O estilo aparece bem quando Teólo satiriza o culto pagão, expondo de forma cirúrgica as genealogias contraditórias dos deuses e desprezando sua

desavergonhada imoralidade (Saturno é um canibal, Júpiter é incestuoso e adúltero, Hércules queima a si mesmo, Baco é um

beberrão briguento e Apolo teme Aquiles e foge dele). Em muitos pontos, sua aguçada análise se torna humorística (os egípcios são descritos como adoradores de bacias de lavar).

* Justo Gonzáles, *A History of Christian Thought, Vol. 1: From the Beginnings to the Council of Chalcedon* (Nashville: Abingdon Press, 1970), p. 117.

65

Para ver Deus, os olhos de sua alma devem saber enxergar, e os ouvidos de seu coração, saber ouvir. Os que só olham com os olhos do corpo enxergam apenas objetos terrenos e o que diz respeito a esta vida. Os seres humanos distinguem coisas diferentes: luz ou trevas, branco ou preto, belo ou deformado, bem proporcionado e simétrico ou desproporcionado e esquisito, ou monstruoso ou mutilado. Assim também, pelo sentido da audição nós distinguimos entre sons agudos, profundos ou suaves. O mesmo se aplica aos olhos da alma e aos ouvidos do coração. Por meio deles, os cristãos conseguem contemplar Deus.

Todos têm olhos, mas em algumas pessoas eles estão encobertos por cataratas e não conseguem ver a luz de Deus.

Teófilo de Antioquia, *A Autólico*, livro 1, cap. 2

Pai santo, grande Criador,

Fonte de mercê e amor,

Contempla o teu Mediador,

Veste-nos de mente boa;

Pai celeste,

Por Jesus, ouve e abençoa.

Senhor Deus e Rei em cada nação,

Faz brilhar tua compaixão!

No canto de tua salvação

Vamos línguas e raças unir!

Grande Senhor,

Vem nosso coração possuir.

Alexander V. Griswold (1766–1843),

Hinário

PARA REFLETIR: Sl 46.10; 139.1-18; Pv 1.7; 2.3-9; 9.1-6; Jo 3.1-13;
1Co 1.19-25

66

Deus é Senhor, porque domina o universo; Pai, porque existe antes de tudo; Autor e Artífice, porque é o Criador e Feitor do universo; Altíssimo, porque está acima de tudo; e Todo-poderoso, porque ele mesmo tudo governa e abrange. Pois as alturas dos céus, as profundezas dos abismos e os continentes da terra estão em suas mãos. Os céus são obra sua; a terra é sua criação; o mar é produto de seu trabalho manual; a humanidade é sua formação e imagem; o sol, a lua e as estrelas são seus elementos, criados como sinais, estações, dias e anos, para servir à humanidade; e todas as coisas Deus criou a partir do que não existia, passando a ser coisas que existem, a fim de que, por meio de suas obras, sua grandeza possa ser conhecida e entendida.

Teófilo de Antioquia, *A Autólico*, livro 1, cap. 4

Louvor a ti, meu Deus, Criador e Redentor;

Em grata devoção, tributo te prestamos,

Depondo-o a teus pés, bendizendo teu favor,

E com adoração teu nome cantamos.

Em uníssono coro a ti damos louvor,

Cantando a gratidão com voz fremente;

Teu braço forte nos guia, Deus está conosco,

Ao grande Redentor, louvor eternamente.

Julia C. Cory (1882–1963), Hinário

PARA REFLETIR: Sl 77.14; 89.8-13; 147.5,16,18; Is 45.7-18; 57.11-19; Am 4.13; At 14.15-26; Rm 1.20

67

Assim como a alma da pessoa não é visível, sendo invisível aos seres humanos, mas é perceptível pelos movimentos do corpo, também Deus não pode ser visto pelo olhar humano, mas é contemplado e percebido em suas obras e providência. De modo semelhante, quando alguém vê um barco no mar, equipado e velejando rumo ao porto, sem dúvida inferirá que há um piloto conduzindo a embarcação. É assim que devemos ver que Deus é o Comandante e Piloto de todo o universo, embora ele não seja visível a olhos físicos. Se uma pessoa não é capaz de tar o sol, um pequeno corpo celeste, devido a seu excessivo calor e energia, não deverá um mortal ser muito menos capaz de tar a glória de Deus, que é inexprimível? Pois, como a romã contém dentro de sua casca muitas sementes escondidas e tem dentro dela muitos compartimentos, assim também a criação é contida pelo Espírito de Deus. Acredita-se na existência de um rei terreno, mesmo que ele não seja visto por todos, porque ele é reconhecido por suas leis e decretos, autoridades, forças e estatutos. Você se indis põe a reconhecer Deus em suas obras e poderosos feitos?

Teófilo de Antioquia, *A Autólico*, livro 1, cap. 5

Senhor, como são múltiplas as obras

Que fez tua sabedoria;

Tua criação é rica e tudo ocupa,

A terra e o mar inebria.

Deus se rejubile em suas obras;

Que proclamem seu louvor

As suas obras, para todo o sempre,

E glori quem o Criador.

O Saltério: com leituras responsivas (1912), no 288,

Hinário

PARA REFLETIR: Jó 37.6-24; Sl 37.7-10; 65.9-13; 98.6-8; 104.10-34; 111.1-10; Mt 6.26-34

Este é o meu Deus, o Senhor de tudo, que sozinho estendeu os céus e embaixo deles estabeleceu a amplitude da terra; que agita as profundas cavernas do mar e faz rugir suas ondas; que controla seu poder e acalma as vagas turbulentas; que ancorou a terra sobre as águas e deu a ela um espírito para alimentá-la; o sopro dele proporciona luz ao todo, que entraria em completo colapso se ele o subtraísse. Por ele você fala, Autólico; pelo sopro dele você respira, e no entanto você não o conhece devido à cegueira de sua alma e à dureza de seu coração. Mas, se quiser, você pode ser curado. Entregue-se ao Médico, e ele restaurará os olhos de sua alma e de seu coração. Quem é esse Médico? Deus, que cura e dá vida por intermédio de sua palavra e sabedoria.

Teófilo de Antioquia, *A Autólico*, livro 1, cap. 7

Pela beleza da terra,

Pela glória celeste,

Pelo amor que nos encerra

Por tudo de leste a oeste.

Por tu mesmo, ó dádiva sublime,

Que o céu ao mundo deu,

Agente do grande plano divino:

Paz aqui, alegria no céu.

A ti elevamos, ó Cristo Senhor,

Este hino de gratidão e louvor.

Folliott Pierpoint (1835–1917),

Hinário

PARA REFLETIR: Sl 23.1-5; 33.6; 65.6; 74.16-17; 90.2; Mt 9.27-31; 15.30-31; Jo 7.32-44; Cl 1.14-17

O primeiro princípio em todas as coisas é a fé. Pois que agricultor

pode colher, se primeiro não con ar à terra a sua semente? Ou quem consegue atravessar o mar, se primeiro não depositar sua con ança no barco e no marinheiro? E que pessoa enferma pode ser curada, se primeiro não se puser sob os cuidados do médico? E que conhecimento ou arte pode alguém adquirir, se primeiro não se aplicar e se puser nas mãos do professor? Se, portanto, o agricultor con a na terra, o marinheiro no barco e o enfermo no médico, você não depositará sua con ança em Deus, mesmo quando já deve tanto à mão dele? Pois ele primeiro o criou a partir do nada, deu-lhe a existência e o introduziu na vida. Não consegue acreditar que o Deus que fez você é capaz também de recriá-lo na ressurreição?

Teófilo de Antioquia, *A Autólico*, livro 1, cap. 8

Ó Deus, tu és a força de todos os que depositam em ti sua con ança. Misericordioso, aceita nossas orações; e, uma vez que em nossa fraqueza nada de bom podemos fazer sem ti, concede-nos o auxílio de tua graça, a m de que, observando teus mandamentos, agrademos a ti em nossa vontade e em nossas ações; por Jesus Cristo, nosso Senhor, que vive e reina contigo e com o Espírito Santo, um só Deus, para todo o sempre. Amém.

“Sexto domingo depois da Epifania”, Coletas:

contemporâneas, LOC

PARA REFLETIR: Sl 18.1-29; 37.3-39; Mt 6.25-34; Lc 12.22-32; Hb 11.1—12.2

70

Parece-me absurdo que escultores e entalhadores, pintores ou moldadores desenhem e pintem, entalhem, moldem e fabriquem deuses, que, depois de produzidos por artesãos, são considerados inúteis. Mas, tão logo são comprados e colocados em algum assim chamado templo ou em alguma casa, não apenas os que os compraram lhes oferecem sacrifícios, mas também os que os zeram e venderam vêm com muita devoção, trazendo implementos para sacrifícios e libações a m de os adorar. E eles os reconhecem como deuses, sem perceber que ainda são exatamente como eram quando os fabricaram da pedra, do bronze, da madeira, da tinta ou de algum outro material.

Quando gregos e romanos apresentam as histórias e genealogias dos tais deuses, pensam neles como humanos em sua origem. Mas em seguida eles os chamam deuses e os adoram, sem re etir ou entender que, ao nascer, esses deuses não eram mais humanos que aqueles das histórias e genealogias.

Teófilo de Antioquia, *A Autólico*, livro 2, cap. 2

Deus Todo-poderoso, concede-nos a graça de lançar fora as obras das trevas e vestir a armadura da luz, agora durante esta vida mortal em que teu Filho Jesus Cristo veio nos visitar com grande humildade, para que no último dia, quando ele vier de novo em glória e majestade para julgar os vivos e os mortos, nós ressuscitemos para a vida imortal; por meio daquele que vive e reina contigo e com o Espírito Santo, um só Deus, agora e para todo o sempre. Amém.

“Primeiro domingo do Advento”, Coletas:

contemporâneas, LOC

PARA REFLETIR: Sl 96.5; 115.4-8; 135.15-18; Is 44.9-20; 46.1-7; Jr 10.11-15

71

Não seria nenhuma maravilha se Deus criasse o mundo a partir de coisas já existentes. Até um artesão humano, quando consegue o material, faz dele o que lhe aprazer. Mas o poder de Deus se manifesta nisto: de coisas que não existem, ele cria o que lhe apraz. Dar vida e mobilidade pertence a Deus somente. Os seres humanos conseguem criar imagens sem vida, mas não conseguem transmitir razão, fôlego e sentimento aos deuses por eles criados. Só Deus tem esse poder, e o tem em excesso. Ele cria seres humanos e lhes confere razão, vida e sensibilidade. Em todas estas coisas Deus é mais poderoso que os seres humanos, e assim é também nisto: de coisas que não existem, Deus cria coisas que existem, e cria tudo o que lhe apraz.

Teófilo de Antioquia, *A Autólico*, livro 2, cap. 4

Ó misericordioso Criador, tua mão se abre totalmente para satisfazer as necessidades de cada criatura viva. Faz que sejamos sempre gratos a ti por tua amorosa providência; e concede-nos que, tendo em mente as contas que um dia deveremos prestar, sejamos éis mordomos das tuas boas dádivas; por Jesus Cristo, nosso Senhor, que vive e reina contigo e com o Espírito Santo, um só Deus, para todo o sempre.

Amém.

“Pela mordomia da Criação”, Coletas:

contemporâneas, LOC

PARA REFLETIR: Sl 33.6; 148.5; Jo 1.1-5; Rm 1.19-20; 4.17; Cl 1.16; Hb 11.3

A “ESCOLA”

DE ALEXANDRIA

Antes do m da era do Novo Testamento, igrejas de cidades importantes do Império haviam assumido relevância especial para a missão cristã. Jerusalém e Antioquia são proeminentes no livro de Atos. Com a expansão do evangelho, outras cidades se tornaram centros importantes de obra missionária e vigor teológico. Com o tempo, Cartago, Constantinopla e Roma passariam a desempenhar

esses papéis. No segundo século, a igreja do Egito — o “cesto de pão” do Império —, em particular a cidade de Alexandria, tornou-se um destacado centro cristão de evangelismo, ensino e

aprendizagem, e também de martírios. Alguns dos mais importantes

pais da igreja primitiva estavam sediados em Alexandria. Eles constituem uma “escola” em virtude das distintas similaridades de suas maneiras de entender a fé. Os pais alexandrinos pastorearam o rebanho cristão, defenderam a fé perante seus oponentes judeus e pagãos e, em determinados casos, morreram como mártires. Alguns

dos bispos da igreja foram vozes conspícuas em decisões cruciais da igreja.

Tradicionalmente, a igreja do Egito foi associada a João Marcos, a princípio um missionário companheiro de Paulo e Barnabé e mencionado como autor do segundo Evangelho. A perseguida

Igreja Ortodoxa Copta do Egito ensina que Marcos pregou o

evangelho no Egito durante o reinado do imperador Nero (54—68

d.C.) e lá estabeleceu a igreja. A igreja do Egito com razão se orgulha de Atanásio (c. 296–373 d.C.), que desempenhou papel decisivo na defesa da ortodoxia no Concílio de Niceia.

Exploraremos a seguir três pais da igreja associados à igreja e escola de Alexandria.

CLEMENTE DE ALEXANDRIA

No alvorecer do terceiro século, nenhuma cidade do Império Romano

se igualava a Alexandria, no Egito, como centro de erudição e cultura.

Em parte devido à sua localização geográfica, essa cidade foi cenário de uma convergência de raças, religiões e filosofias. Foi um dos grandes centros comerciais do Império. Estabelecida em 332 ou 331 a.C. por Alexandre Magno, tornou-se famosa por seus notáveis feitos culturais.

Sua renomada biblioteca, cujos diretores estavam entre os intelectuais mais completos do mundo, chegou a abrigar setecentos mil volumes.

O

o museu da cidade funcionava como uma universidade e atraiu uma comunidade de intelectuais eminentes. A filosofia e as ciências floresceram. Alexandria acolheu a mais esclarecida colônia de judeus da diáspora. Eles absorveram a atmosfera da ciência e da filosofia grega (especialmente Platão) e interpretaram sua própria religião sob os auspícios dos gregos. Em Alexandria as Escrituras judaicas foram traduzidas para o grego, o que resultou na versão conhecida como Septuaginta. A cidade providenciou uma pátria intelectual para Fílon, um dos maiores filósofos judaicos de todos os tempos, uma espécie de Platão judeu. Alexandria foi também um dos mais importantes centros de especulação do gnosticismo, combinando com criatividade as crenças de numerosas religiões e mitologias.

Apesar de marcantes e intensas perseguições, os cristãos prosperaram em Alexandria. Não surpreende que a cidade tenha se tornado um centro intelectual para a formulação de explicações abrangentes da fé cristã para a igreja e para pagãos curiosos. No final do segundo século, sob a liderança de alguns cristãos de grande talento, foi criada em Alexandria uma escola catequética chamada Didascália, dedicada à instrução de cristãos convertidos. Além de instrução elementar e avançada para cristãos, eram oferecidas palestras para plateias pagãs.

Com o tempo, a Escola de Alexandria se tornou a central de energia intelectual da missão cristã numa época em que a igreja de Roma era, comparativamente, um pupilo muito atrasado em relação à igreja do Norte da África.

A Escola de Alexandria viria a interpretar a fé cristã de maneiras tais que se tornariam vigorosamente combatidas em outras partes da igreja.

Um mestre cristão chamado Panteno († c. 212 d.C.), outrora um filósofo estoico, foi o fundador da escola. Seu sucessor foi Tito Flávio Clemente, conhecido na igreja como Clemente de Alexandria († c. 215

d.C.). Provavelmente oriundo de Atenas, Clemente logo se tornou um cristão convertido. Procurou instruir-se sobre o cristianismo na Itália, na Síria e na Palestina. Sua busca terminou quando conheceu Panteno.

Por volta de 202 d.C., a perseguição o obrigou a deixar Alexandria.

Por meio de suas instruções orais e de seus escritos, Clemente se tornou um dos mestres mais proeminentes dos primórdios da igreja.

Tinha grande apreço pela loso a grega, especialmente por Platão, apreço esse não compartilhado por outros pais da igreja. Usava a razão para articular a fé e interpretar a Bíblia, mas apenas como um instrumento a serviço da fé. A seu ver, o uso da razão é um processo de fé buscando entendimento sob a orientação do Espírito. Os escritos de Clemente de que hoje dispomos são *Exortação aos gregos*, *Pedadogo*, *Miscelânea* e a homilia “Quem é o rico que se salvará?”. Outra obra, *Exortação aos recém-batizados*, é com frequência atribuída a Clemente, mas sua autenticidade é duvidosa demais para ser incluída aqui.

72

Jesus Cristo é a Nova Canção que rapidamente desata as cruéis amarras de demônios tirânicos. A Nova Canção nos leva de volta ao suave e amoroso jugo da piedade. Ela convoca para que voltem para o céu aqueles que haviam sido derrubados por terra. Contemplem o poder da Nova Canção! De pedras e de feras ela fez seres humanos. Aqueles, além disso, que estavam mortos e já não participavam da verdadeira vida voltaram novamente a viver, tão somente por ouvirem a Nova Canção.

Essa Canção também compôs o universo em melodiosa ordem e a nou

os elementos discordantes num harmonioso arranjo, para que o mundo inteiro se torne harmonia. Pelo Espírito Santo, Cristo, a Nova Canção, a nou o universo, especialmente o corpo e a alma humanos, que são o universo em miniatura.

Clemente de Alexandria, *Exortação aos gregos*, cap. 1

Cantemos ao Senhor nova canção

Por seus milagres na história:

Sua mão direita e o braço forte

Lhe valeram a vitória.

Que ao Senhor a terra inteira

Envie seu alegre clamor,

Soltando a voz, cantando alto,

Deleite-se em seu louvor.

Cantemos ao Senhor ao som

De harpas e salmodia;

Trompas e cornetas proclamem

O Senhor Rei, nosso guia.

Saltério escocês (1650), Hinário

PARA REFLETIR: Êx 15.1-19; Sl 40.1-11; 42.7-11; 96.1-13; Is 35.3-10; Cl 3.16; Ap 5.1-10

73

(Clemente satiriza os hinos de iniciação de alguns mistérios pagãos e os contrasta com a música do Senhor.)

À sua imagem Deus fez da humanidade um belo e vivo instrumento musical. E o próprio Senhor, a Palavra celeste, é o todo-harmonioso, melodioso, santo Instrumento de Deus. O que, então, deseja esse Instrumento, a Palavra de Deus, a Nova Canção? Abrir os olhos dos cegos, desobstruir os ouvidos dos surdos, levar os mancos e os extraviados à retidão, mostrar Deus aos tolos, dar fim à corrupção, conquistar a morte e reconciliar os filhos desobedientes com seu Pai.

Esse Instrumento de Deus ama a humanidade. O Senhor se compadece, instrui, exorta, adverte, salva, protege e, por sua bondade, nos promete o reino dos céus como recompensa pela aprendizagem. O único lucro que ele auferirá é que nós nos salvemos. A perversidade se alimenta da destruição das pessoas; mas a verdade, como a abelha, sem machucar nada, deleita-se apenas na salvação.

Clemente de Alexandria, *Exortação aos gregos*, cap. 1

Santo és Tu, ó Deus, nosso Pai, verdadeiramente o único, de quem toda a família nos céus e na terra recebe o nome. Santo és tu, Eterno Filho, por quem todas as coisas foram feitas. Santo és tu, Eterno Espírito, por quem todas as coisas são santificadas.

Que tua graça esteja conosco, Ó Senhor; puri ca-nos de nossas impurezas e santi ca nossos lábios. E por todas as tuas dádivas e favores nós devemos te atribuir louvor, honra, ação de graças e adoração, agora e para todo o sempre. Amém.

Addai e Mari, A liturgia dos benditos apóstolos (c. 150 d.C.)

PARA REFLETIR: Sl 8.1-9; 25.8-10; 33.5; 46.1-11; Is 2.3; 63.7; Mt 7.11; Tg 1.17-20; Ap 5.9; 14.3; 15.3

74

A Nova Canção, essa Palavra, esse Cristo, a causa tanto de nosso ser no início quanto de nosso bem-estar atual, essa mesma Palavra veio agora como ser humano. Só ele é Deus e humano, o Autor de todas as bênçãos. Por ele, por termos sido ensinados a viver bem, somos encaminhados à vida eterna. Pois, de acordo com o inspirado apóstolo do Senhor, “a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens.

Ela nos ensina a renunciar à impiedade e às paixões mundanas e a viver de maneira sensata, justa e piedosa nesta era presente, enquanto aguardamos a bendita esperança: a gloriosa manifestação de nosso grande Deus e Salvador, Jesus Cristo”. Ele é a Palavra que no início, como Criador, nos formou e nos deu vida. Depois, ensinou-nos a viver bem quando apareceu como nosso Mestre, a m de que, sendo Deus, ele nos guie então para a vida que nunca termina. Não foi agora a primeira vez que ele se compadeceu de nós por nossos erros, pois ele se compadeceu desde o início. Mas agora, com sua vinda, perdidos como estávamos, ele nos conseguiu a salvação.

Clemente de Alexandria, *Exortação aos gregos*, cap. 1

Ó Deus, que diante da paixão do teu Filho unigênito revelaste sua glória sobre o monte santo, concede-nos que, contemplando pela fé a luz do semblante dele, sejamos fortalecidos para carregar nossa cruz e sejamos transformados à sua semelhança, de glória em glória; por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor, que vive e reina contigo e com o Espírito Santo, agora e para sempre. Amém.

“Último domingo depois da Epifania”, Coletas:

contemporâneas, LOC

PARA REFLETIR: Is 13.10; 42.10; Jo 1.1-5; 2Co 5.1-19; Gl 3.7-14; Tt 2.11-13; 1Pe 3.8-9

Falando por intermédio do profeta Isaías, Deus diz que há herança para os servos do Senhor. Excelente e desejável é esta herança: não é ouro, nem prata, nem vestuário, que as traças corroem, nem coisas terrenas que são levadas pelo ladrão cujo olhar se fascina por riquezas mundanas; mas é aquele tesouro da salvação em busca do qual devemos correr tornando-nos amantes da Palavra. Esta é a herança à qual a eterna aliança de Deus nos dá direito, transmitindo-nos a dádiva eterna da graça. Assim nosso Pai amoroso, o Pai verdadeiro, não cessa de nos exortar, advertir, ensinar e amar. Pois ele não cessa de nos salvar e de nos recomendar o melhor caminho: “Sejam justos”, diz o Senhor.

Clemente de Alexandria, *Exortação aos gregos*, cap. 10

Ó Senhor Soberano e Todo-poderoso, concede-nos terminar a vida como cristãos, aceitáveis a ti e livres de pecado. Que seja do teu agrado nos dar participação e quota na herança com todos os teus santos. Perdoa todos os nossos pecados em tua abundante e insondável bondade, pela graça, misericórdia e amor do teu Filho unigênito, por quem e com quem sejam dadas glória e poder a ti, com o sumamente santo, bondoso e vivi cante Espírito. Amém.

A divina liturgia do santo apóstolo e evangelista Marcos

(antes de 200 d.C.)

PARA REFLETIR: Is 54.17; 55.1; At 20.28-32; 26.15-18; Ef 1.3-14

76

Todos vocês que estão com sede, venham até a água; e vocês que não têm dinheiro, venham, comprem e bebam sem dinheiro. Ele nos convida para a fonte da puri cação, da salvação, da iluminação. Ele praticamente grita e diz: “A terra eu lhe dou, e o mar, meu lho, e o céu também; e todas as criaturas que neles vivem eu lhe concedo. Tão somente, lho, tenha sede do seu Pai; Deus lhe será revelado sem custo nenhum; a verdade dele não é comprada e vendida como mercadoria”.

Clemente de Alexandria, *Exortação aos gregos*, cap. 10

Ó Deus, cujo Filho Jesus é o bom pastor de teu povo, concede que ouçamos a voz dele para que conheçamos aquele que nos chama pelo nome e o sigamos para onde ele nos levar; aquele que vive e reina contigo e com o Espírito Santo, um só Deus, para todo o sempre. Amém.

“Quarto domingo de Páscoa”, Coletas:

contemporâneas, LOC

PARA REFLETIR: Is 55.1-3; Jo 4.1-26; 6.35; 7.37-39; Ef 2.5-10

77

Contemplem por um momento a bondade de Deus. Adão, seduzido por

desejos lascivos e desobedecendo a seu Pai, viu-se acorrentado ao pecado. O Senhor então desejou libertá-lo de suas cadeias e, tendo-se feito carne — ó divino mistério! —, derrotou a serpente e escravizou a tirana morte. O mais maravilhoso de tudo foi que os seres humanos, antes enganados pelo prazer e fortemente presos pela corrupção, tiveram as mãos soltas e foram postos em liberdade. Ó portento celestial! O Senhor foi humilhado, e o homem foi exaltado. Portanto, porque a própria Palavra veio do céu até nós, já não precisamos, estou certo disso, ir buscar o saber humano em Atenas ou em qualquer outra parte da Grécia e na Jônia. Pois, se temos como mestre aquele que encheu o universo com suas santas energias na criação, na salvação, na bondade, na lei, nas profecias e nos ensinamentos, então temos o Mestre do qual provém toda instrução.

Clemente de Alexandria, *Exortação aos gregos*, cap. 11

Aleluia, Aleluia, Aleluia!

No m da luta, a batalha nal,

Obtida foi a vitória vital;

No ar ecoa a canção triunfal:

Aleluia!

O poder da morte predominou,

Mas suas legiões Cristo dispersou,

E a santa alegria em nós exultou:

Aleluia!

Anônimo, em *Symphonia Sirenum Selectarum* (1695),

da trad. de Francis Pott (1861), Hinário

78

Doce é a Palavra que nos dá luz, mais preciosa que o ouro e as pedras preciosas; é mais desejável que o mel, que as gotas do favo. Pois que mais a Palavra pode ser senão desejável, uma vez que ela encheu de luz a mente que outrora fora sepultada nas trevas? Pois assim como a noite teria encoberto o universo, não houvesse o sol existido, também nós, não houvéssemos sido iluminados por ele, de modo algum seríamos diferentes de galinhas que estão sendo alimentadas e engordadas nas trevas e nutridas para a morte. Deixemos de lado, então, toda ignorância da verdade e, removendo as trevas que atrapalham, contemplemos o único Deus verdadeiro, elevando a voz neste hino de louvor: “Salve, ó Luz! Em nós, sepultados nas trevas, trancados na sombra da morte, a luz brilhou lá dos céus, mais pura que o sol, mais suave que a vida aqui embaixo”.

Clemente de Alexandria, *Exortação aos gregos*, cap. 11

*O grande amor de coração exalto, Quem do seu belo trono lá do alto
Sempre cuidando, atento, de sua raça,*

Sobre os homens derrama sua graça.

O nosso Deus, que é misericordioso,

Comprou-nos com o sangue mais precioso,

E para nos salvar com garantia,

Com seu Espírito Puro nos guia.

Anônimo (1800), Hinário

PARA REFLETIR: Sl 19.10; Mt 9.36; 14.14; 18.10-14; Lc 7.11-16; Jo 10.7-15

79

O “Sol da Justiça” fez do poente amanhecer e, por meio da cruz, transformou a morte em vida. E, tendo arrancado os seres humanos das garras da destruição, ele os elevou às alturas, tornando a mortalidade em imortalidade e trasladando a terra para o céu. Ele, o Lavrador de Deus, conferiu-nos a grande, divina e inalienável herança do Pai. Santi cou-nos com seus ensinamentos celestes, gravando suas

leis em nossa mente e escrevendo-as em nosso coração. Embora Deus de nada precise, não nos esqueçamos de lhe render a grata recompensa de um coração agradecido e devoto.

Que brilhe então a luz em nossa parte oculta, isto é, o coração; e que os raios do conhecimento surjam para revelar e irradiar a oculta pessoa interior, o discípulo daquele que é a Luz, o amigo e co-herdeiro de Cristo. Especialmente agora que passamos a conhecer o mais precioso e venerável nome do bom Pai, que a um devoto e bom lho dá amáveis conselhos e dele exige o que lhe é bené co.

Clemente de Alexandria, *Exortação aos gregos*, cap. 11

Ó dia da ressurreição!

Ó terra, divulga aos teus

Que prazer e que alegria

Nos trouxe a Páscoa de Deus.

Da morte para a vida eterna,

Desta terra para os céus,

Nosso Cristo nos transportou,

Transformados em troféus.

João Damasceno (c. 675–749 d.C.), da trad. de

John M. Neale (1862), Hinário

PARA REFLETIR: Jr 31.31-34; Lc 1.68-79; Jo 12.42-50; 1Co 15.53-54; Ef 1.3-8; 2.13-22; 5.8,13; 1Ts 4.1-18; Hb 8.10-12

80

Ah, esse santo e abençoado poder pelo qual Deus se torna companheiro de seres humanos! Muito melhor, então, é tornar-se de imediato imitador e servo do melhor dentre todos os seres; pois só pelo santo serviço alguém conseguirá imitar Deus e servi-lo e adorá-lo. O amor celestial e verdadeiramente divino acontece para os seres humanos da seguinte forma: quando na própria alma a faísca da verdadeira bondade, acesa pela Palavra Divina, consegue explodir em chama, e quando — e isso é de suma importância — a salvação caminha paralela com a obediência sincera, isto é, a escolha e a vida

jungidas lado a lado.

Portanto, esta exortação que procede unicamente da verdade, como o mais el amigo nosso, permanece conosco até nosso último suspiro. Ela é, para o completo e perfeito espírito da alma, o atendente bondoso à medida que subimos para o céu.

Clemente de Alexandria, *Exortação aos gregos*, cap. 11

Deus Todo-poderoso, cujo Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, é a luz do mundo, concede que teu povo, iluminado por tua Palavra e teus Sacramentos, brilhe com o esplendor da glória de Cristo, para que ele seja conhecido, adorado e obedecido até os con ns da terra; por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor, que vive e reina contigo e com o Espírito Santo, um só Deus, agora e para sempre. Amém.

“Segundo domingo depois da Epifania”, Coletas:

contemporâneas, LOC

PARA REFLETIR: Rm 8.27-31; 1Co 13.12; 2Co 3.16-18; Ef 3.8-21; 2Pe 1.1-6; 1Jo 3.1-3

81

O que é, então, esta exortação que faço a vocês? Estou instando vocês a se salvarem. Isso é o que Cristo deseja. Numa palavra, ele generosamente lhes concede vida. E quem é ele? Em suma, aprendam que ele é a Palavra da Verdade, a Palavra da incorruptibilidade que regenera as pessoas trazendo-as de volta à verdade. Ele é o aguilhão que nos impele à salvação. Ele expulsa a destruição e exaure o poder da morte. Ele edi ca o templo de Deus em seres humanos, para que Deus estabeleça neles sua residência. Portanto, puri quem o templo; prazeres e diversões deixem para o vento e o fogo como ores murchas. Mas cultivem com sabedoria o domínio próprio e apresentem-se a Deus como oferta, a m de que sejam considerados dignos do reino de Deus.

Clemente de Alexandria, *Exortação aos gregos*, cap. 11

Deus Todo-poderoso, a quem verdadeiramente conhecer é vida eterna, concede-nos ter plena consciência de que teu Filho Jesus Cristo é o caminho, a verdade e a vida, para que sigamos rmemente seus passos no caminho que conduz à vida eterna; por Jesus Cristo, teu Filho e Senhor, que vive e reina contigo, na unidade do Espírito Santo, um só Deus, para todo o sempre. Amém.

“Quinto domingo da Páscoa”, Coletas:

contemporâneas, LOC

PARA REFLETIR: Lc 1.68-79; 2.11-34; Jo 1.15-18; 3.16-17; 10.7-27,30-36; Rm 5.1-11; 1Pe 2.4-25

82

Jesus, que é eterno, o único Sumo Sacerdote do único Deus, seu Pai, ora por nós e nos exorta: “Convoco toda a raça humana, da qual sou o Criador, pela vontade do Pai. Venham a mim para que ocupem seu lugar apropriado sob o único Deus e a única Palavra de Deus. Pois a vocês eu concedo o desfrute da imortalidade. Quero conceder essa graça a vocês, conferindo-lhes o perfeito benefício da imortalidade. E eu lhes outorgo as duas coisas: a Palavra e o conhecimento de Deus, minha essência completa. Isso eu sou; isso Deus quer; isso é sinfonia; isso é a harmonia do Pai; isso é o Filho; isso é o Cristo; isso é a Palavra de Deus, o braço do Senhor, o poder do universo e a vontade do Pai. Eu os consagro com o bálsamo da fé, pelo qual vocês lançam fora a corruptibilidade, e eu lhes mostro a forma pura da retidão pela qual ascendem até Deus.

Venham a mim todos vocês que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso. Tomem sobre vocês o meu jugo e aprendam de mim, pois sou manso e humilde de coração, e encontrarão descanso para a alma. Pois meu jugo é suave, e meu fardo é leve”.

Clemente de Alexandria, *Exortação aos gregos*, cap. 12

Deus Todo-poderoso e eterno, tu governas todas as coisas nos céus e na terra; ouve em tua misericórdia as súplicas de teu povo, e concede-nos hoje tua paz; por Jesus Cristo, nosso Senhor, que vive e reina contigo e com o Espírito Santo, um só Deus, para todo o sempre. Amém.

“Quarto domingo depois da Epifania”, Coletas:

contemporâneas, LOC

PARA REFLETIR: Mt 11.25-30; Jo 15.1-17; 17.1-5; Gl 6.7-8; 1Tm 4.8; 6.6

83

Tendo jungido a parelha de cristãos para Deus, o Bom Cocheiro, que é Cristo, dirige a carruagem para a imortalidade, rumo ao céu. Uma

visão de extrema beleza para o Pai é ver seu eterno Filho coroado com vitória.

Almejemos, então, ao que é bom; tornemo-nos gente que ama a Deus e alcança o maior de todos os bens que não pode ser dani cado: Deus e a vida eterna. Nossa ajudante é a Palavra; depositemos nela toda nossa confiança. E que nunca sintamos fome de ouro, prata ou glória tão forte como o amor pela Palavra da Verdade em si. Pois desagradará a Deus se nós avaliarmos menos as coisas que são mais valiosas, e se avaliarmos mais os evidentes ultrajes e a total irreverência da tolice, da ignorância, da negligência e da idolatria.

Clemente de Alexandria, *Exortação aos gregos*, cap. 12

Os nomes todos de amor e poder

Que os céus e a terra já podem dizer

Não conseguem expressar seu valor,

Nem a glória de Emanuel expor.

Tu és meu belo exemplo e meu bom guia,

Andar contigo é o que eu sempre queria;

Oh, não permitas que eu que perdido,

Nem nunca tome o caminho proibido.

Busca, ó minh'alma, as maiores bravuras,

Teu Capitão é o Senhor das alturas;

Marcha, então, sem medo do sucesso,

Não barrem morte e inferno teu progresso.

Isaac Watts (1674–1748), Hinário

PARA REFLETIR: Fp 3.13-21; Cl 3.2-6; Ap 14.1-7; 15.1-4; 19.1-16

ORÍGENES

Em Orígenes de Alexandria (c. 185–254 d.C.), cujo sobrenome era Adamantius (Homem de aço), encontramos um dos mais eminentes, embora por vezes controverso, pais da igreja dos primeiros séculos.

Desde a juventude ele foi um apaixonado discípulo de Jesus Cristo.

Dotado de grande inteligência, seu maior objetivo foi ser uma imagem viva de Jesus Cristo — e isso ele descrevia como ser uma estátua de Cristo formada pela excelência cristã. Todas as magníficas habilidades de Orígenes visavam explicar as Escrituras e ensinar com clareza toda a doutrina de Cristo. A finalidade das Escrituras, na visão dele, é levar as pessoas à redenção mediante Jesus Cristo e levar os convertidos à maturidade cristã.

Acredita-se que Orígenes tenha nascido e crescido numa intelectual e religiosamente rica Alexandria. A cidade era o centro de aprendizagem cristã, um ambiente fértil para o pensamento judaico e uma patrocinadora entusiasta da ciência e filosofia grega, especialmente Platão. Orígenes viveu numa época em que a ortodoxia cristã ainda era em alguns pontos vaga e a igreja ainda enfrentava ciclos de brutal opressão.

Filho de pais cristãos, Orígenes tornou-se o aluno mais famoso de Clemente de Alexandria. Seu primeiro treinamento teológico veio de seu pai, Leônidas, que sofreu o martírio em 202 ou 203 d.C. Mais tarde, Orígenes passou a ser aluno de Panteno, fundador da escola catequética de Alexandria. Depois, foi aluno de Clemente, quando este sucedeu a Panteno. Aos 17 anos, foi convidado a ensinar gramática na escola catequética. Um ano mais tarde, em virtude de sua inteligência precoce e compreensão da fé cristã, o bispo Demétrio o indicou para ser diretor da escola, sucedendo a Clemente.

Mesmo não sendo um presbítero (sacerdote), Orígenes tornou-se um eminente professor das Escrituras e da teologia cristã. Valia-se de seu vasto conhecimento da filosofia e religião greco-romanas para expor os erros do paganismo e defender o evangelho contra seus críticos.

Orígenes estava intelectual e teologicamente equipado para defender a fé contra os gnósticos e Marciano (que queria separar o Antigo do Novo Testamento) e apresentar a eles uma resposta ponderada e cuidadosa.

Orígenes colocou seu considerável conhecimento da filosofia grega a serviço da igreja e o usou para expor o que ele via como falhas da filosofia. Contribuiu de modo significativo para o desenvolvimento da doutrina da Trindade.

Os críticos de Orígenes acreditam que sua conexão com

neoplatonismo não foi muito útil à teologia cristã em alguns aspectos importantes. Ela afetou sua interpretação das Escrituras e sua

explicação da doutrina cristã. Esses opositores julgam que seu neoplatonismo o levou a tornar o Filho inferior ao Pai em divindade, subordinado em essência divina, como intermediário entre a unidade absoluta ou a unicidade de Deus e a inferior multiplicidade e mutabilidade do mundo.

Orígenes superou essa tendência compensando-a com as afirmações mais ortodoxas sobre a plena divindade do Filho. Muitos de seus seguidores, porém, não mantiveram seu equilíbrio. Ele também foi criticado por ensinar a preexistência e a queda da alma. Segundo outra especulação de Orígenes, na restauração final, toda a criação, inclusive o diabo, seriam redimidos. Esses dois ensinamentos foram condenados no Sínodo de Constantinopla (543 d.C.) e no Segundo Concílio de Constantinopla (553 d.C., o quinto concílio ecumênico).

Como exegeta das Escrituras, Orígenes é famoso por suas

interpretações alegóricas. A maioria dos textos, acreditava ele, tem um sentido perceptível ou literal, um sentido moral que visa o progresso espiritual, e também um sentido espiritual ou alegórico destinado ao avanço do conhecimento cristão de Deus, a quem tanto o Antigo quanto o Novo Testamento prestam o testemunho. Somente um exegeta espiritualmente perspicaz e habilidoso consegue desenvolver o terceiro significado. Ao árduo trabalho de Orígenes devemos a formação da *Hêxapla*, obra que apresenta seis versões do Antigo Testamento dispostas em seis colunas.

A biografia de Orígenes pode ser dividida em dois períodos. De aproximadamente 204 até 230 d.C., com algumas interrupções, ele ensinou em Alexandria. Em 215 ou 216, as perseguições de Caracalla o obrigaram a fugir para a Palestina. Em 218–219, o bispo Demétrio o chamou de volta para Alexandria a fim de que retomasse seu magistério na escola catequética. Aqui ele iniciou o período mais produtivo de sua carreira (produziu pelo menos oitocentas obras). Para maximizar sua criatividade de escritor, secretários e copistas foram colocados à sua disposição. Por volta de 230, Orígenes viajou para a província de Acaia e passou pela Cesareia da Palestina. Sem permissão do bispo Demétrio, dois amigos de Orígenes o ordenaram sacerdote. O resultado disso foi que, em 231 ou 232, ele foi deposto da direção da escola catequética e despojado do sacerdócio. Banido de Alexandria, voltou para Cesareia, onde iniciou a segunda fase de sua vida.

Durante a rigorosa perseguição promovida pelo imperador Décio (249–251 d.C.), Orígenes foi lançado na prisão (250–251) e torturado.

Embora não tenha sido assassinado por seus capturadores, as torturas que lhe infligiram aceleraram sua morte.

84

(Orígenes responde à pergunta: “O que é um evangelho?”.)

“Evangelho” é uma palavra que implica para o crente a presença real de algo bom, ou uma palavra que promete a vinda de um bem esperado.

Esses dois significados se aplicam aos livros chamados evangelhos. Cada evangelho é uma coleção de proclamações úteis a quem acredita e não as interpreta erroneamente. Cada evangelho traz seu benefício e naturalmente alegria o crente, pois fala da estada do Primogênito de toda a criação, Jesus Cristo, com os seres humanos, em prol e para a salvação deles. Repetindo, cada evangelho fala da permanência do bom Pai no Filho juntamente com os que estão predispostos a recebê-lo. Pelos evangelhos proclama-se um bem que antes já era esperado. Pois para o povo o Messias foi um bem esperado, antes previsto pelos profetas.

Orígenes, *Comentário ao Evangelho de João*, livro 1, cap. 7

Amorosíssimo Pai, tu queres que rendamos graças por tudo, sem nada temer, a não ser o perder-te, e que lancemos sobre ti, que cuidas de nós, todas as nossas preocupações; preserva-nos dos medos traiçoeiros e das ansiedades mundanas, a fim de que nenhuma nuvem desta vida mortal oculte de nós a luz daquele amor imortal que a nós manifestaste em teu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor, que vive e reina contigo, na unidade do Espírito Santo, um só Deus, agora e para sempre. Amém.

“Oitavo domingo depois da Epifania”, Coletas:

contemporâneas, LOC

PARA REFLETIR: Mt 1.18—2.23; Mc 1.39; Lc 4.1-32; Jo 1.29-51

85

Os anjos deveriam ser mencionados entre os evangelistas. Se entre os seres humanos existem os que são honrados com o ministério de evangelistas, e se o próprio Jesus traz boas-novas e prega o evangelho aos pobres, seguramente os mensageiros que foram por Deus criados como espíritos, que são uma chama de fogo, ministros do Pai, não podem ser excluídos do rol dos evangelistas. Um anjo pairando acima

dos pastores fez que uma luz brilhante os envolvesse. Ele proclamou:

“Não tenham medo! Trago boas notícias, que darão grande alegria a todo o povo: hoje lhes nasceu, na cidade de Davi, o Salvador, que é Cristo, o Senhor”. E, tendo dito isso, os anjos afastaram-se dos pastores e seguiram para o céu, deixando-nos a entender como a grande alegria que nos foi anunciada com o nascimento de Jesus Cristo é glória para Deus nas maiores alturas.

Orígenes, *Comentário ao Evangelho de João*, livro 1, cap. 13

Louvor nos céus os anjos entoaram,

Aleluias nos ares soaram,

Quando Deus iniciou seu feito,

Quando disse, e viu tudo perfeito.

Seu louvor a manhã estendeu,

Quando o Príncipe da Paz nasceu;

Já o louvor foi ouvido mais forte

Quando o morto venceu a morte.

James Montgomery (1771–1854), Hinário

PARA REFLETIR: Mt 1.18-25; Lc 1.8-20,26-38,46-55; **2.1-18**; Ap 22.8-9

86

Por que não seria razoável acreditar em Deus, visto que todas as iniciativas humanas dependem de fé? Quem empreende uma viagem, contrata um casamento, torna-se pai ou lança uma semente ao solo sem acreditar que coisas melhores resultarão desses atos? A crença de que coisas melhores acontecerão leva as pessoas a se aventurarem em empreendimentos incertos que podem ter resultados diversos dos esperados. Se a esperança e a crença num futuro melhor são o esteio da vida em todos os empreendimentos humanos, por que não deveria a crença em Deus, que está acima de todas as coisas, também ser comandada pelos cristãos? Pois eles acreditam, com motivos melhores que os de quem navega pelo mar ou cava a terra, na existência do Deus que é o Criador de todas as coisas.

Orígenes, *Contra Celso*, livro 1, cap. 11

Podemos não tocar-te as mãos e o lado,

Nem seguir os passos teus;

Mas alegres com a tua promessa

Gritamos: “Senhor! Meu Deus!”.

Socorre, então, Senhor, nossa descrença;

Faz nossa fé aumentar

E recorrer a ti quando estás perto,

Sabendo onde te achar.

Quando esta vida de fé tiver m,

Em reinos de luz serena,

Que te vejamos como és,

Em eterna luz plena.

Henry Alford (1810–1871), Hinário

PARA REFLETIR: Sl 7.1; 18.1-29; 62.8; Pv 3.5-26; Is 41.10-14; Hc 3.17-19; Mt 6.25-34; Lc 12.22-32

87

Cristo é o resplendor e a imagem expressa da natureza divina. Ele veio ao mundo como plenamente humano para semear a semente de sua palavra. Todos os que o recebem são introduzidos na união com o Deus Altíssimo. Se considerarmos Jesus em relação à divindade nele encarnada, as coisas que ele realizou como Deus encarnado, nele nada vemos que ofenda nossas expectativas em relação a Deus, nada que não seja santo. E, se considerarmos sua natureza humana, nós o vemos como distinto, acima de todos os outros, por sua íntima comunhão com Deus e sua absoluta sabedoria. Ele sofreu como alguém que era sábio e perfeito. Sofreu para o bem da raça humana. Sua morte não foi apenas um exemplo de morte sofrida por amor à compaixão, mas foi também o primeiro golpe no conito que derrubará o poder do diabo.

Orígenes, *Contra Celso*, livro 7, cap. 17

Retumbem altos louvores a Deus,

Seu nome escrevam nos céus;

Hinos preencham todo o espaço,

Proclame a terra o seu Deus:

Deus, esperança de toda nação,

Deus, fonte de consolação,

Santa, bendita Trindade!

Eis o nome que desde tempos eternos

Se oculta em luz imanente;

Eis o nome que reis e sábios terrenos

Quiseram saber certamente;

Em sua maravilhosa encarnação,

Deus revelou ao mundo a salvação,

Na sua bendita Trindade!

Henry Martin (1831–1911), Hinário

PARA REFLETIR: Mq 5.2-3; Mt 1.1-25; Lc 1.26-54; 2.1-40; Jo 1.14; Rm 1.3; Cl 2.8-15; 1Jo 1.3; 4.2-3

88

Nós, cristãos, nos recusamos terminantemente a adorar e servir aqueles que outros povos adoram. Com orações e súplicas, adoramos com todas as nossas forças o único Deus e seu único Filho, a Palavra e Imagem de Deus. Apresentamos nossas preces ao Deus do universo por meio de seu Filho unigênito. Ao Filho nós os apresentamos primeiro e suplicamos que ele, a “propiciação pelos nossos pecados” e nosso Sumo Sacerdote, ofereça nossas preces, nossos sacrifícios e nossas orações ao Deus Altíssimo. Nossa fé, portanto, é endereçada a Deus por meio de seu Filho, que a fortalece em nós. Honramos o Pai quando honramos o Filho, a Palavra, Sabedoria, Verdade, Retidão e tudo o mais que as Escrituras dizem dele, que é o Filho de tão grande Pai.

Orígenes, *Contra Celso*, livro 8, cap. 13

A terra, com tudo o que nela existe,

Com suas riquezas ingentes,

Pertence a Deus, que a criou

Sobre evos mares frementes.

Quem é esse glorioso Rei que vem

Exigir ao seu trono seus direitos?

O Senhor do Exércitos é o Rei

Da glória, o Deus dos eleitos.

Atribuído a Charles Jeffreys ou L. Devereux (1912),

Hinário

PARA REFLETIR: Ed 3.10-13; Sl 5.7; 24.3-6; Rm 3.25; 8.26; 1Co 4.15; Ef 3.11-12; 6.18-19; Fp 4.6; 1Ts 5.17; **1Jo 2.2**; 4.10; Ap 8.3-4

89

(Um motivo da acusação de ateísmo contra os cristãos era o fato de eles não terem altares ou templos. Orígenes responde a essa questão.) Nós, cristãos, cremos que o espírito de toda pessoa de bem é um altar do qual sobe incenso de aroma verdadeira e espiritualmente agradável, ou seja, orações que ascendem de uma consciência pura para Deus. Por isso é dito por João no Apocalipse que as orações dos santos são incenso oferecido a Deus. E disse o salmista: “Que minha oração suba à tua presença, como incenso”. As estátuas e as dádivas que constituem ofertas apropriadas não resultam da invenção humana, mas são criadas e formadas em nós pela Palavra de Deus. Ele também produz em nós as virtudes pelas quais imitamos “o Primogênito de toda a criação”. Cristo nos apresentou um exemplo de justiça, temperança, coragem, sabedoria e piedade.

Orígenes, *Contra Celso*, livro 8, cap. 17

Deus Todo-poderoso, Pai de toda misericórdia, nós, teus servos indignos, humildemente te damos graças por todo o teu favor e bondade amorosa para conosco e para com todos os que criaste. Nós te bendizemos por nossa criação, preservação e por todas as bênçãos desta vida; acima de tudo, por

teu imensurável amor na redenção do mundo por nosso Senhor Jesus Cristo; pelo instrumento da graça e pela esperança da glória. Amém.

“Ação de graças geral”, Oração vespertina diária: rito 2,

PARA REFLETIR: 1Rs 8.22-30; Sl 63.1-2; 66.4-20; **141.2**; Rm 8.24-27; 12.1-2; Cl 1.18; 3.12-17; Ap 3.14; 5.8

90

Aqueles que, por meio da Divina Palavra, plantam e cultivam as virtudes que re tem “o Primogênito de toda a criação” erigem estátuas em adoração a Cristo, seu protótipo. Ele é “a imagem do Deus invisível”, o Unigênito de Deus. Aqueles que abandonam seu antigo eu, corrompido e iludido pela luxúria, e se revestem de um novo eu, criado à semelhança de Deus em verdadeira retidão e santidade, assumem para si a imagem daquele que os criou. Erigem dentro de si uma estátua igual à que deseja o Deus Altíssimo.

Contemplando Deus com coração puro, os cristãos se tornam imitadores de Cristo. As estátuas que eles se esforçam para erigir não são as de uma espécie sem vida e sem sentido. Não são erigidas para abrigar espíritos gananciosos inclinados à prática do mal. Pelo contrário, os cristãos estão repletos do Espírito de Deus, que neles habita. O

Espírito faz morada nos que estão sendo transformados na imagem de Cristo.

Orígenes, *Contra Celso*, livro 8, cap. 17—18

Deus Todo-poderoso, Pai de toda misericórdia, pedimos em oração que nos dês uma consciência tal de tuas misericórdias para que nós, com o coração verdadeiramente agradecido, entoemos teu louvor, não apenas com os lábios, mas com a vida, dedicando-nos a teu serviço e caminhando em tua presença com santidade e retidão todos os nossos dias; por Jesus Cristo, nosso Senhor, a quem sejam, contigo e o Espírito Santo, a honra e a glória por todos os séculos. Amém.

“Ação de graças geral”, Oração vespertina diária: rito 2,

PARA REFLETIR: Jo 15.1-5; Rm 5.1—6.14; 8.1-6; 2Co 4.1-7; Ef 4.22-24

91

(Orígenes discute a encarnação de Cristo.) De Cristo está escrito que “nem o mundo inteiro poderia conter todos os livros que seriam escritos” sobre a glória e majestade do Filho de Deus.

É impossível registrar por escrito todos os detalhes que fazem parte da glória do Salvador.

Depois de ponderar questões sobre o ser do Filho de Deus, nós nos perdemos no mais profundo assombro de que tal natureza, proeminente acima de todas, tenha se despojado de sua condição de majestade, tornando-se humana e residindo entre nós, conforme atesta a graça que foi derramada em seus lábios, conforme testemunhou a seu favor o Pai celestial e conforme revelam vários sinais e prodígios e milagres feitos por ele mesmo.

Orígenes, *Tratado sobre os princípios*, livro 2, cap. 6, seção 1

Do amor do eterno Pai foi concebido;

Nenhum mundo ainda existia.

O Alfa do início, o Ômega do m,

Ele a Fonte, o Final seria.

Coisas que existem, coisas que existiram,

Ou que existirão algum dia,

E sempre e para todo o sempre.

Aurélio Clemente Prudêncio (348–410 d.C.), da trad. de

John M. Neale (1854) e Henry W. Baker (1859), Hinário

PARA REFLETIR: Mt 11.25-27; 17.1-9; Jo 1.10-17; 21.24-25; Fp 2.1-11; Cl 1.15-17; Ap 5.8-14

O Espírito Santo, que clama “Aba, Pai” no coração dos bem-aventurados, entende com grande sensibilidade os suspiros deles neste tabernáculo terreno. Ele a Deus “mais do que intercede por nós, com gemidos inexprimíveis”. Pela grande simpatia e amor que sente por nós, ele toma para si nossos gemidos. E, em virtude da sabedoria que nele reside, contemplando nossa alma humilhada “até o pó” e trancada dentro do corpo “humilhante”, o Espírito não se serve de gemidos comuns quando mais que intercede a Deus por nós. Com gemidos inexprimíveis que dão voz às palavras que não sabemos dizer, o Espírito intercede em nosso favor. E, não satisfeito em interceder a Deus, o Espírito intensifica sua intercessão para nos fazer “mais que vencedores”.

Nem mesmo nosso entendimento consegue orar corretamente se o Espírito Santo não o orientar em oração. Não podemos orar como deveríamos assim como não podemos cantar um hino em verdadeira harmonia com o Espírito, que sonda as profundezas, a menos que ele cante primeiro o hino em nós.

Orígenes, “Introdução”, *Tratado sobre a oração*, cap. 1

Ó Santo Espírito, sempre atuando

Na igreja e em seus servidores;

Fortalecendo, absolvendo, animando

E libertando os pecadores;

Ó Santo Espírito, sempre reunindo

Eras e almas, raízes e ramos,

Num convívio sempre infindo,

Adorando te exaltamos.

Timothy Rees (1874–1939), Hinário

PARA REFLETIR: Mt 1.18; 3.11-17; 19.28; Lc 1.15; 11.1; 24.29; Jo 3.5-34; 14.16-26; 15.26; At 1.2-16; 2.2-38; 4.8,31; Rm 1.4; 5.5; **8.15-37**; 1Jo 5.6-8

DIONÍSIO DE ALEXANDRIA

Nenhum dos pais antenigenos serviu durante tempos mais perigosos que o bispo Dionísio de Alexandria (c. 190–265 d.C.). Ele foi chamado

Dionísio, o Grande, por sua erudição, sua capacitada defesa da fé e especialmente por seu e caz zelo pelo rebanho cristão. Possuía as características admiráveis de um líder eclesiástico: tinha grande capacidade executiva, nobreza de caráter, era gentil e sabia combinar conhecimento com dedicação ao povo.

Nascido de pais pagãos, Dionísio se converteu à fé cristã na idade adulta. Isso aconteceu depois de muita leitura e re exão. Tornou-se um dos destacados alunos de Orígenes e mais tarde sucedeu a Héraclas (eleito bispo de Alexandria em 231 ou 232) como diretor da escola catequética. Dirigiu a escola antes de ser elevado à posição de bispo de Alexandria, em 248. Em seguida, enquanto servia na condição de bispo, por muitos anos continuou a dirigir aquela instituição.

Dionísio era grego de nascimento e na língua grega expressou a doutrina cristã, o que às vezes di cultou seu entendimento entre os ocidentais latinos. Não à toa, o bispo de Roma convocou um sínodo que condenou os ensinamentos de Dionísio, julgando que o alexandrino a rmava que o Filho havia sido criado pelo Pai. Dionísio respondeu em quatro livros dizendo que seus acusadores haviam tomado suas palavras fora do contexto e deixado de ouvir integralmente seus ensinamentos, nos quais ele a rmava a eternidade e divindade do Pai, do Filho e do Espírito Santo, um só Deus em três pessoas distintas.

Dionísio abordava os opositores da fé cristã lendo o que eles haviam escrito e depois buscando entender suas críticas antes de tentar levá-los à fé em Cristo. Foi muito prolí co como autor, mas poucos de seus escritos sobreviveram.

Logo depois que Dionísio se tornou bispo, irrompeu no Egito uma intensa perseguição contra a igreja. Isso aconteceu um ano antes que a perseguição desencadeada pelo imperador Décio (249–251 d.C.) se alastrasse pelo Império. A igreja sofreu imensamente em Alexandria e em todo o Egito. Muitos dentre o clero, e também leigos, foram martirizados. Dionísio conseguiu fugir para o exílio, de onde dirigiu seu oprimido rebanho até a morte de Décio, em 251. Durante o breve período de paz subsequente, ele se mostrou misericordioso com os

“lapsos” — aqueles que haviam recebido certi cados que provavam aos comissários do sacrifício que tal pessoa havia regularmente prestado culto aos deuses pagãos. A posse do certi cado livrava o cidadão de outras ações legais. Depois, em 258, o imperador Valeriano desencadeou outra perseguição cruel. Ordenou que todos os bispos, sacerdotes e diáconos fossem executados de imediato. Mais uma vez,

Dionísio foi para o exílio. Em seguida, reassumiu abertamente suas responsabilidades episcopais até sua morte, em 17 de novembro de 265. Além das perseguições sofridas pelos cristãos, durante o período de serviço de Dionísio os cidadãos de Alexandria vivenciaram guerras civis, pestes e crises de penúria.

93

Como responderemos a quem afirma que todos aqueles sábios e nobres aspectos do universo resultam do mero acaso? Retornemos aos aspectos individuais da natureza bem como a todo o sistema tomado coletivamente. Por Deus eles foram declarados bons, e foi uma ordem dele que os trouxe à existência. Como dizem as Escrituras: “E olhou Deus para tudo que havia feito, e viu que era muito bom”. Na verdade, porém, os que negam isso não reagem sobre as analogias de coisas até pequenas e familiares que poderiam observar e assim aprender que nenhum objeto feito para alguma finalidade passa a existir por mero acaso. Pelo contrário, ele é criado por um artefice habilidoso e é concebido para atingir o fim planejado.

Dionísio, *Dos livros da natureza*, cap. 2

Único sábio Deus, imortal e invisível,

Perante nosso olhar em luz inacessível,

O mais abençoado e gracioso da história,

Teu nome é Onipotente e retumbante é tua vitória.

Deus da vida Criador, da grande e da pequena,

De toda vida Autor, fonte pura e serena;

Quais ores somos nós a murchar e a orir,

Mas tu sempre exististe e sempre hás de existir.

A ti adoramos, ó Pai de todo bem,

Encobrimo sua face, anjos dizem “Amém!”;

És o nosso Pai e louvores te rendemos,

Só por teu resplendor agora não te vemos.

Walter C. Smith (1824–1908), Hínário

PARA REFLETIR: Gn 1.31; Ne 9.6; Jó 12.7-9; 38.4-10; Sl 33.6-9; 136.1-9

94

(Dionísio discute a causal e sustentadora criatividade de Deus.) Quando um objeto criado deixa de cumprir sua função e se torna inútil, ele também começa a se degradar. Seu estado de e ciência desaparece em cada aspecto accidental e desregulado. Isso acontece porque a sabedoria e a habilidade que o criou já não o controlam nem o mantêm. Quando se constrói uma casa ou uma cidade, nem uma coisa nem outra organiza suas pedras como se fossem colocadas espontaneamente sobre as fundações. Uma camada de pedras não se coloca espontaneamente sobre outra. Pelo contrário, o pedreiro põe com cuidado as pedras selecionadas em seus devidos lugares. Se a estrutura começar a ceder, as pedras vão se separar e se espalhar pelo chão. Quando se constrói um navio, a quilha não se assenta por si mesma. Tampouco o mastro se ergue sozinho, nem todas as outras partes do madeiramento assumem suas posições acidentalmente e por um impulso próprio delas.

Dionísio, *Dos livros da natureza*, cap. 2

Senhor, como são múltiplas as obras

Criadas por tua sabedoria;

Preenche a tua fértil criação

O mar e a terra bravia.

Meu coração pondera sua graça

Em doce meditação;

Seus louvores em minha alma exultante

Até o Senhor subirão.

O Saltério: com leituras responsivas (1912), no 288, Hinário

PARA REFLETIR: Sl 146.5-7; Jr 10.12; 27.5; 31.35-37; 51.15; At 17.24-28

95

(Dionísio descreve a perseguição dos cristãos de Alexandria um ano

antes da perseguição geral desencadeada pelo imperador Décio [249-51 d.C.].) Prenderam um senhor idoso chamado Metras e o mandaram proferir palavras ímpias ; como ele se recusou, bateram nele com porretes, dilaceraram-lhe o rosto e os olhos com juncos cortantes e depois o arrastaram para fora da cidade e o apedrejaram. Também prenderam Apolônia, aquela virgem digna da maior admiração, que na época era bem idosa. Bateram nela arrancando-lhe os dentes e deixando-lhe cortes no queixo. Em seguida, acendendo uma fogueira na entrada da cidade, ameaçaram queimá-la viva se ela não prestasse com eles culto aos deuses pagãos. E, embora ela desse a impressão de ponderar o caso por uns instantes, ao ser solta atirou-se ansiosa na fogueira e foi consumida pelo fogo.

Dionísio, *Epístola para Fábio, bispo de Antioquia*, § 2-3

Festas de mártires abençoados,

Santos homens e mulheres,

Terão nosso amor e admiração

Quando de novo vierem.

Maravilhas, grandes feitos mostraram,

Dignos do nome que têm;

Em seu louvor cantando alegres vamos

Venerá-los sempre e além.

Autor desconhecido (séc. 12), da trad. de

John M. Neale (1851), Hinário

PARA REFLETIR: Is 53.2-10; Mt 26.3-16; 27.25-44; Lc 22.2-65; Rm 8.17-37; 2Co 4.8-12; 11.23-27

A IGREJA

DO OCIDENTE

Jesus encarregou os apóstolos de fazerem “discípulos de todas as nações” (Mt 28.19). Depois de Pentecostes, eles e seus

companheiros obedeceram de imediato às instruções de Jesus. A proclamação do evangelho do reino avançou geograficamente, bem

como o crescimento da igreja. O livro de Atos conta a história à medida que a expansão envolve Jerusalém, Samaria e o leste do Mediterrâneo. Mas o evangelho também se propagava em outras regiões. A igreja de Etiópia identifica seus primórdios na conversão de um funcionário da corte etíope mediante o ministério do evangelista Felipe (At 8.26-39). A tradição atesta que o apóstolo Tomé pregou as boas-novas no Oriente, chegando até a Índia.

Quando, no século 16, sacerdotes europeus chegaram ao sul da Índia para lá introduzir o evangelho, surpreenderam-se quando lhes disseram que um missionário mais famoso, o apóstolo Tomé,

os havia precedido.

Uma cabeça de ponte para o evangelho na Europa foi

estabelecida durante a segunda viagem missionária do apóstolo Paulo. Acompanhado por Silas, Paulo empreendeu essa missão em

resposta a um convite que aconteceu durante uma visão noturna, conforme registrado em Atos 16.6-15. Ao que parece, a essa altura (c. 49–52 d.C.) a igreja de Roma já havia sido fundada. Antes de 58

d.C., Paulo escreveu uma carta a essa bem-estabelecida igreja. Uma das razões da carta era o desejo do apóstolo de usar a igreja de Roma como base missionária para expandir a pregação do

evangelho no Ocidente.

Na história da igreja ocidental, Roma ocupa posição signi cativa.

As guras mais destacadas associadas à igreja romana antes de Niceia (excluindo-se Pedro e Paulo) foram Hipólito (c. 170–235

d.C.), discípulo de Irineu, e Novaciano (c. 200–258 d.C.). Ambos entraram em contato com bispos romanos — Hipólito sobre a doutrina da Trindade, e ambos sobre como lidar com pecados graves cometidos depois do batismo. Em consequência desses contatos, ambos estabeleceram igrejas rivais. A igreja de Hipólito desfrutou apenas vida breve. Mas a igreja fundada por Novaciano, embora tenha por vezes sofrido severa perseguição, durou até o século 6. Novaciano defendeu vigorosamente a fé ortodoxa.

Todavia, não aparecem aqui excertos de seus textos sobreviventes por não se prestarem à leitura devocional.

Roma foi importante. Por muitos anos, contudo, o centro de gravidade teológico da igreja ocidental estava alhures, isto é, no Norte da África (Cartago e Hipona) e, em menor escala, na Gália, sob a liderança de Irineu († c. 202 d.C.). Cartago, integrada ao Império Romano por vias violentas no m da Terceira Guerra Púnica (146 a.C.), foi a casa de Tertuliano e Cipriano, duas guras que se destacaram acima dos bispos de Roma contemporâneos. A

proeminência do Norte da África continuaria na pessoa de Agostinho de Hipona (a moderna Bizerte, na Tunísia). Embora Irineu tenha nascido e sido criado na parte oriental da Grécia, e tenha escrito em grego, não sendo portanto um pai da igreja latino, ele foi identificado com a igreja da Gália por mais de cinquenta anos. Por essa razão, está incluído aqui.

Infelizmente, as crescentes diferenças entre as igrejas do Ocidente latino e do Oriente grego acabariam, em 1054, provocando uma ruptura formal (o Grande Cisma) que ainda precisa ser sanada.

Nesta seção aparecem seleções provenientes de Irineu, Hipólito de Roma, Tertuliano e Cipriano.

IRINEU

Muitos dos primeiros pais da igreja combateram erros doutrinários que ameaçavam o cristianismo. Dada a infância da fé cristã e a fermentação religiosa e losó ca que caracterizavam o mundo greco-romano, as ameaças não surpreendem. Ninguém mais do que Irineu de Lyon († c.

202 d.C.) tem direito à nossa gratidão por sua brilhante defesa da fé. Ele foi um homem que não reivindicou para si nenhuma “exibição de retórica ou excelência de redação” (*Contra as heresias*, livro 1, prefácio), mas que mesmo assim ocupará a cadeira de gigante doutrinário quando tiver início o banquete do Cordeiro. Ele estabeleceu um sólido alicerce para a fé ortodoxa posterior. Sobre sua vida, pouco sabemos. Nasceu provavelmente em uma das províncias marítimas da Ásia Menor, por volta de 135 d.C. Irineu diz que, na juventude, viu Policarpo de Esmirna († 155 d.C.). Policarpo havia sido instruído por alguns dos apóstolos e se convertido junto de muitos que viram o Cristo (*Contra as heresias*, livro 3, cap. 3, seção 4)

Por volta de 170 d.C., Irineu foi para a Gália céltica (correspondendo aproximadamente à França e à Bélgica dos dias de hoje) e xou-se numa comunidade cristã de Lyon, centro da comunidade cristã da

Gália.

Tornou-se presbítero (sacerdote) e, em 177 ou 178, foi designado pelo clero local para entregar uma carta ao bispo de Roma denunciando os erros de Montano (o montanismo surgiu em 156 ou 157). Muitos integrantes do clero da Gália estavam encarcerados por causa de seu testemunho cristão (detalhado em “A carta das igrejas de Viena e Lugdunum [Lyon] às igrejas da Ásia e da Frígia” ou “Pseudo-Irineu”

[178 d.C.], em *Relíquias do segundo e terceiro séculos*). Durante sua estada em Roma, Irineu detectou outras heresias, como, por exemplo, o gnosticismo, uma séria ameaça à igreja. Foi uma constatação chocante que o impeliu a escrever *Contra as heresias*. Ao voltar para casa, Irineu

descobriu que Plotino, bispo de Lyon que Policarpo havia enviado para estabelecer a missão cristã na Gália, fora martirizado durante a perseguição decretada por Marco Aurélio (r. 161–180 d.C.). Irineu tornou-se o novo bispo.

Em seu bispado, trabalhou como pastor e, como missionário para os celtas que moravam na região e como autor prolíco em defesa da fé.

Temos duas de suas obras e inúmeros fragmentos. A primeira é *Contra as heresias* (*Adversus haereses*, em cinco volumes). Nessa obra ele mostra por que nunca se deve confundir o gnosticismo com a fé cristã. De forma sistemática, examina e refuta mitos gnósticos e mostra como os gnósticos se apropriam erroneamente de Cristo e da doutrina cristã, incorporando-os às suas invenções mitológicas. Irineu também examina outras heresias que ameaçavam a igreja. Sua segunda obra, *Exposição ou prova do ensinamento apostólico*, cou perdida até ser descoberta em 1904.

Seu objetivo é alimentar a fé dos cristãos.

Irineu atuou como pacificador numa controvérsia sobre a data correta da celebração da Páscoa, o que poderia provocar uma ruptura entre o bispo de Roma e as igrejas da Ásia Menor. A ele devemos a normalização da tradição do evangelho quadruplicado do Novo Testamento, uma clara e precisa declaração da plena humanidade do Senhor e de seu papel na salvação, uma explanação da santificação como *theosis* (tornar-se semelhante a Deus) e uma firme declaração da divindade de Cristo. Destaca-se em seus ensinamentos a doutrina de que Jesus era tão inteiramente humano, bem como divino, que ele podia

“recapitular”, ou seja, restaurar a humanidade decaída levando uma vida de irrepreensível delidade a Deus. O Cristo encarnado fez bem feito o que Adão fez mal feito. Irineu ecoou aquilo que o apóstolo Paulo ensinou em Romanos, Efésios e outras epístolas. É possível que tenha morrido como mártir por volta do ano 202 d.C.

96

A igreja, embora dispersa por todo o mundo, até os con ns da terra, recebeu dos apóstolos e seus discípulos esta fé: Ela acredita em um único Deus, o Pai Todo-poderoso, Criador dos céus, da terra, do mar e de todas as coisas que neles há; e em um único Cristo Jesus, o Filho de Deus, que encarnou para nossa salvação; e no Espírito Santo, que proclamou por meio dos profetas as dispensações de Deus, o advento de Cristo, seu nascimento de uma virgem, sua paixão, sua ressurreição dos mortos e sua ascensão ao céu; e na humanidade do amado Cristo Jesus, nosso Senhor, e sua futura manifestação do céu na glória do Pai “para reunir todas as coisas” e ressuscitar toda carne de toda a espécie humana a m de que para Cristo Jesus, nosso Senhor e Deus, Salvador e Rei, pela vontade do Pai “todo joelho se dobre, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse” a ele, e a m de que ele execute um justo julgamento para todos.

Irineu, *Contra as heresias*, livro 1, cap. 10, seção 1

Pai bondoso, nós oramos por tua santa igreja católica. Enche-a de toda a verdade, em toda a verdade, com toda a paz. Onde ela está corrompida, puri ca-a; onde está em erro, dirige-a; onde em qualquer aspecto está defeituosa, reforma-a. Onde está certa, fortalece-a; onde está de ciente, abastece-a; onde está dividida, reúne-a; em favor de Jesus Cristo, teu Filho e nosso Salvador. Amém.

“Pela Igreja”, Orações e ações de graça, LOC

PARA REFLETIR: Ef 1.15-23; 4.1-16; **Fp 2.1-11**; 1Tm 3.1-16; Hb 12.22-23; Tg 2.1-13

97

(Irineu adverte contra as cções dos arrogantes hereges.) É, portanto, melhor e mais proveitoso pertencer à classe simples e iletrada, e por meio do amor conseguir aproximar-se de Deus, do que, imaginando-nos eruditos e habilidosos, sermos encontrados entre os que blasfemam contra Deus. Estes invocam outro Deus em vez do Deus, o Pai. Por essa razão Paulo disse: “O

conhecimento traz orgulho, enquanto o amor fortalece”. A intenção dele não foi falar contra o verdadeiro conhecimento de Deus, pois se assim fosse Paulo estaria acusando a si mesmo; mas ele sabia que algumas pessoas, inchadas por um suposto conhecimento, afastam-se do Deus amoroso. Elas se imaginam perfeitas. É por isso que apresentam um Criador imperfeito. Foi para censurar esse orgulho que Paulo afirmou: “O conhecimento traz orgulho”. É, portanto, melhor não ter absolutamente nenhum conhecimento sobre a razão da existência de determinada coisa e ainda assim acreditar em Deus e continuar em seu amor, do que se orgulhar de um conhecimento errado e afastar-se do amor de Deus, que é nossa vida. Melhor seria para nós não irmos em busca de nenhum conhecimento que não seja o conhecimento de Jesus Cristo, o Filho de Deus, que foi crucificado por nós, do que, mediante sutis e cavilosas especulações, descambarmos para a impiedade.

Irineu, *Contra as heresias*, livro 2, cap. 26, seção 1

Jesus nos chama: Por tua bondade,

Que nós te ouçamos, Salvador;

Dá ao nosso coração te obedecer,

E te amar e servir com ardor.

Cecil F. Alexander (1818–1895), Hinário

PARA REFLETIR: Dt 13.1-18; At 15.24; **1Co 8.1**; 2Co 11.1-4; Gl 1.6-12; Tt 3.10-11; 2Jo 1.10-11; Jd 1.3-16

98

(Irineu adverte contra deixar-se consumir por especulações infindáveis.) O apóstolo Paulo disse que, quando outras coisas houverem deixado de existir, estas três, “fé, esperança e amor”, persistirão. Pois a fé, que se devota ao nosso Mestre, permanece imutável, assegurando-nos que existe apenas um verdadeiro Deus e que devemos verdadeiramente amá-lo para sempre, sabendo que só ele é nosso Pai. Sempre esperamos receber cada vez mais de Deus e aprender dele porque ele é bom e possui riquezas infindas, um reino sem fim, e instrução inexaurível. Se, portanto, deixarmos algumas questões nas mãos de Deus, preservaremos nossa fé intacta e seguiremos adiante sem perigos. Então toda a Escritura, que nos foi dada por Deus, será considerada harmoniosa. Em meio às numerosas e diversas afirmações da Escritura, soará dentro de nós uma única harmoniosa melodia,

louvando com hinos o Deus que criou todas as coisas.

Irineu, *Contra as heresias*, livro 2, cap. 28, seção 3

Deus Todo-poderoso, que concedes uma só vontade à mente dos éis, concede que teu povo ame o que ordenas e deseje o que prometes, para que entre as diversas e múltiplas mudanças do mundo nosso coração se xe lá onde se encontram as verdadeiras alegrias, por Cristo, nosso Senhor. Amém.

“Quarto domingo depois da Páscoa”, Coleta, LOC da

Escócia (1637)

PARA REFLETIR: Rm 11.33-36; 14.18-23; **1Co 13.8-13**; 1Tm 3.16

99

(Irineu mira as especulações intermináveis dos gnósticos; suas palavras, contudo, também se destinam a cristãos na era da ciência.) Aprendemos das Escrituras que Deus tem supremacia sobre todas as coisas. Mas quando e como ele criou o mundo, nem as Escrituras declaram em parte alguma, nem nos convém especular para evitar que, com base em nossas opiniões, formemos conjecturas intermináveis sobre Deus. Deixemos esse conhecimento nas mãos dele.

Enquanto estamos sobre a terra, nós “em parte conhecemos, e em parte profetizamos”.

Portanto, porque só conhecemos em parte, devemos deixar todo tipo de questões difíceis nas mãos daquele que derrama sua graça sobre todos nós.

Irineu, *Contra as heresias*, livro 2, cap. 28, seção 7

Teus caminhos, Senhor, por um sábio previstos,

Traçados em teu trono superior,

Mostram que cada linha escura e curva

Converge para o centro: o teu amor.

Com pouca luz, na semiescuridão,

Assim veem teus planos os pobres mortais,

Não sabendo que são todos seguros;

Misteriosos, mas justos e leais.

Con ante, humilde, minh'alma só quer

Sua razão a teus pés depositar;

Míope demais para ver teus segredos,

Con o que tu, só tu, vais me guiar.

Ambrose Searle (1742–1812), Hinário

PARA REFLETIR: Gn 11.8; Dt 19.29; Sl 81; **1Co** 2.10; 12.4-6; **13.9**;
1Tm 1.5-7; 6.20-21; 2Tm 2.14-21; Tt 3.8-11

100

Não é possível elencar as numerosas dádivas que a igreja, espalhada por todo o mundo, recebeu de Deus no nome de Jesus Cristo, que foi crucificado sob Pôncio Pilatos. Essas dádivas a igreja administra diariamente em prol da humanidade. Ela não pratica fraudes nem cobra taxas. De bom grado ela recebeu de Deus; de bom grado ministra.

Tampouco faz ela algo por meio de invocações angélicas, por encantamentos, ou por quaisquer outras artes ímpias, excêntricas. Mas, dirigindo suas orações ao Senhor que fez todas as coisas, em espírito puro, sincero e direto, e invocando o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, a igreja se habituou a operar milagres em benefício da humanidade, e não para induzir alguém ao erro.

Irineu, *Contra as heresias*, livro 2, cap. 32, seções 4-5

Senhor, nós te pedimos que mantendas tua igreja e tua família continuamente em tua verdadeira religião, a fim de que os que só em ti depositam a esperança de tua graça celestial sejam sempre defendidos por teu imenso poder; por Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

“Quinto domingo depois da Epifania”, Coleta, LOC

da Escócia (1637)

PARA REFLETIR: Dn 2.21-23; Mt 11.28; Jo 6.27; 16.23-24; 17.22; At 8.9,18; Rm 5.16-18; 12.6-8; 1Co 12.4-11; Ef 4.7-8

(Irineu aconselha a que não nos desviemos do ensinamento dos apóstolos.) Aprendemos sobre o plano de nossa salvação simplesmente daqueles por meio dos quais o evangelho nos foi transmitido, e isso eles zeram antes proclamando-o em público e, em período posterior, pela vontade de Deus, passando-o para nós nas Escrituras para ser o fundamento e o pilar de nossa fé. Depois que nosso Senhor ressuscitou dos mortos, os apóstolos foram investidos com poder do alto quando o Espírito Santo desceu sobre eles, que foram repletos com seus dons e tiveram perfeito conhecimento do evangelho. Partiram rumo aos confins da terra, pregando a boa-nova das coisas boas que Deus nos enviou e proclamando a paz do céu à humanidade.

Irineu, *Contra as heresias*, livro 3, cap. 1, seção 1

Por todos os santos, que já descansaram,

Que a ti, na fé, ante o mundo confessaram,

Sempre seja bendito o nome de Jesus;

Aleluia.

Tu foste a Rocha, a Fortaleza e seu Poder,

Tu, Senhor, seu Capitão na luta a vencer,

Tu, nas trevas mais densas, a Luz da luz;

Aleluia.

Que teus soldados, éis, leais e amigos,

Lutem como lutaram santos antigos

E ganhem a coroa da vitória;

Aleluia.

William Walsham How (1823–1897), Hinário

PARA REFLETIR: Mt 28.16-20; 1Co 3.3-23; 1Pe 5.4-11; 2Pe 1.15-21; 2Jo 1.5-9; Jd 1.17-25

Os apóstolos ensinaram aos gentios que deviam abandonar o culto prestado a inúteis pedaços de madeira e de pedra, tidos por eles como deuses, e adorar o Deus verdadeiro, que criou toda a família humana.

Por meio da criação Deus alimentou, aumentou, fortaleceu e preservou os seres humanos para que eles pudessem procurar seu Filho, Jesus Cristo. Com seu próprio sangue ele nos redimiou da apostasia para que fôssemos um povo santi cado. Um dia ele descerá do céu com o poder de seu Pai e julgará a todos. Distribuirá generosamente as coisas boas de Deus entre os que guardaram seus mandamentos. Ele, a Pedra Angular, aparecendo nestes últimos tempos, reuniu e uni cou os que estavam distantes e os que estavam perto.

Irineu, *Contra as heresias*, livro 3, cap. 5, seção 3

Por isso eu também clamo a ti, Senhor Deus de Abraão, Isaque e Jacó, e do teu povo Israel, a ti que és o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Deus que, pela abundância de tua misericórdia, mostrou bondade para conosco, a mim de que conhecêssemos a ti, que zeste os céus e a terra, que governas sobre todas as coisas, que és o único Deus verdadeiro, acima de quem não existe outro Deus; concede-nos, por nosso Senhor Jesus Cristo, o poder de governar do Espírito Santo. Dá a cada leitor deste livro a oportunidade de te conhecer, de saber que só tu és Deus, de ser fortalecido em ti e de evitar toda doutrina herética, ateia e ímpia. Amém.

Irineu, *Contra as heresias*, livro 3, cap. 6, seção 4

PARA REFLETIR: Ef 2.17; Cl 3.1-17; 1Ts 4.1-17; 2Ts 1.7—2.3

103

A Palavra, que no início estava com Deus, por quem todas as coisas foram feitas, que também esteve sempre presente com a humanidade, foi, nestes últimos dias, segundo o tempo indicado pelo Pai, unida à sua própria obra. Tornou-se homem sujeito ao sofrimento. O Filho de Deus não passou a existir então, pois estava com o Pai desde o início; mas, quando se encarnou e se fez homem, ele resumiu em si mesmo, como um segundo Adão, a longa linhagem de seres humanos e, de maneira breve e abrangente, nos forneceu a salvação. O que havíamos perdido em Adão — isto é, nossa formação à imagem e semelhança de Deus —

isso nós recuperamos em Cristo Jesus.

Irineu, *Contra as Heresias*, livro 3, cap. 18, seção 1

Deus Todo-poderoso, que nos deste teu Filho unigênito para ele assumir nossa natureza e neste dia nascer de uma virgem pura, concede-nos que, sendo regenerados e feitos lhos teus por adoção e graça, nós sejamos diariamente renovados por teu Santo Espírito, pelo mesmo nosso Senhor Jesus Cristo, que vive e reina contigo e com o Espírito Santo, agora e para sempre. Amém.

“Dia do Natal”, Coleta, LOC da Escócia (1637)

PARA REFLETIR: Jo 1.1-3; Rm 1.1-6,18-32; 5.1-21; 1Co 15.47; Ef 1.3-14

104

Como não era possível que o homem, que de uma vez por todas havia sido conquistado pelo pecado e destruído por sua desobediência, pudesse restaurar a si mesmo e obter o preço da vitória; e como também fosse impossível que aquele que havia caído sob o poder do pecado chegasse à salvação, o Filho assim realizou essas duas façanhas, sendo ele a Palavra de Deus, descendendo do Pai, assumindo a encarnação, humilhando-se até a morte, consumando o plano concebido para nossa salvação.

Irineu, *Contra as heresias*, livro 3, cap. 18, seção 2

Deus Todo-poderoso, que deste teu Filho unigênito para que fosse para nós tanto um sacrifício quanto um exemplo de vida piedosa, dá-nos a graça de sempre recebermos, com a máxima gratidão, aquele seu inestimável benefício e também de nos esforçarmos diariamente para seguir os abençoados passos de sua santíssima vida por intermédio do mesmo Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

“Segundo domingo depois da Páscoa”, Coleta, LOC

da Escócia (1637)

PARA REFLETIR: Jo 10.17-18; Rm 10.6-7; 10.9; 14.9; 1Co 1.23; Gl 3.22-29; Ef 1.8-12

105

Se Cristo só pareceu sofrer, mas não sofreu de verdade, então, quando nós sofrermos, parecerá que ele nos iludiu. Ele nos exortou a suportar o sofrimento e a oferecer a outra face. Se ele só pareceu sofrer, nós estaríamos acima do Mestre, porque de fato sofremos. Aguentaríamos o que nosso Mestre nunca sofreu ou suportou. Mas, sendo que nosso

Senhor é, só ele, nosso Mestre de verdade, assim também o Filho de Deus é de verdade bom e paciente, a Palavra de Deus, o Pai, tendo-se de verdade tornado Filho do Homem. Ele lutou e conquistou, pois foi homem que combateu pelos nossos pais e, mediante a obediência, eliminou a desobediência por inteiro. Ele dotou a obra de suas próprias mãos com a salvação mediante a destruição do pecado. Pois é um Senhor santíssimo e misericordioso e ama a raça humana.

Irineu, *Contra as heresias*, livro 3, cap. 18, seção 6

Ó Deus Todo-poderoso, concede-nos a fonte da regeneração e a vestimenta da incorruptibilidade, que é a vida verdadeira. Livra-nos da impiedade, não dê vantagem ao adversário contra nós e purifica-nos de toda sujeira da carne e do espírito. Mora em nós por teu Cristo, abençoa-nos quando sairmos e quando chegarmos e ordena nossas atividades para nosso bem e para tua glória. Faz-nos partícipes dos teus divinos mistérios por meio de Cristo, que é nossa esperança, que morreu por nós, por quem glória e adoração sejam dadas a ti no Espírito Santo para sempre. Amém.

Liturgia clementina (final do séc. 4), em *Constituições dos santos apóstolos*, livro 8, seção 2.6

PARA REFLETIR: Mt 5.13,39; 12.29; 26.45; 27.45-50; Mc 15.34; Fp 2.7; Hb 2.9; 4.15; 12.2-3; 1Pe 1.11; 2.21-23

106

(Irineu mostra a necessidade da plena humanidade e plena

divindade de Cristo.) O Senhor santíssimo e misericordioso fez a natureza humana dividir-se para uni car-se com Deus. Se como homem a Palavra encarnada não tivesse vencido o inimigo do homem, o inimigo não teria sido legitimamente derrotado. E se Deus não nos tivesse voluntariamente dado a salvação, nós nunca poderíamos tê-la com segurança. E se os homens não tivessem se unido com Deus, nós nunca poderíamos nos ter tornado partícipes da incorruptibilidade. Pois coube ao Mediador entre Deus e a humanidade, por seu relacionamento com ambas as partes, criar amizade e harmonia entre Deus e o homem. Cristo apresentou o homem a Deus e revelou Deus ao homem. Pois como poderíamos ter sido adotados como filhos de Deus se não tivéssemos recebido dele, mediante seu Filho, a comunhão que nos une a Deus?

Isso não poderia ter acontecido se a Palavra de Deus, tendo-se feito carne, não houvesse estabelecido uma comunhão conosco.

Irineu, *Contra as heresias*, livro 3, cap. 18, seção 7

Ó nascimento que é sempre bendito,

Quando a virgem, cheia de graça,

Pelo Espírito Santo concebendo,

Gerou o Senhor da raça,

E o Menino, o Redentor deste mundo,

Nos mostrou sua sagrada face,

Sempre com seu amor profundo!

Aurélio Clemente Prudêncio (348–410 d.C.), da trad. de

John M. Neale (1854) e Henry W. Baker (1859), Hinário

PARA REFLETIR: Dt 32.4; Rm 5.11-19; Ef 1.3-12; Fp 2.6-8

107

Convinha àquele que estava fadado a destruir o pecado e resgatar a humanidade do poder da morte que ele próprio fosse transformado naquela mesma coisa, isto é, em homem, que fora arrastado pelo pecado à escravidão e era prisioneiro da morte. O pecado tinha de ser destruído pelo homem [o Cristo encarnado] para que a humanidade pudesse ser liberta da morte. Como pela desobediência do único homem que foi originalmente moldado da terra virgem os muitos outros homens se tornaram pecadores e perderam o direito à vida, assim também era necessário que pela obediência de um único homem que originalmente nasceu de uma virgem muitos outros fossem justificados e recebessem a salvação. Assim, a Palavra de Deus se fez homem. Se ele falsamente aparentasse ser humano, então sua obra não seria verdadeira. Mas o que ele parecia ser, isso ele era. Deus resumiu em si mesmo a antiga formação do homem, para poder destruir o pecado, privar a morte de seu poder e dar vida à humanidade. Portanto, suas obras são verdadeiras.

Irineu, *Contra as heresias*, livro 3, cap. 18, seção 7

Agora, àquele que é capaz de nos trazer todos para seu reino eterno, por sua graça e bondade, por meio de seu Filho unigênito Jesus Cristo, a ele sejam a glória, a honra, o poder e a majestade para sempre. Amém.

PARA REFLETIR: Mt 20.22; 26.39; Mc 10.38; Rm 5.19; Hb 2.4—3.1

108

O verdadeiro conhecimento, portanto, consiste no entendimento de Cristo, que Paulo denomina a sabedoria de Deus escondida em mistério, que “o homem natural não aceita”. É a doutrina da cruz, que se alguma pessoa “provar”, ele ou ela passará a rejeitar as discussões e ninharias dos orgulhosos e empertigados que se intrometem em coisas sobre as quais nada entendem. A sabedoria de Deus não é reservada: “A mensagem está bem perto; está em seus lábios e em seu coração”. A sabedoria de Deus é fácil de compreender para todos os que estão dispostos a obedecer.

Irineu, Fragmentos dos escritos perdidos de Irineu, no 36

Deus, a força de todos os que con am em ti, acolhe com tua misericórdia nossas orações; e, porque a fraqueza de nossa natureza mortal nada pode fazer de bom sem ti, concede-nos o auxílio de tua graça, a m de que, observando teus mandamentos, agrademos a ti tanto em vontade quanto em atos; por Jesus Cristo, nosso Senhor.

Amém.

“Primeiro domingo depois da Trindade”, Coleta, LOC da

Escócia (1637)

PARA REFLETIR: Dt 30.14; Rm 10.1-17; 1Co 2.14; Cl 2.18; 1Tm 6.4-5; 1Pe 2.3

109

A sabedoria de Deus nos tornará semelhantes a Cristo se experimentarmos “o poder de sua ressurreição e a participação de seus sofrimentos”. Pois esta é a essência dos ensinamentos dos apóstolos e a mais santa “fé que nos foi con ada”, que até mesmo os incultos conseguem compreender e os de pouco conhecimento conseguem ensinar a outros. Não damos atenção a “genealogias intermináveis”; antes, procuramos levar uma vida honesta, para evitar que, privados do Divino Espírito, deixemos de alcançar o reino dos céus. Por certo, a coisa mais importante é dizer não a si mesmo e seguir a Cristo. Os que assim fazem avançam rumo à perfeição, tendo cumprido a vontade do Mestre. Eles se tornam lhos de Deus pela regeneração espiritual e

herdeiros do reino dos céus. Os que buscam o reino dos céus nunca serão abandonados.

Irineu, *Fragmentos dos escritos perdidos de Irineu*, no 36

Vem, Espírito Santo, vem!

De tua casa celeste vem

Tua luz divina derramar!

Vem, tu que és o Pai do pobre!

Vem, Fonte de tudo o que é nobre!

Vem em nosso peito brilhar!

Autor desconhecido (séc. 12), da trad.

de Edward Caswall (1849), Hinário

PARA REFLETIR: 1Co 1.11-31; Fp 3.6-16; 1Tm 1.4; Hb 2.1-3; **Jd 1.3**

110

Quem está familiarizado com os ensinamentos dos apóstolos sabe que o Senhor instituiu uma nova oblação [oferta] na nova aliança. João declara em Apocalipse que o incenso “são as orações dos santos”. Paulo nos exorta dizendo que apresentemos o nosso corpo “por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o culto racional de vocês”. E de novo:

“ofereçamos um sacrifício constante de louvor a Deus, o fruto dos lábios que proclamam seu nome”. Essas novas oblações não estão de acordo com a lei; estão de acordo com o Espírito, porque devemos prestar culto a Deus “em espírito e em verdade”.

Irineu, *Fragmentos dos escritos perdidos de Irineu*, no 37

Ó Deus real, que és do poder Senhor,

Que o tempo em fases mudas com rigor,

Mandando a luz matinal que irradia

E o grande fulgor dum perfeito dia;

*Extingue todo ardor pecaminoso,
Afasta todo desejo maldoso,
Mantendo nosso corpo todo intato,
Em nossa alma derrama paz e acato.*

*Ó Pai, que o que pedimos seja feito
Por Jesus Cristo, teu Filho perfeito,
Que contigo e o Santo Espírito ardente
Reinando há de viver eternamente.*

Ambrósio (340–397 d.C.), da trad. de
John M. Neale (1852), Hinário

PARA REFLETIR: Jo 4.19-26; Rm 12.1-2; Hb 13.7-16; Ap 5.8-10

111

As Escrituras reconhecem em relação a Cristo que, sendo ele o Filho do Homem, não é portanto meramente um homem; sendo ele carne, é também espírito e a Palavra de Deus e Deus. E, tendo nascido de Maria nos últimos tempos, assim também ele procedeu de Deus como o Primogênito de todas as criaturas; e, tendo ele passado fome, assim também saciou a fome de outros; e, tendo sentido sede, também outrora deu de beber aos judeus, pois a “Rocha era Cristo” em pessoa. Jesus agora confere a quem nele crê poder para beber das águas espirituais que jorram para a vida eterna.

Irineu, *Fragmentos dos escritos perdidos de Irineu*, no 52

Somos, vivemos, andamos em ti, Criador;

Glória, poder, louvor a ti por teu amor.

Reúnam-se todos os anjos nas alturas,

E alegres respondam da terra as criaturas.

Encarnada deidade, a raça redimida

Para sempre agradece a graça recebida;

Dizem os céus que a graça ao pecador te mostrou

E clamam: “O Cordeiro de Deus nos salvou!”.

Espírito dos santos, deles é o dever

De adorar tua força e inovante poder;

Ninguém do teu amor conhece a profundeza,

Nem o indizível prazer de tua santa beleza.

Charles Wesley (1707–1788), Hinário

PARA REFLETIR: Jo 4.14; 8.52-59; 20.22; **1Co 10.4**; 2Co 13.4; Ef 4.9-10; 1Jo 1.1-2; **Ap 1.8-18**; 5.13-14; **7.10**

112

A Lei, os Profetas e os Evangelhos declararam que Cristo nasceu de uma virgem e sofreu na cruz, foi também ressuscitado dos mortos e levado ao céu; que ele foi glorificado e reina para sempre. Ele é o Homem entre os homens, Filho no Pai, Deus em Deus, Rei para toda a eternidade. Foi vendido com José, e guiou Abraão; foi amarrado com Isaque, e andou errante com Jacó; com Moisés ele foi Líder e, em relação ao povo, Legislador. Ele pregou nos profetas, encarnou-se na virgem, foi parido em Belém e recebido por João e batizado no Jordão; foi tentado no deserto e comprovado Senhor. Reuniu os apóstolos e pregou o reino dos céus, deu luz aos cegos e ressuscitou os mortos, foi visto no templo, mas não foi considerado digno de crédito pelo povo; foi preso pelos sacerdotes, conduzido à presença de Herodes e condenado perante Pilatos; manifestou-se no corpo, foi suspenso no madeiro e foi ressuscitado dos mortos; foi mostrado aos apóstolos e, tendo sido levado ao céu, senta-se à direita do Pai e é por ele glorificado como a Ressurreição dos mortos — ele é Jesus Cristo, nosso Salvador.

Irineu, *Fragmentos dos escritos perdidos de Irineu*, no 54

Deus Todo-poderoso, tu derramaste sobre nós a nova luz de tua Palavra encarnada; concede-nos que essa luz, acesa em nosso coração, brilhe em nossa vida, por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor, que vive e reina contigo, na unidade do Espírito Santo, um só Deus, agora e para sempre. Amém.

“Primeiro domingo depois do Natal”, Coletas:

contemporâneas, LOC

PARA REFLETIR: Mt 1.18-23; Lc 1.26-38; 4.1-13; Jo 8.12; 12.46-50; 20.1-31; 1Co 10.1-4; 1Tm 2.3-6; Tt 3.3-7

113

Durante o processo de crescimento, ninguém espera maturidade ou completo desenvolvimento de uvas ou gos prematuros. Qualquer um pode ver que a fruta, embora parcialmente madura, ainda é um pouco imperfeita. Nem por isso o vinhateiro despreza a uva imatura considerando-a inútil. Ele simplesmente a colhe com prazer por ter aparecido cedo em sua época. Tampouco ele pergunta se a uva prematura tem um dulçor perfeito. Não, de imediato sente satisfação ao pensar que essa uva apareceu antes do restante da safra. De igual modo, quando Deus vê éis dotados de sabedoria, embora imperfeita, e tendo apenas um pequeno grau de fé, ele releva os defeitos deles; não os rejeita. Não, pelo contrário, em sua bondade ele os acolhe e os aceita com alegria como frutos prematuros e honra os éis como virtuosos.

Releva a imperfeição como algo típico do vinho extraído das uvas antes da prensagem da safra madura. Ele aprecia muito os frutos imperfeitos.

Irineu, *Fragmentos dos escritos perdidos de Irineu*, no 55

Ó Deus, que maravilhosamente criaste e de modo ainda mais maravilhoso restauraste a dignidade da natureza humana, concede-nos que compartilhemos da vida divina daquele que se humilhou para participar de nossa humanidade, teu Filho Jesus Cristo, que vive e reina contigo, na unidade do Espírito Santo, um só Deus, para todo o sempre. Amém.

“Segundo domingo depois do Natal”, Coletas:

contemporâneas, LOC

PARA REFLETIR: Mt 5.13-16, 45; 6.9-15; Lc 12.31-32; Jo 15.1-16; Rm 14.3-4,17-23

114

(Irineu discute o caráter trinitário da salvação.)

A regeneração passa por estas três fases: Deus, o Pai, nos concede a regeneração mediante seu Filho pelo Espírito Santo. Pois todos os que

são guiados pelo Espírito de Deus são guiados para a Palavra, isto é, para o Filho; e o Filho os traz para o Pai; e o Pai lhes confere a incorruptibilidade. Sem o Espírito não é possível contemplar a Palavra de Deus; tampouco sem o Filho pode alguém se aproximar do Pai. Pois o conhecimento do Pai é o Filho, e o conhecimento do Filho de Deus vem pelo Espírito Santo; e, em conformidade com o beneplácito do Pai, o Filho ministra e dispensa o Espírito a qualquer pessoa que o Pai e ele quiserem.

Irineu, *A demonstração da pregação apostólica*, § 5

Deus Todo-poderoso e eterno, a nós, teus servos, tu concedeste, mediante a consensão da verdadeira fé, a graça de reconhecer a glória da eterna Trindade e, no poder de tua divina Majestade, adorar a Unidade; mantém-nos firmes nessa fé e adoração, e finalmente leva-nos, ó Pai, a contemplar-te em tua única e eterna glória; tu que com o Filho e o Espírito Santo vives e reinas, um só Deus, para todo o sempre. Amém.

“Primeiro domingo depois de Pentecostes”, Coletas:

contemporâneas, LOC

PARA REFLETIR: Mt 12.28; 28.19; Lc 1.25; 3.22; Jo 1.32; 14.16-26; At 1.2-5; 2Co 1.21-22; 3.17; 13.14; Gl 4.4-5

115

Deus, o Pai, foi muito misericordioso. Ele nos enviou sua criativa Palavra, que, vindo para nos libertar, veio exatamente para o lugar e o ponto onde nós havíamos morrido. Ele rompeu nossas cadeias. Sua luz apareceu e fez desaparecer as trevas de nossa prisão. Ele santificou nosso nascimento e destruiu a morte. Manifestou nossa ressurreição ao tornar-se o Primogênito dos mortos. Levantou os caídos e nos fez subir ao céu, para a mão direita da glória do Pai.

Irineu, *A demonstração da pregação apostólica*, § 38

Ó Deus, cujo abençoado Filho veio ao mundo para poder destruir as obras do diabo e tornar-nos filhos de Deus e herdeiros da vida eterna, concede-nos que, alimentando essa esperança, nós nos purifiquemos e sejamos puros como ele, para que, vindo ele novamente com poder e grande glória, nós a ele nos assemelhemos em seu eterno e glorioso reino, onde ele vive e reina contigo e com o Espírito Santo, um só Deus, para todo o sempre. Amém.

“Próprio 27”, Coletas: contemporâneas, LOC

PARA REFLETIR: Fp 2.5-10; Hb 4.14-16; 5.5-10; 10.7-23; Tg 5.11; 2Pe 3.9,15

116

(Irineu discute os apóstolos e sua mensagem.)

Tendo recebido o poder do Espírito Santo, os apóstolos foram enviados por Cristo para o mundo todo. Efetuaram o chamado dos gentios e mostraram à humanidade o caminho da vida. Afastaram as pessoas dos ídolos, da fornicação e da ganância, purificando-lhes a alma e o corpo pelo batismo da água e do Espírito Santo.

Comunicaram o Espírito Santo a todos os que creram; assim comandaram e estabeleceram igrejas. Por fé, amor e esperança, firmaram o que foi predito pelos profetas — o chamado dos gentios — de acordo com a misericórdia de Deus que a eles foi estendida. Mediante o ministério, trouxeram o evangelho à luz. Os gentios foram admitidos na promessa feita aos pais, isto é, que àqueles que cressem no amor do Senhor e permanecessem em santidade, retidão e paciente tolerância, o Deus de todos concederia vida eterna pela ressurreição dos mortos mediante aquele que morreu e ressurgiu, Jesus Cristo. A ele o Pai confiou o poder sobre todas as coisas existentes, as vivas e as mortas, e também o julgamento.

Irineu, *A demonstração da pregação apostólica*, § 54

Deus Todo-poderoso, tu edifica a tua igreja sobre o alicerce dos apóstolos e dos profetas, sendo o próprio Jesus a Pedra Angular; concede-nos que nos mantenhamos unidos em espírito por meio dos ensinamentos deles, a fim de que sejamos transformados em templo aceitável a ti; por Jesus Cristo, nosso Senhor, que vive e reina contigo e com o Espírito Santo, um só Deus, para todo o sempre. Amém.

“Próprio 8”, Coletas: contemporâneas, LOC

PARA REFLETIR: Rm 9.1—10.13; 1Co 4.9-13; 2Co 12.12; Ef 2.13-22; 2Pe 1.2-21

HIPÓLITO DE ROMA

As informações que temos sobre Hipólito se entrelaçam com lacunas em pontos críticos. Nasceu provavelmente entre 170 e 175 d.C. Sabemos que por volta de 212 ele estava em Roma como presbítero (sacerdote).

Referia-se a si mesmo como discípulo de Irineu. Não está claro se isso

de fato signi ca que Irineu foi seu professor ou se Hipólito se tornou discípulo dele lendo suas obras.

A natureza e extensão dos escritos de Hipólito revela um autor talentoso e com boa formação. Aproximadamente 35 obras lhe são atribuídas, algumas das quais ainda existem. Embora tenha vivido em Roma, assim como Irineu ele escreveu em grego num período em que o latim tomava o lugar do grego como língua da igreja de Roma. Sua *Refutação de todas as heresias* (dez volumes) demonstra grande familiaridade com os filósofos gregos e as heresias que envolveram a igreja antes de sua época. Como seu mestre, Hipólito tinha certeza de que a loso a era a mãe da heresia.

Hipólito mostra forte con ança nas Escrituras para a formação da teologia e a refutação de heresias. Distorções da doutrina cristã não teriam surgido, diz Hipólito, se os responsáveis por elas tivessem sido éis às Escrituras como um todo, não a passagens meticulosamente escolhidas que favorecem suas aberrantes doutrinas. Seu conselho nessa questão resistiu ao teste do tempo e chama nossa atenção na atualidade.

Seu resolutivo compromisso com a exegese correta, sua habilidade como apologista da fé, sua combinação de piedade e disciplina moral e seu zelo pela doutrina ortodoxa são os principais fatores pelos quais Hipólito foi e continua a ser um reverenciado pai da igreja. Um exemplo interessante de sua eminência é que, quando Orígenes visitou Roma em 212 d.C., ele foi assistir a uma palestra de Hipólito.

Hipólito entrou em colisão com Zeferino, o bispo de Roma, e com seu sucessor, Calisto. Os motivos foram provavelmente pessoais bem como doutrinários. Hipólito e os dois bispos tinham sérias discordâncias sobre a doutrina da Trindade e o sobre perdão de pecados graves cometidos após o batismo. Quando, em 217 d.C., Calisto se tornou bispo, Hipólito se recusou a reconhecê-lo. Essa decisão o levou a uma ruptura formal.

Hipólito não deixou de reagir : criou sua própria igreja, da qual se tornou o bispo. Bispos rivais de Roma, ou de papas, são chamados antipapas. A rivalidade entre as duas igrejas continuou por dezoito anos.

Em 235 d.C., o imperador Maximino Trácio instigou uma perseguição de cristãos e não fez nenhuma distinção entre os bispos e as igrejas rivais. Ordenou a captura e deportação de Hipólito e Ponciano, sucessor de Calisto, para a Sardenha, onde logo depois ambos

d.C.), supostamente como mártires. Antes de sua morte, Hipólito fez as pazes com Ponciano e a igreja romana, e recomendou que os membros de sua igreja adotassem sua reconciliação com Roma. Depois da morte de Ponciano e Hipólito, seus corpos foram trasladados para Roma e ali sepultados.

Ao contrário de Novaciano, Hipólito morreu em restaurada

comunhão com a igreja de Roma. Consequentemente, a Igreja Católica Romana reverencia Hipólito como santo e mártir. Em 1551, uma estátua de mármore de Hipólito sentado numa cadeira foi descoberta em Roma, perto da antiga Igreja de São Lourenço.

117

(Discutindo a fonte de heresias, Hipólito fornece conselhos atemporais para a igreja.) Sempre que os hereges procuram solapar a fé cristã, eles primeiro mutilam as Escrituras. Se as tratassem em sua totalidade, entenderiam sem errar por que a Bíblia foi escrita. Existe, irmãos, um só Deus, e o conhecimento dele nós só o conseguimos das Sagradas Escrituras e de nenhuma outra fonte. Pois assim como alguém que deseja ser habilitado na sabedoria deste mundo não conseguirá seu intento sem antes dominar o que ensinam os filósofos, também todos nós que desejamos praticar a crença cristã não poderemos aprender sua prática de qualquer outra fonte que não sejam os oráculos de Deus. Aquilo, portanto, que as Sagradas Escrituras declaram, isso é o que estudaremos; e o que quer que elas ensinem, isso é o que adoraremos; e o que o Pai quer que nós creiamos, é nisso que creremos; e como ele quer que o Espírito Santo nos seja concedido, assim é que o receberemos.

Hipólito, *Contra a heresia de um certo Noeto*, § 4, 9

Ó Cristo, Palavra encarnada,

Sabedoria das alturas,

Verdade eterna e imutável,

Luz nas horas mais escuras!

Louvamos teu facho de luz

Que emite a Escritura Sagrada;

Lanterna para nossos passos,

Brilhando vai, sempre amada.

William Walsham How (1823–1897),

Hinário

PARA REFLETIR: Jo 16.13-15; 17.1-8; Rm 10.9-13; 15.1-9; 16.24-27; 1Co 15.1-8; Gl 3.8-14; 1Pe 4.16; Ap 15.1-4

118

Creiamos, então, queridos irmãos, de acordo com a tradição dos apóstolos. Deus, a Palavra, desceu do céu e entrou na virgem santa Maria. Tomando dela a carne, assumindo também alma racional, humana, e tornando-se tudo o que é próprio do homem, com exceção do pecado, ele redime a humanidade decaída e confere imortalidade a todos os que creem em seu nome. Em tudo, portanto, a palavra da verdade nos é demonstrada, isto é, que o Pai é Um, cuja Palavra está presente com ele, e por ela ele fez todas as coisas, e nos últimos tempos o Pai também a enviou para a salvação da humanidade. Essa Palavra foi pregada pela Lei e os Profetas como sendo escolhida para vir ao mundo na encarnação. Tal como foi pregada, assim ela veio e se manifestou, como a nova humanidade feita pela Virgem e o Espírito Santo. Nesse sentido ela exibia a natureza divina do Pai e, tomando para si a humanidade por meio da Virgem, veio para o mundo, revelada como Deus em perfeita forma humana. Pois não foi em mera aparência, mas foi em verdade que a Palavra se tornou homem.

Hipólito, *Contra a heresia de um certo Noeto*, § 17

Ó Deus, que por meio do teu grande e inefável amor te dignaste assumir a fraqueza dos teus servos e nos deste no evangelho a vida eterna, preservando-nos na santificação do teu Espírito Santo. Tendo sido feitos santos, recebemos a participação e a herança com todos os teus santos que te agradaram desde o início do mundo. Nós vivemos à luz do teu semblante, pela misericórdia do teu Filho unigênito, nosso Senhor e Deus e Salvador Jesus Cristo. Com ele tu és abençoado, juntamente com teu sumamente santo, bom e vivi cante Espírito. Bendito e glorificado é teu sumamente precioso e glorioso nome, Pai, Filho e Espírito Santo, agora e para toda a eternidade. Amém.

A divina liturgia do santo apóstolo Tiago (c. 150-200 d.C.)

PARA REFLETIR: 1Ts 5.1-11; 2Tm 2.1-7; Tg 4.7-8; 1Jo 5.1-5; Jd 1.3-4

Embora, segundo a revelação, ele seja Deus encarnado, Jesus Cristo não recusa as condições da existência humana. Ele sente fome, fadiga e sede quando está exausto. Foge de quem quer matá-lo e ora nos momentos difíceis. Ele que como Deus tem uma natureza sempre alerta, todavia cochila sobre um travesseiro. Ele que veio para este mundo a fim de sofrer, todavia ora pedindo que lhe seja afastado o cálice do sofrimento.

Ele que fortalece quem nele crê, todavia na hora da agonia transpira sangue. E ele que sabia que tipo de pessoa era Judas, todavia foi por ele traído. Ele que julgará todo o mundo, todavia foi julgado por Caifás, considerado desprezível por Herodes e açoitado por Pilatos. Ele que com um aceno faz aparecer milhares de milhares e miríades de miríades de anjos e arcanjos, todavia foi escarnecido por soldados romanos. Ele que criou os céus, todavia é atado a uma cruz de madeira. Ele que disse, referindo-se à sua vida: “Ninguém a tira de mim, mas eu mesmo a dou; tenho autoridade para entregá-la e também para tomá-la de volta”, todavia inclina a cabeça e entrega seu espírito. Ele que a todos dá vida em abundância, todavia tem seu lado trespassado por uma lança. Ele que ressuscita os mortos, todavia é envolto num lençol de linho e colocado num sepulcro. E ele que, embora sendo ele mesmo a Ressurreição e a Vida, no terceiro dia é ressuscitado pelo Pai.

Hipólito, *Contra a heresia de um certo Noeto*, § 18

Sabedoria bondosa a tua, meu Deus!

Foi em meio à vergonha do pecado

Que para a luta do nosso resgate

O teu segundo Adão foi convocado.

John Henry Newman (1801–1890), *Hinário*

PARA REFLETIR: Is 53.4; Mt 17.5; 27.29; Lc 23.44-46; **Jo 10.18;** 11.51-52; 19.23-24,28-37

Todas essas coisas Cristo levou a bom termo por nós, ele que em nosso favor se tornou exatamente como somos. Pois ele “tomou sobre si nossas enfermidades e sobre si levou nossas doenças, e por nossa

causa foi a igido”. Esse é aquele que foi recebido com o canto dos anjos, visto pelos pastores, aguardado por Simeão e testemunhado por Ana. Esse é aquele que foi procurado pelos sábios e indicado pela estrela; ele foi encarregado da casa de Deus, apontado por João Batista e testemunhado pelo Pai na voz que veio das alturas: “Este é o meu lho amado; ouçam-no!”. Ele foi coroado vitorioso contra o diabo. Esse é Jesus de Nazaré.

Por causa dele o sol se escurece, o dia não tem luz, as pedras se racham, o véu do templo se rasga, as fundações da terra se abalam, os sepulcros se abrem, os mortos ressuscitam e os governantes se sentem envergonhados quando veem o Dirigente do universo na cruz, fechando os olhos e entregando o espírito. A criação se cobriu num luto de trevas.

Esse é aquele que está sentado à direita do Pai, que virá de novo como Juiz dos vivos e dos mortos. Esse é o Deus que em nosso favor se tornou homem, aquele ao qual o Pai submeteu todas as coisas.

Hipólito, *Contra a heresia de um certo Noetos*, § 18

Ó amor, quão fundo, amplo e inefável,

Quão incompreensível e inimaginável,

Que o Filho de Deus viesse a tomar

Nossa forma mortal por nos amar.

Atribuído a Tomás de Kempis (séc. 15),

Hinário

PARA REFLETIR: Is 53.4; Mt 17.5; 27.39-54; At 5.31; 7.55-56; Ef 1.17-21; Cl 3.1-5; Hb 12.1-3; 1Pe 3.21-22

TERTULIANO

Tertuliano (c. 160–225 d.C.), chamado o Pai da Teologia Latina, é reconhecido como um dos pais da igreja doutrinariamente mais originais. Nascido em Cartago, por volta dos 40 anos de idade tornou-se cristão enquanto já morava em Roma, onde estudou direito e talvez tenha atuado como advogado. Depois de voltar a Cartago, Tertuliano desencadeou uma prodigiosa defesa e exposição erudita da doutrina e da prática do cristianismo que data aproximadamente de 190 a 220 d.C. De suas obras subsistem 31; pelo menos 15 se perderam.

Tertuliano foi um dos pais dos primórdios da igreja que mais produziram teologia. Alguns de seus ensinamentos a igreja depois rejeitou ou aprimorou. A igreja nunca aceitou sua crença de que a alma de todas as pessoas estava originalmente contida em Adão. Mas nós continuamos devendo a Tertuliano sua explanação da Trindade e da cristologia. Ele de niu a Trindade como três pessoas distintas que compartilham uma substância divina (três pessoas, uma substância). O

Pai é Deus, o Filho é Deus e o Espírito Santo é Deus, um só Deus. Em defesa das Escrituras, Tertuliano disse aos hereges que, por terem se afastado da fé, eles perderam o direito de apelar para as Escrituras. Ao contrário de pais da igreja que acreditavam que alguns dos lósofos haviam conseguido preciosos *insights* teológicos, Tertuliano descartou duramente qualquer possível relacionamento entre loso a e a fé cristã.

Em *A prescrição dos hereges* ele lança sua famosa pergunta: “O que tem Atenas a ver com Jerusalém?” (cap. 7). Tertuliano exerceu forte inuência sobre Cipriano, o bispo de Cartago, e sobre outros mestres cristãos.

Saber como avaliar Tertuliano sempre foi um desa o para a igreja.

Durante anos ele ensinou e escreveu sob os bons aus pícios da igreja católica. Trabalhando em Cartago, defendeu com sagacidade a fé e a

igreja cristã contra seus perseguidores e hereges. Por volta do ano 207

d.C., contudo, tomou um rumo diferente ao aderir aos montanistas, seita fundada por Montano.

Possivelmente um ex-sacerdote pagão, Montano converteu-se ao cristianismo e foi batizado por volta de 155 d.C. Pouco depois, declarou-se possuído pelo Espírito Santo. Começou a profetizar e a ele logo se juntaram duas profetisas, Priscila e Maximila. Profetizavam que uma nova dispensação, a dispensação do Espírito Santo, havia sido revelada a eles. Essa era a revelação nal de Deus. A nova era do Espírito superava, mas não contradizia, o que havia sido revelado no Novo Testamento. Os montanistas acreditavam que a fé dos cristãos arrefecera e que a igreja lamentavelmente relaxara sua disciplina moral.

Seus ensinamentos também incluíam novos elementos de escatologia; os montanistas acreditavam que o m do mundo era iminente e que a Nova Jerusalém seria estabelecida na cidade de Pepuza, na Frígia (o atual distrito turco de Karahalli).

Por que Tertuliano se tornou montanista? As razões não são claras.

Sem dúvida, sentiu-se atraído pelo rigor moral do montanismo e por seu protesto contra a facilidade com que a igreja muitas vezes perdoava cristãos que pecavam abertamente, e ele também achava que a igreja estava se interessando mais pelo poder hierárquico que pela manifestação do Espírito Santo. Fossem quais fossem suas razões, Tertuliano jamais transigiu com seu compromisso com a doutrina ortodoxa. Ele continua a ser um importante e reverenciado pai da igreja.

Algumas das obras de Tertuliano foram escritas antes de sua adesão ao montanismo, outras depois. Em sua *Apologia* (197 d.C.), endereçada aos governantes do Império Romano, ele defende a fé cristã contra os detratores pagãos. Em numerosas obras, ataca várias heresias, inclusive os ensinamentos de Marcião, segundo o qual o Antigo e o Novo Testamento representavam dois “Deuses” irreconciliáveis. *Aos pagãos e O*

testemunho da alma tecem comentários sobre as perseguições e como os cristãos reagem a elas. *Aos mártires* é uma obra que consola e exorta cristãos presos destinados ao martírio mediante o confronto com leões, além de exaltar o heroísmo deles como soldados de Cristo. Tertuliano produziu muitas outras obras que tratam de preocupações práticas e ensinam os cristãos a levar uma vida piedosa num mundo pagão.

121

(A “festa do amor” ou a “refeição do ágape” do início do cristianismo se distinguia da Eucaristia, mas estava intimamente associada a ela.) Assim como nossa festa do amor começou com uma oração, também com uma oração ela termina. Não saímos dela como bandos de malfeitores ou de vagabundos, nem decididos a praticar atos libidinosos, mas sim tendo de tomar todo o cuidado da modéstia e castidade como se houvéssemos frequentado uma escola de virtude, e não uma festa. Que seja condenada nossa festa do amor caso se possa apresentar contra ela alguma queixa. Mas quem alguma vez sofreu injustiça por causa de nossas assembleias? Em nossas congregações nós somos exatamente o que somos quando estamos separados uns dos outros; como comunidade somos o que somos como indivíduos. Não fazemos mal a ninguém; não importunamos ninguém. Quando os honestos, quando os virtuosos se reúnem, quando os piedosos, quando os puros se juntam em congregação, não se deveria chamar isso de facção rebelde, mas sim de cúria, isto é, a corte de Deus.

Deus Todo-poderoso, tu nos deste a graça nesta ocasião de, em unanimidade, dirigir a ti nossa súplica comum; e tu nos prometeste, por meio de teu bem-amado Filho, que quando dois ou três estão reunidos em seu nome, tu estarás no meio deles; atende agora, Senhor, nossos desejos e nossas preces como for melhor para nós, concedendo-nos neste mundo o conhecimento de tua verdade e vida eterna na era vindoura. Amém.

“Oração de São Crisóstomo”, Oração vespertina diária:

rito 2, LOC

PARA REFLETIR: At 2.46; Rm 12.3-21; 1Co 12.12-31; Ef 5.25—6.17

122

O principal crime da humanidade, a maior culpa imputada ao mundo, o erro primário que levou à condenação, é a idolatria. Pois, embora cada erro guarde sua característica distinta, embora cada erro seja destinado a um julgamento sob seu próprio nome, mesmo assim ele é identificado sob a conta geral da idolatria. Deixemos os nomes à parte; examinemos os fatos individuais; a idolatria é também assassina. Na idolatria todos os crimes estão presentes, e em todos os crimes está presente a idolatria.

Isso porque todos os erros provêm da oposição a Deus. E não existe nada que tenha o gosto de oposição a Deus que não seja atribuído a demônios e espíritos impuros, cuja propriedade são os ídolos.

Tertuliano, *A idolatria*, cap. 1

Santo Espírito, tua divina luz

No meu coração introduz;

A noite com suas trevas manda embora

E faz da escuridão nova aurora.

Santo Espírito, toda divindade,

Torne este coração tua propriedade;

Tira meus ídolos do teu caminho

E reina supremo, absoluto, sozinho.

PARA REFLETIR: Êx 20.3-6; Is 44.9-20; Jr 7.21-28; 2Co 10.17; Gl 5.19-21; Cl 3.5; 1Jo 5.21

123

Muitos ramos tem a idolatria; ela se propaga através de muitas veias.

Devemos nos precaver com diligência contra sua expansão. A idolatria pode corromper os servos de Deus de muitas maneiras, não apenas quando ela é evidente, mas também quando chega disfarçada. A maioria das pessoas só a reconhece quando ela é praticada em público, como quando alguém queima incenso para um ídolo, sacri ca um animal, oferece um banquete sacri cial ou guarda vínculos com alguma função ou sacerdócio pagãos . Diante da disciplina do Senhor pela qual ele nos fortalece, a criatividade maliciosa do diabo teria raio de ação restrito, caso a idolatria se limitasse apenas a suas manifestações explícitas. Nossa retidão não transcenderá à dos escribas e fariseus se não reconhecermos as muitas maneiras pelas quais se pode praticar a idolatria. A fonte de toda iniquidade é a idolatria. Devemos nos fortalecer contra suas múltiplas manifestações, não apenas contra suas expressões agrantes.

Tertuliano, *A idolatria*, cap. 2

Ó Senhor Deus Todo-poderoso, Pai do teu Cristo, teu abençoado Filho; tu que nos separaste da comunhão dos ímpios, junta-nos aos que em santidade estão consagrados a ti; con rma-nos na verdade pela assistência do teu Espírito Santo; revela-nos o que ignoramos, supre aquilo em que somos de cientes e con rma-nos no que já conhecemos. Abençoa os que se curvam diante de ti. Concede-lhes as preces de seu coração que são para o bem deles. E não excludas nenhum deles do teu reino; antes, santi ca-os e ajuda-os; livra-os dopositor e de todos os inimigos; guarda suas casas e protege-os quando saírem e quando chegarem. Pois a ti pertencem a glória, o louvor e a adoração, e a teu Filho Jesus, teu Cristo, nosso Senhor e Deus e Rei, e ao Espírito Santo, para todo o sempre. Amém.

Liturgia clementina (final do séc. 4), em *Constituições dos santos apóstolos*, livro 8, seção 2.15

PARA REFLETIR: Dt 12.32—13.18; Sl 121.8; Os 11.1-4; Rm 1.18-32; Ap 9.20

Entre os muitos recifes e passagens, entre os muitos baixios e estreitos da idolatria, a Fé, com suas velas enfunadas pelo Espírito de Deus, navega em segurança. Ela está a salvo, se for cautelosa; é segura, se vigiar com atenção. Os que são atirados ao mar pela idolatria perecerão; serão engolidos por um redemoinho de água. Seu navio encalhará e será destruído. As ondas da idolatria sufocarão; seus turbilhões arrastarão a pessoa para o fundo até a morte. Que nenhum cristão diga: “Quem pode ser cuidadoso a esse ponto? Seria preciso primeiro deixar este mundo”. Nada pode ser mais fácil que precaver-se contra a idolatria se nosso medo dela for nosso maior medo. Qualquer esforço para guardar-se da idolatria é desprezível quando comparado à ameaça que ela representa.

Tertuliano, *A idolatria*, cap. 24

Eu tenho uma tarefa muito dura:

Um Deus a glori car!

Uma alma imorredoura manter pura

E digna do céu guardar.

Equipa-me com zeloso cuidado,

Pois sob teu olhar vou viver;

Teu servo, Senhor, deixa preparado,

Sua conta exata deve ser.

Ajuda-me a orar e a ser vigilante

E de ti somente depender,

Certo de que se a con ança eu trair

Eu vou para sempre morrer.

Charles Wesley (1708–1788), Hinário

PARA REFLETIR: Êx 23.13; Jr 10.1-15; 44.24-27; Gl 4.6-9; Ap 2.14; 17.1-6; 21.8

adoção pessoal de doutrinas falsas e depois passa a ensiná-las a outros.

Tal pessoa condena a si mesma. Não temos permissão para adotar nenhuma doutrina criada por nossa própria vontade ou adotar qualquer coisa que alguém criou a partir de sua própria fantasia. Nem mesmo os apóstolos introduziram por sua conta alguma doutrina; pelo contrário, eles transmitiram às nações o ensinamento que receberam de Cristo.

Portanto, ainda que “um anjo do céu pregue um evangelho diferente” daquele ensinado pelos apóstolos, ele deve ser amaldiçoado.

Tertuliano, *A prescrição dos hereges*, cap. 6

Deus Todo-poderoso, tu revelaste à tua igreja teu eterno Ser de gloriosa majestade e perfeito amor como um Deus numa Trindade de Pessoas; dá-nos a graça de permanecer firmes na confissão dessa fé e constantes em nossa adoração a ti, Pai, Filho e Espírito Santo; pois tu vives e reinas, um só Deus, agora e para sempre. Amém.

“Da Santa Trindade”, Coletas: contemporâneas, LOC

PARA REFLETIR: Dt 13.1-4; Mt 5.17-20; 7.15-20; 2Co 11.14; **Gl 1.8;** 5.20; Tt 3.10-11

126

Onde se encontra a heresia, ali deve primeiro ter existido a corrupção das Escrituras e de sua interpretação. As Escrituras são os instrumentos da doutrina cristã. Falsos mestres não teriam chegado a seus ensinamentos heréticos de nenhuma outra maneira que não pela manipulação do Novo Testamento. Assim como no caso deles, a corrupção da doutrina não teria acontecido se não houvesse primeiro o abuso das Escrituras; ainda assim, para nós a integridade da doutrina não poderia ser preservada sem a preservação da integridade das Escrituras, a salvaguarda da doutrina. Ora, existe algo nas Escrituras que se oponha ao modo como vivem os cristãos? O que introduzimos nós por nossa própria iniciativa? O que as Escrituras ensinam, isso é o que nós somos em nossa conduta e assim temos sido desde o início. Fomos formados pelas Escrituras antes que os hereges aparecessem e acrescentassem suas errôneas construções.

Tertuliano, *A prescrição dos hereges*, cap. 38

Da igreja a única fundação

É Jesus Cristo, sua Palavra;

Ela é sua nova criação

Pelo batismo em sua água.

Procurando noiva santa,

Do céu ele desceu;

Com seu sangue a comprou,

Por sua vida morreu.

Samuel John Stone (1839–1900), Hinário

PARA REFLETIR: Jr 2.8; 5.10-14; Rm 16.17-18; 2Co 2.16-17; 11.1-4; Ef 4.14; 2Tm 3.13-17

127

(Tertuliano resume seus pensamentos sobre a Oração do Senhor.) Em tão poucas palavras, quantas declarações dos profetas, dos evangelhos, dos apóstolos; quantos discursos, exemplos, parábolas do Senhor são mencionados! Quantos deveres cristãos são ao mesmo tempo proclamados! Honrar a Deus no “Pai nosso”; afirmar o testemunho da fé no “nome” de Deus; oferecer obediência à “vontade” de Deus; comemorar a esperança no “reino”; orar pela vida no

“pão”; reconhecer nossas dívidas no pedido de “perdão”; e admitir o ansioso temor da tentação no pedido de “livramento”. Por que a surpresa? Somente Deus poderia nos ensinar como devemos orar a ele. A expressão da oração, portanto, ordenada por Deus e inspirada pelo Espírito Santo, sobe ao céu, consoando ao Pai tudo o que o Filho nos ensinou.

Tertuliano, *A Oração*, cap. 9

Meu Deus, eu quero te exaltar

E ver teu nome louvado,

E divulgar a tua bondade

Sempre dizendo: “Obrigado!”.

Grande é o Senhor e poderoso,

Digno de todo louvor;

É tão imensa a sua grandeza

Que nem sabemos supor.

O Saltério: com leituras responsivas (1912), no 399,

Hinário

PARA REFLETIR: Mt 6.9-13; 26.39,42,44-75; Lc 11.2-4; Jo 17.1-26; Hb 4.11-16

128

Onde Deus está, ali também está sua lha Paciência. Quando o Espírito de Deus desce dos céus, a Paciência o acompanha. Se não a deixarmos entrar juntamente com o Espírito, acaso ele continuará a car conosco?

Não, eu não sei se ele ainda caria. Sem sua companheira e criada, ele deve necessariamente sentir-se angustiado em qualquer lugar e a qualquer momento. Fossem quais fossem os golpes que seu inimigo viesse a desferir, sem a Paciência ele seria incapaz de suportá-los. A Paciência é um meio instrumental de perseverança.

Tertuliano, *A Paciência*, cap. 15

Sê nosso guia, Pai, sê nosso guia,

Neste vasto e tenso mar;

Sustenta teu povo, guarda e guia,

Tu somente há de nos ajudar;

Bênção após bênção teremos,

Se tu, Pai, conosco estar.

James Edmeston (1791–1867), Hinário

PARA REFLETIR: 1Co 13.4-7; 2Co 6.1-10; Gl 5.22-26; Ef 4.1-3; Cl 3.12-13; 2Tm 3.10-12

CIPRIANO DE CARTAGO

Em qualquer cordilheira há picos majestosos que assomam sobre

outros.

O mesmo se com rma para os pais da igreja que lutaram pela fé antes do Concílio de Niceia (325 d.C.). Cipriano de Cartago (Thascius Caecilius Cyprianus, c. 210–258 d.C.) é um pico altaneiro. Embora não devamos ignorar suas falhas, no serviço de Cipriano para Cristo e sua igreja reconhecemos genialidade e juízo santi cado pelo Espírito Santo, totalmente postos à disposição de Deus. Como aconteceu com Dietrich Bonhoeffer no século 20, Cipriano havia ponderado perfeitamente o custo do discipulado, e o custo não o fez recuar. No papel de bispo de Cartago, deu provas de seu vigor pelo modo como conduziu a igreja em meio a tempestades que a fustigavam de fora e de dentro. No processo, articulou a doutrina da igreja que, houvesse sido adotada pelo Ocidente, bem poderia ter prevenido a ruptura entre as facções orientais e ocidentais da igreja e evitado con itos que explodiram durante a Reforma Protestante. Cipriano ensinava uma doutrina do perdão de Deus que navegava entre a graça fácil e o rápido acesso à mesa do Senhor, de um lado, e o arrogante julgamento e a exclusão do verdadeiro arrependimento, do outro.

Cipriano sobressai naquele molde de líderes que a igreja do Norte da África produziu. Ele nasceu por volta de 200 d.C. e converteu-se em 246 mediante o ministério de Cecílio. Em virtude do amor de Cipriano por Cecílio, ao ser batizado ele assumiu o nome do amigo, passando a ser conhecido como Cecílio Cipriano. Depois de sobreviver à grande perseguição do imperador Décio fugindo de Cartago (decisão que provocou considerável desaprovação), Cipriano retomou sua

incumbência episcopal em 251. Em 257, irrompeu a oitava perseguição geral, iniciada pelo imperador Valeriano. As fogueiras da perseguição foram violentas no Norte da África; houve milhares de mártires.

Cipriano foi preso em agosto e partiu para o exílio em Cúrubis (atual Korba, na Tunísia). Chamado de volta em 258, em setembro foi novamente preso e ordenado a oferecer sacrifício aos deuses. Ele se recusou; foi condenado à morte e decapitado no dia seguinte.

Nascido de abastados pais pagãos, Cipriano foi educado para ser professor de retórica. Ao tornar-se cristão, empregou as energias de sua mente perspicaz no estudo da fé, um estudo que rendeu ricos dividendos para o evangelho, naquele tempo e hoje. Pouco depois de sua conversão, Cipriano foi ordenado presbítero (sacerdote) e logo em seguida bispo de Cartago (248 d.C.). Ele se preocupava muito com os pobres e com os que sofriam por causa da fé. Praticava o que pregava.

Logo depois da conversão, vendeu suas posses e distribuiu o dinheiro auferido entre os necessitados.

Cipriano foi fortemente influenciado por Tertuliano, como revelam seus escritos e sua teologia. Um dos muitos problemas que ele e outros bispos enfrentaram foi o de como lidar com os “lapsos” que queriam se arrepender e retornar à mesa do Senhor. Deveriam ser readmitidas entre os fiéis pessoas penitentes, que se haviam rendido à perseguição para obter certos privilégios provando que haviam oferecido sacrifícios às divindades pagãs? Se sim, sob quais condições? Ao contrário de alguns confessores e Novaciano (c. 200–258 d.C.), que se opôs à restauração da comunhão e depois criou sua própria “igreja”, Cipriano acreditava que a misericórdia do Senhor deveria ser estendida aos penitentes. Mas a restauração deveria ocorrer sob condições cuidadosamente prescritas e aprovadas por bispos ortodoxos.

Outro problema importante foi saber se o batismo ministrado por hereges deveria ser reconhecido como válido. “De maneira nenhuma!”, disse Cipriano. Bispos hereges que romperam com a verdadeira igreja não podem legitimamente batizar ninguém; os sacramentos são inseparáveis da igreja. Pessoas batizadas por hereges nunca foram de fato batizadas; elas precisariam ser batizadas pela primeira vez por um bispo ortodoxo. Cipriano declarou: “Não pode mais ter Deus como Pai quem não tem a igreja como mãe” (*A unidade da igreja*, § 6). A igreja é a arca indispensável da salvação. Estêvão, bispo de Roma, discordava e aceitava o batismo ministrado por bispos heréticos. Ele até ameaçou excomungar Cipriano! Este, por sua vez, também ensinava que a

unidade da igreja está nas mãos dos bispos ortodoxos, que constituem um colégio de iguais e que regularmente trocam ideias entre si por meio de cartas ou em sínodos nos quais discordâncias doutrinárias possam ser resolvidas. O clero paroquial devia ser incluído no processo. Todas as decisões deviam ser orientadas pela tradição apostólica, que pertence unicamente à igreja, não aos hereges. Cipriano teria rejeitado com firmeza a posterior doutrina romana do supremo pontífice ou papado ao qual outros bispos devem se submeter; ele dizia que a unidade da igreja está nas mãos de vários bispos que são iguais.

Em alguns excertos de Cipriano nós o ouviremos dirigindo-se aos

“confessores”. Esse era um título de honra que designava os corajosos paladinos da fé que em tempos de perseguição demonstraram lealdade a Cristo recusando-se a renunciar a ele. As corajosas confissões

acarretavam punição imperial de vários tipos: encarceramento, tortura, exílio, com perda de propriedade e trabalho cruel nas minas romanas. O

título distinguia os confessores dos mártires, que eram deliberadamente condenados à morte. O termo provém da palavra latina *con teri* e foi empregado pelos cristãos para identificar seus colegas. Algumas das cartas de Cipriano foram escritas para confessores. Ele “revigorava suas emoções sofridas, curava seus membros feridos a pauladas e iluminava a escuridão de suas masmorras” (*Epístolas de Cipriano*, epístola 77, § 3).

Felizmente, temos a maioria dos ricos tratados e cartas de Cipriano; muitos desses textos foram escritos quando ele estava no exílio. As seleções a seguir nos encorajam a amar o Senhor e sua igreja tão intensamente como os amou Cipriano.

129

(Cipriano fala de sua conversão.)

Enquanto eu ainda jazia na escura e sombria noite, oscilando para cá e para lá, sacudido na espuma desta soberba época, sem certeza nenhuma de meus vacilantes passos, nada sabendo de minha vida real e afastado da verdade e da luz, eu costumava considerar uma questão difícil, especialmente por causa do meu caráter, que uma pessoa pudesse nascer de novo. Embora conservando toda a estrutura física, como poderia uma pessoa ser mudada no coração e na alma? “Como”, perguntava eu, “essa conversão é possível, de modo que haja um repentino e rápido despojamento de tudo o que ou é inato em nós ou está empedernido na corrupção de nossa carne, ou foi adquirido mediante uma longa e persistente prática?” Esses eram meus pensamentos frequentes. Pois, estando preso e amarrado por meus inúmeros erros, eu costumava tolerar meus pecados como se eles de fato zessem parte de mim. Mas depois disso, mediante a ajuda da água do novo nascimento, a mancha de anos anteriores foi removida, e uma luz do alto, serena e pura, foi introduzida em meu coração reconciliado. Pela intermediação do Espírito, que foi soprado em mim lá do céu, um segundo nascimento me restaurou para eu ser uma nova pessoa.

Cipriano, *Epístola a Donato*, § 3-4

Meu Deus, aceita meu coração neste dia,

Que ele seja sempre teu;

Que nunca mais eu me desgarre de meu guia,

Que eu siga o que ele me deu.

Matthew Bridges (1800–1894), Hinário

PARA REFLETIR: Jo 3.1-21; At 9.1-22; 26.1-19; 2Co 6.9-11

130

(Cipriano descreve a vida no Espírito depois de sua conversão.) Então, de um modo maravilhoso, coisas duvidosas imediatamente começaram a me inspirar com ança, coisas ocultas a se revelar e coisas obscuras a car mais claras. O que antes parecia difícil começou a ceder, tornando-se um meio de conquista; o que eu havia suposto impossível começou a ser passível de realização, de modo que eu era capaz de reconhecer que o que antes (eu tendo nascido da carne) estava preso à prática do pecado (terreno) passava agora a ser de Deus e era animado pelo Espírito de santidade.

Cipriano, *Epístola a Donato*, § 4

Mora em mim, ó Santo Espírito,

Meu mestre, divino amigo!

No trabalho por teu reino,

Protege-me do perigo.

Dá-me tua santa presença,

E minha fé não se dará em vão;

Ajuda-me a ir em frente,

Com amor no coração.

Fanny Crosby (1820–1915), Hinário

PARA REFLETIR: Jo 14.16; 1Co 3.16; 6.19; 2Co 3.2-3,18; Gl 5.22-25; Ef 4.17-25; 2Pe 1.4; 1Jo 3.24; 4.15

131

Se você prosseguir no caminho da inocência, o caminho da retidão; se caminhar com passo rme e regular; se, submisso a Deus de todo o

coração, você realmente for o que começou a ser, então a liberdade e o poder de agir lhes serão dados na proporção de sua graça espiritual. Pois não há, como é típico dos benefícios terrenos, nenhum limite na distribuição das dádivas celestiais. O Espírito Santo, uindo livremente para nós, não é restrito por nenhum limite, não é controlado por nenhuma barreira terrena. O Espírito ui perpetuamente, em profusão e abundância. Deixemos, então, que nosso coração que sedento e preparado para receber na medida de uma fé evidente, na medida com que desejamos atrair a superabundante graça de Deus.

Cipriano, *Epístola a Donato*, § 5

Vem, Espírito Santo, Pomba celestial,

Com teu conforto e luz do rmamento;

Sê tu nosso guardião e nosso guia,

Em cada passo dado e pensamento.

Dá-nos saber e seguir teu caminho,

E mostra-nos a luz da tua vontade;

Com temor santo em nosso coração,

Que assim de ti ele nunca se evade.

Conduz-nos à santidade que é o caminho

Dado a nós para estarmos com Deus;

Conduz-nos ao caminho vivo, o Cristo,

Em suas pastagens sempre estão os seus.

Simon Browne (c. 1680–1732), Hinário

PARA REFLETIR: Sl 15.1-5; 24.3-5; 71.8; 112.4-8; Is 32.16-18; Rm 8.4-6; 14.17-19; 15.1-7; 2Co 7.1; Gl 5.1,16-26

132

Você acha que está seguro quem con a em coroas de louro, na vasta riqueza, no esplendor de palácios reais e na proteção de vigilantes armados? O poder daqueles, cuja condição os torna terríveis aos olhos de outros, é em primeiro lugar terrível para eles mesmos. O poder lhes

sorri a m de enfurecê-los; lisonjeia-os para enganá-los; instiga-os para assassiná-los; eleva-os para derrubá-los. Suas posses se reduzem somente a isto: eles podem impedir que outros as possuam.

Eis a única segurança sólida, rme e constante: a pessoa rejeitar esses turbilhões de distrações. Um cristão que está ancorado no porto da salvação, que recebeu a dádiva de Deus e que mentalmente está muito perto de Deus é maior que o mundo. Essa pessoa nada almejará do que o mundo oferece. Como é estável, como está livre de qualquer choque esta segurança, como é celestial esta proteção em suas perenes bênçãos: estar livre de todas as ciladas deste emaranhado mundo e preparado para a luz da imortalidade eterna!

Cipriano, *Epístola a Donato*, § 12-14

Ó Senhor, salva teu povo e abençoa tua herança, que tu compraste com o precioso sangue do teu Cristo. Alimenta-o com tua mão direita, cobre-o sob tuas asas e concede que ele possa combater o bom combate, completar a carreira e guardar a fé de modo imutável, sem repreensão e sem censura, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo, teu amado Filho, com quem sejam dadas glória, honra e adoração a ti e ao Espírito Santo. Amém.

Constituições dos santos apóstolos, livro 8, seção 4.41

PARA REFLETIR: Rm 8.1-8; **2Tm 4.7**; Hb 10.19-25; 1Pe 1.3-9; 1Jo 4.1-6

133

Quanto mais entendemos a ardilosa injúria que nosso inimigo desfere contra nós, tanto mais constrangidos estamos a ter mais amor por aquilo que devemos nos tornar como cristãos e a condenar o que éramos antes.

Para nos tornarmos o que seremos como cristãos pelo amor, não é necessário pagar um preço de suborno ou mão de obra, como se exige para ser elevado em dignidade e honra neste mundo. Pelo contrário, tudo isso é presente de Deus, e é acessível a todos os cristãos.

Como o sol brilha espontaneamente, como o dia naturalmente fornece luz, como a fonte ui livremente, como a chuva produz umidade, assim também o Espírito Santo se doa a nós. Quando a alma, em seu olhar para o céu, reconhece seu Autor, ela se eleva acima do sol, transcende em muito todo poder temporal e começa a ser aquilo que ela mesma sabe que é.

Deus Todo-poderoso, tu deste teu único Filho para ser para nós um sacrifício pelo pecado e também um exemplo de vida piedosa; concede-nos a graça de receber com gratidão os frutos de sua obra redentora e seguir dia a dia os abençoados passos de sua santíssima vida; por Jesus Cristo, teu Filho e nosso Senhor, que vive e reina contigo e com o Espírito Santo, um só Deus, agora e para sempre. Amém.

“Próprio 15”, Coletas: contemporâneas, LOC

PARA REFLETIR: Rm 6.19-23; 8.14-28; Ef 1.6-14; 3.14-21; Fp 2.1-5; 3.7-16; Tt 3.3-7; 1Jo 3.21-24; Ap 21.5-7

134

Você, que na guerra celestial se alistou para servir no campo espiritual, deve observar uma disciplina incorrupta e moderada nas virtudes cristãs.

Seja constante nas orações e na leitura das Escrituras. Fale com Deus, e deixe Deus falar com você. Deixe-o instruí-lo em seus preceitos; deixe-o dirigi-lo. Quem Deus enriqueceu ninguém pode empobrecer. De fato, não pode haver pobreza para aquele que foi alimentado com comida celestial. Tetos enriquecidos com ouro e casas adornadas com mosaicos de mármore valioso lhe parecerão pequenos agora que você é aquele que deve ser aperfeiçoado e adornado. Em você o Espírito Santo começou a construir sua morada. Embelezemos esse templo com as cores da inocência; iluminemo-lo com a luz da justiça. Ele nunca se deteriorará com o desgaste do tempo, nem será aviltado pelas cores esmaecidas das paredes. Tudo o que é embelezado artificialmente perece, mas o templo do Espírito Santo permanece belo para sempre.

Ele não pode deteriorar-se nem ser destruído; só pode amoldar-se a uma perfeição maior na ressurreição do corpo.

Cipriano, *Epístola a Donato*, § 15

Senhor Deus Todo-poderoso, Pai do teu Cristo, teu Filho bendito, nós te agradecemos pela preservação da piedade, pela remissão de nossas ofensas e pelo nome do teu Cristo pelo qual a ti somos unidos. Junta-nos todos em teu reino por meio do mesmo Cristo, nosso Senhor, com quem sejam dadas glória, honra e adoração a ti, ó Pai, pelo Espírito Santo, para sempre. Amém.

Liturgia clementina (final do séc. 4), em *Constituições dos*

PARA REFLETIR: Mt 5.14-16; Lc 6.46-49; 1Co 6.19-20; Ef 2.13-22; Hb 12.12-15; 13.20-25; 1Jo 4.7-19

135

(Conselhos pastorais e atemporais de Cipriano aos confessores.) Na mesma proporção em que choramos por aqueles que a hostil perseguição abateu, assim nós nos rejubilamos por aqueles que o diabo não conseguiu vencer.

Todavia, pela nossa fé comum, pelo simples e verdadeiro amor do meu coração por vocês, eu os exorto para que, tendo vencido o adversário no primeiro embate, vocês se agarrem rmes à sua vitória com uma virtude corajosa e perseverante. Ainda estamos no mundo; ainda estamos no campo de batalha; lutamos diariamente pela nossa vida. Aquilo que vocês conquistaram com um início tão abençoado deve agora crescer ainda mais. O que foi iniciado deve ser concluído. Assim como a fé e o novo nascimento, que foram recebidos, nos tornam vivos em Cristo, eles devem ser preservados. Não é o começo, mas sim o

aperfeiçoamento, que guarda a pessoa para Deus. O Senhor ensinou isso quando em sua instrução nos disse: “Agora você está curado; deixe de pecar, para que nada pior lhe aconteça”. Pensem nele como se estivesse dizendo: “Agora vocês se tornaram confessores; deixem de pecar, para que nada lhes aconteça”.

Cipriano, *Epístola ao presbítero Rogaciano e aos demais confessores* (250 d.C.), § 1-2

Jesus nos pede que não adoremos

O mundo e seus dourados arsenais,

Que dele sempre mais nos desviam;

Jesus pede, Cristão, que o ames mais.

Cecil F. Alexander (1818–1895), Hinário

PARA REFLETIR: Jo 5.14; Gl 1.6-11; 4.8-20; 5.1,7-26; Hb 2.1-4; 3;7—4.11; 6.18; 11.1—12.13; Jd 1.17-25

136

Embora pareça haver joio na igreja, nem nossa fé nem nosso amor devem ser prejudicados. A presença do joio na igreja não deveria nos induzir a deixá-la. Pelo contrário, trabalhemos para ser trigo, de modo que, tendo sido recolhido o trigo nos celeiros do Senhor, nós recebamos o fruto de nosso trabalho. O apóstolo Paulo nos diz: “Numa grande casa, alguns vasos são de ouro e de prata, e outros, de madeira e de barro; alguns para ns honrosos, outros para ns desonrosos”.

Esforcemo-nos, queridos irmãos, e trabalhemos o máximo que pudermos para ser vasos de ouro e prata. O servo não pode reivindicar para si o que o Pai deu exclusivamente ao Filho; apenas o Filho pode pegar a pá e limpar a eira. Por meio do juízo humano o servo não sabe separar o joio do trigo. Tentar fazer isso mostra uma orgulhosa obstinação e uma presunção sacrílega. Devemos sempre ser moderados e deixar a cargo do Senhor o controle da balança. Procuremos sempre ter consciência do amor e da misericórdia de Deus, o Pai.

Cipriano, *Aos confessores, felicitando-os pelo retorno do cisma*, § 3

Ó Senhor Jesus Cristo, Filho do Deus vivo, Cordeiro e Pastor, que tiras o pecado do mundo, que gratuitamente perdoaste a dívida de dois devedores e deste remissão dos pecados a uma mulher pecadora, que concedeste cura ao paralítico, com a remissão de seus pecados, perdoa, releva, absolve, ó Deus, nossas ofensas. Pois tu és nosso Deus, um Deus capaz de compadecer-se, de salvar e de perdoar pecados. Toda glória é devida a ti, com o eterno Pai e o vivi cante Espírito, agora e sempre e para toda a eternidade.

Amém.

A divina liturgia do santo apóstolo Tiago (c. 150-200 d.C.)

PARA REFLETIR: Rm 14.4; 1Co 10.12; **2Tm 2.20**; 1Jo 1.1-2

137

Que nenhum cristão indague por que somos constantemente testados com calamidades cada vez maiores. O Senhor nos disse que essas coisas aconteceriam no nal dos tempos. Ele nos preparou para o combate ensinando-nos e exortando-nos com suas palavras. O apóstolo Pedro ensinou que as perseguições ocorrem para que sejamos provados. Ele também disse que, seguindo o exemplo dos justos que passaram antes de nós, seríamos associados ao amor de Deus pela morte e pelos sofrimentos: “Amados, não se surpreendam com as proações de fogo ardente pelas quais estão passando, como se algo

estranho lhes estivesse acontecendo. Pelo contrário, alegrem-se muito, pois essas provas os tornam participantes dos sofrimentos de Cristo, a fim de que tenham a maravilhosa alegria de ver sua glória quando ela for revelada. Se vocês forem insultados por causa do nome de Cristo, abençoados serão, pois o glorioso Espírito de Deus repousa sobre vocês”.

Cipriano, *Epístola ao povo de Sibaris, exortando-os ao martírio*, § 2

Nós te imploramos, Ó Senhor, nosso Deus: prepara-nos para receber tua bondade amorosa e perfeita; torna reto nosso caminho; enraíza-nos no temor a ti e faz-nos dignos do teu reino celestial, em Cristo Jesus, nosso Senhor, com quem tu és bendito, juntamente com teu sumamente santo, bom e vivi cante Espírito, agora e para sempre. Amém.

A divina liturgia do santo apóstolo Tiago (c. 150-200 d.C.)

PARA REFLETIR: Lc 6.22-23; 18.29-30; Jo 16.32-33; At 14.19-22; 2Co 4.1—5.11; **1Pe 4.12-14**

138

Nós não nos entregamos ao combate espiritual para passar o tempo pensando na paz e depois bater em retirada, recusando-nos a atacar o inimigo. Esse é o combate em que o Senhor primeiro se envolveu; ele, o Mestre da humildade, paciência e sofrimento. O que ele nos ensinou a fazer, ele fez primeiro. E, o que ele nos exorta a suportar, ele primeiro suportou por nós. Que que claro, amados irmãos, que aquele que exclusivamente recebeu todo o julgamento do Pai, e que também virá para julgar, já declarou os critérios de seu julgamento e futuro reconhecimento: ele confessará diante de seu Pai aqueles que o confessam diante das pessoas; mas ele não reconhecerá aqueles que o negam.

Cipriano, *Epístola ao povo de Sibaris, exortando-os ao martírio*, § 3

Nós damos graças a ti, Ó Salvador e Deus de tudo, por todas as coisas boas que tu nos deste e por nossa participação em teu evangelho. E nós nos oferecemos a ti como aroma agradável de Cristo para Deus, o Pai, pedindo: mantém-nos à sombra de tuas asas e considera-nos, até nosso último suspiro, dignos de participar de teu santo evangelho para a santificação de nosso corpo e alma, e para a herança do reino dos céus. Pois tu, ó Deus, és nossa santificação, e para o alto nós enviamos louvor e gratidão a ti, Pai, Filho e Espírito Santo. Bendito és tu, agora e para sempre. Amém.

A divina liturgia do santo apóstolo Tiago (c. 150-200 d.C.)

PARA REFLETIR: Jr 9.1-3; At 5.31; 2Co 1.1-5; 2.11; Ef 1.12; 6.10-18; 1Ts 5.1-11; 1Tm 1.18-19; 6.12; 1Pe 4.6-11; 1Jo 5.1-5

139

As pessoas treinam para competições seculares, e consideram grande glória e honra quando são coroadas na presença do povo e do imperador. Vejam, nós estamos envolvidos numa competição mais nobre e maior; ela é gloriosa com o prêmio de uma coroa celestial. Deus nos observa nessa luta, alegra-se com nossa competição, observa-nos em nossa disputa enquanto combatemos o bom combate da fé. Tendo combatido na presença de Deus, como é grande a glória e a felicidade de sermos por ele coroados tendo Cristo como juiz! Armemo-nos, amados irmãos, com todas as forças e preparemo-nos para a luta com mente incorrupta, fé sólida e coragem devotada. Que os soldados de Deus partam para o campo de combate que nos é designado.

Cipriano, *Epístola ao povo de Sibaris, exortando-os ao martírio*, § 8

Ó Deus, que por meio do teu grande e indizível amor te dignaste tratar com condescendência a fraqueza destes teus servos e no evangelho nos deste vida eterna, preserva-nos na santi cação do teu Espírito Santo, para que, santi cados, participemos da herança com todos os teus santos que muito te agradaram desde que o mundo começou, à luz do teu semblante, pela misericórdia do teu Filho unigênito, nosso Senhor e Deus e Salvador Jesus Cristo, com quem tu és bendito, juntamente com teu sumamente santo, bom e vivi cante Espírito; pois bendito e glori cado é teu preciosíssimo e glorioso nome, Pai, Filho e Espírito Santo, agora e por toda a eternidade. Amém.

A divina liturgia do santo apóstolo Tiago (c. 150-200 d.C.)

PARA REFLETIR: Jr 9.1-3; At 5.31; 2Co 1.5; 2.11; Ef 1.12; 6.10-18; 1Ts 5.1-11; 1Tm 1.18-19; 6.12; 1Pe 4.6-11; 1Jo 5.1-5

140

Como é grave o caso de uma pessoa cristã se ela, serva de Cristo, não estiver disposta a sofrer, sabendo que seu Mestre sofreu por nós! O

Filho de Deus sofreu para nos fazer lhos de Deus, e não iremos nós sofrer para podermos continuar a ser lhos de Deus? Se suportamos o ódio do mundo, Cristo primeiro suportou o ódio do mundo. Se sofremos censuras do mundo, exílio, torturas, o Criador e Senhor do mundo experimentou coisas ainda mais cruéis. Ele nos adverte: “Se o mundo os odeia, lembrem-se de que primeiro odiou a mim”. “O

escravo não é maior que o seu senhor. Uma vez que eles me perseguiram, também os perseguirão.” Tudo o que nosso Senhor e Deus nos ensinou a fazer, ele mesmo fez primeiro. Seus discípulos não terão desculpas se aprenderem mas não o seguirem.

Cipriano, *Epístola ao povo de Sibaris, exortando-os ao martírio*, § 8

Senhor Jesus, pensa em mim

E livra-me do pecado;

Às vãs paixões põe um m

E deixa-me puri cado.

Senhor Jesus, pensa em mim,

Tão preocupado e oprimido;

Que teu servo tenha em m

O descanso prometido.

Sínésio de Cirene, bispo de Ptolemaida (c. 370–414 d.C.), da trad. de Allen W. Chatfield (1876)

PARA REFLETIR: Jo 15.18-25; Rm 8.16-28; 2Co 1.3-10; 4.5-14; Fl 1.27—2.4; 3.8-14; 2Tm 2.8-13; 1Pe 4.12-19

141

(No outono de 250 d.C., Cipriano escreveu aos confessores que trabalhavam nas minas romanas e iniciavam o segundo ano de detenção.) Vejam, a dignidade celeste de vocês está selada pelo brilho de um ano de honra. O sol nascente e a lua minguante iluminaram o mundo lá fora; mas, para vocês, o Deus que criou o sol e a lua tem sido a luz mais brilhante em sua masmorra. E o esplendor de Cristo ardendo no coração e na mente de vocês irradiou com luz eterna e resplandecente as trevas de sua punição. O inverno passou pelas vicissitudes dos meses. Mas vocês, encarcerados, em vez de sofrer o inclemente clima do inverno, estavam experimentando o inverno da perseguição. A primavera sucedeu ao inverno, rejubilando-se com rosas e coroada de ores. Mas vocês, na prisão, receberam as rosas e as ores que brotam das delícias do paraíso, e grinaldas celestiais lhes cingiram a fronte.

Cipriano, *Epístola a Moisés e Máximo e aos demais confessores*, § 2

Ó Pai celestial, que encheste o mundo de beleza, abre nossos olhos para contemplarmos tua bondosa mão em todas as tuas obras, a m de que, rejubilando em toda a tua criação, aprendamos a te servir com alegria; pelo amor daquele por meio do qual todas as coisas foram feitas, teu Filho Jesus Cristo e nosso Senhor. Amém.

“Pelo júbilo na Criação de Deus”, Orações

e ações de graça, LOC

PARA REFLETIR: Lc 6.20-23; 21.7-19; Jo 15.18-27; 2Co 4.8-12; 1Jo 3.1-3

142

Vocês são grãos de trigo, trigo selecionado e precioso, agora puri cado e armazenado. Considerem a prisão de vocês como um celeiro. Não falta a graça espiritual necessária para exercer os deveres da época da safra. Lá fora, as uvas que depois vão encher taças estão agora sendo pisadas nas prensas. Vocês, belos cachos da vinha do Senhor, e ramos carregados de frutos já maduros, pisados pela tribulação, agora enchem a prensa com seu sangue em vez de vinho. Corajosos para suportar o sofrimento, vocês de boa vontade bebem a taça do martírio. De fato, vocês, testemunhas do evangelho, estão entranhados nas raízes dele.

Estão estabelecidos na Rocha, que é a sólida fundação de vocês. Uniram a disciplina e a virtude; levaram outros a temer a Deus; seus martírios vocês transformaram em exemplos.

Cipriano, *Epístola a Moisés e Máximo e aos demais*

confessores, § 2, 4

Ó Deus, tu nos criaste à tua imagem e nos redimiste pelo sangue de Jesus, teu Filho.

Olha com compaixão para toda a família humana; afasta a arrogância e o ódio que infectam nosso coração; derruba os muros que nos separam; junta-nos com vínculos de amor; acerta nossas contas de luta e confusão, para realizarmos teus propósitos na terra, a m de que, em tua hora propícia, todas as nações e raças te sirvam em harmonia ao redor do teu trono; por Jesus Cristo nosso Senhor. Amém.

“Pela família humana”, Orações e ações de graça, LOC

PARA REFLETIR: Sl 23.1-6; 34.1-8; 37.1-11; 40.1-5; 43.1-5; Is 53.1-9; Hb 12.1-3; 13.12-16; Ap 21.1-7

143

A igreja é uma só. Ela está espalhada em toda parte formando uma multidão graças ao aumento de sua fecundidade. O sol tem muitos raios, mas a luz é uma só; uma árvore tem muitos ramos, mas sua força está em seu tenaz conjunto de raízes; e muitos riachos se formam, mas a fonte é uma só; assim a unidade é preservada no nascedouro. Corte-se o riacho de sua fonte, e o que foi cortado seca. De igual modo a igreja, iluminada pela luz do Senhor, esparrama seus raios sobre o mundo inteiro; no entanto, uma única luz se difunde em toda parte. Sua fecunda abundância espalha seus ramos sobre o mundo inteiro. Ela amplamente expande seus rios, que uem generosos; no entanto, sua cabeça é uma só, sua fonte é uma só; e ela é uma única mãe, abundante nos resultados de sua fecundidade: de seu ventre nós nascemos, com seu leite somos nutridos, por seu espírito somos animados.

Cipriano, *A unidade da igreja*, § 5

Deus eterno, em teu reino perfeito nenhuma espada é desembainhada exceto a espada da justiça; nenhuma força é conhecida exceto a força do amor. Assim, espalha poderosamente e em toda parte o teu Espírito, para que todos os povos se reúnam sob a bandeira do Príncipe da Paz, como lhos de um único Pai, a quem sejam o domínio e a glória, agora e para sempre. Amém.

“Pela paz”, Orações e ações de graça, LOC

PARA REFLETIR: Is 60.21; At 20.28; 1Co 3.5-12; Ef 1.22-23; Hb 12.22-23; 1Pe 5.3; Ap 21.11

144

A igreja, a esposa de Cristo, nos guarda para Deus. Quem está separado da igreja e unido a uma adúltera está separado das promessas da igreja; tampouco pode aquele que abandona a igreja de Cristo conseguir as recompensas de Cristo. Ele é um estranho, um profano, um inimigo. Já não pode ter Deus como Pai quem não tem a igreja como mãe. Se alguém que estava fora da arca de Noé pôde se salvar, então também pode se salvar quem estiver fora da igreja. Quem perturba a paz e a concórdia de Cristo age em oposição a Cristo; quem reúne em outro lugar que não a igreja dispersa a igreja de Cristo. Está escrito sobre o Pai, o Filho e o Espírito Santo: “E estes três

são um”. Alguém acredita que a unidade da igreja pode ser cindida e estilhaçada por vontades que a ela se opõem? Quem não defende essa unidade não defende a lei de Deus, não defende a fé do Pai e do Filho, e não defende a vida e a salvação.

Cipriano, *A unidade da igreja*, § 6

Ó Deus, tu que zeste esta santíssima noite para brilhar com a glória da ressurreição do Senhor, aviva em tua igreja aquele Espírito de adoção que nos é dado no batismo, para que nós, sendo renovados tanto no corpo como na mente, adoremos a ti com sinceridade e em verdade; por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor, que vive e reina contigo, na unidade do Espírito Santo, um só Deus, agora e para sempre. Amém.

“Dia da Páscoa”, Coletas: contemporâneas, LOC

PARA REFLETIR: Jo 10.1-18; Rm 12.3-10; 2Co 6.6; Ef 1.17-23; 2.9; 4.1-16; 5.13-24; 1Tm 3.14-16; Hb 12.22-24; **1Jo 5.7**

145

Deveríamos deixar tudo de lado, exceto a armadura completa de Deus, para que, chegado o dia de sairmos ao encontro de Cristo, ele não nos apanhe sobrecarregados e embaraçados. Que nossa luz brilhe em boas obras e resplandeça tão intensamente que possa nos conduzir da noite deste mundo para o dia da luz eterna. Aguardemos, sempre preocupados com o bem-estar de outros, e com cautela, a súbita vinda do Senhor, para que, batendo ele à porta, nossa fé esteja alerta e recebamos do Senhor a recompensa por nossa vigilância. Se tais mandamentos forem observados, se tais advertências e preceitos forem guardados, não seremos surpreendidos no sono pela astúcia do diabo; pelo contrário, reinaremos com Cristo em seu reino como servos que estão sempre alerta.

Cipriano, *A unidade da igreja*, § 27

Deus Todo-poderoso e eterno, tu estás sempre mais disposto a ouvir do que nós a orar, e a dar mais do que nós desejamos ou merecemos; derrama sobre nós a abundância de tua misericórdia, perdando-nos aquelas falhas que nossa consciência teme, e concedendo-nos aquelas coisas boas que nem somos dignos de pedir, a não ser pelos méritos e a mediação de Jesus Cristo, nosso Salvador, que vive e reina contigo e com o Espírito Santo, um só Deus, para todo o sempre. Amém.

“Próprio 22”, Coletas: contemporâneas, LOC

PARA REFLETIR: Mt 25.1-46; 26.36-46; Mc 13.28-37; Ef 6.13-18; Fp 4.4-9; 1Ts 5.4-11

146

Nós oramos: “Santi cado seja o teu nome”. Isso não signi ca que queremos santi car Deus com nossas orações. Pelo contrário, nós oramos para que o nome dele seja santi cado em nós. Por quem Deus deve ser santi cado? Ele é quem santi ca. Bem, uma vez que Deus nos ordena: “Sejam santos como eu sou santo”, pedimos que nós, que fomos santi cados no batismo, continuemos a ser o que começamos a ser. Por isso oramos diariamente, porque precisamos diariamente da

santi cação, a m de que nós, que diariamente precisamos de perdão, sejamos puri cados pela contínua santi cação. Somos santi cados no nome de nosso Senhor Jesus Cristo e pelo Espírito de nosso Deus.

Oramos para que a santi cação permaneça em nós. Fazemos essa súplica em oração constante, para que a santi cação e a revitalização que recebemos pela graça de Deus sejam preservadas por sua proteção.

Cipriano, *A Oração do Senhor*, § 12

Mais perto de Deus andar quem dera,

Num plano calmo e ordeiro,

Caminho de luz de meus pés à espera

Para levar-me ao Cordeiro.

O ídolo mais caro que já conheci,

Seja lá o que ele for,

Ajuda-me a tirá-lo de seu trono;

Só tu serás meu Senhor.

William Cowper (1731–1800), Hinário

PARA REFLETIR: Lv 20.7; Mt 6.9-13; Lc 11.2-4; Gl 3.19-21; 5.16-21; Ef 4.14-16; Cl 3.1-17; 1Ts 4.1-8; 2Ts 2.13-17

147

Diz em seguida a oração: “Venha o teu reino”. Nossa oração pede que o reino de Deus seja estabelecido em nós, assim como pedimos que o nome de Deus seja em nós santi cado. Mas quando Deus começa a reinar? Não reinou ele sempre e não reinará para sempre? Nossa oração é para que o reino prometido por Deus e adquirido pelo sangue e a paixão de Cristo possa vir em sua plenitude. O próprio Cristo, caríssimos irmãos, é o reino de Deus que nós cada dia desejamos que venha, cujo advento almejamos que se manifeste em breve. Ele é a Ressurreição, e nele nós ressuscitamos de novo.

Cipriano, *A Oração do Senhor*, § 13

Deus Todo-poderoso e eterno, em Cristo tu revelaste tua glória entre as nações; preserva as obras de tua misericórdia, para que tua igreja em todo o mundo persevere com fé inabalável na consão do teu nome; por Jesus Cristo, nosso Senhor, que vive e reina contigo e com o Espírito Santo, um só Deus, para todo o sempre. Amém.

“Próprio 24”, Coletas: contemporâneas, LOC

PARA REFLETIR: Mt 4.23; 6.9-15; 9.35; Mc 1.1-15; Lc 4.1-30; 11.2-4; 1Co 15.12-58

148

Jesus pediu ao Pai, dizendo: “Não te peço apenas por estes, mas também por todos que crerão em mim por meio da mensagem deles”. A bondade amorosa do Senhor, nada menos que sua misericórdia, é grande no que diz respeito à nossa salvação; não satisfeito por nos remir com seu sangue, ele também orou por nós. O que ele pediu em sua oração?

Assim como o Pai e o Filho são um só, também os cristãos deveriam viver em absoluta unidade. Disso podemos depreender como peca gravemente quem rompe a unidade e a paz. O Senhor desejou que seu povo fosse salvo e vivesse em paz; ele sabia que a discórdia não pode entrar no reino dos céus.

Cipriano, *A Oração do Senhor*, § 30

Ó meu bondoso Deus da graça,

Mostra-me o brilho de tua face;

Sobre nós brilha, ó Salvador,

Encha tua igreja com a luz do amor;

Com salvação divina encerra

Até os remotos ns da terra.

Que em teu louvor o povo cante

E a terra dê fruto abundante;

Tuas bênçãos, Deus, queremos ter

E a ti devotos bem viver;

Em cima e embaixo, o que nos guia

É a luz, o amor e tua alegria.

Henry Francis Lyte (1793–1847), Hinário

PARA REFLETIR: Jo 17.1-26; Rm 15.5-7; 1Co 12.3-31

149

Muitos e grandiosos, amados irmãos, são os divinos benefícios pelos quais a abundante misericórdia de Deus, o Pai, e de Cristo trabalhou e sempre trabalha. O Pai enviou o Filho para nos preservar e nos dar vida de modo que ele pudesse nos restaurar. O Filho se dispôs a ser enviado e tornar-se o Filho do Homem, para fazer de nós filhos de Deus; ele se humilhou, para levantar os que antes estavam prostrados; foi ferido, para curar nossas feridas; serviu, para trazer liberdade aos que antes eram escravos; submeteu-se à morte, para conceder imortalidade aos mortais.

Cipriano, *As boas obras e as esmolas*, § 1

Cristo, base da minha esperança,

Cristo, fonte da minha alegria,

Dá a mim a tua presença

E por ti usa meus dons todo dia.

Teu amor faça arder a minh'alma,

Teu temor eu não perca de vista,

Teu louvor já será a maior palma,

Teu sorriso, imensa conquista.

Coletânea de hinos para uso das pessoas denominadas

metodistas (1889), hino 672

PARA REFLETIR: Sl 18.46-50; 108.1-6; Jo 1.6-13; 14.12-21; Hb 4.14-16; 1Pe 1.3-16; 1Jo 1.7-9

150

Qual será, caríssimos irmãos, a glória dos que trabalham praticando a caridade? Como é grande e sublime a nossa alegria quando o Senhor começa a enumerar seus seguidores e a oferecer bens celestes por bens terrenos, bens eternos por bens temporais, coisas grandes por coisas pequenas! Como é grande e sublime a nossa alegria quando Cristo nos apresenta ao Pai, para quem ele nos restaurou mediante a santa cação!

O Pai nos concederá a imortalidade e a eternidade, para as quais ele nos renovou com o avivamento de seu sangue! Ele nos conduzirá de novo ao paraíso e nos abrirá o reino dos céus em cumprimento de suas promessas! Que essas coisas permaneçam firmes em nossa mente; que sejam entendidas com fé plena; que sejam amadas de todo o coração.

Nobre e divino, caríssimos irmãos, é o trabalho salvador da caridade, o verdadeiro e o maior dos dons de Deus, indispensável para os frágeis e glorioso para os robustos.

Cipriano, *As boas obras e as esmolas*, § 26

Oremos pelos que frutificam na santa igreja e dão esmolas aos necessitados. E oremos também pelos que oferecem sacrifícios e oblações ao Senhor, nosso Deus, a fim de que ele, a Fonte de toda bondade, os recompense com seus dons celestes e lhes dê neste mundo cem vezes mais e no outro a vida eterna, e que ele lhes conceda, por seus bens temporais, bens que são eternos. Oremos por nossos irmãos recém-iluminados, para que o Senhor os fortaleça e os conserve firmes. Oremos por nossos irmãos atormentados por enfermidades, para que o Senhor os salve e os devolva sadios ao seio de sua santa igreja. Amém.

Liturgia clementina (final do séc. 4), em *Constituições dos santos apóstolos*, livro 8, seção 2.10

PARA REFLETIR: Sl 1—2; 112.5-10; Is 58.6-7; Mt 5.42; 6.1-4; **19.29**; Lc 16.19-31; Rm 12.8-13; 1Tm 6.17-19; Tg 2.14-16; 5.1-9

151

A paciência é uma característica da natureza de Deus. Os cristãos que são gentis, pacientes e humildes imitam a Deus, o Pai. Jesus Cristo, nosso Deus e Senhor, ensinou isso em suas palavras e obras. Entre as muitas virtudes pelas quais demonstrou sua divina majestade, na paciência ele revelou o Pai. Desceu da sublimidade celestial para a realidade terrena e não desdenhou assumir a carne humana. Embora fosse sem pecado, carregou os pecados de outros. Deixando de lado sua imortalidade, permitiu-se tornar-se mortal para que o inocente fosse morto para salvar os culpados. Aceitou ser batizado por seu servo.

Durante quarenta dias passou fome para que todos os que têm fome da palavra de Deus e da graça pudessem banquetear-se com Cristo, o Pão celestial. Dominou seus discípulos não como servos sob a disciplina de um patrão, mas cordialmente e com gentileza os amou com amor fraterno. Dignou-se até a lavar os pés deles a fim de que, com esse exemplo, pudesse ensinar o que um companheiro deveria ser entre seus pares e iguais.

Cipriano, *O bem da paciência*, § 5-6

Salve, ó tu que já foste o zombado Messias,

Salve, ó Rei dos galileus!

Salve, ó tu que sofreste e morreste na cruz,

Para a salvação dos teus!

Salve, ó agonizante Salvador,

Que assumiste meu pecado!

Por teus méritos temos teu favor,

Vida teu nome tem dado.

Coletânea de hinos para uso das pessoas denominadas metodistas (1889), hino 722

PARA REFLETIR: Is 29.14; Mt 26.55—27.50; Lc 4.1-13; Fp 2.5-10; Cl

152

Aquele em nome de quem o diabo e seus anjos são agora castigados outrora ele mesmo sofreu castigos. Aquele que foi coroado com espinhos agora coroa mártires com ores eternas. Aquele que foi despido de suas vestes terrenas agora veste outros com a vestimenta da imortalidade. Aquele a quem ofereceram fel agora oferece alimento celestial. Aquele a quem ofereceram vinagre para beber agora mostra a taça da salvação. Aquele que há de julgar foi julgado; a Palavra de Deus foi conduzida em silêncio para o abate. E depois de todas essas coisas ele ainda perdoa seus assassinos, se eles se convertem e o procuram. Com paciência salvadora, aquele que em sua graça se predispõe a preservar não fecha sua igreja para ninguém.

Cipriano, *O bem da paciência*, § 7-8

Ó Deus, Pai de todos, cujo Filho nos mandou amar nossos inimigos, conduz a eles e a nós do preconceito para a verdade; livra a eles e a nós do ódio, da crueldade e da vingança; e, em tua hora propícia, possibilita-nos a todos comparecer reconciliados à tua presença; por Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

“Pelos nossos inimigos”, Orações e ações de graça, LOC

PARA REFLETIR: Is 53.4-9; Mt 27.26-56; Jo 19.1-40; At 2.22-24; Hb 2.6-18

153

Que direi eu da raiva, da discórdia, da disputa que não deveriam existir no cristão? Que haja paciência no coração, e essas coisas já não terão lugar nele. Se elas tentarem entrar, serão rapidamente excluídas e irão embora de modo que uma pacífica residência caracterizará o coração onde o Deus da paz se agrada de morar. Se o cristão abandonou a violência e a disputa carnal como quem foge de um furacão e se sente calmo e humilde no refúgio de Cristo, esse cristão não deve deixar entrar em seu coração nem a raiva, nem a discórdia.

Cipriano, *O bem da paciência*, § 16

Não te afastes de mim, minha Força,

A quem sempre vou obedecer;

Toma de mim o que assim te agradar,

Mas longe não quero te ver;

Que a tempestade siga tua voz

E faça comigo o que deve fazer.

Felizes os que contigo aprendem,

Com paciente dor, a ensinar

O segredo da força resistente

E o que nem sabemos louvar:

A paz que pressão nenhuma,

Fora ou dentro, pode alcançar.

Anna Letitia Waring (1823–1910),

Hinário

PARA REFLETIR: Rm 14.1—15.7; 1Co 12.1-31; 2Co 6.4; 10.1-5; Hb 10.36; 12.1

154

A paciência nos aprova e nos guarda para Deus. Ela suaviza a raiva, refreia a língua, controla a mente, defende a paz, administra a disciplina, modera o poder da luxúria, reprime a violência do orgulho, extingue o fogo da animosidade, detém o poder dos ricos, alivia a carência dos pobres, protege a integridade das virgens e a pureza das viúvas, e garante afeição única aos casados. A paciência torna as pessoas humildes na prosperidade, corajosas na adversidade e compreensivas com os erros.

Ela nos ensina a perdoar quem errou conosco e a suplicar longa e sinceramente quando nós erramos. A paciência resiste às tentações, suporta perseguições e aperfeiçoa a ações e martírios. É a paciência que nos fortalece a fé e nos eleva a esperança. Ela dirige o que fazemos, para que permaneçamos firmes no caminho de Cristo. A paciência nos preservará como filhos de Deus, desde que imitemos a paciência do Pai.

Cipriano, *O bem da paciência*, § 20

*Deixa-me, ó Mestre, contigo seguir
Por sendas simples, ninguém a servir;
Qual o segredo? Ajuda-me a aguentar
A dor da luta, a tensão do cuidar.
Dá-me a paciência, eu sempre contigo,
Na companhia do meu melhor amigo,
Na obra que a fé faz doce e forte,
No con ar que triunfa sobre toda sorte.*

Washington Gladden (1836–1918), Hinário

PARA REFLETIR: Cl 1.11; 1Ts 1.3; 5.21; 2Ts 1.4; 1Tm 6.11; Hb 10.23; Ap 2.25; 3.3

155

Como é grande o Senhor Jesus, e como é grande sua paciência: aquele que é adorado nos céus ainda não é adorado na terra! Consideremos, amados irmãos, sua paciência em nossas perseguições e sofrimentos; ofereçamos uma obediência repleta da expectativa de sua vinda; e, servos que somos, não procuremos nossa defesa mediante uma impulsividade iníqua e insolente. Pelo contrário, continuemos a lutar e trabalhar.

Vigiando de todo o coração e rmes na resistência, observemos os preceitos do Senhor para que no dia do juízo não sejamos punidos com os ímpios e os pecadores, mas estejamos entre os justos, com aqueles que temem a Deus.

Cipriano, *O bem da paciência*, § 24

*Ó sagrada Cabeça, agora machucada,
A que a dor e a vergonha impõem seu preço,
Agora em zombaria coroada
Com espinhos, teu único adereço;
Ó sagrada Cabeça, a tua glória foi grande:*

Quanta felicidade já tiveste!

Ao ver-te assim desprezada, curva e exangue,

Exulto por saber que a mim te deste.

Atribuído a Bernardo de Claraval (1090–1153),

da trad. de Paul Gerhardt (1656) e James W. Alexander

(1830), Hinário

PARA REFLETIR: Is 53.1-12; 1Ts 5.1-28; 1Tm 6.13-21; 2Tm 4.1-8; Hb 13.13-21

A IGREJA DO ORIENTE DEPOIS DE

ORÍGENES E ANTES DE NICEIA

Depois de Orígenes, a igreja da parte oriental do Império Romano caracterizou-se de muitas maneiras por sua teologia. Até os opositores de Orígenes, como Metódio de Olimpo, foram

in uenciados por ele. Justo Gonzáles observa que, mesmo depois da condenação de algumas ideias de Orígenes, suas obras

continuaram a ser lidas e alguns aspectos de sua teologia foram muito difundidos. Em suma, como observa Gonzáles, “as principais escolas teológicas eram, na verdade, facções variadas do Mestre”. *

Entre as guras notáveis de Alexandria que deram continuidade

ao legado de Orígenes estavam o bispo Héraclas (no cargo de 232 a 248 d.C.); Dionísio, o Grande, que incluímos na Escola de Alexandria; o teólogo Teognosto (c. 210–70 d.C.); e Piério de Alexandria († c. 309 d.C. em Roma). Entre os origenistas de Cesareia está Pân lo, bispo de Cesareia (martirizado em 309 d.C.), que ampliou a biblioteca que Orígenes havia fundado na cidade.

Outro origenista foi o historiador da igreja Eusébio de Cesareia (c.

263–339 d.C.), que se tornou bispo de Cesareia (c. 313 d.C.). Ele se autodenominava Eusebius Panphili, lho de Pân lo, devido à sua devoção ao bispo Pân lo, que o havia ordenado presbítero. Eusébio conseguiu escrever sua *História eclesiástica* em grande parte graças aos recursos que a biblioteca ampliada de Orígenes lhe ofereceu.

Outro discípulo de Orígenes foi Gregório de Neocesareia, a quem encontraremos brevemente. Como mencionamos antes, um dos

pais da igreja do Oriente que não foi discípulo de Orígenes foi Metódio, cujas obras também examinaremos a seguir.

Durante o terceiro século antes do Concílio de Niceia, surgiram

no Oriente duas heresias associadas à doutrina da Trindade. A primeira emergiu da ideologia de Paulo de Samósata, que se tornou bispo de Antioquia por volta de 260 d.C. Seu grande interesse na preservação da unidade monoteísta de Deus — talvez motivado por

suas responsabilidades políticas — deu-se à custa da manutenção de uma correta distinção entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Sua distinção extrema entre o Pai e o Filho implicava que só o Pai era Deus. O Logos (Palavra) é uma virtude ou característica do Pai, não uma segunda pessoa, como a doutrina trinitária ortodoxa afirma de maneira taxativa. Uma vez que não havia nenhuma segunda pessoa da Trindade, não poderia haver nenhuma

encarnação real em Jesus de Nazaré. O que Paulo de Samósata ensinava sobre o Espírito Santo não está claro, mas é evidente que ele não considerava que o Espírito Santo fosse uma terceira pessoa da Trindade. Embora fosse difícil sistematizar suas ideias, os ensinamentos de Paulo de Samósata foram examinados e

condenados, e ele acabou deposto depois de três sínodos realizados em Antioquia (265–269 d.C.).

A segunda heresia foi o arianismo. Surgiu dos ensinamentos de Ário († 336 d.C.), natural da Líbia e presbítero (313 d.C.) da igreja de Alexandria. Como sacerdote, Ário explicava as Escrituras de tal forma que negava a divindade de Cristo. Ensinava que, antes da existência do tempo, o Filho foi a primeira criação de Deus. “O

Filho tem um princípio, mas Deus não tem princípio”, escreveu em uma carta a Eusébio de Nicomédia (c. 319 d.C.). Depois de criar o Filho, Deus criou todas as outras coisas mediante o Filho, que está acima de todas elas e é o Salvador. Como Paulo de Samósata, Ário acreditava estar protegendo a unidade monoteísta. Embora

condenado no Concílio de Niceia, o arianismo continuaria a atormentar a igreja (especialmente no Oriente) por décadas subsequentes. No segundo volume desta série, veremos como os

pais da igreja confrontaram o arianismo e resolveram questões levantadas por Ário.

* Justo Gonzáles, *A History of Christian Thought*, vol. 1, p. 253.

GREGÓRIO DE NEOCESAREIA

Um pai da igreja extremamente intrigante foi Gregório de Neocesareia (c. 213–270 d.C.), também conhecido como Gregório Taumaturgo (Milagreiro). Ele recebeu esse cognome porque se acreditava que lhe fora concedido o poder de operar milagres a serviço do evangelho.

Gregório foi bispo de Neocesareia de aproximadamente 213 até sua morte em 275 d.C. Nasceu de pais ricos e pagãos de Neocesareia, a principal cidade da província do Ponto. Numa obra que exalta Orígenes (*Oração e panegírico a Orígenes*), Gregório nos conta que, depois da morte de seu pai, quando ele tinha 14 anos a “Palavra sagrada” começou a visitá-lo e atraí-lo para a salvação. Em retrospectiva, Gregório pôde ver como a “santa e maravilhosa providência” o havia guiado.

Depois de completar seus estudos de retórica e direito (c. 233 d.C.) e mais cinco anos de estudo sob a orientação de Orígenes em Cesareia, onde ele se converteu e foi batizado, Gregório voltou para a cidade natal e passou a integrar um pequeno grupo de cristãos. Orígenes escreveu uma carta insistindo para que Gregório se dedicasse a Cristo como presbítero (sacerdote). Enquanto Gregório estava fora da cidade para orar e refletir, Fedimo, bispo de Amaseia, o consagrou bispo de Neocesareia (c. 240 d.C.). Aceitando o cargo com certa relutância, Gregório iniciou um notável mandato tão sábio quanto amoroso de servo episcopal e tornou-se um competente missionário. Ele também conduziu sua congregação através da perseguição de Décio (250 d.C.) e durante uma invasão dos godos no norte (c. 260 d.C.).

Além de *Oração e panegírico a Orígenes*, as obras existentes e reconhecidas de Gregório são *Declaração de fé* (na qual ele afirma que a

“Trindade *permanece* sempre”), *Metáfrase* (tradução palavra por palavra) de *Eclesiastes* e a *Epístola canônica* (instruções sobre a disciplina cristã e o arrependimento em tempos perigosos).

(Durante o reinado de Galieno [259–267 d.C.] os godos devastaram muitas cidades da província da Ásia. Diante da desordem na igreja resultante dessa invasão, Gregório enviou sua *Epístola canônica* com o

intuito de tratar dos cristãos que exploravam os terríveis acontecimentos para apoderar-se da propriedade de outros cristãos fugitivos ou capturados. Sua epístola é uma advertência permanente contra a ganância.) A cobiça é um grande mal. Muitas passagens bíblicas condenam o furto e a mente ávida. Também condenam a disposição de interferir no que pertence a outrem para satisfazer o próprio sórdido amor pelo lucro. Alguns cristãos têm se mostrado tão atrevidos a ponto de usar a destruição causada pelos godos como oportunidade para o próprio enriquecimento. Tornaram-se bárbaros saqueadores. Só gente que odeia a Deus e se entrega a uma iniquidade sem igual faz coisas desse gênero. Parece conveniente excomungar essas pessoas para que “os justos não sejam destruídos com os perversos” e a ira de Deus não caia sobre todos, especialmente sobre os que ocupam cargos na igreja. Se as Escrituras condenam o crescimento pessoal às expensas de outrem em tempos de paz, com muito mais razão isso se aplica quando alguém enfrenta adversidades!

Gregório de Neocesareia, *Epístola canônica*, cânones 2, 4, 5, 10

Ensina-me, ó Senhor, tua santa via,

E dá-me obedecer-te sempre;

Que em ti minh'alma se concentre

Em servir e deleitar-se a cada dia.

William Tidd Matson (1833–1899), Hinário

PARA REFLETIR: Gn 18.23,25; Êx 23.4; Dt 22.1-3, Jr 6.13-15; Rm 1.28-32; 1Co 13.4-7; Ef 5.3-5; Fp 2.5-15; Tg 4.1-10; 2Pe 2.14-16; 1Jo 2.15-17

METÓDIO DE OLIMPO

Infelizmente, pouco sabemos sobre Metódio († 311 d.C.). Eusébio de Cesareia omitiu qualquer discussão sobre ele em sua *História eclesiástica*.

Isso provavelmente se deve ao fato de Eusébio reverenciar Orígenes, ao passo que Metódio se opunha energicamente a alguns dos ensinamentos origenistas. Jerônimo (c. 340–420 d.C.), que fornece muitas das informações que temos sobre Metódio, afirma que ele foi bispo de Olimpo, uma cidade da Síria, e martirizado por volta de 311 durante a perseguição instigada pelo imperador Diocleciano (r. 284–305 d.C.), a última e a mais intensa das perseguições gerais. A

perseguição foi mais dura nas províncias orientais. Dois anos após o martírio de Metódio, os imperadores Constantino (do Ocidente) e Licínio Augusto (do Oriente) promulgaram o Edito de Milão, que concedeu liberdade religiosa aos cristãos em todo o Império e devolveram à igreja as propriedades que haviam sido confiscadas.

Metódio era doutrinariamente sólido e escrevia de modo elegante e esmerado. Platão foi seu modelo, e Metódio costumava usar o diálogo para defender seus pontos de vista. Embora fosse ferrenho opositor da teologia de Orígenes, foi, mesmo assim, influenciado por ela. Metódio se opunha a Orígenes nas questões da preexistência da alma e da eternidade do mundo, no uso que Orígenes fazia da alegoria para interpretação da Bíblia e nos ensinamentos sobre a escatologia (n dos tempos). A maneira adotada por Orígenes para descrever a subordinação do Filho ao Pai, à qual Metódio se opunha, seria corrigida no Concílio de Niceia (325 d.C.).

157

Reza a lenda grega que, quando Ulisses quis ouvir a canção das sereias, ele zarpou para a Sicília amarrado, por causa da música arrebatadora.

Lacrou os ouvidos dos marinheiros com cera para impedi-los de ouvir. A morte era a consequência sofrida por quem fosse seduzido para os baixios pela música das sereias. Ora, nenhuma canção como a cantada pelas sereias está ao alcance dos meus ouvidos. E não alimento desejo nenhum de ouvir a canção delas. Mas oro pedindo para desfrutar o prazer da voz divina, que, embora seja frequentemente ouvida, eu quero ouvir de novo. Não que eu seja subjugado pelo encanto de uma voz voluptuosa, mas estou aprendendo mistérios divinos e espero que o resultado não seja a morte, e sim a salvação eterna. Os cantores dessa música não são as sereias fatais dos gregos; são um coro divino de profetas com quem não há necessidade de tapar os ouvidos dos companheiros. E não é preciso que ninguém se amarre com correntes por medo do castigo por ouvir. No primeiro caso, quem ouve a música morre. Mas, quanto mais alguém ouve o coro dos profetas, tanto mais desfruta uma vida melhor, pois essa pessoa está sendo conduzida para a frente pelo Espírito Santo.

Metódio, *Sobre o livre-arbítrio*, diálogo entre

Santi ca-nos também, Senhor, alma, corpo e espírito, e atinge-nos a mente, examina-nos a consciência e afasta de nós todo impulso da carne e do espírito que não condiz com tua santa vontade. E considera-nos dignos, ó amado Senhor, com audácia, sem reprovação, de coração puro, com espírito contrito, rosto franco e lábios santi cados, de ousar recorrer a ti, o Deus Santo, o Pai do céu. Amém.

A divina liturgia do santo apóstolo Tiago (c. 150-200 d.C.)

PARA REFLETIR: Mt 13.44-46; Lc 19.1-10; 24.13-34; Gl 5.22-26; Tt 2.11-14

158

Venham todos, então, e ouçam sem medo a divina canção. Não há entre nós as sereias do litoral da Sicília, nem as amarras de Ulisses, nem cera derretida derramada em nossos ouvidos; mas há a libertação de todas as cadeias e a liberdade de escutar concedida a todos os que desejam ouvir a canção divina. É bom ouvir uma canção como essa. Ouvir esses cantores me parece ser algo a buscar na oração. Se alguém deseja ouvir o coro dos apóstolos, encontrará na canção deles a mesma harmonia que se percebe nos profetas. Pois os profetas cantaram antes no plano divino, mas os apóstolos cantam uma interpretação do que os profetas anunciaram. Ah, que harmonia a nada, composta pelo Espírito Divino!

Ah, que beleza têm os cantores dos mistérios de Deus! Ah, quem dera eu também pudesse unir-me a essas canções em minhas preces!

Cantemos nós também essa canção e entoemos um hino ao Santo Pai, glori cando Jesus no Espírito.

Metódio, *Sobre o livre-arbítrio*, diálogo entre

Ortodoxo e Valenciano

Num forte canto unamos nossa voz

À luz dos astros celestiais;

O amor divino reina sobre nós,

Unindo a todos sempre mais;

Cantando, sempre em marcha, progredindo,

A nossa luta já vencida

Nos leva para o sol num hino lindo;

Foi um triunfo a nossa vida.

Henry Van Dyke (1852–1933), Hinário

PARA REFLETIR: Is 55.1-3; 61.1-3; 63.7-9; Jo 1.18; Rm 5.1-21; Ef 5.1-2; Cl 1.1-14

159

Não desprezem um hino espiritual, nem se predisponham contra escutá-lo. A morte, que era fatal para os marinheiros gregos, não faz parte do coro dos apóstolos. A canção deles é a história da salvação.

Desde já tenho a impressão de saborear os maiores prazeres enquanto vou percorrendo sobre temas como estes, especialmente quando estão à minha espera prados em or, isto é, a assembleia dos que se reúnem cantando e ouvindo os mistérios divinos. Que nobre plateia, que venerável companhia e que alimento espiritual! Ah, que eu sempre possa ter direito a participar desses prazeres; que esta seja a minha oração!

Metódio, *Sobre o livre-arbítrio*, diálogo entre

Ortodoxo e Valenciano

Louvai, ó céus, o Grande Senhor,

Louvai-o, anjos nas alturas;

Rejubilai-vos, sol e lua, em esplendor,

Louvai-o, estrelas puras;

Louvai o Senhor por suas palavras;

Mundos, à sua voz obedecéis:

Leis que nunca devem ser violadas,

Para guiar-nos Deus as fez.

Anônimo (c. 1801), Hinário

PARA REFLETIR: Lc 1.47; Jo 15.9,11-17; 16.20-22; At 11.18; 16.25; Rm 5.2; Fp 3.1; 1.Ts 5.16; 1Pe 1.8-9

160

(Dos pais da igreja que escreveram antes do Concílio de Niceia, Metódio é o que oferece a discussão mais ampla da origem do mal. Sua explicação num diálogo com Valenciano é abrangente e complexa, mas a conclusão é simples e útil. Ela será apresentada aqui em três partes.) Deus não criou coisa alguma que, por natureza, seja má. O mal não existia como realidade independente e em conjunto com ele. Somente pelo abuso e mau uso das coisas boas criadas por Deus o mal passou a existir. Deus criou os seres humanos, dando-lhes o dom do livre-arbítrio, inclusive o poder de obedecer ou desobedecer ao Criador. Esse é o significado do dom divino da liberdade. Depois de criar os seres humanos, Deus lhes deu seu mandamento. O

mal surgiu porque os humanos escolheram desobedecer à vontade de Deus e fazer mau uso de sua dádiva. Essa é a única fonte do mal no mundo. Os seres humanos foram dotados com o poder da liberdade a fim de que pudessem livremente obedecer ao Criador. Pela desobediência eles se tornaram escravos, não porque foram sobrepujados por tendências irresistíveis em sua natureza criada ou porque a capacidade com a qual foram dotados era inadequada para a escolha do melhor.

Metódio, *Sobre o livre-arbítrio*, diálogo entre

Ortodoxo e Valenciano

Louvai o Senhor, pois ele é glorioso;

A sua promessa nunca é em vão.

Deus com seus santos é vitorioso;

Pecado e morte nunca o serão.

Louvai o Deus de nossa salvação;

Proclamai, anjos, seu poder.

Os céus e a terra e toda a sua criação

Devem seu nome engrandecer.

Anônimo (c. 1801), Hinário

PARA REFLETIR: Gn 3.1-7; Sl 37.1; Pv 11.1-9; Jr 13.33; Rm 14.12

161

Deus dotou os seres humanos com liberdade para que eles pudessem obter um bem maior além da dádiva inicial da liberdade. Se os humanos tivessem sido criados como simples espécimes do mundo natural, teriam servido a Deus de forma similar. Teriam sido meros instrumentos do Criador e não teriam tido a capacidade de obter um bem condizente com a escolha deliberada. E teria sido desarrazoado que fossem culpados pela prática do erro, uma vez que não teriam tido a opção de escolher livremente coisas melhores. Mas Deus, querendo honrar os humanos e dar-lhes o entendimento de coisas melhores, concedeu-lhes o poder da liberdade. Ele recomenda o uso dessa dádiva para a conquista de coisas melhores. Mas Deus não faz isso privando os humanos do livre-arbítrio.

Pelo contrário, ele os exorta a usar o poder de escolha para obter coisas melhores.

Metódio, *Sobre o livre-arbítrio*, diálogo entre

Santo és tu, Rei da eternidade e Senhor e Doador de toda santidade; santo também é teu Filho unigênito, nosso Senhor Jesus Cristo, por meio de quem zeste todas as coisas; santo também é teu Espírito Santo, que examina todas as coisas, até as tuas coisas mais profundas, ó Deus. Do pó tu zeste o homem à tua imagem e semelhança e lhe deste a alegria do paraíso, e quando ele transgrediu teu mandamento e decaiu tu não o ignoraste ou abandonaste, ó Única Bondade, mas o castigaste como um pai misericordioso, chamaste-o por meio da lei, instruístes-o pelos profetas e depois enviaste ao mundo teu próprio Filho unigênito, nosso Senhor Jesus Cristo, para que em sua vinda ele renovasse e restaurasse tua imagem. Ao Deus sumamente misericordioso e bondoso sejam dados louvor e ação de graças, agora, sempre e por toda a eternidade. Amém.

A divina liturgia do santo apóstolo Tiago (c. 150-200 d.C.)

PARA REFLETIR: Js 24.14-18; Mt 11.28; 23.27; Jo 1.12; 3.16; At 9.20-23; 26.19-32; Hb 3.12—4.2; 2Pe 3.9

162

Quando Deus criou os seres humanos, ele não os criou com tacañhez.

Não precisou se arrepender por ter cometido um erro grave, como um mau artesão. Tampouco quis ele criar anjos e, por um equívoco, acabou criando humanos. Isso teria sido um sinal de fraqueza. Pois por que teria Deus criado seres humanos se sua intenção fosse criar anjos? Ele foi um incapaz? Seria blasfemo supor isso. Ou, talvez, ao criar seres humanos ele por preguiça fez alguma outra coisa inferior, quando podia com a mesma facilidade fazer algo superior. Isso também é absurdo. Pois Deus nunca falha na criação do bem; tampouco tarda em fazê-lo.

Deus tem o poder de agir quando e como lhe agrada. A razão pela qual Deus criou a humanidade é que ela é exatamente o que ele pretendeu criar. Mas se isso é o que Deus pretendeu, e se o que Deus faz é bom, então a humanidade era boa quando ele a criou. Ora, Deus criou a humanidade como corpo e alma. Quando na ressurreição do corpo os cristãos se levantarem e abandonarem a mortalidade da carne, então o corpo se libertará da corrupção e já não estará sujeito à vaidade, mas somente à retidão.

Metódio, *Sobre a ressurreição*, parte 1, § 8, 11

Deus Todo-poderoso, que à tua imagem nos criaste, concede-nos a graça de lutar com destemor contra o mal e não dar tréguas à opressão; e, para usarmos nossa liberdade de modo reverente, ajuda-nos a empregá-la na manutenção da justiça em nossas comunidades e entre as nações, para a glória do teu santo nome; por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor, que vive e reina contigo e com o Espírito Santo, um só Deus, agora e para sempre. Amém.

“Pela justiça social”, Coletas: contemporâneas, LOC

PARA REFLETIR: Gn 1.26-28; Sl 33.1-22; Is 42.5-11; At 17.22-31; 1Co 6.14-15; 15.45-57; 2Co 4.11-18

163

O Filho de Deus não faz coisa alguma sem necessidade. Ele não assumiu a forma de servo humano sem motivo, mas para levantá-lo e salvá-lo, pois ele verdadeiramente foi feito homem e morreu — não só em aparência, mas em verdade — para poder ser o primeiro unigênito ressuscitado dentre os mortos. Agora ele pode transformar o que é terreno em celestial, a mortalidade em imortalidade. Se o reino de Deus pudesse ser sobrepujado pelo que é corruptível, então o corruptível poderia assumir o controle da incorruptibilidade. Se o reino de Deus, que é a vida eterna, pudesse ser controlado pelo corpo corruptível, aconteceria que a vida seria consumida pela corrupção. Mas agora o reino de Deus se encarrega do que está perecendo de modo que “a morte seja engolida na vitória” e o que é corruptível seja visto como a posse da incorruptibilidade e imortalidade. A morte é agora serva da imortalidade; o corpo é posse da incorruptibilidade, e nenhuma incorruptibilidade é posse da corrupção.

Metódio, *Sobre a ressurreição*, parte 1, § 8, 13

Deus salve a ti, do Senhor o Ungido,

Do grande Davi o maior lho!

Salve que no tempo preestabelecido

Do reino a terra já vê o brilho!

Ele vem para vencer a opressão,

Pôr o preso em liberdade,

Eliminar toda transgressão,

Reinar com justa equidade.

James Montgomery (1771–1854), Hinário

PARA REFLETIR: Rm 3.19-25; 5.1-21; **1Co 15.3-58**; Ap 7.9-17;
12.10-17

APÊNDICE

LISTA DE PAIS ANTENICENOS

Os pais apostólicos Clemente de Antioquia (c. 30–100 d.C.) *A Doutrina dos doze apóstolos* (*Didaquê*) (c. 30–100 d.C.) Inácio de Antioquia (chamado *Theophorus* [Portador de Deus]) (c. 50–98-117 d.C.) Policarpo de Esmirna (c. 69–c. 156 d.C.) Papias de Hierápolis (fl. 1o quarto do séc. 2 d.C.) *A Epístola de Barnabé* (assim chamada) (c. 135 d.C.) *O Pastor de Hermas* (c. 100–160 d.C.) *A Epístola a Diogneto* (*Mathetes*) (c. 130 d.C.) Os apologistas

Quadrado de Atenas († c. 129 d.C.)

Aristides de Atenas (c. 140 d.C.)

Aristo de Pel a (c. 140 d.C.)

Miltíades (fl. 160–193 d.C.)

Cláudio Apolinário, bispo de Hierápolis, na Frígia (fl. c. 160–180 d.C.)
Melito, bispo de Sardes (fl. c. 160–180 d.C.) Justino Mártir (c. 100–
c. 65 d.C.)

Taciano (c. 120–180 d.C.)

Atenágoras, o Filósofo (c. 133–90 d.C.) Teófilo de Antioquia († c. 183–
185 d.C.) **Pais do segundo e terceiro séculos** Irineu († c. 202
d.C.)

Clemente de Alexandria († c. 215 d.C.) Hipólito de Roma (c. 170–225
d.C.) Tertuliano (c. 160–c. 225 d.C.)

Minúcio Félix (fim do 2o e início do 3o séc. d.C.) Comodiano
(Commodianus) (fl. c. 250 d.C.) Orígenes (c. 185–254 d.C.) Cipriano
de Cartago (c. 210–258 d.C.) Caio (início do 3o séc. d.C.) Novaciano

(c. 200–c. 258 d.C.) Gregório de Neocesareia (Gregório Taumaturgo)
(c. 213–c. 270 d.C.) Dionísio de Alexandria (Dionísio, o Grande) (c.
190–265 d.C.) Júlio Africano (c. 160–c. 240 d.C.)

Anatólio de Laodiceia (Anatólio de Alexandria) († c. 282 d.C.)
Metódio († c. 311 d.C.) Arnóbio († c. 330 d.C.)

Os pais da igreja do quarto século antes de Niceia **Lactâncio (c. 240–c. 320 d.C.)** Vitorino, bispo de Petuj, na Eslovênia († c. 304 d.C.)
Pânfilo, bispo de Cesareia (martirizado em 309 d.C.)

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

As leituras, orações e hinos usados neste livro foram adaptados das fontes abaixo. Os títulos entre colchetes indicam o nome pelo qual as obras, em geral, são conhecidas em língua portuguesa e mencionadas ao longo deste volume.

Ante-Nicene Fathers. 10 vols. Reimpr. ed. 1885, Christian Classics
Ethereal Library (CCEL).

< <http://www.ccel.org/fathers.html> > .

Apostolic Fathers. Trad. de J. B. Lightfoot. Edit. por J. R. Harmer, 1891.
Reimpr. ed. da Baker Book House, 1956, CCEL. < [http://
www.ccel.org/ccel/lightfoot/fathers.titlepage.html](http://www.ccel.org/ccel/lightfoot/fathers.titlepage.html) > .

Book of Common Prayer [Livro de Oração Comum, LOC]. Nova York:
Church Hymnal Corporation, 1979. < [http://justus.anglican.org/
resources/bcp/formatted_1979.htm](http://justus.anglican.org/resources/bcp/formatted_1979.htm) > .

Book of Common Prayer for Scotland [Livro de Oração Comum da
Escócia, LOC da Escócia].

1637. < [http://justus.anglican.org/resources/bcp/Scotland/
BCP_1637.htm](http://justus.anglican.org/resources/bcp/Scotland/BCP_1637.htm) > .

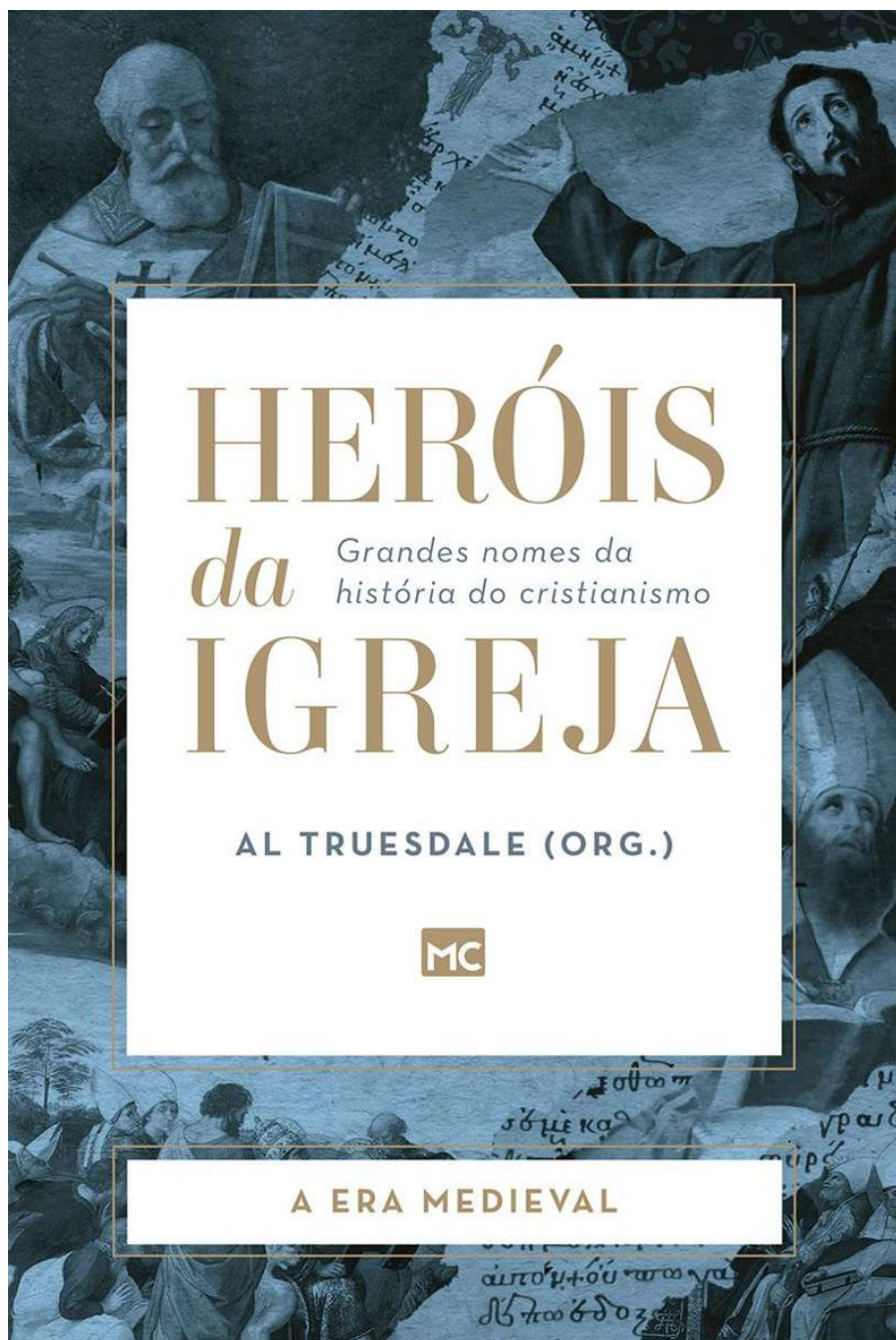
A Collection of Hymns for the Use of the People Called Methodist
[Coletânea de hinos para uso das pessoas denominadas metodistas] .
1889. < <http://www.ccel.org/ccel/wesley/hymn> > .

Hymnary.org [Hinário] . < [http://www.hymnary.org/texts?qu=
+in:texts](http://www.hymnary.org/texts?qu=) > .

Scottish Book of Common Prayer [Livro de Oração Comum escocês,
LOC escocês]. 1929.

< <http://justus.anglican.org/resources/bcp/Scotland/Scotland.htm> > .

Sing to the Lord [STTL] . Kansas City: Lillenas Publishing Company, 1993.



HERÓIS DA IGREJA

Grandes nomes da história do cristianismo

VOLUME 2

A ERA MEDIEVAL



Editado por

AL TRUESDALE

Traduzido por Almiro Pisetta



Copyright © 2014 por Al Truesdale Publicado originalmente por Beacon Hill Press of Kansas City, divisão da Foundry Publishing, Kansas City, Missouri, EUA.

Os textos das referências bíblicas foram extraídos e adaptados da *Nova Versão Transformadora* (NVT), da Editora Mundo Cristão (com permissão da Tyndale House Publishers, Inc.), salvo as seguintes indicações: *Nova Versão Internacional* (NVI), da Bíblia Internacional; *Almeida Revista e Atualizada*, 2 ed. (RA); e *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* (NTLH), ambas da Sociedade Bíblica do Brasil.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Edição

Daniel Faria

Revisão

Natália Custódio

Produção e diagramação

Felipe Marques

Colaboração

Ana Luiza Ferreira

Capa

Maquinaria Studio

Conversão para Ebook

SCALT Soluções Editoriais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H48

v. 2

Heróis da igreja [recurso eletrônico] : grandes nomes da história do cristianismo : a era medieval, volume 2 / editado por Al Truesdale ; traduzido por Almiro Pisetta. - 1. ed. -

São Paulo : Mundo Cristão, 2020.

recurso digital (Heróis da igreja ; 2)

Tradução de: The book of saints : the middle era

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-433-0497-7 (recurso eletrônico)

1. História da igreja - Idade Média, 600-1500. 2. Santos cristãos. 3. Livros eletrônicos. I.

Truesdale, Al. II. Pisetta, Almiro. III. Série.

19-61598 CDD: 270.3

CDU: 27-9"0325/1054"

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por: Editora
Mundo Cristão Rua Antônio Carlos Tacconi, 69

São Paulo, SP, Brasil CEP 04810-020

Telefone: (11) 2127-4147

www.mundocristao.com.br

SUMÁRIO

Introdução

Eusébio de Cesareia

Atanásio

Hilário de Poitiers

Macário-Simeão (Pseudo-Macário)

Os Pais Capadócios

Basílio Magno

Gregório de Nissa

Gregório de Nazianzo

Ambrósio de Milão

João Crisóstomo

Agostinho, bispo de Hipona

João Cassiano

Vicente de Lérins

Leão Magno

Gregório Magno

Anselmo, arcebispo de Cantuária

Bernardo de Claraval

Hildegarda de Bingen

Francisco de Assis

Mestre Eckhart

João de Ruysbroeck

Juliana de Norwich

Catarina de Sena (Catarina de Benincasa)

Tomás de Kempis

Teologia germânica

Fontes bibliográficas

Ah, o divino mistério da cruz, da qual pende a fraqueza e na qual se revela o poder divino! Esse madeiro tornou-se, por assim dizer, o barco de nossa salvação, nossa passagem, não para o castigo, mas para a vida eterna.

Ambrósio, bispo de Milão,

Sobre o Espírito Santo, vol. 1, cap. 9, seção 108-110

INTRODUÇÃO

Em seu credo mais universal, os cristãos afirmam que eles “creem na santa igreja católica e apostólica” (Credo Niceno [325 d.C.], LOC). Essa é uma profissão de fé que a igreja fundamenta no Senhor crucificado, ressuscitado, exaltado e que há de retornar.

Neste volume, começando com o Concílio de Niceia e continuando até a véspera da Reforma, aprenderemos sobre a vida de fé com pessoas que tiveram profundo amor pela igreja e zeram o melhor possível para garantir a fidelidade dela a Cristo. Essas pessoas viveram e trabalharam durante um período de formação extremamente crítico e muitas vezes conturbado da história da igreja. Desde o início, questões importantes vinham sendo levantadas e debatidas. Muitas coisas que nós com frequência aceitamos sem pestanejar como doutrina cristã eram então incertas. Por exemplo, como deveria ser explicada a doutrina cristã com o intuito de salvaguardar a plena divindade do Pai, Filho e

Espírito Santo, sem pôr em risco a crença num único Deus? E quem, no m das contas, é Jesus Cristo? Qual é o relacionamento dele com o Pai? Ele teve um início criado? Como é possível que ele fosse plenamente humano bem como plenamente divino? Aliás, por que essa questão é importante? E que documentos a igreja deveria aceitar como sua

“Escritura”?

“Nós cremos numa única santa igreja católica e apostólica.” A história sem verniz da igreja oferece um testemunho ambíguo. Por exemplo, nossa lembrança dos mártires exige que também nos lembremos de que a igreja por vezes recorreu à perseguição depois de obter a aprovação e o poder imperial. O registro histórico que propicia um credo uni cador também remonta a uma igreja que agora parece irremediavelmente esfacelada. Muitas vezes, na Idade Média, a igreja pareceu bem mais interessada em possuir os reinos deste mundo do que em entrar no reino

do humilde Galileu. A história da Reforma Protestante do século 16 fala da recuperação doutrinal. Mas também mostra protestantes se dividindo por causa das mesmas doutrinas que geraram a Reforma. E, em nome do Príncipe da Paz, menos de duas décadas depois de Martinho Lutero a xar suas 95 teses (1517), católicos romanos e protestantes estavam assassinando muitos paci stas anabatistas.

“Nós cremos numa única santa igreja católica e apostólica” quando muitos perdem a esperança na igreja e, isolados, procuram um mundo religioso pessoal. Todavia, apesar do ambíguo histórico religioso da igreja e de seus ventos contrários atuais, a declaração de Jesus de Nazaré permanece inalterada e inabalável: “. . edi carei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mt 16.18, RA). Pela autoridade do Pai e pelo poder do Espírito Santo, o Senhor da igreja terá para si um povo, seu corpo, a companhia do Espírito Santo, como vanguarda do inaugurado reino de Deus. Quem perde a esperança na igreja perde a esperança em Cristo. As obras do Espírito Santo para a construção da igreja, para torná-la uma boa-nova do evangelho de Deus, continuam evidentes e intactas. Por menos atraente que às vezes a igreja possa parecer, ela ainda é a esposa de Cristo sendo preparada para o banquete nupcial do Cordeiro.

Uma das principais diferenças entre os pais que apareceram no primeiro volume e os mestres que povoam as páginas deste segundo é que, por volta de 323 d.C., a igreja já não enfrentava o perigo de perseguições em massa promovidas pelo império. Embora o poder

imperial por vezes se voltasse contra pessoas vistas por um imperador como hereges, os líderes cristãos podiam agora dedicar suas energias à consolidação da fé da igreja. O Espírito Santo suscitou líderes para guiar sua igreja. Eles deixaram uma mina de tesouros que podem enriquecer muito nossa fé e testemunho. Com reverência nós nos associamos à sua irmandade e passamos a ser estudantes enquanto eles nos ensinam a edificar sobre aquela fundamentação segura, que é Jesus Cristo (1Co 3.11).

Um breve esboço biográfico precede os textos selecionados de cada personalidade aqui mencionada. Uma oração (muitas vezes um hino) e referências bíblicas para referência acompanham cada leitura. Em muitos casos, foi necessário parafrasear as traduções em domínio público.

EUSÉBIO DE CESAREIA

Eusébio, bispo de Cesareia na Palestina (c. 263–339 d.C.), é mais conhecido como o pai da história eclesiástica. Ele foi o primeiro a escrever uma extensa história dos primeiros trezentos anos da igreja.

Tornou-se um aluno tão dedicado de Pânlo († 309 d.C.) que assumiu o nome de Eusebius Pamphili (filho de Pamphilius). Não se deve confundir esse Eusébio com Eusébio de Nicomédia († 341 d.C.), um ariano confesso.

Pouco sabemos sobre os primeiros anos de vida de Eusébio.

Provavelmente nasceu em Cesareia, onde foi batizado. Seu pai talvez tenha sido uma figura de destaque social. A razão de supormos esses detalhes é que, durante a perseguição iniciada pelo imperador Diocleciano (r. 284–305 d.C.), Pânlo e outros cristãos de Cesareia foram martirizados. Eusébio foi preso, mas não martirizado, talvez por causa da influência de sua família.

Sucedeu a Pânlo como diretor da biblioteca de Cesareia e provavelmente foi ordenado presbítero quando a perseguição começou a arrefecer. Por volta de 313 d.C., mais ou menos na época do Edito de Milão, que estabeleceu a tolerância imperial dos cristãos, Eusébio tornou-se bispo de Cesareia. Foi um dos bispos e teólogos mais influentes nos primórdios da igreja. Registros indicam que, quando o Concílio de Niceia se reuniu (325 d.C.), Eusébio sentou-se à direita de Constantino. Ele fez o discurso de abertura em nome do imperador.

Tanto o admirava que escreveu *A vida de Constantino*, além de um panegírico endereçado ao imperador.

Como diretor da biblioteca de Cesareia, Eusébio teve a oportunidade de escrever sua *História eclesiástica*, iniciada durante a perseguição de Diocleciano. Nela Eusébio trabalhou para mostrar que, com a conversão de Constantino e seu reconhecimento da igreja, a história da

humanidade havia atingido seu ponto mais alto. Eusébio escreveu muitas obras. Em *Preparação para o evangelho*, mostrou a superioridade do cristianismo em relação a religiões e losos pagãos. Em *Demonstração do evangelho*, mostrou como Jesus cumpriu a profecia do Antigo Testamento. Sua *Crônica da história universal*, em dois volumes, estende-se de Abraão até Constantino (325 d.C.).

1

Nenhuma língua é capaz de expressar a eternidade, o valor, o ser e a natureza de Cristo. É por isso que o divino Espírito Santo indaga nas profecias: “E quem pode falar dos seus descendentes?” [NVI]. Ninguém conhece o Pai exceto o Filho; e ninguém pode conhecer o Filho plenamente exceto apenas o Pai. Pois quem além do Pai poderia entender claramente a Luz que existia antes que houvesse mundo, a Sabedoria que existiu antes de todas as eras, a Palavra viva que existia no começo com o Pai e era Deus, o verdadeiro Filho unigênito de Deus que existia antes de todas as criaturas visíveis e invisíveis, o Comandante em chefe do exército angélico, o Executor do testamento do Pai, o Criador (com o Pai) de todas as coisas, o Senhor e Deus e Rei de todos os reinos de todas as coisas criadas, o Único que recebeu do Pai domínio e poder, com força e honra?

Eusébio de Cesareia, *História eclesiástica*, vol. 1, cap. 2, seções 2-3

Ó Mestre, Cristo nosso Deus, Rei de todos os tempos e Criador de todas as coisas, eu te agradeço por todas as coisas boas que me concedeste. Tu que és bom e amas toda a humanidade, guarda-me sob tua proteção e à sombra de tuas asas. Permite-me, com uma consciência pura, até meu último suspiro, participar dos teus santos mistérios para a remissão dos pecados e a vida eterna. Pois tu és o Pão da Vida, a Fonte de santidade, o Doador de coisas boas, e a ti nós atribuímos glória: ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, agora e para todo o sempre, pelos séculos dos séculos. Amém.

Extraído de uma oração de Basílio Magno

PARA REFLETIR: Is 53.8; Mt 11.27; Lc 1.46-55; Jo 1.1-18; 5.31-47; 8.12-30; 17.1-26; Ef 1.3-14; Cl 1.15-23; 1Jo 1.1-4; Ap 19.1-8

ATANÁSIO

Com exceção do apóstolo Paulo, ninguém sofreu mais para manter a fé cristã inviolável do que Atanásio (c. 296–373 d.C.), bispo de Alexandria.

Ninguém percebeu mais claramente a facilidade com que a fé poderia ser dissipada. Ninguém foi mais admirado por seus seguidores ou mais desprezado por seus inimigos.

Um admirador, Gregório de Nazianzo (c. 330–390 d.C.), disse que no Concílio de Niceia o Espírito Santo usou Atanásio para “pôr m à moléstia do arianismo” (*Discursos*, n 21, seção 14). Mas o imperador Constâncio (317–361 d.C.), um ariano, julgou Atanásio “um sujeito pestilento” que com razão foi “conduzido de um lugar para outro, culpado dos crimes mais abjetos” (carta citada em Atanásio, *Apologia ao imperador*, seção 30). A irredutível defesa da fé apostólica fez que Atanásio fosse expulso de Alexandria cinco vezes. Dos 45 anos de seu episcopado, 17 foram passados no exílio.

Atanásio, pequeno em estatura, com um rosto radiante e inteligente, nasceu em Alexandria ou em suas imediações. Seus escritos mostram que ele teve uma educação secular sólida.

Por volta do ano 313 d.C., tornou-se secretário de Alexandre, bispo de Alexandria e provavelmente aluno da escola catequética daquela cidade.

Seu espírito dedicado, sua mente disciplinada, seu relacionamento com ascetas do deserto e a experiência de ter vivido a perseguição imperial o prepararam para o corajoso e brilhante serviço prestado ao seu Senhor.

Em 325 d.C., acompanhou o bispo Alexandre em sua viagem a Niceia para o grande concílio. Embora não fosse membro do concílio, de certo modo sua argúcia teológica se destacou. A ele devemos principalmente uma feliz declaração da plena divindade de Cristo hoje cristalizada no Credo Niceno. Contra os arianos que viam no Filho a primeira e maior

criação do Pai, Atanásio argumentou com sucesso que o Cristo tem a mesma substância, ou divina essência, do Pai.

Embora o Credo Niceno a rmasse a plena divindade de nosso Senhor, a batalha para cristalizar essa con ssão na crença da igreja continuou por quase cinquenta anos. Até sua morte, Atanásio esforçou-se para

garantir a permanência da ortodoxia. *Contra os pagãos* e *Sobre a encarnação do Verbo* constituem dois de seus escritos mais importantes.

2

Em toda parte a natureza exhibe ordem, harmonia, proporção e organização ao invés de desproporção e desordem. Portanto, deveríamos ser levados a reconhecer o Mestre que organizou todas as coisas e produziu nelas um efeito harmonioso. Embora ele não possa ser visto a olho nu, mesmo assim, considerando-se a ordem e harmonia das coisas criadas, é possível perceber o Soberano, o Organizador e Rei delas. Se nos fosse dado conhecer uma cidade constituída por cidadãos diferentes entre si em muitos aspectos, mas convivendo unidos de forma ordenada, nós concluiríamos que um único soberano produz a concórdia.

A ordem e organização do mundo mostram que o Verbo de Deus é seu Soberano e Comandante. Ele é um só, não muitos. Se houvesse mais de um Soberano da criação, a ordem universal estaria perdida.

Se acaso ouvíssemos uma lira de muitas cordas sendo tangida ao longe, e se nos maravilhasse sua harmonia, concluiríamos que ela não está tocando sozinha. Assim também, a ordem do universo tem um Soberano e Rei. Por sua própria luz o Deus que adoramos é o único Senhor da criação. Santíssimo e acima de todas as coisas criadas, ele é o Pai do Redentor por quem o mundo foi criado. Como o capitão de um navio, nosso Senhor e Salvador dirige, preserva e ordena todas as coisas.

Atanásio, *Contra os pagãos*, parte 3, seções 38, 40

Ó Deus, que maravilhosamente criaste e de modo ainda mais maravilhoso restauraste a dignidade da natureza humana, concede-nos que participemos da vida divina daquele que se humilhou para participar de nossa humanidade, teu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

“Liturgia da Palavra”, A grande vigília pascal, LOC

PARA REFLETIR: Jó 9.1-13; 12.7-12; 26.7-14; Sl 33.1-9; 65.5-13; Jo 1.1-4; 2Co 4.6; Hb 1.1-3

3

O Filho de Deus é o Verbo e a Sabedoria do Pai. Ele agiu para criar todas as coisas e encarnou-se para comunicar o conhecimento de seu

Pai. Cristo é o próprio Brilho e Vida do Pai. Ele é a Porta, o Pastor, o Caminho, o Regente e Salvador de tudo. Tendo tal Filho, o Pai não o escondeu de suas criaturas. Todos os dias, mediante o trabalho do Filho, o Pai se revela. O Salvador diz: “Eu estou no Pai, e o Pai está em mim”.

Isso signi ca que o Verbo vive eternamente com o Pai que a gerou. Os seres humanos, em sua insensatez, rejeitaram o conhecimento do Verbo e o serviço devido a ele. Honraram “senhores” que não existem, em vez de adorar o Senhor eterno. Criando deuses a partir de coisas que não existem, eles serviram à criatura em vez de servir ao Criador. É como se alguém se pusesse a elogiar um instrumento musical, mas desprezasse o artesão que o fez e a nou. Concluiríamos que tal julgamento seria fruto da loucura. Em contrapartida, a imortalidade e o reino dos céus são frutos da fé e devoção a Deus. Mas primeiro a alma tem de ser ordenada segundo a vontade de Deus.

Atanásio, *Contra os pagãos*, parte 3, seção 47

Bendito Senhor Jesus, encarnando a eterna graça, tu és o Mensageiro bem como a mensagem do evangelho. Tu praticaste o evangelho na terra com in nita compaixão, recebendo insultos, injúrias e morte para que nós fôssemos redimidos, resgatados, libertados. Bendito és tu, ó Pai, por conceberes este Caminho de redenção. Louvor eterno a ti, Santo Espírito, por aplicar o evangelho ao nosso coração. Gloriosa Trindade, imprime o evangelho em nossa vida até que a redenção e a santidade se espalhem por toda parte. Amém.

Extraído de Arthur Bennett, ed., *O vale da visão*, p. 35

PARA REFLETIR: Jo 3.31-35; 8.12-29,42-59; 10.1-21; **14.5-14**; Rm 1.18-32; 1Co 8.4-6; Fp 2.5-11; 1Tm 6.11-16

4

Quando falamos da vinda do Salvador para nosso meio, devemos também falar da origem da humanidade. Nós fomos a razão da vinda do Salvador. Deus criou os seres humano à sua imagem e quis que permanecêssemos na incorruptibilidade. Não só Deus criou os humanos a partir do nada, mas também pela graça de seu Verbo ele por livre vontade nos concedeu vida em comunhão com ele. Somente

continuando em comunhão com Deus, fazendo sua vontade, poderia a humanidade ter preservado a semelhança com Deus e ter garantida a imortalidade. Mas a humanidade desprezou e rejeitou a comunhão com Deus. As pessoas tramaram o mal para si mesmas e,

consequentemente, receberam a condenação da morte com a qual haviam sido ameaçadas.

Assim como os homens haviam sido criados do nada, por causa de seus pecados se viram diante de um eventual retorno ao “nada”, isto é, à morte e à desintegração. Aquelas mesmas transgressões convocaram a amorosa bondade do Verbo. Encarnado, ele logo tratou de nos ajudar.

Com vistas à nossa salvação, tratou-nos com carinho.

Atanásio, *Sobre a encarnação do Verbo*, seções 4-6

Ó Deus de toda graça, tu enviaste Cristo, o Salvador. Cultiva agora em nós a fé necessária para vivermos nele, para fazermos dele nosso ardente desejo, nossa esperança e glória. Que entremos em Cristo como um navio entra num porto seguro; que andemos somente em seu caminho e o sigamos como nosso Guia. Que nos conformemos com ele como nosso Exemplo, recebamos sua palavra como nosso Profeta, recorramos à sua intercessão como nosso Sumo Sacerdote e lhe sirvamos como nosso Rei. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, um só Deus, para sempre bendito. Amém.

PARA REFLETIR: Gn 1.26-28; 2.7-18; 6.1-8; Sl 82.6; 95.1-7; Ec 7.29; Sabedoria 6.18

(deuterocanônico); Jo 3.14-21; Rm 1.21-22; 3.1-20; 5.14; 1Jo 3.1-3

5

Tendo a morte conquistado poder sobre a humanidade por causa do pecado, e a corrupção afetando todos os seres humanos, a espécie humana estava perecendo. A maior obra das mãos de Deus ia se dissolvendo; o que signi cava ser uma “pessoa” iria desaparecer. A morte detinha lícito direito sobre todos nós, e era impossível evadir-se das consequências de violar a lei de Deus. As perspectivas eram monstruosas e inaceitáveis. Por um lado, se depois de sua transgressão o homem não morresse, a palavra de Deus seria desmentida. Por outro lado, era indecoroso que, tendo outrora participado do Verbo de Deus, a criação divina se aviltasse em libertinagens. Teria sido uma ofensa à bondade de Deus permitir que sua criação decaísse por causa da artimanha de Satanás.

O que deveria Deus em sua bondade fazer? Permitir que a corrupção prevalecesse? Permitir que a morte nos prendesse com rmeza? Se esse fosse o caso, em primeiro lugar qual teria sido a vantagem de termos sido criados por Deus? Melhor seria se nós outrora não houvéssemos

sido criados do que, sendo criados, acabarmos relegados à destruição.

Além do mais, isso teria mostrado fraqueza, não bondade e poder, em Deus. Se Deus nunca tivesse criado nada, ninguém poderia tê-lo acusado de fraqueza. Deixar-nos desesperadamente escravizados à corrupção estava fora de questão, era inaceitável e indigno da bondade de Deus.

Atanásio, *Sobre a encarnação do Verbo*, seções 6-7

Senhor Todo-poderoso, como discípulo de Jesus eu não busco estar entre os ricos e poderosos, mas entre os que estão sob a tutela do Espírito Santo. Que minha suprema e permanente paixão seja garantir as bênçãos que são de natureza espiritual, eternas em duração e agradáveis em posse. Que eu seja completamente reconciliado com tua vontade. Que eu não te siga com hesitação, mas com uma disposição santa e constante, para louvor do Deus trino, Pai, Filho e Espírito Santo. Amém.

PARA REFLETIR: Gn 2.15; Mt 18.10-14; Lc 15.1-32; Rm 5.12-21; 2Co 5.11-21; Gl 3.19-20; 1Pe 1.3-12

6

Então, mirando esse objetivo, o incorpóreo, incorruptível e imaterial Verbo de Deus veio para nosso meio. Mas ele nunca havia estado distante de nós. Está em todas as coisas em toda parte, mesmo continuando presente junto ao Pai. O Verbo dignou-se derramar sobre nós sua amorosa bondade. Viu que estávamos sucumbindo, que a morte reinava sobre nós, e que a corrupção nos prendia com rmeza. A lei de Deus a respeito da transgressão e da morte não podia ser ignorada.

Vendo a imensa ruptura que surgiu — aquilo que o Verbo havia criado estava agora se decompondo na morte —, e vendo como estávamos sob a pena de morte, o Verbo de Deus se compadeceu de nossa raça e teve misericórdia de nossa enfermidade. Nosso Senhor se recusou a deixar que a morte se apossasse de sua criação.

O Verbo de Deus não apareceu simplesmente para encarnar-se. Pelo contrário, ele assumiu para si um corpo exatamente como o nosso, de uma virgem imaculada. Sendo ele mesmo poderoso e o Artífice de todas as coisas, o Verbo de Deus preparou o corpo da virgem como um templo para si. De forma plenamente humana, nosso Senhor foi revelado e aqui habitou. Assumindo um corpo como o nosso e submetendo-se à pena da corrupção da morte, Cristo se entregou à morte por nós. Ele se ofereceu em obediência ao Pai.

Deus conosco, Emanuel,

Aqui veio lá do céu;

Sobre a decaída raça

Derrama a abundante graça.

Celebrai a grande dita:

Conosco Jesus habita!

Christopher Wordsworth (1807–1855), Hinário

PARA REFLETIR: Mq 5.2; Mt 26.23-46; Lc 1.26-35,38-56; 2.1-20; Jo 1.14; At 17.27; Gl 3.15-18; Fp 2.5-11; Cl 1.15-20

7

Quando a impiedade e a idolatria dominaram o mundo, e o conhecimento de Deus foi ocultado, quem cou responsável por ensinar ao mundo sobre o Pai? “O homem”, poderiam responder alguns. Mas

nenhum mero ser humano tinha a credibilidade necessária. Com toda a humanidade afetada e confusa pelo engano do diabo, como poderia um ser humano decaído redimir seus semelhantes? Ou será que talvez a própria criação pudesse ter providenciado a redenção? Se assim fosse, então, em primeiro lugar, o pecado não teria entrado no mundo. A criação era uma testemunha incapaz quando os humanos, em seu estado de pecado, caram impotentes.

Exigia-se o próprio Verbo de Deus. Só ele conhece toda a pessoa e dá vida à criação. Só ele poderia restaurar plenamente o conhecimento do Pai. Mas como? Alguém poderia dizer: pelo mesmo meio que o Verbo usou no começo. Mas isso já não era uma certeza, porque os humanos já haviam deixado de dirigir o olhar para o Pai. Pelo contrário, cheios de orgulho, eles o xavam na criação.

Assim, determinado a redimir a humanidade, o Verbo de Deus escolheu habitar entre nós. Encarnou-se e ensinou-nos exatamente por meio das coisas que havia criado. Havíamos fracassado em conhecer Deus mediante sua providência. Mas, graças a nosso Senhor, podemos conhecer o Pai por meio dele.

Ó Deus, cujos maravilhosos feitos dos tempos antigos brilham até hoje; tu outrora, pelo poder de teu braço forte, libertaste teu povo escolhido da escravidão do faraó, a m de seres para nós sinal da salvação de todas as nações. Concede que todos os povos da terra sejam incluídos entre os descendentes de Abraão, rejubilando-se na herança de Israel, por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

“Liturgia da Palavra”, A grande vigília pascal, LOC

PARA REFLETIR: Lc 2.25-32; Jo 5.16-30; Ef 1.3-12,17-22; 2.1-10; Cl 1.9-23; 1Pe 1.13-24; Ap 5.12-13; 12.10-12; 19.1-8

8

Em todos os sentidos concebíveis o Verbo encarnado revelou o Pai à humanidade. Se os seres humanos contemplaram com assombro a Criação, viram que ela mesma professava a Cristo como Senhor. Se a mente deles se inclinou a tratar os seres humanos como deuses, nesse caso as obras do Salvador entre eles mostraram que Cristo era o Filho de Deus. Das obras realizadas por seres humanos, nenhuma delas se compara com as obras do Verbo de Deus. Se pessoas imbuídas de preconceitos sobre espíritos malignos viram Cristo expulsar demônios, elas aprenderam que só o Verbo de Deus, não qualquer demônio, era Deus. E se os humanos, que haviam caído tanto a ponto de adorar heróis mortos e os deuses mencionados pelos poetas gregos e romanos, contemplaram o Cristo ressurreto, eles admitiram que aqueles antes adorados por eles não eram deuses de modo algum.

Somente o Senhor é o verdadeiro Verbo do Pai, sendo Senhor até da morte. Em consequência disso, o Filho de Deus pôde nascer de uma virgem, viver entre nós como plenamente humano, ser injustamente crucificado e ressuscitar de novo. Sua graça assiste as obras e meios de todas as pessoas, de modo que, independentemente dos rumos aos quais seus interesses possam levá-las, Cristo pode vir ao encontro delas, chamar de volta os desobedientes e conduzi-los ao Pai. Realmente, Cristo “veio buscar e salvar o que estava perdido”.

Atanásio, *Sobre a encarnação do Verbo*, seção 15

Ó Senhor, nós te suplicamos e, com amor e muita esperança, acreditamos que tu podes nos dar a graça celestial do Espírito, e que o próprio Espírito pode nos governar e conduzir ao cumprimento da perfeita vontade do Pai. Que sejamos revigorados com os múltiplos refrigérios do Espírito. Para a glória do Pai, do Filho e do Espírito Santo, um só Deus, para sempre bendito. Amém.

PARA REFLETIR: Mt 4.23-25; 8.14-17; Mc 3.22-29; Lc 4.40-41;
19.1-10; Jo 10.1-11; At 8.7; 16.16-18

9

Na cruz o Verbo encarnado venceu o pecado e a morte. Tão enfraquecido cou Satanás que aqueles que outrora foram por ele enganados agora zombam dele, pois a morte já não é temida pelos discípulos de Cristo. Antes da vinda do Salvador, a morte aterrorizava até mesmo os santos. Mas agora, por causa da ressurreição de nosso Senhor, os cristãos sabem que a morte nalmente não pode mais ameaçá-los. Sabem que um dia o Senhor ressurreto induzirá a mortalidade deles a assumir a imortalidade e fará a corrupção ceder à incorruptibilidade.

Sim, o diabo outrora maliciosamente se rejubilava por causa da morte.

Agora, depois que seu terror foi anulado, a morte morreu. Antes de as pessoas se tornarem cristãs, a morte é um terror. Elas se acovardam na presença de Satanás. Mas, quando se tornam discípulas, seu desprezo pela morte as capacita a morrer como testemunhas [*martyres*, em grego]

de seu Redentor.

Quando um rei poderoso derrota um tirano, todos os que passam ridicularizam o vencido. E o insultam porque já não temem sua brutalidade. Na cruz o Salvador desmascarou e conquistou a despótica morte, atando-lhe as mãos e os pés. Agora, todos os que estão em Cristo podem zombar: “Ó morte, onde está sua vitória? Ó morte, onde está seu aguilhão?”.

Atanásio, *Sobre a encarnação do Verbo*, seção 27

A poderosa vítima divina

O feroz poder do inferno elimina;

Tu conquistaste na luta,

Vida e luz com tua conduta.

Hino latino (séc. 4 d.C.), da trad. de Robert Campbell

(1849), Hinário

PARA REFLETIR: Jó 17.11-16; Sl 4.4; 55.4; 89.47; Jo 11.1-44; At 2.24; Rm 6.1-14; **1Co 15.1-58**; Ap 1.9-18

10

Se pelo poder da cruz e pela fé em Cristo a morte foi espezinhada, deve car bem claro perante o tribunal da verdade que ninguém mais senão o próprio Cristo foi a razão disso. Ele sozinho exhibe os troféus do triunfo sobre a morte. Ele sozinho forçou a morte a ser privada de seu poder.

Quando de manhã o sol se levanta, ca alguma dúvida de que ele dissipou a escuridão? Assim também, depois da manifestação do Senhor na carne e sua morte na cruz, os cristãos sabem por que eles devem desprezar a morte. Para eles está muito claro que seu Salvador levou a morte à impotência.

Dia após dia o Salvador exhibe sua vitória em seus discípulos. Quando se veem seres humanos, fracos por natureza, não temendo a corrupção da morte, quem seria tolo a ponto de não perceber que Cristo lhes dá a vitória? Quem observa uma serpente sendo pisada, sabendo de seu potente veneno, já não duvida de que ela está morta. Ou quem poderia ver crianças fazendo troças de um leão e duvidar de que ele está morto ou imobilizado? Assim também, agora que os discípulos de Cristo escarnecem da morte, que ninguém duvide de que Cristo derrotou a morte e destruiu sua corrupção.

Atanásio, *Sobre a encarnação do Verbo*, seção 29

Neste júbilo pascal,

Que suma o pecado e mal;

Morrendo o Senhor na cruz

Encheu-nos de gozo e luz.

George R. Woodward (1848–1934), Hinário

PARA REFLETIR: Rm 8.28-39; 1Co 15.1-11; Cl 3.1-17; 1Pe 1.3-11; 4.1-11

11

A humanidade havia pecado e caído. Todas as coisas caram confusas.

A morte prevaleceu, e a criação sofreu as consequências. O inferno se abriu, o céu se fechou. A humanidade se corrompeu e se brutalizou. O diabo exultou.

Mas Deus, com sua amorosa bondade, não queria que a raça humana, criada à sua imagem, perecesse. O Pai perguntou: “Quem devo enviar?”.

O céu fez silêncio. Mas o Filho de Deus disse: “Eis-me aqui; envia-me”.

O Pai determinou que seu Filho se encarnasse, tornando-se plenamente humano, e com isso restaurasse a humanidade. Como alguém posto sob os cuidados de um médico, a humanidade foi posta sob os cuidados do Verbo encarnado para curar-se da ferida da serpente. O Salvador reavivaria o que estava morto e iluminaria a escuridão da humanidade.

Por ser ele o Verbo [*logos*, em grego] de Deus, ele restauraria no homem a natureza racional [*logikon*, em grego].

O Pai havia posto todas as coisas sob os cuidados do Filho encarnado.

Todas as coisas foram corrigidas, e a redenção foi consumada. A terra recebeu uma bênção para substituir sua maldição; o céu foi aberto para o ladrão; a morte acovardou-se; os mortos foram ressuscitados; e as portas do céu se abriram de par em par para receber o Senhor.

O vitorioso Salvador agora também convida a todos os que estão

“cansados e sobrecarregados”. Tendo nós cado pobres, ele nos faz ricos; tendo passado fome, ele nos alimenta; tendo descido ao Hades, ele nos faz subir ao céu; e ele, morrendo, aboliu a morte que outrora pairava sobre nós.

Atanásio, *Sobre Lucas 10.22*, seção 2

Grandes e maravilhosos são teus feitos, Senhor Deus Onipotente.

Aleluia, aleluia, aleluia! Amém.

PARA REFLETIR: Sl 24.7; 49.12; Is 6.8; 63.1; Mt 11.28; Jo 1.3; 3.35; At 22.1-21; Rm 5.12-21; 8.1-17; 2Co 5.11-21; Gl 5.1-26; Ef 1.10

HILÁRIO DE POITIERS

Em Hilário (c. 300–368 d.C.), bispo de Poitiers, encontramos outro

defensor da fé ortodoxa que, a exemplo de Atanásio, sofreu perseguição sob um imperador romano que era leal a uma forma herética de cristianismo. Hilário era lho de uma distinta e provavelmente pagã família de Poitiers (centro-oeste da França). Ele acabaria se tornando um importante teólogo latino no auge da controvérsia ariana. Em virtude de sua defesa da doutrina ortodoxa, ele é às vezes chamado o Atanásio do Ocidente.

Hilário recebeu uma educação pagã em loso a e retórica. Mas ele também se incumbiu do estudo das Sagradas Escrituras. Nelas encontrou a verdade que vinha procurando. Renunciou à sua vida idólatra e foi batizado como cristão. Graças a seu zelo pela fé e sua educação e capacidade de liderança, três anos após sua conversão ele foi escolhido como bispo de Poitiers (350 d.C.). Em 255 d.C., um concílio convocado pelo imperador Constâncio II (um dos lhos de

Constantino) reuniu-se em Milão. Constâncio havia banido Atanásio de Alexandria pouco depois de 350 por causa de sua in exível defesa do Concílio de Niceia. Constâncio queria que seu concílio endossasse a condenação contra Atanásio. Os membros do concílio concordaram facilmente. No processo, recusaram-se a ouvir a defesa que Hilário fez de Atanásio.

Constâncio mandou Hilário assinar a condenação de Atanásio, mas ele se negou. Em 357 d.C., Constâncio respondeu banindo Hilário para a Frígia, na Ásia Menor. Durante os três anos de exílio, Hilário escreveu numerosos ensaios e sua obra maior, *Sobre a Trindade*, uma vigorosa defesa da divindade de Cristo e da Trindade.

Em 360 d.C, Constâncio devolveu Hilário à Gália a pedido de alguns extremistas arianos que disseram ao imperador que Hilário estava

causando muita oposição contra os arianos. Em 361, Hilário voltou para ter uma recepção festiva na Gália e reassumiu seu ofício de bispo. Em 364, viajou para Milão para debater com o bispo ariano Auxêncio. Há um relato segundo o qual Hilário conseguiu convencer Auxêncio; mas há outro a rmando que, para proteger o bispo ariano, o imperador expulsou Hilário da cidade. Até sua morte em 367 ou 368, Hilário trabalhou destemidamente para consolidar uma igreja e um estado ortodoxos. Ele é um dos doutores da igreja.

12

(Sobre o pecado da obstinação.)

A doutrina cristã está sempre exposta às ameaças de quem está iludido

pelo erro, de quem entende erroneamente a fé, ou de quem está sob o domínio do preconceito. Com demasiada frequência, nossas crenças se baseiam em pretextos, e não em evidências. Em casos em que posições e interpretações errôneas já foram adotadas, as pessoas se agarram a elas com obstinação, porque não é fácil eliminar a paixão da controvérsia.

Nossa alegada busca da verdade é muitas vezes obstruída porque acabamos tentando provar aquilo em que já cremos. Essa ilusão pessoal prevalece sobre a verdade. A lógica da verdade é forçada a ceder ao ilógico preconceito. Esse tipo de “lógica” não motiva a vontade a buscar a verdade.

Dessas obstinadas batalhas entre nossos preconceitos e o que é verdadeiro surgem controvérsias na igreja de Cristo. A verdade luta para ser ouvida, mas em vão, porque permitimos que nossos petulantes preconceitos insistam em falar e justificar a si mesmos. Se não permitíssemos que o absurdo do preconceito obstruísse o pensamento equilibrado, então a verdadeira doutrina prevaleceria. Se fôssemos motivados por um desejo da verdade, em vez de um desejo de fortalecer nossos preconceitos, então aparentes contradições na doutrina cristã desapareceriam. Os cristãos começariam a desejar apenas o que é verdadeira em nossa fé.

Hilário de Poitiers, *Sobre a Trindade*, livro 10, seção 1

Pai glorioso, nós oramos por tua santa igreja católica. Onde ela está corrompida, purifica-a; onde está em erro, dirige-a; onde está defeituosa, reforma-a. Onde está certa, fortalece-a; onde está de ciente, abastece-a; onde está dividida, reúne-a; em favor de Jesus Cristo, nosso Salvador. Amém.

“Pela Igreja”, Orações e ações de graça, LOC

PARA REFLETIR: Jo 17.6-26; Rm 14.1—15.22; 1Co 2.10-25; 3.1-23; 6.1-11; 13.1-13; Jd 1.5-23

MACÁRIO-SIMEÃO

(PSEUDO-MACÁRIO)

Nas *Cinquenta homilias espirituais de São Macário do Egito* nos é dado acesso a uma rica instrução no discipulado cristão. A obra é marcada por sua identidade equivocada. Durante séculos acreditou-se que as *Homilias* tinham sido escritas por Macário do Egito (c. 300–390 d.C.), um reconhecido gigante da prática do ascetismo, que era também

conhecido como Macário, o Velho; Macário, o Grande; e Luz do Deserto. Nascido no Alto Egito, por volta dos 30 anos Macário retirou-se para o deserto egípcio de Scetis, onde se tornou famoso por seus notáveis poderes de profetizar e curar. Esse Macário não deve ser confundido com o Macário de Alexandria, outro eminente pai do deserto.

Poucas gerações depois da morte de Macário, as *Homilias* foram atribuídas a ele. Embora permaneçam dúvidas sobre quem precisamente foi o autor, os estudiosos de patrística atuais estão seguros de que elas são fruto de um autor sírio. O nome de Simeão da Mesopotâmia (séc. 5

d.C.) é o candidato preferido à autoria da obra. Consequentemente, o autor é hoje identificado como Macário-Simeão ou Pseudo-Macário.

As *Homilias* exerceram impacto importante no monasticismo oriental.

Também influenciaram bastante a espiritualidade ocidental. Dante, John Wesley, os jesuítas e o pietismo alemão atestam todos a influência delas.

John Wesley publicou uma versão inglesa de 22 das *Homilias* em sua *Biblioteca cristã*, para ser usadas por metodistas. Sobre “Macário” Wesley disse que ele foi um santo vaso de misericórdia que havia sido temperado “com o aroma celestial da graça divina” (“Sobre Macário”, vol. 1, *Biblioteca cristã*).

O apelo original e incessante das *Homilias* está no desafio que elas representam para todos os cristãos de buscar e provar diretamente a atividade transformadora e santificadora do Deus trino. Elas insistem

que a obra de Deus na vida dos discípulos de Jesus é a essência da fé cristã. A realidade do discipulado é nada menos que comer e beber da verdade tal qual ela se encontra em Jesus Cristo. Embora as *Homilias* não defendam um misticismo individualista separado do corpo de Cristo, elas inequivocamente insistem que todos os verdadeiros cristãos devem “percorrer o caminho da retidão com um propósito e uma vontade absolutos” (homilia 9, seção 13).

13

Os que querem tornar-se discípulos de Jesus devem cultivar os poderes do discernimento. Tendo adquirido uma delicada percepção da diferença entre o bem e o mal, entre o puro e o impuro, eles devem viver de modo transparente na presença do Senhor.

O poder do discernimento é o olho da alma. Vendo com transparência e agindo de acordo com isso, os discípulos de Jesus podem evitar a submissão à tentação. Imaginemos um viajante cauteloso passando por uma oresta onde há espinhos, áreas pantanosas e barrancos perigosos.

Ele recolherá suas vestes junto ao corpo para evitar que os espinhos possam rasgá-las. Mas uma pessoa descuidada deixará suas roupas esvoaçarem soltas, sem prestar nenhuma atenção ao que lhe dizem os olhos.

Assim também, nós fomos vestidos com as belas vestes do Espírito Santo. Devemos empregar cuidadosamente a faculdade do

discernimento enquanto passamos entre as moitas e precipícios deste mundo. Com cuidado e resolução, com discernimento e discriminação, movamos as vestes do Espírito Santo para cá e para lá, para evitar complicações com Satanás.

Permaneçam no Senhor e quem sob a guarda de sua graça. Somente na medida em que de todo o nosso espírito nós amarmos o Senhor, e somente na medida em que recebermos do céu um amor pelo Espírito Santo, herdaremos o reino de Deus. As riquezas do Espírito foram postas diante de nós.

Macário-Simeão, *Cinquenta homilias espirituais*,

homilia 4, seções 1-16

Senhor amado, eu procuro conhecer-te, amar-te e alegrar-me contigo. Se não consigo fazer isso à perfeição, que eu pelo menos possa atingir cada dia graus mais elevados até chegar perto da perfeição cristã. Deus da verdade, que meu conhecimento de ti cresça; que meu amor por ti aumente diariamente; que minha alegria em ti se torne plena. Amém.

Atribuído a Agostinho, bispo de Hipona, em *Prayers for Today* **PARA REFLETIR:** Ne 6.1-13; 1Co 8.1-3,9; 12.1-12; 14.29; Ef 4.14; 5.1-2; 1Ts 5.19-22; Hb 12.1-13; 1Jo 4.1

14

Como uma abelha que em segredo vai formando seu favo na colmeia, assim também a graça em segredo forma o amor de Deus nas pessoas. A graça de Deus transforma seus lhos do amargor à doçura. E como um artesão que trabalha com prata burila uma placa, de modo que tão logo estiver pronta ela faísca em luz, assim também o Senhor, o divino

artí ce, burila nossa vida, transformando-a até que a beleza de Cristo rebrilhe.

Através de muitas estações e provas a graça de Deus, com paciência e sabedoria, opera misteriosamente na vida dos cristãos. Depois, um dia ca evidente que Deus esteve aperfeiçoando sua imagem neles o tempo todo; que eles estavam se tornando agradáveis ao Espírito Santo. De fato, podemos pacientemente seguir o Senhor por muito tempo sem ter consciência de tudo o que ele está realizando. Pense em quanto tempo foi preciso para Deus realizar seus propósitos em Abraão, José e Moisés, e por quais sofrimentos e angústias eles foram testados. Preparemo-nos, portanto, para viajar com o Senhor percorrendo o caminho da justiça com mente reta e propósito total. Obtenhamos, por meio da graça, a promessa do Espírito Santo.

Macário-Simeão, *Cinquenta homilias espirituais*, homilia 9, seções 1-13; homilia 16, seção 7

Que nós conheçamos a ti, Ó Senhor que me conheces. Que eu te conheça como sou conhecido. Poder de minha alma, entra nela e adapta-a para ti mesmo, para que tu a tenhas e a guardes sem mancha ou ruga. Essa é minha esperança, por isso eu falo; e com essa esperança me alegro. Tu amas a verdade; quem pratica a verdade chega à luz. Isso eu farei em meu coração diante de ti e de muitas testemunhas. Amém.

Agostinho, *Confissões*, vol. 10, cap. 1, seção 1

(após a morte de sua mãe)

PARA REFLETIR: Rm 3.21-31; 5.1-21; 2Co 1.8-10; 7.1; Gl 5.16-26; Fp 3.12—4.1; 1Pe 1.3-25

15

Os que realmente amam o Senhor, e os que com intensa esperança e fé querem revestir-se de Cristo, não aceitarão ser privados, nem mesmo temporariamente, de seu desejo apaixonado pelo Senhor. Estando pregados à cruz de Cristo, eles observarão diariamente em si mesmos um crescente amor por Deus. Entusiasmados com um anseio e fome celestiais pela santidade e uma vida virtuosa, seu desejo pelo Espírito Santo é insaciável. Não importa quanto já avançaram nas graças celestes e no conhecimento divino, eles não depositam sua confiança em si mesmos. Quanto mais partilham da alegria da graça celestial, tanto mais forte será seu anseio divino, e tanto maior sua diligência na procura dela. Quanto mais avançarem na piedade, tanto maior será sua fome e sede de participarem da graça divina e nela progredirem.

Quanto mais opulentos se tornarem, tanto mais indigentes se julgarão. Quanto maior seu desejo pelo Noivo celestial, tanto mais preparados estarão para a vida eterna e a companhia do Espírito Santo.

Macário-Simeão, *Cinquenta homilias espirituais*,

homilia 10, seções 1-2

Respira em mim, Ó Santo Espírito, para que meus pensamentos sejam todos santos.

Atua em mim, ó Santo Espírito, para que meu trabalho também seja santo.

Atrai para ti meu coração, ó Santo Espírito, para que eu ame somente o que é santo.

Fortalece-me, ó Santo Espírito, para que eu defenda tudo o que é santo.

Guarda-me, então, ó Santo Espírito, para que eu sempre seja santo. Amém.

Atribuído a Agostinho, bispo de Hipona,

“Oração ao Espírito Santo”, Feast of All Saints

PARA REFLETIR: Sl 31.14-24; Mc 10.32-45; Rm 6.1-14; 1Co 8.1-13; Gl 2.17-21; 6.12-16; 1Pe 1.3-11; 2Pe 2.28—3.24

16

Muitos cristãos são espiritualmente fracos. Não estão progredindo na paciência e longanimidade com vistas à santi cação. Foram chamados para viver no Espírito Santo em sossego e segurança. Mas não almejam que o Espírito Santo os libertasse das paixões carnis. Tendo recebido outrora a graça de Deus, deixaram-se enganar; caram satisfeitos com um exíguo avanço na graça. O resultado é orgulho em vez de humildade.

Em contrapartida, quem realmente ama a Deus imagina não ter realizado nada por si só. Tendo sido puri cado pelo Espírito, santi cado em corpo e alma, quem ama a Deus torna-se um vaso puro para acolher o Rei, até mesmo Jesus Cristo. Ele nos fará dignos da vida eterna, uma moradia limpa para o Espírito Santo.

Mas um avanço ilimitado na graça de Deus não acontece de repente ou sem provação. Suportando tentações, labores e lutas com predisposição e coragem, os discípulos de Jesus crescem em graça e em dons e riquezas espirituais. Assim eles se tornam herdeiros do reino dos céus em Cristo Jesus.

Macário-Simeão, *Cinquenta homilias espirituais*,

homilia 10, seções 2-5

Nós te pedimos, nosso Pai todo-misericordioso, que nos conceda o espírito de sabedoria para te desejar acima de tudo; o dom de entendimento para esclarecer; o dom de discernimento para te seguir; o dom de vigor para resistir a Satanás; o dom de conhecimento para distinguir o bem do mal; o dom de piedade para revestir-nos de amor e compaixão; o dom de temor para evitar todo mal e viver assombrados com tua majestade. Amém.

Boaventura, “Orações de São Boaventura”, Liturgies.net

PARA REFLETIR: Mt 13.1-9; Lc 6.46-49; Rm 8.18-27; 12.1-2; Ef 3.14—4.6; 4.13—5.21; Fp 3.1—4.1; 2Ts 4.1-12; 2Pe 3.15-18

17

Imaginemos um rei que conasse a administração de seu tesouro a um homem pobre. O homem que recebesse tal incumbência jamais alegaria ser dono desse tesouro. Sempre reconheceria sua pobreza e tomaria cuidado para não dilapidar o que a outro pertence. O tempo todo teria em mente que fora um rei poderoso e bondoso que lhe conou o tesouro. Diria aquele pobre: “Quando assim quiser, o rei pode tirar o tesouro de mim”.

Assim também deveríamos nós, que recebemos a graça de Deus, pensar a nosso próprio respeito. Somos apenas administradores de seu tesouro. Deveríamos ser humildes e sempre nos lembrar de nossa pobreza.

Agora, se o pobre que o rei escolheu como administrador começasse a pensar no tesouro como algo de sua propriedade, e se acaso se orgulhasse da riqueza de Deus como se fosse sua, o rei viria e lhe tiraria o tesouro. Então o homem caria em situação precária como antes. Se aqueles que receberam a graça de Deus se inarem em seu coração, o Senhor tirará deles sua graça, e eles carão indigentes como antes.

Macário-Simeão, *Cinquenta homilias espirituais*,

Senhor, ensina-me a te procurar, e revela-te a mim quando te procuro. Pois não posso te procurar se tu não me ensinas, nem te achar se tu primeiro não te revelares a mim. Que eu te procure almejando, e almeje por ti te procurando. Que eu te ache no amor, e te ame ao te achar.

Ambrósio, bispo de Milão, “Orações de São Ambrósio”,

2 Hearts Network

PARA REFLETIR: Sl 106.1-5; 138.1-8; 139.7-18; 143.10-11; Lc 12.42-44; 1Co 4.1-7; 2Co 7.1; Ef 5.19-21; Ap 7.15-17

18

Suponhamos que um rei encontrasse um homem pobre que fosse leproso. E suponhamos que, em vez de rejeitá-lo, o rei cuidasse de suas feridas e curasse suas chagas. E suponhamos que o rei levasse esse homem para seu castelo, o vestisse de púrpura e o tornasse seu corregente. Ora, isso é o que Deus fará em prol de todos os que estão perdidos no pecado. Ele os lavará e lhes curará as feridas. Depois os fará sentar-se à sua mesa para jantar com ele. Os benefícios da graça de Deus são incomparáveis.

Mas o que aconteceria se o cristão que foi curado e se sentou à mesa do Senhor se esquecesse de sua enfermidade anterior? O que aconteceria se ele deixasse o pecado tomar conta dele? Ele se tornaria uma cidade sem muros. Ladrões o atacariam de todos os lados.

Saqueariam e queimariam sua cidade. Isso é o que acontece quando cristãos que foram redimidos se tornam espiritualmente desleixados.

Vem Satanás e arrasa-lhes o espírito. Rouba-lhes as riquezas de Cristo e dispersa-os pelo mundo.

O pecado é um poder insidioso. Se o cristão não o combater, a maré do pecado o leva embora.

Macário-Simeão, *Cinquenta homilias espirituais*,

homilia 15, seção 47

Bendize ao Senhor, Ó minha alma, e não te esqueças de todos os seus benefícios. Em sua graça, ele perdoou todas as minhas iniquidades e curou meu espírito enfermo.

Saciou minha fome com coisas boas. Que eu nunca me esqueça de seus preceitos, porque por meio deles fui favorecido com a vida eterna. Que mediante o Espírito Santo eu possa com ar no amor e poder do meu Senhor, entregar-me totalmente a ele sem restrições, ostentar sua imagem, observar sua orientação, predispor-me a servi-lo e ser ao longo do tempo e da eternidade uma prova viva da e cácia de sua graça.

Amém.

PARA REFLETIR: Mt 22.1-4; 25.1-46; Lc 14.25-34; 1Co 1.18-31; Gl 1.6-10; 5.1-26; Jd 1.3-16

19

Se uma pessoa é imensamente rica, ela pode comprar qualquer coisa que quiser. Poderia desejar obras de arte raras ou joias, ou comprar terras.

Assim também, aqueles que buscam o Senhor terão acesso aos tesouros ilimitados do Espírito Santo. As riquezas conquistadas por Cristo inundarão a vida deles. Usando a riqueza do Senhor, o Espírito Santo administra prodigamente os dons de Jesus, as riquezas da retidão e da virtude.

Usufruindo da fortuna de Cristo, os cristãos somam riquezas divinas.

Acumulam recursos para viver em retidão em Cristo Jesus e observar seus mandamentos. A invisível riqueza da graça foi abundantemente derramada em nosso coração. O apóstolo Paulo falou de um “tesouro em vasos de barro”. Cristo se fez para nós sabedoria divina, retidão, santi cação e redenção.

Imploremos então a Deus que ele nos conceda o tesouro de seu Espírito Santo, a m de carmos capacitados para efetuar sua retidão.

Pobres e despojados somos nós sem os tesouros do Senhor. Mas o Espírito Santo aguarda para distribuir a riqueza de Cristo.

Macário-Simeão, *Cinquenta homilias espirituais*,

homilia 18, seções 1-3

Ó Senhor, habilita-nos a nos devotarmos inteiramente a ti. Que nós nos apressemos a obter os benefícios proporcionados por tua graça. Santi cados no corpo e na alma, e pregados na cruz de Cristo, faz-nos dignos do reino eterno, glori cando o Pai, o Filho e o Espírito Santo, para sempre. Amém.

PARA REFLETIR: Jo 1.10-18; At 2.1-41; Rm 12.6-8; 1Co 1.30; 12.4-11,28; **2Co 4.7-12**; Gl 5.22-26

20

Os dons do Espírito visam impulsionar nos cristãos a prática de um amor perfeito para com Deus e os homens. Muitos cristãos, porém, feito crianças, xam-se em dons espirituais tais como curas, revelações e profecias. A verdade é que somente no amor aperfeiçoado, não em dons espirituais, nós encontramos a garantia da perfeição cristã. Quando uma pessoa se torna completa no amor, ela se torna rmente vinculada à graça de Deus. Sem isso, ainda é presa fácil do medo, do fracasso e de qualquer outra coisa que Satanás inventa.

Muitos cristãos recebem dons espirituais e pensam: “Já basta; não preciso de mais nada”. Consequentemente, muitos se extraviam do caminho da graça. Eles deixam de enxergar que não há um ponto nal para o crescimento na graça de Deus e para o conhecimento mais completo dele. Quem está aperfeiçoado no amor nunca diz: “Já entendi”. Antes, busca avançar no amor de Deus, no entendimento dele.

Neste mundo, a aprendizagem não tem m; o estudioso provou o gosto de aprender e deseja mais. Assim também, os que provaram o verdadeiro gosto de Deus reconhecem de boa vontade suas limitações e avançam na busca da in nita vida do amor e da graça.

Macário-Simeão, *Cinquenta homilias espirituais*,

homilia 26, seções 16-17

Ó Senhor, pelo poder do Espírito Santo, entrego meu coração aos teus cuidados, pois conheço as armadilhas daquele que nos ronda como um leão que ruge, procurando a quem devorar. Concede-me um discernimento alerta de suas tramas mortais. Faz que eu seja selado por teu Espírito. Torna meu coração um instrumento bem a nado que ecoe o louvor que mereces. Ensina-me a feliz arte de aplicar-me diligentemente às coisas temporais com a mente em perfeita sintonia com as realidades eternas.

Amém.

PARA REFLETIR: Mt 5.48; 1Co 13.1-13; 2Co 7.1; **Fp 3.12—4.1**; Cl

21

Suponhamos que um rei por acaso encontrasse uma pobre donzela maltrapilha. Suponhamos que o rei removesse suas vestes sujas e esfarrapadas, a lavasse com cuidado e zesse dela sua companheira. Que tal se ele lhe cedesse um lugar à sua mesa? Foi isso mesmo o que o Senhor fez quando nos encontrou caminhando sem rumo e em pânico.

Ele nos deu o remédio da salvação, removeu nossas vestes desonradas pelo pecado e depois nos vestiu com régios trajes celestiais — os trajes do Deus trino —, totalmente brilhantes e esplendorosos. Pôs uma coroa sobre nossa cabeça, distinguindo-nos como seus lhos. Convidou-nos para a régia mesa do júbilo e contentamento. Esse é o signi cado do mistério do evangelho.

Portanto, reconheçamos nossa nobreza em Cristo. Ele nos exaltou elevando-nos a uma dignidade régia. Somos uma geração escolhida, um sacerdócio real e uma nação santa. A glória que se vê num rei terreno é perecível. Mas o reino e a riqueza do evangelho de Jesus Cristo nunca se ofuscarão ou terão m.

É próprio da perfeita natureza da graça nos lembrar que, não fosse pela vinda do Salvador, nós ainda seríamos a pobre donzela maltrapilha abandonada à beira do caminho.

Macário-Simeão, *Cinquenta homilias espirituais*,

homilia 27, seções 3-4

É onipotente o rei da criação!

Louva-o, minh'alma; ele é tua salvação!

Irmãos e irmãs, vinde mais perto,

Todos unidos em adoração.

Joachim Neander (1680), da trad. de Catherine Winkworth

(1863), Hinário

PARA REFLETIR: Rm 7.23; 2Co 3.4-6; 2Tm 4.6-8; 1Pe 2.4-10; Ap 1.4-8; 5.10; 20.6

Ai da terra quando não há nenhum lavrador para cultivá-la! Ai do barco quando não há nenhum timoneiro! Arrastado pelos vagalhões do mar, o barco será destruído. Ai da alma quando ela não tem Cristo como seu divino timoneiro! Apanhando-se no oceano da escuridão do pecado, abalada pelas ondas da paixão e açoitada por ventos malignos, ela soçobra na perdição. Ai da alma quando ela não tem Cristo para cultivar seu solo, para garantir que ela produzirá o bom fruto do Espírito Santo!

Deixada sem cultivo, acaba coberta de espinheiros e cardos.

Quem planta para cultivar o solo deve ter as roupas e os implementos adequados. Assim também, o Cristo Rei, o Agricultor celestial, ao vir para a humanidade arruinada pelo pecado, vestiu a verdadeira forma humana e carregou a cruz como seu implemento. Cultivou o desolado solo do espírito humano, removeu os espinheiros e os cardos e os maus espíritos. Arrancou a cizânia do pecado e queimou as ervas daninhas.

Depois, o Agricultor encarnado cultivou o solo estéril com o madeiro da cruz. Plantou o belo paraíso do Espírito Santo e o adubou para que produzisse todo tipo de fruto agradável e doce para Deus.

Macário-Simeão, *Cinquenta homilias espirituais*,

homilia 28, seções 2-3

Ó Senhor Jesus, pelo Espírito daquele que te ressuscitou dos mortos, autoriza teu povo a incorporar tua liberdade e abraçar tua verdade, tornando-se arauto da libertação da tirania do pecado que tu ofereces a todos os que te buscarem como o Pastor de almas. Toda glória seja dada ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, um só Deus eterno. Amém.

PARA REFLETIR: Jo 1.29-34; 1Co 1.17-18; Gl 6.14; Fp 2.8-11; Cl 1.20; 2.13-15; Hb 12.1-3

OS PAIS CAPADÓCIOS

(Os três pais capadócijs trabalharam em harmonia e são aqui apresentados em grupo. Os excertos seguirão a ordem da apresentação.)

Por vezes a igreja dos primórdios alimentou uma crença correta antes que pudesse articular sua fé em termos precisos. Com frequência,

pessoas que representavam mal a crença da igreja desenvolveram uma linguagem conceitual sobre ela considerada herética. Esses erros induziram os teólogos da igreja a corrigi-los e a desenvolver uma linguagem que declarava de modo apropriado a fé cristã. A eles nós somos eternamente gratos.

Uma das tarefas conceituais mais difíceis foi a de afirmar sem ambiguidades a certeza de que Deus é um só (Dt 6.4-5) e, ao mesmo tempo, expressar a divindade do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Os cristãos celebravam com hinos e adoravam o Pai, o Filho e o Espírito Santo, e sabiam que neles haviam encontrado o verdadeiro Deus. Como declarar tudo isso sem errar numa ou noutra direção era um desafio formidável. A tarefa se tornou mais urgente em virtude da ação de um grande número de cristãos conhecidos como arianos, que ensinavam que só existe um único Deus, o Pai. O Filho é a primeira e mais nobre criação, mas não é Deus. Tampouco é Deus o Espírito Santo. O

Concílio de Niceia havia condenado a posição de Ário e declarado que o Filho e o Espírito Santo são Deus, exatamente como o Pai. Mas seria possível fazer essa declaração numa linguagem convincente?

Felizmente, uma solução foi apresentada em grande parte por três bispos e teólogos que moravam na província romana da Capadócia. Eles eram conhecidos como os grandes pais capadócijs. São eles: Basílio Magno, bispo de Cesareia (c. 330–379 d.C.), seu irmão Gregório de Nissa (c. 335–394), e o amigo deles Gregório de Nazianzo (c. 330–390).

Juntos eles possibilitaram a vitória da fé nicena.

Basílio Magno

Basílio foi o mais velho e mais distinto dos pais capadócijs. Nascido numa família razoavelmente abastada e fervorosamente cristã, ele foi criado na fé. Sua irmã mais velha levou uma vida de asceta. Basílio recebeu uma educação sólida, primeiro em Cesareia e depois em Constantinopla e Atenas. Caracterizava-se por sua coragem e estabilidade. Em Cesareia fez amizade com Gregório, que mais tarde se tornaria bispo de Nazianzo.

Sua obra teológica surgiu como uma resposta a erros doutrinários, e não como uma tentativa de tratar da totalidade da doutrina cristã. Em *Contra Eunômio*, argumentou contra o ensinamento ariano de que o Filho é

“gerado pelo Pai” e de que houve um tempo em que ele não existia.

Basílio respondeu que o Filho é eternamente *gerado* ou originado pelo Pai e é eternamente da essência de Deus. Basílio, assim como fez Gregório de Nissa, também escreveu de modo convincente em defesa da plena divindade do Espírito Santo.

Basílio prosseguiu no esforço de achar, para o problema da Trindade, uma solução que pudesse se mostrar de nitiva. Explicou que Deus é uma única *substância* ou *essência* em três pessoas. A distinção está entre o *geral*, o que é eternamente verdadeiro de cada pessoa trina, isto é, a divindade, e o que é *particularmente* característico de cada uma delas. A divindade é igualmente verdadeira em relação ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. Não há nenhuma divisão ou diminuição de divindade.

Mas há uma *particularidade* real, uma diferenciação de *propriedades*. A Paternidade é particular, o Filho é particular e o Espírito Santo é particular, mas a deidade é igualmente comum a todos os três. Há uma mútua coabitação das três pessoas sem que elas se confundam.

Gregório de Nissa

Gregório, irmão de Basílio, é conhecido por suas contribuições teológicas, e não tanto por seu sucesso como administrador eclesiástico.

Recorreu à loso a grega mais do que zeram os outros dois capadócius, mesmo sabendo do perigo que isso representava para a teologia. Também foi mais dependente do teólogo alexandrino Orígenes (c. 185–254 d.C.). Seu pensamento trinitário é desenvolvido em *Sobre a Santa Trindade* e em *Sobre “Não Três Deuses”*. Gregório advertiu que, se

os cristãos adorarem o Filho e o Espírito Santo sem a rmar a plena divindade deles juntamente com o Pai, cometem idolatria. E, se não adorarem o Filho e o Espírito Santo como Deus, são ímpios e con itam claramente com as Escrituras. Gregório enfatizou que, longe de haver uma divisão na Trindade, há uma coabitação mútua das três pessoas.

Explicou que Pai, Filho e Espírito Santo devem ser conhecidos somente numa perfeita Trindade, na mais íntima união, antes da criação, antes de todas as eras, antes de qualquer coisa que possamos conceber. As três pessoas são distintas em pessoa, ordem ou sequência, e também em atividade, mas são indistintas e inseparáveis em deidade (*Sobre o Espírito Santo: Contra os seguidores de Macedônio*).

Gregório, também conhecido como Gregório, o Teólogo, é igualmente estimado no Oriente e no Ocidente. Ocupa lugar entre os doutores da igreja ocidental e é um dos três santos hierarcas (primeiros bispos que formularam de modo extraordinário a doutrina cristã) da ortodoxia oriental (Basílio Magno e João Crisóstomo são os outros dois). A criatividade teológica de Gregório é mais bem demonstrada em suas cartas, poemas e sermões. Ele se tornou bispo de Constantinopla em 379 d.C.

A grande contribuição de Gregório para a teologia trinitária foi demonstrar que os nomes Pai, Filho e Espírito Santo são termos de relação, não de essências diferentes. Essa relação é uma relação de comunhão de essência e de igual transcendência. Existe um só Deus, o Pai *de* quem procedem todas coisas; e um só Senhor Jesus Cristo, *por* quem todas as coisas existem; e um só Espírito Santo, *em* quem todas as coisas subsistem. Além dos diferentes ofícios das pessoas trinas, outra importante distinção se aplica: o Pai *não é gerado*, o Filho é o *eternamente gerado* (não criado) do Pai, e o Espírito Santo *procede*.

Em suma, para o inestimável enriquecimento da fé cristã, os pais capadóciens ensinaram que existe um só Deus trino nas três pessoas: Deus o Pai, Deus o Filho e Deus o Espírito Santo. A divindade é o nome comum delas. Tudo o que caracteriza a Trindade revela um só Deus. Quando os cristãos usam o nome “Deus”, eles querem dizer Pai, Filho e Espírito Santo, distintos em seus ofícios mas iguais em glória e

adoração. Nenhuma das três pessoas é mais ou é menos Deus que as outras duas, e nenhuma delas existe antes das outras. Embora distintas em particular, as três pessoas são indivisíveis em deidade, vontade e poder. Nenhum “Deus” ou substância divina impessoal existe acima ou antes da Divindade comum a Pai, Filho e Espírito Santo. Os cristãos acreditam na trindade de Deus — uma unidade indivisível de três pessoas que têm seu ser de, para e em si mesmas numa coabitação indivisível e mútua que Agostinho disse ser apropriadamente entendida como uma comunhão eterna de amor santo e absoluto.

BASÍLIO MAGNO

23

Tu és Mestre, Senhor Deus e Pai Todo-poderoso; é verdadeiramente digno, justo e apropriado, para a magni cência de tua santidade, que nós te louvemos, te cantemos hinos, te bendigamos, te adoremos, te

rendamos graças e te glori quemos, ó Deus único verdadeiramente existente, e te ofereçamos de coração contrito e em espírito de humildade essa nossa justa adoração. Tu nos concedeste o conhecimento de tua verdade. Quem está à altura de poder falar de teus grandes feitos, de divulgar todos os teus merecidos louvores ou de declarar todas as tuas maravilhas a qualquer momento? Ó Mestre de tudo, Senhor dos céus e da terra e de toda criação, visível e invisível, sentado no trono de glória, tu não tens começo, és invisível, incompreensível, ilimitado e imutável. Tu és Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que é nosso grandioso Deus e Salvador, nossa esperança, a plena expressão da bondade do Pai, a Palavra viva, Deus verdadeiro, Sabedoria antes de todos os tempos, Vida, Santi cação, Poder e Luz verdadeira. É por meio dele que o Espírito Santo apareceu, o Espírito da verdade, Agente de nossa adoção, Promessa de nossa futura herança, Primícias de eternas coisas boas, o Poder vivi cante e a Fonte de santi cação. Que toda criatura racional e inteligente agora adore o Deus trino e faça subir até ele uma eterna doxologia.

A divina liturgia de Basílio Magno,

em As divinas liturgias de nossos pais entre os santos

Projeta em nosso coração, Mestre amoroso, a luz pura do conhecimento divino, e abre os olhos de nossa mente à mensagem do teu evangelho. Amém.

João Crisóstomo, em *A divina liturgia de São João Crisóstomo*, The Orthodox Christian Page

PARA REFLETIR: Dt 6.4-9; Mt 3.16-17; 28.16-20; Jo 1.1; 3.16; 14.8-31; 16.12-15; 2Co 13.13; Cl 2.9

24

Ó Mestre, tu que amas a humanidade, santo és. Não há como medir a magni cência de tua santidade. Julgando com justiça e segundo a verdade, tu nos proveste com tudo o que há de bom. Na plenitude do tempo, falaste conosco por meio de teu Filho, por quem promoveste a criação. Sendo o brilho da glória do Pai, a imagem expressa de sua pessoa, e tudo sustentando pela palavra de seu poder, ele não considerou um roubo ser igual a Deus, o Pai. Embora o Verbo fosse Deus antes do início dos tempos, ele se encarnou da virgem Maria, fez deste mundo sua morada e habitou entre nós. Esvaziando-se de todos os privilégios divinos, assumiu para si a forma de servo. Conformado com nossa humildade, transformou-nos na imagem de sua glória.

Como mediante os humanos o pecado entrou no mundo, assim o Filho unigênito do Pai nasceu sob a lei para poder condenar o pecado mediante sua vida humana. Batizado por João Batista e ungido pelo Espírito Santo, Cristo nos resgatou daquela morte espiritual que nos mantinha cativos. Abriu o caminho para nossa salvação, afastou-nos da ilusão dos ídolos e levou-nos ao conhecimento do único Deus verdadeiro.

A divina liturgia de Basílio Magno,

em As divinas liturgias de nossos pais entre os santos

E agora, ó Deus de toda graça, Pai e Fonte de misericórdia e bondade, tu nos abençoaste com o conhecimento do caminho que conduz à vida eterna. Que não con emos em nossos próprios recursos, nem suspeitemos de tua divina orientação.

Abre-nos os olhos, ó Pai, e mostra-nos o caminho. Concede-nos a santa sabedoria para discernir todas as coisas que estão em harmonia com a tua vontade. Amém.

Henry Scougal, *A vida de Deus na alma do homem*, parte 3

PARA REFLETIR: Sl 33.1-12; Is 6.1-7; Fp 2.5-11; Ap 4.6b-11; 5.13-14; 12.10-12; 15.1-4; 19.1-8; 22.12-17

25

O estudo das inspiradas Escrituras é a principal maneira de aprender como devemos viver perante Deus. Ali recebemos orientação de homens e mulheres cuja vida inspira imagens de piedade. Qualquer que seja nossa de ciência, podemos nos dedicar à imitação de uma pessoa piedosa das Escrituras, assim como buscaríamos num dispensário o remédio indicado para nossa doença. Por exemplo, se precisamos aprender a castidade, podemos re etir sobre a vida do virtuoso e autocontrolado José. Se precisamos aprender a paciência, podemos aprendê-la com Jó. Quando de repente despencou das alturas do bem-estar para o fundo da pobreza, da realidade de ser o pai de belos lhos para a total ausência deles, Jó manteve a rota de uma alma íntegra.

Como os artistas olham repetidamente para seu modelo e tentam transferir suas feições para a tela, assim também todos os que buscam levar uma vida santa devem manter o olhar voltado para a vida dos santos. Por imitação devemos fazer nossa a virtude deles.

Ó Mestre, tu que amas a humanidade, ilumina-nos o coração com a luz pura do teu divino conhecimento. Abre-nos os olhos da mente para que compreendamos os ensinamentos do evangelho. Incute em nós também o temor de teus abençoados mandamentos, a fim de que, tendo renunciado a todas as paixões carnis, levemos uma vida espiritual, pensando e fazendo aquilo que é do teu agrado. Amém.

A divina liturgia de Basílio Magno, em *As divinas liturgias de nossos pais entre os santos*

PARA REFLETIR: Dt 6.4-9; Lc 4.16-27; 24.13-27,45-49; Jo 5.31-40; At 6.1-4; 1Co 15.3-8

26

Que os agricultores tenham de trabalhar para ser bem-sucedidos não é surpresa nenhuma. Tampouco se surpreendem os marinheiros quando enfrentam tempestades. Quem é contratado para trabalhar no calor do verão sabe que irá suar. Assim também, os que seguem a vereda da santidade cristã não devem se surpreender com as a ições. Os agricultores trabalham muito, os marinheiros lutam contra tempestades e os empregados suportam o suor em virtude do que esperam ganhar, não como ns em si mesmos. Trabalho árduo, tempestades e suor indicam algo comum a todo labor humano e que proporciona consolação, isto é, esperança.

Às vezes, porém, as esperanças são frustradas. Safras são arruinadas, e marinheiros perdem seu barco em tempestades. Mas as esperanças dos que labutam pela santidade e a verdade nunca carão desapontadas.

Nem a decepção de Satanás consegue destruir a fé cristã, pois o reino dos céus que aguarda os cristãos é firme e seguro. Uma vez que o Cristo ressurreto que ascendeu aos céus é nosso Advogado, não aceitemos nunca ser derrotados por mentiras, amedrontados por ameaças políticas, molestados por zombarias, ou enganados por engodos de Satanás.

Contra todos os perigos, combatamos ponderadamente e ao mesmo tempo invoquemos Cristo como nosso Advogado e sustento.

Basílio Magno, *Cartas* carta 18

Ó Pai eterno, por meio da redenção assegurada por teu Filho unigênito, e pelo poder do Espírito Santo, xa nosso amor em tuas perfeições divinas,

para que as tenhamos sempre diante de nós e as sintamos gravadas em nossa vida. Que nós, de glória em glória, sejamos transformados em tua imagem. Que ergamos os olhos para a eterna beleza e bondade do Senhor e nelas depositemos todos os nossos afetos. Inspira em nós, pelo Espírito Santo, uma santa delidade a essa elevada e nobre vocação. Amém.

Henry Scougal, *A vida de Deus na alma do homem*, parte 2

PARA REFLETIR: Lc 8.1-15; 12.22-34; Jo 11.17-27; 14.1-4; Fp 1.21; 3.12-16; Cl 1.21-23; Ap 22.7-17

27

O atleta cristão Paulo, exortando a que não nos satisfaçamos com a vida bem conduzida no passado, diz: “Esquecendo-me do passado e olhando para o que está adiante, prossigo para o nal da corrida, a m de receber o prêmio celestial”. Isso geralmente se aplica à vida humana. Uma pessoa não se sente melhor por ter comido ontem, se ela não puder saciar a fome hoje. De igual modo, de nada adiantará para a alma a virtude de ontem, se ela não for seguida por uma vida virtuosa hoje.

Não é quem começa bem, mas sim quem termina bem, que atinge a perfeição cristã. Tal pessoa é aprovada por Deus.

Estamos passando por ciladas e pisando em terrenos perigosos. Não tentemos, então, dominar a perfeita vida cristã tudo de uma vez. Depois de dominar uma área, comecem a lutar contra outro obstáculo. Cuidado com o excesso de con ança. Enfrentem cada tentação com resignação e paciência. Não sejamos impetuosos no falar, briguentos ou ávidos de vanglória. Estejam sempre prontos para aprender e demorem para ensinar. Por m, é muito melhor falar da vida de pessoas piedosas do que car falando dos pecados dos outros.

Basílio Magno, *Cartas* carta 42, seções 1-2

Ó eterno Deus de toda graça, instiga-nos a contemplar tua generosa misericórdia.

Ensina-nos a temer cada aproximação do pecado e a viver ciosamente atentos à tua vontade. Estabelece em nós uma constante certeza de tua graça. Ajuda-nos a voar para ti quando alguma tentação se aproximar, na certeza de que tu nos levarás para o alto e impedirás nossa queda. Concede-nos isso, ó Pai, pelo amor daquele que conhece nossas enfermidades, teu Filho, nosso Salvador, Cristo Jesus. Amém.

PARA REFLETIR: Pv 6.5; Ez 18.24; Lc 14.28,30; **Fp 3.13-14**; Hb 10.19-25; 12.1-13; Jd 1.17-23; Ap 2.3-22

28

(Quem é o Espírito Santo?)

Em conformidade com as Escrituras, permitam-me lhes dizer quem é o Espírito Santo. Como nosso batismo foi do Espírito Santo, assim também por ele confessamos nossa fé. Como nosso batismo foi dado por nosso Salvador em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, assim também, de acordo com o Credo [de Niceia], oferecemos a doxologia ao Espírito Santo como Deus. Glorificamos o Espírito Santo juntamente com o Pai e o Filho em virtude de nossa convicção de que a natureza dele em nada difere daquela que de ne o Pai e o Filho.

Até mesmo um pequeno conhecimento das Escrituras nos ensina que

as criaturas não são Deus e não devem ser adoradas. Mas o Espírito Santo liberta criaturas escravizadas. Como então poderia ele ser uma das criaturas? A vida precisa ser dada às criaturas. Mas o Espírito Santo confere vida. As criaturas precisam ser ensinadas. Mas o Espírito Santo ensina. As criaturas precisam ser santificadas. Mas o Espírito Santo santifica. As criaturas recebem a santidade. Mas o Espírito Santo é santo por natureza. Nós não admitimos que o que é santo por natureza seja separado da bendita Trindade.

Basílio Magno, *Cartas* carta 159, seção 2

Bendito Espírito Santo, vem e sacia-me com teus santos dons. Que minha fraqueza seja imbuída de tua força. Assiste-me em todas as minhas responsabilidades. Protege-me nas tentações e consola-me nas aflições. Ilumina-me na ignorância e orienta-me nas dúvidas. Escuta-me em tua graça, ó Santo Espírito, e derrama tua luz em meu coração, mente e alma. Ajuda-me a viver em santidade e a crescer em bondade e graça. Amém.

Adaptado de “Orações ao Espírito Santo”,

2 Hearts Network

PARA REFLETIR: Jo 6.63; 14.26; At 2.38-39; Rm 5.18-19; 8.1-18; 15.14-19; 1Co 2.6-15; 12.4-6; 2Co 13.14

29

(É provável que o texto a seguir seja um excerto de um sermão feito no início da Quaresma.) Tomem cuidado para não restringir o jejum à abstinência de comida. O

verdadeiro jejum envolve muito mais. Implica o abandono de todo mal.

“Soltem os laços da maldade.” Perdoem as injúrias dos vizinhos contra vocês. Perdoem aqueles que os ofenderam. Por mais importante que possa ser abster-se de comer carne, é mais importante que vocês não devorem seu irmão.

Vocês se abstêm do vinho e depois se embebedam com afrontas?

Esperam até a noite antes de ingerir comida, mas passam o dia inteiro nos tribunais buscando os próprios interesses? Ai dos que recusam o vinho, mas depois se intoxicam de ódio!

Tudo o que predispõe a alma contra a paz de Deus deve ser considerado tóxico, o oposto do verdadeiro jejum. Lembremo-nos de quem nos foi recomendado receber como nosso Hóspede, aquele que prometeu que ele e seu Pai fariam em nós sua morada. Não permitam que nenhuma forma de intoxicação entre na alma de vocês, fechando, com isso, a porta para o Senhor. Não deixem que Satanás entre em sua fortaleza. Como a fumaça afasta as abelhas, assim também a intoxicação da alma afasta o Espírito Santo e seus dons.

Basílio Magno, primeiro sermão sobre o jejum

Ó Senhor Deus, tu nos mostraste o que é bom e o que exiges de nós. Purifica-nos de tudo o que é falso e superficial, tudo o que é contrário àquilo que tu mesmo nos mostraste de ti; acalma nossa paixão pelas coisas deste mundo e faz que tuas santas virtudes sejam instiladas em nós. Que as profundezas de nossa alma se abram à tua graça e correção, para que sejamos conduzidos por teu santo cajado. Amém.

PARA REFLETIR: 1Sm 7.2-6; Ne 9.1-37; Is 51.21-23; **58.3-14**; Mt 5.16-18; 24.42-44; Lc 4.1-13; Jo 14.23

30

Causam-me espanto as invenções do luxo excessivo. Os veículos são inúmeros. Alguns para entregar mercadorias, outros para transportar seus donos, e todos são revestidos de latão e prata. As raças dos cavalos são registradas como se fossem seres humanos. Alguns carregam seus altivos donos pela cidade, alguns são para caçadas, e

alguns são apenas cavalos velhos de aluguel. Tecidos purpúreos tornam os cavalos joviais como noivos. Dentre os servos que têm a tarefa de satisfazer a extravagância humana destacam-se agentes, administradores,

jardineiros, artesãos e confeiteiros. Somem-se a eles cozinheiros, criados, caçadores, escultores, pintores e humoristas. Há banhos na cidade e no campo. Casas reluzem com todo tipo de mármore. Pisos são mosaicos, e tetos são dourados. Se alguma parte da parede não apresenta placas de pedra, ela tem o adorno de ores pintadas.

Vocês que revestem suas paredes e deixam seus vizinhos car despidos e passar fome, como responderão ao Juiz eterno? Vocês que arreiam esplendidamente seus cavalos e, contudo, desprezam seu irmão se ele estiver mal vestido; vocês que deixam o trigo excedente apodrecer no campo em vez de alimentar os que têm fome; vocês que escondem seu ouro e depois desprezam os desamparados; como responderão a Deus no dia do juízo? Como justis carão seus excessos diante dele?

Basílio Magno, “Contra os ricos”, homilia 7

Ó Deus dos oprimidos e quebrantados, nós somos todos mendigos carentes de tua graça. Reconhecemos que o amor é o primeiro e o maior mandamento, e que o amor e a compaixão pelos pobres é a mais excelente forma de lei. Ajuda-nos a abrir o coração aos pobres, àqueles que sofrem infortúnios. Amém.

Gregório de Nazianzo, extraído de “Oração de Gregório de Nazianzo”, Amos House Community

PARA REFLETIR: Am 5.11-15,21-27; Mt 25.31-46; Lc 16.19-31; At 3.1-10; Tg 2.1-13; 5.1-6

31

(Em louvor a Salmos.)

O livro de Salmos é um tesouro de sólido ensino para todas as necessidades. Os salmos curam os enfermos e, ao mesmo tempo, preservam os sadios. Conseguem domar as paixões que tentam nos dominar. Realizam tudo isso com uma persuasão e grata cação musical que alimentam o pensamento sábio e sadio. O Espírito Santo sabia que seria difícil atrair os seres humanos para o bem, que a balança da vida pende para o prazer e que nós tendemos a negligenciar o que é santo.

Ciente disso, que plano adotou o Espírito? Ele combinou o prazer da melodia com seu ensino, para que possamos sorver profundamente suas instruções. Agiu como um médico sábio ministrando remédio amargo previamente untando com mel a borda da taça. Assim a melodiosa música de Salmos foi concebida. Enquanto cantamos, o Espírito vai nos educando. Uma vez que facilmente nos distraímos, não recebemos rapidamente um oráculo transmitido por um profeta ou apóstolo. Mas os salmos são cantados em nossas casas e caminham conosco pelas ruas.

Uma pessoa poderia tender a ser selvagem como uma fera. Mas, assim que é confortada pelo canto de um salmo, volta para casa mansa e calma graças à música de Salmos.

Basílio Magno, “Louvor a Salmos”, prefácio à homilia

sobre o salmo 1

Ó Espírito do Deus vivo, capacita-me pelas Santas Escrituras a segurar-me o leme do evangelho de Jesus Cristo. Guia-me todo o tempo para que as turbulentas ondas da tentação não me afastem do caminho do Senhor. Ensina-me todos os dias a habilidade do timoneiro para determinar minha rota segundo a tua santa vontade.

Amém.

Basílio Magno, “Sobre a abertura de Provérbios”, homilia 12

PARA REFLETIR: 2Tm 3.16; tipos de salmos: (1) *salmos de lamentação*: Sl 44; 55; 130; 137; (2) *de ação de graças*: Sl 34; 63; 107; (3) *hinos*: 33; 66.1-12; (4) *litúrgicos*: Sl 45; 87; 115; 132; (5) *comunitários*: Sl 19.7-14; 133

32

Quando o apóstolo Paulo agradece a Deus “por meio de Jesus Cristo”, e repete que “por meio dele” obtivemos acesso a “esta graça que agora desfrutamos com segurança e alegria”, ele identifica as bênçãos que nos foram concedidas pelo Filho de Deus. A graça de Deus vem do Pai, por meio do Filho. Por sua vez, o Filho nos leva ao Pai. Ao dizer que por meio do Filho ele recebeu “graça e apostolado”, Paulo declara que as boas dádivas do Pai procedem por meio do Filho. Ao declarar que por meio do Filho nós temos acesso ao Pai, ele mostra como o Pai nos aceita e nos torna “membros da família de Deus”.

Será que a graciosa permanência do Filho em nós diminui sua glória?

Nada disso. Pelo contrário, a repetição dos benefícios do Filho nos motiva a glori cá-lo. As Escrituras usam muitos termos que descrevem a divindade trina do Filho. Ele é chamado o verdadeiro Filho, o unigênito de Deus, o Poder de Deus e a Sabedoria e Palavra de Deus.

Por trabalhar para distribuir as riquezas do Pai, o Filho é chamado Pastor, Médico, Noivo, Caminho, Fonte, Pão e Rocha. Para os que afirmam sua justa realeza, ele é Rei; para todos os que caminham pela senda reta de seus mandamentos, Cristo é a Porta.

Basílio Magno, *Sobre o Espírito Santo*, cap. 8, seção 17

Nosso Deus, salva teu povo e abençoa tua herança; protege tua igreja, o corpo de Cristo; santifica os que amam a beleza de tua casa; gloriifica-os como recompensa por teu divino poder; e não abandones os que esperamos em ti. Amém.

João Crisóstomo, em *A divina liturgia de São João Crisóstomo*, The Orthodox Christian Page

PARA REFLETIR: Sl 107.20; Mt 3.10; 9.12,15; 21.5; 27.54; Jo 10.9,12; 14.6; Rm 1.2-8,16; 2.4; 5.2; 1Co 1.24; 10.4; Ef 2.19; 3.10; Fp 2.9-11; Hb 1.1-4; Ap 21.6

33

O batismo tem duas nalidades. Uma é para que o corpo do pecado possa ser destruído. Ele não deve nunca mais produzir o fruto do pecado e da morte. A segunda é para que nós passemos a viver diariamente pelo Espírito Santo e produzir o verdadeiro fruto da santidade. A água do batismo recebe o velho eu como se a água fosse uma sepultura. No segundo movimento, o Espírito Santo infunde o poder da água vivi cante. Ele nos eleva, nos livra da morte do pecado e nos resgata para a comunhão com Deus. É isso que signifi ca nascer de novo da água e do Espírito: a morte levada embora na água batismal e a nova vida criada por meio do Espírito. Pela imersão no nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, o grande mistério do batismo acontece. Não há graça ou poder na água em si; a graça e o poder vêm da presença do Espírito.

O batismo é realizado na paz e comunhão com Deus. Treinando-nos para o que segue o batismo, o Senhor torna claro o estilo de vida que o evangelho requer: a lei da gentileza, a firmeza diante da injustiça, e a liberdade da cobiça e da corrupção resultantes do desejo de prazer.

Mediante um firme propósito de obediência ao evangelho, nós

ganhamos um antegozo do que virá depois da ressurreição.

Basílio Magno, *Sobre o Espírito Santo*, cap. 15, seções 35-36

Guarda-me, ó Senhor, pois eu sou teu por criação; guia-me, pois sou teu por aquisição. Por teu cuidado, guarda-me da ofensa contra ti. No mal, torna-me inocente como uma criança, mas em entendimento, piedade e temor de Deus, torna-me adulto em Cristo, prontamente equipado e instruído em toda boa obra. Amém.

Jeremy Taylor, “ Exercício a ser usado a qualquer momento

do dia”, em *Regra e exercícios para uma vida santa*

PARA REFLETIR: Mt 3.11; Rm 6.1-10; 15.29; 1Co 3.13; Gl 3.23-29; Ef 5.25-33; 1Pe 3-21

34

Quando consideramos como nosso grande Deus e Redentor, Jesus Cristo, atuou para redimir a humanidade, vemos como tudo o que ele realizou teve a assistência do Espírito Santo. Considerando as bênçãos dos patriarcas, ou as vitórias que Deus concedeu a seu povo, como cuidou dele na época da Lei e dos Profetas, os milagres realizados por meio dos santos, ou a encarnação do Verbo em Jesus de Nazaré, nisso vemos que tudo foi executado por meio do poder do Espírito Santo.

O Espírito foi ativo na santa concepção de Maria e esteve com o Senhor desde sua infância. Jesus foi ungido e guiado pelo Espírito. Jesus foi conduzido para o deserto pelo Espírito para ser testado. Jesus expulsou demônios “pelo Espírito de Deus”. Depois que ressuscitou dos mortos, Jesus não abandonou seus discípulos, mas enviou-lhes o Espírito Santo no dia de Pentecostes.

O Espírito Santo ordena a igreja pelo modo como administra as dádivas de Cristo. Até a revelação do mistério do evangelho é prerrogativa do Espírito Santo. Quando o bendito e único Soberano julgar o mundo com justiça, até mesmo então o Espírito Santo terá uma tarefa a desempenhar.

Basílio Magno, *Sobre o Espírito Santo*, cap. 16, seções 39-40

Ó Deus de imutável poder e eterna luz, dirige teu olhar favorável sobre toda a tua igreja, esse maravilhoso e sagrado mistério; por meio da e caz atuação de tua providência, implementa com tranquilidade o plano de salvação; que o mundo inteiro veja e saiba que coisas que estavam caídas

estão sendo levantadas, e coisas que haviam envelhecido estão sendo renovadas, e que tudo está sendo aperfeiçoado por aquele por meio de quem tudo foi criado. Amém.

“Liturgia da Palavra”, A grande vigília pascal, LOC

PARA REFLETIR: Is 61.1-3; Mt 3.17; 4.1; **12.28**; Lc 4.1-2; 24.45-49; Jo 1.33; 14.15-31; 15-16; At 2.22; 10.38; 19.11; Rm 8.1; 2Ts 2.13; Tt 2.13

35

(As denominações do Espírito Santo.)

Nós entendemos a divindade do Espírito e seu incomparável poder considerando suas denominações, a magnitude de seu ofício e as boas dádivas que ele nos concede. Ele é chamado Espírito, como em “Deus é espírito”. É chamado santo, assim como o Pai e o Filho são santos. Pois todas as criaturas, antes que as possamos chamar “santas”, devem ser santi cadas por algo que vai além delas mesmas. Mas a santidade é a natureza essencial do Espírito Santo. Por essa razão, o Espírito Santo é o Santi cador, e não quem precise ser santi cado. Ele é chamado bom, assim como o Pai e o Filho são bons. Sua bondade é sua essência. O

Espírito Santo é chamado justo, assim como “o Senhor é justo”. Ele é a Verdade e a Justiça. Como Deus, o Espírito é imutável em delidade. O

Espírito Santo é chamado Paracleto, Advogado, assim como Cristo é Encorajador. “E eu pedirei ao Pai”, disse Jesus, “e ele lhes dará outro Encorajador.” O Espírito é chamado Rei, o Espírito da verdade e o Espírito da sabedoria.

Vocês percebem que o Espírito Santo tem muitos nomes em comum

com o Pai e o Filho. Ele recebe esses nomes em virtude de sua divindade e de sua comunhão íntima com o Pai e o Filho.

Basílio Magno, *Sobre o Espírito Santo*, cap. 19, seção 48

Espírito criador, com tua assistência

O mundo primordial ganhou existência;

Vem, toda humilde mente humana invade,

Vem derramar teus dons na humanidade;

Já livres do pecado e dor malignos,

Teus templos de ti mesmo torna dignos.

John Dryden (1631–1700), Hinário

PARA REFLETIR: Sl 43.10; 92.15; 143.10; Is 11.1-3; Jo 4.24; 14.16-17; 16.12-15; 2Co 3.7-11; Fp 4.7; 2Ts 2.13-15; 1Jo 1.20; 5.6

GREGÓRIO DE NISSA

36

Quando empregamos o substantivo “homem”, nós o usamos para indicar a natureza comum e compartilhada por todas as pessoas. Pedro, por exemplo, não é mais *homem* que André. “Homem” é a essência ou substância da humanidade. Juntos Paulo, Silas e Timóteo. Se explorarmos a essência humana de cada um deles, ela será a mesma para os três. Mas, quando falamos especificamente de Paulo, tentamos descrever

suas

características

propriedades

distintivas,

independentemente de tudo o que ele tem em comum com Silas ou Timóteo.

Agora, trans ramos essas distinções para a Trindade. Tudo o que é verdadeiro sobre a essência divina do Pai é também verdadeiro sobre a divindade do Filho e do Espírito Santo. A divindade é a mesma e a única essência e soberania — um só Deus — no Pai, no Filho e no Espírito Santo, mesmo que cada pessoa tenha suas próprias atividades características. Um membro da Trindade não é nem mais nem menos Deus que os outros. Não há ruptura ou vazio na essência divina e na harmonia mútua do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Gregório de Nissa, carta a Basílio, em Basílio Magno,

Cartas, carta 38

Tua palavra, Senhor onipotente,

O próprio caos e a escuridão desmente,

E deles a fuga produz;

Nossa oração concilia,

E onde o evangelho em seu dia

Sua luz não irradia,

Que lá irrompa tua luz!

John Marriott (1780–1825), Hinário

PARA REFLETIR: Mt 28.19; Jo 1.3-8; 6.32-59; 7.25-44; 14.5-13; 16.13-15; Rm 8.9; 1Co 2.12; 12.11; 2Co 13.14; Cl 1.15-17; Hb 1.3

37

Muitos dos que recebem a graça do batismo são ou enganados ou desviados por outrem. Recebem o batismo sem realmente se tornarem novas criaturas em Cristo. O batismo nada signi ca se continuarmos vivendo como antes. Como é possível que uma pessoa em quem, após o batismo, não há mudança nenhuma em seus traços distintivos pense

que ela é algo mais do que era antes? Deveria ser evidente para todos que o propósito do batismo é dar testemunho de um novo nascimento que renova e muda nossa natureza. A natureza humana sozinha não pode produzir essa mudança. O que a regeneração implica?

O banho da regeneração envolve o abandono das ações pecaminosas

que marcavam nossa vida não regenerada. Se o batismo foi aplicado ao corpo, mas a alma não está puri cada de paixões e sentimentos pecaminosos, e se a pessoa continua vivendo como antes, então a água do batismo não foi nada mais que água. De modo algum o dom e a obra do Espírito Santo se manifestam nessa pessoa. Se a deformidade do pecado continua, então não posso absolutamente ver como ela foi mudada. Ouçam o apóstolo Paulo: “Se alguém julga ser alguma coisa, não sendo nada, a si mesmo se engana” [RA]. Aquilo que não nos tornamos pela graça da regeneração, isso não somos.

Gregório de Nissa, *A grande catequese*, cap. 40

Ó Pai de toda misericórdia, Deus de toda consolação, tu ordenas todas as coisas com sabedoria. Realiza em nós tudo o que for do teu agrado. Que a graça de nosso Senhor Jesus Cristo e a comunhão do Espírito Santo desçam sobre nós. Leva-nos rumo a tudo o que é santo, para o aperfeiçoamento da tua igreja e para o louvor da glória do teu nome. Amém.

Gregório de Nissa, *Cartas*, carta 13

PARA REFLETIR: Is 1.16; Jo 3.5-8; Rm 6.1-14; **Gl 6.3**; Ef 4.1-6; 2Pe 2.1-22; Jd 1.3-16

38

O evangelho diz dos que nasceram de novo: “A todos que o receberam, ele deu o direito de se tornarem lhos de Deus”. O lho de um genitor evidencia um parentesco. Se você se tornou lho de Deus, então manifeste em si mesmo Aquele que pela graça lhe deu um novo nascimento. As características que nos permitem reconhecer Deus devem marcar aqueles que nascem do Pai. Por exemplo, Deus abre sua mão e cumula com seu prazer todos os seres vivos. Ele perdoa transgressões. É bom para com todos e não descarrega sua ira sobre nós.

É um Senhor justo, e nele não há injustiça alguma. Se sua vida é marcada por fatos como esses, então você é lho de Deus. Mas, se você continua manifestando as marcas típicas do pecado, então será insensato car falando sobre seu nascimento do alto. A profecia falará

contra você:

“Você é lho de homem, não é lho do Altíssimo. Ama ilusões e busca mentiras. Acaso não sabe como um homem se torna admirável?”.

Somente levando uma vida santa nós nos tornamos admiráveis comoinhos de Deus.

Gregório de Nissa, *A grande catequese*, cap. 40

Ó Senhor, por tua graça tu concedes misericórdia a todos e não desprezas nada do que criaste. Lembra-te agora de como somos fracos e de que tu és nosso Pai e Deus. Por misericórdia, perdoa nossas ofensas e remove nosso coração empedernido. Dá-nos um coração que se deleite em fazer tua vontade, em te amar e te adorar. Acende nele o fogo do Espírito Santo. Inspira nossas orações a fim de que elas sejam do teu agrado.

Amém.

Ambrósio, bispo de Milão, “Oração antes da Missa

(quinta-feira)”, Catholic Online

PARA REFLETIR: Sl 4.2-3; 7.11; 145.16; Jl 2.13; Mt 6.1-34; Jo 1.10-13; Rm 8.17-19; Gl 3.26-28; 1Pe 2.1-12

39

Para ser e fazer, o jubiloso sacramento do batismo precisa ser manifestado numa subsequente pureza de conduta. O batismo de modo algum muda nossas características físicas. O que é meramente físico não pode apresentar a prova necessária. Todavia, deve haver uma manifestação concludente pela qual a nova pessoa seja reconhecida.

Por quais indícios o velho pode ser separado do novo? Esses indícios só podem emergir se a pessoa se compromete com a regeneração. O velho habitual modo de vida deve ceder lugar a um novo modo. Só então os outros reconhecerão que algo realmente novo aconteceu.

O velho eu não era disciplinado pela piedade. Pegava o que pertencia a outros, usava palavras ofensivas, mentia e era caluniador. Em contrapartida, sejamos agora marcados pela verdadeira regeneração: uma vida regulada pela piedade, pela sobriedade, pela satisfação com nossas próprias posses e pelo ministério generoso aos pobres. Que a nova pessoa seja honesta, cortês e acessível. Como a luz dispersa as

trevas, assim o velho eu desaparecerá quando adornado com a retidão.

Como lhos de Deus, examinemos as características de nosso Pai celestial. Então, pelo Espírito, moldemo-nos à sua semelhança.

Demonstremos agora, por meio de nossa vida transformada, que fomos adotados pela graça de Deus.

Gregório de Nissa, *Sobre o batismo de Cristo*

Em seus corações, seu trono;

Ali ele deve subjugar

Tudo o que não for verdade

E santo não se mostrar.

Caroline Maria Noel (1817–1877), Hinário

PARA REFLETIR: Mt 5.43-47; Lc 15.1-24; Jo 4.4-26; At 22.2-21; Rm 3.21-16; 5.1-11; 6.3; Cl 3.12-17

40

Depois de nossa adoção como lhos de Deus podemos esperar que o diabo, mais do que nunca, tramará contra nós com maior intensidade e violência. Ele sentirá inveja ao contemplar o recém-nascido lho de Deus avançando rumo à cidade celestial. Não se surpreendam quando o diabo lançar tentações abrasadoras contra nós. Ele tentará nos roubar nosso novo adorno, assim como o roubou de Adão e Eva. Quando o diabo ataca, devemos repetir as palavras do apóstolo: “Quando fomos batizados em Cristo Jesus, fomos batizados em sua morte”. Se fomos amoldados à morte de Cristo, então o velho eu pecaminoso se tornou um cadáver, trespassado pela lança do batismo. Mandemos o diabo embora, pois o que ele busca está morto. Outrora, o velho eu era seu aliado, mas não é mais. Foi crucificado com Cristo. Já não pode cobiçar a riqueza, caluniar ou insultar outras pessoas. O novo eu aprendeu como passar ao largo dos bens deste mundo e correr para os bens do céu. De igual modo, Paulo atesta que o mundo está crucificado para ele, e ele para o mundo. Essa deve ser a disposição de nidora daqueles que nasceram de novo.

Gregório de Nissa, *Sobre o batismo de Cristo*

Deus eterno, Pai de toda misericórdia, que minha riqueza seja eu me

tornar rico de santas virtudes, a m de que por meio delas eu possa te servir e te agradar em toda verdade. Concede-me santas virtudes para a honra e glória do teu nome. Faz-me rme numa fé que atua mediante o amor. Que a fé que minha língua confessa seja evidenciada numa santa conduta. Amém.

Anselmo, arcebispo de Cantuária, *Livro de meditações e*

orações, meditação 18, seção 90

PARA REFLETIR: Nm 25.7-9; Sl 119.11; **Rm 6.3**; 12.21; 1Co 10.11-13; 2Co 5.11-15; Gl 6.14; Tg 4.7-10; 1Pe 5.8-11

41

Adoremos agora o Doador de nossa extraordinária salvação.

Verdadeiramente, ó Senhor, tu és a Fonte pura e eterna de toda bondade. Tu és justo quando te voltas contra nossos pecados. Em tua amorosa bondade, porém, tiveste compaixão de nós. Tu foste odiado; mesmo assim, te resignaste. Foste amaldiçoado; todavia, abençoaste. Por causa de nosso pecado nos baniste do jardim do Éden; contudo, restauraste-nos para a comunhão contigo. Tu nos despiste de nossas folhas de gueira, nosso inadequado vestuário, e depois nos vestiste com peças de roupa de grande valor. Abriste as portas da prisão e libertaste os cativos condenados. Tu nos salpicaste com água limpa e puri caste nossa poluição.

Já não precisamos nos esconder quando ouvimos tua voz, culpados abrigando-nos na moita. Nós, que éramos herdeiros do pecado, temos agora motivo para rejubilar. Agora podemos entrar no céu. A criação toda, outrora em con ito consigo mesma, foi interligada na amizade.

Agora podemos nos juntar aos anjos cantando louvores a ti.

Agora entoamos o hino de alegria inspirado pelo Espírito Santo:

“Alegra-se a minha alma em meu Deus! Pois ele me vestiu com roupas de salvação”.

Gregório de Nissa, *Sobre o batismo de Cristo*

Que eu me lembre, ó meu Deus, de toda a tua misericórdia. Que meus ossos sejam orvalhados pelo teu amor e te digam: “Quem se compara a ti, Senhor?”. Tu rompestes as amarras de minha prisão. Eu te oferecerei o sacrifício de ação de graças. Explicarei a todos como tu me libertaste.

Quando todos os que te adoram ouvirem meu testemunho, eles exultarão: “Bendito seja o Senhor nos céus e na terra, grande e maravilhoso é seu nome”. Amém

Agostinho, bispo de Hipona, *Confissões*, livro 8,

cap. 1, seção 1

PARA REFLETIR: Sl 35.10; 41.13; 45.1-21; 72.19; 89.52; 106.4-8; 146.1-2; 147.1-20; 150.1; Is 61.10; Ef 1.15-23; 1Tm 6.11-16; Jd 1.24-25

GREGÓRIO DE NAZIANZO

42

Neste dia Cristo ressuscitou dos mortos. Que hoje ele me renove pelo Espírito Santo, me vista com uma nova humanidade e me conceda sua nova criação.

Na Sexta-Feira Santa o Cordeiro foi imolado e os batentes das portas foram ungidos. O Egito chorou seus primogênitos, o destruidor passou por sobre nós, o selo de sangue foi terrível e respeitado, e nós fomos cercados por um muro de sangue precioso. Hoje, na Páscoa, nós escapamos do Egito e do faraó. Agora, ninguém nos impede de celebrar a festa do Senhor, nosso Deus, a festa de nossa partida. Festejamos, não com o velho fermento da malícia e maldade, mas com o pão ázimo da sinceridade e verdade. Não carregamos conosco nada do velho fermento egípcio.

Na Sexta-Feira Santa fui crucificado com Cristo; hoje com ele sou glorificado. Ontem morri com Cristo; hoje com ele ressuscito. Ontem fui sepultado com meu Senhor; hoje com ele ressuscito da sepultura.

Ofereçamos-lhe a nós mesmos, o bem mais precioso para Deus. No triunfo de Cristo, reconheçamos nossa dignidade, honremos nosso Arquétipo e conheçamos o poder do mistério e a razão da morte de Cristo.

Gregório de Nazianzo, “Sobre a Páscoa e sua relutância [em aceitar a ordenação para o sacerdócio]”, oração 1, seções 2-4

Ó Cristo, traz de novo nossa luz do dia; o dia retorna contigo!

O inferno hoje é vencido; o céu hoje é conquistado!

Venâncio Honório Clemenciano Fortunato (c. 530–609 d.C.),

da trad. de John Ellerton (1868), Hinário

Ê

PARA REFLETIR: Êx 12.1-30; Is 65.5; Mt 28.1-10; Mc 16.1-13; Lc 24.1-12; Jo 1.35-36; 20.1-18, At 2.14-36; 1Co 5.8; Ap 5.6-14

43

Aprendemos do próprio Filho a crer na divindade do Filho de Deus. Ele foi batizado como homem, mas perdoa os pecados como Deus. Foi tentado como homem, mas conquistou como Deus, e ele nos aconselha a ter ânimo pois ele venceu o mundo. Sentiu fome, mas alimentou milhares. Ele é o Pão da Vida, o próprio Pão do Céu. Sentiu sede, mas proclamou: “Quem tem sede, venha a mim e beba”. Ele até prometeu que fontes jorrariam para quem crê. Sentiu-se exausto, mas ofereceu alívio a todos os que estão cansados e sobrecarregados. Sentiu pesadamente o sono, mas caminhou suave sobre o mar e censurou a tempestade. Paga tributos, mas com moedas retiradas da boca de um peixe. Mais ainda, ele é Rei até mesmo dos que exigem dele tributos. É

ridicularizado como sendo samaritano, mas salvou aquele que caiu nas mãos de ladrões. É acusado de ter parte com o diabo, mas legiões de demônios fogem ao seu comando. Ele até testemunha o príncipe dos demônios caindo como um raio. Ora, mas ouve as orações dos outros.

Chora, mas faz as lágrimas cessarem. Como homem, ele chora por Lázaro, e depois, como Deus, ele o ressuscita dos mortos.

Gregório de Nazianzo, “Sobre o Filho”, oração 29, seção 20

Que toda carne mortal silencie

E com reverente assombro parando,

Sem nada deste mundo ter em mente,

Pois com bênçãos sob seu comando

De nós Cristo, nosso Deus, se aproxima,

Plena homenagem demandando.

Adaptado de A divina liturgia do santo apóstolo Tiago

(c. 150–200 d.C.), da trad. de Gerard Moultrie (1864), Hinário

PARA REFLETIR: Mt 3.13; 8.24; 9.6; 11.28; 14.25,30; 17.24; Lc 8.28-33; 9.30; 10.17-20,30; Jo 6.10; **7.37**; 8.48; 11.43; 16.33; 19.19

44

Aprendemos do próprio Filho a crer na divindade do Filho de Deus. Ele foi traído e vendido por um valor muito pequeno, mas redime o mundo ao custo do próprio sangue. Como ovelha ele é conduzido para o matadouro, mas ele é o Pastor de Israel e do mundo inteiro. Como cordeiro sacri cial ele ca em silêncio, e no entanto ele é a eterna Palavra de Deus. É machucado e ferido, e no entanto cura todas as feridas. É erguido pregado na cruz, e no entanto salvou até mesmo o ladrão cruci cado ao seu lado. Na cruz, envolveu o mundo visível nas trevas. Dão-lhe vinagre para beber, mas ele é absolutamente a Doçura que supera o gosto amargo do pecado. Entrega sua vida, mas tem poder para retomá-la. Rasga o véu do templo, e com isso nos abre as portas do céu. Morre, mas confere vida, e mediante sua morte ele destrói a morte.

É sepultado, mas ressuscita. Desce ao inferno, mas liberta os cativos.

Sobe até o Pai, e virá de novo para julgar os vivos e os mortos.

O que era [Deus], ele continuou sendo; o que não era [homem], ele assumiu para si.

Gregório de Nazianzo, “Sobre o Filho”, oração 29, seções 19-20

Rei dos reis, mas lho de Maria,

Outrora na terra xou-se;

Senhor dos senhores, em veste humana,

Em corpo e sangue demonstrou-se;

E, para dar-se a todos os éis,

Em alimento transformou-se.

Adaptado de A divina liturgia do santo apóstolo Tiago

(c. 150–200 d.C.), da trad. de Gerard Moultrie (1864), Hinário

PARA REFLETIR: Ct 5.16; Is 53.7; Mt 6.28; 26.15; 27.51; Lc 23.43; Jo

(Dia do nascimento de nosso Senhor.)

Cristo nasceu; glori quem-no. Ele vem do céu; vamos a seu encontro para saudá-lo. O Senhor nasceu de uma virgem. Que os céus se rejubilem e a terra se alegre, pois Cristo, que antes era do céu, agora é da terra! Rejubilemo-nos com temor por nossos pecados e com alegria por nossa salvação. Quem não o adorará, ele que é o Começo e o Fim?

Agora as trevas são o nosso passado; a luz surgiu. O Egito está coberto de trevas, e Israel é iluminado por uma coluna de fogo. Contemplemos agora, nós que estávamos sentados nas trevas, a plena luz do conhecimento. As coisas velhas morreram; todas as coisas foram renovadas. A letra da lei deu lugar ao Espírito da vida. As sombras se afastaram, e a Verdade tomou o lugar delas.

Batam palmas vocês todos, porque um menino nos nasceu, um lho nos foi dado. Aclamemos o poder deste dia, pois o Filho de Deus se tornou o Filho do Homem. Esta é nossa festa, a vinda de Deus para a humanidade, a m de que nós possamos avançar para Deus. Tendo abandonado o velho Adão, assumamos agora o Novo. Como morremos em Adão, vivamos agora em Cristo.

Gregório de Nazianzo, “Sobre a teofania”, oração 38, seções 1-2, 4

Cantemos, sim, cantemos, neste dia:

O próprio Deus desceu do céu;

Cantemos, sim, cantemos, neste dia:

Nasceu Jesus, Deus lho de Maria.

Christopher Wordsworth (1807–1855), Hinário

PARA REFLETIR: Êx 14.20; Sl 47.1-14; 96.1; Is 9.6; Jr 31.31-40; 5.17; Ml 4.1-6; Mt 1.18-25; 3.3; Lc 2.1-20; 1Co 1.23; 5.17; 15.22; 2Co 5.17; Ef 4.22-24; Cl 2.11; Hb 13.8

AMBRÓSIO DE MILÃO

“Para Milão eu vim, para o bispo Ambrósio, conhecido no mundo todo como um dos melhores homens, teu dedicado servo, cujo eloquente

discurso em abundância distribuía para o teu povo a farinha do teu trigo, a alegria do teu azeite e a sóbria embriaguez do teu vinho” (*Con ssões*, livro 5, cap. 13, seção 23). Essas palavras são parte do testemunho sobre o papel que Ambrósio (340–397 d.C.), bispo de Milão, desempenhou na conversão de Agostinho. Como professor de retórica, Agostinho pretendia examinar a fala de Ambrósio, tido como eloquente orador. Em vez disso, foi capturado pela proclamação do evangelho e pela bondade do bispo. Ambrósio, disse Agostinho, ensinava “a salvação do modo mais convincente” (seção 23).

Ambrósio nasceu de uma importante família romana que bem cedo havia abraçado a fé. Alguns membros da família contaram entre os mártires. Antes de sua morte em 345 d.C., Ambrosius, o pai de Ambrósio, foi o magistrado chefe da Gália (França, Bretanha e Espanha) e da Mauritânia Tingitana, na África.

Após a morte de Ambrosius, a mãe de Ambrósio assumiu a responsabilidade de educar os filhos na piedade cristã. Cuidou para que Ambrósio recebesse uma excelente educação na língua e literatura gregas. Depois de completar sua formação secular, Ambrósio estudou direito e se tornou conhecido por sua eloquência e argumentação jurídica. Em pouco tempo, foi notado pelo imperador Valentiniano, que o nomeou governador consular da Ligúria e da Emília-Romanha, com residência em Milão, uma cidade perturbada por conflitos entre arianos e os que eram fiéis ao Credo Niceno.

Ambrósio governou de modo eficiente e conquistou o respeito dos cidadãos. Por ocasião da morte de um tirânico bispo ariano chamado Auxêncio, Valentiniano ordenou que Ambrósio supervisionasse a eleição

de um novo bispo. Para total surpresa de Ambrósio, o povo e o clero que estavam reunidos no fórum pediram a eleição dele mesmo como bispo, um ofício sagrado para o qual ele não havia se preparado. Embora fosse um crente ortodoxo, Ambrósio não havia sido batizado. Um bispo ortodoxo o batizou e, aos 35 anos de idade, Ambrósio se tornou bispo de Milão. Exerceu essa função durante 23 anos. Na memória da cristandade, há um consenso claro de que Ambrósio foi o “modelo perfeito de um bispo cristão” (*Enciclopédia católica*, “São Ambrósio”).

O que deveríamos aprender primeiro? Como permanecer em silêncio.

Só então aprenderemos a falar. Se não for assim, nossas palavras podem nos condenar antes que alguém possa nos defender. Não deveríamos nos precipitar rumo à condenação que resulta de uma fala temerária quando podemos simplesmente, com a mesma facilidade, evitar esse perigo permanecendo em silêncio. Já vimos pessoas incidindo em erro por falar, mas raramente se vê alguém errando por manter-se calado. É mais difícil aprender a car calado que saber falar. A maioria das pessoas fala porque não sabe car calada. De fato, com frequência uma pessoa fala mesmo quando falar não lhe serve para nada.

A Lei diz: “Ouça, ó Israel, o Senhor, seu Deus”. Notem que a ordem não é para “falar” mas para “ouvir”. Uma pessoa é sábia, então, se ela sabe como se manter em silêncio. A sabedoria de Deus nos disse que o Senhor nos deu a língua do conhecimento a fim de que saibamos quando é apropriado falar. Assim, podemos reconhecer uma pessoa como sábia se ela recebeu do Senhor a noção de quando car calada e quando falar.

Prendamos nossas palavras para que elas não se debandem. A sobriedade mental tem rédeas que deveriam guiar a boca.

Ambrósio, bispo de Milão, *Sobre os deveres do clero*,

livro 1, cap. 2, seção 5, 7; cap. 3, seção 12

Sê tu minha visão, Senhor do coração;

O mais nada será, só tu serás então;

Tu, meu melhor pensar és, noite ou dia,

Acordado ou dormindo, tua luz me alumia.

Hino irlandês (c. séc. 8), da trad. de Mary E. Byrne (1905),

Hinário

PARA REFLETIR: Dt 6.4; Jó 5.21; Sl 39.1; Pv 1.11,19-2.; Ec 3.1-8; Is 5.4; Mt 12.36; Ef 4.29-32; Tg 2.26-27; 3.1-12

47

Se prestarmos atenção ao conselho sobre o silêncio, seremos cordiais, gentis e comedidos. Pois, controlando a boca e refreando a língua, e

não falando antes de examinar o que queremos dizer, ponderando e calculando nossas palavras, nós certamente praticaremos o

comedimento, a gentileza e a paciência. Não falaremos sem pensar em surtos causados pela raiva e o descontentamento, dando provas de paixão ou exhibições das chamas da luxúria que queimam em nossas palavras ou da raiva que sentimos. Nossas palavras deveriam demonstrar graça e perseverança moral.

Satanás estabelece seus planos quando lhe damos mostras de que as paixões controlam nosso íntimo. Ele se aproveitará de uma oportunidade para nos ferir com nossa própria espada. É muito melhor perecer pela espada de outrem que pela nossa própria! Satanás, nosso inimigo, testa nossas armas antes de atacar. Se pela nossa fala perceber que estamos perturbados, ele disparará seus dardos com a intenção de criar confusão e brigas. Se proferirmos palavras impróprias, ele preparará sua armadilha na qual coloca a isca da vingança desejada.

Mordendo a isca, acabamos caindo em sua armadilha e apertando contra o pescoço o nó fatal. Se percebemos que Satanás está por perto à espreita, devemos redobrar a atenção ao que estamos prestes a dizer a fim de evitar abrir a porta para ele entrar correndo.

Ambrósio, bispo de Milão, *Sobre os deveres do clero*,

livro 1, cap. 4, seções 14-16

Ó Soberano Senhor, nós te suplicamos que rechaces os ataques do pecado e alegres nossa mente com o esplendor do Espírito Santo. Que compartilhemos as misericórdias que tu colocaste diante de nós por meio do teu Filho unigênito, nosso Salvador. Amém.

A divina liturgia do santo apóstolo e evangelista Marcos

(antes de 200 d.C.)

PARA REFLETIR: Sl 39.1-10; 90.3; Lc 22.55-60; Ef 6.10-18; 1Ts 5.4-11; 1Pe 1.3-7

48

Fiquem alerta; mantenham-se firmes na fé; sejam pessoas corajosas.

Coragem, ou perseverança, é uma virtude cristã muito importante. Está aliada a outras virtudes cristãs. Protege a beleza delas. A

perseverança controla o poder do discernimento e luta contra todos os vícios com irrestrita valentia. A coragem suporta bravamente perigos, é in exível em sua oposição aos prazeres destrutivos e calejada contra as seduções dissipadoras. A esses engodos a perseverança se recusa a dirigir uma saudação ou a lhes prestar ouvidos. Ela não se deixará corromper por amor ao dinheiro. Pelo contrário, foge da ganância como os humanos fogem da peste.

Ambrósio, bispo de Milão, *Sobre os deveres do clero*,

livro 1, cap. 39, seção 202

Ó Senhor e Mestre de minha vida! Livra-me do espírito de preguiça, desânimo, avidez de poder e conversa inútil. Mas, em troca, concede ao teu servo o espírito de castidade, humildade, paciência e amor. Sim, ó Senhor e Rei! Permite-me que eu enxergue meus próprios erros e não julgue meu irmão. Pois tu és bendito pelos séculos dos séculos. Amém.

Oração quaresmal de Efrém da Síria, Orthodox Wiki

PARA REFLETIR: Pv 28.1; Ez 2.1-7; Dn 3.16-18; At 4.1-22; 1Co 16.13-14; 2Co 3.17-18; Fp 1.27-30; 1Tm 6.11-16; 2Tm 1.1-10

49

Nada arruína mais rapidamente a perseverança cristã que entregar-se ao desejo ardente pelos bens deste mundo. Muitas vezes, quando Satanás e seus exércitos estão sendo postos em fuga, um guerreiro cristão é derrotado por se deixar distrair e encantar pelos despojos do inimigo. Se um guerreiro cristão abandona a luta e se põe a saquear os bens do inimigo, acabará trazendo Satanás de volta depois de ele ter fugido do campo de batalha, e o guerreiro cristão pode vir a morrer entre aqueles que ele deveria ter derrotado.

A perseverança, então, deve repelir, deve esmagar a epidemia imunda dos atrativos das mercadorias de Satanás. Elas não devem exercer sobre nós atração nenhuma. As verdadeiras virtudes mantêm-se eais a si mesmas. A perseverança deve combater os vícios como se eles estivessem tentando envenenar a virtude. Mas, fazendo isso, a perseverança deve nos proteger da glória pessoal.

Jó falhou em algum desses pontos? Ele avaliou corretamente os perigos que ameaçavam sua segurança e nunca permitiu que a ganância ou o desejo de prazeres ou luxúrias nascessem em seu coração.

Preservou sua conança em Deus. Jó nunca permitiria que o vício convivesse com a virtude.

Ambrósio, bispo de Milão, *Sobre os deveres do clero*,

livro 1, cap. 39, seções 203-204

Sopro divino, sopra sobre mim,

De novo enche os meus dias;

Que eu ame o que amas

E faça o que farias.

Edwin Hatch (1805–1889), Hinário

PARA REFLETIR: 1Rs 11.1-13; 2Rs 5.1-27; Lc 12.35-38,42; Ef 6.11-17; Fp 3.12—4.1; 2Tm 4.9-10; Tg 3.13—4.10

50

Com a Eucaristia Cristo alimenta sua igreja. Com o alimento de Cristo a igreja progride continuamente na graça de Deus. Os cristãos devem defender o profundo signi cado da Eucaristia, um signi cado que só a noiva de Cristo pode conhecer. A Ceia do Senhor é o jardim secreto, o selo e a fonte do Senhor. Contemplando essa graça tão grande, vamos para o banquete de Cristo.

Uma das maneiras de proteger o mistério da Eucaristia, o alimento de Cristo, é levarmos uma vida santa. Uma vida profana contamina o alimento de Cristo e viola a pureza de sua noiva. A noiva de Cristo também pode contaminar o alimento que Cristo nos dá na Eucaristia ao falar de modo descuidado sobre nossa fé com os que não creem. A proteção do mistério de Cristo, de nossa fé, acontece em vidas caracterizadas pela integridade cristã. Só nesse caso nosso testemunho pode resistir impoluto. Só pela delidade ao mistério de Cristo pode a igreja esperar repelir as tempestades que certamente a fustigarão.

Ambrósio, bispo de Milão, *Sobre os mistérios*, cap. 9, seções 55-56

Deus todo-poderoso e eterno, eu me aproximo do sacramento do teu Filho unigênito, nosso Senhor Jesus Cristo. Apresento-me enfermo ao Médico da vida, impuro à Fonte da misericórdia, cego ao brilho da eterna Luz, e pobre e carente ao Senhor dos céus e da terra. Senhor, em tua grande generosidade, cura minha doença, lava minha impureza, ilumina minha

cegueira, enriquece minha pobreza e veste minha nudez.

Amém.

Extraído de uma oração de Tomás de Aquino, em “Orações antes da comunhão”, Diocese de Superior, Wisconsin

PARA REFLETIR: Sl 34.9; Mt 25.14-30; Lc 22.1-46; 1Co 10.3,14-22; 11.17-33

51

O objetivo mais elevado da virtude é conseguir a maior medida possível de bem. A gentileza é a virtude que supre esse propósito do modo mais completo. É a mais bela de todas, pois não destrói nem mesmo aqueles que condena. É a única virtude que verdadeiramente leva ao crescimento da igreja, comprada pelo Senhor com seu próprio sangue.

Imitando a amorosa bondade de nosso Senhor, a gentileza busca a redenção de todas as pessoas. Em sua presença o coração dos pecadores nem treme nem entra em desespero.

Aquele que busca corrigir a fraqueza humana deve aceitar o peso dela sobre si, tal como o bom pastor carregou a ovelha perdida sobre os ombros. A moderação deve temperar a retidão. Por que deveria alguém que vocês desprezam, e que julga que a retidão de vocês o considera um objeto desprezível, apresentar-se a vocês para ser curado?

O Senhor Jesus oferece descanso e não expulsa ninguém. Ele veio em mansidão, compadeceu-se de nós, chamou-nos para junto de si e não nos fez ir embora assustados. “Venham a mim”, disse Jesus, “todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso.” Está claro que os praticantes de uma retidão rígida e orgulhosa não podem ser incluídos entre os discípulos de Jesus. Os defensores dessa retidão buscam a misericórdia de Deus enquanto a negam a outros.

Ambrósio, bispo de Milão, *Sobre o arrependimento*,

livro 1, seções 1-3

Eu te agradeço, ó Santa Trindade, pois mediante tua grande bondade e paciência tu não te iraste contra mim. Quando eu estava prostrado em desespero, tu me levantaste para gloriar teu nome. Ilumina-me para eu

meditar sobre tuas palavras, entender teus mandamentos, fazer tua vontade e celebrar-te em sincera consolação. Amém.

“Orações da manhã”, Livro de orações da

Igreja Ortodoxa Russa de São Vladimir, oração 1

PARA REFLETIR: Jó 14.4; Sl 51.2; Ec 7.17; **Mt 11.28**; Lc 7.36-50; 11.32; 15.3-5; 18.9-14; Jo 8.1-11; Gl 5.22-26; 1Ts 1.2-10

JOÃO CRISÓSTOMO

Frequentemente, quando pensamos em perseguições do povo de Deus, vêm-nos à mente aqueles que não creem. Não raro, porém, a perseguição dos éis provém de dentro da igreja. Isso aconteceu com João Crisóstomo (c. 347–407 d.C.), o doutor dos pregadores, que morreu a caminho do exílio. João, chamado Crisóstomo (do grego *chrysostomos*, “boca de ouro”) devido à sua eloquência, nasceu de pais cristãos em Antioquia da Síria, numa época de considerável turbulência e divisão no seio da igreja. Seu pai era um oficial do exército de alto nível que morreu logo após o nascimento de João. A mãe, Antusa, assumiu a responsabilidade de criar João e sua irmã mais velha. Ela o instruiu na piedade e o enviou para as melhores escolas, onde ele estudou a cultura clássica.

Quando Crisóstomo tinha cerca de 33 anos, encontrou-se com o fervoroso, compassivo e cativante bispo Melécio. Sentiu-se tão fascinado por esse religioso que abandonou seus estudos de cultura clássica e começou a dedicar-se ao estudo das Escrituras. Por volta de 370 d.C., foi batizado. Mais ou menos em 374, Crisóstomo passou a levar uma vida de anacoreta nas montanhas da vizinhança. Mas em 386, em razão de sua debilitada saúde, foi forçado a abandonar a vida de asceta e retornar para Antioquia, onde foi ordenado sacerdote. Em 398, Crisóstomo tornou-se bispo de Antioquia. Ele iria em frente até se tornar um dos mais influentes porta-vozes da fé ortodoxa dos primórdios da igreja, fazendo dela uma defesa que lhe custou caro.

Crisóstomo é um doutor da igreja.

Repetidas vezes ele foi esbofeteado dentro do templo. Um de seus inimigos era Teófilo, o contencioso patriarca de Alexandria, que lhe guardava rancor pelo fato de Crisóstomo ter oferecido refúgio a alguns sacerdotes que fugiam da ira do patriarca. Antes de morrer, Teófilo

arrependeu-se de suas falsas acusações contra Crisóstomo. Quem mais o perseguiu e o aterrorizou foi a imperadora Eudóxia. Ela não

suportava a liberdade e autoridade apostólica da pregação de João. Apesar do apoio do papa oferecido a Crisóstomo, Eudóxia o mandou para o exílio. Mas seus inimigos na igreja não caram satisfeitos. Assim, eles o baniram para a mais remota região oriental do império. A caminho do exílio ele morreu, no dia 14 de setembro de 407.

52

Como é grande o lucro da humildade! Como é grande o perigo da soberba! Imaginem dois cocheiros de biga, o fariseu e o publicano. Eles estavam conduzindo duas bigas, cada uma puxada por dois cavalos. Os cavalos do fariseu eram a Retidão e a Soberba. Os do publicano eram o Pecado e a Humildade. Embora a biga do fariseu fosse ajudada por jejuns e dízimos, e embora o publicano fosse um cocheiro inábil, o fariseu cou para trás. O publicano sentia-se contrito e declarou-se um pecador. O fariseu se vangloriava por não ter vícios. Por que sua biga cou para trás? Porque, embora ele não fosse controlado pela ganância e a rapina, reinava acima de sua pessoa a mãe de todos os males: a Hipocrisia e a Soberba. Sua soberba era insuportável. Assim, ele cou para trás.

O fariseu era como um barco que havia atravessado o oceano e sobrevivido a muitas tempestades. Depois, na entrada do porto o navio, em seu retorno, chocou-se contra rochas e perdeu a carga. Depois de suportar os sacrifícios de jejuns e árduos trabalhos para desenvolver a virtude, ele não conseguiu dominar a soberba. Voltando para casa depois da oração, ele deveria ter desfrutado grande lucro. Em vez disso, por causa de sua hipocrisia, seu barco naufragou no porto.

João Crisóstomo, *Homilia sobre a humildade*, seções 1-2

Vem, doce Refrigério dos que de nham,

Vem, Estrela e Guia dos que navegam em tempestades;

Tu és o Porto do náufrago agitado.

Vem, Coroa e Glória dos que vivem,

Bem como a Salvaguarda dos que morrem.

Vem, Espírito Santo,

Vem, e faz-me digno de te receber.

Extraído de uma invocação de Agostinho, bispo de Hipona,

PARA REFLETIR: Sl 69.32-33; Pv 15.33; 16.19; Mt 5.1-12; 11.29; 18.2-4; Lc 9.46-48; 18.9-14; 1Co 11.21-31

53

Riquezas materiais são vulneráveis a furtos, falsas acusações e servos desonestos. E até mesmo se as riquezas materiais evitarem esses perigos, elas muitas vezes causam a maior ruína a seus proprietários por provocar a inveja de outras pessoas e por suscitar inúmeras tempestades de aborrecimentos. Mas as riquezas espirituais de Cristo estão isentas desse dano e são superiores a todas as riquezas materiais. Elas se riem com desdém de supostos ladrões, caluniadores, delatores falsos e até da morte. Nem mesmo a morte pode privar os cristãos das riquezas de Cristo. Pelo contrário, na morte essas riquezas se tornam até mais garantidas. Acompanham os cristãos em sua jornada para o céu; são depositadas na vida futura.

De modo maravilhoso, por mais ardorosamente que os discípulos de Jesus façam saques, o tesouro dele nunca se esgota. A riqueza espiritual se parece com uma fonte: ela continua abundante mesmo quando muitos dela retiram água. Embora as riquezas de Cristo tenham enriquecido inúmeras pessoas, elas permanecem em seu estado original de perfeição. No entanto, os cristãos continuam sacando quando e quanto quiserem.

João Crisóstomo, *Homilia sobre o paralítico descido*

pelo telhado, seção 1

Que o Deus das misericórdias e o Deus de toda consolação, que sabiamente dispôs todas as coisas visando o melhor, nos visite por meio de sua graça e pessoalmente nos console, produzindo em nós aquilo que é do seu agrado; e que a graça de nosso Senhor Jesus Cristo repouse sobre nós, na comunhão do Espírito Santo, para que obtenhamos cura em meio a toda tribulação e a icação e progridamos em tudo o que é bom, para o aperfeiçoamento da igreja, para a edificação da nossa alma e para a glória do seu nome. Amém.

Gregório de Nissa, *Cartas*, carta 13

PARA REFLETIR: Rm 9.22-24; 11.33-36; Ef 1.7-10,18; 2.1-9; 3.8,16; 4.7-8; Fp 4.14-19; Cl 2.9-12; Ap 5.11-12

Quem quiser se aproximar do santo mistério da Ceia do Senhor deve estar espiritualmente atento. Deve abandonar todos os compromissos tolos e encher-se de autodomínio e prontidão. Deve banir todos os interesses estranhos à natureza de Deus. Deve purificar-se e preparar-se como se estivesse se preparando para receber um rei.

Já não devemos alimentar desejos pelas coisas desta vida terrena ou ser escravos de luxos da mesa física ou do vestuário caro. Pois em Cristo vocês têm o mais excelente vestuário, a melhor mesa espiritual, sua verdadeira casa, sua fonte de vida, sua cabeça e sua glória proveniente do alto. O mistério de Deus é que nós não apenas nos tornamos irmãs e irmãos de Cristo, mas também Ihos de Deus e membros do corpo de Cristo.

Sabedores de todas essas coisas, mostremos nossa gratidão em nossa conduta. Considerem a grandeza do sacrifício de Cristo. Mantenham a dívida de Cristo sem mancha alguma de cobiça ou engodo. Conservem a língua pura, avessa a palavras grosseiras e ofensivas e a qualquer blasfêmia e perjúrio. Honremos os mistérios de Cristo com a mesma honra com a qual Deus honra seu Filho.

João Crisóstomo, *Primeira e segunda instruções aos catecúmenos*, primeira instrução, seção 2; segunda instrução, seções 1-2

Lembra-te, Senhor, de que tuas misericórdias provêm da eternidade. Estende tua mão para me puxar para ti, pois não consigo chegar mais perto se tu não me puxares com as cordas do amor. Faz de mim um servo que te agrade, pois não posso te agradar de nenhuma outra maneira. Concede-me que meu supremo amor e desejo sejam dirigidos a ti. Converte-me completamente para o teu louvor e glória, e aperfeiçoame em tudo o que em mim começaste. Amém.

Anselmo, arcebispo de Cantuária, *Livro de meditações e orações*, meditação 8, seção 36

PARA REFLETIR: Jo 6.56-57; 15.4-5,15; 1Co 4.7; 11.17-33; 2Co 4.1-18; 11.2; Gl 3.27; Ef 1.22; 4.15; 1Tm 6.3-10,15-21

Os discípulos de Jesus disseram: “Ensine-nos a orar”. Em resposta, eles lhe deu esta oração: “Pai nosso que estás nos céus, santi cado seja o teu nome. Venha o teu reino. Seja feita a tua vontade, assim na terra

como no céu. Dá-nos hoje o pão para este dia, e perdoa nossas dívidas, assim como perdoamos os nossos devedores. E não nos deixes cair em tentação”. Mais tarde, Jesus mostrou aos discípulos o que ele quis dizer com “não nos deixes cair em tentação”. No Jardim das Oliveiras ele orou: “Meu Pai! Se for possível, afasta de mim este cálice”. Com isso, ele ensinou seus discípulos a não mergulharem em situações perigosas com excessiva confiança. Com sua própria oração, Jesus ensinou o autodomínio e a moderação. Instruiu-nos a buscar a libertação de uma situação angustiante. Mas, se isso não for permitido, devemos nos ater ao que parecer bom para Deus. Foi por isso que Jesus orou: “Contudo, que seja feita a tua vontade, e não a minha”. Assim como Jesus nos ensinou, peçamos que nós nunca venhamos a cair em tentação. Mas, se isso acontecer, peçamos a Deus que nos dê paciência e coragem, e honremos a sua vontade mais que a nossa própria. Assim, passaremos esta vida presente em segurança e obteremos as bênçãos divinas que ele preparou.

Que nós consigamos isso pelo favor e pela amorosa bondade de nosso Senhor Jesus Cristo, a quem sejam dados ao Pai, juntamente com o Espírito Santo, glória, poder e honra, agora e para sempre, pelos séculos dos séculos.

João Crisóstomo, *Homilia sobre Mateus 26.19*, seção 4

Ó Pai nosso do céu! Ouve nossa oração;

Santo seja teu nome aqui e em cada nação;

Teu reino venha a nós; tua vontade perfeita

No céu como na terra assim seja feita.

James Montgomery (1771–1854), Hinário

PARA REFLETIR: Sl 28.7; 37.4-6; 46.10; Pv 3.6; Mt 4.1-25; **6.9-13; 26.36-46; Lc 11.1-4; Rm 15.13; 1Co 12.8-10; Fp 4.4-13**

56

(Crisóstomo fez este sermão para os que estavam sob seus cuidados e se descuidavam do discipulado cristão e de frequentar a igreja.)

Nós não convidamos pessoas a dirigir a igreja só porque elas por acaso governam nações e cidades ou porque comandam exércitos. A direção da igreja depende de um tipo diferente de governo, superior ao que se exige para governar o império.

Que espécie de líderes devem esperar encontrar os que aderem à igreja? Eles devem primeiro ser instruídos a governar as próprias paixões, dominar os desejos desregrados, controlar a ira, mitigar a má vontade, e subjugar o orgulho. O imperador pode sentar-se em seu trono e ostentar sua coroa. Mas ele não é tão perfeito como quem põe a razão no trono para governar as paixões. De que adiantam roupagens com fímbrias douradas se a pessoa continua escrava das paixões? Para que serve o benefício da liberdade externa se a consciência foi reduzida a uma ingrata escravidão?

Os profetas e apóstolos se predispõem a nos ajudar no aniquilamento do reino das paixões e na sujeição delas a um governo mais poderoso que o próprio império. Mas aqueles que se privam desse prudente cuidado sofrerão um prejuízo maior do que pode advir de qualquer outro quadrante.

João Crisóstomo, *Homilia para os que não participaram da*

assembleia, seção 4

Deus Todo-poderoso, tu construístes tua igreja sobre a fundação dos apóstolos e profetas, o próprio Jesus Cristo sendo a Principal Pedra Angular; concede-nos que nos juntemos em unanimidade de espírito pelo ensino deles, que sejamos templos aceitáveis para ti; por Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

“Próprio 8”, Coletas: contemporâneas, LOC

PARA REFLETIR: Rm 12.1-8; 1Tm 3.1-13; 4.1-16; 5.17; 2Tm 3.1-9; 4.1-8; Tt 2.1—3.11

57

(Crisóstomo discute como sair da igreja após um serviço religioso.) Se não praticamos o que se prega na casa de Deus, a pregação em nada nos beneficia. O zelo para ouvir o evangelho deve frutificar em nossa conduta. De fato, é bom ouvir proclamações divinas. Mas isso é inútil se não aparecer depois o fruto da retidão.

Mesmo que você não diga nada depois de sair da igreja, o seu comportamento deveria mostrar às pessoas o que você ganhou; a sua conduta deveria bastar para convencer outros. Deixe a casa de Deus como se estivesse saindo de um lugar sagrado, como se estivesse voltando do céu, sereno e pensativo. Que todos os que o virem voltando da casa de Deus, inclusive os inimigos, tenham alguma impressão dos benefícios disso. Considere o privilégio de ter

participado dos mistérios de Cristo. Considere a comunhão do Espírito Santo na qual você bradou: “Santo! Santo! Santo!”. Que aqueles com quem você depara no mundo saibam que você participou do coro dos seres ns e que está incluído entre os cidadãos da comunidade celeste. Por sua conduta no mundo, faça que aqueles que você encontra saibam que você esteve na presença de Cristo.

João Crisóstomo, *Homilia para os que não participaram da*

assembleia, seções 4-5

Deus Todo-poderoso, pela Páscoa do teu Filho tu nos resgataste do pecado para a justiça e da morte para a vida. Concede aos que ostentam o selo do teu Espírito Santo a vontade e o poder de proclamar-te para o mundo inteiro; por Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

“Liturgia da Palavra”, A grande vigília pascal, LOC

PARA REFLETIR: Sl 4.6-17; Mt 5.1-16; 7.15-29; Mc 4.1-25; 9.42-50; Jo 15.22; Rm 2.13,19-21; Tg 1.18-27

58

Venham, lavemos as roupas de nossa alma e preparemo-nos com abnegação para entrar nos Evangelhos. Ali encontraremos o Rei, ocupando seu trono em glória indescritível, com anjos e arcanjos e os triunfantes santos postados diante dele. Nos Evangelhos encontraremos a cidade de Deus, isto é, a “congregação dos lhos mais velhos”, os

“espíritos dos justos”, os “incontáveis milhares de anjos em alegre reunião”. Neles nos serão exibidos os troféus da cruz, todos os despojos conquistados por Cristo. Eles são gloriosos e evidentes. A morte e o pecado foram crucificados, e com isso Cristo ganhou riquezas para a igreja. Nos Evangelhos observaremos como o tirano foi atado e como a associação de demônios cativos segue o Cristo vencedor. Veremos como o esconderijo do ladrão foi devassado. Admiraremos como é maravilhoso Deus ter vindo à terra disposto em ordem de combate, até mesmo contra o próprio inferno. O diabo, na tentativa de derrotar o Senhor, também lá estará. Vocês verão como Deus destrói a morte por meio da morte, anula a maldição do pecado por meio da cruz e acaba com o domínio de Satanás.

Animemo-nos, pois as portas do Evangelho estão se abrindo.

Entremos com júbilo e tremor.

Homilias sobre o Evangelho de São Mateus, homilia 2, seção 1

Ó Senhor Jesus, por meio das Sagradas Escrituras, verdadeiramente animadas pelo Espírito Santo, revela-nos plenamente o mistério do evangelho de Deus: sua sabedoria e poder, sua justa cação e santi cação. Dá-nos a força de que necessitamos para mostrar a outros que nós somos cristãos e que só tu podes encher o coração humano de graça, paz e alegria. Amém.

PARA REFLETIR: Jr 33.6-16; Rm 8.28-39; Ef 3.7-21; 6.10-18; Cl 2.13-20; 1Tm 3.16; **Hb 7.4; 12.22-23**; 1Pe 3.18-22; Ap 1.9-18

AGOSTINHO, BISPO DE HIPONA

Nenhum teólogo desde o apóstolo Paulo impactou mais a igreja do Ocidente que Agostinho, bispo de Hipona (354–430 d.C.). Ele é o maior dos pais latinos e o maior teólogo da graça e do amor depois de Paulo. Sua teologia foi forjada, não em paci ca abstração, mas no calor da batalha enquanto ele desempenhava seus deveres episcopais de pastor da fé e dos éis. Viveu numa época em que o império do Ocidente estava em avançada decadência, quando muitos pagãos culpavam os cristãos por esse declínio.

Felizmente, não apenas conhecemos os aspectos mais evidentes da vida de Agostinho, mas também, através de suas *Con ssões*, temos acesso à sua vida interior, ao processo intenso pelo qual Deus conduziu um brilhante mas libertino pagão à conversão, à santidade e às fontes de sua evoluída teologia. Agostinho nasceu no Norte da África, em Tagaste, na Numídia. As orações de sua mãe cristã, Mônica, tiveram papel importante em sua conversão. Seu pai era pagão, e assim permaneceu até a idade avançada. Um episódio da infância no qual Agostinho roubou umas peras foi utilizado mais tarde no exame que ele fez da natureza do mal.

Aos 17 anos, Agostinho foi para Cartago estudar retórica, e lá se tornou um dos mais eloquentes oradores da cidade. Com desinibidos detalhes, ele nos conta que sua vida de estudante foi acompanhada de entrega à avidez sexual. Sua concubina lhe deu um lho, Adeodato. Seu estudo de Cícero o levou à busca da verdade, uma busca que o conduziu através da adesão ao maniqueísmo e ao neoplatonismo. Enquanto ainda era um neoplatônico, provou a in uência do eloquente e santo Ambrósio, bispo de Milão. Ambrósio conseguiu responder às objeções de Agostinho ao cristianismo. Em *Con ssões*, Agostinho narra

como a graça de Deus o capturou e o transformou de rebelde fugitivo que era

em consumado amante de Deus. *Conssões* é um livro que mapeia as consequências de um amor pecaminoso e de um transformador amor a Deus. Com o tempo, Agostinho desenvolveria uma doutrina da Trindade que explica o Pai como o Amante, o Filho como o Amado e o Espírito Santo como o Amor entre o Pai e o Filho.

59

Todos os mandamentos de Deus remontam ao amor. O apóstolo Paulo

diz: “O alvo de minha instrução é o amor que vem de um coração puro, de uma consciência limpa e de uma fé sincera”. Se alguém obedece a um mandamento movido por medo da punição ou por algum outro impulso carnal, e não por amor, essa obediência não é como deveria ser. O amor, nesse caso, signi ca amor a Deus e amor ao próximo. De fato, “destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas” [RA] e, poderíamos acrescentar, o evangelho e os apóstolos. O amor aqui considerado é aquele que o Espírito Santo derrama amplamente em nosso coração. Do evangelho e dos apóstolos vêm as declarações: “O

alvo da instrução é o amor” e “Deus é amor”.

Portanto, o que quer que Deus ordene só é obedecido corretamente quando aferido pelo padrão do amor, a Deus e ao próximo. A verdade se aplica no tempo presente e no mundo futuro. Agora amamos a Deus na fé, e no futuro, quando ele aparecer, na visão.

Agostinho, bispo de Hipona, Enquirídio (Manual da fé, esperança e amor), cap. 121

Tu és Deus: nós te louvamos;

Tu és o Senhor: nós te aclamamos;

Tu és o Pai eterno: todas as criaturas te adoram.

A ti todos os anjos e todos os poderes do céu,

Querubins e serafins, cantam em louvor incessante:

Santo, santo, santo, Senhor, Deus de vigor e poder,

O céu e a terra estão repletos de tua glória.

“Tu és Deus”, Oração matinal diária: rito 2, LOC

PARA REFLETIR: Mt 5.48; 22.34-40; Jo 15.9-23; Rm 13.8-14; 1Co 13.1-13; 1Tm 1.3-7; 1Jo 4.13-21

60

(Agostinho diz que antes de sua conversão ele não conhecia a verdade imediata. Por isso, amava as “belezas inferiores” como ns em si mesmas e afundava sempre mais nas trevas.) Se as coisas materiais lhe agradam, louve a Deus por elas; retribua ao Criador o amor que por elas tem. Caso contrário, as coisas que lhe agradam desagradarão ao Pai porque você as ama sem incluí-lo. Se a beleza do espírito humano lhe agrada, que ele seja amado em Deus, pois a vida humana é temporária e mutável. Mas, se você ama a vida humana em Deus, então a humanidade será rmemente estabelecida.

Leve Deus ao maior número de pessoas possível. Diga a elas:

“Amemos a Deus, amemos a Deus, pois ele é o Criador e não está distante de nós. Nosso Deus não criou e depois abandonou sua criação.

Não, a criação está assegurada nele”.

Diga a essas pessoas: “Vejam, lá está Deus!”. Ele está presente em qualquer lugar onde se ama a verdade. Ele mora no coração humano.

Que os transgressores se voltem a Deus e se agarrem ao seu Criador.

Mantenham-se de pé com ele, e vocês se manterão rmes. Descansem nele, e encontrarão descanso. Seu amor se tornará amargo se não se ancorar nele. Por que tomar um caminho penoso que se afasta de Deus?

Por que buscar a vida na região da morte? Encontra-se uma vida abençoada onde a própria Vida se encontra.

Agostinho, bispo de Hipona, *Confissões*, livro 4, cap. 12, seção 18

Ó Deus, a gloriosa companhia dos apóstolos te louva; A nobre sociedade dos profetas te louva;

O exército de mártires vestidos de branco te louva;

No mundo inteiro a santa igreja te aclama.

“Tu és Deus”, Oração matinal diária: rito 2, LOC

PARA REFLETIR: Sl 91.1-16; Lc 19.1-9; Jo 5.24-27; At 9.13-19; 2Ts 3.1-5; 1Jo 2.1-11

61

(O m da longa jornada de Agostinho para Cristo. Ele e um amigo entraram num pequeno jardim.) Ninguém poderia impedir a intensa controvérsia dentro de mim. Tu, Senhor, sabias como isso iria acabar. Eu conhecia a má pessoa que era, mas não o ser bom que logo me tornaria. Estava atribulado em espírito. Irritava-me por não ter já abraçado a tua vontade e aliança, que meus ossos clamavam por abraçar, elevando aos céus louvores por tudo isso. Eu falava e chorava em amarga contrição, quando eis que de repente ouvi, provindo de uma casa vizinha, a voz de uma criança: “Tome e leia”. De imediato minha sionomia mudou. Interpretei a voz da criança como uma ordem de Deus para abrir o volume [Romanos] e ler o primeiro capítulo que achasse. Peguei o volume, abri e li a primeira seção: “não em orgias e bebedeiras, não em imoralidade sexual e depravação, não em desavença e inveja. Ao contrário, revistam-se do Senhor Jesus Cristo, e não quem premeditando como satisfazer os desejos da carne” [NVI].

Não precisei continuar a leitura, pois de imediato, com uma luz de serenidade, por assim dizer, infundida no coração, toda a minha escuridão desapareceu.

Agostinho, bispo de Hipona, *Confissões*, livro 8, caps. 8—12

Tu, ó Cristo, és o rei da glória,

O Filho eterno do Pai.

Quando te tornaste homem para nos libertar,

Tu não rejeitaste o ventre da Virgem.

Superaste o agulhão da morte

E abriste o reino dos céus a todos os crentes.

Tu estás sentado à destra de Deus na glória.

Nós acreditamos que tu virás e serás nosso juiz.

“Tu és Deus”, Oração matinal diária: rito 2, LOC

(Agostinho oferece sua doxologia depois de converter-se.) “Senhor, sou teu servo e o lho de tua serva [Mônica, mãe de Agostinho]. Tu rompestes os elos de minhas correntes. Minha língua e meu coração te oferecerão um sacrifício de louvor.” Sim, que todo o meu ser exclame: “Quem se compara a ti, Senhor?”. Que ele diga que tu és a minha salvação. Quem sou eu? O que sou eu?

Que maldade existe que eu não tenha praticado ou em atos e palavras, ou na intenção? Mas tu, Senhor, és bom e misericordioso. Tua mão direita percebeu a profundidade de minha morte espiritual. Desde o fundo do meu coração tu esvaziaste aquele meu abismo corrompido. O

resultado foi que passei a querer o que tu queres em vez de, como antes, fazer apenas o que eu queria. Mas onde estava o meu livre-arbítrio durante todos aqueles anos? De que profundo recesso tu chamaste, num momento, minha vontade para te receber livremente? Como, num momento, tu submeteste meu pescoço ao teu jugo suave e meus ombros ao teu fardo leve, ó Cristo Jesus, meu Auxílio e Redentor?

Agostinho, bispo de Hipona, *Confissões*, livro 9, cap. 1, seção 1

Vem então, Senhor, e socorre teu povo,

Resgatado pelo teu próprio sangue,

E leva-nos com teus santos para a glória sempiterna.

Salva teu povo, Senhor, e abençoa tua herança.

Governa-os e sustenta-os, agora e sempre.

Dia após dia nós te bendizemos

E louvamos teu nome eternamente.

“Tu és Deus” e Sufrágio B, Oração matinal diária:

rito 2, LOC

PARA REFLETIR: Sl 35.10; 51.10-19; 72.18-19; 106.47-48; 116.16-17; Lc 19.8; Rm 5.1-5; Gl 2.20; Ef 1.15-23; Fp 2.12-13

“E o que é este Deus?”, perguntei à terra. “Tu és aquilo pelo qual eu anseio?” Ela respondeu: “Eu não sou ele”. Em seguida, tudo o que nela existe me deu a mesma resposta. Então perguntei ao mar e às suas profundezas e a todos os seres rastejantes. Eles responderam: “Nós não somos o seu Deus; você deve procurar acima de nós”. Então perguntei ao ar fugaz das alturas. O ar com todos os seus habitantes respondeu:

“Anaxímenes de Mileto, o filósofo grego que pensava que o ar era a fonte de todas as coisas, enganou-se; eu não sou Deus”. Finalmente, perguntei aos céus, ao sol, à lua e às estrelas. “Nós tampouco”, disseram eles, “somos o Deus que tu procuras.” Repliquei então a todas as coisas que cercam a minha carne, a toda a criação: “Vocês me falaram do meu Deus a mando-me que não são ele. Digam-me então alguma coisa sobre Deus”. Elas todas então proclamaram em um brado: “Ele nos criou!”.

Agostinho, bispo de Hipona, *Confissões*, livro 10, cap. 6, seção 9

Guarda-nos hoje, Senhor, de todo pecado;

Tem piedade de nós, Senhor, tem piedade.

Senhor, mostra-nos teu amor e piedade,

Pois em ti depositamos nossa confiança.

Em ti, Senhor, está nossa esperança;

E jamais haveremos de esperar em vão.

Sufrágio B, Oração matinal diária: rito 2, LOC

PARA REFLETIR: Gn 1.1-26; Ne 9.6; Sl 146.6; 148.2-5; Is 37.16; Jr 10.11-16; 40.28; Jo 1.1-5; 1Co 2.11; 13.12; Ap 4.11

Como tu nos amaste, bom Pai, tu que não poupaste teu único Filho, mas o entregaste aos ímpios! Como tu nos amaste, pois aquele que não considerou usurpação ser igual a ti, todavia sujeitou-se até à morte na cruz. Ele, que é o único sobre quem a morte não tinha poder algum, tinha o poder de dar sua vida e o poder de retomá-la. Ele para ti foi por nós o Vencedor e a Vítima; o Vencedor porque estava disposto a tornar-se a Vítima. Ele para ti foi por nós o Sacerdote e o Sacrifício; o

Sacerdote por causa do Sacrifício. Servindo-nos, ele conseguiu que nos tornássemos teus servos, e mediante um novo nascimento ele nos fez ser teus lhos. Com razão, portanto, nele rmemente se baseia minha esperança de que tu, por meio dele, hás de curar todas as minhas enfermidades, pois ele agora está sentado à tua direita e intercede por nós. Se assim não fosse, eu entraria em desespero. Pois muitas e grandes são as minhas enfermidades; mais poderoso, porém, é o teu remédio.

Nós teríamos entrado em completo desespero, pois teríamos imaginado que tua Palavra demasiado distante de nós não se teria feito carne e habitado entre nós.

Agostinho, bispo de Hipona, *Confissões*, livro 10, cap. 43, seção 69

Projeta dentro de nosso coração a luz incorruptível do teu conhecimento, ó Mestre, Amante da humanidade, e abre-nos os olhos da mente ao entendimento do teu evangelho; instila também em nós o temor de teus abençoados mandamentos, para que, pisando todos os desejos da carne, nós busquemos um estilo de vida espiritual, cando atentos e praticando tudo o que é do teu perfeito agrado. Amém.

Adaptado de A divina liturgia de São João Crisóstomo,

Orthodox.net

PARA REFLETIR: Sl 88.5; 103.3; Jo 1.14; Rm 5.8; 8.32-39; 2Co 5.14; 13.14; Gl 2.20; Fp 2.6-8

65

Há uma importante diferença qualitativa entre bens temporais e bens eternos. Um objeto temporal é mais valorizado antes de ser possuído do que depois; seu valor começa a diminuir no momento em que passamos a possuí-lo. Os objetos temporais não podem satisfazer a alma cujo verdadeiro lugar de prazer se situa na eternidade. Em contrapartida, um objeto eterno, depois de ser nalmente obtido, é mais amado do que quando ainda era um objeto de desejo. Não existe ninguém que, enquanto almeja um bem eterno, pode valorizá-lo mais do que deveria.

Melhor dizendo, por maior que seja o valor que se atribui ao bem eterno durante a jornada para o céu, quando esse bem chega, seu valor continua a crescer.

Um dia a visão substituirá a fé, e a esperança será engolida pela

alegria perfeita com o Senhor à qual chegaremos. Nosso amor, em contrapartida, se tornará mais forte exatamente quando a visão substituir a fé e a esperança. Se pela fé amamos aquilo que ainda não vemos, muito mais o amaremos quando o virmos. E, se amamos mediante a esperança aquilo que ainda não alcançamos, muito maior será nosso amor quando o alcançarmos.

Agostinho, bispo de Hipona, *A doutrina cristã*, livro 1, cap. 38, seção 42

Ó misericordioso Pai celeste, faz-me ter fome de ti de todo o meu coração e ter sede de ti do meu mais íntimo ser; faz-me servir somente a ti com tudo o que sou. Que com todas as minhas energias eu busque o que é agradável aos teus olhos. E assim a ti, com Jesus Cristo, teu Filho unigênito e nosso Senhor, e com o Espírito Santo, o Paracleto, teu santíssimo Dom, sejam dadas honra e glória para todo o sempre.

Amém.

Anselmo, arcebispo de Cantuária, *Livro de meditações e orações*, meditação 8, seção 37

PARA REFLETIR: Rm 15.13; Gl 5.5; Ef 1.18; Cl 1.5,23,27; Hb 12.1-13; 1Pe 1.8; 4.1-11; 5.6-11; 2Pe 3.14-18

66

“Felizes os que promovem a paz, pois serão chamadosinhos de Deus.”

Sujeitando-se à razão e controlando os impulsos carnisais, eles constituem um reino governado por Deus. Aqui os bens são dispostos de forma que o que tiver suprema importância reina incontestado. O todo é disciplinado pelo melhor, pela Verdade em si: o Filho unigênito de Deus.

Os pacificadores do reino disciplinarão os seres inferiores sujeitando-os ao que é superior. Essa é a paz concedida aqui na terra, e ela caracteriza um cristão maduro e sábio. Desse reino, conduzido à paz e à ordem, o príncipe deste mundo foi expulso.

Depois que a paz do reino de Deus for interiormente estabelecida, o expulso príncipe das trevas causará problemas. O fracasso de suas táticas mostrará com que cuidado e vigor o reino de Deus foi construído. Por isso lemos em seguida: “Felizes os perseguidos por causa da justiça, pois o reino dos céus lhes pertence”.

Agostinho, bispo de Hipona, *O Sermão do Monte*,

livro 1, cap. 2, seção 9

Senhor Jesus, tu és o Salvador das ovelhas perdidas, a Esperança dos exilados, a Força dos sobrecarregados, o Repouso do espírito ansioso, e a Consolação e o Refrigério saudável das almas tristes que anseiam por paz. Pois tu és a Fonte de todas as graças e a gloriosa Descendência de Deus, tu mesmo sendo Deus. Ó Senhor, permite que agora todas as coisas nos altos céus e aqui embaixo na terra te bendigam, pois tu és grande, com o Pai e o Espírito Santo, um único Deus para sempre. Amém.

Anselmo, arcebispo de Cantuária, *Livro de meditações e*

orações, meditação 9, seção 49

PARA REFLETIR: Mt 5.9-10; 16.17-20; Lc 2.14; 2Co 11.16—12.10; Tg 3.13-18; 5.7-12; 2Pe 4.12-19

JOÃO CASSIANO

João Cassiano (Johannes Cassianus, c. 360–435 d.C.) nasceu em Cítia Menor, na fronteira entre a Romênia e a Bulgária. Era um homem jovem quando viajou para Belém, onde ingressou num mosteiro. Ali tornou-se aluno do abade Germano. Em 384, esses dois homens, agora amigos, zeram uma peregrinação para visitar eremitas egípcios. A paz da solidão provocou-lhes um impacto tão profundo que eles permaneceram com os eremitas por sete anos. Durante essa estadia, Cassiano tornou-se aluno de Evágrio do Ponto, um estudioso clássico.

Quando deixaram o Egito, Cassiano e Germano viajaram para Constantinopla, onde se associaram a João Crisóstomo, patriarca de Constantinopla. Lá, João Cassiano foi ordenado diácono. Sua pacífica residência nessa cidade foi interrompida quando Crisóstomo se viu forçado a sair de Constantinopla por causa de seu evidente apoio à teologia de Orígenes de Alexandria. João Cassiano foi enviado a Roma para defender Crisóstomo perante o papa Inocêncio I.

Durante o tempo em Roma, João Cassiano foi convidado a estabelecer um mosteiro no sul da Gália, perto de Marselha, segundo o modelo dos monges egípcios. Parte do motivo de sua aceitação foi que, quando Alarico saqueou Roma (410 d.C.), João se convenceu de que só era possível conseguir a paz e a santidade religiosa abandonando a sociedade. Em 415, fundou a Abadia de São Vítor. Ela abrigava monges e monjas e tornou-se um modelo para futuros mosteiros no Ocidente.

Para instrução de seus alunos, Cassiano escreveu dois livros. O

primeiro expunha as regras para a organização exterior da vida de um eremita. No segundo, apresentava o modelo de vida interior com o intuito de atingir, no fim, o objetivo monástico da santidade. Para ele, santidade cristã signifi ca amar a Deus e ao próximo de todo o coração e integrar toda pessoa em conformidade com a graça e o amor divinos.

As *Conferências* de João Cassiano nos dão um vislumbre de como era a vida nos primeiros mosteiros cristãos. Lendo suas *Conferências*, aprendemos muito sobre a distinção entre o discipulado autêntico e o superficial.

Cassiano morreu na Abadia de São Vítor por volta de 435 d.C.

67

Acontece com alguns que supostamente renunciaram a este mundo —

inclusive a muita riqueza — para seguir Cristo que mais tarde sua paz é perturbada pelas coisas mais insignifi cantes. Poderia ser uma faca ou um lápis. Se eles tivessem mantido o olhar fixo na busca de um coração puro, não teriam permitido que sua paz fosse perturbada por tais ninharias. Alguns monges guardam seus livros com tanto ciúme que não permitem que eles sejam nem de leve tocados ou mexidos. Em consequência disso, põem em risco sua paz com Cristo. Eles deveriam ver nisso um aviso, pois correm o perigo de ser tomados pela impaciência e até mesmo pela morte espiritual.

Deveriam concentrar-se na aquisição da paciência e do amor. Alegam que abandonaram tudo por amor a Cristo. No entanto, demonstram o espírito de sua velha tendência terrena. A menor perturbação desorienta seu discipulado. Com isso, tornam-se espiritualmente estéreis, vazios de amor. Não se consegue a vida de santidade simplesmente por meio da abnegação, desfazendo-nos de nossos bens ou jogando fora nossas honrarias. Se não houver amor — a verdadeira pureza de coração —

nada mais tem realmente importância. Não ser invejoso, não se alegrar com a iniquidade, não pensar mal — que é tudo isso senão sempre oferecer a Deus um coração perfeito e puro e mantê-lo afastado do que é contra o amor?

João Cassiano, *Conferências*, parte 1, conferência 1,

(abade Moisés), cap. 6

Concede-me, Senhor, um coração justo que nenhuma perversa intenção possa transviar; um coração desimpedido que nenhum desejo impetuoso possa escravizar.

Amém.

Tomás de Aquino, em “Orações de São Tomás de Aquino”,

Orações de São Tomás

PARA REFLETIR: Lc 15.21-32; 18.18-30; 21.1-4; Rm 6.1-23; 12.3-21; 1Co 3.16—4.5; 13.1-13

68

Toda prática e atividade espiritual cristã devem ter o amor como alvo.
O

amor de um coração puro é a razão da busca da solidão e da prática do jejum, do comprometimento com vigílias, da leitura das Escrituras e do desenvolvimento das virtudes cristãs. Fazemos isso a fim de nos preparar para um puro amor a Deus e ao próximo e a fim de não ser prejudicados por paixões perversas. Essas práticas são apenas apoios e passos para o aperfeiçoamento da caridade. Se por algum motivo formos impedidos de praticar nossos costumeiros deveres espirituais, não devemos ser derrotados pela frustração ou raiva.

O que ganhamos jejuando não compensará o que perdemos na raiva;

tampouco o lucro obtido pela leitura da Bíblia superará o prejuízo que resulta do desprezo por nossa irmã ou nosso irmão. Por mais importantes que sejam o jejum, a oração, as vigílias e as leituras, sua importância é secundária quando comparada com nosso alvo central, que é amar de coração puro. Na busca do jejum, da oração e das leituras não nos afastemos do valor cristão central. Enquanto o alvo for intacto e incólume, não seremos prejudicados pela omissão necessária de quaisquer outras práticas. Em contrapartida, de nada valerá ter feito todas essas outras coisas se o amor não ocupar a posição primária.

João Cassiano, *Conferências*, parte 1, conferência 1,

(abade Moisés), cap. 7

Ó Senhor, dá-nos uma mente humilde, calma, pacífica, paciente e caridosa, e um toque do teu Espírito Santo em todos os nossos pensamentos, palavras

e obras. Ó

Senhor, dá-nos uma fé vivaz, uma esperança firme. Dá-nos fervor e prazer em pensar em ti, em tua graça e em tua terna compaixão por nós. Amém.

Tomás More, “Oração pelo fervor no pensar em Deus”,

Orações de São Tomás

PARA REFLETIR: Mt 13.1-8,18-23,44-45; 18.1-9; Lc 8.16-18; 14.25-34; 18.9-14; 1Co 13.1-13; Tg 4.1-10

69

Um artesão procura ansioso as ferramentas de que precisa para seu trabalho. Mas elas não são um fim em si mesmas. São usadas na prática de sua arte e, portanto, têm um papel secundário. A pessoa que simplesmente se contenta com possuir as ferramentas vendo nelas um valor supremo — por mais bem feitas que sejam — e nem sabe como usá-las é, de fato, ignorante.

De igual modo, jejuns, vigílias, meditações sobre as Escrituras, abnegação e abandono das posses não constituem por si só uma vida santa; são apenas arrimos para uma vida santa, ferramentas para construir a santidade cristã. O cristão se compromete inutilmente com essas práticas se ele achar que elas constituem uma vida santa e deixar de usá-las para aperfeiçoar o amor. Ele possui os implementos da santidade, mas não sabe para que servem.

Tudo o que pode perturbar a pureza de coração e a paz de espírito — mesmo que possa parecer útil — deve ser evitado. Com essa regra nós avançamos direto para o amor santo.

João Cassiano, *Conferências*, parte 1, conferência 1,

(abade Moisés), cap. 7

Concede-me, Ó Senhor, eu te suplico, que eu seja atraído para ti. Atrai, Ó Senhor, todo o meu ser para o teu amor. Tudo o que sou é teu por criação; faz tudo isso teu por amor. Eis, Ó Senhor, meu coração aberto diante de ti. Tu que zeste que eu te buscasse, faz que eu te receba. Agarra-te a ele, ó minh'alma; agarra-te, agarra-te com insistente ardor. Amém.

Anselmo, arcebispo de Cantuária, *Livro de meditações e*

PARA REFLETIR: Mt 23.3-19; Lc 6.43-49; 2Tm 3.5; Tt 1.15-16; Ap 2.1-7; 3.7-13,19-22

70

A contemplação de Deus se dá de muitas maneiras. Nós não vemos Deus somente quando adoramos a Trindade; nós também o vemos mediante a grandeza de sua criação, de seus métodos justos e de sua providência diária. Vemos Deus quando com a mente pura

contemplamos o que ele fez por seu povo em todas as gerações, e quando com o coração trêmulo admiramos a majestade com a qual ele dirige e governa todas as coisas.

Podemos ver Deus quando nos damos conta de que todos os nossos dias, horas e épocas passadas e futuras são de seu conhecimento.

O melhor de tudo é que nós vemos Deus quando tamos, tomados de incomensurável admiração, sua incompreensível misericórdia. Com paciência incansável ele suporta nossos inúmeros pecados sendo cometidos bem sob seu olhar. Quando não existia nenhum mérito prévio de nossa parte, somente por meio da graça Deus se nos deu a conhecer. Depois, pela graça espontânea de sua compaixão, ele nos reconciliou consigo. Deus se revela em ocasiões sem conta que visam nos oferecer a salvação. De fato, desde o berço ele nos ofereceu sua graça e o conhecimento de sua lei.

João Cassiano, *Conferências*, parte 1, conferência 1,

(abade Moisés), cap. 15

Ó Senhor, meu Deus, ensina-me a ser obediente sem restrição, pobre sem subserviência, casto sem transigência, humilde sem presunção, alegre sem depravação, sério sem afetação, ativo sem frivolidade, submisso sem amargura, sincero sem duplicidade, frutuoso em boas obras sem me vangloriar, pronto a servir o próximo sem arrogância e pronto a edificar outros com palavras e exemplos sem ser desonesto.

Amém.

Tomás de Aquino, “Oração de Tomás de Aquino”,

Orações de São Tomás

PARA REFLETIR: Sl 25.1-11; 33.18-22; 94.17-19; Is 55.1-13; Mt 18.21-35; Lc 1.46-53; Rm 3.21-31; 5.1-11; Ef 2.1-10; Hb 4.14-16; 1Pe 2.9-12

71

A roda d'água usada para moer grãos de trigo pode nos ensinar como lidar com pensamentos indesejados. A água se precipita sobre a roda e a faz girar. A roda não para enquanto a água escorrer sobre ela. Todavia, o moleiro pode decidir que grãos ele joga sobre a mó. Será trigo, cevada ou joio?

De igual modo, torrentes de pensamentos desregrados, tentações e provações escorrem sobre nossa mente e a fazem girar. Tão impossível é para nós evitar isso como é impossível para uma roda d'água deixar de girar. Todavia, uma pessoa de caráter pode decidir quais pensamentos serão alimentados e quais descartados. Mas isso exige uma diligência semelhante à do moleiro. Quem é cristão deve disciplinar a mente por meio da oração, da meditação sobre as Sagradas Escrituras e da implantação na memória das coisas do Espírito Santo. É preciso que haja um compromisso com a santidade em todas as partes de nossa vida.

Se nos deixarmos dominar por preguiça ou desleixo, se perdermos tempo em conversas inúteis, se nos deixarmos enredar pelas preocupações deste mundo ou sufocar por alguma ansiedade

desnecessária, então ervas daninhas crescerão em nosso coração.

João Cassiano, *Conferências*, parte 1, conferência 1,

(abade Moisés), cap. 18

Ó Deus trino, que seguro fundamento para nos alegrar termos se por teu Espírito estabelecermos o objetivo de ser completamente possuídos por ti, se nossa vontade se transformar em tua vontade, e se nosso maior desejo for o de te agradar! Por meio do ministério do Espírito Santo, permite-me que eu me ofereça a ti como sacrifício vivo.

Amém.

Henry Scougal, *A vida de Deus na alma do homem*, parte 2

PARA REFLETIR: Pv 25.28; Mt 5.13-16; 6.19-21; 7.1-5; 1Co 2.12; 9.24-27; 2Co 4.7-12; Ef 5.8-11; 6.10-18; 2Tm 2.1-4; Tt 2.11-14

O poder do discernimento tem quatro partes. A primeira é a capacidade de distinguir entre valores autênticos e valores vazios. Há quem considere como ouro coisas que são apenas douradas para esconder seu verdadeiro valor. A segunda é a capacidade de distinguir entre obras de verdadeira justiça e obras que são apenas moedas falsas. Elas exibem a efígie do rei, mas quando examinadas descobre-se que são falsamente cunhadas. Devemos distinguir entre o ensino que é herético e o ensino que traz o padrão de ouro das Escrituras. A terceira parte do discernimento consiste em reconhecer aqueles cujo verdadeiro peso e valor nada mais são que a ferrugem da vaidade. A vaidade não tem nenhum peso nas balanças dos apóstolos e dos pais da igreja. Quando fazemos qualquer coisa para obter glória humana, estamos

simplesmente acumulando na terra um tesouro passível da destruição da ferrugem e das traças. Os poderes do mal destruirão esse “tesouro”, e as traças do orgulho o consumirão. A quarta parte é investigar regularmente os recessos mais íntimos de nosso coração. Examinem as pegadas de todos os que entram. Caso contrário, alguma fera pode passar e depois indicar a entrada a outras. Diariamente devemos usar o arado do evangelho para revolver a terra de nosso coração. Assim, podemos saber se algum intruso entrou.

João Cassiano, *Conferências*, parte 1, conferência 1,

(abade Moisés), cap. 22

Ó meu Deus e Senhor todo-misericordioso, Jesus Cristo, cheio de compaixão, por meio do teu grande amor tu desceste do teu trono e te encarnaste para salvar a raça humana. Ó Salvador, eu te suplico, salva-me por meio da tua graça! Que a fé, e não minhas indignas obras, seja posta na minha conta, ó meu Deus. Amém.

Extraído de uma oração de João Crisóstomo, “Orações

sazonais: para a Quaresma”, Orações, iBreviary.com

PARA REFLETIR: Sl 39.1-24; Pv 1.1-33; Mt 6.19-21; At 20.28-31; Rm 12.3; 16.17-18; 2Co 13.5; Gl 1.8-10; 6.3-5; Fp 1.10; Tg 1.22-25

Na história da igreja houve muitos naufrágios porque as pessoas deixaram de obter e praticar a graça do discernimento. A discrição

cristã não é uma virtude que se obtém com a própria força. O verdadeiro discernimento cristão nos é dado pela ajuda do Espírito Santo. O

apóstolo Paulo o considera um dos dons mais nobres do Espírito. Ele enfatiza que o dom do discernimento não é pouca coisa. É um prêmio da graça divina que deve ser zelosamente desenvolvido. Caso contrário, maus espíritos certamente surgirão em nós e nos afastarão do bom caminho. Nas trevas cairemos em perigosos abismos e despenhadeiros e cometeremos erros em questões que deveriam ser evidentes e diretas.

Sem discernimento as mais vigorosas disciplinas cristãs — jejum, vigílias, isolamento, abnegação, deveres de bondade — terão um m terrível. A discrição, nascida do Espírito Santo, permite que prossigamos na estrada e evitemos excessos nos dois extremos: envaidecendo-nos pelo zelo e pela virtude, de um lado, e vivendo na tibieza e no vício, do outro. Não nos disse o Senhor que “Quando os olhos são bons, todo o corpo se enche de luz”? Mas a incapacidade de discernir obscurecerá nossa visão e nossas ações espirituais.

João Cassiano, *Conferências*, parte 1, conferência 2,

(abade Moisés), caps. 1—2

Santo Espírito, poderoso Conselheiro, sagrado Vínculo do Pai e do Filho, nós cremos que quando tu habitas em nós tu também preparas uma habitação para o Pai e o Filho. Que nenhum desejo perverso se apodere de mim. Vem a mim, Glória dos viventes e Esperança dos moribundos. Conduz-me por tua graça para que eu seja sempre do teu agrado. Amém.

Atribuído a Agostinho, bispo de Hipona, “Oração para

a habitação do Espírito Santo”, The Fresh Anointing

PARA REFLETIR: 1Rs 3.9; Pv 2.1-5; 23.1-2; **Mt 6.19-24**; 1Co 12.8-11; 2Co 11.13-15; Fp 1.9-10; Cl 2.8; 1Jo 4.1-6

74

Por que teria Davi pedido que Deus lhe concedesse o entendimento de seus mandamentos? Ele conhecia a lei. E a natureza lhe dera a capacidade de raciocinar. Do que mais ele precisava? A resposta é que, usando apenas a sabedoria humana, a pessoa não pode compreender os caminhos do Senhor. Diariamente ele precisa iluminá-la. Não alegando nenhum mérito próprio, Davi sabia que somente a propícia

graça de Deus possibilita o verdadeiro entendimento e a verdadeira obediência.

O apóstolo Paulo também sabia disso. Ele disse que Deus precisa nos capacitar para querermos o que ele quer. Nossa vontade e sua boa execução devem ser liberadas pelo Senhor. Além disso, o próprio início de nossa conversão, nossa expressão da fé e a resignação aos sofrimentos são dádivas preciosas do Senhor.

Não basta que o início da salvação se dê pela graça; é somente pela graça que a redenção continua e atinge a completude. Somente o Senhor ergue os caídos, torna sábios os tolos e dá vitória aos derrotados pelo pecado.

Nada disso exclui a importância de nossa vontade, esforço ou zelo.

Mas nos ensina que não podemos caminhar na direção do Senhor se ele antes não caminhar na nossa direção. Tampouco podem nossos esforços nos proporcionar um coração puro se isso antes não nos for concedido pela graça e o poder de Deus.

João Cassiano, *Conferências*, parte 1, conferência 3,

(abade Pafúncio), cap. 15

Ó Senhor, meu Deus, eu não poderia ter começado a te amar se antes tu não tivesses começado a me amar. Eu bem sei que para mim nas portas do inferno estava escrito:

“ morte e danação merecidas ”. Mas, em virtude do teu inestimável amor, na porta do céu foi escrito: “ benévola dádiva da graça ”. Aleluia! Amém.

PARA REFLETIR: 1Sm 2.9; Sl 68.28; 118.14; 119.124-125; 146.5-9; Pv 21.31; 2Co 3.5-6; Fp 1.29; 2.13; 3.7-16; Hb 2.1-4; 10.19-26

75

Os apóstolos entenderam tão profundamente que tudo o que se refere à nossa salvação vem do bondoso Senhor que eles até pediram que lhes fosse concedida a fé. Eles não alimentavam a esperança de que a vontade humana pudesse gerar a fé. Sabiam que toda graça no Senhor deve ser concedida por Deus como uma generosa dádiva. O próprio Senhor é o Autor de nossa salvação. Ele nos ensina como seria frágil, fraca e insuportável a fé gerada de modo humano. A fé precisa surgir como dom do Senhor, e deve ser constantemente intensificada por ele. Jesus disse a Pedro: “Simão, Simão, Satanás pediu para

peneirar cada um de vocês como trigo. Contudo, supliquei em oração por você, para que sua fé não vacile”. Quando sua fé estava sendo vergastada pelos vagalhões da descrença, ante a ameaça de um iminente naufrágio, Pedro exclamou:

“Senhor, ajuda-me a vencer minha incredulidade!”.

João Cassiano, *Conferências*, parte 1, conferência 3,

(abade Pafúncio), cap. 16

Supliquemos então a Deus e acreditemos no amor, e ansiosamente esperemos que ele nos conceda a graça celestial do Espírito e que o próprio Espírito possa nos governar e guiar na perfeita vontade de Deus, e nos revigorar com toda a variedade de seu alento. Amém.

Macário-Simeão, *Cinquenta homilias espirituais*, homilia 18, seção 10

PARA REFLETIR: Mt 8.23-27; 14.22-23; Mc 9.22-24; Lc 17.5; 22.31-32; Jo 1.17; 6.65; 15.4-5; Rm 5.8; 10.1; 1Co 4.7; Ef 2.8-9; Hb 11.1-2

76

Muitos que dizem ter renunciado ao mundo para se tornar monges vestem o hábito monacal, mas tudo o mais neles permanece o mesmo.

Anseiam por riquezas, disfarçam sua luxúria como um compromisso com a santidade e rotulam o acúmulo de bens como uma preparação para atender os necessitados.

Se estivessem de fato buscando uma vida santa, eles se despojariam de seu antigo caráter pecaminoso e se sujeitariam a práticas que conduzem à santidade. Eles ambicionam mandar em outras pessoas, mas não aceitam que ninguém os controle. Insistem em ensinar outros, mas não aceitam ser ensinados. “São guias cegos conduzindo cegos.”

Primeiro, eles se apresentam como cristãos humildes e sérios.

Segundo, estão determinados a mostrar que não são inferiores a ninguém. Agem como se fossem mais bem informados que qualquer outra pessoa. Irrompem em discursos desconexos e nada ponderados.

Pecados que se ocultam sob o disfarce da virtude e viajam usando as vestes da santidade são piores e mais difíceis de mudar que os de uma vida abertamente entregue aos prazeres carnavais. Estes podem ser

enfrentados e curados. Aqueles fazem suas vítimas se afundar cada vez mais no perigo e na morte.

João Cassiano, *Conferências*, parte 1, conferência 4,

(abade Daniel), cap. 20

Ó Deus Soberano e Todo-poderoso, que seja do teu agrado, em tua bondade e misericórdia, perdoar qualquer pecado que cometamos. Não nos abandones, Senhor, enquanto esperamos em ti, nem nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do maligno e de suas obras, por meio de tua graça e pelo amor do teu Filho unigênito.

Amém.

A divina liturgia do santo apóstolo e evangelista Marcos

(antes de 200 d.C.)

PARA REFLETIR: Mt 15.13-14; Rm 6.19; Ef 4.17-32; 1Ts 3.8-13; 2Tm 3.5; Tg 1.8; 1Jo 1.4-10; Jd 1.12-13; Ap 3.14-18

77

Há uma enorme diferença entre quem tenta extinguir o fogo do pecado por meio do medo do inferno e um desejo de recompensas futuras, e quem tem horror ao pecado e à sua impureza. Este é motivado pelo amor a Deus. Abraça a pureza e a virtude porque anseia pela santidade.

Motivado pelo amor, não precisa de promessas de futuras recompensas.

Simplemente se alegra nas coisas boas do Senhor. Ele se compraz na virtude em si e por si mesma, não por ela ser uma forma de evitar punições. Movido pelo amor de Deus, não transforma a ausência daqueles que o vigiam em oportunidade para pecar. Tampouco permitirá ser secretamente seduzido por maus pensamentos. No fundo de sua alma reside um amor pela piedade que impede a entrada do pecado e o odeia veementemente.

Contrastando com isso, quando os motivos para evitar o mal são eliminados em alguém que só serve a Deus para evitar a punição, ele voltará para aquilo que ama. A familiaridade com o que é bom acaba.

Sendo um estranho à pureza, ele jamais conhecerá a paz de Deus.

A pessoa que conhece a paz do Senhor e que ama a piedade por si mesma sempre estará de acordo com o que é bom, porque seu amor está isento de qualquer falsidade.

João Cassiano, *Conferências*, parte 2, conferência 11,

(abade Queremão), cap. 8

Ó Pai eterno, pelo Espírito Santo que em nós habita, faz que nosso amor por ti seja abundante, crescendo cada vez mais em conhecimento e profundidade de percepção.

Ilumina-nos para que discirnamos as coisas que são excelentes e para que sejamos repletos do genuíno fruto da justiça que provém por meio de Jesus Cristo, para a glória e o louvor de Deus. Amém.

PARA REFLETIR: Mt 8.5-14,24-27; 13.4-15; Lc 11.37-54; Jo 12.42-50; 14.15-24; 2Co 5.13-19; Cl 2.1-4

78

Há uma diferença qualitativa entre quem serve a Deus como seu lho e quem é apenas servo. O lho serve o Pai com amor; o servo, por temor e por um mercenário desejo de recompensas. O lho quer a glória do Pai; mas tudo o que o servo faz é para seu próprio lucro.

Por adoção, Deus quer transformar servos em lhos e lhas que o servem com amor duradouro. Ele quer que seus lhos sejam formados à sua imagem, para deleitar-se em sua bondade por ele ser Pai deles.

Como seu Pai, eles compartilharão seu anseio de reconciliar os pecadores e torná-los lhos de Deus.

Os lhos de Deus mostrarão a outros a bondade e paciência dele.

Recordarão como estavam envenenados por paixões antes de ser curados por seu Pai. Recordarão como se tornaram lhos de Deus somente por meio da graça. Se o Senhor não os tivesse ajudado, a alma deles teria vivido no inferno. De igual modo, os lhos de Deus devem amar seus inimigos, fazer o bem aos que os odeiam e orar por seus perseguidores.

Assim os lhos de Deus serão semelhantes a Deus e reconhecidos como lhos dele.

Como pode um fraco e frágil ser humano assemelhar-se a Deus?

Somente pela imitação dele, pela manifestação de um amor tranquilo por todas as pessoas.

João Cassiano, *Conferências*, parte 2, conferência 11,

(abade Queremão), cap. 9

Vocês, lhos, louvem o Senhor; louvem o nome do Senhor. Nós te louvamos, nós entoamos hinos a ti, nós te bendizemos por tua imensa glória, Ó Senhor, nosso Rei, o Pai de Cristo, o Cordeiro imaculado que tira o pecado do mundo. Amém.

“Orações diárias”, em Constituições dos santos apóstolos,

livro 7, seção 5.48

PARA REFLETIR: Sl 16.9-11; Mt 5.1-16,38-48; 6.5-13; 18.10-14,21-25; Lc 12.47; Rm 8.5-11; Gl 3.26-29; Cl 2.13; 1Jo 1.8,10; 3.1-3,9-10; 4.17; 5.18

79

Quando o cristão adquire o amor a Deus, quando ele busca ser formado pela santidade de Deus, ele será dotado com o coração compassivo do Senhor. Ele orará por aqueles que o perseguem, como fez Jesus na cruz:

“Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem”.

Quando o cristão não se predispõe a mostrar compaixão pelos pecados de outros, esse é um sinal claro de que ele ainda não foi purificado da contaminação do pecado. Se o cristão insiste em manter a disposição de um juiz severo, como pode esperar obter a santidade cristã? Falta-lhe exatamente aquilo que o apóstolo disse que temos de praticar se esperamos fazer a vontade de Deus: “Ajudem a levar os fardos uns dos outros e obedeçam, desse modo, à lei de Cristo”. Se uma pessoa não tem a virtude do amor que é bondoso, não invejoso, não presunçoso, não arrogante ou rude, como pode afirmar que é formada à imagem do Pai?

João Cassiano, *Conferências*, parte 2, conferência 11,

(abade Queremão), cap. 10

Senhor, faz de nós instrumentos da tua paz. Onde há ódio, semeemos amor; onde ofensa, perdão; onde discórdia, união; onde dúvida, fé; onde

desespero, esperança; onde trevas, luz; onde tristeza, alegria. Concede-nos que busquemos mais consolar que ser consolados; compreender mais que compreendidos; amar mais que amados.

Pois é dando que recebemos; é perdendo que somos perdoados; e é morrendo que nascemos para a vida eterna. Amém.

“Oração atribuída a São Francisco”, Orações e ações de

graça, LOC

PARA REFLETIR: Sl 116.16-17; Pv 12.10; 13.17; Ml 1.6; Mt 5.43-48; Lc 6.27-36; 12.47; 18; **23.34**; 1Co 13.4-7; **Gl 6.2**; 1Pe 1.8; 1Jo 1.8-10; 3.9; 4.17; 5.16-18

VICENTE DE LÉRINS

Desde o início houve inúmeras oportunidades para que a límpida corrente da fé cristã fosse desviada para trechos rasos que a prenderiam em charcos infestados de insetos, limo e algas. Cada potencial desvio se apresentou como a direção certa para a fé. Como pode a igreja distinguir entre a “fé com ada ao povo santo” (Jd 1.3) e as intermináveis perversões da “graça de Deus” (v. 4)?

Essa questão foi tratada e diretamente respondida por um monge do século 5 do mosteiro de Lérins, situado numa ilha a um quilômetro e meio do litoral da cidade de Cannes, na Riviera francesa. Ele escreveu sob o pseudônimo de Peregrinus. Em 434 d.C., Vicente de Lérins († c.

445) formulou nossa pergunta e lhe deu resposta em *Comonitório* (carta instrutiva).

O *Comonitório* contém 33 capítulos. Foi escrito para ajudar a manter a crença de Vicente alinhada com os ensinamentos dos pais da igreja. Ele observou que o erro doutrinal de um mestre é a “provação do povo”, uma provação que se torna mais perigosa em proporção direta com a erudição do mestre (cap. 17, seção 42). Um segundo *Comonitório* foi escrito, mas nós não dispomos dele.

Euquério († c. 449 d.C.), bispo de Lyon, descreveu Vicente como uma pessoa santa que era notável por sua eloquência e conhecimento. A norma de Vicente para distinguir entre a verdadeira e a falsa doutrina acabou se integrando ao vocabulário padrão da igreja.

Pedi a muitas pessoas santas e eruditas um padrão universal para distinguir entre a verdadeira fé cristã e o erro doutrinal. Quase todas as respostas foram que quem quiser manter-se firme na fé e identificar falsos mestres pode, com a ajuda de Deus, fazer sua fé. Primeiro, teste-se toda doutrina à luz da autoridade das Escrituras. Segundo, teste-se o que é ensinado em comparação com a herança doutrinal da igreja.

Mas, se as Escrituras são um padrão completo e suficiente para a doutrina cristã, por que apelar para a tradição doutrinal da igreja?

Porque, dada a profundidade e diversidade das Escrituras, elas são interpretadas de muitas maneiras diferentes e parecem admitir tantas interpretações quantos são os intérpretes. Falsos mestres sempre apelam para a Bíblia. Portanto, dado o grande número de interpretações e heresias, a regra para um entendimento correto das Escrituras e para a definição da verdadeira doutrina cristã depende da tradição da igreja tal qual ela se encontra nos credos e concílios gerais.

Disso resulta a seguinte regra: somente a fé que a igreja no decurso de sua história declarou em toda parte, sempre e por todos deve ser recebida como verdadeira universalidade, antiguidade e consenso comum. Essa é a fé “católica”. Nós observamos a universalidade se acreditamos somente no que a igreja no mundo inteiro confessa; a antiguidade se abraçamos os ensinamentos dos apóstolos e dos pais da igreja; e o consenso se aceitamos somente os credos e concílios que a igreja afirma.

Vicente de Lérins, *Comonitório*, cap. 2, seções 4-6

Abençoando os que te abençoam, ó Senhor, e santificando os que em ti confiam, salva o teu povo e preserva a plenitude da tua igreja. Amém.

João Crisóstomo, em *A divina liturgia de São João Crisóstomo*, The Orthodox Christian Page

PARA REFLETIR: Mt 7.15-23; Jo 8.48-59; 16.13-14; Gl 1.6-10; Ef 4.1-5; Fp 2.5-11; Cl 1.15-23; 1Tm 1.3-5; 6.20; 2Tm 4.1-5; 1Jo 4.1-6

Desordeiros levando suas interesseiras distorções do evangelho foram até a região da Galácia. Quando os cristãos de lá ouviram os falsos mestres vomitando erros, muitos engoliram aquele lixo sem nada questionar. Paulo exerceu seu ofício apostólico com rigor e disse aos

desgarrados gálatas: “Que seja amaldiçoado qualquer um, incluindo nós, ou mesmo um anjo do céu, que anunciar um evangelho diferente do que nós lhes anunciamos”. Por que Paulo disse “nós” em vez de “a mim”?

Porque ele quis dizer que ainda que quaisquer outros apóstolos viessem a pregar um evangelho diferente daquele que eles tinham recebido de Cristo, eles deveriam ser amaldiçoados. Para preservar intacta a fé outrora transmitida a eles, Paulo não poupa ninguém, e ele não se restringe aos apóstolos: “Que seja amaldiçoado qualquer um, mesmo um anjo do céu”. Essa é a inviolabilidade do evangelho. Que todo aquele que subverte a fé de uma das ovelhas do Senhor seja prontamente excluído, para que a enfermidade mortal não afete a todos.

A pregação de uma fé distorcida era fraudulenta no passado, e será fraudulenta no futuro. Proteger a igreja mediante a exclusão dos que pregam algo que diverge do evangelho puro, essa é a responsabilidade in exível da igreja. Hoje, Paulo clama alto e bom som: “Se alguém pregar qualquer doutrina nova, que seja amaldiçoado!”.

Vicente de Lérins, *Comonitório*, cap. 8, seções 21-23;

cap. 9, seções 25-26

Eu amo o teu reino, Senhor,

A casa da tua morada,

A igreja que com o sangue

Do Redentor foi comprada.

Timothy Dwight (1752–1817), Hinário

PARA REFLETIR: Mt 7.15-23; 1Co 1.18-31; 2Co 4.1-18; 5.11-21; 12.2; Gl 1.6-10; 5.16; Ap 22.10-17

82

Sempre existe o perigo de pensarmos que a Palavra de Deus só assumiu a natureza humana em aparência, e não como verdadeiro ser humano.

Não devemos pensar em Cristo como um ator que veste uma máscara e desempenha o papel de outra pessoa. O ator desempenha o papel de

um sacerdote ou de um rei, mas não é de fato um verdadeiro sacerdote ou rei. A peça termina; a personagem representada pelo ator deixa de existir; o ator retoma seu “eu” anterior.

Não é isso que a encarnação signi ca. Jamais aceitemos essa falsa representação. O Senhor não é um ator. Na realidade, a Palavra de Deus assumiu para si nossa plena humanidade. Viveu uma vida humana, não apenas imitando os seres humanos, mas como o verdadeiro Jesus de Nazaré com seu corpo e sangue. Tendo-se tornado humano como nós, Jesus falava, agia e sofria, mas sem pôr em risco sua divindade.

Excluídas sejam todas as noções de que nosso Senhor não pode identi car-se plenamente conosco! Rejubilemo-nos pelo fato de que, embora permanecendo plenamente Deus, Cristo assumiu para si tudo o que signi ca ser um ser humano. E depois de sua paixão ele não

“escapou” como faz o ator depois do m da peça. Não, como nosso Mediador no céu ele permanentemente carrega a sua humanidade e a nossa.

Vicente de Lérins, *Comonitório*, cap. 14, seções 38-39

Ó Deus,

A mim para sempre eu vinculo neste dia,

Pelo poder da fé, a encarnação de Cristo.

Patrício (c. 387–463 d.C.), da trad. de

Cecil F. Alexander (1889), Hinário

PARA REFLETIR: Is 51.1-2; Mt 1.18-23; 4.2; 26.23-46; Lc 2.1-40; 23.26-56; Jo 1.1-14; 4.6; Fp 2.5-11; Hb 5.7-10; 1Jo 1.1-4; 2Jo 1.7-11

O verdadeiro e genuíno cristão católico é aquele que ama a verdade de Deus, ama o corpo de Cristo, valoriza a fé cristã acima de todas as autoridades terrenas e acima do favor, do brilho, da eloquência e da loso a de qualquer ser humano. Ele atribui relativamente pouca importância a qualquer dessas coisas e continua rmemente fundado na fé. Decide acreditar somente naquilo que sabe com plena certeza que a crença católica defende universalmente e desde a antiguidade.

Qualquer doutrina nova nunca antes mencionada que ele descobre ter sido fraudulentamente introduzida será julgada como uma oposição à verdadeira fé cristã. Qualquer coisa que vá de encontro àquilo que os apóstolos, os pais da igreja e os santos acreditaram será vista como nada mais que uma prova da delidade da igreja a Cristo. O verdadeiro cristão católico será instruído pelo apóstolo Paulo: “Pois é necessário haver divisões entre vocês para que se reconheçam os que são aprovados”. É como se Paulo tivesse dito: “É por este motivo que heresias devem surgir na igreja: pela erradicação dos erros, aqueles que são éis serão revelados”. Nossa tenacidade e delidade manifestarão nosso amor permanente pela fé cristã.

Vicente de Lérins, *Comonitório*, cap. 20, seção 48

Nós oramos e te suplicamos, ó tu que amas todas as pessoas, Ó bom Senhor; lembra-te em tua misericordiosa bondade de tua igreja espalhada pelo mundo e de todo o teu povo. Concede-nos a paz no céu; concede-nos também a paz nesta vida. Que nós sejamos teus, ó Senhor, pois não conhecemos nenhum outro Deus que não sejas tu, e não mencionamos nenhum outro nome que não seja o teu. Dá-nos vida e não permitas que nenhum pecado mortal prevaleça contra nós. Pois tu és o Único que abençoa e santi ca todas as coisas. A ti nós atribuímos glória e ação de graças. Amém.

A divina liturgia do santo apóstolo e evangelista Marcos

(antes de 200 d.C.)

PARA REFLETIR: Jo 17.6-26; 1Co 11.17-22; Ef 4.1—5.21; Ap 2.1—3.22

84

Cada vez que surge na igreja um novo e falso ensinamento, ele oferece uma oportunidade para distinguir entre o que é trigo e o que é palha. A palha não tem peso para manter-se no chão da debulha. É logo levada embora pelo vento.

Até mesmo parte do trigo é duramente dispersada na ventania. Há hereges que são assim. Embora creiam em muitas coisas que a igreja ensina, adotam noções que não são nada mais que palha. Ó condição infeliz! Afundados no erro, eles têm medo de perecer. Feridos e parcialmente vivos, têm vergonha de voltar atrás. Ingeriram mais veneno do que conseguem regurgitar, mas não o suficiente para levá-los à morte.

São de dois tipos. O primeiro tipo é lançado para onde sopra o vento, pois adota doutrinas instáveis. Um segundo tipo sopra de volta contra si mesmo como ondas reuindo. Amedrontados pela doutrina verdadeira e contaminados pela dúvida, não sabem para que lado se virar, o que manter e o que descartar.

Atracados fora do porto seguro de fé bíblica e apostólica, esses barcos abalados pela tempestade foram quase destruídos. Despregaram suas velas contra as perniciosas rajadas da novidade doutrinal. Todavia, Deus em sua compaixão providenciou remédio para lhes curar as aições, caso eles retornem ao seguro e tranquilo porto, o corpo de Cristo.

Vicente de Lérins, *Comonitório*, cap. 20, seções 49-50

Restaura-nos, Ó Deus dos Exércitos, e faz resplandecer sobre nós o teu rosto, para que sejamos salvos. Pois para onde quer que se volte a alma humana, a não ser que se volte para ti, ela se xa em tristezas, mesmo que se prenda a coisas belas que são transitórias. Amém.

Agostinho, bispo de Hipona, *Confissões*, livro 4, cap. 10, seção 15

PARA REFLETIR: Mt 7.15-23; 13.24-35; Rm 14.1—15.13; 1Co 2.10-17; 12.12-31; Hb 6.19; 1Pe 1.3

85

A igreja é a zelosa e vigilante guardiã das doutrinas conadas a seus cuidados. No m da era do Novo Testamento, a doutrina cristã não havia atingido sua plena evolução. Depois disso, uma importante evolução doutrinal, coerente com o Novo Testamento, aconteceu no corpo da igreja de Cristo.

Em seres humanos, o conhecimento e a sabedoria em regra aumentam. Com o passar dos anos, o corpo e a mente se desenvolvem e chegam à maturidade. Mas, embora as estaturas e as aparências exteriores mudem, a identidade e a natureza essenciais permanecem. Na criança o adulto estava latente.

Tudo isso vale também para o crescimento da igreja. Se, em virtude do crescimento humano, uma pessoa devesse tornar-se outra criatura, o resultado seria uma distorção maior. O crescimento na doutrina cristã e no discipulado individual segue as mesmas leis do progresso que vericamos nos seres humanos. A igreja consolida as fundações iniciais de sua fé; essa fé é ampliada pelo tempo, re nada pela idade, e no entanto permanece pura, completa e equilibrada em todas as suas

partes.

Vicente de Lérins, *Comonitório*, cap. 23, seções 54-59

Meu Senhor, eu não sei o que deveria te pedir;

Tu, só tu, conheces minhas necessidades.

Tu me amas mais do que eu sou capaz de te amar.

Ó Pai, concede a este teu servo tudo o que eu não sei pedir.

Uma cruz eu não ousou pedir, e nem consolação;

Só ousou permanecer em tua presença.

Meu coração está aberto para ti.

“Oração de Filaret, arcebispo metropolitano de Moscou”,

em *Orações ortodoxas*

PARA REFLETIR: Sl 92.12-14; Mt 13.31-35; Rm 15.13; 1Co 15.28; 2Co 9.6-11; Fp 1.3-11; 2Ts 1.1-12; 2Tm 3.19; 4.1-5; Tt 2.1,11-15; 2Pe 2.14-18

86

Que a igreja de Cristo e nós, seus lhos, sejamos sempre vigilantes guardiões das doutrinas com adas a nossos cuidados. Que nunca mudemos nada nelas, nunca as depreciemos, nunca cortemos o que é essencial e nunca acrescentemos nada super cial. Lidando el e judiciosamente com a doutrina antiga, que a igreja mantenha um único objetivo em mente. Se a antiguidade deixou alguma coisa informe e rudimentar, ajustemo-la e deixemo-la polida. Se ela já a ajustou e poliu, reforçemo-la. Se alguma coisa já foi rati cada e de nida, então protejamo-la zelosamente.

Em suas decisões os concílios gerais sempre buscaram expor mais claramente o que antes se acreditava por clara implicação. Eles sempre se esforçaram para tornar nosso testemunho cristão mais articulado. O

que antes pode ter sido pregado em essência deve agora ser pregado e praticado com convicção ainda mais clara e atenção mais diligente. Foi isso que a igreja “católica”, alarmada pelas novidades dos hereges, realizou nos concílios gerais. Em seus credos e escritos a igreja nos

legou apenas o que foi recebido dos apóstolos e dos pais. Muitas vezes, um antigo artigo de fé recebeu uma formulação melhor para designar aquilo em que sempre se acreditou.

Vicente de Lérins, *Comonitório*, cap. 23, seções 54-59

Deus eterno, cuja vontade é que todos se cheguem a ti por meio de teu Filho Jesus Cristo, inspira nosso testemunho dele, para que todos conheçam o poder de seu perdão e a esperança de sua ressurreição; àquele que vive e reina contigo e com o Espírito Santo, um só Deus, agora e para sempre. Amém.

“Pela missão da Igreja”, Orações e ações de graça, LOC

PARA REFLETIR: Jo 8.12-30; At 15.35; 1Co 1.18—2.16; Cl 1.15-23; 1Jo 4.1-6

LEÃO MAGNO

Se esperamos que Deus dê à igreja líderes à altura de sua época, não precisamos ir além de Leão Magno (papa Leão I, c. 400—461 d.C.) para termos uma prova disso. Ao lado de Gregório Magno, o desempenho papal de Leão é o mais signifi cativo da igreja antiga. Ele consolidou a primazia do bispo de Roma em toda a igreja. Usou seu cargo para assegurar a ortodoxia e, nem sempre com benevolência, para estabelecer a ordem. Sua magnitude foi tal que ele é um dos dois papas que receberam o epíteto de “Magno”. Foi o primeiro grande papa que falava latim e o primeiro grande teólogo italiano. Apesar das crises teológicas e sociais jogadas sobre seus ombros, conseguiu produzir um rico conjunto de orientações pastorais e espirituais.

Não temos nenhuma informação sobre a família e a infância de Leão.

Reza a tradição que ele nasceu numa cidade no norte da Etrúria (Itália central).

Em 440 d.C., Sisto III, que foi papa de 432 a 440, enviou Leão para intermediar as divergências entre dois generais. Durante essa missão, Sisto morreu. Rapidamente, o povo e o clero elegeram Leão para sucedê-lo. Leão ocupou o cargo durante um período de erros teológicos e erosão social. O império e o paganismo chegavam ao m. A ele coube não somente arcar com a pesada responsabilidade eclesiástica, mas teve também de desempenhar o papel de governador e mediador.

Supervisionou a distribuição de trigo e reorganizou o departamento

dos bombeiros de Roma. Quando Átila, o rei dos hunos, invadiu a Itália (542 d.C.), Leão o convenceu a retirar-se. E quando Genserico, o Vândalo, saqueou Roma, Leão evitou a completa destruição da cidade.

Leão teve papel signi cativo no combate contra o pelagianismo e o maniqueísmo, que negavam que o Pai de Cristo é também Criador.

Talvez a mais importante batalha teológica foi a que travou contra

Eutiques, que negava que o Cristo encarnado tinha duas naturezas completas — a divina e a humana — numa única pessoa indivisível. Em sua obra *Tomo* (449 d.C.), Leão afirmou as duas naturezas completas e preparou o palco para o Concílio de Calcedônia (451 d.C.), no qual sua posição foi amplamente adotada. “Na total e perfeita natureza de verdadeiro homem nasceu o verdadeiro Deus, completo no que era seu, completo no que era nosso” (*Cartas*, carta 28, seção 3).

87

Purificados de superstições perversas, e seguindo a tradição dos apóstolos, os pais da igreja se dedicaram a obras de misericórdia. O

valor sagrado do seu exemplo verificou-se no passado e deve moldar o presente e o futuro. Eles atenderam os pobres, cuidaram dos vulneráveis e zeram pelos outros o que gostariam que os outros zessem por eles.

Os pais não só sabiam que nossas riquezas espirituais são dádivas de Deus, mas também sabiam que nossos bens materiais provêm de sua generosidade. Além de nos dar posses materiais, Deus nos fez administradores temporais delas. Portanto, é mais que justo que ele exija de nós uma prestação de contas. Devemos usar os dons de Deus com sabedoria. E também devemos nos dedicar a obras de misericórdia.

A riqueza pode ser uma grande vantagem para a sociedade nas mãos dos benévolos e generosos. Por essa razão, os ricos não devem esbanjar o que Deus lhes deu, nem os avaros devem armazenar riquezas. Não importa se o que Deus nos deu é gasto à toa ou armazenado por egoísmo; trata-se igualmente de desperdício.

Leão Magno, “Sobre as coletas, V”, *Sermões*, sermão 10, seção 1

Senhor Jesus Cristo, nós, recebedores de tua redenção, te nomeamos nosso misericordioso Senhor, nosso grande Rei, nosso bom Pastor, nosso

Mestre da verdade, nosso propício Auxílio, nosso vivo Pão, nosso eterno Sacerdote, nossa verdadeira Luz, nosso reto Caminho, nossa Sabedoria e Iluminação, nossa Reconciliação, nossa segura Proteção, nossa eterna Salvação, nossa imensa Compaixão, nossa in exível Esperança, nosso perfeito Amor, nossa santa Ressureição e nossa Vida eterna. Tendo em mente todos os teus benefícios, nós te damos graças; nós louvamos e adoramos a ti, que com o Pai e o Espírito és um só Deus eternamente bondoso. Amém.

Anselmo, arcebispo de Cantuária, *Livro de meditações e orações*, meditação 18, seção 90

PARA REFLETIR: Lc 12.35-38,42; 16.1-8; 1Co 12.4-11; Ef 4.7-13; 1Tm 6.17-19; Tg 1.16-18; 1Pe 4.7-11

88

Algumas pessoas abastadas podem dizer que, embora não atendam generosamente os pobres, elas praticam muitas outras obras de justiça, e assim certamente serão desculpadas por sua falta de generosidade. Estão erradas. Embora muitas outras obras de justiça sejam praticadas, sem a prova de misericórdia para com os desvalidos, nada mais conta. Mesmo que alguém seja repleto de fé, seja sexualmente puro e sóbrio, sem misericórdia essa pessoa não pode esperar receber a misericórdia de Deus.

Quando o Filho do Homem vier em sua majestade e se sentar no glorioso trono, quando as nações estiverem reunidas diante dele, e ele separar os justos dos injustos, por que motivo os justos serão louvados a não ser pelas obras de benevolência e os atos de caridade? Cristo creditará essas coisas como tendo sido feitas à sua pessoa. Quando a encarnação de Cristo fez sua a natureza humana, ele se associou à humildade humana, não à riqueza humana. No dia do juízo, por que motivo será o injusto julgado a não ser por sua falta de caridade, por sua recusa a mostrar compaixão pelos pobres? Pela prova de magnânima liberalidade, Cristo aceitará que muitos entrem no reino de Deus, ao passo que muitos, por sua ímpia insensibilidade, serão por ele condenados à punição eterna.

Leão Magno, “Sobre as coletas, V”, *Sermões*, sermão 10, seção 3

Senhor Jesus Cristo, tu que procuras os que se extraviaram e os acolhes quando eles retornam, ajuda-me a aproximar-me de ti ouvindo com frequência tua Palavra, a mim de eu não pecar contra meu próximo pela cegueira do julgamento humano, pela rigidez da falsa justiça, por julgá-lo

indigno de tua graça e por eu con ar pecaminosamente em minha justiça, ou por ignorar a sabedoria divina. Amém.

“Oração de São Alberto Magno sobre a consciência”,

A Blog for Dallas Area Catholics

PARA REFLETIR: Mt 5.7; 7.21-23; 25.31-46; Lc 16.19-31; Rm 15.7-9; Tg 2.1-13; 5.1-6

89

Se nós compreendermos bem a criação, entenderemos que os seres humanos foram feitos à imagem de Deus com o propósito de imitá-lo.

Veremos que atingimos nossa mais alta dignidade quando a bondade divina se re ete em nós. Para esse m, a graça do Salvador nos restaura diariamente. Aquilo que decaiu no primeiro Adão está agora sendo reerguido no segundo Adão. A misericórdia de Deus é a causa dessa grande restauração. Nunca teríamos amado a Deus se ele não nos tivesse amado primeiro e dispersado nossas trevas. O Senhor predisse isso em Isaías: “Conduzirei este povo cego por um novo caminho.

Transformarei em luz a escuridão diante dele e tornarei planos os trechos acidentados”.

Por meio do amor, Deus cria em nós a imagem de sua bondade e nos dá tudo o que nos é necessário para manifestar essa bondade. Ele acende as lâmpadas em nossa mente e nos in ama com o fogo de seu amor, de modo que possamos não apenas amar a Deus, mas também tudo o que

ele ama. Se entre os seres humanos pode existir uma amizade duradoura baseada na semelhança natural, nós não devemos discordar de nada que seja do agrado de Deus.

Leão Magno, “Sobre o jejum do décimo mês, I”, *Sermões*,

sermão 12, seção 1

Ó Soberano Senhor, tu que escolheste a lâmpada dos doze apóstolos e os enviaste para pregar o evangelho do teu reino no mundo todo e para curar as doenças e fraquezas no seio da humanidade, puri ca nossa vida e limpa nosso coração de toda poluição e fraqueza, a m de que puros de coração e consciência sejamos para ti um sabor agradável, por meio da graça, misericórdia e amor de teu Filho unigênito. Amém.

A divina liturgia do santo apóstolo e evangelista Marcos

(antes de 200 d.C.)

PARA REFLETIR: Sl 30.5; Is 42.16; 65.1; Jo 10.1-18; 14.15-27; Rm 5.12-21; 1Pe 1.13-25; 1Jo 4.7-10,19; 5.18-20

90

Como lhos de Deus, revistamo-nos do amor que não se esvaece de nosso Autor e Soberano. Sujeitemo-nos completamente a ele em cujas obras e julgamentos a verdadeira justiça e cordial compaixão nunca faltam. Isso é amor aperfeiçoado.

Por mais piedosos que sejamos, o amor não pode ser aperfeiçoado em nós se não amarmos nosso próximo. Mas quem é meu próximo? Não são apenas os que estão ligados a mim por amizade ou vizinhança, mas absolutamente todas as pessoas com quem compartilho a natureza humana. Pois o único Criador nos moldou a todos. Todos nós desfrutamos do mesmo céu e do mesmo ar, dos mesmos dias e das mesmas noites, e embora uns sejam bons e outros maus, alguns justos e outros injustos, Deus é bondoso para todos. A graça cristã nos deu muitos motivos para amar nosso próximo, pois ela não exclui ninguém e com isso nos ensina a ninguém desprezar. Ninguém deve ser esquecido.

Diariamente o Senhor vai enxertando rebentos da oliveira selvagem provenientes de todas as nações nos santos ramos de sua própria oliveira. Diariamente sua graça transforma inimigos em lhas e lhos reconciliados, estranhos em lhas e lhos adotivos, e justifica os ímpios.

Leão Magno, “Sobre o jejum do décimo mês, I”, *Sermões*,

sermão 12, seção 2

Senhor amado, tu que vieste para nosso meio a fim de buscar e salvar os perdidos e libertar os cativos, ajuda-nos a ampliar nossos horizontes, a abrir espaço para os estranhos, a cuidar dos que se sentem invisíveis, a dar atenção aos estrangeiros, a conversar com os que se sentem isolados e a restaurar a justiça e a estima. Dá-nos coragem e determinação para nos unirmos a outros na visão da graça em cada rosto humano, e dá-nos fé para abraçar essa oportunidade em teu nome. Amém.

PARA REFLETIR: Pv 24.17; 25.21; Mt 5.7,39-41,43-38; 6.12; 22.37-39; At 14.16-17; Rm 11.11-24; 12.14; Fp 2.10-11

Todos os vícios que obstruem nossa adoração a Deus, tudo o que a ganância persegue, que o orgulho ambiciona e a luxúria ardentemente deseja, tudo é destruído pela virtude do autodomínio. O jejum visa incrementar essa virtude. Mas devemos nos lembrar de que o jejum é uma disciplina espiritual bem como física. Implica muito mais que a abstenção de certos alimentos. Todos os desejos pecaminosos devem ser purificados. É vão o esforço de restringir o alimento se não evitamos os pensamentos pecaminosos. Um jejum que nos permite persistir em desejos pecaminosos, que dani cam mais que prazeres físicos, nada mais é que um exercício corporal vazio. Que proveito auferir a alma controlando a pessoa exterior, se interiormente for cativa e escrava?

Qual é o lucro para o espírito se nós determinamos o comportamento de nossos membros, mas renunciamos à liberdade da alma?

Portanto, quando o corpo se abstém da comida, que o espírito se abstenha dos vícios e avalie todas as preocupações e desejos terrenos segundo a lei de seu Rei.

Leão Magno, “Sobre o jejum do décimo mês, VIII”,

Sermões, sermão 19, seção 2

Ó Deus trino, Pai, Filho e Espírito Santo, ilumina-me com tua fé salvadora; alegra-me e fortalece-me com tua esperança jubilosa e infalível; vivi ca-me com teu amor poderoso e santíssimo. Subjuga-me e humilha-me, e guarda-me com teu temor mais forte e mais santo. Enche-me de saudável pudor proveniente de teu todo-adorável e todo-glorioso Ser em relação a qualquer coisa considerada oposta à tua vontade. Que eu não deixe a presença de tua misericórdia vazio e confuso, mas como quem obteve, pela graça e a fé, as dádivas de tua salvação. Toda glória seja ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. Amém.

Anselmo, arcebispo de Cantuária, *Livro de meditações e*

orações, meditação 8, seção 36

PARA REFLETIR: Sl 19.1-2; 1Co 9.15-18; Gl 5.16-26; Fp 4.5; Cl 3.5; 1Ts 5.6-8; 1Tm 6.11-16

Hoje nosso Salvador nasceu: rejubilemo-nos! Não há lugar para

tristezas quando se celebra o dia do nascimento daquela Vida que destrói o medo da morte e traz a alegria da eternidade prometida. Que se alegre o santo por estar agora perto da vitória. Que se alegre o pecador por receber a oferta do perdão. O Filho de Deus, na plenitude do tempo estabelecido pela Trindade, assumiu nossa natureza para nos reconciliar com o Autor dela. Ele assim fez para que o autor da morte, o diabo, fosse vencido mediante a própria natureza que ele havia conquistado. O Senhor Todo-poderoso entra na luta, não na forma de sua própria exaltada majestade, mas na forma de nossa humildade, nossa mortalidade.

A Palavra de Deus assumiu nossa humildade sem diminuir sua divindade. Juntou as duas naturezas numa união em que a inferior não foi destruída em sua exaltação e a superior não foi posta em risco por sua humildade. A majestade assumiu a humildade, a força assumiu a fraqueza, e a eternidade assumiu a mortalidade. Para eliminar nosso pecado, o verdadeiro Deus e o verdadeiro homem se uniram a fim de formar um único Senhor, um único Mediador entre Deus e o homem.

Leão Magno, “Sobre a festa da Natividade, I”,

Sermões, sermão 21, seções 1-2

Ó Senhor Jesus Cristo, permite-me contemplar tua inefável misericórdia e divulgar tua bondade para conosco. Tu deixaste o seio do Pai para nascer de uma virgem.

Sofreste na cruz para restaurar o que nós tínhamos acabado de perder. Recria, eu te suplico, o que outrora criaste, e destrói tudo o que z contrariando tua vontade.

Destrói em mim tudo o que é simplesmente meu, tudo o que tu não criaste, e recria tudo o que tu zeste. Amém.

Anselmo, arcebispo de Cantuária, *Livro de meditações e*

orações, meditação 6, seção 29

PARA REFLETIR: Jó 19.4; Lc 1.46-55; 2.1-40; Jo 1.1-3; Fp 2.5-11; Hb 4.14—5.3; 9.11-28

Em Cristo, a amorosa bondade de Deus se manifestou: todas as riquezas da bondade divina foram derramadas sobre nós. Nosso

chamado para a vida eterna bene ciou-se dos exemplos dos santos do Antigo Testamento, e, da maneira mais importante, do aparecimento físico da própria Verdade. Portanto, estamos comprometidos a celebrar o dia do nascimento do Senhor sem que prazeres indolentes ou carnavais se interponham. Este é um dia para lembrar re etidamente que, mediante um novo nascimento, nós somos membros do corpo de Cristo e estamos unidos a Cristo, que é nossa Cabeça. Examinemo-nos e certi quemo-nos de que não somos membros mal ajustados a esse corpo, para não perdermos a coerência com o resto da santa construção.

Pela iluminação do Espírito Santo, consideremos ponderadamente quem foi que nos recebeu para fazermos parte de si e quem veio até nós na encarnação. Ao mesmo tempo que nos recomenda o modelo de sua

bondade e humildade, Cristo nos enche com o poder pelo qual nos redime. Tomemos o jugo da Verdade como nosso norteador. Imitemos a humildade do Senhor a cuja glória estamos sendo conformados: ele nos guiará para suas promessas. Na medida de sua grande misericórdia, ele tem o poder de nos perdoar e de aperfeiçoar em nós suas dádivas.

Leão Magno, “Sobre a festa da Natividade, III”,

Sermões, sermão 23, seção 5

Ó Deus, tu que nos alegras com a celebração anual do nascimento do teu Filho Jesus Cristo, concede que nós, que com júbilo o recebemos como nosso Redentor, com rme con ança o contemplemos quando ele vier para ser nosso Juiz; ele que vive e reina contigo e com o Espírito Santo, um só Deus, agora e para sempre. Amém.

“Natividade de Nosso Senhor: dia de Natal”, Coletas:

contemporâneas, LOC

PARA REFLETIR: Mt 1.18-25; 11.28-30; Rm 11.32; 12.11-31; 1Co 6.20; 12.27; 2Co 1.18-22; Ef 2.4-5; 5.22-23; 1Tm 1.12-17

À medida que a luz desta abençoada manhã de Natal começa a derramar seus raios sobre a criação, esparrama-se sobre nossos sentidos o esplendor do estupendo mistério da encarnação. O nascimento de nosso Senhor e Salvador pela virgem Maria se impõe

aos nossos pensamentos quando meditamos sobre coisas divinas. Nós reconhecemos o Deus nosso Criador. Quer estejamos nos entregando aos gemidos da súplica, cantando louvores a Deus ou oferecendo sacrifícios espirituais, nenhum pensamento deveria ser mais frequente que o fato de que o Filho de Deus, embora eternamente gerado do Pai coeterno, encarnou-se por meio do nascimento humano.

Neste dia, como foi maravilhosamente prometido a Maria, o Criador do mundo nasceu do ventre da virgem. Aquele que criou o mundo tornou-se lho daquela que foi criada por ele. Hoje a Palavra de Deus apareceu revestida de carne, e aquilo que nunca tinha sido visível aos olhos humanos passou a ser tangível para nossas mãos. Hoje os pastores aprenderam das vozes dos anjos que o Salvador nasceu na substância de nossa humanidade. Hoje a essência da mensagem do evangelho foi anunciada no hino angélico. Agora nós também podemos cantar com a multidão celestial: “Glória a Deus nas maiores alturas, e paz na terra entre os homens, a quem ele quer bem” [RA].

Leão Magno, “Sobre a festa da Natividade, VI”,

Sermões, sermão 26, seção 1

Deus Todo-poderoso, tu deste teu Filho unigênito para que ele assumisse sobre si nossa natureza e nascesse de uma virgem pura; concede que nós, renascidos e feitos teusinhos por adoção e graça, sejamos renovados diariamente por teu Espírito Santo; por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor, a quem, juntamente contigo e o mesmo Espírito, sejam a honra e a glória, agora e para sempre. Amém.

“Natividade de Nosso Senhor: dia de Natal”, Coletas:

contemporâneas, LOC

PARA REFLETIR: 2Rs 19.15; Jó 12.7-9; 26.7-13; 38.4-38; Sl 24.1-2; 33.6; 89.11; Lc 1.39-45; **2.8-20**; Jo 1.1-5; 11.32-37

95

Quanto mais fervorosos nos tornarmos no combate pela nossa salvação, tanto mais determinados serão os ataques do diabo e seus aliados. Mas lembrem-se sempre de que aquele que está em nós é mais forte que aquele que está contra nós. Por meio de Cristo nós nos tornamos poderosos; em sua força com amos.

O Senhor aceitou ser testado para que nós pudéssemos aprender com seu exemplo e nos fortalecer com sua presença. Como Jesus derrotou o

inimigo? Em sua humanidade, mas não simplesmente pela força humana. Ele se serviu diretamente das Escrituras, e com isso prestou grande honra à humanidade. Vencendo-o em sua humanidade, ele impôs ao diabo uma derrota maior do que por meio de sua divindade.

Jesus venceu Satanás exatamente como nós podemos vencê-lo.

Não há demonstrações do poder de Deus, irmãos amados, sem provas e tentações. Não há nenhuma fé que não seja testada. Não há nenhuma competição se não há um adversário, nenhum com ito sem uma batalha. Se não quisermos ser ludibriados pelas ciladas e batalhas espirituais, devemos vigiar. Se não quisermos ser vencidos, devemos lutar. Salomão disse: “Meu lho, se você quiser servir a Deus, esteja pronto para ser posto à prova” [NTLH]. Se nós permitirmos que o tentador nos ataque quando estamos des preocupados, ele certamente nos derrotará.

Leão Magno, “Sobre a Quaresma, I”, *Sermões*, sermão 39, seção 3

Ó Deus meu, que toda a minha transformação seja para ti. Concede-me o dom da perseverança. Que minha alma sempre anseie por tua glória, minha mente a ame, meus pensamentos se concentrem nela, toda afeição do meu coração por ela suspire e a minha língua fale dela. Que todo o meu ser seja mantido prisioneiro pelo amor já perfeito. Amém.

Anselmo, arcebispo de Cantuária, *Livro de meditações e*

orações, meditação 20, seção 102

PARA REFLETIR: Eclesiástico 2.1 (deuterocanônico); Mt 4.1-11; 25.1-13; 26.36-47; Lc 4.1-13; 2Co 1.8-10; Gl 5.17; Ef 6.12, 14-17; 1Jo 4.4-5

96

Então, irmãos amados, nós, que somos instruídos pelo Senhor, partamos para a guerra espiritual bem informados. O apóstolo Paulo claramente nos avisou que “não lutamos contra inimigos de carne e sangue, mas contra governantes e autoridades do mundo invisível, contra grandes poderes neste mundo de trevas e contra espíritos malignos nas esferas celestiais”.

O Senhor nos preparou bem. Vejam com que armas poderosas, com

que defesas inexpugnáveis nosso Comandante nos armou. Ele, o Estrategista da arte de guerra cristã, é famoso por suas numerosas

vitórias. Ele cingiu-nos os ancos com o cinturão da verdade, vestiu-nos com a couraça da justiça e calçou-nos os pés com o evangelho da paz.

Satanás rapidamente vencerá um soldado cristão desarmado. De fato, Satanás nos estimula a não nos prepararmos. Um cristão desprovido do calçado militar será facilmente envenenado pela serpente. Cristo nos deu o escudo da fé para proteção de todo o corpo; em nossa cabeça colocou o elmo da salvação; nossa mão direita recebeu uma espada, isto é, a palavra da verdade. O nosso Comandante nos armou de tal modo que nós não apenas sejamos protegidos contra ferimentos, mas também que possamos ferir o próprio Satanás.

Leão Magno, “Sobre a Quaresma, I”, *Sermões*, sermão 39, seção 4

Glória à compaixão e à misericórdia e ao amor do Deus, que concedeu tanta honra e glória à humanidade, fez de nós lhos e lhas do Pai celestial e nos chamou de seus próprios irmãos e irmãs. A ele seja a glória para sempre. Amém.

Macário-Simeão, *Cinquenta homilias espirituais*,

homilia 19, seção 8

PARA REFLETIR: Sl 91.1-16; 2Co 10.3-5; Ef 6.10-20; Hb 2.14; Tg 4.7; 1Pe 5.8; 1Jo 5.4-5

97

De bom grado assumindo a forma de servo, nosso Senhor, único no qual a natureza da humanidade morou sem pecado, obedientemente patrocinou nossa causa.

Carregando tochas e lanternas, os lhos das trevas tomaram de assalto a verdadeira Luz no Getsêmani. Mas as tochas e lanternas não conseguiram proporcionar a fuga da escuridão da descrença. Por isso os lhos das trevas não puderam reconhecer a Fonte da luz. Jesus foi preso, não porque eles tivessem poder sobre ele, mas porque ele se dispôs a ser preso e abduzido. Se ele não estivesse predisposto, nenhum mal teriam podido lhe fazer homens perversos. Todavia, se ele não estivesse predisposto, nossa salvação teria escapulido.

Ó inefável glória da paixão do Senhor, na cruz estão contidos os planos soberanos do Senhor, o julgamento do mundo e o poder do Crucificado! A cruz é a fonte de todas as bênçãos e a nascente de todas as graças. Por meio dela os crentes recebem força para sua fraqueza, glória em troca de sua vergonha, e vida em vez de morte. Pela oferta

única de seu corpo e sangue, Cristo se tornou o verdadeiro “Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”.

Leão Magno, “Sobre a Paixão, VIII: na quarta-feira

da Semana Santa”, *Sermões*, sermão 59, seções 1, 7

Ó Senhor, tu não te recusaste a ser coroado de espinhos, e no entanto nos preservas das feridas do pecado. Tendo sede, aceitaste o amargor do fel, e no entanto nos enches de eternos deleites. Tu provaste a morte, e no entanto dás a vida eterna aos mortos. A ti, Senhor, com o Pai e o Espírito, sejam a glória, o domínio e a autoridade. Amém.

Extraído de uma oração de Gregório Magno, “Oração de

aclamação ao Cristo sofredor”, Saints.SQPN.com

PARA REFLETIR: Is 65.2; Mt 12.22-32; **Jo 1.29-33**; 10.1-21; 17.1-5; 18.1-8; Ef 5.1-2; Hb 10.1-10,14,18

GREGÓRIO MAGNO

Como é que alguém consegue o epíteto de “Magno”? No caso do papa Gregório Magno (c. 540–604 d.C.), isso se deveu à destacada qualidade de sua liderança como servo de Deus em tempos que exigiram exatamente uma pessoa assim. A excelência que ele herdou de sua família foi oferecida sem reserva a Cristo e sua igreja.

Gregório nasceu em Roma de uma família senatorial. Quando tinha cerca de 33 anos de idade, foi nomeado pelo imperador Justino II (c.

520–578 d.C.) governador de Roma. Mas a vida monástica o atraía muito mais. Em vez de agarrar e tentar preservar o que havia herdado, um ano mais tarde Gregório empregou toda a sua riqueza para alimentar os pobres e criar mosteiros. Em seguida, entrou para o mosteiro de Santo André. Mas Gregório descobriu que era ativista demais para ser um bom monge, apesar de manter seu interesse na expansão e regulamentação da vida monástica.

Em 579 d.C., o papa Pelágio II, cujo cargo durou de 579 até 590, enviou Gregório para a corte de Constantinopla como embaixador.

Cerca de sete anos mais tarde, ele voltou a Roma como abade de Santo André. Em 590, o monge Gregório foi escolhido papa; foi o primeiro monge a servir nessa função.

Durante seu papado, Gregório contribuiu de muitas maneiras que o conduziram à sua magnitude. A leitura de sua extensa orientação pastoral traz à tona a crescente estima por ele e por sua atuação. Embora não seja lembrado por nenhuma originalidade teológica, ele é certamente conhecido por sua delidade à fé apostólica. Apresentou Agostinho à Idade Média. Além disso, sua arrojada e visionária administração da igreja, numa época em que a influência do papado havia diminuído, ocupa um lugar entre as maiores na história. Além das incumbências postas sobre seus ombros de chefe espiritual da igreja,

Gregório teve de organizar um exército para afastar a ameaça de uma invasão de Roma pelos lombardos. Administrou com ciência terras pertencentes à igreja, não para encher os cofres eclesiásticos, mas para manter o ministério e o serviço religioso público e sustentar várias instituições de caridade.

Como papa missionário, Gregório foi estrategicamente instrumental na conversão da Inglaterra, bem como na condução de muitos arianos lombardos à fé ortodoxa. Ele é também lembrado por ter sido um grande pregador, por desenvolver os cantos gregorianos e por seus escritos que foram populares durante toda a Idade Média.

98

(“Jó [. .] era íntegro e correto, temia a Deus e se mantinha afastado do mal” [Jó 1.1].) Sem dúvida, quem anseia pela nação eterna viverá sincera e honestamente. Será santo na prática e são na fé, sincero no bem que pratica no corpo e puro na pessoa interior. Alguns não são puros nas boas ações que praticam. Pelo contrário, não buscam a recompensa que enriquece o espírito, mas o favor e as recompensas de outros. Bem disse, portanto, um certo sábio: “Ai do pecador que segue dois caminhos”, referindo-se a uma boa ação que supostamente pertence a Deus, mas que na realidade pertence à glória pessoal e ao mundo pecaminoso.

Jó “temia a Deus e se mantinha afastado do mal”. Por temor, a igreja de Deus ingressa no caminho da humildade e justiça. Mas avança e completa a jornada no amor.

Quando se diz que Jó “temia a Deus”, observa-se corretamente que ele também “se mantinha afastado do mal”. O temor antecede. O amor segue. Quando isso acontece, o medo que cou para trás é completamente espezinhado pelos santos desejos do coração.

Gregório Magno, *Lições morais do livro de Jó*,

vol. 1, parte 1, livro 1, seções 1-2, 34, 36-37

Ó Senhor, ensina ao meu coração onde e como te buscar. Venho como um mendigo ao Rico, um pecador ao Todo-misericordioso. Deixa-me entrar no recinto do teu coração.

Pelo teu Espírito, que nos possibilita clamar: “Aba, Pai”, ajuda-me a dizer: “Eu busco tua face; tua face, ó Senhor, buscarei”. Amém.

Anselmo, arcebispo de Cantuária, *Livro de meditações e*

orações, meditação 21, seção 103

PARA MEDITAR: Jó 1.1-3; Sl 37.27; Ec 1.18; 2.12; Ct 2.2;
Eclesiástico 2.12 (deuterocanônico); Jr 2.5-12,20-22,26-30; Mt
10.16; Rm 8.15; 16.19; 1Co 14.20; Fp 2.15; Tg 1.22-25; 2Pe 2.7-8; Ap
2.13

99

As virtudes cristãs são incompletas se elas se apresentam desacompanhadas. A sabedoria, por exemplo, tem menos valor se lhe faltar a compreensão. Mas a compreensão é inútil se não se apoiar na sabedoria. Mesmo se a compreensão for capaz de desvendar grandes mistérios, se não se somar à sabedoria, está simplesmente fadada ao fracasso. Um conselho é inútil quando lhe falta constância. O que o conselho consegue distinguir examinando uma situação dos mais diversos ângulos não será executado se não houver constância. Mas a constância desaba se não for sustentada pelo conselho. Isso acontece porque, quanto maior for o poder que a constância diz possuir, tanto mais tristemente ela mergulha na ruína sem o governo da razão.

Tomemos o conhecimento como outra ilustração. O conhecimento não é nada, a menos que sirva para a santidade, pois se não estiver atrelado à prática do bem ele se expõe a um juízo mais rigoroso. A piedade é inútil se lhe faltar discernimento, pois sem a luz do conhecimento ela não sabe como mostrar compaixão. Se à piedade não se juntarem outras virtudes, o temor aparecerá e a deixará paralisada.

Uma virtude é revigorada por outra. Elas se deleitam na companhia mútua, como se uma devesse preparar um banquete para as demais.

Quando as virtudes convidam a fé, a esperança e o amor para as

festas, haverá júbilo por todas as virtudes.

Gregório Magno, *Lições morais do Livro de Jó*,

vol. 1, parte 1, livro 1, seções 45-46

Eu espero em ti, ó meu Deus. Humildemente con o que tu perdoarás meus pecados pelo amor do teu amado Filho Jesus Cristo. Puri ca minha alma pecaminosa no precioso sangue dele, e torna-me santo e conduz-me a salvo para a vida eterna.

Amém.

“Atos de fé, esperança e amor”, Um breve serviço de

consolação e esperança para comungantes enfermos, em Livro de ofícios (1914)

PARA REFLETIR: Mt 5.6; 6.33; Lc 18.9-14; Jo 14.6; 17.7; 2Co 8.21; Gl 5.22-23; Ef 4.14-15; Fp 2.3-11; 1Ts 5.6-8

100

As Escrituras foram postas diante de nós como um espelho para revelar nosso eu interior. Descobrimos a beleza bem como a deformação que nos marcam. As Escrituras nos mostram o progresso que zemos como discípulos de Cristo e nos ensinam como avançar. As Escrituras nos contam os feitos dos santos e estimulam o coração dos fracos a segui-los.

Quando a Bíblia celebra a vitória dos santos, ela nos dá forças para enfrentar nossas próprias tentações. As lutas e vitórias do povo de Deus nos encorajam para não nos atemorizarmos diante de nossos conitos. A Bíblia apresenta não apenas as qualidades excelentes dos santos, mas também suas provações e até seus fracassos. Em suas vitórias vemos exemplos que deveríamos seguir e bons motivos para ter esperança; em seus fracassos vemos a importância da cautelosa humildade e o que devemos temer e evitar.

Examinem as Escrituras e vejam como Jó se tornou mais forte por vencer a tentação; mas também como Davi foi humilhado por ceder a ela. Deixemos que Jó nos encha de alegria, e Davi nos mantenha humildes. Nunca seremos mutilados pelo temor e o desespero se haurirmos esperança e con ança das vitórias do povo de Deus.

Gregório Magno, *Lições morais do livro de Jó*,

Ó Grande Pastor da Igreja, que nós todos sejamos salvaguardados por ti, para não nos alimentarmos numa pastagem envenenada e mortal. Guia-nos para longe dela, para que sejamos uma unidade em Cristo Jesus, nosso Senhor, agora e até nos alimentarmos na pastagem eterna. A ti sejam o poder e a glória para todo o sempre.

Amém.

PARA REFLETIR: Lc 24.13-17; At 2.14-36; 8.26-35; 13.13-51; 1Pe 1.8

101

Há dois tipos de conversa problemática e censurável. O primeiro tipo recomenda o que é errado e de ciente. O segundo tipo está sempre procurando algum motivo para queixar-se do que é bom e correto. O

primeiro tipo é jogado ao léu na corrente. O segundo tipo se coloca perto dos canais da verdade para bloqueá-la. O medo da verdade domina o primeiro; a arrogância eleva o segundo. Oferecendo aplauso, o primeiro tipo tenta conseguir boas graças. A raiva contenciosa norteia o segundo tipo. Ao receber uma ordem, o primeiro está disposto a rastejar; a oposição in a e impulsiona o segundo.

Quem se presta a conversas maldosas saqueia o território de justiça. A mente pode ser comparada a um lago elevado. Suas águas podem ser desperdiçadas por muitos riachos insignificantes que dele uem.

Palavras supérfluas que fogem dos confines do silêncio são como os muitos riachos que desperdiçam a água do lago.

O que, portanto, deveríamos fazer? A língua deve ser estritamente mantida sob controle. Mas isso não significa que ela deveria ser acorrentada pelo temor de que, quando solta, sempre causa prejuízo.

Em vez disso, ela deve ser treinada para servir ao Senhor.

Gregório Magno, *Lições morais do livro de Jó*,

vol. 1, parte 2, livro 7, seções 57-61

Ó Senhor, o aposento de minha alma é apertado demais; alarga-o para que tu possas entrar. Está em ruínas; reforma-o. Contém coisas que ofendem teus olhos; purifica-o.

Eu confesso e sei que isso é verdade. A quem eu deveria recorrer, senão a

ti? Senhor, puri ca-me de minhas culpas secretas e poupa teu servo do poder do inimigo. Amém.

Agostinho, bispo de Hipona, *Confissões*, livro 1,

cap. 5, seção 6

PARA REFLETIR: Sl 19.14; 140.11; 141.3; Pv 12.18; 15.3; 17.14; 18.4,21; 26.10; Mt 12.33-37; 15.18; Ef 4.29; Cl 3.5-11; Tg 1.19,26; 3.1-12

102

Cristo, nossa Cabeça, nos chamou para sermos seus membros, a m de que, mediante o vínculo de amor e fé, ele pudesse fazer de nós um só corpo consigo. Portanto, é simplesmente razoável que nós lhe obedecemos de todo o coração. Se ele não estiver trabalhando em nós, nada podemos fazer para lhe obedecer. Mas, por meio dele, podemos acatar seu chamado. Portanto, que nada nos separe da cidadela de nossa Cabeça, pois se negarmos o vínculo de amor e fé a nossos irmãos e irmãs, nós também caremos separados de Cristo. Secaremos como ramos cortados da videira. Portanto, para que sejamos considerados dignos de ser a habitação de nosso Redentor, permaneçamos em seu amor com sinceridade pura. Jesus nos disse: “Quem me ama faz o que eu ordeno. Meu Pai o amará, e nós viremos para morar nele”.

Não podemos car perto do Autor de nossa salvação se não cortamos de nossa vida toda ganância, a raiz de todo mal. Obedecendo aos mandamentos do Senhor, vamos banir do templo de Cristo toda avaréza, que consiste em adorar ídolos na igreja de Cristo. Não devemos permitir que entre no templo de Cristo nada que venha a prejudicá-lo e nada que seja desordenado.

Gregório Magno, *Epístolas*, livro 9, epístola 106

Ó Senhor, nosso Deus, cujo poder é incomparável, cuja glória é incompreensível, cuja misericórdia é imensurável e cujo amor por nós é inefável: pela ternura do teu coração, dirige-nos teu olhar, pois a ti pertence toda glória, honra e adoração, Pai, Filho e Espírito Santo, agora e para sempre, e pelos séculos dos séculos. Amém.

João Crisóstomo, em *A divina liturgia de São João Crisóstomo*, The Orthodox Christian Page

PARA REFLETIR: Pv 3.9; 21.27; Mq 2.1-2; Mt 6.19-21; 16.24-27; 18.20; Jo 14.23-31; Rm 12.9-21; Ef 4.20—5.14

(Gregório Magno condenou persistentemente a simonia, a escandalosa prática de comprar e vender ofícios eclesiásticos. A paráfrase seguinte se aplica a todo serviço impuro no corpo de Cristo.)

Quando nosso Senhor e Redentor purificou o templo, ele virou as mesas dos vendedores de pombas. Que signifique vender pombas no templo se não aspirar a um ofício na igreja por sórdidas e egoístas razões? Esse tipo de prática corresponde a tentar comprar e vender o Espírito Santo.

Deveríamos nos encher de pesada aversão quando o lucro impuro acontece dentro da igreja. Isso revela o contágio do pecado.

Quem, em seu egoísmo, aspira a um ofício ou cargo na igreja o faz por avareza, não por amor ao corpo de Cristo. Visa somente os benefícios do cargo, não a glória de nosso Senhor. Quando alguém abocanha um cargo na igreja, só consegue com isso mostrar-se muito mais indigno.

Que consegue tal pessoa em sua tentativa de alcançar um posto mais alto, se não decair ainda mais? Ela sobe exteriormente, mas interiormente afunda. Que predominem, então, os corações puros. Que o serviço no corpo de Cristo não resulte de comércio, mas da sabedoria e do chamado de Deus.

Gregório Magno, *Epístolas*, livro 9, epístola 106

Tu, Imagem do Deus invisível, o Primogênito de toda a criação, em teu Pai e pelo Espírito tu nos resgataste do domínio das trevas e nos trouxeste para o reino de Deus.

Fixa nosso coração nas coisas do alto, e enche-nos com toda a sabedoria e entendimento espirituais. Pois a ti pertence toda glória, honra e adoração, ao Pai e ao Espírito Santo, agora e para sempre. Amém.

PARA REFLETIR: Dt 18.20-22; Sl 69.9; Pv 21.27; Jr 23.30-32; Mt 10.8; 21.33-46; Jo 2.12-17; 8.44; At 8.9-25; 1Tm 3.8-13

Quando Satanás não consegue invadir a alma cristã por métodos pecaminosos explícitos, ele passa a incitar os cristãos a praticar uma mostra superficial de piedade. Por exemplo, ele tentará persuadi-los a receber dinheiro conseguido por meios desonestos e depois doá-lo aos pobres como esmola honesta. O que o diabo quer fazer neste caso é

injetar seu veneno e disfarçá-lo como doação de esmola. O caçador de aves não apanharia nenhuma ave de rapina se suas armadilhas estivessem claramente à vista, e o pescador não pegaria peixes se os anzóis não fossem camuflados por iscas.

É óbvio que devemos temer a esperteza de Satanás e nos prevenir contra ela, para evitar que os que não pode corromper por meio de tentações explícitas ele consiga abater com suas armas ocultas. A doação do que se obteve ilicitamente não deve ser vista como esmola honesta.

Dádivas que agradam ao nosso Redentor são aquelas que provêm do

Senhor como dádivas puras. Jamais obtemos coisa alguma mediante o pecado e a ambição. As Escrituras Sagradas nos advertem de que “o sacrifício do perverso é detestável”, especialmente quando feito com má intenção.

Gregório Magno, *Epístolas*, livro 9, epístola 106

Ó Deus Todo-poderoso, visto que em todas as coisas que provêm dos meios astutos de Satanás requer-se a ajuda da graça divina, nós imploramos tua proteção e orientação com orações constantes, a fim de vivermos em retidão. Sem tua favorável presença, não podemos esperar viver retamente em Cristo Jesus. Amém.

Baseado em Gregório Magno, *Epístolas*, livro 9, epístola 106

PARA REFLETIR: Pv 3.9; 21.27; 15.8; Eclesiástico 34.24 (deuterocanônico); Mt 4.1-11; 13.3-9; 22.15-21; Mc 14.1-2; Lc 4.1-15; Jo 8.44; At 5.1-11; Tg 4.7; 1Pe 5.8-11

105

Devemos ser vigilantes para evitar as ciladas do diabo, nosso velho inimigo. Quanto maiores são as dádivas divinas que ele avista entre nós, tanto mais sutis são suas armadilhas para roubá-las. Os assaltantes não aguardam na estrada viajantes que não levam nada de valor. Aguardam os que carregam ouro e prata. Nossa vida sobre a terra é uma estrada.

Os cristãos devem se precaver contra as emboscadas e o roubo de suas dádivas. Devemos proteger as dádivas de Deus pela humildade e na pureza. “Pois os que se exaltam serão humilhados, e os que se humilham serão exaltados.” Quem ama o que vem do céu não se deixará cortar da raiz da humildade.

Muitas vezes o espírito maligno, o diabo, perturbará a paz de um trabalhador cristão com pensamentos de vanglória. Se o diabo obtiver sucesso, então um tumor letal crescerá e privará o cristão da graça do Senhor que concedeu as dádivas. Nesse caso se aplicarão as palavras do profeta: “Você con ou em sua beleza e usou sua fama para se tornar uma prostituta” [NVI]. Quando Satanás tenta usar nossas boas ações para nos encher de orgulho, confessemos nosso pecado e lembremo-nos apenas da graça do Deus Todo-poderoso, não de nossas habilidades pessoais; isso impedirá nossa queda.

Gregório Magno, *Epístolas*, livro 9, epístola 122

E agora, ó Deus de toda graça, Pai e Fonte de misericórdia e bondade, enche-nos de astuta sensibilidade e persuasão a respeito de todas as grandes verdades que nos foram reveladas no evangelho de Jesus Cristo. Que essas virtudes in uenciem e orientem nossa vida; e, por meio do Espírito Santo, que a vida que levamos proceda da fé no Filho de Deus. Amém.

Henry Scougal, *A vida de Deus na alma do homem*, parte 3

PARA REFLETIR: Ez 16.15-19; Lc 14.7-11; 18.14; 1Co 3.17; 2Co 8.7; Gl 6.1-9; Fp 3.1-21; 1Ts 4.3; 1Pe 1.1-17

106

(A carta a seguir é um excelente exemplo de humildade e unidade cristãs. Gregório escreve a João, abade do Monte Sena e diretor de um hospital para idosos que sofria uma crise de falta de leitos e roupa de cama.) A humildade de sua epístola atesta a santidade de sua vida. Graças sejam dadas ao Deus Todo-poderoso, por existirem pessoas como vocês que oram por nós. Nós labutamos sob as responsabilidades do governo da igreja; somos jogados de um lado para outro nos vagalhões que tantas vezes nos fazem submergir. Mas, pela mão protetora da graça de Deus, somos içados das profundezas. Que vocês, que pelo contrário levam uma vida tranquila e estão, por assim dizer, a salvo na praia, possam nos estender sua mão de oração. Que sua intercessão nos ajude a chegar à terra dos vivos. Orem não somente por sua própria vida, mas também por nosso resgate. Que Deus salvguarde o amor de vocês com a mão direita de sua proteção. Por meio de oração, sabedoria, exortação e piedoso exemplo, alimente o rebanho con ado aos seus cuidados. Que você e seu rebanho cheguem às pastagens da vida eterna. Nós exploraremos as pastagens celestiais em toda a sua beleza quando chegarmos às verdes pastagens da vida eterna.

Gregório Magno, *Epístolas*, livro 11, epístola 1

Em minha vida, agradecidos lábios

Um hino a Deus hão de cantar;

E enquanto do meu ser eu dispuser,

O meu Criador hei de louvar.

Meu coração sua graça avaliará

Em meditação doce e calma;

Alegre no Senhor, repetirá

Os seus louvores a minha alma.

O Saltério: com leituras responsivas (1912), no 288, Hinário

PARA REFLETIR: Sl 10.17-18; Pv 29.23; Is 57.15; Lc 12.32; 18.10-14; Jo 10.27; At 20.18-38; 1Pe 5.1-11

107

(Em carta a Pascásio, bispo de Nápoles, Gregório censura os cristãos que tentaram forçar judeus a se tornarem cristãos. Seu conselho vai além dos judeus.)

Quando tentamos conquistar alguém para Cristo, devemos aprender a bondade, não a amargura e aspereza. Caso contrário, aqueles que poderiam ser conquistados para Cristo por meio da bondade dele serão afastados por nosso rigor e denúncia pública. Desejando converter outras pessoas, alguns querem forçar não cristãos a abandonar sua própria religião e estilo de vida.

Tomemos os judeus, por exemplo. Num esforço de conquistar judeus para Cristo, alguns cristãos condenam os dias santos judaicos, suas festas e modo de vida. Os cristãos que tratam os judeus dessa maneira estão criando problemas que nada produzem de bom. Por que deveríamos tratar os judeus de tais maneiras que só conseguem afastá-los de Cristo?

Eles deveriam ter sua liberdade para observar e praticar suas festas e dias santos.

Lidando com judeus ou com qualquer outra pessoa, devemos atraí-los

pela razão e tratá-los com bondade. Devemos agir em relação às pessoas de tais maneiras que possam levá-las a querer seguir Cristo em vez de fugir dele.

Gregório Magno, *Epístolas*, livro 13, epístola 12

Ó tu, Pastor e Regente de todos, pelo Espírito Santo põe em minha boca uma palavra de consolação, de cação e exortação. Encoraja quem é bom a almejar coisas melhores, e chama de volta ao caminho da retidão aqueles que se transviaram. Acima de tudo, que tu concedas o Espírito de sabedoria e revelação para expressar teu amor de salvação para todos. Amém.

Anselmo, arcebispo de Cantuária, *Livro de meditações e orações*, meditação 18, seção 90

PARA REFLETIR: Mt 10.7-14; Lc 6.27-36; 15.1-32; 19.1-10; Rm 1.1-6; 9.1-5; 10.1-4; 17.36; 1Co 9.2; 13.4-7; Cl 3.12-17; 4.2-6

ANSELMO, ARCEBISPO

DE CANTUÁRIA

Anselmo (c. 1033–1109), arcebispo de Cantuária, exerceu um forte impacto na doutrina e levou a cristãs. Ele acreditava que um rigoroso pensamento filosófico e teológico é essencial para a preservação da integridade da doutrina cristã. Mas a fé transformadora deve vir primeiro. Por meio de cuidadosa reflexão, a fé busca entender Deus e seus desígnios.

Anselmo, um doutor da igreja, nasceu na Itália e educou-se na Normandia. Tornou-se monge beneditino, professor e acabou sendo abade (diretor) do mosteiro de Bec, na Normandia. Em 1094, tornou-se o segundo arcebispo de Cantuária, na Inglaterra.

Seus escritos e explicações da fé passaram a integrar discussões sofisticadas da doutrina cristã. Suas obras mais breves incluem *Sobre o livre-arbítrio* e *A queda do diabo*, nas quais explica por que Satanás se rebelou. Em sua mais extensa *Por que Deus foi feito homem?*, Anselmo responde à pergunta: “Por que o Filho de Deus se encarnou e depois padeceu e morreu na cruz?”. Somente o imaculado Filho de Deus poderia levar a cabo a restauração, compensação ou satisfação pelo pecado da humanidade contra o Deus Santo e as exigências da lei.

Cristo liquidou a dívida da humanidade, e assim Deus pode agora pôr

de lado com justiça a punição. Cristo abriu a porta da reconciliação.

O processo de argumentação de Anselmo preparou o palco para o escolasticismo, uma forma de pensamento que caracterizou a maior parte da Idade Média. Ele é também importante pelas maneiras com que tentou provar a existência de Deus, dentre as quais a que mais se destaca é o argumento ontológico apresentado em sua obra *Proslogio*.
O

“tolo” descrito em Salmos (14.1) era tolo por pensar que, negando alguma coisa que existe de modo nito, um “deus” pequeno o su ciente

para ser negado, ele havia negado com êxito a existência de Deus. Na realidade, Deus é aquele Ser maior do qual nenhum outro pode ser concebido, um Ser *in nito* que uma mente *nita* não pode explicar. Se alguém pensar que negou a Deus com êxito, ele ou ela não se aprofundou o su ciente na questão. Só Deus pode explicar a ideia ou o conhecimento de um Deus assim mentalmente presente.

O *Livro de meditações e orações* de Anselmo contém um tesouro para o discipulado cristão.

108

Desperte, minha alma, desperte! Deixe o fogo do amor do céu arder em seus mais íntimos recessos. Considere a dignidade que o Senhor Deus lhe concedeu. E, aprendendo, honre-o com a linguagem de uma vida santa. Aquele que lhe concedeu morada nele mesmo, que quer fazer de você um templo para sua morada, não a adorna com o próprio ser dele?

Ser batizado em Cristo é ser revestido de Cristo. Que louvor você então concederá a ele que a cobriu com tanta graça e a exaltou com tanta dignidade? Que a maior explosão de alegria de minha alma seja exclamar que Deus me cobriu com as vestes de sua salvação. A suprema alegria dos anjos é contemplar o Filho de Deus. Mas ele é Aquele que, em sua misericórdia, se dignou nos vestir com seu próprio ser.

Esses são os gloriosos benefícios de nosso Criador. Se nós os ponderarmos corretamente, e os abraçarmos com devoção, e os imitarmos com amor ardente, não só recuperaremos as boas coisas perdidas por meio de Adão, mas pela graça inexaurível do Salvador conseguiremos bens muito mais nobres. Pois o próprio Deus, em Cristo, tornou-se nosso irmão mais velho mediante o mistério da encarnação. Portanto, aplique-se incansavelmente à busca da

santidade.

Anselmo, arcebispo de Cantuária, *Livro de meditações e orações*,
meditação 1, seções 1-6

Ó Senhor, torna-me capaz de ponderar todos os teus benefícios. Afasta de mim todas as delícias que possam a ti se opor. Que nenhum consolo do presente me seduza para longe de ti. Envolve-me com teu amor e enche-me de santo anseio. A ti seja dado louvor in nito. Amém.

Anselmo, arcebispo de Cantuária, *Livro de meditações e orações*,
meditação 1, seção 6

PARA REFLETIR: Gn 1.26; Êx 3.14; Ct 1.1, 3; Eclesiástico 47.10 (deuterocanônico); Is 61-10; Lc 17.21; Jo 12.32; 14.4; 15.4; 17.21; 27.21; At 17.28; 1Co 1.30; 3.17; 11.7; 2Co 6.16; Gl 3.27; Ef 5.32

109

(Por que Deus foi feito homem? Por que a encarnação?)

Caro cristão, renascido da morte do pecado, redimido da triste escravidão e liberto pelo sangue do Deus encarnado, considere o significado de sua redenção. Re-ita sobre a Fonte de sua salvação. Prove a bondade de seu Redentor. Irrompa em chamadas de amor por seu Salvador. Saboreie a doçura do mel de sua crucificação e ressurreição com Cristo; ingira a saúde dele.

Cristo, o Bom Samaritano, o curou. Ele, o bom Amigo, o redimiou com sua vida e o libertou. Assim, o poder de sua salvação é o poder de Cristo.

Mas em que consiste esse poder? Você sabe que as mãos dele foram cruelmente atadas aos braços da cruz. Mas, oh, que força reside naquela aparente fraqueza! Que grandeza naquela humildade! Que santidade no desprezo que ele suportou!

Ó força oculta: o Deus encarnado, preso à cruz, conseguiu libertar os fortemente presos pela perpétua morte. Ó velada onipotência: o Deus encarnado, condenado a morrer com ladrões, conseguiu libertar os que foram vandalizados por demônios. Ó divino valor oculto: o Deus encarnado, entregue às mãos da tortura, inúmeras almas conseguiu livrar do inferno.

Anselmo, arcebispo de Cantuária, *Livro de meditações e orações*,

Bendito Senhor, pelo Espírito Santo permite-nos seguir-te em obediência até o Pai.

Não por obrigação assumiste a vergonha da cruz, mas sim por tua livre escolha. Que eu possa render-te a homenagem de um amor agradecido por tua misericordiosa livre escolha em meu proveito. Amém.

Anselmo, arcebispo de Cantuária, *Livro de meditações e*

orações, meditação 11, seções 51-52

PARA REFLETIR: Is 53.1-12; Hc 3.4; Mc 4.35-41; Lc 1.26-33,46-55; 2.1-22; Jo 1.1-18; At 2.14-39; Rm 1.18-31; 1Co 1.15-23; Ef 1.3-14

110

A contemplação do santíssimo nascimento de nosso Salvador transborda de alegria, de misericórdia e de edificação: de alegria, devido ao nosso próprio excelente contentamento; de misericórdia, devido aos sofrimentos de nosso Senhor; e de edificação, devido às lições que a encarnação nos ensina. Pois o que é mais repleto de alegria que a contemplação do Encarnado que, como sabemos, é o Criador da humanidade? O que, além disso, nos deveria parecer mais

surpreendente que ver com os próprios olhos que, na pessoa desse Mediador entre Deus e o homem, nosso Senhor Jesus Cristo, de modo maravilhoso e incompreensível a eternidade passou a morar entre nós?

Nele a majestade está envolta em humildade. Embora eterno no seio do Pai, ele foi concebido no ventre de uma mãe. Do Pai sem começo desde a eternidade, ele nasce no tempo de sua mãe sem um pai humano.

Vejam! Aquele que cobriu a terra com árvores e vegetação, que encadeou o céu com luzes, que povoou a terra e supriu os mares, aqui está envolvido em trapos. Aquele que o céu dos céus não pode conter está congado numa estreita manjedoura e se alimenta com leite materno. Todo louvor seja a Deus, o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que de modo tão maravilhoso e magnífico nos abençoou em Cristo.

Anselmo, arcebispo de Cantuária, *Livro de meditações e orações*, meditação 12, seção 55

Ó Deus de imutável poder e luz eterna, que todo o mundo veja e saiba que todas as coisas estão sendo levadas para sua perfeição por aquele mediante o qual todas as coisas foram feitas, teu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor, que vive e reina contigo, na unidade com o Espírito Santo, um só Deus, para todo o sempre. Amém.

“A apresentação”, Ordenação de um diácono, LOC

PARA REFLETIR: Mt 1.18-25; Lc 2.1-7; Jo 1.1-5; Ef 3.9; Cl 1.16; 1Tm 2.1-5; Hb 1.1-4; 8.16; 9.15; 12.18-24; 1Pe 1.17-21; 1Jo 1.1-4; Ap 1.12-20; 3.14

111

(O Senhor Jesus Cristo é a Sabedoria e o Poder de Deus.)

Ó cena maravilhosa! Em Jesus Cristo a eternidade começa a ser. Ele é a Sabedoria, cuja sabedoria não tem começo nem fim. No entanto, ele, a própria Sabedoria de Deus, avança do menos para o mais. Ele, cuja eternidade não pode ser decrescida, assim como não pode ser acrescida, mora entre nós, seu tempo entre nós sendo medido em dias e horas. O

Autor primordial da graça, seu Preservador e Doador, cresce em graça.

Ele, a quem toda a criação adora e diante de quem todo joelho deve dobrar-se, é sujeitoado a pai e mãe humanos. Ele, a quem os anjos servem, é tentado pelo diabo.

Vejam e sintam-se assombrados! O Pão da Vida sente fome; a Fonte tem sede; o Caminho se cansa; a Magnificência está sujeita à malícia de outrem; o Poder é enfraquecido; a Força se esgota; a Glória Divina é desprezada e escarnecida; o Júbilo lamenta; a Alegria chora ante a morte de um amigo; a Majestade é envolvida na humildade, e a Vida na morte.

Anselmo, arcebispo de Cantuária, *Livro de meditações e orações*, meditação 12, seção 55

Quando, Ó Deus, eu considero todas as tuas maravilhosas obras, tremo de assombro pois tu resplandesces em todas gloriosamente. No entanto, por maior, por mais bela e excelente que seja a criação, ela se apresenta desprovida de beleza quando comparada contigo. Os céus e a terra e toda a grandeza deles subsistem por ti, seu Criador e Governador. Eles proclamam teu poder e plenitude, tua sabedoria e beleza, tua bondade e amor. Como a luz supera as trevas, assim tu transcendes a todas as

criaturas. “Eu te desejo mais que a qualquer coisa na terra.” Amém.

Anselmo, arcebispo de Cantuária, *Livro de meditações e*

orações, meditação 13, seção 62

PARA REFLETIR: Sl 73.25; Mt 4.1-11; Lc 2.41-52; 13.31-35; 22.63-65; Jo 4.1-38; 11.17-44; 19.1-30; At 2.22-36; Rm 11.33-36; 14.9-12; Fp 2.5-11; Hb 2.5-18

BERNARDO DE CLARAVAL

O extraordinário registro de serviços prestados a Cristo e sua igreja por Bernardo de Claraval (1090–1153) destaca-o como um gigante do discipulado e do ensino cristãos. Ele foi um importante líder da igreja na primeira metade do século 12 e continua sendo um eminente guia da espiritualidade cristã. No entanto, nada consta em sua biografia que mostre que Bernardo em momento algum se considerou algo mais que um servo plenamente agraciado do Senhor.

Nasceu em Fontaine-lès-Dijon, numa família da mais alta nobreza que zelosamente cuidou de sua formação. Aos 9 anos de idade, foi enviado para uma famosa escola, onde se destacou no estudo de poesia e literatura, um interesse motivado por seu amor pelas Escrituras. Mais tarde, ele se tornaria um poeta dos sofrimentos de Jesus e da virgindade de Maria.

Em 1112, Bernardo entrou para a Abadia de Cîteaux, onde recebeu uma educação em formação monástica. Em 1115, foi incumbido de estabelecer um novo mosteiro em Claraval, ou o Vale da Luz. Como jovem abade, Bernardo publicou sermões sobre o anúncio do arcanjo Gabriel a Maria. Tais sermões o distinguiram como um talentoso escritor e professor. Sua fama e encanto pessoal atraíram muita gente para Claraval. Mais tarde, ele investiria suas habilidades na reforma de mosteiros cistercienses.

A fama dos talentos de Bernardo se espalhou para além dos círculos monásticos. Governadores passaram a procurar seus conselhos. Seu serviço mais famoso como conselheiro ocorreu em 1130, quando ajudou a resolver a controvérsia que havia causado a divisão no papado e na igreja. Bernardo também se empenhou para pacificar a França e a Inglaterra. Solicitado por um de seus ex-alunos, o papa Eugênio III, em 1145 Bernardo pregou o começo da Segunda Cruzada. Em seus últimos

anos de vida, deixou o leito de enfermo e viajou para Rhineland, a m

de defender judeus perseguidos.

Além dessa extraordinária produtividade que resultou no

estabelecimento de mosteiros cistercienses, Bernardo escreveu muitas obras sobre a formação cristã que tratam do crescimento na santidade cristã. Por exemplo, seu tratado *Sobre o amor a Deus* mapeia o caminho pelo qual a graça divina guia cristãos para o perfeito amor a Deus.

Bernardo morreu em Claraval em 1153.

112

Por que devemos amar a Deus, e em que medida? A razão para amar a Deus é o próprio Deus. E a medida em que ele deve ser amado é imensurável.

Poderia haver maior reivindicação para nosso amor do que Cristo ter-se entregado de livre vontade em favor de indignos pecadores? Que dádiva mais suntuosa poderia Deus nos ter concedido?

Deus não deveria ser amado em retribuição quando consideramos quem amou, a quem amou e quanto amou? Pois quem é aquele que nos amou? Aquele que os cristãos confessam: “Tu és meu Deus”. Essa não é a suprema demonstração daquele amor que se recusa a buscar os próprios interesses?

A quem foi demonstrado esse amor tão inefável? Aos inimigos de Deus, pois “quando ainda éramos inimigos de Deus nosso

relacionamento com ele foi restaurado pela morte de seu Filho”. Foi, portanto, o Deus Todo-poderoso que nos amou livremente e nos amou quando ainda éramos seus inimigos.

E quão grande é o amor de Deus? Ele “amou tanto o mundo que deu seu Filho único”. E que dizer sobre a medida do amor de Deus? Ele

“não poupou nem mesmo seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós”. Essa é a reivindicação que o santo, supremo e onipotente Deus faz de nós que éramos corrompidos. Deus de modo maravilhoso nos ofereceu seu amor para que não tenhamos mais de permanecer em nossos pecados.

Bernardo de Claraval, *Sobre o amor a Deus*, cap. 1

Ó Senhor, meu Deus, concede-me entendimento para te conhecer, zelo para te buscar, sabedoria para te achar, uma vida que seja do teu agrado, perseverança inabalável e uma esperança que um dia será concretizada em tua gloriosa presença. Amém.

Atribuído a Tomás de Aquino, “Orações de São Tomás de Aquino”, 2 Hearts Network

PARA REFLETIR: Sl 16.2; 63.1-8; 73.23-26; Jo 3.16-18; 15.9-17; 17.20-23; Rm 5.10-11; 8.31-39; 1Co 13.5; Cl 1.21-23; 1Jo 4.7-21

113

Nenhum benefício decorre da posse de uma dádiva se a pessoa não sabe que a possui. Mas algumas pessoas que estão cientes da posse de uma dádiva deixam de reconhecer que ela veio de Deus. Pelo contrário, orgulham-se de si mesmas, acreditando que ela resultou de seus esforços. Cometem o pecado da vanglória deixando de gloriar a Deus como o Doador de todas as coisas. O apóstolo Paulo perguntou: “O que você tem que não lhe tenha sido dado?”. Se tudo o que temos é uma dádiva de Deus, então por que nos vangloriar e agir como se ela não nos tivesse sido dada? A glória adequada gloriifica a Deus em tudo, pois somente o Senhor é a Verdade. Reconheça o valor da dádiva, mas não se vanglorie como se ela fosse sua.

Como povo de Deus, devemos saber de nós mesmos primeiro o que somos e segundo que nós não somos. Se os discípulos de Jesus não entendem perfeitamente essa verdade, eles deixarão de gloriar a Deus, e sua gloriificação cairá no vazio. Se os discípulos de Jesus não se rejubilam com gratidão pela dádivas da graça, acabarão vivendo como animais que perecem.

Bernardo de Claraval, *Sobre o amor a Deus*, cap. 2

Permite agora que a ti sejam dados meu louvor e bênção e ação de graças, ó Senhor, meu Deus, por todas as dádivas e bondades, sem mérito algum de minha parte, ou melhor, apesar dos meus pecados. Tu derramaste sobre mim benefícios na alma e no corpo. Tais foram tuas mercês e bondades que agora vejo que tu me abençoaste desde o berço. Mas eu te suplico, Senhor, eu te suplico, jamais permitas que eu seja ingrato por tão grandes benefícios e desatento a tantas mercês. Amém.

Anselmo, arcebispo de Cantuária, *Livro de meditações e*

PARA REFLETIR: Sl 35.18; 50.14; 75.1; Ct 1.8; Jo 14.6; **1Co** 1.31; 4.7; Rm 8.31-32; Ef 5.15-20; Hb 12.13-16; Ap 11.17

114

Se a pessoa ignora o fato de que é distinta das criaturas inferiores pela única razão de que recebeu dádivas especiais de Deus, ela logo trairá sua dignidade conferida por Deus e começará a se comportar como algumas das criaturas. Sua ignorância resultará numa escravidão a paixões, e ela se parecerá cada vez mais com criaturas não criadas à imagem de Deus.

Os cristãos devem ser vigilantes. Não devemos nos colocar nem numa posição muito inferior na ordem divina da criação, nem nos imaginar numa posição muito superior. Este segundo erro decorre de atribuímos insensatamente às nossas conquistas aquilo de bom que possa existir em nós. Mas há um erro congênere e mais grave: o pecado da presunção, que signi ca a usurpação intencional e arrogante da glória de Deus em benefício próprio em decorrência de bens que são exclusivamente de Deus. Se a ignorância pode ser animalesca, a arrogância é satânica.

Para nos guardarmos do pecado da presunção, a virtude precisa ser adicionada à dignidade e à sabedoria. A virtude buscará e encontrará o Autor e Doador de tudo o que é bom.

Bernardo de Claraval, *Sobre o amor a Deus*, cap. 2

Autor e Fonte de toda Vida e Ventura! Nós nos rejubilamos considerando que coisas belas tu realizarás naqueles que a ti se entregam. Quem dera a santa vida do bendito Jesus, e as excelentes graças que nele apareceram de modo tão eminente, sempre fossem o modelo de nossa formação. Que nunca cessemos de buscar a semelhança com o Senhor, até que aquela nova e divina natureza reine em nós. Pois a ti pertence toda glória, honra e adoração, ao Pai, Filho e Espírito Santo, agora e para sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

Henry Scougal, *A vida de Deus na alma do homem*, parte 1

PARA REFLETIR: Gn 1.26-27; 8.21; Êx 20.4; 23.24; Lv 26.1; Dt 5.8; Sl 94.10; 136.25; Lc 12.47; Rm 1.18-32; 8.29; 1Co 15.49; 2Co 3.18; 4.4; Cl 3.10

115

(Do amor e sua recompensa.)

O amor é um afeto da alma, não um contrato. Ele não é dado nem recebido com base num mero acordo. Pelo contrário, o amor é espontâneo em sua origem. Se você ama visando algo mais em recompensa, então o que você realmente ama é aquele “algo mais”.

Paulo não pregou o evangelho desejando ganhar seu pão. Não, alimentava-se ele para ter forças e poder pregar o evangelho. O que ele amava não era o pão, mas o evangelho.

Num nível inferior, é o relutante, e não o ávido, que nós estimulamos com promessas de recompensas. Quem pensaria em pagar uma pessoa

para fazer o que ela já anseia fazer? Ninguém contrataria uma pessoa faminta para comer, uma pessoa com sede para beber, ou uma mãe para amamentar sua criança. Quem pensaria em subornar um agricultor para que ele cuide do próprio vinhedo, cultive o próprio pomar ou reforme a própria casa? Com muito mais razão, quem ama a Deus

verdadeiramente não pede nenhuma recompensa que não seja o próprio Deus. Se essa pessoa exigisse qualquer coisa a mais, estaria amando o prêmio que ela almeja, e não o próprio Deus.

Bernardo de Claraval, *Sobre o amor a Deus*, cap. 7

Eu te amo, ó meu Deus, acima de todas as coisas, porque tu foste tão bom, tão paciente, tão amoroso comigo, apesar de todos os pecados pelos quais te ofendi tão gravemente. Eu te amo, ó bendito Jesus, meu Salvador, porque tu sofreste tanto por mim, um ingrato pecador, e morreste na cruz por minha salvação. Ah, faz que eu te ame cada vez mais e mostra-me meu amor por ti pela obediência el aos teus mandamentos todos os dias da minha vida. Amém.

“Atos de fé, esperança e amor”, Um breve serviço de consolação e esperança para comungantes enfermos, em

Livro de ofícios (1914)

PARA REFLETIR: Sl 18.1-3; 63.1-3,7-8; 84.2-4; Mt 26.36-46; Mc 10.17-27; Lc 14.27-28; Jo 14.20-23; 1Co 13.5; Fp 1.9-11; 1Pe 1.7-9

No início uma pessoa pode “amar” a Deus por causa dos benefícios que recebe, não por quem Deus é. Mas acaso essa pessoa não vê como ela sozinha quase nada pode fazer e como ela depende radicalmente da bondade divina? Esse reconhecimento deveria levá-la a abandonar sua disposição egoísta em relação a Deus. Quando constantes tribulações levam alguém a recorrer a Deus em busca de sua infalível ajuda, será que até mesmo um coração duro como o ferro e frio como o mármore não seria abrandado pela bondade do Salvador? Será que não abandonaria seu egoísta amor a Deus para começar a amá-lo simplesmente por quem ele é? Não seria subjugado pela generosidade da graça de Deus que o convida a amá-lo sem nenhum egoísmo?

Amar a Deus simplesmente por ele ser Deus deve tornar-se algo espontâneo e puro em seus atos. Esse amor é expresso não só verbalmente, mas também em ações. Por meio do amor ao próximo e do uso que fazemos dos bens deste mundo nós retribuimos o amor de Deus. Quando amamos dessa maneira, então amamos como Deus nos

amou. Já não amamos a Deus visando o possível lucro egoísta, mas buscamos as coisas que são de Cristo e que resultam em seu benefício, assim como ele visou não o próprio bem-estar, mas sim o nosso.

Bernardo de Claraval, *Sobre o amor a Deus*, cap. 9

Ó meu Senhor e Deus de toda misericórdia, meu Criador, minha Salvação, minha Vida, minha Esperança, minha Consolação e meu Refúgio, controla e sustenta minha capacidade de livre escolha pela tua graça e pela tua todo-misericordiosa bondade, a fim de que eu não use inadequadamente a liberdade e venha assim a te ofender. Amém.

Anselmo, arcebispo de Cantuária, *Livro de meditações e*

orações, meditação 19, seção 98

PARA REFLETIR: Sl 34.8; 49.18; 118.1; Mt 25.35-40; Lc 10.47; Jo 3.18; 4.42; 15.12; Gl 6.2; Tg 1.17; 1Pe 1.22; 1Jo 3.18; 4.19-20

117

Amar a felicidade do próximo tanto quanto amamos a nossa, eis a verdadeira caridade de um coração puro, uma boa consciência e uma fé transparente. Quem ama o próximo visando a própria prosperidade é desmascarado por não amar o bem por amor ao próprio bem. Uns louvam a Deus porque Deus é poderoso, outros porque seus bens são abundantes, e ainda outros simplesmente por causa da bondade essencial de Deus. Os primeiros são escravos do medo. Os segundo são

gananciosos e cobiçam mais benefícios. Mas o terceiro grupo é constituído por aqueles que são verdadeiros lhos de Deus e honram seu Pai. Os primeiros dois tipos são motivados pelo egoísmo.

Nem o medo nem o egoísmo podem transformar alguém à imagem de

Deus. O medo e o egoísmo podem mudar a aparência de uma pessoa tornando-a parecida com um lho de Deus, e podem até modificar sua conduta, mas nunca mudarão seu coração. Um escravo pode executar a obra de Deus, mas por labutar involuntariamente ele continua sendo escravo. Um mercenário pode servir a Deus, mas por estabelecer o preço do seu serviço ele continua preso à ganância. Onde há egoísmo, há isolamento. O medo constrange o escravo, e a ganância constrange o egoísta. Mas o amor que caracteriza o lho de Deus nunca contabiliza coisa alguma em seu próprio benefício.

Bernardo de Claraval, *Sobre o amor a Deus*, cap. 12

Ó Senhor e Salvador, de quem todos nós recebemos bênçãos e mais bênçãos, aqui e em toda parte, agora e sempre, dispõe os dias de nossa vida na ordem que mais te agrada, e pelo teu Espírito Santo dirige-nos o coração, a língua e as ações pela tua misericórdia, de acordo com a tua vontade. Que nós realmente busquemos, por meio da tua graça, falar e fazer o que te agrada. Amém.

Anselmo, arcebispo de Cantuária, *Livro de meditações e*

orações, meditação 18, seção 91

PARA REFLETIR: Sl 19.7; 49.16-19; 118.1; Mt 6.24; 13.44; Lc 12.15; Jo 12.4-6; 1Co 13.5; Fp 4.11-12; Cl 3.5; 1Tm 1.5; 1Jo 4.8

118

Uma lei está associada ao espírito de escravidão. Sua disposição é o medo. Outra lei existe que tem a ver com o espírito de liberdade. Sua disposição é a ternura e o amor. Os lhos de Deus não vivem de acordo com a primeira lei. E não podem viver sem a segunda. Paulo explicou que nós recebemos um “espírito de adoção”, mediante o qual designamos Deus como nosso Pai, e não um “espírito de escravidão” e de “medo”. Assim, é incorreto dizer que os justos não têm lei alguma, mas que simplesmente a lei da escravidão não se aplica a eles. A lei do medo é imposta aos rebeldes. A lei do amor é dada aos obedientes lhos de Deus. O Deus que é amor é o Autor dela. É por isso que Jesus pôde dizer: “Tomem sobre vocês o meu jugo”. Ele quis dizer: “Eu não lhes vou impor o meu jugo, se vocês estiverem relutantes; mas, se

quiserem, podem assumi-lo”. Sob quaisquer condições que não sejam as da obediência amorosa, o jugo de Cristo produz cansaço em vez de descanso para a alma.

Bernardo de Claraval, *Sobre o amor a Deus*, cap. 14

Ó Deus, Fonte e Origem, Doador e Preservador de todas as virtudes, aumenta em mim, eu te suplico, a verdadeira fé, a esperança infalível, a caridade perfeita; a humildade profunda, a paciência invencível e a perpétua castidade de corpo e mente.

Concede-me sabedoria, justiça, fortaleza e temperança; discrição em todas as coisas e uma sensibilidade vigilante, para que eu possa sabiamente distinguir entre o bem e o mal. Amém.

Anselmo, arcebispo de Cantuária, *Livro de meditações e orações*, meditação 18, seção 90

PARA REFLETIR: Mt 11.29-30; Rm 8.15; 1Co 9.20; Gl 4.1-9; Fp 2.12-15; 1Tm 1.9

119

Nós ouvimos dizer que “o perfeito amor afasta todo medo”. Mas na verdade o amor nunca dispensa um medo que é piedoso. O medo piedoso não destrói a devoção amorosa. Pelo contrário, quando misturado com essa devoção, o medo piedoso a purifica. Nesse caso, o fardo opressivo do medo que antes era insuportável por ser escravizador, torna-se suportável. O medo piedoso é puro e lial. Contrastando com ele, o medo servil gera sofrimento, isto é, a causa e seu efeito. Mais ainda, o amor nunca prescinde do desejo, mas agora o desejo é controlado pelo amor.

O amor aperfeiçoa a lei do serviço infundindo devoção, assim como aperfeiçoa a lei do salário restringindo a ganância.

O egoísmo é restringido dentro de limites apropriados quando controlado pelo amor. Ele agora rejeitará o mal e preferirá o bem. Ele se satisfará com o bem apenas na medida em que promove o melhor. De igual modo, pela graça de Deus as pessoas cuidarão do corpo, não como em si mesmo, mas por servirem ao espírito humano. E cultivarão o bem-estar do espírito apenas na medida em que ele promove o culto a Deus.

Bernardo de Claraval, *Sobre o amor a Deus*, cap. 14

Todo-poderoso, Eterno, Justo e Misericordioso Deus, concede-nos a graça de fazer somente por ti tudo o que sabemos que queres que façamos e sempre desejar o que te agrada. Assim, puri cados e iluminados interiormente, e in amados pelo fogo do Espírito Santo, que nós sigamos as pegadas do teu amado Filho, nosso Senhor Jesus Cristo. E somente por tua graça, que caminhemos para ti, ó Altíssimo, que vives e governas em perfeita Trindade e simples Unidade e é glori cado, Deus onipotente para todo o sempre. Amém.

Francisco de Assis, “Carta a todos os frades” (c. 1224 d.C.),

Escritos de São Francisco

PARA REFLETIR: Sl 34.9-11; 89.7; 111.10; Pv 8.13; 19.23; Is 8.12-13; Mt 5.17; 10.28; Lc 12.4-5; 2Co 5.11-15; 7.1; **1Jo 4.18**

HILDEGARDA DE BINGEN

Na igreja medieval, as mulheres puderam ter voz como visionárias e profetisas, contanto que suas visões e profecias fossem apropriadamente validadas pela autoridade eclesiástica. Hildegarda de Bingen (1098–

1179) foi a mais importante visionária e profetisa do século 12. Graças ao que Deus permitiu que ela visse, ouvisse e entendesse, aos seus dons literários e administrativos, e à sua liderança como abadessa, Hildegarda exerceu uma surpreendente influência na igreja.

Hildegarda era a décima criança nascida de uma nobre e bem relacionada família. Aos 8 anos de idade, foi entregue à igreja por seus pais como um dízimo. Ela foi posta sob os cuidados de mulheres nobres cuja hermética moradia estava ligada a um mosteiro beneditino para homens. Embora pareça ter sido pela maior parte autodidata, Hildegarda obteve um ótimo domínio da Bíblia latina e sabia explorar e articular elmente a doutrina ortodoxa cristã. Sua produção literária é impressionante. Ela escreveu quase quatrocentas cartas endereçadas a praticamente cada uma de todas as pessoas importantes, bem como a gente comum do povo. Escreveu textos que tratam de teologia, botânica e medicina. Também produziu uma peça teatral litúrgica, canções e poemas. Como se isso não bastasse, fundou dois mosteiros. Em 2012, o papa Bento XVI conferiu a Hildegarda o título de doutora da igreja, uma dentre apenas quatro mulheres que receberam esse título.

Em *Vida*, obra que ela ditou por volta de seus 75 anos, Hildegarda diz que desde a infância recebeu visões pictóricas acompanhadas de

relâmpagos e dores lancinantes. As visões perduravam até quando ela estava consciente. Em seguida, elas e seu signi cado lhe eram gravados na memória.

Quando ela estava com 42 anos, Deus mandou Hildegarda registrar suas visões. Ela fez isso em *Scivias* (do latim, *Scito vias Domini*, “Conheça

os caminhos do Senhor”). *Scivias* contém 26 visões divididas em três livros. Uma “declaração de que estas são as verdadeiras visões uindo de Deus” abre a obra, que apresenta vívidas ilustrações das visões, logo em seguida explicadas. Hildegarda faz um relato poético de cada visão.

Depois, repete e explica cada sentença ou frase.

A última obra visionária de Hildegarda foi o *Livro das obras divinas*, inspirado por uma visão avassaladora do amor de Deus.

120

E por que [o Filho de Deus] é [. .] chamado a Palavra? Porque, como uma palavra de comando proferida por um instrutor em meio ao local e transitório pó humano é entendida pelas pessoas que conhecem e pressupõem a razão de quem a proferiu, assim também o poder do Pai é conhecido entre as criaturas do mundo, que percebem e reconhecem nele a Fonte de sua criação, mediante a Palavra que não depende de lugar e é imperecível em sua inextinguível vida eterna; e como o poder e a honra de um ser humano são conhecidos por suas palavras autorizadas, assim também a santidade e bondade do Pai brilham através da Suprema Palavra.

Hildegarda de Bingen, *Scivias*, livro 2, visão 1, seção 5

Ó Pão sagrado! Pão vivo! Pão puro! Unigênito do Pai pelo Espírito! Enche-nos com os frutos da retidão para glória e louvor do Pai. Como os anjos diariamente de ti se alimentam, assim também nós, que somos peregrinos caminhando para aquela bela terra, possamos nos saciar de ti; que diariamente restauremos as energias com teu alimento para não desfalecermos à beira do caminho. Embora a pessoa exterior pereça, tu nos renovas dia após dia, alimentando-nos com o Pão da vida. Amém.

Extraído de uma oração de Ambrósio, bispo de Milão, para o sábado, em “Oração antes da missa”, Willing Shepherds of

PARA REFLETIR: Jo 1.1-18; 6.35-66; 7.25-53; 8.12-59; 17.1-26; Cl 1.15-20; Hb 1.1-14

121

(Hildegarda apresenta uma visão do Cristo glorificado e sua igreja.) E ele avança rumo ao pináculo de inestimável glória, onde fulgura na plenitude de maravilhosa fecundidade e fragrância. Isso é o mesmo que dizer que o Filho de Deus ascendeu para o Pai, que com o Filho e Espírito Santo é o ápice de sublime e absoluto júbilo e contentamento indizível; onde o mesmo Filho gloriosamente aparece a seus eais na fartura de santidade e bem-aventurança, para que eles acreditem de coração puro e simples que ele é verdadeiramente Deus e Homem. E

em seguida realmente a nova Noiva do Cordeiro foi preparada com muitos ornamentos, pois ela devia ser ornamentada com todos os tipos de virtude para a árdua luta de todos os eais, fadados a lutar contra a astuta serpente.

Hildegarda de Bingen, *Scivias*, livro 2, visão 1, seção 17

Ó inexaurível Fonte de todo bem, concede-me reconhecer tua providência que trabalha para nosso bem em todas as coisas e reconhecer que tuas numerosas dádivas são simplesmente as tuas mãos amparando-nos em cada graça. Habilita-me por teu Espírito, por amor, a dedicar a ti tudo o que sou — tudo o que tenho de meu, minha família, minha igreja e minha própria pessoa —, a agir de acordo com teus conselhos, os propósitos de tua graça e os desígnios de tua glória em toda a criação.

Amém.

PARA REFLETIR: Mc 16.9-20; Lc 24.45-53; At 1.1-11; Ef 1.15-23; 1Tm 3.16; Ap 4.1-11; 5.6-14; 19.6-8; 22.7-21

FRANCISCO DE ASSIS

Nenhum herói da igreja pós-Novo Testamento é mais admirado pelos cristãos que Francisco de Assis (1182–1226). Mas o início de sua vida predizia que ele seria lembrado como o lho privilegiado, mimado e negligente de pais ricos, e não como alguém que levou uma vida de pobreza servindo aos pobres e fundou a ordem dos franciscanos.

Francisco era lho de um abastado comerciante de tecidos de Assis.

Na pia batismal recebeu o nome de Giovanni, que depois seu pai trocou pelo de Francesco. O menino recebeu pouquíssima e inútil instrução dos sacerdotes de Assis. Pelo que se sabe, na juventude Francisco foi permissivo e não tinha nenhum interesse por levar adiante os negócios do pai. Belo e encantador, ele oferecia suntuosas celebrações. Seus amigos o rotularam “rei das festas”. O interesse por coisas eternas ao que parece inexistia. Seus interesses mais entusiásticos eram a bravura e a fama militar. Aos 20 anos, lutou numa guerra entre Assis e Perúgia; foi ferido e feito prisioneiro. Seu pai o resgatou, mas só depois de Francisco passar um ano na prisão, onde contraiu malária.

Essa experiência despertou em Francisco a primeira vibração por realidades eternas. Mas, ao se recuperar, o sentimento religioso se esvaiu e a sede de fama cavaleiresca voltou. Ele partiu para juntar-se em batalha ao conde Walter de Brienne. Em Spoleto, porém, Francisco soube da morte do seu herói. Desesperado, sofreu uma recaída de malária. Certa noite, uma voz misteriosa lhe disse que ele estava servindo ao “patrão” errado. Francisco soube que Deus havia falado e não o deixaria se desgarrar. Durante os dois anos seguintes, Deus preparou Francisco para a conversão. Um dia, durante uma cavalgada, Francisco ultrapassou um leproso. Em vez de lhe atirar uma moeda e continuar cavalgando, ele apeou do cavalo, abraçou o leproso e lhe deu todo o dinheiro que tinha. Esse foi o momento que coroou sua

conversão. Em seu leito de morte, numa linguagem que lembra a de Paulo e Agostinho, Francisco atestou que o que aparentemente era amargo havia se tornado doçura. A graça havia vencido.

Depois do encontro com o leproso, enquanto Francisco estava orando numa igreja abandonada, Deus lhe disse: “Vá reformar minha casa arruinada”. Pouco a pouco, Francisco percebeu que Deus o havia orientado para reconstruir o corpo de Cristo. A esse chamado Francisco prontamente se submeteu.

122

(Os excertos a seguir são parte das 28 Admoestações de São Francisco, provavelmente endereçadas a seus irmãos franciscanos.) *Admoestação 2: O mal da vontade própria.* O Senhor Deus disse a Adão: “Coma à vontade dos frutos de todas as árvores do jardim, exceto da árvore do conhecimento do bem e do mal”. Adão tem permissão para comer dos frutos de qualquer árvore do paraíso. Desde que não desobedecesse à ordem do Senhor, ele não pecaria. Quem come da árvore do conhecimento do bem e do mal eleva sua vontade acima da vontade

de Deus e se orgulha de bens que Deus criou e opera nele. Cedendo à tentação do diabo, ele transgride o mandamento do Senhor e prova o mal e a culpa. Torna-se assim necessário que ele sofra o castigo.

Admoestação 6: Da imitação do Senhor. Irmãos, consideremos o Bom Pastor, que para salvar suas ovelhas aceitou o suplício da cruz. As ovelhas do Senhor seguiram-no na tribulação, na perseguição e na vergonha, na fome e na sede, na enfermidade e nas tentações, e em todas as outras formas de sofrimento. Pois seguindo-o desse modo elas receberam do Senhor a vida eterna. Portanto, é uma grande humilhação para nós, os servos de Deus, que, enquanto os santos realmente zeram essas coisas, nós desejemos receber honra e glória simplesmente por narrar os feitos deles.

Francisco de Assis, *Admoestações*,

Franciscan Missionaries of the Eternal Word

D izei, irmãos, dizei seu nome com amor intenso,

Mas com temor e assombro e o respiro suspenso!

Ele é Deus e Salvador, ele é o Cristo Senhor,

A quem sempre devemos fé, com ança e amor.

Caroline M. Noel (1817–1877), Hinário

PARA REFLETIR: Gn 2.15—3.20; Sl 138.6; Pv 6.16-23; Mt 20.21-28; 24.26; Jo 10.1-18; 1Co 3.18; Hb 13.20-21; 1Pe 2.20-25; 5.4

123

Admoestação 7: Boas obras devem acompanhar o conhecimento. O apóstolo diz que “a letra mata, mas o espírito vivi ca” [RA]. São mortos pela letra os que aprendem as Escrituras para poder ser julgados mais sabidos que outras pessoas e com isso obter riquezas para seus parentes e amigos.

São mortos pela letra os que não querem obedecer ao espírito das Escrituras, mas, pelo contrário, preferem saber apenas as palavras a m de as impor a outros. Mas são vivi cados pelo espírito das Escrituras aqueles que não as interpretam de modo egoísta. Por palavras e obras eles devolvem tudo ao Senhor do qual procedem todos os bens.

Admoestação 13: Da paciência. O servo de Deus não sabe de quanta

paciência e humildade dispõe enquanto tudo vai bem. Mas quando aqueles que deveriam tratá-lo com justiça fazem simplesmente o contrário, então ele só dispõe daquela quota de paciência e humildade que ele demonstra nesse episódio.

Admoestação 15: Paz. “Felizes os que promovem a paz, pois serão chamadosinhos de Deus.” São verdadeiros promotores da paz os que, em meio a sofrimentos, ainda mantêm a paz da alma e do corpo pelo amor de nosso Senhor Jesus Cristo.

Francisco de Assis, *Admoestações*,

Franciscan Missionaries of the Eternal Word

Ó Deus Todo-poderoso, tu que amas a humanidade, ouve com misericórdia nossas orações e súplicas. Aceita, então, nossos pedidos para que nos ajudes e nos concedas os desejos de nosso coração que são vantajosos para nós. Revela o evangelho do teu Cristo.

Dá-nos instrução e entendimento; guia-nos no conhecimento de Deus; ensina-nos teus mandamentos e teus caminhos; incute em nós teu puro e salvador temor. Amém.

Liturgia clementina (final do séc. 4),

em *Constituições dos Santos Apóstolos*, livro 8, seção 2.6

PARA REFLETIR: Mt 5.9; 6.2-8; 22.2-33; 1Co 1.26-31; 2Co 3.1-6; 6.4-6; Gl 5.1-26; 6.12-16; Fp 2.3-11; Cl 3.12-13; Hb 6.1-20

124

Admoestação 24: Da verdadeira humildade. Feliz é aquele que se mostra igualmente humilde entre seus empregados como se estivesse entre seus patrões. Feliz é o servo que sempre se sujeita à vara da correção. Esse é um “servo el e sensato”, que não adia a autopunição por todas as suas ofensas, interiormente mediante um espírito contrito e exteriormente mediante a conversão e obras de amor

Admoestação 25: Do verdadeiro amor. Feliz é aquele que ama seu irmão quando ele está enfermo e incapaz de ajudar, como o ama quando o irmão está bem. Feliz é aquele que tanto ama e respeita seu irmão que está ausente como quando ele está por perto.

Admoestação 27 : Como a virtude expulsa o vício. Onde há caridade e sensatez, ali não há nem medo nem ignorância. Onde há paciência e

humildade, ali não há nem raiva nem perturbação. Onde há pobreza com alegria, ali não há nem cobiça nem avareza. Onde há paz e meditação interior, ali não há nem ansiedade nem dissipação. Onde há o temor de Deus protegendo a casa, ali o inimigo não consegue entrar.

Onde há misericórdia e discernimento, ali não há nem excesso nem dureza de coração.

Francisco de Assis, *Admoestações*,

Franciscan Missionaries of the Eternal Word

Ó Pai bondoso e misericordioso, pelo Espírito que habita em nós, abre-nos os ouvidos do coração para que nos exercitemos na tua lei dia e noite; fortalece-nos na piedade; junta-nos ao teu rebanho santo e faz-nos parte dele. Torna-nos partícipes dos teus divinos mistérios, por Cristo, que é nossa esperança, que morreu por nós, por meio de quem glória e adoração sejam dadas a ti no Espírito Santo para sempre. Amém.

Liturgia Clementina (final do séc. 4),

em *Constituições dos Santos Apóstolos*, livro 8, seção 2.6

PARA REFLETIR: Is 12.2; Mt 5.3-10; 6.25-34; **24.45**; Lc 11.21; Rm 14.17-19; 1Co 13.1-13; Fp 4.2-9; Cl 3.15

125

(“O Cântico do Sol”)

Louvado sejas, meu Senhor, por todas as criaturas,

Especialmente pelo Irmão Sol,

Que traz o dia; tu iluminas através dele.

Ele é belo e radiante em todo o seu esplendor!

Contigo, ó Altíssimo, ele tem uma semelhança.

Louvado sejas, meu Senhor, pela Irmã Lua,

E pelas estrelas do céu, pois tu as zeste,

Claras e preciosas e belas.

Louvado sejas, meu Senhor, pelo Irmão Vento,

*E pelo ar, nublado e sereno,
E de cada tipo de clima pelo qual
Tu dás sustento a todas as tuas criaturas.
Louvado sejas, meu Senhor, pela Irmã Água,
Que é muito útil e humilde, preciosa e casta.
Louvado sejas, meu Senhor, pelo Irmão Fogo,
Com o qual tu iluminas a noite; ele é belo
E brincalhão, robusto e forte.
Louvado sejas, meu Senhor, pela Irmã Terra,
Que nos sustenta e governa, e que produz
Variados frutos com ores e ervas coloridas.
Louvado sejas, meu Senhor,
Pelos que perdoam por causa do teu amor.
Louvem e bendigam meu Senhor,
E rendam-lhe graças,
E sirvam-no com grande humildade. Amém.
Francisco de Assis, “Cântico do Irmão Sol”,*

PARA REFLETIR: Êx 15.2; Jz 5.3; Sl 7.17; 33.4-9; 65.8-13; 69.34; 89.5; 98.4; 104.1-35; 148.1-14; Rm 8.22-25; Ap 5.12

MESTRE ECKHART

Um dos mais controversos teólogos medievais exerceu um impacto profundamente positivo na espiritualidade cristã. Mestre Eckhart (c.

1260–1327) teve uma in uente e tormentosa vida de escritor, professor e administrador. Sua atração continua, como ca comprovado por uma vigorosa Sociedade Mestre Eckhart e entusiásticas publicações sobre ele.

Dag Hammarskjöld, ex-secretário geral da ONU, sempre tinha as obras de Eckhart à sua cabeceira.

Johannes Eckhart foi o maior místico alemão medieval. Por volta dos 50 anos de idade, ingressou na ordem dos dominicanos e estudou teologia. Foi fortemente in uenciado pelo grande teólogo dominicano Tomás de Aquino (c. 1225–1274) e também pelo neoplatonismo, fonte esta que gerou desa os à sua ortodoxia.

As habilidades de Eckhart foram atreladas a muitas tarefas. Depois de um período ensinando em sala de aula, de 1294 a 1298, ele serviu como prior (chefe de uma ordem religiosa) do convento de Erfurt.

Simultaneamente, desempenhou o cargo de vigário da Turíngia. Em 1302, sua ordem lhe conferiu o grau de mestre em teologia. Em 1303, Eckhart foi eleito superior provincial da Saxônia, sendo reeleito em 1307. Ele também foi nomeado vigário-geral da Boêmia. Em 1311, reassumiu sua atividade didática na Universidade de Paris. De 1314 a 1317, ensinou e pregou em Estrasburgo e pregou em Colônia. Em 1317, Eckhart tonou-se prior em Frankfurt e, em 1320, retornou como professor de sua ordem para Colônia.

Os escritos de Eckhart examinam o relacionamento entre a alma individual e Deus. Sua maneira de explicar esse relacionamento às vezes lhe criou problemas; alguns de seus ensinamentos pareceram panteístas (a crença segundo a qual não há diferença entre Deus, o mundo e a alma, existindo apenas uma única essência divina que envolve tudo.) O

misticismo dessa natureza tenta transcender a “aparente diferença”

entre Deus e a alma. Em 1326, Eckhart retratou-se de algumas de suas proposições. Morreu em Avignon em 1327, enquanto tentava defender sua ortodoxia perante o papa. Havia percorrido oitocentos quilômetros a pé para defender-se. Estudiosos modernos consideram o misticismo de Eckhart ortodoxo em termos gerais. Em agosto de 1992, o mestre da ordem dos dominicanos, frei Timothy Radcliffe, declarou Eckhart “um bom teólogo ortodoxo”.

126

As obras da Santa Trindade na criação e redenção estão

inseparavelmente associadas. Quando o Pai nos atrai, ele nos atrai para o Filho. Quando o Filho nos atrai, ele nos atrai para o Espírito Santo. O

Espírito Santo nos atrai para o Pai e o Filho. Quando cada pessoa nos atrai para as outras duas pessoas, ela também nos atrai para si porque só existe uma única Divindade. Somos atraídos pelo Deus trino com cordas de poder, sabedoria e amor. O Pai nos atrai pela bondade de sua graça e com isso demonstra seu incalculável poder. O Filho nos atrai e com isso mostra sua insondável sabedoria, pois ele é a Sabedoria do Pai. O

Espírito Santo nos atrai por seu imutável amor.

O Filho desceu do céu para encarnar-se na Virgem Maria. Assumiu plenamente nossa humanidade, nossa fraqueza física, mas sem pecado.

Com suas palavras, obras, paixão, membros e nervos, Cristo fez uma corda poderosa. Depois, com suor de sangue pingando de sua sagrada frente, usou a corda para nos puxar para perto de si. Abandonou toda a sua glória, foi estendido sobre uma cruel cruz, e ali eliminou tudo o que visa impedi-lo de nos atrair para a redenção.

Mestre Eckhart, “O atrativo poder de Deus,”

em *Sermões de Mestre Eckhart*, sermão 1

Glória seja ao Pai,

Que por seu onipotente poder e amor nos criou.

Glória seja ao Filho,

Que com seu precioso sangue nos resgatou da domínio das trevas.

Glória seja ao Espírito Santo,

Que elemento dá testemunho de Cristo

E diariamente santifica a igreja de Deus conforme prometido. Amém.

PARA REFLETIR: Os 2.16-23; 11.1-4; 14.4-9; Jo 3.16-18; 6.41-51; Rm 11.33; 16.25-27; 1Co 1.18-31

127

O reino de Deus está perto de nós; também está em nós. O que significa o reino de Deus estar em nós? Se eu fosse um rei, mas não soubesse disso, eu seria realmente um rei? Mas se eu estivesse plenamente convencido de ser um rei, e todos a rmassem minha realeza, então eu certamente seria um rei. Toda a riqueza da realeza seria minha.

De igual modo, nossa salvação depende de nosso conhecimento e de nossa a rmação do Bem Supremo, que é o próprio Deus.

Nossa alegria deriva, não do fato de Deus estar perto, mas do fato de nós realmente o conhecermos, de reconhecermos sua presença, e do fato de ele nos possuir. Nossa alegria aumenta ou diminui de acordo com nosso conhecimento de que Deus nos ama.

O reino de Deus nada mais é que a vinda do próprio Deus, com todas as suas riquezas. Quando passamos a saber que o reino de Deus não está apenas perto, mas está em nós, não precisamos mais de nenhuma interferência humana para nos convencer; temos certeza interior pela dádiva da vida eterna. Então somos capazes de dizer com Jacó: “Deus está neste lugar, e eu não havia percebido”.

Mestre Eckhart, “A proximidade do reino”,

em *Sermões de Mestre Eckhart*, sermão 2

Ó Mestre, Cristo nosso Deus, Rei do séculos e Mestre de todas as coisas, nós te agradecemos o privilégio de participar do vivi cante mistério da salvação. Pelo poder do Espírito Santo, mantém tua igreja sob tua proteção, à sombra de tuas asas. Faz que nós, com uma consciência pura, sejamos fortalecidos com poder e paciência e alegremente rendamos graças ao Pai, que nos fez herdeiros do reino da luz. Bendito seja o reino do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.

PARA REFLETIR: Gn 28.10-17; Mt 5.3,10; 6.9-13; Mc 9.45-47; Lc 8.1; 17.20-21; 18.17; 21.29-36; Cl 1.9-23; 1Ts 2.12

128

A graça é um dom de Deus; ela opera nas profundezas da alma que utiliza esse dom. A graça é uma luz que se propaga; atua sob a orientação do Espírito Santo. A luz divina do Espírito permeia a alma e a eleva acima do tumulto das coisas temporais, para repousar em Deus.

Nós recebemos a luz de Deus pela qual a alma progride como se houvéssemos recebido um presente nupcial de Cristo. A luz natural promove o crescimento de plantas e ores. A luz do Espírito Santo brilhando nos dis cúpulos de Jesus produz o fruto da bem-aventurança.

O fogo converte a madeira em sua semelhança, assim como o amor de Deus produz sua semelhança em nós. A paz, a liberdade e a bem-aventurança que Deus promete resultam da permanência na vontade dele. Em busca dessa união perfeita a alma trava uma luta sem tréguas.

Sabemos que quanto mais forte soprar o vento, tanto maior será o incêndio. Ora, entendam que o amor é o fogo em nossa alma e que o Espírito Santo atíça a chama. Quanto mais livre for o Espírito Santo para atuar em nós, tanto maior será a fogueira do amor. A alma cresce gradativamente à semelhança de Cristo pela graça de Deus.

Mestre Eckhart, “Moral exterior e interior”,

em *Sermões de Mestre Eckhart*, sermão 7

Faz brilhar em nosso coração, ó Mestre que amas a humanidade, a luz incorruptível do teu divino conhecimento, e abre-nos os olhos da mente para compreendermos a proclamação do teu evangelho. Incute igualmente em nós o temor dos teus mandamentos, para que, esmagando os desejos carnis, busquemos um estilo de vida santo, considerando e fazendo tudo o que é do teu agrado. Ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo nós endereçamos glória, agora e para sempre, e pelos séculos dos séculos. Amém.

João Crisóstomo, em *A divina liturgia de São João Crisóstomo*, The Orthodox Christian Page

PARA REFLETIR: Jo 1.16-17; 8.10-14; 12.44-50; Rm 3.23-24; 5.14-21; 1Co 15.9-11; 2Co 3.3; 4.6; 8.7-9; Gl 4.6; Jo 4.4-10

Para produzir uma verdadeira liberdade moral, a graça divina e a vontade humana devem cooperar. Tal como Deus é o Primeiro Motor

da natureza, assim também ele cria em nós o poder de nos movermos livremente em sua direção. A graça liberta nossa vontade para que façamos qualquer coisa, atuando pela graça. Assim a vontade chega à verdadeira liberdade por meio do amor, ou mais corretamente, ela se torna amor, pois o amor une a vontade com Deus. Toda verdadeira moral cristã, interior e exterior, tem o amor como substância; o amor é o fundamento dos mandamentos de Deus.

A moral deve ser construída sobre esse fundamento, não sobre interesses egoístas. Sempre que a moral é construída sobre algo diferente do amor a Deus, ela não é livre, pois nesse caso falta-lhe aquela liberdade interna que se manifesta nas obras do amor. A verdadeira liberdade é o governo da natureza, interior e exterior, por meio de Deus. O amor muitas vezes começa com o temor. Mas não deve terminar ali. O temor é como a semente do sapateiro puxando a linha que costura o couro; o m é o amor.

Nenhuma lei externa é necessária para a pessoa justa, porque ela cumpre a lei interiormente. Traz a lei em seu espírito. Isso é o que está reservado para os que são iluminados por Deus e pelas Sagradas Escrituras.

Mestre Eckhart, “Moral exterior e interior”,

em *Sermões de Mestre Eckhart*, sermão 7

Ó Espírito de Vida, Ó Espírito de Deus,

Pela divina Palavra nossa alma ilumina;

Dá-nos conhecer a radiante luz divina;

Conduz-nos até Cristo, que reina lá nos céus:

Ó Espírito de Vida, ó Espírito de Deus.

Johann Niedling (1602–1668), da trad. de John Caspar

Mattes (1913), Hinário

PARA REFLETIR: Mt 22.34-40; Lc 12.48; Jo 8.32; Rm 8.1-17; 12.1-2; 13.8-10; 1Co 15.10; Gl 2.19-21; 5.1-6; Fp 7.11

A moral exterior bem como a interior ajuda a formar a verdadeira liberdade cristã. Estamos corretos quando enfatizamos principalmente a pessoa interior. Mas neste mundo não existe santidade interior sem sua expressão exterior. O trabalho interior é, antes de tudo, o trabalho da graça de Deus nas profundezas do espírito humano. Mas essa graça e esse trabalho devem ser distribuídos pela totalidade da pessoa, em nossa razão como fé fortalecida, em nossa vontade como amor a Deus e ao próximo, e em nossos desejos como firme esperança. Quando a luz divina penetra o espírito humano, o espírito humano se une a Deus como luz que se une à luz. Essa é a luz da fé, produzida pela graça de Deus, que nos eleva às alturas da livre obediência inalcançável pelos meros esforços humanos.

Nosso espírito deve voltar-se para Deus assim como voltamos o rosto para o sol a fim de absorver seu calor. Então podemos absorver o amor de Deus. Como Deus só pode ser visto por sua própria luz, assim também ele só pode ser amado por seu próprio amor. Mediante o Espírito Santo todas as graças redentoras são implantadas em nossas feições humanas. O Espírito nos transfere para fora do pecado e para dentro da vida da graça.

A essência da moral reside na pessoa interior, não na exterior, na força da vontade da qual ela emana, e na nobreza do objetivo pelo qual ela é praticada.

Mestre Eckhart, “Moral exterior e interior”,

em *Sermões de Mestre Eckhart*, sermão 7

Bem junto de Deus caminhar quem dera!

Que quadro tranquilo e tão celestial,

Brilhando uma luz por todo o caminho

Que ao fim ao Cordeiro vai me levar.

William Cowper (1731–1800), Hinário

PARA REFLETIR: Rm 5.1-10; 8.18-28; 15.13-14; Ef 1.15-23; 2Co 5.16-21; 2Ts 1.1-12; 1Pe 4.1-11; Jd 1.12-25

JOÃO DE RUYSBROECK

Mônica, mãe de Agostinho; Antusa, mãe de João Crisóstomo; e Susana, mãe de John Wesley: três mães que tiveram papéis importantes na formação de líderes cristãos. A mãe de João de Ruysbroeck (c. 1293–

1381) é outra. Desde a infância de João ela o instruiu no caminho da santidade cristã. Nascido em Ruysbroeck, perto de Bruxelas, ele foi o mais importante místico amengo (grupo de dialetos do neerlandês falado na histórica região de Flandres). Seus escritos são considerados clássicos da espiritualidade cristã.

Aos 11 anos de idade, João saiu de casa e tornou-se aluno de seu piedoso tio, João Hinckaert, um sacerdote e cônego da Igreja de Santa Gúdula, em Bruxelas. Juntamente com um colega sacerdote, Francis van Coudenberg, Hinckaert se havia comprometido a levar uma vida de simplicidade apostólica. A educação que João de Ruysbroeck recebeu preparou-o para o sacerdócio. Foi ordenado em 1317. Durante 26 anos, João, o tio e van Coudenberg viveram na austeridade e no isolamento monásticos. João continuou seus estudos e escreveu livros que se tornariam o alicerce de seus ensinamentos. Sua obra-prima, *Os adornos do casamento espiritual*, consiste em três livros que tratam da vida ativa, da vida interior e da vida contemplativa.

Nessa época, João defendeu a fé ortodoxa contra erros doutrinários que eram propagados pelos Irmãos do Livre Espírito. Em parte por causa da oposição resultante de sua defesa da fé, e em parte por causa de um desejo de maior solidão, João, acompanhado de seu tio e van Coudenberg, mudou-se para um eremitério perto de Soignes, na Bélgica. Muitos discípulos os seguiram, e o resultado foi a formação de um mosteiro. João foi eleito prior (chefe de uma ordem religiosa).

Obras escritas por ele durante esse período são *A pedra faiscante*, *O pequeno livro da iluminação* e *O livro das doze beguinhas*.

A forma de misticismo adotada por João suscitou questões problemáticas sobre sua ortodoxia. Algumas passagens soam panteístas (isto é, a crença de que não existe nenhuma diferença essencial entre Deus e sua criação.) Outras parecem negar que Deus é essencial e eternamente trino. Numa avaliação geral, porém, a igreja o julgou ortodoxo. Durante sua vida, seus escritos foram avidamente recebidos, e sua fama de líder espiritual se espalhou pela Holanda, Alemanha e França.

Algumas pessoas recebem os dons de Deus como mercenários; outras, como seus lhos éis. Elas diferem na intenção, no sentimento, no amor e em cada movimento da vida interior. Aqueles que amam a si mesmos tão desordenadamente que se negam a servir a Deus, a menos que uma recompensa seja de fato prometida, com efeito separam-se de Deus. São escravos do próprio egoísmo; procurando Deus, eles na verdade promovem a si mesmos. Em suas orações e boas obras, cobiçam recompensas físicas. Ou talvez lutem por coisas eternas, mas por motivos egoístas.

Voltadas para dentro de si, essas pessoas moram sozinhas. Não têm o verdadeiro amor que poderia uni-las a Deus e ao próximo. Persistem na lei e nos mandamentos, mas são estranhas à lei do amor. Sua obediência procede não do amor, mas de um desejo de evitar a condenação. Por serem interiormente in éis, essas pessoas não ousam con ar em Deus.

Orações e boas obras, praticadas para desvencilhar-se do medo, não ajudam de forma alguma, pois quanto mais amam a si mesmas, tanto mais elas temem o inferno. Seu medo nasce do amor-próprio, não do amor a Deus.

Há solução para uma vida tão triste. A única coisa que falta é um amor puro pelo próprio Deus que aniquila a autossoberania. Esse amor requer uma vida interiormente transformada.

João Ruysbroeck, *A pedra faiscante*, cap. 6

Ó Senhor, meu Deus, ouve minha oração, e permite que tua misericórdia dê atenção ao meu desejo, pois ele não se preocupa só por mim, mas gostaria de servir à caridade fraterna. Eu sacri caria por ti o serviço do meu pensamento e da minha língua; concede-me o que eu possa te oferecer em retribuição. Pois sou “a ito e necessitado”; tu és rico para todos os que te invocam. Tu não sofres com preocupações, mas te preocupas conosco. Amém.

Agostinho, bispo de Hipona, *Confissões*, livro 2,

cap. 2, seção 63

PARA REFLETIR: Dt 11.13-15; Sl 37.4; **86.1**; Mt 19.16-22; Lc 6.27-38; Jo 14.15-21; Rm 15.1-3; 1Co 2.9; 2Co 5.14-15; 1Jo 3.17

compaixão ante as necessidades espirituais e físicas de outras pessoas. Os diversos sofrimentos de nosso Senhor despertam os cristãos para a compaixão. As múltiplas formas de opressão dos pobres; a dor causada pela perda de familiares, amigos, bens, honra e paz; e os incontáveis sofrimentos que a igem a humanidade despertam a compaixão dos justos.

Quem é compassivo é um símbolo dos sofrimentos de Cristo, de sua escolha da cruz, de seu amor, de suas feridas e ternura, da dor e da vergonha que ele suportou. A compaixão cristã dá testemunho dos cravos nas mãos de nosso Senhor, de sua coroa de espinhos e de sua misericórdia mostrada ao ladrão crucificado.

A compaixão deve levar o cristão a olhar para dentro de si. A verdadeira compaixão nos leva a confrontar as falhas que cometemos, as oportunidades que desperdiçamos, e também nossas imperfeições morais. Essa honestidade torna a compaixão autêntica. A compaixão observa os erros e desordens de nossos semelhantes e nos leva a orar por eles.

Deus determinou a compaixão antes de todas as outras virtudes. Por isso Cristo disse: “Felizes os que choram, pois serão consolados”.

João Ruysbroeck, *Os adornos do casamento espiritual*, livro 1, cap. 18

Ó Senhor Jesus, tu nos disseste em tua Palavra que nós podemos entender o amor divino vendo como tu deste tua vida por nós. E tu nos disseste claramente que no grande dia do juízo tu não reconhecerás, como sendo um dos teus, ninguém que não reconhece tua presença naqueles que têm fome e sede, nos estrangeiros e desnudos, nos doentes e prisioneiros. Molda-nos de tal maneira que naquele grande dia tu venhas a reconhecer o amor de Deus morando em nós. Amém.

PARA REFLETIR: Mt 5.4; 9.36-38; 18.23-34; 25.31-46; Lc 10.25-37; Gl 6.2; Ef 4.19; Cl 3.12; Tg 2.1-13; 1Pe 4.10; 1Jo 3.14-18

133

Da compaixão nasce a generosidade. A generosidade brota

espontaneamente de um coração tocado pela caridade e piedade. Jorra da reexão sobre a compaixão, os sofrimentos e as dores de Cristo. Tal reexão nos impele a louvar e adorar nosso Senhor por seu amor e seus sofrimentos. Em alegre e humilde entrega nós nos damos a ele, de corpo e alma, pelo tempo e para a eternidade.

Se um cristão re etir sobre o bem que Deus fez por ele, e se considerar suas próprias falhas, em seguida ele deve mergulhar na generosidade de Deus. O tornar-se uma pessoa generosa decorre do refugiar-se na delidade e misericórdia de Deus e do voltar-se para ele com con ança determinada a servi-lo para sempre. O cristão que age assim ora a Deus com fé ardente. Por meio dele, dádivas divinas uirão generosamente para outros. O que se espera é que, em consequência disso, outras pessoas se voltem para a verdade e passem a conhecer nosso Redentor.

A pessoa generosa notará com compaixão as necessidades dos outros.

Com prudente discrição, ela serve, doa e consola, na medida do que lhe é possível.

João Ruysbroeck, *Os adornos do casamento espiritual*, livro 1, cap. 19

Com todo o coração e voz eu te suplico, ó Deus Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que tua graça abundante nos permita perceber na encarnação do teu Filho tanto tua dádiva quanto seu amor, e que todos possam entender a verdade de que por nós teu Filho, nosso Senhor Deus, nasceu e sofreu e ressuscitou. Que a benevolência dele sempre produza em nós um amor crescente. Concede-nos compreender correta e sabiamente as bênçãos da compaixão de nosso Redentor. Amém.

João Cassiano, *Sete livros sobre a encarnação de Nosso Senhor*, livro 7, cap. 31

PARA REFLETIR: Mt 5.42; 6.1-4; 25.34-40; Lc 3.10-11; 6.38; At 20.35; 2Co 8.7-9; Ef 4.28; 1Tm 6.17-19

JULIANA DE NORWICH

Como Melquisedeque, cuja importância vai muito além das informações que temos sobre sua biogra a, pouco sabemos sobre a mística inglesa Juliana de Norwich (c. 1342–1416). Ela foi provavelmente uma monja beneditina que passou a maior parte da vida como anacoreta (pessoa que faz voto de viver reclusa para dedicar-se à oração e à contemplação) num pequeno quarto contíguo à Igreja de São Julião em Norwich, na época uma grande e próspera cidade inglesa. Juliana devotou sua vida à oração e à meditação. Se não fosse por seu livro *As dezesseis revelações do amor divino*, ela seria provavelmente desconhecida.

Num único dia em 1373, Juliana teve quinze visões, e mais uma no dia seguinte. Em 1393, escreveu o livro que registra e explica suas

extáticas visões do amor divino. Entrando em êxtase, estado que caracteriza a experiência mística, Juliana teve visões dos veementos sofrimentos do Senhor e também da Trindade. Durante vinte anos ela re etiu muito sobre o signi cado das visões: elas revelavam as profundezas do incondicional amor de Deus por nós, manifestado em Jesus Cristo.

Juliana pôde perceber como o entendimento do amor de Deus propicia respostas à questão da vida, particularmente à presença do mal na criação.

As visões em si são até certo ponto intrigantes. Só conseguimos entender o que ela viu por meio das explicações de Juliana. Ela foi provavelmente influenciada por *A nuvem do desconhecimento*, um livro do século 14 sobre o misticismo cristão. Também sofreu a influência de uma escola conhecida como neoplatonismo, que acabou se tornando a síntese do platonismo e da teologia cristã e que, de alguma forma, tinha um profundo interesse na elevação da alma até alcançar uma união com Deus.

No parágrafo final das *Revelações do amor divino*, Juliana resume suas visões: “Eu vi com certeza que até mesmo antes de Deus criar a humanidade, ele nos amou; que seu amor nunca diminuiu, nem jamais diminuirá. Todas as obras de Deus, inclusive a criação, são realizadas por amor. Ele criou todas as coisas em nosso proveito. Embora nós tenhamos tido um princípio, o amor de Deus é eterno. Tudo isso nós veremos numa visão definitiva” (cap. 86).

134

O Senhor me concedeu uma visão do seu delicado amor. Eu vi que de todas as formas ele é bom e benéfico. Seu amor é a roupa que nos agasalha, nos segura e nos encerra.

O Senhor pôs em minha mão uma pequena bolinha do tamanho de uma avelã. Eu perguntei: “O que significa isto?”. Ele respondeu: “É uma representação de toda a criação”. Enquanto a olhava, senti medo de que a coisinha pudesse desaparecer. O Senhor respondeu: “Ela não desaparecerá; está assegurada pelo meu amor. Toda a criação está encerrada no meu amor”.

Aprendi três coisas sobre a criação: Deus a fez, ela a ama, e ele a guarda. Eu jamais poderei descansar completamente ou provar a plenitude da alegria do Senhor antes que isto se torne uma verdade a meu respeito: Deus é meu Criador, meu Amor e meu Protetor. Não

deve haver nenhuma distância entre mim e o amor de Deus.

Se não descansamos em Deus, que é todo-poderoso, todo-sábio e todo-amoroso, nós procuramos descanso em coisas nitas. O Senhor é nosso Descanso, e ele se satisfaz quando com amos nele plenamente.

Em nada mais pode a paz ser encontrada. Não podemos descansar se não nos esvaziarmos de coisas que falsamente alegam nos trazer paz.

Juliana de Norwich, *Revelações do amor divino*, revelação 1, cap. 5

Ó Deus, todas as tuas obras te louvam. Permite-me ser incluído entre tuas santas obras, parecer-me com elas em virtude e aspiração e sentar-me com elas aos pés de Jesus. Que minha fé se fundamente em tua Palavra; que meu entendimento seja iluminado por teu Espírito; que todas as minhas aspirações sejam santas, meus motivos sejam examinados por ti, e meu coração sempre se harmonize com tua vontade. Que minha vida mostre teus recursos e ornamento a doutrina de Deus.

Amém.

PARA REFLETIR: Sl 24.1-2; 31.19; 33.5; 34.1-22; Na 1.7; Jo 1.1-5; Rm 8.28; 11.36; 1Co 8.6; Cl 1.15-20; Hb 11.4; Ap 4.11

135

Deus me mostrou que é muito mais importante adorá-lo, deleitar-se em sua bondade e agarrar-se à sua graça do que se preocupar com a mecânica da oração. A verdadeira oração implica aprender a agarrar-se à bondade de Deus com amor constante. É possível concentrar-se tanto em “como” orar que camos privados da adoração e do descanso na bondade de Deus.

Nós lhe agradecemos o amor que ele demonstrou na cruz, sua bondade in nita e a vida eterna que ele nos concede. Nós o louvamos pela igreja triunfante, os santos que nos precederam na glória e oram por nós perante o Pai. Ele se compraz quando nós o procuramos e o adoramos.

Exultar na bondade de Deus é a mais elevada forma de oração. Sua bondade atinge as profundezas de nossas necessidades; ele nos dá sua vida, fortalece em nós sua graça e cultiva em nós a virtude cristã. Deus nada despreza de sua criação. Verdadeiramente, seu amor ultrapassa a compreensão.

Deus quer que nos ocupemos com o conhecimento dele e exploremos

seu amor até que nosso conhecimento e amor sejam aperfeiçoados no céu.

Juliana de Norwich, *Revelações do amor divino*, revelação 1, cap. 6

Como Isaque carregou a lenha para o holocausto, assim também Jesus carregou o lenho da cruz. Como Isaque voltou vivo, assim também tu, ó Cristo, ressurgiste vivo dentre os mortos e apareceste a teus santos discípulos. Que tu agora nos abençoes para que, com um coração puro, uma alma iluminada, um rosto con ante, uma fé sincera, um amor perfeito e uma firme esperança, ousemos com coragem, sem medo, dirigir a ti nossa oração, ó Deus, nosso Pai Santo. Amém.

Basílio Magno, “Quinta-feira santa”, *Liturgia de São Basílio*, CopticChurch.Net

PARA REFLETIR: 1Cr 16.32; Sl 64.8; Is 49.13-23; Mt 6.5-15; Lc 11.9-13; Ef 6.8; Fp 4.4; 6-7; Tg 5.16; 1Jo 5.14-15

136

(Juliana obteve a permissão de entender o assombro divino vivenciado pela Virgem Maria na anunciação.) Ao contemplar a glória do Senhor, Maria foi tomada de santo temor. Chocou-se perante a própria indignidade. Como poderia ela, tão humilde e tão simples, tornar-se a mãe de nosso Senhor? Ao mesmo tempo, foi ela inundada com a graça e a verdade de Deus.

Como é incompreensível que Deus, que é tão santo, tão poderoso e tão assustador, seja, no entanto, tão amoroso, tão bondoso, tão confortante e tão atencioso!

O Senhor me explicou isso. E se um rei poderoso acaso se mostrasse a um de seus pobres servos? E se o rei o tratasse com benevolência, o incluísse em seu conselho particular e de bom grado se revelasse completamente a seu servo? Como responderia o servo? Ele diria: “Que mais poderia meu poderoso Senhor ter feito por mim? O que poderia inspirar mais adoração e alegria do que o fato de meu senhor se revelar pessoalmente a alguém tão humilde, tão simples? Isso causa mais alegria do que se ele me tivesse conferido presentes dispendiosos”.

E não deveria nosso coração se encantar até mais com a grande bondade mostrada por nosso Senhor Jesus Cristo? Nossa maior alegria deveria ser o fato de que ele, embora sendo o maior e o mais poderoso, o mais nobre e digno, na encarnação tornou-se por nós o

mais humilde, o mais benevolente e o mais redentor.

Juliana de Norwich, *Revelações do amor divino*, revelação 1, cap. 7

Ó meu Deus, Pai de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, ilumina-me com tua fé salvadora, alegra-me e fortalece-me com tua alegre e infalível esperança, e estimula-me com teu poderoso e santíssimo amor. Amém.

PARA REFLETIR: Sl 75.1; 106.1; 136.1-3; Is 53.1-12; Mt 9.2-7; Lc 1.46-55; 8.22-25; 14.15-24; Rm 5.1-10

137

Eu ouvi estas palavras: “O inimigo está derrotado”. Em seguida me foi dado ver como, em sua paixão na cruz, Cristo suportou todo o desdém e malícia que o pecado e Satanás conseguiam atirar nele. Mas nosso Senhor devolveu um desprezo e oposição ainda maiores contra Satanás, tanto isso é verdade que ele derrotou o antigo inimigo.

Hoje, Satanás fomenta a mesma malícia contra Cristo e seus seguidores como antes da encarnação, sobretudo quando vê nosso Senhor destruindo seu reino satânico e libertando seus prisioneiros.

Cristo transforma os ataques de Satanás contra os cristãos em alegria e bênçãos. Ele humilha o tentador. O próprio poder de Satanás de prejudicar os cristãos foi feito prisioneiro por nosso Senhor. Assim como Cristo desprezou com êxito a malícia e perversidade de Satanás, ele quer que, graças ao seu poder divino, também seus discípulos façam o mesmo.

Tendo visto o desprezo de nosso Senhor pela malícia de Satanás, tendo-o visto subjugar terminantemente o poder de Satanás, e depois de ouvir que esse é o poder e o padrão pelos quais os cristãos devem pautar sua vida, nós deveríamos soltar uma sonora gargalhada ante a magnitude da vitória de Cristo e a derrota de Satanás. Os cristãos deveriam rir-se de Satanás. Essa risada vitoriosa dos Ihos de Deus me proporciona grande prazer.

Juliana de Norwich, *Revelações do amor divino*, revelação 5, cap. 13

Querido Salvador do Mundo, ajuda-nos a nos rejubilar em ti, a Força de nossa salvação, a Causa de nossa liberdade, o Preço de nossa Redenção. Éramos cativos, mas tu nos redimiste; éramos escravos, mas tu nos libertaste; éramos exilados, mas tu nos trouxeste para casa; estávamos mortos, mas tu nos restauraste para a vida. Aleluia!

Nesta e na futura vida, nossa alegria será completa. Amém.

Anselmo, arcebispo de Cantuária, *Livro de meditações e orações*, meditação 11, seção 52

PARA REFLETIR: Mt 28.16-20; Lc 8.26-39; 9.37-43; 10.17; Rm 8.37-39; 16.17-20; Cl 2.13-15; Tg 4.7; Ap 19.1—20.10

138

Considerando-se que Cristo é a Cabeça que governa a igreja e seus membros, ele é gloriado e sua obra é completa. Mas, considerando-se que ele deseja a redenção de todas as pessoas, a obra de Cristo é incompleta. Ele continua com o mesmo desejo, a mesma sede e o mesmo anseio que sentia enquanto padeceu na cruz. E continuará sentindo essa sede até que a última pessoa a ser redimida tenha recebido a redenção.

Assim como Deus mostra compaixão e piedade, também assim nele existe uma sede e um desejo ardente de redenção para todas as pessoas.

Se não fosse por esse anseio divino, ninguém poderia chegar ao Redentor. A compaixão e piedade de Deus, sua sede e anseio, nascem de sua bondade sem limites; isso nos atrai para sua beatitude.

Juliana de Norwich, *Revelações do amor divino*, revelação 13, cap. 31

Ó Santo Deus, que repousas nos santos; que és louvado com o três vezes santo hino dos serafins e gloriado pelos querubins e adorado por todas as hostes celestiais; que conferiste existência a todas as coisas a partir do nada; que criaste a humanidade de acordo com tua imagem e semelhança e a adornaste com todas as dádivas; que concedes sabedoria e entendimento a todos os que pedem e não rejeitas os pecadores, mas estipulaste o arrependimento que leva à salvação; que capacitaste a nós, teus humildes e indignos servos, para oferecermos a adoração e a glória que te são devidas; Ó Mestre, perdoa nossa transgressão, santifica nosso corpo e nossa alma, e concede-nos servir-te em santidade todos os dias de nossa vida. Amém.

João Crisóstomo, *A divina liturgia de São João Crisóstomo*,

Orthodox.net

PARA REFLETIR: Mc 13.1-37; Jo 3.16; Rm 8.18-25,37-39; 1Co

Quando uma pessoa se determina a amar a Deus de todo o coração, ela pode ter certeza de que maior é o amor de Deus por ela. É o amor de Deus que faz a graça divina atuar generosamente em nós. Ele quer que nós tenhamos a mesma certeza das alegrias eternas no céu enquanto vivemos aqui na terra que teremos no dia em que virmos nosso Senhor face a face. De fato, quanto mais alegria e prazer recebermos dessa antecipação e certeza, tanto mais isso agrada ao nosso Pai celestial. Com santa reverência e piedosa humildade, vivemos com a garantia dessa esperança.

O Senhor está agora, em sua graça, presente entre nós; nós o vemos tão maravilhosamente grande e nós nos vemos tão maravilhosamente pequenos. Sendo assim, as virtudes do temor santo e da humildade caracterizam aqueles que caminham em retidão perante o Senhor.

Enquanto caminhamos, a presença de Deus cultiva em nós a certeza da verdadeira fé, caridade e um temor do Senhor que é, ironicamente, repleto de alegria.

Deus deseja que nos consideremos ligados a ele por seu amor, que pode criar tamanha unidade entre os cristãos e seu Senhor que eles não conseguiriam nem conceber a ideia de se separar dele. Essa é a maravilhosa obra do Senhor naqueles que o amam plenamente.

Juliana de Norwich, *Revelações do amor divino*, revelação 15, cap. 65

É apropriado e justo entoar-te hinos, bendizer-te, louvar-te, agradecer-te, adorar-te em toda parte do teu domínio, pois tu és o Deus inefável, incompreensível, invisível, inalcançável, sempre existente, eternamente o mesmo, teu Filho unigênito e teu Espírito Santo. Tu nos reergueste de novo e não cessaste de fazer tudo até nos trazer para o alto céu e nos conceder teu reino, que há de vir. Por tudo isso NÓS s rendemos graças a ti, ao teu Filho unigênito e ao Espírito Santo. Amém.

João Crisóstomo, *A divina liturgia de São João Crisóstomo*,

Orthodox.net

PARA REFLETIR: Mt 5.20; Lc 1.67-80; Jo 6.53-57; 10.27-29; Rm 5.7-21; 8.37-39; Ef 3.7-21; Hb 3.6,14; 12.28-29; 1Jo 4.7-12; 5.14

CATARINA DE SENA

Que contribuição para o corpo de Cristo pode dar uma mulher que vive apenas 33 anos? Catarina de Sena (1347–1380) responde. Em sua vida breve e também depois, ela exerceu uma tremenda influência. Não apenas deixou um legado de cartas e visões celestes, como também seu aconselhamento foi procurado pelo papa Gregório XI e seu sucessor Urbano VI. Ela negociou com políticos, príncipes e autoridades eclesiásticas para resolver um cisma de setenta anos no seio da igreja.

Sua influência e legado são tão grandes que em 1970 o papa Paulo VI lhe conferiu o título de doutora da igreja do mundo inteiro, título conferido a apenas quatro mulheres. Doutora da igreja é uma mulher cujos escritos são considerados tão ortodoxos que podem ser usados no ensino da igreja.

Nascida na cidade italiana de Sena, de um pai cuja atividade era tingir tecidos e de uma mãe poeta, Catarina foi a caçula de 24 filhos sobreviventes. Durante todo o período de sua vida ela passou por períodos de intensa dor, talvez causada por enxaquecas. Desde a infância, recebeu visões de Cristo, que ela registrou e explicou. Sua primeira visão ocorreu aos 6 anos de idade. O resultado foi que ela entregou sua vida à devoção, e quando tinha 7 anos fez o voto de castidade. Aos 15, vestiu o hábito das irmãs da ordem terceira dominicana e iniciou a prática religiosa de eremita num quarto de sua casa. Passados três anos, durante uma visita à cidade de Pisa, Catarina recebeu os estigmas de Cristo (marcas no corpo semelhantes às chagas do Cristo crucificado), partindo delas de uma cruz de madeira pendurada na igreja. Em 1370, teve uma série de visões dos mistérios divinos e ouviu Deus lhe dizendo que deixasse sua cela de eremita a fim de servir aos pobres como sua emissária no mundo. Catarina serviu

incansavelmente aos pobres e àqueles que padeciam de moléstias pavorosas, enviou cartas de orientação a pessoas de todos os níveis sociais, escreveu e viajou para servir como mediadora em disputas envolvendo o papado e registrou suas visões. Por volta de 1377, fundou o mosteiro da Santa Maria dos Anjos, no Castelo de Belcaro. Seus contemporâneos atestaram seu encanto, mantido até mesmo durante episódios de dor e perseguição. Ela está sepultada em Roma, na Igreja de Santa Maria sobre Minerva.

uma casa espiritual que você deve sempre carregar. Esta é a casa do exame de si própria. Ali você procurará o conhecimento da bondade de Deus.

De fato, essas duas casas são uma só; quando reside numa, você também deve residir na outra. Do contrário, você seria sobrecarregada ou pela confusão numa casa, ou pela arrogância na outra. Se você com a avaliação que faz de si mesma, então logo surgirá a confusão sobre quem você realmente é. Em contrapartida, se em religioso isolamento e exaltação você ocupa a outra casa e ignora o que realmente sabe sobre todo o seu eu, você incorrerá no orgulho espiritual.

Observe que as duas casas devem ser construídas juntas e integradas.

Se zer isso, será aperfeiçoada no amor. Residindo numa delas, ganhará conhecimento de suas fraquezas bem como de suas forças. Residindo na outra, trará suas falhas à presença do amoroso Senhor em total transparência. Você não receberá julgamento nem rejeição da parte dele.

Dessa honestidade total sobre si mesma perante o Senhor vi uma corrente de humildade que, sem perigo algum, traz pesar e consolo.

Quem integra as duas partes de sua vida será conformado ao Cristo crucificado.

Catarina de Sena, “Para Monna Alessa Dei Saracini”, em *As cartas de Catarina Benincasa Senhor, tira-me de mim mesmo; entrega-me a ti. Con o meu coração ao teu vigilante cuidado, pois conheço sua vulnerabilidade. Faz que eu seja um espelho de tua graça, a mim de mostrar a outros a alegria de tua salvação. Ensina-me a disciplina de cuidar de coisas temporais com a mente atenta a coisas eternas. Amém.*

PARA REFLETIR: Sl 51.1-19; 139.1-24; Lc 9.62; 14.28-31; 2Co 13.5; Gl 6.3-5; Tg 1.23-25; 1Pe 1.13

141

Aqueles que estão totalmente comprometidos com Cristo erradicaram o perverso orgulho e o fermento da impaciência. O orgulho carnal é o começo de todo pecado. Os discípulos de Cristo devem livrar-se da rebelde obstinação que nasce do orgulho carnal e entregar-se completamente à divina graça. Em vez de dominados por orgulho, obstinação e impaciência, devem carregar no coração o Cristo crucificado, rejubilar-se em seus ferimentos e nada desejar acima dele.

Não existe verdadeira obediência cristã sem humildade, e nenhuma humildade sem amor. De tudo isso nosso Senhor foi modelo. Em humildade perante seu Pai, Cristo de boa vontade suportou a vergonhosa cruz. Os pregos não teriam sido suficientes para prender o Deus-homem; somente o amor poderia mantê-lo pregado à cruz. Por saberem de tudo isso, os discípulos de Cristo não devem procurar nenhuma alegria que não proceda do Cristo crucificado. Mesmo que pudessem ganhar a vida eterna, livrar-se do inferno, atingir a santidade e receber consolação espiritual e material sem ser crucificados com Cristo, eles rejeitariam tudo isso.

Por saberem que somente o amor e a obediência prenderam Cristo na cruz, em amor recíproco eles devem dispor-se a cobrir-se de sua vergonha, pois foram convidados à mesa do Cordeiro imaculado e não se contentarão com nada menos que isso.

Ó gloriosa comunhão! Quem não se entregaria mil vezes à morte para obtê-la?

Catarina de Sena, “Para Monna Agnese, esposa do sr. Orso

Malavoti”, em *As cartas de Catarina Benincasa*

Ó Senhor Deus Todo-poderoso, nós te suplicamos e rogamos que aperfeiçoes em nós a tua graça. Derrama através de nossas mãos a dádiva de tua piedade e compaixão.

Amém.

Addai e Mari, A liturgia dos benditos apóstolos (c. 150 d.C.)

PARA REFLETIR: Mt 26.36-46; Lc 14.11; At 2.36; Rm 12.3; 1Co 1.23-25; 2Co 11.30; Ef 2.10-22; Fp 2.3-11; Hb 12.1-3

142

A ovelha perdida fora mantida na prisão por Satanás. Então a inimitável bondade de Deus apareceu, contemplou o estado lastimoso da ovelha, e ele viu que ela não poderia ser resgatada pelo extravasar da ira divina, pois a ovelha merecia um castigo que ultrapassa o entendimento. Em vez disso, a suprema e eterna sabedoria de Deus procurou uma forma atraente e gentil de resgatar a ovelha e viu que o coração humano é fortemente atraído pelo amor, porque foi por amor que Deus criou a humanidade. O Pai, então, vendo a humanidade tão predisposta a amar, atirou o livro do amor direto para a ovelha perdida dando-lhe a Palavra, seu Filho unigênito.

Veja que a justiça divina antes se havia manifestado e exigido que uma punição fosse cobrada pelos pecados cometidos. Mas a divina misericórdia e a inefável caridade apareceram. Para satisfazer a justiça e a gravidade do pecado, a misericórdia levou o Filho para a cruz, tendo-o primeiramente revestido com o barro do pecador Adão. Na cruz, a Palavra encarnada apaziguou a ira divina e resgatou a ovelha perdida da escravidão de Satanás. Usando o madeiro da cruz, Cristo combateu contra a morte, sacri cou-se e destruiu nossa morte. Oh, que amor divino foi esse que devolveu a ovelha ao rebanho!

Catarina de Sena, “Para Gregório XI”, segunda carta,

em *As cartas de Catarina Benincasa*

Ó Deus, prega nossa carne com um piedoso temor, e não deixes que nosso coração se incline para palavras e pensamentos maldosos; antes, trespassa nossa alma com teu amor, para que, sempre te contemplando, sejamos por ti iluminados, e te identi cando, rendamos incessantemente adoração e gratidão a ti, o Pai eterno, com teu Filho unigênito e teu santíssimo e vivi cante Espírito. Amém.

Extraído de uma oração de Basílio Magno, em *As orações*

ortodoxas

PARA REFLETIR: Lc 24.1-7; Jo 3.10-18; 10.11-18; At 2.36-39; Rm 5.6-8; 8.35-39; 1Co 2.9; 2Co 13.14; Gl 2.20; Fp 2.8; Cl 1.15-20; Hb 13.20-21; 1Jo 3.1-3

TOMÁS DE KEMPIS

Tomás de Kempis (c. 1380–1471) destaca-se entre aqueles que, na história da igreja, influenciaram o significado do discipulado cristão.

Depois das Escrituras, sua obra *Imitação de Cristo* foi mais traduzida para outras línguas que qualquer outro livro. Sua influência vem perdurando por mais de quinhentos anos. Se um cargo eclesiástico ou secular fosse indispensável para causar um profundo impacto na formação do caráter cristão, Tomás de Kempis seria excluído, pois a maior parte de sua longa vida foi dedicada à prática da vida monacal. Sua influência se deve a uma vida devotada à oração e ao exame do que se requer dos seguidores de Jesus e do que a eles é prometido.

Ele nasceu na cidade de Kempen, na Renânia, perto de Düsseldorf, na Alemanha. Frequentou uma escola na vizinha cidade holandesa de Deventer, onde era conhecido como Tomás de Kempen. A escola foi fundada por Gerard Groote, que também instituiu os Irmãos da Vida Comum. Os membros dessa instituição se entregavam à oração, à vida simples e à união com Deus. Tomás foi tão cativado pela qualidade de piedade demonstrada por seus professores que decidiu adotar os ideais deles como modelo de vida. Aos 19 anos, entrou para o mosteiro do Monte Santa Inês, perto de Zwolle, nos Países Baixos. Ali passaria o resto da vida. Como monge, celebrava missa, ouvia confissões de visitantes e passava a maior parte do tempo refletindo sobre o que significava ser formado à imagem de Cristo. De vez em quando eram-lhe atribuídas tarefas administrativas, mas sempre temporárias. De sua talentosa capacidade de intensa reflexão vieram sermões, hinos, cartas e descrições biográficas de santos. Sua obra mais importante é *Imitação de Cristo*. John Wesley (1703–1791) é um dos valentes líderes cristãos que foi influenciado por esse livro. Em 1735, ele o traduziu e publicou sob o título de *O modelo cristão*. Wesley se afastou do misticismo representado

por Tomás de Kempis, mas mesmo assim em 1738 creditou a esse livro a aprendizagem pessoal de que “a verdadeira religião residia no coração, e de que a lei de Deus abrange todos os nossos pensamentos bem como nossas palavras e ações” (*“The Imitation of Christ” through*

Que proveito traz o falar como alguém altamente erudito sobre a Trindade se, faltando a humildade, nós desagradamos a essa mesma Trindade? É uma vida virtuosa que nos torna santos, justos e agradáveis a Deus. Eu prefiro sentir a contrição a simplesmente ser capaz de de ni-la e discuti-la. De que adiantaria saber a Bíblia de cor, e os princípios de todos os filósofos, se levássemos uma vida de indigentes em relação à graça e ao amor de Deus? Tudo é vaidade, a menos que se ame e sirva ao Senhor.

A maior sabedoria consiste em buscar o reino dos céus mediante o desprezo por qualquer coisa que venha a nos afastar dele. É vaidade cortejar a honra e encher-se de orgulho. É vaidade seguir os prazeres do corpo e desejar coisas que acarretam severos castigos. É vaidade desejar uma longa vida neste mundo, mas pouco preocupar-se com levar uma vida bem empregada. É vaidade ficar ansioso sobre o presente e não fazer provisões para o mundo vindouro. É vaidade amar o que rápido passa e não levar em consideração a alegria eterna.

Tomás de Kempis, *Imitação de Cristo*, livro 1, cap. 1

Concede-me tua graça, ó Cristo todo-misericordioso, para que eu possa sempre fazer minha a tua vontade. Que eu seja incapaz de querer ou não querer coisa alguma, exceto o que tu queres ou não queres. Acima de todos os desejos, dá-me o desejo de descansar em ti. Em ti somente permite que meu coração tenha paz. Sem ti todas as coisas são difíceis e desvairadas. Na paz que existe em ti, o Altíssimo, o Deus eterno, eu dormirei e terei meu descanso. Amém.

Tomás de Kempis, *Imitação de Cristo*, livro 3, cap. 15

PARA REFLETIR: Mt 6.19-34; 13.44-45; 16.24-27; Mc 7.20-23; 9.47; Jo 8.12; Gl 5.15-26; Cl 1.9-14; Tg 4.1-15; 1Jo 3.18-22

Evite o máximo possível a conversa inútil, pois a discussão de afazeres humanos, embora importante, pode ser uma grande distração. Somos facilmente enganados e rápido demais camos preocupados com tais coisas.

Muitas foram as vezes em que eu preferiria ter cado em silêncio e não ter me associado com certas pessoas. De fato, por que conversamos e

tagarelamos entre nós quando tantas vezes acabamos com uma consciência pesada? Agimos assim porque procuramos a rmação mútua.

Falamos sem parar e comentamos de modo apaixonado sobre coisas que nos agradam ou coisas que detestamos com veemência. Mas, é triste dizer, muitas vezes falamos à toa e sem nenhum propósito. Essa tagarelice sem sentido efetivamente arruína a divina consolação interior.

Quando se apresenta o momento certo e oportuno para falar, diga alguma coisa que seja verdadeiramente bené ca.

Maus hábitos e indiferença para com o progresso espiritual propiciam muito a remoção das travas da língua. Em contrapartida, a conversação devota sobre assuntos espirituais promove o crescimento no Senhor, quando conduzida entre irmãos e irmãs em Cristo que têm profundo amor pelo Senhor.

Tomás de Kempis, *Imitação de Cristo*, livro 1, cap. 10

Deus eterno e todo-poderoso, que no mistério pascal estabeleceste a nova aliança de reconciliação, concede que todos os que renasceram na comunhão do corpo de Cristo mostrem em sua vida o que professam por sua fé; por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

“Liturgia da Palavra”, A grande vigília pascal, LOC

PARA REFLETIR: Sl 19.14; 141.3; Pv 15.28; Ef 4.15,29; 5.4; Cl 2.6-19; 3.27; 2Tm 2.14-16; Tg 3.2-10; Ap 3.7-13

145

Enquanto vivermos neste mundo, não estaremos livres de sofrimentos e tentações. Aprendemos com Jó que “a vida humana na terra é uma luta”.

Todos devem precaver-se da tentação atentamente e vigiar em oração para que o diabo, que ronda procurando quem possa devorar, não encontre ocasião para nos iludir. Ninguém é tão santo a ponto de nunca ser tentado.

As tentações, embora incômodas e graves, com frequência são úteis.

Por meio delas podemos ser humilhados, purificados e instruídos.

Muitos tentam fugir de todas as tentações, mas acabam caindo nelas mais gravemente. Não conquistamos mediante a fuga. Com paciência e humildade nos tornamos mais fortes que nossos inimigos. Quem não enfrenta as tentações na raiz apenas dá a impressão de enfrentá-las.

Pouco ele progredirá espiritualmente. De fato, as tentações voltarão com maior rapidez e violência.

Pouco a pouco, com paciência e longanimidade, nós vencemos as tentações. Conseguimos isso com a ajuda de Deus, e não punindo a nós mesmos ou agindo de modo impulsivo. Prepare-se para receber orientações e não seja rigoroso com outros que são tentados, mas console-os como você gostaria de ser consolado.

Tomás de Kempis, *Imitação de Cristo*, livro 1, cap. 13

Ó Cristo Jesus, que de boa vontade assumiste a forma de servo e te tornaste obediente até a morte na cruz, mostra-nos que, se quisermos chegar a ti de imediato, em segurança e abertamente, sem obstáculos, de modo livre e pací co, e car com rmeza unidos a ti com uma disposição fervorosa, tanto na prosperidade quanto na adversidade, na vida ou na morte, então nós devemos con ar tudo, sem hesitar e de modo resoluto, à tua benevolente e infalível vontade. Amém.

Atribuído a Alberto Magno, Sobre apegar-se a Deus, cap. 16

PARA REFLETIR: Jó 7.1-10; Mt 9.6-13; 26.41; Lc 8.13; Rm 12.2; 1Co 10.13; Gl 5.16; Hb 4.14—5.3; 1Pe 5.8; 1Jo 1.9; 2.1; 4.1

146

Como um barco desprovido de leme é levado sem rumo pelas ondas, assim também a pessoa negligente e irresoluta é tentada e lançada de um lado para outro. No caso, porém, do cristão disciplinado, como o fogo tempera o ferro, assim também a tentação tempera o justo. Muitas vezes, não sabemos o que podemos suportar, mas a tentação revela nossa essência.

Acima de tudo, devemos car especialmente alerta contra as tentações em seu nascedouro. É mais fácil derrotar Satanás se ele for depressa barrado na entrada da mente. Precisamos enfrentá-lo na porta tão logo ele bater.

Alguém disse com razão: “Combata os primeiros sintomas; o remédio chega tarde demais. Com um longo atraso, o mal ganha vigor”.

Primeiro, um mero pensamento vem à mente. Em seguida, a imaginação desabrocha e é seguida por um prazer maldoso, e depois pelo consentimento. Assim, se Satanás não for enfrentado no limiar, ele conseguirá entrar francamente. Quanto maior a demora, tanto mais fraca é a reação, e mais forte se torna o inimigo.

Não nos desesperemos, portanto, quando formos tentados, mas oremos a Deus com fervor ainda maior para que ele possa julgar adequado nos ajudar, pois, de acordo com o apóstolo Paulo, o Senhor nos ajudará a resistir à tentação.

Tomás de Kempis, *Imitação de Cristo*, livro 1, cap. 13

Ó meu Deus, Luz dos cegos e Força dos fracos, Luz dos que enxergam e Força dos que são fortes, nós recorremos a ti, pois sabemos que estás presente quando conversamos contigo e quando a ti nos entregamos. Tu, que nos criaste, recria-nos e concede-nos que te amemos à perfeição, até o fim dos tempos. Amém.

Agostinho, bispo de Hipona, *Confissões*, livro 2, cap. 2, seção 3

PARA REFLETIR: Pv 4.23; Is 55.2; Jo 9.4; Rm 12.2; 1Co 10.11-13; 15.8; Gl 6.7-10; Hb 6.10-12; 2Pe 1.3; 2.1-3; 3.15

147

Examine-se com cuidado e proceda com calma ao julgar as ações de outros. Nosso julgamento com frequência resulta num esforço errôneo e desperdiçado. Julgar a nós mesmos é geralmente mais útil. Muitas vezes, julgamos os outros a partir de nossa opinião limitada e subjetiva sobre como as coisas deveriam ser. Em consequência disso, perde-se facilmente a perspectiva objetiva.

Se nosso amor a Deus fosse nosso interesse principal, não seríamos tão facilmente perturbados por quem contraria nossas opiniões. Com demasiada facilidade, permitimos que interesses periféricos nos arrastem com eles. Muitas pessoas identi cam a si mesmas por suas atividades exteriores. Dão a impressão de desfrutar paz de espírito conquanto seu mundo exterior esteja em ordem. Mas quando esse mundo se descontrola, elas facilmente cam desorientadas e desanimadas.

É admissível que velhos hábitos sejam difíceis de mudar. Mas, se nós nos apanhamos com ando em nossa própria inteligência e iniciativa e em inconstantes interesses externos, em vez de com armos na disciplina de acordo com Jesus Cristo, não deveríamos nos

surpreender se não formos guiados pela sabedoria de Cristo. Deus quer que nos elevemos acima daquilo que produz a sabedoria humana e, mediante um amor intenso, nos sujeitemos completamente a ele e sejamos por ele iluminados.

Tomás de Kempis, *Imitação de Cristo*, livro 1, cap. 14

Meu Senhor e Salvador, tu disseste que se nós te amarmos e observarmos teus mandamentos, seremos guardados por ti, por meio do Espírito Santo, para a glória do Pai. Que eu seja guardado para fazer tua vontade, guardado para fazer teu trabalho à tua maneira, guardado, talvez, para sofrer por ti, guardado para que tu faças comigo o que te parecer bom, e guardado para que nenhum outro senhor jamais tenha domínio sobre mim. Amém.

Francis Havergal, *Guardado para uso do Mestre*, cap. 1

PARA REFLETIR: Sl 118.1-29; Pv 3.5-6; Is 12.2; Mt 6.25-34; Fp 1.6-7; 4.6-7; Hb 13.6; 1Pe 5.6-7; Ap 7.1-17

148

Não há falta de pessoas que querem a consolação do Senhor, mas pouquíssimos são os que estão dispostos a suportar as provações do discipulado. Todos querem que Jesus lhes dê felicidade; pouquíssimos estão dispostos a sofrer algo por ele. Muitos aplaudem os milagres do Senhor; pouquíssimos estão dispostos a suportar a reprovação da cruz.

Muitos louvam e bendizem o Senhor, desde que ele os cubra de prazeres.

Os que servem ao Senhor a fim de receber benefícios e consolação são mercenários religiosos, interesseiros, sempre pensando no pagamento que irão receber. A constante antecipação do proveito e lucro demonstra que eles amam a si mesmos mais do que amam ao Senhor.

Mas os que amam Jesus por ele mesmo, sem visar um lucro e conforto egoísta, abençoarão o Senhor em tempos de provação e angústia. Ah, que poder tem um amor puro por Jesus!

Tomás de Kempis, *Imitação de Cristo*, livro 2, cap. 11

Ó meu Deus! Eu te ofereço todas as minhas ações deste dia pelas intenções e pela glória do sagrado coração de Jesus. Quero santi car cada batimento do meu coração, cada pensamento, as obras mais simples, mediante a união de tudo isso com os infinitos méritos de Cristo; e quero atirar tudo na

fornalha do teu misericordioso amor. Ó meu Deus! Eu te peço, para mim e para os que me são caros, a graça de cumprir à perfeição a tua santa vontade, de aceitar por amor a ti as alegrias e os sofrimentos desta vida passageira, para que nós um dia nos reunamos no céu por toda a eternidade. Amém.

Teresinha de Lisieux, “Oração da manhã”,

em História de uma alma

PARA REFLETIR: Sl 24.16; Mt 11.29; 14.25-35; Lc 9.23-27; 17.10; 1Co 6.19-20; Fp 2.5-8; 2Tm 2.8-13; 1Pe 2.21-25

149

(O caminho régio da cruz)

Para muitos cristãos, o ensinamento de Jesus “negue a si mesmo, tome sua cruz e siga-me” parece intolerável. Mas muito mais intolerável será ouvir Jesus dizer: “Fora daqui, malditos, para o fogo eterno”. Os que agora ouvem a palavra da cruz e de bom grado a ela obedecem não têm razão alguma para temer o dia do juízo. Quando o Senhor vier julgar, o sinal da cruz estará nos céus para confortá-los. Todos os servos da cruz que se uniram ao Senhor cruci cado se aproximarão do Cristo juiz cheios de júbilo.

Por que, então, relutaríamos em trilhar o caminho régio da cruz quando por ele podemos viajar para o reino dos céus? Naquela cruz há salvação; na cruz está a vida; na cruz está a proteção contra os inimigos de nossa alma; na cruz está a infusão da comunhão celestial; na cruz está a força da mente; na cruz está a alegria; na cruz está a mais alta virtude; e na cruz a santidade é aperfeiçoada.

Somente ao longo do caminho régio da cruz se pode encontrar a salvação. Irmãs e irmãos, tomemos a cruz e sigamos Jesus. Seguindo-o entraremos para a vida eterna.

Tomás de Kempis, *Imitação de Cristo*, livro 2, cap. 12

Deus Todo-poderoso, teu caríssimo Filho não ascendeu para a alegria sem primeiro suportar a dor, e não entrou para a glória antes de ser cruci cado; concede-nos misericordiosamente que nós, trilhando o caminho da cruz, descubramos que ele não é outro senão o caminho da vida e da paz; por Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

“Liturgia de Ramos”, Domingo da Paixão: domingo

PARA REFLETIR: Is 50.4-7; Mt 16.24; 25.41; Lc 9.23-27; 14.27; 19.28-36; 22.14-23; 23.1-49; Fp 2.6-11

150

Jesus abriu o caminho da cruz. Durante toda a sua vida ele percorreu esse caminho. Sendo assim, buscaríamos nós um caminho de conforto?

É verdade que o caminho da cruz não é o que naturalmente escolheríamos. Se fôssemos depender de nós mesmos, nada teríamos a ver com ele. Somente na medida em que com amos no Senhor nos será dada a coragem. Só então o homem natural se sujeitará ao Espírito.

Apenas a graça de Deus, não a virtude humana, pode nos fazer amar o que naturalmente rejeitamos.

Com bravura, carreguemos a cruz de nosso Senhor, que movido pelo amor foi crucificado por nós. Com amor recíproco, bebamos o cálice do Senhor. Deixemos a consolação nas mãos de Deus; que ele nos trate como bem lhe agradar.

Mesmo se com Paulo fôssemos elevados ao terceiro céu, não estaríamos dispensados de trilhar o caminho da cruz. Paradoxalmente, o caminho régio da cruz é uma “vida morrendo”, pois quanto mais um cristão morre para si mesmo, tanto mais ele vive em Cristo. Ninguém que não se tenha resignado a trilhar esse caminho está preparado para desfrutar o céu. Se tivesse havido algum outro jeito, o Senhor o teria mostrado.

Tomás de Kempis, *Imitação de Cristo*, livro 2, cap. 12

Deus eterno e todo-poderoso, em teu terno amor pela raça humana tu enviaste teu Filho, nosso Salvador Jesus Cristo, para assumir nossa natureza e sofrer a morte na cruz, dando-nos o exemplo de sua grande humildade; concede, em tua misericórdia, que nós trilhemos o caminho de seu sofrimento e também participemos de sua ressurreição; por Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

“Liturgia de Ramos”, Domingo da Paixão: domingo

de Ramos, LOC

PARA REFLETIR: Sl 34.19; 22.24; Lc 9.23-27, 51-56; Jo 16.33; 17.1-5; At 9.1-18; Rm 5.3-5; 8.18; 2Co 4.8-10; 10.13; 2Ts 1.1-13; 1Pe 4.12-19;

TEOLOGIA GERMÂNICA

Em 1516, um ano antes de a xar suas 95 Teses na porta da Igreja de Todos os Santos em Wittenberg, Martinho Lutero (1483–1546) descobriu e publicou uma obra de um autor anônimo. O título dessa obra é *Theologia Germanica*. Lutero declarou: “Depois da Bíblia e de Santo Agostinho, jamais chegou às minhas mãos outro livro do qual eu tenha aprendido mais sobre Deus e Cristo e os homens e tudo o que existe” (prefácio para a segunda edição [1518]). O livro foi recebido com entusiasmo pelos compatriotas de Lutero.

Procedente de um contexto católico romano, *Teologia germânica* é uma obra instrutiva para todos os cristãos. Mesmo um exame superficial do livro revela por que Lutero o apreciou tanto. Numa linguagem muito prática e doutrinalmente responsável, a obra examina a atuação da graça de Deus e convida os cristãos à santidade em todos os aspectos da vida.

Seu subtítulo é instrutivo; “apresenta muitos belos aspectos da Verdade divina e formula muitos excelentes e encantadores detalhes da perfeição cristã”. A convicção da obra sobre a transformadora e capacitadora graça de Deus é, como descobriu Lutero, em muitos pontos simplesmente de tirar o fôlego.

Embora seja anônimo, o livro provavelmente surgiu no seio de um grupo de cristãos conhecidos como Amigos de Deus. Os membros dessa associação eram homens e mulheres, clérigos e leigos. Caracterizavam-se por uma piedade essencial que implicava uma vida de abnegação e o reconhecimento da inutilidade de uma religião que não transforma profundamente seus praticantes, pois ninguém que não o ame ardentemente e que não participe de sua natureza divina pode de fato conhecer a Deus. *Teologia germânica* revela que os Amigos de Deus acreditavam fortemente na presença e na ação do Espírito Santo em todos os cristãos. O livro está organizado em 54 capítulos.

151

Nem mesmo o próprio Deus pode tornar uma pessoa virtuosa, boa ou feliz, em casos em que a virtude e a bondade são apenas qualidades exteriores, estranhas ao caráter da pessoa. O fracasso de internalizar essas qualidades acontece quando alguém se envolve tanto nas atividades deste mundo, e ca tão fascinado com seus valores, que não consegue se distanciar para examinar a si mesmo. Falta-lhe a

capacidade de alimentar a própria alma ocupando-se da transformadora comunhão com o Senhor.

Portanto, embora seja bom aprender o que os santos sofreram e realizaram, e como Deus os favoreceu, mil vezes melhor seria aprender quem somos perante o Senhor e o que ele exige de nós. A principal questão é esta: “Como pode nossa vida ser posta a serviço do Senhor de modo que ele nos use tal como fez com os santos?”. Conhecermo-nos de modo transparente perante o Senhor é a arte suprema. Isso nos tornará mais louváveis à sua presença do que se pudéssemos entender tudo o que se pode saber sobre os seres humanos, os céus e a terra.

A eterna bem-aventurança deve ser buscada na santa obediência ao Senhor.

Teologia germânica, cap. 9

Pai nosso no céu, instila em nós pelo teu Espírito Santo um amor por ti, motivado não por um comando, mas por uma nova natureza que nos ensina e exorta a render-te irrevogável adoração e louvor. Que nossa vida expresse tua vida divina como o fruto natural de uma alma renascida. Que te rendamos graças e nos arrependamos não porque tais coisas são exigidas, mas sim porque temos profunda consciência de nossas necessidades, da loucura do pecado e de tua divina bondade. Amém.

Henry Scougal, *A vida de Deus na alma do homem*, parte 1

PARA REFLETIR: Sl 51.10-11; 139.3-4; Mt 5.13-26; Jo 3.1-15; 2Co 3.18; 5.17; Gl 2.20; 5.19-26; 1Jo 3.2-6

152

Que ninguém pense que pode obter nova vida em Cristo debatendo os termos do discipulado ou por meio de conhecimento de segunda mão.

Tampouco alguém conseguirá a verdadeira vida em Cristo simplesmente lendo sobre ele, adquirindo grande erudição ou praticando técnicas religiosas exaltadas. Quem está propenso a defender suas opiniões religiosas ou quem serve ao Senhor por motivos egoístas jamais alcançará nova vida em Cristo. Nosso Senhor deixou tudo isso bem claro quando disse: “Se alguém quer ser meu seguidor, negue a si mesmo, tome sua cruz e siga-me”. Ele está nos dizendo sem rodeios que se a pessoa não está preparada a abandonar todas as prévias condições, as rmações e exigências que ela impôs a Deus, não conseguirá a vida eterna. Enquanto se atém a pequenas

sobras de um mundo decaído em vez de se entregar a Jesus Cristo, ela continuará sendo enganada e cegada. O problema é que essa pessoa exige que o discipulado seja feito para ela sob medida. Em vez de seguir Jesus nos termos dele, eleva o que julga ser vantajoso para ela acima do próprio Cristo.

Teologia germânica, cap. 19

Ó Senhor Jesus, pelo Espírito de nosso Pai celestial, faz tua paz reinar em nosso coração e tua palavra morar abundantemente em nós. Faz nossa fruição desta vida coadunar-se com uma boa consciência, faz nossa aceitação da morte coadunar-se com a esperança da imortalidade e faz nossa certeza da ressurreição encorajar-nos mediante a graça. Que a verdade esteja conosco com a simplicidade, a fé com a confiança, a abstinência com a santidade, a atividade com a sobriedade, a conversa com a modéstia e a aprendizagem sem a vaidade. Incute em nós a delidade à verdadeira doutrina. Amém.

Extraído de uma admoestação de Ambrósio, bispo de Milão,

Cartas, epístola 63, seção 113

PARA REFLETIR: Mt 16.24; 10.38; Mc 8.34; 10.21; Lc 18.18-25; Rm 12.1; Gl 2.20; 5.24; 6.14; Ef 4.11-17; Tg 1.19-27

153

Alguém poderia perguntar: “O que signi ca participar da natureza divina, como recomendou Pedro?”. Ou o que signi ca ser uma pessoa piedosa? Signi ca ser totalmente iluminado pela eterna luz divina.

Signi ca ser in amado ou consumido pelo amor divino.

Mas devemos entender que luz e conhecimento são inúteis se não houver amor. Tenhamos em mente que, mesmo quando uma pessoa tem

a capacidade de diferenciar a virtude do mal, se não amar a virtude, não será virtuosa. Se amar a virtude, ela a buscará; será alistada como inimiga do mal. E se realmente amar a virtude, nem uma única virtude será por ela negligenciada. Além disso, enquanto leva uma vida virtuosa, não exigirá nenhuma recompensa e não aceitará em troca nenhum tesouro; o amor pela virtude é em si mesmo uma recompensa suficiente.

De fato, nem para ganhar o mundo inteiro uma pessoa virtuosa

abdicaria de ser virtuosa. Ela preferiria ter uma morte lastimável a abdicar da virtude.

Teologia germânica, cap. 41

Querido Salvador, por meio da graciosa obra do Espírito Santo, alimenta em nós aquela vida divina que se torna um princípio interior, livre e motivador, a m de que sejamos levados a amar e obedecer, não por motivos, ameaças, subornos ou promessas exteriores, nem constrangidos pela lei, mas que nos sintamos fortemente inclinados para o que é bom e, por causa do amor, nos deleitemos no cumprimento de tua vontade; para a glória de Deus Pai, mediante o Deus Filho, e pelo Deus Espírito Santo. Amém.

Adaptado de Henry Scougal, *A vida de Deus na alma do homem*, parte 1

PARA REFLETIR: Sl 1.1-3; Mq 6.8; Mt 6.33; Rm 5.1-5; 12.1; 2Co 6.14-17; Gl 2.20; Fp 4.8; 1Tm 6.17-19; 2Pe 1.1-9

154

Nosso Senhor Jesus Cristo disse: “Ninguém pode vir ao Pai senão por mim”. Ponderemos atentamente as condições pelas quais podemos ir ao Pai por meio de nosso Senhor. O cristão deve colocar guarda sobre si mesmo e sobre tudo o que lhe pertence, quer se trate de posses da pessoa interior, quer se trate de posses que caracterizam sua vida exterior. Na medida do possível, ele deve de tal forma dirigir, controlar e guardar o coração que nem sua vontade nem seus desejos, nem o amor nem a saudade, nem a opinião nem o pensamento, possam brotar em seu coração ou impregnar suas ações, exceto sentimentos que bendigam a Deus e sejam do agrado dele. E sempre que ele tomar consciência de qualquer ideia ou intenção em si mesmo que contrarie a natureza e a vontade de Deus, deve resistir e erradicá-la completamente o mais rápido possível.

Por essa regra o cristão deve pautar sua vida, esteja ele trabalhando ou descansando, falando ou calando, acordado ou dormindo, caminhando ou simplesmente parado. Em suma, de todas as maneiras, esteja ele envolvido em suas próprias atividades ou trabalhando para alguma outra pessoa, o discípulo de Jesus deve guardar o coração com o máximo cuidado. Não deve permitir a ocupação ou o assédio dele por nada que pudesse ser considerado inaceitável se Cristo de novo se encarnasse e caminhasse entre nós.

Ó Senhor, a ti entrego minha vida; con o em ti, meu Deus! Mostra-me o caminho certo e ensina-me por onde devo andar. Guia-me pela tua verdade e ensina-me, pois és o Deus que me salva; em ti ponho minha esperança todo dia. Amém.

Adaptado de Salmos 25.1-2,4-5

PARA REFLETIR: Jo 10.1,3; 12.26; 14.6; Rm 12.1-2,9-13; Gl 5.16-26; Ef 2.1-10; 5.1-14; Fp 4.2-9; Cl 1.9-14; 1Pe 1.3-11

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

As leituras, orações e hinos usados neste livro foram adaptados das fontes abaixo. Os títulos entre colchetes indicam o nome pelo qual as obras, em geral, são conhecidas em língua portuguesa e mencionadas ao longo deste volume.

Addai e Mari. Liturgy of the Holy Apostles, or Order of the Sacraments [A liturgia dos benditos apóstolos]. In *Liturgies and Other Documents of the Ante-Nicene Period*. Edimburgo: T and T

Clark, 1872. Internet Archive.

<https://openlibrary.org/books/OL22885546M/Liturgies_and_other_documents_of_the_AnteNicene_period> .

Albert the Great. “A Prayer from St. Albert the Great on Conscience” [Oração de São Alberto Magno sobre a consciência]. A Blog for Dallas Area Catholics.

<<http://veneremurcernui.wordpress.com/2010/08/23/a-prayer-from-st-albert-the-great-on-conscience/>> .

Ambrose. “A Prayer before Mass (Thursday)” [Oração antes da missa (quinta-feira)]. Catholic Online. <<http://www.catholic.org/prayers/prayer.php?p=2040>> .

_____. “Prayer for Saturday” [Oração para o sábado]. Em “Prayer before Mass”. Willing Shepherds of Jesus Christ. <<http://www.willingshepherds.org/Thanks%20Thomas.htm>> .

_____. “Prayers by St. Ambrose” [Orações de São Ambrósio]. 2 Hearts Network.

< <http://www.2heartsnetwork.org/Ambrose.htm> > .

Anselm. *St. Anselm's Book of Meditations and Prayers*. [Livro de meditações e orações de São Anselmo]. Londres: Burns and Gates, 1872. Reimpr., Christian Classics Ethereal Library (CCEL). < <http://www.ccel.org/ccel/anselm/meditations.html> > .

Augustine. "Prayer for the Indwelling of the Holy Spirit" [Oração para a habitação do Espírito Santo]. *The Fresh Anointing*. < <http://www.tfadc.org/resources> > .

_____. "Prayer to the Holy Spirit" [Oração para o Espírito Santo]. *Feast of All Saints*.

< <http://feastofsaints.com/staugustine.htm> > .

Basil the Great. *Saint Basil Liturgy* [Liturgia de São Basílio]. CopticChurch.net.

< http://www.copticchurch.net/topics/liturgy/liturgy_of_st_basil.pdf > .

Bennett, Arthur, ed. *The Valley of Vision: A Collection of Puritan Prayers and Devotions* [O Vale da Visão]. Carlisle, PA: The Banner of Truth Trust, 1994.

Bonaventure. "Prayers of St. Bonaventure" [Orações de São Boaventura]. Liturgies.net.

< <http://www.liturgies.net/saints/bonaventure/prayer.htm> > .

Book of Common Prayer [Livro de Oração Comum, LOC]. Nova York: Church Hymnal Corporation, 1979. < http://justus.anglican.org/resources/bcp/formatted_1979.htm > .

A Book of Offices [Livro de ofícios]. Milwaukee: Young Church man, 1914.

< http://justus.anglican.org/resources/bcp/Ofces1914/Ofces_1914.htm > .

Cassian, John. *The Conferences of John Cassian*. [As conferências de João Cassiano.] Trad. de Edgar C. S. Gibson. Reimpr. ed. de 1894, CCEL.

< <http://www.ccel.org/ccel/cassian/conferences.titlepage.html> > .

Catherine of Siena. *The Letters of Catherine Benincasa* [As cartas de Catarina Benincasa]. Trad. de Vida D. Scudder. Reimpr. ed. de 1905, Project Gutenberg, 2005.

<<http://www.gutenberg.org/cache/epub/7403/pg7403.html>>.

Catholic Encyclopedia [Enciclopédia católica]. Acesso em 16 de setembro de 2013.

<<http://www.newadvent.org/cathen/>>.

Chrysostom, John. *The Divine Liturgy of St. John Chrysostom*. [A divina liturgia de São João Crisóstomo]. Orthodox.net. <<http://www.orthodox.net/service/sluzebnic-chrysostom.pdf>>.

_____. *The Divine Liturgy of St. John Chrysostom* [A divina liturgia de São João Crisóstomo].

The Orthodox Christian Page. <<http://www.ocf.org/OrthodoxPage/liturgy/liturgy.html>>.

_____. “Seasonal Prayers: For Lent” [Orações sazonais: para a Quaresma]. Prayers.

iBreviary.com. <<http://www.ibreviary.com/m/preghiere.php?tipo=Preghiera&id=487>>.

The Divine Liturgies of Our Fathers among the Saints John Chrysostom and Basil the Great. [As divinas liturgias de nossos pais entre os santos João Crisóstomo e Basílio Magno]. Edit. por J.

N. W. B. Robertson. Londres: Nutt, 1894.

<<https://archive.org/stream/divineliturgies00churgoog#page/n5/mode/2up>>.

Donne, John. *John Donne's Devotions* [Devoções de John Donne]. 1624. Reimpr., CCEL.

<<http://www.ccel.org/ccel/donne/devotions>>.

Eckhart, Johannes. *Meister Eckhart's Sermons* [Sermões de Mestre Eckhart]. Trad. de Claud Field. Londres: H. R. Allenson, [1909?]. Reimpr., CCEL.

<<http://www.ccel.org/ccel/eckhart/sermons>>.

The Eckhart Society [A Associação Eckhart]. < <http://www.eckhart-society.org/eckhart/eckhart-man> > .

Ephrem the Syrian. “Prayer of Saint Ephrem” [Oração de São Efrém]. *OrthodoxWiki*.

< http://orthodoxwiki.org/Prayer_of_Saint_Ephrem > .

Francis of Assisi. “The Admonitions of St. Francis” [As admoestações de São Francisco].

Franciscan Missionaries of the Eternal Word. < <http://www.franciscanmissionaries.com/about-us/admonitions/> > .

_____. “Canticle of Brother Sun” [Cântico do Irmão Sol]. Prayer Foundation.

< http://www.prayerfoundation.org/canticle_of_brother_sun.htm > .

_____. *The Writings of St. Francis of Assisi* [Os escritos de São Francisco de Assis]. Trad. de Paschal Robinson, 1905. < <http://www.sacred-texts.com/chr/wosf/wosf03.htm> > .

Gregory of Nazianzus. “The Gregory of Nazianzus Prayer” [A oração de Gregório de Nazianzo]. Amos House Community. < <http://amoshouse.wordpress.com/2011/02/22/the-gregory-of-nazianzus-prayer/> > .

Gregory the Great. *Morals on the Book of Job* [Lições morais do livro de Jó]. Oxford: John Henry Parker; Londres: J. G. F e J. Rivington, 1844. Reimpr., Lectionary Central.

< <http://www.lectionarycentral.com/GregoryMoraliaIndex.html> > .

_____. “Prayer of Acclaim to the Suffering Christ.” [Oração de aclamação ao Cristo Sofredor].

Saints.SQPN.com. < <http://saints.sqpn.com/pray0540.htm> > .

Hildegard of Bingen. *Scivias*. Classics of Western Spirituality. Trad. de Madre Columba Hart e Jane Bishop. Mahwah, NJ: Paulist Press, 1990.

Hymnary.org. < <http://www.hymnary.org/texts?qu=+in:texts> > .

“*The Imitation of Christ*” through Six Centuries. Dallas: Southern Methodist University Bridwell Library, 2012. Catálogo em exibição.

< <https://www.smu.edu/Bridwell/Collections/SpecialCollectionsandArchives/Exhibitions/ImitationofChristi/1735> > .

John of Ruysbroeck. *The Adornment of the Spiritual Marriage* [Os adornos do casamento espiritual]. Trad. de C. A. Wynschenk Dom. Edit. por Evelyn Underhill. 1916. Reimpr. , CCEL. < <http://www.ccel.org/ccel/ruysbroeck/adornment.iv.html> > .

_____. *The Sparkling Stone* [A pedra faiscante]. Trad. de C. A. Wynschenk Dom. Edit. por Evelyn Underhill. 1916. Reimpr., CCEL.

< <http://www.ccel.org/ccel/ruysbroeck/adornment.v.html> > .

Julian of Norwich. *Revelations of Divine Love*. [Revelações do amor divino]. Trad. de Grace Warrack. 1901. Reimpr., CCEL. < <http://www.ccel.org/ccel/julian/revelations> > .

Macarius-Symeon. *Fifty Spiritual Homilies of St. Macarius the Egyptian* [Cinquenta homilias espirituais de Macário do Egito]. Trad. de A. J. Mason. Londres: Society for Promoting Christian Knowledge, 1921.

< http://archive.org/stream/ftyspiritualho00pseuoft/ftyspiritualho00pseuoft_djvu.txt > .

Newman, John Henry. “A Prayer of John Henry Cardinal Newman” [Oração do cardeal John Henry Newman]. Catholic Newman Center. Universidade de Houston.

< <http://uhcatholic.org/content/article/6024/prayer-john-henry-cardinal-newman> > .

Nicene and Post-Nicene Fathers [Pais nicenos e pós-nicenos]. Série I (14 vols.), Série II (14 vols.).

Edit. por Philip Schaff. Reimpr. ed. de 1885, CCEL. < <http://www.ccel.org/fathers.html> > .

The Orthodox Prayers [As orações ortodoxas]. < http://ihtys.narod.ru/orthodox_prayers.pdf > .

“Prayers to the Holy Spirit” [Orações ao Espírito Santo]. 2 Hearts Network.

< <http://2heartsnetwork.org/HolySpirit.htm> > .

Saint Vladimir Russian Orthodox Church Prayer Book [Livro de oração da Igreja Ortodoxa Russa de São Vladimir] . < <http://>

www.saintprincevladimir.org/spiritual-guides/prayer-book/ > .

Scougal, Henry. *The Life of God in the Soul of Man* [A vida de Deus na alma do homem] . 1677.

Reimpr., CCEL. <<http://www.ccel.org/s/scougal/life/>> .

St. Thomas Prayers [Orações de São Tomás]. <<http://www.stthomas.webhero.com/St-Thomas-Prayer.htm>> .

Taylor, Jeremy. *The Rule and Exercises of Holy Living* [Regra e exercícios para uma vida santa].

Filadélfia: J. W. Bradley, 1860. Reimpr., CCEL.

<http://www.ccel.org/ccel/taylor/holy_living.toc.html> .

Theologia Germanica [Teologia germânica]. Trad. de Susanna Winkworth. Edit. por Peiffer.

Golden Treasury Series. Reimpr. ed. de 1893, CCEL.

<<http://www.ccel.org/ccel/anonymous/theologia.titlepage.html>> .

Thérèse of Lisieux. *Story of a Soul: The Autobiography of St. Thérèse of Lisieux* [História de uma alma]. Edit. por T. N. Taylor. Londres: Burns, Oates, and Washbourne, 1912. Reimpr., CCEL. <<http://www.ccel.org/ccel/therese/autobio>> .

Thomas à Kempis. *The Imitation of Christ* [Imitação de Cristo]. Trad. de Aloysius Croft e Harold Bolton. Milwaukee: Bruce Publishing Company, 1940. Reimpr., CCEL.

<<http://www.ccel.org/ccel/kempis/imitation>> .

Thomas Aquinas. “Prayers before Holy Communion” [Orações antes da Santa Comunhão].

Diocese de Superior, Wisconsin, EUA.

<<http://www.catholicdo.org/le/Prayersbefore&fterHolyCommunion.pdf>> .

_____. “Prayers by St. Thomas Aquinas” [Orações de São Tomás de Aquino]. 2 Hearts Network. <<http://www.2heartsnetwork.org/Aquinas.htm>> .

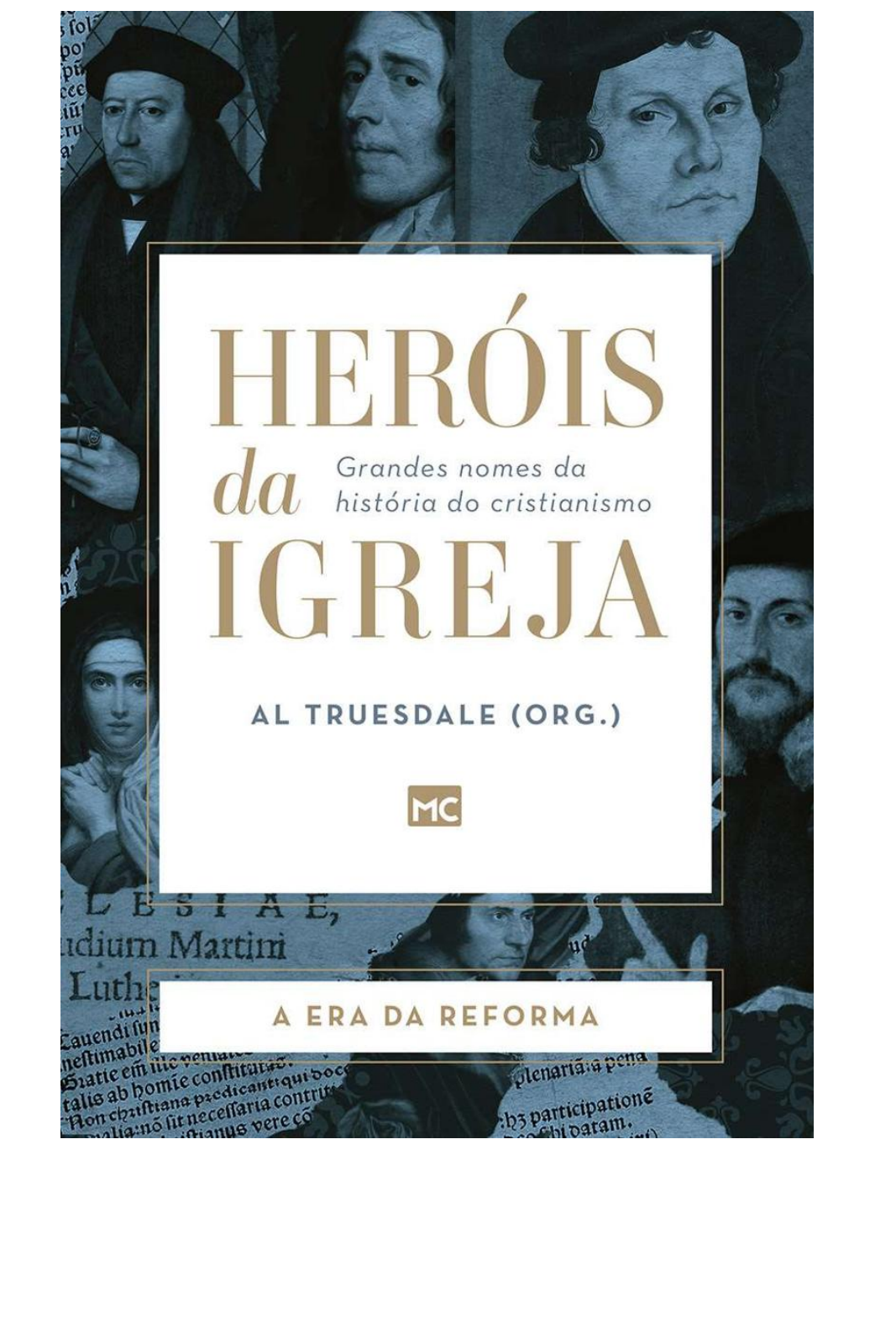
____. “St. Thomas of Aquinas Quotes” .

< <http://misalvador777.tripod.com/catholictreasurechest/id239.html> > .

Vetter, Herbert F., ed. *Prayers for Today*. Cambridge, MA: Harvard Square Library, 2004.

< <http://www.harvardsquarelibrary.org/Prayers/> > .

Wesley, John. *A Christian Library* [Biblioteca cristã]. 1750. Reimpr. ed. de 1821. 30 vols. Wesley Center Online. < <http://wesley.nnu.edu/john-wesley/a-christian-library/> > .

The background is a collage of historical religious figures and Latin text. At the top, three portraits of men in clerical attire are visible. Below them, on the left, is a portrait of a woman with a head covering. On the right, another portrait of a man with a beard is partially visible. At the bottom, there are more portraits and fragments of Latin text, including 'L E S T A E,', 'ndium Martini', 'Luthe', 'Lauendi sun', 'nestimabile', 'Siatie em ille ventat', 'talis ab homie constitut', 'Non christiana predicantriqui doc', 'alia: nō sit necessaria contrit', 'ianus vere cō', 'plenaria: a pena', 'bz participationē', and 'bi datam.'

HERÓIS

da Grandes nomes da
história do cristianismo

IGREJA

AL TRUESDALE (ORG.)



A ERA DA REFORMA

HERÓIS DA IGREJA

Grandes nomes da história do cristianismo

VOLUME 3

A ERA DA REFORMA

Editado por

AL TRUESDALE

Traduzido por Cláudia Santana Martins



Copyright © 2015 por Al Truesdale Publicado originalmente por Beacon Hill Press of Kansas City, divisão da Foundry Publishing, Kansas City, Missouri, EUA.

Os textos das referências bíblicas foram extraídos e adaptados da *Nova Versão Transformadora* (NVT), da Editora Mundo Cristão (com permissão da Tyndale House Publishers, Inc.), salvo as seguintes indicações: *Nova Almeida Atualizada* (NAA), da Sociedade Bíblica do Brasil; e *Nova Versão Internacional* (NVI), da Biblica Internacional.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Edição

Daniel Faria

Revisão

Natália Custódio

Produção e diagramação

Felipe Marques

Colaboração

Ana Luiza Ferreira *Capa*

Maquinaria Studio *Conversão para Ebook*

SCALT Soluções Editoriais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H48

v. 3

Heróis da igreja [recurso eletrônico] : grandes nomes da história do cristianismo : a era da Reforma, volume 3 / editado por Al Truesdale ; traduzido por Cláudia Santana Martins.

- 1. ed. -

São Paulo : Mundo Cristão, 2020.

recurso digital (Heróis da igreja ; 3)

Tradução de: The book of saints : the reforming era Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-433-0499-1 (recurso eletrônico)

1. História da igreja - Séc. XVI. 2. História da igreja - Séc XVII. 3. Reforma protestante. 4.

Santos cristãos. 5. Livros eletrônicos. I. Truesdale, Al. II. Martins, Cláudia Santana. III. Série.

19-61604 CDD: 270.6

CDU:

Categoria: Espiritualidade 1a edição eletrônica: janeiro de 2021

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por: Editora
Mundo Cristão Rua Antônio Carlos Tacconi, 69

São Paulo, SP, Brasil CEP 04810-020

Telefone: (11) 2127-4147

www.mundocristao.com.br

SUMÁRIO

Introdução

Catarina de Gênova (1447–1510)

Martinho Lutero (1483–1546)

Tomás More (1478–1535)

João Calvino (1509–1564)

Tomás Cranmer (1489–1556)

Menno Simons (1496–1561)

Teresa de Ávila (1515–1582)

João da Cruz (1542–1591)

Francisco de Sales (1567–1622)

Metrofânes Critopoulos de Alexandria (1589–1639)

Jeremy Taylor (1613–1667)

François Fénelon (1651–1715)

Madame Jeanne Guyon (1648–1717)

Johann Arndt (1555–1621)

John Owen (1616–1683)

Blaise Pascal (1623–1662)

Philip Jacob Spener (1635–1705)

Henry Scougal (1650–1678)

Fontes bibliográficas

Assim como o pão é feito de muitos grãos, triturados pelo moinho, misturados com a água e assados no forno pelo fogo, também a Igreja de Deus é feita de muitos crentes que tiveram o coração triturado pelo martelo da Palavra divina e foram batizados com a água do Espírito Santo e o fogo do puro amor.

Menno Simons, “A santa Ceia do Senhor”, em *Fundamento e instrução clara da doutrina salvadora de nosso Senhor Jesus Cristo*

+ + +

A Igreja, como comunhão de diferentes povos e eras, em entendimento e enriquecimento mútuos, é dani cada, limitada e dividida por uma crença total infundada na verdade de cada um, que de fato merece mais o nome de heresia.

Charles Taylor, *Uma era secular*

INTRODUÇÃO

Uma verdade extremamente difícil para os cristãos e a igreja abraçarem é a de que o Deus trino e uno é livre — livre para *ser ele mesmo* e livre para *ser somente ele a si mesmo* (Rm 3.21-26). Não há idolatria maior que nosso persistente hábito de procurar fazer do Deus soberano um aliado incondicional de nossas ideias, etnias, políticas e a ligações confessionais. Nós nos perguntamos: “Por que Deus iria transgredir nossas fronteiras incontestáveis?”.

A Bíblia conta a extraordinária história desse Deus livre, que, ao ser *el a si mesmo*, também é *el a nós* e à criação (Sl 100.4-5). Suas páginas estão repletas de pessoas que viram ruir fronteiras que elas julgavam que Deus deveria reconhecer. Considere os exemplos no Antigo Testamento dos profetas Habacuque e Jonas e no Novo Testamento dos fariseus, de Pedro subindo ao terraço em Jope e de Saulo de Tarso

detido por Cristo a caminho de Damasco. A Bíblia também está repleta de pessoas que se tornaram alegres bene ciárias do Deus livre e generoso. Os habitantes de Nínive, Maria Madalena, Zaqueu e a mulher samaritana junto ao poço são exemplos proeminentes. O papa Francisco chama essa característica de “liberdade incontável da Palavra” e “ação livre e generosa do Espírito Santo”. A igreja deve abraçar alegremente a liberdade da Palavra “que é e faz a seu modo e sob formas tão variadas que muitas vezes nos escapam, superando nossas previsões e quebrando nossos esquemas” (*Evangelii Gaudium*, cap. 1, § 22; cap. 2, § 246).

Essencial para a verdadeira devoção é estar disposto a deixar que Deus seja Deus à maneira dele. Isso representa um desafio para a igreja em sua forma institucional, agora visivelmente fragmentada, contrariamente ao que diz a Oração Sacerdotal de Jesus (Jo 17.1-26). Cada fragmento parece pronto a reivindicar a aprovação de Deus. Leve em conta, por

exemplo, esta placa que vimos no centro-oeste dos Estados Unidos: A Terceira Igreja da Verdadeira Santidade, Uni cada. Apesar de todas as diferenças doutrinárias no corpo de Cristo, existe um ecumenismo no Espírito Santo que transcende fronteiras. O Espírito encontra formas de nos lembrar de que há “um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de tudo, o qual está sobre todos, em todos, e vive por meio de todos” (Ef 4.5). Ele não pode ser encurralado ou imobilizado por diferenças sectárias. Continua a testemunhar de Cristo como o Redentor do mundo, a distribuir os dons de Cristo para a igreja e a chamar a todos nós para o caminho da cruz, independentemente de quão inadequada seja a nossa compreensão.

Este livro é uma janela para as atividades do Deus livre durante um período na história da igreja marcado por divisões hostis, muitas das quais persistem ainda hoje. Não é nosso objetivo discutir os motivos dessas divisões. Em vez disso, escutaremos o Espírito enquanto ele fala acima do alarido dos conflitos religiosos e age para formar a imagem de Cristo em seu povo. A cura da igreja pode resultar de escutarmos o Deus livre trino e uno, com armas nele e lembrarmos que todos os cristãos são companheiros de peregrinação, aprendendo uns com os outros. Em 1749, John Wesley expressou essa atitude para um conhecido seu que era católico romano: “Esforcemo-nos por auxiliar uns aos outros naquilo em que estamos de acordo que conduz ao reino.

[...] Regozijemo-nos sempre em unir nossas mãos no serviço de Deus”

(“Carta a um católico romano”, séc. 17, em *Obras*, 10:86).

Os textos deste volume foram escritos por cristãos que viveram durante a Reforma Protestante e a Reforma Católica (às vezes incorretamente denominada Contrarreforma) no século 16 e durante o período que se seguiu, no século 17. A divisão formal entre a Igreja do Oriente e a do Ocidente ocorreu cinco séculos antes (1054 d.C.). São raros os textos de personalidades da Igreja Ortodoxa do Oriente dos séculos 16 e 17.

Um breve esboço biográfico precede os textos selecionados de cada personalidade aqui mencionada. Uma oração (muitas vezes um hino) e referências bíblicas* para re-exão acompanham cada leitura. Em muitos casos, foi necessário parafrasear as traduções em domínio público.

* Referências bíblicas em negrito identi cam versículos bíblicos citados ou parafraseados nos excertos selecionados e nas orações.

CATARINA DE GÊNOVA

(1447–1510)

(CATERINA FIESCHI ADORNO)

No século 20, Madre Teresa se tornou conhecida pelo serviço abnegado que prestava aos pobres de Calcutá. No século 15, em Gênova, na Itália, um trabalho similar estava sendo feito pela mulher que agora conhecemos como Catarina de Gênova. A mais jovem de cinco lhos, Catarina nasceu em uma família aristocrática genovesa. O pai fora vice-rei, ou governador nomeado, de Nápoles. Havia dois papas em sua linhagem familiar. Quando Catarina nasceu, o Renascimento italiano estava em seu segundo século. Iniciando-se em Florença e espalhando-se por toda a Europa, o Renascimento foi um notável movimento cultural marcado pela criatividade explosiva no mundo acadêmico, na ciência, na arte, na música, na arquitetura, na loso a e na literatura. Os vínculos aristocráticos de Catarina teriam permitido que ela entrasse em contato com o mundo deslumbrante da cultura do Renascimento. Em

vez disso, porém, ela “desprezava o orgulho das origens e abominava o luxo” (*A vida e a doutrina*, cap. 1). Catarina escolheu dedicar a vida

a um amplo segmento da sociedade que não tinha lugar à mesa do Renascimento.

Catarina foi uma criança quieta e obediente, com talento para a oração e amor pela paixão de Cristo. Aos 13 anos, pediu para ingressar no convento de Nossa Senhora da Graça, mas foi rejeitada em razão da idade. Aos 16, os pais lhe arranjaram um casamento com um jovem nobre chamado Juliano Adorno. O casamento foi infeliz desde o início.

Juliano revelou-se perdulário, acabando por levar o casal à pobreza. Era inel e possuía um gênio violento. Nos primeiros cinco anos de casamento, Catarina sofreu em silêncio e tristeza. Durante os cinco

seguintes, voltou-se para o mundo exterior, dedicando-se a diversões inocentes, enquanto a paixão por Deus deitava-se,

profundamente perturbada com o declínio religioso que atravessava, Catarina procurou renovar o amor inicial. Encorajada pela irmã, que era freira, Catarina foi a um convento em Gênova para orar. Mal havia se ajoelhado para confessar os pecados quando sentiu um raio de luz divina, uma visita que revelou a santidade de Deus e os pecados dela. A revelação foi tão intensa que ela experimentou um êxtase transformador; havia sido “ferida” pelo amor divino (cap. 2). A chama do amor a Deus foi reavivada e nunca mais esmaeceu.

Catarina começou a visitar os bairros pobres de Gênova para ajudar os que viviam na miséria, uma atividade nada fácil para uma aristocrata. Ela

“limpava as casas da sujeira mais repugnante” (cap. 8). A nova vida de Catarina ofereceu a Juliano um modelo tão sólido de disciplina cristã que ele aderiu ao cristianismo. Mais tarde, ele se tornou terciário franciscano. Todavia, como os gastos imprudentes anteriores de Juliano haviam reduzido o casal à pobreza, eles decidiram, em 1479, mudar-se para o Hospital Pammattone, um dos primeiros hospitais públicos na Europa (fundado em 1423). Lá, devotaram-se completamente a obras de caridade. Em 1490, Catarina tornou-se superintendente do hospital.

Então, no início da primavera de 1493, a peste bubônica se alastrou por Gênova. Dos que permaneceram na cidade, 80% morreram. Sob tendas de lona, Catarina supervisionava o cuidado dos moribundos, e Juliano trabalhava a seu lado. Ele morreu em 1497. Consumida pelo

fogo do amor divino, Catarina acabou se exaurindo nessa tarefa de cuidar dos doentes e desprovidos.

Perto do fim da vida, Catarina revelou os encontros divinos que vivenciara ao padre Marabotti, seu diretor espiritual e sucessor como superintendente. Mais tarde, o padre Marabotti compilou e publicou as memórias de Catarina, intituladas *A vida e a doutrina de Santa Catarina de Gênova*. Além da biografia de Catarina, esse livro inclui suas duas obras mais importantes: *Diálogo espiritual* e *Tratado do purgatório*.

Catarina morreu em 15 de setembro de 1510. Foi canonizada (ato pelo qual uma pessoa é declarada santa) pelo papa Clemente XII em 1737.

1

Aquele cujo coração é puro sabe que o amor de Deus opera em segredo, sutilmente e sem aviso. Os filhos de Deus talvez perguntem: “Ó Senhor, que tipo de amor é esse, que muda constantemente uma pessoa de boa para a melhor, conduzindo-a mais perto do teu objetivo para ela? Mas, quanto mais perto chega, mais profundo e difícil de compreender ela reconhece ser o amor de Deus”.

O amor de Deus é chama divina. O fogo físico queima enquanto houver material combustível à disposição. Nos filhos de Deus o amor divino sempre se move em direção ao objetivo; nunca deixa de beneficiar e servir a quem está a seus cuidados. Quem não conhece o poder do amor de Deus tem a si mesmo a culpar, pois Deus nunca deixa de amar.

Ah, o grande amor de Deus! Não posso me calar. Todavia, não consigo falar como deveria sobre as obras de Deus. Estou tomada por um amor que me inspira a falar, mas que me priva da habilidade e da força para falar tal como anseio. Assim, com o coração e a mente estou pronta a exultar no amor de Deus, mas a minha pobre língua me trai.

Catarina de Gênova, *Diálogo espiritual*, parte 3, cap. 4 (*A vida e a doutrina de Santa Catarina de Gênova*)

Ó Senhor Jesus, que meu coração sempre te busque, te encontre, medite sobre ti, fale de ti e faça tudo em louvor e glória do teu nome, com humildade e discrição, com amor e desfrute, com perseverança até o fim; e que tu sejas sempre minha Esperança, minha inteira Segurança, minha Riqueza, meu Deleite, meu Prazer, minha Alegria, meu Descanso e Tranquilidade, minha Paz, meu Alimento, meu Refúgio, meu Auxílio, minha Sabedoria, meu Tesouro. Que em ti meu coração e minha mente

esteam sempre xados e enraizados com rmeza. Amém.

Boaventura (1217–1274), “Orações de São Boaventura”,

Liturgies.net

PARA REFLETIR: Sl 70.4-5; 90.9-16; 116.1-19; Mt 5.43-48; Jo 3.16-21; Rm 5.1-11; 8.37-38; 1Co 2.9; 2Ts 3.1-5; Tt 3.1-11; 1Jo 3.18-22; 4.7-12

2

O amor de Deus nos traz todo o bem e bane todo o mal. Ó fogo do amor, o que tu operas nos cristãos? Tu os purificas como o ouro é purificado; então os transportas ao país celestial.

Se eu pudesse enunciar o amor de Deus que me enche o coração, todos os humanos se innamorariam, por mais distantes do amor de Deus que pudessem estar. Antes que eu deixe esta vida, ao menos uma vez, ó Senhor, deixa-me falar do teu amor como eu o tenho vivenciado. Deixa-me contar o que o teu amor exige daqueles que o recebem.

Ó divino amor, com tua ternura podes quebrar um coração mais duro que a pedra, ou derretê-lo como cera. Ó divino amor, fazes os grandes homens se considerarem os menores sobre a terra, e os mais ricos se acharem os mais pobres. Ó divino amor, fazes a sabedoria deste mundo parecer tolice. Aos instruídos proporcionas um entendimento que ultrapassa todo o seu conhecimento. Ó divino amor, executas todo o trabalho de salvação, que não conseguimos entender nem iniciar. Ó

divino amor, mesmo que um coração humano seja quase desprovido de amor, uma faísca é suficiente para fazê-lo incendiar-se, abandonar tudo e seguir-te.

Catarina de Gênova, *Diálogo espiritual*, parte 3, cap. 5 (*A vida e a doutrina de Santa Catarina de Gênova*)

Ó Senhor, entrego-me a ti. Não sei para o que sirvo além de me transformar em um inferno sem ti. Ó Senhor, anseio fazer este acordo contigo: entregarei meu ser pecaminoso em tuas mãos. Só tu podes ocultá-lo em tua misericórdia. Preenche-me completamente com teu amor, que ilumina todos os outros amores. Amém.

Catarina de Gênova, *Diálogo espiritual*, parte 1, cap. 12

(*A vida e a doutrina de Santa Catarina de Gênova*)

PARA REFLETIR: 2Sm 22.1-51; Sl 25.1-22; 42.5-11; 63.1-8; Is 12.1-6; 38.9-15; 43.1-21; Jo 14.15-31; 1Co 1.18-31; Ef 2.1-10; Ap 5.1-10; 7.13-17

MARTINHO LUTERO

(1483–1546)

Impressões equivocadas podem ser difíceis de eliminar. Uma dessas impressões é a de que, em 31 de outubro de 1517, quando um monge agostiniano chamado Martinho Lutero pregou 95 teses na porta da igreja universitária em Wittenberg, na Alemanha, ele queria iniciar uma revolução que fragmentaria a cristandade ocidental. Na verdade, Lutero estava convocando um debate sobre práticas que considerava abusivas e contrárias às Escrituras. A porta era um quadro de avisos da comunidade. Lutero estava incomodado porque indulgências¹ plenárias (totais) estavam sendo vendidas de modo inadequado em um distrito das redondezas.

Moradores de Wittenberg estavam atravessando a fronteira para comprá-las. As teses de Lutero desafiavam a prática e sua justificativa eclesiástica. Sua preocupação com a essência teológica da igreja e das Escrituras, e não a revolta contra a igreja, motivou aquela ação. Só com relutância Lutero concluiu que as reformas que estava apoiando não seriam endossadas pelo papa Leão X (que exerceu o papado de 1513 a 1521). Embora uma bula² papal já houvesse sido emitida (em 15 de junho de 1520) ameaçando Lutero de excomunhão, na “Carta aberta ao papa Leão X”, escrita em 1520 em introdução ao tratado *Da liberdade do cristão*, ele expressa preocupação de que, se conseguisse ultrapassar o círculo burocrático que cercava o papa, este iria concordar com ele. Lutero refere-se a Leão como um “Daniel na Babilônia” e dirige-se a ele como seu “beatíssimo pai”.

Martinho Lutero é uma das figuras mais brilhantes, complexas e influentes na história do cristianismo. Ele despontou em um cenário onde o terreno para a reforma religiosa, intelectual e política já havia sido preparado. Os desenfreios abusos eclesiásticos (p. ex., a compra e

venda de cargos eclesiásticos, os pesados impostos papais) haviam gerado um clima de agitação. Uma reforma substancial ocorrera anteriormente em algumas ordens monásticas (p. ex., os beneditinos no século 10). As reformas centradas na Bíblia de John Wycliffe na Inglaterra (c. 1330–1384) e Jan Huss (c. 1369–1415) em Praga ajudaram a preparar o cenário para Lutero. Em 1516, o humanista Desidério Erasmo (1466–1536) produziu uma nova versão em grego

do Novo Testamento que Lutero traduziria para o alemão (1522). Apenas o contexto, contudo, não explica a jornada angustiante, mas bem-sucedida, de Lutero até o Deus de toda graça.

Lutero nasceu em Eisleben, na Alemanha, de pais camponeses de devoção simples, uma formação que cou gravada para sempre em seu temperamento. O pai, mineiro, era mais ambicioso que a maioria dos camponeses: o lho seria educado para uma carreira jurídica. Quando se formou na Universidade de Erfurt em 1505, Lutero estava pronto para estudar direito. Mas os planos foram alterados com a morte de um amigo e uma experiência assustadora durante uma tempestade, quando ele fez o juramento de se tornar monge. Em 1505, ingressou em um mosteiro agostiniano em Erfurt. Havia muito tempo ele se inquietava com seu senso de pecaminosidade e com sua total incapacidade de aplacar a ira de Deus. Por mais que Lutero se esforçasse para car em paz com Deus, jamais conseguia.

Ordenado sacerdote em 1507, em 1509 Lutero foi enviado por seus superiores a Wittenberg para que se preparasse para o magistério naquela universidade então recém-fundada (1502). Em 1510, viajou a Roma, onde cou consternado pelos baixos padrões morais e religiosos da corte papal. Embora os colegas de Lutero o admirassem por sua devoção, a paz com Deus continuava-lhe inatingível. Em 1512, começou suas palestras sobre as Escrituras. Por meio do estudo da Bíblia, Lutero nalmente chegou à descoberta fundamental que caracterizaria a Reforma Protestante. Enquanto estudava os textos bíblicos, o evangelho de Jesus Cristo o deslumbrou. Percebeu que as boas-novas do evangelho é que, pela fé no Cristo Redentor, ele podia se reconciliar completamente com Deus apenas pela graça, sem levar em consideração obras de mérito que haviam se mostrado improdutivas e obstrutivas.

Entendeu também que, por meio do Espírito, podia assegurar-se da livre graça reconciliadora de Deus, recebida pelo batismo e pela Eucaristia.

1 Uma indulgência é a remissão nesta vida ou no purgatório da pena temporal dos pecados, cuja culpa teria sido absolvida pelos sacramentos do batismo e da con ssão.

2 Documento oficial emitido pelo papa ou seus representantes, assim nomeada devido ao selo de chumbo (*bul a*) aplicado ao nal do documento para autenticá-lo.

A primeira, suprema e mais preciosa de todas as boas obras é a fé em Cristo Redentor. Jesus disse que a única obra que Deus quer de nós é que creiamos “naquele que ele enviou”. Não devemos passar rapidamente por essa questão; devemos nela nos deter longamente para examinar as palavras de Jesus. Pois da fé procedem todas as boas obras subsequentes, e pela fé elas recebem a virtude.

Existem muitos que oram, instituem fundações e levam uma vida virtuosa. Mas, se lhes perguntam se têm convicção de estarem agradando a Deus, eles responderiam “não”. Certos homens eruditos nada fazem além de ensinar boas obras. Mas as obras que eles exigem são feitas fora da fé em Cristo, a primeira e mais preciosa de todas as boas obras. Tais obras estão mortas, e a consciência permanece incerta em relação a Deus. Essas pessoas carecem da fé primordial em Cristo, por isso cam inseguras em relação às obras. Sem a con ança salvadora em Cristo, as pessoas serão atormentadas por uma consciência inquieta em relação a Deus, pois às suas obras falta a cabeça. Toda a sua virtude nada é.

Quando exalto a fé e rejeito obras feitas fora da fé em Cristo, meus críticos me acusam de proibir as boas obras, quando, na verdade, estou me esforçando para ensinar boas obras que provêm da fé como fruto.

Martinho Lutero, *Das boas obras*, seção 2

Concede, Ó Pai celestial, que con emos em ti tão elmente e amemos uns aos outros tão ardorosamente, sempre vivendo em temor a ti e em obediência à tua lei sagrada e à tua vontade abençoada, que, sendo frutíferos em todas as boas obras, possamos viver de acordo com teu desejo e, mais tarde, alcançar a vida verdadeira e imortal, onde vives e reinas, por todos os séculos. Amém.

Thomas Becon (1511–1567), *Orações: antigas e modernas*

PARA REFLETIR: Jo 6.25-40; Rm 1.16-17; 3.19-31; 4.13—5.21; 8.1-17; Gl 3.21-25; 5.16-26; Ef 2.1-10; Cl 3.1-4; 2Pe 1.2-11; 3.11-13

O cristão é livre senhor de tudo e não sujeito a ninguém; o cristão é o mais dedicado servo de tudo e sujeito a todos. Essas duas afirmações parecem contraditórias. Mas, se concordam uma com a outra, explicam o evangelho muito bem.

Todo cristão está, pela fé em Cristo, tão acima da dependência de obras que, em virtude de ser redimido pelo poder de Deus, ele é senhor de todas as coisas. Nada pode roubar-lhe o dom da salvação. Tudo é subordinado à fé em Cristo. Isso não significa que os cristãos sejam colocados acima de todas as coisas para controlá-las pela força física.

Na medida em que um cristão é livre da dependência em relação às obras, porque é redimido pela graça apenas pela fé, ele não executa obras. Ele é livre senhor de tudo e possui todas as coisas. Mas, agora que está livre das obras como meio para obter a salvação, ele é servo de todas as coisas; faz todos os tipos de obras que cumprem a lei. Essa é a fé que opera por meio do amor obediente. É a ocupação singular do cristão servir a Deus e ao próximo com alegria e sem pensar em ganhos.

Martinho Lutero, *Da liberdade do cristão*

Ó Senhor, faz da tua lei o nosso prazer. Planta em nosso coração aquele amor que cumpre a lei. Ensina-nos a amar-te com toda a nossa vontade e com todo o nosso ser, e ao próximo como a nós mesmos. Não nos deixes dividir teus mandamentos em grandes e pequenos, segundo nossas preferências arbitrárias. E concede-nos a graça de receber com humildade, como claramente nos ensinaste, que aquele que transgredir em um ponto é culpado de transgredir toda a lei. Amém.

Christina Georgina Rossetti (1830–1894), *Orações: antigas e*

modernas

PARA REFLETIR: Rm 8.1-4,28; **13.8**; 14.1-23; 1Co 2.10-14; 3.21-23; **9.19**; Gl 5.1-6,13-21; 1Tm 2.3-7; Tg 1.22—2.17; 1Pe 1.13-23; 2.1-25

5

Como pode a pessoa interior se tornar um cristão justo, livre e piedoso, ou seja, uma pessoa espiritual, nova e interior? Com certeza nenhuma coisa externa tem poder de gerar a liberdade e a justiça cristãs.

Que utilidade pode ter à alma que o corpo tenha boa saúde, liberdade e esteja cheio de vida, que coma, beba e faça o que bem entender, quando até as pessoas mais ímpias podem fazer tudo isso? Por outro lado, que prejuízo trará à alma a saúde ruim, o cativeiro, a fome, a sede ou qualquer outro mal externo, quando até as pessoas mais piedosas e mais livres na pureza de consciência diante do Senhor são

atormentadas por essas coisas? Nenhum desses incômodos tem nada que ver com a liberdade ou escravidão da alma.

Uma coisa, e apenas uma, é necessária para a vida, a justificação e a liberdade cristãs, e é a santíssima Palavra de Deus, o evangelho de Cristo. Tenhamos como certo, portanto, e firmemente estabelecido que a alma não precisa de nada além da Palavra de Deus, sem a qual nenhuma de suas necessidades é atendida. Entretanto, tendo a Palavra, o cristão é rico e de nada carece, pois essa é a Palavra de vida, verdade, luz, paz, justificação, salvação, alegria, liberdade, sabedoria, virtude, graça, glória e tudo que é bom.

Martinho Lutero, *Da liberdade do cristão*

Que Deus nos ilumine a todos pelo Espírito Santo, para que sejamos sinceros e sem faltas, tanto em nossa fé quanto em nossa vida, até o dia de Cristo (que está próximo), sendo alimentados com os frutos da retidão, para a glória e o louvor de Deus! Amém.

Johann Arndt (1555–1621), *O verdadeiro cristianismo*,

prefácio ao livro 1, § 8

PARA REFLETIR: Mt 4.4; 11.1-6; Mc 8.31-38; Jo 1.1-18; 3.1-22; 7.37-44; 8.26; 11.25; Rm 5.1-11; 2Co 8.9; Ef 2.1-10; 1Ts 2.1-8

6

Não há maior favor de Deus que enviar sua Palavra. Mas o que é essa Palavra? O apóstolo Paulo diz que a Palavra de Deus é o evangelho de Deus a respeito de seu Filho, que se fez carne, sofreu, ressuscitou e foi glorificado pelo Espírito santificador. Pregar a Cristo significa alimentar a alma, torná-la reta, libertá-la e salvá-la, desde que ela acredite na pregação. Só a fé constitui uso salutar e eficaz da Palavra de Deus. A Palavra de Deus não pode ser recebida e reverenciada por obras, senão apenas pela fé em Cristo. Como a alma necessita apenas da Palavra para a vida e a justificação, assim também ela é justificada apenas pela fé. Se pudesse ser justificada por obras, não haveria necessidade da Palavra ou da fé.

A fé não pode existir em conexão com as obras. Se você pensa que pode ser justificada por obras em conexão com a fé, isso significaria hesitar entre duas opiniões. Quando começa a crer em Cristo, aprende que tudo em você é absolutamente censurável, pecaminoso e condenável. Quando tiver aprendido isso, saberá que Cristo, a Palavra, é absolutamente necessário; ele sofreu e ressuscitou para que, pela fé,

você se torne uma nova pessoa; seus pecados são perdoados e justificados tão somente pelos méritos de Jesus Cristo.

Martinho Lutero, *Da liberdade do cristão*

Ó Deus eterno, confessamos alegremente que nossa salvação e justiça estão fundadas inteiramente em tua graça eterna dada a nós por meio da pessoa e missão do Senhor Jesus Cristo. Confessamos que só nele nos tornamos justos, santos, vivos, abençoados, livres e herdeiros de Deus.

Johann Arndt (1555–1621), *O verdadeiro cristianismo*,

baseado no livro 2, cap. 3, § 10

PARA REFLETIR: Hc 2.4; At 2.14-38; Rm 1.1-17; 3.10-12,21-23; 10.4,9; Gl 3.1-14

7

Todo cristão deve se preocupar em rejeitar toda confiança em obras e reforçar cada vez mais apenas a fé e, pela fé, ampliar o conhecimento, não de obras, mas de Cristo Jesus, que sofreu e ressuscitou por nós.

A verdadeira fé em Cristo é um tesouro incomparável, trazendo consigo a salvação e preservando-nos de todo mal. A fé, que cumpre totalmente a exigência da lei de que adoremos apenas a Deus, encherá os crentes com tanta retidão que eles não necessitarão de nenhuma outra justiça. Mas como é possível que apenas a fé justifique e, sem obras de mérito, proporcione um tesouro tão rico, quando a Bíblia prescreve tantas obras, cerimônias e leis?

A Bíblia está dividida em duas partes: preceitos e promessas. Os preceitos realmente ensinam o que é bom. Ensinam-nos o que devemos fazer, mas não nos dão o poder para fazê-lo. Eles nos revelam a nós mesmos, para que, por meio deles, conheçamos nossa impotência para o bem e desesperemos de nossa própria força.

Portanto, para podermos cumprir a lei, que é boa, e tendo desesperado de nossa própria capacidade, precisamos buscar auxílio em outra parte.

É aí que entra a outra parte das Escrituras: as promessas de Deus. Elas ensinam: “Cria em Cristo, que lhe promete graça, justiça, paz e liberdade”.

Martinho Lutero, *Da liberdade do cristão*

A ti oramos, ó Senhor, para que tua graça sempre nos preceda e nos acompanhe, e que estejamos sempre atentos às boas obras que devemos fazer. Por nosso Senhor Jesus Cristo, teu Filho. Amém.

“Vigésimo oitavo domingo do tempo comum”, Coleta,

PARA REFLETIR: Mc 16.16; Jo 6.27-29,41-69; 7.31-52; Rm 5.6-11; 6.1-14; 10.5-10; Ef 2.1-22; Fp 3.7-16; Hb 10.1-23

8

As promessas de Deus são palavras de santidade, verdade, retidão, liberdade, paz, e plenas de bondade. O cristão que se atém a elas com fé rme está tão unido às promessas e por elas absorvido que não apenas compartilha de sua força como também se impregna de suas virtudes. Se no Novo Testamento o toque físico de Cristo trazia a cura, quão mais intenso será esse toque espiritual e nossa recepção da Palavra, que nos comunicará tudo o que é próprio do evangelho de Jesus Cristo! Dessa forma, apenas pela fé e sem obras, a pessoa é justificada pela Palavra de Deus, santi cada e dotada de verdade, paz e liberdade. É impregnada de tudo o que é bom, tornando-se, assim, lha de Deus.

A partir disso é fácil entender por que a fé possui tamanho poder.

Nem todas as boas obras juntas se igualam a ela; boas obras usadas como meio de salvação não se baseiam na Palavra de Deus, no evangelho. Só a fé e a Palavra de Deus devem reinar na alma. Como o ferro, quando exposto ao fogo, ca incandescente devido à união com o fogo, assim também a Palavra transmite suas qualidades salvadoras aos cristãos.

Martinho Lutero, *Da liberdade do cristão*

Ó Deus eterno, nós nos alegramos de que a retidão de Cristo seja nossa, de que sua bondade, santidade, vida, felicidade e herança sejam nossas. Pelo Espírito, o Cristo inteiro, plenamente divino e plenamente humano, é nosso. Essa é nossa maior consolação, glória, louvor, honra, amor, alegria, sabedoria, força e vitória sobre o pecado e a morte, o demônio e o inferno, o mundo e todos os nossos inimigos, e por isso Deus deve ser louvado por toda a eternidade! Amém.

Johann Arndt (1555–1621), *O verdadeiro cristianismo*,

baseado no livro 2, cap. 3, § 10

PARA REFLETIR: Lc 1.46-55; Jo 1.10-13; 1Co 1.15-22; 2Co 7.1; Gl 3.19-22; 1Tm 1.8-14; Hb 8.1-7; 11.32—12.17; 2Pe 1.1-11

(Os três poderes ou benefícios da fé.)

O primeiro poder ou benefício da fé é que transmite ao cristão tudo o que é necessário para ser justificado, santificado e tornado verdadeiro, pacífico, livre e filho de Deus. Por meio da fé na Palavra de Deus, o cristão tem tudo de que necessita e não precisa de obras para se justificar. Essa é a liberdade cristã, nossa fé, que não nos leva a viver de modo descuidado, mas que torna a lei e as obras desnecessárias para a salvação.

O segundo poder ou benefício da fé é que ela honra aquele em quem crê com a adoração mais profunda e elevada; sabe que ele é verdadeiro e confiável. A alma consente com a vontade de Deus e consagra seu nome tornando-se obediente em tudo por meio da fé.

O terceiro poder ou benefício da fé é que ela une o cristão a Cristo como uma esposa ao marido. Por meio desse mistério, Cristo e o crente se tornam uma carne, havendo entre eles um verdadeiro casamento.

Como marido e mulher têm tudo em comum, assim também o cristão pode jactar-se e gloriar-se em tudo o que pertence a Cristo como se lhe pertencesse. E tudo o que o cristão possui, Cristo reivindica para si.

Martinho Lutero, *Da liberdade do cristão*

Faz-nos, Ó Senhor, crescer como puros lírios nos pátios da tua casa e anunciar aos éis a fragrância das boas obras e o exemplo de uma vida piedosa, por meio de tua graça e misericórdia. Amém.

Sacramentário moçarábico (antes de 700 d.C), *Orações:*

antigas e modernas

PARA REFLETIR: Lc 18.18-30; Jo 17.1-26; Gl 6.11-16; Ef 4.17-20,31-32; 1Jo 1.1-10; 2.20-25; 4.16b

—5.5; Ap 19.4-10; 21.1-8

Veja quanta importância é atribuída à fé. Só a fé pode cumprir a lei e justificar o pecador sem quaisquer obras. Eis a explicação. O primeiro mandamento diz: “Adore somente ao único Deus”. O mandamento é

cumprido somente pela fé. Se você não fosse nada além de boas obras das solas dos pés ao topo da cabeça, ainda não seria virtuoso, nem adoraria a Deus; estaria andando em suas próprias realizações e glorificando-as; estaria atribuindo a bondade a si mesmo, em vez de atribuir toda honestidade e bondade somente a Deus. Sua vanglória comrmaria sua pecaminosidade. É impossível adorar a Deus sem abandonar o senso de autonomia moral e a recusa em atribuir toda bondade apenas a Deus. Adorar a Deus como o mandamento exige não pode ser cumprido por obras que, na verdade, manifestam

independência da bondade de Deus. A adoração só acontece por meio da fé que cona apenas na graça de Deus, que escuta e crê no evangelho, a Palavra de Deus. Essa é a retidão do cristão. Aquele que, pela fé, obedece ao primeiro mandamento pode então, pela fé, obedecer aos outros mandamentos. Vêm, então, as boas obras como realização e expressão da fé.

Martinho Lutero, *Da liberdade do cristão*

Deus glorioso e eterno, Pai de toda misericórdia e Deus de toda consolação, eu te venero e adoro com a humildade que tua santidade e teu amor invocam em mim. A ti rendo graças e louvor por tuas glórias e perfeições inatas e essenciais, assim como pela doação contínua de tuas misericórdias a mim, a tudo o que é meu e à tua santa igreja católica. Amém.

Jeremy Taylor (1613–1667), “Outra forma de oração

matinal”, em *Vida santa*, cap. 1, Orações e devoções

PARA REFLETIR: Êx 20.1-6; Am 5.18-24; Mq 4.1-7; Mt 6.1-15; 7.12-27; Lc 7.36-50; 10.25-37; 2Co 1.9; 10.12-18; Cl 1.9-14; Jd 1.24-25

11

Uma pessoa é justificada e salva não por obras ou leis, mas pela Palavra de Deus, ou seja, pela promessa de sua graça e pela fé, de modo que a glória pertence à Majestade Divina. A partir disso, vemos em que sentido as boas obras devem ser rejeitadas. Se as obras são executadas como forma de obter a justiça, e são feitas sob a falsa impressão de que por elas uma pessoa pode ser justificada, se alguém possui a crença perversa de que a reconciliação com Deus deve ser buscada por meio delas, então a liberdade e a fé são extintas.

Assim, boas obras não tornam uma pessoa boa, mas uma pessoa boa, justificada apenas pela graça, fará boas obras. Visto que o cristão não

precisa de boas obras para obter a justiça e a salvação, ele deve ser guiado em todas as suas obras por um padrão, para que sirva e beneficie aos outros, não tendo nada em consideração além da necessidade e benefício do próximo. O apóstolo Paulo recomenda esta regra: os cristãos devem dedicar todas as suas obras ao bem-estar dos outros, pois todo cristão possui riquezas tão abundantes por meio da fé que todas as obras, com efeito toda a sua vida, são como excedentes, podendo ser usadas para servir ao próximo.

Martinho Lutero, *Da liberdade do cristão*

Deus eterno e todo-poderoso, dirige nossas ações segundo o que bem te agrada, para que, em nome do teu Filho amado, fruti quemos em boas obras. Por nosso Senhor Jesus Cristo, teu Filho, na unidade do Espírito Santo, um só Deus, para todo o sempre. Amém.

“Terceiro domingo do tempo comum”, Coleta, *Missal romano*

PARA REFLETIR: Mt 7.18; Jo 1.14-18; 1Co 1.21; Rm 12.1-13; 14.1-23; Gl 6.2; Ef 4.28; Fp 2.1-4; Tt 3.5

12

O cristão deve dizer: “Embora eu seja uma pessoa indigna e condenada, meu Deus me deu, por meio de Cristo, todas as riquezas da justiça e da salvação, sem mérito algum de minha parte. Ele fez isso por pura e gratuita misericórdia. Por isso, de agora em diante, não preciso de nada além da fé nessa verdade. Por que eu não faria livre, alegre e prontamente tudo o que é agradável e aceitável a tal Pai? Ele me cumulou de inestimáveis riquezas. Sendo assim, eu me darei ao meu próximo como fez Cristo ao se oferecer a mim. Não farei nada nesta vida exceto o que vejo ser necessário, proveitoso e salutar ao meu próximo, já que, pela fé, tenho fartura de todos os bens em Cristo”.

Portanto, uem da fé o amor e a alegria no Senhor, e do amor um espírito alegre, disposto e livre, que serve ao próximo sem levar em consideração gratidão ou ingratidão, louvor ou culpa, ganho ou perda. É

assim que o Pai distribui farta e livremente todas as boas coisas, fazendo o sol nascer sobre os justos e os injustos. Seus filhos nada devem fazer a não ser pela alegria voluntária que eles desfrutam em Cristo.

Martinho Lutero, *Da liberdade do cristão*

Pai misericordioso e compassivo, que ensinas em tua Santa Palavra como devo, em teu Filho, Jesus Cristo, seguir pelo caminho estreito, não me desviando nem para a direita, nem para a esquerda, permita que eu continue rme e constante em meio a todas as tentações; que eu não seja desencaminhado pelo espírito maligno da presunção e do orgulho espiritual, nem tenha medo do anjo destruidor do desespero que anda nas trevas. Amém.

Johann Arndt (1555–1621), *O verdadeiro cristianismo*, livro 2, cap. 34, seção 9

PARA REFLETIR: Mt 3.16; **5.43-48**; 7.12; **25.31-46**; Lc 6.27-38; Ef 1.3-14; 3.7-13; Fp 4.15-20; Cl 2.2

13

(Tornando-se verdadeiramente cristão.)

Se reconhecermos as grandes dádivas que recebemos, o Espírito Santo nos encherá o coração com o amor que nos torna obreiros livres, alegres, onipotentes e vencedores sobre todas as tribulações, servos do próximo e senhores de todas as coisas. Assim como nosso próximo sente necessidades e carências de bens que possuímos em abundância, da mesma forma, diante de Deus, estamos carentes e precisamos de sua misericórdia. Assim como nosso Pai celestial nos ajudou por meio de Cristo, da mesma forma devemos usar nosso corpo e suas obras para ajudar nosso próximo. Cada um deve se tornar como que um Cristo para os outros, isto é, tornar-se verdadeiramente cristão.

Quem será capaz de compreender as riquezas e a glória de um cristão?

Ele pode fazer tudo, ter tudo, e de nada carece. Ele é senhor do pecado, da morte e do inferno, mas também serve, auxilia e beneficia a todos.

Infelizmente, essa grande verdade é ignorada na cristandade. Não é nem pregada nem procurada. Somos ignorantes a respeito do significado do nome “cristão” ou das razões pelas quais temos esse nome. O Cristo que habita em nós nos chamará cristãos se tivermos fé nele e formos cristos uns para os outros, fazendo ao próximo assim como Cristo faz a nós.

Martinho Lutero, *Da liberdade do cristão*

Ó Sabedoria Eterna, concede-me a luz do teu Espírito Santo para que eu saiba o que queres que eu faça; ofereço-me integralmente a ti. Faz comigo

o que parece bom a teus olhos. Corrige-me em tudo o que estiver desordenado. Reforça minha fraca determinação e restringe meus desejos caprichosos. Amém.

Extraído de Tesouro de devoção (1869), citado em *Orações:*

antigas e modernas

PARA REFLETIR: Mt 1.18-23; 28.16-20; Jo 14.1-7; 1Co 15.20-58; Fp 4.10-14; Ap 1.4-8; 21.1-4

14

Um cristão não vive em si mesmo, mas em Cristo e no próximo, caso contrário não é cristão. Vive em Cristo pela fé e no próximo pelo amor.

Pela fé ele é elevado acima de si mesmo até Deus, e pelo amor ele se volta ao próximo, sempre permanecendo em Deus e seu amor.

Quando consideramos as obras, há dois extremos. Por um lado, existem aqueles que, ao ouvirem falar em liberdade cristã, usam-na imediatamente para justificar a indiferença. Aham que tudo é válido.

Desprezam todo ritual, toda tradição e disciplina cristã, assim como as leis humanas. No outro extremo estão aqueles que buscam a salvação observando o ritual. Acreditam que serão salvos porque jejuam nos dias estabelecidos, abstêm-se de carne ou rezam as orações formais.

Proclamam alto e bom som as leis da igreja dos padres, mas não se importam nem um pouco com a genuína fé cristã.

Que isto seja estabelecido como diretriz cristã: nossa fé em Cristo não nos liberta das obras, mas das falsas avaliações das obras, ou seja, da tola crença de que a justificação é obtida pelas obras. Ambos os erros nomeados acima colocam muito peso no que não é importante enquanto negligenciam o mais importante.

Que Cristo nos ajude a entender e preservar essa liberdade. Amém.

Martinho Lutero, *Da liberdade do cristão*

Concede-me, Ó Senhor, meu Deus, a inteligência para te conhecer, o empenho para te buscar, a sabedoria para te encontrar e a confiança de que um dia nalmente irei te abraçar. Amém.

Tomás de Aquino (c. 1225–1274),

PARA REFLETIR: Mt 5.13-20; 16.5-12; 23.1-28; Rm 8.12-17; 1Co 5.1-13; 9.19-27; 10.31—11.1; 2Co 13.5-13; Gl 5.16-26

15

Existem duas espécies de justiça cristã. A primeira espécie é a *justiça alheia*, que pertence a outro. Ela vem de fora. Esta é a justiça de Cristo, pela qual ele justifica os pecadores ou os reconcilia consigo. Cristo foi feito nossa sabedoria, justiça, santificação e redenção. O cristão pode, portanto, se orgulhar de Cristo e dizer: “Meus são o viver, o agir, o falar, o sofrer e o morrer de Cristo”. Por meio da fé, a justiça de Cristo se torna a nossa justiça, e tudo o que ele possui se torna nosso.

A segunda espécie de justiça é a *justiça própria*, não porque nós a criemos, mas porque cooperamos com a *justiça alheia*. É, na verdade, o fruto e consequência da *justiça alheia*. É aquele modo de vida dedicado à prática de boas obras, a primeira das quais é mortificar a carne e crucificar o desejo voltado a si mesmo. Em segundo lugar, a justiça própria consiste no amor ao próximo e, terceiro, na humildade e no temor a Deus. Ela segue o exemplo de Cristo e deve transformar-se na semelhança dele.

Assim o cristão não busca mais a justiça em si ou por si mesma, mas tem Cristo como a sua justiça; ele pode, portanto, buscar apenas o bem-estar dos outros.

Martinho Lutero, “Sermão sobre as duas espécies de justiça” (1519) *Ó Senhor, por tua misericórdia, guarda-nos de uma devoção de formas vazias e de meras declarações. Guarda-nos de ter a fama de estarmos vivos quando, na verdade, estamos mortos. Ajuda-nos a te adorar com ações justas e vidas santas. Amém.*

Christina Georgina Rossetti (1830–1894), *Orações:*

antigas e modernas

PARA REFLETIR: Jo 11.25-26; 14.6; Rm 8.32; 1Co 1.30; 2Co 1.3; 3.18; Gl 5.24; Ef 5.29-32; Fp 2.5; 1Pe 2.21; 2Pe 1.4

16

Paulo diz que a lei aumenta o pecado. Ele quer dizer que uma pessoa se torna inimiga da lei quanto mais esta exige dela o que não pode

fazer.

Paulo diz também que a lei é espiritual. Se a lei fosse física, poderia ser cumprida por meio de obras. Mas como é espiritual — uma questão de coração —, ninguém a consegue cumprir a não ser que tudo o que faça brote de um coração sintonizado com o que a lei exige. Mas ninguém pode conceder tal coração exceto o Espírito Santo, o único capaz de fazer que se ame a lei com um desejo sincero. A partir de então, o cristão obedece à lei não por medo ou coerção, mas de livre e espontânea vontade. A não ser que o Espírito habite o coração, o pecado como aversão à lei e a hostilidade contra ela permanecerão. Lembre-se sempre: a lei em si é boa, justa e sagrada.

Uma coisa é *fazer* as obras da lei; outra bem diferente é *cumprir* a lei.

As obras da lei são o que uma pessoa tenta fazer com as próprias forças.

Mas, ao tentar e falhar, o coração abomina a lei ao mesmo tempo que é instado a obedecer-lhe.

Martinho Lutero, “Prefácio à carta de São Paulo aos Romanos”

Deus Todo-poderoso, ensina-nos a viver em paz e a amar em verdade, buscando a paz com todas as pessoas e andando no amor assim como Cristo nos amou. Que aprendamos com nosso Senhor tanta docilidade e humildade de coração que nele encontremos descanso. Domina todos os ressentimentos amargos em nossa mente e permita que a lei da gentileza governe nossa língua. Faz-nos viver como teus lhos, para que tu, o Deus da graça e da paz, habites em nós para todo o sempre. Amém.

Benjamin Jenks (1646–1724),

Orações: antigas e modernas

PARA REFLETIR: Sl 1.1-3; 18.7-10; 78.5-8; Mt 5.17-20; 22.35-40; Jo 1.14-18; **Rm 5.1-21; 7.1-12;** 8.1-8; Gl 2.15-21; 1Pe 1.2-9,17-25; Ap 2.7,26-29; 22.17

17

Ninguém consegue se preparar para receber a graça de Deus executando as obras da lei se sente uma aversão pela lei que o condena a falhar. Cumprir a lei signi ca fazer a sua obra com entusiasmo, amor e espontaneidade, sem ser forçado e constrangido; signi ca viver bem e de maneira agradável a Deus, como se não

houvesse nenhuma lei ou punição. Só o Espírito Santo, no novo nascimento, pode conceder tal entusiasmo e amor irrestrito ao coração.

O Espírito Santo é recebido apenas na fé, com a fé e pela fé em Jesus Cristo. A fé vem somente pela Palavra de Deus, que é o evangelho que prega a Cristo. O evangelho declara que Cristo é tanto o Filho de Deus quanto o Filho do Homem, e que ele morreu e ressuscitou por nossa causa. É por isso que só a fé torna alguém justo diante de Deus e cumpre a lei. A fé traz o Espírito Santo por meio dos méritos de Cristo.

Por sua vez, o Espírito torna o coração feliz e livre, assim como requer a lei. Boas obras não cumprem a lei, mas são provenientes da fé.

Martinho Lutero, “Prefácio à carta de São Paulo aos Romanos”

Ó Senhor e Pai misericordioso, desperta-me pelo teu Espírito Santo, para que eu não só conheça as coisas que pertencem ao reino de Deus, mas também as pratique por meio de uma fé vigorosa e me torne um verdadeiro adorador em espírito e em verdade. Amém.

Johann Arndt (1555–1621), *O verdadeiro cristianismo*,

livro 2, cap. 34, seção 5

PARA REFLETIR: Jo 3.1-16; 4.7-15; 7.37-44; At 2.32-36; Rm 3.9—4.25; 10.1-5; 1Ts 1.2-5; 2Ts 2.13-17; Tt 3.1-7

18

Muitos governantes do mundo se enfureceram contra a Bíblia.

Tentaram destruí-la: Alexandre, o Grande, os príncipes do Egito e da Babilônia, os monarcas da Pérsia e da Grécia, e os imperadores Júlio e Augusto de Roma. Mas seus esforços de nada adiantaram. Todos eles se foram. A Bíblia permanece, perfeita e completa.

Quem defendeu a Bíblia contra tais poderes ameaçadores? Não é milagre pequeno que Deus tenha preservado e protegido esse livro por tanto tempo. O diabo destruiu muitos dos livros da igreja, assim como, no início da igreja, matou e oprimiu muitas pessoas santas. Mas a Bíblia ele jamais conseguiu destruir. Da mesma forma, o sacramento do Batismo, a Eucaristia — o corpo e sangue de nosso Senhor — e o ofício da pregação continuaram, apesar dos muitos tiranos e hereges que perseguiram a igreja de Deus. Com força singular, Deus preservou tudo isso. Portanto, batizemos, ministremos a Eucaristia e preguemos,

sem medo dos obstáculos de Satanás.

Martinho Lutero, “Da Palavra de Deus”, seção 1

(*Conversas à mesa*)

Ó santo e eterno Jesus, que nos geraste por tua Palavra, que nos renovaste em teu Espírito e que nos alimentaste com teus sacramentos e pela pregação cotidiana de tua Palavra, continua a nos edificar para a vida eterna. Que o Espírito Santo repouse sobre nós na leitura e escuta de tua sagrada Palavra, para que o façamos com humildade e reverência, com a mente pronta e desejosa de aprender e obedecer, para a glória do teu santo nome. Amém.

Jeremy Taylor (1613–1667), “Oração a ser feita antes de

escutar ou ler a Palavra de Deus”, em *Vida santa*, cap. 4, Orações para todo tipo de pessoa

PARA REFLETIR: Ne 8.1-6; Lc 24.13-27; Jo 5.39; 12.31-32; At 2.14-38; 17.10-12; 18.28; Rm 1.1-6; 1Co 15.3; 2Tm 3.15-16; Hb 1.1-4; Tg 1.21-23

19

As Escrituras, principalmente nas cartas de Paulo, atribuem a Cristo o que pertence ao Pai, a saber, poder divino onipotente. Só Deus pode conceder graça, paz de consciência, perdão dos pecados, vida, vitória sobre o pecado, a morte e o demônio. A não ser que Paulo houvesse pretendido roubar a honra de Deus, não teria atribuído tais poderes e qualidades ao Cristo se Cristo não fosse o verdadeiro Deus. Deus não disse que não compartilha a sua glória com mais ninguém? Ninguém pode dar a outro o que não lhe pertence. Portanto, vendo como Cristo concede graça e paz, assim como o Espírito Santo, e resgata do poder de Satanás, do pecado e da morte, conclui-se que é por um poder infinito, imensurável e onipotente igual ao do Pai que Cristo faz essas coisas.

Por experiência própria, posso testificar que Jesus Cristo é o verdadeiro Deus; sei muito bem o que o nome de Jesus pode realizar.

Uma vez que ensino sobre Cristo a um mundo perverso, muitas vezes estive tão perto da morte que pensei que morreria. Mas ele sempre teve misericórdia e me devolveu à vida.

Portanto, se nos agarrarmos a Cristo, tudo o mais estará a salvo,

mesmo que o demônio seja sempre tão malé co e ardiloso. Não importa o que possa vir a me suceder; eu com certeza me agarrarei ao meu doce Salvador.

Martinho Lutero, “De Jesus Cristo”, seção 182

(*Conversas à mesa*)

Ó Senhor Jesus, que meu coração sempre sinta fome e se alimente de ti, a quem os anjos desejam contemplar. Que eu sinta sede de ti, a Fonte da vida, a Fonte da sabedoria e do conhecimento, a Fonte da luz eterna. E, quando estiver com sede, que eu seja saciado por ti por meio do Espírito de Deus. Amém.

Boaventura (1217–1274), “Orações de São Boaventura”,

Liturgies.net

PARA REFLETIR: Is 9.1-7; **42.1-9**; Mt 11.25-30; 12.1-8; Jo 1.1-5,14-18; 8.1-30; 10.17-39; 17.1-14; Rm 9.5; Hb 1.1-14; Ap 1.12-20

20

Cristo, nosso Sumo Sacerdote, subiu aos céus e está sentado à direita de Deus, o Pai. Ele intercede por nós incessantemente. Em sua morte, Cristo é um sacrifício oferecido por nossos pecados. Em sua ressurreição, Cristo é um vencedor. Em sua ascensão, Cristo é um rei.

Ao estabelecer mediação e intercessão por nós, Cristo é nosso Sumo Sacerdote. No Antigo Testamento, apenas o sumo sacerdote podia ir ao local mais sagrado do templo e orar pelo povo.

Cristo continuará sacerdote e rei. Ele foi assim ordenado e ungido pelo próprio Deus, não por um bispo qualquer. “Você é sacerdote para sempre.” Essa é a frase mais gloriosa dos Salmos; Deus declara que esse Cristo será nosso Bispo e Sumo Sacerdote. Sem cessar, Cristo intercederá por seu povo. Ele é o verdadeiro Pastor e Bispo de nossa alma. Con emos, portanto, nesse Sacerdote, pois ele é o Sacerdote el e verdadeiro dado por Deus. Refugiemo-nos em Cristo.

Martinho Lutero, “De Jesus Cristo”, seção 190

(*Conversas à mesa*)

Diante do sagrado

Nome de Jesus,

Dobram-se os joelhos,

Glória ao Rei de luz!

De Senhor chamado,

Nosso Pai quer ser,

Pois ele foi sempre

Verbo de poder.

Caroline Maria Noel (1817–1877),

Hinário

PARA REFLETIR: Sl 110.1-4; Mt 26.36-46; Lc 22.39-46; Jo 17.6-19; Rm 8.28-39; Ef 4.7-16; Hb 4.14—5.10; 1Pe 1.18-25

21

Em muitas passagens a Bíblia chama Cristo de nosso sacerdote, noivo, amado e outros epítetos e títulos. Chama aqueles que acreditam em Cristo de noiva, virgem e lha. Essas são belas imagens que as Escrituras põem diante de nós. Primeiro, Cristo manifestou seu sacerdócio porque revelou a vontade do Pai a nós. Segundo, Cristo ora por nós e continuará a orar enquanto o mundo existir. Terceiro, ele se ofereceu para ser pregado na cruz a fim de nos redimir. Ele é nosso noivo, e nós somos sua noiva.

Tudo o que Cristo, nosso amoroso Salvador, possui pertence a nós, pois somos membros de seu corpo; somos sua carne e osso. Além disso, tudo o que temos pertence a Cristo. A troca é extremamente desigual, pois Cristo tem tudo — inocência, justiça, vida e salvação —, que ele cede a nós. O que nós temos — pecado, morte, danação e inferno —, nós damos a ele. Ele tomou sobre si nossos pecados e nos livrou do poder de Satanás. Esmagou a cabeça da serpente, fez o diabo prisioneiro e lançou-o no inferno. Agora podemos dizer com Paulo, sem medo de contradição: “Ó morte, onde está seu aguilhão?”. Nosso Salvador nos abençoou com tesouros eternos, celestiais.

Martinho Lutero, “De Jesus Cristo”, seção 191

(*Conversas à mesa*)

Ó Deus altíssimo, envia tua luz e tua verdade para que resplandeçam sobre a terra, porque sou como terra vazia e sem forma enquanto não me

iluminas. Derrama sobre mim tua graça. Banha meu coração com o orvalho celestial. Abre as fontes de devoção para que me reguem e eu possa produzir os melhores frutos. Amém.

Tomás de Kempis (c. 1380–1471), *Imitação de Cristo*,

livro 3, cap. 23

PARA REFLETIR: Gn 3.14-21; Is 53.1-12; 61.1-4; Lc 23.32-49; Jo 1.29-34; Rm 5.6-17; 8.31-34; **1Co 1.26-31; 15.50-57**; 2Tm 2.1-7; Hb 5.1-10; Ap 5.1-14

22

A lei é usada de duas formas. O primeiro uso é para a vida no mundo.

Deus decretou leis e estatutos temporais para impedir que os ímpios cometessem atos prejudiciais e perversos. O segundo uso é espiritual. A lei faz que transgressões contra a lei da justiça de Deus se manifestem em sua gravidade. Ele usa a lei para revelar ao povo seus pecados, sua cegueira e seu comportamento profano, ou seja, que são ignorantes sobre Deus e são seus inimigos. Portanto, merecem a morte, o inferno, o juízo de Deus e sua perene indignação. Mas a lei não pode abrir caminho para a graça e misericórdia de Deus, nem tornar visíveis sua graça e misericórdia. Não pode conceder a justiça pela qual obtemos a vida eterna e a salvação.

A luz do evangelho é um tipo bem diferente de luz. A luz do evangelho ilumina corações temerosos, partidos, pesarosos e contritos.

Declara que Deus é misericordioso com pecadores indignos, condenados, por causa de Jesus Cristo. Declara que é dada uma bênção àqueles que creem nas boas-novas. A bênção é a graça de Deus, o perdão dos pecados, a reconciliação e a vida eterna. O evangelho de Deus renova, conforta e revigora aqueles que creem nas boas-novas.

Ao distinguir entre a lei e o evangelho nós damos a cada um o seu trabalho e ofício justos.

Martinho Lutero, “Da lei e do evangelho”, seção 274

(*Conversas à mesa*)

Deus meu, Pai de toda misericórdia, a ti ergo os olhos, em ti con o. Abençoa e santi ca minha alma com a bênção celestial, para que seja tua

santa morada e o trono de tua eterna glória. E não deixes que nada neste templo de tua dignidade ofenda tua majestade. Amém.

Tomás de Kempis (c. 1380–1471), *Imitação de Cristo*,

livro 3, cap. 59

PARA REFLETIR: Mt 11.1-6,25-30; Lc 4.14-21; Jo 3.17-21; 8.12-20; 10.11-18; Rm 1.16; Cl 2.1-3,13-23; 1Ts 1.2-10

23

Sem a ajuda de Deus, quando Moisés, com sua lei, ataca você e o acusa de transgredir a lei de Deus, e o ameaça com a ira de Deus, é impossível pela força humana obter a paz com Deus como se jamais houvéssomos transgredido a lei.

Mas, quando você é ameaçado pelo terror da condenação da lei, deve responder: “Senhora Lei! Não tenho tempo para escutá-la. A sua língua é muito rude e áspera. Gostaria que a senhora soubesse, sem discutir, que seu reinado acabou. Portanto, agora sou livre; não tolerarei mais o seu jugo”. Quando nos dirigirmos à lei dessa forma, descobriremos a diferença entre a lei da graça e a lei do trovejante Moisés. E veremos quão grande dádiva divina e celestial é saber que “pela fé em Cristo somos justificados”.

A consciência nada deve levar em conta exceto o evangelho de Jesus Cristo. Só pela graça devemos, com todo empenho, esforçar-nos por remover Moisés e sua lei de nossa vista, porque só pela fé em Cristo somos justificados diante de Deus. Ele não quer deixar você morrendo de medo da condenação da lei, mas quer que creia em Cristo — o m da lei — para a justiça pela graça por meio da fé.

Martinho Lutero, “Da lei e do evangelho”, seções 276-278

(*Conversas à mesa*)

Ó Deus eterno, nosso Pai, minha oração será: “Fala, Senhor, pois teu servo escuta”.

Não deixes que Moisés ou algum dos profetas fale em teu lugar, mas fala-me tu mesmo, Ó Senhor Deus, que inspiraste e iluminaste os profetas. Só tu podes me ensinar perfeitamente. Eles, sem dúvida, pronunciam palavras excelentes, mas não conseguem transmitir o Espírito Santo. Amém.

Tomás de Kempis (c. 1380–1471), *Imitação de Cristo*,

PARA REFLETIR: 1Sm 3.10; Jo 3.1-10; 8.34-59; Gl 2.16; 3.10-29; 4.8-20; 5.1-26; Ef 2.1-10

TOMÁS MORE

(1478–1535)

A história cristã contém muitos casos ilustres de cartas escritas “atrás das grades”. O apóstolo Paulo escreveu as quatro Epístolas da Prisão. Inácio de Antioquia redigiu cartas às igrejas enquanto era conduzido a Roma para o martírio. À espera da execução pelos nazistas, Dietrich Bonhoeffer escreveu cartas e anotações que foram mais tarde reunidas e publicadas com o título *Cartas e anotações escritas na prisão*. A essa lista deve ser acrescentada o *Diálogo do consolo contra a tribulação*, escrita por Tomás More enquanto esteve preso na Torre de Londres.

Tomás More foi um funcionário público brilhante e dedicado, e um cristão ainda mais empenhado. Era um inglês ilustre, eleito e nomeado para cargos importantes na igreja e no estado. Seus dons pessoais e intelectuais atraíram a admiração de eruditos, clérigos e reis britânicos.

Tornou-se amigo íntimo do grande humanista europeu, Desidério Erasmo. Henrique VIII (1491–1547) considerava More um amigo até ele se recusar a apoiar o rompimento do rei inglês com Roma. Antes disso, Henrique costumava conversar com More enquanto caminhavam pelo jardim de More. Mas More não tinha ilusões quanto à amizade de Henrique. Certa vez, comentou que, se Henrique pudesse ganhar um castelo na França em troca da cabeça de More, sua cabeça iria rolar.

Tomás More nasceu em Londres, em 1478. O pai, Sir John More, era um juiz de renome. Tomás foi educado inicialmente na St. Anthony School, em Londres. Depois estudou em Oxford, onde aprendeu grego e latim. Por volta de 1494, More retornou a Londres a fim de estudar direito, iniciando os estudos na New Inn. Em 1496, passou a estudar na Lincoln’s Inn, onde concluiu os estudos dois anos depois. Tornou-se advogado em 1501. Estava dividido, porém, entre o desejo de praticar advocacia e o de se tornar sacerdote e monge. Durante algum tempo,

participou da vida monástica. No final, o senso de dever civil triunfou.

Mas a profunda devoção religiosa permaneceu.

Durante a primeira visita de Erasmo à Inglaterra (1499), ele e More caram amigos de imediato. Em 1509, Erasmo lhe dedicou o *Elogio da Loucura*. Em 1504, More foi eleito para o Parlamento. Logo em seguida, casou-se com Jane Colt, com quem teve quatro lhos. Tragicamente, Jane morreu no parto. Pouco tempo depois, More se casou com Alice Middleton, sete anos mais velha que ele. Alice cuidou com dedicação dos lhos de More, mas às vezes achava a jovialidade dele um verdadeiro desa o.

Em 1510, Henrique VIII nomeou More vice-xerife de Londres. Ele grangeou respeito por ser justo e defender os pobres. Mais tarde, em 1515, Henrique o enviou a Flandres como parte de uma delegação para resolver uma disputa comercial. O livro mais famoso de More, *Utopia* (1516), inicia-se com uma referência a essa missão. Em 1517, foi providencial para acalmar os protestos públicos contra estrangeiros, acontecimento retratado na peça *Sir Thomas More*. Em 1518, tornou-se membro do Conselho Privado do rei, e em 1521 recebeu o título de cavaleiro. Henrique valorizava tanto as habilidades de More que lhe pediu ajuda para escrever a *Defesa dos sete sacramentos* (1521), uma crítica a Martinho Lutero. Em resposta, o papa Leão X deu a Henrique VIII o título de Defensor da Fé.

Todavia, o relacionamento com o rei começou a se deteriorar em 1527, quando More se recusou a apoiar o plano de Henrique de se divorciar de Catarina de Aragão. Apesar disso, Henrique VIII nomeou More como Lorde Chanceler, em sucessão a Thomas Wolsey. Porém as condições se agravaram rapidamente. More renunciou ao cargo de Lorde Chanceler após se recusar a endossar a autodeclaração de Henrique como Chefe Supremo da Igreja da Inglaterra (1531). Em abril de 1534, More se negou a prestar o Juramento de Sucessão (1534), que reconhecia os lhos de Ana Bolena e Henrique como herdeiros à coroa; também se recusou a jurar apoio ao Ato de Supremacia do Parlamento (1534), que tornou Henrique o Chefe Supremo da Igreja da Inglaterra.

Por essas recusas, More foi preso na Torre de Londres. Na prisão, escreveu o *Diálogo do consolo contra a tribulação* (1534). Jamais foi escrita

uma a rmação mais admirável da providência divina. Em 1535, foi condenado por traição e decapitado no dia 6 de julho.

Quatrocentos anos depois, em 1935, More foi canonizado pelo papa Pio XI.

Em tempos de provações e tribulações, por mais importante que o auxílio humano possa ser, não jogue fora o forte apoio da confiança em Deus, pois ele é seu principal Consolo. Os filhos de Deus jamais serão órfãos abandonados. Mesmo quando Jesus enfrentou a morte na cruz, ele prometeu pedir ao Pai celestial que enviasse um Consolador, o Espírito Santo. Até o final dos tempos, Cristo habitará em seu povo por meio do Espírito Santo.

Assim sendo, por ser membro do rebanho de Cristo, e por crer em suas promessas, jamais lhe faltará consolo em qualquer tribulação.

Cristo e o Espírito Santo, e com eles o inseparável Pai, nunca estão a mais de um dedo de distância ou um instante longe de você. Com a confiança na Palavra de Deus, em suas promessas, conseguiremos ordenar a uma grande montanha de tribulação que saia de nosso coração. Sem tal confiança, diligentemente conseguiremos remover até mesmo uma pequena colina.

Tomás More, *Diálogo do consolo contra a tribulação*,

livro 1, seções 1-2

Ó Espírito Santo, Amor de Deus, infunde tua graça e desce plenamente em meu coração; ilumina os cantos escuros desta morada abandonada e lá espalha teus alegres raios de luz; habita nesta alma que anseia por ser teu templo; rega todo este solo árido, repleto de ervas daninhas e espinheiros, sem frutos por falta de cultivo, e torna-o frutífero com o orvalho dos céus. Ah, vem, Refrigério de todos os que padecem e desfalecem; vem, Glória e Coroa dos vivos e única Esperança dos que perecem; vem, Espírito Santo, com muita misericórdia, e faz-me apto a te receber.

Amém.

Agostinho (354–430 d.C.), bispo de Hipona, *Orações:*

antigas e modernas

PARA REFLETIR: Sl 16.1-11; 18.1-19; 25.1-22; Is 12.1-6; Jr 17.3-8; Jo 14.1-7, 18-24; 16.25-28; Rm 8.28-39; 2Co 3.4-6

Muitos sábios deste mundo se esforçaram para explicar o sofrimento humano. Tentaram encorajar e fortalecer as pessoas que passavam por

tribulação. Mas nunca li nada dos filósofos que proporcionasse a ajuda espiritual e a consolação que vêm de um Deus misericordioso. Em consequência disso, todos os conselhos deles estão aquém das expectativas, pois eles não têm como curar a doença da tribulação e, portanto, não podem ser nossos médicos.

Apenas o remédio fornecido pelo Grande e Excelente Médico, Jesus Cristo, cura a doença da tribulação e da dor. Ele é o mesmo Grande Médico que nos curou da doença mortal da condenação. Por certo seu remédio pode também tratar a doença da tribulação. O Espírito de Deus manda que nos consemos a Cristo. Ele diz: “Honrem a Cristo por cuidar de sua saúde, pois Deus, o Pai, ordenou que ele os curasse”.

Deus, o Pai, ordenou que a santa humanidade de nosso Senhor cuidasse de nossas necessidades. Ele cura nossas feridas mortais com remédio feito do sangue precioso de seu corpo abençoado. Oremos, então, para que, assim como o Grande Médico curou nossa doença mortal do pecado com seu remédio incomparável, ele tenha a bondade de colocar em nossa mente remédios que nos confortem e nos fortaleçam em meio à doença da tribulação.

Tomás More, *Diálogo do consolo contra a tribulação*,

livro 1, seção 1

Concede-nos, Senhor, nosso Deus, honrar a ti de toda a nossa mente, e amar todas as pessoas com coração sincero. Por nosso Senhor Jesus Cristo, teu Filho, que vive e reina contigo na unidade do Espírito Santo, um só Deus, para todo o sempre. Amém.

“Quarto domingo do tempo comum”, Coleta, *Missal romano*

PARA REFLETIR: Is 53.4-6; Mt 4.23-25; 8.16-17; 9.10-13; Lc 5.17-26; Jo 1.29-34; 15.13; Fp 3.7-11; 1Pe 1.17-21; 4.13; Ap 22.1-7

26

Se quisermos que Deus seja a Principal Fonte de consolo na tribulação, deve haver um alicerce sobre o qual se baseie aquilo que construímos.

Esse alicerce é a fé. Sem ela, nada mais importará. Ora, assim como seria tolo construir sobre alicerces humanos, também é tolo pensar que a fé é algo que possamos gerar ou dar a nós mesmos. Mesmo que obedeçamos à inspiração de Deus e cooperemos com sua vontade, a fé é uma dádiva que vem somente de Deus. “Toda dádiva que é boa e perfeita vem do alto, do Pai que criou as luzes no céu.”

Portanto, por mais fraca que possa ser nossa fé, apelemos àquele que a dá a nós, para que tenha a bondade de aumentá-la. Digamos: “Eu creio, bom Senhor, mas ajuda-me a superar minha incredulidade”. E oremos com os apóstolos: “Senhor, faça nossa fé crescer”. Finalmente, oremos para que nossa fé não se torne morna, nem que se disperse devido a nossas muitas preocupações e cuidados triviais. Plantemos a sementinha de mostarda no jardim de nossa alma, arrancando as ervas daninhas para dar pleno espaço para a fé. Então a fé crescerá; crescerá tanto que os pássaros poderão pousar nela.

Tomás More, *Diálogo do consolo contra a tribulação*,

livro 1, seção 2

Ó Deus, ordenaste que fôssemos perfeitos como tu, nosso Pai, és perfeito; instila em nós um desejo ininterrupto de obedecer à tua vontade. Ensina-nos diariamente o que tens para que façamos, e dá-nos graça e força para cumprir tua vontade. Que o amor à comodidade nunca nos faça evitar o caminho que tua mão indica. Amém.

Henry Alford (1810–1871), *Orações: antigas e modernas*

PARA REFLETIR: Mt 13.32; 17.20; Mc 9.24; Lc 13.19; 17.5; Jo 6.60-65; Rm 10.17; Ef 2.8; Hb 12.1-2; Tg 1.17; Ap 3.16

27

Considerando que os tipos de tribulação são tão diversos, devemos ter cuidado quanto a como oramos para que elas sejam afastadas. Podemos pedir a Deus que nos livre de algumas tribulações, mas não de outras.

Uma pessoa pode orar corretamente para a libertação da fome, da doença e do dano físico. Na Oração do Senhor, oramos pelo pão nosso de cada dia, para que sejamos livrados do mal e para que sejamos preservados de cair em tentação.

Mas não devemos orar pela remoção de toda tribulação. Se a cada doença orarmos para que a saúde nos seja devolvida, como chegaremos a demonstrar a confiança cristã de que nem mesmo a morte pode nos separar de nosso Senhor? Se exigirmos que Deus sempre nos impeça de morrer, como chegaremos a provar que Cristo nos libertou do medo da morte? Vejamos outro exemplo. É uma tribulação para os cristãos sentir o espírito em conflito com a carne, ou vivenciar a rebelião dos sentidos contra o controle da razão. Esses são resíduos da vida antiga que permanecem após nossa conversão.

Enquanto permanecermos nesta vida, acaso desejaríamos que Deus removesse nossa aguda percepção dessa tribulação? Ela permanece em nós por ordem de Deus, para que possamos lutar contra ela e, pela graça, dominá-la cada vez mais a cada dia.

Tomás More, *Diálogo do consolo contra a tribulação*,

livro 1, seção 6

Ó Deus, de quem procedem todas as boas coisas, concede que nós, que a ti invocamos em nossa necessidade, consigamos sob a tua orientação discernir o que é certo e realizá-lo. Por nosso Senhor Jesus Cristo, teu Filho, que vive e reina contigo, na unidade do Espírito Santo, um só Deus, para todo o sempre. Amém.

“Décimo domingo do tempo comum”, Coleta, *Missal romano*

PARA REFLETIR: Mt 6.7-15; Rm 7.14-25; 1Co 15.50-58; 2Co 6.1-10; 7.1; 8.9; 10.3-6; 11.24-29; 12.1-10; Hb 12.1-13; Ap 12.10-12

28

Para nossa salvação, podemos orar com coragem. Para a graça, também devemos suplicar corajosamente. O mesmo é verdade para a fé, a esperança e o amor, para toda virtude cristã que promova nosso progresso rumo ao céu. Mas para todas as outras coisas nunca devemos orar de modo a pedir a Deus que não faça o que ele sabe que precisa fazer. O que Deus deseja para nós é muito melhor do que aquilo que, impulsivamente, teríamos requisitado. Precisamos aprender a entregar tudo à vontade de Deus. Em vez de remover nossa dor, Deus pode escolher cumular-nos com a paz e a consolação espiritual ou, pelo menos, dar-nos forças para suportar a dor com paciência.

Se decidirmos que nos sentiremos confortados somente se Deus remover nossa tribulação, então teremos estipulado a Deus que nada realizaremos além de nossos propósitos. Estaremos dizendo a ele que sabemos mais do que ele o que é o melhor.

Portanto, na tribulação desejemos o auxílio e a consolação de Deus, e deixemos à sua vontade e sabedoria exatamente como esse objetivo será alcançado da melhor forma. Não duvidemos de que, assim como a grande inteligência de Deus sabe o que é melhor, sua bondade soberana concederá o que é melhor.

Tomás More, *Diálogo do consolo contra a tribulação*,

Ó Deus, força dos que em ti esperam, ouve favoravelmente nosso apelo e, uma vez que sem ti a fraqueza mortal nada pode fazer, concede-nos sempre o socorro de tua graça, para que, seguindo teus mandamentos, te agrademos com nossa determinação e com nossos atos. Por nosso Senhor Jesus Cristo, teu Filho, que vive e reina contigo, na unidade do Espírito Santo, um só Deus, para todo o sempre. Amém.

“Décimo primeiro domingo do tempo comum”,

Coleta, *Missal romano*

PARA REFLETIR: Sl 34.1-10; 42.1-11; 55.16-22; 107.1-22; Lm 3.22-33; Rm 15.5-6; 2Co 1.3-7; Fp 1.12-26; 2.1-2; Hb 6.13-20

29

Tão limitado é nosso conhecimento nito, tão ignorantes somos de tudo o que pode nos acontecer, e tão inseguros somos a respeito de como nossas ideias e desejos podem mudar, que a maior crueldade que Deus poderia cometer conosco seria conceder-nos nossos desejos tolos.

Pense em quantas pessoas se orgulham da saúde física quando a alma estaria melhor se o corpo estivesse doente. Considere as pessoas que são libertas da prisão quando estariam melhor permanecendo encarceradas.

E quantas pessoas lutam tanto para não perder as posses mundanas e acabam perdendo a si próprias?

Quando recomendamos a Deus precisamente o que ele deve nos fazer, a não ser que ele, por sua sabedoria bondosa, rejeite nossas tolices, logo veremos claramente que pedimos nossa própria ruína. Que capacidade temos nós, criaturas nitas, de saber o que será melhor para nós? Depois que o abençoado apóstolo Paulo havia pedido três vezes a Deus que lhe removesse o “espinho na carne”, o Senhor respondeu com severidade que o pedido de Paulo era equivocado. Para Paulo, ser fortalecido pela graça de Deus e abrandar a euforia por receber uma visão espiritual era muito melhor do que remover a tribulação.

Tomás More, *Diálogo do consolo contra a tribulação*,

livro 1, seção 6

Repousa sobre nós, ó Espírito de amor. Vê por quantas tentações estamos

cercados e não nos deixes ceder a elas; mostra-nos o caminho que devemos seguir, pois, se con armos em nossos próprios impulsos, certamente nos perderemos. Mas, se nos liderares, seguiremos teus mandamentos. Habita em nosso coração, e assim teremos a garantia de nossa ligação e salvação. Amém.

Johann Friedrich Stark (1680–1756),

Orações: antigas e modernas

PARA REFLETIR: Pv 3.5-6; Is 43.16-19; Jr 29.10-14; Jo 6.38-40; 7.17-18; Rm 12.1-2; **2Co 12.1-10**; 1Ts 5.16-20; Tg 1.5; Jd 1.24-25

30

Dessa forma, tendo assimilado por experiência própria a lição aprendida pelo apóstolo Paulo, recebemos aviso su ciente para não reivindicar demais por nosso conhecimento e sabedoria quando fazemos pedidos a Deus. Deveríamos ter aprendido a con ar na boa vontade de Deus. As Escrituras não nos disseram que o próprio Espírito Santo deseja o nosso bem-estar e geme por nós de um modo que nenhuma língua humana consegue expressar? Pelo que devemos orar nós não sabemos, mas o Espírito Santo intercede por nós diante do Pai com um discernimento indizível.

Decidamos, então, nunca pedir precisamente a Deus pela

tranquilidade que poderíamos obter ao nos livrarmos de toda tribulação.

Em vez disso, oremos pela ajuda e pelo conforto de Deus ao longo dos caminhos que ele conhece melhor. Então extrairemos conforto desse pedido. Podemos ter certeza de que essa atitude agrada a Deus.

Podemos também ter certeza de que Deus agirá sobre nós para o nosso próprio bem, a não ser que nos afastemos dele. Ele não deixará de nos acompanhar. Se ele está conosco, o que poderá nos prejudicar? “Se Deus é por nós”, pergunta o apóstolo Paulo, “quem será contra nós?”

Tomás More, *Diálogo do consolo contra a tribulação*,

livro 1, seção 6

Ó eterno e justíssimo Deus, que és justo em tuas dispensações para todos nós, não esperando até que sejamos dignos de tua graça, mas concedendo a graça em antecipação a m de nos atrair para ti, ensina-me, pelo Espírito

Santo, a reconhecer com gratidão tua misericórdia sem limites. Deixa tua luz despontar em meu coração, para que eu possa tratar a graça que me concedeste como um tesouro escondido num campo. Que assim eu venha a valorizá-la, saboreá-la e desfrutá-la com empenho.

Amém.

Johann Arndt (1555–1621), *O verdadeiro cristianismo*,

livro 2, cap. 34, seção 8

PARA REFLETIR: Sl 23.1-6; 71.1-6; Is 40.1-11; 51.1-16; **Mt 13.44**; Jo 14.18-24; 17.1-19; **Rm 8.31-39**; 1Ts 5.1-11

31

O máximo que o diabo e seus servos podem fazer é dilacerar o corpo dos lhos de Deus. Além do corpo, que não passa de uma vestimenta, eles não podem ir. A alma é cercada pelo escudo de Deus. Mesmo quando o lho de Deus cai em tribulação, enquanto ele permanecer elmente na esperança do auxílio divino, Satanás e seus servos serão incapazes de prejudicá-lo.

Em contrapartida, aquele que enfrenta as trevas da tribulação com pouca conança na proteção de Deus será castigado pelo medo. Uma vez que não segura a luz da fé nas mãos, não consegue ver que o perigo que enfrenta é muito menor do que ele teme.

A principal razão pela qual Satanás pode nos ameaçar é que nós atribuímos importância demais ao nosso corpo e importância insuiente à nossa alma. Nós nos preocupamos em alimentar e contentar o corpo, mas, infelizmente, quase nunca pensamos na alma, que não pode ser vista sem o entendimento espiritual e o olho da fé.

Devido a esse valor equivocado, consideramos a perda do corpo como sendo de maior risco que a condição ruim da alma. Cuidemos para que, na noite escura da tribulação, não sejamos apanhados sem a conança plena e segura na Palavra de Deus.

Tomás More, *Diálogo do consolo contra a tribulação*,

livro 2, seção 12

Ilumina-me, ó bom Jesus, com a claridade da tua luz eterna e dissipa todas as trevas que habitam em meu coração. Que a paz reine por meio do teu poder; que a plenitude do teu louvor ressoe no templo santo, que é a

consciência pura. Diz ao mar da minha alma: “Acalme-se”, e ao vento norte da minha mente: “Não sopra”.

Amém.

Tomás de Kempis (c. 1380–1471), *Imitação de Cristo*,

livro 3, cap. 23

PARA REFLETIR: Mt 6.19-34; Mc 14.32-42; Lc 4.1-13; 12.13-38; Jo 12.31-32; 1Co 10.13; Hb 10.19-25; 13.20-21; Tg 1.2-4; 2Pe 2.9

32

Na noite de tribulação, um truque do diabo é abordar os éis e enchê-los de medo. Ele tenta colocar em nossa imaginação mais razões para o temor além das razoáveis. Quando alguém anda à noite pela oresta, assusta-se com coisas que não o assustariam durante o dia.

Quando era jovem, fui com meu rei à guerra contra os turcos.

Havíamos acampado em território inimigo, a quilômetros de Belgrado.

Perto da meia-noite alguém gritou que os turcos se aproximavam de nós sob a cobertura da escuridão. Todo o exército se preparou rapidamente para a batalha. Três de nossos batedores haviam trazido a surpreendente notícia. Um disse que, sob o luar, havia visto os turcos avançarem em silêncio, numa longa coluna. Os outros haviam apenas avistado o inimigo, mas se convenceram a ponto de correr de volta ao acampamento para dar o alerta. Assim, permanecemos em vigilância pelo resto da noite, esperando e temendo o ataque inimigo. Muitos de nós estavam certos de ouvi-los se aproximando. Mas, quando a madrugada irrompeu, o batedor e alguns de nossos capitães foram enviados em busca do inimigo. Quando chegaram ao local onde estaria a coluna inimiga, o grande e temível exército revelou ser uma longa sebe, imóvel como pedra.

Tomás More, *Diálogo do consolo contra a tribulação*,

livro 2, seção 12

Ó Deus altíssimo, ergue meu espírito abatido pelo peso dos pecados e dirige todas as minhas esperanças para as coisas celestiais, para que, tendo provado a doçura da felicidade eterna, eu não encontre nenhum prazer duradouro em desejar coisas terrenas.

Tomás de Kempis (c. 1380–1471), *Imitação de Cristo*,

livro 3, cap. 23

PARA REFLETIR: Sl 5.11-12; 13.5-6; Pv 3.16; Is 25.1; Mt 6.25-34; Jo 14.18-24; Rm 8.15,19,28; Ef 6.10-20; Hb 12.3-13; Ap 3.7-13; 20.10

33

Uma causa para o medo na noite escura da tribulação é a injustiça covardia ou precipitação diante do avanço do diabo. Chamemos esse fenômeno, de quando um cristão se atemoriza sem motivos, de tibieza e estômago fraco. Em razão disso, ele foge, quando, se não o zesse, não sofreria nenhum dano. Ao fugir do diabo em vez de agir com coragem, o cristão dá ao inimigo uma força que ele não possui. Se o cristão houvesse agido com coragem no poder do Espírito, o diabo teria fugido.

A covardia diante de nosso antigo inimigo gera um coração fraco e a impaciência. Muitas vezes a impaciência leva o cristão a desenvolver uma atitude completamente contrária à fé e à confiança em Deus. Dessa forma, o cristão temeroso se torna impulsivo, desatento e até mesmo zangado com Deus. Em vez de exalar a confiança e força que o Espírito lhe dá, o cristão zangado pode até ertar com a blasfêmia.

Além disso, observe que a covardia na presença de Satanás frequentemente impede o cristão de praticar as boas ações que, se tivesse confiado no Espírito, teria sido capaz de praticar. Essas pessoas deveriam erguer a voz, apelar para Deus e, por meio do conselho de cristãos mais fortes, livrar-se dessa covardia provocada pelo diabo, que anseia por destruir o evangelho de Jesus Cristo.

Tomás More, *Diálogo do consolo contra a tribulação*,

livro 2, seção 13

Ó Deus, fortalece-me pela graça do Espírito Santo. Dá-me força para robustecer meu interior e esvaziar meu coração de todo cuidado e ansiedade inúteis. Dá-me, Senhor, sabedoria celestial para buscar-te e achar-te, para amar-te e valorizar todas as coisas segundo tua sabedoria. Amém.

Tomás de Kempis (c. 1380–1471), *Imitação de Cristo*,

livro 3, cap. 27

PARA REFLETIR: Pv 14.26; 28.21; Lc 10.17-24; Rm 16.20; Ef 3.7-13; 2Tm 1.6-7; Hb 4.12-16; 10.19-25; 13.1-6; 1Pe 5.6-11; 1Jo 2.18-29; 4.13-21

34

Quando o medo domina a reação de um cristão às ameaças de Satanás, gera uma lha tímida, uma moça tola, chorosa e desditosa chamada Meticulosidade. Ela recebeu esse nome porque mostra escrúpulos excessivos e uma consciência paralisante. Se empregada como doméstica numa casa, está sempre ocupada e atarefada. Mas está sempre se alvoroçando e se lamuriando, com medo de ter feito algo que desagrade à patroa.

Você acha que a patroa cará sempre satisfeita com essa situação?

Claro que não. Suponha que a patroa perguntasse: “Qual é o problema, moça? Por que está sempre se preocupando se me desagradou ou não, a ponto de não parecer conseguir realizar nada de útil?”. Ora, diante de uma pergunta dessas, a moça provavelmente pensaria que a patroa é um demônio. Você não relutaria em manter a seu serviço uma moça tomada por um medo tão paralisante? Mantenha-a por perto e haverá medo onde não há razões para medo, e culpa onde não há pecado.

Satanás usará a Meticulosidade para roubar a con ança do cristão na poderosa graça e clemência de Deus para, assim, levar o cristão a praticar suas boas ações privado de liberdade, de alegria e da consolação misericordiosa de Deus. O diabo se deleita em tornar as boas obras do cristão tediosas e fatigantes.

Tomás More, *Diálogo do consolo contra a tribulação*,

livro 2, seção 14

Concede, ó Senhor, que meu coração não deseje nem busque nada além do que é necessário para o cumprimento da tua santa vontade. Que nem saúde nem doença, nem riqueza nem pobreza, nem honra nem desonra tirem de mim essa perfeita liberdade que desejo para a tua maior honra e a tua maior glória. Amém.

Inácio de Loyola (c. 1491–1556), Feast of All Saints

PARA REFLETIR: Êx 33.12-17; Pv 14.26; 28.1; Ef 3.9-12; Hb 4.14-16; 10.19-20; 13.5-6; 1Jo 2.24-29; 4.10-21

JOÃO CALVINO

(1509–1564)

Imagine o que os antigos colegas do apóstolo Paulo teriam dito quando descobriram que ele havia abandonado uma carreira promissora no judaísmo para ingressar em uma seita perseguida cujo fundador iletrado fora crucificado recentemente. Desde a juventude, Paulo havia sido preparado para ocupar posições de destaque. Mas tudo desmoronou no que parecia um desatino incompreensível. João Calvino, um dos herdeiros teológicos de Paulo, também abandonou uma carreira promissora para se associar a pessoas vulneráveis e perseguidas.

Calvino nasceu em Noyon, na França, filho de um pai ambicioso que se tornara secretário do bispo da cidade e advogado do capítulo catedralício (associação responsável pela administração de uma catedral).

Fez amizade com uma das famílias mais nobres da cidade, o que facultou a João e a seus irmãos mais novos o acesso à sociedade cortês. As ligações sociais do pai também ajudaram a assegurar benefícios (rendas de bens eclesiásticos) para João. Em 1523, os benefícios ajudaram a abrir-lhe as portas da Universidade de Paris. Quando João se formou, em 1528, havia feito amigos estratégicos entre as pessoas influentes. O

pai desejava que João se tornasse teólogo. Mas, em razão de uma disputa entre seu pai e as autoridades da catedral, João foi reorientado para o estudo de direito na Universidade de Orleans e na Universidade de Bourges. Além do direito, Calvino se interessava profundamente pelo humanismo europeu. Após a formatura e a morte do pai, em vez de seguir carreira jurídica, ingressou no Colégio de França, centro de estudos humanistas, para continuar a aprofundar-se no humanismo. Em 1532, foi publicada a primeira obra humanista de Calvino. Sem que João soubesse, seus estudos o estavam preparando para a liderança como reformador e como especialista nas Escrituras.

Embora os livros de Martinho Lutero estivessem sendo introduzidos na França e no círculo intelectual de Calvino, ele mostrou pouco interesse pela luta religiosa que se desenrolava na Europa. Envolver-se em controvérsias não era de sua personalidade; ele queria ser um intelectual humanista. Mais tarde, no prefácio de seu *Comentário de Salmos*, Calvino descreveu-se como tendo “uma disposição um tanto rude e tímida”. Preferia um “canto isolado onde pudesse furtar-me da

opinião pública”.

Calvino tinha amigos protestantes, mas seu movimento pessoal em direção ao protestantismo foi hesitante. Entre 1532 e 1534, passou por uma conversão religiosa semelhante à de Lutero. Sabemos pouco sobre essa conversão, exceto que Deus lhe falou por meio das Escrituras.

Apesar de permanecer membro da comunidade humanista parisiense, a fé se tornou o elemento mais importante de sua vida. No dia 1º de novembro de 1533, o amigo humanista de Calvino, Nicolas Cop, pronunciou um discurso sobre a reforma da Igreja que soou “luterano”

demais para o gosto do rei Francisco I (1494–1547). Francisco ficou furioso. Cop e Calvino se esconderam. Percebendo que essa nova experiência religiosa estava desafiando sua lealdade a Roma, Calvino voltou a Noyon para renunciar a seus benefícios. Foi preso durante um breve período. A França se tornava perigosa demais para Calvino. No início de 1535, fugiu para Basileia, na Suíça, que era protestante.

A perseguição aos protestantes franceses se intensificava. Entre outras acusações, eles estavam sendo denunciados por anarquia. Para defender os compatriotas protestantes, em 1536 Calvino publicou

(anonimamente) as *Institutas da religião cristã*. Ele quis colocar diante de Francisco I uma “confissão de fé, a partir da qual o rei possa aprender como é a doutrina que tanto irrita a ira desses desviados que hoje, a ferro e fogo, perturbam seu reino” (prefácio). Com o tempo, as *Institutas* passaram por diversas revisões e traduções. Elas são ao mesmo tempo um “clássico da teologia cristã” e um “modelo de devoção cristã” (John Murray). As palavras do próprio Calvino captam melhor o espírito das *Institutas*. Elas foram concebidas para ensinar a “verdadeira piedade”

(prefácio). As *Institutas* podem ser consideradas o manifesto mais influente e completo de pelo menos uma grande parte da cristandade protestante.

Com o tempo, Genebra se tornou a base de Calvino para desenvolver uma teologia reformada e um modelo de relações entre igreja e estado.

O impacto de Calvino sobre a cristandade protestante é incalculável.

mensagem boa e alegre da graça exibida em Cristo. O evangelho nos exorta a desejar essa bênção inestimável de todo o nosso coração e a abraçá-la quando oferecida. Deus dá expressamente o nome de

“evangelho” à mensagem sobre Cristo que ele deseja que seja proclamada. Em nenhum outro lugar a verdadeira e sólida alegria pode ser obtida, pois em Cristo nós recebemos tudo o que é necessário para a perfeição da alegria.

Há quem considere que a palavra “evangelho” se aplica a todas as generosas promessas de Deus, inclusive aquelas que se encontram na Lei e nos Profetas. Na verdade, todas as vezes que Deus declara que se reconciliará com os seres humanos e que perdoa generosamente os pecados, Cristo está sendo manifestado. Nesse sentido, os pais do Antigo Testamento foram participantes do mesmo evangelho que recebemos. Entretanto, de modo mais explícito, o evangelho foi proclamado pela primeira vez por Jesus Cristo sob o poder do Espírito Santo. Nesse sentido, o evangelho é a proclamação da graça revelada no Cristo encarnado. Por essa razão, o evangelho é chamado de poder de Deus para a salvação.

Como a promessa da misericórdia de Deus e de seu amor paternal por nós, Cristo é o tema do evangelho: ele é o Evangelho de Deus.

João Calvino, “Análise do Evangelho de João”,

em *Comentário de João*, vol. 1

Ó santo e todo-poderoso Deus, Pai de toda misericórdia, uma vez que em Cristo exaltaste tanto a natureza humana, agrada-te também de santi car minha pessoa, para que, em conformidade com a humildade, o evangelho e os sofrimentos de meu Salvador, eu seja unido a seu Espírito e seja um com o santíssimo Jesus. Amém.

Jeremy Taylor (1613–1667), “Oração a ser feita na

celebração do Natal”, em *Vida santa*, cap. 4, Orações para todo tipo de pessoa

PARA REFLETIR: Mt 4.23; Lc 24.1-12; **Rm 1.16**; 14.17; 1Co 1.20-25; 10.4; 2Co 5.21; Ef 1.3-14; Cl 1.11-14; 1Tm 1.15; Hb 1.4; Ap 5.6-10

(Quando fala sobre o testemunho interno do Espírito Santo, Calvino o faz no contexto da salvação.) Nossa fé em doutrinas não se rma de fato

enquanto não experimentamos a convicção de que seu autor é Deus. Mesmo então, a prova das Escrituras deriva do caráter daquele cuja Palavra as Escrituras expressam. Os profetas e os apóstolos não alardeiam sua habilidade ou sabedoria superior, nem se baseiam na razão. Invocam o sagrado nome de Deus. Nossa convicção sobre a verdade das Escrituras deve derivar de uma fonte mais elevada do que conjecturas, julgamentos ou argumentos humanos, ou seja, do testemunho interno do Espírito Santo. É absurdo tentar gerar plena confiança nas Escrituras por meio de argumentos. É verdade que, se precisasse discutir com astuciosos que desprezam a Deus, eu poderia silenciá-los. Entretanto, embora possamos defender a sagrada Palavra de Deus contra opositores, disso não se segue que possamos implantar no coração deles a certeza que a fé exige.

O testemunho do Espírito é superior à razão. Como somente Deus pode testemunhar adequadamente de suas próprias Palavras, então essas Palavras não obterão plena confiança até que sejam seladas pelo testemunho interno do Espírito Santo.

João Calvino, *Institutas da religião cristã*, livro 1, cap. 7, seção 4

Toma, Ó Senhor, e recebe toda a minha liberdade, minha memória, meu entendimento e toda a minha vontade. Tudo o que sou e tudo o que tenho tu deste a mim: a ti entrego tudo, para que disponhas de acordo com a tua vontade. Dá-me somente o teu amor e a tua graça; isso bastará para me fazer rico, e nada mais desejarei. Amém.

Inácio de Loyola (c. 1491–1556), Feast of All Saints

PARA REFLETIR: Mc 12.24; Lc 24.25-27; Jo 5.39; 15.26; Rm 8.14-16; Ef 6.17; 2Pe 1.19-21; 1Jo 2.18-25,27; 5.6-12

37

Que se tome isto, então, por estabelecido: aqueles a quem o Espírito Santo ensinou interiormente sabem com certeza que as Escrituras são a Palavra de Deus. Com o testemunho interno do Espírito Santo à veracidade das Escrituras, estas carregam a sua própria comprovação. A sua verdade não está depositada em provas e argumentos, mas deve a plena convicção com a qual nós as recebemos ao testemunho do Espírito. Iluminados por ele, já não cremos que as Escrituras procedem de Deus por nosso próprio juízo, ou pelo juízo de outros. O testemunho do Espírito Santo é superior ao juízo humano. Assim, recebemos a garantia — como se houvéssemos visto a imagem divina sendo gravada nelas — de que as Escrituras vieram a nós, ainda que

por meios humanos, da própria boca de Deus. Sujeitamos nosso intelecto e juízo à afirmação do Espírito sobre as Escrituras como sendo transcendentais demais para que as julguemos. Fazemos isso, não enquanto esperamos provas mais convincentes, mas porque temos plena convicção de que estamos diante da verdade inexpugnável. Não se trata da convicção de pessoas desprezíveis cuja mente foi escravizada pela superstição, mas porque encontramos uma energia divina vivendo e respirando na Palavra de Deus. Essa energia nos atrai e nos anima a obedecer de livre e completa vontade.

João Calvino, *Institutas da religião cristã*, livro 1, cap. 7, seção 5

Ó vem, Espírito Santo, permite que saibamos por experiência o que possuímos em nosso Deus e Salvador, de modo que nos tornemos fervorosos em espírito e fortalecidos para nos agarrarmos a nosso Senhor firmemente. Desce sobre nós e transforma-nos nas pessoas pelas quais anseia o coração de Deus. Amém.

Christian Charles J. Bunsen (1791–1860), *Orações*

da coleção do finado Barão Bunsen

PARA REFLETIR: Js 1.8-9; Is 43.10; 55.11; Lc 16.19-31; Jo 16.13; 2Ts 2.15; 2Tm 3.1-17; Hb 4.12-13; 2Pe 1.20-21

38

Seria vã a tentativa de quem quisesse fortalecer a autoridade das Escrituras usando argumentos humanos, quando no testemunho da igreja ou por qualquer outro recurso se a Palavra de Deus não estivesse primeiramente baseada em uma segurança mais elevada e mais forte que o juízo humano. Até que essa base anterior e mais forte seja lançada — o testemunho convincente do Espírito Santo —, a autoridade das Escrituras permanece duvidosa.

Por outro lado, apoios à autoridade da Bíblia que não têm força em si mesmos podem fornecer recursos para aqueles a quem o Espírito já convenceu. A convicção é fortalecida quando consideramos quão admiravelmente o sistema da sabedoria divina está contido nela ou quão perfeitamente livre é a sua doutrina de tudo o que é danoso ou letal.

Nossa confiança é fortalecida ao vermos quão belamente as partes das Escrituras se harmonizam e como outras qualidades lhes dão um ar majestoso. Nosso coração é fortalecido quando percebemos que nossa admiração é mais evocada pela dignidade do conteúdo bíblico que

pela eloquência do estilo. Em um arranjo admirável, os sublimes mistérios do reino dos céus foram, em larga medida, transmitidos com uma linguagem simples. Se as Escrituras houvessem sido embelezadas com uma eloquência esplêndida, seus inimigos poderiam ter atribuído seu poder à eloquência humana, e não a Deus.

João Calvino, *Institutas da religião cristã*, livro 1, cap. 8, seção 1

Ó grande Deus, Pai altíssimo, que prometeste habitar naqueles que são de espírito humilde e que reverenciam tua Palavra, cria agora em nós um coração receptivo e dá-nos um sagrado respeito por teus mandamentos. Amém.

Gerhard Tersteegen (1697–1769),

Orações: antigas e modernas

PARA REFLETIR: Sl 119.105; Jr 23.29; Jo 6.60-65; Rm 10.17; 1Co 2.5; Ef 6.13-17; Hb 4.12-13; 2Pe 1.19-21

39

O apóstolo Paulo afirmou claramente que sua proclamação de Cristo não era fundada em sabedoria e eloquência humanas, mas em uma demonstração do Espírito e do poder. A verdade é confirmada de modo mais convincente quando sua superioridade reside nela própria, não quando precisa contar com apoios exteriores. Isso é especialmente verdade das Escrituras quando consideramos que nenhuma escrita humana, por mais habilmente composta, é capaz de nos afetar como a Palavra de Deus.

Em elegância e beleza, o estilo de alguns profetas se equipara ao de escritores pagãos eloquentes. Em outros casos, o Espírito Santo usou escritores que exibiam um estilo rude e não burilado. Mas quer leiamos Davi, quer Isaías, cujo discurso foi suave e agradável; quer Amós, o vaqueiro, quer Jeremias, quer Zacarias, cuja linguagem menos refinada soa rústica, a majestade do Espírito Santo é evidente em todos. Ao passar da leitura de Demóstenes, Cícero, Platão e Aristóteles ao Livro Sagrado, nosso coração é tocado ao sentir que, em comparação, a impressão deixada pelos oradores e filósofos desaparecerá quase completamente. Ficará claro que, no Livro Sagrado, existe uma verdade divina que o torna incomensuravelmente superior.

João Calvino, *Institutas da religião cristã*, livro 1,

Ó Espírito Santo, que em todas as eras consolaste e fortaleceste mártires e confessores, que sempre foste Consolação sustentadora e Refrigério abundante dos que penam e sofrem, que derramas amor, alegria e paz no coração dos éis e obedientes discípulos de Cristo, concede agora que sejamos preenchidos com a plenitude de tua graça e de tuas dádivas. Amém.

Extraído do Tesouro de devoção (1869), citado em *Orações:*

antigas e modernas

PARA REFLETIR: Sl 119.10-11,33-36,105,111-12,160; Mt 4.4; Jo 1.1-5; 20.30-31; 21.24-25; Rm 15.4; **1Co 2.1-5**; 1Tm 4.13; Hb 4.12

40

O consentimento da igreja para com a autoridade divina das Escrituras dá peso às razões pelas quais os cristãos a rram que elas são a Palavra de Deus. É importante que tantas eras da igreja tenham concordado uniformemente em prestar obediência às Escrituras. Apesar dos muitos esforços de Satanás para oprimir e destruir a Bíblia, ou apagá-la da memória humana, ela oreceu como a palmeira e permaneceu

invencível. Embora nos tempos antigos quase todo orador de algum renome utilizasse de seus poderes verbais contra ela, tais esforços fracassaram.

Os poderes terrenos se armaram para a destruição da Bíblia, mas todas as suas tentativas se esvaíram como fumaça. Diante de ataques tão poderosos, como poderia a Palavra de Deus ter resistido se con asse no raciocínio humano? Com efeito, sua origem divina é ainda mais solidamente estabelecida pelo fato de que, quando todos os poderes humanos foram arregimentados contra ela, ela se defendeu pelas próprias forças e saiu vencedora.

A autoridade da Bíblia foi reconhecida amplamente em todo o mundo — nações que nada possuem em comum entraram nessa santa aliança.

Outro fator que podemos observar, e que não é de pouca importância, é a vida de retidão daqueles que concordam sobre a Palavra de Deus.

João Calvino, *Institutas da religião cristã*, livro 1, cap. 8, seção 12

Ó santo Jesus, Príncipe da tua igreja, preserva-a a salvo do cisma, da heresia e da idolatria. Que o sacrifício diário da igreja em oração e as ações de graças sacramentais nunca cessem, mas sejam eternamente apresentados a ti e sempre consigam obter para todos os seus membros a tua graça e bênção, o teu perdão e salvação. Amém.

Jeremy Taylor (1613–1667), “Uma forma de oração

ou intercessão para pessoas de toda classe”, em *Vida santa*, cap. 4, Orações para todo tipo de pessoa

PARA REFLETIR: Js 1.8; Pv 14.34; At 17.11; 1Co 2.12-13; 2Co 4.1-6; Cl 3.16; 1Ts 2.13

41

A ideia de Deus como um Criador momentâneo que completou sua obra e depois a abandonou nos dá uma sensação de frieza e vazio. A presença do poder divino não é menos evidente na preservação do mundo que em sua criação inicial. Até mesmo os que não são cristãos entendem que Deus criou o mundo. Mas a fé tem um método próprio

de atribuir não apenas a criação inicial a Deus, como também a preservação do mundo. A crença na preservação envolve a providência generosa de Deus, sem a qual não poderíamos de fato entender o que signifi ca chamar a Deus de Criador. Sem a fé, uma pessoa chama a Deus de Criador inicial e aí se detém. Ela poderia até meditar sobre a sabedoria, o poder e a bondade de Deus exibidos na criação. Mas então ela acredita que o mundo, de alguma forma, sustenta e governa a si mesmo. A fé, contudo, proporciona um conhecimento melhor; penetra mais fundo para ver que Deus não é somente o Criador como também o Governador e Preservador. Por uma providência especial, Deus sustenta e governa tudo o que criou. O Deus que conhecemos por meio da fé não teria criado o mundo sem também continuar a cuidar de suas obras.

O conhecimento do crente sobre a graça de Deus lhe permite entender o favor paternal de Deus, no qual “vivemos, nos movemos e existimos”.

João Calvino, *Institutas da religião cristã*, livro 1, cap. 16, seção 1

Ó santo e eterno Jesus, dá a teus pastores dos mistérios da fé cristã o espírito de prudência e santidade, fé e caridade, con ança e zelo, empenho e vigilância, para que declarem elmente tua vontade para teu povo e distribuam retamente teus sacramentos. Amém.

Jeremy Taylor (1613–1667), “Uma forma de oração

ou intercessão para pessoas de toda classe”, em *Vida santa*, cap. 4, Orações para todo tipo de pessoa

PARA REFLETIR: Sl 33.6; 89.11; 104.1-35; Sabedoria 11.21-26 (deuterocanônico); Is 44.24; Jo 1.1-5; At 17.22-31; Ef 3.9; Cl 1.15-20; Hb 1.1-4; 11.1-3; Ap 4.11

42

Aquele que viria a se tornar nosso Mediador diante de Deus teria, por necessidade, de ser verdadeiro Deus e verdadeiro ser humano. Nosso Pai misericordioso planejou o que era melhor para nós. Nossos pecados, como uma nuvem interposta entre Deus e a humanidade, haviam-nos alienado completamente do reino dos céus. Sendo o pecado um problema humano, apenas um humano, apelando a Deus, poderia ser o intermediário para nos restaurar o favor divino. Mas quem poderia apelar ao Pai? Poderia ser algum dos lhos de Adão? Todos eles estremeciam diante da visão de Deus. A situação era sem esperança, a não ser que o próprio Deus descesse a nós, vindo que era impossível para a humanidade ascender a ele.

Assim, era necessário que o Filho de Deus se tornasse nosso Emanuel, de tal forma que sua deidade e nossa humanidade pudessem ser reunidas. De outro modo, a proximidade não seria suficiente e a humanidade não seria forte o bastante para haver alguma esperança de Deus habitar conosco. É por boas razões que o Espírito Santo, falando por meio de Paulo, chamou nosso Mediador de “o homem Cristo Jesus”. Ele sabia que Deus havia providenciado o remédio mais adequado ao nos apresentar o Filho de Deus como um de nós.

João Calvino, *Institutas da religião cristã*, livro 2, cap. 12, seção 1

Ó Jesus bendito, tomaste nossa natureza humana sobre ti para que pudesses sofrer por nossos pecados. Sofreste para nos livrar deles e da justa ira do Pai. Libertaste-nos para que pudéssemos te servir em santidade e justiça todos os dias. Nunca permitas que o espírito de descrença nos tire desta rocha. Deixa-nos morar aqui e aqui morrer.

Amém.

Jeremy Taylor (1613–1667), “Oração em preparação

ao santo sacramento”, em *Vida santa*, cap. 4, Orações

para todo tipo de pessoa

PARA REFLETIR: Mt 1.18-25; Lc 1.26-38; 2.1-14; Jo 1.14; 8.56; Fp 2.1-11; Cl 1.15-20; **1Tm 2.5**; 3.16; Hb 1.1-14; 4.15; 1Jo 1.1-2; 4.2

43

Considere como as Escrituras falam do Espírito Santo. Ele é chamado de “Espírito de adoção”, porque nos é testemunha da generosidade voluntária com que Deus, o Pai, nos abraça por meio de seu Filho unigênito. Por adoção Deus se torna nosso Pai e nos dá a coragem de nos aproximarmos dele. De fato, o Espírito chega a ditar-nos as palavras a empregar: “Aba, Pai”. O Espírito Santo nos “sela” como lhos de Deus e deposita o penhor do Espírito em nosso coração em antecipação à consumação do reino. A nós, peregrinos, o Espírito dá a vida do alto e assegura que nossa salvação está garantida sob a guarda de um Deus leal.

Além disso, pela irrigação interior do Espírito ele nos faz crescer e produzir os frutos da justiça.

O Espírito Santo atua para subjugar e destruir nossos vícios e in amar nosso coração com amor a Deus e à santidade. Por isso o Espírito Santo às vezes é descrito como uma *Fonte* da qual uem riquezas celestiais. Por sua inspiração divina ele insu a a vida divina dentro de nós, de modo que não somos mais governados por nós mesmos, mas por ele. Tudo de bom que existe em nós é fruto de sua graça, sem a qual seríamos meras trevas de entendimento e coração. Por meio dele, somos parte do corpo de Cristo.

João Calvino, *Institutas da religião cristã*, livro 3, cap. 1, seção 3

Ó santo e eternamente bendito Espírito, que pairaste sobre a santa virgem mãe de nosso Senhor, queira pairar sobre minha alma e iluminar meu espírito, para que o santo Jesus nasça em meu coração e eu o carregue em meus pensamentos e alcance a completa medida da estatura de Cristo. Amém.

Jeremy Taylor (1613–1667), “Oração a ser feita na

celebração do Natal”, em *Vida santa*, cap. 4, Orações para todo tipo de pessoa

PARA REFLETIR: Is 44.3; Ez 36.25; Jo 2.14; 7.37; At 11.21; **Rm 8.10,15; 2Co 1.22; Gl 4.6; Ef 1.13-14; 1Jo 2.20,27**

Considere a natureza da verdadeira fé cristã pela qual aqueles que são adotados na família de Deus obtêm posse do reino celestial. Para realizar objetivo tão grandioso, nenhum esforço ou opinião humana é adequado. Ao ouvir o termo “fé”, muitos pensam que não signi ca mais que uma concordância geral com o evangelho.

Por nossos próprios esforços, Deus, o Pai, é inacessível. Só Cristo, pela sua mediação, torna a fé possível; é a sua dádiva. Ele é “o caminho, a verdade e a vida”. Ninguém pode vir ao Pai senão pelo Filho, pois o Filho é a imagem exata da glória do Pai. Se Cristo não tornasse a fé possível, o Pai permaneceria distante e oculto. E, a menos que Cristo nos ilumine, tudo o que o Pai con ou a seu Filho unigênito permanece estranho a nós. Pedro diz que por meio de Cristo nós cremos em Deus; a fé tem origem e estabilidade apenas em Cristo. Agostinho disse que, ao falar do objeto da fé cristã, há três coisas que devem ser conhecidas:

“o que deve ser conhecido, para onde devemos ir e por qual caminho”

(*A Cidade de Deus*, livro 11, cap. 2). Obtemos a salvação quando reconhecemos Deus como um Pai favorável — o que é demonstrado pela reconciliação feita por Cristo — e que Cristo nos foi dado para justiça, santi cação e vida.

João Calvino, *Institutas da religião cristã*, livro 3,

cap. 2, seções 1-2

Ó Deus, concede-nos misericordiosamente que o fogo do teu amor incendeie dentro de nós tudo o que te desagrade, e torna-nos aptos para o teu reino celestial. Amém.

Breviário romano, *Orações: antigas e modernas*

PARA REFLETIR: Mt 11.27; Jo 14.1-6; At 13.13-52; Rm 5.2; 10.17; 12.3; 1Co 1.26-31; Gl 5.22-23; Ef 2.8; Cl 2.12; 1Tm 1.14; **Hb 1.1-3; 1Pe 1.21**

Deus, o Pai, nos reconciliou consigo em seu Ungido. Ele imprimiu sua imagem em nós, e quer que nos conformemos a ela. Não apenas as Escrituras nos exortam a regular nossa vida pela visão de Deus, mas também acrescentam que Cristo, por meio do qual recuperamos o

favor de Deus, foi posto diante de nós como modelo, a imagem que nossa vida deve expressar. Se o Senhor nos adota como filhos sob a condição de que nossa vida represente Cristo, o Vínculo de nossa adoção, então, a não ser que nos comprometamos totalmente com a justiça, não apenas nos revoltamos contra nosso Criador como também renunciamos ao próprio Salvador. As incontáveis bênçãos de Deus e cada componente de nossa salvação nos exortam à santidade. Visto que Deus se revelou como nosso Pai, seria uma expressão de extrema ingratidão não demonstrar por meio de nossa vida que somos seus filhos. Porque Cristo nos purificou com seu sangue e confrmou essa purificação no batismo, seria escandaloso se nos corrompêssemos com novas imundícies. Porque o Espírito Santo nos santificou como templos do Senhor, devemos nos esforçar por exibir a glória de Deus e nos guardar de ser profanados pela degradação do pecado.

João Calvino, *Institutas da religião cristã*, livro 3, cap. 6, seção 3

Ó Senhor, nosso Deus, ensina-nos como suplicar-te corretamente. Dirige o navio de nossa vida em direção a ti; és o Porto tranquilo para todas as almas devastadas pela tempestade. Traça o curso que devemos seguir. Renova a disposição de espírito em nós.

Faz que o Espírito Santo contenha nossos sentidos instáveis; guia-nos e prepara-nos para nosso verdadeiro bem, para cumprirmos teus mandamentos e alegrarmo-nos em todas as nossas obras com tua presença gloriosa e animadora. Tua é a glória e o louvor para todo o sempre. Amém.

Basílio Magno (c. 330–379 d.C.), *Orações: antigas e modernas* **PARA REFLETIR**: Mt 1.6; Jo 15.3; Rm 6.1-4; **8.29**; 1Co 3.16; 6.11,15; 2Co 6.16; Ef 5.1-3,26; Cl 3.1-2; 1Ts 5.23; 1Pe 1.15; 1Jo 3.1

46

O princípio condutor pelo qual nosso Divino Mestre educa seu povo é o de que esse povo deve se apresentar como “sacrifício vivo, santo e agradável a Deus; este é o culto racional” [NVI]. Pertencemos a Deus; portanto, que sua sabedoria e vontade presidam todas as nossas ações.

Ah, quão grande é a delidade do cristão que, tendo sido ensinado que não é dono de si, entregou o domínio e o governo do eu a Deus! Assim como o caminho mais certo para a destruição é a pessoa agir como se fosse senhora da própria vida, também o único porto seguro é não ter outra vontade nem outra sabedoria além de seguir o Senhor aonde quer que ele nos leve.

Que este seja, então, o primeiro passo rumo à santidade: que nos desprendamos de nós mesmos e devotemos toda a nossa energia mental ao serviço de Deus, obedecendo não apenas em palavras, mas também com a mente puri cada de toda vida carnal. Esse é o discipulado que obedece voluntariamente ao chamado do Espírito Santo. Os filósofos atribuem o governo do eu à razão. Cristo, porém, ordena que nos submetamos ao Espírito Santo de modo que não vivamos mais por nós mesmos, mas que Cristo viva e reine em nós.

João Calvino, *Institutas da religião cristã*, livro 3, cap. 7, seção 1

Ó Espírito Santo, nós te entregamos todos os nossos membros. Transforma-os em instrumentos de tua justiça. A ti trazemos nosso coração, mesmo impuro e manchado; lava-o no sangue de Cristo e santi ca-o para ser teu templo, dentro do qual reínas.

Enche-nos com fé, graça e amor vivos. Que vivamos de agora em diante segundo tua Palavra e em todas as coisas obedeçamos à tua voz. Que esta seja nossa verdadeira adoração e ação de graças. Amém.

Christian Charles J. Bunsen (1791–1860), *Orações da coleção*

do finado Barão Bunsen

PARA REFLETIR: Rm 8.3-11; 12.1-2; 14.8; Gl 2.20; Ef 4.23; Fp 3.7-11; Tt 2.11-14; 1Pe 3.14-18

47

É muito difícil cumprir o dever cristão de buscar o bem-estar do próximo, a não ser que deixemos de pensar primeiro em nós mesmos.

Como pode um cristão exibir as obras de amor que Paulo descreve se não renunciar a si mesmo e se dedicar aos outros? Se o único requisito fosse que não busquemos o que é nosso, nossa natureza não teria força para nos fazer cumpri-lo. A natureza nos inclina a amar tão somente a nós mesmos. Ela não nos permitirá facilmente ignorar nossos próprios interesses e abdicar de nossos direitos em favor do bem-estar do outro.

Mas as Escrituras nos lembram a todos que as dádivas que recebemos do Senhor nos são concedidas sob a condição de que as empreguemos para o bem comum da igreja. Não existe regra mais certa ou exortação mais forte para os cristãos do que quando somos ensinados que os dons que possuímos são depósitos divinos con ados a nós para ser distribuídos para o bem do próximo.

As Escrituras vão ainda além quando comparam os dons a membros do corpo. Nenhum membro do corpo funciona por si próprio; cada membro transfere sua função aos outros membros, sem auferir nenhuma vantagem além das que recebe em comum com o corpo todo.

João Calvino, *Institutas da religião cristã*, livro 3, cap. 7, seção 5

Pai eterno e todo-poderoso, em Jesus Cristo, teu Filho unigênito, tu te revelaste como Amor. Oramos humildemente para que nos concedas o Espírito Santo a m de nos auxiliar em tua glori cação, adorando-te com amor puro. Fortalece-nos para amarmos nosso próximo como a nós mesmos, para que, por meio de tua graça, sejamos preenchidos com teu amor. Amém.

Christian Charles J. Bunsen (1791–1860), *Orações da coleção*

do finado Barão Bunsen

PARA REFLETIR: Mt 7.12; 14.13-21; **1Co 12.12; 13.1-13**; Gl 5.16-26; **Ef 4.7-16**; Tg 2.1-26; 1Jo 3.11-24; 4.13-21

48

O Senhor nos instruiu a fazer o bem a todos sem exceção, mesmo que uma pessoa possa não o merecer. As Escrituras fornecem uma razão excelente para tal conduta. Não devemos atentar para o que as pessoas merecem, mas para a imagem de Deus que existe nelas, e à qual devemos honra e amor. Mas para aqueles que pertencem à família da fé a regra é ainda mais aplicável, porque o Espírito Santo já está renovando e restaurando a imagem de Deus neles.

Assim, se alguém se apresenta a você precisando de assistência, não há motivos para recusar. Digamos que se trate de um estranho. O Senhor imprimiu nele uma marca que você deve reconhecer. O Senhor o aponta como alguém honrado pela própria imagem de Deus. Digamos que você não está ligado ao estranho por algum dever legal. Mas o Senhor tomou o lugar do estranho, para que você reconheça nele as várias obrigações que você tem para com o Senhor. A imagem de Deus pela qual o estranho lhe é recomendado é digna do seu melhor serviço. Visite-o com toda a estima, mesmo que ele seja indigno, e atribua esse gesto ao Senhor.

João Calvino, *Institutas da religião cristã*, livro 3, cap. 7, seção 6

Trago-te o coração aqui;

Guarda-o, meu Senhor.

Que eu não me aparte mais de ti,

Nem negue o teu amor.

Matthew Bridges (1880–1894), Hinário

PARA REFLETIR: Êx 22.21; 23.9; Lv 19.10; Dt 10.19; Is 58.7; Jn 4.6-11; Mt 5.44; 6.14; 15.31-46; 18.35; 1Co 13.4; **Gl 6.7-10**; 1Jo 4.7-12

49

Por que os cristãos deveriam pensar que podem se eximir do caminho da cruz quando Cristo, sua Cabeça, submeteu-se a esse caminho por sua causa? Na cruz, o Senhor provou pacientemente a obediência ao Pai.

Há razões para os cristãos trilharem o caminho da cruz. Eles correm o risco de falar de modo orgulhoso contra o Senhor, como se seus próprios recursos fossem suficientes sem a graça divina.

O apóstolo Paulo ensina que “as provações desenvolvem a perseverança”. Deus prometeu que estará com os crentes na tribulação.

Os cristãos aprendem a verdade da promessa de Deus quando são amparados por sua mão. Sua presença e apoio tornam a paciência possível. A paciência, nascida do Senhor, dá aos cristãos a prova experiencial de que Deus realmente fornece a ajuda prometida. A fé é confirmada, a vitória é seguida pela esperança e os cristãos sabem que, no futuro, Deus será justo como já foi no passado.

Persevere na graça de Deus com sincera confiança, comprove que ele é verdadeiro em suas promessas e seja forte na esperança.

João Calvino, *Institutas da religião cristã*, livro 3,

cap. 8, seções 1-3

Pai misericordioso e cheio de graça, bendigo e enalteço teu nome, pois tu me adotaste e me incluíste na herança de teus filhos e filhas, e compartilhaste comigo a herança de meu Irmão mais velho. Fortalece-me para que eu suporte o jugo e o fardo do Senhor, sem qualquer murmúrio de perturbação e relutância inúteis. Com minhas próprias forças não sou

capaz de esperar na cruz contigo. Que seja de teu agrado, porém, vencer minha fraqueza forti cando-me com o Espírito Santo, para que eu seja mais forte quando sou mais fraco e possa fazer e sofrer tudo o que desejares, por meio de Cristo, que me fortalece. Amém.

Jeremy Taylor (1613–1667), *Orações: antigas e modernas*

PARA REFLETIR: Mt 10.37-39; 16.21-26; Mc 10.17-31; Lc 14.25-33; Rm 5.1-4; 6.1-4; Gl 6.14; Fp 3.10; Cl 1.9-14; 3.12-17

50

Se considerarmos os propósitos para os quais Deus criou os alimentos, descobriremos que não foi apenas para atender às nossas necessidades, mas também para a nossa satisfação e prazer. Acaso o Senhor não adornou as ores com toda a beleza e aroma espontâneos que encantam nossos sentidos?

Não aceite o que dizem aqueles que não permitem o uso da criação de Deus além da mera necessidade. Tal rigor nos priva do uso conforme a lei da bondade divina e da apreciação da beleza que nos foi dada por Deus. Ele nos deu muitas coisas para nosso desfrute além dos limites da necessidade.

Por outro lado, empenhemo-nos em resistir aos desejos da carne, que, se não forem mantidos sob controle, romperão os limites de um desfrute adequado da criação de Deus. Com a desculpa da liberdade, alguns cristãos se permitem todo tipo de complacência. Um bom princípio para manter o equilíbrio é lembrar que todas as coisas criadas devem nos ensinar a conhecermos seu Autor e a sermos gratos por suas dádivas. Tal gratidão é ofendida quando uma pessoa permite que seus desejos ardam em licenciosidade. Perdem-se, dessa forma, o discernimento e a paz.

Onde está, por exemplo, a gratidão a Deus pelas vestimentas se, devido ao nosso vestuário suntuoso, admiramos a nós mesmos e desdenhamos os outros?

João Calvino, *Institutas da religião cristã*, livro 3, cap. 10, seções 2-3

Concede-me, ó Deus todo-poderoso e misericordioso, desejar com ardor, procurar com prudência e realizar com perfeição o que for do teu agrado. Organiza minha condição neste mundo para a glória do teu nome e, de tudo o que exiges que eu faça, dá-me o conhecimento, o desejo e a capacidade de realizar tua vontade como convém.

E que meu caminho rumo a ti seja seguro, direto e el até o m. Amém.

Tomás de Aquino (c. 1225–1274),

Orações: antigas e modernas

PARA REFLETIR: Sl 104.15; Pv 25.28; Rm 12.1-2; **13.14**; 1Co 9.24-27; Gl 5.22-23; 2Tm 1.7; Tt 2.11-14; 2Pe 1.5-7

51

Vejam quão completamente desprovidos somos de toda justiça diante de Deus e quão carentes somos em termos de recursos para obter nossa salvação. Assim, se obtivermos a salvação, ela deverá vir de fora. O Pai gentil e espontaneamente se manifestou em Cristo. Em Cristo, o Pai oferece felicidade em lugar de nossa angústia e fartura em lugar de nossa pobreza. Consequentemente, os tesouros do céu se abriram para nós.

Agora podemos nos voltar com plena confiança para o Filho amado do Pai, com a plena expectativa, descansar nele e a ele nos agarrar, cheios de esperança. Nada disso pode ser aprendido por meio de argumentos lógicos, mas apenas por aqueles cujos olhos foram abertos por Deus.

Todavia, depois que houvermos, pela fé, aprendido isso, agrada ao Pai que bebamos livremente em Cristo, que é a Fonte Inesgotável. Fazemos isso por meio da oração; pedimos a ele o que sabemos que nele está. A fé sem a oração não é genuína fé cristã. Assim como a fé brota do evangelho, também pela fé nós invocamos o nome de Deus em oração.

Pela oração, portanto, devemos buscar as riquezas que nos foram reservadas pelo Pai celestial. Ao entrar no santuário celestial, somos incumbidos de apelar a Deus para que cumpra suas promessas.

João Calvino, *Institutas da religião cristã*, livro 3,

cap. 20, seções 1- 2

Não sou digno, Ó Senhor, de que entres sob o telhado de minha alma. Mas não repeliste a prostituta que se aproximou de ti em lágrimas, nem rejeitaste o cobrador de impostos que se arrependeu. Todos os que se aproximaram em arrependimento tu transferiste para o grupo de teus amigos. Ó tu, que és o unico para sempre bendito, recebe-me. Amém.

da Igreja Ortodoxa Russa de São Vladimir

PARA REFLETIR: Sl 36.9; Mt 6.5-8; Lc 6.12; 18.10-14; Rm 8.26; 9.23-24; **10.14**; 12.9-12; Ef 3.14-21; Fp 4.6-8; Hb 5.7-9; 10.19-25

52

As marcas ou símbolos pelos quais a igreja pode ser reconhecida são a pregação sincera, e a escuta reverente da Palavra de Deus, e a administração dos sacramentos como instituídos por Cristo. Eles não podem existir em lugar algum sem frutificar e prosperar pela bênção de Deus. Em todos os lugares onde é pregada, recebida e tem morada, a Palavra revela uniformemente sua eficácia. Ali o rosto da igreja aparece sem engano ou ambiguidade. Ninguém pode desprezar impunemente sua autoridade, rejeitar suas advertências, afrontar seus conselhos ou zombar de suas censuras. Muito menos pode um cristão abandonar a igreja ou prejudicar sua unidade. Eis o valor que o Senhor atribui à comunhão de sua igreja: qualquer um que se divorcie da comunidade ou irmandade cristã onde o ministério da Palavra e dos sacramentos é praticado deve ser encarado como desertor da fé cristã.

Cristo tem em tão alta conta a autoridade da igreja que, sendo esta violada, ele considera que sua própria autoridade foi contestada e prejudicada. A igreja é chamada de “casa de Deus” e “coluna e alicerce da verdade”. Para impedir a verdade de perecer no mundo, a igreja é sua guardiã.

João Calvino, *Institutas da religião cristã*, livro 4, cap. 1, seção 10

Deus, concede que sejamos todos verdadeiros seguidores de Cristo, sem ter vergonha de sua vida santa, mas seguidores do Cordeiro aonde quer que ele vá, sendo levados, nalmente, para as fontes vivas das águas, onde o Senhor enxugará todas as lágrimas de nossos olhos! Amém.

Johann Arndt (1555–1621), *O verdadeiro cristianismo*,

prefácio ao livro 2, § 3

PARA REFLETIR: 1Co 9.27; Ef 1.22-23; 4.1-7; 5.25-33; Cl 1.17-22; 1Tm 3.15; 4.1-3; Hb 3.12; 6.4-8; 2Pe 2.1; Jd 1.4-6

53

Deus se agradou de preservar a pregação pura de sua Palavra por meio da igreja. Ele se apresenta a nós como um pai, nutrindo-nos com alimentos espirituais e fornecendo-nos tudo o que promova nossa salvação.

Além disso, não é pequeno o louvor conferido à igreja quando se diz que ela foi escolhida e separada por Cristo como sua esposa e seu corpo.

O abandono da igreja é uma negação de Deus e Cristo. Nenhum crime é pior do que violar o sagrado matrimônio que o Filho unigênito de Deus se dignou contrair conosco.

Que as marcas da igreja — a pregação sincera da Palavra e a correta administração dos sacramentos — sejam cuidadosamente impressas em nossa mente, e que as avaliemos apropriadamente na visão do Senhor.

Não há nada que Satanás esteja mais empenhado em eliminar ou corromper, ou ambos; ao fazê-lo, pretende destruir a verdadeira e genuína distinção da igreja. Ou ele encorajará as pessoas a tratar essas marcas com desprezo e, desse modo, fomentar a revolta contra a igreja.

João Calvino, *Institutas da religião cristã*, livro 4,

cap. 1, seções 10-11

Ó Deus de poder imutável e luz eterna, olha com favor para toda a tua igreja. Por tua providência e caz, realiza o plano da salvação; que o mundo inteiro veja e saiba que as coisas que foram derrubadas são levantadas, que as coisas que envelheceram são renovadas, e que todas as coisas estão sendo levadas à sua perfeição mediante aquele por quem todas as coisas foram criadas, teu lho Jesus Cristo, nosso Senhor, que vive e reina contigo, na unidade do Espírito Santo, um só Deus, para todo o sempre. Amém.

Extraído de “A apresentação”,

Ordenação de um diácono, LOC

PARA REFLETIR: At 20.28; Rm 12.3-5; 1Co 12.12-31; Gl 1.6-12; Ef 1.18-23; 2.19-22; Cl 3.14-16; 1Pe 2.9-10

TOMÁS CRANMER

(1489–1556)

Tomás Cranmer, arcebispo de Cantuária, é conhecido como o arquiteto da Reforma inglesa, do Livro de Oração Comum (LOC) anglicano e da liturgia protestante inglesa. Foi amplamente responsável por determinar o caráter teológico da Reforma na Inglaterra.

Cranmer nasceu em Nottinghamshire, lho de Tomás e Agnes

Hat eld Cranmer. Aos 14 anos, foi enviado pela mãe, que enviuvara, à Faculdade de Jesus, em Cambridge, onde recebeu uma bolsa de estudos, que mais tarde perderia por ter se casado. Após a morte da esposa no parto, a bolsa de estudos foi restaurada. Em 1523, foi ordenado sacerdote e, logo depois, completou o doutorado em teologia.

Permaneceu em Cambridge como professor assistente. Em 1529, irrompeu a “doença do suor”, atingindo Cambridge de modo especialmente agudo. Cranmer refugiou-se em Essex, onde Henrique VIII (1491–1547) e dois conselheiros estavam residindo. Os conselheiros pediram a opinião de Cranmer sobre o divórcio de Henrique de sua primeira esposa, Catarina de Aragão. Cranmer forneceu razões para que se pedisse uma anulação do casamento e não um divórcio. Henrique respondeu que Cranmer “acertou o alvo”.

Cranmer foi transferido de Cambridge para o conselho do rei.

Henrique VIII instruiu-o a escrever uma extensa defesa do “divórcio”, fez dele capelão do rei e nomeou-o arquiidiácono de Taunton. Quando terminou de escrever a defesa, Cranmer foi enviado a Oxford e Cambridge para defender Henrique. Em 1530, Cranmer e outros defenderam Henrique diante de Clemente VII em Roma. Mais tarde, foi para a Alemanha como diplomata. Enquanto morava lá, casou-se com Margaret, sobrinha do teólogo luterano Osiander. O interesse de

Cranmer pela Reforma estava aumentando e cresceria ainda mais depois de 1534.

Em 1531, Henrique se declarou Chefe Supremo da Igreja da Inglaterra. No ano seguinte, o arcebispo Warham morreu. Henrique nomeou Cranmer como sucessor de Warham. Sua conrmação como arcebispo ocorreu em 1533. O Ato de Supremacia, que a rmava, sem restrições, a suprema liderança do monarca sobre a Igreja da Inglaterra, foi publicado em 1534. A paixão de Cranmer por reformar a igreja nos moldes protestantes se intensi cou. Entretanto, para o

desprazer dos radicais, ele era um reformista cauteloso. Antes da execução de Ana Bolena, em 1536, ela foi uma forte aliada evangélica de Cranmer. Cada vez mais, Cranmer dedicou suas energias a reformar a Igreja da Inglaterra. Acolhia de boa vontade os líderes protestantes do resto da Europa quando estes se encontravam em perigo. Promoveu a tradução, publicação e distribuição da Bíblia em língua inglesa. Em 1538, a Bíblia em inglês começou a ser colocada nas igrejas. A partir de 1549, Cranmer organizou duas revisões do Livro de Oração Comum. A segunda revisão foi lançada em 1552. Ele supervisionou a formulação de uma declaração doutrinária conhecida como os Quarenta e Dois Artigos. Cranmer também esboçou uma revisão do direito canônico.

Com a morte de Eduardo VI (r. 1547–1553, lho de Henrique VIII e Jane Seymour), Cranmer e John Dudley (duque de Northumberland, 1504-1553) tentaram, sem sucesso, impedir a sucessão de Maria, lha de Catarina de Aragão e leal ao catolicismo romano. Em julho de 1553, Maria I, conhecida como “Bloody Mary” [Maria Sangrenta], ascendeu ao trono como rainha da Inglaterra e da Irlanda (r. 1553–1558).

Maria restaurou rapidamente a autoridade do papado. Cranmer foi conchado em sua residência. Em setembro de 1553, foi preso temporariamente na Torre de Londres, e em novembro, condenado por traição. No dia 25 de novembro de 1555, foi excomungado e destituído do cargo de arcebispo. Por quatro vezes Cranmer abjurou o protestantismo. Em 21 de março de 1556, foi levado à Igreja de Santa Maria, em Oxford, onde deveria repetir as abjurações antes de ser executado. Para a surpresa de todos, Cranmer retirou as abjurações anteriores. Foi rudemente carregado para o local onde os protestantes Nicholas Ridley e Hugh Latimer haviam morrido seis meses antes.

Diante da fogueira, levou ao fogo a mão direita — aquela que assinara as abjurações. Tendo renunciado a fé protestante, entregou-se às chamas.

54

Que ninguém diga: “Estou ocupado demais com minhas

responsabilidades públicas para ler e estudar as Escrituras” ou “Estou ocupado demais sustentando minha família” ou “Seguir minha vocação simplesmente não me deixa tempo para a Bíblia”. Que ninguém diga:

“Sou uma pessoa do mundo; deixemos aqueles que se despediram do mundo, que vivem em contemplação — sacerdotes, monges e freiras —

lerem e estudarem as Escrituras”.

O contrário é que é a verdade, pois você tem ainda maior necessidade das Escrituras, de sua proteção. Você está no meio do oceano de maldade mundana. Está em plena batalha, na vanguarda. Enfrenta diretamente o inimigo, e será ferido com frequência. A prosperidade pode exaltá-lo, e a adversidade pode humilhá-lo.

Qualquer guerreiro ferido buscará a cura com empenho. Assim, você precisa ter defesas, remédios e tratamentos à disposição. Mas de onde obterá defesas e cura para seus ferimentos? Qual será sua armadura e fortaleza? Só nas Sagradas Escrituras você as encontrará. Leiamos com empenho e busquemos todos os remédios que existem lá. Eles são luz nas trevas, alimento para os famintos e calor contra o frio.

Tomás Cranmer, “Prefácio à Bíblia”, em *As obras de*

Tomás Cranmer, vol. 2, p. 118-20

Ó Espírito Santo, ajuda-nos e ensina-nos a ler e a escutar o que desejamos ensinar nas Escrituras em um espírito de oração, para que sejamos diariamente transformados por ti. Na oração, deixemos que as Escrituras nos iluminem e nos renovem por completo. Que não busquemos cegamente a Deus, mas entendamos que ele já falou e que não há nada mais que precisemos saber que já não tenha sido revelado nas Escrituras. Amém.

Adaptado de Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, cap. 3,

§ 153, 175

PARA REFLETIR: Dt 11.18-23; Js 1.8; Sl 119.12,105; Is 28.8-10; Mt 4.1-4; 13.1-58; At 17.11-12; 2Tm 3.14-17; 2Pe 1.3-4

55

Observem com que cuidado um ferreiro, um pedreiro, um carpinteiro ou qualquer outro artesão, independentemente das dificuldades que possa enfrentar, protegerá as ferramentas de seu trabalho. Sem elas, como poderia ganhar a vida? Essa deveria ser a nossa atitude em relação às Sagradas Escrituras, pois como macetes, martelos, serra, cinzeis e machados são as ferramentas indispensáveis do artesão, assim os livros dos profetas, as cartas dos apóstolos e todos

os outros textos sagrados inspirados pelo Espírito Santo são instrumentos indispensáveis para a nossa salvação.

Qualquer que seja o custo, adquiramos as Sagradas Escrituras.

Valorizemos a Palavra de Deus como a joia mais preciosa em nosso lar, mais valiosa que ouro ou prata. Assim como os ladrões se recusam a atacar uma casa em que os ocupantes estão bem armados, da mesma forma, quando as Escrituras ocupam lugar proeminente em nossa vida, nem o diabo nem seus anjos ousarão se aproximar.

Aqueles cuja vida se ocupa das Escrituras serão não apenas protegidos contra o inimigo e consolados, mas também terão a consciência aguçada, exortada ao arrependimento, determinada a evitar todo mal e preparada para o fruto da justiça.

Tomás Cranmer, “Prefácio à Bíblia”, em *As obras de*

Tomás Cranmer, vol. 2, p. 120

Ó Senhor, com quem está a fonte da vida, dá-nos, nós te rogamos, a graça e a boa vontade para seguir as orientações do Espírito Santo. Permita que o orvalho de tua graça desça e paire sobre nós, refrescando tudo o que está cansado, revigorando o que está prestes a perecer, até o dia em que todo o teu povo el beberá eternamente do rio de teus prazeres. Amém.

Christina Georgina Rossetti (1830–1894),

Orações: antigas e modernas

PARA REFLETIR: Pv 2.1-22; 1Tm 1.5; 3.9; Hb 9.11-22; 1Pe 3.13-22; 2Pe 1.2-4

56

Alguém perguntará: “Por que devemos ler a Bíblia, se não entendemos o que lemos?”. Ora, suponha que você não entende toda a profundidade do conteúdo das Escrituras. Não será o caso de que, a partir daquilo que entende, muitos frutos e santidade crescerão? Só porque não entende tudo, não signi ca que não entenderá nada.

O Espírito Santo organizou de tal forma as Escrituras que publicanos, pescadores e pastores podem encontrar instrução, ao mesmo tempo que os instruídos ganham erudição. Os livros da Bíblia não foram escritos para ostentar esplendor e estilo, como alguns dos livros dos filósofos e retóricos. Os profetas e apóstolos escreveram seus livros para

que sua mensagem pudesse ser entendida por qualquer leitor ou ouvinte. Seu propósito era promover obediência a Deus e cultivar piedade em todos os leitores e ouvintes. Independentemente da posição que ocupa na vida, quem não tiraria proveito ao ouvir: “Felizes os misericordiosos, e felizes os que têm coração puro”? Será necessário que haja um literato presente para lhes ensinar? De igual modo, quem seria tão tolo a ponto de não aprender com os sinais, milagres e relatos dos feitos de Cristo e dos apóstolos? Não permita que suas objeções se tornem um disfarce para a preguiça. Tome a Bíblia em suas mãos e leia toda a história.

Tomás Cranmer, “Prefácio à Bíblia”, em *As obras de*

Tomás Cranmer, vol. 2, p. 120

Ó Senhor, visto que não conseguimos, com nossa sabedoria, entender as coisas que pertencem ao Espírito Santo, abre nosso entendimento para que compreendamos o signi cado de tua Santa Palavra. Amém.

Christian Charles J. Bunsen (1791–1860), *Orações da coleção*

do finado Barão Bunsen

PARA REFLETIR: Is 55.11; Mt 5.3-16; Mc 9.33-37; Lc 14.11; 1Co 12.5-12; Tg 1.23-25; 4.6

57

Ler a Palavra de Deus nos fornece um grande e forte baluarte contra o pecado; a ignorância das Escrituras leva à ruína daqueles que a ignoram.

Lembre-se do alto o cial de Candace, rainha dos etíopes, andando em sua carruagem e lendo as Escrituras. Deus viu-lhe a mente receptiva e enviou um professor. Portanto, que ninguém descuide da própria saúde espiritual e salvação deixando de ler a Palavra de Deus, mesmo se não contar com um Filipe pronto a ajudar. O Espírito Santo, que incentivou Filipe, estará pronto a ajudar você também.

Se alguém precisa ser punido ou corrigido, se exortação ou consolação são necessárias, ele a receberá das Sagradas Escrituras. Nas Escrituras descobriremos prados oridos para a alma; não há nada de venenoso nela, apenas nutrição pura e deliciosa. Aquele que é ignorante encontrará lá o que deve aprender; o que é perverso achará boas razões para se arrepender; o que trabalha para servir a Deus encontrará promessas de vida eterna e exortação ao empenho. Nela,

todo tipo de pessoa — homens e mulheres, jovens e velhos, instruídos e não instruídos, ricos e pobres, leigos e sacerdotes, proprietários e arrendatários — aprendem tudo em que devem crer, tudo o que devem fazer e não fazer, em relação ao Deus todo-poderoso, a eles próprios e aos outros.

Tomás Cranmer, “Prefácio à Bíblia”, em *As obras*

de Tomás Cranmer, vol. 2, p. 121

Ó Deus, nós conhecemos o amor que tens por nós e cremos nele. Que, habitando no amor, habitemos em ti, e tu habites em nós. Que aprendamos a amar a ti, a quem não vemos, amando nosso próximo, a quem vemos. Ensina-nos, Ó Pai celestial, o amor com o qual nos tens amado. Amém.

Henry Alford (1810–1871), *Orações: antigas e modernas*

PARA REFLETIR: Js 1.8; Sl 1.1-3; 12.6; 40.7-8; 56.4; **At 8.26-40**; Rm 15.4; Ef 6.10-20; Cl 3.12-17; 1Pe 2.2-3

58

(Cristo, nossa reconciliação.)

Nossa reconciliação com Deus é gratuita, mas não é gratuita. Nós a obtemos sem custos, mas ela não é obtida sem custos. Como isso pode ser? A resposta está no mistério de nossa redenção, a reconciliação entre a justiça e a misericórdia de Deus. Deus não poderia ter simplesmente desprezado ou desconsiderado nossos pecados sem violar sua justiça.

Carregando a culpa de sermos escravos do pecado, não poderíamos ter satisfeito a justiça virtuosa. Em Cristo, porém, o próprio Deus providenciou reconciliação ao unir com perfeição sua infinita misericórdia e sua reta justiça. Em Cristo, a grande misericórdia de Deus foi plenamente expressa, ao mesmo tempo que satisfazia as exigências de sua própria justiça. A integridade do caráter de Deus foi mantida. Por meio dos preciosísimos corpo e sangue do Filho amado, o Pai nos livrou de nossa anterior escravidão sem impor um resgate que jamais conseguiríamos pagar.

Além do resgate, Cristo cumpriu gratuita e perfeitamente as justas exigências da lei do amor e da obediência. Fazendo isso em nosso favor, Cristo possibilitou ao Pai demonstrar sua misericórdia ilimitada sem violar sua justiça. Em Cristo, a misericórdia e a justiça de Deus nos abraçaram e realizaram o mistério de nossa salvação.

Tomás Cranmer, “Homilia da salvação”, em *As obras*

de Tomás Cranmer, vol. 2, p. 129

Senhor Jesus, nós encontramos a ti, o Redentor. Oramos para que reavives constantemente em nós a alegria do evangelho. Que ela nos encha o coração e a vida inteira como pessoas livres do pecado, da tristeza, do vazio interior e da solidão.

Amém.

Adaptado de Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, § 1

PARA REFLETIR: At 2.29-36; Rm 3.9-26; 8.1-4; 10.1-5; Gl 2.15-21; 4.1-7; Ef 1.1-12,17-22; 2.4-10; Hb 1.1-4; 5.1-10; 9.24-28; 1Pe 1.1-18

59

“Porque aquilo que a lei não podia fazer, por causa da fraqueza da carne, isso Deus fez, enviando o seu próprio Filho em semelhança da carne pecaminosa. E assim Deus condenou o pecado na carne, a fim de que a exigência da lei se cumprisse em nós, que não vivemos segundo a carne, mas segundo o Espírito” [NAA]. O apóstolo Paulo ensina que três coisas devem concorrer para nossa justificação. Da parte do Pai, sua grande misericórdia e graça devem ser plenamente expressas. Da parte do Filho, ele deve satisfazer a santa exigência do Pai de que se faça justiça contra o ataque do pecado a Deus e sua lei virtuosa. De outro modo, a misericórdia vem em prejuízo do próprio ser de Deus. O Filho de Deus sem pecado realizou isso oferecendo seu corpo e derramando seu sangue na cruz. Ele satisfaz plenamente a justa exigência da lei ao tomar sobre si nosso pecado, algo que a humanidade pecadora não poderia fazer. De nossa parte, devemos exercer uma confiança verdadeira e vigorosa na obra benemérita do Filho de Deus. Mas essa fé não é uma realização nossa; a fé é uma dádiva de Deus, de modo que nossa justificação não somente é a misericórdia e a graça de Deus expressas, mas também a sua ação voluntária para justificar, para reconciliar consigo os pecadores.

Essa fé dada por Deus inclui arrependimento, esperança e amor, tudo pela obra expiadora de Cristo.

Tomás Cranmer, “Homilia da salvação”, em *As obras*

de Tomás Cranmer, vol. 2, p. 129-130

Pai celestial, nós te agradecemos por teres nos enviado teu Filho. Ele nos

resgatou e nos concedeu justiça, salvação e bem-aventurança. Oramos para que nos fortaleças na verdadeira fé, para que aceitemos e louvemos nosso Redentor em tudo o que fazemos.

Amém.

Christian Charles J. Bunsen (1791–1860), *Orações da coleção*

do finado Barão Bunsen

PARA REFLETIR: Jo 1.14-18; Rm 5.1-14; 6.1-14; **8.1-4**; Cl 1.1-14; 1Tm 2.5-6; Hb 1.1-4; 5.1-10; 7.26-28; 9.11-22; 1Jo 1.5-10; 5.6-12

60

O que pode ser ensinado mais claramente que a lição de que gratuitamente, sem obras meritórias de nossa parte, apenas pela graça e pela fé, obtemos a remissão de nossos pecados? Mas “apenas pela fé” e

“sem obras” não devem ser entendidos como signi cando que a fé é sozinha, sem verdadeiro arrependimento, esperança, amor e temor piedoso. Também não signi ca que devemos ser ociosos, que nada é exigido de nós, pois em Cristo e por meio dele somos chamados a cumprir a lei. Na verdade, “apenas pela fé” implica extinguir todas as reivindicações de mérito advindo de nossas obras, pois elas são absolutamente insuficientes para garantir nossa salvação. “Apenas pela fé” expressa de modo muito claro a fraqueza humana e a bondade divina, nossa grande debilidade e o imenso poder de Deus, as imperfeições de nossas próprias obras e a pleníssima graça de nosso Salvador. Signi ca atribuir todo o mérito somente a Cristo, a seu mais valioso sacrifício. Essa é a sólida rocha e alicerce da fé cristã. É a doutrina dos apóstolos e dos pais da igreja. Ela promove a verdadeira glória de Deus e refreia o orgulho do ser humano.

Quem quer que rejeite essa doutrina não deve ser chamado de verdadeiro cristão, nem considerado alguém que se gloria adequadamente no Filho de Deus.

Tomás Cranmer, “Homilia da salvação”, em *As obras de Tomás*

Cranmer, vol. 2, p. 130-131

Deus Todo-poderoso, concede que, tendo os olhos de nosso entendimento limpos de modo a contemplar as coisas invisíveis e eternas, sejamos inspirados por tua sabedoria e em todas as nossas obras sejamos

sustentados por tua força e, ao nal, sejamos recebidos como teus éis servos, tendo feito tudo para tua glória, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Rowland Williams (1817–1870),

Orações: antigas e modernas

PARA REFLETIR: Jo 1.17-18; 3.16-21; 4.7-15; 5.19-24; 6.35-40; 7.37-39; Rm 3.21-24; 5.1-21; 2Co 8.7; Ef 4.4-8; Tt 2.11-15; Hb 2.9; 2Pe 3.11-18

61

(Resumo de Cranmer do evangelho e da vida cristã, parte 1.)

Considere os in nitos benefícios que Deus, em sua misericórdia, nos manifestou sem que os merecêssemos. Ele nos criou a partir do nada e de sua in nita bondade. Do barro comum ele nos formou à sua própria imagem. Além disso, mesmo quando estávamos condenados à punição

eterna por causa de nossos pecados, ele deu seu Filho unigênito, sendo Deus Eterno, imortal e igual ao Pai em poder e glória, para se encarnar entre nós, para tomar sobre si nossas fraquezas. Sendo plenamente humano como nós, Cristo sofreu voluntariamente a mais vergonhosa e dolorosa morte por nossos pecados. Fez tudo isso para nos redimir e nos devolver à vida eterna. Ele nos transformou em lhos amados, irmãos de seu único Filho, nosso Salvador, e herdeiros de seu reino eterno. Esses grandes e misericordiosos benefícios não nos incitam a ser ociosos; ao contrário, levam-nos a nos oferecer a Deus por completo, a servi-lo com boas obras, obedecendo a seus mandamentos e buscando glori cá-lo em todas as coisas. Os benefícios de Deus nos levam a nos oferecer, em nome dele, a nosso próximo e, na medida de nossa capacidade, fazer o bem a todas as pessoas.

Tomás Cranmer, “Homilia da salvação”, em *As obras*

de Tomás Cranmer, vol. 2, p. 134

Ó Deus, tu que nos redimistes e nos adotastes, olha com favor para teus lhos e lhas amados, para que os que creem em Cristo recebam verdadeira liberdade e herança eterna. Por nosso Senhor Jesus Cristo, teu Filho. Amém.

“Vigésimo terceiro domingo do tempo comum”, Coleta,

PARA REFLETIR: Gn 1.26-31; 2.5-9; Sl 136.1-9; 146.1-9; 147.5-11; Mt 5.14-20; 18.1-22; Jo 15.1-20; Rm 12.1-21; 1Co 15.1-11; 2Pe 1.3-18; 1Jo 3.1-4

62

(Resumo de Cranmer do evangelho e da vida cristã, parte 2.)

Estes são os frutos da verdadeira fé: fazer o bem a todos e, acima de tudo e em tudo, promover a glória de Deus, o único de quem recebemos santi cação, justi cação, salvação e redenção. A ele a glória, o louvor e a honra, para todo o sempre. Amém.

A correta e verdadeira fé cristã não é só acreditar nas Sagradas Escrituras e nos artigos da fé cristã, mas também ter con ança nas promessas de Deus, para ser salvo da eterna danação por Cristo. Esse é o caminho de um coração amoroso que anseia obedecer aos mandamentos de Deus. Nenhum demônio possui a verdadeira fé cristã.

Nem qualquer um que pareça ser cristão no que declara exteriormente e ao receber os sacramentos, mas que, na vida e nas obras, demonstra o contrário. Ninguém pode ter fé e con ança absolutas em Deus e participar do reino dos céus se leva uma vida profana, negando a Cristo por suas ações. Os que vivem a verdadeira fé cristã sabem que a maldade não herdará o reino de Deus, e os que têm feito boas obras por meio da fé ressuscitarão para a vida eterna. Amém.

Tomás Cranmer, “Homilia da salvação”, em *As obras*

de Tomás Cranmer, vol. 2, p. 133-134

Tu és Digno, Ó Senhor, de receber glória, honra e poder, pois criaste todas as coisas, e para tua satisfação elas são e foram criadas. Toda glória para o único Deus, Pai, Filho e Espírito Santo. Amém.

Jeremy Taylor (1613–1667), “Primeiras orações matinais”,

em *Vida santa*, cap. 1, Orações e devoções

PARA REFLETIR: Dt 27.1-8; 1Sm 15.22; Am 5.18-27; Mt 7.13-27; Lc 6.39-49; 1Tm 6.3-21; 2Tm 3.5-15; 2Pe 2.1-10; 3.11-15

63

(Dois tipos de fé.)

As Escrituras apresentam dois tipos de fé: a *fé morta* e a *fé viva*. A *fé morta* não mostra nenhuma vida, nem produz vida; não produz nenhuma obra feita pela fé. É ociosa e estéril. O apóstolo Tiago compara a fé morta com a fé dos demônios: eles acreditam que Deus é verdadeiro e justo, e tremem de medo. Apesar disso, o mal é a única coisa que eles fazem bem. Esse é também o tipo de fé de alguns cristãos.

Aceitam a Deus com as palavras, mas o negam com as ações. Quando se trata de fé que age por meio do amor, eles são abomináveis, mesmo que concordem de boa vontade com as verdades contidas na Palavra de Deus. Uma pessoa pode ler e acreditar nos escritos de César sem *acreditar* em César, pois não recorre a César em busca de ajuda ou benefício. Assim também, alguém infectado pela *fé morta* acredita que a Bíblia é verdadeira, mas vive de forma tão ímpia que não consegue desfrutar as promessas e benefícios de Deus. Essa pessoa não possui uma fé e con ança em Deus que a leve a deixar tudo de lado e buscar apenas as dádivas da graça, misericórdia e vida eterna concedidas por Deus.

Assim, uma fé morta não é uma fé que salva. Não é uma fé de verdade tanto quanto um cadáver não é uma pessoa de verdade.

Tomás Cranmer, “Uma breve declaração da fé verdadeira, viva e cristã”, em *As obras de Tomás Cranmer*, vol. 2, p. 135

Senhor, que teu sopro sagrado mantenha sempre vivo em nós aquele fogo santo que teu Filho outrora veio acender sobre a terra, para que nós também sejamos ungidos com o espírito de paz, santidade e obediência, e que nos seja permitido residir em tua companhia para sempre. Amém.

Rowland Williams (1817–1870),

Orações: antigas e modernas

PARA REFLETIR: Sl 101.1-4; Pv 26.23-26; Mt 7.1-5; 15.7-9; Ef 5.6-21; Tt 1.10-16; Tg 1.19-27; **2.14-19**; Ap 3.1-6

64

(O segundo tipo de fé)

O segundo tipo de fé apresentado nas Escrituras é a *fé viva*, a fé que

age por meio do amor. É totalmente diferente da fé morta, ociosa e infrutífera. A fé viva se caracteriza não apenas pelo assentimento à doutrina, mas por uma confiança absoluta na graça de Deus. Ela prospera como uma firme esperança de que todas as coisas boas virão da mão de Deus. Embora essa fé possa às vezes tropeçar e ceder à tentação, ela voltará resolutamente a Deus em verdadeiro arrependimento. Ele perdoará e esquecerá nossas transgressões em nome de seu Filho unigênito, nosso Salvador Jesus Cristo. Por meio dessa fé viva nós herdaremos um dia com Cristo o reino eterno. Enquanto isso, até que o reino de Deus se manifeste, Deus será nosso Protetor em todos os perigos e ameaças, nosso Pai sempre amoroso, corrigindo nossos erros, mas nunca negando sua misericórdia. Essa fé viva se caracteriza pela confiança em Deus e pela disposição a obedecer e servir a ele. É cheia de amor por Deus, de esperança e confiança, e de amor ao próximo. Anseia escutar a Palavra de Deus e obedecer a ela, sendo fértil em boas obras.

Essa é a fé cristã verdadeira e viva.

Tomás Cranmer, “Uma breve declaração da fé verdadeira, viva e cristã”, em *As obras de Tomás Cranmer*, vol. 2, p. 135-36

Ó Senhor, dá-me um coração contrito e obediente. Altíssima, eterna e inesgotável Sabedoria, afasta de mim as trevas da cegueira e ignorância; altíssima e eterna Força, sê meu Libertador; altíssima e in nita Misericórdia, preserva-me constante por tua graça. Amém.

Sacramentário galicano (800 d.C.),

Orações: antigas e modernas

PARA REFLETIR: Mt 24.44-47; 25.31-40; Lc 8.40-48; Rm 1.8-15; 16.25-27; **Gl 5.1-6,13-26**; Hb 11.1-40; 12.1-6; Tg 2.8-26

65

Bons cristãos, que professam o nome de Cristo, não deixem que nenhuma fantasia sobre o signi cado da verdadeira fé cristã os iluda.

Não sejam como os sonhadores que acham que uma fé nua, vazia de vida piedosa, é suficiente. Para eles a fé não precisa ser coberta com os frutos da justiça, do amor crescente a Deus e da caridade para com o próximo. Eles não consideram necessário que a fé cotidiana cresça e seja sustentada com empenho como fé agindo por meio do amor. Seus pensamentos ainda estão xos nos vãos prazeres deste mundo.

Tenham certeza da sua fé; testem-na por meio da sua conduta.

Examinem o fruto que ela produz. Percebiam como ela aumenta o amor por Deus e pelo próximo. Assim saberão que se trata de uma fé verdadeira, viva. Se perceberem que tal fé vive em vocês, regozijem-se e empenhem-se em cultivá-la. Assim a sua fé deve agradecer a Deus.

Finalmente, como outros cristãos de fé zeram antes de vocês, quando Deus desejar, vocês chegarão diante dele para receber “o alvo de sua fé”, ou seja, “a salvação de sua alma”. Que Deus nos conceda o que prometeu àqueles que são éis. A ele sejam a honra e a glória, para todo o sempre. Amém.

Tomás Cranmer, “Uma breve declaração da fé verdadeira, viva e cristã”, em *As obras de Tomás Cranmer*, vol. 2, p. 140-141

Deus todo-poderoso e eterno, que acendes a chama de teu amor no coração dos santos, concede-nos a mesma fé e poder do amor, para que, enquanto nos regozijamos com os triunfos deles, desfrutemos seus exemplos, por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor.

Amém.

Missal gótico, *Orações: antigas e modernas*

PARA REFLETIR: Jr 22.13-17; Mt 7.13-21; Lc 8.1-15; Jo 15.1-16; 1Co 2.1-8; 13.1-13; Gl 5.2-6; Fp 1.9-11; 1Ts 5.23-24; **1Pe 1.3-9**

66

(A mensagem de que as boas obras se seguem à fé em Cristo para a salvação era central para a teologia dos reformadores. As obras manifestam a fé em ação por meio do amor e testemunham de Deus, que justifica gratuitamente os pecadores.)

Uma fé cristã viva e verdadeira levará o cristão a ocupar-se em produzir boas obras à medida que surgirem oportunidades. Mas sem aquela verdadeira fé salvadora concedida por Deus, nenhuma boa obra que agrade a Deus será feita. Só a confiança em Cristo Redentor dá vida à alma. Como a pintura é uma representação sem vida daquilo que procura retratar, assim são as obras de pessoas que não depositaram a confiança em Cristo. Muitas ações louváveis são executadas fora da fé em Cristo. Parecem estar vivas, mas, na verdade, estão mortas diante de Deus, porque não foram feitas na fé. Não sendo feitas em resposta à fé justificadora, estão também dissociadas da vida

eterna que advém apenas da fé em Jesus Cristo. Essas ações louváveis são apenas sombras das coisas boas e vivas. Apenas a verdadeira fé *justi cadora* dá vida às obras.

A partir da fé, boas obras brotarão. Mas sem fé nenhuma obra é “boa” diante de Deus. “Obras vivas” devem vir da graça *justi cadora*.

Tomás Cranmer, “Homilia ou sermão das boas obras aliadas à fé”, em *As obras de Tomás Cranmer*, vol. 2, p. 141

Ó tu, que és amor, ensina-nos a te seguir como lhos queridos. Que nunca fechemos o coração diante do sofrimento de ninguém, inclusive daqueles que são ingratos e maus.

Faz-nos instrumentos de tua misericórdia, para confortar os infelizes, erguer os penitentes, procurar e salvar os perdidos, até que todos se reconheçam como teus lhos, estejam em paz e sejam um contigo na redenção. Amém.

James Martineau (1805–1900),

Orações: antigas e modernas

PARA REFLETIR: Jo 6.25-40; Rm 14.1-23; Ef 2.1-10; Cl 3.12-17; Hb 11.1-40; Tg 2.14-26; 1Jo 1.5-10; 2.7-17; Jd 1.3-23; Ap 3.14-22; 12.10-12

67

Jesus chamou a fé de obra primordial de Deus, pois quando os judeus lhe perguntaram o que deveriam fazer para realizar as obras de Deus, ele respondeu: “Creiam naquele que ele enviou”. Então a fé é a primeira boa obra. Entretanto, assim que uma pessoa expressa a fé dada por Deus, deve começar a frutificar em boas obras, pois a fé em si é cheia de boas obras, e nada é bom sem fé. Sem obras, a fé é nua. Mas mesmo quando as obras frutificam, a fé se situa acima das obras.

Até mesmo na igreja, diversos tipos de obras podem, erroneamente, ser colocadas acima da fé, de modo que uma pletora de obras se torna a essência da justiça e da santidade e, assim, assume a primazia sobre a verdadeira fé cristã. A observância de tais coisas — festas, tradições, cerimônias, invenções, decretos e o cumprimento do direito eclesiástico

— pode vir a ser encarado como serviço e homenagem mais perfeitos a Deus e mais agradáveis a ele do que guardar seus mandamentos pela fé.

Quando isso acontece, os erros, a religião vã e até mesmo a idolatria aumentam.

O zelo pela honra justa a Deus nunca deve se afastar da confiança radical no Deus que justifica pela graça somente pela fé.

Tomás Cranmer, “Homilia ou sermão das boas obras aliadas à fé”, em *As obras de Tomás Cranmer*, vol. 2, p. 143, 148-149

Ó Senhor, tua sabedoria é inimitável, tuas misericórdias são gloriosas, e eu não sou digno de aparecer em tua presença, diante de quem os anjos escondem o rosto. Ó

santo e eterno Jesus, tu nos redimiste para Deus com teu sangue e nos tornaste reis e sacerdotes para Deus. Bênção, honra, glória e poder àquele que está sentado no trono e ao Cordeiro, para todo o sempre. Amém.

Jeremy Taylor (1613–1667), “Primeiras orações matinais”, em *Vida santa*, cap. 1, Orações e devoções

PARA REFLETIR: Jr 2.1-3,8-13; 23.1-22; Os 10.12; Mc 7.1-15; **Jo 6.25-40**; At 5.27-42; Rm 14.13-23; 1Co 2.1-5; Hb 10.1-4,11-18

68

(Conselho de Cranmer para o discipulado cristão.)

Considerando que vocês, bons cristãos, zelam por honrar a Deus de modo adequado e preocupam-se com o bem-estar de sua alma e a vida que se seguirá, dediquem-se, acima de tudo o mais, a ler e receber a Palavra de Deus. Empenhem-se em perceber o que encontram nela a respeito da vontade de Deus, e dediquem-se a buscar o que ali está assinalado. Primeiro, assegurem-se de ter fé em Deus e de entregar-se completamente a ele, nos tempos de adversidade e prosperidade.

Segundo, em nome de Deus, amem a todas as pessoas — amigos e inimigos —, porque elas são criação e imagem de Deus. Planejem em sua mente como farão o bem a todos. Sirvam bem àqueles pelos quais são responsáveis, quer estejam presentes, quer ausentes, não por medo de punição, mas para o bem da consciência. Os mandamentos de Deus

os obrigam a isso. Honrem pai e mãe. Honrem e façam o melhor para ajudar a todas as pessoas. Sim, inclusive os inimigos. Contentem-se com o que obtêm honestamente. Distribuam seus bens em caridade, na medida da necessidade e oportunidade. Fugam da idolatria e do perjúrio.

Trilhem com cuidado o caminho do céu traçado por Deus. Cristo prometeu que vocês não deixarão de obter a vida eterna.

Tomás Cranmer, “Homilia ou sermão das boas obras aliadas à fé”, em *As obras de Tomás Cranmer*, vol. 2, p. 148-149

Abençoa-me, Deus piedoso, quando cumpro o dever que atribuíste a mim. Alivia-me da tristeza se preciso fazer meu leito na doença. Dá-me paciência em meus sofrimentos, conança em ti e graça para invocar-te em todas as tentações. Guia-me em todas as minhas ações; sê meu protetor em todos os perigos. Dá-me uma compreensão clara e um espírito santi cado, justo, satisfeito, caridoso e humilde.

Amém.

Jeremy Taylor (1613–1667), “Primeiras orações matinais”, em *Vida santa*, cap. 1, Orações e devoções

PARA REFLETIR: Sl 119.11; Mt 5.21-26,38-48; Lc 24.13-27; 2Tm 2.15; 2Pe 1.3-11; 3.11-13; 1Jo 4.16b-21; 3Jo 1.11

MENNO SIMONS

(1496–1561)

Um dos mais trágicos e também mais complexos capítulos na Reforma protestante envolve os anabatistas e sua perseguição. Eles faziam parte do que os historiadores chamam de Reforma Radical e a Quarta Reforma (alemã, suíça e inglesa). Os anabatistas surgiram no início do século 16. Três principais questões estão no âmago do conflito entre anabatistas e seus oponentes: batismo, paciência e rejeição da igreja oficial de estado, ou uniformidade forçada. O líder anabatista na Holanda foi Menno Simons.

Os anabatistas são originários da Suíça, onde inicialmente foram combatidos pelo reformador suíço Ulrico Zuínglio (1484–1531). O movimento se espalhou pela Alemanha, Holanda, norte da Itália,

Morávia, Prússia, Polônia e, finalmente, para a América do Norte. Os anabatistas receberam seu nome dos oponentes, que os chamavam de

“rebatizadores”. Na opinião dos anabatistas, Zuínglio e Lutero haviam deixado a Reforma incompleta, abdicando de seguir elmente o Novo Testamento em pontos importantes, sendo o batismo de bebês o mais crítico. Eles acreditavam que o Novo Testamento ensina que o batismo cristão deve vir depois, e não antes, do renascimento espiritual, ou regeneração pelo Espírito Santo. Isso se chama “batismo do crente”. O

batismo, insistiam os anabatistas, é um sacramento legítimo apenas como sinal e selo que se segue à conversão. Consideravam que as pessoas “batizadas” enquanto bebês nunca haviam sido realmente batizadas. Sua crença depreciava o batismo de todos os que haviam sido batizados quando bebês. Luteranos, calvinistas, seguidores de Zuínglio e católicos romanos se uniram em feroz oposição contra os anabatistas.

Com poucas exceções, os anabatistas também acreditavam que o Novo Testamento ensina o paci smo. Nenhum cristão deveria se envolver em

violência ou con ito armado. Na visão deles, o Sermão do Monte não deixa dúvidas. Os anabatistas rejeitavam também a uniformidade religiosa forçada. Achavam que uma única igreja o cial solapa o evangelho. A igreja, acreditavam, devia ser composta de associações cristãs voluntárias e separadas do estado. Por outro lado, os príncipes protestantes e católicos procuravam defender seus reinos contra invasões católicas ou protestantes. Ter parte da população recusando-se a defender a fé uniforme e o território físico equivalia a apostasia, traição e hostilidade contra a tranquilidade social. A proteção da

“verdadeira” fé cristã, da vida humana e da integridade geopolítica estava em risco. Católicos e protestantes mostravam que a história e a doutrina da igreja se opunham aos anabatistas. Mas isso nada signi cava para os anabatistas, que acreditavam que a verdadeira reforma exigia uma restauração rigorosa do cristianismo do Novo Testamento.

O registro da perseguição é desconcertante. Muitos anabatistas foram presos ou mortos por espada, afogamento, enforcamento, decapitação e às vezes queimados na estaca. Em 1526, o governo de Zurique ordenou que os anabatistas fossem afogados — uma grotesca zombaria de sua fé.

Em 1531, um chefe de polícia imperial reuniu dezoito adultos anabatistas, ateou fogo na casa e os “cozinhou”.

Hábeis líderes surgiram, e muitos deles foram mortos. Entre os líderes anabatistas encontram-se Conrad Grebel (c. 1498–1526), em cuja casa aconteceu o primeiro rebatismo, em janeiro de 1525, Felix Manz (c.

1498–1527), George Blaurock (c. 1491–1529) e Balthasar Hubmaier (c.

1480–1528).

Menno Simons foi um competente líder anabatista na Holanda.

Antigo sacerdote católico romano, Simons juntou-se aos anabatistas em 1536. Acredita-se que foi ele quem reorganizou os anabatistas após um período de fragmentação. O princípio norteador de toda a sua obra era 1Coríntios 3.11. Tão providencial foi a sábia liderança de Simons que já em 1554 o nome “menonitas” estava sendo usado para descrever os anabatistas holandeses.

69

O batismo interior pelo Espírito Santo nos redime; por esse batismo, a pessoa interior é puri cada. O ato exterior do batismo não produz esse efeito. O batismo externo se segue como prova de fé obediente. Se o batismo externo pudesse nos salvar sem a puri cação interior, todas as Escrituras que falam da salvação como uma nova criação seriam inúteis, e o reino dos céus se reduziria a simples água. Além disso, o sangue de Cristo teria sido derramado em vão. Nosso sinal de graça é somente Cristo Jesus, por meio do qual o vasto amor de Deus é gratuitamente distribuído e declarado a nós.

O batismo exterior não traz nenhum benefício enquanto não somos batizados e regenerados com o fogo celestial do Espírito Santo. Quando recebemos esse batismo do alto, somos convencidos pelo testemunho do Espírito Santo. Devemos crer sinceramente nos méritos de nosso Senhor e crer no poder e nos benefícios de sua ressurreição.

Puri cados internamente pelo Espírito, recebemos forças para estabelecer uma aliança com o Senhor pelo sinal externo do batismo, assim como ele estabeleceu uma aliança conosco pela graça de que não viveremos mais segundo a carne, mas andaremos diante dele segundo o testemunho da boa consciência.

Menno Simons, “Sobre o batismo”, em *Fundamento e instrução*

clara da doutrina salvadora de nosso Senhor Jesus Cristo (Obras de Menno Simons)

Deus todo-poderoso e santo, tiveste misericórdia de mim. Teu Filho se entregou por mim. É por isso que invoco tua misericórdia. Ele provou a morte, que é o salário do pecado. É por isso que não preciso me desesperar. Amém.

Adaptado de “Diante de Deus”, oração do padre Karl

Rahner, SJ (1904–1984), Feast of All Saints

PARA REFLETIR: Mt 28.16-20; Jo 3.1-10; **Rm 6. 1-4, 23; 12.2; 1Co 12.12-13; 2Co 5.16-21; Gl 3.27; Cl 2.11-15; Tt 3.3-7; 1Pe 3.21**

70

Quando nos sentamos à mesa do Senhor para compartilhar de seu pão e beber de seu cálice, precisamos lembrar com fervor e expressar não apenas sua morte, mas também os gloriosos frutos do amor divino manifestados a nós em Cristo. Conforme a promessa das Escrituras, Cristo se encarnou neste mundo como um homem de verdade, nascido da Virgem Maria. Ele era o Cordeiro de Deus imaculado; não conheceu pecado, nem enganou ninguém. Com muita a ição e esforço, pregou a misericordiosa e salvadora palavra de Deus. Procurou todas as ovelhas perdidas e levou-as ao verdadeiro Pastor. Por meio de sua morte dolorosa e de seu sangue precioso, Cristo nos reconciliou com o Pai.

Ah, o maravilhoso, insondável e incompreensível amor de Deus! O Pai não enviou um anjo, um patriarca ou um profeta para este mundo hostil, mas sua eterna e *Poderosa Palavra*, sua *Eterna Sabedoria*, o Brilho de sua glória, na forma de carne pecadora. O Pai “tornou pecado por nós aquele que não tinha pecado, para que nele nos tornássemos justiça de Deus” [NVI].

Aqueles que creem sinceramente nesse glorioso amor de Deus, nessa grande, prolí ca bênção de graça em Cristo Jesus, são cada vez mais renovados pela fé; seu coração transborda de alegria e paz.

Menno Simons, “A santa Ceia do Senhor”, em *Fundamento*

e instrução clara da doutrina salvadora de nosso Senhor Jesus Cristo
(Obras de Menno Simons)

Deus todo-poderoso e misericordioso, recebe nossas ações de graça, sobretudo pela alegria que vem do perdão dos pecados, da fraqueza fortalecida, da vitÓ ria prometida e da esperança na vida eterna. Amém.

George Dawson (1821–1876),

PARA REFLETIR: Sl 26.1-3; 103.1-18; Os 11.1-4; Lc 15.11-24; Jo 1.10-13; 3.16; 6.52-65; 17.1-5; **Rm 8.3,37-39; 2Co 5.21; 1Jo 4.9-12**

71

A Ceia do Senhor deveria nos alertar para a busca da unidade, do amor e da paz cristãos. Assim como o pão é feito de muitos grãos, triturados pelo moinho, misturados com a água e assados no forno pelo fogo, também a igreja de Deus é feita de muitos crentes que tiveram o coração triturado pelo martelo da Palavra divina e foram batizados com a água do Espírito Santo e o fogo do puro amor. E assim como os membros do corpo humano estão em harmonia e paz, cada membro desempenhando

sua função para promover o bem do todo, também os membros verdadeiros e vivos do corpo de Cristo deveriam estar em harmonia uns com os outros. E no corpo humano os membros mais ilustres, tais como o olho, não desprezam os membros menos ilustres, nem os membros menos ilustres invejam os mais proeminentes.

Assim dispostos, os membros do corpo de Cristo não se comportarão como as pessoas ambiciosas, cobiçosas e orgulhosas que existem no mundo, mas serão longânimes, pacíficos e sempre prontos, no verdadeiro amor cristão, a servir uns aos outros em atos e palavras.

Menno Simons, “A santa Ceia do Senhor”, em *Fundamento e*

instrução clara da doutrina salvadora de nosso Senhor Jesus Cristo (Obras de Menno Simons)

Deus Todo-poderoso, que tua misericórdia desça sobre toda a igreja; conserva-a em verdade e paz, em unidade e segurança, em todas as tempestades e contra todas as tentações e inimigos, para que ela, ofertando para tua glória o perpétuo sacrifício de oração e ação de graças, promova o reino do Senhor, seja preenchida com o Espírito Santo e partilhe dos sofrimentos do Senhor no mundo. Amém.

Jeremy Taylor (1613–1667), “Primeiras orações matinais”, em

Vida santa, cap. 1, Orações e devoções

PARA REFLETIR: Mt 26.20-35; Lc 22.7-27; Jo 13.1-20; 6.51-53; **1Co 10.17-32; 12.13-26; Ef 4.12-15; Fp 2.1-11; Cl 3.12-17; Hb 13.20-22**

A santa Ceia do Senhor é a Comunhão do corpo e sangue de Cristo. Por ser uma comunhão com Cristo, somos exortados a examinarmos cuidadosamente para veri car se nos tornamos parte de Cristo, se somos carne de sua carne e osso de seu osso, se estamos em Cristo e Cristo está em nós. Pois todos os que com dignidade comerem de seu pão e beberem de seu cálice devem se transformar na pessoa interna e renovar a mente por meio do poder da Palavra divina e do exercício da fé.

Devem se tornar pessoas novas, renascidas em Deus, e ser transferidas do velho Adão para Cristo. Devem receber o batismo conforme a ordem do Senhor, preparar-se para obedecer à Palavra do Senhor, negar a si mesmas e sujeitar-se à Palavra e às ordenanças do Senhor com todo o coração e mente. Que aqueles que comungam com Cristo à sua mesa entendam que isso signi ca que devem se manifestar como ramos frutíferos de Cristo, que é a Videira Verdadeira, pois agora são co-herdeiros na igreja do Senhor. Eles entraram na arca de segurança revestindo-se de Cristo por meio do perdão dos pecados e da dádiva do Espírito Santo.

Menno Simons, “A santa Ceia do Senhor”, em *Fundamento e*

instrução clara da doutrina salvadora de nosso Senhor Jesus Cristo (Obras de Menno Simons)

Concede-nos, Deus todo-poderoso, que, comungando uns com os outros e contigo, sintamos nosso coração arder dentro de nós, até que tudo o que é puro, justo, sagrado e nobre em Deus e no ser humano nos seja agradável e nada encontremos a temer além do que é odioso aos teus olhos. Amém.

George Dawson (1821–1876),

Orações: antigas e modernas

PARA REFLETIR: Mt 3.11; 16.13-25; 28.19; Jo 3.3,36; 13.6; **15.1-17; Rm 8.17; 1Co 10.16; 15.20-22; 2Co 6.17; Gl 3.23-29; 4.1-6; Tg 4.7-12**

Durante a Última Ceia, Jesus disse a seus discípulos: “Tomem e comam, porque este é o meu corpo, entregue por vocês”. Depois ele disse: “Este cálice é a nova aliança, con rmada com meu sangue”. Foi como se Jesus estivesse lhes dizendo: “Queridos amigos, o amor que

tenho por vocês e por toda a família humana me afeta com tanta intensidade que deixei a glória de meu Pai, entrei neste mundo de aiação e estou agora entre vocês como seu servo. Eu os vi cativos de Satanás, pois não havia ninguém para redimi-los. Vocês todos estavam desgarrados como ovelhas perdidas. Vi que não havia ninguém para cuidar de vocês, que, assim, eram presas fáceis para lobos vorazes, e não havia ninguém para resgatá-los. Por essa razão, desci dos céus, tornando-me homem pobre, fraco e mortal — igual a vocês em tudo, a não ser no pecado. Com grande zelo e amor eu os busquei e os encontrei indefesos, repulsivos e miseráveis; na verdade, semimortos. Cobri a sua nudez e tive compaixão; manifestei cordialmente meu amor; enfaxeiei seus ferimentos, limpei e derramei vinho e óleo nas feridas pútridas; salvei-os da mandíbula de ursos e leões, joguei-os por sobre os ombros e carreguei-os até os tabernáculos da paz”.

Menno Simons, “A santa Ceia do Senhor”, em *Fundamento e*

instrução clara da doutrina salvadora de nosso Senhor Jesus Cristo (Obras de Menno Simons)

Deus todo-poderoso e misericordioso, em quem vivemos, nos movemos e existimos, concede que, tendo plena consciência de que erramos e nos afastamos de teus caminhos, tenhamos igual consciência da necessidade de voltar ao Bom Pastor.

Perdoarás todos os que se aproximam em arrependimento e darás a alegria do Senhor. Amém.

George Dawson (1821–1876),

Orações: antigas e modernas

PARA REFLETIR: Mt 20.28; Lc 15.1-24; 22.39-46; Jo 12.31-32; 16.11; Rm 5.8; **1Co 11.24-26**; Fp 3.7-10; Hb 2.10,18; 5.8; 1Pe 1.11; Ap 2.8-11

74

Onde a Ceia do Senhor é celebrada com fé, amor, devoção, paz, harmonia e sinceridade de coração, o Cristo ressurreto está presente com sua graça e todos os méritos de seus sofrimentos.

Ah, deliciosa assembleia e banquete cristãos governados e ordenados pelo próprio Senhor! Aqui não há prazeres sensuais para satisfazer a carne e os apetites, mas tudo o que os discípulos de Jesus desejam — os gloriosos e sagrados mistérios manifestados nos sinais de pão e

está disposto diante dos convidados de Cristo.

Ah, deliciosa assembleia e banquete cristãos, para os quais os orgulhosos que desprezam Cristo não são convidados! Eles não são o povo do Senhor, os filhos de Deus. Estes enterraram a velha vida de pecados para andar com Cristo por um caminho novo e devoto.

Crucificam a carne e são osso do osso e carne da carne de Cristo. São guiados pelo Espírito Santo.

Ah, deliciosa assembleia e banquete cristãos, onde não se pratica o comer e o beber exagerados nem se escuta música barulhenta, mas onde os corações famintos são alimentados pelo pão celestial da Palavra divina! Eles bebem o vinho do Espírito Santo. E almas tranquilas e alegres entoam louvores ao Senhor.

Menno Simons, “A santa Ceia do Senhor”, em *Fundamento e*

instrução clara da doutrina salvadora de nosso Senhor Jesus Cristo (Obras de Menno Simons)

Deus de toda graça e paz, que todas as minhas paixões e afetos sejam postos sob o domínio da graça, para que eu nunca, por intenção ou descuido, ofenda tua Divina Majestade. Glória a Deus, o Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, agora e por toda a eternidade. Amém.

Jeremy Taylor (1613–1667), “Outra forma de oração

matinal”, em *Vida santa*, cap. 1, Orações e devoções

PARA REFLETIR: Mt 18.20; Lc 24.28-32; Jo 14.18-24; 21.21-24; At 2.1-21; 1Co 11.17-34; Gl 2.20; 5.24; 6.14; Hb 12.18-22

Assim, amados, a santa Ceia nos instrui e adverte. Primeiro, recebam o pão como o corpo de Cristo, que ele nos ofertou, e o cálice como seu sangue, que ele derramou com grande amor para a remissão de nossos pecados. Segundo, nessa santa Ceia somos exortados à união, ao amor e à paz, que devem caracterizar todos os cristãos, de acordo com o espírito, doutrina e exemplo de Cristo. Terceiro, estamos sendo exortados a uma vida renovada, santa e irrepreensível, que seja de Deus.

Nessa santa Ceia somos chamados a toda justiça, gratidão, paz e alegria no Espírito Santo. Pois é uma comunhão do sangue e corpo de Cristo, do qual ninguém pode compartilhar a não ser que se torne um cristão humilde, pací co, piedoso, morto para o pecado e regenerado conforme a Palavra de Deus.

Eis a essência de toda a questão. Os que desejam se sentar à mesa do Senhor, junto com os discípulos e convidados de Cristo, ricos ou pobres, altos ou baixos, devem ser rmes na fé em nosso Senhor Jesus Cristo.

Em conduta e na vida, devem se esforçar para ser irrepreensíveis diante do Senhor.

Menno Simons, “A santa Ceia do Senhor”, em *Fundamento e*

instrução clara da doutrina salvadora de nosso Senhor Jesus Cristo (Obras de Menno Simons)

Deixa teu sangue vertido,

Deixa teu corpo partido

Ser para mim, Ó Senhor,

Símbolo do teu amor;

Tu te deste para mim

E eu me dou a ti, em m.

Hino grego, da trad. de

John Brownlie (1907), Hinário

PARA REFLETIR: 1Co 11.29; 2Co 6.14—7.1; Gl 6.1-2,14-16; Ef 1.11-14; 2.10; 3.14-21; Cl 3.12-17; Hb 3.14; 1Pe 4.1-6

76

A verdadeira fé cristã engrandece e enaltece Deus, o Pai, e seu Filho, Jesus Cristo, por meio do temor piedoso e do amor frutífero. Por essa fé conhecemos a boa vontade do Pai para conosco por meio de Cristo. Por ela sabemos que todas as promessas aos pais, a espera dos patriarcas, a lei e as predições dos profetas foram cumpridas com Cristo e por meio de Cristo. Pela verdadeira fé cristã, sabemos que Cristo é nosso Rei, Senhor e Messias; ele é o Leão da tribo de Judá, o

Deus Todo-poderoso, o Pai Eterno e o Príncipe da Paz; ele é a Palavra e a Sabedoria onipotente, incompreensível, eterna de Deus, o Primogênito de todas as criaturas, a Luz do Mundo, o Sol da Justiça, a Videira Verdadeira e a Fonte da Vida; ele é a Verdadeira Porta e o Verdadeiro Pastor, o infalível Alicerce e a preciosa Pedra Angular de Sião, o Caminho certo e a Verdade e a Vida; ele é o Profeta prometido, nosso Mestre e Professor, assim como nosso Redentor, Salvador, Amigo e Noivo.

Cristo é nosso único e eterno Mediador, Advogado, Sumo Sacerdote, Propiciador e Intercessor; ele é nossa Cabeça e Irmão. Sabemos tudo isso pela fé.

Menno Simons, “A verdadeira crença cristã”, em *A verdadeira fé cristã* (Obras de Menno Simons)

Deus todo-poderoso e santo, tiveste misericórdia de mim. Teu Filho se entregou por mim. Por meio dele, que foi crucificado, tudo foi transformado: trevas em luz, morte em vida, fraqueza em força. Pai misericordioso e Deus de toda consolação, tem misericórdia de mim, e meu pobre coração louvará tua bondade para sempre. Amém.

Adaptado de “Diante de Deus”, oração do padre Karl

Rahner, SJ (1904–1984), Feast of All Saints

PARA REFLETIR: Jr 29.11; At 2.14-36; 2Co 1.15-22; Ef 1.7-10; Fp 4.19-20; 2Ts 3.2; 1Tm 2.5; Hb 8.6-8; 9.11-28; 11.1—12.2; 2Pe 1.3-11; Ap 21.1-9

TERESA DE ÁVILA

(1515–1582)

(TERESA DE CEPEDA Y AHUMADA)

Um acontecimento no início da vida de Teresa de Ávila nos proporciona uma visão do caráter desta que um dia se tornaria uma grande reformadora, reverenciada por sua piedade modesta e seus ensinamentos sobre como orar e amar a Deus. Fascinados por relatos de mártires e santos cristãos, aos 7 anos de idade Teresa e seu irmão decidiram fugir de casa, ir para a África, ser decapitados por muçulmanos e, assim, tornar-se mártires cristãos. Não estavam muito longe de casa quando um tio interrompeu-lhes a peregrinação e devolveu os lhos à mãe preocupada.

Teresa nasceu em Ávila, na Espanha, a terceira lha de pais devotos que instilaram nela desde a infância a amor a Deus e à igreja. O pai, Don Alonso Sánchez de Cepeda, gostava de bons livros e transmitiu esse amor à lha. Teresa desenvolveu um agudo interesse em histórias de cavalaria e romances. Aos 15 anos, sua bondosa mãe, Doña Beatriz, morreu. Pouco tempo depois, a educação de Teresa foi con ada às freiras agostinianas de Ávila. Passados dezoito meses, porém, a saúde ruim forçou Teresa a voltar para casa.

De tempos em tempos, ela morava com parentes, um dos quais era um tio, Don Pedro, que a apresentou às cartas de Jerônimo (c. 347–420

d.C.). O relato de Jerônimo sobre sua vida como monge convenceu Teresa a entrar para um convento. Parte de sua motivação era o medo de que o pai pudesse lhe arranjar um casamento em breve. O pai objetou fortemente a esses planos, dizendo a Teresa que ela poderia entrar para um convento depois que ele morresse. O momento em que ela se separou do pai foi um dos mais dolorosos de sua vida. Em sua

autobiografia, o *Livro da vida de Santa Teresa de Jesus*, ela nos conta que, assim que deixou a casa do amado pai, sentiu grande a ição, “como se me arrancassem cada osso do corpo” (cap. 4, seção 1).

Teresa foi em segredo para o Convento Carmelita da Encarnação, nos arredores de Ávila. Depois de um ano, fez os votos como freira carmelita. Entretanto, novamente a doença, inclusive uma paralisia parcial, a dominou. Don Alonso a levou para casa, onde, apesar dos cuidados médicos de cientes, a saúde de Teresa melhorou. Ela teria problemas de saúde durante todo o resto da vida. Enquanto se recuperava, teve uma visão transformadora do “Cristo muito chagado”.

Ela aprendeu a se comunicar com Deus e a fazer orações contemplativas de completa resignação à vontade divina. Após três anos, Teresa retomou a vida de freira.

Nos anos seguintes, o desenvolvimento espiritual de Teresa se acelerou, inclusive com orações que conduziam a visões místicas da paixão de Cristo e à intensa comunhão com Deus. Muitas vezes, quando tentava contar às outras o que estava acontecendo, as con dentes censuravam e ridicularizavam suas experiências como ilusórias e heréticas. Em 1557, porém, Pedro de Alcântara, um franciscano experiente na vida espiritual, ouviu Teresa e concluiu que o Espírito Santo estava, sem dúvida, agindo em sua vida. Um dos aspectos notáveis sobre a vida religiosa de Teresa era quão despretensiosa ela

era e quão disposta estava a se submeter ao confessor e à correção doutrinal da igreja. Aqueles que estudaram Teresa observam uma sinceridade transparente a respeito de seus fracassos e de culdades na peregrinação cristã. Ela parecia não ter interesse em se proteger; estava disposta a entregar-se à graça e às dádivas de Deus.

Em 1560, Teresa iniciou uma ampla reforma em seu convento, porque acreditava que ele havia se desviado do compromisso original com a austeridade religiosa. A reforma incluía uma volta à “clausura”. Clausura signi cava m das festas e de visitantes exteriores ao convento, volta à oração concentrada e ao estudo durante a maior parte das horas de vigília, e remoção dos sapatos como símbolo da vida simples (carmelitas descalços). Apesar da intensa oposição, Teresa acabou fundando dezessete casas de carmelitas de estrita observância em toda a Espanha.

77

Ó Senhor, os problemas surgem porque não temos os olhos xos em ti.

Se prestássemos mais atenção ao caminho em que andamos, logo chegaríamos a nosso destino. Mas tropeçamos e caímos mil vezes; erramos o caminho porque nosso olhar não está xo em ti, o Verdadeiro Caminho. Considerando nossas falhas, seria de supor que ninguém jamais percorreu o caminho antes de nós. É uma pena que isso aconteça.

Ora, às vezes nem parece que somos cristãos ou que nunca ouvimos falar dos sofrimentos de nosso Senhor.

Senhor, ajuda-nos para que não queamos irritadas com pequenas ofensas à honra. Apesar de tudo, isso acontece. Então, quando alguém nos aconselha dizendo que não devemos dar tanta importância à ofensa, questionamos se essa pessoa é mesmo cristã.

Quando nos repreendem, ou quando pecamos, gritamos: “Ora, não sou santa!” ou “Não sou um anjo!”. Deus nos livre! Podemos não ser anjos, mas precisamos pensar que, se nos esforçarmos, o poderemos ser, se segurarmos a mão de Deus. Ele nos dará forças, se estivermos dispostas a fazer nossa parte. Vamos lá, mãos à obra!

Teresa de Ávila, *O caminho de perfeição*, cap. 16

Espírito Santíssimo, Consolador dos a itos, Luz dos corações, Santi cador das almas, és o Doador de todas as dádivas celestiais. Revigora-me, suplico-te, com tua graça, santi ca-me com tua caridade, ilumina-me com

tua sabedoria, adota-me em tua bondade como teu lho e salva-me em tua in nita misericórdia, para que eu te bendiga, te louve e te ame. Amém.

Afonso Maria de Ligório (1696–1787), “Oração ao Espírito

Santo”, Feast of All Saints

PARA REFLETIR: Sl 37.5-6; Is 40.25-31; Lc 9.23-27; 22.47-71; Jo 18.1-32; 19.1-3,13-25; 1Co 12.4-26; 13.4-7; Cl 3.1-17; 1Tm 6.3-10

78

Alguns cristãos já sabem como orar; conseguiram criar o hábito da oração. Por esse bom caminho o Senhor os levará ao porto de luz; caminharão com tranquilidade e segurança. Não há necessidade de instruí-los.

Mas, para muitos outros cristãos, quando se trata de orar, têm a mente como a de um cavalo indomado. Primeiro, galopam para um lado; no momento seguinte, galopam para outro lado. A mente nunca se aquieta.

Até mesmo um cavaleiro experiente correria perigo. Esses cristãos são como pessoas sedentas que veem água a distância. Mas, sempre que chegam perto, surge alguém para bloquear-lhes o acesso. Tenho muita pena deles.

Ora, a água é a fonte de vida eterna que o Senhor prometeu à samaritana. Quem beber dela, nunca mais terá sede.

Que esse segundo grupo de cristãos tenha a certeza de que o próprio Senhor os convidou à fonte. Ele disse que todos os seus lhos eram convidados. Tenho certeza de que o Senhor não permitirá que ninguém deixe de receber a água viva, se prosseguir no caminho. Que o Senhor, que promete sua graça, lhes dê água em profusão.

Teresa de Ávila, *O caminho de perfeição*, cap. 19

Jesus, é doce em ti pensar,

Ao coração apraz;

Mais doce é ver tua face e estar

Contigo em tua paz.

Atribuído a Bernardo de Claraval (1090–1153 d.C.), da trad.

PARA REFLETIR: 2Cr 7.14; Mt 6.5-15; Mc 1.35-39; Lc 11.9-13; 18.1-8; **Jo 4.1-15**; 7.37-44; Fp 4.6; 1Tm 2.1-4; Hb 4.1-16; Tg 5.13-18

79

“Pai nosso que estás no céu.” Ó Pai, nessas palavras revelas que és o Pai de um Filho tal como Cristo Jesus, e teu Filho se revela como o Filho de tal Pai. É maravilhoso, nosso Senhor, que tenhas descido a um nível tão baixo para te reunires a nós quando oramos e para te tornares nosso Irmão. Como pode ser que, em nome de teu Pai, nos dêes tudo o que teu Pai tem a ofertar? Queres até mesmo que o Pai nos adote como lhos. E

tua palavra não pode falhar.

Parece que realmente comprometeste teu Pai a se tornar nosso Pai.

Não é pouca coisa, porque, ao se tornar nosso Pai, ele agora precisa olhar com compaixão para nós, não importa quão grandes sejam nossas ofensas. Se nos arrependemos profundamente e retornamos a ele, ele precisa nos perdoar, assim como o pai perdoou o lho pródigo. Se ele é nosso Pai, precisa também nos consolar em nossas tribulações. Ele precisa nos sustentar assim como um pai humano faz com um lho. Na verdade, ele deve fazer melhor do que qualquer pai terreno, porque tudo o que é bom alcança nele a perfeição. Sendo nosso Pai, ele deve acalentar e sustentar. Finalmente, ele deve nos tornar participantes e herdeiros com seu Filho.

Teresa de Ávila, *O caminho de perfeição*, cap. 27

Ó Pai amoroso, que desejas que agradeçamos por todas as coisas, que nada tenhamos exceto tua perda e entreguemos todas nossas preocupações a ti, que cuidas de nós, preserva-nos dos medos in íeis e das ansiedades mundanas, e garante que nenhuma nuvem desta vida mortal nos oculte a luz do teu amor. Amém.

William Bright (1824–1901),

Orações: antigas e modernas

PARA REFLETIR: Mt 5.43-48; **6.1-13**; 7.7-11; Lc 12.32-34; 15.11-24; Rm 8.14-17; 1Co 1.3; 8.6; Gl 4.6; Hb 2.10-13; 1Jo 1.5-10

“Pai nosso que estás no céu.” Quando se ora, não importa onde está o céu. Deus está em todos os lugares. Dizem que onde o rei está presente, toda a corte está lá. Onde quer que Deus esteja presente, o céu está presente, pois onde quer que a majestade de Deus esteja presente, também está a plenitude de sua glória. Lembrem-se de que Santo Agostinho diz que buscava a Deus em muitos lugares e acabou encontrando-o dentro de si mesmo.

Não é uma questão menor que nós, que somos tão facilmente distraídas, precisemos aprender isso. Para falar com o Pai eterno, para se deleitar com ele, não é necessário falar em voz alta como se Deus estivesse muito longe. Não importa quão baixo falemos, nosso Pai nos ouvirá. Não precisamos de asas para ir até ele; precisamos apenas de um local silencioso onde se possa car a sós e reconhecer a presença dele.

Também não devemos nos sentir estranhas na presença de um Hóspede tão gentil. Devemos falar com nosso Pai com muita humildade, como faríamos com um pai terreno afetuoso. E devemos rogar-lhe como o faríamos com nosso pai terreno, contar-lhe nossas culdades e suplicar-lhe que as remedie. Mas, depois que tudo for dito, devemos reconhecer que somos indignas de ser chamadas lhas do Pai.

Teresa de Ávila, *O caminho de perfeição*, cap. 28

Deus todo-poderoso e eterno, tu nos chamaste em Cristo ao amor e à unidade; oramos para que governes nosso coração pelo Espírito Santo a m de que nós, sendo pelo verdadeiro temor a Deus libertos de todo temor aos humanos, sirvamos a ti para sempre em justiça, misericórdia, humildade e gentileza uns para com os outros, por meio do teu querido Filho, nosso Redentor, Jesus Cristo. Amém.

Christian Charles J. Bunsen (1791–1860), *Orações da coleção do finado Barão Bunsen*

PARA REFLETIR: Jó 11.7-9; Sl 19.1-4; 139.1-24; Is 43.2; 57.15; Jr 23.24; Mt 6.1-13; 18.20; Rm 8.38-39; Hb 4.12-16; 13.12-16; 1Pe 5.6-11

Não sejam acanhadas na presença do Pai celestial. Algumas pessoas confundem acanhamento com humildade. Não seria humildade se um rei fosse fazer um favor a alguém e essa pessoa se recusasse a aceitá-lo.

Ao contrário, a pessoa demonstraria humildade aceitando o presente e alegrando-se com ele, mesmo reconhecendo que não o merecia. Que bela humildade seria se o Imperador dos céus e da terra visitasse minha casa, a mim de me fazer um favor e alegrar-se com minha companhia, e eu fosse tão humilde que não respondesse a suas perguntas, não casse em sua companhia, nem aceitasse seus presentes! E se ele falasse comigo e me suplicasse que eu lhe pedisse o que desejasse, porém eu fosse tão humilde que preferisse permanecer na pobreza e até mesmo deixá-lo ir embora!

Não se deixem cair nesse tipo de humildade. Em vez disso, falem com Deus como com um pai, um irmão, um senhor ou um marido, às vezes de uma forma, às vezes de outra.

O Pai celestial lhes ensinará como contentá-lo. Peçam para falar com ele, como se ele fosse seu noivo; ele as tratará como sua noiva.

Teresa de Ávila, *O caminho de perfeição*, cap. 28

Concede-me, Ó Jesus misericordioso, que tua graça esteja comigo, trabalhe comigo e permaneça comigo até o fim. Concede-me que eu deseje e queira sempre o que for mais aceitável e agradável a ti. Dá-me acima de todos os desejos o de descansar em ti, e que em ti repouse meu coração. Tu és seu único descanso. Amém.

Tomás de Kempis (c. 1380–1471), *Imitação de Cristo*,

livro 3, cap. 15

PARA REFLETIR: Sl 9.1-2; 24.1-6; 34.1-10,19-22; 36.7-10; 37.7; 40.1-10; 46.1-3; 63.1-8; 66.1-10; 68.4-6; 71.1-3

82

Satanás pode causar grandes danos sem que percebamos. Ele nos ilude fazendo-nos crer que possuímos certas virtudes quando não é verdade.

Vítimas dessa ilusão, achamos que somos admiravelmente generosas e prestativas e que o Senhor deveria nos recompensar. Pouco a pouco, essa ilusão causará grande dano. Por um lado, a humildade se enfraquecerá e, por outro, deixaremos de tentar cultivar a virtude que julgamos já possuir. O diabo nos convencerá de que estamos andando por um caminho seguro quando, na verdade, estamos prestes a cair num fosso.

Podemos não ter cometido conscientemente um pecado execrável, mas

certamente torcemos os tornozelos e não podemos prosseguir com desenvoltura pelo caminho de Jesus. Vocês podem imaginar quão pouco progresso uma pessoa obtém quando está presa num fosso. Essa ilusão também prejudicará os outros, pois, uma vez que um fosso tenha sido cavado, outros caminhantes podem cair lá dentro.

O que fazer para evitar essa ilusão? Primeiro, peçam ao Pai eterno que não caiamos em tentação. Segundo, se o Senhor nos deu alguma coisa, não nos esqueçamos de que é uma bênção que veio de Deus. Não é nossa, e nós não somos a sua origem. Terceiro, não con em nas virtudes da forma como Satanás nos tenta a fazer.

Teresa de Ávila, *O caminho de perfeição*, cap. 38

Concede-me, delíssimo e amantíssimo Cristo, que eu busque minha paz e descanse em ti mais que em toda criatura; mais que na saúde e na beleza; mais que na honra e na glória; mais que no poder e na dignidade; mais que no conhecimento e na sabedoria humana, que em toda alegria e felicidade; mais que na fama e no louvor, em toda felicidade e consolação — mais que em tudo o que não és tu, meu Deus.

Amém.

Tomás de Kempis (c. 1380–1471), *Imitação de Cristo*,

livro 3, cap. 21

PARA REFLETIR: Jr 17.9-10; Mt 4.1-11; 26.41; 2Co 2.5-11; Ef 4.25-32; 6.13-17; Fp 2.5-8; Tg 1.12-16; 4.1-3; 2Pe 3.11-18; 1Jo 2.16; 4.1-6

83

Mostra-nos, então, ó Mestre, como viver de modo vitorioso em toda essa perigosíssima guerra. O amor e o temor dados pelo Senhor são dois sólidos castelos a partir dos quais podemos travar a guerra contra o mundo e Satanás. O amor nos fará apressar nossos passos, enquanto o temor nos fará tomar cuidado quanto a onde colocamos os pés. Assim, não seremos iludidas e não cairemos nessa estrada onde há tantos obstáculos.

Os que verdadeiramente amam a Deus perseverarão no amor e favorecerão tudo o que é bom. Juntarão forças, invariavelmente, com pessoas boas. Amam apenas o que é verdadeiro e digno de amor. Pode aquele que verdadeiramente ama a Deus amar também a vaidade, as riquezas, os prazeres carnavais e a honra? Pode se envolver em brigas e

ter inveja? Não, pois seu único desejo é agradar ao Amado. Tais pessoas estão cheias de desejo por ele; por amor a ele, dariam a vida para saber como agradar-lhe. Esconderão seu amor? Não se o seu amor for genuíno. Pensem em Maria Madalena, que não conseguia ocultar o amor que sentia pelo Senhor. Seja pouco, seja muito, o verdadeiro amor pelo Senhor sempre se expressará. Sendo fogo, não pode deixar de nos dar sua luz.

Teresa de Ávila, *O caminho de perfeição*, cap. 40

Ó Senhor Jesus, insistimos em oração que nos inspires e renoves em nós o desejo intenso de compartilhar teu amor com os outros, de falar de ti, de tornar-te conhecido. Abre nosso coração frio e sacode nossa vida morna e super cial para recebermos teu olhar de amor e então, no poder do Espírito, sairmos e compartilharmos teu amor com os outros. Amém.

Adaptado de Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, cap. 5, § 264

PARA REFLETIR: Jó 1.8; 2.3; Sl 34.11-18; 36.5-10; Pv 3.7; 8.13; 16.6; Lc 10.27; Jo 14.15-17; 1Co 10.31-33; Ef 6.10-17; 1Pe 3.8-12; 1Jo 3.18-24

84

Como pode, então, um amor como o de Deus ser escondido? É tão forte, tão justo, vai sempre crescendo e nunca deixa de se manifestar.

Que Deus se agrade de nos permitir conhecer esse amor plenamente antes que ele nos tire deste mundo, pois será muito valioso, à hora da morte, saber que seremos julgados por Aquele a quem amamos acima de todas as coisas, com uma paixão que transcende todo amor-próprio.

Quando deixarmos este mundo, não estaremos entrando em terra estranha, mas em nossa própria terra, pois pertence a Cristo, a quem tanto amamos e que nos ama.

Com certeza não pode haver dúvida sobre o amor de Deus por nós.

Nossa confiança se assenta sobre um firme alicerce: as grandes dores, tribulações, paixão e morte na cruz de nosso Senhor. Isso é amor e merece o nome, ainda que as vaidades terrenas tenham desvalorizado o termo.

Além disso, o amor de Deus é melhor que todas as afeições terrenas.

Esforcemo-nos para receber o amor de Deus, pois, de outra forma,

cairemos nas mãos do tentador, que é tão hostil a tudo o que é amável e tão amigo de tudo o que se opõe ao amor.

Teresa de Ávila, *O caminho de perfeição*, cap. 40

Ó Espírito Santo, palavras de exortação para testemunhar o evangelho de Jesus Cristo nunca serão su cientes se não arder em nosso coração o fogo do Espírito Santo.

Ensina-nos que um testemunho repleto do Espírito é guiado por tu somente, pois és a alma da igreja chamada para a proclamação do evangelho. Vem, Espírito bendito, renovar, sacudir e impelir a igreja a sair cheia de coragem a m de evangelizar todos os povos. Amém.

Adaptado de Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, cap. 5, § 261

PARA REFLETIR: Sl 42.8; 63.3; Jo 3.16; Rm 5.6-11; 2Co 5.18-21; Ef 2.4-10; 3.7-13; 2Ts 2.16-17; 1Jo 3.1-3; 4.7-16; Ap 1.3

85

É delicioso falar do amor de Deus. Que o Senhor conceda generosamente seu amor a nós para que, quando partirmos desta vida, não haja carência. Mas há outra dimensão que deve acompanhar a consideração do amor de Deus, a saber, o temor de Deus. Aqueles para quem o amor a Deus se soma ao santo ou piedoso temor conhecem bem essa experiência. Para outros cristãos o temor não é muito profundo. Os que verdadeiramente conhecem o temor de Deus enriquecem em virtudes e se elevam a grandes alturas em e cácia de oração. À medida que o temor aumenta, o cristão se fortalece. Os que possuem um temor piedoso renunciam ao pecado e evitam situações, tais como más companhias, que possam levar ao pecado.

À medida que o temor aumenta, o amor aumenta, pois, por mais atentamente que observemos esses cristãos, não encontramos diminuição em seu amor. E nunca os apanharemos em descuido. O

temor piedoso fortalece os cristãos para que superem as tentações. Esses cristãos mantêm a consciência pura e, assim, não sofrem danos.

Esse temor é o que espero que jamais nos abandone, pois ele impede a nossa queda.

Teresa de Ávila, *O caminho de perfeição*, cap. 41

Ó Senhor Jesus, comeste e bebeste com os pecadores, olhaste com amor

para os cegos e desprovidos. Ensina-nos agora a tocar a miséria humana, como tu zeste. Vivamos uma espiritualidade que nos aproxime dos outros no intuito de procurar-lhes o bem-estar. Assim, tu nos ampliarás o coração para tuas mais excelentes e belas dádivas.

Quando nos encontramos com o próximo no amor, cremos que cresceremos na luz da fé e conhecimento de Deus. Amém.

Adaptado de Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*,

cap. 5, § 269, 270, 272

PARA REFLETIR: Sl 34.1; 36.1; Pv 8.13; 10.9; 16.6; Mt 7.13-27; Mc 10.17-22; Jo 4.7-8; Gl 4.19-20; Ef 4.1-3; Fp 4.8; 2Pe 1.5-8

JOÃO DA CRUZ

(1542–1591)

Se a nobreza conforme os padrões cristãos é determinada pelas bem-aventuranças, João da Cruz é o exemplo perfeito. E, se estivermos procurando alguém que respondeu às ofensas com o espírito misericordioso de Cristo, não há dúvidas de que podemos recorrer a ele.

João da Cruz nasceu como Juan de Yepes y Álvarez em Hontiveros (Fontiveros), Castela a Velha, na Espanha, de pais pobres, tecelões de seda. O pai veio de uma família nobre, mas foi deserdado porque se casou com a lha de um tecelão humilde. Dizer que a família de João era pobre é um eufemismo. Para piorar a situação, o pai de João morreu no apogeu da vida. Sem ter onde morar e mal conseguindo escapar da fome, a família necessitada vagava de um lugar para outro em busca de emprego. Quando chegaram a Medina del Campo, João foi enviado a uma escola para crianças pobres a fim de aprender uma profissão. Era bom aluno. Entretanto, ao tornar-se aprendiz de um artesão, não conseguiu aplicar o que havia aprendido. O diretor do hospital em Medina se compadeceu dele e indicou-o para atender os pacientes mais pobres. Durante sete anos, João dividiu o tempo entre o trabalho no hospital e os estudos na escola fundada pelos jesuítas.

Os carmelitas — ordem religiosa provavelmente fundada no século 12

no Monte Carmelo, na Palestina — haviam aberto uma casa em Medina. João se juntou a eles, recebendo o nome de João de São Matias e um hábito de monge em 1563. Enviado a Salamanca para estudos superiores, foi ordenado sacerdote em 1567. Relutando em se

tornar pároco, pretendia entrar para a ordem dos cartuxos (fundada por Bruno de Colônia em 1084). Em vez disso, encontrou-se com Teresa de Ávila, que havia chegado a Medina para fundar um convento carmelita. Ela convenceu João a permanecer com os carmelitas e a ajudá-la a reformar

a ordem. Eles queriam reintroduzir a observância à regra original. João acompanhou Teresa a Valladolid, onde esperava fundar um novo mosteiro para frades. Em 1568, tendo recebido a permissão para morar em uma casa em ruínas, junto com dois companheiros, João da Cruz, como ele se chamava agora, iniciou a obra de reforma. Os frades seriam a Ordem dos Carmelitas Descalços (hoje identificados pelas iniciais OCD) e se restringiriam à oração contemplativa em suas celas. O

movimento de reforma se espalhou rapidamente. A casa que João fundou se tornou um notável centro monástico.

Teresa o chamou a Ávila para nomeá-lo diretor espiritual e confessor do Convento da Encarnação, do qual Teresa havia recentemente se tornado priora. A reforma não teve aceitação universal entre os carmelitas; surgiram confusões e conflitos intensos. O provincial dos carmelitas ordenou a João que voltasse a Medina, um mandato que ele se recusou a obedecer. Em dezembro de 1577, João foi preso e levado a Toledo, na Espanha, onde foi confinado em uma cela minúscula, de menos de seis metros quadrados. Permaneceu lá por nove meses antes de escapar e se esconder de seus perseguidores na enfermaria de um convento. Enquanto esteve na prisão, poderia ter-se tornado amargo e vingativo. Em vez disso, na cela fria e escura sua fé foi renovada; sentiu a plenitude da presença e alegria do Senhor. João compôs poesias místicas que depois seriam compiladas em livros: *Subida do Monte Carmelo*; *A noite escura da alma* e *Cântico espiritual*.

Mais tarde, João exerceu vários cargos de liderança. Ocupou-se, sobretudo, em fundar e dirigir mosteiros. Os oponentes continuaram a persegui-lo. Finalmente, com a saúde fraca, foi transferido para o mosteiro de Úbeda, onde foi tratado duramente. Com o passar do tempo, muitos de seus oponentes reconheceram sua santidade. João morreu como havia vivido, praticando a convicção de que apenas o amor, não a crueldade, conquista as pessoas para o amor a Deus. Onde não há amor, pregava ele, semeemos o amor e colheremos amor.

resultar em vaidade se o cristão valoriza demais tal conhecimento e o vê como elogio a si mesmo. Mesmo que a pessoa atribua tal conhecimento a Deus e até se julgue indigna dele, o perigo é abrigar satisfação e amor-próprio ocultos. O espectro do orgulho espiritual assombra todo conhecimento de Deus. O pecado do orgulho pode vir à tona quando outros deixam de louvar a pretensa superioridade espiritual de alguém ou quando alguém se angustia ao saber que outros tiveram experiências religiosas semelhantes. Observem a vaidade: extrai-se mais prazer dos próprios dons espirituais que dos dons dos outros. A ofensa surge do pecaminoso amor-próprio oculto.

Atormentada, a pessoa jamais chega a compreender que está atolada no orgulho carnal. Os cristãos que incorrem nesse erro são como o fariseu, que dava graças a Deus por não ser como as outras pessoas. Eles podem não se exprimir com as mesmas palavras do fariseu, mas se assemelham a ele em espírito. Para escapar desse mal pestilento, o cristão deve ter uma verdadeira humildade rmente enraizada na alma. Só então ele poderá se regozijar dos dons que Deus concede aos outros. Ele precisa compreender que visões e revelações são menos importantes que a humildade nascida do amor.

João da Cruz, *Subida do Monte Carmelo*, livro 3, cap. 9

Concede, ó Senhor, que sempre reverenciemos e amemos o teu santo nome, pois nunca deixas de conduzir aqueles que tu rmaste no alicerce do teu amor. Por nosso Senhor Jesus Cristo, teu Filho, que vive e reina contigo, na unidade do Espírito Santo, um só Deus, para todo o sempre. Amém.

“Décimo segundo domingo do tempo comum”,

Coleta, *Missal romano*

PARA REFLETIR: Pv 18.12; Lc 18.11-12; Rm 12.3-13; 1Co 8.1-13; 13.2-8; 2Co 4.12; Fp 2.19-24; 4.8-9; Cl 2.20-23; 2Pe 1.3-11

87

Dons espirituais podem se tornar uma porta pela qual o diabo entra na alma como um anjo de luz. Não apenas ele pode enganar por meio de ideias falsas que, na superfície, parecem ser verdadeiras, como também pode enganar por meio do verdadeiro conhecimento de Deus. Satanás faz isso iludindo o cristão a se preocupar com o conhecimento espiritual como um m em si mesmo. Assim iludido, o cristão começa a se comprazer com dons espirituais; precipita-se em gula espiritual e outros males. O diabo tem sucesso primeiro instando os cristãos a terem prazer e deleite naquilo que Deus lhes deu. O perigo é que a

alma se tornará confusa e cega, porque atribui mais valor ao desfrute dos dons do que ao amor ativo. Dá mais importância ao que possui do que à autoentrega baseada na fé, esperança e amor a Deus. A alma então perde a capacidade de distinguir entre verdadeiro e falso, trevas e luz.

Deixada a si mesma, essa ilusão, como o grão de mostarda, aumentará e, por fim, se tornará uma grande árvore. Como podemos impedir que isso aconteça? Não devemos extrair prazer nos congratulando pelos dons de Deus.

João da Cruz, *Subida do Monte Carmelo*, livro 3, cap. 10

Ó Senhor, nós te suplicamos que aperfeiçoes a fé dos crentes e plantes a boa semente da fé no coração dos que ainda não creram em teu Filho para a vida eterna, a fim de que todos olhemos com rmeza para ti e corramos com perseverança a corrida que foi posta diante de nós. Dá-nos graça para demonstrar nossa fé por meio de obras de amor; ensina-nos a andar pela fé, tendo plena confiança em tuas promessas. Amém.

Christina Georgina Rossetti (1830–1894),

Orações: antigas e modernas

PARA REFLETIR: Pv 3.34; 6.16-19; 16.18; 29.23; Mt 13.31-32; 20.24-28; Mc 10.42-45; Rm 15.1-13; 1Co 11.17-22; 12.1-30; 1Jo 2.15-17; Ap 18.1-24

88

Se, na presença de um rei, alguém xasse a atenção nos servos do rei mais do que no rei, isso mostraria que essa pessoa não tem uma opinião muito elevada do rei. Os servos pareceriam ser mais ilustres.

Assim também, não devemos prestar mais atenção ou atribuir mais valor às coisas que Deus criou do que ao próprio Deus. Todas as criaturas, terrestres ou celestiais, todas as coisas que existem e todo tipo de conhecimento, natural ou sobrenatural, que a mente humana consegue absorver, por mais sublimes que sejam, não têm valor ou importância comparável à presença de Deus. Pior ainda, algumas pessoas começam a agir e pensar como se Deus fosse semelhante a essas coisas.

Como podemos evitar esse perigo? Colocando nossa esperança somente em Deus e crescendo na elevação dessa esperança em proporção à majestade de Deus.

Deus Todo-poderoso, Tesouro eterno de todas as boas coisas, tu preenches todas as coisas com generosidade. Vestes os lírios do campo e alimentas os lhotos dos corvos que clamam a ti. Que tua providência seja meu armazém, que minhas solicitações sejam avaliadas de acordo com minhas necessidades. Que meus desejos neste mundo nunca sejam insaciáveis, meu trabalho de amor nunca egoísta e ávaro, meus cuidados nunca corrompidos por ansiedade e distração desprovidas de fé. Em vez disso, que meus desejos sejam moderados, santos e subordinados à tua vontade, na medida que designaste para mim. Amém.

Jeremy Taylor (1613–1667), *Orações: antigas e modernas*

PARA REFLETIR: 1Cr 16.9,29; Sl 5.7; 34.9; 145.10-21; Rm 5.1-5; 11.33-36; 12.1-2,12; 15.4,13; 1Co 13.13; Ap 1.8-18; 5.9-13; 11.15-18; 15.3-8; 19.1-8

89

Não adianta puri car nosso entendimento e alicerçá-lo na fé ou puri car a memória e alicerçá-la na esperança se não puri camos nossa vontade e não a alicerçamos no amor a Deus. Sem amor, a fé é morta; nossa vontade precisa ser aperfeiçoada em amor a Deus. Não há nessa questão maior autoridade que esta passagem do Deuteronômio 6.5:

“Ame o Senhor, seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e de toda a sua força”. Aí está contido tudo o que uma pessoa piedosa deve fazer para alcançar a Deus: a união da vontade humana com a vontade de Deus no amor. Para esse m, devemos empregar todas as nossas capacidades, desejos, atividades e afetos.

A força da alma consiste em suas faculdades, paixões e desejos governados pela vontade. Quando nossa vontade estiver, no amor, plenamente dirigida a Deus, então todas as faculdades do espírito humano estarão dirigidas a Deus. Assim a pessoa deixa de amar tudo o que é contrário a Deus. Deus se torna a força do espírito humano.

Agora a alma pode amar a Deus com todas as suas forças. Todos os nossos afetos — alegria, esperança, dor e temor — devem ser puri cados e governados por Deus.

João da Cruz, *Subida do Monte Carmelo*, livro 3, cap. 16

Ó Deus, que unes a mente dos éis num só propósito, concede ao teu povo amar o que ordenas e esperar o que prometes, para que, nas incertezas

deste mundo, xemos o coração onde se encontram as verdadeiras alegrias. Por nosso Senhor Jesus Cristo, teu Filho, que vive e reina contigo, na unidade do Espírito Santo, um só Deus, para todo o sempre. Amém.

“Vigésimo primeiro domingo do tempo comum”,

Coleta, *Missal romano*

PARA REFLETIR: Dt 6.4-6; 10.12-13; Sl 18.1-3; 27.4; 63.1-3,7-8; Mt 6.24; Mc 12.30; Jo 14.20-23; 15.9-13; Ef 3.7-21; Fp 3.7-10

90

O que signi ca amar a Deus com toda a nossa força? Nossa força reside em nossas faculdades, paixões e desejos, todos governados pela vontade.

Amar a Deus com toda a força signi ca colocar intencionalmente tudo isso em conformidade com a vontade de Deus. As paixões são quatro: alegria, esperança, dor e temor. Quando o caminho do Senhor as controla, quando nos alegramos, temos esperança, sentimos dor e tememos apenas diante do que glori ca a Deus, a força dele se torna a nossa força.

Se todo o nosso ser não estiver atrelado ao Senhor, surgirão todo tipo de vício. Mas, quando o Senhor ordena, todas as virtudes cristãs obedecem. E, se qualquer das paixões for governada pelo Senhor, as outras se seguirão. Nossas paixões estão tão intimamente ligadas que o caminho de uma é o caminho da outra. Se nos alegramos com alguma coisa, a esperança de possuí-la se expande na mesma medida de nosso deleite. Inversamente, se nosso desejo por alguma coisa diminuir, nosso temor e dor também diminuirão.

Portanto, para amar a Deus com toda a nossa força, precisamos cuidar para que nenhuma de nossas faculdades e paixões seja tomada pelo inimigo. Ao contrário, elas devem estar livres para voar em busca da união com a vontade de Deus. Então saberemos o que signi ca amar a Deus com toda a nossa força.

João da Cruz, *Subida do Monte Carmelo*, livro 3, cap. 16

Ó bendito Jesus, és meu Salvador e meu Deus. Teu corpo é meu alimento, e tua justiça é meu manto. Entra em meu coração e joga fora todas as impurezas, todos os resquícios do homem antigo. Funda em mim uma fé incorrupta e um amor autêntico pela plenitude da sabedoria, pela cura do meu espírito. Amém.

Jeremy Taylor (1613–1667), “Oração em preparação ao santo

sacramento”, em *Vida santa*, cap. 4, Orações para todo tipo de pessoa

PARA REFLETIR: Mt 25.14-30; Mc 8.34-38; 12.30; Jo 13.1-20; Rm 12.1-2; Ef 4.25—5.2; 6.10-20; Fp 2.12-18; Cl 2.8-23; Tt 2.11-14

FRANCISCO DE SALES

(1567–1622)

Paulo lembrou aos Coríntios que não havia usado de palavras

“eloquentes nem sabedoria humana”, mas apresentado com clareza o

“plano secreto de Deus” (1Co 2.1). Esse estilo descreve precisamente Francisco de Sales, um homem de nascimento nobre e educação excelente que foi conquistado pelo amor de Deus e quis compartilhar esse amor com todos. Ele acreditava que Deus o estava chamando para o sacerdócio. Contudo, para responder a esse chamado, Francisco teria de vencer a oposição do pai. Sua obediência inabalável e sacri cial à vontade de Deus é um dos testemunhos mais inspiradores na história cristã.

Francisco nasceu em uma família aristocrática no Castelo de Sales, na Saboia suíça. Quando criança, era interessado em religião, tinha apreço pelos livros, era obediente e honesto. Era especialmente gentil com os menos afortunados. Desde a juventude, quis se tornar sacerdote. Mas o pai tinha outros planos. Aos 14 anos, Francisco foi enviado ao Colégio de Navarra, na Universidade de Paris, onde estabeleceria vínculos com outros membros da aristocracia e prepararia o caminho para um futuro secular de sucesso. Francisco, porém, preferiu Clermont, um dos colégios universitários dirigidos por jesuítas e conhecido por sua devoção e erudição. Estudar teologia e as Escrituras e dedicar-se a Deus eram as paixões de Francisco. Em determinado momento, temeu haver perdido o favor de Deus. Em desespero, disse a Deus que, mesmo que nunca fosse ver-lhe o rosto no paraíso, ainda assim o amaria de todo o coração. Pouco tempo depois, enquanto orava, a permanente e con rmadora paz de Deus desceu sobre ele.

Depois de seis anos em Paris, o pai de Francisco o enviou à Universidade de Pádua para estudar direito. Lá ele se destacou nos

estudos e pela conduta virtuosa. Aos 24 anos, formou-se doutor em direito, o que o quali cava, na opinião do pai, a uma excelente carreira

em direito e serviço público. Para completar a preparação de Francisco como cavaleiro, o pai arranhou-lhe um casamento com uma encantadora noiva aristocrática. Além disso, obteve para o lho um lugar no senado. Mas Francisco rejeitou a ambos e, com isso, constrangeu o pai, que não queria consentir em que Francisco se tornasse padre.

Como forma de resolução da crise, foi-lhe oferecido o cargo de prepósito do capítulo catedralício de Genebra. A aceitação por Francisco desse cargo, que era o segundo na hierarquia, só abaixo do bispo, aplacou o pai, que cedeu e concordou em que Francisco fosse ordenado (1593). Como prepósito, Francisco se tornou pregador e ciente e popular. Prestava assistência aos pobres e ensinava a fé de maneira persuasiva.

Pouco tempo depois, Francisco recebeu uma tarefa mais desafiadora: servir como missionário entre católicos não praticantes perto do Lago Léman, onde a influência protestante havia reduzido em muito a população católica. Algumas igrejas católicas haviam sido incendiadas e seus sacerdotes, expulsos. Ali Francisco provou sua coragem.

Trabalhando junto com o primo e correndo grande perigo, inclusive o de ser espancado por protestantes hostis, Francisco renovou a coragem dos católicos desanimados. Certa vez, chegou a ser salvo por alguns calvinistas de uma morte praticamente certa. Para chegar ao povo, Francisco escreveu folhetos instrutivos. Seus sermões simples e eficazes atraíam grandes públicos. Fez doações aos pobres, cuidando com amor de suas necessidades materiais, e com paciência instruiu os penitentes na fé. Depois da morte do bispo de Genebra, em 1602, Francisco o sucedeu.

Em vez de viver suntuosamente, adotou uma vida de pobreza evangélica. Continuou a pregação cativante, catequizou os membros de sua diocese, cuidou dos necessitados e atraiu a afeição das crianças.

Aos 65 anos, exausto, o homem que acreditava que “a medida do amor a Deus é amá-lo sem medidas” (*Piedade prática*, parte 2, cap. 1) morreu após um ataque de paralisia. John Wesley aclamaria Francisco como um

homem cuja vida serviu de modelo para a santidade cristã (sermão 107,

“Na videira de Deus”, *Obras*, vol. 7, p. 202-213).

Quando Deus criou o mundo, ordenou a cada árvore que produzisse frutos segundo a sua espécie. De igual modo, Deus convida os cristãos

— as árvores vivas de sua igreja — a produzirem frutos da devoção, cada um conforme o seu tipo e vocação. Um exercício diferente de devoção é exigido de cada um: nobreza, artesão, servos, príncipes, donzelas e esposas. Além disso, a devoção deve se adequar à força e às tarefas de cada um. A devoção que é verdadeira em nada atrapalha o caminho da santidade cristã. Ao contrário, tudo aperfeiçoa. Uma devoção ao Senhor que não combine com a vocação da pessoa é uma falsa devoção.

Aristóteles diz que a abelha suga o mel das ores sem dani cá-las, deixando-as intactas e frescas como as encontrou. Todavia, a verdadeira devoção faz ainda mais; não apenas não atrapalha a vocação, mas também a embeleza e exalta. Jogue pedras preciosas no mel, e cada uma cará mais brilhante conforme a sua cor. Assim também, cada vocação é mais perfeitamente cumprida quando banhada em devoção ao Senhor.

Francisco de Sales, *Introdução à vida devota*, parte 1, cap. 3

Ensina-me, meu Rei,

A ver-te em tudo aqui,

E tudo o que faço e farei,

Fazê-lo para ti.

George Herbert (1593–1633), revisado por

John Wesley (1703–1791), Hinário

PARA REFLETIR: Rm 12.1-2; 1Co 7.17-24; Ef 3.7-16; 4.1-17; Fp 2.7-11; 1Ts 4.11-12; Tg 5.7-16

92

Todos os lhos de Israel deixaram a terra do Egito, mas nem todos saíram com entusiasmo. Assim, quando iniciaram a árdua viagem pelo deserto, alguns sentiram falta dos melões, alhos-porós e cebolas do Egito. Da mesma forma, há penitentes que parecem renunciar ao pecado, mas que, na verdade, não renunciaram aos afetos pecaminosos.

A vida de pecado continua a exercer sobre eles a mais forte atração.

Como alguns dos israelitas, eles renunciaram ao pecado e o abandonaram formalmente, mas relutam e sentem saudade do que deixaram para trás. São como a esposa de Ló, que fugiu de Sodoma com relutância. Esses cristãos ambivalentes nos lembram pessoas que, sem estarem realmente doentes, mostram-se pálidas e doentias, fracas em tudo o que fazem. Comem sem apetite, dormem sem repousar e riem

sem alegria. Apenas se arrastam pela vida.

Para levar uma vida santa, é preciso não apenas renunciar aos atos pecaminosos, mas também purificar o coração de todos os afetos pecaminosos, transformar todo o ser. Abrigar afetos desprezíveis enfraquecerá e confundirá perpetuamente o discipulado da pessoa. Ela não estará alerta e empenhada nas boas obras da fé e na obediência integral, as manifestações da devoção incorrupta.

Francisco de Sales, *Introdução à vida devota*, parte 1, cap. 7

Ó santo e eterno Jesus, pelo Espírito Santo te agradaste de fazer tua morada em mim. Ensina-me então a andar de modo que eu nunca profane o testemunho do evangelho ou a grandeza da fé cristã, nem macule o manto sagrado com que me vestiste, nem quebre os votos sagrados que proferi e que o Espírito Santo selou.

Amém.

Jeremy Taylor (1613–1667), “Jaculatórias a serem proferidas

antes ou no momento de receber o Santo Sacramento”, em

Vida santa, cap. 4, Orações para todo tipo de pessoa

Ê

PARA REFLETIR: Gn 19.26; Êx 16.1-3; 17.1-7; 32.1-14; Nm 11.4-6; Os 11.1-4; Mq 6.3-8; Jo 6.52-69; 2Tm 4.2-5; Tg 3.13-18; 1Pe 5.6-9; Ap 2.1-7

93

Voltando-me à infinita misericórdia do Deus eterno, detestando meus pecados passados, peço humildemente a graça, o perdão e a misericórdia de Deus, para a completa remissão dos pecados em nome

da paixão e morte de meu Senhor e Redentor, a base firme de minha esperança.

Renovo a sagrada promessa de fidelidade a Deus. Renuncio ao demônio, ao mundo e à carne, abominando suas malditas sugestões, vaidades e concupiscências, agora e para sempre.

Voltando-me sempre ao Deus amoroso e misericordioso, desejo, pretendo e decido servi-lo e amá-lo eternamente, devotando minha mente com todas as suas faculdades, minha alma com todos os seus poderes, meu coração com todos os seus afetos, meu corpo com todos os seus sentidos, à sua vontade.

Declaro que jamais usarei impropriamente qualquer parte do meu ser para me opor à divina e soberana majestade, prometendo ser sempre um servo leal, obediente e fiel, sem qualquer alteração ou retração. Se eu falhar nessa resolução, declaro, pela graça do Espírito Santo, que me erguerei e voltarei, sem qualquer demora, a buscar o perdão misericordioso de meu Senhor. Esta é minha resolução inviolável, irrevogável, que faço na santa presença de Deus.

Francisco de Sales, *Introdução à vida devota*, parte 1, cap. 20

Ó Deus eterno, todo-poderoso e todo-amoroso, aceita-me como oferta sincera e de boa vontade. Considerando que foi do teu agrado inspirar-me o desejo de fazer essa oferta, dá-me também a força e a graça necessárias para cumpri-la. Ó Deus, tu és meu Deus, o Deus de meu coração, de minha alma e espírito; como tal, eu te reconheço e te adoro, agora e por toda a eternidade. Amém.

Francisco de Sales, *Introdução à vida devota*, parte 1, cap. 20

PARA REFLETIR: Sl 32.5; 40.11-12; 51.1-17; 69.5; Is 6.5; Lc 18.9-14; 19.1-10; Rm 8.14-17; 12.9-13; Ef 4.25—5.5; 5.15-20; 1Jo 1.8-10

94

A oração abre o entendimento ao brilho da luz divina e a vontade ao calor do amor celestial. Nada é tão eficaz em purificar a mente da ignorância ou a vontade de seus afetos perversos. A oração é como a água que cura, fazendo as raízes dos bons desejos enviarem novos brotos, como um rio que lava as imperfeições do espírito e remove a sede da paixão.

Aconselho a você a oração fervorosa, mais particularmente a oração que se eleva sobre a vida e a paixão de nosso Senhor. Contemplando-o

com frequência na meditação, todo o seu ser se impregnará de Cristo.

Você cultivará a semelhança com ele e as suas ações se espelharão nas dele. Jesus Cristo é a Luz do Mundo; portanto, nele, por ele e para ele devemos ser iluminados. Ele é a Árvore da Vida, e à sua sombra encontraremos descanso. Ele é a Fonte Viva do poço de Jacó, onde podemos lavar todas as manchas de nossa alma.

As crianças aprendem a falar escutando a mãe. Assim também, se nos agarrarmos ao Salvador na meditação, escutando suas palavras e observando suas ações, com o tempo aprenderemos, pela graça, a falar, agir e desejar como Jesus.

Francisco de Sales, *Introdução à vida devota*, parte 2, cap. 1

Ó Deus, por tua bondade inexprimível e por todas as tuas graças e bênçãos, ofereço tudo o que sou e tudo o que tenho em sacrifício a ti e a teu serviço. Perdoa meus pecados, guarda-me de todo mal e conduz-me a tudo o que é bom. Que eu esteja entre os redimidos quando reunires os santos em teu reino de graça e glória. Amém.

Jeremy Taylor (1613–1667), “Outra forma de oração

matinal”, em *Vida santa*, cap. 1, Orações e devoções

PARA REFLETIR: Mc 1.35; 14.32-42; Lc 11.1-4; 21.34-36; Gl 2.20; Ef 6.18-20; Fp 4.6; Cl 1.9; 3.16; 1Pe 2.21

95

O profeta Eliseu mandou uma viúva pobre pedir vasilhas emprestadas, vasilhas vazias, quantas conseguisse, e despejar óleo dentro de todas elas.

Assim também, para receber a imensa graça de Deus nós precisamos ser como vasilhas vazias, livres de autoestima e autossu ciência diante de Deus. Podemos testar se isso realmente acontece da mesma forma como se testa a qualidade do bálsamo. Mergulhe-o na água. Se chegar ao fundo, é puro e precioso.

Use o mesmo teste para saber se uma pessoa é verdadeiramente sábia, culta, generosa ou nobre. Observe se a vida dela é guiada por humildade, modéstia e submissão à vontade de Deus. Se for, então esses dons são genuínos. Mas, se a pessoa for super cial, tenha a certeza de que sua ostentação seguirá em proporção à sua artificialidade. Quando as qualidades aparentemente santas de uma pessoa

são, na verdade, alimentadas por orgulho, vaidade e ostentação, elas logo murcharão, não deixando nada mais que a exibição vazia, sem seiva, sem medula, sem substância.

Aqueles que exigem que os outros prestem demasiada atenção em sua posição, título e importância não apenas perdem o crédito, como também atraem o desprezo público por cargos e títulos. Uma honra que deve ser dada livremente se torna sem valor quando extraída à força ou comprada. Quando um pavão abre a cauda vistosa, inevitavelmente expõe o feio corpo que está embaixo.

Francisco de Sales, *Introdução à vida devota*, parte 3, cap. 4

Ó Jesus, permita-me habitar em teu coração, ser instruído com tua sabedoria, ser tocado por teus afetos, escolher apenas o que desejas e vestir-me com tua justiça, para que no dia do juízo eu seja encontrado usando os trajes que me deste e selado com o caráter de meu Irmão Mais Velho. Amém.

Jeremy Taylor (1613–1667), “Oração a ser feita na

celebração do Natal”, em *Vida santa*, cap. 4, Orações para todo tipo de pessoa

PARA REFLETIR: 2Rs 4.1-7; Mt 13.47-50; 15.1-14; 23.1-15; 2Co 4.1-12; Fp 3.17-21; 1Tm 4.1-10; Tt 1.15—2.1; Tg 1.5-16; 4.5-7; Ap 3.1-6

96

Uma decisão ativa de cultivar virtudes cristãs é um primeiro passo na vida rumo à retidão. Porém uma decisão ativa de adquirir distinção é um primeiro passo para atrair desprezo e vergonha. Uma pessoa no caminho da santidade cristã não desperdiçará energia em trivialidades patéticas como posição social e aparência externa. Uma pessoa virtuosa emprega o tempo em atividades muito melhores e deixa a busca de tais futilidades a almas mais mesquinhas. Alguém que procura por pérolas não se deterá para recolher conchinhas quebradas.

Sem dúvida qualquer pessoa pode desenvolver a vocação que Deus lhe atribuiu. Não é preciso haver falta de humildade para cumprir uma vocação, desde que isso seja feito com simplicidade e sem arrogância.

Nossos navios mercantes que chegam do Peru com ouro e prata muitas vezes trazem papagaios, porque eles quase nada acrescentam ao peso da carga. De modo semelhante, os cristãos que desejam crescer em

graça devem empenhar-se na posição e vocação que lhes foram atribuídas sem se tornarem obcecados com tais coisas. Não devem deixar que a preocupação com o reconhecimento os desanime. Que os cristãos que detêm cargos de responsabilidade pública se comportem com prudência e discrição, com caridade e cortesia.

Francisco de Sales, *Introdução à vida devota*, parte 3, cap. 4

Ó Senhor, nosso Pai celestial, que comandas todas as coisas para nosso bem eterno, em tua misericórdia ilumina nossa mente e dá-nos rme e permanente con ança em tua sabedoria e amor. Silencia nossos tolos murmúrios, aquieta nossos medos turbulentos e dissipa nossas dúvidas inquietas, para que, erguendo-nos acima das a ições e ansiedades, descansemos em ti, a Rocha de nossa salvação e eterna força. Amém.

Extraído do *Novo livro eclesiástico de*

adoração (1876), Orações: antigas e modernas

PARA REFLETIR: 1Sm 13.1-15a; Pv 8.13; Is 13.11; Mt 20.17-28; Lc 22.24-27; Rm 6.15-19; 12.9-21; 1Ts 3.13; 4.7

97

Nada nos conduz mais rapidamente para a humildade diante de Deus do que apreciar a profusão de suas dádivas, assim como nada tende a nos humilhar diante da justiça de Deus mais do que a profusão de nossos erros. Re itamos sobre o que ele fez por nós e o que zemos contra a vontade dele. Façamos um inventário da graça de Deus que nos foi concedida ao longo dos anos. Tal exercício depressa eliminará qualquer tendência ao orgulho e à autocongratulação. Uma análise da graça de Deus nos lembrará vivamente da distinção entre o bem que vem de Deus e o bem que vem de nós mesmos.

Lembre-se de que as bestas de carga não deixam de ser bestas de carga só porque transportam o tesouro de um príncipe. Ao contrário, uma gratidão vívida pela graça de Deus que nos é concedida nos torna humildes diante dele, pois a gratidão promove a humildade. Todavia, se, ao analisar a história da graça de Deus em nossa vida, começarmos a nos envaidecer de nós mesmos, o remédio infalível será nos lembrarmos das razões que temos para sermos gratos, bem como de nossas imperfeições e fraquezas.

Assim, regozijemo-nos de tudo o que Deus nos fez e alegremo-nos em dar a ele toda a glória.

Francisco de Sales, *Introdução à vida devota*, parte 3, cap. 5

Glória ao Senhor, ao que reina sobre tudo, louvor!

Ele te abriga e sustenta, gentil redentor!

Vês que ele envia o que preciso seria

Com sua graça e amor?

Joachim Neander (1680), da trad. de

Catherine Winkworth (1863), Hinário

PARA REFLETIR: Sl 35.18; 106.1-2; Dn 6.10; Lc 1.39-56; 1Co 4.6-7; Ef 5.15-20; Fp 1.3-5; Cl 2.6-7; 3.17; 1Ts 5.18; Hb 13.12-15

98

Uma boa reputação é apenas uma placa avisando onde mora a virtude. A raiz de uma boa reputação encontra-se na virtude e na honestidade, que sempre farão o bom nome brotar de novo, por mais que tenha sido atacado. Se o seu bom nome está em perigo devido a alguma atividade vã, algum hábito inútil ou alguma amizade prejudicial, então renuncie a essas coisas. Se o difamarem por ser cristão ou por levar uma vida santa, não faça caso do que dizem os difamadores. Tenha a certeza de que, se as acusações deles conseguirem criar suspeitas sobre seu caráter, o seu bom nome logo será recuperado e a navalha da difamação o fortalecerá, assim como a faca de podar fortalece a vinha.

Tenhamos sempre diante dos olhos Jesus Cristo crucificado.

Prossigamos no caminho com confiança e simplicidade, mas também com discrição e sabedoria. Se formos dedicados em nosso serviço, nosso Senhor cuidará de nossa reputação. Se ele permitir que a percamos, será apenas para nos conceder dádivas melhores e nos treinar na santa humildade, da qual um punhado vale mais que mil quilos de honra. Não há abrigo mais seguro para o bom nome ou para nossa alma que as mãos de Deus.

Francisco de Sales, *Introdução à vida devota*, parte 3, cap. 7

Querido Senhor, dá-nos um coração que não se esqueça de teu amor. Que habitemos nele em tudo o que zermos, no sono ou na vigília, na vida ou na morte, ou ascendendo à vida eterna na ressurreição, pois teu amor é vida

eterna e descanso perene. Amém.

Johann Arndt (1555–1621), *Orações: antigas e modernas*

PARA REFLETIR: Sl 34.13; 52.2; 69.7; Mt 5.11-13; Lc 6.43-45; 2Co 4.1-6; 6.1-11; Ef 4.25-32; Cl 3.1-17; 1Pe 3.10; Ap 12.1

99

Em todos os assuntos, con e totalmente na providência divina. Só seguindo esse conselho, todos os seus planos terão êxito. Procure agir em calma cooperação com o Senhor. Então descanse, sabendo que, se con ar completamente em Deus, sempre obterá o sucesso que ele considera adequado e produtivo, quer lhe pareça assim, quer não.

Imite uma criança pequena que segura a mão do pai rmemente com

uma das mãos enquanto colhe morangos ou amoras silvestres com a outra. Da mesma forma, enquanto você colhe e usa os bens deste mundo com uma das mãos, sempre mantenha a outra rmemente agarrada à mão do Pai celestial. Quer esteja em casa, quer fora, procure-o com o olhar de vez em quando para ter certeza de que o Pai está satisfeito. Tome cuidado para que, na vontade de usar as duas mãos a m de colher mais, não solte a mão do Pai. Se zer isso, acabará caindo ao chão. Fixe mais o coração em Deus do que nos morangos e amoras silvestres. Se a sua obra exige atenção completa, faça pausas de vez em quando para olhar para Deus, assim como os navegadores que seguem para o porto olham para o céu em vez de para o oceano em que velejam.

Seguindo assim em sua jornada, Deus trabalhará com você, em você e por você, e sua obra será abençoada.

Francisco de Sales, *Introdução à vida devota*, parte 3, cap. 10

Ó Senhor, nós te suplicamos, abençoa nosso trabalho cotidiano, para que o realizemos com fé e entusiasmo, como se o zéssmos para ti. Todas as nossas capacidades de corpo e mente são tuas, dedicadas a teu serviço. Santi ca-as, assim como o trabalho a que estamos nos dedicando. Dá-nos hoje teu Espírito Santo, para que sejamos teus em corpo e espírito, por Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

Thomas Arnold (1795–1842), *Orações: antigas e modernas*

PARA REFLETIR: Is 40.1-31; Jl 2.18-19; Jn 2.2-9; Mq 7.7-9; Hc 2.1-5; 3.17-19; Mt 6.26,30-33; Lc 12.4-12,24-28; 1Co 2.9-13; 2Co 9.8-10

“Felizes os pobres de espírito, pois o reino dos céus lhes pertence.” Os “pobres de espírito” são pessoas cujo coração é desprovido de desejo por riquezas. Os “ricos de espírito” são pessoas cuja mente está soterrada pelas riquezas.

Acredita-se que o lendário martim-pescador constrói o ninho na forma de uma bola, deixando uma pequena abertura no topo. Ele joga o ninho no oceano, e as ondas o levam sem que a água penetre no interior.

De igual modo, nosso coração deve ser aberto apenas para o céu, impenetrável às riquezas e tesouros terrenos. Se você possui tais riquezas, não deixe que seu coração se apegue a elas.

Existe uma grande diferença entre possuir veneno e ser envenenado.

Todos os farmacêuticos guardam venenos para usos especiais. Mas nem por isso são envenenados. O veneno está na farmácia, não no farmacêutico. De igual modo, você pode possuir riquezas sem ser envenenado por elas, se não estão em seu coração. Pode ser uma bênção para o cristão ser rico em bens materiais, mas pobre no apego a elas. As riquezas podem ser usadas neste mundo de maneira a evidenciar que seu possuidor vive em diligente expectativa em relação ao mundo por vir.

Francisco de Sales, *Introdução à vida devota*, parte 3, cap. 14

Deus eterno e santíssimo, Senhor e Soberano de todas as criaturas, humildemente me apresento à tua divina majestade — alma, corpo, pensamentos, palavras, ações, intenções, paixões e sofrimentos — para ser usado por ti para tua glória, para ser abençoado por tua providência, para ser guiado por teus conselhos, para ser santi cado pelo Espírito Santo e, depois, para ser recebido na glória. Amém.

Jeremy Taylor (1613–1667), “Primeiras orações matinais”, em

Vida santa, cap. 1, Orações e devoções

PARA REFLETIR: Dt 6.1-12; Sl 37.16; Pv 16.8; **Mt 5.3**; 6.19-21; 19.16-28; Mc 4.1-20; Lc 12.15; 1Tm 6.4-11,17-19; Tg 5.1-5; 1Jo 3.11-17

As Escrituras e a doutrina cristã ensinam que Deus quer que o amemos.

Ensinam sobre os bens que Deus deseja que esperemos, o dano que gostaria que evitássemos, o que ele deseja que amemos e os mandamentos a que devemos obedecer. Ele convida, encoraja, solicita e exorta. Mas não força a obediência. Deus quer que possamos resistir, embora deseje que não resistamos. Deus em nada contribui para nossa desobediência, mas, se queremos obedecer, ele fornece assistência, inspiração, socorro e graça.

O desejo de Deus é um desejo verdadeiro, que não poderia ser expresso de modo mais transparente. Ele preparou um excelente e magnífico banquete, como fez o rei na parábola do evangelho. Por meio de orações, exortações e mensagens urgentes, ele nos convida a chegarmos e sentarmo-nos à mesa do banquete de seu amor. Mas não empurra a carne para dentro de nossa boca e nos obriga a engolir. Assim como aconteceria se um amigo nos tratasse dessa forma, isso seria considerado o máximo da indelicadeza. Desse modo, Deus providenciou tudo de que necessitamos; ele exorta e encoraja. Mas não seremos alimentados à força como se fôssemos animais que se quisesse engordar.

Francisco de Sales, *Tratado do amor de Deus*, livro 8, cap. 3

Ó Deus e Pai eterno, ensina-me, suplico-te, por teu Espírito Santo, para que, mesmo que eu tenha perdido tudo morrendo em Adão, eu venha a recuperar tudo recebendo nova vida em Cristo. Permita-me morrer todos os dias para mim mesmo, por meio de mortificação e arrependimento contínuos, e dar-me inteiramente a ti, para que todo bem que perdi seja restaurado por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

Johann Arndt (1555–1621), *O verdadeiro cristianismo*,

livro 2, cap. 34, seção 1

PARA REFLETIR: Sl 145.13b-21; 146.5-10; Is 40.11; 41.9-10; Jr 31.1-6; Mt 11.28-30; 18.12-14; **Lc 14.15-24**; Jo 7.37-39; 10.11-15; Hb 2.14-18

Assim como raios de sol não deixam de ser raios de sol quando bloqueados por um obstáculo, a vontade de Deus continua a ser sua verdadeira vontade mesmo quando resistimos a ela e não conseguimos realizar o bem que Deus deseja para nós.

O que signi ca conformar-se à vontade de Deus? Signi ca concordar com tudo o que a bondade divina indica sobre as intenções de Deus.

Isso inclui acreditar em sua doutrina, esperar em suas promessas, temer seus alertas, e também amar e viver conforme suas determinações e conselhos. Como uma indicação de nosso desejo de nos conformarmos à vontade de Deus, camos em pé na igreja quando os Evangelhos são lidos; isso é um claro testemunho de que pretendemos obedecer à santa vontade de Deus como revelada no evangelho de Jesus Cristo. Alguns cristãos chegam a beijar a Bíblia no local onde são colocados os Evangelhos.

Muitos dos primeiros santos levavam junto ao peito, como um cataplasma de amor divino, o evangelho escrito. Em antigos concílios, no centro da assembleia geral de bispos, era erigido um alto trono, e sobre ele era colocado o livro dos Sagrados Evangelhos, representando a pessoa de nosso Salvador: Rei, Doutor, Diretor, Espírito e verdadeiro Coração dos concílios e da igreja.

Francisco de Sales, *Tratado do amor de Deus*, livro 8, cap. 3

Levanta-te, Ó Espírito de Vida, para que por ti comecemos a viver; desce sobre nós e transforma-nos naquele povo que o coração de Deus anseia ver, renovado à imagem de Cristo e indo de glória em glória e graça em graça. Ó Deus, glori ca-te em nós.

Amém.

Gerhard Tersteegen (1697–1769), *Orações: antigas e modernas*

PARA REFLETIR: Ne 7.73b—8.5; Os 6.6; 10.12; Jo 1.29-34; 12.20-36; Rm 12.1-2; 2Pe 1.3-11; 3.11-18; 1Jo 2.15-27; Jd 1.20-25; Ap 22.12-17

103

Deus deixou claro o desejo de que todas as pessoas sejam salvas. Com esse propósito, criou-nos à sua imagem e semelhança, e então se fez à nossa imagem e semelhança na encarnação. Por um amor sem limites, sofreu a morte para redimir toda a humanidade.

A bondade de Deus o leva a conceder liberalmente os benefícios de sua graça e conduzir-nos à alegria de sua glória. Seu prazer é derramar graça e dádivas sobre nós. Verdadeiramente, ele se agrada de estar com os lhos e de cumulá-los de graças. Nossa santi cação é sua vontade, e nossa salvação, seu melhor desejo.

Uma igreja triunfante e militante ressoa por todos os lados com louvores ao amor ilimitado de Deus. O corpo sagrado e compartilhado de nosso Salvador — em si mesmo um templo santíssimo da divindade

— é decorado com as marcas e sinais de sua benevolência. Quando, em adoração e comunhão, visitamos esse templo divino, a Eucaristia, contemplamos a alegria amorosa que nosso Senhor extrai em estender favores a nós.

Lancemos todos os dias os olhos à vontade amorosa de Deus e, harmonizando nossa vontade com a dele, exclamemos: “Ó Bondade de in nita doçura, como é amável a tua vontade, quão desejáveis os teus favores!”.

Francisco de Sales, *Tratado do amor de Deus*, livro 8, cap. 4

Deus de poder, fonte de toda boa dádiva, derrama em nosso coração o amor do teu nome, para que, aprofundando nosso senso de reverência, tu nutras em nós o que é bom e, com teu solícito cuidado, guardes o que nos deste. Por nosso Senhor Jesus Cristo, teu Filho, que vive e reina contigo, na unidade do Espírito Santo, um só Deus, para todo o sempre. Amém.

“Vigésimo segundo domingo do tempo comum”,

Coleta, *Missal romano*

PARA REFLETIR: Sl 26.4; Lc 22.14-23; Rm 11.33-36; 12.2; 16.25-27; 2Co 9.8-15; 13.14; Cl 1.11-14; 1Tm 1.7; 2Pe 3.8-10; Jd 1.24-25; Ap 1.4-7

104

Uma vez que Deus expressou claramente sua vontade nos

mandamentos, não há nada a fazer exceto obedecer. Em muitos casos, porém, Deus nos dá liberdade para escolher o que nos parece bom, com a ressalva de que devemos escolher o que é mais bené co, não simplesmente o que é de acordo com a lei.

Todavia, uma tentação incômoda muitas vezes persegue os que desejam fazer a vontade de Deus. O inimigo lança-os na dúvida sobre se devem fazer uma coisa ou outra: vestir roupas cinzentas ou pretas, jejuar na sexta-feira ou no sábado. Seria tolice perder tempo e energia discutindo por causa de centavos quando fazemos uma compra. Isso seria incômodo demais. Deixamos para brigar a respeito de somas elevadas de dinheiro. De igual modo, não devemos atribuir muita

importância a cada pequena ação tentando decidir o que agradaria mais a Deus ou que ação seria mais valiosa para o discipulado. Às vezes uma indecisão paralisante como essa se parece mais com uma superstição do que com a ação de Ihesus de Deus livres.

Não serve melhor o amor aquele que passa mais tempo refletindo sobre o que deve ser feito do que fazendo o que deve ser feito. Graduem-se nossa atenção conforme a real importância do que fazemos para o Senhor. Enquanto se preocupam ansiosamente em fazer o melhor, alguns cristãos deixam, de modo não proveitoso, de fazer o bem.

Francisco de Sales, *Tratado do amor de Deus*, livro 8, cap. 14

Ó Espírito Santo, ensina-me que crer em Jesus Cristo e segui-lo não é algo apenas verdadeiro e justo, mas também belo, capaz de cumular a vida cristã de novo esplendor e profunda alegria, mesmo em meio às provações. Amém.

Adaptado de Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, cap. 3, § 167

PARA REFLETIR: Mt 10.16; 1Co 15.58; Ef 4.15-16; Fp 1.9-11; Cl 1.9-10; 2Tm 3.14-17; Hb 5.12-14; 6.1-2; 2Pe 2.1-22; 1Jo 4.1

105

A escolha da vocação, os planos de algum negócio de grande alcance ou alguma grande despesa merecem sérias análises a fim de discernirmos a vontade de Deus. Mas tratar assuntos da rotina diária, em que um erro não é nem importante nem irreparável, como religiosamente decisivos é algo improdutivo e imaturo. Por que se torturar com escolhas de alternativas entre as quais não há diferença, como se devo visitar os doentes no hospital ou assistir às vésperas?

Um discipulado cristão maduro requer que se ande livremente na boa fé diante do Senhor, sem exames detalhados de pequenas questões.

Basílio, o Grande, nos ensinou a escolher livremente de modo a não atormentarmos nosso espírito, perdermos tempo ou nos colocarmos em risco de ansiedade, paralisia e superstição. Isso sempre se aplica a casos em que não há grande desproporção entre duas linhas de ação.

Mesmo em questões de comprovada importância, devemos escolher humildemente e não pensar que conseguiremos descobrir a vontade de Deus à força ou por meio de manipulação. Tendo buscado a orientação do Espírito Santo, usado nosso melhor discernimento e procurado conselhos sábios, devemos prosseguir firmemente em santa

paz e com ança, para a glória de Deus. Mesmo que depois sejamos tentados a pensar que não escolhemos bem, permaneçamos ancorados no Senhor.

Francisco de Sales, *Tratado do amor de Deus*, livro 8, cap. 14

Ó amor eterno, minha alma busca-te e elege-te por toda a eternidade! Vem, Espírito Santo, e in ama meu coração com teu amor! Ó Salvador, que eu cante eternamente:

“Amo a Jesus, que vive e reina para todo o sempre”. Amém.

Francisco de Sales, *Tratado do amor de Deus*, livro 12, cap. 13

PARA REFLETIR: Sl 119.29-40; Mt 6.25-34; Jo 15.12-17; Rm 15.13; 1Co 15.1-11; Ef 4.11-16; Cl 3.1-25; 2Ts 3.1-18; Hb 12.1-11

106

Há cristãos que expressam a vontade de executar grandes serviços e suportar extraordinários sofrimentos por nosso Salvador. Mas os verdadeiros sofrimentos que estão dispostos a suportar são tais que nunca surge a ocasião de realizá-los e talvez nunca surja. Não obstante, com base apenas em seus projetos, acreditam que executaram grandes obras de amor. Em sua imaginação, carregam cruzes pesadas no futuro, mas evitam cuidadosamente os fardos de pequenas cruzes no presente.

Não é uma tentação extrema ser corajoso em imaginação, mas covarde na execução?

Ah, que Deus nos livre dessas realizações imaginárias que muitas vezes alimentam o vão e secreto amor-próprio! Grandes obras de amor raramente surgem em nosso caminho, mas a cada momento podemos fazer pequenas obras com perfeição. Rogo-lhes que contemplem o santo que dá um copo de água em nome de Jesus. A simples água se converte em água da vida.

As abelhas recolhem o mel do lírio e da rosa, mas também das orzinhas de alecrim e tomilho. Na verdade, elas extraem não somente mais mel, mas mel melhor dessas orzinhas. Nas pequenas e simples obras de devoção, o amor não só é mais frequentemente praticado como também geralmente de modo mais humilde e, em consequência, mais bené co e santo.

Francisco de Sales, *Tratado do amor de Deus*, livro 12, cap. 6

Ó Senhor Deus Todo-poderoso, suplicamos e imploramos que aperfeiçoes dentro de nós tua graça. Derrama em nossas mãos a dádiva de tua piedade e compaixão. Que tua graça e terna misericórdia sejam para o perdão das ofensas de teu rebanho, Ó bom Amigo da humanidade, Ó Senhor de todos. Amém.

Addai e Mari, A liturgia dos benditos apóstolos (c. 150 d.C.)

PARA REFLETIR: Mt 13.1-9; 26.41; Ef 6.10-20; 1Tm 6.11-21; 2Tm 2.1-16; 3.1-5,10-15; Tg 3.1-5a; 4.6-10

METROFÁNES CRITOPOULOS

DE ALEXANDRIA (1589–1639)

São poucas as guras da ortodoxia oriental que poderíamos incluir na Era das Reformas. Metrofânes Critopoulos de Alexandria é uma excelente exceção. Seu testemunho de delidade a Cristo e ao evangelho sob condições de opressão se aproxima ao de dedignas testemunhas cristãs ao longo dos séculos.

Critopoulos foi um teólogo da Igreja Ortodoxa do Oriente nascido em Bereia, atual Véria, uma cidadezinha ao norte da Grécia. Trata-se da mesma Bereia onde Paulo e Silas fundaram uma igreja em que participavam “vários gregos de alta posição, tanto homens quanto mulheres” (At 17.12). Quando Critopoulos era jovem, ele e o tio se mudaram para Tessalônica, a sessenta quilômetros de Bereia. Aos 17

anos, tornou-se monge no Monte Atos, o monte sagrado dos monges ortodoxos. Sete anos depois, Cirilo Lucaris, patriarca de Alexandria, levou Critopoulos para o Egito para aprofundar sua educação teológica.

Cirilo recebeu uma carta da Inglaterra pedindo-lhe que enviasse um grego para estudar lá. O patriarca enviou Critopoulos. Ele estudou na Universidade de Oxford de 1617 a 1623 e depois na Alemanha.

Critopoulos dialogou bastante com líderes protestantes na Europa e ajudou a explicar a teologia ortodoxa para o Ocidente. Esperava unificar a ortodoxia e o protestantismo da Europa Ocidental. Durante uma temporada em Helmstedt, na Alemanha (1624–1625), escreveu *Conssão da Igreja CatÓlica ApostÓlica Oriental*. Com um tom até certo ponto protestante, a *Conssão* era uma explicação da fé ortodoxa para o Ocidente. O livro é identificado como uma das principais declarações doutrinárias ortodoxas a surgirem desde 787 d.C. Tornou-se fonte amplamente utilizada para o ensino da teologia ortodoxa (Ware, *The*

Orthodox Church, p. 211). Critopoulos e seu mentor e amigo, o patriarca

Cirilo, procuraram incorporar a teologia reformada (calvinista) à doutrina da Igreja Ortodoxa do Oriente. Em 1636, Critopoulos foi eleito patriarca de Alexandria.

A Grécia em que Critopoulos viveu era governada por turcos muçulmanos do Império Otomano. Os turcos tornavam a vida dos cristãos muito difícil. Em carta a amigos alemães, Critopoulos forneceu uma descrição vívida das condições de opressão sob as quais ele e seus companheiros cristãos viviam. Mesmo assim, eles tinham liberdade religiosa e de administração eclesiástica, ainda que em circunstâncias extenuantes. A fé vibrante e vitoriosa dos cristãos de Bereia, não a opressão a que estavam submetidos, é a característica mais importante da carta de Critopoulos.

107

Na carta aos amigos alemães, Critopoulos relatou que os turcos invasores haviam “nos impedido de aprender e de praticar as pro ssões liberais; eles nos tiraram toda a riqueza e boa sorte; jogaram sobre nós pesados fardos impossíveis de suportar. [...] Obrigam-nos a providenciar cavalos, navios e provisões para seu exército e marinha. [...] Tiram de nós tudo o que querem, um belo cavalo, um touro forte, um bode, uma mula. A vida sob seu jugo é pior do que a morte.

“Apesar de tudo o que sofremos, a Igreja de Cristo permanece rme na fé. Permanece rme sobre a rocha sólida que é Jesus Cristo, nosso Senhor. Aferra-se ao ensinamento de Cristo, zomba e escarnece dos tiranos ou perseguidores. Os portões de Hades jamais prevalecerão contra ela, pois ela possui alicerces fortes. Além disso, esperamos nossa libertação, não dos humanos (já que ‘todo socorro humano é inútil’), mas do próprio Senhor, e logo. [...] Pois ele visitará sua igreja e a libertará do jugo de tirania e escravidão. Ele a restaurará à antiga condição; mais ainda, a um estado melhor, pois ele abençoou o nal da vida de Jó mais do que o início”.

Metrofânes Critopoulos, citado por Colin Davey, *Pioneiro da*

unidade

Deus de toda graça e paz, molda-me como desejas que eu seja; reforça minha fé, com rma minha esperança e aumenta a cada dia meu amor para que eu te sirva conforme todas as oportunidades e capacidades, crescendo de graça em graça, até que, ao nal, por tua misericórdia, receba a

culminação e perfeição da graça, até as glórias de teu reino. Amém.

Jeremy Taylor (1613–1667), “Outra forma de oração

matinal”, em *Vida santa*, cap. 1, Orações e devoções

PARA REFLETIR: Mt 16.13-20; 1Co 6.19-20; Ef 1.22; 2.19-22; 4.1-6,15-16; 1Tm 6.11-16; 1Pe 3.8-18; Ap 2.8-17; 5.6-10; 6.9-11

JEREMY TAYLOR

(1613–1667)

Jeremy Taylor nasceu em Trinity Parish, Cambridge, lho de Nathaniel e Mary Taylor. Dotado de uma invejável capacidade de aprender, aos 13

anos entrou na Universidade de Cambridge. Seus dons consideráveis atraíram a atenção e o patronato do arcebispo Laud quando Taylor trabalhou como professor substituto na Catedral de São Paulo, em Londres. Com o apoio de Laud, entrou em Oxford para obter o grau de mestre.

Durante a vida de Taylor, ocorreram uma guerra civil e ferozes conflitos dentro da igreja. Muitos, diz ele em *Vida santa*, haviam desistido da igreja. A descrença frequentemente assumia o nome de imparcialidade. Havia muitas formas de piedade, mas seu poder era insuportável. Muitos preferiam “um erro próspero” a “uma verdade atormentada”. Ele viu a fé dos santos pintada nos estandartes de conflitos entre seitas. A religião do Príncipe da Paz havia sido expulsa da igreja e forçada a residir em templos nômades “cobertos com peles de animais e cortinas rasgadas”. Quando a religião “veste armadura”, ele alertou, pode ter “o poder da espada, mas não o poder da piedade”.

Taylor conhecia apenas uma solução verdadeira: “a irmandade dos sofrimentos de Cristo e o retorno do Deus de paz” (*Vida santa*, introdução ao cap. 1).

No entanto, não há como negar o fato de que Jeremy Taylor também se envolveu em conflitos religiosos encarniçados. Ele era realista (leal ao rei e não ao Parlamento, os “cabeças redondas”) durante a Guerra Civil Inglesa (1642–1651) e serviu como capelão ordinário de Carlos I (r.

1625–1649). Foi preso brevemente depois da derrota dos realistas em 1645 e seria novamente preso mais duas vezes, a última vez na Torre

de Londres. Para escapar à atmosfera de conito, Taylor se tornou diretor

de uma escola em Gales e serviu como capelão pessoal do Conde de Carbery, em cujo lar viveu. Autorizado a visitar Carlos I na prisão antes da decapitação do rei (30 de janeiro de 1649), recebeu de Carlos como presente um relógio e alguns rubis. Enquanto esteve a serviço do conde, Taylor escreveu *A liberdade de profetizar* (1647), um apelo em nome da tolerância religiosa, e *O grande modelo* (1649). Em 1650, escreveu *A regra e os exercícios da vida santa*, seguido em 1651 por *A regra e os exercícios da morte santa*. Esses dois livros se tornaram clássicos da devoção cristã.

Vida santa era muito estimado por John Wesley pelo aspecto devocional, e por literatos como Samuel Taylor Coleridge pelo valor literário. A ocasião marcante para a redação de *Morte santa* foi a morte da esposa do conde de Carbery. Caracteriza-se por uma prosa que soa como poesia (p. ex., os mártires “beijaram suas estacas e abraçaram suas mortes”). Em parte voltado ao ensino e em parte um sermão memorial, o livro ensina os cristãos a morrerem como “cristãos”. Outros livros se seguiram: *O*

bosque dourado (1655), *O digno comungante* (1660) e *A regra de consciência* (1660).

Depois que as três guerras civis inglesas terminaram e a monarquia inglesa, irlandesa e escocesa fora restaurada sob Carlos II (r. 1660–

1685), Taylor foi nomeado bispo de Down, Connor e Dromore, na Irlanda. Foi também eleito vice-reitor da Faculdade da Trindade, em Dublin. Durante seu bispado, Taylor travou um combate sem tréguas com os presbiterianos, que se recusavam a reconhecer a autoridade episcopal. Eles rejeitavam a doutrina da sucessão apostólica sob a qual se estabelecia o episcopado. Acreditavam que o Novo Testamento iguala

“presbítero” e “bispo”, enquanto os anglicanos consideram que são duas formas distintas de sacerdócio. Mas, apesar da controvérsia, Taylor jamais abandonou o compromisso com a justiça. As diferenças religiosas, ele acreditava, nunca devem se transformar em pretexto para privar as pessoas de seus direitos.

(Taylor afirmou os princípios a seguir durante um período em que a ordem religiosa e política estava sendo restaurada na Irlanda, na

década de 1660.) Não se pode obedecer a Deus a não ser que se faça justiça, pois fazer justiça é melhor que sacri car, disse Salomão. Cristo, que é o Sol da Justiça, é Sol e Escudo para os que agem de modo justo.

Façam o que zerem, não deixem que as divergências religiosas os convençam de que é lícito privar uma pessoa de seus direitos. Não opiniões, mas leis, e fazer aos outros o que eles gostariam que lhes zessem são as medidas da justiça. Só a justiça exige que tratemos de modo igual todas as pessoas — judeu e cristão, luterano e calvinista —

se pretendemos ganhá-los para o nosso lado. Tenham certeza de que, se agirmos de modo injusto com pessoas de postura religiosa diferente, elas odiarão tanto a nós quanto à nossa religião.

Devemos ser tão justos quanto a lei, e tão misericordiosos quanto o evangelho. Não há outra forma de unir os dois além de seguir o Sermão do Monte, ou seja, fazer como Deus faz: quando estiver julgando, lembrar-se da misericórdia.

Jeremy Taylor, citado em “Esboço da vida e época do bispo

Taylor”, em *Vida santa*, prefácio

Habita em nós, Ó Espírito de amor, e expulsa de nossa alma toda raiva, inveja e rancor amargo. Sê nosso Consolador nas tribulações, quando os vagalhões rolam por sobre nossa cabeça; sê nossa Força na hora da fraqueza, e fortalece-nos para que controlemos os desejos da carne. Que crescamos em fé e amor, em esperança, paciência e humildade. Nosso coração está aberto diante de ti; entra agora com tuas ricas dádivas. Habita nele e faz dele o teu templo. Amém.

Johann Friedrich Stark (1680–1756),

Orações: antigas e modernas

PARA REFLETIR: Sl 37.27-29; Pv 21.3; Is 9.2-7; 29.18-21; Am 5.6-7,18-20; Mq 6.6-8; Mt 5.1—7.27; 23.27-39; Tg 2.1-17; 4.1-6; 5.1-11

109

É urgente que toda pessoa se lembre de que Deus lhe concedeu uma natureza excelente, que inclui consciência, sabedoria, faculdade de escolha e um espírito imortal. Deus fez dos humanos mordomos de toda a criação e só um pouco inferiores aos anjos. Deus também nos atribuiu uma obra e serviço grandes o bastante para empregar as habilidades que nos deu e projetou para nós uma vida após esta — uma meta à qual chegaremos apenas cumprindo obedientemente a vontade de Deus.

Como toda pessoa já é propriedade de Deus em virtude da criação, todos os trabalhos e cuidados, todos os poderes e habilidades devem ser totalmente empregados a serviço de Deus. Então, quando esta vida se completar, poderemos morar com nosso Senhor para sempre.

Todos devem prestar contas da situação de sua alma diante de Deus conforme mostra o evangelho, não conforme os decretos de alguma igreja. Uma pessoa pode ser membro de uma igreja e cumprir suas exigências externas sem ser um membro de Cristo. Somente se somos membros de Cristo podemos ter certeza de que somos membros de sua igreja. Uma pessoa é um membro de Cristo se acredita e foi batizada em todos os preceitos de Cristo, se estuda para aperfeiçoar o conhecimento de Cristo e se procura levar uma vida santa.

Jeremy Taylor, *Vida santa*, introdução ao cap. 1

Ó Deus, que nos ensinaste que tu habitas nos corações sinceros e retos, concede-nos que sejamos moldados por tua graça de tal modo que nos tornemos morada agradável a ti.

Por nosso Senhor Jesus Cristo, teu Filho, que vive e reina contigo, na unidade do Espírito Santo, um só Deus, para todo o sempre. Amém.

“Sexto domingo do tempo comum”, Coleta, *Missal romano*

PARA REFLETIR: 1Sm 15.22; Mt 7.21-27; 12.33-37; 16.24-28; Mc 8.34-38; Rm 12.1-2; 16.17-20; Ef 4.1-6; 1Ts 3.11—4.8; Hb 3.1-19; 12.5-6

110

Um dia precisaremos car diante do Grande Juiz de seres humanos e anjos para prestar contas de como utilizamos o curto tempo que ele nos deu na terra. Essa verdade não pretende ser uma armadilha ou tormento que anule a importância das vocações que Deus nos atribuiu. Não se destina a nos lançar em um medo paralisante de que possamos não estar usando todos os momentos para ns religiosos especí cos.

Deus organizou nossa vida de tal forma que podemos servi-lo perpetuamente por meio de nossas vocações. Todas as vocações honradas atendem a necessidades que se encontram na natureza e na vida humana. Lavradores, artesãos, comerciantes, todos esses e muitas mais, em suas várias missões, são ministros da divina providência. São mordomas da criação e servas da grande família de Deus. A seu modo, funcionários do governo, sacerdotes, juízes e policiais estão fazendo as obras de Deus quando têm em vista as leis de Deus e quando agem de modo caridoso. Até os grandes desa os que enfrentamos em nossas vocações e responsabilidades podem se tornar instrumentos para realizar a obra de Deus.

Ninguém pode dizer que não dispõe de meios para glori car a Deus; é possível fazer isso no lugar que Deus lhe atribuiu.

Jeremy Taylor, *Vida santa*, cap. 1, seção 1

Ó Deus eterno, que zeste todas as coisas para o ser humano e o ser humano para tua glória, santi ca meus pensamentos e intenções, minhas palavras e ações, para que tudo o que eu pense, fale ou faça seja designado para glori car teu nome. Que a oferta que faço de mim mesmo seja frutífera na obra de Deus, conforme as possibilidades. Que a bênção, a honra, a glória e o poder estejam com Deus, o Pai, Deus, o Filho, e Deus, o Espírito Santo. Amém.

Jeremy Taylor (1613–1667), “Oração para a santa intenção”,

em *Vida santa*, cap. 1, Orações e devoções

PARA REFLETIR: Ne 3.1-32; Rm 12.4-8; 1Co 6.19-20; Ef 4.1-3; 1Ts 4.11-12; 2Ts 3.6-13

111

Em todas as nossas ações e intenções devemos buscar glorificar a Deus.

O apóstolo Paulo recomendou: “Quer vocês comam, quer bebam, quer façam qualquer outra coisa, façam para a glória de Deus”. Quando vivemos de acordo com esse conselho, todas as atividades humanas assumem uma característica religiosa; toda a vida — até mesmo fazer uma refeição — torna-se um ato de devoção. E esse ato será recompensado devidamente. Bendita seja a infinita graça e bondade de Deus, que do desejo de redimir a humanidade fez até mesmo as obras da natureza capazes de se tornar virtuosas.

A graça de Deus é tão maravilhosa que santifica as ações mais comuns de nossa vida e, ainda assim, é tão necessária que sem ela nossas melhores ações são mal direcionadas e infrutíferas. Por exemplo, uma pessoa hipócrita que dá esmolas apenas por dever ou para ser elogiada.

O mesmo acontece com todo o que jejua para ser notado, e não buscando glorificar a Deus.

Nenhuma tarefa secular profana nossa intenção de glorificar a Deus, a não ser que contradiga o caráter e a vontade divina. Uma meta ou intenção verdadeiramente santifica todas as nossas ações seculares e lhes dão signifi cância. Pretender glorificar a Deus em tudo o que fazemos é comparável ao relacionamento entre a raiz e a árvore, a alma e o corpo, a fonte e o rio.

Jeremy Taylor, *Vida santa*, cap. 1, seção 2

Ó Deus eterno, santifica-me, corpo e alma. Que nenhum orgulho ou egoísmo, nenhuma cobiça ou vingança, nenhum objetivo impuro poluam meu espírito. Deixa-me ser teu servo, de modo que, tudo fazendo para tua glória aqui, eu compartilhe de tua glória vindoura, por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

Jeremy Taylor (1613–1667), “Oração para a santa intenção”,

PARA REFLETIR: Sl 19.1-4; 33.4-9; Rm 8.22-27; **1Co** 1.2-3; 2.12-16; **10.31-33**; Cl 1.16-20; 1Ts 5.23; 2Ts 2.13-16; 2Tm 2.21

112

O desejo por prazeres sensuais enfraquece o espírito e torna-o incapaz de atividades nobres e cristãs. A razão é clara: o ímpeto que instiga o prazer prefere o sensual ao espiritual. Deixado a si próprio, o prazer não será disciplinado e educado. Os apetites se precipitam à frente da razão; os sentidos correm à frente da alma.

Quando não é disciplinado, o prazer cega o entendimento e escraviza a vontade. Todavia, a pessoa que sabe que é livre e redimida pelo sangue do Filho de Deus não se permitirá ser enredada, escravizada e explorada pelo prazer. Isso seria contrário à vida santa. Os cristãos devem sempre lutar contra o inimigo, combatê-lo e sobrepujá-lo, se esperam receber a coroa da vida.

A escravização ao que é prazeroso é o maior obstáculo ao martírio cristão, ao caminho da cruz. Uma pessoa deve ter cruci cado os afetos inferiores antes de poder esperar ser cruci cada com Cristo. Aquele que é vencido por pequenas dores di cilmente consentirá em perder a vida por Cristo.

Jeremy Taylor, *Vida santa*, cap. 2, seção 1

Ó Senhor, conhecer-te é a vida eterna. Ah, que essa chama nunca se apague em nosso coração; que ela aumente e se torne mais brilhante, até que todo o nosso ser incandesça com a luz e calor de teu amor. Sê nossa Alegria e Esperança, nossa Força e Vida, nosso Escudo e Pastor, e nossa Herança para sempre. Felizes seremos se persistirmos naquele amor com o qual tu nos amaste. Assim, Ó Santo, cujo nome e essência é Amor, ilumina nosso entendimento, santi ca nossa vontade e povoa os pensamentos de nosso coração, em nome de Jesus Cristo. Amém.

Johann Arndt (1555–1621), *Orações: antigas e modernas*

PARA REFLETIR: Sl 86.11; 101.3; Is 58.1-14; Mt 6.22-25; Lc 8.4-15; Rm 12.1-2; 1Co 9.24-27; Gl 2.20; 5.16-21; 1Ts 4.1-9; 1Tm 6.17-20

113

Acostume-se a cuidar para não gastar de modo extravagante consigo mesmo. É certo que, deixado sem controle, o desejo sempre se

expandirá além de seu âmbito atual. Se permitir que os desejos cresçam além do razoável, o crescimento jamais terá fim. Devemos dar mais atenção a encurralar nossos desejos do que a satisfazê-los. Cerque-os e serão menos importunos e irracionais no futuro. Se não conseguir governar os desejos quando a força deles é pequena, como os governará quando sua força aumentar?

Crie o hábito de examinar os prazeres não apenas do lado que dá para o sol, quando eles parecem mais atraentes e agradáveis, maquiados, sorrindo e cobertos de joias, mas também do lado oposto ao sol, quando os prazeres estão nus e exaustos. Encha as velas da alma com desejos e valores que são eternos. Que o paraíso seja a estrela pela qual guia sua vida. Tome Cristo, os apóstolos, Moisés e os sábios de todos os tempos como exemplos.

Jeremy Taylor, *Vida santa*, cap. 2, seção 1

Ó Senhor, concede que meu coração seja verdadeiramente purificado e preenchido com teu Espírito Santo, e que eu te sirva em confiança e submissão à tua vontade, pronto a viver ou morrer. Permite-me viver a cada dia, sem me preocupar demais com os assuntos deste mundo, mas sabendo que meu tesouro não está aqui e desejando verdadeiramente reunir-me a ti no reino dos céus, junto com os santos que estão contigo. Ó Senhor, guia-me por meio de teu Espírito e preserva-me em tua obediência, por Jesus Cristo, teu Filho, nosso Senhor. Amém.

Thomas Arnold (1795–1842),

Orações: antigas e modernas

PARA REFLETIR: Jr 22.13-14; Am 4.1-3; 6.4-7; Lc 16.1-15; 1Co 9.19-26; 10.23—11.1; Gl 5.13-15; 1Ts 5.1-11; 2Tm 1.3-7; Tg 4.1-6

114

Que pessoa sábia não preferiria uma pequena fortuna com paz a uma imensa fortuna com disputas e violência? Se você quiser obter contentamento de espírito, precisa aprender a medir e conter os desejos.

Eles devem ser governados por suas necessidades, em vez de suas necessidades serem governadas por suas fantasias. A pessoa que usa um arado para lançar uma echa ou um elefante para caçar um coelho seria considerada irracional por escolher a arma errada, não por escolher o alvo errado. O mesmo é verdadeiro para a pessoa que tenta satisfazer apetites e desejos que vêm não do que é natural e razoável,

mas de

“necessidades” artísticas e imaginárias. “Necessidades” artísticas são insaciáveis. A natureza não pretende que o contentamento seja alcançado dessa forma. Acaso uma vaca que tenha três montanhas para pastar está em melhor situação que uma abelha que todas as manhãs se alimenta do orvalho que cai do céu? Pode alguém matar a sede melhor bebendo água de um rio em vez de um cântaro? A cobiça corrompe a natureza tornando nossos apetites impacientes e insaciáveis.

Crie necessidades que nem Deus nem a natureza criaram e construirá um reservatório infinito de problemas. Aquele cujas fantasias se voltam ao que está além de suas necessidades não deve culpar a Deus pela própria estupidez.

Jeremy Taylor, *Vida santa*, cap. 2, seção 6

Darei graças ao Senhor de todo o coração, alegremente entre os éis. Porque a salvação pertence a ti, meu Deus, entrarei em tua casa lembrando-me da profusão de tuas misericórdias; em temor piedoso, adoro-te em tua santa presença. Pois todas as coisas são de ti, em ti, por ti e para ti. Amém.

Jeremy Taylor (1613–1667), “Devoções especiais”, em *Vida santa*, cap. 4, Orações para todo tipo de pessoa

PARA REFLETIR: Pv 28.25; Mt 6.25-34; Jo 6.25-27; Rm 1.16-32; 9.22-23; Fp 3.7-8; 4.11-12; 1Tm 6.2b-11; Hb 13.5; Tg 4.2

FRANÇOIS FÉNELON

(1651–1715)

Para uma árdua lição de integridade, recorramos a François de Salignac de La Mothe-Fénelon, ou François Fénelon, que, apesar de alcançar proeminência invejável na igreja, escolheu sofrer uma grande perda em vez de abandonar seus princípios morais. Fénelon suportou a rejeição de um rei, demonstrou moderação para com protestantes franceses tratados com desprezo, desistiu de uma amizade que lhe era cara para defender uma pessoa que havia sido falsamente acusada e morreu banido pelo rei.

Dotado de imaginação e gênio, François Fénelon tinha as credenciais necessárias para um alto cargo eclesiástico vitalício. Nascido em uma longa linhagem da nobreza francesa, era bem-educado e bem-

relacionado. Foi educado no seminário de São Sulpício, em Paris, e ordenado sacerdote em 1676. Naquela época, a Igreja Católica na França procurava convencer os protestantes a retornarem ao catolicismo. Fénelon se tornou chefe das Novas Católicas, uma instituição voltada a catequizar mulheres protestantes que haviam se reconvertido à fé católica. Em 1685, Luís XIV (r. 1643–1715) revogou o Editto de Nantes, promulgado em 1598 por Henrique IV (r. 1589–

1610), a fim de garantir tolerância aos protestantes franceses. As perseguições se alastraram. Entretanto, em vez de endossar a coerção, Fénelon encontrou-se publicamente com protestantes e procurou persuadi-los a retornarem.

Com o apoio de seu eminente amigo, o bispo Jacques-Bénigne Bossuet (1627–1704), Fénelon se tornou tutor de Luís, duque da Borgonha, de 7 anos de idade, neto de Luís XIV e segundo na linha de sucessão ao trono. Para ensinar o jovem príncipe, Fénelon escreveu *As aventuras de Telêmaco*, sua obra mais famosa. Esse épico ficcional, ambientado na Grécia antiga, narra as viagens educativas de Telêmaco,

filho de Ulisses, e seu professor, Mentor, que faz vários discursos ao longo do livro. Falando por meio de Mentor, Fénelon ataca os excessos da corte aristocrática que dominava as culturas europeias. Defende a irmandade de todas as pessoas e conclama o fim dos abusos econômicos e da opressiva taxação dos camponeses. Advoga o fim da monarquia absoluta e a instalação de uma forma parlamentar de governo. Depois de publicado em 1699, o livro estimulou o surgimento do movimento romântico do século 18 e influenciou a política de Jean-Jacques Rousseau (1712–1778).

Antes da publicação do livro, Fénelon ganhou renome em círculos ocultos. Em 1693, foi eleito para a Academia Francesa de Letras e, em 1696, foi nomeado arcebispo de Cambrai. Insatisfeito com sua vida religiosa pessoal, Fénelon procurou um conhecimento mais profundo de Deus que ele havia defendido intelectualmente. Em 1688, conheceu Madame Guyon (1648–1717), líder de um movimento conhecido como

quietismo. Guyon ensinava aos seguidores como, por meio da oração, obter submissão completa à vontade de Deus. Tornou-se amiga e instrutora de Fénelon. Mas o bispo Bossuet, junto com importantes membros da corte, opunha-se implacavelmente a Guyon e ao quietismo, alegando que o movimento solapava o crescimento ativo e contínuo das virtudes cristãs. O bispo iniciou um ataque prolongado que, por fim, levou à prisão de Madame Guyon. Arriscando-se a romper

completamente a amizade com Bossuet, Fénelon escreveu *Explicação das máximas dos santos sobre a vida interior* (1697), em que defendeu a integridade e ortodoxia de Guyon. Ele mostrou que, desde o início, os santos haviam sustentado posições semelhantes às de Guyon. Embora Fénelon alertasse contra qualquer forma de santidade cristã que se desviasse da Palavra de Deus, ele declarou que os santos acreditavam que uma “alma santa [...] deixa de ter desejos por qualquer coisa que não seja a vontade de Deus” (art. 6). Contrariamente às acusações de Bossuet, Fénelon demonstrou que os cristãos “aperfeiçoados no amor”

nunca cessam de “crescer em graça” e desenvolver virtudes cristãs (art.

5). Sua defesa de Guyon lhe custou a amizade de Bossuet e provocou uma denúncia pública. Bossuet foi bem-sucedido em suas pressões para que o livro fosse condenado em Roma (1699).

Em 1699, quando *As aventuras de Telêmaco* foram publicadas, os leitores entenderam de imediato que a denúncia dos abusos monárquicos contida no livro era dirigida a Luís XIV. Somando-se às *Máximas*, *Telêmaco* irritou tanto Luís que este baniu Fénelon para Cambrai, onde, com a exceção de raros e breves períodos, passou o resto da vida.

115

Deus, que nos criou do nada, recria-nos, por assim dizer, a cada momento. Daí não se segue que, porque existimos ontem, existiremos hoje. Se não fosse pela obra criativa do Todo-poderoso, que mantém todas as coisas, deixaríamos de existir e voltaríamos ao nada do qual Deus nos formou. Em nós mesmos nada somos; somos o que Deus criou, e apenas enquanto ele nos sustentar. Se Deus afastar a mão que nos sustenta, cairemos no abismo da aniquilação. Pense em como uma pedra cai quando seu apoio é removido. Existimos apenas porque a vida é concedida por Deus momento a momento.

Existem bênçãos, contudo, de uma importância mais pura e mais elevada que a mera existência. Uma vida bem-ordenada é muito mais importante. A virtude é muito mais valiosa que a saúde física. Um coração reto e o amor a Deus situam-se tão acima dos bens temporais em valor quanto os céus estão acima da terra. Se, então, nossa mera existência física é mantida apenas pela misericórdia de Deus e a seu bel-prazer, quão mais será isso verdadeiro da dádiva sublime de seu amor!

Eles não te conhecem, ó meu Deus, aqueles que te consideram um ser todo-poderoso, mas ignoram que és o Deus do coração.

François Fénelon, *Conselho aos cristãos*, cap. 2

(*Progresso espiritual*)

Concede, ó Deus todo-poderoso, que, considerando sempre as coisas espirituais, realizemos o que te agrada, em palavras e ações. Por nosso Senhor Jesus Cristo, teu Filho, que vive e reina contigo, na unidade do Espírito Santo, um só Deus, para todo o sempre. Amém.

“Sétimo domingo do tempo comum”, Coleta, *Missal romano*

PARA REFLETIR: Ne 9.6; Sl 104.24; Jo 1.1-5; Rm 1.19-20; Cl 1.15-20; 1Tm 4.7-10; 6.11-16; 2Tm 2.1-14,20-23; 4.6-8; Hb 1.4; Ap 1.8; 4.11

116

O puro amor deseja que Deus conceda o que precisamos, não o que queremos. Deseja também que Deus preste menos atenção a nossa fragilidade que a nossas intenções. Recebemos a garantia de que o Espírito Santo intercede por nós conforme a vontade de Deus, pois não sabemos orar como deveríamos. Em nossa ignorância, frequentemente pedimos o que, na verdade, nos prejudicará ou criará em nós uma tola con ança em nossa própria força ou perfeições.

O amor a Deus encobre nossos defeitos insignificantes e nos purifica como um fogo consumidor. Ele nos conduz e nos rende às operações da graça. O amor nos coloca inteiramente à disposição de Deus e nos prepara para seus desígnios. O que Deus dá é precisamente o que deveríamos ter desejado, de todo modo. Essa disposição é a essência da oração; é a obra do coração que subordina todos os desejos à vontade de Deus. O Espírito Santo ora dentro de nós por aquelas mesmas coisas que deseja nos dar. Mesmo quando estamos ocupados com as responsabilidades da vida e nossos pensamentos estão voltados às tarefas diárias, ainda assim carregamos dentro de nós um fogo que arde e que não pode ser extinto. Ele alimenta uma prece incessante e é como uma luminária ardendo continuamente diante do trono de Deus.

François Fénelon, *Conselho aos cristãos*, cap. 4

(*Progresso espiritual*)

Nós te suplicamos, Ó Senhor, deixa nosso coração ser iluminado em tua graça por teu santo esplendor, para que te sirvamos sem medo em

santidade e justiça todos os dias de nossa vida, a m de que, assim, escapemos das trevas deste mundo e, com tua orientação, alcancemos a terra do brilho eterno; por meio de tua misericórdia, Ó

bendito Senhor, que vives e governas todas as coisas, por toda a eternidade. Amém.

Breviário Sarum (1085 d.C.),

Orações: antigas e modernas

PARA REFLETIR: Gn 22.2-14; Mt 6.5-8; 7.21; Mc 14.35-36; Jo 15.1-7; Rm 8.26-27; Tt 3.5; 1Pe 5.6-10

117

Comparemos nossa vida com a de Jesus Cristo, lembrando-nos de que ele é Mestre e nós somos seus servos, mas também de que ele foi humilhado para que pudéssemos ser exaltados. Trilhemos o caminho que nosso Salvador indicou.

Como, porém, podemos esperar encontrá-lo se não o buscarmos sob as condições de sua vida terrena: na solidão e no silêncio, na pobreza e no sofrimento, na perseguição e no desprezo, na autodoação e na cruz?

Os santos que existiram antes de nós encontraram Cristo no esplendor de sua glória. Mas só depois de haver habitado com ele na terra, sofrendo os vitupérios que lhe foram lançados, é que podemos esperar habitar com ele na glória.

Ser cristão é ser um imitador de Jesus. Como é possível imitá-lo se não em sua humilhação? Podemos adorá-lo como onipotente, temê-lo como justo, e amá-lo de todo o coração como bom e misericordioso. Mas só podemos imitá-lo como humilde, submisso, pobre e rejeitado.

Não suponhamos que possamos fazer isso com nossas próprias forças.

Encontremos nossa força nele, que se tornou fraco para que fôssemos fortes. Lembremo-nos de que podemos fazer tudo por meio de Cristo, pois ele nos fortalece.

François Fénelon, *Conselho aos cristãos*, cap. 5

(*Progresso espiritual*)

Ó Jesus, deixa-me seguir teus passos! Meu anseio é imitar-te, mas não posso fazer isso sem a ajuda de tua graça! Ó humilde e modesto Salvador, concede-me a sabedoria do verdadeiro cristão e que eu possa me entregar voluntariamente a ti; deixa-me aprender a lição, tão incompreensível à mente humana, de que devo morrer para mim mesmo antes que possa gerar a verdadeira humildade. Amém.

François Fénelon, *Conselho aos cristãos*, cap. 5

(*Progresso espiritual*)

PARA REFLETIR: Is 52.1—53.12; Mt 27.45-54; Mc 9.33-37; Lc 2.1-7; 9.58; 14.7-14; 22.14-27; Ef 4.2; **Fp 2.3-11; 4.13**; Cl 3.12; 1Pe 5.6

118

A humildade é uma bênção para os que a recebem na sólida fé, pois nosso Senhor concede sua graça aos humildes. A humildade nos torna caridosos para com os erros do próximo e conscientes dos nossos próprios. A verdadeira humildade consiste em uma profunda consciência de nossa absoluta indignidade e em nos abandonarmos a Deus sem duvidar de que ele possa fazer grandes coisas em nós. O

verdadeiro método de lucrar com nossos erros é vê-los em toda a sua de ciência sem perder a con ança em Deus.

Duas coisas produzem humildade. A primeira é o reconhecimento da desventura da qual Deus nos libertou. A segunda é o conhecimento da presença do Deus que é tudo.

Os que são verdadeiramente humildes carão surpresos ao ouvir que alguém lhes atribui algum bem. Eles são modestos e pací cos, de coração contrito e humilde, além de misericordiosos e compassivos. São brandos, alegres, obedientes, vigilantes, fervorosos de espírito e incapazes de brigar. Aceitam os últimos lugares e não cam perturbados quando são desprezados. Toleram os erros dos outros à luz dos seus próprios, e evitam preferir a si mesmos em detrimento dos demais.

François Fénelon, *Conselho aos cristãos*, cap. 6

(*Progresso espiritual*)

Ó Senhor, tem piedade de nós, pois em ti depositamos nossa con ança. Não te zangues conosco, nem te lembres de nossas iniquidades, mas olha por nós desde agora, visto que és compassivo, e livra-nos de nossos inimigos.

Pois tu és nosso Deus, e nós somos teu povo; somos todos obra de tuas mãos e invocamos teu nome, agora e para sempre, e pelos séculos dos séculos. Amém.

Adaptado de A divina liturgia de São Basílio Magno

PARA REFLETIR: 2Cr 7.14; 34.27; Sl 25.9; 51.17; 138.6; **Pv 3.34;** 11.2; 15.23; 27.2; Mc 10.43; 12.38-44; Jo 13.14-16; Rm 12.16; **Tg 4.6;** 1Pe 3.8

119

As Sagradas Escrituras con rmam que o Espírito de Deus habita em nós, age ali, ora sem cessar, geme, deseja, pede por nós o que não sabemos como pedir, encoraja-nos, anima-nos, ensina-nos toda a verdade e assim nos une a Cristo. “Como assim, será que somos todos inspirados?”, talvez vocês perguntem. Sim, mas não como eram os profetas e apóstolos. Sem a real inspiração do Espírito de graça, não poderíamos fazer nem querer nada de bom, nem mesmo acreditar em nada de bom.

Deus não deixa de falar, mas os ruídos exteriores, vindos da criação, além dos ruídos internos de nossas paixões, restringem nosso ouvir.

Precisamos aprender a silenciar toda a criação, inclusive nós mesmos, para que, na profunda quietude da alma, escutemos a voz inexpressável do Noivo. Devemos ter ouvidos atentos, pois a voz dele é suave e tranquila e só é escutada por aqueles que conseguem bloquear as vozes concorrentes.

Ó eterna e onipotente Palavra do Pai, és tu que falas na profundidade de nossa alma! A palavra que saiu da boca do Salvador, durante os dias em que esteve entre nós, é tão poderosa que produz frutos maravilhosos até hoje, porque essa palavra, a boa palavra de Deus, é animada pelo Espírito da vida, que é a Palavra viva do próprio Deus.

François Fénelon, *Conselho aos cristãos*, cap. 15

(*Progresso espiritual*)

Ó Mestre, que amas a humanidade, brilha dentro de nosso coração, pois tu, Ó Cristo, és a Iluminação de nossa mente e corpo; a ti enviamos louvor e glória, assim como ao Pai, que é eterno, e ao sumamente santo, bondoso e vivi cante Espírito, agora e para sempre, e pelos séculos dos séculos. Amém.

PARA REFLETIR: 1Rs 19.1-18; Jr 17.5-9; Jo 6.68; 14.15-31; Rm 8.1-17,26-27; 1Co 1.18-31; 2.6-13; 6.17; Gl 5.16-24; Fp 1.18b-26; 3.7-16

120

Tenho observado com frequência que um pecador rude, ignorante, que começa a ser tocado pelo amor de Deus, é muito mais disposto a escutar o Espírito da graça do que as pessoas esclarecidas e cultas que envelheceram em sua sabedoria. Deus, que deseja se comunicar conosco, não consegue, por assim dizer, encontrar espaço em almas cheias de si mesmas, que engordaram em sua própria sabedoria e virtude. Mas, como dizem as Escrituras, “o segredo de Deus está com os simples”.

Uma alma liberta de si mesma e abandonada à graça de Deus, considerando-se nada e andando sem reservas no desejo de puro amor, que é seu guia perfeito, detém um conhecimento que aqueles que são considerados sábios neste mundo não conseguem receber nem compreender! Fui assim outrora, tão “sábio” quanto qualquer um.

Embora achasse que via tudo, não via nada. Ia me arrastando, tateando o caminho por meio de uma sucessão de raciocínios. Mas não havia um raio de luz para iluminar minhas trevas. Só quando silenciemos nossa própria sabedoria é que estamos preparados para escutar a Deus. Então sabemos o que é mais importante sem ter de saber tudo. Percebemos que, antes de escutar o Senhor, ignorávamos tudo o que pensávamos entender.

François Fénelon, *Conselho aos cristãos*, cap. 15

(*Progresso espiritual*)

Deus santo e todo-poderoso, que o teu Espírito torne meu coração humilde e contrito.

Que ele se encha de desejo por tua santidade e de confiança em tua graça onipotente!

Que teu Espírito encha meu coração com a sagrada penitência que é o início da vida celestial e com a confiança no poder invencível de teu auxílio. Amém.

Adaptado de “Diante de Deus”, oração do padre Karl Rahner,

PARA REFLETIR: Sl 62.1-2,5-8; 141.3-4; Pv 3.32; Lc 19.1-10; Jo 3.1-15; 8.3-11; 11.45-54; At 8.26-38; 26.1-23; Fp 3.4b-11; 4.8-9

121

Aquele que está em estado de puro ou perfeito amor a Deus possui todas as virtudes morais e cristãs. Se temperança, paciência, castidade, verdade, bondade, clemência e justiça podem ser encaradas como virtudes cristãs, então não há dúvida de que estão todas incluídas no amor santo. Ou seja, o princípio do amor não deixará de se desenvolver em cada uma dessas formas. Santo Agostinho observa que o amor é a fundação, fonte ou princípio de todas as virtudes.

Aperfeiçoar-se no amor signi ca, para o cristão, ser santi cado completamente. Ele nunca deixa de crescer na graça de Deus. Não é possível discernir todos os graus de santi cação, mas isto é certo: o cristão progredirá além do nível em que considera a salvação principalmente como uma questão de felicidade, segurança e bem-estar próprios. Pela graça, seus desejos para si mesmo serão mais completa e permanentemente fundidos a um desejo maior e mais absorvente, a saber, o de glori car a Deus e cumprir sua vontade. O cristão pensará cada vez menos na salvação meramente como libertação eterna e entenderá cada vez mais a salvação como a restauração da adoração.

François Fénelon, *Máximas dos santos*, artigos 4-5

Que o Deus da paz, que trouxe de volta dos mortos nosso Senhor Jesus, o grande Pastor das ovelhas, e con rmou uma aliança eterna com seu sangue, os capacite em tudo que precisam para fazer a vontade dele, por Jesus Cristo, a quem seja a glória para todo o sempre. Amém.

Adaptado de Hebreus 13.20-21

PARA REFLETIR: Sl 72.19; 97.1-9; Jo 17.1-19; 1Co 13.2; Ef 4.15; Cl 1.9; 1Pe 2.2; 2Pe 3.14-18; 1Jo 4.17; Ap 20.1-5

122

Os cristãos maduros nada desejam, apenas que Deus seja glori cado neles realizando sua santa vontade. Não é incompatível com esse desejo que eles possuam um amor-próprio natural. Mas esse amor-próprio está tão incorporado ao amor a Deus que, para todos os efeitos práticos, deixa de ser um objeto distinto de consciência. Prática e

verdadeiramente pode-se dizer que eles amam a si mesmos em e para Deus. Ademais, como os cristãos, estendendo as afeições além de si mesmos, amam o próximo pelo mesmo princípio, ou seja, em e para Deus, pode-se dizer que eles amam o próximo como a si mesmos.

O fato de nosso amor-próprio se perder em nosso amor a Deus não

implica que não devamos cuidar de nós mesmos. Na verdade, ninguém será mais séria e constantemente vigilante sobre si mesmo do que aquele que ama a si mesmo em e para Deus. A razão disso é que, tendo a imagem de Deus em si mesmo, o cristão tem forte razão para guardar e proteger essa imagem. Isso não é incompatível com a precaução contra a introspecção excessiva, pois esta tende a fazer que a mente se afaste de Deus. Mais exatamente, a alma santa vive com Deus, move-se quando Deus se move, age como Deus age e tenta ver as coisas como Deus vê.

François Fénelon, *Máximas dos santos*, artigo 12

Ó Deus, nosso pai celestial, renova em nós o sentido de tua bondosa presença, e permite que haja um estímulo constante dentro de nós para a paz, a confiança e a coragem em nossa peregrinação cristã. Deixa-nos abraçar-te com o coração cheio de amor e adoração, com nossos afetos xados em ti, para que tenhamos comunhão ininterrupta contigo em tudo o que fazemos.

Gerhard Tersteegen (1697–1769),

Orações: antigas e modernas

PARA REFLETIR: Mt 5.43-48; 7.24-27; Rm 12.9-21; 14.1-4; 2Co 13.5-10; Gl 6.3-5; Tg 1.23-25; 1Jo 1.7-10; 4.13-21

123

Quando entregamos todo o nosso coração a Deus, nossa aceitação perante ele nada tem que ver com nossa situação na vida. Depende simplesmente de ocuparmos o lugar na vida que Deus, em sua providência, planejou. A vida de santidade cristã, portanto, apesar de às vezes exigir orações de contemplação ou períodos de silêncio contemplativo, é compatível não apenas com outras formas de oração, mas também com o envolvimento regular em ações, deveres e virtudes da vida comum. Seria um grande erro supor que uma pessoa que carrega a imagem do Salvador não precisa ser um bom vizinho ou cidadão, ou deve dar menos importância ao trabalho. Seria também errado pensar que uma pessoa em um emprego secular seja menos

dotada de virtudes da santidade cristã, tais como temperança, sinceridade, paciência, clemência, bondade, castidade e justiça. Há um princípio envolvido na própria natureza da santidade cristã que a adapta, sem compromisso, a todas as vocações que os cristãos possam ser chamados a exercer.

François Fénelon, *Máximas dos santos*, artigo 26

Ó Senhor, que teu amor aqueça tanto nossa alma que possamos nos entregar alegremente a ti com tudo o que somos e temos. Que teu amor caia como fogo do céu sobre o altar de nosso coração; ensina-nos a guardar e cultivar com ansioso cuidado cada faísca de chama sagrada, para que nem altura nem profundidade, nem o que existe hoje nem o que virá no futuro, possam nos separar do teu amor. Fortalece-nos e anima-nos para que caminhemos diante de ti como peregrinos zelosos. E concede a nós todos que, ao nal, nos encontremos diante de teu trono com todos os teus sagrados santos, para lá desfrutarmos teu amor para sempre. Amém.

Gerhard Tersteegen (1697–1769),

Orações: antigas e modernas

PARA REFLETIR: Sl 71.5-8; 147.5-11; Is 44.24-28; Mt 6.2-6,25-34; 7.15-23; Rm 8.35-39; Ef 6.10-20; Cl 3.1-17; 4.2-6; Tt 3.1-7; Hb 12.1-2; 1Pe 5.6-11

124

Não se pode concluir que aqueles que possuem as graças de uma vida santi cada estejam livres das regras comuns de julgamento, pensamento e percepção. Ao contrário, precisam continuar a valorizar e praticar a sabedoria, ao mesmo tempo que rejeitam todo egoísmo que se faz passar por sabedoria. As regras para a vida santa exigem que usemos elmente a luz da razão natural, bem como a mais elevada luz espiritual da graça.

Uma pessoa santa buscará a sabedoria, mas não de fontes contrárias à santidade. Um cristão, que se torna sábio pelo Espírito da sabedoria, também não se desviará do Doador de sabedoria para se xar na sabedoria como um m em si. A sabedoria que assinala uma alma verdadeiramente santa tenta reivindicar cada momento para Deus. O

cristão sábio cuida do presente e procura redimi-lo para Deus. Uma alma santa entrega o passado a Deus e deixa o futuro à sua providência; o amanhã trará a graça e luz adequadas.

Quando os cristãos vivem dessa forma, Deus não deixa de lhes fornecer o pão de cada dia; eles obterão para si próprios um tipo especial e providencial de proteção. Conscientes de sua perspectiva limitada, e tendo em mente a delidade providencial do Salvador, estão prontos a receber instrução e correção, pois não possuem vontade ou escolha fora da vontade de Deus.

François Fénelon, *Máximas dos santos*, artigo 31

Ó Deus, nosso Pai celestial, ensina-nos a escutar tua voz e nunca reprimir os alertas que ela nos traz. Eis que trazemos nosso pobre coração como sacrifício a ti. Vem e enche teu santuário, e não permitas que nada impuro entre. Conduz-nos no caminho da santidade até que, por uma morte tranquila, passemos para a Terra Prometida.

Amém.

Gerhard Tersteegen (1697–1769),

Orações: antigas e modernas

PARA REFLETIR: Pv 1.7; 17.10; 23.12; Jo 9.1-41; 1Co 1.17-26; 3.18-20; Ef 5.15-17; Cl 2.8; 3.16; Tg 1.5

125

Algumas pessoas de grande piedade falaram do mais elevado estado espiritual como transformação. Mas isso deve ser encarado como apenas outro modo de se referir ao puro amor a Deus. Para o cristão que ama a Deus com um coração puro, o amor é sua vida. Todos os afetos dessa pessoa, seja qual for seu caráter, apresentam o amor como qualidade constituinte, de nidora e dominante.

Ora, não pode haver amor a não ser que haja um objeto de amor.

Assim, no cristão o princípio do amor se alia a outro: Deus. Todo o poder e ação do amor vêm de Deus, que é amor. O amor que transforma os lhos de Deus é acessível e dócil a todas as propensões da graça. O

amor é como uma esfera colocada sobre uma superfície plana. A esfera pode ser movida com facilidade em qualquer direção. Do mesmo modo, a pessoa que vive no puro amor a Deus pode ser movida por Deus com igual facilidade. Não tendo preferências contrárias à santa vontade de Deus, mas com um princípio de movimento, a saber, aquele que é dado por Deus, essa pessoa pode testemunhar como o

apóstolo Paulo: “Já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim”.

François Fénelon, *Máximas dos santos*, artigo 35

Deus Todo-poderoso, Senhor da tempestade e da calma, do oceano turbulento e do calmo porto, das trevas e da luz, da vida e da morte, concede-nos um coração tão xó em tua delidade e em teu amor imutável que, não importa o que nos suceda, con aremos em ti com uma fé tranquila. Que sigamos a ti com olhar firme e caminhemos diante de ti com humildade. Pedimos tudo isso em nome da misericórdia que mostraste em Jesus Cristo. Amém.

George Dawson (1821–1876),

Orações: antigas e modernas

PARA REFLETIR: Os 11.1-4,8-9; 14.1-2; Mt 22.37-39; Jo 7.14-18; **Gl 2.20**; Fp 2.12-16; 1Tm 1.3-7; 1Pe 4.8; 1Jo 3.10; 4.7-12,16b-21

MADAME JEANNE GUYON

(1648–1717)

Jeanne-Marie Bouvière de la Motte-Guyon, ou Madame Guyon, foi a controvertida líder de um movimento na França conhecido como quietismo. Entre seus escritos estão *Autobiografia de Madame Guyon*, *Progresso espiritual*, *Um método de oração curto e simples* e *Relatos do cativo*, escrito após quase sete anos na prisão (1695–1703). Inspirava-se em muitas fontes, entre as quais Francisco de Sales, Joana de Chantal, Tomás de Kempis e Jacques Bertot. Madame Guyon nasceu em Montargis, na França. Era uma bela moça aos 16 anos, quando fez um casamento arranjado e infeliz com um homem 22 anos mais velho. O

casamento se tornou ainda pior devido a uma sogra autoritária. Depois da morte do marido (1676), a carreira de Madame Guyon como pregadora do quietismo se iniciou.

Seus ensinamentos foram recebidos com o interesse inabalável de muitos e a oposição igualmente inextinguível de outros, principalmente do bispo Jacques-Bénigne Bossuet (1627–1704) e de Madame de

Maintenon (1635–1719). Herética ou santa? Guyon foi condenada como herética e louvada como santa.

Em razão da variedade de suas alegações, o quietismo é difícil de de

nir. Com frequência, é qualificado como uma forma extrema de misticismo. A alegação central é a de que a alma pode ser tão completamente purificada do egoísmo e dos desejos individuais que alcança uma união permanente com Deus; a autoconsciência distinta é eliminada. Mas o que isso significa? Os críticos diziam que tal união com a vontade de Deus e a passividade dela resultante implicavam a extinção da vontade humana, o fim da necessidade de Cristo como Mediador, a superação do estímulo para o aperfeiçoamento moral e o fim da necessidade dos sacramentos, da igreja e das práticas meditativas.

Se isso fosse verdade, seria razão suficiente para condenar o quietismo como herético. Mas Madame Guyon defendia resolutamente seus ensinamentos contra todas essas acusações, dizendo que sua doutrina sobre a comunhão com Deus estava em perfeita harmonia com a história da teologia católica mística. Ela era, insistia, uma alma obediente da igreja.

Em 1686, Guyon levou seus ensinamentos a Paris. Sendo uma pessoa

fascinante e entusiástica, sua mensagem ganhou aceitação na corte real francesa, entre duques, duquesas e outras mulheres influentes. A semelhança entre seus ensinamentos e os do místico espanhol Miguel de Molinos (1628–1696) despertou suspeitas e condenação (entre outras acusações, Molinos havia sido condenado, justa ou injustamente, por rebaixar o papel da igreja na salvação).

Reconhecendo as ameaças que enfrentava, Madame Guyon requisitou

um exame teológico. A conferência em Issy, que começou em 1695, dirigida por Bossuet, reuniu-se para atender ao pedido de Guyon.

Bossuet acusou Guyon por ensinar, com arrogância, que havia entregado tão completamente a vontade a Deus que não era mais capaz de exercer sua própria vontade. Isso, disse Bossuet, significa que ela era agora tão passiva que não podia praticar a oração peticionária, não podia desejar a própria salvação e não tinha razões para procurar o aperfeiçoamento moral. Em seus *Relatos do cativeiro*, Guyon nega completamente as acusações de Bossuet. Ela respondeu que, longe de ostentar orgulho, buscava apenas reconhecer e receber as dádivas divinas. Para as pessoas se entregarem completamente à sua vontade, Deus fornece desejos autênticos que podem ser praticados. A partir da conferência foram publicados os Artigos de Issy. Guyon se submeteu a eles e insistiu que seu *Método de oração curto e simples*, quando corretamente compreendido, era ortodoxo.

Não satisfeito, Bossuet insistiu no encarceramento de Guyon. Em 1695, Luís XIV a prendeu em Vincennes por um ano. Ela foi interrogada sobre sua vida pessoal e sua teologia, depois transferida para um convento em ruínas, onde sofreu interrogatório coercitivo. Sob acusações infundadas de imoralidade, em 1698 Luís XIV a transferiu para a Bastilha, onde ela permaneceu mais de quatro anos e meio.

Depois de liberta, Guyon passou o resto de seus anos em retiro.

126

Todos os cristãos são chamados a orar e podem, pela graça de Deus, fazer a oração do coração. A oração pode ser praticada em todos os tempos, mesmo pelos menos instruídos. É um erro terrível alguém pensar que não é chamado a orar; nós somos chamados a orar, assim como somos chamados à salvação.

Mas o que é oração? Oração nada mais é que voltar o coração a Deus; é o exercício interno de amor a Deus. O apóstolo Paulo nos exorta a que oremos sem cessar. A oração é o meio pelo qual somos libertos de todos os vícios e obtemos todas as virtudes; é como nos aperfeiçoamos no amor. A oração signi ca estar na presença de Deus e caminhar em seu favor. Deus é mais presente para nós do que nós somos para nós mesmos, e ele deseja se entregar a nós mais do que nós desejamos conhecê-lo.

A oração que vem do coração não precisa perturbar as tarefas diárias regulares. Pode ser praticada por príncipes e reis, prelados e sacerdotes, crianças e operários, mulheres e doentes. A única coisa que pode atrapalhar esse tipo de oração é a divisão dos sentimentos. Uma vez que tenhamos desfrutado a presença de Deus, será impossível prezar qualquer afeto terrestre em nível comparável.

Madame Guyon, *Método de oração curto e simples*, cap. 1

Senhor, não sei o que pedir. Sabes melhor do que eu quais são as minhas necessidades.

Amas mais do que sei amar. Ajuda-me a ver com clareza as minhas reais necessidades. Abro o coração a ti. Examina e revela as minhas faltas e pecados.

Ensina-me como orar. Ora em mim. Amém.

“Oração para a aceitação da vontade de Deus”, Livro de

PARA REFLETIR: Mc 13.33,37; Jo 7.37; 16.23-24; Rm 8.26; 12.9-13; Ef 3.14-19; Fp 4.6; **1Ts 5.16-18**; Hb 4.16

127

Quando orarem, postem-se diante do Senhor como ovelhas que olham para o pastor em busca de pasto. Nosso Pastor Divino nos alimentará de si mesmo; ele é o Pão nosso de cada dia. Olhem para ele como se fosse nosso Médico, e relatemos a ele todas as doenças.

Se o seu amor a Deus é puro, vocês não o buscarão menos no monte Calvário que no monte Tabor, onde o Senhor foi gloriosamente transgurado. Vocês encontrarão consolação para a alma na cruz e na entrega completa a Cristo. Qualquer um que não goste da cruz de Cristo e da entrega de si próprio que ela requer, não pode amar as coisas de Deus. Aquele que ama a cruz de nosso Senhor descobre que a amargura da entrega se transforma em alegria. A entrega de si próprio e a cruz andam de mãos dadas.

Temos fome de Deus em proporção à nossa fome de aceitar o caminho da cruz, e avançamos em nosso conhecimento de Deus à medida que avançamos no caminho da cruz. Deus nos dá o caminho da cruz, e o caminho da cruz nos dá Deus. Assim que provações ou sofrimentos surgirem em seu caminho, con em-se imediatamente ao Senhor. Então, quando o caminho da cruz chegar, não parecerá tão pesado.

Madame Guyon, *Método de oração curto e simples*, caps. 3, 7

Guarda-me, Ó Senhor; guia-me, pois sou teu por aquisição; tu me redimiste pelo sangue do teu Filho e me amaste com o amor de pai. No mal, torna-me inocente como uma criança, mas em entendimento, piedade e temor devoto torna-me um adulto em Cristo, prontamente equipado e instruído em toda boa obra. Amém.

Jeremy Taylor (1613–1667), “Exercício para ser usado a qualquer hora do dia”, em *Vida santa*, cap. 1, Orações e devoções

PARA REFLETIR: Mt 16.23-24; Mc 8.34-38; Lc 14.27; 16.10-13; Jo 13.12-20; Rm 6.1-11; Gl 2.15-21; 5.24; 6.14; Hb 6.1-8

128

(Madame Guyon repreende os sacerdotes que, tornando a oração por demais formal e complexa linguisticamente, bloqueiam a oração para os cristãos comuns.)

Imploro a todos os responsáveis pelo cuidado de almas: ensinem aos cristãos a simplicidade da oração, que signi ca tão somente aderir a Jesus Cristo de todo o coração. Mas não sou eu que lhes suplico; é o próprio Jesus Cristo, que derramou seu sangue por aqueles que lhes foram con ados. Na pregação e administração dos sacramentos, o mais importante é estabelecer o reino de Deus no coração dos cristãos. A oposição ao reino soberano de Deus começa no coração. Então é lá, por submissão a Deus somente, que o reino soberano de Deus é mais honrado. Ensinar a oração simples, em vez de apenas métodos formais de oração ou elaboradas doutrinas cristãs, converterá o coração a Deus.

Ensinem às pessoas como orar no Espírito de Deus, não como seguir invenções humanas. Ai! Instruindo os cristãos a orar em linguagem re nada e formal, vocês, sacerdotes, criam um obstáculo à oração e ao reino de Deus.

Vão, então, lhos do Pai celestial, falem com ele em sua linguagem natural, por mais rude e bárbara que possa ser. Para ele, não soará assim.

Nosso Pai ca mais contente com a linguagem do amor e respeito do que com discursos secos e estéreis.

Madame Guyon, *Método de oração curto e simples*, cap. 23

Deus e Pai todo-poderoso, eterno e misericordioso, concede-me a graça para ver que um verdadeiro adorador pode ter acesso a ti em todos os tempos e em todos os lugares, e que tua bondade está presente conosco sempre e em toda parte. Amém.

Johann Arndt (1555–1621), *O verdadeiro cristianismo*,

livro 2, seção 11

PARA REFLETIR: Sl 32.6-7; 54.1-2; 65.1-13; Mt 6.5-8; 19.13-15; 21.12-17; Lc 11.1-13; 1Co 2.1-16; 10.23-24,31-33; 12.4-26

Vários tipos de regras foram desenvolvidos para ensinar às pessoas como amar a Deus. O perigo é que a espontaneidade do amor seja

perdida.

Ah, quão desnecessário é ensinar a arte de amar! A linguagem do amor parecerá bárbara a qualquer um que não ame, mas será perfeitamente natural para a pessoa que ama. As emoções simples e francas do amor são infinitamente mais expressivas que todas as linguagens e raciocínios.

As pessoas mais letradas muitas vezes expressam o mais perfeito amor a Deus; elas manifestam uma expressão mais imediata e simples de amor do que aquelas que precisam ter “razões” para amar.

O Espírito Santo não precisa de nossas razões e planos sábios para amar. Ele até mesmo transforma pastores humildes em profetas. E, longe de excluir as pessoas letradas do templo de oração, o Espírito envia Sabedoria às estradas para gritar: “Venham à minha casa todos os ingênuos”. Até para os que não têm juízo a Sabedoria grita: “Venham, comam do meu banquete e bebam do vinho que misturei”. Deus ocultou essas coisas do sábio e prudente e as revelou aos pequeninos.

Madame Guyon, *Método de oração curto e simples*, cap. 23

Ó Deus santo e todo-poderoso, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, louvo e gloriço-te no teu infinito e inexprimível amor e sabedoria. Enviaste teu Filho do seio da felicidade celestial para tomar sobre si nossa natureza e nossos pecados. Ordenaste que o Filho de Deus se tornasse o Filho do Homem, de modo que pudéssemos nos tornar filhos de Deus e participantes da natureza divina. Amém.

Jeremy Taylor (1613–1667), “Oração a ser feita na

celebração do Natal”, em *Vida santa*, cap. 4, Orações para todo tipo de pessoa

PARA REFLETIR: Dt 6.4-5; Sl 37.4; 42.1-2; 63.1-2; Pv 9.4-5; Mt 11.25; Mc 12.30-31; Jo 21.15-19; Fp 4.4; Tg 2.5; 2Pe 1.4; Ap 1.5; 12.10-12

130

(Testemunho de Madame Guyon sobre a certeza do amor de Deus por ela.) Há dentro de mim um testemunho íntimo da verdade do amor de Deus.

É tão profundo que nem o mundo inteiro poderia abalá-lo. É obra de

Deus sobre meu coração; a participação da imutabilidade divina. Todas as di culdades dos teólogos concernentes à certeza sobre o amor de Deus, ao que parece, surgem de vê-lo, não à luz da verdade e do poder divino, mas à luz das limitações das criaturas. É verdade que, deixados a nós mesmos, somos apenas fraqueza e pecado; mas quando agrada a Deus reconciliar alguém consigo mesmo e recriá-lo, essa pessoa é transformada à imagem e semelhança de Cristo.

Quem ousará limitar o poder de Deus? Quem dirá que Deus, cujo amor é tão in nito quanto livre, não pode dar prova de seu amor aos lhos? Ele não tem o direito de amar como quiser? Sim, ele me ama, e seu amor é in nito. E ele ama você da mesma forma. O amor de Deus é o amor eterno manifestado. Na vida do amor divino, Deus se revela a seus lhos, e eles se revelam a ele; existe uma santa reciprocidade; este é o abraço mais elevado do amor.

Madame Guyon, “Estado de certeza”,

em *Cartas de Madame Guyon*

Ó eterno Senhor Deus, Pai todo-poderoso, Criador de tudo o que existe nos céus e na terra, é bom dar graças a ti, pois nos deste o conhecimento da tua verdade; e quem é capaz de a rmar a tua grandeza e recontar todas as tuas obras maravilhosas para todas as gerações? glória ao Pai, Filho e Espírito Santo, agora e na vida eterna.

Amém.

Jeremy Taylor (1613–1667), “Devoções especiais”, em *Vida santa*, cap. 4, Orações para todo tipo de pessoa

PARA REFLETIR: 1Cr 29.11-12; Is 43.10-21; Jo 14.15-17; 16.12-15; Rm 1.4,16,20; 8.14-16; 15.19; 16.25; 1Co 1.18-24; 2.4; 15.20-28; 1Jo 5.6-13

131

Quando falo do progresso da alma, quero dizer progresso descendente, não ascendente. Quando enchemos uma embarcação, quanto mais lastro colocamos lá dentro, tanto mais ela afunda. Assim também, quanto mais amor temos, tanto mais nos degradamos. O lado da balança que se ergue está vazio. De igual modo, a alma se eleva somente quando está vazia de amor. Enchemo-nos com o peso do amor para que possamos levar o eu até o nível adequado. Que as profundezas do amor sejam reveladas por nossa disposição de carregar

a cruz, humilhações e sofrimentos que são exigidos para purificar a alma. A humilhação se torna nossa exaltação.

Jesus disse a seus discípulos: “O menor entre vocês será o maior”.

Considere nosso Divino Mestre, que, por amor, se humilhou. Ah, que peso é o amor, pois fez que o Filho de Deus assumisse a forma de servo!

Deus comunga conosco à medida que nos preparamos para recebê-lo.

Nessa proporção somos transformados e carregamos sua imagem. Ele se dá aos lhos que se esvaziam de si mesmos. Então Deus os enche consigo.

Madame Guyon, “Humildade, o efeito do amor” e

“Comunicações divinas”, em *Cartas de Madame Guyon*

D eus de toda misericórdia e delidade, que eu possa, como Simão, erguer a cruz do Senhor e suportar as fraquezas do meu próximo em amor, de modo que o jugo de Jesus se torne fácil para mim. Que meu amor por ti aumente de graça em graça até que eu chegue à consumação do teu reino, por meio de Jesus Cristo, o Filho do teu amor, o Autor da nossa esperança, e o Autor e Aperfeiçoador da nossa fé. Amém.

Jeremy Taylor (1613-67), “Oração para as graças da fé,

esperança, caridade”, em *Vida santa*, cap. 4, Orações para todo tipo de pessoa

PARA REFLETIR: Is 57.15; 66.1-2; Mt 5.1-12; Mc 9.33-37; 10.32-45; Lc 1.46-55; **9.48**; 2Co 4.1-12; 5.16-21; 12.1-11; **Fp 1.3-11; 2.4-13**; 3.3-11; 4.8-9; **Hb 12.2**

132

“Se o Filho os libertar, vocês serão livres de fato.” Quando a velha pessoa pecadora é destruída e a nova pessoa em Cristo é criada, ela vê-se de posse de uma nova liberdade. Como um pássaro liberto da gaiola, o cristão vai em frente, sem amarras, para habitar na imensidão do amor de Deus. A velha vida egoísta restringia a pessoa em todos os momentos, até mesmo tentando negar ao Grande Eu Sou a devida glória.

Quando Paulo perguntou: “Quem me libertará deste corpo mortal

dominado pelo pecado?”, ele mesmo respondeu: “Graças a Deus, por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor”. Apenas quando, pela graça de Deus, uma nova pessoa passa a existir, podemos ser libertos do corpo mortal. Mais tarde, Paulo exclamará: “Já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim!”. Paulo não estava mais preocupado consigo.

Agora ele era animado por Cristo, assim como o espírito anima o corpo.

Que maior liberdade pode haver, que maior expansão da vida, do que ser liberto por Jesus Cristo, ser medido por sua vida ressuscitada? Ai! A que estreiteza opressora o pecado nos reduziu? Agora que Cristo vive em nós, ele esmagará aquele velho réptil mortal para que o Criador sobre sua vida para dentro de nós novamente.

Madame Guyon, “Liberdade em Cristo”,

em *Cartas de Madame Guyon*

Ó Senhor Deus de in nita misericórdia, que enviaste teu santo Filho ao mundo para nos redimir da miséria intolerável do pecado, para nos ensinar a santa fé e para nos perdoar uma dívida in nita, dá-me teu Espírito Santo de modo que meu entendimento e todas as minhas faculdades se rendam diante da disciplina e verdade de meu Senhor. Amém.

Jeremy Taylor (1613–1667), “Oração para as graças da fé,

esperança, caridade”, em *Vida santa*, cap. 4, Orações para todo tipo de pessoa

Ê

PARA REFLETIR: Êx 3.13-15; Jo 1.1-5; 3.1-10; 8.34-38, 48-59; 10.30-33; Rm 6.1-11; 7.21-25a; 8.1-8; 2Co 5.14-19; Gl 2.19-21; 5.13-21; Ef 1.11-14

133

Não suponha, caro senhor, que será purificado apenas por grandes tribulações e acontecimentos extraordinários. A perfeição cristã também é obtida por meio de uma vontade suave, exível e obediente. Pense na criança que aprende a obedecer ao pai ou à mãe. Por causa da rebeldia de nosso orgulho e obstinação naturais, Deus precisa fazer nossas vontades maleáveis. Ele nos guia ao longo do caminho da santidade cristã contrariamente a nossas inclinações carnis. O que chamamos de morte da vontade é, na verdade, a passagem da vontade

humana para a vontade de Deus.

Tal mudança acarreta não apenas modi cações externas, mas também uma transformação interna dos desejos e sentimentos do coração.

Muitas pessoas que iniciam a jornada cristã não a completam, por relutarem em se submeter a uma cruci cação interior que deixa todo o eu carnal prostrado diante de Deus. Em consequência disso, os que recusam a cruci cação do eu carnal tentam mesclar um coração in exível com a graça de Deus. Tal esforço gera os monstros religiosos deste mundo. Pense no seguinte paralelo: nós não lemos nas Escrituras que, em decorrência de uma aliança entre os lhos de Deus e as lhas do homem, gigantes encheram a terra de perversidade?

Madame Guyon, “Segredo das operações divinas sobre a alma”,

em *Cartas de Madame Guyon*

Ó Soberano Senhor Jesus Cristo, nosso Deus, Fonte de vida e imortalidade, Autor de toda a criação, visível e invisível, igualmente perene e coeterno Filho do Pai, receba até a mim, Ó Cristo, tu que amas a humanidade, assim como recebeste a prostituta, o ladrão, o cobrador de impostos e o pródigo. Amém.

“Primeira oração de São Basílio Magno”, Livro de orações

da Igreja Ortodoxa Russa de São Vladimir

PARA REFLETIR: Gn 6.1-6; Mq 7.18-20; Hc 3.17-19; Mt 18.1-5; Rm 6.12-23; Gl 2.19-21; 1Ts 3.11-13; 1Pe 4.1-2; 5.6-11; 1Jo 2.15-17

134

Os cristãos que tentam mesclar a vida de graça com o velho eu carnal talvez pareçam mortos para a carne. Internamente, porém, não estão.

Podem até estar mortos para as coisas externas deste mundo, mas ainda são dominados por um eu que não se rendeu plenamente à vontade de Deus. Podem até mesmo aparecer como “guerreiros famosos”.

Morreram para as coisas secundárias, mas a obstinação continua a reinar

— morte apenas nominalmente, não na realidade.

Em contraste, naqueles que a ele se renderam plenamente Deus opera

com gentil e e caz autoridade para realizar sua vontade. O

consentimento que damos a suas operações e nosso encanto com elas nos dão alegria e apoio em proporção à qualidade de nossa entrega.

Deus não força a alma com violência. De que adiantaria isso? Pelo contrário, ele opera de modo a nos fazer segui-lo alegre e voluntariamente, mesmo atravessando perigosos precipícios. Tão bom é esse Divino Mestre, tão bem ele sabe como nos guiar à santidade, que os espíritos que se rendem seguem atrás dele, apressando-se para caminhar pelo caminho que ele indica.

Vemos então que a exibibilidade de alma é necessária para progredir ao longo do caminho da santidade cristã.

Madame Guyon, “Segredo das operações divinas sobre a alma”,

em *Cartas de Madame Guyon*

Ó Deus todo-poderoso, in nito e eterno, ensina-me a andar sempre em tua presença, a temer tua majestade e a reverenciar tua sabedoria, para que eu possa andar diante de ti em santidade todos os dias de minha vida. Que eu comprove a crença em tua presença andando cuidadosamente diante de ti e alcançando a perfeição em eterna glória, por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

Jeremy Taylor (1613–1667), “Oração de meditação sobre a

presença divina e em referência a ela”, em *Vida santa*, cap. 1, Orações e devoções

PARA REFLETIR: Gn 6.4; Sl 40.1-10; 103.1-22; 113.1-9; Is 58.6-14; 61.10-11; Am 5.14-24; Lc 18.18-25; Rm 12.1-2; Cl 3.1-4,12-17

135

A razão humana às vezes se opõe à direção em que Deus está nos conduzindo. Isso pode ser causado por medo, ansiedade ou simples hesitação. Entretanto, para alguém que está xado na vontade de Deus, é impossível mudar de curso. Depois de experimentar lutas ou incertezas, um verdadeiro lho de Deus se deixará atrair pela correnteza de seu amor. A turbulência cessa; a paz de Deus permanece. É tanto da natureza da nova criação buscar a semelhança de Cristo como é para a água uir em um canal. A liberdade que vem de ceder à vontade de Deus torna o cristão soberano sobre a escravidão que as coisas criadas podem tentar impor; tal soberania é o

fruto de se sujeitar apenas à vontade de Deus.

Tenham a convicção, então, de que, quando há turbulência na alma, não é causada por Deus. Ela surge apenas se resistimos às operações divinas ou nos esquivamos delas. Quando não estamos mais associados a nada que se oponha à vontade de Deus, nossa alma uirá sem obstáculos. É isso que se chama morte do eu. Mas, na verdade, a pessoa nunca se sentiu tão viva, pois agora vive a verdadeira vida, a vida de Deus.

Madame Guyon, “Segredo das operações divinas sobre a alma”,

em *Cartas de Madame Guyon*

Ó Deus, que mostras a luz de tua verdade aos que erram, para que retomem o caminho reto, dá a todos os que professam a fé e por isso são creditados cristãos a graça de rejeitar o que não convém ao nome de Cristo, e a buscar tudo o que é digno desse nome. Por nosso Senhor Jesus Cristo, teu Filho, que vive e reina contigo, na unidade do Espírito Santo, um só Deus, para todo o sempre. Amém.

“Décimo quinto domingo do tempo comum”,

Coleta, *Missal romano*

PARA REFLETIR: Mt 16.21-26; Lc 4.1-15; 9.51-62; 18.31-34; 22.39-46; Jo 17.1-5, 25-26; 21.1-22; At 26.19-23; 2Co 6.4-10; Fp 4.1-9

136

A vida de obediência prestada à vontade de Deus, junto com a resultante imagem de Cristo que se desenvolve no crente, não é algum estranho produto mitológico da imaginação humana. É o maravilhoso plano de Deus. Os muitos passos ao longo do caminho são os meios pelos quais Deus realiza seu grande plano de criação e redenção, avançando desse modo rumo à gloriosa culminação da comunhão entre Deus e seu povo.

Essa é a glória que conquista a delidade dos santos de Deus, a glória que cresce à medida que Deus cumpre suas promessas e completa seu plano. A alegria da redenção pode ser comparada a uma pessoa que há muito tempo está con nada em uma prisão escura, mas um dia descobre uma forma de escapar.

Essa é a pura doutrina cristã em que Deus instrui seu povo. É a profunda teologia da experiência cristã. Tendo abandonado sua

própria sabedoria, essas pessoas recebem o próprio Cristo como sabedoria e vida. Meu amigo, essa regra de sabedoria cristã é o caminho do Senhor, agora operando em todos os corações obedientes.

Madame Guyon, “Segredo das operações divinas sobre a alma”,

em *Cartas de Madame Guyon*

Espírito Santo bendito, cultiva em nós uma espiritualidade profunda que verdadeiramente acredita no poder da ressurreição de nosso Senhor e vive de acordo com ele. Renova em nós uma convicção acompanhada pela alegria cristã de que nosso Senhor não ressuscitou em vão, de que ele não nos abandonou, de que sua ressurreição já se entremeou na trama da história humana, e de que seu reino já está entre nós, sempre crescendo de novo e sempre tirando o bem do mal, pelo poder da criatividade in nita de Deus. Amém.

Adaptado de Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*,

cap. 5, § 275, 278

PARA REFLETIR: 1Co 1.18-31; 2.14—3.22; Ef 1.15—2.10; Hb 6.1-3; 12.1-11; 1Jo 1.1-4; 2.28—3.4; 2Jo 1.4-11; Ap 22.12-17

137

Você pergunta por que não uso termos complexos e expressões extraordinárias para explicar as Escrituras. Meu Senhor me ensinou que, embora nenhum texto seja tão profundo quanto os Evangelhos, nenhum é tão simples. Além disso, uma alma simples como eu deve usar expressões simples. Felizmente, se precisamos de assistência podemos recorrer àqueles que são instruídos na fé.

Com efeito, nas expressões diretas, compreensíveis e acessíveis das Escrituras há verdades profundas que são aplicáveis às necessidades de cada pessoa, aquelas menos adiantadas na fé e as mais adiantadas. A Palavra de Deus atinge a alma, pois possui grande capacidade de penetração e e cácia. Nenhuma palavra humana produz esse efeito.

Como é que as Escrituras conseguem falar tão poderosamente a todos? Nosso Senhor se agrada em se expressar e se reproduzir em seu povo. Quando Jesus Cristo se forma em uma vida, transmite não apenas um claro entendimento do evangelho, mas também a ele mesmo. Ora, o próprio Jesus Cristo é a Palavra de Deus viva, pronta a criar raízes em seus discípulos. Só aqueles em quem Cristo habita, em total aceitação, conseguem cumprir a Palavra de Deus. A Palavra é, na prática,

interpretada e com rmada na vida deles.

Madame Guyon, “Simplicidade e poder da Palavra”,

em *Cartas de Madame Guyon*

Dá-me, Ó Senhor, pureza de lábios, inocência, humildade, coragem e paciência. Que o Espírito Santo me conceda sabedoria e entendimento, bom senso e força; que me dê conhecimento da piedade e temor devoto. Que eu sempre busque teu rosto de todo o coração, alma e pensamentos. Amém.

Sacramentário galicano (800 d.C.),

Orações: antigas e modernas

PARA REFLETIR: Sl 119.11,34,73,104,130,169; Pv 2.6; 4.7; Jr 1.1-10; Mc 12.28-34; Rm 14.17-19; 1Co 14.20; Cl 1.9; 1Tm 1.1-8; Hb 4.12-13

JOHANN ARNDT

(1555–1621)

Talvez achemos difícil entender a hostilidade que existiu entre cristãos durante a Reforma Protestante e os anos que se seguiram a ela. Além dos conflitos entre católicos romanos e protestantes, também entre protestantes brotaram acirradas controvérsias e perseguições. Durante o famoso esforço de 1529 para a reconciliação das diferenças entre os reformadores, Martinho Lutero recusou a mão estendida pelo reformador suíço Ulrico Zuínglio. Os dois discordavam sobre a Eucaristia. Lutero encerrou o encontro dizendo asperamente a Zuínglio: “Você tem um espírito diferente do nosso” (Walker, *História da igreja cristã*, p. 455). Em 1637, o arcebispo William Laud prendeu três ministros puritanos e mandou cortar-lhes as orelhas por se oporem às suas políticas eclesiásticas. Menonitas, quacres e batistas foram alvos frequentes da ira dos poderes religiosos e políticos.

O teólogo e pastor luterano alemão Johann Arndt deve ser incluído entre os líderes cristãos que sofreram os horrores da perseguição, mas que permaneceram tão centrados em Jesus Cristo que, ainda assim, puderam dar contribuições ricas e permanentes para a fé. Os escritos de Arndt lhe renderam a feroz oposição de muitos que o acusaram de heresia. Mas ele era estimado por muitos outros a quem ensinou a passar da controvérsia à irmandade e à caridade, de uma mera consciência de fé à própria fé, e a acrescentar santidade de vida à pureza de doutrina.

Arndt nasceu em Ballenstädt, onde seu pai era um pastor luterano evangélico. Quando jovem, Johann leu e absorveu os ensinamentos de Martinho Lutero, Tomás de Kempis e Johannes Tauler. Sua educação universitária ocorreu em Helmstedt e Wittenberg. Aos estudos de teologia, acrescentou o da medicina, um campo em que poderia ter

prosseguido se o príncipe não o tivesse chamado para exercer o cargo de pastor na igreja de Badeborn.

Enquanto Arndt estava lá, o duque, John George, converteu-se de luterano em reformado (calvinista). Seguindo a prática da igreja primitiva, ao ministrar o batismo os pastores luteranos costumavam repetir uma frase que ordenava ao diabo que saísse do candidato, uma prática aprovada por Lutero, mas proibida por Calvino e pelo duque John George, o novo calvinista. Arndt se recusou a abandonar a prática, sendo subsequentemente expulso de sua congregação e banido dos territórios do duque. Encontrou refúgio em Quedlinburg, uma cidade luterana onde durante sete anos foi pastor na igreja de São Nicolau. Seu espírito e zelo devotos eram bem acolhidos por alguns, mas incompreendidos e rejeitados por outros. Em 1599, a oposição forçou-o a se mudar para Braunschweig (Brunswick), onde se tornou copastor da Igreja de São Martinho. Enquanto ali esteve, Arndt completou o primeiro livro de *O verdadeiro cristianismo* (1605), que acabou compreendendo seis volumes. Em resposta ao clima de acerbos discórdias doutrinárias entre vários grupos, Arndt escreveu sua obra com o intuito de mostrar que a disputa entre credos não é substituto para uma vida santa procedente da fé em Jesus Cristo. A pureza doutrinal, ensinou Arndt, não compensa a ausência do fruto do Espírito.

O livro se disseminou rapidamente por toda a Alemanha, e o homem humilde se tornou uma celebridade.

Em razão de sua insistência em que a fé autêntica deve ser manifestada em um viver santo, Arndt despertou a oposição de clérigos e teólogos que o acusaram de abrir mão da justiça pela graça em nome da fé sozinha, sem obras meritórias. Acusavam-no de cultivar um estilo de vida cristã que seria próximo ao misticismo. Em 1608, mudou-se para Eisleben, onde permaneceu como pastor até que o duque Jorge de Brunswick-Lüneburg o nomeou, em 1611, pregador da corte e superintendente geral de assuntos eclesiásticos. Arndt utilizou esse novo cargo para introduzir reformas eclesiásticas. Em seu leito de morte, em 1621, Arndt reafirmou a delidade de toda uma vida à pura doutrina de Deus.

(Um resumo da fé cristã.)

A fé é a sincera confiança e a firme persuasão em relação à graça de Deus que nos foi prometida em Cristo Jesus para a remissão dos pecados e a vida eterna. A fé é despertada no coração ao ouvir o evangelho de Deus e pelo Espírito Santo. Por meio dessa fé, obtemos o perdão de nossos pecados, sem qualquer mérito de nossa parte. A salvação vem apenas pela graça, por meio apenas da fé, pelos méritos apenas de Cristo. Nossa fé se assenta sobre essa sólida base e não é abalada pela perplexidade e a dúvida.

O perdão dos pecados constitui nossa justiça perante Deus. Nossa reconciliação é verdadeira, sólida e eterna; essa justiça não é comprada pelos homens nem pelos anjos, mas pela obediência, mérito e sangue do Filho de Deus. Por causa do Cristo vivo, que opera sua vontade em nós, as imperfeições que ainda aigem os justos não podem condená-los.

Por meio dessa fé abençoada, os cristãos se entregam completamente a Deus, o único no qual procuram descanso. Só com Deus eles estão unidos, e só com ele entram em uma alegre irmandade. É a irmandade do Espírito Santo, em que os cristãos compartilham todas as coisas que pertencem ao Senhor.

Johann Arndt, *O verdadeiro cristianismo*, livro 1, cap. 5, § 1-2

Ó Deus, que pela graça da adoção nos zeste lhos da luz, concede que não sejamos envolvidos pelas trevas do erro, mas que sempre brilhe em nossa vida a luz da verdade. Por nosso Senhor Jesus Cristo, teu Filho, que vive e reina contigo, na unidade do Espírito Santo, um só Deus, para todo o sempre. Amém.

“Décimo terceiro domingo do tempo comum”,

Coleta, *Missal romano*

PARA REFLETIR: Jo 10.11-18, 22-30; 15.12-17; Rm 3.21-26; 5.1—6.14; 8.1-11; Ef 1.1-4; **2.8**; 4.1-6; Hb 4.14-16; 8.11-12; 11.1-3; 1Pe 4.1-6

O verdadeiro arrependimento consiste não apenas em deixar de lado os pecados mais evidentes, mas também em ir ao fundo do coração em

busca de seus recessos mais íntimos. Armários secretos e passagens escuras cheias de voltas e reviravoltas devem ser expostos. O pecador que regressa deve ser totalmente renovado e totalmente transformado do amor por si mesmo ao amor a Deus, do amor ao mundo à vida conforme o Espírito, e do deleite com a pompa e o prazer deste mundo à participação por meio da fé nos méritos de Cristo.

O cristão deve negar a si mesmo; isto é, deve crucificar a própria vontade sempre que esta se opuser à vontade de Deus e deve se permitir ser conduzido inteiramente pela vontade de Deus. Não deve mais amar, buscar e elevar a si mesmo. Pelo amor de Cristo, deve renunciar ao controle de tudo o que possui. Deve renunciar à confiança na própria sabedoria, e confiar na sabedoria do Senhor. Os talentos naturais, por mais notáveis que sejam, devem ficar invisíveis no tocante ao orgulho carnal. Jesus disse que um discípulo deveria “odiar sua vida”, o que significa pôr um fim à teimosia e cobiça, à ira e inveja carnisais. Em suma, o verdadeiro cristão será crucificado para o mundo. Esse é o único significado do arrependimento cristão.

Johann Arndt, *O verdadeiro cristianismo*, livro 1, cap. 4, § 2-3

Ó Espírito Santo, às vezes somos tentados ao desânimo porque não conseguimos ver o frutificar das sementes do reino de Deus e de nossos esforços. Renova em nós a profunda certeza interior de que trabalhas como queres, quando queres e onde queres; e que os que se entregam a Deus por amor produzirão bons frutos, mesmo que estes muitas vezes sejam invisíveis, inteligíveis e não possam ser quantificados. Amém.

Adaptado de Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*,

cap. 5, § 279

PARA REFLETIR: Sl 51.7-17; Is 6.1-8; Jr 4.3-4; Ez 33.14-16; **Lc 9.23; 14.26;** 18.10-14; At 26.18; 2Co 5.17; **Gl 6.14;** Tg 4.8-10; 1Jo 1.9

140

Jesus disse: “Tomem sobre vocês o meu jugo e aprendam de mim, pois sou manso e humilde de coração”. Foi como se ele houvesse dito: “O

amor-próprio e ambição carnisais de vocês devem ser removidos por uma humildade sincera e interna. Encontrarão um exemplo em mim. Pelo meu exemplo de mansidão, a sua ira e desejo por vingança devem ser subjugados”. Para a pessoa que se tornou nova criação por meio de Jesus Cristo, esse jugo é facilmente suportado. Mas para os que não nasceram de novo, o jugo de Cristo parecerá nada mais que

uma cruz amarga e repulsiva.

Os que não conhecem outra cruz além das tribulações e a ições normais da vida humana enganam-se imensamente ao pensar que é isso o que carregar diariamente a cruz de Cristo signi ca. Na verdade, signi ca praticar internamente o verdadeiro arrependimento, cruci car os desejos da carne, ser paciente com os inimigos e superar a maldade dos difamadores por meio da humildade, conforme o modelo do Cordeiro de Deus. Sigamos, portanto, os passos de Cristo renunciando ao desejo do esplendor deste mundo e ao que este mundo decaído considera grande e nobre.

Johann Arndt, *O verdadeiro cristianismo*, livro 1, cap. 4, § 4-5

Ó Deus, pelo poder da tua Palavra criaste todas as coisas e por teu Espírito renovas a terra; dá, agora, a água da vida a quem tem sede de ti, para que produzam frutos abundantes em teu reino glorioso; por Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

“Liturgia da Palavra”, A grande vigília pascal, LOC

PARA REFLETIR: Is 53.1-9; Mt 5.11-16,38-48; 6.19-34; 10.37-39; **11.28-30**; Lc 12.16-21; Jo 19.1-16; Rm 8.1-8; 13.10-14; 1Co 3.1-4; 2Co 4.1-6; 5.17

141

Não confunda suportar o jugo de Cristo, que acarreta verdadeiramente morrer para o mundo, com o mero retiro a mosteiros ou claustros, ou a adoção de um conjunto de regras rigorosas. Nada disso importa se o coração permanece em desordem, se o amor é corrupto, se a pessoa permanece cheia de orgulho espiritual ou abriga um desdém farisaico pelos outros. Não se pode carregar o jugo de Cristo enquanto ainda se está escravizado à luxúria e inveja, ao ódio e maldade secretos. Ainda que tal pessoa se retire do mundo, o mundo não se retirou dela.

O jugo e a cruz de Cristo consistem em cruci car a carne junto com suas propensões pecaminosas, voltando-se do mundo para Deus. É

preciso morrer todos os dias para o mundo e pela fé viva em Cristo. É

preciso seguir os passos de Jesus em genuína humildade, con ando apenas na graça de Cristo.

Para esse arrependimento autêntico, essa conversão verdadeira e interna, Cristo nos convocou. Apenas ao arrependimento sincero é

prometido o perdão de nossos pecados, que se torna acessível pela graça de Deus. Sem esse arrependimento, Cristo de nada nos serve. Um coração contrito, penitente e crente é o fruto da paixão de nosso Senhor atuando em nós. O fruto de sua ressurreição é a nova criação; ele vem para habitar em nós, e nós nele.

Johann Arndt, *O verdadeiro cristianismo*, livro 1, cap. 4, § 6-8

Ó Pai, acalma a turbulência de nossas paixões, aquieta a palpitação de nossas esperanças, contém a impertinência de nossos desejos, dirige o curso de nossos afetos e santi ca todas as partes de nossa vida. Sê tudo em todos nós, e que todas as coisas terrenas habitem suavemente em nosso coração, para que renunciemos com alegria a tudo o que assim exigires. Que busquemos primeiro teu reino e tua justiça. Amém.

Mary Carpenter (1807–1877), *Orações: antigas e modernas*

PARA REFLETIR: Sl 51.17; Is 57.15; Mt 5.2-12; **11.28-29**; 18.1-5; 20.24-28; 23.1-31; Jo 14.25-27; 1Co 13.1-13; **2Co 5.17**; **Gl 5.16-17,24**; **6.15**

142

Quando recebemos a fé pela qual nos reconciliamos com Deus, recebemos o Cristo por inteiro. Em consequência disso, o pecado e a morte, o diabo e o inferno devem fugir, pois alguém mais forte chegou; eles não conseguem resistir a ele. De fato, os méritos de Cristo justi cam o pecador tão e caz e poderosamente que, se os pecados de todo o mundo fossem lançados contra ele, não seriam capazes de condená-lo.

Assim, ó cristão, jamais cogite da ideia de que, por causa das fraquezas humanas presentes em você, o Cristo que o habita é necessariamente limitado. Ao contrário, saiba que a presença dele é um princípio vivi cador, uma poderosa obra, e que nosso Senhor realiza uma verdadeira transformação de toda a sua pessoa. A fé alcança duas realizações. Em primeiro lugar, ela o enxerta em Cristo e lhe dá gratuitamente a vida dele, com tudo o que nosso Senhor possui.

Segundo, a fé o renova em Cristo de modo que você possa crescer, orescer e produzir frutos nele. Porque Adão cedeu à tentação de Satanás, a semente da serpente foi plantada; cresceu e se tornou uma árvore que gerou o fruto da morte. Agora, porém, pela Palavra divina e pelo Espírito Santo, a fé como a semente de Deus é plantada nos crentes. Nessa semente todas as virtudes divinas estão latentes, prontas para brotar: amor, paciência, humildade, mansidão, paz,

castidade e santidade.

Johann Arndt, *O verdadeiro cristianismo*, livro 1, cap. 5, § 9

Ó Pai, só tu sabes do que preciso. Tu me amas mais do que amo a mim mesmo. Dá-me o que não sei como pedir. Não ousou pedir nem por cruzes nem por consolações. Tão somente abro meu coração a ti. Vê, e age de acordo com tua terna misericórdia.

Castiga ou cura, rebaixa-me ou ergue-me. Ensina-me a orar; ora em mim. Amém.

François Fénelon (1651–1715), *Orações: antigas e modernas*

PARA REFLETIR: Gn 3.1-15; Mt 4.1-11; Mc 3.20-30; Jo 15.1-11; At 26.17-18; Rm 11.13-24; 16.20; Cl 2.8-15; Ap 12.7-17; 20.1-3

143

Quando recebemos a fé pela qual nos reconciliamos com Deus, todo o reino de Deus desce sobre nós. A fé verdadeira e salvadora renova toda a pessoa, purifica e santifica o coração, e liberta-nos do amor pelo que é pecaminoso. A fé cristã une o crente a Deus; faz que ele sinta fome e sede de virtude; produz as obras de amor; e traz paz, alegria, paciência e consolo na adversidade. A fé nos torna filhos de Deus, e co-herdeiros com Jesus Cristo.

Todavia, se um filho de Deus não está consciente da alegria que a fé transmite, se não experimenta seu poder consolador, que ele não se desespere. Ao contrário, com ele na graça concedida por Cristo. As promessas de Cristo sempre são certas e estáveis. Nosso Senhor é e sempre será o Cristo e Salvador, seja a fé que o abraça fraca, seja ela forte. Uma fé fraca tem uma parte de Cristo igual à forte, pois, seja a fé fraca, seja ela forte, ela possui Cristo por inteiro. A graça que é prometida é comum a todos os cristãos. Contamos com essa graça, independentemente de temperamento, saúde ou consciência da presença de Cristo. Todos são mantidos seguros no amor e na graça de Deus. A seu tempo, o Senhor o visitará com alegria e consolação com antes.

Johann Arndt, *O verdadeiro cristianismo*, livro 1, cap. 5, § 9

Ó Senhor, ensina-nos a buscar a verdade que está em ti, e dá-nos forças para obtê-la.

Concede que falemos a verdade em amor, para que, enquanto conhecemos

o que é terreno, também conheçamos a ti e sejamos por ti conhecidos. Dá-nos neste dia teu Espírito Santo, para que sejamos teus, por Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

Thomas Arnold (1795–1842),

Orações: antigas e modernas

PARA REFLETIR: Sl 37.23-24; 77.7-10; Mt 5.6; 13.44-46; Ef 3.17; Fp 1.6; Cl 1.11-14; Hb 12.25-28; 13.20-21; 1Pe 1.3-9; 1Jo 2.15-29; 4.13-16; 5.6-12,18-21

144

Na medida em que todo o bem-estar da pessoa depende de sua regeneração e renovação, é vontade de Deus que todas essas mudanças estejam descritas e testemunhadas nas Sagradas Escrituras. Caso não se possa estabelecer uma conexão nas Escrituras, aquilo em que se acredita é falso. O interno deve ser confirmado pelo externo, nas Sagradas Escrituras. Aquilo que ocorre em uma pessoa pela fé deve ser externamente descrito nas palavras das Sagradas Escrituras.

Visto que a Palavra é a semente de Deus dentro de nós, é necessário que deva brotar e produzir fruto. Isso é declarado fora de nós nas Escrituras, mas deve ser realizado dentro de nós pela fé. Se esse fruto não vem, então para nós a Palavra de Deus é semente morta, destituída da energia geradora de vida. Por conseguinte, devemos estudar e aprender na fé o que as Escrituras declaram sobre a experiência e o discipulado cristãos.

Assim como aconteceu com Abraão, o cristão deve deixar seu país e tudo o que possui, até mesmo a própria vida, a fim de caminhar diante de Deus com um coração perfeito, obter a vitória e entrar na Terra da Promessa. As Escrituras são o guia indispensável para a jornada, para medir o progresso e avaliar a experiência cristã.

Johann Arndt, *O verdadeiro cristianismo*, livro 1, cap. 6, § 1-3

Toda a glória seja a Deus que, por seu grandioso poder que atua em nós, é capaz de realizar infinitamente mais do que poderíamos pedir ou imaginar. A ele seja a glória na igreja e em Cristo Jesus por todas as gerações, para todo o sempre! Amém.

Efésios 3.20-21

PARA REFLETIR: Gn 12.1-9; Is 34.16; 55.11; 59.21; Jr 15.16-18; Lc

Considere agora, ó cristão, que excelente dádiva é o Senhor Jesus Cristo. Que seja a sua oração e súplica diárias empregar de modo verdadeiro e salvador todos os benefícios que ele traz; apropriar-se de todos os ofícios de Cristo com seu propósito planejado. Se você precisar dele como Remédio, será curado. Porque ele é seu Pão, sua alma será satisfeita. Será que ele é sua Fonte de vida? Então não terá mais sede.

Será que ele é Luz para você? Então não permanecerá nas trevas. Cristo é sua Alegria? Então o que pode a igi-lo, no m das contas? Ele é seu Advogado, que defende sua causa? Então que adversário poderá derrotá-lo? Ele é sua Verdade? Então quem poderá enganá-lo? Cristo é seu Caminho? Então quem poderá desencaminhá-lo? Ele é sua Vida? Então quem poderá destruí-lo? Nosso Senhor é sua Sabedoria? Então quem poderá fazer você de tolo? Cristo é sua Justiça? Então quem poderá condená-lo? Ele é sua Santi cação? Então quem poderá rejeitá-lo?

Cristo é seu Libertador? Então quem poderá escravizá-lo? Ele é sua Paz? Então quem poderá, em m, a igi-lo criando turbulência? Ele é seu Propiciatório? Então quem poderá acusá-lo? Ele é seu Trono da Graça?

Então quem poderá sentenciá-lo à condenação?

Johann Arndt, *O verdadeiro cristianismo*, livro 2, cap. 1, § 5(a) *Bendito Espírito Santo, ensina-nos que não há maior liberdade que a de se deixar por ti conduzir, renunciando a calcular e controlar tudo e permitindo que tu nos ilumines, guies, dirijas e impulsiones para onde for do teu agrado, pois tu bem sabes do que necessitamos, a todo tempo e em todo lugar. Amém.*

Adaptado de Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, cap. 5, § 280

PARA REFLETIR: Is 12.3; Mt 9.12; Lc 2.10; Jo 8.12; 14.6; Rm 3.25; 1Co 1.30; Ef 2.14; 1Tm 2.6; Hb 4.16; 1Jo 2.1

Não apenas o verdadeiro cristão é justificado pela fé em Cristo, como também se torna ele templo e morada de Cristo. Com esse propósito o Pai enviou o prometido Espírito Santo para nos purificar o coração pela fé e nos tornar templos adequados para Cristo ocupar. Criando no el

um novo coração, o Espírito Santo dota o cristão de uma mente alegre e pronta a fazer voluntariamente a vontade de Deus, sem compulsões.

Essa obediência nova e santa provém, não de preceitos legais, mas de uma fé viva. Embora a lei contenha regras excelentes e divinas para guiar o discipulado cristão, seu propósito não é coagir os cristãos a fazerem o que é bom. Uma fé verdadeira e viva obedece

voluntariamente. Essa fé viva renova a pessoa, purifica o coração e produz amor ardoroso pelo próximo. Espera por coisas boas que ainda não se realizaram. Ora, louva, teme e confessa a Deus diante dos outros.

É paciente, humilde, misericordiosa, amorosa, mansa, facilmente harmonizável, compassiva e pacífica. Deve perdoar ofensas

prontamente, ter fome e sede de justiça e abraçar toda a graça do Pai e todos os méritos de Jesus Cristo. Como a Oração do Senhor deixa claro, nada disso significa que um cristão vá alcançar santidade perfeita nesta vida; os maiores entre os santos permanecem bastante conscientes de suas fraquezas.

Johann Arndt, *O verdadeiro cristianismo*, livro 2, cap. 4, § 1

Pai todo-poderoso e misericordioso, concede que Cristo, nosso Redentor, a Esperança de glória, seja formado em nós em toda humildade, mansidão, paciência, contentamento e entrega absoluta à tua santa vontade e satisfação. Conduz-nos a salvo por todas as mudanças aqui, em amor imutável a ti, em santa tranquilidade, descansando em teu amor, atéirmos a habitar e regozijar-nos contigo para todo o sempre. Amém.

Simon Patrick (1626–1707), *Orações: antigas e modernas*

PARA REFLETIR: Jr 31.32-33; Ml 3.1-6; At 15.9; 1Co 3.16-17; 6.19; Ef 2.19-22; 3.17; 1Tm 1.9; Tt 2.11-15; Hb 9.11-14; 10.16

147

O nome “cristão” é o mais elevado e excelente no mundo, mais que qualquer nome encontrado em palácios e cortes. O nome “cristão” é o mais humilde de todo o mundo, sem exceção. A fé exalta o cristão acima de todos, mas o amor coloca o cristão a serviço de todos. Isso só pode ser entendido se considerarmos a vida santa de Cristo.

Contemplem como Cristo, o Filho de Deus, se tornou servo de todos!

Quão humilde ele era de coração! Quão manso de espírito! Quão amável e bondoso em palavras! Quão benevolente em comportamento!

Quão misericordioso para com os pobres! Quão compassivo para com os aitos! Quão paciente com seus difamadores! Quão compreensivo em suas respostas! Quão misericordioso para com os pecadores!

A quem ele desprezou alguma vez? A quem ele desdenhou? Quão pronto estava a estender sua graça a todos e com isso buscar-lhes a salvação! Ele orou pelos inimigos, inclusive seus assassinos. O Senhor dos céus suportou nossas doenças, dores, acusações, chicotadas, feridas e punições. Com efeito, o que é a vida de Cristo senão o modelo mais perfeito de amor, humildade, paciência e todas as outras virtudes?

Re itamos sobre isso, e que a vida de Cristo seja como um selo gravado em nosso coração.

Johann Arndt, *O verdadeiro cristianismo*, livro 2, cap. 11, § 2-3

Ó Fonte de vida, cuja graça nos é su ciente e cuja força se aperfeiçoa na fraqueza, habita em nós para que, obedecendo a teus mandamentos, permaneçamos em teu amor. Então nossa paz será como um rio e nossa justiça, como as ondas do mar. Por Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

John S. B. Monsell (1811–1875),

Orações: antigas e modernas

PARA REFLETIR: Is 53.12; 55.1-9; 63.1-9; Ct 8.6; Mt 15.32-39; Mc 1.41-45; Lc 7.11-17; **23.34**; Jo 12.12-16; 19.16-25; **Fp 2.5-8**

148

Pelo exemplo, nosso Senhor nos encoraja a orar. Em meio aos sofrimentos pelos quais passou, ele orou por nós: “Ele orou com ainda mais fervor, e sua angústia era tanta que seu suor caía na terra como gotas de sangue”. Coloquem esse espelho de oração diante dos olhos.

Quando se sentirem fracos e tímidos na oração, re itam sobre o Senhor Jesus, que orou não por si mesmo, mas por vocês. Cristo abençoou e santi cou sua oração; deu vida e e cácia a ela. Contemplem-no agora, pois ele, apesar de ser o verdadeiro Deus e, assim, possuir todas as coisas, sendo plenamente humano orou ao Pai em nome de vocês e tudo conseguiu para vocês. A vida dele foi uma oração contínua e um

perpétuo desejo de cumprir a vontade do Pai.

Se, então, o Senhor e Salvador orou tão fervorosamente por vocês e foi ouvido pelo Pai, com certeza não permitirá que suas preces sejam derramadas em vão. Ele já alcançou todas as bênçãos para vocês; toda graça, toda luz e todo conhecimento são seus pela fé.

Portanto, implorem ao Senhor fervorosamente. Ele lhes fortalecerá a alma. Por meio dele, vocês obterão fé, amor, esperança, humildade, paciência e o Espírito Santo, junto com todas as virtudes cristãs.

Johann Arndt, *O verdadeiro cristianismo*, livro 2, cap. 20, § 11-13

Ó Deus, aperfeiçoa-nos no amor, para que vençamos todo egoísmo e Ó dio aos outros; enche-nos o coração com tua alegria e derrama nele tua paz que excede nosso entendimento, para que aquelas lamúrias e disputas a que somos tão inclinados sejam superadas. Faz-nos longânimes e gentis, e assim controla nosso temperamento impulsivo, e concede que produzamos os benditos frutos do Espírito Santo, para teu louvor e glória. Amém.

Henry Alford (1810–1871), *Orações: antigas e modernas*

PARA REFLETIR: Mt 26.36-46; Mc 14.32-42; Lc **22.44**; 23.46; Jo 17.1-26; Rm 15.30; Ef 6.10-19; **Fp 4.4-7**; Hb 5.7-10; Ap 8.3-5

149

A idolatria se origina dentro do coração, não fora; é uma contaminação interna antes de se tornar externa. Para onde for que o coração se incline, com o que for que consinta, ao que for que se apegue por amor e propensão acima do verdadeiro Deus, isso se torna um ídolo. O objeto de idolatria pode ser a riqueza, o poder ou uma vida longa. Mas suas origens estão dentro do coração. É assim que Deus julga a questão, pois ele julga tudo de acordo com o coração, de acordo com a fé ou a falta de fé ali encontrada. Jesus disse claramente: “Onde seu tesouro estiver, ali também estará seu coração”. Isto é, onde seu Deus, seu repouso, seu céu e sua paz estarão.

Examine com cuidado o objeto em que seu coração se xou, pois ele é, com certeza, seu “deus”, qualquer que seja sua identidade específica.

Portanto, não existem ídolos no mundo além daqueles que o coração cria. O diabo é um excelente exemplo. Ele é o “deus deste mundo”

apenas porque as pessoas o seguem, executam suas ações e obtêm

prazer nas obras das trevas assim como ele. Desse modo, um coração perverso passa a tratar uma criatura nita como uma deidade.

Pode ser fácil evitar deuses mortos feitos de pedra. Mas tome cuidado para não idolatrar os vivos.

Johann Arndt, *O verdadeiro cristianismo*, livro 2, cap. 22, § 4-6

Não sou digno, Senhor e Mestre, de que entres na morada de minha alma; mas, uma vez que em teu amor por todas as pessoas desejás habitar em mim, tomo coragem e me aproximo de ti. Abrirei bem as portas que criaste para que possas entrar com amor, como é tua natureza. Acredito que farás isso. Amém.

“Segunda oração de São João Crisóstomo”, Livro de orações

da Igreja Ortodoxa Russa de São Vladimir

PARA REFLETIR: Gn 3.1-7; **Sl 7.9**; 37.4; 144.15; Is 40.18-23; 42.8; 43.10-13; 45.20; **Mt 6.21**; **8.8**; Jo 5.18-21; **2Co 4.4**; Gl 4.8; 5.19-20; Cl 3.5

150

Os salmos comparam os humanos a um sopro que passa, uma sombra e um sonho. Ora, o que é uma sombra senão uma semelhança sem vida

daquilo de que ela depende? De igual modo, em si mesmos os humanos não possuem substância, vida, força, nem qualquer capacidade.

Dependem de Deus assim como a sombra depende de um corpo ou como a luz depende do sol. Qualquer um que se esqueça de sua dependência em relação a Deus engana a si mesmo; pensa que é algo quando não é nada. Quando isso acontece, a pessoa perde a dádiva de vida que provém do Deus Soberano e cai em seu próprio nada.

Esse não só é o maior dos pecados, mas também traz com ele sua punição. Pois quanto mais a pessoa se afasta de Deus e se volta a si mesma, tanto menos humana ela se torna. Em vez da glória de ser criada à imagem de Deus, tal pessoa cada vez mais se aproxima da miséria e calamidade extremas. Afastando-se de Deus e deixada a seus próprios recursos, a pessoa pune a si mesma. Quando os humanos se congratulam por seu poder, sabedoria, habilidade, honra e mérito, reivindicam para si o que, na verdade, pertence apenas a Deus.

Os justos sabem que só Deus é tudo em todos, e que eles existem e são sustentados apenas por sua graça.

Johann Arndt, *O verdadeiro cristianismo*, livro 2, cap. 23, § 1-3

Ó Deus e Pai cheio de misericórdia, nós nos entregamos completamente em tuas poderosas mãos. Oramos por teu Espírito para que nos preserves de todo pecado, calamidade e perturbação de alma. Dá-nos o Espírito de graça e oração, para que tenhamos segura con ança em teu amor. Que nossos suspiros profundos e pedidos sejam aceitáveis aos teus olhos. Amém.

Gottfried Arnold (1666–1714), *Orações: antigas e modernas*

PARA REFLETIR: Gn 1.26-31; 2.7-25; Sl 8.1-9; 18.2; **39.4-6; 90.5; 144.4**; Is 40.12-17; 42.6-9; At 17.22-31; Rm 1.18-32; **Gl 6.3**; Jd 1.5-13

151

Considere a apostasia do diabo. Ele se recusou a permanecer dentro dos limites, deveres e capacidades próprias a uma criatura. Com arrogância, reivindicou para si vida, glória, substância, capacidade e sabedoria. Tudo isso pertence apenas a Deus. A sombra exigiu ser a substância. Em decorrência disso, Deus permitiu a ele que caísse em seu próprio nada, deixando de sustentá-lo pela graça. O mesmo acontecerá a todos os que, por orgulho, ousam reivindicar para si o que pertence apenas a Deus.

Agora considerem uma segunda pessoa, o Filho de Deus encarnado, Jesus de Nazaré, nosso Senhor. Dele ouvimos: “Bom há somente um, que é Deus”. Na submissão e obediência de nosso Senhor ao Pai celestial, ele negou reivindicar para si qualquer coisa que pertencesse ao Pai e rejeitou decididamente o conselho do diabo. Como Filho de Deus, foi obediente, chegando a morrer na cruz.

Pelo exemplo, nosso Senhor ensina como viver de acordo com a mais elevada sabedoria, a procurar o bem na Fonte de todo bem, a procurar a vida na Fonte de vida, a esperar bem-aventurança da Fonte de salvação e a buscar ajuda junto àquele para quem “nada é impossível”.

Johann Arndt, *O verdadeiro cristianismo*, livro 2, cap. 23, § 4-5

Ó Deus e Pai cheio de misericórdia, que o Espírito Santo acenda em nosso coração uma chama brilhante da verdadeira e bendita fé. Que tenhamos conhecimento vivo da salvação, e que nossa vida se torne oferta de gratidão pelas generosas bênçãos que recebemos. Dá-nos abertura para teu

amor, a m de que possamos amar-te em justa retribuição. Torna-nos aptos a prestar obediência a ti de coração disposto e alegre.

Amém.

Gottfried Arnold (1666–1714), *Orações: antigas e modernas*

PARA REFLETIR: Mt 3.13—4.11; **19.16-22**; Lc 1.37; Jo 5.30-38; 7.32-44; 8.39-47; 12.44-50; 17.1-8; **Fp 2.5-11**; Hb 3.1-6; Tg 3.13—4.10; Ap 12.7-12

152

Se o amor a Deus não é cuidadosamente formado pelo Espírito Santo, a alma pode cair em milhares de calamidades. A pessoa que ama a Deus por causa de coisas temporais ama a si própria mais que a Deus. Tal amor produz frutos impuros: egoísmo e glória pessoal. É carnal e terreno, não celestial e espiritual.

Existem quatro características do verdadeiro amor. Em primeiro lugar, ele se submete à vontade do amado. Segundo, ele abandona todas as amizades contrárias ao amado. Terceiro, o que ama se revela àquele a quem ama. Quarto, o que ama verdadeiramente procura se adequar ao amado. O amado é pobre? O que ama será pobre com ele. O amado é

desprezado? O que ama suporta o mesmo desprezo. É doente? O que ama será também doente. Eles são iguais na prosperidade e na adversidade.

Dessa maneira, Cristo demonstrou seu amor por nós. Primeiro, o amor o levou a se sujeitar à cruz por nossa causa. Segundo, ele se identificou conosco, pecadores, e não poupou a própria vida por nossa causa. Terceiro, ele abriu o coração e nos chamou de amigos. Quarto, ele era como nós em tudo, exceto no pecado.

Johann Arndt, *O verdadeiro cristianismo*, livro 2, cap. 24, § 2, 4, 6, 17-18

Ó Pai celestial, Pai de toda sabedoria, entendimento e força verdadeira, imploro-te que, em tua misericórdia, olhes por mim; envia o Espírito Santo ao meu peito para que, sendo chamado a lutar no campo pela glória do teu santo nome, eu, fortalecido pela tua mão direita, ouse fazer uma consagração de fé. Que por teu Espírito eu permaneça nessa fé até o fim de minha vida; por Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

Nicholas Ridley (c. 1500–1555), *Orações: antigas e modernas*

PARA REFLETIR: Mt 9.10-13; 11.25-30; 12.15-21; 23.1-36; Jo 15.15; 1Co 13.13; 16.14; Ef 3.14-21; 5.1-2; Fp 2.7; Cl 2.7; 2Ts 1.12; 2.16-17

JOHN OWEN

(1616–1683)

O caminho da história da Igreja Anglicana que vai desde a autoproclamação de Henrique VIII como Chefe Supremo da Igreja da Inglaterra (1531) ao Ato da Uniformidade (1559), o acordo religioso elizabetano (1559) e, finalmente, a paz religiosa após três guerras civis (1642–1651), é uma das jornadas mais tortuosas, intrincadas e, ainda assim, produtivas na história do cristianismo. Só aos poucos a Igreja Anglicana alcançou uma conciliação entre visões conflitantes sobre como deveria ser. Não sem um considerável derramamento de sangue, a Grã-Bretanha conseguiu criar espaço religioso para anglicanos, católicos romanos, quacres, batistas e outros. Aos poucos, o anglicanismo foi bem-sucedido em concretizar uma visão de si mesmo tanto como reformado quanto católico, uma via intermediária entre a herança católica romana que remontava a Agostinho da Cantuária († 604) e as poderosas e criativas influências protestantes que surgiram após 1534. O

puritano John Owen desempenhou um papel considerável nessa jornada.

Mesmo depois do acordo religioso estabelecido sob Elizabete I, os conflitos religiosos e políticos não se encerraram na Inglaterra. Haveria ainda diversas guerras civis. Muito do combustível para a primeira guerra civil (1642–1646) foi fornecido pelo conflito religioso entre Carlos I (r. 1625–1649) e o arcebispo Laud (arcebispo de Cantuária de 1633 a 1645), de um lado, e um poderoso grupo conhecido como puritanos, do outro. O rei e o arcebispo tentaram impor medidas sobre a igreja que provocaram forte indignação nos puritanos (um nome que eles consideravam ofensivo). Os puritanos, por mais diversos que fossem, “estavam todos decididos a purificar a Igreja, tal como entendiam a questão, das corrupções e abusos acumulados que o

anglicanismo oficial parecia disposto a conservar”. Estavam determinados a remover tudo o que fosse “contrário às Escrituras em administração, culto e ensino”. A Bíblia “deveria fornecer a direção para a conduta da vida diária” (McNeil, p. 19). Os puritanos ressaltavam a importância de um novo nascimento que resulta em

uma abrangente transformação da vida em atitude e propósito — “piedade”, como eles chamavam.

Durante o reinado de Maria I da Inglaterra (“Bloody Mary”, r. 1553–1558), quando a hegemonia da Igreja Católica Romana foi restaurada, muitos protestantes fugiram para o continente em busca de proteção.

Os exilados marianos, como eram chamados, inspiravam-se profundamente no protestantismo europeu, sobretudo quanto à teologia e à forma de governo eclesiástico desenvolvidas por João Calvino.

Depois do início do reinado de Elizabete, quando os exilados marianos retornaram, seu ímpeto inicial de purificar a igreja aumentou. Eles insistiam que a reforma na Igreja da Inglaterra fosse completada por uma organização baseada, em grande parte, no protestantismo reformado. Isso acarretaria a implantação da teologia calvinista, a reforma do sacerdócio, o abandono do Livro de Oração Comum e a simplificação da vida e do culto público (livrando-os de toda “influência romana”). A rainha Elizabete sabia que seria impossível instituir a visão puritana sem perturbar radicalmente a paz recém-obtida de modo tão precário. O Partido Puritano era muito poderoso; em 1563, quase conseguiu convencer o órgão legislativo da Igreja da Inglaterra a impor o puritanismo na Igreja da Inglaterra. Perdeu por apenas um voto.

Um dos líderes puritanos mais influentes foi o galês John Owen, um teólogo pastoral educado em Oxford, calvinista rígido, educador e escritor prolífico. Entre os muitos cargos que ocupou contam-se os de ministro paroquial e pregador regular perante o Parlamento. Nesse último posto, atraiu a admiração de Oliver Cromwell, que o nomeou seu capelão na Irlanda. Cromwell também nomeou Owen chefe da Faculdade da Trindade, em Dublin, e mais tarde vice-reitor da Universidade de Oxford (1652), onde a teologia puritana se tornou o padrão. Owen ocupou diversos cargos públicos durante o protetorado de Cromwell (1653–1658). Em 1663, recusou um convite para se tornar ministro das igrejas congregacionais de Boston.

As obras reunidas de Owen abrangem dezesseis volumes. Ele foi um defensor da moderação diplomática e da concórdia na expiação de Cristo para a santidade cristã.

É nossa vocação como cristãos aperfeiçoar a santidade no temor a Deus, crescer na graça e renovar diariamente a pessoa interior. Isso não pode ser feito sem a mortificação diária da carne, pois o pecado lança suas forças contra todo ato de santidade e contra toda medida de graça.

Apenas aquele que mortifica o pecado todos os dias avança em direção ao fim da jornada. Aquele que não encontra oposição do pecado está em paz com ele, não morre para ele. O alicerce para aperfeiçoar a santidade no temor a Deus está assentado na meritória cruz de Cristo, em nossa conversão, em nossa convicção do pecado, no sofrimento piedoso e na implantação de um novo princípio de vida que se opõe ao pecado e o mortifica.

Muitos que se declaram cristãos, em vez de gerar o fruto de santidade no temor a Deus, mal produzem folhas. Proclamações de dons espirituais sobejam entre nós, e não de uma maneira trivial. Se fôssemos avaliar uma igreja pelas proclamações de dons espirituais, teríamos motivos para nos regozijar. Mas a verdadeira medida da santidade cristã se encontra na mortificação diária da carne, no crescimento diário na graça.

Que o Senhor envie o Espírito de mortificação para curar nossa letargia, pois apenas o Espírito Santo é capaz de realizar essa obra.

John Owen, *A mortificação do pecado*, cap. 2,

seção 6—cap. 3, seção 2

Ó Pastor das ovelhas, dá-nos para tomar aquela bebida celestial que é vida, e uma calma paciência para suportar o que Deus nos dá. Conduz-nos gentilmente quando passarmos pelo vale da sombra da morte. Guia-nos até que, por fim, na assembleia de teus santos, encontremos descanso para todo o sempre. Amém.

George Dawson (1821–1876), *Orações: antigas e modernas*

PARA REFLETIR: Ez 11.19; Rm 6.19-23; 8.1-17; 2Co 4.16; 7.1; Gl 5.16-18; Tt 2.11-14; 1Pe 2.2; 2Pe 2.20; 3.18; 1Jo 1.7

Em sua primeira epístola, João assegura aos leitores que a comunhão dos crentes “é com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo”. Na superfície, porém, convidar as pessoas a entrar em tal comunhão parece muito pouco atrativo; na igreja primitiva, os cristãos eram perseguidos e

considerados pessoas desprezíveis. Seus líderes eram tidos como a ralé do mundo, como a água suja que sobra depois que se esfrega o chão.

Assim, da perspectiva mundana, convidar as pessoas a entrar na comunhão cristã parecia contrário à razão; acarretava compartilhar acusações, problemas, desdém e todo tipo de oposição.

Como que para responder a tais objeções, embora o apóstolo não desconsidere as desvantagens, ele afirma que o convite era honrado, desejável e glorioso. O convite era para a comunhão com Deus, o Pai, e com seu Filho, Jesus Cristo. Mas como pode ser isso? Deus é luz; nós somos trevas. Ele é vida; nós estamos mortos. Ele é amor; nós somos inimizade. Tal distância faz que caminharmos juntos pareça impossível.

Boas notícias! Por meio de Jesus Cristo, que é a plena manifestação de Deus, a distância foi vencida. Ele abriu um novo e vivo caminho de comunhão com Deus.

John Owen, *Comunhão com Deus, o Pai, o Filho*

e o Espírito Santo, parte 1, cap. 1

Deus Todo-poderoso, Lar eterno dos redimidos, Refúgio dos exaustos, Força dos fracos, por meio de tua amável bondade e terna misericórdia, permite que conheçamos tua verdade, sejamos banhados em tua luz, bebamos de tua água viva e comamos do pão celestial. Então, ao passarmos pelo portal da morte, que entremos, em ti, em tua vida eterna, por Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

George Dawson (1821–1876), *Orações: antigas e modernas*

PARA REFLETIR: Am 3.3; Mt 20.28; At 2.14-36; 2Co 3.15-18; Gl 4.4-7; Ef 1.3-12; 2.11-22; 4.18; Hb 4.16; 9.8; 10.19; **10.20**; 1Jo 1.3; Ap 5.1-10

BLAISE PASCAL

(1623–1662)

Uma das mais espinhosas e persistentes controvérsias na Igreja Católica Romana durante os séculos 17 e 18 centrou-se sobretudo na França.

Girava em torno de um movimento chamado jansenismo e da oposição dos jesuítas a ele. O convento parisiense de Port Royal, sob a liderança

da abadessa Marie-Angélique Arnauld (1591–1661), convertida ao jansenismo, tornou-se o eixo teológico do movimento. Apesar de no m condenadas por três papas como heréticas, as ideias jansenistas receberam considerável apoio entre muitos católicos religiosos. Como representante do jansenismo, Blaise Pascal envolveu-se intensamente no movimento.

A controvérsia jansenista se deveu em grande parte à questão do papel da vontade em conjunção com a graça na redenção dos pecadores. O

fundador do movimento foi o teólogo holandês Cornélio Jansênio (1585–1638), católico zeloso, professor da antiga Universidade de Louvain e bispo de Ypres, na Bélgica. Jansênio registrou sua teologia em um documento de três volumes intitulado *Augustinus*, publicado postumamente em 1640 e condenado em 1642 pelo Santo Ofício (departamento encarregado de defender a doutrina católica).

Jansênio, um sério partidário da teologia agostiniana, enfatizava a insistência de Agostinho, contra Pelágio, em afirmar que a vontade humana pecaminosa e escravizada não pode, de forma alguma, responder ativamente ao soberano ato de Deus pelo qual ele redime os pecadores, ou contribuir para tal ato. Em contraste, os jesuítas, que deram o nome de jansenismo àquele movimento, ensinavam que Deus fortalece a vontade, possibilitando uma resposta ativa e obediente à dádiva da graça.

Jansênio acreditava que a doutrina jesuíta comprometia a justiça pela graça por meio somente da fé. Em parte devido às similaridades do

movimento com o calvinismo, inclusive quanto à predestinação e aos dogmas que a acompanhavam, os jesuítas se opuseram ferozmente a ele.

Em 1713, o papa Clemente XI emitiu uma bula (uma proclamação formal emitida pelo papa) chamada *Unigenitus*, que resultou no fim do jansenismo.

Blaise Pascal foi o mais influente porta-voz do jansenismo, sobretudo nas cartas que escreveu publicadas sob o título *As provinciais* (1656–

1657), em que atacava o raciocínio moral (casuística) dos jesuítas.

Convertendo-se ao jansenismo em 1646. Nascido em Clermont-Ferrand, Pascal era brilhante em todos os aspectos. Quando criança, seu pai lhe ensinou gramática, latim, espanhol e matemática. Em seus breves 39

anos, Pascal produziu diversas obras científicas, começando aos 12 com um tratado sobre a propagação dos sons e continuando aos 16 com um tratado sobre seções cônicas. Ele é considerado o inventor da calculadora mecânica. Deu contribuições significativas à matemática, física, geometria, economia, teoria da persuasão, ciência social e estética.

Suas obras mais importantes são *As provinciais* e *Pensamentos*.

Pensamentos é uma obra inacabada que Pascal pretendia elaborar como uma extensa apologia (defesa) da fé cristã. Os *Pensamentos* são notas rápidas, fragmentos e meditações que deveriam servir como base para a planejada apologia. Foram encontrados após a morte de Pascal e publicados em 1669. Na apologia, Pascal pretendia provar que a vida sem Cristo conduz inevitavelmente ao ceticismo, ao desespero e à incompreensibilidade da existência humana. Só o Redentor, não a razão, pode resolver o enigma humano, que, de outra forma, é insolúvel.

Aos 30 anos, Pascal teve uma experiência mística conhecida como a

“noite de fogo”. Ele registrou a experiência em um bilhete e o costurou no forro do casaco. O relato foi descoberto após sua morte. Uma das linhas diz: “Alegria, alegria, alegria, lágrimas de alegria” (*Memorial*).

155

O objetivo último da razão, com referência à criação, é reconhecer que há uma infinidade de coisas que a ultrapassam. A razão é fraca se não o reconhece. Mas se isso é verdadeiro das coisas criadas, o que dizer da realidade divina?

Se submetermos tudo ao juízo da razão, a fé cristã perderá o sagrado mistério e as dimensões sobrenaturais. Mas se rejeitamos o papel adequado da razão, a fé cristã se torna absurda e ridícula.

O coração tem razões que a razão desconhece. Sentimos isso de milhares de formas. É mais natural para o coração amar a Deus e dar-se a Deus. Mas existe também um amor a si mesmo natural e adequado. O

coração se endurecerá contra Deus se amar apenas a si mesmo e negar o amor a Deus.

É primeiramente o coração — o espírito de uma pessoa — que

conhece Deus, não a razão. A fé é um dom de Deus; não é produto da razão.

Blaise Pascal, *Pensamentos*, seção 4, no 267, 273, 277-278

Pai amoroso e celestial, incendeia meu coração com amor por ti. Assim, fazer tua vontade e obedecer a teus mandamentos não será doloroso para mim. Pois para aquele que ama, nada é difícil ou impossível. Ah, que o amor me preencha e me governe.

Então brotará em mim uma semelhança com teu caráter e uma união com tua vontade, de modo que eu possa escolher o que escolhes e recusar o que recusas. Amém.

Extraído de *Paraíso para a alma cristã* (1869), citado em *Orações: antigas e modernas*

PARA REFLETIR: Jo 5.39-47; 6.41-51,60-65; 16.4b-11; Rm 16.25-27; 1Co 2.6-16; Ef 1.7-10; 3.1-13; 6.18-20; Cl 1.26-27; 2.2; 4.3; 1Tm 3.16

156

Não se surpreenda ao ver pessoas que não são muito instruídas acreditarem no Senhor Jesus Cristo. O próprio Deus transmitiu-lhes o amor a ele. Inclinou-lhes o coração à fé. As pessoas jamais acreditarão com uma fé real e salvadora a não ser que Deus faça que seu coração se incline para ele. Davi disse: “Inclina, ó Senhor, o meu coração aos teus testemunhos” [NAA].

A fé cristã é adequada a todo os tipos de pensamentos. Algumas pessoas são convencidas por sua origem, pela pregação de Jesus. Outras são convencidas pelo testemunho dos apóstolos. Outras remontam à criação do mundo pelo Deus soberano.

Aqueles que creem sem serem capazes de empreender um estudo acadêmico da Bíblia o fazem porque estão convencidos internamente; tudo o que aprendem sobre a fé com rma essa convicção. Creem que Deus é o Criador, e desejam apenas amá-lo. Sabem que seus pecados os afastaram de Deus, que não têm força em si mesmos para vencer esse distanciamento, e que, se Deus não os ajudar, não conseguirão chegar até ele. Uma vez que estejam internamente convencidos disso, nenhuma outra garantia é exigida. Eles são con rmados em sua fé tão certamente quanto os mais instruídos. O Espírito de Deus está neles, como Jesus prometeu.

Blaise Pascal, *Pensamentos*, seção 4, no 284-287

Preserva-nos sem culpas, Ó Senhor, em nossas idas e vindas neste dia. Enche-nos com a simplicidade de um propósito divino, para que nosso interior concorde com tua sagrada vontade e sejamos alçados acima dos desejos vãos. Que entreguemos de todo o coração todos os nossos poderes à obra que nos destes para realizar. Amém.

James Martineau (1805–1900), *Orações: antigas e modernas*

PARA REFLETIR: Sl 19.1-14; **119.36**; Pv 9.1-6,10; Mt 5.1-12; Lc 1.26-38; 12.32-34; 1Co 1.18—2.13; 3.18-23; 13.1-7; Fp 1.15-26; Tg 3.13-18

157

O ser humano não passa de um caniço, o ser mais fraco da natureza; mas é um caniço pensante. Não é preciso que o universo inteiro se arme para esmagá-lo; um vapor venenoso ou uma gota de água podem matá-lo.

Mas se o universo o esmagasse, o ser humano ainda seria mais nobre que o universo, pois sabe que deve morrer e compreende a vantagem que o universo possui sobre ele. Em contraste, o universo não sabe nada disso.

Nossa dignidade como humanos consiste parcialmente em nossa capacidade de pensar, de compreender. É por meio dessa dignidade que devemos nos elevar. Empenhemo-nos em usar nossa mente de modo adequado, ou seja, na ordenação moral da vida. Esforcemo-nos por alcançar o equilíbrio, pois quando se quer levar as virtudes até os extremos, surgem os vícios. Não somos anjos nem animais; aquele que tenta agir como anjo age como animal.

É verdade, sou um caniço, mas, ainda assim, um caniço pensante. Não é no mundo natural irracional que estabelecerei a dignidade, mas na ordenação moral da vida e do pensamento. Se fosse possível possuir o mundo, este nada acrescentaria à ordem moral. Por meio do espaço, o universo me abarca e me engole. Mas, pelo pensamento ordenado, eu abarco o mundo.

Blaise Pascal, *Pensamentos*, seção 6, no 347-348, 357-358

Ó Deus, protetor dos que em ti esperam, sem teu auxílio nada se fundamenta, nada é santo; concede-nos tua plena misericórdia, para que, tendo a ti por governante e guia, usemos de tal modo os bens que passam que possamos abraçar os que perduram.

Por nosso Senhor Jesus Cristo, teu Filho, que vive e reina contigo, na unidade do Espírito Santo, um só Deus, para todo o sempre. Amém.

“Décimo sétimo domingo do tempo comum”,

Coleta, *Missal romano*

PARA REFLETIR: Jó 32.8; Sl 8.1-9; 100.3; 139.14; Is 1.13-17; Mt 7.12; 19.13-15; Mc 2.16; Rm 5.6-8; Gl 3.28; Ef 2.4-5; 1Ts 4.1-9; 1Tm 1.5

158

Deus não é simplesmente um autor de equações matemáticas e dos componentes do universo. Ele não se limita a exercer sua providência soberana sobre os assuntos humanos. Também não concede

arbitrariamente uma vida longa e feliz apenas àqueles que o veneram.

Ao contrário, o Deus de Abraão, Isaque e Jacó, o Deus dos cristãos, é um Deus de amor e consolação. É um Deus que reside naqueles a quem possui. Ele não apenas os torna conscientes de sua miséria interior, mas, por sua in nita misericórdia, também se une voluntariamente a eles.

Então ele preenche seu povo com humildade e alegria, com ança e amor.

Todos os que buscam a Deus fora de Jesus Cristo, ou que talvez depositem sua con ança na natureza, não encontrarão luzes que os satisfaçam. Cairão no ateísmo ou na crença de que Deus está distante do mundo.

Se o propósito do mundo fosse instruir os humanos plenamente sobre Deus, então em todas as suas partes a divindade reluziria claramente.

Mas, porque o mundo existe apenas por Jesus Cristo e para ele, esse mundo aponta para a corrupção do ser humano e a necessidade de um Redentor. Em si mesmo o mundo não indica uma exclusão total nem uma presença inequívoca de Deus. Essa insu ciência exige um Redentor inequívoco.

Blaise Pascal, *Pensamentos*, seção 8, no 556

Vem, Ó Senhor, com muita misericórdia dentro de minha alma; toma posse e habita lá, uma casa rústica, confesso, para Majestade tão gloriosa. Mas

por teus santos desígnios tu a preparastes para tua recepção. Entra, então, adorna-a e transforma-a de modo que possas habitá-la. Deixa-me buscar-te com todo o meu ser e persistir até te encontrar e estar em plena posse de ti. Amém.

Agostinho (354–430 d.C.), bispo de Hipona,

Orações: antigas e modernas

PARA REFLETIR: Ne 1.10; Sl 5.11-12; 16.5-11; Is 53.1-11; Jo 1.10-18; 3.31-36; At 4.1-14; Rm 15.8-13; Ef 3.14-19; Cl 1.15-20; Hb 1.3

PHILIP JACOB SPENER

(1635–1705)

O apóstolo Paulo alertou contra uma “forma de piedade” que carece do poder do Deus vivo (2Tm 3.5, RA). Esse perigo nunca abandona a igreja. Ele se materializou em grande parte do protestantismo europeu pouco tempo depois da morte dos reformadores. Philip Jacob Spener, fundador do pietismo, discorreu sobre esse deslize.

A Reforma Protestante foi impulsionada por um retorno da realidade, não apenas da doutrina, da justa cação pela graça por meio apenas da fé.

Lutero, Calvino e outros reformadores proclamaram a Palavra de Deus, a boa-nova do evangelho de que, ao con ar radicalmente na expiação de Cristo, os pecadores podem verdadeira e gratuitamente ser transformados em novas criaturas. Podem ser libertos para servir a Deus e ao próximo na fé que atua por meio do amor. Como tal tesouro poderia se degradar?

Já no nal do século 16, a vitalidade evangélica e a força moral da relação viva entre o crente e Deus começaram a se calci car em um sistema doutrinal rígido. Tornou-se possível ser um “bom protestante”

simplesmente a rmando a doutrina ortodoxa. Havia numerosas razões para isso, entre elas as guerras religiosas na Europa (1524–1648). O

povo estava dividido pelo con ito entre governantes católicos romanos, luteranos e reformados sobre que tipo de cristianismo seria praticado em seus reinos. De modo geral, ainda que não exclusivamente, a religião do governante se tornava arbitrariamente a religião do reino. Muitas vezes, os governantes eram protestantes só nominalmente. Igreja e estado eram uni cados, e os sacerdotes se

tornavam funcionários estatais. Havia distinções de classe na igreja e na sociedade, o que pode ser exemplificado, na Alemanha, pelos bancos de igreja estofados para as classes altas e bancos duros na nave para os plebeus. A teologia luterana

e reformada (calvinista) se transformou no escolasticismo protestante. A razão passou a ter primazia sobre a fé. Em vez de a fé evangélica buscar o entendimento com a ajuda da razão, a ordem passou a ser: a razão correta leva à fé correta.

Um movimento conhecido como pietismo, surgido logo após o nal da Guerra dos Trinta Anos (1618–1648), procurou reverter o declínio.

Foi precedido por uma forma de pietismo na Holanda. O pietismo renovou o imediatismo experiencial e a força moral, a piedade e o poder dos reformadores. Caracterizou-se por uma ênfase em vivenciar o novo nascimento, a recuperação do papel da laicidade na igreja, a assistência aos pobres, o nascimento das missões mundiais protestantes (lançadas em 1705 a partir de Halle, na Alemanha) e uma rejeição total ao

“mundanismo” que infestava o protestantismo. Os pietistas formavam pequenas comunidades onde a santidade de vida era encorajada e praticada.

Philip Jacob Spener, nascido perto de Estrasburgo, em cuja universidade mais tarde estudaria, foi a gura mais importante do pietismo alemão. Outros líderes importantes foram August Hermann Francke (1663–1727) e Nikolaus Ludwig, conde de Zinzendorf (1700–

1760). Desde a juventude, Spener tendeu a se afastar do confessionalismo convencional e a aproximar-se de uma prática vibrante de fé e piedade. Como estudante na Universidade de Estrasburgo, estudou Lutero e aprendeu a importância da laicidade. Estudos em Genebra o familiarizaram com a teologia de Calvino. Recebeu a in uência de outros líderes cristãos, como o luterano Johann Arndt (1555–1621) e o puritano Lewis Bayly (c. 1565–1631). Em 1666, Spener se tornou pastor na a uente cidade de Frankfurt. Começou a ensinar a

“verdadeira religião” à sua congregação e a reunir pequenos grupos em casa para orar e estudar a Bíblia. O nome *col egia pietatis* (do latim

“escolas de piedade”), do qual se origina o nome pietismo, foi popularmente atribuído a esses grupos. O plano escrito para a

formação de um discipulado mais rico em toda a igreja alemã foi apresentado no livro *Pia Desideria* (1675) ou *Desejos pios para a reforma da verdadeira igreja evangélica*. A reforma evangélica da igreja, acreditava Spener, deveria incluir não apenas a recuperação do papel da laicidade, mas também a reforma da educação sacerdotal para incluir a fé experiencial e

a vida piedosa, a pregação que enfatizasse a piedade da vida acima do mero conhecimento intelectual, e a eliminação de controvérsias não proveitosas.

159

(Spener estava preocupado com as controvérsias desagregadoras entre cristãos, que feriam o corpo de Cristo e di cultavam a pregação do evangelho aos não crentes.) Torna-se aparente que discutir não é suficiente nem para preservar a verdade entre nós nem para transmiti-la aos que estão no erro. O santo amor de Deus se faz necessário. Se tão somente nós, evangélicos, nos encarregássemos seriamente de oferecer a Deus os frutos de sua verdade em amor fervoroso, de nos conduzir de uma maneira digna de nossa vocação e de demonstrar isso em um amor puro e reconhecível ao nosso próximo, inclusive aqueles que são heréticos, praticando os deveres mencionados acima [p. ex., a defesa do ensino puro e a refutação de falsas opiniões]! Se tão somente os que estão no erro, mesmo sem conseguir ainda captar a verdade que testemunhamos, esforçassem-se (e nós mesmos deveríamos apontar-lhes essa direção) em começar a servir a Deus, no amor a Deus e ao próximo, pelo menos até o ponto de conhecimento que eles tenham conservado da instrução cristã! Não há dúvida de que Deus então nos permitiria crescer cada vez mais em nosso conhecimento da verdade, e também nos daria o prazer de ver os outros, cujo erro nós agora lamentamos, juntos a nós na mesma fé. Pois a Palavra de Deus tem o poder, desde que não seja obstruída brutalmente por aqueles que a proclamam ou por aqueles que a escutam, de converter o coração das pessoas.

Philip Jacob Spener, *Desejos pios*, p. 102

Ó santo Jesus, Príncipe de tua igreja, preserva tua esposa, que conquistaste com teu poder e redimiste e puri caste com teu sangue. Amém.

Jeremy Taylor (1613–1667), “Uma Forma de oração

ou intercessão para pessoas de toda classe”, em *Vida santa*, cap. 4, Orações para todo tipo de pessoa

PARA REFLETIR: Jo 17.20-24; At 18.24-28; Rm 12.2-13; 2Co 1.10; Gl 5.22-23; Ef 6.13-18; Fp 2.1-3; Hb 10.24-25; 1Pe 3.12; 2Pe 3.17-18

160

Toda nossa religião cristã consiste na pessoa interna ou na nova pessoa, cuja alma é a fé e cujas expressões são os frutos da vida, e todos os sermões deveriam se dirigir a essa questão. Por um lado, as preciosas boas ações de Deus, que são dirigidas à pessoa interior, deveriam ser apresentadas de tal forma que a fé e, por conseguinte, a pessoa interna fossem cada vez mais fortalecidas. Por outro lado, devemos nos esforçar para não nos contentar apenas em fazer que as pessoas se abstenham de vícios externos e pratiquem virtudes externas, preocupando-se, assim, apenas com a pessoa externa, algo que a ética dos pagãos também pode realizar, mas para estabelecer as bases corretas no coração, mostrar que o que não provém dessas bases é mera hipocrisia e, dessa forma, acostumar as pessoas, em primeiro lugar, a trabalhar no que é interno (despertar o amor a Deus e ao próximo por meios adequados) e só então agir de acordo com isso.

Philip Jacob Spener, *Desejos pios*, p. 116

Ó Deus cheio de graça e bondade, Fonte de toda misericórdia e bênção, abriste tuas mãos misericordiosas e encheste-nos com amorosa bondade. Tu nos alimentas como um Pastor, tu nos amas como um Amigo e velas por nós perpetualmente como uma Mãe atenciosa cuida de um bebê. Assim como estendeste a mão sobre mim para me cobrir, enche-me o coração com gratidão. Que teus favores graciosos e tua bondade amorosa para com teu servo durem para sempre. Amém.

Jeremy Taylor (1613–1667), *Orações: antigas e modernas*

PARA REFLETIR: Mt 5.13-16; Lc 6.46-48; 1Co 3.9-13; 2Co 1.19-22; Gl 4.6; Ef 2.1-22; Cl 3.15-16; 1Ts 3.12-13; Tg 1.22-27; Jd 1.17-25

161

Devemos, portanto, enfatizar que os recursos divinos da Palavra e do sacramento se referem à pessoa interna. Em consequência disso, não é su ciente que escutemos a Palavra com nosso ouvido externo, mas devemos deixar que entre em nosso coração, onde poderemos escutar o Espírito Santo falar, isto é, sentir o selo do Espírito e o poder da Palavra com emoção e consolação vibrantes. Não basta ser batizado; a pessoa interna, que recebeu Cristo no batismo, também deve guardá-lo e dar testemunho dele na vida exterior. Não basta também receber a Ceia do Senhor externamente; a pessoa interior deve ser

verdadeiramente nutrida com esse alimento abençoado. Não basta orar externamente com a boca; a verdadeira e melhor oração é aquela que acontece no interior da pessoa, expressando-se em palavras ou permanecendo na alma; seja como for, Deus a encontrará e receberá. Novamente, não basta adorar a Deus em um templo externo; a pessoa interna adora a Deus em seu próprio templo, esteja ou não em um templo externo naquele momento.

Philip Jacob Spener, *Desejos pios*, p. 117

Pai nosso, nós te agradecemos pela verdadeira Luz que brilha em nosso mundo com intensidade cada vez maior. Nós te agradecemos por todos os que nela andaram, principalmente aqueles em cuja vida vimos se manifestar a glória e beleza da fé cristã. Que aprendamos com os que estão agora contigo. Faz-nos regozijar com todos os teus santos que viveram e morreram na fé. Agora, ergue-nos até a luz, amor, santidade e bem-aventurança. Amém.

Rufus Ellis (1819–1885), *Orações: antigas e modernas*

PARA REFLETIR: Mt 6.5-8; Jo 6.52-59; 14.25-31; Rm 6.1-11; 8.1-11; 1Co 3.16-17; 6.19-20; 11.17-32; Gl 3.27; Ef 1.13-14; 3.1-21; 4.30; Tt 3.3-7; Tg 1.22

HENRY SCUGAL

(1650–1678)

O sábio autor do livro de Hebreus enviou uma carta a um grupo de cristãos hebreus que estavam em perigo de abandonar a fé e voltar ao judaísmo. Sua tarefa era clara. Ele devia demonstrar a superioridade e o caráter de nitivo de Jesus Cristo como supremo Mediador entre Deus e a humanidade. A carta se tornou um marco da fé e doutrina cristãs. No século 17, outro el e observador servo do Senhor, Henry Scougal, tomou da pena para encorajar um amigo que perdera a fé. Sua tarefa era ajudar o amigo a ver através do entulho formal e sem vida que muitas vezes bloqueia o centro de nidor da fé como vida em Deus por meio de Jesus Cristo. A carta, publicada pela primeira vez em 1677, tornou-se um clássico da espiritualidade cristã que perdura há várias gerações. Essa carta foi providencial para a conversão de George White eld em 1735.

O ensinamento e exemplo de seu autor marcaram profundamente os jovens metodistas de Oxford — White eld e os irmãos John e Charles Wesley —, que se tornariam os grandes propulsores do reavivamento evangélico do século 18. Susanna Wesley recomendara a carta a seu

John quando ele tinha 18 anos. Citando Scougal, John Wesley de-
niu “religião prática” como “a vida de Deus na alma do ser humano”

(*Obras*, vol. 1, p. 225; anotação no diário de 13 de setembro de
1739). A carta de Scougal ensina que Deus pretende que a
humanidade desfrute comunhão com ele e manifeste a vida de Deus
no tempo.

Henry Scougal foi um talentoso clérigo episcopal escocês que morreu
de tuberculose aos 28 anos. Aos 15, entrou no Kings College, na
Universidade de Aberdeen. Ao se formar, foi indicado para a posição
de professor de lógica. Ordenado em 1672, serviu por um ano como
ministro paroquial e então retornou durante cinco anos ao Kings
College como professor de teologia. Em sua breve vida, escreveu

diversas obras; a mais célebre é *A vida de Deus na alma do homem*. A
percepção geral é a de que o livro demonstra um notável
discernimento para uma pessoa tão jovem. Scougal foi conhecido
também pela ampla compreensão das Escrituras, um ponto que pode
ser ilustrado pelo uso que faz delas em *A vida de Deus na alma do
homem*. Scougal era exímio em latim, hebraico, grego e outras línguas.
Em uma oração fúnebre, foi dito que ele “viveu muito em poucos anos
e morreu um velho de 28

anos” (“Henry Scougal”, CCEL).

162

Muitas pessoas falam livremente sobre a fé cristã, mas poucas a
entendem. Algumas pessoas falam dela como se fosse apenas uma
questão de razão, enquanto outras a de nem como ortodoxia doutrinal.

Outras ainda a de nem de acordo com suas opiniões pessoais. Muitas
vezes as pessoas só se identificam segundo uma das muitas seitas em
que o cristianismo é dividido. Alguns identificam cristianismo com
atuação e deveres exteriores tais como doar aos pobres, viver paci-
ficamente com o próximo e frequentar a igreja. Aham que com isso
realizaram tudo o que ser “cristão” significa. Outros identificam a
cristandade aos afetos, os entusiasmos arrebatados ou êxtases de
devoção nos quais eles oram com paixão e pensam no paraíso.
Persuadem-se de que estão cheios de amor pelo Salvador. Às vezes
uma raiva intensa contra os inimigos é encarada como santo zelo.

Sem dúvida a fé cristã é mais que essas sombras. A verdadeira religião
é a união da alma com Deus, uma real participação na natureza
divina, a própria imagem de Deus gravada na alma. É uma vida

divina. É vida porque é um princípio interno, livre e motivador. É divina porque é vida escondida com Cristo em Deus; não se manifesta em nenhuma falsa aparência a fim de se autopromover no mundo.

Henry Scougal, *A vida de Deus na alma do homem*, parte 1

E agora, Ó Deus da graça, incita em nós um forte e ardente desejo de que vivas dentro de nós. Capacita-nos a renunciar a nós mesmos para aprendermos com o Espírito Santo. Conduz-nos à tua verdade, pois és o Deus de nossa salvação. Guia-nos com teu conselho e depois recebe-nos na glória, pelos méritos e intercessão do teu bendito Filho, nosso Salvador, Jesus Cristo. Amém.

Henry Scougal, *A vida de Deus na alma do homem*, parte 3

PARA REFLETIR: Jo 15.1-11; 6.51-59,66-69; Rm 8.5-11; Gl 4.19; Ef 2.1-10; 6.10-20; Cl 1.21-24; 2.1-5; 2Tm 3.1-11; 1Jo 1.5-10; 3.1-3; 4.13—5.5

163

A origem da vida divina é a fé em Deus. Seus ramos principais são o amor a Deus, o amor ao próximo, a pureza de coração e a humildade.

O amor a Deus é uma consciência prazerosa e afetuosa das perfeições divinas que levam alguém a se entregar completamente a Deus. Acima de tudo, essa pessoa deseja agradar a Deus e nada a deixa mais satisfeita que a irmandade e comunhão com ele; dispõe-se a fazer ou sofrer qualquer coisa por causa de Deus ou para agradá-lo. Embora o amor possa surgir por causa de favores e mercês de Deus, ao amadurecer esse amor transcende os interesses egoístas e funda-se na infinita bondade de Deus, manifestada na criação e na providência divina. Uma pessoa possuída pelo amor divino expandirá esse amor até abranger toda a humanidade. Tal amor resulta do fato de termos a imagem de Deus gravada no coração. Nesse amor, todas as partes da justiça e todos os deveres que temos para com o próximo estão compreendidos. Longe de ofender ou ferir o próximo, quem ama verdadeiramente a Deus repudiará qualquer mal que haja sido feito a outro como se houvesse sido feito a si mesmo.

Henry Scougal, *A vida de Deus na alma do homem*, parte 1

Luz eterna, brilha em nosso coração. Ó Bondade eterna, livra-nos do mal. Ó Força eterna, sê nosso apoio. Sabedoria eterna, dispersa as trevas de nossa ignorância.

Compaixão eterna, tem misericórdia de nós. Concede que possamos sempre buscar teu rosto e, nalmente, leva-nos à tua santa presença. Assim, fortalece-nos para que, seguindo os passos de teu bendito Filho, recebamos tua misericórdia e entremos na alegria que prometeste. Amém.

Alcuíno de York (c. 735–804 d.C.),

Orações: antigas e modernas

PARA REFLETIR: Dt 6.5; 7.9; Sl 18.1-2; 31.23-24; 40.16-17; 116.17; Is 1.1-3, 12-20; Jo 6.25-34; 14.21-24; 17.24-26; 21.15-19; 1Co 13.1-13; Gl 4.19

164

Não existe nada que se assemelhe ao con ito no seio desse Ser sempre bendito, cujo nome e natureza é Amor, em relação a seus planos para nós. Ele é o Capitão de nossa salvação. Que inimigo pode ser forte demais para nós quando estamos lutando sob os estandartes dele? O

Filho de Deus não desceu do Pai e habitou entre nós para recuperar a vida divina para nós? Esse era o propósito de todas as obras que executou e todas as a ições que suportou. Para isso ele sangrou e morreu. É impossível que tal empreendimento fracassasse. O plano de Deus já funcionou para a salvação de muitos. Ele conhece nossas fraquezas e experimentou nossas tentações. O Pai enviou o Espírito Santo, que está agora percorrendo o mundo todo para despertar as pessoas para as coisas divinas para as quais elas foram criadas. Uma vez que se apodera de uma alma, ele acende a faísca do amor divino, dissipa os poderes das trevas, atíça a faísca até que se transforme em uma chama que nem uma grande quantidade de água poderá apagar, e facilita nossa jornada rumo à santidade.

Por que havemos de duvidar de que a verdadeira bondade e o verdadeiro amor possam nos dominar completamente? Não foi ele quem nos criou com a capacidade de nos corrigirmos? Não seremos capazes, com o seu poder, de expulsar qualquer intruso?

Henry Scougal, *A vida de Deus na alma do homem*, parte 3

Ó Deus misericordioso, dá-me graça para esperar teu tempo e suportar com paciência o que escolheste fazer de mim, sem duvidar de nada ou descon ar de tua bondade.

Sabes melhor do que eu o que é bom para mim. Arma-me apenas com a armadura do Espírito Santo, acima de tudo com o escudo da fé, para que

eu possa resistir. Que eu sempre me submeta à tua vontade e sirva à tua satisfação. Estou convencida de que tudo o que fazes só pode ser bom. A ti toda honra e toda glória. Amém.

Lady Joana Grey (c. 1536–1554), *Orações: antigas e modernas*

PARA REFLETIR: Pv 4.18; Ct 8.7; Is 42.3; 53.11; Jr 1.4-5; 29.11; Mt 6.26; 12.20; Jo 1.14; Rm 8.31-39; Ef 6.10-20; Hb 7.17-25; 2Pe 1.19

165

Assim que pegarmos em armas nesta guerra santa, todos os santos da terra e todos os anjos do céu a nós se juntarão. Sim, a santa igreja em todo o mundo intercede todos os dias por nós. Sem dúvida as hostes celestiais estão in nitamente interessadas em que a vontade de Deus seja feita em nós assim como é feita no céu. Acaso não devemos ser tão encorajados quanto foi o profeta Eliseu quando Elias lhe mostrou os cavalos e as carruagens de fogo?

Fora com todos os medos embaraçosos e pensamentos desanimados!

Agir com vigor e com ança na ajuda de Deus é mais que metade da batalha. É verdade que a vitória é obra do Senhor; não podemos produzi-la nem merecer o auxílio de Deus. O Espírito Santo deve descer sobre nós, Cristo deve ser formado em nós e sobre nós deve pairar o poder do Altíssimo. Mas essa obra não será realizada sem nosso compromisso. Não podemos car parados nas trincheiras e esperar que o Onipotente venha nos salvar. Precisamos desbravar o terreno e arrancar as ervas daninhas para receber as sementes da graça e o orvalho dos céus. Então o Espírito Santo elevará os atos de nossa alma além das expectativas da natureza.

Henry Scougal, *A vida de Deus na alma do homem*, parte 3

E agora, Ó generoso Deus, da riqueza de tua glória fortaleça-nos com poder interior por meio do Espírito Santo. Então Cristo habitará em nosso coração à medida que con armos nele. Que compreendamos a largura, o comprimento, a altura e a profundidade do amor de Cristo, para que sejamos preeenchidos com toda a plenitude de vida e poder que vêm de Deus. Amém.

Adaptado de Efésios 3.16-19

PARA REFLETIR: 2Rs 6.8-23; Mt 6.9-13; Jo 14.18-31; Rm 15.13; 1Co 15.58; 2Co 4.16-18; Fp 3.7-16; 1Ts 2.16-17; 5.9-11; Hb 12.1-3; Ap 1.4-8

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

As leituras, orações e hinos usados neste livro foram adaptados das fontes abaixo. Os títulos entre colchetes indicam o nome pelo qual as obras, em geral, são conhecidas em língua portuguesa e mencionadas ao longo deste volume.

Addai e Mari. *Liturgy of the Holy Apostles, or Order of the Sacraments* [A liturgia dos benditos apóstolos]. In *Liturgies and Other Documents of the Ante-Nicene Period*. Edimburgo: T and T

Clark, 1872. Internet Archive.

<https://openlibrary.org/books/OL22885546M/Liturgies_and_other_documents_of_the_Ante-Nicene_period> .

Arndt, Johann. *True Christianity: A Treatise on Sincere Repentance, True Faith, the Holy Walk of the True Christian, Etc.* [O verdadeiro cristianismo]. Filadélfia, PA: Lutheran Book Store, 1868.

Reimpr., Project Gutenberg, 2010. <<http://www.gutenberg.org/files/34736/34736-h/34736-h.html#toc355>> .

Augustine. *City of God* [A Cidade de Deus]. In series I, vol. 2, *Nicene and Post-Nicene Fathers*. Edit.

por Philip Schaff. Reimpr. ed de 1885. Christian Classics Ethereal Library (CCEL).

<<http://www.ccel.org/ccel/schaff/npnf102>> .

Bonaventure. “Prayers of St. Bonaventure” [Orações de São Boaventura]. Liturgies.net.

<<http://www.liturgies.net/saints/bonaventure/prayer.htm>> .

Book of Common Prayer [Livro de Oração Comum, LOC]. Nova York: Church Hymnal Corporation, 1979. <http://justus.anglican.org/resources/bcp/formatted_1979.htm> .

Bunsen, Christian Carl J. *Prayers from the Collection of the Late Baron Bunsen* [Orações da coleção do nado Barão Bunsen]. Londres: Longman, Green, and Co., 1871. Internet Archive.

<<https://archive.org/details/prayersfromcoll00bunsgoog>> .

Butler, D. *Henry Scougal and the Oxford Methodists or the Influence of a Religious Teacher of the Scottish Church*. Londres: William Blackwood and Sons, 1899. Google Books.

<<http://books.google.com/books?>

[id=L2Pd5DRgD6MC&printsec=frontcover&dq=inauthor:%22D.+M.A.+BUTLER%22&hl=](#)

[en&sa=X&ei=YGEKU97lJaPK0wGW7IDYDA&ved=0CCsQ6AEwAA#v=onepage&q=](#)

Calvin, John. "The Argument of the Gospel of John". In vol. 1, *Commentary on John*

[Comentário de João]. Trad. de William Pringle. Edimburgo: Calvin Translation Society, 1847. Reimpr., CCEL. <<http://www.ccel.org/ccel/calvin/calcom34.pdf>>.

———. "The Author's Preface." In vol. 1, *Commentary on Psalms* [Comentário de Salmos]. Trad.

de James Anderson. Edimburgo: Calvin Translation Society, 1845. Reimpr., CCEL.

<http://www.ccel.org/ccel/calvin/calcom08.vi.html>.

———. *Institutes of the Christian Religion* [Institutas da religião cristã]. Trad. de Henry Beveridge. Edimburgo: Calvin Translation Society, 1845. Reimpr., CCEL.

<<http://www.ccel.org/ccel/calvin/institutes>>.

Catherine of Genoa. *The Life and Doctrine of Saint Catherine of Genoa* [A vida e a doutrina de Santa Catarina de Gênova]. Nova York: Christian Press Association Publishing Co., 1907.

Reimpr., CCEL. <http://www.ccel.org/ccel/catherine_g/life.txt>.

Cranmer, Thomas. *The Works of Thomas Cranmer, Archbishop of Canterbury, Martyr, 1556* [As obras de Tomás Cranmer]. Edit. por John Edmund Cox. Vol. 2. Cambridge: University Press, 1846. Google Books. <[http://books.google.com/books?id=](http://books.google.com/books?id=DQw5AQAAMAAJ&printsec=frontcover&dq=Thomas+Cranmer&hl=en&sa=X&ei=L3FpUq2jOdWo4AOtiYGIBA&ved=0CE8Q6AEwBg#v=onepage&q=Thomas)

[DQw5AQAAMAAJ&printsec=frontcover&dq=Thomas+Cranmer&hl=en&sa=X&ei=L3FpUq2jOdWo4AOtiYGIBA&ved=0CE8Q6AEwBg#v=onepage&q=Thomas](#)

%20Cranmer&f=false >

Divine Liturgy of St. Basil the Great [Divina liturgia de São Basílio Magno]. St. Luke the Evangelist Orthodox Church.

< http://www.stlukeorthodox.com/html/orthodoxy/liturgicaltexts/divine_liturgybasil.cfm > .

The English translation of Collects from The Roman Missal [Missal Romano] © 2011, International Commission on English in the Liturgy Corporation. Todos os direitos reservados. Reproduzido sob permissão.

Fénelon, François. *The Adventures of Telemachus, the Son of Ulysses* [As aventuras de Telêmaco].

Trad. de John Hawkesworth. Manchester, UK: Thomas Johnson, 1847. Internet Archive.

< <https://archive.org/details/adventuresoftele00fene> > .

———. *Christian Counsel* [Conselho aos cristãos]. In *Spiritual Progress* [Progresso espiritual].

Edit. por James W. Metcalf. Nova York: M. W. Dodd, Brick Church Chapel, City Hall Square, 1853. Reimpr., CCEL. < <http://www.ccel.org/ccel/fenelon/progress.pdf> > .

———. *Maxims of the Saints on the Interior Life* [Máximas dos santos]. Reimpr., CCEL.

< <http://www.ccel.org/ccel/fenelon/maxims.txt> > .

Francis. *Evangelii Gaudium: Apostolic Exhortation on the Proclamation of the Gospel in Today's World*.

24 de novembro de 2013.

< http://www.vatican.va/holy_father/francesco/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium_en.html > .

Francis de Sales. *Introduction to the Devout Life* [Introdução à vida devota]. Reimpr., CCEL.

< http://www.ccel.org/ccel/desales/devout_life.txt > .

———. *Practical Piety Set Forth by St. Francis of Sales, Bishop and Prince of Geneva*. Louisville, KY: Webb and Levering, 1853. Internet Archive.

<<https://archive.org/details/practicalpiety00fran>>.

———. *Treatise on the Love of God* [Tratado do amor de Deus]. Nova York: Benziger Brothers, ca. 1884. Reimpr., CCEL. <<http://www.ccel.org/ccel/desales/love.txt>>.

Guyon, Madame Jeanne. *Letters of Madam Guyon* [Cartas de Madame Guyon]. Edit. por P. L.

Upham. Boston: Henry Hoyt, 1858. Reimpr., Project Gutenberg, 2009.

<<http://www.gutenberg.org/les/30083/30083-h/30083-h.htm>>.

“Henry Scougal”. CCEL. <<http://www.ccel.org/ccel/scougal>>.

Hymnary.org. [Hinário] <[http://www.hymnary.org/texts?qu=+in:texts](http://www.hymnary.org/texts?qu=)>.

Ignatius of Loyola. “Three Prayers of Ignatius Loyola”. *Feast of All Saints*.

<<http://www.feastofsaints.com/threeognatius.htm>>.

John of the Cross. *Ascent of Mount Carmel* [Subida do Monte Carmelo]. Trad. e edit. por E.

Allison Peers. Reimpr., CCEL. <http://www.ccel.org/ccel/john_cross/ascent.txt>.

Liguori, Alphonsus Mary. “Prayer to the Holy Spirit” [Oração ao Espírito Santo]. *Feast of All Saints*. <<http://feastofsaints.com/staholyspirit.htm>>.

Luther, Martin. “The First Sermon”. In *The Eight Wittenberg Sermons*. 1522. In vol. 2, *Works of Martin Luther, with Introductions and Notes*. Trad. de J. J. Schindel e C. M. Jacobs. Filadélfia, PA: A. J. Holman Co., 1915. Reimpr., Project Gutenberg, 2011.

<<http://www.gutenberg.org/les/34904/34904-0.txt>>.

———. *On the Freedom of a Christian (or A Treatise on Christian Liberty)* [Da liberdade do cristão].

1520. In vol. 2, *Works of Martin Luther*.

———. “Preface to the Letter of St. Paul to the Romans” [Prefácio à carta de São Paulo aos Romanos]. Reimpr., CCEL. <<http://www.ccel.org/ccel/luther/prefacetoromans.txt>>.

———. *Table Talk* [Conversas à mesa]. 1566. Trad. de William Hazlitt. Filadélfia PA: The Lutheran Publication Society, 1824. Reimpr., CCEL. <<http://www.ccel.org/ccel/luther/tabletalk.txt>>.

———. *A Treatise on Good Works*. 1520. Reimpr., CCEL. <http://www.ccel.org/ccel/luther/good_works>.

———. “Two Kinds of Righteousness”. 1519. <<http://www.mcm.edu/~eppleyd/luther.html>>.

McNeil, John T. *Modern Christian Movements*. Filadélfia, PA: Westminster Press, 1954.

Metrophanes Kritopoulos. Citado em Davey, Colin. *Pioneer for Unity: Metrophanes Kritopoulos, 1589–1639, and Relations between the Orthodox, Roman Catholic and Reformed Churches* [Pioneiro da unidade]. Londres: British Council of Churches, 1987. Reproduzido sob permissão de Churches Together na Grã-Bretanha e na Irlanda.

More, Thomas. *Dialogue of Comfort against Tribulation* [Diálogo do consolo contra a tribulação].

Nova York: Sheed and Ward, 1951. Reimpr., CCEL. <<http://www.ccel.org/ccel/more/comfort.txt>>.

Owen, John. *Of Communion with God the Father, Son, and Holy Ghost* [Comunhão com Deus, o Pai, o Filho e o Espírito Santo]. 1657. Reimpr., CCEL. <<http://www.ccel.org/ccel/owen/communion.txt>>.

———. *Of the Mortification of Sin in Believers* [A mortificação do pecado]. 1656. Reimpr., CCEL. <<http://www.ccel.org/ccel/owen/mort.txt>>.

Pascal, Blaise. *Memorial*. 1654. Reimpr., CCEL. <<http://www.ccel.org/ccel/pascal/memorial.txt>>.

———. *Pensées* [Pensamentos]. 1660. Trad. de W. F. Trotter. Reimpr., CCEL.

<<http://www.ccel.org/ccel/pascal/pensees.txt>>.

Rahner, Karl. “Before God” [Diante de Deus]. *Feast of All Saints*.

<<http://feastsaints.com/index.html>>.

Saint Vladimir Russian Orthodox Church. Prayer Book [Livro de oração da Igreja Ortodoxa Russa de São Vladimir]. <http://www.saintprincevladimir.org/spiritual-guides/prayer-book/>.

Scougal, Henry. *The Life of God in the Soul of Man* [A vida de Deus na alma do homem]. 1677.

Reimpr., CCEL. <<http://www.ccel.org/ccel/scougal/life.txt>>.

Simons, Menno. *The Complete Works of Menno Simon[s]* [Obras de Menno Simons]. Pt. 1.

Elkhart, IN: John F. Funk and Brother, 1871. Internet Archive.

<<https://archive.org/details/completeworksofm00menn>>.

Spener, Philip Jacob. *Pia Desideria* [Desejos pios]. Trad. de Theodore G. Tappert. Filadélfia, PA: Fortress Press, 1964. Reproduzido sob permissão do editor.

Taylor, Charles. *A Secular Age* [Uma era secular]. Cambridge, MA: Belknap Press of Harvard University Press, 2007.

Taylor, Jeremy. *Holy Living* [Vida santa]. 1650. Filadélfia, PA: J. W. Bradley, 1860. Reimpr., CCEL. <http://www.ccel.org/ccel/taylor/holy_living.txt>.

Teresa of Ávila. *The Life of St. Teresa of Jesus, of the Order of Our Lady of Carmel* [Livro da vida de Santa Teresa de Jesus]. Trad. de David Lewis. Londres: Thomas Baker, 1904. Reimpr., CCEL. <<http://www.ccel.org/ccel/teresa/life>>.

———. *The Way of Perfection* [O caminho de perfeição]. 1566. Londres: Sheed and Ward, 1946.

Reimpr. ed. de 1964. Nova York: Image Books/Doubleday, CCEL.

<<http://www.ccel.org/ccel/teresa/way.txt>>.

Thomas à Kempis. *The Imitation of Christ* [Imitação de Cristo]. Trad. de Aloysius Croft e Harold Bolton. Milwaukee: Bruce Publishing Company, 1940. Reimpr., CCEL.

<<http://www.ccel.org/ccel/kempis/imitation>>.

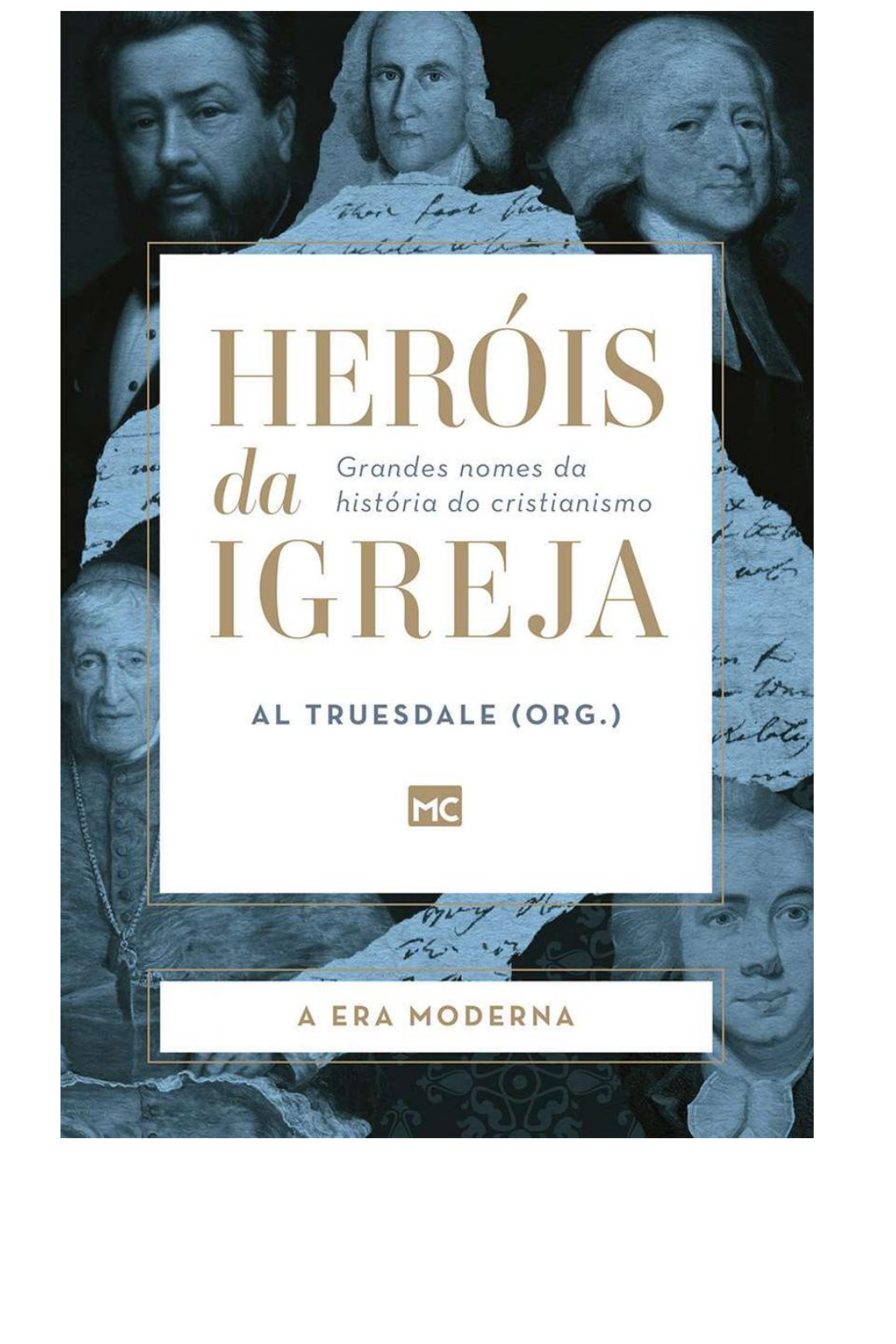
Tileston, Mary Wilder. *Prayers: Ancient and Modern* [Orações: antigas e modernas]. Nova York: Doubleday and McClure, 1897. Internet Archive. <https://archive.org/stream/prayersancienta00tilegoog/prayersancienta00tilegoog_djvu.txt>.

Walker, Williston. *A History of the Christian Church*. New York: Charles Scribner's Sons, 1959.

Ware, Timothy. *The Orthodox Church*. Nova York: Penguin Books, 1978.

Wesley, John. *The Works of John Wesley* [Obras]. Edit. por Thomas Jackson. 14 vols. 3a ed.

London: Wesleyan Methodist Book Room, 1872. Reimpr., Kansas City: Beacon Hill Press of Kansas City, 1986 (citado como *Works* no texto).

The background of the cover is a collage of historical figures and documents. At the top left is a portrait of a man with a beard. In the top center is a portrait of a man with a white wig. To the right is a portrait of a man with a white wig. Below these are various fragments of handwritten documents in cursive script. At the bottom left is a portrait of a man in clerical attire. At the bottom right is a portrait of a man with a white wig. The entire background is in shades of blue and green.

HERÓIS *da* Grandes nomes da história do cristianismo IGREJA

AL TRUESDALE (ORG.)



A ERA MODERNA

HERÓIS DA IGREJA

Grandes nomes da história do cristianismo

VOLUME 4

A ERA MODERNA

Editado por

AL TRUESDALE

Traduzido por Cecília Eller



Copyright © 2016 por Al Truesdale Publicado originalmente por Beacon Hill Press of Kansas City, divisão da Foundry Publishing, Kansas City, Missouri, EUA.

Os textos das referências bíblicas foram extraídos e adaptados da *Nova Versão Transformadora* (NVT), da Editora Mundo Cristão (com permissão da Tyndale House Publishers, Inc.), salvo a seguinte indicação: *Almeida Revista e Atualizada*, 2a ed. (RA), da Sociedade Bíblica do Brasil.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Edição

Daniel Faria

Revisão

Natália Custódio

Produção e diagramação

Felipe Marques

Colaboração

Ana Luiza Ferreira *Capa*

Maquinaria Studio *Conversão para Ebook*

SCALT Soluções Editoriais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H48

v. 4

Heróis da igreja [recurso eletrônico] : grandes nomes da história do cristianismo : a era moderna, volume 4 / editado por Al Truesdale ; traduzido por Cecília Eller. - 1. ed. -

São Paulo : Mundo Cristão, 2020.

recurso digital

Tradução de: The book of saints : the early modern era Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-433-0501-1 (recurso eletrônico)

1. História da igreja - Séc. XVIII. 2. Iluminismo. 3. Santos cristãos. 4. Livros eletrônicos. I.

Truesdale, Al. II. Eller, Cecília.

19-61612 CDD: 270.8

CDU: 27-9"17"

Categoria: Espiritualidade 1a edição eletrônica: janeiro de 2021

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por: Editora
Mundo Cristão Rua Antônio Carlos Tacconi, 69

São Paulo, SP, Brasil CEP 04810-020

Telefone: (11) 2127-4147

www.mundocristao.com.br

SUMÁRIO

Introdução

[Jonathan Edwards \(1703–1758\)](#)

[John Wesley \(1703–1791\)](#)

[George White eld \(1714–1770\)](#)

John Woolman (1720–1772)

John Carroll (1735–1815)

William Wilberforce (1759–1833)

William Carey (1761–1834)

Elizabeth Ann Seton (1774–1821)

Thomas Chalmers (1780–1847)

Augustus Wilhelm Neander (1789–1850)

John Henry Newman (1801–1890)

Phoebe Palmer (1807–1874)

Søren Kierkegaard (1813–1855)

John Charles (J. C.) Ryle (1816–1900)

Frederick Douglass (c. 1818–1895)

Hannah Whitall Smith (1832–1911)

Charles H. Spurgeon (1834–1892)

Dwight Lyman (D. L.) Moody (1837–1899)

James Orr (1844–1913)

Teresa de Lisieux (1873–1897)

Fontes bibliográficas

Assim como a torrente das águas leva para as profundezas do mar tudo o que encontra em seu caminho, ó meu Jesus, a alma que se aprofunda no oceano incluindo do teu amor traz consigo todos os seus tesouros.

Teresa de Lisieux, *História de uma alma*, cap. 11

+ + +

O presente mais extraordinário que os seres humanos receberam foi a escolha. E só há uma maneira de preservá-la. No instante em que ela é

reconhecida, em resignação completa e incondicional, devolva-a para Deus, juntamente com todo o seu ser.

Søren Kierkegaard, *Diários*, 1850–1854, p. 189

+ + +

Deus cria a partir do nada — maravilhoso, você pode dizer. Sim, sem dúvida, mas ele faz algo ainda mais incrível: transforma pecadores em santos.

Søren Kierkegaard, *Diários*, 7 de julho de 1838, p. 59

INTRODUÇÃO

A chegada da era moderna trouxe desafios e oportunidades singulares para a fé cristã. O desafio central foi o surgimento de esforços para explicar e avançar as dimensões intelectual, social, moral, religiosa e material da vida humana sem lançar mão das tradicionais crenças judaico-cristãs, nem tentar harmonizar com elas. “Secularização”,

“autonomia”, “homem maduro” e “pós-cristã” são termos que costumam ser usados para identificar esse movimento. A modernidade não pode ser tratada como um todo homogêneo, pois há muitas e muitas exceções e variáveis.

As sementes de um arcabouço conceitual moderno são observáveis desde a era escolástica na Idade Média e o Renascimento do século 14.

Em tempos mais recentes, houve as guerras religiosas europeias (c.

1524–1648) e a Era da Razão, ou Iluminismo, do século 18. Filósofos como Francis Bacon (1561–1626), René Descartes (1596–1650) e Baruch Spinoza (1632–1677) estiveram à frente da onda moderna. A princípio, as ciências em desenvolvimento se enxergavam a serviço do Deus judaico-cristão, operando dentro desse universo intelectual.

Contudo, à medida que as ciências avançavam, as contribuições proporcionadas por uma estrutura de referência religiosa foram diminuindo. As ciências naturais e sociais desenvolveram metodologias de pesquisas, metas para o conhecimento e critérios para verificação que não se baseavam em nada da religião. A gama de explicações da ordem natural e da organização da sociedade, tradicionalmente suprida pela religião judaico-cristã, foi gradativamente reduzida. No entanto, o processo de secularização não foi necessariamente ateu (secular). Muitos líderes cristãos trabalharam

com sucesso na articulação entre a contínua presença redentora e criativa de Deus dentro do contexto da

“maioridade” do mundo. Os “heróis da igreja” incluídos nesta obra são uma amostra disso.

A história da igreja e da teologia cristã modernas é, em grande medida, um relato da diversidade de reação dos cristãos. Alguns optaram pela rejeição decidida de muitas das características da modernidade. Outros acreditaram que a sobrevivência do cristianismo dependia da rejeição de crenças que pareciam contrariar o que julgavam ser uma autoridade superior da modernidade. Outros ainda encontraram maneiras de professar a fé apostólica ao mesmo tempo que mantinham um diálogo criativo com vozes modernas na ciência, filosofia, tecnologia, diplomacia e assim por diante. Tais líderes distinguiram com precisão o que é essencial para a fé cristã e o que não é. Impediram os esforços de expulsar Deus de sua criação e de silenciar sua presença. Amoldaram a modernidade a serviço do Senhor eterno da igreja.

Embora a modernidade apresente desafios sem precedentes, ela também oferece oportunidades extraordinárias. Muitas tecnologias que marcaram a Revolução Industrial foram colocadas a serviço das missões cristãs, da educação cristã, do evangelismo, da publicação e distribuição de Bíblias. Em muitos lugares, o desenvolvimento do estado secular contribuiu para livrar a fé da influência debilitante de um cristianismo promovido e obrigado pelo estado.

Hoje a igreja é ricamente agraciada por eruditos bíblicos ortodoxos que fazem uso das ferramentas modernas de análise literária para ajudar a enriquecer a compreensão da igreja sobre as Escrituras. Pesquisadores cristãos de muitas áreas travam diálogos criativos com a ciência, filosofia, literatura e as religiões mundiais. Demonstram os belos frutos da beleza e coerência da fé. Não importa a era, nem a tempestade, o Senhor da igreja capacita os líderes que ajudam a manter a igreja navegando no rumo certo.

Escute os santos deste livro, usando-os como ilustrações de como ser cristão na era moderna. Permita que ensinem o significado de conhecer e confessar Aquele em quem aprouve que habitasse “toda a plenitude”

do Pai (Cl 1.19).

Um breve esboço biográfico precede os textos selecionados de cada personalidade aqui mencionada. Uma oração (muitas vezes um hino) e

referências bíblicas* para re-exão acompanham cada leitura. Em muitos casos, foi necessário parafrasear as traduções em domínio público.

* Referências bíblicas em negrito identi cam versículos bíblicos citados ou parafraseados nos excertos selecionados e nas orações.

JONATHAN EDWARDS

(1703–1758)

É uma grande ironia o fato de que o teólogo mais brilhante e criativo dos Estados Unidos, Jonathan Edwards, seja popularmente reduzido a uma caricatura de seu célebre sermão de 1741, “Pecadores nas mãos de um Deus irado”.

Edwards foi um pensador extremamente criativo em teologia, loso a e psicologia. Foi também o principal porta-voz do Primeiro Grande Despertamento (c. 1730–1740) na Nova Inglaterra. É insuperável na de nição clara das características distintivas da verdadeira fé cristã, da experiência e dos atributos da santidade cristã sancionada por Deus.

Após ler *Uma el narrativa da surpreendente obra de Deus*, que Edwards escreveu em 1737, John Wesley declarou: “Sem dúvida isso é obra do Senhor e é maravilhoso a nossos olhos” (Ahlstrom, *Religious History*, p.

302). Edwards teria sido lembrado ainda que o Grande Despertamento jamais houvesse acontecido. Muitos de seus pensamentos sobre liberdade, pecado, virtude e providência divina foram publicados na região de Massachusetts. Sua “principal contribuição é uma realidade intelectual e espiritual duradoura, a reconstrução monumental da ortodoxia reformada [calvinista], lembrada por suas re-exões exegéticas, seu poder literário e sua grandeza losó ca” (p. 288). Edwards, uma gura brilhante e complexa, foi “pego entre duas eras”, a medieval e a moderna. Passou a vida “em uma luta agonizante para a rmar plenamente o novo, sem desistir do antigo”. Trabalhou para “colocar vinho novo em odres velhos” (Marsden, *Jonathan Edwards*, p. 213).

Edwards era lho de Timothy Edwards, homem de grande

inteligência e ministro puritano em East Windsor, Connecticut. Sua mãe, Esther Soddad, era igualmente talentosa, lha do proeminente pastor puritano Solomon Stoddard, de Northampton, Massachusetts.

Com a mente fervilhante, Edwards ingressou em Yale em 1716,

quando a educação superior da Nova Inglaterra passava por um período de transição. Ele iniciou o processo de conciliar o puritanismo herdado dos pais com formas modernas de pensamento expressas em livros didáticos de ciência, lógica e ética, que re etiam as ideias do filósofo francês René Descartes e do inglês John Locke.

Em 1721, Edwards passou por uma experiência de conversão que incluiu uma visão da glória visível de Deus em todos os aspectos da ordem natural. Após se formar e receber a licença para pregar em 1722, Edwards ministrou em uma congregação presbiteriana em Nova York, onde re etiu sobre a natureza da experiência religiosa e escreveu acerca da mente e da ciência natural. Em 1727, foi ordenado em Northampton, onde se tornou pastor associado de seu avô, Solomon Stoddard, que morreu dois anos depois. Aceitando assumir o legado do avô, Edwards se tornou o pastor mais in uente do oeste de Massachusetts. Numa palestra ministrada aos pastores de Boston em Harvard, o pastor de 28

anos alertou que a doutrina puritana ortodoxa deve não só ser fortificada contra a erosão doutrinária, mas também enriquecida com novos aprendizados. Em 1738, publicou sermões sobre a justificação que promoveram um reavivamento em Northampton marcado por

“conversões surpreendentes”. O reavivamento se expandiu até se tornar o Grande Despertamento. Crescia a influência de Edwards como líder e apologista.

Um tratado concernente às afeições religiosas (1746) é uma obra insuperável da experiência cristã autêntica. Trata-se de uma defesa contra os que abusam e zombam da experiência cristã, detratando-a.

Edwards escreveu *Afeições religiosas* em resposta à obra *Pensamentos oportunos sobre a condição da religião na Nova Inglaterra*, escrita pelo in uente pastor congregacionalista (puritano) Charles Chauncey, de Boston (1705–1787). Chauncey era um oponente declarado da pregação de reavivamento. Ele dizia que o Grande Despertamento nada mais era que desordem doutrinária revivida e entusiasmo herege deixado à solta.

Edwards não passaria de um “entusiasta visionário”. Quem ler *Afeições religiosas* com cuidado sem dúvida se beneficiará em discordar.

No dia 1o de julho de 1750, Edwards pregou seu último sermão oficial como pastor de Northampton. No entanto, até novembro, a pedido da congregação, ele continuou a pregar quase semanalmente, sempre que

os membros não conseguiam encontrar um pregador convidado. A família pastoral “permaneceu em situação incômoda em Northampton por um ano” (Marsden, *Jonathan Edwards*, p. 363-364). Ele entrou em contato com famílias poderosas que foram contrárias a seus esforços de limitar o acesso à Ceia do Senhor a pessoas que professavam abertamente a graça redentora e também por tentar disciplinar os jovens pelos “livros ruins” que tinham. Depois de expulso, Edwards e a família caram sem renda. Ele foi convidado a ser pastor em uma missão de fronteira em Stockbridge, Massachusetts. Providencialmente, o que parecia uma derrota acabou se tornando o período mais produtivo de sua vida.

Em 1758, com a saúde em declínio, substituiu Aaron Burr Sr. († 1757) como presidente da Faculdade de New Jersey (Princeton). Edwards morreu em 22 de março de 1758, depois de ser vacinado contra varíola.

1

(Edwards tem uma experiência com a glória de Deus após conversar com o pai pastor, em algum momento após janeiro de 1739.) Em busca de contemplação, caminhei por um lugar solitário no pasto de meu pai. Ao olhar para o céu e as nuvens, sobreveio um reconhecimento da majestade e graça gloriosa de Deus que eu não sabia como expressar. Era como se eu as visse em união, a majestade e a mansidão unidas. Depois disso, minha percepção das coisas divinas foi aumentando aos poucos, tornando-se mais vivas, e passei a ter mais alegria interior. A aparência de tudo se alterou; parecia haver uma calma ou semelhança da glória divina em quase todas as coisas. A excelência de Deus, sua sabedoria, sua pureza e seu amor pareciam se manifestar por toda parte: no sol, na lua e nas estrelas; nas nuvens e no céu azul; na grama, nas ores e nas árvores; na água e em toda a natureza, absorvendo minha atenção. Eu olhava com frequência para a lua. Durante o dia, examinava as nuvens e o céu a fim de contemplar a glória de Deus neles, cantando o tempo inteiro em voz baixa minha consideração pelo Criador e Redentor.

Jonathan Edwards, *Memórias*, p. 16-17

Os céus declaram a glória in ndável do Senhor;

Por toda a terra se encontra seu louvor.

O mar ecoa a maravilhosa história;

Ó homem, repete do som essa glória.

PARA REFLETIR: Ne 9.6; Sl 19.1; 69.34; 96.10-13; 97.6-9; 98.4-9; 104.1-24; 145.10-13; 148.1-14; 150.1-6; Is 45.18-19; Rm 1.19-20; 8.19-22

2

O Novo Testamento deixa claro que Jesus Cristo planejou que seu povo tivesse su ciente e farta certeza de sua salvação e glória futura. O

apóstolo Paulo fala com a certeza de conhecer a Cristo e a expectativa de recompensas futuras. A natureza da aliança da graça, juntamente com o objetivo declarado por Deus na disposição de todas as coisas, demonstra com clareza que Deus fez ampla provisão para que os santos tivessem certeza da esperança de vida eterna aqui embaixo. As promessas e os juramentos de Deus acerca de nossa glória futura só podem receber a mesma con ança que as promessas já con rmadas em nós agora. Seria vã a possibilidade, em Jesus Cristo, de ter uma consciência limpa perante Deus sem a garantia da liberdade da culpa do pecado aqui e agora. O Novo Testamento instrui os cristãos a ser diligentes em garantir seu chamado e sua eleição.

Em contrapartida, nenhum cristão pode cessar de examinar com regularidade sua condição perante Deus. A certeza cristã não deve ser confundida com jactância dominadora, arbitrária e violenta diante do Senhor e dos homens. A con ança humilde em Cristo não deposita crédito sobre si mesma.

Jonathan Edwards, *Afeições religiosas*, parte 2, seção 11

Ó Deus, nossa Vida Verdadeira, em quem e por meio de quem todas as coisas vivem, eu humildemente te rogo que habites em mim, reines em mim e transformes meu coração em templo santo, uma habitação digna de tua majestade divina. Ó Criador e Preservador de todas as coisas, as visíveis e as invisíveis, mantém, eu te peço, esta obra de tuas mãos. Guarda-me com o poder de tua graça, aqui e em todos os lugares, agora e em todos os momentos. Amém.

Agostinho (354–430), bispo de Hipona, *Orações:*

antigas e modernas, p. 256

PARA REFLETIR: Jó 19.25; Jo 15.11; 16.33; 1Co 9.26; Gl 2.20; Fp 1.21; 2Tm 1.12; 4:7-8; Hb 6.17-18; 9.9; 2Pe 1.5-8; 1Jo 3.14-24

O Espírito de Deus foi dado para habitar nos cristãos como sua morada apropriada, seu templo. Ele os in uencia como um princípio da nova natureza, ou uma descendência divina de vida e ação. De tal modo ele se une aos cristãos que faz Cristo viver dentro deles, como seu princípio ou fonte de vida. Não só bebem da água viva, como também essa água viva se torna fonte a jorrar de vida eterna. Jesus disse que a água viva é o próprio Espírito, o princípio de vida eterna neles (Jo 4.14). O Sol da Justiça não só brilha sobre eles, como também lhes é transmitido a m de que brilhem, tornando-se pequenas réplicas desse Sol. A seiva da Videira Verdadeira lhes é transmitida assim como a seiva de uma árvore é transmitida aos galhos vivos. Uma vez que o Espírito de Deus é dado e unido aos santos, eles são adequadamente chamados de “espirituais”.

O Espírito de Deus pode, de algumas maneiras, in uenciar pessoas “naturais”. Mas não se junta a elas para ser seu princípio de nidor e interno; não há união.

Jonathan Edwards, *Afeições religiosas*, parte 3, seção 1, subseção 1

Ó meu Deus, tu és sempre novo. Embora sejas nossa morada ao longo de todas as gerações, tuas misericórdias se renovam a cada dia. Somente tu és o alimento da eternidade, o alimento de minha alma. Sem tua presença, a eternidade seria apenas outro nome para a miséria eterna. Tu somente és inexaurível. Tuas misericórdias são sempre novas. Por toda a eternidade, serei um aprendiz começando a explorar o alcance in nito de tua natureza divina. Cantarei de teu grande amor para sempre.

Com minha boca, tornarei conhecida tua grande delidade. Amém.

John Henry Newman (1801–1890), *Orações:*

antigas e modernas, p. 255

PARA REFLETIR: Jo 4.14; 7.38-39; 14.16-17; Rm 8.9-17; 1Co 3.16; 2Co 6.16; Gl 2.20; Ef 1.1-7; Cl 1.24-27; 1Pe 2.1-8; 1Jo 1.5-10; 3.1-3; 4.13-21

Outro motivo para os santos e suas virtudes serem chamados de “espirituais” é que o Espírito Santo habita neles como princípio

doador de vida, produzindo efeitos que expressam sua própria natureza. A santidade é a natureza do Espírito de Deus. Por isso, nas Escrituras, ele é chamado de Espírito Santo. A santidade faz parte de sua natureza assim como o calor é a natureza do fogo, ou a doçura era a natureza do santo óleo da unção no Antigo Testamento — o principal tipo

[pre guração] do Espírito Santo. O Espírito de Deus habita de tal maneira no coração dos santos, comunicando a si mesmo, que os torna participantes da beleza de Deus e da alegria de Cristo. Tendo comunhão com o Espírito Santo, o cristão tem verdadeira comunhão com o Pai e seu Filho, Jesus Cristo.

A graça de Deus possui a mesma natureza de sua santidade divina. Não existe nenhuma obra tão elevada e excelente, nenhuma transformação, afeição ou experiência realizada pelo Espírito de Deus que seja tão grande, pois não há obra pela qual Deus se comunique e na qual a criatura seja tão exaltada como tornar-se participante da natureza divina (2Pe 1.4).

Jonathan Edwards, *Afeições religiosas*, parte 3, seção 1, subseção 2

Nós te suplicamos, Senhor, que o poder do Espírito Santo seja presente conosco e, que em sua graça, ele nos santi que a vida e nos proteja de tudo o que venha a questionar seu santo reinado, para a glória do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

“Tempo de Pentecostes”, Orações para datas sagradas,

Coletas antigas e outras orações, p. 62

PARA REFLETIR: Sl 133.2; Jo 1.16; 3.6; 17.13,21,26; Rm 8.10; 2Co 6.16; Gl 2.20; Ef 3.17-19; Hb 12.10; **2Pe 1.4**; 1Jo 1.3; 3.21; 4.12-16

5

O primeiro critério objetivo para decidir se as afeições religiosas são santas é observar se as coisas divinas são amadas pelo que são em si, ou por interesse próprio. Se as afeições religiosas não vão além do interesse pessoal, podem ser adequadamente consideradas falsas e enganosas. Isso não signi ca que a importância das afeições religiosas para o santo é excluída, mas, sim, que o eu tem importância secundária.

Ora, o amor é a fonte de toda afeição verdadeiramente santa, não um amor por si mesmo, mas por Deus, por sua glória, por Jesus Cristo,

que é a Palavra de Deus, pelo agir e fazer de Deus. O principal motivo para o Iho de Deus amar essas coisas é a excelência transcendente que elas possuem, não por poderem servir a seus interesses pessoais. Alguns argumentam que é impossível sentir amor primário por Deus, dizendo que todo aquele que busca a glória de Deus só está procurando a própria felicidade. A contemplação da perfeição divina nada mais seria que um deleite pessoal. Se isso fosse verdade, então as afeições religiosas jamais poderiam ser santas, mas sempre carnavais.

Jonathan Edwards, *Afeições religiosas*, parte 3, seção 2

Meu Deus, eu te amo não pela esperança do eterno lar,

Não porque quem não te ama não irá se salvar.

Tu, Senhor, me envolvereste no abraço da cruz;

Por mim suportaste pregos, lança e desgraça, ó Jesus.

Hino espanhol (séc. 17), da trad. de Edward Caswall

(1814–1878), Oremus

PARA REFLETIR: Dt 6.1-9; Sl 18.1-3; 29.1-2; 31.2-24; 95.1-11; 96.9; Mc 12.28-34; Rm 12.1-2; 2; 1Ts 3.5; Hb 13.15; 1Pe 1.3-9; 2Jo 1.6

6

O primeiro impulso de amor a Deus costuma resultar do

reconhecimento do favor divino. Quando está espiritualmente desperta, a pessoa percebe que Deus a ama, mesmo quando ela não o ama de volta, e que Deus perdoa seus pecados e a considera sua Iha. Com base nesse fundamento, muitas coisas acerca de Deus parecem amáveis; é fácil a rmar que Deus é glorioso, regozijar-se por saber que, muito embora ele seja o Senhor do universo, também nos ama; Cristo morreu por nossos pecados e um dia reinaremos com ele.

No entanto, à medida que o amor cristão amadurece, as santas afeições provêm de outro motivo. Quem é maduro em Cristo não vê primeiro

que Deus o ama e depois percebe que Deus é amável. Em vez disso, para o cristão maduro, as santas afeições começam com Deus. Primeiro ele reconhece que Deus é amável e que Cristo é excelente e glorioso.

Para ele, o amor despertado pela excelência divina se torna o fundamento de seu discipulado. As santas afeições uem, e a estima própria passa a ser mera serva daquelas.

Jonathan Edwards, *Afeições religiosas*, parte 3, seção 2

Que teu amor tanto nos aqueça, ó Senhor, que alegremente nos rendamos com tudo o que somos e temos. Que teu amor caia como fogo do céu sobre o altar de nosso coração.

Ensina-nos a guardar essa chama com devoção e atenção constantes. Inspira-nos a entesourar cada faísca da chama sagrada do amor com o qual o Espírito Santo nos desperta, para que nem altura nem profundidade, nem coisas do presente nem do porvir jamais venham a nos separar do teu amor. Fortalece-nos para caminhar como peregrinos diligentes. Prepara-nos em amor para aparecer em regozijo juntamente com teus santos perante o trono, quando completarmos a jornada de peregrinação.

Amém.

Gerhard Tersteegen (1679–1769), *Orações: antigas e*

modernas, p. 192

PARA REFLETIR: Ef 4.11-16; 5.13-15; 1Ts 5.5-11; 1Ts 2.13-17; Hb 6.1-3; 12.1-2; 13.9-16; Tg 1.1-17; 1Pe 1.3-9; 4.6-11; 2Pe 3.18; 1Jo 4.19

7

A alegria do hipócrita está nele mesmo. Em seu regozijo, mantém os olhos xos em si. Após receber o que chama de descobertas ou experiências, sua mente se xá nessas coisas. Ele se ocupa não da glória de Deus ou da beleza de Cristo, mas sim da glória e da beleza de suas experiências. Pensa consigo: “Que grande descoberta é essa!”. Ele coloca suas “experiências” no lugar de Cristo. Em vez de se alegrar em Cristo Jesus, em vez de se regozijar no evangelho, o hipócrita festeja a própria experiência. Ele olha para Cristo de soslaio, pois suas próprias noções e preocupações espirituais oferecem mais consolo e atração que o Cristo. Com ou sem as Escrituras, o hipócrita con a em suas experiências e “elevados privilégios” como prova de sua boa posição diante de Deus. Fala daquilo que o coração está cheio. Enquanto vive em um castelo imaginário, acaba sendo consumido pelo autoconceito, pelo amor-próprio e pelo orgulho.

O verdadeiro santo, em contrapartida, fala muito mais de Deus, de

suas perfeições e obras gloriosas, da beleza de Cristo e das glórias do evangelho.

Jonathan Edwards, *Afeições religiosas*, parte 3, seção 2, subseção 2

Ó Senhor, volta-me sempre para teu amor, meu amor para a obediência e minha obediência para a constância. Então con o que aceitarás tal fruto de graça e fé, à medida que minha vida a ti se submeter. Torna-me um daqueles em quem o Pai celeste pode se deleitar; terás tudo o que sou e tudo o que tornarás bené co para tua glória e teu serviço. Amém.

Jeremy Taylor (1613–1667), *Orações: antigas e modernas*, p. 178

PARA REFLETIR: Rm 14.13—15.6; 1Co 12.1-30; 14.20; Gl 1.6-9; 2.20; Fp 4.8-9; Cl 2.6-15; 3.1-17; Hb 4.14-16; 12.12-24

8

As afeições religiosos verdadeiramente santas se baseiam principalmente na amabilidade da santidade de Deus, manifesta em sua excelência moral. As pessoas santas, ao exprimir suas santas afeições, amam a Deus em primeiro lugar por causa da beleza de sua santidade ou perfeição moral, que é supremamente gloriosa em si mesma. Ora, os santos, na expressão das afeições da graça, não só amam a beleza da santidade de Deus como também amam a Deus por todos os seus atributos; deleitam-se em todas as perfeições divinas: sua eternidade, sabedoria, santa majestade, seu poder e mais. Mas é no amor pela santidade de Deus que começa o verdadeiro amor a Deus. O deleite pelos outros atributos divinos provém do amor pela beleza da santidade de Deus: sua bondade, misericórdia, amor constante, justiça, verdade e bondade.

É nisto que reside a beleza dos santos: no fato de que a imagem moral de Deus é estabelecida neles; essa é sua beleza, sua santidade. Nenhuma virtude pode caracterizar uma imagem que não resida, em primeiro lugar, no original. A santidade *não derivada* de Deus é a fonte da santidade cristã *derivada*; a graça na *imagem* responde à graça no *original*.

É nisso que reside a beleza da fé cristã.

Jonathan Edwards, *Afeições religiosas*, parte 3, seção 3

Ó Deus, tu que és o insondável abismo da paz, o inefável mar do amor e a fonte de bênçãos, que mandas paz para quem a recebe, abre-nos neste dia o mar de teu amor e inunda-nos com torrentes fartas das riquezas de tua

graça. Torna-nosinhos da mansidão e herdeiros da paz. Ilumina-nos com o fogo de teu amor; fortalece nossas fraquezas com teu poder. Une-nos de perto contigo e uns com os outros em um único elo de união rme e indissolúvel. Amém.

Liturgia clementina síria, *Orações: antigas e modernas*, p. 195

PARA REFLETIR: Nm 14.21; 1Sm 2.2; Sl 18.30-33; 29.2; 30.1-12; 90.17; 96.1-13; 97.11-12; 98.1; 99.2-5; Is 6.3; Jo 17.1-5; 2Co 6.14—7.1; Ap 4.8

9

As santas afeições não consistem em calor sem luz; elas se desenvolvem com base na instrução espiritual que a mente recebe. O lho atento de Deus entende mais das coisas divinas do que antes e mais das coisas gloriosas manifestas no evangelho de Jesus Cristo. Existem afeições impressas por aparências exteriores ou despertadas por impressões que nada têm da natureza da instrução do evangelho; as pessoas assim não se tornam mais sábias em relação a Deus, nem ao Mediador entre Deus e o ser humano. Não adquirem maior entendimento da Palavra do Senhor; as afeições verdadeiramente espirituais e graciosas só surgem quando Deus esclarece o entendimento.

As Escrituras só consistem em uma fonte para o desenvolvimento de santas afeições quando Cristo abre as Escrituras para a compreensão e in ama o coração com sentimentos de graça. O estudo da Bíblia de maneiras tais que não promovem a instrução e o entendimento espiritual resulta em vaidade. Somente Cristo pode fazer as Escrituras se tornarem um meio para in amar o coração com as afeições da graça; só ele pode abrir as Escrituras para a compreensão. São vãs a instrução e as afeições que são supostamente ensinadas pela Bíblia, mas que, na verdade, não se encontram em um texto especí co, nem em parte alguma das Escrituras.

Jonathan Edwards, *Afeições religiosas*, parte 3, seção 4

Ó Deus, mantém nossas afeições apropriadamente dispostas para receber tuas sagradas instruções, para que, sendo levados adiante por teu Espírito Santo, cheguemos com alegria em m ao refúgio que preparaste para teu povo, por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

George Hickes, *Devoções* (1700), *Orações: antigas e modernas*, p. 284

PARA REFLETIR: Sl 19.7-10; 43.3-4; Lc 11.52; 24.32; Jo 4.32-34;

10

As afeições verdadeiramente santas e cheias de graça são marcadas por uma convicção e caz acerca da realidade e certeza das coisas divinas, bem como da verdade dos grandes elementos do evangelho. As santas afeições não hesitam entre duas opiniões, e as grandes doutrinas do evangelho não são mais duvidosas, nem estão em disputa. Os santos não temem arriscar tudo por Jesus Cristo. Para eles, o poder do mistério do evangelho tem a in uência do que é mais real que todas as outras coisas.

Têm o poder e a urgência do eterno no coração. Governam todas as afeições de acordo com Cristo, o Filho de Deus, Salvador do mundo.

Além de terem a forte opinião de que o evangelho é verdadeiro e darem seu aval irrestrito para ele, defendem outras coisas cujas provas são evasivas. Sabem que as coisas de Deus são verdadeiras. Seus olhos espirituais se abrem para ver Jesus Cristo, o Filho do Deus vivo. Quanto àquilo que Cristo revelou acerca dos eternos propósitos de Deus para a humanidade caída e as coisas gloriosas preparadas para os santos, sabem que são absolutamente verdadeiras. Tais coisas têm importância suprema e determinante.

Jonathan Edwards, *Afeições religiosas*, parte 3, seção 5

Ó Senhor, que tens misericórdia de todas as coisas, perdoa meus pecados com tua graça e em misericórdia acende em mim o fogo de teu Espírito Santo. Tira de mim o coração de pedra e dá-me um coração de carne, um coração feito para te amar e adorar, um coração para se deleitar em ti, te seguir e te desfrutar, em nome de Cristo.

Amém.

Ambrósio (340–397), *Orações: antigas e modernas*, p. 287

PARA REFLETIR: Mt 13.44-46; 16.15-17,24-28; Lc 14.25-35; Jo 6.68-69; 16.27; 17.6-8; 2Co 4.3-6,11-14; 5.1-8; 2Tm 1.12; Hb 3.6; 11.1; 1Jo 4.13-16

11

Os verdadeiros mártires de Jesus Cristo são revestidos da verdade do evangelho. Como subentende a palavra “mártires” [testemunhas], eles se apegam à verdade do que a rmam. Em santo proceder, mesmo

diante

de grandes provas, demonstram delidade ao evangelho, que consiste na substância do que se espera e na evidência do que não se vê.

Sua mente é iluminada para ver a Divindade em ação, para enxergar a inefável Glória Divina brilhando. Para eles, isso é absolutamente conrador. O evangelho do bendito Deus não sai por aí implorando por evidências, conforme pensam erroneamente alguns. Ele contém as próprias evidências de ordem elevada. Contudo, é possível fazer uso de argumentos externos, e eles não devem ser negligenciados. Podem despertar quem ainda não creu e fortalecer a fé dos santos. Mas tais argumentos são subservientes à convicção que vem de uma fé salvadora.

É impossível haver refutação espiritual por parte daqueles que apreenderam a beleza e a glória das coisas divinas.

Mas a pessoa pode crer que a religião cristã é verdadeira sem ser convencida como mártir, testemunha. Sua crença repousa em informações, não na convicção transformadora que nasce do Espírito Santo.

Jonathan Edwards, *Afeições religiosas*, parte 3, seção 5

Nossa fé supera cada rolo escrito,

Nosso credo transborda e cresce;

A vida de Deus dentro da alma do contrito

A todos supera e muito permanece.

Frederick Lucian Hosmer (1840–1929), Hinário

PARA REFLETIR: Jo 1.34; 3.1-15; At 22.14-15; Rm 8.31-39; 1Ts 1.2-5; Hb 7.17-20; **11.1**; 12.1; 2Pe 1.16; 1Jo 4.14; 5.13-21; 2Jo 1.3-11

12

A excelente beleza da graça cristã consiste, em grande medida, em humildade evangélica. As afeições da graça são acompanhadas pelo reconhecimento da própria insu ciência por parte do cristão. A humildade evangélica implica esvaziar-se de si mesmo, ser pobre de espírito e ter o coração contrito diante de Deus. Aquele cujo coração

se encontra sob o poder da humildade cristã considera comparativamente escassas suas conquistas de fé; ele se enxerga pequeno entre os santos. A humildade evangélica é marcada pela verdadeira modéstia da mente, pois predispõe os cristãos a considerar os outros acima de si. São aptos a ver como adequados para si os assentos menos nobres. Não assumem apressadamente o papel de professores, mas entendem que necessitam aprender e consideram os outros mais qualificados que eles mesmos. Os santos são menos aptos a assumir autoridade, a ser chefes e mestres; mostram-se mais dispostos a se sujeitar aos outros, a se considerar criancinhas na graça e a enxergar suas realizações como conquistas dos recém-nascidos em Cristo. Envergonham-se de sua falta de amor e gratidão, e lamentam seu parco conhecimento sobre Deus.

Jonathan Edwards, *Afeições religiosas*, parte 3, seção 6

Deus vivo, que preenches o mundo mas não te afastas de nós, unimo-nos a ti por intermédio de teu Espírito. Aquece e revigora nosso espírito na luz solar de tua face, fortalecendo-o e tornando-o inteiro. Nós te agradecemos pelas criancinhas, cuja vinda prediz que o reino da justiça está à nossa porta, esperando para ser revelado. Deus onipotente, Sabedoria onisciente, nós te agradecemos e bendizemos por quem tu és e por teus braços de amor que envolvem este mundo feito de pó, mesmo quando não nos damos conta disso. Amém.

Theodore Parker (1810–1860), Harvard Square Library

PARA REFLETIR: Êx 3.11; Jr 1.6; Ez 36.26-31; Os 13.1; Mt 8.4; Lc 14.10; 18.9-14; Ef 5.21; Fp 2.3; Cl 3.12; Tg 1.19; 3.1-2; 1Pe 5.5

13

As afeições verdadeiramente santas e cheias de graça se distinguem por sua bela simetria e proporção. Isso não quer dizer que, nesta vida, as virtudes e as afeições de graça são perfeitas. Com frequência, são defeituosas por causa de imaturidade na graça, falta de instrução, erros de juízo e de ciências em educação. No entanto, não se identifica aquela desproporção monstruosa observada tão comumente na falsa religião e em meio à graça falsificada, na qual o discipulado ocorre de forma errática.

Nas santas afeições verdadeiras, simetria e proporção resultam da santificação da pessoa inteira por parte do Espírito. Tais cristãos recebem sobre si toda a imagem de Cristo. Despem-se da antiga humanidade e se revestem da nova humanidade em todas as suas

partes.

Aprouve ao Pai que em Cristo habite toda plenitude; nele se encontra toda graça. Os que anseiam pela plenitude de Jesus receberão graça sobre graça. Será estabelecido nos que creem algo de belas proporções, encontrado no próprio Cristo. Há simetria no agir de Deus.

Jonathan Edwards, *Afeições religiosas*, parte 3, seção 10

Deus meu, permita-me conhecer-te e amar-te, para que eu encontre felicidade em ti.

Uma vez que não é possível alcançar isso plenamente na terra, ajuda-me a melhorar dia após dia até conseguir fazê-lo por completo. Capacita-me a conhecer-te mais na terra, a m de que venha a conhecer-te e amar-te com perfeição no céu. Que minha mente re ita sobre essa felicidade, minha língua fale dela, meu coração anseie por ela, minha boca a pronuncie, minha alma tenha fome dela, minha carne sinta sede dela, e todo o meu ser a deseje até que, pela morte, eu entre no júbilo do meu Senhor para sempre. Amém.

Atribuído a Agostinho (354–430), bispo de Hipona,

“Oração de confiança na promessa celestial de Deus”,

Orações de Agostinho

PARA REFLETIR: 1Cr 16.29; Sl 90.17; **Jo 1.14-16**; 1Co 1.10; Ef 4.22-32; Fp 4.8-13; Cl 1.9-23; 3.12-17; Tg 2.8-13; 1Pe 5.6-11; 2Pe 1.3-11

14

Outra grande e muito distintiva característica das afeições da graça é que, quanto mais elas aumentam, tanto maior se torna o apetite e o anseio por mais. Quanto mais o verdadeiro santo ama a Deus com amor sagrado, tanto mais deseja amá-lo e mais insatisfeito se sente por sua falta de amor. Quanto mais ama a Deus, tanto mais odeia o pecado e deseja odiá-lo. Quanto mais seu coração se parte por causa da condição esfacelada do mundo, tanto mais deseja que seu coração se parta e mais anseia por Deus e sua santidade.

Acender as afeições da graça é como acender uma chama; quanto mais ela queima, tanto mais procura queimar. Assim, a fome por santidade e o aumento das santas afeições se tornam maiores e mais vivazes nos

cristãos mais avançados em santidade. Faz parte da natureza daquele que nasceu do Espírito Santo ter sede do crescimento em santidade, assim como faz parte da natureza do recém-nascido desejar o leite materno.

Os mais cheios de vida são os mais famintos.

Jonathan Edwards, *Afeições religiosas*, parte 3, seção 11

Deus todo-poderoso, que zeste a vida eterna brilhar sobre o mundo, nós te rogamos que de tal modo nosso coração se acenda com os desejos celestiais e teu amor brilhe em nós pelo Espírito Santo que continuemos a buscar as coisas do alto e, habitando em pureza de coração e mente, alcancemos por m teu reino eterno, para morar na luz gloriosa de tua presença, para todo o sempre. Amém.

Livro de orações (1851), *Orações: antigas e modernas*, p. 262

PARA REFLETIR: Pv 4.18; Is 32.6; Lc 1.53; 1Co 13.10-11; 2Co 1.22; 5.5; Ef 1.14; Fp 1.6; 3.13-15; 1Tm 6.6; Hb 6.1-3; 1Pe 2.2-3; 2Pe 3.18

15

As afeições religiosas verdadeiramente cheias de graça dão fruto na prática cristã. Exercem in uência e poder sobre a conduta de quem está a elas sujeito. Promovem uma prática em conformidade universal com o amor de Deus. Tal prática equivale ao discipulado cristão essencial; é a atividade incessante da vida cristã.

A Palavra de Deus ensina com clareza que a prática cristã deve afetar de maneira uniforme toda a vida do indivíduo; ele deve ser uniformemente obediente à vontade de Deus. Se um membro do corpo é corrupto e deixado como está, levará o corpo inteiro à destruição.

Cristo só pode revelar plenamente seu amor a nós quando abandonamos nossas mais estimadas falhas em obedecer. A obediência precisa ser mais que apenas deixar de descumprir as ordens divinas. A obediência se manifesta em uma religião positiva, na prática ativa da humildade e do perdão, na paci cação, na demonstração de respeito por todas as pessoas, na prática da benevolência, na misericórdia e no amor a todos.

O povo singular de Cristo não só pratica boas obras, como também é zeloso por elas. Com rma seu chamado e sua eleição por meio do trabalho na videira de Deus. Sem o fervor moral em todos os âmbitos da vida, ninguém sobe ao monte santo de Sião para chegar à cidade

celestial.

Jonathan Edwards, *Afeições religiosas*, parte 3, seção 12

Ó Senhor, porque és amor, e porque aquele que não ama a ti e a seus irmãos não te conhece mas habita na morte, livra-nos da injustiça, da inveja, do ódio e da malícia; concede-nos graça para perdoar os que nos ofendem e para suportar os fardos uns dos outros, assim como tu, Senhor, nos suportas com paciência e grande longanimidade.

Amém.

Eugène Bersier (1831–1889), *Orações:*

antigas e modernas, p. 263

PARA REFLETIR: Sl 1.1-6; Ml 3.3; Mt 5.29-30; 25.26,30; Jo 15.1-27; Fp 3.13; Cl 1.10; Tt 2.14; Hb 6.11-12; 12.1; 2Pe 1.3-4; 1Jo 2.1-29; 3.3; 5.18

JOHN WESLEY

(1703–1791)

Dois homens correram para ser mensageiros. Infelizmente, porém, quando chegaram, não tinham nada profundo a dizer! A história do primeiro, Aimaás, se encontra registrada em 2Samuel 18.16-33. Após receber permissão de Joabe para transmitir uma mensagem ao rei Davi, o ágil Aimaás correu na frente de outro mensageiro. No entanto, quando Davi perguntou o que havia acontecido na batalha, Aimaás não soube o que dizer. Ele tinha ouvido um grande tumulto, mas não sabia qual era o significado de tudo aquilo. De maneira semelhante, em 1735–

1736, o segundo homem, John Wesley, zeloso ministro anglicano recém-formado (1728), partiu para a Geórgia a fim de pastorear os colonizadores da América do Norte e ser missionário dos habitantes nativos. Falhou miseravelmente. Era um corredor ágil, mas não conhecia o Salvador que ele recomendava aos outros. Desanimado pelo fracasso, durante o retorno para a Inglaterra Wesley registrou uma conclusão impressionante: “Fui para a América converter os índios, mas, ai!, quem irá me converter?”. Wesley lamentou que sua crença não passava de uma “religião leve de verão” (*Diários*, 24 de janeiro de 1738).

Como Wesley pode ter se tornado a principal inspiração do grande

reavivamento evangélico do século 18 na Grã-Bretanha, um apóstolo de esperança e transformação para os pobres, incansável pregador itinerante a despeito da oposição monumental que enfrentava, fundador de escolas e clínicas bene centes para os marginalizados, catalisador de transformações sociais e, junto com o irmão Charles, um dos pais do metodismo?

John e Charles, o grande compositor de hinos, foram dois dos dez lhos de Samuel e Susanna Wesley que sobreviveram à primeira infância. Samuel era pároco de Epworth, Lincolnshire. Susanna exerceu

forte influência sobre os lhos como disciplinadora (estabeleceu dezesseis regras domésticas), professora (ensinou latim, grego e os clássicos para todos os lhos) e exemplo de piedade cristã.

A educação formal de John aconteceu em Charterhouse, Londres, e em Christ Church, Oxford. Em 1726, foi eleito membro do Lincoln College, Oxford. De 1727 a 1729, atuou como auxiliar do pai em Epworth. Quando voltou para Oxford, descobriu que Charles havia fundado o “Clube Santo”, formado por jovens “em busca da verdadeira santidade”. Eles haviam adotado regras para uma vida santa e dedicavam tempo para estudar e praticar seus deveres religiosos. John se tornou líder do grupo, que logo receberia, de seus críticos, a alcunha de

“metodistas”.

Mas Wesley não conseguia ter paz com Deus. Na viagem para a Geórgia, em 1736, seu navio foi assolado por várias tempestades. Ele ficou impressionado pela ausência de medo demonstrada pelos morávios alemães a bordo, uma paz que Wesley não conhecia. Quando atingido por outra tempestade terrível no retorno à Inglaterra foi tomado pelo temor e se viu imerso em dúvidas.

Em fevereiro de 1738, Wesley conheceu Peter Böhler, líder dos morávios, o qual reconheceu em Wesley alguém que não conhecia como Redentor o Deus que ele pregava. Böhler fez um apelo para que Wesley

“puri casse” sua religião formal e rigorosa, mas sem vida. Quando Wesley lhe perguntou se deveria parar de pregar uma fé que não tinha, Böhler respondeu: “Pregue a fé *até* que a possua; então, *porque* a possui, você certamente a *pregará*” (*Diários*, 4 de março de 1738). Na noite de 24 de maio, em uma igreja morávia na rua Aldersgate, em Londres, Deus cumpriu sua promessa. O amor divino foi recebido e

criou uma resposta de fé no coração de Wesley.

Embora os estudiosos nos deem o sábio conselho de inserir a experiência de Wesley em Aldersgate no contexto mais amplo de sua teologia madura e abrangente (Maddox, *Aldersgate Reconsidered*, introd.), foi em Aldersgate que a justificação pela graça somente por meio da fé se tornou uma realidade viva, mais que uma ideia ou doutrina. Uma mudança fundamental de direcionamento havia sido inaugurada (Runyon, *New Creation*, p. 45). O eixo mudou de ser *salvo pela fé* para ser *salvo gratuitamente pela graça de Deus, da fé como obra humana para a fé*

como obra divina cujo propósito é a transformação de todas as dimensões pessoais e sociais da vida humana.

16

(Segundo John Wesley, Deus oferece graça redentora para todas as pessoas.) A graça ou o amor de Deus, do qual vem nossa salvação, é gratuita em tudo e gratuita para todos. A graça não depende de nenhum poder ou mérito humano, nem em parte, nem no todo. Não depende em nada das boas

obras de justiça de quem a recebe. Não depende de uma disposição positiva, nem de bons propósitos ou desejos. Tudo isso vem da graça gratuita de Deus; são apenas torrentes, não a fonte; o fruto, não a raiz; não a causa, mas os efeitos. Qualquer bem que exista em um indivíduo ou feito por ele é autoria de Deus, o principal autor e agente de todo bem. Assim é sua graça gratuita em tudo, dependendo apenas de Deus, que livremente nos deu o próprio Filho e com ele nos dá “todas as outras coisas”.

Mas também é gratuita para todos, bem como em todos. O Senhor que é sobre todos é rico em misericórdia para todos que o invocam. Essa promessa divina a todos produz a maior fonte possível de encorajamento para a prática de boas obras e de toda santidade. É uma fonte de alegria e felicidade para nossa grande e interminável consolação.

John Wesley, “Graça gratuita”, *Sermões*, sermão 128, § 2-3, 29

Ó Deus, que olhas com misericórdia para toda a humanidade quando caímos até a morte e decidiste nos resgatar pelo advento de seu Filho unigênito, concede-nos, nós te rogamos, que todo aquele que em fé confessar a encarnação gloriosa do Senhor também entre em tua comunhão, pelo poder capacitador do Espírito Santo. Amém.

“Advento”, Orações para datas sagradas, em *Coletas antigas e outras orações*, p. 20

PARA REFLETIR: Dt 30.19; Ez 18.20-24; 33.11; Jo 3.16; 7.37; At 17.30; Rm 8.32; 10.12; 2Co 1.3-7; 1Tm 2.1-7; Tt 2.11-14; 2Pe 3.9; 1Jo 2.1-2

17

Por que a criança no útero desconhece o mundo visível? Não porque o mundo esteja tão distante, mas porque as condições necessárias para vê-lo ainda não existem. Os olhos espirituais daquele que nasceu de novo pelo Espírito de Deus se abrem para enxergar uma variedade in nita de coisas com as quais não tinha antes nenhuma familiaridade. Fica alerta em relação a Deus. Pode agora dizer: “Tu és meu leito e meu caminho”.

Seus olhos espirituais se abriram; a voz de Deus não chama mais em vão.

A pessoa recém-nascida do Espírito reconhece a voz do Pastor. Sua sensibilidade espiritual foi despertada, o lho de Deus entra em comunhão com o mundo invisível. Cada vez mais é capaz de discernir coisas que até então eram incompreensíveis. Sabe o que signi ca a paz de Deus e a alegria no Espírito Santo. O amor de Deus é espalhado em seu coração por intermédio de Cristo Jesus.

Aquele que é nascido do Senhor recebe continuamente em seu espírito o fôlego de vida, a in uência graciosa do Espírito de Deus. E a graça que recebe retorna para Deus em forma de amor, louvor e oração incessantes.

John Wesley, “O grande privilégio dos que nasceram de Deus”,

Sermões, sermão 19, seção 1, § 4, 8, 10

Nós te suplicamos, Senhor, que de tal modo puri ques nosso coração por tua visitaão diária que, na vinda de teu Filho, nosso Senhor, ele nos encontre em uma morada preparada para ele, por intermédio do mesmo Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

“Advento”, Orações para datas sagradas, em *Coletas*

antigas e outras orações, p. 16

PARA REFLETIR: Sl 103.1-5; 105.1-6; Jo 3.1-15; 10.1-29; 14.6-7; Rm

8.14; 1Co 6.17; 2Co 3.6-9,17—

4.13; 5.16-21; Ef 6.10-18; Hb 1.1-14; 1Jo 2.27

18

Pro ro verdades simples para pessoas simples. Por isso, rmo o propósito de me abster de qualquer re nada especulação losó ca, de todo raciocínio complexo e intrincado. Sou uma criatura de um só dia, passando pela vida como uma echa arremessada para o ar. Sou um espírito que veio de Deus e para ele retornará, apenas pairando sobre o grande golfo até que, momentos depois, não serei mais visto. Passarei para uma eternidade imutável! Logo, quero saber uma coisa: o caminho para o céu; como chegar com segurança àquela margem feliz. O próprio Deus concedeu ensinar-nos o caminho. Por esse motivo veio do céu.

Escreveu tudo em um livro. Ah, dê-me esse livro! A qualquer preço, dê-me o livro de Deus! Eu o tenho; ali há conhecimento su ciente para mim. Que eu seja um *homo unius libri* [homem de um livro só]. Aqui estou, então, longe de toda a agitação dos homens. Sento-me a sós; apenas Deus está aqui. Em sua presença, eu abro e leio seu livro, com o objetivo de encontrar o caminho para o céu.

John Wesley, prefácio de *Sermões em ocasiões diversas*, § 3, 5

Ó Deus, de diversas maneiras tu ecoas em nosso coração teus divinos oráculos salvadores. Ilumina nossa alma com a plena compreensão daquilo que dizes, a m de que sejamos não só ouvintes de palavras espirituais, mas também praticantes, seguindo-te com o coração sincero e uma vida irrepreensível, por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

Orações para depois do culto, em *Coletas*

antigas e outras orações, p. 131

PARA REFLETIR: Dt 4.2; Sl 119.105; Is 40.9-26; 55.11; Jr 23.29; Ef 6.17; 2Tm 3.16-17; Hb 4.12; 1Pe 2.2; Ap 1.1-20

19

A m de ler as Escrituras com maior e cácia, faça o seguinte: (1) Se possível, reserve tempo a cada manhã e a cada noite. (2) Leia um capítulo de cada Testamento. Se não for possível, leia um capítulo inteiro ou parte de um capítulo. (3) Leia para aprender, e então faça toda a vontade de Deus. (4) Fique alerta para a analogia da fé, ou seja,

permaneça atento à conexão e harmonia entre as Escrituras e às grandes doutrinas cristãs fundamentais, como o pecado original, a justi cação pela fé, o novo nascimento e a santidade interior e exterior.
(5) É

necessário orar com seriedade e fervor antes de consultar as Escrituras, pois estas só podem ser compreendidas por intermédio do Espírito Santo, que nos foi concedido. A leitura deve terminar com oração, a m de que aquilo que lemos seja escrito em nosso coração.
(6) Faça pausas frequentes para examinar seu coração e sua vida enquanto lê. Isso lhe dará motivos para louvar a Deus, mostrar humildade diante dele e orar, pois Deus nos dá poder para nos conformarmos com sua vontade.

Decida que a luz recebida será posta em prática sem demora. Reconheça em que tem falhado. Assim, descobrirá que essa palavra é o poder de Deus para a salvação presente e eterna.

John Wesley, “Prefácio para comentários

ao Antigo Testamento”, § 18

Que uma nova esperança superior

Se mova dentro de nosso coração:

Ó Deus, concede mais luz e verdade

Para irromper de tua Palavra em profusão.

George Rawson (1807–1889), Hinário

PARA REFLETIR: Js 1.8; Jó 23.12; Sl 19.7-11; 119.10-11,105; Lc 24.13-27; Jo 15.1-27; Rm 15.5-6; 2Tm 2.15; Tg 1.19-25; 1Pe 2.2

20

À noite [24 de maio de 1738], fui, sem vontade, a uma sociedade na rua Aldersgate, na qual alguém leu o prefácio de Lutero à epístola aos Romanos. Mais ou menos às quinze para as nove, enquanto ele descrevia a mudança que Deus opera no coração mediante a fé em Cristo, senti meu coração ser estranhamente aquecido. Senti que con ava em Cristo, e em Cristo somente, para a salvação. E me foi dada a certeza de que ele havia tirado *meus* pecados, até mesmo os *meus*, e *me* salvado da lei do pecado e da morte.

Comecei a orar com todo o fervor por aqueles que haviam me usado e perseguido com a maior maldade possível. Então testemunhei abertamente para todos que ali estavam sobre como me sentia em meu coração. Mas não demorou muito para o inimigo sugerir: “Isso não pode ser fé; pois onde está sua alegria?”. Então aprendi que a paz e a vitória sobre o pecado são essenciais para a fé no Capitão de nossa salvação. Mas aquele transbordamento de alegria que costuma acompanhar o princípio desse processo, sobretudo para quem muito já lamentou, Deus às vezes dá, às vezes retém, de acordo com os conselhos de sua própria vontade.

John Wesley, *Diários*, 24 de maio de 1738, § 14-15

Jesus, só de em ti pensar

Meu coração se vê doce e manso;

Ainda mais doce será te contemplar,

E em tua presença achar descanso.

Atribuído a Bernardo de Claraval (1090–1153), da trad.

de Edward Caswall (1814–1878), Hinário

PARA REFLETIR: Jo 3.3-8; 14.18-24; 16.16-28; At 9.1-18; 10.1-47; Rm 5.15; 6.1-4; 8.12-17; 2Co 5.11-21; Gl 3.26-29; Cl 1.9-14; 1Jo 2.20-25; 4.13-18

21

(Na primavera de 1741, os irmãos Wesley publicaram um segundo volume de hinos. No prefácio, explicaram a tão incompreendida doutrina da perfeição cristã, ou santidade cristã.) Esse grande dom de Deus, a salvação das almas, nada mais é que a imagem divina recém-impressa em nosso coração. É uma “renovação dos crentes no espírito da mente, segundo a imagem daquele que os criou”. Deus colocou “o machado na raiz da árvore, purificando o coração pela fé”, e “limpando todos os pensamentos do coração por inspiração de seu Espírito Santo”. Tendo essa esperança de que verão a Deus como ele é, “se manterão puros, como ele é puro”, e “santos em tudo que zerm, como é santo aquele que os chamou”. Não que já tenham alcançado tudo o que devem ou que já sejam, nesse sentido, perfeitos. Mas diariamente “continuarão a se fortalecer”, contemplando agora, “como por espelho, a glória do Senhor”, sendo transformados,

“de glória em glória, em sua própria imagem, por intermédio do Espírito do Senhor ”.

John Wesley, *Explicação clara da perfeição cristã*, seção 13

Senhor, eu venho. Eu creio. Diante de tua graça e misericórdia eu me lanço. Con o somente em tua morte salvadora para me salvar. Não me recuses. Não tenho nenhum outro lugar para ir. Aqui carei. Con o em ti, descanso em ti e por ti me arrisco. Em ti deposito minha esperança de perdão, vida e salvação. Se eu perecer, em teus ombros perecerei. Se afundar, em teu navio afundarei. Se morrer, à tua porta morrerei. Não me mandes ir embora, pois não irei. Amém.

John Wesley, *Culto de renovação da aliança* (1780)

PARA REFLETIR: Sl 84.1-12; Mt 3.9-12; At 15.9; Rm 12.2; 2Co 3.18; 4.1-13; 6.14—7.1; Ef 1.13; 4.20-24; Fp 3.12; Cl 3.1-17; Tt 3.5; Hb 4.12; 1Pe 1.1-15; 1Jo 3.1-3

22

(John e Charles Wesley ensinavam que a vida de santidade cristã deve ser regularmente julgada segundo “a palavra de Deus, por um lado, e a experiência dos lhos de Deus, por outro”.) O que é santidade cristã, ou amor aperfeiçoado? É aquele que tem a “mesma atitude demonstrada por Cristo” e que vive “como ele viveu”; que tem “as mãos puras e o coração limpo”, ou que foi puri cado “de tudo que contamina o corpo ou o espírito”; que “não leva outros a tropeçar”.

Entendemos então que se trata de alguém que Deus santi cou “em todos os aspectos, espírito, alma e corpo”; que anda “na luz, como está na luz aquele em quem não há escuridão, o sangue de Jesus Cristo tendo-o puri cado de todo pecado”.

Tal cristão pode agora testemunhar: “Fui cruci cado com Cristo; assim, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim”. É “santo como o Deus que o chamou”, tanto no coração quanto em “tudo que

faz”. Ama “o Senhor, seu Deus, de todo o seu coração” e o serve “com toda a sua força”.

John Wesley, *Explicação clara da perfeição cristã*,

seção 15, § 14, 15

Vem, Todo-poderoso, livrar;

Que todos tua vida recebamos.

Volta logo para jamais deixar

Teus templos sem que a ti vejamos.

A ti todo o tempo queremos louvar

E servir junto às hostes celestiais;

Com gratidão te bendiremos sem cessar

Por teu amor perfeito aos mortais.

Charles Wesley (1707–1788), Hinário

PARA REFLETIR: Sl 24.1-5; Mt 22.35-40; 2Co 7.1; Gl 2.20; Fp 2.1-11; 1Ts 4.3-8; 5.23; 1Pe 1.15-16; 1Jo 1.5-7; 2.5-6,10; 4.12

23

Aquele que ama “o Senhor, seu Deus, de todo o seu coração” e o serve

“com toda a sua força” também ama “seu próximo como a si mesmo”, sim, a exemplo de “Cristo, que nos amou”. Tudo o que faz ou diz, faz no nome, no amor e no poder “do Senhor Jesus”. Em suma, santidade cristã signi ca fazer a vontade de Deus “assim na terra como no céu”.

Perfeição é sinônimo de ser completamente santi cado. Citando o arcebispo Ussher [1581–1656], quer dizer ter o coração “todo in amado pelo amor de Deus”. Signi ca “oferecer continuamente todo pensamento, toda palavra e toda obra como sacrifício espiritual, aceitável a Deus” por intermédio de Cristo. Santidade cristã quer dizer que “cada pensamento do coração, cada palavra que sai da boca e cada obra das mãos” busca “louvar ao Deus que nos chamou das trevas para sua maravilhosa luz”. Ah, que nós e todos que buscamos o Senhor Jesus em sinceridade sejamos aperfeiçoados no amor! Essa é a doutrina que pregamos!

John Wesley, *Explicação clara da perfeição cristã*, seção 15, § 5, 6

Ó, Senhor, tu que me dotaste de um espírito imortal criado à tua imagem, contempla com graça e favor os desejos ardentes de meu coração. Concede-me mais contentamento pelo que está presente e menos ansiedade quanto ao futuro. Preenche-me, ó Senhor, com o conhecimento de tua vontade, em toda sabedoria e entendimento espiritual. Enche-me com tua justiça e com alegria e paz na convicção de que jamais me abandonarás,

mas me farás conformar-me com tua vontade. Consolida-me, forti ca-me e estabelece-me. Sê meu Deus para todo o sempre. Amém.

Simon Patrick (1626–1707), *Orações: antigas e modernas*, p. 361

PARA REFLETIR: Sl 90.17; Mt 6.9-13; 22.35-40; Lc 11.2-4; 1Co 6.11; 2Co 6.14—7.1; Ef 5.1-10; Cl 3.17; 1Pe 2.1-12; 1Jo 1.1-10

24

Acaso os cristãos não ofendem, de muitas maneiras, a “lei da fé”, a “lei do amor”? Em certo sentido, não se nossas disposições, palavras e obras brotarem do amor. Mas em outro sentido, sim, e continuaremos a fazê-lo enquanto vivermos. Nem o amor, nem o poder do Espírito Santo nos tornarão infalíveis; por meio do defeito inevitável da compreensão, só nos é possível errar em muitas coisas. E tais erros resultam, com frequência, em algo errado em nossa disposição, fala ou ação.

O mais santo dos cristãos sempre necessita de Cristo para ser seu *Profeta*, “a luz do mundo”. É ele quem dá luz momento a momento; no instante em que se retira, tudo se torna trevas. Os cristãos sempre necessitam de Jesus como *Rei*, pois Deus não lhes dá um estoque de santidade. A menos que recebam a obra redentora de Cristo momento a momento, nada além do pecado permanece. Os cristãos sempre necessitam de Cristo como *Sacerdote*, para fazer expiação por eles. Até mesmo o amor perfeito só é aceitável a Deus por intermédio de Jesus Cristo. Tu és minha luz, minha santidade, meu céu. Deixado por mim mesmo, eu nada seria além de pecado, trevas e inferno.

John Wesley, *Explicação clara da perfeição cristã*, seção 25

Ó Senhor bondoso, rogamos por tua misericórdia de todo o coração, a m de que nos defendas contra as coisas adversas ao corpo e, assim, nos libertes dos inimigos da alma.

E, à medida que nos concedes alegria em tranquilidade exterior, dá-nos também a paz interior, por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

Sacramentário leonino (440 d.C.), *Orações: antigas e modernas*, p. 362

PARA REFLETIR: Mt 2.2; 11.27; 21.5; 27.11; Lc 22.42; Jo 8.12; 9.5; Ef 5.2; 1Tm 2.1-5; Hb 4.14—

5.9; 6.20; 9.11-15; 1Jo 1.5—2.6; Ap 19.11

“Continuemos a amar uns aos outros, pois o amor vem de Deus.”

Todos os cristãos aprovam esse mandamento. No entanto, muitos

impedimentos surgem no caminho, dois dos quais são: nem todos os cristãos conseguem pensar igual, e em consequência não podem viver da mesma maneira. Embora as diferenças em opiniões ou formas de adoração possam impedir uma união externa, precisam elas impedir uma união em amor? Muito embora nem todos consigamos pensar parecido, não podemos amar parecido? Não podemos ter um só coração, mesmo

que não tenhamos uma só opinião? Podemos sim! A despeito de diferenças menores, todos os cristãos podem servir para edi car uns aos outros em amor e boas obras.

O cristão que possui tal espírito católico estende a mão a todos que louvam a Deus da verdadeira forma bíblica. Ama como seus amigos e irmãos no Senhor, como membros de Cristo e lhos de Deus, como coparticipantes do reino de Deus, todos os que creem no Senhor Jesus Cristo, que amam Deus e as pessoas, que se alegram em agradar a Deus, temem ofendê-lo, tomam o cuidado de se abster do mal e são zelosos pelas boas obras uns dos outros.

John Wesley, “Espírito católico”, *Sermões*,

sermão 39, § 2-4; seção 3, § 5

Ó Senhor, nosso Deus, tu nos livrarás de toda escuridão com teu escudo protetor, a não ser quando nossa própria insensatez traz trevas sobre nós. Que tenhamos um espírito desnutrido. Que nos recusemos a deixar de amar a ti e ao próximo. Quando tempestades nos assolarem, quando a noite for escura e a alma se angustiar, que nós, viajantes fatigados, olhemos para ti. Contemplando a luz de teu amor, que aprendamos a cantar teu cântico durante a noite. Quando o último rio gélido da morte for atravessado, que nos encontremos na companhia das testemunhas eís na vida eterna. Amém.

George Dawson (1821–1876), *Orações: antigas e modernas*, p. 333

PARA REFLETIR: 2Rs 10.12-17; Sl 133.1-3; Jo 17.6-26; 1Co 1.10; Gl 3.26-28; Ef 2.11-22; 4.11-23; Cl 3.13-14; 1Pe 3.8-9; **1Jo 4.7-8**

É um fanático intolerante aquele cujo apego ou afeiçoamento ao

próprio partido, à própria opinião, igreja ou religião é tão rígido que condena qualquer um que, embora expulse demônios em nome de Jesus, difere dele próprio. Somos culpados de intolerância quando nos recusamos a crer que qualquer um possa expulsar demônios, mesmo se diferir de nós.

Proíbo eu alguém de expulsar demônios só porque não pertence a meu grupo, não compartilha das mesmas opiniões ou não adora a Deus da mesma forma que eu? Discuto eu com ele e o incomodo? Em caso afirmativo, sou intolerante. “Examina-me, ó Deus, e conhece meu coração; prova-me e vê meus pensamentos. Mostra-me se há em mim

qualquer ‘intolerância’ que te ofende e conduz-me pelo caminho eterno.”

Não importa qual é o instrumento usado por Deus, reconheça e alegre-se pela obra do Senhor, confessando sua grandeza; louve o nome de Deus com ações de graças. Tanto quanto possível, remova todos os obstáculos à obra de Deus. Fortaleça a mão de quem Deus aprovou usar, falando bem dessa pessoa perante todos os homens; a fim de que o tiver visto realizar.

John Wesley, “Alerta contra a intolerância”, *Sermões*, sermão 38, seção 4, § 1-5

Ó Deus, tu que zeste todos os que nasceram de novo em Cristo se tornarem um povo régio e sacerdotal, concede-nos tanto a vontade quanto o poder para fazer tua vontade, a fim de que teu povo que é chamado para a vida eterna tenha uma mesma fé católica dentro do coração e piedade uniforme na vida, para a glória do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

“Pela Igreja”, *Intercessões*, em *Coletas*

antigas e outras orações, p. 99

PARA REFLETIR: Sl 26.2; 139.24; Mc 9.38-41; Lc 9.46-50; Jo 13.1-18; Rm 12.8-21; 13.8—14.23; 15.1-8; 1Co 3.1-23; 6.1-11; 12.12—13.13

27

Poetas, oradores e filósofos condenam com frequência o dinheiro como inimigo da virtude. Esse discurso é vazio; por mais corrupto que seja o mundo, a culpa não é do dinheiro. “O amor ao dinheiro é a raiz de todo mal”, não o dinheiro em si. O problema está naqueles que fazem mau uso do dinheiro. Ele pode servir a bons e a maus propósitos. Pode

prestar um serviço indizível para a humanidade. O dinheiro não passa de uma ferramenta para fazer negócios e, usado com sabedoria, também faz o bem. Na atual condição humana, o dinheiro é uma dádiva de Deus que pode servir a ns nobres. Nas mãos dos lhos de Deus, o dinheiro se torna alimento para o faminto, água para o sedento, roupa para o despido e abrigo para o estrangeiro. Defende o oprimido e dá alívio ao enfermo.

Para quem teme a Deus, existem três regras claras para o uso do dinheiro: (1) Ganhe o máximo que puder por meio de trabalho honesto.

(2) Economize o máximo que puder; não desperdice esse talento na mera grati cação da carne. As duas primeiras regras de nada valem sem a terceira: (3) Doe o máximo que puder, agindo como um mordomo con ável, não como proprietário.

John Wesley, “O uso do dinheiro”, *Sermões*, sermão 50

Ó Senhor bondoso, em quem se unem todos os tesouros do conhecimento e da sabedoria, guia-me nos caminhos da vida e livra-me dos caminhos da morte. Dá-me um espírito humilde e obediente, para que eu ajude os a itos e console os desconsolados. Perdoa-me por negligenciar esse dever cristão, e ensina-me a remir o tempo com alegre constância. Amém.

O peregrino penitente (1641), *Orações: antigas e modernas*, p. 362

PARA REFLETIR: Am 5.18—6.14; Mt 6.19-21; Mc 4.1-20; 10.17-25; Lc 12.13-21; 18.18-30; **1Tm 6.6-11**,17-19; Tg 5.1-5; 1Jo 3.17

GEORGE WHITEFIELD

(1714–1770)

Muitas são as testemunhas das habilidades de oratória de George White eld, um dos principais catalisadores do reavivamento evangélico do século 18 e o primeiro evangelista internacionalmente famoso.

Nenhuma delas é mais convincente que o relato feito por Benjamin Franklin. White eld estava angariando recursos para fundar um orfanato na Geórgia. Franklin, amigo e editor de White eld, argumentou sem sucesso que o orfanato devia se localizar na Filadél a.

“Pouco tempo depois, fui ouvir um dos sermões [de White eld].

Enquanto ele falava, percebi sua intenção de concluir com uma coleta de ofertas e secretamente decidi que ele não conseguiria nada de mim.

No meu bolso, eu tinha algumas moedas de cobre, três ou quatro dólares de prata e cinco *pistolas* [moedas espanholas] de ouro. Conforme ele prosseguia, fui amolecendo e concluí que daria as moedas de cobre.

Mais um golpe de sua oratória me deixou envergonhado disso, e resolvi dar as moedas de prata. Então ele concluiu de forma tão admirável que esvaziei os bolsos na salva de ofertas, com o ouro e tudo o mais”

(“Benjamin Franklin on Rev. George White eld, 1739”).

White eld era lho de estalajadeiros em Gloucester, Inglaterra. Seu pai morreu quando George tinha 2 anos de idade. A mãe cou sozinha cuidando da pousada. George cuidava do bar e servia bebidas aos clientes. Quando criança, lia peças teatrais e treinava dramatização. No entanto, também leu a Bíblia e Tomás de Kempis, sonhando tornar-se ministro anglicano.

Aos 18 anos, White eld entrou no Pembroke College, Oxford, onde conseguiu se manter atuando como servente dos alunos mais ricos.

Ficou impressionado com a devoção religiosa dos membros do Clube Santo quando, a caminho de receber a Eucaristia, foram zombados por

outros estudantes. O Clube Santo, fundado por Charles Wesley, adotava regras rígidas para uma vida de santidade, e os membros organizavam o tempo com rigor para estudar e praticar as disciplinas religiosas. Para escarnecer, outros alunos lhes deram o rótulo de “metodistas”.

White eld achava que era pobre demais para participar do grupo de jovens cavalheiros do Clube Santo. Todavia, conheceu Charles Wesley, que lhe deu conselhos religiosos. Em 1735, White eld entrou para o Clube e, naquele ano, passou pela experiência da conversão evangélica.

Ele nasceu de novo e “se alegrou em Deus, meu Salvador” (Kidd, *George White eld*, p. 21). Embora intimamente ligado aos Wesley, White eld divergia radicalmente no que diz respeito à predestinação. White eld seguia João Calvino, ao passo que os Wesley não.

Ele foi ordenado diácono na Igreja da Inglaterra e começou a pregar em Londres e arredores. Grandes multidões se reuniam; suas habilidades de ator eram usadas na pregação. Ele encenava a vida dos personagens bíblicos, dançando, correndo, gritando e chorando. Mas nem todos o aceitavam. Alguns o atacavam com o que vissem pela frente, jogando nele desde frutas podres até gatos mortos. Uma mulher o agrediu com os dentes. White eld, conforme Franklin observou depois, “abusava” dos ouvintes, “garantindo-lhes que eram

naturalmente *metade animais e metade demônios*”.

Em 1739, White eld começou um itinerário de pregação pelas colônias norte-americanas, iniciando na Filadélfia. Para receber a multidão, logo foram obtidos recursos para construir um auditório de 650m² (Franklin observa que o auditório não estava ligado a nenhuma denominação específica). Nova York e Nova Jersey foram outros lugares nos quais White eld pregou com sucesso.

Depois disso, White eld pregou com menos êxito pelas colônias do sul (em Charleston, ministros anglicanos o rejeitaram), até que chegou à Geórgia. Ali pregou a colonos que haviam sido libertos das prisões por dívidas na Inglaterra. As dificuldades do local, incluindo um surto de febre amarela, haviam gerado órfãos, que não tinham quem deles cuidasse. Incentivado pelos irmãos Wesley, White eld se determinou a construir um orfanato e recebeu uma doação de terra dos colonos.

Bethesda, perto de Savannah, foi fundado em 1740.

Sofrendo de asma e mal conseguindo andar em pé, White eld pregou seu último sermão em Newburyport, Massachusetts, na noite de 29 de setembro de 1770. Morreu no início da manhã seguinte. Isso deu fim à sua sétima viagem pelos Estados Unidos, onde foi ouvido por centenas de milhares, do Maine até a Geórgia, ajudando a desenvolver uma identidade norte-americana. O “Grande Itinerante” havia atravessado o Atlântico treze vezes.

28

Aqueles que caminham em santidade junto de Deus devem prestar bastante atenção não apenas à providência divina ao lidar conosco, mas também aos apelos do Espírito Santo. Os filhos de Deus são conduzidos pelo Espírito Santo. Entregam-se assim como a criança dá a mão à mãe ou aos pais. É isso que significa converter-se e tornar-se como uma criança. Ora, a mais clara manifestação possível de entusiasmo descontrolado é a permanecer guiado pelo Espírito Santo, sem

ser governado pelas Escrituras. É dever do cristão ser conduzido pelo Espírito Santo em conjunto com a Palavra de Deus escrita, que são suas ordenanças. Sempre ponha à prova as impressões e os sentimentos com base nas regras infalíveis da santíssima Palavra de Deus. Ao obedecer a esse padrão, você encontrará o caminho do meio entre dois extremos perigosos: de um lado, o entusiasmo equivocado, e do outro, uma vida desprovida da presença divina.

George Whitefield, “Caminhando com Deus”,

Sermões selecionados, sermão 2

Pai eterno, Fonte de todo ser, de quem surgi e para quem retornarei, sempre serei teu. Tu me chamarás para ti quando minha hora chegar. Bendito serei se puder dizer: “Lutei o bom combate”. Não temo a morte, ó Pai da vida, pois ela não é um sono eterno, mas sim a transição para uma nova vida, um momento de transformação gloriosa, uma ascensão rumo a ti. Como o mal poderia vir de tuas mãos? Senhor da vida e da morte, em tuas mãos estou. Amém.

Heinrich Zschokke (1771–1848), *Orações:*

antigas e modernas, p. 365

PARA REFLETIR: Ez 34.1-10; Mt 7.15; Jo 16.5-16; **Rm 8.5-17**; 2Co 11.3; 1Ts 3.6; **2Tm 1.13**; 3.1-9; **4.1-8**; Tt 2.1-5; 2Pe 1.20-21; 1Jo 4.1-5

29

Jamais devem faltar motivos para os remidos pelo sangue do Filho de Deus louvarem e adorarem a Deus. A todo instante, cenas da in nita bondade e do amor universal de Deus lhes são apresentadas. Sempre têm bons motivos para invocar os céus e a terra, falando a homens e anjos, louvando e bendizendo o Sublime e Grandioso que habita a eternidade, que faz o sol brilhar sobre justos e injustos, e que todos os dias derrama sobre todos suas bênçãos.

Em contrapartida, os interesses egoístas parecem ser o maior poder que motiva a maioria das pessoas a louvar a Deus e agradecer por sua misericórdia. A indulgência se aproxima do coração deles; acham que Deus deveria lhes favorecer acima dos outros. Por mais comum que seja o pecado da ingratidão, não há nada de que devemos pedir mais livramento.

Se, contudo, nosso coração não estiver congelado com interesses pessoais, então, como as brasas do fogo re nador, assim o amor de

Deus deve nos derreter em gratidão e amor que o louve por sua bondade, declarando as maravilhas que ele realiza pelos seus filhos dos homens.

George Whitefield, “Gratidão pelas misericórdias recebidas”,

Sermões selecionados, sermão 7

Ó Deus de toda misericórdia, que nos estende graça ao longo de todos os anos de nossa vida, agrada-te em aceitar nossa mais sincera gratidão por tuas incontáveis bênçãos, perdoados bondosamente nossos inúmeros pecados e enfermidades e derramando profusamente todas as graças e virtudes que nos tornem aceitáveis a ti. Em humildade imploramos que crescentes mais força à nossa fé, mais fervor ao nosso amor e mais perfeição à nossa obediência. Que em humilde sinceridade e constante perseverança sirvamos a ti com toda fidelidade, em nome de Jesus Cristo. Amém.

Charles Howe (1661–1745), *Orações: antigas e modernas*, p. 366

PARA REFLETIR: Sl 7.17; 9.1-14; 18.1-6; 21.13; 22.3; 30.12; 33.1-2; 107.8; Is 57.15; Ml 3.2-3; Mt 5.45; Fp 4.6; 1Ts 5.16-18

30

Alguém pode aparentar ter todos os dons do Espírito, sem possuir nenhuma de suas graças. Pode ter fé para mover montanhas, expulsar demônios e falar nas línguas dos homens e dos anjos. Mas, se esses dons não forem santificados pelo Espírito Santo, acabarão o levando diretamente para o inferno. Precisamos receber o Espírito Santo em suas graças santificadoras. “Quem não nascer de novo, não verá o reino de Deus.” Por natureza, nascemos em pecado e estamos tão longe de Deus quanto o diabo, condição da qual não conseguimos nos resgatar.

Precisamos ser renovados pelo Espírito Santo, ou seja, pela terceira pessoa da sempre bendita Trindade: coigual, coessencial, coeterno e consubstancial [de uma só essência] com o Pai e o Filho. Logo, quando somos batizados, isso se dá na natureza do Pai, na natureza do Filho e na natureza do Espírito Santo. Só nos tornamos cristãos totalmente obedientes quando somos santificados pelo Espírito de Deus.

George Whitefield, “A tolice e o perigo de não ser

suficientemente reto”, *Sermões selecionados*, sermão 9

Mediante o poderoso agir de teu bendito Espírito, ó Deus, que sejamos cada vez mais transformados e, ao m, trasladados para desfrutar de forma plena, perfeita, in nda e ininterrupta a glória contigo, ó Pai, juntamente com o Filho e o bendito Espírito, aos quais damos toda honra, poder, força, majestade e domínio, agora e por toda a eternidade. Amém e amém.

George Whitefield, “O Oleiro e o barro”,

Sermões selecionados, sermão 13

PARA REFLETIR: Êx 19.10; Lv 11.43-45; 20.7; **Jo 3.3**; 17.1-19; Rm 6.13; 12.1-8; **1Co 1.30; 13.1-3**; Ef 5.26; 1Ts 2.13; 4.3-4; 5.23-25; Hb 13.12; 1Pe 1.1-2

31

Assim como o oleiro humano precisa refazer um vaso estragado, nossa natureza depravada deve passar por uma ampla transformação nas mãos do oleiro celestial, o todo-poderoso Espírito de Deus. Nosso entendimento precisa ser iluminado; nossa vontade, razão e consciência devem ser renovadas; nossas afeições precisam ser atraídas e xadas nas coisas do alto. Uma vez que carne e sangue não podem herdar o reino dos céus, o que é corruptível precisa revestir-se de incorruptibilidade, e o que é mortal revestir-se de imortalidade. O velho necessita literalmente passar e todas as coisas, o ser completo, ser renovado. Essa mudança se chama arrependimento, conversão, regeneração — escolha o nome que quiser. A Bíblia chama esse processo de santidade, santi cação, nova criação. Nosso Senhor o chamou de “novo nascimento” ou “nascer de novo”, ou “nascer do alto”.

Não se trata de mera linguagem gurada ou de uma mudança relativa associada ao batismo. O vocabulário retrata uma mudança verdadeira e moral do coração e da vida, uma participação verdadeira da vida divina na alma do ser humano. A menos que a pessoa experimente o poder e a e cácia da regeneração, nada do aprendizado ou crítica pela qual ela passar a isentará da danação verdadeira.

George Whitefield, “O Oleiro e o barro”,

Sermões selecionados, sermão 13

Ó Pai todo-poderoso, nós somos o barro e tu és o Oleiro. Informes nós nos colocamos em tuas mãos. Que cada cruz, cada a ição, cada tentação sejam subjugados diante da impressão de tua bendita imagem no caráter cada vez mais vivi cado de nosso coração. Amém.

George Whitefield, “O Oleiro e o barro”,

Sermões selecionados, sermão 13

PARA REFLETIR: Sl 51.10-12; Jr 18.1-6; Lc 21.19; Jo 3.1-21; Rm 5.1-21; 12.1-2; 1Co 15.50-53; 2Co 4.1-18; 5.11-21; Gl 2.20; 5.19-26; 1Pe 1.13-16; 2.1-3; 5.9-12; 1Jo 2.28—3.10

32

Você é lho de Deus? Converteu-se e tornou-se como uma criancinha?

Então lide com Deus como seus lhos lidam com você. Assim que precisam de algo ou cam em perigo, eles correm diretamente para sua direção. Bem, você é lho de Deus. Satanás o perturba? O mundo o angustia? Então leve sua preocupação diretamente para o Pai celestial.

Talvez você diga: “Não consigo me dirigir a Deus com eloquência”.

Você espera que seus lhos usem linguagem so sticada quando vêm lhe contar seus problemas? Não! Eles vêm chorando, muitas vezes falando as palavras pela metade. Acaso seu Pai celestial não tem in nitamente mais empatia por você do que você por seus lhos? Se você zer um sinal de apelo a seu Pai celeste, ele será “como um pai para seus lhos, bondoso e compassivo para os que o temem”. Portanto, seja ousado com seu Pai celestial. Diga para ele: “Aba, Pai, Satanás me perturba. Pai celestial, defende minha causa!”.

George Whitefield, “Marcas da conversão verdadeira”,

Sermões selecionados, sermão 23

Ó meu Deus, somente tu és totalmente sábio e onisciente! Creio que tu sabes o que é melhor para mim. Creio que me amas mais do que eu amo a mim mesmo, que és todo-sábio em tua providência e todo-poderoso em tua proteção. Eu te agradeço de todo o coração por teres me tirado de minha própria guarda e me chamado a colocar-me em tuas mãos. Não há nada mais que eu possa pedir. Por tua graça, eu te seguirei aonde quer que fores, e não tentarei car à frente do caminho. Aguardarei tua orientação e, ao obtê-la, espero agir com simplicidade e sem temor. Amém.

John Henry Newman (1801–1890), *Orações:*

antigas e modernas, p. 343

PARA REFLETIR: Sl 103.14; Is 64.8-9; Mt 6.5-15,26; **7.9-11**; 18.12-14; Lc 6.35-36; 12.32; 15.4-7; Jo 14.1-2; 15.9; Rm 8.35-39; Ef 2.1-10; 1Jo 3.1-9

33

As Escrituras nos ordenam a nos despirmos do velho eu pecaminoso e nos revestirmos da “nova natureza, criada para ser verdadeiramente justa e santa como Deus”. Ora, é preciso admitir que esse é um desafio e tanto. Mas não é impossível. Muitas almas felizes foram auxiliadas pelo poder divino para que isso acontecesse. Então por que deveríamos nos desesperar pelo sucesso? A mão de Deus é curta demais para salvar?

Acaso ele é o Deus apenas de nossos pais? Não seria também o Deus dos Ihos deles? Sim, sem dúvida, dos Ihos também!

Essa tarefa nos causará certa dor, pois exigirá que deixemos de lado algumas das aspirações mais estimadas, quem sabe o afastamento de um amigo, a crucificação de uma paixão escondida da qual tanto gostamos, talvez tão difícil de abandonar quanto cortar fora a mão ou arrancar um olho. Mas e aí? Não seremos membros reais e vivos da família de Cristo, Ihos de Deus, herdeiros do reino dos céus? Certamente que sim!

George Whitefield, “Sobre a regeneração”,

Sermões selecionados, sermão 49

Ó Senhor, meu Deus, aperfeiçoa em nós tamanha perseverança que não nos apressemos em fugir da labuta, da solidão ou do sofrimento; antes, que sempre tenhamos pressa de servir-te, agradar-te e, quanto desejares, ir para o lar em tua bendita presença. Amém.

Christina Georgina Rossetti (1830–1894), *Orações:*

antigas e modernas, p. 363

PARA REFLETIR: Sl 119.33-40; Is **59.1**; Jr 29.11-14; Mt **5.29**; 6.25-34; Lc 6.46-49; Rm 6.1-14; Gl 5.16-26; 6.7-10; Ef 3.14-21; **4.24**; Cl 1.9-14

34

Se não houvesse nenhuma outra recompensa da conversão cristã completa além da paz com Deus “que excede todo entendimento”, já

teríamos razões mais que suficientes para nos alegrar. Mas quando percebemos que esse é apenas o princípio de uma sucessão eterna de alegrias no Senhor, que o dia de nossa morte será como o primeiro dia de nosso nascimento, um dia que revelará um panorama eterno de alegria, em suma, que aqueles que nascem do alto têm um título que lhes dá direito a todas as provisões gloriosas do evangelho, têm a certeza infalível de ser redimidos aqui e além da maneira que somente um Deus pleno de sabedoria, graça e poder é capaz de fazer, sou forçado então a concluir que todos que têm pelo menos um mínimo de preocupação pela própria salvação, após receber tais promessas, tal esperança e tal eternidade de alegria, jamais devem deixar de vigiar, orar e labutar até passar por uma mudança interna verdadeira e salvadora no coração, com a certeza de que habita em Cristo e Cristo nele. É nova criatura e lho de Deus; já é herdeiro e, muito em breve, tomará posse do reino.

George Whitefield, “Sobre a regeneração”,

Sermões selecionados, sermão 49

Ó Deus, nossa Vida Verdadeira, em quem e por meio de quem todas as coisas existem, que por intermédio de teu Espírito nos convida a te buscar, e que estás sempre pronto a ser achado: conhecer-te é vida, servir-te é liberdade, louvar-te é a alegria e felicidade da alma. Amém.

Extraído de *Serviços para o culto congregacional*,

PARA REFLETIR: Jo 3.3; 14.1-4; 17.24; 1Co 15.35-38; 2Co 5.1-10,17; Ef 1.18-19; Fp 4.4-7; Cl 1.3-6; 3.1-4; Hb 10.24; 1Pe 1.3-5; 2Pe 1.10-11; Ap 3.21; 21.1-5; 22.1-5

35

Os cristãos são “o templo do Deus vivo” — Pai, Filho e Espírito Santo.

O Deus trino que outrora decidiu criar o mundo se comprometeu e se envolveu na mesma proporção com a obra redentora. Em ação específica, o Pai cria, o Filho redime e o Espírito Santo santifica, mas tudo isso corresponde à obra de um Deus trino. Mediante o sacrifício livre, voluntário e irrestrito de si mesmos, os que fazem parte do povo de Deus se entregam por completo àquele que os amou e por eles se entregou.

Essa é a religião verdadeira e não contaminada na presença de Deus; é o serviço cristão racional, que a Palavra do Senhor requer de nós. Exige nada menos que a renúncia total ao mundo como nosso primeiro amor.

A entrega transforma a vida cristã inteira em um serviço contínuo de amor a Deus. Quer coma, quer beba, a pessoa tudo faz para a glória de Deus. Para tornar-se um templo do Deus vivo, renunciando ao mundo como nosso primeiro amor, não é necessário entrar para um mosteiro ou convento. É possível ser templo do Espírito Santo na sociedade, em meio às atividades da vida. Esse tipo de religião pode ser igualmente praticado por poderosos ou humildes, ricos ou pobres. Requer um desempenho igual de responsabilidades, independentemente da posição de vida na qual Deus nos coloque.

George Whitefield, “Cristãos, templos do Deus vivo”, *Sermões selecionados*, sermão 50

Ó Pai celestial, Autor e Fonte de toda verdade, Mar inesgotável de todo entendimento, faz que o Espírito Santo se sinta à vontade em nosso coração, e ilumina nossa compreensão com o brilho de tua graça celeste. Pedimos isso, ó Pai misericordioso, em nome de nosso querido Salvador Jesus Cristo. Amém.

Nicholas Ridley (1500–1555), *Orações:*

antigas e modernas, p. 246

PARA REFLETIR: Mt 3.16-17; 28.19-20; Lc 14.28-32; Jo 15.26; Rm 12.1-2; 2Co 4.6; 6.16; 13.14; Gl 2.10; 2Tm 2.1-7; Tg 1.27; 1Pe 4.1-11; 2Pe 3.10-18; Jd 1.20-21

JOHN WOOLMAN

(1720–1772)

Um dos acontecimentos mais importantes da era moderna foi o m no Ocidente da escravidão institucionalizada (quando, por lei, uma pessoa podia possuir e vender a vida, sorte e liberdade de outra). As engrenagens que giraram para levar à abolição incluíram religião, argumentos morais, questões econômicas, legislação, literatura e também coerção. Os métodos eram variados, sendo um deles a persuasão moral, exercida por muitos quacres (Amigos), em oposição à crítica ferrenha. John Woolman, homem gentil mas determinado, é um nobre exemplo. Ele observou que a abolição da escravatura seria difícil para os proprietários de escravos. Mas quando o interesse próprio retrocedesse, quando o dono de escravos deixasse de lado o desejo de ter propriedades que necessitassem de escravos e aceitasse os argumentos morais que tornavam a escravidão inadmissível, tal sistema teria m (*Diário*, cap. 5, agosto de 1758).

John Woolman nasceu em uma família quacre em Burling ton County, West Jersey. Frequentou a escola com índios e crianças quacres . Após trabalhar por vários anos em fazendas, tornou-se funcionário em uma loja de Mount Holly e aprendeu o ofício de alfaiate.

John exerceu suas habilidades de liderança atuando como ministro do Encontro Mensal de Amigos de Burlington. Desde jovem, começou a duvidar que a escravidão pudesse ser harmonizada com a fé cristã.

Como sabia escrever bem, com frequência elaborava documentos legais.

Em 1742, seu patrão, um Amigo, pediu a João que elaborasse um contrato de venda de uma escrava. Ele acatou o pedido, mas ao pegar a pena sentiu uma onda de repulsa moral e protestou, a rmando sua crença de que a escravidão era incoerente com a religião cristã. Em

outra ocasião, recusou-se a redigir a parte de um testamento que deixaria um escravo para o lho de seu proprietário.

Como era o costume de muitos membros da Sociedade dos Amigos na época de Woolman, ele fazia “jornadas de ministério” para outras

reuniões anuais. Começou a escrever seu *Diário*, um clássico da literatura em língua inglesa, em 1756. Em 1746 e 1757, viajou a pé e sem dinheiro para o encontro dos Amigos em Maryland, Virgínia, e Carolina do Norte, onde deparou com a escravidão como “trevas melancólicas que cobriam toda a terra” (Whittier, “Uma palavra de apreço”, parte 1, em *Diário*, introd.). Ao apelar para a consciência dos proprietários de escravos, Woolman falava dos males da escravidão, com frequência de maneira inofensiva. Por vezes, porém, usava o tom de um profeta do Antigo Testamento (*Diário*, cap. 10). Seus escritos destacam repetidamente a complexa rede econômica encontrada no regime escravo.

Woolman exerceu influência significativa em convencer a Sociedade dos Amigos quanto aos males da escravidão. Em 1758, a Reunião Anual da Filadélfia formou uma comissão para visitar e convencer os quacres proprietários de escravos a dar fim a essa prática. John foi um dos membros estratégicos desse grupo.

Em julho de 1763, profundamente incomodado pela guerra entre índios e ingleses em Fort Pittsburg, e com “amor no coração pelos nativos desta terra os quais há muito habitam nas montanhas”, Woolman e três amigos zeram uma perigosa jornada de onze dias para Wehalaosing, cidade indígena no norte da Pensilvânia, às margens do rio Susquehanna. O relato cativante de sua jornada e do ministério de

“amor evangélico puro” e “cuidado celeste” por intermédio do “Espírito Santo” aos habitantes de Wehalaosing se encontra registrado no *Diário* (cap. 8).

A última jornada de Woolman foi para a Inglaterra (1772). Durante a viagem, ele abriu mão de uma cabine mais cara e, em vez disso, dormiu em meio aos “marinheiros pobres” na proa (*Diário*, cap. 11). A princípio, os participantes da Reunião Anual de Londres não se impressionaram com aquele homem simples dos Estados Unidos. Mas, à medida que falava, seu espírito e sua convicção conquistaram o apoio para firmar uma declaração condenando o regime escravagista. Ao m

da Reunião Anual de Londres, Woolman fez uma jornada para York, encontrando-se com Amigos pelo caminho. Contraiu varíola em setembro, e acabou morrendo em 7 de outubro de 1772.

Deus pôs em meu coração, na convicção de que ele comunicaria o mesmo para cristãos sinceros e retos. Os filhos de Deus podem diferir em entendimento, e talvez nem todos tenham alcançado a maturidade cristã. Contudo, em todas as eras, quando as pessoas são éis à luz e ao entendimento que o Altíssimo concedeu, encontram favor junto dele.

Embora existam diferenças entre os cristãos referentes a questões específicas, se conservarmos o espírito e o poder que crucifica o mundo, espírito e poder que nos ensinam a ficar contentes em receber aquilo de que verdadeiramente necessitamos, se recusarmos buscas superciais e nos comprometermos com temer e servir ao Senhor, então a verdadeira união será preservada. Nem mesmo os mártires que entregaram a vida em testemunho a Jesus concordavam em todos os pontos doutrinários.

Se aqueles cuja consciência os leva a discordar acerca de qualquer doutrina pequena permanecerem humildes, manifestando um espírito de verdadeira caridade, estarão mais dispostos a ouvir o testemunho cristão de outros e servirão melhor tanto a Cristo quanto a sua igreja no mundo.

John Woolman, *Diário*, cap. 6, julho de 1759

Ó Deus, fonte de toda vida e alegria, enche-nos com teu Espírito e poder, para que sejamos libertos da inveja, da ira injusta e da atitude rancorosa contra aqueles que nos ofendem. Livra-nos, ó Senhor, de ambições egoístas e da ganância, que geram medo e desespero, impedindo-nos de receber a plenitude de vida que desejas para todas as pessoas. Livra-nos, ó Senhor, de um espírito ansioso, do desânimo, da tristeza e do esquecimento de tuas múltiplas misericórdias. Amém.

Extraído de *Serviços para o culto congregacional*, citado em Harvard Square Library

PARA REFLETIR: Sl 133.1-3; Jo 13.34; At 4.32; Rm 16.17-19,25-27; 1Co 1.10-17,26—2.5; 3.3; Ef 1.22-23; Fp 1.4; 2.1; Cl 1.24; 1Jo 2.28—3.6

37

(Os pensamentos a seguir foram redigidos nos rincões da Pensilvânia, em 1763, depois de Woolman ter observado guerreiros indígenas voltando de um conflito entre tribos, muitos deles gravemente feridos, e comerciantes brancos tirando vantagem dos nativos.) Senti o forte impulso de atender à pura retidão universal, a mim de jamais dar nenhuma causa justa para ofender os que não professam o

cristianismo, sejam escravos africanos, sejam índios americanos. Fui conduzido a um intenso exame de mim mesmo, para ver se havia me livrado das coisas que causam guerra e com isto. Resolvi que, no futuro, eu me entregaria à verdade pura, vivendo e andando como seguidor sincero de Cristo. Lamentei os males que acompanharam a busca inglesa cobiçosa por prosperidade e luxo, bem como as tragédias decorrentes disso. Eu precisaria dedicar atenção constante ao amor e à sabedoria divina, para mostrar a eles um modo de vida responsável diante de um Deus bondoso, cheio de graça e poder, que tem igual consideração por toda a humanidade. Como mensageiro el, devo labutar para impedir o crescimento dessas sementes de injúria, a m de que não amadureçam para a ruína de nossa posteridade.

John Woolman, *Diário*, cap. 8, 13 de junho de 1763

Fala, Senhor, pois teu servo ouve. Concede-nos ouvidos para ouvir, olhos para enxergar, força de vontade para obedecer e coração para amar. Então declara tua vontade, revela tua vontade e exige tua vontade. Amém.

Christina Georgina Rossetti (1830–1894), *Orações:*

antigas e modernas, p. 340

PARA REFLETIR: Sl 19.12; 26.2; 51.1-19; 139.1-24; Mt 7.1-5; Lc 6.36-42; Rm 12.3; 1Co 13.5; Gl 6.3-5; Tg 1.19-27; 3.1-18; 1Pe 1.13; Ap 2.12—3.22

38

Existe um *princípio de liberdade* puro e inato na mente humana. Em diferentes eras e lugares, recebeu ele diferentes nomes. Esse princípio provém de Deus. É profundo e interno; não se con na a nenhuma religião, nem se exclui de nenhuma delas. Onde quer que receba oportunidade, o princípio cria raiz e cresce. Quando se desenvolve e é usado da melhor maneira, as pessoas se tornam irmãs e irmãos. Mas, quando desenvolvemos costumes que atendem a comodidade e

interesses próprios em con ito com esse princípio in nito, aderimos a formas de governo que rejeitam a obediência ao Deus em cujo serviço a liberdade é exercida.

Aquele que força outro a servi-lo contra a própria vontade, que se recusa a pagar salários justos, ou que trata outro ser humano como se este não fosse livre destitui tal pessoa do justo benefício por seu labor.

Mesmo se tais injustiças estiverem estabelecidas pela lei, ainda assim

roubam o espírito do outro, como o frio congela a água. Tal conduta contamina a mente das crianças que observam e as fecha contra o impulso gentil da liberdade natural e irrestrita.

John Woolman, *Obras*, p. 325-326

Ó Senhor, nosso Deus Todo-poderoso, dirige nossos passos no caminho da paz e fortalece nosso coração para discernir tua vontade e a ela obedecer. Que neste dia a aurora que vem do alto nos visite e ilumine os que se assentam nas trevas e na sombra da morte, para que as pessoas te adorem por tua misericórdia, te sigam por tua verdade e te desejem por tua santidade, um só Deus, para sempre bendito.

Amém.

Intercessões, em *Coletas antigas e outras orações*, p. 126

PARA REFLETIR: Êx 12.31-51; 22.21-22; Lv 19.15; Sl 12.5-6; Am 4.1-13; 5.7-17; Mq 6.6-16; **Lc 1.78**; 16.19-31; Gl 5.1; Tg 5.1-6

39

Quão agradável para a harmonia da sociedade é a exortação do apóstolo:

“Não procurem apenas os próprios interesses, mas preocupem-se também com os interesses alheios. Tenham a mesma atitude demonstrada por Cristo Jesus”. Aquele que desfruta prosperidade material pode ter habilidade de adquirir riquezas. Ainda assim, pode possuir a mesma atitude de Cristo: um coração terno para com as pessoas de baixa posição. Em vez de se exaltar, pode entender seu sucesso como um favor não merecido de Deus. Pode aproveitar as oportunidades para afastar sua família das armadilhas da riqueza. Com generosidade, pode dedicar tempo para cuidar das necessidades dos pobres e demonstrar um exemplo de humildade, dando puro

testemunho de sua fé.

Embora Cristo possuísse a riqueza da divindade e fosse mais abastado que qualquer príncipe terreno, ainda assim portava-se com amor infinito, não assumindo a natureza dos anjos, mas tornando-se companheiro dos pobres, dos presos na obscuridade. Ele enfrentava as lutas comuns que acompanham a vida humana.

John Woolman, *Obras*, p. 363

Pai celestial, nós nos alegramos na bendita comunhão de todos os santos, a igreja militante e triunfante. Nós te agradecemos por nossa esperança em comum e pela promessa de alegria eterna. Que a incontável companhia dos que se foram antes de nós seja exemplo de uma vida piedosa, para que, com perseverança, corramos a corrida à nossa frente, olhando para Jesus, o Autor e Consumador de nossa fé. Que obtenhamos entrada no reino eterno, a assembleia gloriosa dos santos, para prestar culto e adoração a teu glorioso nome. Amém.

Livro de orações (1851), *Orações: antigas e modernas*, p. 359

PARA REFLETIR: Mt 18.15-17; Jo 13.35; Rm 12.9-21; 1Co 13.1-13; **Fp 2.1-11**; Hb 10.24; 13.1-3; 1Pe 4.7-11; 1Jo 4.7-12; 5.1-5

40

Descobri que, quando sou obediente ao Senhor, minha mente aprende a demonstrar contentamento mesmo que pareça fraca e tola segundo a sabedoria deste mundo. Aqueles que encontram seu local de labor colocando-se primeiro ao pé da cruz serão alimentados em profusão pelo Cristo sofredor. Ao pé da cruz, o olho foca e o entendimento se mantém claro. O eu sai do caminho, e podemos nos alegrar em assumir o sofrimento de Cristo em prol de seu corpo, a igreja.

O homem natural prefere a eloquência — incluindo orações eloquentes — a viver ao pé da cruz. A menos que prestemos a devida atenção aos dons que vêm da cruz, podemos cansar-nos do Cristo sofredor, envergonhar-nos dele e, sem dúvida, enfraquecer cada vez mais. Então acenderemos para nós um fogo que será luz no caminho.

Mas tal luz conduzirá para longe da cruz, na direção da falsa sabedoria deste mundo. Quem é de Deus se demora ao pé da cruz; quem é do mundo corre para a sabedoria do mundo.

John Woolman, *Obras*, p. 243-244

Deus, dá-nos graça para que recusemos tudo o que não vem de ti, por meio de ti e para tua glória. Que mediante nosso Senhor Jesus Cristo, o Caminho Vivo, permaneçamos em amorosa obediência com aquele que, juntamente com o Pai e o Espírito Santo, é nossa Cabeça, o desígnio e objetivo de nossa vida, bem como a plenitude de toda a criação. Amém.

Edward Bouverie Pusey (1800–1882), “Para a Quaresma”,

Orações, p. 13

PARA REFLETIR: Mt 10.37-39; 16.13-18; Lc 14.26-35; Rm 6.14; 1Co 1.17-31; Gl 6.14-16; Fp 2.8; 3.12-16; Cl 1.1-23; Hb 12.1-15

41

(A oração de John Woolman no leito de morte.)

Ó Senhor, meu Deus, os temíveis horrores das trevas se reuniram à minha volta, cobrindo-me por inteiro. Eu não via como prosseguir; sentia a profundidade e a extensão da miséria das outras criaturas separadas da harmonia divina. Sobrecarregado pelo peso disso tudo, era mais do que eu podia suportar. Levantei a mão e estendi o braço, mas ninguém estava ali para me ajudar. Olhei ao redor e me senti tomado pelas profundezas de minha miséria.

Ó Senhor, eu me lembrei de que és onipotente e de que eu te chamo de Pai. Lembrei-me de que te amo, e então silenciosamente me resignei à tua vontade. Aguardei o livramento que vem de ti. Tu te compadeceste de mim quando nenhum ser humano era capaz de ajudar. Vi que a mansidão diante do sofrimento seguia o modelo do sofrimento de teu Filho. Então tu me ensinaste a seguir meu Salvador e orar: “Seja feita a tua vontade, ó Pai”.

John Woolman, *Obras*, p. 245-246

Concede, Deus todo-poderoso, que dependamos completamente de teu amor paterno e que aspiremos à plenitude da alegria eterna, por meio de tua bondade e gentileza imensurável que já dissesstes estar pronta, ofertada a todos que, de coração sincero, te adoram, te invocam e correm para ti, por meio de Cristo, nosso Senhor. Amém.

João Calvino, *Oseias* palestra 7

PARA REFLETIR: Sl 18.1-50; 25.6; 40.1-5; 56.3-4; 91.1-16; 118.1-9; Is 12.2; Hc 3.16-19; Rm 8.28-39; 15.13; 2Co 1.3-4; Fp 4.6-7; Hb 4.6-7

JOHN CARROLL

(1735–1815)

A compreensão do papel desempenhado por John Carroll em moldar a Igreja Católica Romana nos Estados Unidos pode ser encontrada em Romanos 8.28: “Sabemos que Deus faz todas as coisas cooperarem para o bem daqueles que o amam”. John Carroll, jovem erudito norte-americano que estudou e lecionou fora do país, entrou para a ordem dos jesuítas em 1753. Em 21 de julho de 1773, por motivos ligados

principalmente a questões políticas europeias, o papa Clemente XIV

(1705–1774) aboliu os jesuítas (a Sociedade de Jesus), pondo um fim temporário a seus ensinamentos e esforços missionários. Aquilo que, para Carroll, pareceu uma interrupção sem sentido e até mesmo escandalosa de seu serviço a Cristo seria superado por seu papel moldador da Igreja Católica Romana nos Estados Unidos e por sua ajuda para garantir que houvesse tolerância religiosa na nova nação.

John Carroll nasceu em Upper Marlboro, Maryland, em um lar católico. Aos 13 anos, foi estudar no Colégio St. Omer, na Flandres francesa. Em 1755, começou os estudos de filosofia e teologia em Liège, na Bélgica, onde foi ordenado padre, provavelmente em 1769. Ao longo dos quatro anos seguintes, ensinou teologia e filosofia em St. Omer, Liège, e em Bruges. Em julho de 1773, ao fim de um ano viajando pela Europa, acompanhando o filho de um nobre inglês, Carroll se encontrava em Roma enquanto se desenrolavam os esquemas que culminariam com a proibição da ordem dos jesuítas. O breve de supressão (documento papal formal) de Clemente deixou John profundamente perturbado e amargurado, além de torná-lo alvo de perseguição, por fazer parte dos jesuítas que ainda restavam. Em 1774, voltou para Maryland, sua terra natal, “um homem de quarenta anos desgastado pelas vicissitudes da vida” (Guilday, *Life and Times of John*

Carroll, p. 54). No entanto, os acontecimentos subsequentes demonstraram o gênio de Carroll para organização. Ele formulou princípios e lançou alicerces que possibilitaram a expansão e consolidação da Igreja Católica Romana nos Estados Unidos (Melville, *John Carroll of Baltimore*).

Mesmo sem o apoio financeiro de seu superior em Londres, John começou um vasto ministério missionário em Maryland e no norte da Virgínia. Construiu uma pequena capela em seu estado natal. Pregava com deliberação, ministrava a Eucaristia, visitava os doentes, realizava casamentos, catequizava os jovens e continuou a ler muito.

Em 1776, em apoio à Revolução Americana, Carroll acompanhou Benjamin Franklin e outros até o Canadá, numa fracassada tentativa de conquistar o apoio dos católicos franceses. Quando George Washington se tornou presidente, Carroll lhe escreveu garantindo o apoio dos católicos do país. Em resposta, Washington elogiou os católicos pelo

“papel patriótico que desempenharam” na Revolução (Guilday, *Life*

Em 6 de junho de 1784, Roma nomeou Carroll o superior das missões nos Estados Unidos, função semelhante à de um bispo. Em 1785, ele foi designado bispo da Igreja Católica Romana no país. Para se resguardar da aparência de ser dominado por um poder estrangeiro, Carroll obteve aprovação para ter a autonomia de escolher os o ciais da igreja. Em Baltimore, a residência episcopal de Carroll, tanto protestantes quanto católicos eram atraídos por suas pregações. Ele desempenhou papel ativo na vida cívica da cidade, fundando escolas e atuando em comissões e conselhos diversos. Em 1791, fundou o Colégio e Seminário St. Mary, para formação de novos padres. O bispo Carroll foi in uente em garantir para a nova nação uma cláusula constitucional de proteção à liberdade religiosa. A garantia na Constituição de que jamais será exigida uma prova religiosa para a ocupação de cargos públicos (artigo VI, seção 3) se deve, em parte, ao bispo Carroll.

Em 1808, tornou-se arcebispo. O cardeal Timothy M. Dolan resume

o impacto de Carroll: “Seu zelo se concentrou em três áreas: o estabelecimento de uma estrutura eclesiástica, a promoção do ensino católico e o engendramento de um catolicismo respeitado, con ante e

confortável em uma república tão recente e cheia de suspeitas em relação à eurocêntrica Igreja Romana” (Dolan, “Right from the Start”).

O bispo Carroll conduziu a vida e o ministério com base no que era melhor para a igreja e a nova nação. Seus sermões, que integram o acervo da biblioteca da Universidade de Georgetown, dão apoio ao testemunho que Carroll proferiu, pouco antes de sua morte, a um religioso protestante que o admirava: “Senhor, minhas esperanças sempre estiveram xas na cruz de Cristo” (O’Donovan, “John Carroll”).

42

Chegada a hora de Jesus subir ao Pai, os discípulos caram deprimidos.

Foi amarga a ideia de se separar daquele a quem amavam, do baluarte contra suas fraquezas, do centro de suas esperanças. Atento ao sofrimento dos discípulos, Jesus prometeu que, após retornar para o Pai, ele enviaria um Consolador, o Espírito Santo, que os guiaria em toda verdade. Restauraria a coragem desfalecida e habitaria com eles até o m do mundo. A promessa se cumpriu no mistério que comemoramos

hoje. Neste dia, o Espírito de Deus, a Fonte de nossa santificação, desceu e enriqueceu os discípulos com seus dons. Por sua múltipla graça, formou neles as mais perfeitas virtudes cristãs. As bênçãos do Pentecostes não se con naram aos apóstolos. Elas são perpétuas para os discípulos de Jesus. O Espírito nos preenche o coração com dons, nos adorna com belos ornamentos, nos revigora com seu poder e nos atrai para si com seu amor intenso. As consequências de sua vinda devem ser proporcionalmente as mesmas para os apóstolos. Devemos re etir em como os apóstolos se portaram após receber o Espírito Santo e então comparar a vida deles com a nossa.

Arcebispo John Carroll, SJ, sermão pregado no domingo de

Pentecostes [s.d.], *Sermões católicos americanos*, vol. 16

Pai celestial, tu foste el ao enviar sobre os discípulos o prometido Espírito Santo, o Consolador, no fogo in amado do santo amor. Concede à tua igreja fervor na unidade da fé, para que, habitando cada vez mais em ti, teu povo seja constante na fé cristã e ativo na fé que opera mediante o amor, por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

“Tempo de Pentecostes”, Orações para datas sagradas,

Coletas antigas e outras orações, p. 63

PARA REFLETIR: Lc 4.1-3; Jo 7.37-40; **14.15-27; 16.5-15**; At 2.1-12; Rm 8.1-17; 1Co 2.1-16; 12.1-13; Gl 5.16-26; Ef 1.15-23; 6.10-18

43

Não deveríamos nos surpreender quando a igreja conclama seus lhos éis a continuar na mais pura alegria por causa da ressurreição de seu Redentor. Não há nada mais agradável e fortalecedor que estar convicto de que a vida triunfou gloriosamente sobre a morte por meio do único em quem depositam sua esperança. Aquele que conduz sua vida colocando a esperança cristã no rme solo da ressurreição de Jesus Cristo — hoje sentado à direita do Pai, reinando para sempre — não encontrará inimigo capaz de superar a alegria cristã.

Cristo ressuscitou dos mortos, não simplesmente para si, mas para proteger seus discípulos do desespero, para torná-los plenos e fortes com o Espírito Santo prometido.

Se o patriarca Jacó se alegrou ao ver seu lho José vivo, trabalhando em toda a ilustre majestade que o Egito podia oferecer, qual deve então ser a disposição da alma piedosa que contempla a glória do

Senhor e Redentor ressurreto, que, dos ilimitados recursos do Pai, cura suas enfermidades, os consola em tempos de a ição, os defende de todos os tipos de perigos e ministra paz e esperança na hora da morte?

Arcebispo John Carroll, SJ, sermão (1756),

Sermões católicos americanos, vol. 16

Que nosso Senhor Jesus Cristo e Deus nosso Pai, que nos amou e por sua graça nos deu ânimo eterno e boa esperança, encorajem nosso coração e nos fortaleçam em toda boa ação e toda boa palavra. Amém.

PARA REFLETIR: Mt 28.8; Lc 2.25-32; 15.1-24; 24.21; Jo 14.15-21; Rm 8.28-39; Ef 1.3-14; Cl 3.15-17; 1Ts 2.13-15; Hb 13.20-21; 1Pe 1.8-9

44

Jamais o orgulho e o espírito de ambição se manifestavam de forma tão gritante do que quando o fariseu entrava no templo para orar. Sua oração o exaltava e o fazia se lembrar de suas ctícias vantagens no céu.

Longe de ser superior aos outros, sua ambição e presunção o impediam de se enxergar e de conhecer a Deus. Dois pecados se levantam juntos: ambição perante Deus e presunção da própria justiça. Ambos são repugnantes aos olhos do Senhor. Não contente em se recomendar a Deus, o fariseu ia mais longe, a rmando ter uma vantagem sobre os outros. Coberto de orgulho e autoestima, avançava até a frente do altar.

Na verdade, tais orações o colocavam abaixo dos publicanos. Seus vícios detestáveis envolviam declarar igualdade com Deus. Para encontrar suas origens, devemos voltar a nossos primeiros pais; eles aspiraram ser o que não eram e, por isso, foram privados daquele estado feliz de graça para o qual foram criados.

Em contrapartida, o publicano, em total consciência de sua indignidade, parou à porta do templo. Ele se contentava em ser um devedor penitente, em implorar perdão pelos pecados e em permanecer na ignorância quanto ao pecado dos outros.

Arcebispo John Carrol, SJ, sermão [s.d.],

Sermões católicos americanos, livro 1

Concede, Deus todo-poderoso, que teu Espírito destrua a maldade em nosso coração e nos restaure uma mente sensata, a fim de que nos apeguemos a ti com o coração verdadeiro e sincero. Assim, fortalecidos por tua defesa, continuemos seguros mesmo em meio a todos os tipos de perigo, até que, por fim, tu nos reúnas no bendito descanso, que preparaste para nós no céu, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo.

Amém.

João Calvino, *Oseias* palestra 2

PARA REFLETIR: Mt 20.20-28; Mc 10.35-45; Lc 1.46-55; **18.10-14**; 19.1-10; Jo 13.1-17; Rm 3.21-31; 5.1-5; Tg 3.13—4.6; 1Jo 2.16; Ap 3.14-18

WILLIAM WILBERFORCE

(1759–1833)

As ações de William Wilberforce ilustram como o político cristão pode lançar mão dos instrumentos do governo civil a fim de promover avanços morais e estruturais na sociedade. Sua jornada exhibe o mistério, a grandeza e o poder da graça de Deus.

Wilberforce nasceu em uma rica família mercantil em Hull, East Yorkshire, na Inglaterra. Sua educação formal começou na cidade de Hull, sob a tutela de um ministro evangélico anglicano. Os colegas de sala de Wilberforce amavam ouvi-lo ler com sua “voz melodiosa”

(Collier, *Memórias de William Wilberforce*, p. 11). Quando William tinha 9 anos de idade, seu pai morreu e a amável criança foi enviada para morar com os tios em Londres. Eles eram cristãos evangélicos. Ali Wilberforce entrou em contato com George Whitehead e John Newton. Aos 12 anos, professou a fé em Cristo. Mas sua mãe, temendo os perigos do entusiasmo religioso, temperou o zelo de William, afastando-o da influência evangélica do tio.

Em 1776, Wilberforce ingressou no St. John’s College, em Cambridge, abandonando a fé evangélica em favor dos suntuosos prazeres públicos. A diversão lhe interessava mais que os estudos, até que ele mais tarde se esforçaria para compensar. Desfrutando a segurança da riqueza, transparecia as características de um líder. Era inteligente, gregário, reservado, espirituoso, arguto e eloquente.

Enquanto estava em St. John, Wilberforce se decidiu por uma carreira no serviço público. Travou uma amizade inseparável com William Pitt

(1708–1778), que logo se tornaria primeiro-ministro da Grã-Bretanha.

Em 1780, Wilberforce foi eleito membro do Parlamento. Em 1784, fez uma viagem pela Europa, acompanhado por Isaac Milner, ministro anglicano e brilhante cientista de Cambridge. Wilberforce cou

surpreso com as convicções evangélicas de Milner e perplexo ao perceber que uma pessoa com tantas conquistas intelectuais pudesse, ao mesmo tempo, defender a fé evangélica. Enquanto viajavam, leram e debateram *Ascensão e progresso da religião na alma*, de Philip Doddridge.

Após voltar para Londres, Wilberforce e Milner leram o Novo Testamento em grego. As verdades da Bíblia começaram então a “tomar posse da alma de William”, expondo como ele havia desperdiçado oportunidades e talentos (Collier, *Memórias*, p. 42). Por m, a graça e a fé o levaram à certeza do novo nascimento em Cristo; ele recebeu a

“consolação do evangelho” (p. 44). Depois disso, aconselhou-se com John Newton, que rearmou a fé de Wilberforce. Newton tinha a esperança de que os dons do estadista “ainda pudessem ser consagrados ao serviço de Cristo” (p. 48). Tal esperança se cumpriu em produção. A oração constante de Wilberforce era que “mantivesse os olhos xos em Jesus” (p. 55).

Após um período de exame e oração, Wilberforce concluiu que Deus havia lhe dado duas tarefas: a abolição do tráfico de escravos no Império Britânico (“atividade odiosa”, à qual se opunha desde a infância [Collier, *Memórias*, p. 78]) e a reforma da moralidade. A partir de então,

“arriscaria tudo em Cristo” (p. 60). Seus esforços atrairiam inimigos e oposição ferrenhos, bem como aliados e apoio. O almirante Horatio Lord Nelson desprezava as “doutrinas detestáveis” de Wilberforce (“William Wilberforce”, Wilberforce School). Mas John Wesley fez o apelo “em nome de Deus” para que Wilberforce abolisse a “vilania execrável” da escravidão (Collier, *Memórias*, p. 107).

Em 1793, Wilberforce apresentou um projeto de lei na Câmara dos Comuns, defendendo a abolição gradual do tráfico de escravos. O

esforço falhou por oito votos. Então propôs uma lei que proibisse que os navios britânicos transportassem escravos para terras estrangeiras. A tentativa também fracassou. Fora abandonado por membros do Parlamento que haviam prometido apoiá-lo. As propostas e rejeições

continuaram ao longo da década de 1790.

Sem se deixar abater, Wilberforce apoiou com vigor causas lantrópicas e evangélicas que incluíram a Sociedade Missionária da Igreja, a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, a Sociedade de Proclamação contra os Vícios e a Imoralidade, a Sociedade Escolástica, a

Sociedade da Escola Dominical, a Sociedade de Melhora das Condições dos Pobres, e a Sociedade contra os Vícios.

Na noite de 23 de fevereiro de 1807, com uma votação de 283 contra 16, a Câmara dos Comuns votou a abolição do tráfico de escravos.

Conta-se que Wilberforce abaixou a cabeça e chorou.

45

(Em 1785, Wilberforce viajou pelo continente com amigos que insistiram com ele em questões religiosas. Ele argumentou que a religião é permitida se não for “levada longe demais”, objeção que não conseguia de nir. Sua mente só encontrou descanso quando se voltou para as Escrituras.) “Leio as promessas das Sagradas Escrituras. ‘Peçam, e receberão. Procurem, e encontrarão. Batam, e a porta lhes será aberta.’ ‘Deus dará o Espírito Santo aos que lhe pedirem.’ ‘Venham a mim todos vocês que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso’. Ao ler essas passagens, acabei re etindo: se houver alguma verdade nessas coisas, e se eu me propuser buscar as bênçãos prometidas, sem dúvida sentirei um resultado de con rmação, como descrevem as Escrituras. Testarei essa questão; buscarei, a m de achar as bênçãos prometidas. Eu sabia que a Palavra de Deus é verdadeira e que não havia procurado em vão.”

O resultado foi paz, liberdade e livramento de pecados que o haviam aprisionado.

William Wilberforce, citado em Thomas Price,

The Memoir of William Wilberforce, p. 20-21

Busquei o Senhor e depois entendi

Que ele me induziu a buscá-lo buscando a mim.

Não que eu tenha te encontrado, ó Salvador verdadeiro;

Não, tu é que me encontraste o tempo inteiro.

PARA REFLETIR: Sl 103.3-6; Mt 7.7; 11.28; Lc 11.13; Jo 14.27; Rm 5.1-11; 15.13; 2Co 5.10; Gl 5.22; Ef 4.7; Hb 13.20; 1Jo 5.10

46

(Após condescender com “hábitos de folia” até os 25 anos de idade, Wilberforce tinha suas lutas como recém-convertido.)

“Na igreja, minha mente devaneia mais do que nunca [. .]. Meus pensamentos estão sempre fugindo. Ó Deus, conserva minhas afeições naquilo que é puro [. .]. Capacita-me a viver mais para ti, a manter os olhos xos em Jesus e, aos poucos, ter a nova natureza em mim implantada e o coração de pedra removido.” Caso Wilberforce tivesse parado às portas da vida cristã, contentando-se com seguir o Salvador de longe, sem perguntar quanta união com Deus tinha o privilégio de desfrutar, mas apenas o mínimo de piedade necessário para garantir entrada no céu, a igreja teria perdido um dos mais valentes soldados da cruz, um dos mais belos exemplos do poder da fé cristã. E o mundo teria perdido a demonstração de um amor expansivo que labutou com coragem por muito tempo em prol dos excluídos da humanidade.

William Wilberforce, anotação em seu diário, 30 de julho de 1786, citado em Mary Collier, Memórias de William Wilberforce, p. 55-57

Ó Deus, tu que fazes todas as coisas proveitosas para o bem daqueles que te amam, com rma a fé de teus lhos e fortalece-os com o poder de tua graça, para que sejam tanto devotos em oração quanto sinceros no amor uns pelos outros, por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

“Pelo amor”, Orações por graças variadas, em

Coletas antigas e outras orações, p. 77

PARA REFLETIR: Jo 14.25-27; 17.6-12; Fp 1.3-6; 3.12-16; Cl 2.19; 3.12-17; 1Ts 3.13; 1Ts 1.3; Hb 6.1-3; 1Pe 2.1-3; 2Pe 3.17-18

47

A maioria dos cristãos professos tem um conhecimento atro ado da essência, do caráter peculiar e da excelência do cristianismo. De bom grado louvam virtudes, censuram vícios e, quem sabe, aplaudem a

piedade. Têm conhecimento vago das principais doutrinas do cristianismo. No entanto, examine mais de perto sua profissão de fé e você verá que o louvor se dirige para a religião e a moralidade em geral, não para o caráter de nidor da fé cristã. Sua compreensão é rasa e superficial. São agradecidos a Deus pela saúde, pelos talentos, pelas riquezas e por outras bênçãos. Mas não fazem ideia de quais deveriam ser as consequências práticas de sua profissão de fé. Existe falta de atenção generalizada aos elementos da retidão. É difícil distinguir entre eles e os descrentes moralmente corretos. A Bíblia permanece fechada na estante. Vivem segundo princípios e opiniões totalmente contrárias ao gênio e caráter do evangelho de Jesus Cristo. Deixam-se abalar com facilidade por objeções frívolas ao cristianismo. Coram em pensar que falte a seus olhos qualquer elemento da educação secular, mas permitem que achem o que quiserem acerca da religião. Contentam-se com o cristianismo hereditário, transmitido de geração em geração.

William Wilberforce, *Visão prática do sistema religioso*

predominante dos cristãos professos, cap. 1

Ó Senhor da igreja, extingue as cisões da heresia que ameaçam subverter a fé e que conspiram para corromper a verdade. Assim como és reconhecido nos céus e na terra por seres o único e mesmo Senhor eterno, de tal modo também tua igreja, reunida dentre as nações, te sirva em uma mesma fé santa, universal e apostólica. Amém.

“Para tudo que esteja em erro ou em pecado”, Intercessões,

em *Coletas antigas e outras orações*, p. 123

PARA REFLETIR: Mt 13.44-46; 25.1-13; Lc 6.43; 1Co 2.6—3.23; Tg 1.22-27; 2.14-26; 3.13—4.10; 2Pe 2.1-22; Jd 1.17-25; Ap 3.14-22

48

Foi para fundar uma religião superficial e uma moralidade vaga que o Filho de Deus se encarnou? Foi por isso que os apóstolos se sujeitaram a fome, dor, vergonha e morte? Era o objetivo dos discípulos de Jesus simplesmente alcançar um estilo de vida superior ao que levavam antes do cristianismo? Nosso Senhor morreu na cruz apenas para elevar o nível geral da moralidade humana? A essência do evangelho tem tão pouca importância que o cristianismo pode ser praticado sem exame cuidadoso e atenção a seu âmago? As principais doutrinas da fé cristã não passam de teorias estereis e inaplicáveis, que se beneficiariam caso substituídas por um esquema mais simples e menos exigente?

Mas pode ser assim? Podem o evangelho de Jesus Cristo e o discipulado cristão ser reduzidos a um mero credo, com sua força prática exaurida por alguns ideias racionais? Pode isso conter a distinção inequívoca feita pelo evangelista: “Quem crê no Filho de Deus tem a vida; quem não crê no Filho não tem a vida, mas a ira de Deus permanece sobre ele”? Acaso será uma fé superficial o padrão para o juízo futuro de Deus?

William Wilberforce, *Visão prática do sistema religioso*

predominante dos cristãos professos, cap. 4, seção 1

Deus todo-poderoso e eterno, que por intermédio de teu Filho unigênito nos transformaste em nova criação para ti, preserva as obras de tua graça e purifica-nos de todas as nossas antigas máculas, a fim de que, pelo poder do Espírito Santo, sejamos conformados à imagem de Cristo, em quem nossa nova vida reside. Para a glória do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

“Natal”, Orações para datas sagradas, em *Coletas antigas e*

outras orações, p. 24

PARA REFLETIR: Jr 9.23-24; Mt 6.24; 7.21-23; Lc 8.4-15; **Jo 3.36**; 6.25-29; Rm 14.10; 2Co 5.10; Gl 5.13-16; 6.7-10; 2Tm 3.1-5; 1Jo 2.3-6

49

A grande característica prática e essencial dos cristãos verdadeiros é que, consoante na promessa de Deus aos pecadores arrependidos, eles serão aceitos por intermédio do Redentor. Devem renunciar a todos os senhores além de Jesus Cristo e, sem reservas, dedicar-se a Deus. É isso que o batismo deveria nos ensinar todos os dias. Aproximamo-nos do altar, consagramo-nos ao verdadeiro Dono de tudo e juramos hostilidade eterna aos inimigos de nossa salvação. Os cristãos são inimigos jurados do pecado e não nutrem nenhuma proximidade dele.

Não há conciliação, nem acordo.

Com seu culto racional, os cristãos se sujeitam sem reservas a seu Soberano legítimo, pois já não pertencem a si mesmos. Suas habilidades físicas e mentais, seus dons naturais e adquiridos, seu caráter, sua autoridade, seu tempo e sua influência — todas essas coisas não passam de instrumentos a ser empregados no serviço de Deus. Todos os outros princípios são subordinados a esse princípio controlador. O que antes era a paixão dominante ou a busca

incansável, fosse de origem sensual ou intelectual, do gosto, da imaginação ou do sentimento agora ocupa um lugar secundário ou, mais corretamente, ocorre sob o domínio de seu verdadeiro e legítimo superior.

William Wilberforce, *Visão prática do sistema religioso*

predominante dos cristãos professos, cap. 4, seção 1

Nós te suplicamos, Senhor, que concedas a teu povo uma rmeza inviolável da fé, para que, à medida que confessam teu Filho unigênito, o Participante eterno de tua glória, nascido na própria carne da virgem Maria, eles sejam livrados das adversidades presentes e admitidos nas alegrias de teu reino eterno, por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

“Natal”, Orações para datas sagradas, em *Coletas antigas e*

outras orações, p. 23

Ê

PARA REFLETIR: Gn 22.1-19; Êx 3.1—4.17; Jó 11.13-15; 31.5-8; Sl 37.1-7; Jn 2.1-10; Mt 6.33-34; Jo 5.24-27; **Rm** 6.1-4; 8.12-17; **12.1-2,9-13**

50

A ordem para cada cristão verdadeiro é tornar cativo cada um de seus pensamentos a Cristo. Aqueles que se sujeitam ao poder do evangelho já não vivem para si, mas para Cristo, que morreu e ressuscitou. Ficam em alerta para as próprias enfermidades e imperfeições; sabem que o caminho que escolheram é estreito e exigente. Mas também sabem que, se con arem no Senhor, ele os fortalecerá. Tomam o propósito deliberado de que a máxima a governar sua vida será glori car a Deus.

Essa é a origem seminal e embrionária, o rudimento de todas as verdadeiras virtudes cristãs. Desse início primordial, mesmo em meio a um mundo por vezes desolado e rude, a árvore cresce e oresce, espalhando seus ramos e dando fruto. Por m, será transplantada para sua região nativa e desfrutará o melhor dos climas e solo fértil; irrompendo em pleno viço, a árvore das virtudes cristãs orescerá para sempre no paraíso de Deus.

Ora, para que não ramos o coração de algum crente fraco porém sincero, esses princípios podem se manifestar em diferentes graus e

proporções, dependendo, em parte, das disposições naturais e circunstâncias da vida passada.

William Wilberforce, *Visão prática do sistema religioso*

predominante dos cristãos professos, cap. 4, seção 1

Deus todo-poderoso, uma vez que fomos redimidos não só do exílio babilônico, mas livrados do próprio inferno, concede-nos andar corretamente em tua presença e nos sujeitar por completo a ti e a Cristo, sem ngir ser membros do corpo dele, mas verdadeiramente provando ser o corpo de Jesus, governados pelo Espírito Santo, para que tu en m nos reúnas em teu reino celestial, para o qual nos convidas por intermédio do mesmo Cristo, nosso Senhor. Amém.

João Calvino, *Oseias*, palestra 3

PARA REFLETIR: Sl 27.1; Is 26.3; Mt 18.1-9; 20.1-16; 22.34-40; Jo 7.37-39; 15.1-18; Rm 15.1-7; **2Co 10.5**; Fp 2.5-11; 1Ts 5.12-15; Hb 4.12

51

Na igreja primitiva, alguns cristãos corriam o risco de não compreender adequadamente o caráter do cristianismo. Achavam que ser cristãos os isentava da responsabilidade dos compromissos e responsabilidades seculares. Mas o apóstolo Paulo advertiu veementemente contra esse erro. Ele instruiu os cristãos a desempenhar os deveres da condição de vida de cada um, com alegria e delidade. Dessa maneira, dariam crédito à sua pro ssão cristã. O apóstolo fez isso enquanto explicava que o amor predominante de cada um deve ser por Cristo. As questões deste mundo têm valor relativo em comparação com o amor principal do cristão. Mas a delidade em cumprir as tarefas seculares não deve impedir o crescimento na graça e a perfeição na santidade. Portanto, ninguém que se sujeita à autoridade divina deve supor que o cumprimento dos deveres seculares e a busca da santidade são excludentes. A marca característica do verdadeiro cristão é o desejo de agradar a Deus em pensamentos, palavras e ações, isto é, adornar a doutrina de Deus em todas as coisas. Nenhum chamado na vida é proibido, nenhuma iniciativa é interdita, nenhuma ciência, arte ou prazer são rejeitados, e isso é compatível com o princípio do apóstolo.

William Wilberforce, *Visão prática do sistema religioso*

predominante dos cristãos professos, cap. 6

Louvado seja o Senhor! Louvem o Senhor em seu santuário, louvem-no em seu majestoso céu! Louvem-no por seus feitos poderosos, louvem sua grandeza sem igual!

Louvor e glória e sabedoria, gratidão e honra, força e poder pertencem a nosso Deus, para todo o sempre. Amém!

Adaptado de Salmos 150.1-2; Apocalipse 7.12

PARA REFLETIR: Gn 41.33-57; Jr 29.4-7; Mt 22.21; Lc 7.1-10; At 4.1-20; 10.1-35; Rm 13.1-7; 1Tm 2.1-4; Tt 3.1-3; 1Pe 2.13-14

52

O verdadeiro cristianismo é inimigo do patriotismo? Sim! Se, por patriotismo, entendemos uma atitude egoísta e agressiva que incentiva as pessoas a promover não a tranquilidade nacional e o bem-estar de todos os cidadãos, mas sim a riqueza e o poder de poucos, à custa da opressão e conquista de outros. A fé cristã, cujo fundamento é a justiça e cujo caráter é a paz de Deus estendida a todos, é inimiga desse tipo de patriotismo. Contudo, se entendemos que patriotismo é a qualidade de expressar genuína boa vontade aos outros, sem restringi-la ao próprio país, ao mesmo tempo que permite o amor pela nação, então o cristianismo é a fonte mais benéfica de patriotismo. A sociedade é formada por muitas partes. O objetivo de cada cristão deve ser agir como parte do todo social. É isso que nosso Salvador ordenou quando prescreveu o dever do amor universal. O amor cristão expresso na forma de cuidado pelo bem-estar social universal não passa de outro termo para a mais exaltada espécie de patriotismo.

William Wilberforce, *Visão prática do sistema religioso*

predominante dos cristãos professos, cap. 6

Deus Todo-poderoso, abençoa nossa terra com trabalho honroso, aprendizado e paz e conduta pura. Salva-nos da violência, da discórdia e da confusão; do orgulho e da arrogância; e de todos os caminhos maus. Defende nossa liberdade e molda em um povo unido as multidões aqui trazidas, dentre tantas tribos e línguas. Imbui com espírito de sabedoria aqueles a quem, em teu nome, concedes a autoridade de governo, para que haja justiça e paz no país e, mediante a obediência de tua lei, demonstremos teu louvor em meio às nações da terra. Amém.

“Pelo nosso país”, Orações para a vida nacional, LOC

PARA REFLETIR: Gn 12.3; 41.25-36; 47.7,10; 2Cr 7.14; Sl 33.12-22;

53

Julgue seu progresso no discipulado cristão pelo crescimento no amor a Deus. “Deus é amor.” Esse é o princípio sagrado que aquece e ilumina a esfera celestial, a bendita expressão da presença visível de Deus. Assim ela brilha com fulgor desanuviado. Os raios desse brilho nos são generosamente concedidos aqui na terra. Caso contrário, estaríamos fadados a trevas e miséria. O amor de Deus é colocado de modo imensurável no coração de seus servos que estão sendo “renovados segundo a imagem divina”. O princípio do amor predispõe os cristãos a se entregar sem reservas àquele “que os comprou com o preço de seu próprio sangue”.

Como difere da renovação segundo a imagem divina aquele conceito servil e mercenário do discipulado cristão que caracteriza tantos crentes!

Dão a Jesus somente o que temem reter. Não se abstêm de nada que não seja estritamente proibido. Despojado de vida, tal discipulado só é apto para a sombria clausura.

Os verdadeiros cristãos não entendem que satisfazem a um credor exigente, mas sim que quitam uma dívida de gratidão, prestando um serviço amoroso e voluntário, cheio de consolação, paz e alegria.

William Wilberforce, *Visão prática do sistema religioso*

predominante dos cristãos professos, cap. 7

Ó meu Deus, preenche-me com amor tão ardente por ti, tão vibrante acima de todas as outras afeições que nenhuma delas seja capaz de competir exitosamente contra ela.

Infunde um amor que não só governe todas as outras afeições, como também puri que e as torne seus servos. Amém.

Charles Howe (1661–1745), *Orações:*

antigas e modernas, p. 298

PARA REFLETIR: Lv 11.44-45; 19.1-2; 20.26; Mt 25.14-30; Jo 1.14; 3.16-21; Rm 12.2,9-13; Ef 1.7; **Cl 3.10**; Tt 3.5; Hb 12.1-13; 13.20-21; **1Jo 4.16**

WILLIAM CAREY

(1761–1834)

Não fosse pela tenacidade de William Carey, seu caminho para se tornar

“o pai das missões modernas” poderia ter terminado antes mesmo de começar. Pouco depois de ser ordenado pastor batista, Carey se levantou durante uma reunião para clamar em prol das missões estrangeiras. Um ministro experiente o interrompeu: “Sente-se, jovem!

Você é um entusiasta. Quando aprovar a Deus converter os pagãos, ele o fará sem consultar a você ou a mim”. Talvez o homem conhecesse as origens humildes de Carey, mas julgou muito mal a aptidão de Carey para perseverar “em qualquer iniciativa a que se propusesse” (Galli e Olsen, “William Carey”).

Criado em uma obscura vila inglesa, com pouca educação formal, Carey se tornou aprendiz de remendador de sapatos. Converteu-se à fé cristã evangélica, tornou-se discípulo fervoroso do Senhor e começou a revelar seu caráter interior. Autodidata, aprendeu sozinho a ler o Novo Testamento em grego. Quando seu patrão morreu, Carey se mudou para Hackleton, onde trabalhou como aprendiz de sapateiro. Ali conheceu Dorothy Plackett (c. 1755–1807) e se casou com ela. Tiveram uma filha que morreu aos 2 anos de idade, o que acentuou ainda mais as dificuldades financeiras do casal. Mesmo depois que Carey assumiu o ofício em Hackleton, a pobreza persistiu.

De maneira surpreendente, Carey começou a aprender hebraico, latim, holandês, francês e inglês, estudando questões internacionais e as características de outras culturas. Também se tornou pregador e pastor em Moulton, Northamptonshire, sob o amparo dos batistas particulares.

Sem o desejo de simplesmente se moldar a uma identidade denominacional, Carey começou a estudar o início das missões dos morávios. Escreveu *Averiguação das obrigações dos cristãos de usar recursos*

para a conversão dos pagãos. Ele insistia que a Grande Comissão se aplicava aos cristãos de todas as eras. Em 1792, organizou uma sociedade missionária. Pregou um sermão chamando os membros da sociedade a “esperar grandes coisas de Deus; tentar grandes coisas para Deus!” (Galli e Olsen, “William Carey”).

Dando ouvidos ao próprio conselho, em julho de 1793 a família Carey, agora com três filhos, partiu para a Índia, juntamente com John Thomas, ex-cirurgião que havia voltado recentemente do país. Dorothy foi com relutância, insistindo em levar junto sua irmã, para ajudá-la a cuidar das crianças. Por mais admirável que fosse o zelo de Carey, seu planejamento se mostrou insucesso; subestimou demais o custo de vida. Assolado pela pobreza, doença e solidão, um estrangeiro em terra estranha, Carey tentou sem sucesso conseguir emprego, precisou se mudar diversas vezes com a família e viu Thomas desistir e voltar para casa. O resumo de Carey? “Bem, eu tenho Deus e sua palavra

[promessa] é certa” (Galli e Olsen, “William Carey”). Com a presença do Senhor, Carey aprendeu bengali e começou a traduzir a Bíblia e pregar para grupos pequenos.

No entanto, as condições pioraram. Carey contraiu malária, um de seus filhos morreu de disenteria e a saúde mental de Dorothy entrou em colapso. Embora estivesse no “vale da sombra da morte”, ele continuou a crer que “Deus estava presente” (Galli e Olsen, “William Carey”).

Então, em 1799, uma colônia de dinamarqueses perto de Calcutá convidou Carey para ir morar na comunidade. Os cristãos

dinamarqueses deram proteção legal ao ministério de Carey. Logo, um editor chamado William Ward e dois professores, Joshua e Hanna Marshman, chegaram para ajudar. As coisas melhoraram depois que Ward conseguiu contratos de impressão com o governo da Índia. Carey começou a lecionar em uma faculdade de Calcutá. Em dezembro de 1800, após sete anos de ministério, Carey batizou seu primeiro converso. Em fevereiro, publicou uma tradução do Novo Testamento para o bengali.

Ao longo dos 28 anos seguintes, o ministério de Carey se expandiu.

Ele e seus assistentes traduziram a Bíblia para os principais idiomas da Índia e partes das Escrituras para várias outras línguas e dialetos do país.

Esperando “grandes coisas de Deus”, Carey se engajou em reformas sociais que incluíram o fim do infanticídio, do suicídio assistido e da prática das viúvas se sacriarem após a morte do marido (*sati*). Em 1818, Carey, Ward e Marshman abriram um seminário em Bengala Ocidental, a Faculdade Serampore. Hoje, a instituição é uma

universidade com cursos nas áreas de teologia e ciências humanas.

O ministério de Carey na Índia durou 41 anos sem licença. Ele lançou os alicerces e a inspiração para o movimento missionário global do século 19. Foi uma forte influência para milhares de missionários, incluindo Adoniram Judson (Mianmar), Hudson Taylor (China) e David Livingstone (África).

54

Quando uma companhia comercial consegue uma rota, costuma ir até seus limites mais remotos; o estoque, os navios, os oficiais e funcionários são escolhidos e treinados com o objetivo de cumprir as metas da companhia. Mas ela não para por aí. Incentivada pela perspectiva de sucesso, expande cada esforço, lança seu pão sobre as águas e cultiva amizades com aqueles de quem espera extrair alguma vantagem.

Agentes atravessam os mares mais selvagens e tempestuosos, deparando com climas extremamente desfavoráveis. Entram nas nações mais bárbaras e, às vezes, sofrem de culdades terríveis. Mas por que todo esse esforço? Não seria porque a alma deles se envolveu nesse projeto e a felicidade de cada um depende de seu sucesso?

Os cristãos formam um corpo cujo maior interesse é a exaltação do reino do Messias. Sua rota é extensa, seus incentivos são imensos e o retorno prometido é infinitamente superior a todos os ganhos dos mais lucrativos investimentos nanceiros. Que cada cristão, no lugar em que foi posicionado, se considere impulsionado a agir com toda a sua força e de todas as maneiras possíveis para a glória de Deus.

William Carey, *Averiguação das obrigações dos cristãos*, p. 81-82

Ó Deus, cujo Filho unigênito apareceu na plena substância de nossa carne, nós te rogamos que nos concedas, por meio daquele a quem confessamos ser exteriormente semelhante a nós, que alcancemos transformação interior à sua imagem, por meio do mesmo Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

“Epifania”, Orações para datas sagradas, em *Coletas*

antigas e outras orações, p. 28

PARA REFLETIR: Mt 5.13-16; 13.44-46; 19.16-24; Lc 12.35-40; At 5.1-11; Ef 3.14-21; Fp 3.1-11; Cl 3.1-11; 1Pe 4.7-11

ELIZABETH ANN SETON

(1774–1821)

Eventos difíceis podem gerar amarga reclusão, mas não foi esse o caso de Elizabeth Ann Bayley Seton, fundadora e primeira superiora das Irmãs de Caridade dos Estados Unidos. Nascida dois anos antes da Declaração Americana de Independência, por nascimento e casamento Elizabeth fazia parte da elite social da cidade de Nova York. Embora seu pai, o dr. Richard Bayley, professor de anatomia no Columbia College e o cial de saúde do porto de Nova York, fosse apenas nominalmente religioso, deixou um exemplo de humanitarismo. Também inspirou domínio próprio em Elizabeth e o amor por aprender. Sua mãe, Catherine Charlton, devota episcopaliana, foi modelo de amor pela Bíblia, da importância da oração e do exame da própria consciência.

Catherine morreu quando Elizabeth tinha 3 anos. A nova esposa do pai, por quem Elizabeth desenvolveu forte afeição, foi modelo de amor cristão com suas obras de caridade aos pobres.

Uma beldade de Nova York, aos 19 anos Elizabeth se casou com William Magee Seton, um rico e belo empresário de 25 anos. Eram episcopalianos devotos e proeminentes na sociedade, e seus primeiros anos de casamento foram felizes e prósperos. Mas não demorou muito para esse sucesso todo tomar rumos sombrios. Em 1798, o pai de William, chefe dos negócios da família, morreu. Sete dos irmãos mais novos de William se mudaram para a casa dos Seton (que teriam cinco lhos ao todo). William temia a ruína nanceira. Em 1801, morreu o pai de Elizabeth. A perda de alguns navios que afundaram no mar e o impacto prejudicial das guerras napoleônicas resultaram em falência para William. Além disso, a tuberculose minou sua saúde. Os médicos aconselharam a mudança para um clima mais favorável. Em 1803,

William, Elizabeth e a lha mais velha do casal chegaram à Itália. No mesmo ano, William faleceu, deixando Elizabeth e a lha desoladas.

Uma família católica que era parceira nos negócios de William as abrigou. Enquanto estava lá, Elizabeth se sentiu atraída pelas práticas católicas romanas. Depois de voltar para casa e lutar para tomar uma decisão, Elizabeth se converteu ao catolicismo em 1805, despertando oposição ferrenha por parte de sua família episcopaliana. Em 1806, recebeu o sacramento de con rmação do bispo (e posteriormente arcebispo) John Carroll.

Como era habitual para viúvas de alta posição social, Elizabeth fundou uma academia para meninas e moças, a m de se sustentar. No entanto,

quando a notícia de sua conversão ao catolicismo se espalhou, as famílias protestantes retiraram as lhas da escola. Enfrentando o fracasso, Elizabeth conheceu um padre de São Sulpício (os sulpicianos ajudam os bispos a oferecer instrução e formação continuada de sacerdotes) que tinha a esperança de fundar uma escola para jovens católicos. O frade Dubourg convidou Elizabeth para se mudar para Emmitsburg, Maryland. Ali, em 1810, com o apoio de um doador abastado, ela fundou a Academia e Escola Gratuita São José para moças católicas.

Elizabeth também fez planos para o que se tornaria a fundação norte-americana das Irmãs de Caridade, comunidade religiosa comprometida com a educação e o cuidado dos lhos dos pobres. Assim começou o sistema paroquial de educação católica, um marco da Igreja Católica Romana nos Estados Unidos. Em 1811, madre Seton adotou, com modi cações, a regra das Irmãs de Caridade de São Vicente de Paulo.

Em 1812, com a aprovação do arcebispo Carroll, a regra foi aprovada e as Irmãs de Caridade se tornaram uma ordem religiosa. Madre Seton e dezoito irmãs zeram seus votos em 19 de julho de 1813. Depois de tomar providências para o bem-estar de seus lhos, madre Seton foi eleita para o ofício vitalício de madre superiora. Por ocasião de sua morte, havia mais de vinte comunidades de Irmãs de Caridade nos Estados Unidos. Elas administravam escolas gratuitas, orfanatos, internatos e hospitais.

Elizabeth morreu de tuberculose em 1821 e foi sepultada em Emmitsburg. O papa Paulo VI a canonizou em 14 de setembro de 1975, louvando madre Seton como uma “ lha gloriosa” da igreja e dos

Estados Unidos e uma “belíssima gura de uma mulher santa”. Ela foi

“a primeira lha dos Estados Unidos da América a ser glori cada com esse atributo incomparável!” (“Homilia do santo padre Paulo VI”).

55

Deus se encontra in nitamente presente em cada parte de nossa vida e ser. Nada pode nos separar dele. Ele se encontra mais intimamente presente em nós do que nós mesmos. No entanto, as palavras de João Batista podem muito bem se dirigir a nós: “Em seu meio há alguém que vocês não reconhecem, alguém cuja presença vocês se esqueceram de respeitar e honrar”. Imploremos humildemente como o pobre homem

no evangelho: “Senhor, permita-me enxergar”. Mesmo, porém, quando não conseguimos ver, para onde podemos fugir do Espírito de Deus?

Como os pássaros que mudam de localização continuam a encontrar o ar durante o voo, e como os peixes sempre estão cercados por água enquanto nadam, assim também você encontrará o Senhor por onde quer que for.

Em sua constante presença, Deus está conosco como nosso Pai celestial, infinitamente mais bondoso que qualquer pai terreno. Ele é rico em misericórdias, e elas se renovam a cada manhã; está pronto para esquecer nossas falhas quando as confessamos e está alerta a todas as nossas necessidades. Ele nos cobre com suas asas e nos carrega nos ombros. Nosso nome está escrito na mão do Pai.

Elizabeth Ann Seton, “Exercício sobre a *Presença de Deus*”, em *Escritos reunidos*, vol. 3A, parte 9.20, p. 392-393

Ó Deus, somente em ti nosso espírito abatido pode achar descanso, e em teu amor se encontra a maior alegria. Estabelece e preserva tua paz, que excede todo entendimento. Mediante a consolação interior do Espírito Santo, fortalece nossas irmãs e nossos irmãos que passam por algum sofrimento ou angústia. Leva-nos a aprender que nossas leves a ições operam em nós um peso de glória muito superior e eterno. Conceda em nós mais uma vez a certeza de que nada pode nos separar do amor de Deus, em Cristo Jesus, nosso Senhor. Amém.

Melchior Ritter (1689), *Orações: antigas e modernas*, p. 260

PARA REFLETIR: Sl 103.1-22; 139.7-10; Pv 15.3; Is 57.15; Jr 23.24; Lm 3.21-26; Mt 18.21; **Mc 10.46-52**; Lc 3.16; **Jo 1.26-27**; Rm **8.38-39**; **Fp 4.7**; Cl 1.15-20

56

Aquele que tem consciência constante da presença de Deus não faz sozinho coisa alguma que não faria na presença de um amigo. Conta-se que São Francisco de Sales não era exceção, marcado por uma modéstia admirável que xava sua atenção na presença de Deus. As almas engajadas nessa prática feliz se lembram de que Deus ouve quando estão falando. Até a recreação mais vívida é praticada na presença de nosso terno Pai, que nunca desvia os olhos de nós.

Que conhecimento profundo saber que o próprio Deus é a vida de nossa existência e escolhe habitar dentro de nós! Sim, “Deus é um fogo consumidor”. E uma vez que levamos esse sempre ativo fogo em nosso

interior, não permanecemos frios e inconscientes da presença divina.

Imploremos a ele que exponha todas as impurezas que poderiam se opor à sua sagrada inuência.

Se um peixe for tirado da água, ele perecerá, mesmo que colocado em um barco de prata cravejado de diamantes. O mais pobre dentre os pobres que prospera no amor de Deus é mais rico que aquele que desfruta riquezas e prazeres mas vive sem consciência da presença de Deus, sem possuir o amor divino.

Elizabeth Ann Seton, “Exercício sobre a *Presença de Deus*”, em *Escritos reunidos*, vol. 3A, parte 9.20, p. 394-396

Ó Senhor, meu Deus, tu és a consolação de todos que em ti con am, o auxílio e escudo de todos que em ti esperam. Ensina-me e ajuda-me a aceitar sem queixas tudo o que vier de tua mão providente. Que de mim seja afastado isto: ser contado entre os que não se importam contigo. Que minha vontade seja sempre tua; conserva-me em teu amor e em tua verdade, e guia-me de maneira infalível por meio de teu Espírito.

Amém.

Christian S. Weiss (1738–1805), *Orações:*

antigas e modernas, p. 276

PARA REFLETIR: Sl 10.17; 37.1-11; 131.1-3; 139.7-10; Mt 5.1-12; 11.28-29; Lc 1.46-55; Jo 6.55-59; Rm 11.33; Ef 4.16; **Hb 10.19-22; 12.22-29**; Tg 1.9

57

(Sexta-Feira Santa.)

Primeira voz. Estou de pé sobre o monte Calvário. Meu Salvador ali está, pendurado na cruz por três horas, suspenso entre os céus e a terra.

As trevas mais profundas o envolvem. Ele está absorto em improferível tristeza, em sentimentos de inconcebível angústia, em orações, ofertas e na consumação de nossa salvação. Ó minh'alma, contempla esta cena e permanece em silêncio, adoração, união! Meu Jesus, Deus, a Eternidade ali está, na companhia da bendita mãe Maria, do amado discípulo João e de santos anjos!

Segunda voz, da cruz. Meu Salvador, em meio às trevas, dirige-se com vigor, maravilha e volume ao Pai nas alturas, ressoando até os remotos alcances do tempo e do espaço. “Está consumado!” Tudo está consumado!

Tudo!

Eu ouço. Minha alma mergulha ainda mais fundo no abismo do amor e do silêncio desta hora! E pensar que tudo foi feito por ti!

Aquela voz mais uma vez! “Pai, em tuas mãos entrego meu espírito.”

Sua cabeça abaixa, ele dá o último suspiro e a natureza convulsiona — ressoa o terrível choque de pedras e sepulturas a se abrir. Jesus expira.

Agora comunica esse momento indizível em cada respirar, com gratidão, amor e adoração silenciosa.

Elizabeth Ann Seton, “A Sexta-Feira Santa. .”, em *Escritos*

reunidos, vol. 3B, parte 11.21, p. 37-38

Ó Senhor Jesus, tu nos deste tudo de que precisávamos para uma vida piedosa. Tu nos chamaste para receber tua glória e bondade. Por teu Espírito, puri ca-nos para que te amemos de todo o nosso ser e para que todo o nosso ser seja preenchido por ti, iluminado por ti e tomado de ardor por ti. Amém.

Edward Bouverie Pusey (1800–1882), *Orações: antigas e modernas*, p. 267

PARA REFLETIR: Mt 27.32-56; Mc 15.16-47; **Lc 23.26-56**; Jo 19.1-27; 1Co 1.18-25; Ef 2.14-22; Cl 1.20; Hb 12.2

THOMAS CHALMERS

(1780–1847)

“Ministro cristão não convertido” parece uma expressão contraditória.

Mas isso pode acontecer. Às vezes, o religioso permanece em meio àqueles que “nasceram apenas uma vez”. Para outros, o Senhor da igreja pode aparecer para executar um mandato inescapável e mudar tudo. Foi o que aconteceu com Thomas Chalmers.

Chalmers nasceu em Anstruther, Escócia. Aos 12 anos de idade, ingressou na Universidade de St. Andrews a fim de se preparar para o ministério ordenado. Em 1799, recebeu licença para pregar na Igreja da Escócia. Nada em sua educação teológica o preparara para o serviço a uma fé evangélica. Antes de aceitar a primeira paróquia na região rural de Kilmany (1803), Chalmers estudou matemática em St. Andrews e foi nomeado professor assistente da disciplina, posição que perdeu por entrar em conflito com seu superior.

Chalmers não tinha alta estima pelo ministério cristão. Após começar a lecionar matemática e química de maneira independente em St.

Andrews, ia para Kilmany no sábado à noite, a tempo de preparar um sermão. Afirmava que as exigências do ministério cristão podiam ser cumpridas em dois dias, deixando tempo para estudar ciência e ir em busca de seus outros interesses.

Até que as coisas mudaram de maneira radical. Chalmers foi chamado a ministrar para seu irmão e sua irmã, que morreram de tuberculose em 1806 e 1808 respectivamente. O irmão pediu a Chalmers que lesse sermões puritanos para ele; a irmã lhe pediu que cantasse salmos. As duas tarefas lhe pareciam objetáveis, mas, ao mesmo tempo, inescapáveis. Em 1810, ele também contraiu tuberculose, após a morte de outra irmã. Enquanto lia William Wilberforce, Chalmers passou por

uma profunda conversão evangélica, que redefiniu por completo o ministério cristão.

A conversão despertou uma paixão pelas Escrituras, levando-o a apoiar a emergente sociedade de distribuição de Bíblias. Desenvolveu zelo pelas missões, por visitar a casa dos paroquianos e aliviar as necessidades dos pobres. Em parte por modificar a linguagem a fim de ser compreendido pelos incultos, a ascensão de Chalmers no púlpito se expandiu, crescendo sua fama de bom pregador. Aos 35 anos (1815), Chalmers se tornou pastor da Igreja de Tron, em Glasgow. Às quintas-feiras, pregava sermões fazendo uma ligação entre a astronomia e a Bíblia. Os cultos eram tão bem frequentados que os comerciantes deixavam suas lojas para ir ouvir Chalmers. Contudo, o que mais o motivava era atender às necessidades dos destituídos, numa cidade assolada pelo crime e pela pobreza.

Para alcançar o povo, Chalmers reorganizou sua paróquia. Treinou os anciãos a visitarem os membros da paróquia, imbuindo-os de amor pelos pobres. Realizava cultos durante a semana para que os pobres

pudessem comparecer. Fazia uso criativo da escola dominical, organizando a paróquia em distritos e então designando professores para cada escola. Chalmers resistia a ocupar seu tempo com deveres seculares que reduzissem o serviço pastoral. Além disso, fundou novas igrejas em Glasgow. Em 1819, Chalmers se tornou pastor de St. John, congregação recém-fundada em Glasgow, onde organizou escolas primárias nos dias de semana para as crianças pobres.

Enfraquecido pelos anos de ministério, em 1823 Chalmers aceitou a posição de catedrático de teologia moral na Universidade de St.

Andrews, professorado marcado pela erudição e forte preocupação pelo crescimento dos alunos como discípulos de Jesus. Em novembro de 1828, Chalmers foi transferido para a Universidade de Edimburgo, para atuar como professor de teologia.

Em 1832, tornou-se moderador da Assembleia Geral da Igreja da Escócia. Surgiu uma disputa entre o governo escocês e a Igreja da Escócia em relação a quem controlaria a escolha dos ministros das congregações — um membro rico da paróquia (patrono) ou os próprios paroquianos? Em 1834, a Assembleia Geral aprovou o Ato de Veto, que concedia aos paroquianos o poder de vetar escolhas feitas pelo governo.

A Câmara dos Lordes indeferiu a Assembleia Geral. Credo que o

“direito à coroa do Rei Jesus” se sobrepõe ao poder do estado, em 1843

Chalmers liderou um movimento que levou quase 40% dos ministros da Igreja da Escócia a formar a Igreja Livre da Escócia, divisão que ficou conhecida como Perturbação (“Presbyterian Union Abroad”, p. 77-78).

Foi fundada uma nova faculdade de teologia em Edimburgo, e oitocentas congregações foram criadas.

No dia do sepultamento de Chalmers, cerca de cem mil pessoas enlutadas zeram parte do cortejo fúnebre.

58

O amor ao mundo não será extinguido se meramente declararmos que ele é indigno de ser o objeto maior de nosso amor. Mas isso acontecerá se ele for suplantado por um amor mais convincente e excelente. O

coração não se convence a abandonar o mundo apenas por meio de resoluções. Mas não seria ele movido a ações conclusivas por uma atração mais forte que subordina o mundo e o remove de sua suposta proeminência? Se o trono do coração precisa ser ocupado, e se agora reina ali um tirano ilegítimo, ele não sairá se a pessoa sentir medo de car desolada caso o tirano seja expulso. Entretanto, não cederá o tirano lugar para o soberano legítimo que chega com charme superlativo, obtendo entrada voluntária e começando a demonstrar sua habilidade de reconstruir todo o edifício moral do indivíduo? Em poucas palavras, o caminho para demover do coração a xação pelo mundo é depositar a afeição no valor e na excelência de Cristo, que deseja reinar em amor e por meio de quem a antiga ordem passará, a m de fazer novas todas as coisas.

Thomas Chalmers, “O poder expulsor de uma nova afeição”, em

Sermões pregados na Igreja de St. John, Glasgow, sermão 2, p. 71-72

Nós te agradecemos, ó Deus Altíssimo, porque não nos destruístes em nossas transgressões, mas com amor nos ergueste quando estávamos caídos em desespero, para que glori quemos tua majestade. Rogamos que, em tua in nita bondade, ilumines os olhos de nosso entendimento e levantes nossa mente, tirando-a do pesado sono da indolência. Abre nossa boca e enche-a com teu louvor. Amém.

“Oração de São Basílio Magno”, Orações matinais,

Arquidiocese cristã ortodoxa antioquina da

América do Norte

PARA REFLETIR: Lc 10.25-28; Jo 14.21; 21.15-19; **Rm 8.28**; 12.2; Gl 2.20; Ef 2.1-9; 5.2; 6.24; 1Tm 4.9-13; 1Pe 1.14-16; 1Jo 2.3-6,15-17; 3.1-3; 5.4

59

O amor a Deus e o amor ao mundo são inimigos inconciliáveis. Mas o coração não tem poder sozinho para lançar fora o amor ao mundo.

Abandonada à própria força, a ordem de não amar o mundo corresponde à aniquilação da pessoa. O amor ao mundo e às coisas do mundo inclui tudo o que é caro à velha ordem pecaminosa. Todos os esforços de redenção pessoal são confrontados pela barreira da culpa diante de Deus, uma culpa que os esforços humanos são incapazes de remover. Muito embora o Novo Testamento nos instrua a não amar o

mundo, ninguém possui a magnitude do amor exigida para obedecer.

Requer-se nada menos que o poder expulsor de um novo amor. A revelação que anuncia a ordem também põe diante de nós o evangelho de Jesus Cristo, um instrumento poderoso para a obediência. Traz para nosso coração uma afeição que, uma vez aceita, santi ca as outras afeições ou ordena que partam. Em vez de olhar para o mundo, o remido olha para o Criador do mundo. Só ele é a fonte su ciente de esperança.

Thomas Chalmers, “O poder expulsor de uma nova afeição”, em

Sermões pregados na Igreja de St. John, Glasgow, sermão 2, p. 72-74

Ó Deus e Senhor dos poderes, Criador de todas as coisas, por causa de teu perdão e de tua misericórdia incomparável, tu enviaste teu único Filho unigênito, nosso Senhor Jesus Cristo, para a salvação da humanidade, e com tua venerável cruz apagaste o registro de nossos pecados, conquistando assim os governantes e poderes das trevas.

Não permitas que nosso coração se incline a palavras vazias ou pensamentos maus, mas invade nosso espírito com teu amor, para que te contemplemos sempre, sendo iluminados por teu Espírito, e assim rendamos incessante con ssão e gratidão a ti.

Amém.

Adaptado de “Oração de São Basílio Magno” (c. 330–379

d.C.), Igreja Ortodoxa do Espírito Santo

PARA REFLETIR: Is 45.18-25; Lc 14.25-35; 16.13; Jo 3.1-12; Rm 5.1-11; 6.5-18; 8.9-11; 1Co 1.18-31; Gl 3.26-29; 5.16-26; Hb 9.11-14; **1Jo 2.15**

60

As Escrituras nos instruem a honrar todas as pessoas da mesma maneira, não de acordo com suas distinções acidentais na sociedade, mas segundo a natureza moral e a sensibilidade dadas por Deus, que se encontram igualmente presentes em todos. Os processos de sensibilidade e responsabilidade moral são exempli cados nos mais pobres da sociedade assim como as leis da anatomia em toda a siologia humana. A exclusão social deveria ser abandonada em favor da reverência devida a todas as pessoas simplesmente por causa de sua inegável constituição moral. O

mais humilde camponês carrega consigo a tábua na qual foi escrita a linguagem moral do universo, muito embora ela seja contemplada pelo mais venerado filósofo. Nenhuma verdade é mais apta a extinguir a arrogância humana que essa. Cada pessoa, por mais humilde que seja, possui uma câmara de pensamentos, propósitos e imaginações tão caras para si quanto as nossas, um anteo teatro moral no qual se desenrola um universo de esperanças e convicções tão grandes e imperativas quanto as que nós mesmos experimentamos.

Nosso Salvador estipulou ele próprio o valor superior de uma só alma sobre o mundo inteiro. Essa alma tem a grandiosidade do destino que supera em muito a grandeza das honras extraídas da nobreza deste mundo.

Thomas Chalmers, “Sobre a honra devida a todas as pessoas”, em *Sermões e discursos*, vol. 1, sermão 38, p. 318-320

Ó Deus eterno, prepara meu corpo e minha alma para serem um templo santo para ti, purificado para a habitação de teu Espírito Santo. Lança fora, Senhor, todas as afeições mundanas e todos os desejos cobiçosos, para que, amando-te acima de todas as coisas, eu esteja pronto para te glorificar eternamente, por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

Jeremy Taylor (1613–1667), *Orações: antigas e modernas*, p. 340

PARA REFLETIR: Gn 9.8-17; Dt 10.17-22; 24.17-22; Jó 31.13-15; Mq 6.1-8; Mt 20.25-28; Jo 4.1-42; Gl 3.28; Tg 2.1-13; 1Pe 1.17

61

Deus poderia ter nos abandonado em nossa cegueira espiritual e ter tirado a luz do Espírito que tentamos extinguir. Em vez disso, ele nos procurou em meio à nossa ingratidão, enquanto era considerado inimigo por nós. Ainda assim, fez brilhar sobre nós os desígnios da graça. Em meio ao labirinto de nossa confusa história, ele escolheu revelar-se como o Deus da reconciliação. Abrandou nosso coração por meio do luto familiar, rasgou-o com o fracasso nos negócios e o perturbou com os rigores da lei. Ora, pense neste momento na impossibilidade de Deus nos abandonar ou fazer cessar seu trabalho.

Aquele que se moveu em nossa direção nos dias de nosso esquecimento não se afastará nos dias e horas de nossa lembrança. Aquele que não nos abandonou durante uma carreira de rebelião não se retirará de nós durante nossa carreira de obediência. Aquele que bateu primeiro à porta de nossa consciência não nos abandonará agora

que a graça consiste em nossa maior alegria e estamos em comunhão com o Pai e o Filho.

Diante disso, podemos colocar escudo nas dúvidas do coração, fortalecer a fé e aperfeiçoar o que ainda nela falta.

Thomas Chalmers, “A convicta garantia da esperança do

crente”, em *Sermões pregados na Igreja de St. John, Glasgow*, sermão 3, p. 98-100

Nas mãos de tua bendita proteção e inexprimível misericórdia, ó Senhor, eu me entrego a ti neste dia: todas as minhas capacidades, forças e ações. Sê sempre comigo, para dirigir-me, santi car-me e governar-me nos caminhos de teus mandamentos.

Que a graça e a paz do Pai, do Filho e do Espírito Santo acompanhem cada passo que eu der. Amém.

Devoções particulares (1560), *Orações:*

antigas e modernas, p. 266

PARA REFLETIR: Jr 31.10-11; 50.33-34; Ez 34.11-31; Os 11.8-11; Mc 6.34; Jo 3.16-21; 10.7-17; **Rm 5.10**; 2Co 8.9; Ef 2.1-22; 2Tm 1.7-10

62

Como o amor de Deus pode ser restaurado ao coração humano em estado de alienação? Como a regeneração pode ser realizada por meio do céu, que entrega a lei do amor como legislação em vigor? Pode-se muito bem aprovar uma lei exigindo que todos se regozijem na dor.

Poderia ela ser posta em prática por meio da imposição de penalidades terríveis para quem falhasse em cumpri-la? Pode-se muito bem tentar açoitá-la uma pessoa até que ela desenvolva terna consideração por seu abusador. Procure o amor de Deus em todas as recantos aterrorizado do coração, e você o buscará em vão. Em vez disso, é necessário aparecer algum outro poder singular para restaurar a humanidade à amável comunhão com Deus.

A Bíblia diz que Deus derramou as riquezas de sua sabedoria insondável em um plano para fazer a humanidade correr com alegria para os caminhos do Senhor. No poder de seu forte amor, o Filho de Deus desceu dos céus, transformou seu trono de glória em um trono de graça, assumiu a forma de homem, tomou sobre si todo o peso da

justiça ofendida e sofreu a cruz em nosso lugar. Tal amor torna verdadeiramente legível a face de Deus, à medida que ele se move pelos labirintos da constituição humana. Em resposta, o amor a Deus pode agora orescer no coração humano.

Thomas Chalmers, “O poder do evangelho para dissolver a inimizade do coração humano contra Deus”, em *Sermões e discursos*, vol. 2, sermão 14, p. 96-100

Ao Deus que reina no céu, todo o louvor,

O Deus de toda a criação,

O Deus de maravilhas, poder e amor,

O Deus de nossa salvação!

“Cantai louvores a Deus, que reina no alto”, Johan J. Schütz (1640–1690), de trad. coletiva, Hinário

PARA REFLETIR: Sl 51.1-19; 139.1-24; Mc 12.29-31; Jo 3.16-17; **Rm 5.8; 8.37-39; 9.23; 11.33-36; Ef 1.3-14; 2.1-22; Fp 2.5-11; Cl 1.21-23; 1Jo 4.10-12**

AUGUSTUS WILHELM NEANDER

(1789–1850)

Augustus Neander, o “pai da história eclesiástica moderna”, é prova de que, para Deus realizar grandes coisas, seus instrumentos humanos não precisam ser homens sicamente fortes e atraentes, de linhagem nobre ou dotados das graças sociais que atraem a adulação da elite. Philip Schaff explicou sem rodeios: Neander “mal tinha corpo o bastante para abrigar a mente. Parecia um simplório” (“Reminiscences”, p. 129). No entanto, Deus o usou poderosamente para a ensinar seus alunos e à igreja como a história do corpo de Cristo é “uma cadeia áurea de manifestações da verdade e do amor de Jesus, bem como um cumprimento de sua promessa de estar com os discípulos até o fim do mundo” (p. 136).

Augustus Neander nasceu em Göttingen, Alemanha, o caçula em uma

família de judeus, com o nome de David Mendel. Os pais acabaram se separando, pois Esther, a mãe, não conseguia mais suportar um marido que trabalhava como caixeiro-viajante e agiota,

negligenciando o cuidado da própria família. Aos 17 anos de idade, Augustus se converteu ao cristianismo, batizou-se em Hamburgo e assumiu o sobrenome cristão Neander. Ele nunca se casou. De saúde frágil, foi cuidado pela mãe e a irmã Hannah.

Neander recebeu uma educação clássica no ginásio (ensino médio) de Hamburgo (1803–1806), onde o contraste entre sua mente ágil e o corpo enfermo chamou a atenção tanto dos professores quanto dos alunos. De 1806 a 1809, estudou na Universidade de Halle, sob a influência poderosa de Friedrich Schleiermacher (1768–1834), conhecido como o “pai da teologia moderna”, por causa da importância que atribuiu à consciência religiosa universal. Forçado a fugir de Halle por causa das guerras napoleônicas, Neander chegou fatigado e sem um

centavo no bolso em Göttingen, mas conseguiu continuar os estudos.

Lá acabou sendo incentivado a permanecer e fazer carreira na área acadêmica. Em vez disso, Neander voltou para Hamburgo, com o objetivo de se tornar pastor. No entanto, era clara sua maior aptidão para a sala de aula do que para o púlpito.

Em 1811, na Universidade de Heidelberg, Neander começou a lecionar teologia; tornou-se professor adjunto em 1812. Um livro sobre Juliano, o Apóstata (c. 330–363), deu-lhe seu futuro como historiador da igreja. Em 1813, aos 24 anos, por sugestão de Schleiermacher, Neander se tornou professor de história da igreja na Universidade de Berlim, onde, até sua morte em 14 de julho de 1850, ensinou a doutrina cristã aos estudantes por meio das aulas e de sua vida piedosa. Em suas poucas viagens, costumava levar um baú de livros “para ler um pouco no caminho” (Schaff, “Reminiscences”, p. 131).

Sua carreira de professor foi marcada por uma combinação de erudição e piedade. O ensino de história da igreja era mais que uma disciplina intelectual. Tratava-se de uma ocupação sagrada do coração.

Neander realizou uma revolução no ensino da história da igreja. Sob a influência de historiadores racionalistas e deístas, o campo havia se tornado “um árido deserto”. Neander o transformou em “um jardim de Deus, cheio de flores e frutos” (Schaff, “Reminiscences”, p. 136). Para Neander, a história da igreja era o desenrolar contínuo da parábola de Jesus acerca do fermento que, aos poucos, leveda toda a humanidade (Mt 13.33). Ensinar a história eclesástica consistia em traçar os passos de Jesus por meio de seus discípulos ao longo das eras. Caracterizado por aquilo que Schaff denomina “catolicidade evangélica” (p. 137),

Neander ensinava os alunos a enxergar as pegadas de Jesus em todas as partes da cristandade, mesmo em meio aos hereges perseguidos. Para ele, a história da igreja é governada por um centro cristológico.

Um professor cheio de entusiasmo, Neander tinha por objetivo

“acender uma fogueira” (p. 143) na alma de seus alunos, alcançando a mente e o coração de cada um, e levando-os a conhecer o Senhor da igreja. Seu magnetismo atraía os ouvintes ao centro do assunto e os levava a esquecer tudo o mais. Não é de se espantar que seus devotos alunos celebrassem cada aniversário dele com presentes, uma serenata e, às vezes, uma procissão com tochas. Nas noites de sábado, o professor

tinha o hábito de receber tantos alunos quanto fosse possível caber em sua casa, para tomar chá, tendo Hannah como anfitriã. O projeto mais ambicioso de Neander foi a coleção em seis volumes *História geral da igreja e da religião cristã*. A publicação começou em 1826.

63

O pressuposto de que devemos contemplar a vida de Cristo é central para a existência do cristão como tal, a existência da igreja cristã e a natureza da consciência cristã. A seu toque de poder, os ossos secos do velho mundo pagão renasceram como nova criação em Cristo. Trata-se da raiz e base de nossa civilização moderna, que, mesmo em seus esforços de declarar autonomia, precisa repousar sobre essa raiz. Aliás, se tais esforços fossem bem-sucedidos, a civilização ocidental se dissolveria em seus ingredientes pagãos originais e assumiria uma forma completamente nova. Em suma, o pressuposto é a crença em Jesus Cristo como Filho de Deus, em um sentido que não pode ser atribuído a nenhum ser humano — a imagem perfeita do Deus pessoal na forma da mesma humanidade que se alienou dele, a mim de que, nele, a própria fonte da vida divina se manifestasse e somente nele o objetivo da humanidade se cumprisse.

Augustus Neander, *A vida de Jesus Cristo*, introd., cap. 1, seção 2

Ó Senhor, exalta a luz da tua face sobre nós. Hoje mesmo derrama sobre nós a tua bênção. Mediante o reinado do teu Espírito em nosso interior, mantém nossa consciência limpa de ofensas; dá-nos domínio espiritual sobre nossos pensamentos, discursos e atos. Concede-nos graça para negar a nós mesmos, tomar a cruz e seguir os passos de nosso Senhor e Mestre. Amém.

Matthew Henry (1662–1714), *Orações*:

PARA REFLETIR: Mt 12.1-13; Jo 1.1-5,10-14; 8.1-59; 10.30-33; 14.7-9; Lc 9.18-22; Ef 1.15-23; 3:20-21; 4.4-6; 5.25-33; Cl 1.15-20; Ap 19.1-8

64

(Neander comenta Friedrich Schleiermacher.)

O que é “consciência cristã”? Trata-se do cristianismo como um poder inegável e revelador do eu que entra na vida humana, um poder interno imediato no mundo espiritual do qual veio e sempre virá a regeneração da vida humana. Produz resultados que não podem ser explicados de nenhuma outra maneira. A “consciência cristã” — seu conteúdo — é capaz de se manter firme contra qualquer coisa hostil ao conhecimento de Deus e desejosa de substituir por abstrações vagas o poder divino que move a raça humana. Assim como a consciência intuitiva de Deus revela a existência à mente humana, o poder onipresente e a autorrevelação de uma Divindade pessoal, do mesmo modo a “consciência cristã” testemunha de que Cristo viveu e continua, por meio do Espírito Santo, a operar sobre a humanidade. As obras da criação revelam Deus àqueles que já têm a consciência da existência divina, pois aquele que não tem a consciência de Deus em seu interior não a encontrará em nenhum outro lugar. Somente aquele que tem

“consciência cristã” é capaz de compreender o significado de Cristo e sua igreja.

Augustus Neander, *A vida de Jesus Cristo*, introd., cap. 1, seção 2, no 25

Eu te agradeço, ó Deus, pela disciplina que enriquece a obediência e a confiança em ti, pelos fardos que fortalecem e pelos desígnios que ampliam a alma. Regozijo-me e dou-te graças pelo forte desejo de ser formado à tua semelhança e pela renovação de nosso mundo segundo tua ordem de beleza, retidão e justiça. A ti sejam a honra e a glória, para todo o sempre. Amém.

Extraído de *Serviços para o culto congregacional*, citado em Harvard Square Library

PARA REFLETIR: Mt 4.1-11; Mc 11.12-18; Lc 1.46-55; 2.25-40; 8.22-25; Jo 1.1-18; 14.1-14; At 2.14-36; 17.16-31; 1Co 1.18-31; Ef 1.1-14

Aquilo que a fé cristã afirma acerca de Cristo não é opcional, nem obra do acaso. É absolutamente necessário. Isso é verdade por dois motivos.

Primeiro, só Jesus pode satisfazer a necessidade fundamental da natureza humana, uma necessidade testemunhada na história humana e em expectativa de seu cumprimento. Segundo, a consciência cristã de quem é Cristo surgiu da impressão direta que ele causou sobre testemunhas oculares e, por meio delas, sobre toda a raça humana. Essa impressão, afirmada nos evangelhos e que sempre se propagou na consciência da igreja cristã, originou-se na revelação do próprio Cristo e sempre aponta de volta para ela. Sem isso, o testemunho da igreja jamais poderia ter surgido. Assim como o intelecto da humanidade, sem revelação divina, jamais poderia ter chegado ao conhecimento de Deus, também o testemunho cristão acerca de Jesus nunca poderia ter surgido da mente da humanidade pecadora. A consciência de que em Jesus Cristo Deus se encarnou deve ser reconhecida como evidência da vida real desse mesmo Cristo. Os cristãos são constantemente renovados à imagem dele e levados a ele, que é a fonte sempre a jorrar de vida divina.

Augustus Neander, *A vida de Jesus Cristo*, introd., cap. 1, seção 3

Misericordioso e amorosíssimo Deus, foi por tua vontade e generosidade que Jesus Cristo, nosso Senhor, se humilhou; a fim de poder exaltar toda a raça humana, desceu às profundezas para exaltar o humilde e nasceu, Deus-homem, da Virgem, com o objetivo de restaurar a imagem celestial. Concede que teu povo se apegue a ti, para que, assim como tu os redimiste por tua generosidade, eles sempre te agradem em serviço santificado. Amém.

“Natal”, Orações para datas sagradas, em *Coletas antigas e outras orações*, p. 25

PARA REFLETIR: Mt 14.22-36; 16.21; Mc 11.1-19; 12.35-37; Lc 9.14-36; 11.14-28; Jo 5.16-47; 6.25-59; 7.37-52; 8.12-30, 48-59; 9.35-41

Fora da ressurreição de Cristo, fora da reaparição do Cristo histórico como motivo e causa pessoal da fé dos discípulos, não existe justificativa concebível para explicar o que aconteceu após a crucificação. Em um golpe ousado, a morte de Cristo aniquilou tudo o que os

discípulos de Jesus haviam esperado para o Messias. A derrota foi conclusiva. Se todas as suas esperanças houvessem sido destruídas em caráter de nitivo com a morte de Jesus, e nada mais se tivesse ouvido acerca dele, o resultado seria compreensível. É verdade que seja possível, de maneira abstrata, que após o primeiro golpe da morte de Cristo as impressões espirituais profundas que Jesus causou nos discípulos pudessem ser reavivadas e operado neles de alguma maneira poderosa. Contudo, para entender o que os apóstolos zeram depois, para explicar a transição do desânimo absoluto para o renascimento poderoso e expansivo de sua fé, algo precisa ter acontecido na cadeia de acontecimentos que somente a ressurreição de Cristo é capaz de explicar. A conança arrasada nas promessas de Jesus só foi restaurada porque o próprio Cristo, após ressuscitar dos mortos, as repetiu para eles. Esse foi o renascimento da comunhão com Cristo para jamais ser dissolvida, crescendo sempre mais e mais.

Augustus Neander, *A vida de Jesus Cristo*, livro 5, parte 2, cap. 8, seção 295

Ó Deus, que prometeste sempre estar presente com tua igreja até o fim dos tempos, e que prometeste que as portas do inferno jamais prevalecerão contra a pro ssão apostólica, aperfeiçoa em tua graça a força em nossa fraqueza, e mostra a e cácia de tuas promessas ao habitar até mesmo no interior dos mais frágeis santos. Amém.

“Pela Igreja”, *Intercessões, em Coletas antigas e outras*

orações, p. 97-98

PARA REFLETIR: Mt 26.69-75; 28.1-10,16-20; Mc 14.43-50,66-72; 16.1-8; Lc 23.26-31; 24.13-24; Jo 20.19-23; 1Co 15.12-19

67

Se o Espírito de Deus revelou a homens santos do passado a Palavra da Verdade, a fim de que a proclamem para a salvação da humanidade; se Deus se revelou por intermédio da vida, da pregação e dos escritos que lhes foram dados pelo Espírito Santo, isso não deve ser visto como um fato isolado que só pertence ao passado. Para nós, membros vivos do corpo de Cristo, participantes da comunhão de seu Espírito que une o presente com toda a história da igreja desde o Pentecostes, a Palavra de Deus não deve ser um mero fato histórico distante. Por intermédio do Espírito, o passado deve se tornar presente para nós. Não necessitamos de mais revelações. Pelo contrário, a Palavra da Verdade precisa ser, para nós, como se o próprio Senhor, neste

momento, estivesse nos falando, como se houvesse acabado de nos contar o que precisamos saber para encontrar consolação nos sofrimentos presentes, vitória em todas as batalhas espirituais e um mapa para nos guiar com segurança em meio às perplexidades de um mundo hostil à graça.

Augustus Neander, *A epístola de Paulo aos filipenses*, seção 1

Concede a teus servos, ó Deus trino, puri cação perene pelo fogo de teu Espírito, fortalecimento por teu poder, iluminação por teu esplendor, preenchimento por tua graça, e então o avanço mediante teu auxílio. Concede à tua igreja fé verdadeira, amor perfeito e humildade autêntica. Dá-nos paciência corajosa, obediência perseverante, tua paz e consciência santa. Após concluir com delidade nossa carreira, recebe-nos em teu descanso celestial. Amém.

“Pela perseverança”, Orações por graças variadas, em

Coletas antigas e outras orações, p. 93-94

PARA REFLETIR: Lc 24.13-49; Jo 16.5-16; At 2.29-35; 1Co 15.12-28; Ef 2.1-10; 6.10-18; Fp 3.12-16; Cl 1.21-23; 1Ts 3.11-13; 5.16; Ap 22.12-17

68

A m de alcançar tudo o que o Espírito de Deus deseja nos ensinar por intermédio dos escritores inspirados, precisamos prestar a devida atenção às condições e relações históricas em meio àquilo que disseram e zeram. Tanto quanto possível, devemos, mediante estudo, ser transportados para ver e ouvir o mundo em que viveram. Devemos nos apropriar do conteúdo das Escrituras — a verdade divina revelada a nós

— à medida que ela guia a igreja, não na letra da lei, nem como síntese dos pontos de fé, mas sim por meio do encontro histórico, na aplicação do evangelho a circunstâncias históricas e relações sociais específicas, reveladas por intermédio de seres humanos que viveram como testemunhas da revelação divina. Cada autor inspirado testemunhou do evangelho à própria maneira distinta, mas todos eles foram consagrados pelo Espírito Santo. É assim que a verdade divina deve ser trazida para perto de nós, para nosso eu espiritual, sob o despertamento do Espírito Santo. A humilde dependência do Espírito Divino, o único capaz de nos guiar em toda a verdade e desvendar as profundezas da Palavra de Deus, é indispensável para o entendimento correto.

Em tua graça, Ó Senhor, derrama luz e vida sobre toda a igreja, para que teu rebanho, Bom Pastor, prospere em tua graça e seja guardado pelo poder de Deus, mediante a fé, para a salvação, pronta para ser revelada na vinda do Senhor. Amém.

Orações para uso do clero, em *Coletas*

antigas e outras orações, p. 180

PARA REFLETIR: Mc 1.1-13; Lc 1.1-80; At 1.1-26; 1Tm 1.3-7,18-20; 3.16; 4.1-16; 2Tm 3.1-17; Tt 2.1-15; 3.1-11; **1Pe 1.3-12**; 5.6-11; Jd 1.17-25

69

O apóstolo Paulo se esforçara para proclamar o evangelho mais que os outros apóstolos. Entretanto, ele sabia que isso não era obra sua, mas sim o que a graça de Deus realizava por meio dele. Paulo conseguia se lembrar do que havia suportado em nome de Cristo. Ainda assim, ao olhar para o fim de sua vida, não depositava sua confiança em nada do que havia feito, pois tudo parecia marcado por imperfeições. Em vez disso, olhava os olhos no que estava à sua frente, rumo ao prêmio do chamado celestial. Pode parecer estranho ele colocar tamanho peso não no que fora realizado, mas no que estava à sua frente. No entanto, essa tensão é inerente à natureza do discipulado cristão. Os cristãos que avançam em santidade tiram o olhar de si mesmos e o voltam para seu Redentor, a âncora da certeza perfeita. Apela para a graça libertadora e para a imutável Palavra de Deus. Caso fossem testar a própria vida pelo padrão de santidade perfeita, sua confiança se extinguiria. Quanto mais avançam em santidade, tanto mais conscientes ficam de seus defeitos e máculas, porém mais aguçado se torna o poder do Espírito Santo para reconhecer e aplicar neles o modelo da santidade divina.

Augustus Neander, *A epístola de Paulo aos filipenses*, seção 1

Deus todo-poderoso, Doador de toda sabedoria, ilumina meu entendimento com o conhecimento de tua vontade, e disciplina-me pela verdadeira liberdade com a qual Cristo nos liberta. Que o autoengano não me desencaminhe; que nenhuma tentação me corrompa. Em meio às esperanças e aos temores deste mundo, que o Espírito Santo seja sempre meu advogado e guia. Concede que meus pensamentos se fixem em ti, por meio de Jesus Cristo, meu Senhor. Amém.

PARA REFLETIR: 1Co 2.1-5; 3.5-23; 4.1-7; 9.16-23; 2Co 1.12-14,18-22; 4.1-12; Gl 6.7; Fp 3.1—4.1; 1Ts 3.6-13; 2Tm 4.8

70

Tudo o que acontece na igreja deve ser para o crescimento na verdadeira comunhão com Cristo, recebendo-o por completo e tornando-se cheio dele. Jesus é aquele em direção a quem acontece todo o crescimento e de quem provêm todas as energias vitais. Ele age por intermédio dos diferentes membros, através dos quais sua vida ui. E embora use cada membro de maneira individual, trabalha por meio do todo. Fica claro que o crescimento que provém de Cristo e a ele conduz só pode prosperar por completo quando todos os membros se entregam a ele e, sob sua direção, em dependência e in uência mútuas, andam juntos na mais íntima união.

As necessidades do corpo de Cristo e os meios para atender a elas são distribuídos em diversos modos e proporções variadas entre os membros, sustentando-os assim em dependência mútua e in uência recíproca. A dependência mútua deve avançar o amor mútuo. Nenhum membro pode se separar do todo. Aquele que recebe dons de Deus deve enxergá-los como um empréstimo destinado ao serviço dos outros. Eles são recursos para manifestar o amor que o Espírito de Deus derramou no coração dos éis, a marca pela qual os discípulos de Jesus serão conhecidos.

Augustus Neander, *A epístola de Paulo aos filipenses*, seção 1

Tu, Senhor, és nossa Força, nosso Refúgio e único Libertador. Ensina nossa língua a proferir palavras de invocação a ti. Abre dentro de nós as fontes de oração e santa meditação; revela-nos tua verdade; desperta-nos por teu Espírito. Ama-nos com o amor que dás a teus lhos. Tu nos deste teu Filho mais amado; juntamente com ele, nós te rogamos que nos dês todas as outras coisas que nos são necessárias. Amém.

Serviços para o culto congregacional, p. 13

PARA REFLETIR: Rm 12.1-8; 14.1-21; 1Co 12.12-31; 13.1-13; Gl 5.16-26; Ef 2.19-21; 4.1-6,11-13, **15-16**; Cl 2.16-19

71

Em nosso tempo, de todas as perguntas religiosas importantes que são feitas, a mais fundamental de todas continua a ser: “Quem é Jesus

Cristo?”. Tudo o mais retorna para essa pergunta. A consolação de que a Palavra — aquele que desde o princípio estava com Deus e era Deus, e por meio de quem todas as coisas foram criadas — se fez carne e habitou entre nós é absolutamente essencial para responder a essa pergunta.

Aqui ele se distingue de qualquer outro que já tenha aparecido na história humana. Nele ocorreu a união da essência divina com a natureza humana em todas as suas características, a humanização da essência divina, a fim de restaurar a natureza humana à imagem dessa forma revelada. Isso constitui a identidade singular da pessoa de Cristo.

Além disso, a verdadeira identidade de Jesus Cristo forma a essência da fé cristã. Seu propósito grandioso e adequado ao destino da humanidade é elevar tudo o que for humano à dignidade gloriosa da vida divina.

Assim, da correta compreensão de Cristo como a Palavra encarnada depende a apreensão correta da nova realidade que o evangelho de Jesus Cristo proclama. Somente um Cristo completo é capaz de oferecer salvação completa para esta era.

Augustus Neander, *A primeira epístola de João*, introd.

Ó Senhor, o único que coloca ordem verdadeira em todas as coisas, neste dia eu me entrego por completo à tua infinita misericórdia; cono a ti tudo que o sou — eu mesmo, meus desejos, meu presente e futuro, minhas esperanças e apreensões, meu tempo e minha eternidade, minhas alegrias e tristezas, bem como tudo o que eu amo.

Cuida de mim como bem te agrada; só tu sabes o que é o melhor. Une-me com firmeza a teu eterno amor. Amém.

Tesouro de devoção (1869), *Orações: antigas e modernas*, p. 252

PARA REFLETIR: Lc 1.26-37,46-55; Jo 1.1-5,10-18,29-34; 4.26; 6.20,35,41,48,51; 8.12,24,28,58; 9.5; 13.19; 10.11; 18.5-6,8; Ap 1.9-20; 22.12-13

Reconhecendo que a plena união entre o divino e o humano em Cristo — a perfeita harmonia entre os dois — é essencial para a compreensão de quem Cristo é, surgiram na igreja primitiva dois conceitos

mutilados, dois erros opostos que falharam em apreender essa união. Eles caíram ao exaltar ou o humano em detrimento do divino, ou o divino em detrimento do humano. O mais irônico é que, quando compreendidos juntos, os erros opostos acabam, sem perceber, por substanciar a rmação cristã ortodoxa. Juntos eles testemunham a verdade completa na qual divergem. Assim a manifestação de Cristo na terra causou impressões opostas. Em um dos erros, a manifestação do humano é tão completa que o primeiro erro não reconhece nada em Cristo além do homem, muito embora revestido com poderes extraordinários. O outro erro foge para o extremo oposto. Enxerga a glória divina que brilhava em Cristo com fulgor avassalador, e diante disso perde de vista tudo o que é humano. Enxerga a humanidade somente como uma forma visível de manifestação da existência divina. Nem o divino é reconhecido em sua humanização, nem o humano em sua exaltação por meio do divino.

Augustus Neander, *A primeira epístola de João*, introd.

Deus todo-poderoso e eterno, que capacitas teus santos não só a crer em teu Filho, mas também a sofrer em nome dele, estende teu divino auxílio às nossas fraquezas, para que, assim como os santos deram testemunho de tua misericórdia eterna, nós também alcancemos o mesmo testemunho mediante uma pro ssão constante de fé, por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

“Dia de todos os santos”, Orações para datas sagradas, em

Coletas antigas e outras orações, p. 68

PARA REFLETIR: Lc 2.1-7,41-52; 24.39; Jo 1.1-5,14; 4.6; At 2.22-23; Rm 5.15; Cl 1.15-20; Tt 2.11-13; Hb 1.5-14; 2.14-15; 1Jo 4.2-3

73

Tais erros assumem hoje novos formatos. As palavras do apóstolo João não se aplicam com menos força à nossa era. Hoje, uma classe reconhece Cristo somente como um homem iluminado. Ele pode ter sido o mais perfeito mestre da verdade religiosa a aparecer na terra, o modelo mais perfeito da vida humana. Na opinião dessas pessoas, o cristianismo não passa de um sistema de instruções, preceitos e exemplos morais. Negam a divindade de Cristo, considerando-o diferente dos mais nobres da raça apenas em grau. Explicam os evangelhos de tal modo a reduzi-los ao nível da razão e da experiência humana comum. São incapazes de compreender a salvação que provém de Cristo, a qual só pode proceder de ninguém mais que o

Deus encarnado e que opera agora para a transformação do mundo. A glória divina permanece escondida de seus olhos.

Existem outros que têm certa ideia da divindade de Cristo. A humanidade de Jesus se torna mera forma, névoa ou espectro utuando no éter, sem nenhuma personificação real do terreno e verdadeiro. Em nenhum desses erros encontramos o Redentor do mundo.

Augustus Neander, *A primeira epístola de João*, introd.

Ó Senhor, Salvador e Guardião daqueles que te temem, afasta de tua igreja todas as seduções enganosas da sabedoria deste mundo; que, sob o ensino de teu Espírito Santo, encontremos prazer em toda instrução profética e apostólica, em vez de nos deleitarmos nas instruções de um mundo que nada conhece acerca da nova criação, o segundo nascimento que vem do alto. Amém.

“Domingo da Trindade”, Orações para datas sagradas, em

Coletas antigas e outras orações, p. 66-67

PARA REFLETIR: Mt 1.18,22-23; Lc 1.35; Jo 1.4; 14.9; Rm 1.3-4; Gl 4.4; Fp 2.8; 1Tm 3.16; Hb 1.2-3; 1Jo 1.1-4; 2.18-27; 4.1-5,12; 2Jo 1.7-11

74

Qual é a importância prática do Santo Cristo ser nosso Advogado eterno junto ao Pai? À mediação perpétua por meio do Cristo vivo, ao sacerdócio perene junto àqueles que, por seu intermédio, são reconciliados com Deus, corresponde uma necessidade eterna de mediação pelos crentes. São dependentes a todo instante do sacerdócio de Cristo. Em união com ele, formam o povo consagrado a Deus. Com a consciência do pecado e da enfermidade humana, em meio a todas as tentações e todos os contritos, o povo de Cristo pode contar com segurança em uma *união indissolúvel* com seu Senhor divino-humano, o qual vivenciou todas as necessidades humanas e está próximo deles na simpatia íntima do perfeito amor. Além disso, toda a sua vida cristã exterior e interior, uindo da necessidade contínua de redenção, recebe seu significado da mediação *contínua* de Cristo e de nossa união consciente com ele.

Toda a vida cristã, ordenada para a glória de Deus, deve ser governada por meio de sua relação com Cristo, e essa relação deve se manifestar como fruto da *mediação constante* de Cristo. Para a consciência cristã, essa será uma realidade eterna *sempre presente*.

Senhor Jesus Cristo, que, pela redenção do mundo ascendeste do madeiro da cruz para trazer luz a um mundo afundado nas trevas do pecado, nós te rogamos que derrames tua luz sobre nossa vida, para que sejamos capacitados a alcançar vida e luz eterna. Amém.

“Tempo da Paixão”, Orações para datas sagradas, em

Coletas

antigas e outras orações, p. 48

PARA REFLETIR: Jo 1.14; 3.16; 17.1-26; Rm 5.12-21; 8.28-39; 1Co 1.18-31; 1Tm 2.1-6; Hb 1.1-14; 9.11—10.18; 1Pe 2.4-9; Ap 5.1-14; 20.11-15; 22.15-16

75

Em muitas expressões apostólicas, toda a vida da igreja e de cada cristão é descrita como um sacrifício agradável a Deus que Cristo, o Mediador perpétuo, o Sacerdote eterno, oferece a seu Pai celestial. Com base nisso, devemos ver que, uma vez que tudo na vida cristã se encontra inserido na mediação de Cristo, e por meio dela recebe consagração, cada elemento da vida humana deve ser consagrado e santificado, posto em conexão com a vida de Cristo. Logo, a distinção entre secular e espiritual, sagrado e profano, não mais existe. Essa velha separação é dissolvida pela mediação perpétua de Cristo.

Ora, a história da igreja ensina que devemos proteger com zelo os ensinamentos apostólicos. A dependência completa de todos os cristãos da mediação de Cristo em detrimento de todas as outras se baseia nessa verdade. Sempre que ela é obscurecida ou interpretada erroneamente na consciência cristã, a dependência singular de Cristo como Mediador é transferida para o sacerdote humano ou para outros tipos de mediação.

Intertrai-se então uma distinção artificial entre sacerdote e leigo, entre espiritual e secular. A mediação exclusiva de Cristo para a vida inteira, fundamentada em sua reconciliação definitiva, jamais deve ser posta em segundo plano.

Augustus Neander, *A primeira epístola de João*, cap. 2

Libertos do mal e continuamente estabelecidos em uma nova vida em Cristo, que sejamos capacitados pelo Espírito a nos apegar somente a ti.

Pelas feridas de tua paixão, quebra em pedaços todas as armadilhas de nosso antigo inimigo; aceita nosso jejum e ouve nossa oração. Concede-nos fé constante, paz profunda, espiritualidade piedosa, amor puro e graça sem limites. Amém.

“Tempo da Paixão”, Orações para datas sagradas, em *Coletas antigas e outras orações*, p. 50

PARA REFLETIR: Gn 22.1-12; Mt 16.21-28; Lc 18.31-34; 20.17-18; 24.25-27; At 2.29-39; 7.51-60; Rm 12.1-2; 1Co 11.2; Cl 2.9-15

JOHN HENRY NEWMAN

(1801–1890)

Cristãos modernos como Dietrich Bonhoeffer, Madre Teresa e C. S.

Lewis parecem ser uniformemente reverenciados por toda a cristandade.

É importante acrescentar também o cardeal John Henry Newman, que, primeiro como anglicano e depois como católico romano, deixou uma riqueza de recursos para a igreja.

Newman nasceu em Londres, lho de um banqueiro e de uma descendente de emigrantes huguenotes (protestantes franceses). A família fazia parte do movimento evangélico. Embora Newman tenha se afastado de sua identidade evangélica, acreditando que o movimento evangélico atribuía muito pouca importância à igreja, à Eucaristia e à santidade coletiva, sua formação evangélica teve impacto duradouro. Ele manteve o compromisso com a religião pessoal, a fé em resposta à iniciativa divina, a soberania de Deus e uma vida santa marcada por oração, leitura da Bíblia, crescimento nas virtudes cristãs e a doutrina trinitariana ortodoxa.

Em 1816, Newman ingressou no Trinity College, Oxford, onde, por causa de problemas físicos, não se sobressaiu. Em 1822, contudo, foi eleito docente do Oriel College, um dos mais prestigiosos de Oxford.

Em 1825, foi ordenado sacerdote anglicano e atuou como cura (assistente do reitor ou clérigo principal) da Igreja de St. Clement, Oxford. Em 1826, Newman voltou para Oriel, onde surgiu um debate entre religiosos de mentalidade parecida, que cou conhecido como grupo de Oriel, formado por Richard Hurrell Froude, John Keble,

Hugh James Rose e Newman. Os debates se tornaram a semente para o movimento de Oxford, o acontecimento religioso mais significativo do século 19 na Igreja da Inglaterra. Em 1835, o grupo conquistou o apoio

de Edward Bouverie Pusey, que liderou o movimento de Oxford após Newman entrar para a Igreja Católica Romana.

As motivações para o movimento de Oxford (também chamado de tratarianismo, por causa da produção de noventa tratados, e de partido anglo-católico, por causa da tentativa de restaurar as práticas litúrgicas ignoradas por evangélicos e liberais) eram diversas.

Acontecimentos políticos recentes na Inglaterra e na França haviam levantado o seguinte questionamento: a igreja realmente é uma instituição divina inalterável, soberana em sua esfera, ou pode ser alterada por ações governamentais?

Os membros do movimento de Oxford criam na primeira premissa e se convenceram de que era necessária uma renovação abrangente da doutrina da igreja, fundamentada em seu desenvolvimento histórico tanto antigo quanto contínuo.

Um sermão marcante de 1833, “Apostasia nacional”, pregado por Keble na Igreja de St. Mary, marca o início do movimento de Oxford.

Keble identificou os “sintomas” que demarcam quando a nação se torna

“alienada de Deus” e quais são os “deveres dos cristãos sinceros” em momentos de “calamidade extrema” (introd.). Em seguida, Keble postulou os princípios do movimento de Oxford: “A remissão de nossos pecados e todos os outros benefícios da paixão [de Cristo]” são recebidos na Eucaristia (Keble, *Sobre a adoração eucarística*, cap. 1, seção 5); “o dom da Santa Eucaristia é o próprio Cristo” (cap. 1, seção 9), adequadamente administrada por sacerdotes, ordenada na sucessão apostólica, em uma igreja restaurada à pureza de seus primeiros séculos, sem divisão. Em 1833, Newman começou a publicar *Tratados para os tempos*, que explicavam o movimento. Ele seria o autor de 23 dos 90

tratados. Cria que a Igreja da Inglaterra era a *via media*, o caminho do meio entre o protestantismo e Roma.

À medida que o movimento avançava, os autores passaram a defender doutrinas cada vez mais católicas do que protestantes. O tratado de 1841

(9.) de Newman foi, por assim dizer, a gota d'água. Ele argumentou que os Trinta e Nove Artigos da Igreja da Inglaterra tinham o objetivo de não ensinar nada além da doutrina católica romana. O bispo de Oxford proibiu a publicação de mais tratados.

Envolvido na controvérsia eclesiástica, Newman e alguns de seus seguidores se retiraram para Littlemore, Oxfordshire, onde viveram de

maneira semimonástica. Em 9 de outubro de 1845, pagando um alto preço em relacionamentos pessoais, mas seguido por várias centenas de leigos e religiosos, Newman entrou para a Igreja Católica Romana. Em Roma, em outubro de 1846, foi ordenado padre católico romano. Em 1847, voltou para casa com permissão para fundar a primeira casa da Congregação do Oratório de São Felipe Neri na Inglaterra. Ao longo de quase quarenta anos, Newman foi o líder de um cabido localizado em Edgbaston, Birmingham. Em 12 de maio de 1879, o papa Leão XIII elevou Newman ao ofício de cardeal.

76

“Jesus, lembre-se de mim quando vier no seu reino.” Essa foi a oração do ladrão arrependido na cruz, e essa deve ser a nossa oração. Quem pode nos fazer qualquer bem, além daquele que também será nosso Juiz? Quando pensamentos de angústia nos a igirem, “lembre-se” é tudo o que podemos dizer. Não temos mérito, nem estratégia, nem conhecimento, nem sabedoria próprios para nos justificar. Nada podemos dizer em nossa defesa para Deus. Só podemos reconhecer que somos pecadores indignos. E, ao falar com ele em tom de súplica, pedimos que se lembre de nós com misericórdia, por amor a seu Filho, não segundo o que merecemos, mas sim por causa do amor de Cristo.

Quanto mais tentarmos servi-lo aqui, melhor. Mas nos encontramos tão distantes do que deveríamos ser que, se só tivéssemos a nós mesmos em quem confiar, seríamos miseráveis sem qualquer esperança. Nossa condição nos força a confessar isso. Quem é capaz de nos fazer qualquer bem, além daquele que nasceu neste mundo para nossa regeneração, que foi ferido por nossas iniquidades e ressuscitou para nossa justificação?

John Henry Newman, “O lapso do tempo”, em *Sermões simples e paroquiais*, sermão 1

É muito adequado e correto, com todas as capacidades do coração e da mente, e também com o serviço de lábios santificados, louvar o Deus invisível, o Pai Todo-poderoso, e seu Filho unigênito, nosso Senhor Jesus

Cristo, que expiou os pecados de nossa raça caída, rompendo o cativeiro causado por nossa antiga culpa. Aleluia!

Amém.

“Páscoa”, Orações para datas sagradas, em *Coletas antigas e*

outras orações, p. 52

PARA REFLETIR: Lc 23.42; At 15.8-11; Rm 3.21-28; 4.1-8; 1Co 1.18-31; 2Co 1.12-14; Ef 2.4-5; 3.12,16-17; Hb 11.6; 1Jo 1.8-10; 2.1-2; 4.10-11

77

É impossível buscar os louvores de um mundo hostil à graça e, ao mesmo tempo, buscar o louvor de Deus. Mas essa é nossa forte tentação: Deus é invisível; o mundo é visível. O louvor e reconhecimento divinos são futuros; o louvor e reconhecimento mundanos são imediatos. O louvor e reconhecimento de Deus são internos e silenciosos; o louvor e reconhecimento mundanos são volumosos e públicos.

Devemos nos voltar para Deus, tomar nossa cruz e seguir a Cristo, que sofreu vergonha muito maior que a nossa. Você acha que ele não sentiu vergonha quando foi levantado na cruz para humilhação pública? Seus inimigos olharam para ele com ódio e insulto. Todavia, ele desprezou a vergonha.

Temos o privilégio de nos tornar semelhantes a Cristo. Toda a igreja de Deus é vista com vergonha e desprezo. Pessoas arrogantes elaboram argumentos contrários a sua origem divina; os ardilosos tentam degradá-la com propósitos políticos. Ainda assim, ela prevalece e prevalecerá, por meio de Deus Espírito Santo. As promessas que Cristo fez a seu corpo se destinam a todos que buscam a graça de Deus por meio dele.

John Henry Newman, “O louvor dos homens”,

em *Sermões simples e paroquiais*, sermão 4

Proclamem a manhã gloriosa da ressurreição de nosso Senhor! Escancarando as portas da sepultura, ele ergueu o estandarte de sua ressurreição. Por meio dele, os lhos da luz nasceram para a vida eterna e as cortes do reino do céu se abrem para nós. Pois pela cruz de Cristo fomos redimidos, e por sua ressurreição a nova criação começou. Aleluia! Amém.

“Páscoa”, Orações para datas sagradas, em

Coletas antigas e outras orações, p. 54

PARA REFLETIR: Lv 18.3; Sl 1.1-3; Dn 1.8; Mt 6.24; **Jo 12.43**; Rm 8.28-30; Ef 4.17—5.20; Cl 3.1-17; **Hb 12.1-12**; 1Pe 1.13-23

78

Epifania é um termo especialmente designado para a adoração da glória de Cristo. A palavra *Epifania* pode ser entendida com o sentido de

“manifestação de sua glória” e nos leva a contemplá-lo como o Rei em seu trono, em meio à corte celestial, com servos a seu redor e guardas a protegê-lo. Em todas as outras ocasiões — Natal, Quaresma, Sexta-Feira Santa, Páscoa, Quinta-Feira Santa e Advento — Cristo faz ou sofre algo. Mas na Epifania nós o celebramos não em um campo de batalha ou em um retiro solitário, mas como o Rei augusto e glorioso, aquele a quem adoramos. Somente então ele recebe e aceita a homenagem de seus súditos. Isso aconteceu quando ele era bebê. Seu trono cava nos braços de sua mãe imaculada. Seus aposentos estatais eram uma caverna ou cabana. Os adoradores eram os sábios do Oriente.

Tudo parecia muito comum, não fosse pelos olhos da fé. Havia apenas uma marca visível de sua divindade. O Filho de Maria foi declarado o Filho do Deus Altíssimo, Pai da Eternidade e Príncipe da Paz por sua estrela, que guiou os sábios ao longo de toda a jornada até Belém.

John Henry Newman, “O tempo da Epifania”,

em *Sermões simples e paroquiais*, sermão 6

Ó Verbo de Deus encarnado,

Ó Luz no céu sombreado:

Nós te louvamos por quem tu és;

Das páginas das Escrituras,

Como lâmpada para nossos pés,

Tua luz brilha pelas eras futuras.

William Walsham How (1823–1897), Hinário

PARA REFLETIR: 1Cr 16.29; Sl 29.2; 46.7; 95.6; 96.9; Is 60.1-6; Mt 1.18—2.12; 3.13-17; 17.1-9; Lc 2.1-40; **Jo 2.11**; Ef 3.1-12

79

Longe de nós, soldados de Cristo, a caminho do céu, encher-nos de perplexidade por causa deste mundo! “Nenhum soldado se deixa envolver em assuntos da vida civil.” Essa era a regra de São Paulo,

“morrer diariamente”. A cada dia, tinha ele cada vez menos ligação com este mundo e um tesouro maior no céu. Não pense que é difícil imitar Paulo, ou que é necessário receber algum dom milagroso. Todos podemos ser como ele, de acordo com nossa posição e medida na graça.

Fixemos os olhos em Cristo, nosso Salvador. Meditemos no esplendor e na glória de sua santidade. Oremos para que o amor pela santidade seja criado em nosso coração, e então no devido tempo se seguirão atos santos, adequados a nossas circunstâncias. Não se angustie em relação a quais serão tais atos. E não tente traçar uma linha tênue entre o que é pecado e o que é permitido. Em vez disso, olhe para Cristo e deixe tudo aquilo que julga ser da vontade dele que você abandone. Se você o amar profundamente, não irá reclamar do que o discipulado exige; tão somente arriscará tudo em Jesus. Ele chama aqueles que têm a vida mais so sticada a viver com a máxima humildade.

John Henry Newman, “O dever de negar a si mesmo”, em *Sermões simples e paroquiais*, sermão 7

De tuas mãos, ó Deus, estamos dispostos a receber tudo. Tu estendes tua mão poderosa e capturas o sábio em sua insensatez. Tu abres tua mão gentil e satisfazes com bênçãos tudo o que vive. E, ainda que pareça que tua mão se encurtou, aumenta nossa fé e con ança, para que continuemos a nos apegar a ti. Amém.

Adaptado de Søren Kierkegaard, “Todo bem e todo dom

perfeito vêm do alto”, em *Dezoito discursos edificantes*, da trad. de Hong, p. 31

PARA REFLETIR: Mt 5.13-16; 7.24-29; 16.24; Lc 12.22-34; 14.25-35; Jo 15.1-7; **1Co 15.31**; 2Co 7.1; Fp 3.7-14; Cl 3.1-17; **2Tm 2.4**; 1Pe 5.6-10

(Newman adapta François Guizot.)

Há problemas na vida humana — no destino humano — que não podem

ser resolvidos nesta vida, que dependem de uma ordem de coisas desconectadas com o mundo visível, mas que clamam incessantemente por respostas. A avidez por respostas satisfatórias dá origem à religião.

Há outra causa que também impulsiona a humanidade a abraçar a religião. De onde vem a moral? Para onde ela leva? É esse chamado convincente a fazer o bem um fato isolado, sem autor e sem nalidade?

Ele oculta ou revela uma origem, um destino além deste mundo? Tais perguntas espontâneas e inevitáveis conduzem a humanidade ao limiar da religião e nos revelam uma esfera que transcende os recursos humanos. Logo, as fontes certas e inesgotáveis da religião são, por um lado, os problemas terríveis que assolam a natureza humana e, por outro, a necessidade de encontrar uma origem e um objetivo para a moralidade que possa justificar adequadamente sua autoridade. A religião assume diversas outras formas — uma união de doutrinas, preceitos e promessas. A religião não pode ser entendida como uma mera expressão do sentimento humano, um impulso da imaginação ou um produto dos poetas.

John Henry Newman, *Ensaio sobre o desenvolvimento da doutrina cristã*, cap. 1, seção 2.8

Con rma em nossa mente, ó Senhor, os mistérios da verdadeira fé cristã, para que confessemos aquele que foi concebido pela Virgem para ser tanto Deus quanto homem, a m de que, pelo poder de sua ressurreição salvadora, sejamos capacitados a alcançar alegria eterna e plena esperança de salvação. Amém.

“Pela fé”, Orações por graças variadas, em

Coletas antigas e outras orações, p. 75

PARA REFLETIR: Sl 42.4; 63.1; Is 55.1; Mt 5.6; Jo 4.13-14; 6.33-35; 7.37; Rm 1.18-25; 1Pe 2.2; Ap 22.17

PHOEBE PALMER

(1807–1874)

Da metade para o m do século 19 nos Estados Unidos, aconteceu um

reavivamento de santidade no seio de diversas denominações protestantes, incluindo presbiterianos, quacres e congregacionalistas, mas principalmente entre os metodistas. O movimento foi impulsionado pelo aumento do interesse na doutrina wesleyana da perfeição cristã, ou

“santi cação plena”, ou ainda “amor perfeito”. John Wesley chamara isso de a “grande contribuição” do metodismo (carta a Robert Carr Brakenbury [15 de setembro de 1790], *Cartas*). O reavivamento deu origem à proliferação de associações não denominacionais de santidade, oradores proeminentes religiosos e leigos, uma literatura próspera, reuniões campais frequentadas por muitos, e evangelistas como Charles G. Finney (1792–1875). Com o tempo, surgiram denominações comprometidas com o conceito wesleyano de santidade cristã. O

contexto nacional mais amplo do reavivamento incluiu o movimento fundamentalista, a perda de contato com os pobres urbanos por muitas igrejas metodistas em ascensão social e econômica, bem como a Era Dourada norte-americana, isto é, rápida expansão industrial e econômica, urbanização, aumento exponencial da riqueza para muitos, especulação nanceira, imigração da Europa e pobreza nas cidades.

Uma das vozes mais extraordinárias no movimento norte-americano de santidade foi Phoebe Worrall Palmer, uma leiga metodista. Ela nasceu em Nova York, de uma devota família metodista que seguia o exemplo de Susanna Wesley para a espiritualidade doméstica. Seu pai havia se convertido pelo ministério de John Wesley antes de imigrar para os Estados Unidos. Phoebe se tornaria “a maior em meio a incontáveis” porta-vozes metodistas em prol de uma doutrina de orientação wesleyana de perfeição cristã (Ahlstrom, *Religious History*, p.

478). Embora sua educação formal não excedesse o equivalente ao ensino fundamental, sua disciplina para aprender e desenvolver as habilidades de escritora resultou na produção de quase vinte livros, muitos folhetos, artigos e poemas.

Aos 19 anos, Phoebe Worrall se casou com Walter C. Palmer, abastado médico homeopata de Nova York. A segurança nanceira de Palmer custeou boa parte do ministério do casal ao longo dos anos seguintes nos Estados Unidos, Canadá (1857) e Ilhas Britânicas (1859).

A morte trágica de três lhos levou Phoebe, em 1837, a uma

experiência religiosa que os metodistas chamavam de “inteira santi cação”. Seu marido teve uma experiência semelhante. Eles acreditavam que deveriam contar aos outros. O resultado foi o ministério público impressionante de Phoebe que começou com seu envolvimento nas Reuniões de Terça-Feira para Promoção da Santidade. Criadas por sua irmã Sarah em 1836, as reuniões eram, a princípio, realizadas para mulheres metodistas. Em 1839, as reuniões foram abertas para homens de diversas denominações. A família Palmer ampliou a casa para conseguir receber os encontros.

À medida que a reputação dos Palmer se espalhava, eles se tornaram evangelistas itinerantes. O ministério de Phoebe cresceu

vertiginosamente. Entre 1840 e 1874, ela percorreu milhares de quilômetros para pregar e ensinar em diferentes contextos. Muitos milhares se converteram, e vários outros experimentaram a inteira santi cação. *O caminho da santidade* (1843) teve imensa influência entre os promotores da santidade. O livro *A promessa do Pai* (1859) defendeu as mulheres no ministério cristão. Em 1864, ela e o marido compraram e passaram a editar *O guia para a santidade*, revista religiosa mensal muito lida e comprometida com a causa da santidade.

Palmer desenvolveu um método de ensinar a doutrina wesleyana que divergia, em alguns aspectos, do próprio Wesley. Baseando-se em Mateus 23.19, ensinava um “caminho mais curto” que oferecia um trajeto certo para a inteira santi cação. O “caminho mais curto”

envolvia o reconhecimento da provisão divina para o aperfeiçoamento do amor, a consagração completa a Deus, a confiança na promessa divina de santi car o que é consagrado, e depois o testemunho público do que Deus fez.

Phoebe Palmer foi uma pioneira do século 19 que serviu de exemplo para as mulheres no ministério (uma característica distintiva do reavivamento de santidade), incluindo, de modo notável, o serviço humanitário e assistencial a pobres, prisioneiros e órfãos. Incomodada com as condições de uma região carente na cidade de Nova York, em 1850 Palmer levou a Sociedade Missionária do Lar e da Mulher Metodista a fundar a Missão de Cinco Pontos. A missão fornecia comida, roupas, teto e escola diurna para os filhos dos pobres. Uma fábrica associada oferecia emprego para até quinhentas pessoas.

os detalhes, um poder para Deus, e verdadeiramente a transformar em uma demonstração prática da “beleza da santidade”, precisarei permanecer vigilante o tempo inteiro. “Vigiem e orem para que não cedam à tentação”, foi a ordem de Jesus. Na instrução divina, a *vigilância* precede a *oração*. Assim como o profeta Elias, nosso olho interior precisa estar alerta aos dois mundos: devemos ver não só as hostes de Deus em nossa defesa, mas também o exército de adversários, alguns deles vestidos como anjos de luz. Discernimento espiritual diligente, vigilância e sabedoria humilde são necessários para garantir a vitória.

Deus — Pai, Filho e Espírito Santo — é por nós. Os santos anjos são por nós. Os ministérios das hostes celestiais remidas nos céus e na terra são por nós. Por que então nossa vida, em todos os seus detalhes, não seria triunfante? Pela graça, devemos ser mais vigilantes e orar mais.

Assim, seremos cada vez mais vitoriosos.

Phoebe Palmer, anotação em seu diário, 20 de fevereiro de 1868,

citado em Richard Wheatley, *A vida e as cartas da Sra. Phoebe Palmer*, p. 131

Ó amor de Deus, desce ao meu coração. Ilumina os recantos escuros desta habitação negligenciada. Espalha ali teus raios de alegria. Mora nesta alma que anseia por ser templo teu. Irriga qualquer solo estéril tomado de espinhos e ervas daninhas, perdido por falta de cultivo. Torna-o frutífero com teu orvalho. Amém.

Agostinho (354–430 d.C.), bispo de Hipona,

PARA REFLETIR: Dt 6.16-19; 11.13-18; Pv 4.23; **Mt 26.36-41**; 1Co 15.58; Gl 6.9-10; Fp 3.12-16; Hb 6.9-12; 10.19-25; 2Pe 1.3-11; 3.11-13

82

A “lei do reino” do amor deve ocupar lugar proeminente no santuário do coração de cada cristão. Só poderemos nos sair bem à vista do Amor In nito, em constante vitória, se vivermos sob seu domínio. “Vocês fazem bem quando obedecem à lei do reino conforme dizem as Escrituras: ‘Ame seu próximo como a si mesmo’.” Que bênção viver constantemente na atmosfera do perfeito amor! “Deus é amor.” Se tivermos grande acuidade na percepção referente a esse importante princípio que governa a religião cristã, precisaremos tratar a consciência com muito cuidado.

Rápida como olhos a piscar,

Torna, ó Deus, minha consciência;

Desperta-me quando o pecado chegar

E afasta-me de toda dormência.

Phoebe Palmer, anotação em seu diário, 20 de fevereiro de 1868,

citado por Richard Wheatley, *A vida e as cartas da Sra. Phoebe Palmer*, p. 131-132

Concede, ó Deus todo-poderoso, que com verdadeira humildade e obediência de fé aceitemos a graça do teu evangelho que agora nos é oferecida, por meio da qual tu te reconcilias conosco; e concede que perseveremos com constância na fé pura, para que jamais nos afastemos da verdadeira obediência el, mas que avancemos mais e mais no conhecimento de tua misericórdia, a m de que, tendo raízes fortes e profundas, rmemente alicerçados na con ança da fé inabalável, jamais deixemos de te adorar, até que en m nos recebas naquele reino eterno que nos foi providenciado pelo sangue de teu único Filho. Amém.

João Calvino, Oseias, palestra 4

PARA REFLETIR: Pv 4.23; Is 30.21; Mc 12.28-31; 2Co 6.14—7.1; 1Tm 1.5; Hb 10.22; **Tg 1.4; 2.8**; 1Pe 3.16; **1Jo 2.5; 3.18-21; 4.8,18**

Tenho trabalhado para resguardar meu espírito. O humano e o divino podem se confundir um com o outro com muita facilidade; *vigilância* constante é necessária. Caso contrário, sem ter consciência do que está acontecendo, andaremos de acordo com nossos interesses humanos, em lugar dos do Espírito de Deus. Isso aconteceu no passado com Moisés.

Ele perguntou: “Ouçam, seus rebeldes! Será que é desta rocha que teremos de tirar água?”. Então, com raiva, feriu a rocha em vez de falar com ela, conforme Deus havia instruído. Mas Deus é um Deus zeloso.

Ele não reparte sua glória com ninguém, nem mesmo com um servo tão estimado como Moisés. Foi ele severamente punido por assumir a autoridade divina e ferir a rocha com raiva, à sua maneira e com seu poder. Ah, devemos subir à torre de vigia e nos examinar em todos os nossos impulsos enganosos e ações reprováveis!

Graças a Deus porque, mediante sua generosa graça, a linguagem da alma pode entrar em sintonia com o Senhor que habita dentro de nós.

Phoebe Palmer, anotação em seu diário, 13 de outubro de 1872,

citado em Richard Wheatley, *A vida e as cartas da Sra. Phoebe Palmer*, p. 89

Pai de toda misericórdia, nós te damos graças de coração, com toda humildade, por tua bondade e longanimidade para conosco e todas as pessoas. Nós te bendizemos por nossa criação e manutenção, e por todas as bênçãos desta vida; acima de tudo, porém, nós te agradecemos por teu inestimável amor na redenção do mundo mediante nosso Senhor Jesus Cristo, instrumento da graça e esperança de glória. Que expressemos teu louvor, não só com nossos lábios, mas também andando em tua presença com santidade e retidão todos os dias de nossa vida, por meio de Jesus, nosso Senhor.

Amém.

Serviços para o culto congregacional, p. 85

PARA REFLETIR: Nm 20.1-13; Dt 4.9; Sl 39.1; Is 42.8; 48.9-13; Mt 24.3-8; Lc 11.33-36; 12.15-21; Rm 13.11-14; 1Co 9.24-27; Ef 5.15-20; 6.18-20

O “primeiro mês” ocorreu há quatro anos, na noite deste dia. Fui conduzida a uma nova vida de fé que me era desconhecida antes. Desde então, a consagração de todo o meu ser tem sido o grande objetivo de minha vida. Creio que não se passou uma hora sem eu pensar que seria melhor morrer a me afastar de Deus. Minha mente relembra com frequência o momento no qual, de maneira muito solene e deliberada, eu me entreguei ao vínculo de uma aliança eterna, para pertencer completamente ao Senhor pelo tempo e pela eternidade, e também o instante em que a oferta foi aceita e selada pelo in nito e imutável Javé.

Antes disso, eu tinha inclinação para a descrença. Soube então que nada menos que o poder divino seria capaz de me sustentar a cada instante na vida da graça. Foi-me mostrado que Deus pode me erguer com sua destra poderosa. Reconheci a necessidade absoluta de ser redimida pela graça, momento a momento.

Phoebe Palmer, anotação em seu diário, 26 de julho de 1841,

citado em Richard Wheatley, *A vida e as cartas da Sra. Phoebe Palmer*, p. 125.

Ó Senhor, resplandece sobre nós a luz do teu rosto; que tua paz reine em nosso coração, e que ela nos seja a força e o cântico ao longo do caminho de nossa peregrinação neste mundo. Hoje nos entregamos à tua providência; que tua graça, teu poder e tua sabedoria sejam frutíferos em nós, para o querer e o fazer de tua boa vontade. A ti seja a glória para todo o sempre. Amém.

Matthew Henry (1662–1714), *Orações:*

antigas e modernas, p. 282

PARA REFLETIR: Êx 12.1-13; Sl 51.15-17; Mq 6.6-8; Hc 3.17-19; Mt 13.44-46; Rm 6.12-14,19; 12.21; Hb 13.30-21; 2Pe 1.3-11; 3.11-13; Ap 2.8-11; 19.6-8

Minha união com Cristo é *interna, vital e real*. Tenho plena consciência de que todos os meus interesses se identi cam com os interesses do reino de Cristo. Que meu testemunho nal na presença de Deus, dos anjos e dos seres humanos seja que, por experiência, eu saiba que Deus, mediante o poder do Espírito Santo, é capaz de sujeitar o

coração a ponto de levar todo o indivíduo a uma *alegre obediência a Cristo*. O Deus trino — Pai, Filho e Espírito Santo — inaugurou a obra de minha salvação. Pela graça, fui capacitada a me entregar à jornada de salvação, santi cação e puri cação constante, pela qual sou conduzida.

Mas esse processo requer a cruci cação da carne. Tenho vitória *por meio* de nosso Senhor Jesus Cristo. Coloquei-me como holocausto sobre o altar do serviço à igreja de Cristo. Às vezes, de maneira dolorosa, é-me permitido sentir o sacrifício ser consumido. Como testemunha do poder da graça salvadora e mantenedora, permita-me afirmar que ela pode nos dar poder para permanecer alegres em meio à tribulação.

Phoebe Palmer, anotação em seu diário, 1o de janeiro de 1856,

citado em Richard Wheatley, *A vida e as cartas da Sra. Phoebe Palmer*, p. 129-130.

Querido Deus, busco conhecer-te, amar-te e alegrar-me em ti. Se não conseguir fazer tais coisas com perfeição, que pelo menos eu avance a degraus mais altos a cada dia, até que chegue o mais próximo possível da perfeição. Deus da verdade, que meu conhecimento a teu respeito aumente; que meu amor por ti cresça a cada dia mais e mais; que minha alegria em ti seja completa. Amém.

Agostinho (354–430 d.C.), bispo de Hipona,

PARA REFLETIR: Sl 1.1-6; 119.1-8; 139.1-12; Mc 8.34; Rm 6.5-11; 12.1-2; **Gl 5.16-24**; Ef 4.17-24; Fp 3.12-16; Cl 3.1-17; 1Ts 5.23-24; 1Pe 1.13-21

86

Se Cristo estivesse presente em carne, e se eu fosse chamado, junto com Marta, a ministrar às necessidades temporais de Cristo e seus discípulos, parece-me que estaria igualmente envolvida em seu serviço, e as afeições que dele emanariam seriam tão puras e santas como se estivesse com Maria, que adorava despreocupada aos pés de Cristo. Ou, se estivesse assentada com a devota Maria e lançasse o olhar para a mesa por terminar, a escuta dos santos ensinos de Jesus seria interrompida por um o invisível de simpatia do coração do Salvador de puro amor para o serviço à mesa. Com sentimento igualmente fervoroso e santo, eu me apressaria para organizar os suprimentos necessários, e me regozijaria com a mesma veracidade ao perceber que, diante da necessidade de meu Salvador, eu fora chamada a uma “vocação elevada e santa”.

Portanto, não me sinto inclinada a distinguir ou dar preferência àqueles que são chamados a desempenhar deveres temporais ou espirituais. Cada dever, em sua própria maneira, parece espiritual.

“Tudo que faço aqui embaixo, faço-o para o Senhor.”

Phoebe Palmer, anotação em seu diário, 1847, citado em Richard

Wheatley, *A vida e as cartas da Sra. Phoebe Palmer*, p. 590-591

Ó Filho de carpinteiro, tão cheio de graça que se sentia à vontade entre pescadores e publicanos, ensina-nos que a vida cotidiana é o verdadeiro ambiente para a vida cristã, a m de que nosso contato comum com Deus aconteça onde se encontram nossos companheiros humanos, nossos anseios, nossos afetos e nosso trabalho. Ensina-nos que, em meio às coisas mais materiais deste mundo, encontramos nosso Senhor todos os dias e buscamos sua santi cação em nossa vida. Ali céus e terra se unem, à medida que, por meio do Espírito Santo, lutamos para obter a santidade sem a qual ninguém verá a Deus. Amém.

Adaptado de Josemaría Escrivá, “Amor passiona! pelo

mundo”, sermão pregado em 8 de outubro de 1967

PARA REFLETIR: Mt 20.27-28; 25.31-46; Lc 10.38-42; 22.24-27; Jo 11.17-37; 13.12-17; At 6.1-7; Ef 6.5-9; Fp 2.1-4; Tg 1.27

SØREN KIERKEGAARD

(1813–1855)

Por que incluir em um livro de heróis da igreja alguém tão ressentido por seus compatriotas em Copenhague que, após sua morte, os pais pararam de dar aos filhos o nome de Søren? Alguém que cria ter herdado a maldição do pai e era tão melancólico que um de seus apelidos foi Dinamarquês da Melancolia? Alguém que calculou errado a data de sua morte e, por causa disso, gastou antes da hora toda a sua herança? Alguém que buscou e conquistou o amor de Regine Olsen, de 14 anos, cou noivo dela e imediatamente começou a traçar um plano para terminar o noivado, envergonhando a família dela, partindo o coração de Regine e acabando com a própria reputação? Alguém cujo objetivo como escritor era fazer seus compatriotas admitirem que não havia cristãos na Dinamarca, que dedicou páginas a o explicando como seduzir uma mulher, ou que escreveu com brilhantismo sobre o amor familiar, mas nunca o experimentou? Alguém que recebeu ataques ferrenhos de seu superior eclesiástico por não ser um cristão verdadeiro?

Alguém cuja última obra assinada foi um “ataque à cristandade” e que, no leito de morte, se recusou a receber a Eucaristia? Alguém que usou pseudônimos para oito de suas principais obras?

Essas perguntas se referem a Søren Aabye Kierkegaard, dinamarquês que cria ter recebido de Deus a ordem de expor a doença fatal do cristianismo super cial na Igreja da Dinamarca e de expressar da maneira mais clara possível o verdadeiro significado e preço do discipulado cristão. O cumprimento do chamado divino significaria abrir mão da esperança de uma vida feliz ao lado de Regine, uma inédita possibilidade de harmonia doméstica. Além de duvidar de sua capacidade de ser um bom marido, achando que acabaria reproduzindo um aspecto desagradável do próprio pai, Kierkegaard não seria capaz de

lançar sobre Regine o escárnio e a maldição que o chamado de Deus implicavam. Ele entendia que Deus havia vetado o casamento e ordenado que Kierkegaard “revisasse a de nição do que é ser cristão”

(*Antologia de Kierkegaard*, p. 466). O objetivo inabalável de Kierkegaard era libertar Jesus Cristo do cativo eclesiástico e

cultural, e fazer os cristãos nominais confrontarem seus pontos de vista cegamente elaborados. Ele se exauriu trabalhando para libertar Cristo de uma história morta, na qual Cristo podia ser controlado, a m de apresentá-lo como o Senhor vivo e contemporâneo da igreja e de todas as dimensões da vida.

Kierkegaard usou com brilhantismo um artifício e gênero literário após o outro, criando por vezes personagens desagradáveis a m de transmitir sua mensagem. Ninguém no século 19 fez mais para expor uma forma de religião so sticadamente fabricada, apoiada pela loso a e inculcada com uniformidade nas pessoas desde a primeira infância, mas completamente desprovida do verdadeiro sentido, poder e exigência da conversão cristã. Kierkegaard se recusava a deixar o indivíduo desaparecer dentro do cristianismo cultural e requeria que cada um se levantasse sozinho para prestar contas perante o Senhor, começando a existir como cristão, pessoa, espírito. Negava-se a deixar o escândalo do evangelho ser obscurecido por um sistema losó co especulativo (hegelianismo) ou reduzido a uma ética racional e administrável (kantianismo). Insistia que Cristo só pode ser conhecido por intermédio da fé transformadora, jamais como um fato histórico. Queria ensinar os cristãos como ser cristãos em meio à cristandade, como voar com Cristo em vez de chafurdar no chão como um respeitável ganso amestrado (Lowrie, *A Short Life of Kierkegaard*, p. 215).

Kierkegaard jamais se identi cou como um cristão modelo. Ele sempre estava “se tornando cristão”. No entanto, registrou um encontro maravilhoso com o amor de Deus, no dia 19 de maio de 1838, às 10h30:

“Alegria indescritível que nos ilumina [. .]. Com a língua e a boca, do fundo do coração, eu me alegro por intermédio de minha alegria, dentro, em, sobre, por e com minha alegria” (*Diários*).

A m de entender Søren Kierkegaard, começemos com o chamado e o ministério do profeta Jeremias, do século 7 a.C. (Jr 1.1-10), que, quando jovem, aceitou com relutância a instrução divina para acusar a religião

elaborada porém apóstata de Judá. Jeremias advertiu quanto às consequências da religião vazia, mas sabia, desde o princípio, que a instituição religiosa e o povo rejeitariam seu ministério. Em ambos, havia um “fogo” queimando “nos ossos” (Jr 20.9), um zelo santo pelo Senhor que nenhum dos dois foi capaz de reprimir.

O que o amor faz, ele é; o que o amor é, ele faz — exatamente no mesmo momento; simultaneamente enquanto vai além de si (em direção externa) ele está em si (em direção interna), e simultaneamente estando em si ele vai portanto além de si, de maneira que esse ir além e esse voltar para dentro, esse voltar para dentro e esse ir além, são simultaneamente a mesma coisa. [. .] O amor jamais pensa [. .] em salvar a si mesmo, em adquirir com ança em si mesmo; aquele que ama só pensa em dar com ança e salvar o outro da morte. Mas aquele que ama não é assim esquecido. [. .] Deus é amor, e quando um ser humano, por causa do amor, esquece a si mesmo, como então Deus deve se esquecer dele! Nada disso! Enquanto aquele que ama se esquece de si e pensa na outra pessoa, Deus pensa nele. [. .] Quem ama, ao se esquecer de si, é lembrado pelo amor. Há Alguém que pensa nele e, dessa maneira, aquele que ama recebe o mesmo que dá.

Søren Kierkegaard, *Obras de amor*, da trad. de Hong, p. 261-262

Ó santo Senhor, Pai todo-poderoso, Deus eterno, coloca em nós os dons de tua graça e, com tua misericórdia, derrama sobre nós mediante teu Espírito aquilo que a fragilidade humana é incapaz de alcançar, para que sejamos consolidados na fé perfeita e iluminados pela alegria radiante que vem do Senhor. Conserva-nos na herança incorruptível e imaculada, que jamais se acaba. Amém.

Orações para uso do clero, em *Coletas*

antigas e outras orações, p. 179

PARA REFLETIR: Lc 6.35; Jo 3.16; 13.34; Rm 8.35-39; 12.9-21; 13.8-10; 1Co 13.1-13; Ef 4.1-2; 1Pe 4.8-11; 1Jo 2.7-11; 3.1-4,11-18; 4.17-21

Embora o naturalista se alegre no que conseguiu ver, admite prontamente que não há limites para as descobertas. [. .] O mesmo se aplica à multidão de pecados [. .]. *Descobre-se* que a multidão de pecados não para de crescer; ou seja, por meio de sua descoberta, ela parece aumentar cada vez mais, naturalmente também por meio do auxílio das descobertas que se faz acerca da forma astuta e suspeita que o indivíduo age a m de fazer tais descobertas. [Mas] aquele que *não faz descobertas*, conseqüentemente esconde a multidão de pecados.

É claro que é fácil ver que a pessoa que ama e nada descobre parece muito medíocre aos olhos do mundo. Pois mesmo em relação ao mal, ao pecado e à multiplicidade de pecados, descobre-se que existe um observador sagaz, astuto, obtuso e, quem sabe, meio corrupto realmente capaz de fazer descobertas.

Mas aquele que ama, ah, não importa que o mundo ria dele, o ridicularize, tenha piedade dele ou diga o que for a seu respeito, é certo que, em relação à multidão de pecados, ele não *descobre* nada.

Søren Kierkegaard, *Obras de amor*, da trad. de Swenson,

p. 229-231

O amor é paciente e bondoso. O amor não é ciumento, nem presunçoso. Não é orgulhoso, nem grosseiro. Não exige que as coisas sejam à sua maneira. Não é irritável, nem rancoroso. Não se alegra com a injustiça, mas sim com a verdade. O

amor nunca desiste, nunca perde a fé, sempre tem esperança e sempre se mantém firme. Amém.

Paulo, 1Coríntios 13.4-7

PARA REFLETIR: Is 40.1-31; 43.25; 53.5-6; Ez 33.11; Os 11.1-4; Mt 18.21-22; Jo 3.16; 5.24; Rm 3.23-26; 8.1; **1Co 13.1-13; 1Pe 4.8; 1Jo 1.9**

89

No Novo Testamento, a situação é esta: [. .] nosso Senhor Jesus Cristo, absolutamente expressando ele mesmo oposição, permanece em um mundo no qual [. .] absolutamente tudo expressa oposição a ele. [. .]

Quando do indivíduo Cristo requer fé (e, com isso, obtemos uma definição mais precisa do que ele entende por fé), então, em virtude da situação, isso não é possível sem entrar em uma relação [construtiva]

com o mundo ao redor, que talvez envolva perigo mortal. Quando Cristo diz: “Confessem-me diante do mundo”, “Sigam-me” ou

“Venham a mim”, [. .] então, em virtude da situação que apresenta o mais expresso entendimento, as consequências sempre serão exposição a perigos, quem sabe até perigo de morte. Em contrapartida, no lugar em que todos são cristãos, a situação é esta: denominar-se cristão é um meio de se proteger de toda espécie de inconveniência e desconforto,

bem como um meio de garantir bens materiais, conforto e lucro [. .].

[Professamos] crenças [. .] acerca de confessar a Cristo perante o mundo, de segui-lo [. .]; e a ortodoxia [. .] [existe] por toda parte, consistindo a ortodoxia em jogar o jogo do cristianismo.

Søren Kierkegaard, “Quanto ao que eu disse sobre a ‘situação’”,

em “A Pátria, quinta-feira, 21 de março de 1855”, em *Ataque à cristandade*, da trad. de Ulrich

Santo Deus, puri ca nossa vida a m de que andemos de maneira adequada à fé que professamos. Concede-nos retidão de propósito, capacidades da razão desimpedidas por paixões profanas, e uma conduta adequada para uma vida de temor piedoso. Amém.

“Orações matinais”, Oração ortodoxa

PARA REFLETIR: Mt 6.23; 7.13,21-23; **10.32-33; 11.28-29; 16.24;** Lc 9.23; Jo 15.18-21; Rm 12.2; 1Co 13.2; Gl 2.20; 2Tm 3.1; 1Jo 2.15-16; 3.13; Ap 3.15-16

90

O que eu quero? Para ser bem franco, quero honestidade.

A leniência que marca o cristianismo comum da terra desejo colocar ao lado do padrão do Novo Testamento.

Se eu ou outra pessoa puder provar que esse cristianismo pode ser mantido lado a lado com o Novo Testamento, com a maior alegria concordarei.

Mas não irei por omissão ou [. .] truques [. .] dar a impressão de que o cristianismo comum da terra e o cristianismo do Novo Testamento são parecidos.

Quero honestidade. [. .] É impossível que a comparação se mantenha quando [. .] artimanhas engenhosas são aplicadas para disfarçar a diferença entre o cristianismo do Novo Testamento e uma forma suavizada.

É desta falsi cação que o cristianismo o cial é culpado: não torna conhecida com franqueza e sem reservas a exigência cristã, talvez porque as pessoas estremeceriam ao ver a que distância do Novo Testamento estamos vivendo, sem poder a rmar que, da maneira mais

remota possível, nossa vida possa ser chamada de um esforço [. .] para cumprir o requisito do Novo Testamento.

Søren Kierkegaard, *Ataque de Kierkegaard à “cristandade”*

(1854–1855), da trad. de Lowrie, p. 37-38

Concede-nos, ó Deus todo-poderoso, quando nosso entendimento se obscurecer e o brilho da vida se ofuscar, sabedoria que aprofunda a fé e aumenta a conança.

Quando for difícil traçar teus caminhos, que nossa conança silenciosa e conança paciente em ti sejam como a de crianças que têm a certeza de que são amadas e protegidas. Amém.

George Dawson (1821–1876), *Orações:*

antigas e modernas, p. 293

PARA REFLETIR: Mt 5.1-20,43-48; 13.44-51; 22.1-14; Lc 9.23-26; Jo 12.20-26; 15.18-25; 2Co 4.1-12; Ef 1.6; Fp 3.7-8; Tt 1.15-16

91

Você ousa afirmar que “a verdade” tão rapidamente se permite ser compreendida como inverdade! [. .] Não! “A verdade”, que odeia essa inverdade, cujo único objetivo é desejar seu aumento, não é tão rápida assim. Em primeiro lugar, ela não pode atuar por meio do fantástico, que é a inverdade; seu comunicador é somente o indivíduo. E sua comunicação diz respeito, mais uma vez, a esse único indivíduo; pois, nessa forma de enxergar a vida, o indivíduo é exatamente a verdade. A verdade não pode ser comunicada, nem recebida sem estar diante dos olhos de Deus, tampouco sem a ajuda de Deus.

Cristo [foi] crucificado porque, mesmo se dirigindo a todos, não ia junto com a multidão, pois não permitiu, de maneira nenhuma, que a multidão o ajudasse. Nesse aspecto, ele a repeliu por completo, não fundou um partido, nem permitiu votação, mas foi exatamente quem era, a verdade, que se relaciona apenas com as pessoas de maneira individual. Logo, todos aqueles que, em verdade, servem a verdade, são

[. .], de uma forma ou de outra, mártires.

Søren Kierkegaard, *A multidão é a inverdade: Sobre a dedicação ao*

“indivíduo único”, da trad. de Bellinger, § 8, 9

Ó Deus, nós provamos que tu és o Senhor de toda graça. Agora capacita-nos por teu Espírito a deixar de lado toda maldade, todo engano, toda hipocrisia, toda inveja e todo tipo de difamação, para que sejamos edificados como um templo espiritual, um sacerdócio santo, a fim de que sempre ofereçamos sacrifícios agradáveis ao Pai por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

Baseado em 1Pedro 2.1-5

PARA REFLETIR: Mc 13.22; Lc 11.29-32; 15.25-32; 22.47-53; Jo 1.14; 3.1-8; 6.25-71; 8.31-47; 18.37-38; 2Co 4.1-12; 6.1-18; Ef 1.12-13; 1Jo 1.6; 3.18; 4.1; 2Jo 1.3

92

No mundo dos eventos, Deus está presente em todos os lugares, em todos os momentos; em um sentido mais verdadeiro do que podemos dizer acerca da mais vigilante justiça humana, [.] Deus é onipresente, embora jamais algum mortal o tenha visto; presente em todos os lugares, nos menores eventos bem como nos mais importantes, naquilo que mal pode ser chamado de evento bem como no evento único, na morte de uma andorinha bem como no nascimento do Salvador da humanidade. Em cada momento, cada fato é uma possibilidade em sua mão poderosa; ele tudo segura com prontidão, preparado a cada instante para mudar tudo: a opinião dos homens, seus julgamentos, sua grandeza e humilhação; ele muda tudo sem jamais mudar a si mesmo. [.] Ele, o Pai das luzes, permanece eternamente imutável. [.] Ele não muda porque é clareza pura, uma claridade que não transparece traço nenhum de ofuscamento e da qual nenhum ofuscamento pode se aproximar.

Reclamamos das pessoas e de sua inconstância, assim como da inconstância de todas as coisas temporais. Mas Deus é imutável. Essa é nossa consolação, um pensamento absolutamente confortante: assim o diz até mesmo a frivolidade. Para sempre, Deus é, em verdade, imutável.

Søren Kierkegaard, “A imutabilidade de Deus”, em *Discursos*

edificantes: Uma seleção, p. 256

Concede, Deus todo-poderoso, que nosso coração seja abrandado por teu Espírito, e que a dureza até então predominante seja corrigida, a fim de nos sujeitarmos a ti com submissão genuína, sobretudo quando, com tanta

bondade e ternura, tu nos convidas a nos aproximar de ti; que, seduzidos por teu doce convite, corramos e corramos sem nos fatigar até que Cristo em m nos una a ti e, ao mesmo tempo, a ti nos conduza para a vida eterna, que ele obteve para nós com o próprio sangue. Amém.

João Calvino, *Oseias*, palestra 6

PARA REFLETIR: Sl 37.1-40; 91.1-13; Is 40.28; 43.1-2; Jr 29.11; Mt 6.25-33; Rm 8.28; 10.12; 11.33-36; 2Co 4.7; Hb 4.16; Tg 1.17

93

Venham a mim todos vocês que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso.

Não há nada de extraordinário no fato de que, estando em perigo e necessitado de ajuda, quem sabe de ajuda rápida e instantânea, a pessoa grite: “Venha a mim!”. Nem é extraordinário um charlatão bradar:

“Venham a mim! Eu curo todas as doenças”. Ah, no caso do charlatão, a falsidade está ligada à necessidade que o médico tem de doentes.

“Venham a mim, todos vocês que podem pagar um preço exorbitante pela cura. .”

Mas o conceito comum é que o indivíduo capaz de ajudar deve ser procurado; e, quando o encontram, pode ser difícil conseguir acesso a ele. [. .] E quando tal pessoa se recusa a receber pagamento ou magnanimamente abre mão de qualquer crédito, isso tão somente exprime o valor que ele atribui a si mesmo. Em contrapartida, aquele que faz a maior entrega pessoal é aquele que se oferece novamente. É

ele quem busca os que necessitam de ajuda. [. .] Ele vem por anuência própria.

Søren Kierkegaard, “O convite”, em *Prática do cristianismo*, da trad. de Lowrie, p. 10-11

Senhor Cristo, nosso Deus, Rei de todas as eras e Criador de todas as coisas, eu te agradeço por todas as bênçãos que me concedeste e pela comunhão de teus puros e vivi cantes mistérios. Rogo-te, portanto, bom Senhor que amas a humanidade, preserva-me sob tua proteção e sob a sombra de tuas asas. Tu és o Pão da vida, a Fonte de santidade, o Doador de tudo o que é bom, e a ti damos glória, juntamente com o Pai e o Espírito Santo, agora e para sempre, pelos séculos dos séculos. Amém.

“Oração de São Basílio Magno” (c. 330–379 d.C.),

As orações ortodoxas, p. 19

PARA REFLETIR: Êx 33.14; Sl 23.1-6; 46.10; Is 40.28-30; **Mt 11.28-30**; Jo 10.1-18; 14.1-4,25-31; Hb 4.1-11; Ap 7.9-17

94

“Venham a mim!” A compaixão humana pode ajudar aqueles que trabalham e têm um fardo pesado. Pode alimentar o faminto, vestir o despido e prestar auxílio nanceiro. Mas convidar para morar dentro do lar, isso não se pode fazer. Caso contrário, a casa e o estilo de vida necessitariam mudar. A pessoa não pode viver com fartura e, ao mesmo tempo, identi car-se todos os dias com os pobres e miseráveis! A m de convidar para dentro de casa, a pessoa precisa viver da mesma maneira que os mais pobres, ser familiarizada com suas tristezas e sofrimentos.

Caso deseje convidar um sofredor, ou precisa mudar a própria condição para ser semelhante à do sofredor, ou mudar o sofredor para que este seja semelhante a ele. Do contrário, a diferença ganhará destaque. É

preciso mudar a própria condição para viver como os outros.

Foi isso que aconteceu com aquele que disse: “Venham a mim!”. Os que viviam com Cristo o olharam e nada encontraram em seu estilo de vida que contradissesse o convite. Com silenciosa e verdadeira eloquência de conduta, sua vida declarava: “Venham a mim”. Ele cumpre sua palavra, pois é a própria Palavra; o que ele diz ele é.

Søren Kierkegaard, “O convite”, em *Prática do cristianismo*, em *Seleções*, da trad. de Hollander, p. 154-155

Mestre e Senhor, Jesus Cristo, nosso Senhor, somente tu tens autoridade para perdoar meus pecados e tornar-me digno de receber, sem condenação, teus divinos, gloriosos, puros e vivi cantes mistérios, não para meu castigo, mas para minha puri cação e santi cação, tanto agora quanto em teu reino futuro. Pois tu, Cristo, nosso Deus, és compassivo e amas a humanidade, e a ti damos glória, juntamente com o Pai e o Espírito Santo, agora e para todo o sempre. Amém.

Adaptado de “Oração de São João Damasceno”

(676–749 d.C.), Oração ortodoxa

PARA REFLETIR: Is 53.1-12; 55.1-13; Mt 1.18-23; 4.1-11; **11.28**; 27.27-54; Jo **1.1-18**; 6.32-40; Fp 2.1-11; Hb 5.7-8; 9.11-28

95

“Venham a mim!” Que diversidade ilimitada existe nesse convite! Todos são convidados, mas cada pessoa de maneira individual. O convite é estendido por caminhos bem trilhados, mas também nas rotas solitárias em que se vê apenas a pegada de alguém que foge em desespero. O

convite chega até as estradas nas quais parece ser impossível retornar.

Mesmo nelas, o convite adentra, inicia um resgate e encontra uma maneira de recuperar o fugitivo desesperançado. “Venham!”, diz aquele que convida. Não há incerteza em sua voz, somente a certeza da eternidade.

O convite para nas encruzilhadas em que pessoas fatigadas e sofredoras depuseram a cruz para descansar. E mais uma vez ouvem aquele que convida: “Venham a mim, todos vocês que são pobres e quebrantados, que labutam na escassez, tentando sobreviver um dia após o outro. Venham, vocês que são desprezados pelos outros, cuja vida parece não interessar a ninguém. Venham, doentes, aleijados, cegos, surdos, leprosos e acamados!”. O chamado daquele que convida quebra todas as barreiras, unindo a todos.

Søren Kierkegaard, “O convite”, em *Prática do cristianismo*, em *Seleções*, da trad. de Hollander, p. 157-158

Pai todo-poderoso, quando, nos momentos de tristeza, desejamos fortalecer e encorajar a mente contemplando [os santos], teus instrumentos escolhidos que em severas provas espirituais e ansiedades do coração conservaram a mente livre, sem perder a coragem e o céu aberto, nós também queremos acrescentar nosso testemunho ao deles, na certeza de que, mesmo se nossa coragem, em comparação com a deles, for apenas desânimo e nosso poder, impotência, tu, ainda assim, continuas o mesmo. Amém.

Adaptado de Søren Kierkegaard, “A expectativa da fé do dia de ano-novo”, em *Dezoito discursos edificantes*, p. 15

PARA REFLETIR: Is 55.1-7; Mt 18.10-14; 19.13-15; 20.29-34; 27.32-44; Lc 12.22-34; 15.1-32; 18.9-14; Rm 15.1-13

Faça uma pausa agora! Em um instante, tudo o que você vê estará mudado. Em vez de enxergar uma multidão “sobrecarregada” aceitando o convite de Jesus, você verá o oposto. A multidão recuará; um cairá em cima do outro tentando fugir. Será como se aquele que convida tivesse dito: “Vão embora!”, em vez de “Venham a mim!”. O motivo para a pausa é in nitamente importante e decisivo: a pessoa que convida! Pausamos não porque Cristo deixou de cumprir sua promessa ou porque não seja Deus. A razão é diferente.

Aquele que convida é e insiste em ser hoje a mesma pessoa histórica que foi há mil e oitocentos anos. Ele não é conhecido nem se permitirá ser conhecido como uma gura trancada no passado, pois, nesse caso, nada a seu respeito poderia ser verdadeiramente “conhecido”. Ele não será conhecido ou julgado por meros fatos de sua vida. Conhecê-lo apenas como uma gura histórica distante equivaleria a zombar de Deus. Nada disso! Aquele que convida só pode ser conhecido como objeto de con ança contemporânea radical. Ele continua a ser a “pedra de tropeço”, a rocha que faz cair. Ele é Deus e só pode ser conhecido como o Deus vivo.

Søren Kierkegaard, “A pausa”, em *Prática do cristianismo*, em *Seleções*, da trad. de Hollander, p. 164-165

Nosso Pai, toda boa e perfeita dádiva vem do alto, do Pai das luzes, em quem não há mudança, nem sombra de variação. Nós te rogamos que abras os ouvidos daqueles que ainda não escutaram acerca de tua graça revigorante e curadora. Concede a cada alma sensível a con ança para crer em tuas promessas. Cura os corações que não te entendem e capacita-os a compreender tua palavra redentora. Amém.

Adaptado de Søren Kierkegaard, *Dois discursos edificantes*

(1843), *Antologia de Kierkegaard*, p. 115-116

PARA REFLETIR: Jo 6.25-29; Rm 6.1-14; 1Co 2.4-16; Ef 1.1-14; Fp 2.12-18; 3.7-11; Cl 1.10; **1Pe 2.4-10**; Ap 1.4-20; 4.6-11; 5.11-14; 11.15-19; 12.10-12; 22.12-17

É possível provar, com base na história, que Cristo foi Deus?

Perguntando de outra maneira, não é absurdo uma pessoa tentar provar que Cristo é Deus? A rmar que um ser humano é Deus entra em

choque com a razão humana.

As “provas” apresentadas nas Escrituras para a divindade de Cristo, tais como os milagres e a ressurreição de Jesus, são aceitas pela fé, não pela razão sem o esclarecimento do Espírito Santo. Mas alguém pode perguntar: a igreja não adora Cristo há mil e oitocentos anos? Isso não comprova sua divindade? A história já não verificou passo a passo a divindade de Cristo? Não! Em toda a eternidade, o melhor que a história pode fazer é provar que Jesus foi um grande homem, quem sabe o maior que já existiu.

Não revista Jesus de provas brilhantes que removam a pedra de tropeço — fé, dom de Deus. Somente o Pai do céu pode, por meio do dom da fé, revelar que na humilhação de Cristo ele foi o Deus encarnado e que retornará em glória. As provas racionais desgastadas são blasfemas porque tiram a fé de seu devido lugar.

Søren Kierkegaard, “A pausa”, em *Prática do cristianismo*, em *Seleções*, da trad. de Hollander, p. 167-171

Ó Deus, tu sempre e invariavelmente és encontrado e sempre és encontrado imutável.

Seja na vida, seja na morte, ninguém viaja para tão longe que tu não o encontres. E

sempre que qualquer ser humano de ti se aproxima, se vier em sinceridade, sempre encontrará teu amor igualmente cálido, como uma fonte cuja temperatura não muda, ó Grande Imutável! Amém!

Adaptado de Søren Kierkegaard, “A imutabilidade de Deus”,

em *Discursos edificantes: Uma seleção*, p. 265

PARA REFLETIR: Lc 24.28-35; Jo 1.10-13; 3.1-6; 6.10-71; 15.1-27; 20.19-24; Rm 10.9-10; 1Co 2.5; Gl 2.20; Ef 2.8

98

“Venham a mim!” Quem convida é Jesus Cristo, em sua humilhação

uma ofensa à sabedoria humana. Ele é Deus encarnado, não em glória celestial (como se fôssemos convidados para os braços do esplendor), mas em sua humilhação. Se assim não tivesse sido, o cristianismo seria apenas mais uma forma de paganismo sensacionalista e a humilhação

de Cristo teria sido inútil. Aqueles que retratam um Cristo glorioso e aceitável à razão estão como que em uma caça a um ganso selvagem. A m de o *conhecer* e crer nele de verdade, é preciso começar com a ofensa, com a humilhação de Jesus, a m de saber que, nesse humilhado, conhecemos a Deus. Aquele que disse: “Venham a mim” é o mesmo Jesus humilde cuja mãe era uma moça pobre e cujo pai era carpinteiro, de família simples. É o homem comum que, ao mesmo tempo, a rma

ser o Eu Sou.

Se tentamos tornar Cristo menos ofensivo, então não temos permissão de nos apropriar de nenhuma palavra sua, nem temos parte com ele.

Não podemos nos tornar seus contemporâneos e viajar em sua companhia. Cristo nos adverte assim como o fez com quem viveu em sua época: “Felizes são aqueles que não se sentem ofendidos por minha causa”.

Søren Kierkegaard, “A pausa”, em *Prática do cristianismo*, em *Seleções*, da trad. de Hollander, p. 179

Derrama a luz de tua face sobre nós, ó Senhor, para que tua Palavra vá em frente dando luz e compreensão para alimentar o coração dos simples, a m de que, à medida que nosso desejo se xar em tua santa vontade, recebamos de coração aberto o Espírito de sabedoria e entendimento. Amém.

“Pelo conhecimento sagrado”, Orações por graças variadas,

em *Coletas antigas e outras orações*, p. 78

PARA REFLETIR: Is 53.1-12; 55.1-5; Mc 3.20-21; 14.43-65; Lc 2.1-7; **7.18-23**, 44-46; 23.1-37; Jo 18.1-11; 19.1-30; 1Co 1.18-25; 2Co 8.8-9; Fp 2.6-8

99

O cristianismo entrou no mundo, não como exemplo fulgurante de consolação gentil e inofensiva, mas como o *absoluto*. Deus deseja isso por causa de seu amor, mas é ele quem quer. Ele não permite que os seres humanos alterem sua natureza e o transformem em uma divindade aprazível e moldável. Por ser o *Absoluto*, não muda, nem pode ser questionado. Em vez disso, ele muda os seres humanos por causa de seu amor por eles. Tampouco deseja ouvir qualquer explicação humana tola do motivo para o cristianismo ter entrado no

mundo. Deus é o *Absoluto*.

Talvez algum clérigo deseje reduzir Deus a seu tamanho, a fim de obter o favor daqueles que se rebelam contra o *Absoluto*. Talvez conquistem algum favor ao pregar o cristianismo como algo carnalmente aceitável, uma dentre muitas opções possíveis. Se as demandas do evangelho são reduzidas a meros padrões humanos, é claro então que as pessoas dirão coisas favoráveis sobre ele. Mas tal cristianismo é inútil, uma representação incorreta do evangelho, uma praga sobre todos nós. Para a mente carnal, o verdadeiro cristianismo parece absurdo, mera loucura.

Com efeito, é *absoluto*, completamente incomensurável com o cristianismo trivializado.

Søren Kierkegaard, “Cristianismo como o Absoluto;

contemporaneidade com Cristo”, em *Prática do cristianismo*, em *Seleções*, da trad. de Hollander, p. 206-207

Pai todo-poderoso, Criador dos céus e da terra, tu não permites que ninguém te ponhas à prova. Perdoa nossa impaciência infantil, pois, com muita frequência, tentamos te inuenciar com nossas orações a fazer o que não consideras correto, nem o melhor para nós. Por intermédio de teu bendito Espírito, implanta em nós a confiança para te adorar como o Pai infalível de toda paz, alegria e esperança.

Amém.

Adaptado de Søren Kierkegaard, *Dois discursos edificantes*

(1843), *Antologia de Kierkegaard*, p. 114-115

Ê

PARA REFLETIR: Êx 3.1-15; Jo 1.1-3; 4.26; 8.24,28,58; 13.19; 14.1-14; 17.1-5; 18.1-8; Ef 1.1-23; Cl 1.15-23; Hb 13.8; Ap 1.9-18; 2.8; 5.1-14

100

Jesus nos adverte repetidas vezes contra o sofrimento implicado em tornar-se e permanecer cristão. Se você deseja escapar do sofrimento, não se torne cristão.

Há um golfo intransponível entre Deus e as expectativas e prescrições

humanamente projetadas para ele. Tornar-se cristão signi ca passar a ser contemporâneo do Cristo vivo, transformado à sua imagem. Não tem nada que ver com relacioná-lo ao passado distante, como muitos tentam fazer. O passado não é realidade; só o contemporâneo é realidade. Caso tornar-se cristão não signi que fazer de Cristo nosso contemporâneo, então toda a conversa sobre ser cristão não passa de vaidade, ilusão, armadilha e, igualmente, blasfêmia contra o Espírito Santo.

Pois, no que diz respeito ao Absoluto, só existe um tempo, a saber, o presente. Ele não é contemporâneo com o Absoluto, pois, para ele, não existe Absoluto. Uma vez que Cristo é o Absoluto, no que diz respeito a ele, só existe uma relação: a contemporaneidade.

Søren Kierkegaard, “Cristianismo como o Absoluto;

contemporaneidade com Cristo”, em *Prática do cristianismo*, em *Seleções*, da trad. de Hollander, p. 207-208

Deus de toda consolação e esperança, concede à nossa alma a paciência de reconhecer, em toda humildade, que tu nunca nos enganas. Tu criaste os céus e a terra; com milagre ainda maior, de nosso coração instável e impaciente crias a essência incorruptível de um espírito calmo, con ante e obediente. Preserva-nos do terror de nossa vontade. Amém.

Adaptado de Søren Kierkegaard, *Dois discursos edificantes*

(1843), *Antologia de Kierkegaard*, p. 113-114

PARA REFLETIR: Is 40.9-26; Mt 12.31; 16.23; Lc 11.37-52; 12.8-10,49-53; 14.25-33; Rm 6.1-14; 1Co 1.23; 2Co 3.18; 1Jo 1.1-7; 5.1-12

101

Pode-se ler sobre a história e a relegar ao passado. Pode-se julgar os atos dos outros por suas consequências e seguir adiante. Contudo, na vida de Cristo na terra não existe passado, somente o presente eterno.

Ele não está congelado na história, esperando que as pessoas o avaliem por seus resultados, à distância. O cristianismo meramente histórico não passa de alucinação, uma confusão mental nada cristã. Os verdadeiros cristãos de cada geração vivem em caráter contemporâneo com Cristo.

Ele é eternamente contemporâneo. Todo discurso aprendido sobre o

cristianismo que presume que Cristo pertence ao passado é herege.

Se Cristo, sendo seu contemporâneo, não conseguir atraí-lo para ele, você jamais será cristão. Você pode honrar, louvar, agradecer e, com todos os bens terrenos, recompensar aqueles que o enganam, levando-o a pensar que é cristão. No entanto, eles o estão ludibriando. Se você não conseguir suportar o Cristo contemporâneo, se não conseguir se convencer a sair pelas ruas e confessar: “Veja! É Deus ali naquela procissão repugnante”, e se não conseguir pensar que essa também será sua condição quando se ajoelhar e o adorar, então você não é cristão.

Ainda não aprendeu a fugir para a graça.

Søren Kierkegaard, “Cristianismo como o Absoluto;

contemporaneidade com Cristo”, em *Prática do cristianismo*, em *Seleções*, da trad. de Hollander, p. 209-210

Diante da cruz daquele que morreu,

Eis que caio prostrado;

Que se cruci que todo pecado meu

E Cristo seja em tudo glori cado.

Matthew Bridges (1800–1894), Hinário

PARA REFLETIR: Mt 24.36-44; 25.1-13; Jo 1.1,14; 17.1-5; Cl 1.3-8,15-23; Hb 12.18-29; 13.20-21; Ap 1.1-8,17-18; 19.11-16; 20.11-15; 22.12-16

102

Pai dos céus! O que é o ser humano sem ti? Tudo o que ele sabe, por mais que seja tão vasto e variado, não passa de um fragmento desconectado se ele não conhecer a ti; o que são todos os esforços do ser humano, por mais que cerquem o mundo, senão um trabalho feito pela metade se ele não conhecer a ti, aquele que é um e tudo ao mesmo tempo! Então tu podes dar sabedoria ao entendimento para compreender uma coisa; podes dar sinceridade ao coração para receber entendimento; podes dar pureza à vontade ao desejar uma só coisa.

Então, quando tudo estiver indo bem, concede perseverança para

desejar uma só coisa, nas distrações a concentração de desejar uma só uma coisa, e nos sofrimentos a paciência para desejar uma só coisa [.].

Que dê ao jovem, no início da vida, quando o dia desponta, a resolução para fazer uma só coisa; quando o dia se aproxima do m, que dê ao idoso a lembrança renovada de sua primeira resolução, a m de que a última seja como a primeira, e a primeira como a última; que seja a vida de alguém que desejou uma só coisa.

Søren Kierkegaard, “Sobre a ocasião da confissão”, em

O essencial de Kierkegaard, p. 270

Ao nome de Jesus

Todo joelho se dobrará;

O rei da glória agora

Toda língua confessará;

Agrada ao Pai

Que chamemos de Senhor

Aquele que desde o princípio

Foi o Verbo em todo fulgor.

Carolina Maria Noel (1817–1877), Hinário

PARA REFLETIR: Êx 9.16; Mt 16.24-25; Lc 9.62; Jo 15.1-17; Rm 8.28,35-39; 12.1-2; Fp 2.12-13; 3.12-14; 2Tm 1.9; Hb 12.1; 1Pe 2.2

103

A graça de Deus [.] é uma das coisas mais dignas de ser desejadas; [.]

é, de tudo o que existe, o bem mais bem-aventurado a se possuir.

Acontece então, pouco a pouco, que a graça de Deus jamais pode ser possuída por força, para que o coração humano se torne, no sentido mais belo, cada vez mais insatisfeito, cada vez mais ardente de desejo, cada vez mais cheio de anseio pela certeza da graça de Deus. [.] No caso dos bens terrenos da vida, o princípio é que o ser humano só

necessita de pouco. À medida que precisa de cada vez menos, torna-se mais e mais perfeito [. .]. Mas, no que diz respeito à relação entre o ser humano e Deus, o princípio é invertido: quanto mais o homem necessita de Deus, tanto mais perfeito ele é. [. .] Quando o ser humano desperta plenamente para [a importância da graça], ela o chama de lado, para um lugar no qual ele não ouve mais a língua materna terrena da mente mundana, nem os discursos costumeiros dos homens, tampouco os alarmes dos atos no palco da vida. Mas ele se posiciona agora onde a palavra é gloriada e a palavra com a a ele o segredo da perfeição, ou seja, que necessitar de Deus não é um embaraço vergonhoso, mas, em vez disso, a perfeição da vida humana. E deve ser a mais triste de todas as tragédias o ser humano passar pela vida sem descobrir que necessita de Deus.

Søren Kierkegaard, *Discursos edificantes*, vol. 2, da trad.

de Swenson, p. 128-129

Senhor de toda vida, Fonte de toda luz, tu governas todas as coisas por teu amor e poder constantes. Recebe nossa gratidão por toda alegria que tu concedes à vida mortal, mas principalmente pela alegria que vem do perdão dos pecados, do fortalecimento das fraquezas, da certeza de vitória e da tão almejada vida eterna.

Amém.

George Dawson (1821–1876), *Orações:*

antigas e modernas, p. 117

PARA REFLETIR: Sl 63.1; 143.6; Is 26.9; 55.1; Jo 4.13-14; 6.35; 7.37; Rm 5.1-6; 2Co 8.9; 9.8; Ef 1.6-7; Fp 3.12-21; 1Ts 1.12; 2Pe 3.18; Ap 22.17

104

O fator garantido no pecado é exatamente este: que ele acontece *perante* Deus.

A determinação do pecado envolve [. .] a possibilidade de ofensa, o paradoxo. Pois o paradoxo resulta da doutrina da expiação. Primeiro o cristianismo vai em frente e estabelece o pecado em uma posição tão segura que a compreensão humana jamais é capaz de alcançar; então, é a mesma doutrina cristã que se propõe acabar com o pecado de forma tão completa que o entendimento humano jamais compreenderá. A especulação, que se afasta dos paradoxos, tira um

pouco dos dois extremos e, assim, prossegue com maior facilidade; não torna o pecado totalmente positivo e, a despeito disso, não consegue atravessá-lo de modo que o esqueça por completo. Mas o cristianismo, o primeiro descobridor dos paradoxos, é, nesse caso, também tão paradoxal quanto possível; trabalha diretamente contra si mesmo quando estabelece o pecado com tanta segurança em uma posição que parece absolutamente impossível acabar com ele novamente. Então, é exatamente o cristianismo que, por intermédio da expiação, o elimina de forma tão completa que é como se afundasse no mar.

Søren Kierkegaard, *O desespero humano*, da trad.

de Lowrie, p. 162-163

A Páscoa, com triunfo e alegria,

Só ela o pecado destruiria!

Do poder do pecado, liberta-nos, Senhor,

Almas recém-nascidas em teu amor.

Hino latino (sec. 4 d.C.), da trad. de

Robert Campbell (1849), Hinário

PARA REFLETIR: Is 53.5-6; Lc 5.17-26; 7.36-50; Jo 1.10-13; 7.37-39; 10.1-42; Rm 5.2; 1Co 1.26-31; Ef 2.4-10; Hb 9.12; 1Pe 2.24; 3.18; Ap 5.9

JOHN CHARLES (J. C.) RYLE

(1816–1900)

Falhas e decepções mordazes podem, não raro, ser transformadas em bênçãos substanciais e duradouras para a igreja de Cristo. John Charles (J. C.) Ryle, proeminente bispo evangélico da Igreja da Inglaterra, é um exemplo notável.

Ryle nasceu com privilégios em Macclesfield, no condado de Cheshire, Inglaterra, em 10 de maio de 1816. Foi o filho mais velho do parlamentar John Ryle e de Susannah Ryle. Anglicanos nominais e membros importantes da sociedade, seus familiares haviam feito fortuna com a indústria da seda. John Charles foi educado em Eton, colégio tradicional no qual gerações de rapazes da aristocracia

britânica já haviam recebido tutoria e, posteriormente, em Christ Church, Oxford, onde se destacou por sua excelência. Até ser acometido por uma infecção grave no peito enquanto se preparava para os exames nais em Oxford, a atitude de Ryle para com a religião era tão nominal quanto a de seus pais. Enquanto estava enfermo, Ryle começou a orar e ler a Bíblia. Ao participar do culto em uma igreja (não identi cada por nós), sua atenção foi capturada durante a leitura de Efésios 2.8-9: “Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie” [RA]. Aceitando o texto como uma mensagem direta para ele, a partir de então Ryle passou a ter certeza da salvação.

Após se formar em Oxford, Ryle voltou para casa a m de ajudar o pai nos negócios e, um dia, assumir a liderança. No entanto, em junho de 1841, o empreendimento faliu e o futuro que John Charles esperava se esvaiu. Buscando um meio de se sustentar, ele se apresentou para atuar no ministério anglicano. Foi ordenado em dezembro de 1841 e aceitou a primeira função como cura (clérigo que auxilia o ministro titular) na

região rural e infestada de doenças de Exbury. Em 1843, Ryle se tornou reitor da Igreja de St. Thomas, Winchester, onde se mostrou um pastor e caz e cheio de energia. Em seis meses, a congregação aumentou para mais de seiscentos membros. De 1844 a 1861, Ryle foi reitor da Igreja de Helmingham, Suffolk. Enquanto permaneceu ali, lia bastante e produziu obras que lhe deram notoriedade. Começou a escrever tratados e *Meditações nos evangelhos* (1856–1869). Uma divergência com um membro da congregação o levou a se transferir para uma paróquia em Stradbroke, Suffolk, onde conquistou reconhecimento nacional pela pregação e defesa da fé evangélica.

Dentre suas publicações encontram-se *Religião prática* (1878) e *Santidade: natureza, obstáculos, di culdades e raízes* (1877). É possível que jamais tenha sido escrita uma abordagem reformada superior à santi cação ou ao chamado a uma ativa e crescente vida santa do que em *Santidade*. Ryle cava alarmado pelo que considerava uma série de erros doutrinários cometidos por alguns representantes do movimento da

“vida superior”. Ele pensava que os defensores desse movimento davam ênfase exagerada à perfeição cristã, mas espaço insu ciente para a participação ativa (crescimento na graça) e a con ssão no processo contínuo e vitalício de santi cação. Ryle ensinava que a “fé santi cadora é uma graça cuja própria vida é ação”. Trata-se de uma fé que opera pelo amor (Gl 5.6). Assim como a mola principal de um

relógio, a “fé santi cadora” move toda a pessoa rumo à formação na imagem de Cristo (introd.).

A forte defesa que Ryle fazia da doutrina evangélica, em contraponto com os críticos liberais e anglo-católicos, o tornaram líder da causa evangélica dentro da Igreja da Inglaterra. Ele foi escolhido para se tornar reitor da Catedral de Salisbury. Antes, porém, de assumir a função, o primeiro-ministro britânico, Benjamin Disraeli, conservador de origem judaica, lhe ofereceu o cargo de bispo de Liverpool, uma diocese nova habitada, em grande parte, pela classe trabalhadora. Ele foi bispo de 1880 a 1900. Tornou-se muito querido pelo rebanho por causa de suas convicções e de seu discurso claro. Bispo Ryle era um evangélico ativo e trabalhava para alcançar seu crescente rebanho urbano por meio da construção de mais igrejas e postos missionários. Em 1900, aos 84

anos, um derrame e sua saúde fragilizada o forçaram a se aposentar, impedindo que morresse “com a mão na massa”, conforme esperava.

Faleceu pouco tempo depois.

105

Há muitos anos, tenho a convicção profunda de que a santidade prática e a consagração total a Deus não recebem a devida atenção.

Controvérsias, um espírito partidário e o mundanismo consomem a piedade vívida de muitos. O tema da piedade pessoal infelizmente caem em segundo plano. A importância imensa de “adornar a doutrina de Deus, nosso Salvador”, e torná-la mais atrativa e bela em nossos hábitos e disposições diários é por demais negligenciada. A santificação, em seu lugar e na proporção doutrinária correta, é tão importante quanto a justiça. A doutrina protestante e evangélica sensata perde o valor e se torna prejudicial, caso não seja acompanhada de uma vida santa. É

desprezada e considerada vazia por não cristãos.

No entanto, é importante que a vida de santidade cristã seja fundamentada sobre um alicerce bíblico sadio. Não deve ser prejudicada por declarações infundadas e desproporcionais. Satanás conhece o poder da verdadeira santidade e os danos imensos que uma maior atenção a ela provocará a seu reino. É do interesse do inimigo, portanto, promover rixas e contendas. Que o Senhor o repreenda por meio de nossa vida.

John C. Ryle, *Santidade*, introd.

Meu Deus, eu te agradeço de coração por toda a tua bondade para comigo. Busco tua orientação e teu direcionamento em tudo o que faço. Que tua sabedoria seja meu conselho, que tua mão seja meu guia, e que teu braço seja meu apoio. Entrego-me às tuas mãos. Inspira em minha alma desejos santos e celestes. Capacita-me, em alguma medida, a viver aqui neste mundo como meu Senhor viveu e a agir em todas as coisas como ele deseja que eu aja. Amém.

Ashton Oxenden (1808–1892), *Orações:*

antigas e modernas, p. 313

PARA REFLETIR: Dt 5.2—6.9; Am 5.14-15; Mt 7.13-27; Lc 11.33-36; Rm 8.29; 12.9-13; Gl 5.13-15; Cl 3.12—4.6; **Tt 2.10**; 3.3-8

106

O Novo Testamento deixa claro que os crentes são um com Cristo, que existe uma união especial entre ele e seu povo. Nós morremos com Jesus, fomos sepultados e ressuscitamos com ele. Recebemos o ensino distinto de que Cristo está “em nós”. Todavia, precisamos tomar cuidado com o que a rmamos. Fica claro que “Cristo habita em nosso coração pela fé” e realiza sua obra por intermédio do Espírito.

Entretanto, a menos que tomemos cuidado, podemos ignorar ou infringir o papel único do Espírito no sistema divino de salvação. Nosso chamado é obra de Deus Pai. A expiação, mediação e intercessão são obras de Deus Filho. A santi cação corresponde à obra especial do Deus Espírito Santo. Lembremo-nos de que nosso Senhor prometeu enviar outro Consolador que habitaria conosco para sempre, preenchendo o lugar de Jesus em nosso meio. No esforço de honrar a Cristo, não desonremos o Espírito Santo. À destra do Pai, Cristo reina como nosso Cabeça e Sumo Sacerdote ressurreto. Conforme prometeu, porém, ele realiza sua obra por meio do Espírito.

John C. Ryle, *Santidade*, introd., seção 5

Ó Santo, que nos ensinas a buscar primeiro teu reino e sua justiça, ensina-me a dizer “seja feita a tua vontade”, antes de pedir “o pão nosso de cada dia”. Ensina-me a aceitar tua vontade como a base para minha felicidade e a valorizar outras coisas apenas como sua superestrutura. Perdoa meu erro de me preocupar mais com a fome do corpo que com a do espírito. Conduze-me sempre por uma descoberta cada vez mais ampla de que, à tua destra, há delícias sem- m. Amém.

George Matheson (1842–1906), *Orações:*

antigas e modernas, p. 257

PARA REFLETIR: Mt 28.16-20; Jo 14.16-17; 15.26; Rm 8.10,14-16,26-27; 1Co 1.1-9; 2.9-16; 12.13; 2Co 6.14—7.1; Gl 2.20; 4.19; Ef 3.17; Cl 3.11

107

Sejamos profundamente gratos pelo evangelho glorioso da graça de Deus. Esse é o remédio divino para o pecado, a doença mais letal da humanidade. Não precisamos ter medo de confrontar o pecado, examinar sua natureza, origem, poder e devastação se, ao mesmo tempo, olharmos para o remédio todo-poderoso que Jesus Cristo proveu. Pois embora o pecado tenha abundado, superabundou a graça. Da aliança eterna da redenção, Pai, Filho e Espírito Santo participam. Por intermédio do Mediador dessa aliança, que morreu por nossos pecados e ressuscitou para nossa justificação, Deus, em sua graça, renova e santifica seu povo. Cristo atua como nosso Sacerdote, Substituto, Médico, Pastor e Advogado. Por meio de sua intercessão perpétua, nosso Senhor é capaz de salvar até mesmo o maior dos pecadores. Na expiação de Cristo pelo pecado, e mediante a obra do Espírito Santo, existe remédio pleno, perfeito e completo para a doença espantosa do pecado. Por mais terrível e tremendo que seja o pecado, ninguém precisa desanimar e se desesperar sempre que, ao mesmo tempo, olhar para Jesus Cristo.

John C. Ryle, *Santidade*, cap. 1, seção 5

Sonda meu coração, ó Senhor. Tira tudo o que obstrui a doação de mim mesmo como sacrifício vivo, santo e agradável a ti. Concede-me graça para te obedecer em todas as coisas e sempre seguir teu direcionamento gracioso. Que hoje eu tome o cuidado de não ferir ninguém por palavras ou atos, mas que eu permaneça ávido por fazer o bem a todos. Perdoa todas as minhas palavras apressadas e meus pensamentos dessemelhantes a Cristo. Faze-me vigilante. Mantém-me longe de tudo o que venha a te ofender, em nome de Jesus Cristo. Amém.

Ashton Oxenden (1808–1892), *Orações:*

antigas e modernas, p. 251

PARA REFLETIR: Zc 9.9; Mt 8.15; 21.1-9; Lc 5.31; Jo 10.14-18; 17.4; At 2.22; Rm 5.12-20; 1Co 9.8; 1Tm 1.15; 3.16; Hb 4.14; 5.8-9; 9.15; 12.24

A santi cação é a obra interior que Cristo realiza no crente por intermédio do Espírito Santo. Jesus, com o próprio sangue, lava os pecados do crente. Também separa o crente do amor natural pelo pecado e o mundo, colocando um novo princípio no coração dele e tornando-o cheio de piedade prática na vida. O Espírito realiza essa obra mediante a promessa da Palavra de Deus, embora às vezes use aições e provas providenciais. As Escrituras chamam de santi cada a pessoa em quem Cristo, por meio do Espírito, realiza essa obra.

Quem pensa que Jesus Cristo viveu, morreu e ressuscitou só para oferecer justi cação e perdão dos pecados tem muito a aprender. Tais limitações desonram nosso Senhor, fazendo dele apenas meio Salvador.

Cristo proveu todas as dimensões da redenção. Por meio de sua expiação, ele livra não apenas da culpa do pecado, mas também do domínio do pecado, pelo poder do Espírito Santo. Cristo é nossa

“justiça” e nossa “santi cação”. Ele efetua a santi cação tanto quanto a justi cação.

John C. Ryle, *Santidade*, cap. 2, parte 1

Deus eterno, santi ca meus pensamentos, intenções, palavras e ações, para que tudo o que eu pensar, falar ou zer glori que teu nome. Transforma necessidades em virtudes e obras da natureza em obras da graça, ordenando-as e temperando-as de acordo com tua vontade. Que nenhum orgulho, nenhuma atitude interesseira, nenhuma cobiça ou vingança, nenhuma ambição mesquinha ou imaginação pecaminosa poluam meu espírito. Torna-me por completo servo do Espírito Santo, a m de que, fazendo todas as coisas para tua glória aqui neste mundo, eu possa contemplar tua glória no mundo por vir, por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor.

Amém.

Jeremy Taylor (1613–1667), *Orações: antigas e modernas*, p. 310

PARA REFLETIR: Jo 17.13-19; Rm 8.5-11; 15.15-16; **1Co 1.26-31**; 6.11; Ef 5.25-27; Cl 1.21-23; 1Ts 2.13; Tt 2.13-14; 3.4-7; 1Pe 1.1-2; 2.2-3

Qual é o custo de ser um cristão verdadeiro? Custa muito pouco ser um mero cristão de aparência. A pessoa só precisa comparecer à igreja aos domingos e ser toleravelmente moral durante a semana. Vai tão longe quanto milhares a seu redor. É uma obra fácil e barata; não exige negação do eu, nem sacri fício pessoal. De acordo com as Escrituras, porém, o verdadeiro discipulado custa caro. Há inimigos a vencer, batalhas a travar, sacrifícios a fazer, um Egito a abandonar, um deserto a atravessar, uma cruz a carregar e uma corrida a terminar. A conversão não coloca a pessoa em uma poltrona, a partir da qual ela é então transportada para o céu. Nada disso! O discipulado começa com uma luta tremenda contra potestades e principados. Calcule o preço!

O discipulado cristão custa a morte de toda justiça própria. Custa virar o rosto ao pecado, libertar-se dele, cruci cá-lo e esforçar-se para mantê-lo sob o poder do Espírito, sem nenhum tipo de trégua particular com ele. Custa o amor à tranquilidade e a aprovação deste mundo. Quando um navio corre risco de naufrágio, a tripulação não se importa em lançar a carga ao mar.

John C. Ryle, *Santidade*, cap. 2, parte 1

Todo louvor seja a Deus, o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo! Por sua grande misericórdia, ele nos fez nascer de novo, por meio da ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos. Agora temos uma viva esperança e uma herança imperecível, pura e imaculada, que não muda nem se deteriora, guardada para nós no céu. Assim, querido Senhor, concede-nos força e sabedoria para enfrentar as responsabilidades e oportunidades deste dia. Amém.

Adaptado de Pedro, 1Pedro 1.3-4; Matthew Henry

(1662–1714), *Orações: antigas e modernas*, p. 282

PARA REFLETIR: Ez 18.30-32; Mt 5.11-12; Lc 9.23-26; 14.25-33; Jo 6.25-66; Rm 12.1-2; Ef 5.1-20; 1Pe 1.13-25; 4.1-11; 5.6-11; 2Pe 3.10-18

110

Qualquer cristão que tem fome e sede da vida espiritual procurará crescer na graça, uma busca inseparável da santi cação. Mas o que signi ca para o cristão crescer na graça? Não quer dizer que ele cresce com segurança ou aceitação em Deus. Nenhum cristão pode se tornar mais justí cado, mais perdoado ou mais em paz com Deus do que no momento em que aceita Cristo como seu Redentor. A justí cação

daquele que crê é uma obra completa, perfeita e divina. O mais frágil dos santos, por mais que não saiba nem sinta, encontra-se tão completamente justificado quanto o mais maduro dos cristãos. Nossa posição diante de Cristo não admite variação de grau, nem acréscimo, nem diminuição.

Crescer na graça signi ca aumentar o grau, a força, o vigor e o poder das graças que o Espírito Santo planta no coração do crente. Tais graças admitem progresso e acréscimo. Arrependimento, fé, esperança, amor, humildade, zelo, coragem e outros podem ser pequenos ou grandes, fortes ou fracos, vigorosos ou frágeis, além de variar em diferentes momentos da vida. O crescimento na graça signi ca que a consciência do pecado se torna mais aguçada, a fé se fortalece, a esperança ganha brilho, o amor recebe extensão, a mente do Espírito ca mais compreensiva e o poder da piedade se manifesta melhor.

John C. Ryle, *Santidade*, cap. 6

Ó Jesus Cristo, cresce dentro de mim,

E tudo o mais diminuirá!

Que meu coração se aproxime mais de ti

E livre do pecado sempre cará.

Johann Kaspar Lavater (1741–1801), Hinário

PARA REFLETIR: Mc 4.30-32; Rm 5.1-11; 6.5-14; 8.1-17; 12.2; Ef 2.1-10; 4.14-16; Fp 1.9-11; 3.7-14; Cl 1.9-14; **2.6-15**; Hb 6.1; 2Pe 3.18

111

A conduta de nosso Senhor em relação a seus discípulos enquanto viveu no meio deles esclarece com toda beleza sua compaixão e longanimidade. Jamais algum professor teve alunos que aprendessem tão devagar como no caso de Jesus e os apóstolos. E nenhum estudante jamais teve professor tão paciente. Os discípulos jamais entenderam por que Jesus veio a este mundo. As advertências mais claras de Jesus em relação ao que aconteceria iam além da compreensão deles. Pedro chegou a tentar dissuadir Jesus do sofrimento. Os discípulos discutiam sobre quem dentre eles seria o maior. Na noite de sua paixão, três de seus melhores caíram no sono e Pedro o negou três vezes.

No entanto, ao longo de todo o ministério de Cristo é possível

observar piedade, compaixão, paciência e amor imutáveis. Ele não rejeitava as pessoas por serem obtusas, covardes e incrédulas. Em vez disso, passo a passo, conduzia cada um como a ama faz com a criança que está aprendendo a andar. Após sua ressurreição, distribuiu palavras de bondade, restaurou Pedro, reuniu os discípulos ao seu redor, os abençoou e ordenou que pregassem o evangelho.

Que o mundo inteiro saiba que Jesus não lança fora os que nele creem.

Ele cuida das ovelhas de seu rebanho e as conduz para casa.

John C. Ryle, *Santidade*, cap. 12, parte 5

Ensina-nos a te conhecer, ó Deus. Dá-nos um coração que te ame, que con e e se deleite em ti, aderindo elmente à tua vontade. Que nenhuma tentação nos afaste e nenhuma tribulação nos leve para longe, mas que todas as tuas dispensações e cuidados nos sejam mensageiros de teu amor, a m de nos aproximar de ti e nos tornar aptos para teu reino celestial. Amém.

Benjamin Jenks (1646–1724), *Orações: antigas e modernas*, p. 288

PARA REFLETIR: Sl 103.7-18; Is 40.11; 66.13; Mt 6.22; 11.28; 12.20; 28.10,20; Mc 6.52; Lc 9.45,54; 18.34; Jo 21.17; Hb 7.25; Tg 5.11

FREDERICK DOUGLASS

(c. 1818–1895)

Um dos discursos mais moralmente esclarecedores na história dos Estados Unidos foi proferido por um homem cuja identidade racial levava muitos dos norte-americanos a desquali cá-lo de imediato como incapaz de efetuar conquistas morais e intelectuais. O ex-escravo Frederick Douglass recebeu o convite de falar no encontro da Sociedade Feminina Abolicionista de Rochester, Nova York, em 5 de julho de 1852. O evento visava comemorar o Quatro de Julho, a data de assinatura da Declaração de Independência do país. O local foi o Corinthian Hall, em Rochester. Um dos trechos mais emocionantes do discurso formal de Douglass aconteceu quando ele surpreendeu o público ao lamentar: “Este Quatro de Julho é de vocês, não meu. Vocês podem se alegrar; a mim cabe o lamento” (“Oração”). Douglass estava falando em nome de si e de cerca de quatro milhões de outros negros, escravizados em uma terra cujo documento fundador declarava que todas as pessoas foram criadas iguais perante Deus.

Frederick Augustus Washington Bailey nasceu escravo em Talbot County, Maryland, por volta de 1818. Aos 6 anos de idade, foi escolhido para trabalhar na “casa grande” do latifúndio de seu senhor. Quando tinha cerca de 12 anos, foi mandado para Baltimore, a fim de morar na casa de Hugh e Sophia Auld. Ensinar um escravo a ler era ilegal nos estados escravocratas. No entanto, Sophia desobedeceu a proibição e ensinou Frederick a ler e escrever. Embora Hugh Auld tenha dado fim às aulas, Frederick continuou a aprender com as crianças brancas e com outras pessoas. Algo crucial para sua formação foi ter ganhado a obra *O*

orador columbiano, livro de lições destinadas à educação clássica e ao aprendizado da retórica.

A leitura de jornais e literatura política despertou nele uma oposição moral profunda à escravidão. Quando seu dono o alugou para trabalhar em outra fazenda, Frederick ensinou os escravos da propriedade a ler o Novo Testamento aos domingos. Armados com cassetetes e pedras, donos de escravos de outros latifúndios dispersaram a congregação.

Posteriormente, aos 16 anos, Frederick foi enviado para trabalhar na terra de Edward Covey, que tinha a reputação de “colocar o escravo em seu lugar”. Covey quase conseguiu dominá-lo psicologicamente. Mas Frederick obteve êxito mesmo depois de sofrer um ataque físico de duas horas. Covey nunca mais o espancou.

Frederick tentou fugir duas vezes. Por fim, em setembro de 1838, auxiliado por uma mulher negra livre chamada Anna Murray, obteve sucesso. Em decorrência de uma série de coincidências felizes, ele chegou a Nova York e se abrigou na casa do abolicionista David Ruggles. Assim que se viu seguro, Frederick pediu que buscassem Anna Murray, por quem tinha se apaixonado. Os dois se casaram em 15 de setembro de 1838 e foram morar em New Bedford, Massachusetts, com o auxílio de Mary e Nathan Johnson. Nathan sugeriu que Frederick adotasse o sobrenome Douglass.

Em New Bedford, Frederick Douglass entrou para a Igreja Metodista Episcopal Africana Sã e recebeu licença para pregar. Assinou o periódico semanal *O Libertador*, editado pelo líder abolicionista William Lloyd Garrison, e se tornou ativo nos encontros abolicionistas, aos quais era convidado a fim de contar sua história. Nessa época, Garrison ouviu Douglass falar e ficou impressionado com suas habilidades retóricas e persuasão moral. Garrison escreveu sobre Douglass em *O Libertador*, exposição que levou o ex-escravo a proferir

seu primeiro grande discurso antiescravidão, diante da Sociedade Abolicionista de Massachusetts, em Nantucket. Começou então um extenso itinerário de viagens. Em certa ocasião, enquanto falava no centro-oeste do país, uma multidão irada o espancou. Foi resgatado da possível morte por uma família de quakers .

Em 1845, aos 27 anos, Douglass publicou sua primeira autobiografia, que foi sucedida por três revisões e ampliações (1855, 1881 e 1892). Por causa de sua fama de escravo fugido, Douglass precisou partir para a Irlanda, a fim de evitar a recaptura. Depois mudou-se para a Inglaterra,

onde permaneceu por dois anos. Enquanto esteve na Irlanda e Inglaterra, Douglass falou a grandes multidões e conquistou apoio para a abolição da escravatura nos Estados Unidos. Seus apoiadores conseguiram juntar o dinheiro necessário para comprar sua liberdade legal. Voltou para os Estados Unidos em 1847, na condição de homem livre. Após seu retorno, passou a publicar periódicos abolicionistas e falava com eloquência em favor do voto feminino.

112

O clero que defende a escravidão transforma o nome do cristianismo em uma máquina de tirania e crueldade bárbara. Tal atitude serve para confirmar mais inócuos nesta era do que todos os escritos de Thomas Paine, Voltaire e Bolingbroke reunidos. Esses ministros tornam o cristianismo algo frio e de coração empedernido, sem os princípios de correto procedimento e sem sentimentos de compaixão. Roubam a beleza do amor de Deus e dão forma imensamente horrível e repugnante à religião. Tornam o cristianismo uma religião de opressores, tiranos, ladrões de pessoas e *bandidos*. Não se trata mais da

“religião pura e verdadeira” que vem do alto, a qual é “primeiramente, pura; depois, pacífica, indulgente, tratável, plena de misericórdia e de bons frutos, imparcial, sem engano” [RA].

Fazem da fé cristã uma religião que favorece os ricos em detrimento dos pobres; que exalta os orgulhosos em detrimento dos humildes; que divide a humanidade em duas classes, tiranos e escravos; e diz para o homem em cadeias: “Permaneça aí” e para o opressor: “Continue a oprimir”.

Frederick Douglass, “Oração”, proferido em 5 de julho de 1852

Nós te rogamos, ó Senhor, que impeças nossa língua de falar o mal e nossos lábios de qualquer dolo, para que, assim como os santos anjos

cantam teus louvores no céu, nossa língua te glori que na terra. Amém.

Breviário romano, *Orações: antigas e modernas*, p. 266

PARA REFLETIR: Sl 82.3; Pv 31.9; Is 58.6-12; 61.8; Jr 22.3; Am 5.4-15; Mq 6.8; Mt 7.12; 22.36-40; Lc 4.18-20; 10.30-37; Gl 3.28; **Tg 1.27; 3.17; 5.1-6**

113

Aqueles que defendem a escravidão transformam o cristianismo em uma religião que pode ser professada e desfrutada por todos os ladrões e escravizadores da humanidade. Colocam Deus como um ser que faz acepção de pessoas; negam que ele seja o Pai da raça humana; pisoteiam a grande verdade da fraternidade dos homens. Cremos que tudo isso é verdade em relação à igreja popular e aos cultos comuns em nossa terra.

O cristianismo se tornou uma religião — igreja e culto — que deve, com a autoridade das Escrituras, ser declarada uma abominação aos olhos de Deus. Usando as palavras de Isaías, a igreja norte-americana precisa ouvir: “Parem de trazer ofertas inúteis; o incenso que oferecem me dá náusea! Suas festas de lua nova, seus sábados e seus dias especiais de jejum são pecaminosos e falsos; não aguento mais suas reuniões solenes!

Odeio suas festas de lua nova e celebrações anuais; são um peso para mim, não as suporto! Não olharei para vocês quando levantarem as mãos para orar; ainda que ofereçam muitas orações, não os ouvirei, pois suas mãos estão cobertas de sangue. Lavem-se e limpem-se! Removam seus pecados de minha vista e parem de fazer o mal. Aprendam a fazer o bem e busquem a justiça. Ajudem os oprimidos, defendam a causa dos órfãos, lutem pelos direitos das viúvas”.

Frederick Douglass, “Oração”, proferido em 5 de julho de 1852

Ó Deus, que criaste o amor e amas a paz e afeição puras, que todos os aterrorizados pelo medo, os aitos pela pobreza, os assolados pela tribulação e os exauridos pela doença sejam libertos por tua atenção providencial, elevados por tua graça transformadora e consolados por tua compaixão infalível, por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

Sacramentário galiciano (800 d.C.), *Orações:*

antigas e modernas, p. 263

PARA REFLETIR: Dt 10.18; Sl 1.1-6; 37.27-29; Is 1.10-20; 56.1-12; 59.1-11; 61.8; Jr 9.23-24; Os 4.1-3; 6.1-3; Zc 7.9; Mt 25.31-46; Tg 4.1-2; 1Pe 4.17

HANNAH WHITALL SMITH

(1832–1911)

O segredo do cristão para uma vida feliz (1875), de Hannah Whitall Smith, é um clássico do cristianismo. No entanto, se levarmos em conta a associação atual de felicidade com tudo o que é agradável, confortável e, com frequência, autocentrado, o título da obra pode dar a impressão errada. Em comparação com as conotações de hoje, a vida de Hannah nem sempre foi feliz, tampouco ela desejava promover a felicidade como a norma cristã. A palavra grega *makarios*, traduzida por “feliz” na Nova Versão Transformadora ou “bem-aventurado” nas versões Almeida, está bem distante do sentido popular do termo nos dias atuais e também do

“evangelho da prosperidade” pseudocristão. *Makarios* quer dizer

“abençoado”. Essa palavra aparece com frequência no Novo

Testamento, mas nunca para descrever prazer. Em três casos, *makarios* está ligado ao sofrimento (Tg 5.11; 1Pe 3.14; 4.14), e em outro, à obediência a Cristo (Jo 13.17). *O segredo do cristão para uma vida feliz* fala sobre a paz que resulta da entrega ao senhorio de Jesus Cristo, em união com seus propósitos, a despeito do sofrimento. O tema de Hannah receberia o título mais preciso de alegria (do grego *chara*) cristã, que faz parte do fruto do Espírito Santo (Gl 5.22). A alegria cristã se baseia na paz permanente de Deus, não em circunstâncias mutáveis. Embora alguns detalhes da vida de Hannah sejam difíceis de apontar com precisão, boa parte de sua experiência foi tragicamente marcada por amargo desapontamento e traição.

Hannah nasceu em uma família abastada de quacres na Filadélfia. Seus pais eram muito rígidos e introspectivos, e não conheciam o evangelho da graça gratuita e da nova criação. Quando criança, Hannah se considerava cristã, mas nada sabia sobre o novo nascimento. Ela achava que a paz com Deus podia ser obtida por meio de um comportamento

bondoso e da produção de um sentimento de amor por Deus. O

resultado foi o desespero e a dúvida. Em 1851, enquanto ainda em alicerce religioso, Hannah se casou com Robert Pearsall Smith, também

quacre . A morte trágica de uma das lhas do casal aos 5 anos de idade se tornou, para Hannah, uma janela para encontrar paz com Deus. Incapaz de aceitar que sua lha havia desaparecido no nada, Hannah se sentiu atraída a reuniões realizadas no meio do dia por empresários de Filadélfia. Ela se convenceu da existência de Deus. Em agosto de 1858, o “fato” da existência divina havia se traduzido em fé em Jesus Cristo como seu Salvador. Percebeu que a salvação não se baseava em emoções mutáveis, mas sim no amor e perdão de Deus. Hannah começou a contar aos outros sobre sua experiência. Passou a congregar com os Irmãos de Plymouth, e Robert, com os presbiterianos.

Ainda assim, Hannah às vezes era agitada por acessos espiritualmente incômodos de raiva, amargura e irritação. Tomou conhecimento de alguns cristãos que falavam sobre uma vida cristã mais profunda ou superior. Mesmo duvidando do testemunho deles, Hannah participou de alguns cultos, nos quais aprendeu que Cristo veio salvar não só da culpa do pecado, mas também de seu poder. Era inegável a qualidade de vida daquelas pessoas.

Por meio da influência do reavivamento metodista, Robert e ela se sentiram atraídos à doutrina wesleyana da santificação. Ambos foram

“batizados com o Espírito Santo”, uma ênfase que marcou o movimento de santidade do século 19. Logo começaram a falar em reuniões de adeptos da santidade. Então, em 1873, incentivados por William Boarman, o célebre defensor presbiteriano do movimento da “vida superior”, os Smith se uniram a ele em ministério na Grã-Bretanha.

Em 1875, Robert se envolveu em um relacionamento extraconjugal. À medida que ele se ofuscava, a influência de Hannah crescia cada vez mais, mesmo com a deterioração do casamento. Ela ficou conhecida como Anjo das Igrejas. Tornou-se forte defensora do movimento pelo direito de voto das mulheres e foi fundadora da União Feminina de Temperança Cristã. Em 1895, voltou para a Inglaterra, onde escreveu livros, continuou a defesa dos direitos das mulheres e promoveu a Associação Britânica Feminina de Temperança.

Com o tempo, Hannah aderiu ao universalismo. Em *O altruísmo de Deus* (1903), ela conta como passou a ser central para sua fé a crença de que o amor “altruísta” de Deus acabará levando “todo joelho [a] se prostrar” e “toda língua [a] confessar que Jesus Cristo é Senhor” (p. 206, 210; Fp 2.10-11).

A pergunta mais importante é: “Qual é o nome de Deus?”. O destino do universo e da humanidade depende da resposta. Que tipo de criador e governante trouxe o mundo à existência? Se o Criador é descuidado e indiferente, não pode haver razão para esperança, paz ou consolo. Os nomes usados para Deus na Bíblia revelam seus propósitos, sua glória, graça, misericórdia, amor constante, sabedoria e poder. Os Ihos de Israel perguntaram: “Qual é o nome desse Deus?”. Queriam saber quem estavam sendo chamados a seguir. “Eu Sou o Que Sou” foi a resposta divina. O nome inclui a eternidade e o caráter santo e imutável de Deus, exatamente os atributos necessários para um Deus digno de con ança.

Israel aprendeu que é possível con ar no Senhor, pois ele não abandona aqueles que o buscam e é uma “fortaleza” de segurança. No Evangelho de João, Jesus se identi ca como o “Eu Sou” encarnado. Cada característica de Deus, cada revelação de seu caráter, cada prova de seu amor in ndo, cada declaração de seu cuidado vigilante, cada a rmação de seus propósitos de terna misericórdia, cada manifestação de sua longanimidade — tudo isso se cumpriu em Jesus Cristo.

Hannah Whitall Smith, *O Deus de toda consolação*, cap. 2

Louvado seja o Deus vivo!

Seu nome seja todo enaltecido,

Que foi, é e há de ser

Sempre o mesmo engrandecido!

Daniel ben Judah (metade do séc. 14), da

trad. de Max Landsberg (1845–1928)

e Newton Mann (1836–1926), Hinário

PARA REFLETIR: Êx 3.13—4.18; 2Sm 7.22; Sl 9.10; 20.7; Pv 18.10; Is 45.18-19; Jo 6.35,48,51; 8.12,23, 58; 9.5; 10.9,11; 11.25; 14.6; 15.1

O apóstolo João disse: “Ninguém jamais viu a Deus”. Se alguém quiser falar com as formigas, pode car de pé em cima do formigueiro e fazer

discursos fastidiosos o dia inteiro. Enquanto correm para lá e para cá, nenhuma palavra chega até elas. Mas, se alguém conseguisse se encarnar no corpo de formiga, poderia aproximar-se delas e falar em sua língua, tornando-se inteligível na mesma hora. Foi isso que Deus fez por intermédio de Cristo, que revelou o Pai com sua vida — do berço à sepultura — em cada momento de sua existência. Precisamos ir a Cristo para ter o conhecimento de Deus. Recuse-se a crer em qualquer coisa sobre Deus não revelada em Jesus. Somente nele Deus é revelado de maneira de nitiva, pois ele é a “imagem expressa” de Deus. Aquilo que o Pai diria e faria em determinadas circunstâncias, Cristo disse e fez.

Para conhecer a Deus, só precisamos aceitar o testemunho de Cristo. Se quisermos saber, de maneira de nitiva, o que Deus quis dizer quando se denominou “Eu Sou” para Moisés, nós encontraremos essa verdade revelada em Cristo. Ele é a tradução completa do *nome*. Rejeite qualquer tradução do *nome* em divergência com aquilo que Cristo revelou.

Hannah Whitall Smith, *O Deus de toda consolação*, cap. 2

Senhor e Mestre Jesus Cristo, Palavra coeterna do Pai, que assumiste nossa semelhança, com exceção do pecado, para a salvação de nossa raça, capacita-nos a ser não apenas ouvintes de tuas verdades, mas também praticantes de tua palavra, a fim de produzir o bom fruto, trinta e cem vezes mais, para chegarmos ao reino dos céus, ó nosso Salvador e Guardião. Amém.

Orações posteriores ao culto, em *Coletas*

antigas e outras orações, p. 131

PARA REFLETIR: Jo 1.1-28; 5.16-30; 10.30; 14.5-14; 17.6-19; 1Co 1.18-29; 2Co 4.6; Gl 1.6-10; Ef 1.3-14; Cl 1.15-23; Hb 1.3; 1Jo 4.12

116

Jesus Cristo “preenche” o “Eu Sou” de Deus — descanso para o fatigado, paz para o atribulado, força para o fraco, sabedoria para o tolo, justiça para o pecador. É nosso privilégio e dever rejeitar todos os conceitos de Deus que con item com a vida, o caráter e os ensinamentos bem-aventurados de Jesus. Mas talvez você diga: “Sim, tudo isso é verdade, mas como posso tomar posse disso? Sou uma criatura pobre e indigna.

Não ouse crer que tal plenitude de graça me pertence”. Como você

pode tomar posse disso? Você não pode de jeito nenhum! Mas pode permitir que essa verdade tome posse de você. Essa é uma boa-nova magnífica. Faça com ela o mesmo que faria com qualquer boa notícia terrena. Posicione-se ao lado da conabilidade de Cristo. Diga: “Eu vou crer aqui e agora!”. Tudo o que Cristo é, Deus é. Jamais terei medo de Deus como se ele fosse um feitor exigente, que dá ordens enquanto permanece uma divindade afastada e inacessível, envolta no próprio esplendor, indiferente a minhas tristezas e meus temores. Não aceite nenhum pensamento sobre Deus que entre em divergência com Cristo, e sua vida será transformada.

Hannah Whitall Smith, *O Deus de toda consolação*, cap. 2

Ó Deus, que por intermédio de teu querido Filho nos consagraste para um caminho novo e vivo em tua presença, concede-nos, nós te rogamos, a certeza de tua misericórdia, e santi ca-nos com tua graça celestial; que, ao nos aproximarmos de ti com o coração puro e a consciência imaculada, nós te ofereçamos um sacrifício de justiça e celebremos teu bendito nome com fé e no espírito de teu Filho. Amém.

Serviços para o culto congregacional, p. 17

PARA REFLETIR: Êx 3.1-14; Jo 1.15-18; 5.31-47; 8.48-59; 10.11-18; 11.25-26; Rm 3.21-26; 5.1-11; 8.28-39; Fp 4.8-9; Hb 4.14-16; 5.7-8; 1Jo 5.18-21

117

(“O Pai de toda misericórdia e Deus de toda consolação.”)

Embora o próprio Deus a rme ser o Deus de toda consolação, alguns cristãos mostram, por meio da aparência melancólica e do tom tristonho, que não conseguem encontrar consolo ou paz em lugar nenhum. Em vez de consolo, comunicam sombria tristeza por onde passam. Está fora de cogitação para eles induzir qualquer um a crer que o belo nome por meio do qual Deus se anuncia seja algo mais que um chavão piedoso e vazio. A vida abertamente sem consolo de muitos cristãos é, temo eu, responsável por boa parte da descrença no mundo.

O apóstolo Paulo diz que devemos ser cartas vivas, conhecidas e lidas por todas as pessoas. Aquilo que as pessoas “leem” em nós é bem mais importante para a disseminação do reino cristão do que reconhecemos.

Não é aquilo que dizemos que *fala*, mas, sim, quem nós *somos*. É fácil

dizer coisas belas sobre Deus ser o Deus de toda consolação, mas, a menos que saibamos o que é ser consolados, estaremos falando para o vento. Envolve-se na alegria e no deleite da consolação divina.

Hannah Whitall Smith, *O Deus de toda consolação*, cap. 3

Por ti, ó Mestre, que amas a humanidade, sigo eu em frente neste dia, por tua misericórdia, a mim de cumprir tuas obras. Ajuda-me em todos os momentos e em todas as coisas; livra-me de todo mal e de qualquer concordância com Satanás; salva-me e conduz-me para teu reino eterno. Pois tu és meu Criador, Provedor e Doador de todo dom perfeito. Portanto, todas as minhas esperanças estão em ti, e a ti com toda alegria eu rendo glória, agora e para todo o sempre. Amém.

“Orações matinais”, *As orações ortodoxas*, p. 9

PARA REFLETIR: Ne 8.9-18; Sl 16.5-11; 30.5; 33.1-2; 34.1-10; Is 55.9-13; Rm 14.17-18; 15.13; **2Co 1.3-6; 3.1-3**; Gl 5.16-26; Fp 4.4-9; Cl 1.9-12

118

Com sons de trombeta, declaremos que a glória de uma religião de amor, a glória da religião de Jesus Cristo, é que ele foi ungido para consolar “todos os que choram”. O Deus de toda consolação enviou seu Filho para consolar um mundo em prantos. Por meio de sua vida terrena, Jesus cumpriu sua missão divina. Quando os discípulos lhe pediram que invocasse fogo do céu para consumir alguns samaritanos que se recusaram a dar abrigo e comida para os peregrinos que viajavam até Jerusalém, Jesus os repreendeu. Ele recebia pecadores e comia com eles. Quando todos viravam as costas para Maria Madalena, ele a acolheu, curando-a de seus espíritos malignos e de suas enfermidades.

Ele se recusou a destruir a mulher pega em ato de adultério. Em vez disso, declarou aos escribas e fariseus que a tinham trazido: “Aquele de vocês que nunca pecou atire a primeira pedra”. Em seguida, disse à mulher: “Eu também não a condeno. Vá e não peque mais”. Jesus sempre estava do lado dos que lamentam. Foi por isso que ele veio; essa era sua missão.

Hannah Whitall Smith, *O Deus de toda consolação*, cap. 3

Olha para nós, ó Senhor. Que toda a escuridão de nossa alma desapareça perante os raios de teu fulgor. Preenche-nos com santo amor e abre-nos os tesouros de tua sabedoria. Tu conheces nossos desejos; aperfeiçoa, pois,

aquilo que começaste e que teu Espírito nos levou a pedir em oração. Volta tua face para nós e mostra-nos tua glória.

Então nossos anseios se satisfarão e nossa paz será completa. Amém.

Agostinho (354–430 d.C.), bispo de Hipona,

Orações: antigas e modernas, p. 312

PARA REFLETIR: Mt 18.10-14; 20.29-34; Lc 1.50-55; 7.11-17; **8.1-3; 9.51-56;** 10.25-37; 12.4-7; 13.10-17; 23.32-35,39-43; Jo **8.1-11;** 2Co **1.3-7**

119

A expressão “muito mais” aparece diversas vezes nas Escrituras a fim de caracterizar a salvação que o Senhor Jesus Cristo proporciona. Algum de nós já alcançou seu pleno significado? Uma coisa é certa: ninguém que já tenha compreendido seu significado deve viver novamente em tristeza e derrota. Não existe desafio enfrentado por qualquer um de nós que não possa ser “muito mais” do que resolvido pela gloriosa salvação providenciada por Jesus Cristo. Com frequência, porém, somos tentados a pensar que “muito menos” seria uma expectativa mais realista. “Muito menos” nos põe em risco de tornar nossa vida derrotada, miserável e mínima. Quando, porém, avaliamos o que significa ser filho de Deus, somente a linguagem do “muito mais” é apropriada, ainda que alguns cristãos creiam que “muito menos” é mais prudente. Se nosso Pai celestial declara que a salvação que ele proporciona é “muito mais” que suficiente para nossa vitória, mas, nos pensamentos secretos, insistimos em aderir ao “muito menos”, então, por meio desses pensamentos, tiramos o crédito das provisões e da capacidade do Pai. “Muito menos” é a linguagem da fraqueza, do visível, do razoável e do superficial; “muito mais” é a linguagem do invisível, da presença de Deus e de sua provisão inesgotável.

Hannah Whitall Smith, *O Deus de toda consolação*, cap. 9

Ó Senhor Deus, Pai de toda misericórdia e Deus de toda consolação, além das bênçãos da natureza e da graça que concedeste a toda a humanidade, tu derramaste tua longanimidade sobre mim e me zeste alegre por intermédio de tuas obras. Eu me alegrarei e darei louvores pelas obras de tuas mãos. Bendito seja o Senhor que só faz coisas maravilhosas e graciosas. Toda a terra se enche com tua majestade. Amém.

Jeremy Taylor (1613–1667), *Orações: antigas e modernas*, p. 294

PARA REFLETIR: Mt 6.30; 7.11; Lc 11.13; Rm 5.9-10,15,17; 11.12; 2Co 3.9; 4.15; Ef 3.20; 1Tm 1.14; Tt 3.6; Fm 1.16; Hb 9.14; 1Pe 1.7

120

Muitos cristãos são como o homem que labuta ao longo da estrada, curvando-se sob um fardo pesado, quando uma carroça aparece. O

motorista oferece carona, ao que o homem aceita com alegria. Mas, depois de sentado, continua a carregar seu fardo. “Por que você não coloca sua carga no chão?”, sugere o motorista. “Ah!”, responde ele. “Já lhe pedi demais. Jamais pensaria em querer que também carregasse minha carga!” De igual modo, muitos cristãos que se entregam aos cuidados e à guarda do Senhor continuam a se curvar sob o fardo de uma vida sem vitória.

Examine as Escrituras e você cará pasmo ao descobrir que, sempre e em toda parte, existe a certeza de que nosso Senhor é capaz de livrar os cristãos do jugo do pecado, para que, depois de “livrar-nos de nossos inimigos”, nós o sirvamos “sem medo, em santidade e justiça, enquanto vivermos”. Esse é um deusa o poderoso, mas nosso Libertador é capaz de cumpri-lo. Ele veio destruir as obras do diabo, e também veio nos livrar do poder e domínio do pecado. Ousamos pensar que Cristo não está disposto a cumprir seus propósitos ou é incapaz de fazê-lo?

Hannah Whitall Smith, *O segredo cristão*

para uma vida feliz, caps. 2–3

Sê o Desejo de nosso coração e o Governante de nossos pensamentos, ó Pai celestial, pois devemos possuir teu amor e teu fôlego santo espalhado em nossa vida, como fonte de vigor. Protege nosso caminho e guarda nossos desejos da tentação. Amém.

Rowland Williams (1817–1870), *Orações:*

antigas e modernas, p. 265

PARA REFLETIR: 2Sm 22.51; Sl 34.15-22; Mt 1.21; **Lc 1.67-75**; At 3.26; Rm 6.12-22; 8.1-14,37; 2Co 1.3-7; Ef 4.22-24; 5.27; 1Pe 2.21-24; **1Jo 3.8**

121

Podemos supor por um instante que o Deus santo, que odeia o pecado

no pecador, está disposto a tolerá-lo no cristão e que organizou o plano da salvação de maneira a ser impossível para os salvos da culpa do pecado encontrarem libertação do poder do pecado? Homens santos de todas as gerações se uniram para declarar que a redenção realizada por nós por nosso Senhor Jesus Cristo é a redenção do poder do pecado, bem como de sua culpa, e que nosso Senhor Jesus é capaz de salvar todo aquele que se aproxima de Deus por meio dele. A única coisa capaz de obstruir os propósitos divinos para nós é a falha em entrar em harmonia com seus planos. Mas se a harmonia pode ser estabelecida por meio da submissão completa à vontade de Deus, então Deus trabalhará nos crentes a fim de cumprir sua boa vontade. Logo, tenham bom ânimo, pois a obra à qual Cristo se propôs ele certamente completará, sem nada faltar. Não titubeie diante das promessas divinas por causa da descrença.

Glorie-se em Deus e creia que ele é capaz de cumprir o que prometeu.

Hannah Whitall Smith, *O segredo cristão*

para uma vida feliz, cap. 2

Desce, ó Divino Amor,

Busca minh'alma com fervor,

Visita-a com teu ardor resplendente;

Ó Consolador, queira te aproximar,

Dentro de meu coração irás brilhar,

Com tua chama santa reluzente.

Bianco da Siena (m. 1434), da trad. de Richard Frederick

Littledale (1833–1890), Hinário

PARA REFLETIR: Sl 1.1-6; Is 6.1-7; Jo 15.1-16; Rm 4.16-25; 6.1-14; 8.1-17; **Fp 2.13; 1Ts 5.4-11, 23-24;** 1Ts 2.16-17; **Hb 7.25;** 1Pe 1.13-25; 4.7-11; 2Pe 1.3-4; 1Jo 2.1-17

122

Melhor e mais doce que saúde, amigos, dinheiro, fama, facilidade ou prosperidade é a vontade adorável de nosso Deus. Ela ilumina as horas mais sombrias com um halo divino, espalhando a mais brilhante luz solar sobre caminhos escuros. Aquele que fez da vontade de Deus seu

lar sempre reina; no m, nada dará errado para ele. Sem dúvida, nada mais é que um privilégio glorioso que se descortina à sua frente quando digo que o primeiro passo para uma vida com Cristo em Deus é a consagração completa. Não imagine que se trate de uma exigência dura e severa. Faça isso com alegria, gratidão e entusiasmo. Receba como um privilégio. Posso lhe garantir, com base em minha experiência, que você encontrará o lugar mais feliz no qual já entrou.

A fé como con ança é um elemento absolutamente necessário para receber qualquer presente. Se um amigo nos der algo por completo, o objeto só se tornará realmente nosso quando crermos que nos foi dado, quando o chamarmos de nosso. Isso se aplica, acima de tudo, aos dons espirituais. O amor pode ser derramado sobre nós por outro, porém ele só se torna nosso quando o aceitamos.

Hannah Whitall Smith, *O segredo cristão*

para uma vida feliz, cap. 4

Ó Senhor Deus, Pai de toda misericórdia, Fonte de consolação e bênção, de vida e paz, de plenitude e perdão, eu te ofereço as mais sinceras e humildes expressões de um coração feliz e agradecido, pois tu me revigoraste com tua consolação e alargaste meu território com tuas bênçãos. Amém.

Jeremy Taylor (1636–1667), *Orações: antigas e modernas*, p. 294

PARA REFLETIR: Jr 29.11-13; Mt 7.21-23; Lc 6.46; Jo 3.16; 6.38-40; 8.27-30; Rm 12.2; 1Ts 4.3-5; Hb 11.6; 13:20-21; 1Jo 2.16-17

123

Para um serviço cristão alegre e e caz, tão somente coloque suas obras nas mãos do Senhor e deixe-as ali. Deus precisa tomar posse do eu interior. Con ança e preocupação não podem andar juntas em harmonia. O serviço inteligente inclui, é claro, conformidade com os planos do Mestre. Mas a responsabilidade nal não pode ser transferida dos ombros do Mestre para os do servo. Com uma perspectiva tão limitada e uma ignorância tão grande, devemos procurar garantir que estamos vivendo e agindo em harmonia com a vontade de nosso Divino Mestre. Então deixe os resultados a cargo dele; viva com alegria. Certa vez, um escravo a bordo de um navio se viu em meio a uma tempestade violenta. Ele assobiava contente enquanto todos os outros estavam aterrorizados. Até que alguém lhe perguntou: “Você não tem medo de se afogar?”. Com um largo sorriso, respondeu: “Olha, sinhô, eu acho até que sim. Mas eu não pertenço a mim mesmo, então vai ser apenas uma perda de meu patrão”.

Se nosso serviço pertence a Deus, então a responsabilidade é dele e não sobra espaço para nos preocuparmos em como em m cumpriremos seus propósitos. Ele conhece tudo e é capaz de administrar bem todas as coisas.

Hannah Whitall Smith, *O segredo cristão*

para uma vida feliz, cap. 10

Nós te rogamos, ó Senhor, que teu trono seja exposto perante nós a m de que recebamos os benefícios de teu reino. Contempla e visita a vinha que plantaste.

Fortalece os fracos, dá graça aos contritos, instrui os fortes e edi ca toda a igreja em amor. Santi ca teu povo, ilumina-o com sabedoria e preserva-o em misericórdia.

Bom Pastor, defende a aquisição do teu sangue. Retorna o errante para o caminho.

Amém.

Orações posteriores ao culto, em *Coletas antigas e outras*

orações, p. 133-134

Ê

PARA REFLETIR: Êx 20.1-26; Sl 9.10; 28.7; Pv 3.5-6; Mt 6.25-34; 7.7-8; Lc 7.1-10; 9.37-43; Jo 16.17-33; Rm 15.13; Ef 1.3-14; Hb 11.1-40

CHARLES H. SPURGEON

(1834–1892)

O Espírito Santo pode cutucar e pressionar um rebelde até ele ser acurralado por aquilo que Francis Thompson (1859–1907) chamou de Cão de Caça do Céu. Lembre-se de Saulo de Tarso, na estrada para Damasco, ou do Agostinho não convertido, abrindo o livro de Romanos enquanto ouvia uma criança por perto cantar: “Pega e lê; pega e lê”

(*Con ssões*, livro 8, cap. 12). Acrescente a esse grupo o adolescente de 16

anos Charles Haddon Spurgeon, que havia se revoltado e lutado contra Deus “o máximo que conseguira” (Fullerton, *Biography*, p. 17).

Certa manhã de domingo, uma tempestade de neve mudou o caminho

de Spurgeon, que acabou não indo para a própria igreja. Ele vagou até uma capela metodista primitiva em Colchester. Deus estava “arando a alma [de Spurgeon], com dez cavalos negros em sua equipe — os dez mandamentos — para então arar de volta com [. .] o evangelho”

(Fullerton, *Biography*, p. 29). O resultado foi um espírito incomodado, mas rebelde. Durante o culto, o pregador explicava Isaías 45.22: “Que todo o mundo se volte para mim para ser salvo!”. Olhando para o jovem visitante, o pregador anunciou: “Jovem, você parece muito infeliz [. .].

Você sempre será infeliz [. .] na vida e miserável na morte se não obedecer a meu texto. Mas, se obedecer agora, será salvo neste momento” (p. 30-31). Atendendo ao apelo, Spurgeon nasceu de novo no Espírito. Ele foi resgatado “do poder das trevas” e levado “para o reino”

de Deus (Cl 1.13). Tudo o que Spurgeon conquistaria a partir de então seria apenas um desdobramento dessa ocasião transformadora.

Percebendo que havia sido chamado para o ministério cristão, Spurgeon recebeu treinamento informal. Por dois anos, atuou como pregador em uma pequena congregação próxima de Waterbeach. Em 1854, aos 20 anos, foi convidado a se tornar ministro da Capela de New

Park Street, em Londres. A congregação tinha uma célebre herança, pois fora liderada por três pastores conhecidos que, juntos, serviram por 150 dos 200 anos de história da igreja. Mas a comunidade ao redor havia se deteriorado; agora ela cava em um distrito industrial dilapidado. O

total de membros havia diminuído de 1.200 para 200.

O impacto das pregações de Spurgeon foi surpreendente. Em 1855, o prédio da igreja cou pequeno. Foi preciso um novo templo. À medida que o tamanho da congregação crescia, alguns pastores ridicularizaram Spurgeon, dizendo que ele só estava em busca de glória. Alguns jornais o caricaturaram como um palhaço inculto e egocêntrico. Sem se deixar intimidar, Spurgeon e a igreja seguiram em frente, reunindo-se em auditórios públicos enquanto construíam novos

templos.

Em 1856, Spurgeon se casou com Susannah Thompson, membro da igreja a quem ele havia batizado no ano anterior. Em 19 de outubro de 1856, enquanto se reuniam temporariamente no Music Hall, Royal Surrey Gardens, dez mil pessoas se apertavam para ouvir Spurgeon.

Outras dez mil escutavam do lado de fora. Durante o culto, alguém fez um trote e gritou: “Fogo!”. Isso levou a uma debandada de pessoas em pânico que deixou 7 mortos e 28 gravemente feridos. Os jornais de Londres foram inclementes ao culpar o jovem Spurgeon, à época com 22 anos de idade (Fullerton, *Biography*, p. 91-93).

Em 1856, a congregação votou por construir um novo templo e mudar seu nome para Tabernáculo Metropolitano. No m de 1891, a igreja contava com 5.311 membros. Ao longo dos anos, a congregação doou muito dinheiro para caridade, e em 1886 fundou o Orfanato Stockwell.

Na esfera teológica, Spurgeon se alinhava ao calvinismo, mas não de maneira rígida. Ele achava que nenhum sistema teológico continha o todo da fé cristã. “O todo da verdade não está [. .] neste sistema ou naquele, nem com este homem ou aquele outro. Que tenhamos a responsabilidade de saber o que é bíblico em todos os sistemas e aceitar”

(Fullerton, *Biography*, p. 121).

Spurgeon, ou o Príncipe dos Pregadores (como era conhecido por muitos), era um leitor ávido, sobretudo de autores calvinistas e puritanos. São diversas as referências em seus sermões a Justino Mártir, Agostinho, John Bunyan, George White eld, Jonathan Edwards e outros. Por ocasião de sua morte, sua biblioteca continha doze mil

volumes. Ele inaugurou uma faculdade informal de capacitação para o pastorado, instruindo indivíduos chamados ao ministério.

A publicação dos sermões de Spurgeon e outras obras garantiu sua influência duradoura. Existem 63 volumes de seus sermões. Muitas publicações adicionais, que incluem *As cartas de C. H. Spurgeon*, reunidas por seu lho, ajudam a completar o *corpus*.

e ervas daninhas. Isso também se aplica a nós. A menos que o grande Agricultor nos lave com sua graça, nada produziremos de bom. Se eu souber de um país no qual o trigo cresce sem a obra de um lavrador, então quem sabe tenha esperança de encontrar uma pessoa com vida santa sem a graça de Deus. Até agora, toda a terra necessita dos esforços e do cuidado do agricultor. De igual modo, a necessidade da lavoura da graça é universal. Jesus disse a todos: “É preciso nascer de novo”. A menos que o Espírito Santo abra o coração com o arado da lei e o semeie com a semente do evangelho, nenhuma ponta de santidade crescerá, mesmo que sejamos lhos de pais piedosos e considerados moralmente justos em meio àqueles com quem trabalhamos e convivemos. O arado divino também é necessário para destruir o mal.

Nada é capaz de destruir as ervas daninhas do pecado e mantê-las sob cultivo espiritual com exceção do Espírito de Deus.

Charles H. Spurgeon, “O Agricultor”,

em *Conversas com lavradores*

Tu, Ó Senhor, és o Auxílio dos desvalidos, a Esperança dos desesperançados, o Porto Seguro dos que navegam pelas águas turbulentas da tribulação, e o Salvador da tempestade inclemente. Que tua majestade gloriosa e teu cuidado providencial estejam sobre todos nós. Prospera a obra de tuas mãos. Permanece dentro de nós para nos fortalecer, fora de nós para nos manter, acima de nós para nos proteger, embaixo de nós para nos sustentar, à nossa frente para nos guiar e à nossa volta para nos defender.

Ó Senhor, nosso Pai, bendito sejas para todo o sempre. Amém.

Lancelot Andrewes (1555–1626), *Orações:*

antigas e modernas, p. 264

PARA REFLETIR: Is 28.24; Mt 7.15-23; 13.24-32; Lc 6.43-45; 8.1-15; Jo 3.1-15; 15.1-17; Gl 5.16-26; Ef 1.3-14; 2.1-10; 3.14-21; 4.7-16,20-24; 5.1-2

125

A alegria é um privilégio e dever cristão. A generosidade de Deus se revela quando ele proporciona alegria como parte de nossa obediência.

Como são desobedientes os rebeldes que não param de murmurar!

Como parece natural para a pessoa abençoada pelo perdão divino ser feliz! Um homem morreu de júbilo exultante ao pé da forca ao car sabendo que o rei o havia perdoado. Receberemos o livre perdão do Rei dos reis e o desperdiçaremos em rejeição indesculpável? Mas alegria e leviandade não são a mesma coisa. A alegria cristã é ancorada “no Senhor”, não nas circunstâncias deste mundo, nem em sua comida e bebida.

O fato de Deus ser nosso Pai para sempre e de nos ter reconciliado com ele já é motivo suficiente para salmos sem fim. Deus revestiu seus coristas com vestes de santidade. Que eles não limitem então suas vozes de alegria; que cantem alto e bom som e bradem como aqueles que encontram grandes benefícios no Senhor. Não permita que um desejo excessivo de decoro o leve a sussurrar seus louvores quando o apelo é por um irromper de cânticos do coração, sim, um excesso sagrado de louvor!

Charles H. Spurgeon, comentário sobre o v. 11, “Salmo 32”, em

Tesouro de Davi, vol. 2, p. 85

Bendito és tu, Senhor Jesus Cristo, pois por tua exuberante misericórdia fortaleceste os fracos, limpaste nossa sujeira, curaste nossa cegueira, perdoaste nossos pecados, consolaste nossa desolação e nos ressuscitaste da morte para a vida eterna. Tu és o Pão da vida, o Rei dos reis e Senhor dos senhores. Com alegria espiritual e júbilo celeste, reverência e honra, devoção e ação de graça, fé e humildade, entramos em tua presença com exultante louvor. Amém.

“Antes da celebração”, Orações eucarísticas, em *Coletas*

antigas e outras orações, p. 137-138

PARA REFLETIR: Sl 32.1-11; Is 40.9,31; 49.13; Sf 3.17; Zc 9.9; Lc 1.28,47; 10.21; Jo 3.29; 16.20,22; 20.20; At 8.8; 13.52; Rm 11.33-36; 2Co 5.11-15

126

(Spurgeon adapta J. W. Reeve.)

Quando o crente reconhece que Deus o perdoou gratuita e completamente, tem coragem para ser verdadeiro diante de Deus. Não sente necessidade de ngimentos na presença divina. Que devedor não declararia abertamente todas as suas dívidas depois que o credor prometeu perdô-las? Que doente não con rmaria a própria

enfermidade na con ança de que a cura está disponível? A verdadeira fé sabe que o “dolo” diante de Deus não só é impossível, como também deixa de ser necessário. O crente nada tem a esconder. Ele se vê diante de Deus, despido e transparente. Aprendeu a se revelar assim como é, porque sabe que Deus o revelou assim como ele é.

No evento da justificação pela graça mediante a fé, a verdade é estabelecida dentro do ser. Não há engano no espírito daquele que enxerga a verdade sobre si mesmo à luz da verdade divina, pois a verdade divina mostra de uma vez por todas que, em Cristo, ele, o pior dos pecadores, é justificado perante Deus. Deixa de pertencer a si mesmo; é comprado por um preço para a glória divina.

Charles H. Spurgeon, comentário sobre o v. 2, “Salmo 32”,

em *Tesouro de Davi*, vol. 2, p. 90-91

Senhor Jesus Cristo, manda-nos uma nova unção do Espírito Santo, a Promessa do Pai, a fim de que ele nos dê vida e nos ensine a plenitude da verdade, no bendito mistério da Trindade santa e sem divisão, para que nossa salvação seja perfeitamente realizada por meio de seus dons e de seu ministério infalível. Amém.

“Domingo da Trindade”, Orações para datas sagradas, em

Coletas antigas e outras orações, p. 66

PARA REFLETIR: 2Cr 7.14; **Sl 32.1-7**; 51.1-19; Lc 18.9-14; 19.1-10; Jo 1.27; 2Co 4.1-18; 5.16-21; 2Tm 1.5; 1Pe 2.22; 1Jo 1.8-10

127

Deleitar-se em Deus é exaltá-lo, mesmo que nenhuma nota musical escape de nossos lábios. Deus é, em verdade, o Redentor que a rmou ser, e é nosso Deus para todo o sempre. Essa con ança deve despertar dentro de nós uma alegria con tínua e transbordante. Alegrar-se em meio a confortos temporais é arriscado, regozijar-se em si mesmo é tolice, e regozijar-se no pecado é fatal. Mas regozijar-se em Deus é celestial. Aquele que deseja ter um céu dobrado — aqui e na eternidade

— precisa começar a se alegrar como os santos do alto. Esse é nosso distinto privilégio e dever.

Mas mesmo os mais justos não são sempre felizes; até eles necessitam ser despertados para desfrutar seus privilégios em Cristo. Deus está

ligado ao belo; por isso, quando os cristãos vestem seus trajes de coral, tornam-se belos aos olhos de Deus. Nenhuma joia complementa melhor um rosto santo que o louvor sagrado, e uma harpa se encaixa bem em mãos lavadas com sangue. O louvor é a veste dos santos no céu. É

apropriado que eles já provem essas vestes agora aqui na terra.

Charles H. Spurgeon, comentário sobre o v. 1, “Salmo 33”, em *Tesouro de Davi*, vol. 2, p. 104

Eterno Advogado, Espírito Santo, Paracleto, Espírito da verdade, que estás sempre presente, o Tesouro das coisas boas e Doador da vida eterna, vem habitar e reinar em nós, puri ca-nos de toda mácula e, em teu tempo, termina a esperança de salvação que agora opera em nós. Amém.

“Tempo de Pentecostes”, Orações para datas sagradas, em *Coletas antigas e outras orações*, p. 65

PARA REFLETIR: Sl 5.11-12; 33.1-22; 91.1-16; 100.1-5; Is 61.10-11; Jo 14.25-27; Rm 5.3-4; 15.13; 2Co 1.3-7; Gl 5.16-26; Fp 4.4-9; 1Jo 3.16-20

128

(Lição sobre “cavalos”; Spurgeon adapta Joseph Caryl.)

Se a força dos “cavalos” vem de Deus como presente, então não con e na força dos “cavalos”. Se você con a na força que Deus deu a “cavalos”, transforma o presente em seu deus. Muitas vezes, Deus proíbe a con ança na força de “cavalos” porque sabe que somos tentados a depositar nossa con ança em coisas fortes, muito embora não passem de criaturas. As Escrituras advertem: “Não con e em seu cavalo de guerra para obter vitória”. É como se Deus estivesse dizendo: “Você acha que um ‘cavalo’ é capaz de salvar você? Saiba que até mesmo o mais forte dos cavalos não passa de uma criatura”. Logo, quando Deus livra seu povo, ele o faz por ser o Senhor, seu Deus, não pelo poder da echa, do cavalo, do cavaleiro, da espada ou de uma batalha. É como se o Senhor estivesse nos instruindo: “Não deposite sua fé na força de criaturas”.

Lembre-se de que o Senhor Deus é sua con ança; ele pode livrá-lo com ou sem “cavalos”, e assim fará.

Charles H. Spurgeon, comentário sobre o v. 17, “Salmo 33”,

em *Tesouro de Davi*, vol. 2, p. 117-118

Nosso Salvador e Redentor, levantado da terra na cruz cruel, atraindo hoje todas as pessoas para ti, livra-nos de toda servidão estrangeira sob a qual fomos curvados ou nos curvamos. Completa tua obra de salvação em nós e continua a completar tua obra até o fim do mundo. Pai, Filho e Espírito Santo, sê para sempre gloriado. Amém.

Adaptado de Søren Kierkegaard, *Prática do cristianismo*, em

Antologia de Kierkegaard p. 413-414

PARA REFLETIR: Jó 39.19; Sl 18.1-50; **33.1-22**; Is 40.9-31; **Os 1.7**; Hc 3.11-19; Rm 11.33-36; Fp 2.12-13; 4.10-13; 1Pe 4.11; Jd 1.24-25; Ap 22.1-6

129

Ai! Quantas vezes o povo de Deus se apegou por causa daqueles que praticam o mal, aparentemente com impunidade. Sobretudo nas horas adversas, podemos achar que somos tratados com severidade excessiva, pois observamos pessoas que ignoram a Deus e rejeitam a integridade.

Mesmo assim, levam uma vida próspera. O clima tempestuoso pode talhar até mesmo a nata da humanidade. Mas somos instruídos a não nos preocupar com os perversos. Preocupar-se signi ca inquietar-se, encher-se de cólera ou car com o espírito vexado. A natureza acende um fogo de ressentimento quando vemos pessoas más andando em cavalos elegantes enquanto os justos afundam na lama. Somente a escola da graça é capaz de nos ensinar a discernir a providência paradoxal com paciência devota e quietude, na certeza de que o Senhor é justo em todos os seus atos. Em vez de invejar os maus, devemos olhá-los com horror e aversão. Ninguém inveja um touro gordo castrado, decorado com faixas e guirlandas, pois está sendo levado ao matadouro. Por mais verde que a grama pareça, a foice da morte, eternidade e juízo está sendo aada.

A visão só contempla a aparência das coisas — *daí a inveja*. Com uma ótica mais el, a fé enxerga as coisas como elas realmente são — *daí sua paz*.

Charles H. Spurgeon, comentário sobre os v. 1-3, “Salmo 37”, em

Somente em ti, querido Senhor,

Temos doce esperança e consolação;

Escudo contra os inimigos, bálsamo para as feridas,

Nossa grande e segura salvação.

Joachim Magdeburg (c. 1525–c. 1587), da trad. de Benjamin H.

Kennedy (1804–1889), Hinário

PARA REFLETIR: Sl 27.1-14; 34.1-22; **37.1-40**; 42.5; Pv 3.5-8; Mt 5.1-12; Lc 12.22-26; Rm 8.26-28; 2Co 11.23—12.10; Fp 4.6-7; Hb 13.4-6

130

O povo de Deus é sustentado, o tempo inteiro e em todas as circunstâncias, por seu forte poder e sua salvação. Há anos, o capitão D.

estava à frente de um navio que seguia de Liverpool para Nova York.

Numa das viagens, sua família estava com ele. Certa noite, enquanto os passageiros dormiam, teve início uma súbita tempestade. Agitou as águas e atingiu o navio. A embarcação foi lançada para o lado, tirando do lugar tudo o que era móvel. Os passageiros acordaram e logo se aperceberam do perigo iminente. Algumas pessoas saíram da cama e começaram a se vestir, preparando-se para o pior. A lha do capitão D., com 8 anos, despertou. “O que aconteceu?”, perguntou ela. Disseram-lhe que uma tempestade terrível havia assolado o navio. “Meu pai está na cabine?”, indagou a menina. “Sim, ele está.” Então, com toda calma, ela voltou para a cama, colocou a cabeça no travesseiro e voltou a dormir.

Os títulos de Deus são promessas de que ele é nosso escudo, nossa fortaleza e nosso esconderijo. Os títulos de Cristo são os mesmos: o caminho, a verdade e a vida. O Espírito Santo é o Espírito da verdade, de santidade, glória, graça e súplica.

Charles H. Spurgeon, comentário sobre os v. 4-5, “Salmo 121”,

em *Tesouro de Davi*, vol. 6, p. 21

Deus Pai, que o Espírito Santo, o Paracleto, que procede de ti, limpe nosso coração, ilumine nossa mente, nos torne frutíferos e, conforme teu Filho prometeu, nos conduza em toda a verdade, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo. Amém.

“Tempo de Pentecostes”, Orações para datas sagradas, em

Coletas antigas e outras orações, p. 63

PARA REFLETIR: Sl 8.1-9; 23.1-6; 103.13-14; **121.1-8**; Mt 6.25-34; 10.30-31; 1Ts 2.16—3.5,16; Tg 5.7-9; 1Pe 5.6-11; Ap 3.7-13

131

“Das profundezas do desespero, Senhor, clamo a ti.” Em geral, as profundezas silenciam tudo aquilo que trazem. Mas quando as profundezas da tribulação engoliram o salmista, ele não conseguiu se calar. As profundezas não foram capazes de impedi-lo de orar. Pelo contrário, no abismo ele clamou a Javé. Debaixo da inundação, a oração persistia e resistia. Acima do bramido do oceano, ergueu-se o clamor da fé. Não importa onde estamos, contanto que possamos orar. Mas a oração nunca é mais autêntica do que quando surge nos piores lugares.

A oração feita das *profundezas*, quando elas ameaçam destruir, dá glória a Deus nas maiores alturas. A profundidade da tribulação abala as profundezas da fé. Os diamantes brilham mais em meio à escuridão.

Aquele que ora nas profundezas poderá em breve cantar nas alturas.

Tudo o que pedimos é ser ouvidos por Deus. Se o Senhor nos escutar, deixaremos que sua sabedoria superior saiba melhor como responder. O

fato de nossa oração ser ouvida é mais importante do que como ela será respondida.

Charles H. Spurgeon, comentário sobre os v. 1-2, “Salmo 130”,

em *Tesouro de Davi*, vol. 7, p. 66-67

Nós te bendizemos, ó Deus, Senhor de toda misericórdia. Em tua amável bondade tu nos ergueste, para que gloriemos tua majestade. Ilumina os olhos de nosso entendimento e afasta-nos da indolência; abre nossa boca e enche-a com teu louvor, para que o confessemos incessantemente perante o mundo, pois tu és Deus, gloriado em todas as coisas, o Pai eterno, o Filho

unigênito e o Espírito santíssimo e vivi cador, um só Deus eterno. Amém.

“Orações matinais”, *As orações ortodoxas*, p. 9

PARA REFLETIR: Sl 13.1-6; 22.1-5; 74.1-23; **130.1-8**; Is 54.7-8; Jn 2.1-10; Mc 15.33-39; Lc 23.44-49; Rm 8.28-39; 2Co 6.1-10

132

A natureza entra em decadência, mas a graça prospera. Na natureza, o fruto pertence aos dias de vigor. No jardim da graça, porém, quando as plantas se enfraquecem, elas se tornam fortes no Senhor e abundam em frutos aceitáveis a ele. Nenhum medo do futuro deveria incomodar os idosos, pois são herdeiros de uma promessa cheia de graça que deve ser aguardada com tranquila expectativa. Sua experiência madura, seu temperamento manso e seu testemunho certo são capazes de nutrir muitos. Mesmo se conchados ao leito, são capazes de demonstrar o fruto da paciência; se pobres e desconhecidos, seu espírito de contentamento atrai a admiração dos que sabem valorizar a verdadeira dignidade. A graça não abandona o santo idoso quando os cuidados familiares falham. As promessas divinas permanecem certas quando os olhos já não conseguem ler. O pão do céu alimenta aquele cujos dentes não mastigam mais, e o hino do Espírito continua melodioso quando os olhos da música já não têm condições de cantar.

Cada cristão idoso é uma carta de recomendação da delidade imutável de Javé. Deus não auge seus servos idosos, nem diminui suas consolações quando as enfermidades pesam sobre eles. A misericórdia divina aos idosos prova a delidade de Deus.

Charles H. Spurgeon, comentário sobre os vv. 14-15, “Salmo 92”,

em *Tesouro de Davi*, vol. 4, p. 120-121

Ó Deus, em quem se encontra a fonte de vida e em cuja vida vemos luz, aumenta em nós o brilho do conhecimento divino para que possamos beber dos rios da água viva prometidos pelo Espírito Santo. Amém.

“Pelo conhecimento sagrado”, Orações por graças variadas,

em *Coletas antigas e outras orações*, p. 78

PARA REFLETIR: Sl 71.1-24; **92.1-15**; 103.1-5; Is 40.27-31; 46.3-4; Lc 2.36-48; Jo 6.46-51; Fp 4.4-9

133

Adore o Senhor com exultação, pois ele sempre tem prazer em seu povo. O que pode ser mais surpreendente que um Deus todo-suficiente que se apraz em seu povo? Que generosidade é essa da parte de Javé a ponto de notar, amar e se deleitar nos seus? Sem dúvida, neles nada há que evoque o prazer daquele que é Bendito para sempre. Isso é verdade, mas ele voluntariamente condescende com os simples e embeleza os humildes com sua salvação. Eles reconhecem a necessidade de redenção, e Deus, em sua graça, a derrama sobre eles. Lamentam pela própria deformidade, e ele lhes concede a mais seleta forma. Ele adorna os aitos com livramento. Salva-os santificando-os e reveste-os com a beleza da santidade. Torna seus olhos mansos e então dá beleza aos mansos. Os humildes perante ele são como José e, sobre eles, coloca uma túnica de muitas cores.

Aquele que tanto se apraz em seu povo deve ser abordado com muito júbilo. Que os santos sejam alegres em glória, pois Deus os honrou e colocou sobre eles uma glória rara. Que sua alegria proclame seu estado de honra.

Charles H. Spurgeon, comentário sobre o v. 4, “Salmo 149”, em

Tesouro de Davi, vol. 7, p. 438-439

Que maravilhosa gentileza de tua longanimidade para conosco! Que ternura inestimável em teu amor! Esta santa noite pascal põe em fuga nossas ofensas, purifica nossos pecados e restaura inocência aos culpados e alegria aos desesperados.

Nesta noite celestial, céus e terra se reconciliam. Preserva, ó Senhor, teus servos no deleite dessa felicidade pascal, por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

“Páscoa”, Orações para datas sagradas, em *Coletas*

antigas e outras orações, p. 53

PARA REFLETIR: Sl 29.1-2; 96.1-13; **149.1-9**; Lc 15.1-24; At 2.22-28; 5.17-41; 16.25-34; Rm 5.1-5; 1Pe 1.6-8; 4.13-14

DWIGHT LYMAN (D. L.) MOODY

(1837–1899)

A maior tendência social nos Estados Unidos pós-guerra civil foi o surgimento de novas e imensas cidades, como Chicago e Detroit, e a rápida expansão de cidades mais antigas, como Boston e Filadélfia. O

país estava passando por uma transição, de predominantemente agrícola para majoritariamente industrial. Em 1920, a população norte-americana havia mudado do campo para as cidades. Além da migração rural, a grande imigração transatlântica de europeus acelerou a expansão urbana.

As cidades apresentaram enormes desafios religiosos, sociais, econômicos e educacionais para as igrejas. Algumas congregações ministravam principalmente para as pessoas com mais condições financeiras. Outras atendiam à migração rural daqueles que procuraram suas denominações de origem. Outros ainda trilharam um caminho novo, ao alcançar pessoas sem a ligação religiosa, que eram socialmente marginalizadas.

Os esforços protestantes inovadores para alcançar as populações urbanas incluíram a expansão do potencial evangelístico e educacional da escola dominical, o movimento evangélico social, os ministérios nos guetos promovidos pelo Exército da Salvação e as missões de resgate fundadas por grupos pentecostais e de santidade. Ganhou destaque a obra religiosa, educacional, social e física da YMCA e YWCA

[Associações cristãs de moços e moças]. Além disso, foi o auge do reavivamento não denominacional personificado por grandes

reavivadores como Charles C. Finney (1792–1875), William Ashley “Billy” Sunday (1862–1935) e Dwight Lyman Moody.

D. L. Moody cresceu em Northfield, Massachusetts, filho de Edwin e Betsey. Viria a ser uma das mais proeminentes figuras religiosas no

cenário nacional e internacional do século 19. De 1854 a 1856, vendeu sapatos em uma loja de Boston, que pertencia a seu tio Samuel. Ele exigia que Moody frequentasse a escola dominical. Por meio da influência de seu professor, Edward Kimball, Moody “aceitou a Cristo”

(Ahlstrom, *Religious History*, p. 743). Em 1856, mudou-se para Chicago, na esperança de fazer fortuna vendendo sapatos. Passou a frequentar a Igreja Congregacional de Plymouth e, a cada domingo, enchia quatro bancos com pessoas das ruas e pensões. Posteriormente, assumiu a liderança de uma escola dominical missionária afastada e logo reuniu 1.500 membros. Muitos deles eram meninos de rua e andarilhos tirados das ruas, sarjetas e porões de Chicago. Desse esforço nasceu, em 1863, a Igreja da Rua Illinois (que mudou de nome

para Igreja de Moody após a morte do evangelista). Sua congregação não denominacional atraiu o apoio de amigos abastados, como Cyrus McCormick, inventor que fundou a McCormick Harvesting Machine Company, empresa

fabricante de máquinas colheitadeiras. Após a guerra civil, Moody se tornou presidente do YMCA de Chicago. Ele usou essa posição como instrumento de evangelismo, alcançando mais de seiscentas famílias em um único ano.

Entre 1867 e 1872, acontecimentos decisivos mudaram a direção da vida de Moody. Por meio da influência de um pregador dos Irmãos de Plymouth, Moody descobriu o amor de Deus pelos pecadores, um conceito do qual ele até então estranhamente carecia. Em 1870, Ira David Sankey (1840–1908) passou a acompanhá-lo como cantor em suas iniciativas evangelísticas. Em 1871, enquanto estava em Nova York, Moody passou por um aprofundamento espiritual que alimentou sua

“paixão pelas almas” (Ahlstrom, *Religious History*, p. 744). Em 1872, enquanto se encontrava na Inglaterra para representar a YMCA, Moody foi o orador convidado em um púlpito de Londres. Quatrocentos interessados atenderam ao apelo, evento que selou seu futuro como reavivador em campanhas.

A primeira grande campanha de Moody ocorreu na Grã-Bretanha, entre 1873 e 1875; ele alcançou de 3 a 4 milhões de pessoas. Então as campanhas foram para os Estados Unidos: para o Brooklyn, em um auditório para cinco mil pessoas, Filadélfia, Nova York, St. Louis e cidades da costa do Pacífico. Moody pregou seu último sermão em

Kansas City, em 16 de novembro de 1899. Após adoecer, voltou para casa em Northfield, Massachusetts, onde, cercado por familiares, morreu em 22 de dezembro do mesmo ano.

Somando milhões de ouvintes e milhares de convertidos, Moody obteve êxito em “conciliar as cidades com a religião dos tempos antigos”

(Weisberger). Embora tivesse escassa educação formal, liderou a criação de escolas para rapazes e moças; os pobres e as minorias foram os principais beneficiados. Ele foi a principal inspiração para o Movimento Voluntário de Estudantes. Hoje, o Instituto Bíblico Moody é resultado do patronato de Moody à Sociedade Evangelizadora de Chicago, iniciado em 1886.

Só existe um lugar na terra no qual o medo da morte, do pecado e do juízo jamais nos incomodará: o Calvário. No oeste dos Estados Unidos, durante o outono, quando não chove por meses, às vezes a grama da planície pega fogo. Se o vento é forte, as chamas sobem a seis metros de altura, destruindo pessoas e animais. Quando os habitantes dessas regiões inóspitas veem o que está acontecendo, sabem que não têm condições de correr mais rápido que o fogo. Então acendem um fósforo e queimam a grama a seu redor. As chamas varrem tudo. Em seguida, pisam na área queimada para car em segurança. As chamas crepitam ao passar por eles; a morte imprime sua marca em tudo com fúria. Mas esses homens não temem a torrente do incêndio. No lugar onde pisam, a grama já foi queimada; não há perigo, pois nada mais resta para ser queimado.

O fogo do pecado tem assolado toda a raça humana. Há 1.800 anos, sua fúria crepitou contra o Filho de Deus na cruz. Ele tomou tudo sobre si. Agora, se nos posicionarmos debaixo da cruz, estaremos seguros para todo o sempre.

Só existe um lugar no qual podemos estar seguros contra a destruição do pecado: o Calvário.

Dwight L. Moody, “O lugar de segurança”,

em *Anedotas e ilustrações de Moody*

Ó cruz el, acima de todas as outras,

A árvore mais nobre e singular!

Doce madeiro e doce ferro,

Que peso mais doce pudeste suportar!

Venâncio Honório Clemenciano Fortunato (c. 540–c. 600 d.C.),

da trad. de John Mason Neale (1818–1866), Hinário

PARA REFLETIR: Mt 27.1-50; Jo 10.1-18; 19.28-37; 1Co 1.18-31; 15.12-28; Gl 6.14-16; Ef 2.1-16; Cl 1.1-14; 2.13-15; Hb 12.1-3

Suponha que um homem queira ir para Cincinnati. Ele entra no vagão, mas depois ca em dúvida se embarcou no trem certo. Teme que o trem

esteja indo para St. Louis. Ele não sossega até tirar a dúvida e ter a certeza de que está a caminho de Cincinnati. Todos nós estamos a caminho da eternidade, indo o mais rápido que o tempo é capaz de nos levar. Não ter a certeza do destino é contrário às Escrituras. Se quisermos ter paz quanto a nosso destino, devemos ter certeza, e podemos ter. A resposta se encontra na Palavra de Deus. Ouça o que Pedro diz: “Sabemos que temos uma morada incorruptível”. Em sua epístola aos Colossenses, Paulo agradece ao Pai, que nos fez “dignos de participar da herança dos santos no reino da luz”. O Pai tem autoridade para nos garantir isso, pois nos livrou “do poder das trevas e nos trouxe para o reino de seu Filho amado”.

Dwight L. Moody, “Ele não descansará”,

em *Anedotas e ilustrações de Moody*

Ó Senhor misericordioso, que ao som de tua voz zeste Lázaro levantar da sepultura, concede-nos de tal modo escutar tua voz por intermédio do Espírito Santo que, pela graça, sejamos alçados para a vida eterna em ti. Amém.

“Quaresma, ou dias de jejum”, Orações para datas sagradas,

em *Coletas antigas e outras orações*, p. 40

PARA REFLETIR: Lc 15.1-24; Jo 3.1-16; 5.24-27; 6.35-40; 10.27-30; Rm 8.1-8, 12-17; 10.5-13; Ef 2.8-9; **Cl 1.12-13; 1Pe 1.4; 1Jo 5.1-5,13-21**

136

Quando criança, eu estudava numa escola com um professor de pavio curto que sempre carregava uma vara (ou bengala) para castigar os desobedientes. Muitas vezes, essa vara desceu em minhas costas. Ele governava pela lei. Na época, alguém começou um movimento em favor do controle da escola pelo amor. Nós, garotos, achávamos que, sem a vara, reinaríamos livres dentro da escola.

A nova professora começou o ano letivo com uma oração. Ela pediu graça e força para guiar a escola. Bem, os dias se passaram e, por várias semanas, não houve vara. Aconteceu, porém, que algumas regras foram descumpridas, e eu fui o primeiro transgressor. A professora me fez car depois da aula, e eu sabia que a vara estava a caminho. Então assumi uma atitude beligerante. No entanto, após a aula terminar, não vi vara nenhuma. A professora se sentou a meu lado, disse quanto me amava e como orava para conduzir a escola

pelo amor. Disse: “Quero lhe pedir um favor: se você me ama, tente ser um bom menino”. Nunca mais causei problemas. Ela me colocou sob a graça. É exatamente isso que o Senhor faz.

Dwight L. Moody, “O amor, não a vara, conquista o pequeno

Moody”, em *Anedotas e ilustrações de Moody*

Ó Cristo, Filho de Deus, tu deste a outra face para aqueles que ilegítimamente te golpearam e, por nossa causa, suportaste a vergonha de bom grado; que nós, teus servos, sejamos instruídos pelo exemplo de tua paixão, prontos para carregar teu jugo e aprender de ti, que és manso e humilde de espírito. Amém.

“Tempo da Paixão”, Orações para datas sagradas,

em *Coletas antigas e outras orações*, p. 46

PARA REFLETIR: Lc 7.36-48; Jo 10.14-18; Rm 6.1-14; Gl 3.26-29; 5.1,16-18, 22-26; Ef 5.1-2,8-20; Cl 3.12-17; 1Pe 1.3-9; 1Jo 3.1-3; 4.12-21

137

Veja o pobre Pedro. Ele negou o Senhor e jurou que nunca o tinha visto. Se em algum momento Jesus precisou dos discípulos à sua volta, foi na noite em que seus inimigos zeram falsas acusações contra ele. E

ali estava Pedro, jurando que nunca o conhecera. Jesus poderia ter repreendido o discípulo: “Pedro, é verdade que você não me conhece?

Acaso você se esqueceu de como eu curei sua sogra quando ela estava à beira da morte? Você se esqueceu de como o levantei quando você estava se afogando no mar? É verdade, Pedro, que se esqueceu do monte da trans guração, quando céus e terra se uniram e você ouviu a voz falando das nuvens? Você se esqueceu da cena no monte, quando quis construir três tabernáculos? É verdade, Pedro, que você não me conhece e se esqueceu de quem eu sou?”.

Jesus poderia ter exposto o pobre Pedro. Em vez disso, só lhe deu um olhar de compaixão, e isso partiu o coração do discípulo. Ele saiu dali e

“chorou amargamente”.

Dwight L. Moody, “A compaixão ilimitada de Cristo”, em *Amor*

Deus todo-poderoso e eterno, que nos restauras por meio da bendita paixão de teu Cristo, preserva em nós as obras de tua misericórdia, para que a celebração diária desse mistério em nossa vida se conforme continuamente com a imagem de teu Filho querido. Amém.

“Tempo da Paixão”, Orações para datas sagradas,

em *Coletas antigas e outras orações*, p. 42

PARA REFLETIR: Mt 14.22-23; 16.21-23; 18.14-15,21-35; 26.31-35, 69-75; Mc 1.30-31; 9.2-6; Lc 22.31-34, 54-62; Jo 21.15-24; At 2.29-41; 1Pe 1.3-12

138

Estamos familiarizados com a palavra “graça” desde a infância. Mas talvez não exista palavra mais incompreendida em nossa língua. As pessoas falam sobre graça, mas, via de regra, pouco sabem a seu respeito. Alguém pode ir ao banco pegar um empréstimo de mil dólares por sessenta ou noventa dias. Se tiver recursos para quitar o empréstimo, o banqueiro provavelmente emprestará mais dinheiro, contanto que o indivíduo encontre alguém para consignar a nota.

Depois que os dois ou três meses se passam, a nota expira. O banco pode dar *três dias de graça* antes de declarar que a nota venceu. Mas o banco força o devedor a pagar juros sobre o dinheiro durante os três dias de graça. Se o devedor não conseguir pagar o valor e os juros na data estipulada, o banco venderá os bens de quem deve. Poderá até tomar a casa e os móveis do devedor. Isso não é graça nenhuma, mas ilustra bem o conceito popular de graça. A graça de Deus libera do pagamento da dívida e dos juros. Graça signi ca misericórdia imerecida, favor imerecido.

Dwight L. Moody, “A fonte da graça”,

em *Graça soberana*, cap. 1, p. 7-8

Senhor, con ante em tua longanimidade, aproximo-me de teu trono, como um enfermo que vai até o Médico, um cego até a Luz do mundo, um pobre até o Senhor dos céus e da terra, uma ovelha perdida até o Pastor e Guardião de minha alma, como alguém alheio àquele que, por sua ampla misericórdia, nos concede a esperança viva pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos. Amém.

PARA REFLETIR: Mt 18.21-35; Lc 15.11-24; 19.1-10; Rm 3.21-26; 5.1-11; 2Co 9.6-11; 5.17; Ef 2.1-10; 2Tm 1.8-12; Tt 3.3-8; 1Pe 1.13

139

Um pastor apontou para um idoso da congregação. Durante a Guerra Civil, o homem havia se alistado na Confederação e fora enviado como espião. Os exércitos não têm misericórdia de espiões capturados. Ele foi pego, capturado, julgado e condenado à morte por um esquadrão de fuzilamento. Antes de ser executado, os soldados da União lhe traziam o racionamento diário de comida. A cada vez que se aproximavam, o prisioneiro insultava o nome do presidente Abraham Lincoln. Os guardas cavam tão irados que aguardavam com ansiedade o dia de sua execução. Alguns sentiam vontade de atirar nele ali mesmo na cela ou deixá-lo morrer de fome.

Certo dia, um o cial da União foi até a cela. O prisioneiro sabia que havia chegado sua hora. Em vez disso, o o cial lhe entregou o perdão de Abraham Lincoln! Ele estava livre para voltar para a esposa e os lhos.

“O quê?”, indagou. “Eu nunca disse nada de bom sobre Abraham Lincoln!” “Se você recebesse o que merecia”, respondeu o o cial, “seria fuzilado. Mas alguém intercedeu e conseguiu seu perdão.” O ato de bondade imerecida ganhou o coração endurecido do prisioneiro. O

pastor me contou: “Ninguém na República tem sentimentos mais gentis para com nosso ex-presidente do que esse homem”.

É exatamente isso que a graça de Deus realiza.

Dwight L. Moody, “A fonte da graça”,

em *Graça soberana*, cap. 2, p. 18-19

Ó Deus, Criador do verão e do inverno, que crias o bem daquilo que tinha o objetivo de fazer o mal, dá-nos graça para fugir do que proíbes, a m de que deixemos de lado as obras das trevas e escolhamos aquilo que ordenas. Transforma-nos em lhos da luz.

Dá aos agentes de tua providência controle sobre nós, para que, servindo-te com paz e gratidão, sejamos um dia levados para servir-te em glória.

Amém.

Rowland Williams (1817—1870), *Orações:*

antigas e modernas, p. 346

PARA REFLETIR: Sl 118.1-7; Lc 7.36-48; 15.11-24; Rm 3.23-26; Ef 1.3-11; 5.19-20; Fp 4.4-7; Cl 3.17; 1Ts 2.13-15; Hb 12.28-29

140

Teria Cristo se encarnado e ido para o Getsêmani e o Gólgota sofrer se os seres humanos pudessem ir para o céu mediante esforços próprios e, assim, fazer por merecer a salvação? Se as pessoas pudessem salvar a si mesmas, Cristo não precisaria sofrer. Qualquer um que tenta merecer o caminho para o céu está tentando “escalar de outra maneira”. É “ladrão e assaltante”. Cristo abriu o caminho novo e fulgurante que devemos seguir. Se alguém obtivesse sucesso em trabalhar para alcançar o céu, jamais parariamos de ouvir a história! Tais pessoas são como crianças em um cavalo de balanço: muito movimento, mas nenhum progresso. São os tais que “chegaram lá” sem ajuda de ninguém. Não dá para aproximar-se desses indivíduos sem os ouvir exaltar a si mesmos. Uma coisa não haverá no reino de Deus: jactância.

Se você ou eu chegarmos ao céu, será pela soberana graça de Deus. O

aleijado não pode percorrer longas distâncias para visitar os enfermos, mas pode com ar plenamente na graça divina. Deus tornou a salvação tão simples que jovens e velhos, sábios e tolos, ricos e pobres, todos podem com ar na graça de Deus.

Dwight L. Moody, “Salvo somente pela graça”,

em *Graça soberana*, cap. 2, p. 20-21

Ó Deus, tu transformas as sombras da noite em manhã; por teu Espírito, transforma-nos diariamente em lhos do dia. Ilumina nossa razão, puri ca nossas afeições e limpa nossa consciência. Oferecemo-nos a ti para prestar-te culto racional, pedindo que nos governes, a m de que a descon ança in el e todo pensamento mau sejam afastados de nossa mente, para que andemos com alegria na luz de tua presença. Amém.

Extraído de Serviços para o culto congregacional, citado em

PARA REFLETIR: Sl 105.1-7; Mt 7.21-23; Lc 7.36-50; 18.9-14; **Jo 10.1-18**; Rm 3.9-31; 1Co 1.18-31; Gl 1.3-9; 3.26—4.7; Ef 2.1-10; Tt 2.11-14

141

O Espírito Santo, que inspirou os profetas e capacitou os apóstolos, continua a animar, guiar e consolar os cristãos. Alguns cééticos dizem que não existe energia vital no mundo além da energia física. Ao contrário de tal declaração, dezenas de milhares que não poderiam ser enganados se tornam novas criaturas por um poder que não é físico, nem psicológico. Pessoas que estavam mortas em seus pecados — alcoólatras que haviam perdido toda a capacidade de superar o vício, irresponsáveis morais que haviam sucumbido a um comportamento bestial, ateus que antes proclamavam sua descrença — já receberam o poder

transformador do Espírito. Agora vivem na verdadeira nobreza do discipulado cristão, separados de seu antigo eu por uma distância in nita.

Quem rejeita essa verdade imperecível o faz correndo risco pessoal. Eu creio cada vez mais que o poder criador divino e milagroso reside no Espírito Santo. Acima e além de toda lei natural, mas ao mesmo tempo em harmonia com ela, toda criação, providência e governo da igreja são presididos pelo Espírito Santo. O Pai eterno e o Filho eterno cumprem todas as coisas segundo o conselho do Pai e para a glória do Deus trino.

Dwight L. Moody, “A fonte do poder”, em *Poder secreto*,
ou o segredo do sucesso na vida e no trabalho cristãos, cap. 1

Deus, meu Rei, tua forte con ssão

Meu nome para sempre bendirá;

Dia após dia em santa adoração,

Teu louvor minha boca proclamará.

Richard Mant (1776–1848), Hinário

PARA REFLETIR: Lc 4.18; Jo 3.1-36; At 2.38; Rm 5.3-21; 8.1-17;

JAMES ORR

(1844–1913)

As propostas de como a fé cristã deve avaliar a modernidade e reagir a ela variam muito. Aqueles que mais contribuem com a fé são os que trabalham para colocar em diálogo criativo a modernidade e a fé apostólica. Engajam-se positivamente nos desenvolvimentos da ciência, por exemplo, sem abrir mão da delidade constante aos marcos de nidores da fé cristã histórica. O teólogo escocês James Orr foi um dos membros dessa comunidade. Sabia que, para a fé apostólica avançar, ela precisa permanecer el a seu caráter histórico, ao mesmo tempo que entende e aceita os desenvolvimentos modernos que não são contrários à fé. Por um lado, reconhecia a importância dos desenvolvimentos da ciência; tentou conciliar a teoria da evolução humana com a doutrina da criação divina. A evolução de plantas e animais parecia apoiada por um grande corpo de evidências. Ele acreditava que a evolução resultava da atuação divina guiando o processo.

Em contrapartida, Orr rejeitava toda forma de modernidade que se recusasse “a reconhecer qualquer coisa na natureza, vida ou história além do desenvolvimento natural”. Entre esse ponto de vista moderno e a visão cristã que “junta os mundos natural e moral na mais elevada unidade, por meio da referência a seu princípio supremo”, não pode haver “comunhão” (*Visão cristã*, palestra 1).

Para Orr, o centro absoluto e inegociável da fé cristã é a encarnação de Deus em Jesus de Nazaré, um milagre superlativo que refuta todas as objeções a atividades divinas milagrosas e redentoras na natureza. Tudo o que é essencial para a fé e prática cristã avança com base na encarnação. “Por meio de sua luz, todas as outras doutrinas são iluminadas e transformadas” (*Visão cristã*, anexo à palestra 1).

Orr nasceu em Glasgow, na Escócia. Ficou órfão e passou boa parte da infância em Manchester e Leeds. A m de se sustentar, tornou-se aprendiz de encadernação de livros. Em 1865, entrou para a Universidade de Glasgow. Em 1870, obteve um mestrado em artes e ingressou na Faculdade Teológica da Igreja Presbiteriana a m de se preparar para o ministério cristão. De 1874 a 1891, pastoreou em Hawick, Escócia. Em 1891, tornou-se professor de história da igreja na Faculdade Teológica da Igreja Presbiteriana Unida em Edimburgo. Em 1900, Orr foi transferido para a Faculdade da Igreja Livre Unida, onde

lecionou teologia sistemática e apologética (a defesa da fé cristã) até sua morte em 1913. As palestras e os ensinamentos de Orr zeram dele um dos teólogos mais conhecidos do mundo anglófono.

Além de *A visão cristã de Deus e do mundo* (1893), suas numerosas obras acadêmicas incluem *O progresso do dogma* (1901), *A Bíblia em julgamento* (1907), *A ressurreição de Jesus* (1908) e *Cristo e civilização: Uma pesquisa da influência da religião cristã sobre os rumos da civilização* (1910). Sua fama de pesquisador se projetou após se tornar editor geral da obra *Enciclopédia bíblica internacional padrão*.

Embora suas obras acadêmicas sejam inúmeras e cheias de conteúdo, Orr não era um teólogo recluso em uma torre de marfim. As preocupações pastorais se refletem em diversos livros. *A fé do cristão moderno* (1910), da qual as leituras para esta seção foram extraídas, contém essa ideia. Na obra, Orr explica como o cristão pode viver de forma moderna, ao mesmo tempo que mantém a conexão com as Escrituras como portadoras de autoridade para testemunhar a autorrevelação de Deus a Israel, na encarnação de Jesus, em seus milagres como atos criadores e redentores, em sua pessoa, em seus ensinamentos, e em sua cruz e ressurreição. A maior parte das instruções de Orr é aplicável hoje da mesma maneira que há mais de cem anos.

142

Uma vez que a Bíblia personifica uma revelação divina, ela possui propósito e estrutura, uma “unidade orgânica” ausente em todos os outros livros sagrados. A Bíblia tem alma, significado e uma unidade que liga todas as suas partes e processos, por meio de passos inteligentes, de uma etapa à outra. Gênesis dá início à história. Êxodo e os outros livros do Antigo Testamento a continuam. As profecias germinais são sucedidas por relatos mais expandidos, e por fim ocorre o cumprimento profético. A fase patriarcal dá lugar à era mosaica; esta, por sua vez, à profética; a profética aguarda com expectativa o Messias e seu reino.

Quando Jesus vem, reúne todas as partes e completa o todo. Lança, então, as bases para a fundação de um reino espiritual que durará para sempre.

Logo, temos nas Escrituras uma revelação divina, histórica e progressiva. A revelação dá substância às Escrituras. O propósito na revelação confere unidade à Bíblia. Nenhum outro livro sagrado tem como a Bíblia uma revelação que transmite dessa maneira seu caráter de singularidade e propósito.

James Orr, *A fé do cristão moderno*, p. 11-13

Não limitamos a verdade de Deus

Ao pobre alcance de nossa mente,

A uma noção de hora e lugar

Crua, parcial e decadente;

Não, que uma nova e superior esperança

Se nos desperte dentro do coração;

Ó Deus, concede luz e verdade

Para irromper de tua Palavra em profusão.

George Rawson (1807–1889), Hinário

PARA REFLETIR: Js 1.8; Sl 1.1-3; 19.7-11; Is 55.11; Lc 24.13-27; Jo 5.39; Rm 15.4; 2Tm 3.16; Hb 4.12-14; 2Pe 1.21

143

Atualmente, boa parte dos esforços destinados a minar a confiança na Bíblia e no evangelho começa como dúvida ou negação da realidade dos milagres. Espalhou-se um espírito que parece tornar quase que necessário para os que são desta época negar a possibilidade de milagres.

Mas se os milagres não acontecem, bem claro o que sobra para a Bíblia e sua história. Ou a Bíblia é o relato de uma revelação sobrenatural, ou nada é. Trata-se da história de um sistema sobrenatural no qual o poder de Deus, transcendendo a natureza para a realização de grandes objetivos, continua a se manifestar. O evangelho em si, centrado em Jesus Cristo, é a intervenção sobrenatural de Deus na história humana com o propósito de redenção. Se os milagres são tirados da Bíblia, eliminamos a base de toda a sua mensagem. Sua credibilidade é destruída.

James Orr, *A fé do cristão moderno*, p. 61-62

Nós te damos graças, ó Deus Pai, por teres nos livrado do poder das trevas e nos conduzido ao reino de teu Filho; concede-nos então, nós te rogamos, que assim como pela morte ele nos reconduziu à nova criação, possa ele agora aumentar em nós todos os dias a sabedoria e o entendimento, a m de

continuarmos a louvar nosso Deus glorioso. Amém.

“Páscoa”, Orações para datas sagradas, em

Coletas antigas e outras orações, p. 58

PARA REFLETIR: Mc 16.17; Lc 1.35; Jo 1.14; 8.56; 14.12; At 3.16; Rm 8.11; 1Tm 3.16; 1Pe 1.3; 1Jo 1.1-2

144

Se acreditamos de fato em um Deus vivo, pessoal, que revela a si mesmo, sem dúvida ele pode agir de maneiras novas e transcendentais *acima*, bem como *dentro*, dos limites da natureza. Deus é o autor da natureza. É ele quem concede seus poderes. É o Agente secreto em suas obras; ele a sustém momento a momento. Que a rmação absurda alguém alegar que Deus se restringiu de tal modo pelas leis que ele mesmo criou a ponto de não poder, nem mesmo para a nalidade mais elevada, agir acima e além delas!

Não existe nada no conceito bíblico de milagre que elimine o uso divino das forças naturais. Mesmo nesse caso, porém, Deus intervém por um ato de sua vontade a m de ordenar, produzir e realizar um resultado especí co, em um momento especí co, de maneira especí ca.

Deus lança mão de instrumentos naturais a m de se revelar e tornar manifesto seu poder de modo especial e excepcional.

Contudo, em ocasiões como a criação do mundo, a encarnação de Deus, que se uniu com a humanidade, e a ressurreição de Cristo, não há como escapar de uma verdadeira intervenção divina — um ato criativo real para ns *redentores* e *corretivos*.

James Orr, *A fé do cristão moderno*, p. 65-71

Ó Deus Pai Todo-poderoso, que amaste o mundo com tamanho amor que voluntariamente entregaste teu Filho unigênito para ser cruci cado por nossa redenção, torna a nós, os redimidos por teu precioso sangue, tão frutíferos nas obras de amor que tenhamos parte na primeira ressurreição e jamais tenhamos o poder da segunda morte. Amém.

“Páscoa”, Orações para datas sagradas,

em *Coletas antigas e outras orações*, p. 58

PARA REFLETIR: Gn 1.1; Jó 12.7-9; Sl 19.1-2; 24.1-2; Is 42.5; Jo

Os milagres, entendidos como um verdadeiro ato criador e redentor de Deus, são *válidos* e *necessários* no grande plano da revelação redentora. O

plano inteiro da graça divina na Bíblia é sobrenatural em sua origem (Deus), em sua descoberta (revelação), na maneira graciosa empregada (encarnação, expiação e exaltação de Cristo) e nos poderes por meio dos quais opera no coração dos seres humanos e do mundo (o Espírito Santo). Como antídoto divino para o pecado, digno de Deus e adequado para a necessidade humana, a intervenção divina na história humana de maneira sobrenatural é necessária. Sem essa entrada sobrenatural de Deus na história (um sistema sobrenatural que transcende a natureza em poder e consequências), a revelação divina não poderia ter ocorrido.

Nas Escrituras, os milagres não devem ser considerados algo arbitrário, caprichoso ou uma infração desprovida de signi cado sobre a natureza, mas, sim, em *conexão com* o plano de Deus e em *subordinação* a seus objetivos. Existe uma reserva, uma dignidade, um propósito ético e um caráter razoável associados aos milagres nas Escrituras.

James Orr, *A fé do cristão moderno*, p. 72-73

Deus todo-poderoso e misericordioso, tu és a Força do fraco, o Refrigério do cansado, a Consolação do abatido, o Livramento do tentado, a Vida do moribundo, o Deus da paciência e de toda consolação; tu conheces bem a fragilidade interna de nossa natureza, como trememos diante da dor e não conseguimos carregar a cruz sem teu auxílio divino. Ajuda-me a ter paciência, a manter esperança inabalável em ti e a possuir uma confiança infantil que discerne o coração do Pai, oculto embaixo da cruz.

Amém.

Johan Habermann (1516–1590), *Orações:*

antigas e modernas, p. 352

PARA REFLETIR: Gn 1.14; Jr 1.5; 29.11; Mt 9.20-22; 12.22-37; Lc 4.33-36; At 28.9; Cl 1.15-17; Ap 21.1-8

Com base na fé do testemunho apostólico sobre Jesus, conforme encontrado nos evangelhos e nas epístolas, e em conjunto com o testemunho difundido sobre a atuação do Espírito Santo, a igreja primitiva se lançou na tarefa de definir a doutrina da *Trindade* — um Pai divino, Filho divino e Espírito divino. Esses três são revelados na obra completa da redenção cristã e são identificados como os principais na obra da salvação. Cada um é adorado como divino. Entretanto, a união da divindade é assegurada. Não há nem pode haver três Deuses. A distinção é *um* dentro da natureza divina eterna. Existe um nome santo

— Deus — porém triplo, no qual somos batizados. Sem dúvida, a doutrina da Trindade é um mistério inesgotável. Trata-se, porém, da revelação gloriosa da natureza intrínseca do Senhor.

Começamos com o próprio Cristo, em sua manifestação histórica. De sua autorrevelação, a saber, sua vida, morte, ressurreição, bem como de seu caráter, palavras e obras, aprendemos a conhecer o Filho eterno do Deus eterno.

James Orr, *A fé do cristão moderno*, p. 87-89

A ti, ó grandioso Um em Três

Louvor eterno seja para sempre proclamado!

Tua soberana majestade veremos em glória

E, pela eternidade, serás amado e adorado!

Anônimo (c. 1757), Hinário

PARA REFLETIR: Mt 28.19; Jo 8.42; 10.30-36; 14.26; 17.1-3; Rm 8.9-11; 1Co 8.6; 12.3-6; Fp 2.5-8; 1Pe 1.2

147

(Orr cita um trecho de seu livro, *A Bíblia em julgamento* [1907].) Nos ensinamentos de Jesus, entramos na presença do *constante e eterno*. Não se encontra em nenhum dos evangelhos qualquer declaração superficial e trivial proferida por ele. Evitando meras controvérsias seculares, ele lida com princípios profundos e duradouros — com aquelas verdades fundamentais que dão luz e orientação a cada era por vir. Jesus não se compromete com nenhum lado da política partidária; nenhuma denominação ou nenhum grupo dentro da igreja; nenhuma forma de administração da igreja ou ação exclusiva; nenhum modo de

organização social; nenhuma solução para a questão de capital e trabalho, de governantes e súditos, de ricos e pobres. O motivo é que a solução para essas perguntas pode ser apropriada para uma era, mas não a solução adequada para outra. Cristo não é o mestre de uma só era. Se fosse, suas palavras, assim como as de todos os outros mestres, se tornariam obsoletas. Ele é o mestre de todas as épocas e eras. Suas palavras nunca envelhecem; jamais são deixadas para trás com o progresso do mundo.

James Orr, *A fé do cristão moderno*, p. 106-107

Ó santo Pai amoroso, cujas misericórdias vão de eternidade em eternidade, nós te agradecemos porque teus filhos podem buscar refúgio de todas as aflições com a bendita certeza de teu amor. Em toda tristeza que assola nosso espírito, em todo sentimento de solidão e perda, em toda dúvida e preocupação da alma, nós nos voltamos para ti. Tu conheces bem nossa estrutura e sabes que somos pó. Sê nossa força e nosso libertador. Que o evangelho de teu amado Filho ministre consolação e paz à nossa alma. Amém.

Henry W. Foote (1838–1889), *Orações:*

antigas e modernas, p. 345

PARA REFLETIR: Mt 4.23; **Lc 12.14**; 1Jo 1.14; 18.36; Rm 14.5-12; Gl 3.28; Ef 2.20-22; Hb 4.15; Ap 22.13

148

O que Jesus queria dizer ao falar sobre o reino de Deus? Essa expressão, tão frequente em seus lábios, é vasta e de múltipla importância. Mas parece que chegamos ao cerne do reino quando entendemos que diz respeito à *supremacia de Deus no coração e nas questões humanas, bem como em todos os departamentos de tais situações*. O reino de Deus começa do lado de dentro, na nova vida comunicada à alma por Cristo, mas não deve permanecer ali. O reino precisa atuar em todos os departamentos da vida, até que o todo seja colocado sob o reino e a direção de Deus.

Da parte divina, o reino é a esfera do governo gracioso e paterno de Deus e a concessão de todas as bênçãos espirituais. Da parte humana, trata-se da esfera de realização da justiça divina.

Jesus não espera perfeição em seu reino na terra, mas, sim, sua consumação na eternidade, conectando-o com a *parousia* [segunda vinda] de Jesus, com a ressurreição e com o juízo. Por mais que tarde,

o dia certamente virá, de acordo com a boa vontade do Pai.

James Orr, *A fé do cristão moderno*, p. 116-118

Ó Senhor, nosso Deus Todo-poderoso, que enviaste teu Filho para estabelecer um reino de justiça na terra, nós oramos por toda a igreja cristã. Edi ca-a na verdade e preencha-a com toda paz; puri ca-a de toda corrupção e livra-a de todo erro; fortalece-a e con rme-a no que é correto; supre suas necessidades, cura suas divisões e, diante de diversidades exteriores, que haja união interna por intermédio do Espírito Santo. Toda glória seja dada ao Pai, Filho e Espírito Santo, um só Deus eterno.

Amém.

Serviços para o culto congregacional, p. 96-97

PARA REFLETIR: Mt 3.2; 5.20; **6.10-11**; 24.45-51; Mc 1.15; Lc 1.31-33; 8.1; 10.9; Rm 14.17; Cl 1.1-20; 2Pe 3.13

149

Não é com base no raciocínio humano acerca do rumo provável do futuro que os cristãos baseiam sua confiança na consumação do reino de Deus. Em vez disso, a certeza da vitória final é derivada da fé firme em Deus e no evangelho de seu Filho. Se Deus reina; se ele é santo, justo e bom; se sua vontade revelada é que a justiça prevaleça sobre o pecado; se é possível confiar na lei moral para a exoneração; se existem poderes divinos no mundo que procedem do Cristo exaltado — poderes mais fortes que todas as forças que podem ser arregimentadas contra eles —, então só se pode chegar a uma conclusão: não importa quão longa e complexa seja a estrada, o objetivo será alcançado.

Os tempos e as épocas estão guardados nas mãos do Pai, porém a consumação é certa. Essa é a primeira coisa a ser estabelecida, fortalecida e consolidada acerca da fé que se encontra em Cristo. As correntes cruzadas de especulação moderna e negação não mais nos incomodarão. Essa é a convicção que deve caracterizar o “cristão moderno”, assim como caracterizou os cristãos de eras passadas.

James Orr, *A fé do cristão moderno*, p. 227-228

Ó amorosíssimo Senhor, eu me ofereço a ti. Eu te peço que tomes nos cuidados de tua graça inexprimível meu espírito e corpo, minhas disposições, palavras e ações. Em todas as coisas, dirige-me e governa-me, para que eu fuja de toda ocasião de pecado e, assim, me apegue constantemente a ti e a teus mandamentos, para que nem vida nem morte,

nem nada que me sobrevenha possa me separar de ti. Amém.

Tesouro de devoção (1869), *Orações: antigas e modernas*, p. 347

PARA REFLETIR: Sl 31.24; 130.7; At 1.7; Rm 5.2-5; 15.13; 1Co 15.51-58; 2Co 3.12; Hb 12.26-27; 1Pe 5.10

150

Não é verdade, conforme a descrença tenta nos fazer pensar, que as *correntes da era* estão uindo todas na mesma direção. Deus está abalando tudo nos céus e na terra, mas as coisas que não puderem ser abaladas permanecerão. Deus permanece, a Bíblia permanece, Cristo permanece, o pecado e a necessidade do mundo permanecem, e o evangelho como a solução divina para o mundo permanece. É a mais pura ilusão imaginar que qualquer uma dessas coisas será deixada de lado na marcha mundial do progresso. O que o mundo pode fazer para as substituir?

Não existe uma única “cosmovisão moderna”. As vozes da era formam Babel. Contra sua discórdia surge o testemunho imutável de Pedro em Cesareia de Filipe, quando confrontado com a Babel de sua era: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”. Sobre esse testemunho, defendido pelos cristãos de todas as eras, Cristo encontrou uma rocha para edificar sua igreja. Ela perdurará enquanto se apegar a esse fundamento.

James Orr, “O panorama atual”, *a fé do cristão moderno*,

p. 228-230

Deus Todo-poderoso, Pai e Senhor de todas as criaturas, com humildade eu te rogo que me dê sabedoria do alto, para que eu te adore e anuncie teus caminhos para toda a terra. Ensina-me a sujeitar-me à tua providência em todas as coisas, a ser moderado na prosperidade e a entender meu dever de acordo com os propósitos de tua misericórdia. Quando em adversidade, ensina-me a ser paciente e a olhar através das nuvens, para ver a consolação do Senhor. Amém.

Jeremy Taylor (1613–1667), *Orações: antigas e modernas*, p. 348

PARA REFLETIR: Mt 16.16; 1Co 15.58; Ef 6.10-18; Hb 6.18; 12.26-27; 1Pe 3.15; 2Pe 1.5-8; 2Jo 1.1-7

151

Muito se ouve, em nossos dias, acerca da “reconstrução” da doutrina

cristã. Não se deve dizer nada contra os esforços de rearmar a era cristã da maneira mais eficaz para determinada era. Mas é preciso saber se “reconstrução” não quer dizer acobertamento e abandono da doutrina essencial. A “reconstrução” deixa os milagres de fora? Omite a encarnação, deixando-nos com um Redentor que não passa de um ser humano ideal? Tem o objetivo de deixar de fora o nascimento virginal e a ressurreição corpórea de nosso Senhor? Esquece a “queda” e a substitui pela doutrina evolucionista do ser humano como criatura que está sempre melhorando? A “reconstrução” deixa de fora a “expição”, Cristo morrendo por nossos pecados, o justo pelo injusto? Tem a intenção de eliminar a regeneração sobrenatural? Se esse é o propósito, então a “reconstrução” nada tem que ver com o cristianismo autêntico.

Os conselhos de Deus permanecem firmes. As verdades indispensáveis do evangelho do Novo Testamento serão aceitas quanto mais elmente forem proclamadas.

James Orr, *A fé do cristão moderno*, p. 230-231, 234-235

Ó Deus, que todo o meu ser seja cheio de gratidão. Que tudo o que sou te louve e te ame por tudo o que deste e zeste, por todas as tuas bênçãos ocultas e por aquelas que, em minha negligência e esquecimento, eu deixei de perceber. Que eu te ame e te louve por todo dom da natureza e da graça, por tudo o que usaste para me atrair a ti, seja a alegria, seja a tristeza. Todo louvor seja dado a ti. Amém.

Edward Bouverie Pusey (1800–1882), *Orações:*

antigas e modernas, p. 301

PARA REFLETIR: 1Co 4.5; Gl 1.8-9; 1Tm 4.1; 2Tm 3.16; 4.2-4; Hb 13.9; **1Pe 3.18**; 1Jo 4.1; 2Jo 1.9

TERESA DE LISIEUX

(1873–1897)

Conhecemos a história de indivíduos como Agostinho de Hipona e John Newton, que se entregaram a Cristo após anos de rebeldia contra Deus.

Mas existe também a experiência de pessoas que, desde o nascimento, foram tão alimentadas pela graça divina que evidenciaram amor ininterrupto pelo Senhor. Marie Françoise-Thérèse Martin, mais conhecida na cristandade como Teresa de Lisieux, é uma bela

ilustração de tal obediência. Teresa também é chamada de Florzinha de Jesus ou apenas Florzinha, bem como de Teresinha do Menino Jesus e da Santa Face. A irmã Teresa nasceu em Alençon, na França, em 2 de janeiro de 1873. Morreu no convento de Lisieux, em 30 de setembro de 1897.

Teresa foi a lha mais nova de pais devotos. Antes de se casar, Louis Martin tentara entrar para um monastério e Zélie Guérin, para um convento. Depois de casados, prosperaram nanceiramente, mas não viviam com luxo. Em vez disso, dedicavam parte considerável de sua renda para o evangelismo cristão e ministravam pessoalmente aos aitos. A simplicidade era o marco de seu lar, e as virtudes cristãs eram cultivadas. A família ia à missa diariamente. Todos os nove lhos foram dedicados à Imaculada Maria (Marie) e receberam seu nome.

Aos 14 anos, em 1887, Teresa pediu, sem sucesso, permissão para entrar para o Convento Carmelita de Lisieux. Posteriormente, no mesmo ano, em visita a Roma, Teresa e o pai apelaram para o papa Leão XIII, pedindo uma intervenção. Mas Leão delegou o julgamento para a superiora carmelita. Por m, após obter o consentimento da madre superiora, no dia 9 de abril de 1888, aos 15 anos, Teresa conseguiu entrar para o convento, onde passaria o resto da vida. Sua pro ssão de votos aconteceu em 8 de setembro de 1890. Três de suas irmãs haviam entrado para Lisieux antes dela.

De acordo com todos os relatos, a vida de Teresa foi marcada pelas virtudes cristãs e pelo avanço constante na santidade. Ao longo dos onze anos que passou em Lisieux, cou bem conhecida pela santidade, pelas orações intercessoras e pelos milagres que aconteceram em resposta à sua intercessão.

Uma honestidade que desarma e atrai caracteriza a santidade de Teresa. Diversas vezes ela menciona a tentação de tratar algumas irmãs indelicadas e problemáticas de maneira inferior ao padrão do amor cristão. Confessou: “A prática da caridade nem sempre é tão agradável”

(*História de uma alma*, cap. 10). O espírito das bem-aventuranças marca sua autobiogra a: “Entendo também que o amor de Deus se torna manifesto tão bem em uma alma simples que não resiste à sua graça quanto naqueles mais ricamente agraciados” (cap. 1).

História de uma alma, autobiogra a escrita em obediência à madre priora de Teresa, foi publicada em 1898. Foi sucedida, em 1912, pela *Autobiogra a de Santa Teresa de Lisieux*. A publicação inclui

História de uma alma, cartas, orações e uma coletânea de poemas. Os poemas de Teresa foram publicados em 1907. Aos 24 anos de idade, ela sucumbiu à tuberculose.

Em 1912, o cardeal Francis Bourne, arcebispo de Westminster, retratou de forma sucinta a vida e o ministério da Florzinha de Jesus.

Observou que ela era caracterizada pela “simplicidade no serviço de Deus” e pela “perfeita realização de pequenos deveres recorrentes, de con ança plena naquele que nos criou, redimiou e santi cou”. O cardeal acrescentou que “humildade, apagamento do eu, [. .] autocontrole” e caridade infalível estão escritos em todas as páginas da autobiogra a de Teresa (*História de uma alma*, prefácio).

Teresa foi canonizada em 17 de maio de 1925 (a canonização é o evento por meio do qual a Igreja Católica Romana ou a Igreja Ortodoxa Oriental considera santa uma pessoa que já morreu). O papa João Paulo II a proclamou doutora da igreja em 1997.

152

Nosso Senhor deu a seus apóstolos um novo mandamento, seu próprio mandamento: “Amem uns aos outros como eu amo vocês”. Ó meu Jesus, tu nunca pedes o que é impossível! Mas tu sabes muito bem como sou frágil e imperfeita. Sabes que jamais serei capaz de amar minhas irmãs como tu as amas, a menos que tu as ames em mim. Ao dar um novo mandamento, tu também desejas conceder a graça para o cumprir. Eu só posso amar teu mandamento se tiver a certeza de que é tua vontade amar em mim aquelas que tu ordenaste que eu ame. Sei que, quanto mais me unir a ti, tanto mais verdadeiramente serei capaz de amar minhas irmãs. Se, quando eu desejar demonstrar teu amor, o diabo trazer à tona os defeitos de uma irmã, ajuda-me a prestar atenção às virtudes e boas intenções dela. Embora eu já possa tê-la visto cair, sem dúvida ela conquistou muitas vitórias que, em sua humildade, esconde.

Ensina-me que aquilo que pode parecer um defeito muito provavelmente não passa de uma boa intenção.

Teresa de Lisieux, *História de uma alma*, cap. 9

Ó Deus de toda paciência e consolação, concede-nos uma vontade tão transformada que, com o coração livre, possamos amar e servir a ti e nossos irmãos e irmãs em Cristo. Tendo, assim, a mente de Cristo, que comecemos o céu na terra e nos exercitemos até chegar o dia em que o céu,

onde habita o amor puro e verdadeiro, não pareça mais uma estranha habitação para nós, em nome de Jesus Cristo. Amém.

Christina Georgina Rossetti (1830–1894), *Orações:*

antigas e modernas, p. 351

PARA REFLETIR: Êx 15.2; 2Sm 22.31-37; Mt 6.24-34; Lc 6.37-38; Jo 15.12; 1Co 4.1-4; 2Co 9.8-9; Fp 2.12-13; 4.10-13; Tg 4.6

153

Quando o Senhor nos ordena a dar aos outros o que eles nos pedem, sem querer nada em troca, não se refere apenas a bens materiais, mas também aos dons do céu. Nada disso pertence de fato a mim. Se Deus deseja distribuir, não tenho direito algum de reclamar. Nossas riquezas espirituais, nossas ideias e nossos pensamentos formam um tesouro no qual parecemos pensar que ninguém tem o direito de colocar a mão. Se eu contar a uma irmã algo que me foi revelado em oração e posteriormente ela repetir como se fosse uma iluminação própria, sinto-me ferida, como se fosse vítima de roubo. Pela graça de Deus, não devo me apegar mais a seus dons espirituais do que aos dons materiais. Os tesouros espirituais pertencem ao Espírito Santo; devemos tomar o cuidado de não acumular o que é propriedade dele. Devemos ser gratos quando o Senhor permite que compartilhemos com os outros a fartura de suas bênçãos. Caso contrário, assim como o fariseu, acabaremos nos orgulhando de nossa riqueza espiritual. Seremos como a antriã morrendo de fome na presença de uma mesa suntuosa, enquanto os convidados desfrutavam as mais ricas delícias.

Teresa de Lisieux, *História de uma alma*, cap. 10

Ó meu Deus, derrama sobre nós tamanha conança, tamanha paz e tamanha felicidade em ti que tu sempre serás mais importante para nós que nossa própria vontade, e teu prazer, mais desejável a ti que nosso próprio prazer. Tudo o que nos dás é dom gratuito; tudo o que tiras de nós é graça a nós demonstrada. Agradecidos te somos por tudo, e por tudo nós te louvamos e te amamos, por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

Christina Georgina Rossetti (1830–1894), *Orações:*

antigas e modernas, p. 355

PARA REFLETIR: Rm 12.9-21; 14.13; Gl 6.1-6; Ef 4.17-32; Fp 2.3; Cl 3.16; 1Ts 5.11; Hb 10.19-25; Tg 5.16-20; 1Pe 4.7-11; 1Jo 2.9-11

Como nossa visão é limitada! Quando vemos que a luz de outro cristão ultrapassa o brilho da nossa, concluímos que o Mestre Divino deve nos amar menos. Deus perdeu o direito de usar seus lhos conforme lhe aprouver? Disse ele a faraó: “Eu o levantei a m de mostrar meu poder por seu intermédio”. O proceder divino não mudou. De acordo com sua vontade, Deus escolhe instrumentos humanos para cumprir sua obra. Se a tela de um artista pudesse falar, ela jamais reclamaria de ser usada da forma que o artista deseja. Nem teria inveja ao saber que toda beleza pertence ao artista. Tampouco o pincel do artista pode se gabar da obra-prima que ajudou a produzir. Também não reclamaria ao ver o artista usar às vezes um pincel grande e depois um pequeno. O pincel sabe que o artista jamais está perdido quando enfrenta di culdades, mas simplesmente escolhe o meio que pensa ser melhor, inclusive o mais improvável e defeituoso. Escolhendo o que lhe agrada, o artista logo preenche toda a tela. Senhor, torna-me contente de ser o pincel pequeno que o Divino Artista usa para preencher os detalhes.

Teresa de Lisieux, *História de uma alma*, cap. 10

Ó Deus Todo-poderoso, só tu podes ordenar a vontade desgovernada e as afeições de homens pecadores; concede que teu povo ame tudo o que ordenas e deseje tudo o que prometes. Dentre as muitas mudanças deste mundo, que nosso coração se xe em tua vontade e em tuas promessas, onde se encontram verdadeiras alegrias, por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

Sacramentário gelasiano (492 d.C., alterado em 1662),

Orações: antigas e modernas, p. 355

PARA REFLETIR: Êx 9.16; Lc 22.24-30; Jo 13.1-17; Rm 12.3-8; 14.5-8; 1Co 12.4-30; 13.8; 14.1-40; Ef 4.1-16; Cl 3.12-17; Tg 1.1-18; 1Pe 4.7-11

155

Jesus disse: “Quando zer uma festa, chame os pobres, os aleijados, os cegos e os mancos, e você será abençoado, pois eles nada têm com que retribuir a recompensa. Assim, o Pai, que tudo vê em segredo, o recompensará”. Já observei que as irmãs mais santas são as mais amadas.

Todos buscam a companhia delas e lhes prestam favores. Mas as almas

mais imperfeitas — as mais necessitadas de amor, a igidas por toda sorte de de ciência, sem tato e re namento, ultrassensíveis até mesmo a palavras de bondade — são deixadas sozinhas. São tratadas somente com a polidez que o dever cristão exige.

Com base nas palavras de Jesus, concluí que devo me tornar uma boa samaritana para as almas a itas, para aquelas que me despertam aversão natural. Uma palavra ou um sorriso costumam bastar para levar nova vida à alma desanimada. Mas eu sei que logo caria desanimada se agisse meramente com base na boa vontade. Em vez disso, devo agir somente para agradar nosso Senhor e seguir o preceito do evangelho.

Teresa de Lisieux, *História de uma alma*, cap. 10

Ó Senhor, escreve teu nome bendito sobre meu coração, para ali permanecer gravado de maneira tão indelével que nenhuma prosperidade ou adversidade me afaste de teu amor. Sê para mim forte torre de defesa, consolador na tribulação, libertador na angústia, socorro bem presente na hora da a ição, e guia para o céu em meio às muitas tentações e perigos desta vida. Amém.

Tomás de Kempis (c. 1380–1471), *Orações:*

antigas e modernas, p. 356

PARA REFLETIR: Mt 5.43-48; 6.1-4; 25.31-46; Lc 10.25-37; 14.12-14; Rm 4.25; 5.6-8; 12.9-13; 14.13-18; Gl 4.1-11; 1Tm 5.21; Tg 2.1-13; 3.17-18

156

Nosso Senhor está agora no céu. Logo, só posso segui-lo por meio de suas pegadas — pegadas cheias de vida e santa fragrância. Só preciso abrir os evangelhos e de uma só vez respirar o aroma de Jesus, a m de saber para que lado correr. Deixo o fariseu para trás e *subo* cheia de con ança. Repito a humilde oração do publicano: “Deus, tem misericórdia de mim!”. Não é por causa da ausência de pecado que ergo o coração a Deus, mas, sim, por con ança e amor. Se eu tivesse sobre minha consciência cada crime que cometo, ainda assim não perderia a con ança. Meu coração, alquebrado pela tristeza, *sobe* e se lança sobre Jesus. *Eu subo* a Jesus repetindo a amável audácia de Maria Madalena, da mulher apanhada em adultério e da mulher samaritana junto ao poço.

Elas lançaram sua in uência sobre mim.

Ora, ninguém pode me assustar, pois tais mulheres me ensinaram no que devo acreditar a respeito da misericórdia e do amor de Jesus. Por causa dele, uma multidão de pecados desaparece em um instante, como uma gota d'água jogada na fogueira ardente.

Teresa de Lisieux, *História de uma alma*, cap. 11

Amplia nosso espírito com tua caridade divina, para que tenhamos esperança em todas as coisas, suportemos todas as coisas e nos tornemos emissários de tua misericórdia curadora para as injustiças e enfermidades da raça humana. Em todas as coisas, sintoniza nosso coração com a santidade e harmonia de teu reino. E apressa o momento em que teu reino virá em plenitude e tua vontade será feita na terra assim como no céu. Amém.

James Martineau (1805–1900), *Orações:*

antigas e modernas, p. 356

PARA REFLETIR: Js 1.9; Sl 56.3-4; Is 41.10; 43.1-3; Lc 2.1-15; 7.36-50; 12.22-24; **18.9-14**; 24.1-12; Jo **4.1-42**; **8.1-11**; Rm 8.15; 15.13; 1Jo 4.18

157

O grego Arquimedes de Siracusa foi matemático, físico, engenheiro, inventor e astrônomo. Certa vez, a rmou: “Dê-me uma alavanca longa o su ciente e um ponto de apoio sobre o qual colocá-la, e serei capaz de erguer o mundo”. Ele não pôde cumprir sua promessa, pois o pedido exigia uma base de material impossível de obter. Mas aquilo que Arquimedes não teve condições de realizar, os santos conquistaram por meio da con ança no poder incomparável de Deus. Sua alavanca é a oração in amada pelo fogo do amor, e seu ponto de apoio é o poder divino. Ao usar essa alavanca, os santos do passado, hoje com o Senhor, ergueram o mundo. Com essa alavanca, os santos da igreja militante continuam a erguer o mundo e o erguerão até o m dos tempos.

Teresa de Lisieux, *História de uma alma*, cap. 11

Deus Todo-poderoso, além de todas as boas dádivas, tu outorgaste a misericórdia suprema de sermos chamados em Cristo Jesus para te conhecer, amar e servir. Nós te prestamos graças e louvores pela luz divina que revela teu coração de graça. Ajuda-nos a demonstrar a gratidão apropriada pelas bênçãos sempre transbordantes que concedes, até mesmo em meio aos momentos mais sombrios da vida — alegrias temporais,

consolação divina e esperança eterna. Tudo provém de tua misericórdia, por tua misericórdia e em tua misericórdia. Leva-nos a entoar teu cântico na luz e, nas trevas, a tocar tua mão e permanecer em paz. Dá-nos um coração con ante e agradecido, para tu sejas nosso Senhor e Rei para todo o sempre. Amém.

Henry W. Foote (1838–1889), *Orações:*

antigas e modernas, p. 358

PARA REFLETIR: Sl 9.10; 28.7; 37.4-6; 91.1-6; Is 26.5-6; Mt 4.1-25; 6.5-15, 25-34; Lc 11.5-13; Rm 8.28; Fp 3.7-11; Cl 4.2-6; 2Tm 2.5-13

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

As leituras, orações e hinos usados neste livro foram adaptados das fontes abaixo. Os títulos entre colchetes indicam o nome pelo qual as obras, em geral, são conhecidas em língua portuguesa e mencionadas ao longo deste volume.

Ahlstrom, Sydney E. *A Religious History of the American People*. New Haven: Yale University Press, 1972.

American Catholic Sermons [Sermões católicos norte-americanos]. Special Collections.

Georgetown University Library.

Augustine. *The Confessions of Saint Augustine* [Confissões]. Trad. de Edward B. Pusey. Reimp., Christian Classics Ethereal Library (CCEL). <<http://www.ccel.org/ccel/augustine/confess.toc.html>>.

<http://www.ccel.org/ccel/augustine/confess.toc.html>>.

Book of Common Prayer [Livro de Oração Comum, LOC]. Nova York: Church Hymnal Corporation, 1979. <http://justus.anglican.org/resources/bcp/formatted_1979.htm>.

Bright, William. *Ancient Collects and Other Prayers, Selected for Devotional Use from Various Rituals*

[Coletas antigas e outras orações]. Oxford, UK: J. H. e Jas. Parker, 1864. Internet Archive.

<<https://archive.org/stream/ancientcollects00collgoog#page/n213/mode/1up>>.

Calvino, John. *Hosea* [Oseias] . Vol. 1 de *Commentaries on the Twelve Minor Prophets*. Trad. de John Owen. 1846–1849. Reimpr., CCEL.
< <http://www.ccel.org/ccel/calvin/calcom26.i.html> > .

Carey, William. *An Enquiry into the Obligations of Christians to Use Means for the Conversion of the Heathens* [Averiguação das obrigações dos cristãos de usar recursos para a conversão dos pagãos] . Leicester, Inglaterra: Ann Ireland, 1792.

< <http://www.wcarey.edu/carey/enquiry/anenquiry.pdf> > .

Chalmers, Thomas. *Sermons and Discourses* [Sermões e discursos] . 2 vols. Nova York: Robert Carter and Brothers, 1873. Making of America Books.

< <http://quod.lib.umich.edu/m/moa/ajk3131.0001.001?view=toc> > .

Chalmers, Thomas. *Sermons Preached at St. John's Church, Glasgow* [Sermões pregados na Igreja de St. John, Glasgow] . Glasgow: Chalmers and Collins, 1823. Internet Archive.

< <https://archive.org/stream/sermonspreachedi00chal#page/n5/mode/2up> > .

Collier, Mary A. *Memoirs of William Wilberforce* [Memórias de William Wilberforce] . Nova York: Robert Carter and Brothers, 1864. Internet Archive.

< <https://archive.org/details/memoirsofwilliam00coll> > .

Dolan, Timothy M. “Right from the Start: John Carroll, Our First Bishop.” Arquediocese de Milwaukee. CatholicCulture.org. < <http://www.catholicculture.org/culture/library/view.cfm> > .

recnum = 8269 > .

Douglass, Frederick. “Oration, Delivered in Corinthian Hall, Rochester” [“Oração”]. 5 de julho de 1852. Universidade de Rochester, Frederick Douglass Project.

< <http://www.lib.rochester.edu/index.cfm?PAGE=2945> > .

Edwards, Jonathan. *Memoirs of Late Rev. Jonathan Edwards* [Memórias]. Vol. 1 de *The Works of President Edwards in Four Volumes*. Nova York: Levitt and Allen, 1856. Internet Archive.

< <https://archive.org/stream/workofpresident011856edwa#page/n5/> > .

mode/2up > .

_____. *A Treatise concerning Religious Affections* [Afeições religiosas]. 1746. Reimpr., CCEL.

<<http://www.ccel.org/ccel/edwards/affections.txt>> .

Escrivá, Josemaría. “Passionately Loving the World” [Amor apaixonado pelo mundo]. 8 de outubro de 1967. <<http://www.josemariescriva.info/docs/prayercard.pdf>> .

Franklin, Benjamin. “Benjamin Franklin on Rev. George Whitefield, 1739.” National Humanities Center Resources Toolbox.

<<http://nationalhumanitiescenter.org/pds/becomingamer/ideas/text2/franklinwhitefield.pdf>> .

Fullerton, W. Y. C. *H. Spurgeon: A Biography*. Londres: Willams and Norgate, 1920. Internet Archive. <<https://archive.org/stream/chspurgeonbiogra00full#page/n7/mode/2up>> .

Galli, Mark; Olsen, Ted, eds. “William Carey: Father of Modern Protestant Missions.” Em 131

Christians Everyone Should Know. Nashville: Christianity Today, 2000.

Guilday, Peter. *The Life and Times of John Carroll*. Nova York: Encyclopedia Press, 1922.

Internet Archive. <<https://archive.org/stream/lifetimesofjohn01guil#page/n11/mode/2up>> .

Harvard Square Library. <<http://www.harvardsquarelibrary.org/poetry-prayers-visual-arts/>> .

Holy Ghost Orthodox Church [Igreja Ortodoxa do Espírito Santo].

<<http://www.holyghostuoc.org/prayers>> .

Hymnary.org [Hinário]. <[http://www.hymnary.org/texts?qu=+in:texts](http://www.hymnary.org/texts?qu=)> .

Keble, John. “National Apostasy” [Apostasia nacional]. Project Canterbury.

<<http://anglicanhistory.org/keble/keble1.html>> .

_____. *On Eucharistical Adoration* [Sobre a adoração eucarística] . 2a ed. Oxford, UK: John Henry and James Parker, 1859. Project Canterbury.

< <http://anglicanhistory.org/keble/adoration/chapter1/html> > .

Kidd, Thomas S. *George White eld: America's Spiritual Founding Father*. New Haven, CT: Yale University Press, 2014.

Kierkegaard, Søren. *Attack upon Christendom* [Ataque à cristandade] . Trad. de Lars Ulrich. Edit.

por Wayne Kraus. Kraus House, 2014. Ed. Kindle.

< https://www.amazon.com/dp/B00LS8G85E/ref=rdr_kindle_ext_tmb#reader_B00LS8G85E >

.

_____. *The Crowd Is Untruth: On the Dedication to "That Single Individual"* [A multidão é inverdade: Sobre a dedicação ao "indivíduo único"] . Trad. de Charles K. Bellinger. CCEL.

< <http://www.ccel.org/ccel/kierkegaard/untruth.txt> > .

_____. *Edifying Discourses* [Discursos edificantes]. Vol. 2. Trad. de David F. Swenson e Lillian M. Swenson. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1944.

_____. *Edifying Discourses: A Selection* [Discursos edificantes: Uma seleção]. Edit. por Paul L.

Homer. Trad. de David F. Swenson e Lillian M. Swenson. Nova York: Harper and Brothers, 1958. Internet Archive . < <https://archive.org/details/edifyingdiscour00kier> > .

_____. *Eighteen Upbuilding Discourses* [Dezoito discursos edificantes] . Ed. e trad. de Howard V.

Hong e Edna H. Hong. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1990.

_____. *The Essential Kierkegaard* [O essencial de Kierkegaard] . Edit. por Howard V. Hong e Edna H. Hong. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2000.

_____. *The Journals of Kierkegaard* [Diários]. 1834–1854. Edit. por Alexander Dru. Londres: Collins Fontana Press, 1960.

_____. *A Kierkegaard Anthology* [Antologia de Kierkegaard] . Edit. por Robert Bretall.

Princeton, NJ: Princeton University Press, 1946.

_____. *Kierkegaard's Attack upon "Christendom"* [Ataque de Kierkegaard à "cristandade"] . 1854–

1855. Trad. de Walter Lowrie. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1946. Internet Archive . <<https://archive.org/details/kierkegaardsatta00kier>> .

_____. *Selections from the Writings of Kierkegaard* [Seleções]. Trad. de L. M. Hollander.

University of Texas Bulletin 2326. Austin, TX: University of Texas, 1923. Internet Archive .

<<https://archive.org/stream/selectionsfromwr00kieruoft#page/n1/mode/2up>> .

_____. *The Sickness unto Death* [O desespero humano] . Trad. de Walter Lowrie. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1941.

_____. *Training in Christianity and the Edifying Discourse Which "Accompanied" It*. Trad. de Walter Lowrie. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1952.

_____. *Works of Love* [Obras de amor] . Trad. de David F. Swenson e Lillian M. Swenson.

Princeton, NJ: Princeton University Press, 1946.

_____. *Works of Love* [Obras de amor] . Trad. de Howard e Edna Hong. Nova York: Harper and Brothers, 1962.

Lowrie, Walter. *A Short Life of Kierkegaard*. Garden City, NY: Doubleday and Company, 1961.

Maddox, Randy, ed. *Aldersgate Reconsidered*. Nashville, Kingswood Books, 1990.

Marsden, George. *Jonathan Edwards: A Life*. New Haven, CT: Yale University Press, 2003.

Melville, Annabelle M. *John Carroll of Baltimore: Founder of the American Catholic Hierarchy*. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1955.

Citado em Dolan, “Right from the Start”.

Moody, Dwight L. *Moody's Anecdotes and Illustrations: Related in His Revival Work by the Great Evangelist* [Anedotas e ilustrações de Moody] . Chicago: Rhodes and McClure, 1899. Reimpr., Project Gutenberg, 2006. <<http://www.gutenberg.org/cache/epub/19830/pg19830.txt>> .

_____. *Secret Power of the Secret of Success in Christian Life and Work* [Poder secreto, ou o segredo do sucesso na vida e no trabalho cristãos] . Nova York: Fleming H. Revell, 1881. Reimpr., Project Gutenberg, 2010. <<http://www.gutenberg.org/files/33341/33341-h/33341-h.htm>> .

_____. *Sovereign Grace: Its Source, Its Nature and Its Effects* [Graça soberana] . Nova York: Fleming H. Revell, 1891. Internet Archive . <<https://archive.org/stream/sovereigngraceit00mood#page/n0/mode/2up>> .

_____. *Wondrous Love and Other Gospel Addresses* [Amor assombroso e outros temas do evangelho] . Londres: Pickering and Inglis, 1876. Reimpr., Project Gutenberg, 2010. <<http://www.gutenberg.org/files/33520/33520-h/33520-h.htm>> .

Neander, Augustus. *The Epistle of Paul to the Philippians, Practical y Explained* [A epístola de Paulo aos lipenses] . Nova York: Lewis Colby and Company, 1853. Reimpr., CCEL. <http://www.ccel.org/ccel/neander_a/expo_phil.txt> .

_____. *The First Epistle of John, Practical y Explained* [A primeira epístola de João] . Nova York: Harper and Brothers, 1870. Reimpr., CCEL. <http://www.ccel.org/ccel/neander_a/expo_1john.txt> .

_____. *The Life of Jesus Christ in Its Historical Connexion and Historical Development* [A vida de Jesus Cristo] . Nova York: Harper and Brothers, 1870. Reimpr., CCEL. <http://www.ccel.org/ccel/neander_a/life.txt> .

Newman, John Henry. *An Essay of the Development of Christian Doctrine* [Ensaio sobre o desenvolvimento da doutrina cristã] . Notre Dame, IN: University of Notre Dame Press, 1878. Reimpr., Project Gutenberg,

2011. <<http://www.gutenberg.org/les/35110/35110-0.txt>>.

_____. *Parochial and Plain Sermons* [Sermões simples e paroquiais]. Vol. 7. Londres: Longmans, Green, 1891. Reimpr., Project Gutenberg, 2008.

<<http://www.gutenberg.org/cache/epub/24256/pg24256.txt>>.

O'Donovan, Louis. "John Carroll." Em *The Catholic Encyclopedia* [A enciclopédia católica]. Nova York: Robert Appleton Company, 1908. New Advent.

<<http://www.newadvent.org/cathen/03381b.htm>>.

Oremus.org. <<http://oremus.org/>>.

Orr, James. *Christian View of God and the World* [Visão cristã de Deus e do mundo]. New York: Charles Scribner's Sons, 1908. Reimpr., CCEL. <<http://www.ccel.org/ccel/orr/view.txt>>.

_____. *The Faith of a Modern Christian* [A fé do cristão moderno]. Nova York: Hodder and Stoughton, 1910. Internet Archive.

<<https://archive.org/org/stream/cu31924029318312#page/n5/mode/2up>>.

Orthodox Prayer [Oração ortodoxa].

<<http://www.orthodoxprayer.org/Prayers%20for%20All%20Occasions.html>>.

The Orthodox Prayers [As orações ortodoxas]. <http://ihtys.narod.ru/orthodox_prayers.pdf>.

Paul VI. "Homily of the Holy Father Paul VI" [Homilia do santo padre Paulo VI]. Homilia proferida na canonização de Elizabeth Ann Seton, 14 de setembro de 1975.

<http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/homilies/1975/documents/hf_p-vi_hom_19750914_en.html>.

Prayers of Augustine [Orações de Agostinho]. Mission and Ministry. Villanova University.

<<https://www1.villanova.edu/villanova/mission/campusministry/spirituality/resources/spirituality/restlesshearts/prayers.html>>.

“Presbyterian Union Abroad.” *Christian Worker* 4, n. 3 (março de 1873), p. 74-79.

< <https://books.google.com/books?>

[id = 7zksAQAAMAAJ&pg = PA2&dq = Chalmers + %E2%80%9D&source = gbs_toc_r&cad = 3#v =](https://books.google.com/books?id=7zksAQAAMAAJ&pg=PA2&dq=Chalmers+%E2%80%9D&source=gbs_toc_r&cad=3#v=onepage&q=Chalmers%20%E2%80%9Cthe%20crown%20rights%20of%20King%20Jesus%E2%80%9D&f=false)

[onepage&q = Chalmers%20%E2%80%9Cthe%20crown%20rights%20of%20King%20Jesus](https://books.google.com/books?id=7zksAQAAMAAJ&pg=PA2&dq=Chalmers+%E2%80%9Cthe%20crown%20rights%20of%20King%20Jesus%E2%80%9D&source=gbs_toc_r&cad=3#v=onepage&q=Chalmers%20%E2%80%9Cthe%20crown%20rights%20of%20King%20Jesus%E2%80%9D&f=false)

[%E2%80%9D&f = false > .](https://books.google.com/books?id=7zksAQAAMAAJ&pg=PA2&dq=Chalmers+%E2%80%9Cthe%20crown%20rights%20of%20King%20Jesus%E2%80%9D&source=gbs_toc_r&cad=3#v=onepage&q=Chalmers%20%E2%80%9Cthe%20crown%20rights%20of%20King%20Jesus%E2%80%9D&f=false)

Price, Thomas. *The Memoir of William Wilberforce*. Boston: Light and Stearns, 1836. Internet Archive .

< https://archive.org/stream/memoirwilliamwi00pricgoog/memoirwilliamwi00pricgoog_djvu.txt > .

Pusey, Edward Bouverie. *Prayers Gathered from the Writings of the Reverend Edward Bouverie Pusey*

[Orações]. Londres: Walter Smith, 1884. Internet Archive .

< <https://archive.org/stream/prayersgathered02pusegoog#page/n0/mode/2up> > .

Runyon, Theodore. *The New Creation: John Wesley's Theology Today*. Nashville: Abingdon Press, 1998.

Ryle, John Charles. *Holiness: Its Nature, Hindrances, Difficulties, and Roots* [Santidade] . 1877.

Reimpr., CCEL. < <http://www.ccel.org/ccel/ryle/holiness.txt> > .

Schaff, Philip. “Reminiscences of Neander”. Em *Saint Augustin, Melancton, Neander: Three Biographies*, p. 128-158. Londres: James Nisbet. Internet Archive .

< <https://archive.org/stream/sainaugustinme00scha#page/128/mode/2up> > .

Services for Congregational Worship [Serviços para o culto congregacional]. Ed. rev. Boston: American Unitarian Association, 1877. Internet Archive .

< <https://archive.org/stream/servcongr00amer#page/n7/>

mode/2up> .

Seton, Elizabeth Ann. *Col lected Writings: Volume 3a* (2006) [Escritos reunidos]. *Vincentian Digital Books*. Livro 12. <http://via.library.depaul.edu/vincentian_ebooks/12> .

_____. *Col lected Writings: Volume 3b* (2006) [Escritos reunidos]. *Vincentian Digital Books*. Livro 10. <http://via.library.depaul.edu/vincentian_ebooks/10> .

Smith, Hannah Whitall. *The Christian's Secret of a Happy Life* [O segredo cristão para uma vida feliz] . 1875. Reimpr., CCEL. <http://www.ccel.org/ccel/smith_hw/secret.toc.html> .

_____. *The God of Al Comfort* [O Deus de toda consolação] . 1870. Reimpr., CCEL.

<http://www.ccel.org/ccel/smith_hw/comfort.i.html> .

_____. *The Unsel shness of God and How I Discovered It: A Spiritual Autobiography*. New York: Fleming H. Revell, 1903. Internet Archive .

<https://archive.org/stream/unsel_shnessgo00smitgoog#page/n6/mode/2up> .

Spurgeon, Charles H. *Talks to Farmers* [Conversas com lavradores] . Nova York: Funk and Wagnalls, 1889. Reimpr., Project Gutenberg, 2013.

<<http://www.gutenberg.org/files/42518/42518-h/42518-h.htm>> .

_____. *The Treasury of David* [Tesouro de Davi]. Vol. 2. Londres: Marshall Brothers, 1881.

Internet Archive .

<<https://archive.org/stream/treasuryofdavid02spuruoft#page/n7/mode/2up>> .

_____. *The Treasury of David*. Vol. 4. Nova York: Funk and Wagnalls, 1883. Internet Archive .

<<https://archive.org/details/treasurydavid00spurgoog>> .

_____. *The Treasury of David*. Vol. 6. Londres: Marshall Brothers, 1881. Internet Archive .

< <https://archive.org/stream/treasuryofdavid06spuruoft#page/n7/mode/2up> > .

_____. *The Treasury of David*. Vol. 7. Nova York: Funk and Wagnalls, 1886. Internet Archive .

< <https://archive.org/details/treasurydavid04spurgoog> > .

Thérèse de Lisieux. *Story of a Soul: The Autobiography of St. Thérèse de Lisieux* [História de uma alma] . Londres: Burns, Oates and Washbourne, 1912. Reimpr., CCEL.

< <http://www.ccel.org/ccel/therese/autobio.txt> > .

Thompson, Francis. “The Hound of Heaven.” Em *The Oxford Book of English Mystical Verse*, n.

239. Edit. por D. H. S. Nicholson e A. H. E. Lee. Oxford, UK: Clarendon Press, 1917.

Bartleby.com, 2000. < <http://www.bartleby.com/236/239.html> > .

Tileston, Mary Wilder. *Prayers: Ancient and Modern* [Orações: antigas e modernas] . Nova York: Doubleday and McClure, 1897. Internet Archive .

< <https://archive.org/details/prayersancienta00tilegoog> > .

Weisberger, Bernard A. *They Gathered at the River: The Story of the Great Revivalists and Their Impact upon Religion in America*. Chicago: Quadrangle Books, 1958, p. 206 (citado em Ahlstrom, *Religious History*, p. 745).

Wesley, John. *Covenant Renewal Service* [Culto de renovação da aliança] . Adapt. por George Lyons, com base no pan eto escrito por John Wesley, publicado pela primeira vez em 1780.

Wesley Center Online. < http://wesley.nnu.edu/leadadmin/user_upload/Wesley_Covenant-George_Lyons.htm > . O *Culto de renovação da aliança* se baseava em um capítulo de uma obra de 1663 do puritano Richard Alleine: *A Vindication of Godliness in the Greater Strictness and*

Spirituality of It (Covenant Renewal Service). Discipleship Ministries, United Methodist Church.

< <http://www.umcdiscipleship.org/resources/covenant-renewal->

service > .

____. *An Extract of the Rev. John Wesley's Journal* [Diário]. Vol. 1 de *The Works of John Wesley*.

____. *The Letters of John Wesley* [Cartas]. Wesley Center Online .
< <http://wesley.nnu.edu/john-wesley/the-letters-of-john-wesley/> > .

____. *A Plain Account of Christian Perfection* [Explicação clara da perfeição cristã] . Wesley Center Online . < <http://wesley.nnu.edu/john-wesley/a-plain-account-of-christian-perfection/> > .

____. *Sermons on Several Occasions* [Sermões para ocasiões diversas] . Vol. 5 de *The Works of John Wesley*. Edit. por Thomas Jackson. 14 vols. 3a ed. Londres: Wesleyan Methodist Book Room, 1872. Reimp., Kansas City: Beacon Hill Press of Kansas City, 1986.

____. "Preface to the Old Testament Notes." [Prefácio para comentários ao Antigo Testamento]. Em John Wesley's Notes on the Bible. Wesley Center Online.

< <http://wesley.nnu.edu/john-wesley/john-wesleys-notes-on-the-bible/preface-to-the-old-testament-notes/> > .

____. *The Sermons of John Wesley* [Sermões]. Ed. de 1872. Wesley Center Online .

< <http://wesley.nnu.edu/john-wesley/the-sermons-of-john-wesley-1872-edition/the-sermons-of-john-wesley-thomas-jacksons-numbering/> > .

Wheatley, Richard. *The Life and Letters of Mrs. Phoebe Palmer* [A vida e as cartas da Sra. Phoebe Palmer]. Nova York: W. C. Palmer, 1881. Internet Archive .

< <https://archive.org/stream/lifelettersofmr00whea#page/n7/mode/2up> > .

White eld, George. *Selected Sermons of George White eld* [Sermões selecionados]. [s.d.] Reimpr., CCEL. < http://www.ccel.org/ccel/white_eld/sermons.txt > . (Ver Thomas S. Kidd, *George White eld: America's Spiritual Founding Father*. New Haven, CT: Yale University Press, 2014.) Wilberforce, William. *A Practical View of the Prevailing Religious System of Professed Christians, in the Higher and Middle Classes in This Country, Contrasted with Real Christianity* [Visão prática do sistema religioso predominante dos cristãos professores] . Dublin: Robert

Dapper, 1797.

Reimpr., Project Gutenberg, 2008.

<<http://www.gutenberg.org/caches/epub/25709/pg25709.txt.utf8>> .

“William Wilberforce.” The Wilberforce School. <<http://www.wilberforceschool.org/william-wilberforce>> .

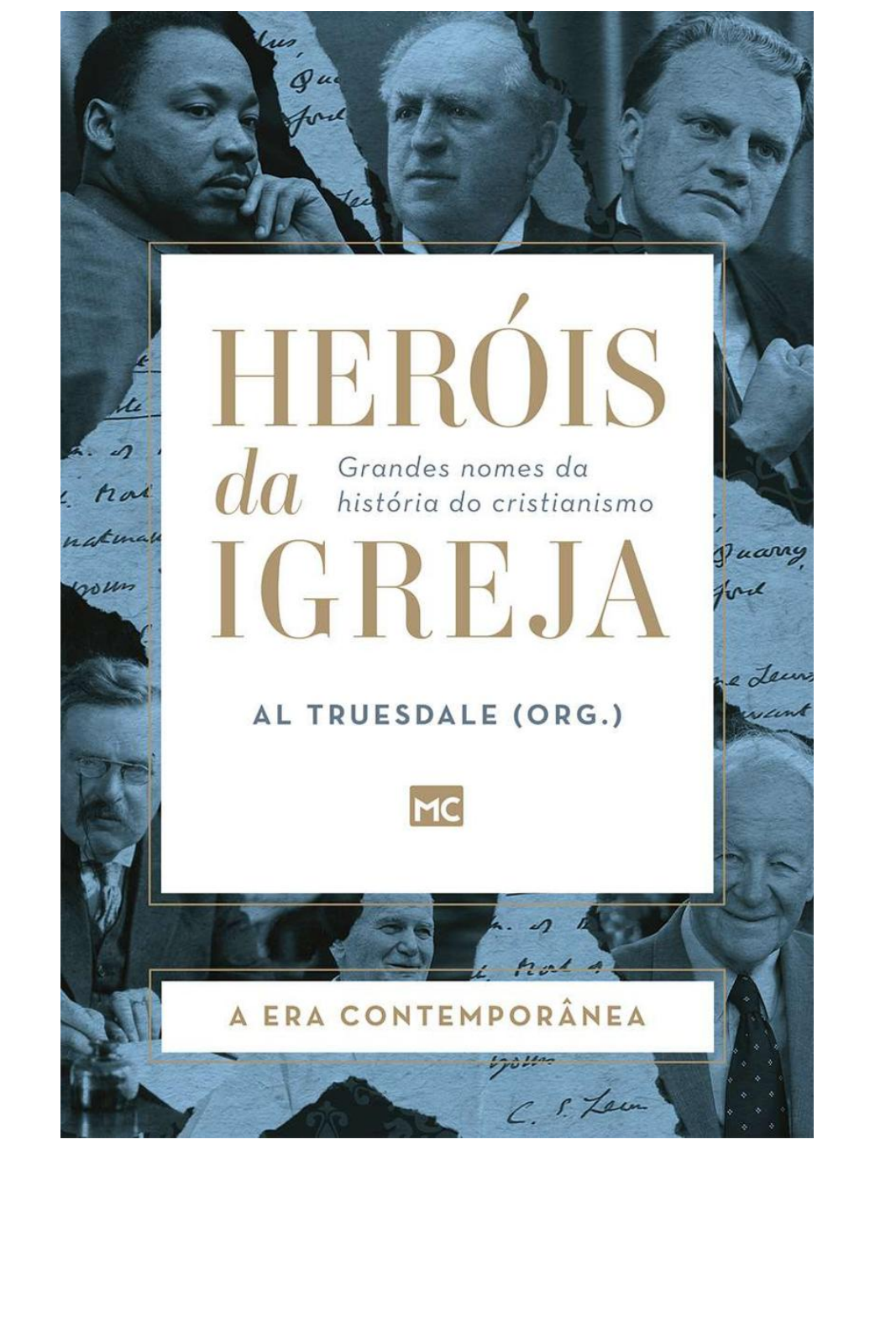
Woolman, John. *The Journal of John Woolman* [Diário]. [s.d.] Reimpr., CCEL.

<<http://www.ccel.org/ccel/woolman/journal.i.html>> .

_____. *The Works of John Woolman: In Two Parts* [Obras] . Filadél a: Joseph Crukshank, 1774.

Internet Archive .

<https://archive.org/stream/worksofjohnwoolm00wool/worksofjohnwoolm00wool_djvu.txt> .

The background of the cover is a collage of black and white photographs of prominent Christian figures, including Martin Luther King Jr., Billy Graham, and others. Interspersed among the photos are fragments of handwritten text in cursive, such as "Qu", "ford", "Lea", "Quarry", "ford", "e Lea", "ment", "C. S. Lewis", and "by John".

HERÓIS da IGREJA

Grandes nomes da
história do cristianismo

AL TRUESDALE (ORG.)



A ERA CONTEMPORÂNEA

HERÓIS DA IGREJA

Grandes nomes da história do cristianismo

VOLUME 5

A ERA CONTEMPORÂNEA

Editado por

AL TRUESDALE

Traduzido por Luciana Chagas



Copyright © 2018 por Al Truesdale Publicado originalmente por Beacon Hill Press of Kansas City, divisão da Foundry Publishing, Kansas City, Missouri, EUA.

Os textos das referências bíblicas foram extraídos e adaptados da *Nova Versão Transformadora* (NVT), da Editora Mundo Cristão (com permissão da Tyndale House Publishers, Inc.), salvo indicação específica.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Edição

Daniel Faria

Revisão

Natália Custódio

Produção e diagramação

Felipe Marques

Colaboração

Ana Luiza Ferreira

Capa

Maquinaria Studio

Conversão para Ebook

SCALT Soluções Editoriais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H48

v. 5

Heróis da igreja [recurso eletrônico] : grandes nomes da história do cristianismo : a era contemporânea, volume 5 / editado por Al Truesdale ; traduzido por Luciana Chagas. - 1.

ed. -

São Paulo : Mundo Cristão, 2020.

recurso digital (Heróis da igreja ; 5)

Tradução de: The book of saints : the modern era

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-433-0503-5 (recurso eletrônico)

1. História da igreja - Séc. XX. 2. Santos Cristãos. 3. Livros eletrônicos. I Truesdale, Al. II.

Chagas, Luciana. III. Série.

19-61618 CDD: 270.82

CDU: 27-9"19"

Categoria: Espiritualidade 1a edição eletrônica: janeiro de 2021

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por: Editora
Mundo Cristão Rua Antônio Carlos Tacconi, 69

São Paulo, SP, Brasil CEP 04810-020

Telefone: (11) 2127-4147

www.mundocristao.com.br

Com gratidão, dedico este material a Esther, o amor da minha vida, que se empenhou na edição deste e dos quatro volumes anteriores.

Registro meu profundo apreço por Richard Buckner, editor teológico da Foundry Publishing; ele foi paciente em acompanhar o desenvolvimento de cada volume de Heróis da Igreja.

Quem pertence a Cristo deve segui-lo por toda a jornada. Deve amadurecer e tornar-se adulto, até que, cedo ou tarde, venha a cruzar o caminho que leva ao Getsêmani e ao Gólgota.

Teresa Benedita da Cruz, *Escritos essenciais*, p. 125

+ + +

Fé signi ca ver Cristo e arriscar-se a aceitá-lo, não apenas como o maior mestre da verdade que já existiu, mas como a própria Verdade. [...] Ele não somente requer que acatemos em nosso intelecto a retidão daquilo que proclamou [...], mas que sintamos, com a noção de certo e errado que nos é inerente, com o coração, a alma e todo o nosso ser, o chamado que dirige a nós.

Romano Guardini, *O Senhor*, cap. 2

SUMÁRIO

[Introdução](#)

Abraham Kuyper (1837–1920)

Peter T. Forsyth (1848–1921)

James Denney (1856–1917)

Pandita Ramabai (1858–1922)

Walter Rauschenbusch (1861–1918)

John R. Mott (1865–1955)

G. K. Chesterton (1874–1936)

João XXIII (1881–1963)

E. Stanley Jones (1884–1973)

Karl Barth (1886–1968)

Sadhu Sundar Singh (1889–1929)

Teresa Benedita da Cruz (Edith Stein) (1891–1942)

Reinhold Niebuhr (1892–1971)

Corrie ten Boom (1892–1983)

Georges Florovsky (1893–1979)

Alexander Men (1935–1990)

C. S. Lewis (1898–1963)

Dietrich Bonhoeffer (1906–1945)

Lesslie Newbigin (1909–1998)

Madre Teresa (1910–1997)

Thomas Merton (1915–1968)

Billy Graham (1918–2018)

João Paulo II (1920–2005)

John R. W. Stott (1921–2011)

Martin Luther King Jr. (1929–1968)

Desmond Tutu (1931–)

Henry Nouwen (1932–1996) Walter Brueggemann (1933–)

Francisco (1936–)

Luke Timothy Johnson (1943–)

N. T. Wright (1948–)

Fontes bibliográficas

INTRODUÇÃO

Nos séculos 19 e 20, à medida que a era moderna avançava, eminentes profetas seculares se levantaram para anunciar a morte da fé cristã.

Afirmavam eles que os seres humanos haviam alcançado a maioridade ao adquirir a capacidade de raciocinar objetivamente, investigar, organizar-se e fazer uso da tecnologia. Em virtude disso, a humanidade deveria abandonar a crença infantil em Deus. As noções de pessoalidade e comunidade só deixariam de ser severamente limitadas quando todos se despissem dos farrapos da religião e vestissem os majestosos robes do ateísmo e da autonomia humana.

Entre os arautos da liberação da autonomia humana estava o filósofo Ludwig Feuerbach (1804–1872), o qual “descobriu” que, quando as pessoas pensam estar louvando a Deus, na verdade estão

equivocadamente projetando a perfectibilidade de sua própria essência humana sobre uma gura cósmica fictícia. “Tome de volta para si a sua essência”, proclamava ele. Próximo disso, Karl Marx (1818–1883) anunciou que a religião é um ópio escravizante servido a operários por capitalistas abastados e tiranos que, visando convencê-los a aceitar a injusta exploração de sua força de trabalho, recorrem à fantasiosa garantia de uma vida melhor no paraíso. Em outro movimento, Friedrich Nietzsche (1844–1900) prontificou-se a expor o discreto e sórdido segredo da religião. Segundo ele, em tempos remotos o judaísmo e o cristianismo foram exitosos em iludir a nobreza fazendo-a abraçar uma “ética” judaico-cristã propagada por covardes deploráveis e párias sociais. A revogação desse equívoco demandaria, então, a morte do “Deus” artificial que o provocou. Émile Durkheim (1858–1917), pai da sociologia moderna, bondosamente

reconheceu alguns “benefícios”

da religião, mas “revelou” que ela se fundamenta na consciência social coletiva ou comunitária, e não em Deus, como creem alguns. Agora que

a verdade está posta, a humanidade deve descartar esse mal-entendido e empenhar-se em desenvolver seu formidável potencial coletivo. Então, lá das alturas, a convincente voz de Sigmund Freud (1856–1939) anunciou a descoberta de que a religião, desenvolvida nos primórdios da história, é uma neurose universal que incapacita os seres humanos. Uma vez que sua origem seja exposta e diretamente confrontada, a neurose pode ser sanada mediante terapia. Assim, no futuro, a saúde, e não a doença, poderá ser a nobre característica da raça humana.

Todavia, o obituário que esses oráculos seculares dedicaram ao cristianismo se revelou grosseiramente prematuro.

Perspicazes representantes da fé cristã apostólica começaram, então, a rebater os profetas seculares. Visionários, eles desmantelaram argumentos falaciosos que cristãos responsáveis até então não tinham conseguido derrotar. Contra as correntes de humanismo secular, líderes cristãos bastante argutos insistiram que o que de ne uma pessoa está inextricavelmente vinculado à fé cristã. Talvez perca por um tempo a noção de que a humanidade em m terá alcançado seu potencial depois da extinção da fé, mas essa noção também se esvaírá gradualmente. De fato, os profetas seculares estão alinhados com aquilo que garante o valor humano: a revelação cristã. “A saúde do espírito humano”, defendem os pensadores cristãos, “depende de sua relação com o que é verdadeiro, bom e sagrado.” Se não for assim, “o espírito adoecerá”

(Guardini, *O m da era moderna*, p. 177).

Os profetas seculares não previram o crescimento vertiginoso do cristianismo na China comunista, nem o fato de o movimento cristão atrair muitos intelectuais chineses — tudo isso a despeito dos rompantes de perseguição promovidos pelo governo e dos desa os inerentes ao crescimento da igreja. * Também não previram o ressurgimento da fé ortodoxa na Rússia, a expansão da igreja na América do Sul e na África, o reavivamento que hoje se alastra pelas igrejas da Cuba comunista, nem as manifestações abertamente confessionais de cientistas como Francis Collins, Susan Steinmetz, Alister McGrath e John Ponkinghorne.

Outro aspecto talvez igualmente importante é o fato de os profetas seculares não terem antevisto o surgimento de profetas e articulados porta-vozes da fé cristã que examinaram a modernidade e, submetendo-a aos devidos ajustes, reafirmaram e fortaleceram sua fé. Entre eles estão os

eruditos bíblicos Elisabeth Fiorenza e Richard B. Hays; os especialistas em história da igreja Mark Noll, Philip Jenkins e George Marsden; os teólogos Nancey Murphy, George Weigel e J. I. Packer; os sociólogos Christian Smith, Peter L. Berger e Alan Storkey; os filósofos Roger Scruton e Alvin Plantinga; e os intelectuais renomados Ross Douthat e Eric Metaxas. Nenhum deles pretende negar as conquistas da modernidade, mas também não encontram nela razões que os levassem a abandonar “a fé que, de uma vez por todas, foi dada ao povo santo”

(Jd 1.3).

À medida que avançamos para o que quer que venha a suceder a modernidade tardia, a fé cristã enfrentará novos desafios. Estes podem incluir: ideologias políticas e tecnológicas que sutilmente subvertem as noções de comunidade e individualidade humana; novidades nas ciências natural, social e cognitiva; embates inevitáveis com outras religiões; questionamentos difíceis quanto à nossa compreensão acerca da sexualidade humana; assuntos ligados a gestão ambiental; e maneiras de tornar a fé cristã endógena e autêntica nos países onde a igreja cresce rapidamente. Quaisquer que sejam tais desafios, podemos contar que a aliança de fé entre Cristo e sua igreja “permanecerá firme”, ainda que o mundo a considere “escandalosa ou insana” (Guardini, *O Senhor*, p.

443).

Os cristãos cujos escritos são reproduzidos neste volume deram vigorosos testemunhos de fé em um contexto de declarada autonomia humana. A escolha dos excertos aqui transcritos não foi tarefa fácil, sobretudo pelas limitações de publicação, pelo número quase irrestrito de nomes elegíveis, e pela intenção de produzir uma obra tão ecumênica e global quanto possível.

Este volume se mostra ainda mais rico por conter orações escritas ou sugeridas pelo reverendíssimo Frank F. Limehouse III, que foi deão da Igreja Catedral do Advento em Birmingham, no Alabama, Estados Unidos. Limehouse III é considerado um valoroso pastor ortodoxo que, em seu tempo de ministério, proclamou a fé apostólica em meio a

desfavoráveis condições eclesiais e culturais. Ao ouvir seus sermões e conselhos, somos sempre expostos à certa e alegre promessa de justi cação pela graça mediante a fé somente.

Um breve esboço biográfico precede os textos selecionados de cada personalidade aqui mencionada. Uma oração (por vezes um hino) e referências bíblicas** para leitura acompanham cada leitura. Em muitos casos, foi necessário parafrasear e editar as citações selecionadas.

* É difícil determinar quantos cristãos há na China, pois não há uma estimativa oficial. O Centro de Pesquisa Pew calculou haver cerca de 67 milhões de cristãos no país em 2010. Já os pesquisadores do Centro de Estudos do Cristianismo Global incluíram na contagem as conversões extraoficiais, o que aumentou esse número para 106 milhões. Ver Sarah Eekhoff Zylstra, “Made in China: The Next Mass Missionary Movement”, *Christianity Today*, jan./fev. de 2016, p. 20.

** Referências bíblicas em negrito identificam versículos bíblicos citados ou parafraseados nos excertos selecionados e nas orações.

ABRAHAM KUYPER

(1837–1920)

Abraham Kuyper foi um dos mais influentes teólogos reformados do século 19 e do início do século 20. Habilidade apologista, Kuyper desafiou o crescente secularismo europeu e desenvolveu uma cosmologia cristã que revelou a importância política e social da fé. Para tanto, inspirou-se na doutrina reformada da graça comum — a graça concedida a toda a humanidade e pela qual a soberania de Deus alcança toda criatura. O domínio de Deus “não pode se restringir às paredes da igreja ou à órbita cristã” (*Graça comum*, prefácio). Apenas quando age em obediência à luz da graça comum, inclusive na organização da sociedade, a humanidade pode se aproximar da imagem política e social de Deus.

Filho de um clérigo holandês reformado, Kuyper recebeu educação teológica na Universidade de Leiden, onde lecionavam teólogos liberais.

Depois de concluir o doutorado em 1862, foi ordenado pastor de uma congregação rural em Beesd, onde encontrou a fervorosa fé reformada de alguns leigos que não tinham o mesmo requinte acadêmico e rejeitavam sua teologia liberal. Pouco a pouco, a entusiasmada fé daqueles leigos levou Kuyper a converter-se ao cristianismo e a

abraçar a fé reformada que, então, substituiu seu liberalismo teológico. Ministro da Igreja Reformada Holandesa, ele se tornou um defensor da reforma em seu país.

Em 1872, sob a influência de Kuyper, foi lançado um novo periódico cristão, intitulado *O Estandarte*, que veio a ser um importante pilar para o cristianismo reformado. A atuação de Kuyper foi decisiva na formação do Partido Antirrevolucionário, que se opôs ao movimento secularista holandês. Kuyper se tornou membro do parlamento em 1874 e primeiro-ministro em 1901. Exerceu papel relevante na fundação da Universidade Livre de Amsterdam (1880), onde foi professor de

teologia. Em 1886, ele e muitos de seus colegas ortodoxos foram expulsos da Igreja Reformada Holandesa. Esse grupo, então, formou a Igreja Reformada da Holanda.

1

O Senhor Deus é a fonte transbordante de tudo o que é bom! Todo aquele que confessa isso com seriedade e vive de acordo com essa conclusão alcançou êxito espiritual.

A fé nunca espera demais. Não importa quanto você tenha recebido, sempre há mais por vir. Ela jamais se esgota; uma vazão se sobrepõe a outra. Ainda que você esteja repleto de coisas boas, a Fonte superabundante continua a escoar.

Preste atenção: o bem que corre dessa Fonte se dirige a você por inteiro, corpo e alma.

Dessa Fonte ui graça de um tipo especial que se revela em formas variadas de satisfação e justiça, reconciliação e santidade. Dela vem o amor que renova, o resgate da alma em desespero, a restauração do coração outrora ansioso e temeroso.

Abraham Kuyper, *A ascensão do Filho, a descida do Espírito*, meditação
7

Ó Senhor, nosso Pai celestial, Deus eterno e todo-poderoso, divina Fonte de Vida da qual ui todo bem e longe da qual nada de bom podemos fazer, humildemente imploramos que nos dês ter sede da água da vida que, em tua misericórdia, tu nos concedes gratuitamente. Que vivamos “de modo a sempre honrar e agradar ao Senhor, dando todo tipo de bom fruto e aprendendo a conhecer a Deus cada vez mais”, por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

PARA REFLETIR: Sl 36.5-9; 95.1-6; 96.1-9; Mt 5.1-12; 6.30-33; Lc 12.13-34; **Ef 2.10**; Fp 2.12-13; **Cl 1.10**; 3.1,12-17; Hb 13.15-16; 1Pe 4.1-7; 1Jo 3.17

2

A própria obra do Espírito Santo inclui *criação* e *recriação*. No que se refere à *criação*, o Espírito Santo suscita e sustenta a vida natural. Ele traz cada pessoa à existência e lhe dá talentos. Quanto à *recriação*, ele garante vida eterna, ou seja, salvação, regeneração. Toda pessoa que renasce do alto recebe do Espírito os dons necessários para a santificação.

O Espírito Santo revela igualmente seu caráter tanto na *criação* quanto na *recriação*. Na *criação*, ele instila vida naquilo que o Pai criou, e o faz por intermédio do Filho. Na *recriação*, fomenta vida naqueles que foram chamados pelo Pai à redenção por meio do Filho. Assim como na *criação* o Espírito toca as criaturas incutindo-lhes vida, na *recriação* ele entra no coração do crente e ali faz um templo para si, promovendo consolação, vigor e santificação. Quanto mais natural e sutil for esse contato, mais belo e glorioso serão seus resultados. Seja na *criação*, seja na *recriação*, o Espírito Santo é o agente de toda a vida e, portanto, digno de todo louvor e adoração.

Abraham Kuyper, *A obra do Espírito Santo*, vol. 1, cap. 3, seção 9

Ó Espírito Santo, Sustentador e Redentor, nós, servos indignos, oferecemos a ti nossa mais humilde e sincera gratidão por tua bondade e teu amável favor, dirigidos não apenas a nós, mas a todas as pessoas. Nós te bendizemos porque nos criaste, nos preservaste e nos concedeste toda sorte de bênçãos; acima de tudo, nós te bendizemos por teu inestimável amor, que redimiu o mundo em nosso Senhor Jesus Cristo, por meio da graça e para a esperança da glória. Amém.

Adaptado de “Ação geral de graças”, oração matinal diária:

rito 1, LOC

PARA REFLETIR: Gn 1.1-2; Rm 1.1-6; 1Co 2.10-14; 6.9-11; 2Co 3.3,18; 5.16-21; Ef 3.14-19; 1Jo 3.24

3

Entre as divinas obras de arte produzidas pelo Espírito Santo, a

primazia é atribuída às Escrituras Sagradas. Pode parecer inacreditável que as páginas de um livro consigam exceder em valor a obra do Espírito no coração humano; ainda assim, atribuímos às Escrituras a posição de maior proeminência. Nenhuma porção do texto sagrado é isolada ou incoerente, mas, sim, parte de um todo. As Escrituras não são uma mescla de ideias brilhantes e bonitas; elas retem a vida divina.

A diferença entre vida divina e vida humana é o que torna singular o texto das Escrituras. Nelas encontramos algo que não se lê em nenhum outro registro, a saber, a harmonia perfeita entre a vida reetida no pensamento divino e aquilo que a Palavra realiza ao renovar nossa mente.

As Escrituras Sagradas são como um diamante: no escuro,

assemelham-se a um pedaço de vidro, mas, tão logo a luz as alcança, começam a reluzir. Portanto, se não há vida divina, a Palavra de Deus é inócua. As Escrituras ganham vida somente quando associadas à vida divina. São como uma or perfumada, que só nos causa deleite quando afeta nossos órgãos olfativos.

Abraham Kuyper, *A obra do Espírito Santo*, vol. 1. cap. 4, seção 12

Senhor bendito, que providenciaste as Escrituras Sagradas para nosso aprendizado, concede que possamos ouvir, ler, anotar, aprender e digerir tuas palavras, a m de que abracemos e até mesmo agarremos a bendita esperança da vida eterna, a qual nos deste por meio de nosso Salvador Jesus Cristo, que vive e reina contigo e com o Espírito Santo, um só Deus, para todo o sempre. Amém.

“Próprio 28”, Tempo posterior ao Pentecostes, Coletas:

contemporâneas, LOC

PARA REFLETIR: Dt 6.4-9; Js 1.8; Sl 1.1-3, 119.105; Is 55.11; Mt 24.35; Lc 24.1-12; Jo 5.30-39; 7.37-38; Rm 15.4; 2Tm 3.16; Hb 4.12-14; 2Pe 1.21

4

A Bíblia sempre expõe verdades que nascem da vida divina. Embora os trechos que a compõem não tenham todos a mesma importância, a Bíblia, tomada na íntegra, retrata aquele que é o esplendor da glória de Deus e a imagem de sua pessoa. As Escrituras visam focalizar Cristo e fornecer contexto para que ele seja conhecido.

A menos que sejam iluminados pelo Espírito, os leitores das Escrituras se aborrecerão com o fato de elas confrontarem o mundo em que eles vivem. Porém, quando o Espírito lança luz sobre o texto bíblico, aquele que é lho de Deus reconhece e acolhe a imagem de Cristo, de cuja atenção é alvo. Essa pessoa está em santa harmonia com o mundo do qual Cristo lhe acena.

As Escrituras não revelam conjuntos de ideias soltas destinadas a confirmar nossos preconceitos subjetivos. Antes, a Palavra de Deus é o instrumento usado pelo Espírito Santo para despertar e cultivar a vida de Deus em nós. Somos regenerados pelo Espírito mediante o testemunho da Palavra.

As Escrituras e a ação do Espírito Santo nunca se contradizem, pois foi o Espírito quem preparou as Escrituras. Elas são fonte de água viva e, uma vez acionada pelo Espírito, essa fonte jorra para a vida eterna.

Abraham Kuyper, *A obra do Espírito Santo*, vol. 1, cap. 4, seção 12

Deus todo-poderoso, cuja palavra eterna nas Escrituras Sagradas contém tudo de que precisamos para a salvação, ilumina-nos por meio do teu Espírito Santo a fim de que recebamos com gratidão em ti a imagem acolhedora de Jesus Cristo, nosso Senhor e Salvador, que vive e reina contigo e com o Espírito Santo, um só Deus, para todo o sempre. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III

PARA REFLETIR: Lc 4.14-18; Jo 3.5-8; 4.23-24; 6.63; 14.16-17; Rm 8.5-11,26; 1Co 2.11-15; 5.1-5; Ef 1.13-23; 5.1-10; 1Tm 3.16; 1Jo 4.13

5

O mundo contesta nosso anseio por estar “perto de Deus” e os esforços que fazemos nesse sentido. A fim de alcançar comunhão inabalável com Deus, muitos se tornam eremitas. Isso surtiria efeito se, ao fazer tal escolha, essas pessoas fossem capazes de deixar o mundo para trás. O

fato é que carregamos o mundo em nosso coração. Não há monastério cujos muros sejam tão resistentes que Satanás não consiga penetrar.

Distanciada do mundo, a vida é anormal. Torna-se tacanha, e a natureza humana fica com nada em dimensões bastante restritas. Não há demandas obrigatórias, não há vocação na esfera pública, e nenhuma das limitadas capacidades humanas é posta em exercício. Os conselhos são, em sua maioria, evitados.

Estar perto de Deus em meio ao agito das vocações terrenas resulta em maior bem-aventurança quando essa proximidade implica

contraposição ao pecado e ao mundo. Saber-se “próximo de Deus” é como estar em um oásis. As pessoas que testificam mais claramente a proximidade de Deus são aquelas que o mundo insiste em procurar distanciar dele. E, mesmo nessas condições, elas mantêm seus encontros regulares com Deus.

Abraham Kuyper, *Estar perto de Deus*, cap. 1

Deus eterno e todo-poderoso, tu nos concedes a paz, uma paz que o mundo não pode oferecer; em meio ao tumulto deste mundo combalido e transitório, ouve-nos quando clamamos por tua presença, para que nossa alma cansada volte a descansar em ti, onde nos aquietamos e sabemos que és Deus; por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor.

Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III

PARA REFLETIR: Sl 73; Mt 5.14-16; 9.9-13; 25.14-30; Lc 5.29-32; Jo 14.27; 17.15-19; Rm 12.1-2; Ef 6.10-20; Tg 2.1-13; 1Pe 2.11-17

PETER T. FORSYTH

(1848–1921)

No teólogo escocês Peter Taylor Forsyth, do início do século 20, encontramos uma pessoa para quem, a exemplo do apóstolo Paulo, tudo o que diz respeito à fé cristã provém da cruz de Cristo.

Forsyth nasceu em Aberdeen, na Escócia. Estudou nas Universidades de Aberdeen e de Göttingen. Foi em Göttingen, na Alemanha, que Forsyth recebeu forte influência do proeminente teólogo liberal Albrecht Ritschl, cujo trabalho enfatizava o poder moral do reino de Deus para a promoção do triunfo moral do espírito humano. Com o tempo, sem abandonar as sólidas contribuições de Ritschl, Forsyth abraçou uma abordagem mais clássica da doutrina cristã. Sua teologia antecipou, e em certa medida influenciou, a neo-ortodoxia

(neorreformada) de Karl Barth, Emil Brunner e Dietrich Bonhoeffer.

Peter T. Forsyth pastoreou igrejas congregacionais na Inglaterra, incluindo a Emmanuel Church, em Cambridge. Em 1901, tornou-se diretor do Hackney Theological College de Londres. Forsyth foi um

robusto expoente congregacional. O congregacionalismo é uma doutrina do governo eclesiástico segundo a qual os sinais distintivos da igreja — una, santa, católica e apostólica — se mostram em essência em cada congregação. Para os congregacionalistas, a apostolicidade (lealdade à doutrina apostólica) é primariamente uma questão de fidelidade à fé apostólica manifesta e vivida em cada congregação. A presença de Cristo mediante o Espírito Santo e a consolação universal da igreja lhe conferem sua catolicidade.

De acordo com Forsyth, o Criador se revelou de nitidamente na cruz de Jesus, não como alguém exterior à história, nem como quem a controla de forma meticulosa, mas como o Deus que, em Cristo, redime a humanidade de suas dores e tragédias tomando-as sobre si. No Cristo

crucificado conhecemos a Deus e identificamos seus propósitos para a história humana, ainda que não consigamos conciliar todas as radicais expressões do mal com aquilo em que cremos acerca da soberania e do amor divinos.

6

Boa parte das pessoas dadas à reflexão concorda que o pleno bem-estar da humanidade é uma necessidade histórica e moral evidente. Contudo, se consideramos a cruz de Cristo um meio de atender a interesses pessoais mesquinhos e sectários alheios à expectativa de redenção da raça humana, como poderemos convencer tais pessoas de que a suprema carência do ser humano é a salvação por meio de Cristo? Enquanto tomarmos o reino de Deus como algo que não passa de uma extensão dos interesses financeiros de uma empresa comercial (ou seja, de uma denominação), entre tantas outras rivais, em vez de nos referirmos a Deus como suserano e senhor sobre tudo, seu reino será negligenciado em pleno combate.

O reino de Deus é a potência dominante e o destino final da história.

O Filho de Deus é não apenas o Cabeça da igreja, mas também o Rei da humanidade. Ele é o pivô da história e o ponto de inflexão de toda batalha moral.

Peter T. Forsyth, *Palestras sobre a igreja e os sacramentos*, p. 94

Deus eterno e todo-poderoso, que amaste tanto o mundo que deste teu Filho único,

“para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna”,

concede-nos sabedoria para alcançar correto entendimento acerca das coisas pelas quais seremos libertos do pecado e da morte, uma libertação que excede o resgate de todas as demais a ições que venhamos a padecer nesta vida; por meio do mesmo Jesus Cristo, nosso Senhor, que vive e reina contigo e com o Espírito Santo, agora e para sempre. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; João 3.16

PARA REFLETIR: Jo 3.16; Rm 14.13-19; 1Co 1.4-17; 15.20-28; Ef 1.21-23; 2.20-22; 4.1-7; Fp 2.10-11; Cl 1.1-20; 3.12-17; Hb 1.3; Ap 1.12-20; 19.16

7

A igreja só poderá convencer a humanidade a crer no reino de Deus se forms capazes de manifestar o reino pelo que é: o fundamento mais profundo, o princípio governante, o ápice moral, a potência espiritual dominante, a nova criação, o destino nal da humanidade.

A natureza, a teologia e a mensagem da igreja devem estar em conformidade com o reino de Deus. A restauração apregoadá pela igreja deve ser apresentada como imprescindível necessidade universal e moral. O verdadeiro princípio norteador da raça humana só tem sentido em Cristo — a vida do reino de Deus. O reino de Deus visa a transformação religiosa e moral de toda afeição, iniciativa e pensamento humanos, transformação essa operada pelo Espírito Santo. Embora habite a igreja, todos os dias o Espírito sai para trabalhar no mundo. A expectativa da redenção do mundo mediante o amor santo deve ocupar a mente da igreja e, então, a da humanidade.

Peter T. Forsyth, *Palestras sobre a igreja*

e os sacramentos, p. 94-95

Ó Senhor Deus todo-poderoso, que concedeste poder divino à igreja pelo prometido dom do teu Espírito Santo, concede ao teu povo ousadia e humildade, mansidão e con ança, e acima de tudo amor santo para proclamar o caminho até o teu reino, que nos dá vitória sobre toda miséria e a ição humana, por meio da morte e ressurreição do teu Filho, que reina contigo e com o mesmo Espírito, agora e para sempre. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III

PARA REFLETIR: Lc 1.46-56; Jo 6.35-40; 8.12-20; 11.25; 14.6,26; Rm 12.2; 1Co 6.19-20; Tt 2.11-15; 1Pe 1.13-23; 3.8-18; 1Jo 4.13-14

Quanto mais consideramos a natureza do reino dos céus, tanto mais somos impelidos a reconhecer a existência de um atuante e hostil reino do mal. Quando perdemos de vista o reino do mal, nosso apreço pelo reino de Deus diminui. A falta de crença em Satanás feriu a crença em Cristo; menosprezar o inimigo é menosprezar Aquele que alcançou vitória.

Crescer no conhecimento do reino de Deus é ampliar a noção que se tem acerca do reino de Satanás. A inofensividade da pomba deve ser acompanhada da sabedoria da serpente. A inofensividade se confundirá com ingenuidade se não vier acompanhada de astúcia su ciente para saber como o mundo funciona e conhecer sua artilharia.

A despeito de não ter poder moral nem coragem espiritual para se mostrar como gura histórica, o Maligno de fato se encarna. Ele não pode se submeter a viver as limitações humanas, nem se esvaziar na forma de servo, mas opera por meio de agentes ou culturas humanas, nos quais a perversidade passa a habitar.

O panorama nal da história não virá dos historiadores, mas dos apóstolos do evangelho transformador que revela o destino da humanidade.

Peter T. Forsyth, *Palestras sobre a igreja*

e os sacramentos, p. 90-91

Ó Deus, tu que primeiro encontre no início da criação o maligno Lúcifer, cuja derrota de nitiva foi garantida pelo Filho, que lhe esmagou a cabeça no jardim do Getsêmani, concede-nos em tua misericórdia que, à medida que crescemos em estatura, em sabedoria e em teu amor, nós também nos mantenhamos sóbrios e vigilantes de nosso adversário, o diabo, que “anda como um leão” rugindo à nossa volta, “à procura de alguém para devorar”. Isso te pedimos em nome de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; 1Pedro 5.8

PARA REFLETIR: Mt 10.16; 12.22-32; Jo 8.44; 12.30-36; Rm 8.38; Ef 2.1-10; 6.10-12; Cl 1.13-14; 2Ts 2.1-12; Hb 1.3; **1Pe 5.8**; Ap 20.1-6

Não se pode apreender o signi cado do reino de Deus sem a compreensão do mal que se opõe à santidade divina e sem uma

experiência redentora que claramente evidencie a maldade. O reino de Deus não deve ser confundido com civilização ou cristandade. Ele não vem a nós por intermédio de uma igreja religiosamente respeitável, mas mediante guerra contra espíritos malignos nas regiões celestiais. O reino se estabelece em meio à crise — arrependimento e redenção —, não em meio à formação intelectual.

O reino satânico se baseia na divisão e corrói tanto estratégias culturais quanto métodos educacionais bem estabelecidos. Na verdade, ele incorpora essas coisas às suas engrenagens. O maior golpe à civilização organizada é uma organização moralmente decadente. É

contra esse poder e essa ruptura que a majestade de Deus, e somente ela, atua.

O reino do mal não consiste em mera desordem ou degradação; ele implica hostilidade ativa. A salvação é o poder ordenador daquilo que é santo; é o reino de Deus, o reino do Santo Pai.

Peter T. Forsyth, *Palestras sobre a igreja e os sacramentos*, p. 91

Pai celestial, Deus todo-poderoso, cujo Filho foi tentado por Satanás durante quarenta dias no deserto e não pecou, concede-nos saber que “não lutamos contra inimigos de carne e sangue, mas contra governantes e autoridades do mundo invisível, contra grandes poderes neste mundo de trevas e contra espíritos malignos nas esferas celestiais”, e que, fracos que somos, devemos vestir “toda a armadura de Deus”, a fim de resistirmos “ao inimigo no tempo do mal” e sermos “fortes no Senhor e em seu grande poder”. Assim oramos no nome de Jesus Cristo, nosso Senhor, que reina para sempre contigo e com o Espírito Santo. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; Efésios 6.10-20

PARA REFLETIR: Mt 12.25-30; 18.18-20; Rm 8.31-39; 2Co 10.3-5; 11.12-15; **Ef 6.10-20**; Cl 2.13-15; 1Ts 5.6; Tg 4.7; 1Pe 5.8; 1Jo 5.4-5; Ap 17.1-18

10

Igreja una, santa, católica e apostólica — isso soa como um belo verso de poesia, uma sublime frase musical. Parte de nossa responsabilidade como cristãos é evitar que essas nobres palavras sejam alvo de monopólio de um segmento da igreja, qualquer que seja ele. O espírito de monopólio é um espírito sectário.

A verdadeira catolicidade e a verdadeira sucessão apostólica consistem

na continuidade do evangelho em sua potência criativa, auto-organizada e autorrenovada. O apostolado é alicerce da igreja, caracterizado principalmente pelo evangelho e paramentado com a sucessão evangélica da fé. Por seu evangelho, Deus sempre levanta lhos de Abraão e sucessores de Pedro e de Paulo em Betéis desconhecidas, ainda que bispos não os reconheçam e sacerdotes os ignorem.

A real unidade da igreja é aquela que reete a íntima unidade do evangelho que a originou. A unidade da igreja possibilita diversas expressões institucionais destinadas ao serviço do evangelho criativo.

Peter T. Forsyth, *Palestras sobre a igreja*

e os sacramentos, p. 42-44

Deus Todo-poderoso, que edi caste a igreja sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, sendo o próprio Jesus Cristo a pedra angular, concede-nos ser unidos em um só espírito por esse ensinamento, para que nos tornemos templo aceitável a ti; por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor, que vive e reina contigo e com o Espírito Santo, um só Deus, agora e para sempre. Amém.

“Próprio 8”, Tempo posterior ao Pentecostes,

Coletas: contemporâneas, LOC

PARA REFLETIR: Jo 17.6-26; 1Co 10.17; Ef 1.15-23; 4.4-5; Cl 1.15-20,24-29; 1Tm 3.15; 4.1-16; 6.2b-16; Tt 2.1-2,1-15;3.3-11; Jd 1.17-23

11

Qual é a verdadeira religião? Não é a que contém mais doutrinas, mas aquela que, uma vez em oração e em louvor, dá conta de si mais intensamente. Na oração, nossa verdade mais íntima se entrelaça à verdade mais íntima de Deus. Abandonamos as ilusões criadas pelos sentidos, pelo eu e pelo mundo. A oração manifesta uma Pessoa viva na unidade, na vida e em toda a criação.

Orar é a melhor maneira de apropriar-se do ouro puro de Deus à medida que ele intenciona e o Espírito age. A verdadeira oração cristã descarta a ilusão de que o esforço humano e o entusiasmo religioso podem cumprir a obra do reino de Deus.

A oração extingue o autoengano e produz uma clara perspectiva

espiritual. Ela nos liberta da pressão da autossu ciência. O Senhor, nosso médico, nos oferece o elixir da humildade. Quando Deus vem a nós, o pecado da autocon ança é abalado; nossos pilares estremecem como plantas frágeis sopradas pelo vento. Deus re na e fortalece nossa fé.

Peter T. Forsyth, *A alma da oração*, cap. 1

Concede-nos, ó Deus, nós te rogamos, uma avidez intensa pela verdadeira religião, para que, recebendo em oração o elixir da humildade, nós nos tornemos puros de coração e mansos de espírito, adorando-te em espírito e em verdade, pois são a estes que tu buscas para te adorarem; por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor, que vive e reina contigo e com o Espírito Santo, um só Deus, por toda a eternidade. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III

PARA REFLETIR: Ec 12.13; Mt 6.9-13; 7.21; 13.44-46; Ef 5.11-16; 6.10-21; Cl 3.12-17; 1Tm 3.1-9; Tg 1.26-27; 1Pe 2.1-25

12

Nossa comunhão com Deus em Cristo se formou e se consolidou em meio a uma crise que abalou terra e céus, uma batalha e uma vitória mais amplas, impressionantes e promissoras que quaisquer outras. A oração que nos leva a um profundo entendimento da crise da cruz também nos põe em vantagem quanto à compreensão das derrotas e vitórias registradas na história humana e quanto ao reconhecimento de que é o Deus soberano quem governa espírito e consciência quando tudo o mais é barulho e ruína.

Se a paciência demanda uma mente disciplinada, o entendimento do mistério da cruz requer disciplina ainda maior. Nessa condição, o reino de Deus se estabelece como verdade reinante no universo. E isso não está atrelado ao m das civilizações, mas ao nascimento na cruz e ao batismo com fogo.

A oração correta — feita com o coração, a alma, a força e o entendimento — pode fazer qualquer pessoa ou comunidade tomar parte no poder soberano que determina a história e está no cerne da criativa e restauradora graça da cruz; isso é o que verdadeiramente manifesta a onipotência de Deus no mundo.

Peter T. Forsyth, *A alma da oração*, cap. 4

Ó Pai celestial, tu és aquele cuja “mensagem da cruz é loucura para os que

se encaminham para a destruição”, mas para nós que estamos sendo salvos é o poder do teu reino; cria em nós mente e conduta disciplinadas, a fim de que penetremos o mistério da cruz e encontremos nada menos que o caminho de vida e paz, por meio daquele que foi crucificado em nosso lugar, Jesus Cristo, teu Filho, nosso Senhor.

Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III, 1Coríntios 1.18

PARA REFLETIR: 1Cr 29.11-12a; Is 14.24-27; Jo 3.14; 8.28; 12.32; Rm 11.33-36; **1Co 1.17-31**; Ef 2.1-22; Cl 1.9-29; 1Tm 6.14-16; Hb 12.1-2; 13.20-21

13

É preciso honrar aquilo que nosso Senhor conquistou na cruz, e devemos fazê-lo não apenas sob a forma de admiração ou gratidão, mas rendendo-nos a ele e reconhecendo nossa desonra. O preço de nos tornarmos novas criaturas foi a morte de Cristo na cruz. Isso aconteceu não para que estabelecêssemos uma entediante amizade com ele, mas para que fôssemos transformados de inimigos de Deus em filhos de Deus. O amor a Deus não deriva de algo latente em nós; antes, o Espírito Santo é quem nos enche o coração desse amor. Isso nada tem que ver com dedicar a Deus um pouco de boa vontade. A morte de Cristo trata de nosso pecado, não de nossa apatia; trata de nossa conduta hostil, não de nossa passividade entediante.

Um cristianismo superficial não combaterá a hostilidade humana contra Deus. Otimistas frívolos que desejam prescindir do sangue da cruz acreditam ser possível ignorar isso.

O coração pecaminoso se agarra ao último apoio de respeito próprio.

Nós só soltamos esse apoio quando, em fé obediente, rendemos todo o nosso ser a Deus, que nos toma por inteiro para si.

Peter T. Forsyth, *A obra de Cristo*, cap. 1

Ó Senhor, nosso Pai celestial, cujo Filho se dispôs a ser enviado a Jerusalém a fim de sofrer morte vergonhosa na cruz para nos redimir, concede a nós, teus servos indignos, um coração humilde e grato, pois por tão preciosa morte ele nos tornou novas criaturas; não somos mais filhos da ira, mas filhos de Deus; não mais teus inimigos, mas herdeiros de teu reino celestial. Assim oramos em nome de nosso Salvador, Jesus Cristo, nosso Senhor, que vive e reina contigo e com o Espírito Santo, um só Deus, agora

e para sempre. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III

PARA REFLETIR: Mt 6.24-27; 7.21-23; Jo 15.1-7; **Rm 5.5**; 1Co 6.19-20; Gl 2.20; 5.13-25; 6.7-10; Fp 2.12-16; 3.7-11; Cl 1.10-12; Hb 10.22-23

14

Se a essência de Deus está em sua santidade, é igualmente essencial que ele seja juiz do que não é santo. A dignidade humana é mais bem assegurada se somos quebrantados em juízo pela santidade divina do que se, em hipótese, Deus ignorasse sua santidade e nos deixasse à mercê de nós mesmos. A santa ordem de Deus é tão essencial para o bem-estar da humanidade quanto é para o bem-estar divino. É por isso que a santidade de Deus foi satisfeita por Cristo de maneira igualmente santa na cruz, promovendo uma nova — restaurada e reconciliada —

humanidade. Qualquer forma de cristianismo que omite o santo julgamento de Deus contra o pecado contribui para a degradação humana. Quando se reduz a santidade divina, a salvação deixa de existir e a dignidade humana se esvai.

O evangelho que anunciamos é aquele que decide o destino eterno da humanidade. A menos que a santidade esteja estabelecida na prática de forma adequada, não pode haver verdadeira, profunda, permanente mudança no pecador ou neste mundo alienado.

Foi isso o que Cristo realizou na cruz. A morte-julgamento de Cristo instituiu o verdadeiro e presente reino de santidade, uma verdade mais fácil para a fé ver do que para a teologia explicar.

Peter T. Forsyth, *A obra de Cristo*, cap. 4

Pai celestial, só tu és santo, e teus caminhos, ó Deus, são santos, e santo é teu nome; concede a nós, pecadores, um piedoso temor do teu reto juízo e um coração plenamente grato por nos vestires da retidão de teu Filho, para que nos apresentemos santos e inculpáveis diante de ti, por meio de Jesus Cristo, que reina contigo e com o Espírito Santo, um só Deus, agora e para sempre. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III

PARA REFLETIR: Sl 36.6; Is 5.16; 6.1-5; 47.4; 57.15; Mt 7.21-23; At

JAMES DENNEY

(1856–1917)

Uma coisa é os descrentes se melindrarem pela morte de Cristo; outra coisa bem diferente é os cristãos manifestarem o mesmo melindre e oferecerem em vez disso um pseudoevangelho desprovido da

necessidade e do signi cado da morte de Jesus. Decidido a restituir à morte expiatória de Jesus seu lugar normativo, conforme proclama o Novo Testamento, o teólogo escocês James Denney enfrentou esse

“constrangimento” moderno. A igreja é constantemente tentada a esquivar-se da morte de Cristo ou distorcê-la. Todavia, Denney insistiu que nenhuma teologia alegadamente cristã pode propor um substituto para a cruz. E, para se convencer disso, é preciso ser igualmente convencido de que a unidade e a autoridade neotestamentárias são aspectos intrínsecos à fé, e não meras arbitrariedades impostas pela igreja primitiva. O Novo Testamento foi que “impôs sua unidade à mente cristã”, e não o contrário (*A morte de Cristo*, introd.).

James Denney nasceu em Paisley, próximo de Glasgow. Seu pai, um leigo, seguia rigorosamente os preceitos do presbiterianismo reformado (também chamado de Igreja Presbiteriana Cameroniana). Em 1879, Denney formou-se na Universidade de Glasgow com expressivas honrarias e, em 1883, graduou-se em teologia na United Free Church College. Em 1886, tornou-se pároco da East Free Church em Broughty Ferry. Ali conheceu Mary Brown, com quem se casaria. Mary ensinou a Denney sobre compaixão e o ajudou a direcionar sua produção teológica para convicções evangélicas que marcariam sua pregação, sua didática e seus escritos. Em 1897, Denney voltou à United Free Church College, agora como professor de teologia sistemática; mais tarde, deu aulas sobre linguagem, literatura e teologia neotestamentárias. Suas obras

completas, organizadas em quinze volumes, dão testemunho de sua vasta produção, sendo *A morte de Cristo* (1902), a mais signi cativa.

15

Em tudo o que realiza, Cristo é o agente encarnado do Pai. Pai e Filho atuam juntos na obra de redenção da humanidade. Isso se manifesta quando a obra de Cristo é descrita como obediência ao Pai, até a morte na cruz. Cristo obedece ao chamado para ser Redentor, e sua

obediência não consiste apenas em “fazer a vontade de Deus” como nós somos chamados a fazer— isto é, a guardar os mandamentos divinos. Em vez disso, o Filho se sujeitou obedientemente a uma vocação singular e indizível, que lhe custou a própria vida: tornar-se o Salvador do mundo.

A obediência de Cristo ao Pai é o que possibilita a grande demonstração de amor de Cristo pela humanidade. Como disse o apóstolo: “Ele me amou e se entregou por mim”. A resignação que a morte de Cristo evoca nos crentes é uma resignação a Deus. É neste instante — no entendimento da obediência de Cristo — que nos convencemos de sua divindade. A expiação é a obra de Deus. A alma conquistada para Deus é alcançada por intermédio da obediência de Cristo na condição de Deus encarnado.

James Denney, *A morte de Cristo*, cap. 3

Nosso Pai celestial, tu enviaste teu Filho ao mundo para salvar os pecadores; sim, ele

“veio em forma humana, humilhou-se e foi obediente até a morte, e morte de cruz”; nós te rogamos, agora, que nos afastes do caminho de desobediência e morte e nos conduzas para o caminho de obediência que leva à retidão resultante da fé; por meio de Jesus Cristo, nosso Salvador, que vive eternamente contigo e com o Espírito Santo.

Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III, Filipenses 2.7-8

PARA REFLETIR: Sl 40.7-9; Mt 27.40-42; Lc 22.39-46; 23.35-37; 24.25-27; Jo 4.34; 12.44-50; 17.6-19; Rm 5.18-21; Gl 2.20; Fp 2.5-8; Hb 4.14-16; 5.7-10; 10.7

PANDITA RAMABAI

(1858–1922)

A história de Pandita Ramabai descreve como Deus nos guia pacientemente à fé. Ramabai nasceu em uma família de alta casta do hinduísmo brâmane e foi instruída nos Puranas (textos religiosos hindus). O pai de Ramabai, um reformador social, achava que as mulheres deveriam frequentar a escola. Quando Ramabai tinha 13 anos, seus pais adoeceram, sua irmã morreu e, para completar, uma crise de fome se espalhou por toda a Índia. A família se alimentava de plantas silvestres e, vez ou outra, de algumas frutas. Enfraquecidos, a

mãe e o pai de Ramabai acabaram falecendo, não sem que antes ele exortasse a moça a servir aos deuses hindus. Entretanto, em total carência, ela e seu irmão perdiam a fé no hinduísmo.

A caminho de Calcutá, brâmanes de alta casta que eram, foram acolhidos por sacerdotes hindus. Estes, surpresos ao ouvir Ramabai ler os Puranas em sânscrito, chamaram-lhe *Pandita* (estudiosa). Mas, embora prosseguisse no estudo dos Puranas, ela não tinha paz com Deus. Por m, desacreditou totalmente da fé hindu. Depois da morte do irmão, Ramabai casou-se com um integrante de uma casta mais baixa, relação da qual nasceu uma bela menina, Manorama. Certo dia, Ramabai encontrou uma cópia do evangelho de Lucas ofertada ao seu esposo por uma escola missionária. O marido de Ramabai permitiu que ela recebesse de um missionário explicações sobre o evangelho, mas não que se tornasse cristã. Dezoito meses após o casamento, o marido morreu. Sem ter onde morar, Ramabai seguiu para a região onde nascera, levando a lha consigo. Ali, começou a estudar inglês.

Certo dia, uma menina viúva e desabrigada (há garotas de apenas 8 anos nessas condições) bateu à porta de Ramabai, que, então, descobriu sua missão: fundar um lar para meninas viúvas. Contudo, carecendo de

recursos nanceiros, Ramabai se viu em desespero. Foi quando uma missionária inglesa que estava prestes a voltar para seu país convidou Ramabai e Manorama para que fossem com ela.

Já na Inglaterra, Ramabai acompanhou uma irmã de misericórdia em visita a um lar para mulheres abandonadas. Ali, Ramabai foi tomada pelo amor de Cristo, manifesto pelo modo como as irmãs se dedicavam àquelas mulheres. Completava-se o longo trajeto de Ramabai até Jesus.

16

Nossos pais con avam de maneira irrestrita nos livros hindus e nos incentivavam a buscar o auxílio dos deuses. Os escritos sagrados a rmavam que toda pessoa que adorasse as divindades corretamente, ofertasse aos brâmanes, repetisse o nome dos deuses certos e os louvasse com cânticos, além de praticar o jejum e as penitências, não somente veriam esses deuses e deusas como também falaria com eles.

Decidimos trilhar esse caminho a m de sanar as carências que então enfrentávamos. Por três anos, cumprimos diligentemente nossas

obrigações religiosas. No m das contas, havíamos entregado aos deuses todo o dinheiro de que dispúnhamos. Eles, porém, não nos ajudaram.

Padecemos de fome. Em todo lugar à nossa volta havia pessoas famintas, e nós, como todo pobre, perambulávamos de uma região para outra. Em poucos meses, um de cada vez, meus pais e minha irmã morreram de inanição.

Meu irmão e eu sobrevivemos e continuamos caminhando, visitando templos, banhando-nos em rios, adorando deuses e deusas. Cumprimos todas as orientações prescritas nos livros sagrados, mas as divindades não se agradaram de nós.

Pandita Ramabai: Visão, missão e triunfo da fé, cap. 2

Deus misericordioso, que criaste todas as pessoas da terra e que amas as almas, tem compaixão dos que não te conhecem conforme tua revelação em teu Filho Jesus Cristo; faz que teu evangelho seja proclamado com graça e poder àqueles que ainda não o ouviram; move o coração dos que se mostram resistente às tuas boas-novas; e traz de volta ao teu aprisco os que se perderam, a m de que haja um só rebanho, conduzido por um só pastor, Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

“Coletas solenes”, Sexta-Feira Santa, LOC

PARA REFLETIR: Sl 63.1; 96.5; Is 40.12-26; 55.1-2; Jr 29.13; Mt 5.6; Jo 4.13-14; 6.33-35; 7.37-38; Ap 22.17

17

Após anos cultuando deuses hindus em vão, começamos a perder a fé neles e nos textos sagrados. Contudo, continuamos a honrar as regras de nossa casta, a honrar as divindades e a estudar. Meu irmão e eu íamos de um lugar a outro, visitando muitos templos, banhando-nos em rios, jejuando e fazendo penitências, adorando deuses, animais e brâmanes.

Em 1878, chegamos a Calcutá, depois de andar mais de seis mil quilômetros. Nesse percurso, a fé em nossa religião se esfriou.

Em Calcutá, tivemos nosso primeiro contato com cristãos.

Observávamos seus modos com curiosidade, mas não entendíamos o que faziam. Eles se ajoelhavam diante de cadeiras, fechavam os olhos

e cavam falando. Disseram-nos que era assim que oravam a Deus.

Porém, como não conseguíamos ver a quem prestavam culto, pensávamos que estavam orando para as cadeiras. Afáveis, eles me deram uma cópia da Bíblia escrita em sânscrito. Gostei da aparência do tal livro, e tentei lê-lo. Todavia, não entendi nada do que li e acabei achando que aquilo era perda de tempo.

Pandita Ramabai: Visão, missão e triunfo da fé, caps. 2—3

Deus eterno, cujo anseio é que povos de toda língua e nação se acheguem a ti por meio do teu Filho Jesus Cristo, o qual veio ao mundo para buscar e salvar o perdido, concede que sejamos testemunhas amáveis de Jesus e dá-nos sabedoria para usar adequadamente as Escrituras Sagradas, pois elas contêm tudo o que é necessário para a salvação. Faz assim para que, no tempo aceitável a ti, “todo joelho se dobre” e “toda língua declare que Jesus Cristo é Senhor”, aquele que reina contigo e com o Espírito Santo para toda a eternidade. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III, Filipenses 2.10-11

PARA REFLETIR: Lc 19.10; At 8.25-39; 14.5-18; Rm 1.18-23; 1Co 8.4; Fp 2.1-11; Ap 7.9

18

Eu já havia perdido a fé em minha antiga religião. Eu tinha lido os Dharma Shastras [que explicam a lei hindu] e outros livros hindi.

Concluía então que há duas coisas em que os textos hinduístas concordam. Em primeiro lugar, que as mulheres, como grupo, são más, muito más, piores que os demônios. Segundo, que a única maneira de as mulheres alcançarem *moksha* [libertação dos ciclos de reencarnação] é devotando-se ao marido com coração abnegado.

Naquele meio-tempo, meu irmão morreu. Então, aos 22 anos, tendo

perdido toda a confiança na religião de meus ancestrais, casei-me com um bengalês da casta sudra. Ele veio a morrer de cólera apenas dois anos depois do casamento. Antes de seu falecimento, descobri, entre meus livros, uma cópia do Evangelho de Lucas. Li com grande interesse.

Nesse período, eu recebia a visita do sr. Allen, um missionário batista que me explicou o evangelho e me ensinou sobre o primeiro capítulo de Gênesis, relato no qual queei bastante interessada.

Totalmente descrente da religião que outrora professara, dediquei-me com a nco ao estudo de tudo de que dispunha acerca do cristianismo e manifestei minha intenção de me tornar cristã.

Pandita Ramabai: Visão, missão e triunfo da fé, cap. 3

Deus eterno e todo-poderoso, tu nos ensinaste que “não há mais judeu nem gentio, escravo nem livre, homem nem mulher”, pois todos “são um em Cristo Jesus”; capacita a igreja de Cristo espalhada pelo mundo a proclamar a libertadora verdade do evangelho, a saber, que não há ninguém que não esteja ao alcance do teu abraço redentor por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor, que vive para sempre contigo e com o Espírito Santo. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III, Gálatas 3.28

PARA REFLETIR: Lc 7.36-50; 15.3-7; 18.12-14; 19.1-10; Jo 6.44; 10.11; **Gl 3.28**; Ef 2.5; Cl 1.13; 2.13; 2Pe 3.9

19

Minha decisão de ser batizada e me tornar cristã deixou meu esposo enfurecido. Ele disse que ordenaria ao missionário Allen que nunca mais nos visitasse. Como seria se meu marido não tivesse morrido?

Dominada por uma intensa fome espiritual, mudei-me para Poona, onde convivi com a srta. Hurford, missionária cristã da Casa de Santa Maria. Naquela época, eu me empenhava na leitura o Novo Testamento.

Em 1883, fui estudar na Inglaterra, onde fui recebida pelas bondosas irmãs de Wantage. Elas começaram a me ensinar assuntos seculares e também religiosos. Certa vez, a madre superiora me enviou em visita a uma das comunidades das irmãs em Londres. Ali, observei o trabalho de resgate que realizavam. Conheci mulheres cuja vida fora completamente transformada e que se enchiam do amor e da compaixão de Cristo diante do sofrimento humano. Aquelas mulheres escolheram dedicar-se ao serviço ao doente e ao enfermo. Pela primeira vez, eu soube que algo pode e deve ser feito para redimir as ditas mulheres caídas. Vi que os cristãos — a quem os hindus consideravam párias e perversos — eram bondosos para com mulheres então vistas pela sociedade como irremediavelmente degeneradas.

Pandita Ramabai: Visão, missão e triunfo da fé, caps. 3—4

Ó Pai celestial, que pelo Espírito ungiste teu Filho para “trazer as boas-

novas aos pobres” e “anunciar que os cativos serão soltos, os cegos verão e os oprimidos serão libertados”, dá à tua igreja um coração servil que se compadece do pobre, do caído, do faminto, do oprimido e de todo o que enfrenta tribulação e fardo pesado, para que, desse modo, façamos teu Filho conhecido por eles, a m de que desfrutem a esperança viva que não decepciona. Assim oramos humildemente por meio do mesmo Filho, Jesus Cristo, que reina contigo e com o Espírito Santo para todo o sempre. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; Lucas 4.18

PARA REFLETIR: Mt 7.12; 9.36-38; **Lc 4.18**; 10.25-37; Fp 4.8; Cl 3.12; Tg 1.27; 2.1-7; 1Pe 3.8

20

Depois de visitar a Casa das Irmãs em Fulham, comecei a ver a enorme diferença entre o hinduísmo e o cristianismo. Perguntei à irmã que me orientava: “Por que os cristãos cuidam de mulheres ‘caídas’ e as ajudam a se recuperar?”. Então ela leu para mim a história do encontro de Cristo com a mulher samaritana, que ouviu palavras maravilhosas acerca da “água da vida”. A irmã me contou sobre o in nito amor de Cristo pelos pecadores, a rmando que ele veio para redimi-los, não para desprezá-los. Eu nunca havia lido nada parecido nos livros religiosos hindus. Ao ler o capítulo 4 do Evangelho de João, dei-me conta de que Cristo de fato é o Salvador divino que a rmou ser. Ninguém além dele poderia transformar e levantar mulheres oprimidas, fossem elas indianas, fossem de qualquer outra nacionalidade.

Meu coração foi atraído para a religião de Cristo. Fui convencida intelectualmente de sua verdade e, em 1883, submeti-me ao batismo.

Fiquei muito feliz e senti enorme satisfação por ter encontrado uma religião muito melhor que as outras de que tinha conhecimento. Minha fome espiritual foi saciada pela Bíblia cristã.

Pandita Ramabai: Visão, missão e triunfo da fé, cap. 4

Ó Senhor, nosso Pai celestial, cujo Filho de in nito amor pelos pecadores prometeu água viva a toda mulher e todo homem de todo lugar, dá-nos uma sede que nos remeta à preciosa fonte de onde jorram transformação e redenção, por meio de Jesus Cristo, nosso Salvador. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III

PARA REFLETIR: Is 61.1-2; Mt 11.16-19; Lc 4.18; 5.24; 7.31-34; 15.1-4; 19.1-10; Jo 3.16; **4.1-35**; Ef 1.3-10

21

Após ter sido batizada, estudei sobre o cristianismo durante cinco anos.

Nesse tempo, debati-me com questões de difícil compreensão intelectual. Eu queria algo que fosse além da mera religião. Eu havia encontrado o cristianismo, mas não conhecia a Cristo.

Depois de voltar para a Índia, parei de ler sobre a Bíblia e passei a ler a Bíblia, somente ela. Um dia, tive de resolver algumas coisas na Bombay Guardian Mission Press e ali acabei deparando com um exemplar de *Da morte para a vida*, escrito por um clérigo anglicano. Esse clérigo fora exortado por certo pároco, que o instruiu a parar de tentar construir seu conhecimento de cima — isto é, do intelecto — para baixo. O clérigo sabia muito acerca do cristianismo, mas não havia nascido de novo. Essa era a minha condição; eu precisava de Cristo, e não apenas de sua religião. Eu havia falhado em reconhecer que o que torna alguém cristão é o renascimento por meio do Espírito Santo. Nada em mim apontava para um testemunho do Espírito que assegurasse ser eu uma lha de Deus.

Então, rendi-me incondicionalmente a Jesus. Foi como uma sala escura invadida pela luz. Cheia de alegria, eu me levantei e comecei a saltar e a louvar a Deus.

Pandita Ramabai: Visão, missão e triunfo da fé, caps. 4—5

Deus todo-poderoso, cujos servos são facilmente tentados a amar a igreja e as coisas da igreja mais que ao Senhor da igreja, e a exaltar os ouvidos da adoração mais que ao objeto da adoração, purifica, por teu Santo Espírito, o amor e a adoração que saem de nosso interior, para que, tendo nascido de novo, ofereçamos amor, adoração e louvor agradáveis a ti, Pai, Filho e Espírito Santo. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III

PARA REFLETIR: Jo 1.12; 3.1-15; 6.50-71; At 2.38-39; Rm 6.3-4; 2Co 5.17; Tt 3.5; 1Pe 1.3,23; 1Jo 1.9

WALTER RAUSCHENBUSCH

(1861–1918)

Não há no cristianismo norte-americano movimento mais mal-compreendido que o do evangelho social, que surgiu no nal do século 19 e oresceu no início do século 20. Todavia, obtém-se clareza ao examinar o trabalho e os escritos de Walter Rauschenbusch, ministro batista e formulador do evangelho social que “tipi cou a paixão e a alma” desse movimento. “Praticamente todos os fundamentos do evangelho social [...] se manifestaram em suas obras. [...] Depois de uma análise criteriosa, Rauschenbusch chegou à conclusão de que a ordem social norte-americana deixava a desejar. Ele suscitou a compaixão diante do sofrimento humano e propôs mudanças realistas”

(Ahlstrom, *Religious History*, p. 800).

Rauschenbusch nasceu em Rochester, no estado de Nova York, onde

— excetuando os anos colegiais na Alemanha — recebeu a maior parte de sua formação acadêmica. O motor que impulsionou seu compromisso com um evangelho de cunho social foi acionado durante o período de onze anos (1886–1897) no qual foi ministro em uma congregação localizada perto da Hell’s Kitchen [Cozinha do Inferno], bairro de Nova York à época bastante violento, caracterizado por pobreza, gangues de rua, imigrantes irlandeses e cortiços enleirados. “A contínua procissão de homens ‘desprovidos de emprego, de roupas, de sapatos e de esperança’ [...] assolou o coração daquele jovem e sensibilizado pastor, assim como o de sua esposa” (Hopkins, *Rise of the Social Gospel*, p. 816).

A dedicação de Rauschenbusch ao evangelho social iniciou quando ele promoveu uma campanha para que na região houvesse “praças mais seguras e melhores condições de habitação” (Ahlstrom, *Religious History*, p. 801).

No aspecto teológico, Rauschenbusch era liberal, posicionamento que fomentou sua con ança nos contornos socialmente redentores do reino de Deus. Tinha rme consciência do poder do reino do mal para causar estragos em indivíduos e instituições sociais. Rauschenbusch foi movido pela convicção de que Cristo traz juízo e cura às esferas pessoais e coletivas da vida humana. Ele “superou a apatia e o pessimismo com uma inspiradora visão do reino [de Deus]” (Ahlstrom, *Religious History*, p. 800).

22

Jesus amava prontamente todo tipo de pessoa e era muito atento ao aspecto sagrado da personalidade humana. Para ele, deformidade

física e lapso moral não obscurecem o valor divino inerente à vida humana.

Levar alguém a tropeçar e cair ou expressar desprezo por quem quer que seja — independentemente de religião ou condição social — implica culpa diante de Deus. A deferência de Jesus pela vida humana era tão intensa que determinou sua visão, suas ações e seu caminho até a cruz.

De onde veio a profética e criativa convicção de Jesus? As mentes renadas do mundo antigo se baseavam em volume de riqueza, posição social, poder, escolaridade e aparência para determinar o valor de alguém. Mas Jesus não dependia de nada disso para valorizar as pessoas.

Por quê?

Porque ele conhecia o valor da vida humana para Deus e o propósito divino para cada indivíduo. O conhecimento de Jesus sobre o Deus de amor revelou a dignidade de todas as pessoas. Os antigos deuses pagãos não passavam de imitações míticas de conquistadores e reis humanos; o Pai de nosso Senhor e Salvador é aquele que faz o sol brilhar sobre justos e injustos.

Walter Rauschenbusch, *Os princípios sociais de Jesus*, parte 1, cap. 1

Pai celestial, cujo Filho bendito, nosso Salvador, veio ao mundo anunciar boas-novas a pecadores, enfermos, pobres, cativos, cegos e oprimidos, concede-nos que, à medida que crescemos no conhecimento e no amor de Cristo, cresçamos também na semelhança dele, com coração compassivo para com os que não atendem aos critérios mundanos de riqueza, posição social, poder, escolaridade ou aparência. Assim oramos por meio do próprio Filho, Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III

PARA REFLETIR: Am 5.14-15,21-24; Mc 2.1-2; **Mt 5.43-48**; 6.25-33; Mc 2.13-17; **Lc 4.18**; 7.36-50; Jo 15.12-17; Cl 3.12-17; Tg 1.19-25; 2.1-13; 3.13.18; 5.1-6

23

No ministério de Jesus, aqueles a quem a sociedade considerava “baixos”

tornavam-se “altos” na avaliação divina. O servo seria o maior no

reino de Cristo. Em vez de excluir as pessoas tidas como social e religiosamente desquali cadas, Jesus as curava e as restituía à vida comunitária.

Jesus transmitiu a seus discípulos algo que ele mesmo estimava na sacralidade humana. Acaso houve algum movimento de larga escala, consistente e bem-sucedido na luta por justiça social que não tenha sido in uenciado pelo cristianismo? E o que dizer da importância do reavivamento wesleyano entre os pobres no que se refere à formação de líderes efetivos e à con ança na democracia? O amor pelas pessoas, todas elas, tornou-se um dogma social da igreja. Os cristãos em nosso meio que mais genuinamente personi cam o espírito de Jesus são conhecidos por sua terna reverência pela vida humana, ainda que outros a considerem arruinada. Hoje, os cristãos devem se perguntar: “Nossas empreitadas intelectuais e cientí cas porventura subvertem o valor que atribuímos às pessoas?”. Devemos nos empenhar em preservar o resplendor da amorosa e inventiva postura de Cristo para com toda gente.

Walter Rauschenbusch, *Os princípios sociais de Jesus*, parte 1, cap. 1

Pai celestial, Deus eterno e todo-poderoso, cujo Filho tornou conhecido que muitos dos considerados últimos no reino do mundo serão os primeiros em teu reino, e que a salvação dos cobradores de impostos e das prostitutas que nele cressem precederão a dos piedosos, ajuda-nos a ver que, embora venhamos a dizer: “Sou rico e próspero, não preciso de coisa alguma”, somos, na verdade, infelizes, miseráveis, pobres, cegos e nus.

Abre nossos ouvidos a m de que recebamos as boas-novas a nós proclamadas. Assim pedimos por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor e Salvador. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; Apocalipse 3.17

PARA REFLETIR: Mt 20.26-28; Mc 9.35; 10.43-44; Lc 1.46-56; 14.7-11,13,21; 22.26-27; Jo 13.2-17; Tg 2.2-4; **Ap 3.17**

24

“Observem como crescem os lírios do campo. Não trabalham nem fazem roupas.” Eis uma canção sobre despreocupação divina, mas não o tipo de despreocupação do vagabundo carente de respeito próprio e da habilidade de planejar o futuro. Jesus está se referindo à despreocupação que caracteriza o espírito nobre ciente de que sua dignidade vem de Deus. Se Deus concede vida, acaso não proverá aquilo que nos mantém vivos? Se os pássaros e os lírios podem viver,

isso não vale também para nós? Agimos como pagãos e incrédulos quando nos deixamos aterrorizar pela preocupação com coisas mínimas.

O segredo das palavras de Jesus está em “Pai” e “reino de Deus”.

Somos filhos de Deus, e a dignidade implicada nessa afirmação deveria nos trazer descanso e segurança em meio às demandas da vida. Se tivermos como objetivo último viver nossa vida no reino de Deus, nossos interesses menores ocuparão seus devidos lugares. Quanto mais fizermos a vontade do Pai e praticarmos sua justiça, mais nossas necessidades materiais serão satisfeitas. O reino — a legítima ordem social — é o maior dos bens, e nele estão contidos todos os outros.

Walter Rauschenbusch, *Os princípios sociais de Jesus*, parte 2, cap. 4

Ó Senhor Deus, nosso Pai celestial, tu ensinaste teus filhos a não andar preocupados com o cotidiano, mas a buscar primeiro teu reino e sua justiça, e assim teremos tudo de que carecemos nesta vida. Aumenta nossa fé e firma nossa confiança em tua bondosa provisão e permanente graça, para que, lançando sobre ti nossos cuidados, nada tenhamos a não ser carregar longe de ti; por meio de Cristo, nosso Senhor, que morreu por nós mas agora vive e reina contigo e com o Espírito Santo, um só Deus, agora e para sempre. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III

PARA REFLETIR: Sl 13.5-6; 37.7; 40.4; Pv 3.5-8; Is 26.3-4; 40.31; 43.2-3; Jr 31.7-9; **Mt 6.24-34**; 7.7-11; Jo 14.25-27; Rm 8.28; Fp 4.6-7; 1Jo 4.13-18

25

(Como um camelo passou pelo fundo de uma agulha.)

Zaqueu trabalhava na rentável, porém duvidosa, coleta de impostos para o governo romano, atuando em um dos distritos mais ricos da Palestina.

Ele era ao mesmo tempo um político e um executivo, o tipo de homem

“propenso a cair”. Com pouco mais de um metro e meio de altura, não teria nenhuma chance de assistir a uma procissão se permanecesse no meio do povo em uma rua estreita. Por isso, decidiu subir em uma árvore. Imagine um presidente de empresa escalando um poste de luz para ver Jesus! Esse espírito de determinação atraiu Jesus, que,

embora soubesse quanto sua reputação seria manchada por reu nir-se com um publicano, logo fez amizade com Zaqueu. O publicano provou sua aptidão para o reino de Deus ao livrar-se de uma só vez da quantia que acumulara mediante suborno — 50% de seus bens foram doados aos pobres. O saldo foi restituído a uma taxa de 400%. Quanto sobrou? Eis o camelo passando pelo fundo da agulha! Jesus observou e aplaudiu.

Walter Rauschenbusch, *Os princípios sociais de Jesus*, parte 2, cap. 5

Deus misericordioso e todo-poderoso, cujo Filho veio buscar e salvar o perdido, até mesmo um pecador como Zaqueu, que foi transformado pelo poder da graça a ponto de se desfazer de mais da metade de sua riqueza, concede-nos que também nosso coração seja transformado e devotado a ti em amor e adoração, para que elmente te sirvamos e louvemos todos os dias de nossa vida; por meio do próprio Filho, Jesus Cristo, nosso Senhor, que vive para sempre contigo e com o Espírito Santo. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III

PARA REFLETIR: Mt 6.19-21,24; Mc 10.23-27; Lc 12.33-34; **19.1-10**; At 4.32-35; Fp 4.19-20; 1Tm 6.10; Hb 13.5; Tg 2.1-7; 5.1-6

26

No primeiro século, os cristãos constituíam uma nova entidade social.

Eles confrontaram a vultosa estrutura social do Império Romano ao propor uma fé inédita, uma esperança revolucionária e um forte ímpeto para a *koinonia* [comunhão]. Aqueles que haviam deixado a sociedade pagã ainda sentiam o apelo de suas diversões frívolas, seus lemas morais e sua idolatria. O apóstolo Paulo desafiava os cristãos romanos a se apresentarem como “um sacrifício vivo e santo, agradável a Deus”. Eles deveriam dedicar-se plenamente à assimilação no corpo de Cristo. Isso implicaria renovação mental e uma perspectiva espiritual mais ampla, intensa e instigante. Também acarretaria a perda de muitos privilégios sociais, negócios lucrativos e reconhecimento público. A qualquer instante, poderiam ser exilados, torturados ou mortos. A metáfora do altar se tornaria uma realidade escarlate. Contudo, observe a satisfação e a certeza triunfante — “culto racional” — com que Paulo se dirige aos cristãos romanos.

Se hoje você tivesse de se dedicar ao estabelecimento de uma ordem social cristã, isso lhe demandaria ampla renovação espiritual e intelectual? A vida humana seria tolhida ou ampliada? Que critérios seriam adotados?

Walter Rauschenbusch, *Os princípios sociais de Jesus*,

parte 4, cap. 12

Deus eterno e todo-poderoso, cujo servo apóstolo Paulo, tendo sido transformado por uma forte luz vinda do céu, desafiava ou veementemente os cristãos romanos a se apresentarem como sacrifícios vivos, santos e agradáveis a ti, transforma também nossa vida por seu Santo Espírito, para que, com grande triunfo, regozijo e certeza, enfrentemos toda oposição, todo medo e toda tentação que venha a estorvar a prática daquilo que é justo aos teus olhos; por meio de nosso Senhor Jesus Cristo. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III

PARA REFLETIR: At 22.6; Rm 12.1-2; Gl 5.1,16-17; Ef 4.17—6.20; Fp 3.7-16; Cl 2.20—3.17; 1Pe 5.6-11; 2Pe 1.5-11

JOHN R. MOTT

(1865–1955)

Durante as décadas posteriores à Guerra Civil norte-americana (1861–1865), ocorreu uma poderosa retomada do impulso missionário.

Faculdades e universidades da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos foram os principais centros de recrutamento de jovens ávidos por dedicar a vida à evangelização mundial. Um dos motes dessa corrente foi “evangelizar o mundo nesta geração”. Em parte, essa nova onda missionária se deveu à calorosa e otimista contribuição do evangelista Dwight L. Moody.

O Movimento Voluntário Estudantil, instituído oficialmente em 1888, tornou-se como vanguarda dessa causa. Registrou crescimento

espetacular sob a batuta de John R. Mott, que atuou como líder da Associação Cristã de Moços (ACM) [YMCA, na sigla em inglês] na Universidade de Cornell. Por quase meio século, ele foi o principal embaixador norte-americano para assuntos de missões e evangelismo.

De formação metodista, Mott nasceu no estado de Nova York. Aos 16

anos, depois da mudança de sua família para Iowa, Mott matriculou-se na Upper Iowa University, onde se revelou um entusiasmado aluno de história e literatura. Em 1885, transferiu-se para Cornell, onde um discurso de J. Kynaston Studd o fez rever as próprias ambições e

dedicar-se a apresentar Cristo aos universitários.

De 1890 a 1915, Mott serviu como secretário nacional da ACM. Na

época, segundo o historiador Sydney Ahlstrom, a influência da atuação de Mott na vida dos alunos norte-americanos “foi fenomenal, e no devido tempo a comunidade estudantil de todo o mundo se tornou seu rebanho” (*Religious History*, p. 865).

No período pós-Primeira Guerra, John Mott se empenhou em evitar horrores bélicos futuros. Dirigiu uma campanha de fundos para auxiliar

soldados norte-americanos, que arrecadou duzentos milhões de dólares de “ricos e pobres, integrantes de todo tipo de partido, raça e religião”

(Ahlstrom, *Religious History*, p. 896). Em 1946, recebeu o Prêmio Nobel da Paz.

27

(Uma voz profética.)

A evangelização do mundo não deve ser considerada um fim em si mesmo. A igreja não terá completado sua tarefa no dia em que o evangelho houver sido pregado a todas as pessoas. À evangelização devem suceder o batismo de convertidos; a organização desses convertidos em congregações; o cultivo de seu caráter, sua fé e seu conhecimento; e, ainda, o alistamento e o treinamento para o serviço.

A empreitada missionária deve ser vista como um meio de atingir o poderoso e inspirador objetivo de entronizar Cristo na vida pessoal, familiar e social, bem como nas relações nacionais e internacionais —

em todo relacionamento humano. Para tanto, é preciso plantar e fomentar, em cada território não cristão, igrejas autossustentáveis, autogeridas e autorreprodutivas tão firmemente enraizadas na mente e no coração das pessoas que, ainda que seja extinto na Europa e na América do Norte, o cristianismo permaneça puro, como potência missionária em seu novo lar, e assim prospere ao longo dos séculos.

John R. Mott, *A evangelização do mundo nesta geração*, p. 15-16

Pai celestial e eterno, que nos deste a Grande Comissão para que, em teu

nome, preguemos a todas as nações arrependimento e perdão, concede que os missionários por ti escolhidos sejam tão inspirados pelo Espírito Santo a ponto de os convertidos por seu sincero testemunho reconhecerem as insondáveis riquezas do evangelho e, assim, confessarem o nome de Jesus, não apenas com os lábios, mas com a própria vida, dedicando-se à tua obra e sinalizando a outros “o caminho, a verdade e a vida”.

Assim oramos no santo nome de Cristo. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; João 14.6

PARA REFLETIR: Mt 28.19-20; Jo 14.6; Rm 6.1-4; Cl 3.12-17; 1Ts 5.5-11,23-24; 1Tm 4.7; 6.2b-8,11-19; 2Tm 2.1-14; 3.1-13; 4.1-5; Tt 2.1-15; 3.8

28

Evangelizar o mundo nesta geração não é uma tarefa autoimposta; é uma missão solidamente ancorada em um mandamento divino. A Grande Comissão de Cristo a seus discípulos, proferida após a ressurreição, expressa claramente nosso dever de torná-lo conhecido a todas as pessoas. Embora a comissão de Jesus se destinasse aos cristãos de seu tempo, a atuação da igreja nos períodos apostólico e subapostólico mostra que essa vocação era compulsória não somente para os apóstolos, mas para cristãos de todas as gerações. O lema

“evangelizar o mundo nesta geração” apenas traduz a Grande Comissão em termos aplicáveis à nossa época.

A Grande Comissão contém motivo suficiente para equipar todo discípulo de Jesus com um poder uniforme, capaz de sobreviver a paixões e arroubos de euforia, pois independe das emoções e pode superar qualquer di culdade ou frustração. A Grande Comissão arde em nós ainda que não haja encorajamento e reluz mesmo em meio à perseguição. Exerce forte e permanente influência sobre os pensamentos e o coração de todo cristão.

John R. Mott, *A evangelização do mundo nesta geração*, p. 22-23

Pai todo-poderoso, teu mandamento para que façamos “discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” e ensinando-os a

“obedecerem a todas as ordens” de teu Filho, destinou-se não apenas aos primeiros discípulos, mas igualmente a esta e às próximas gerações de discípulos. Oramos, assim, para que não nos deixes à mercê de nossos

próprios recursos, mas nos dê inspiração do Espírito, a fim de que superemos toda a culpa e frustração enquanto cumprimos tua vontade divina, para tua honra e glória, por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; Mateus 28.19-20

PARA REFLETIR: Mt 28.16-20; Mc 16.14-16; Lc 24.44-49; At 1.8

29

A mais importante manifestação da presença de Cristo em nós, como indivíduos, e na igreja, em geral, depende da obediência à Grande Comissão. Há uma íntima e inseparável conexão entre “Vão e façam discípulos de todas as nações” e “Estou sempre com vocês”. No Novo Testamento, o dom do Espírito Santo está associado ao anúncio do conhecimento de Cristo. O Espírito foi concedido com o propósito de capacitar os cristãos a proclamar o evangelho por toda a terra, começando em Jerusalém.

Se hoje a igreja anseia ser vigorosamente visitada pelo poder de Deus, esse poder lhe sobrevirá durante o exercício da Grande Comissão.

Não podemos mais continuar deixando esse encargo para a “próxima geração”, nem atribuir a ela nossa responsabilidade pelo

arrependimento, pela fé e pelas obras do amor ou incumbi-la de amar a Deus e ao próximo em nosso lugar. As forças do mal certamente não transferiram suas tarefas para a próxima geração; com vigor incessante, elas agem em todo o mundo buscando cumprir seu mandato mortal ainda neste tempo.

John R. Mott, *A evangelização do mundo nesta geração*, p. 26-27

Ó Deus, nosso Pai celestial, se não recebermos de ti o Espírito Santo, não poderemos nem mesmo dizer “Jesus é Senhor”, quanto mais “fazer discípulos de todas as nações”! Não nos deixes depender somente de nossos recursos; antes, dá-nos poder divino por meio do Espírito, para que sejamos tuas testemunhas nesta geração e intercedamos pela próxima, por meio desse mesmo Jesus Cristo, que reina eternamente contigo e com o Espírito Santo. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; Mateus 28.19;

1Coríntios 12.3

PARA REFLETIR: Mt 13.19,38; **28.16-20**; Lc 24.44-49; Jo 12.31-32; 16.8-11; Rm 8.37; **1Co 12.3**; 2Co 2.11; 4.4; 11.14; Ef 6.10-18; Cl 2.15; 1Pe 5.6-9

G. K. CHESTERTON

(1874–1936)

A expressão em latim *sui generis* (“próprio de algo”) deveria ser usada de maneira comedida, principalmente nos casos em que se refere a pessoas.

Porém, somos muito tentados a recorrer a ela quando falamos de Gilbert Keith Chesterton.

Nascido em Londres, Chesterton estudou na St. Paul’s School e cursou belas-artes na University College London. Sua carreira como escritor começou em 1900, quando produziu alguns artigos sobre crítica de arte para uma revista. Desde então, acabou se tornando um dos mais prolíficos autores de todos os tempos. Escreveu uma centena de livros e colaborou na edição de cerca de outras duzentas obras. Compôs centenas de poemas (como “A balada do cavalo branco”), cinco peças teatrais, cinco romances e aproximadamente duzentos contos.

A despeito de suas conquistas literárias, Chesterton se considerava sobretudo um “jornalista folgazão”, e tinha bons motivos para isso. Ele redigiu mais de quatro mil textos jornalísticos, incluindo trinta anos de colunas semanais para o *Illustrated London News* e treze anos de colunas para o *Daily News*. Acrescente-se a isso seu próprio periódico, intitulado *G. K.’s Weekly*.

A versatilidade de Chesterton era espantosa. Ele tratava de crítica literária e social, história, política, economia, filosofia e teologia, sempre com a mesma desenvoltura. Advogou fervorosamente a causa da justiça social e da dignidade humana, além de ter se revelado um hábil apologeta da fé cristã. Sua personalidade vibrante permitiu que construísse calorosa amizade com o socialista George Bernard Shaw e o defensor da eugenia H. G. Wells.

Em suma, o católico romano Chesterton foi um grande paladino da clássica doutrina cristã, enaltecendo uma época em que as pessoas se

gabavam quando reconhecidas como ortodoxas: “Se acaso casse sozinho em um deserto permeado de uivos, ele revelava ser mais que um homem; era uma igreja. [...] Nenhum suplício de infernos abandonados seria capaz de fazê-lo confessar-se um herege” (*Hereges*,

30

O anacoreta que rola sobre pedras em frenética submissão a Deus é, em essência, mais saudável que o indivíduo sóbrio e moderno que caminha pelo centro nanceiro de Londres. Assim como outros de seu grupo, esse indivíduo é considerado bom só por mostrar um parco conhecimento acerca do mal. O que estou alegando sobre o anacoreta é tão somente isto: embora assuma uma condição de pobreza e miséria, ele x a a atenção em uma força que não tem limites e em uma felicidade que nunca acaba.

É certo que se deve objetar qualquer visão distorcida com relação a Deus e à moral, independentemente de onde se esteja, se numa cela monástica ou na rua. Um jovem pode se abster de seu vício ao pensar na possibilidade de contrair uma doença venérea, ou pode manter-se puro por meio da contemplação da santidade da Virgem Maria. Pode-se questionar qual dos métodos é mais sensato, mas não qual deles é mais salutar.

G. K. Chesterton, *Hereges*, cap. 2

Ó Deus, Rei eterno, cujo Filho ensinou a nós, teus frágeis lhos, como orar a m de que sejamos libertos do mal, livra-nos de ter um conhecimento raso sobre o mal que constantemente nos assola neste mundo decaído e pecaminoso, para que abandonemos assim “as obras das trevas como se fossem roupas sujas” e vistamos “a armadura da luz” que glori ca teu santo nome; por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; Romanos 13.12

PARA REFLETIR: Mt 5.1-16,30; 6.9-13; Rm 1.18-32; 13.12; 1Co 6.19-20; Ef 4.17—5.7; 1Pe 1.13-25; 2Pe 3.11-14

31

Um grande e silencioso esgotamento, uma enorme e tácita decepção paira sobre a civilização europeia. Em seus esforços para descobrir o que é bom de fato, as eras anteriores derramaram suor e foram submetidas à cruz; contudo, boa parte do mundo moderno chegou à conclusão de que o bem não existe. O melhor que se pode esperar é a possibilidade de instalar algumas placas sinalizando perigo.

Os jargões e ideais modernos mais populares não passam de manobra para evitar o assunto. Falamos sobre liberdade, mas a tomamos como

uma estratégia para deixar de examinar o que é bom. Apreciamos falar sobre progresso, mas evitamos conversar sobre o que é bom. Gostamos de advogar a educação, mas nos recusamos a avaliar o que é bom. O

mundo moderno diz: “Abandonemos padrões morais arbitrários e abracemos a liberdade”. Na verdade, isso signi ca: “Deixemos de lado essa coisa de determinar o que é bom. Em vez disso, consideremos que bom mesmo é não de nir o que é bom”; “Fora com seus padrões morais antiquados; nossa causa é o progresso”.

O mundo moderno está convencido de que é a educação, não a religião ou a convicção moral, que abriga a esperança para a raça humana. Isso equivale a a rmar “Não podemos decidir o que é bom, mas vamos transmiti-lo aos nossos lhos”.

G. K. Chesterton, *Hereges*, cap. 2

Querido Deus que estás no céu, tu vês nossa confusão diante dos profetas do mundo moderno, que identi cam como liberdade o que é escravidão, que chamam de bom o que é mal e que exaltam o conceito humano de moralidade em detrimento de tua Santa Palavra. Tem misericórdia de nós, Senhor. Dá-nos ouvidos para ouvir somente a voz do Bom Pastor chamando-nos de volta para o aprisco, a m de que o sigamos pelos caminhos da justiça e honremos teu nome; por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor e Salvador. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III

PARA REFLETIR: Sl 23.3; Jo 3.19; 12.35,46; Rm 13.12; 2Co 4.6; Ef 5.8; 6.12; 1Ts 5.4-5

32

O “progresso”, quando devidamente compreendido, tem signi cado legítimo e digno. Porém, se usado em oposição a ideais morais incontestáveis, é ridículo. Jamais será verdadeira a a rmação de que o progresso deve se opor a regulamentos morais e religiosos; o inverso, sim, é válido. Só pode usar o termo “progresso” quem tem uma fé inequívoca e um rme código moral. Se não há nenhuma crença em padrões morais indubitáveis, não é possível ser progressista. Por sua natureza, progresso implica direção; quando não se sabe aonde ir, não se sabe como progredir.

Talvez nunca tenha havido, desde o início do mundo, uma era menos quali cada a usar o termo “progresso”. O progresso depende de haver mais ou menos leis? Maior ou menor liberdade individual? Recato ou

permissividade sexual? Devemos prezar por toda vida humana ou não?

Essas são as coisas pelas quais nos debatemos. A geração menos resoluta é a que se considera a mais progressista.

Não digo que a palavra “progressista” seja desprovida de signi cado; digo que só signi ca alguma coisa se estiver associada a princípios morais compartilhados. Trata-se de uma palavra sagrada que perde seu valor quando apartada da fé religiosa.

G. K. Chesterton, *Hereges*, cap. 2

Deus eterno e todo-poderoso, tu vês quão moralmente confusa está nossa geração, como se remasse um barco a esmo em meio a uma forte ventania; concede-nos sabedoria para meditar em teus preceitos e xa nossos olhos em teus caminhos, para que sejamos capazes de progredir rumo ao teu reino no poder do teu Espírito Santo, para a glória do teu nome. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III

PARA REFLETIR: Sl 119.4; Mc 12.30-31; 1Co 6.9; Gl 5.19-21; 1Jo 2.3-6

33

A humildade foi concebida como uma restrição à arrogância e à in nidade do apetite humano. Hoje, necessidades inventadas a todo o tempo tendem a superar a misericórdia. A avidez pelo prazer destrói metade das alegrias da humanidade. É impossível, sem a humildade, ter prazer em qualquer coisa que seja.

O mal de que sofremos hoje é a humildade no lugar errado. A modéstia deslocou-se do órgão da peregrinação e se xou no órgão da convicção, onde ela nunca deveria estar. O homem foi concebido para duvidar de si mesmo, mas não para duvidar da verdade. Isso se inverteu.

Atualmente, aquilo que a pessoa a rma com mais veemência — a si mesma e a seu prazer — é exatamente aquilo que menos deveria a rmar.

Aquilo de que ela mais duvida — o conhecimento de Deus e a verdade divina — é exatamente aquilo de que não deveria duvidar.

Portanto, a humildade de nossa época é mais venenosa que os

excessos de qualquer asceta do deserto. A antiga humildade era uma espora que não deixava o homem parar, não um prego na bota que o impedia de ir em frente. Ela fazia o homem duvidar de seus esforços, o que possivelmente o levava a trabalhar com mais a nco. A nova humildade faz o homem duvidar da verdade, e isso o fará parar de trabalhar pura e simplesmente.

G. K. Chesterton, *Ortodoxia*, cap. 3

Pai celestial, Deus eterno e todo-poderoso, tu nos ensinaste que “não rejeitarás um coração humilde e arrependido”, e que “os que se humilham serão exaltados”; concede-nos humildade para que reconheçamos a verdade sobre nós mesmos e, assim, não sejamos orgulhosos, mas gratos pelas incontáveis bênçãos e dons que recebemos imerecidamente por tua graça e misericórdia; por meio de Jesus Cristo. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; Salmos 51.17;

Mateus 23.12

PARA REFLETIR: Sl 51.17; 147.6; Pv 11.2; Is 66.2; Jr 9.3; Mt 23.12; Mc 9.33-37; Lc 14.11; 22.24-27; Rm 12.3; Fp 2.3-11; Tg 4.6

34

Alguns dizem que Deus ao criar o mundo o escravizou. Mas, segundo a doutrina cristã, ao criá-lo Deus o libertou. Deus havia escrito uma peça planejada à perfeição. A performance, porém, coube a atores e diretores humanos, que logo a transformaram numa grande confusão. Ciente disso, a pessoa pode sentir alegria por causa do grande plano e indignação por causa da con ança, tudo isso sem se tornar um resoluto pessimista ou um cego otimista.

De acordo com a doutrina cristã sobre o Criador e a criação, pode-se lutar contra todas as forças que confrontam a vida sem desertar a bandeira da existência humana. Pode-se estar em paz com o mundo e, no entanto, estar em guerra com a desordem do mundo. Pode-se admirar o segredo do desígnio divino para o mundo, em vez de admirar a magnitude do inimigo.

Assim que me dei conta disso — uma experiência indescritível —, foi como se duas máquinas enormes com as quais eu vinha lutando tivessem sido superadas. Eu descobrira que se deve amar o mundo intensamente sem prestar culto a ele. Deve-se amar o mundo sem se tornar mundano.

Deus Todo-poderoso, Criador, Redentor, Sustentador, que no início criaste os céus e a terra e viste que eram bons, ajuda-nos a demonstrar afeto ao mundo e dele cuidar, mas a adorar somente a ti, nosso Senhor e Deus. Concede-nos graça para reconhecer nosso lugar neste mundo e livra-nos de apego excessivo às coisas daqui. Acima de tudo, faz-nos saber que apenas uma coisa é necessária: Jesus Cristo, nosso Senhor, que reina contigo e com o Espírito Santo para toda a eternidade. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III

PARA REFLETIR: Gn 1.1-31; 3.1-21; 4.6-7; Dt 11.26-28; 30.19; Pv 1.20-33; 21.1-31; Is 46.9-10; 55.6-7; Lc 10.41-42; 13.34

35

Não é de surpreender que uma pessoa assuma uma posição defensiva; mas que Deus pudesse assumir uma posição defensiva é uma afirmação que nenhuma outra religião pode fazer. A fé cristã é a única religião do mundo a afirmar que a onipotência por si só tornava Deus incompleto.

O cristianismo crê que Deus, para ser totalmente Deus, devia tornar-se um servo e aprovado, bem como rei. Dentre todas as religiões, o cristianismo foi o único que acrescentou a coragem às virtudes do Criador. A única coragem digna desse nome se manifesta quando alguém passa por um ponto de ruptura e não se parte. (Peço desculpas se a linguagem que uso parece irreverente ao tratar de um assunto que os maiores santos recusaram abordar.)

Na Paixão de nosso Senhor, contudo, há uma distinta revelação de que o Autor de todas as coisas de algum modo impensável não apenas passou pela agonia da cruz, mas também pela dúvida. Está escrito: “Não ponha o Senhor, seu Deus, à prova”. É verdade, mas o Senhor, seu Deus pode provar-se a si mesmo à prova, e foi isso o que aconteceu.

G. K. Chesterton, *Ortodoxia*, cap. 8

Deus todo-poderoso, cuja onipotência ultrapassa nossa compreensão, tu ainda assim assumiste, em nosso favor, a frágil forma humana e com coragem te entregaste a uma morte terrível; concede a nós, pecadores, um coração genuinamente grato e aumenta nossa fé para que voltemos os olhos a ti e saibamos que és poderoso para nos salvar, por meio da terna misericórdia de Jesus Cristo, teu Filho e nosso Senhor, que vive e reina

contigo e com o Espírito Santo, agora e para sempre. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III

PARA REFLETIR: Mt 4.1-11; 26.36-39; Mc 1.12-13; Lc 4.1-13; Jo 1.1-5; Fp 2.5-11; Hb 2.14-18

36

No jardim do Éden, Satanás tentou a humanidade. Noutro jardim, o Pai provou o Filho. Naquela noite no Getsêmani, de modo profundo e incompreensível, o Deus encarnado mergulhou plenamente na prova humana. O mundo foi abalado e o sol se recusou a brilhar, não no momento da morte de Jesus, mas no momento do grito do alto da cruz: o grito que confessou que Deus Pai havia abandonado Deus Filho. Na prova, porém, Deus Filho permaneceu el; ele não se deixou romper.

Agora, deixemos que os revolucionários do mundo escolham um credo dentre todos os credos e um deus dentre todos os deuses do mundo.

Eles nunca encontrarão outro deus que tenha voluntariamente sido provado como foi o Filho de Deus. Não — a questão torna-se difícil demais para a fala humana —, deixemos que os ateus escolham um deus.

Eles nunca encontrarão outro deus que expressou tão completamente a desolação deles. Somente no cristianismo o Deus encarnado, por um tempo, pareceu ter sido abandonado.

G. K. Chesterton, *Ortodoxia*, cap. 8

Ó Deus, cujo Filho bendito foi tentado no jardim do Getsêmani para que desistisse do cálice de dor e morte na cruz, e que chegou a lamentar que tu, o Pai, o havias abandonado, ajuda-nos a admirar sem reservas a maneira como Jesus aquiesceu à tua vontade e concede-nos uma fé inabalável para que não busquemos redenção em nenhum outro deus além de ti; por meio de Jesus Cristo, que vive eternamente contigo e com o Espírito Santo. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III

PARA REFLETIR: Gn 3.1-21; Mt 26.36-39; 27.32-50; Mc 15.22-39; Lc 22.39-46; Hb 5.7-9

37

Quando comecei a examinar seriamente o Novo Testamento, não descobri ali uma pessoa de cabeleira partida ao meio ou de mãos entrelaçadas num gesto de súplica, mas sim um ser extraordinário com lábios de trovão e atos terrivelmente decididos, que derrubava mesas no templo, expulsava demônios e passava do isolamento na montanha para a exigência da atenção pública. Um ser que por vezes agia como um deus irado, mas sempre como Deus.

Ele tinha até um estilo literário próprio: seus “em verdade, em verdade lhes digo” e “quanto mais” acumulam-se um sobre o outro.

Jesus, o Messias, é o nome dele.

Sua palavras eram enfeitadas com as imagens de camelos passando por buracos de agulhas e montanhas arremessadas ao mar. Chamava a si mesmo de espada de divisão, mas na sequência ensinava a bem-aventurança do paci cador. Tudo o que dizia e fazia só aumentava seu mistério.

Não podemos explicar isso tudo chamando Jesus de insano, pois ele teria simplesmente soltado um resmungo. Quem é ele, então? É o paradoxo divino-humano em cuja pessoa singular encontramos a surpreendente comunhão das duas naturezas.

G. K. Chesterton, *Ortodoxia*, cap. 9

Deus todo-poderoso, nosso Pai celestial, cujo Filho, Jesus, o Messias, veio ao mundo e se revelou em um impenetrável porém maravilhoso mistério, concede que os povos de toda a terra, divididos e cegados pelo pecado, tenham os olhos abertos pelo Espírito Santo, a m de que vejam a Cristo e o reconheçam como ninguém menos que o Rei dos reis e Senhor dos senhores, que ama as almas e resgata o mundo. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III

PARA REFLETIR: Mt 5.1-12; 6.2; 8.23-27; 10.33-39; 14.22-28; 18.18; 19.23-25; 21.12-13,21; Lc 19.45-46; Jo 1.1-5,14,41; 2.14-15; 4.25; Cl 1.16; 1Tm 6.15; Ap 1.12-18; 19.16

JOÃO XXI I

(1881–1963)

Ao anunciar a convocação para o Conselho Vaticano II, o papa João XXIII manifestou sua esperança pela “iluminação, edi cação e alegria de todo o povo cristão”, oferecendo um “renovado convite aos éis de

todas as comunidades” a se unirem cordialmente na “busca pela unidade e graça a que aspiram tantas almas em todo o mundo” (“Anúncio”). João XXIII sempre será lembrado como o papa que, por meio da convocação para o Conselho Vaticano II (1962–1965), inaugurou o *aggiornamento*, isto é, “a atualização da igreja”.

Angelo Giuseppe Roncalli nasceu na vila de Sotto il Monte, na Itália.

Em 1900, foi estudar teologia em Roma. Depois de sua ordenação, ocorrida em 10 de agosto de 1904, continuou estudando no Seminário Romano, onde obteve o título de doutor em direito canônico.

O recém-consagrado bispo de Bérghamo cou bem impressionado com o desempenho de Angelo como aluno de pós-graduação e o convidou para ser seu secretário. Na ocasião da morte do bispo, Angelo o biografou em tom laudatório e enviou uma cópia desse texto a Bento XV, amigo do sacerdote de Bérghamo.

Em 1921, Bento indicou Angelo para o cargo de diretor da Sociedade Italiana para a Propagação da Fé. Enquanto realizava um trabalho de pesquisa, Angelo conheceu o monsenhor Achille Ratti, que viria a se tornar o papa Pio XI. Pio nomeou Angelo agente diplomático do Vaticano na Bulgária, na Turquia e na Grécia. Antes de deixar a Bulgária, Angelo foi designado arcebispo. A princípio, essas incumbências não pareciam muito promissoras; mas, possivelmente por suas habilidades diplomáticas, em 1944 Angelo foi comissionado embaixador papal na França pós-guerra. Em 1953, foi nomeado cardeal.

Aos 71 anos, foi reconhecido como patriarca de Veneza, fato que parecia

marcar o desfecho de sua jornada eclesiástica. Porém, com a morte de Pio XII em 9 de outubro de 1958, Angelo foi eleito, no dia 28 do mesmo mês, pontífice da Igreja Católica Romana.

38

Deus concedeu a nosso intelecto aptidão para conhecer as verdades naturais. Seguindo essa verdade, seguimos o próprio Deus, que é o autor dela e também legislador e governante de nossa vida. Mas se por loucura ou preguiça, ou por má vontade, nós rejeitamos essa verdade, voltamos as costas para o sumo bem e para a própria norma do viver correto.

Muitas vezes, nossos esforços resultam numa mistura de verdades e erros. Isso se dá sobretudo no que se refere à religião e à moral. Não podemos facilmente obter verdades que ultrapassem a capacidade e o alcance naturais da razão, a não ser que Deus nos ilumine e inspire. Por isso a palavra de Deus, que “habita em luz inacessível”, com imenso amor e compaixão da condição humana “tornou-se carne e habitou entre nós”, para iluminar a todos e a todos conduzir, não só à plenitude da verdade, mas também à virtude e à eterna felicidade.

João XXIII, *Ad Petri Cathedram* [À cátedra de Pedro], 29 de junho de 1959, § 7-8

Ó Senhor, nosso Pai celestial, cuja luz inacessível brilha na escuridão e não pode ser apagada, ilumina nossa mente e abre nosso coração para que conheçamos e recebamos a verdadeira Luz que veio ao mundo, a Palavra que se tornou carne, Jesus Cristo, nosso Senhor. Torna-nos sinceramente gratos por nos teres concedido, mediante o poder do Espírito Santo, o direito de nos tornarmos teus Ihos, nascidos de novo para seguir o Filho à plena e perfeita verdade, à virtude e à felicidade eterna. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III

PARA REFLETIR: Sl 136.3; Jo 1.1-5,9,12,14,17; 3.15; 6.54; 10.28; 14.6; Rm 6.23; 1Jo 2.25; 5.13; Ap 7.14

39

Alguns homens agem como se Deus nos tivesse dado intelecto para outro propósito que não procurar e alcançar a verdade. Esse reprovável modo de proceder conduz diretamente a esta a rmação absurda: a de que todas as religiões se equivalem, pois não há diferença entre a verdade e o erro. “Esse princípio”, para usar palavras do papa Leão XIII,

“leva necessariamente à ruína de todas as religiões.” Além disso, negar toda a diferença entre coisas tão contraditórias e contrárias pode levar a esta fatal conclusão: a relutância de aceitar qualquer religião, na teoria e na prática.

Como poderia Deus, que é a verdade, aprovar ou tolerar a indiferença, a negligência e a apatia daqueles que, em questões das quais depende nossa salvação eterna, não fazem nenhum caso nem se importam de procurar e encontrar as verdades necessárias, nem prestar a Deus o culto que é devido a ele somente?

João XXIII, *Ad Petri Cathedram* [À catedra de Pedro], 29 de junho de

Ó Deus, Rei eterno, cujo Filho bendito veio ao mundo e se revelou como “o caminho, a verdade e a vida”, demonstrando que ninguém vem a ti senão por ele e que as outras veredas conduzem a um deserto de mentira e morte, permita que todos os povos da terra — tão assolados por indiferença espiritual, descaso e preguiça —

ouçam a voz de Cristo e que, no teu tempo, toda língua o confesse como “líder perfeito para conduzir à salvação”, para a glória do próprio Jesus, nosso Senhor, que vive eternamente contigo e com o Espírito Santo. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; João 14.6;

Hebreus 2.10

PARA REFLETIR: Sl 95.6; **Jo 14.6**; Rm 12.1; 1Co 8.5-6; Ef 2.13; **Fp 2.11**; Cl 3.14-17; 2Ts 2.7,9-12; **Hb 2.10**; 13.15; 1Jo 4.1-6; Jd 1.10-13

40

Acolhendo como vinda do alto uma voz íntima de nosso espírito, julgamos estar maduro o tempo para oferecermos à Igreja Católica e ao mundo o dom de um novo concílio ecumênico.

Numa época em que em várias partes se fazem generosos e crescentes esforços com o intuito de reconstituir aquela unidade visível de todos os cristãos que corresponda à vontade do divino Redentor, é muito natural que o próximo concílio forneça as premissas da clareza doutrinária e da caridade mutual que tornarão ainda mais vivo nos irmãos separados o desejo de auspicioso retorno à unidade e lhes prepararão o caminho para consegui-la. E, por m, a um mundo perdido, confuso e ansioso sob a contínua ameaça de novos e assustadores conitos, o próximo concílio é chamado a oferecer uma possibilidade de despertar, em todas as pessoas de boa vontade, pensamentos e propósitos de paz, uma paz que pode e deve vir sobretudo das realidades espirituais e sobrenaturais, da inteligência e da consciência humana, iluminadas e guiadas por Deus, Criador e Redentor da humanidade.

João XXIII, *Humanae Salutis* [Da salvação humana], 25 de dezembro de 1961

Pai todo-poderoso, cujo Filho bendito antes de ser martirizado pediu em oração que seus discípulos fossem um, como tu e ele são um, concede que

tua igreja, ligada a ti em amor e obediência, seja um só corpo por meio de um só Espírito, a m de que o mundo acredite naquele que enviaste, teu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor, que vive e reina contigo, na unidade do Espírito Santo, um só Deus, agora e para sempre.

Amém.

“Pela unidade da Igreja”, Coletas: contemporâneas, LOC

PARA REFLETIR: Sl 51.10; 85.6; Is 40.28-31; 55.6-7; 57.15; Ez 37.1-14; Hc 3.2; At 2.1-47; 3.19-21; Ef 5.14-21; Ap 2.1—3.22

41

Há uma outra questão que nos impele a pedir a todos os cristãos que dirijam a Jesus Cristo, com súplica e ador, preces para que os responsáveis, em grande medida, pelo futuro das nações considerem atentamente a perigosa tarefa de nossa era. Os legítimos direitos e a herança das riquezas espirituais que as nações possuem, sejam elas grandes, sejam pequenas, são sagrados e devem ser salvaguardados.

Rogamos ao Senhor que os governantes avaliem e considerem cuidadosamente as causas que originam as dissensões e, com boa vontade, dediquem-se a superá-las. Acima de tudo, eles devem se dar conta de que a guerra só pode ter um resultado, que são vastas ruínas por toda parte, e portanto não pode ser objeto de esperança. Devem adaptar às necessidades dos homens de hoje as leis que regulam o estado e a sociedade e que vinculam as nações e as classes sociais. Devem ter em mente as leis eternas que provêm de Deus. Por m, devem ter sempre ciência de que a alma individual do ser humano é criada por Deus e destinada a alcançá-lo e desfrutá-lo.

João XXIII, *Grata Recordatio* [Grata recordação], 26 de setembro de 1959, parte 3, § 15-16

Pai celestial, Deus eterno e todo-poderoso, cujo Filho veio ao mundo convidar o perdido pecador a segui-lo como “o caminho, a verdade e a vida”, e assim fez sem coação, oramos para que, inspirados por teu Santo Espírito, povos de toda parte busquem a Cristo livre e jubilosamente e o reconheçam como ninguém menos que o único e verdadeiro Deus, Criador, Redentor e Sustentador. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; João 14.6

PARA REFLETIR: Êx 23.1-3; Lv 19.15; Sl 33.5; 37.27-29; 67.4; 106.3; Is 1.17; 10.1-2; 56.1; 61.8; Jr 22.3-5; Am 5.24; Mq 6.8; **Jo 14.6**; Rm

42

A paz na terra não pode ser rmente estabelecida senão no devido cumprimento da ordem instituída por Deus.

O progresso da ciência e as invenções da tecnologia evidenciam que nos seres vivos e nas forças da natureza reina uma ordem maravilhosa.

Testemunham, de igual modo, a dignidade do homem, capaz de desvendar essa ordem e de produzir os meios adequados para dominar tais forças e utilizá-las em seu proveito.

Mas o avanço da ciência e os inventos tecnológicos demonstram, antes de tudo, a in nita grandeza de Deus, Criador do universo e da humanidade. Foi ele quem do nada formou todas as coisas, infundindo nelas a riqueza de sua sabedoria e bondade. Foi igualmente Deus quem criou o homem à sua imagem e semelhança, dotando-o de inteligência e liberdade e constituindo-o senhor da criação.

O Criador do universo imprimiu no ser humano uma ordem que a consciência deste manifesta e o obriga a observar.

João XXIII, *Pacem in Terris* [Paz na terra], 11 de abril

de 1963, § 1-3, 5

Ó misericordioso Criador, tu no princípio criaste o universo de modo maravilhoso e admirável e zeste a raça humana à tua imagem e semelhança; concede agora que usemos a sabedoria e a bondade que em tua graça nos deste, a m de ordenarmos a criação de acordo com teus propósitos e para a glória do teu santo nome, por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor, que reina contigo e com o Espírito Santo. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III

PARA REFLETIR: Gn 1.26; Sl 8.1,6-8; 18.8-11; Pv 3.5-6; Is 45.18; Jo 1.1-4; Rm 1.20; 2.15; Cl 1.16; Tt 1.15; Hb 1.3

43

Na sociedade humana, é fundamental o princípio de que cada ser humano é pessoa, isto é, natureza dotada de inteligência e de livre vontade. Com efeito, por essa razão possui em si mesmo direitos e deveres, que emanam direta e simultaneamente de sua própria

natureza

[citação de Pio XII]. Trata-se, portanto, de direitos e deveres universais, invioláveis e inalienáveis.

Se contemplarmos a dignidade da pessoa humana à luz das verdades divinamente reveladas, não poderemos deixar de estimá-la ainda mais; trata-se, pois, de pessoas remidas pelo sangue de Jesus Cristo, as quais pela graça se tornaram lhas e amigas de Deus, herdeiras da glória eterna.

Pertence igualmente aos direitos do ser humano prestar culto a Deus de acordo com os retos ditames da própria consciência.

João XXIII, *Pacem in Terris* [Paz na terra], 11 de abril

de 1963, § 9-10, 14

Ó Deus de misericórdia e amor, que viste o que havias feito e consideraste muito bom, o Pai cujo Filho amou a todos e lhes deu o direito de serem chamados teus lhos e herdeiros do teu reino eterno, amolece nosso orgulhoso e pecaminoso coração, para que, conformados à tua imagem, vejamos as pessoas como tu vês e as amemos como tu amas. Capacita-nos também, por teu Espírito, a sinalizar o caminho da salvação àqueles que não conhecem a ti, para tua honra e glória. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III

PARA REFLETIR: Gn 1.26,31; Sl 82.3; Pv 31.8-9; Is 1.17; Am 2.6-8; Lc 1.51-55; 2.8-14; 4.16-21; Jo 1.12; Rm 3.25; 5.9; 13.1-7; Ef 1.7; 2.13; 1Tm 2.1-15; Tt 3.1

E. STANLEY JONES

(1884–1973)

Frequentemente, as chamadas de reavivamento do Espírito Santo varrem a igreja, despertando e transformando seus membros. Esse derramar do Espírito ajuda a entender quem foi E. Stanley Jones, um formidável missionário do século 20.

Nascido em Baltimore, Jones cursou a educação básica em escolas locais, e estudou direito no City College antes de se transferir para o Asbury College em Wilmore, no Kentucky. Concluiu a graduação em 1906 e, um ano depois, já integrando o corpo docente da faculdade, foi chamado para o serviço missionário.

Tudo começou em fevereiro de 1905, quando Jones e outros poucos colegas se reuniram para orar. Por volta das dez horas da noite, “soberanamente, vindo direto do céu azul, sem que nada o tivesse incitado”, o Espírito Santo varreu a sala (Jones, *Cântico das subidas*, p. 68). Não demorou para que o reavivamento se espalhasse pelo *campus* e, depois, por toda a cidade. Segundo Jones, esse fato o conduziu a um total compromisso com a vontade de Deus, o que incluía tornar-se missionário.

Em 1907, Jones viajou até a Índia, enviado pela Igreja Metodista Episcopal. Em 1911, casou-se com Mabel Lossing, colega também missionária. O histórico de Jones revela um equilibrado envolvimento com questões de justiça social e piedade cristã. Apoiador da cruzada indiana por autonomia, o missionário era procurado por líderes indianos e britânicos que buscavam seus conselhos. Além disso, dirigentes do recém-formado Congresso Nacional Indiano guravam em seu círculo de amigos. Em 1930, junto com um missionário britânico e um pastor indiano, Jones fundou, em Sat Tal, o primeiro de dois *ashrams* (locais para retiro religioso) cristãos. O segundo foi instalado em Lucknow,

onde, em 1950, Jones implantou o Centro Psiquiátrico e Unidade Médica Nur Manzil, primeira instituição cristã desse tipo em território indiano.

Antes do irrompimento da guerra entre Japão e Estados Unidos, Jones foi con dente de Franklin D. Roosevelt e de líderes japoneses. Passada a guerra, lançou, em 1947, a Cruzada pela União Federativa de Igrejas.

Jones morreu na Índia em 1973.

44

A igreja, não sendo absoluta, deve submeter-se ao juízo e à correção de algo maior que ela mesma, isto é, o reino de Deus. Somente quando perder a própria vida em obediência a essa Ordem mais alta, ela receberá vida de volta. Somente quando se submeter a essa autoridade maior e quando encarná-la é que terá autoridade em si mesma. Mas a igreja que se concentra em salvar sua vida acaba por perdê-la; pautando-se em pretensões nobres, mas com pouca autoridade moral, ela se degenera em eclesiasticismo.

Não raro, a igreja se torna um m em si mesma: ela tem de ser servida.

Supõe-se que quem a frequenta seja bom, contribua para sustentá-la e a defenda. Mas, quando ela é vista como um meio para que se cumpra o reino de Deus, toda a mentalidade muda. Um fôlego puri cador a percorre. Sua grandeza resulta de sua dedicação a propósitos que vão além dela mesma.

E. Stanley Jones, *Ao longo da estrada indiana*, p. 188-189

Ó Senhor, nosso Pai celestial, cujo Filho é, como cantamos, “da igreja o fundamento”, pois nele “alicerçada, segura e rme [a igreja] está, e sobre a rocha eterna jamais se abalará”, nós te rogamos que impeças teus servos de edi car sobre qualquer outro fundamento diferente daquele que já está posto, e que, pela inspiração do Espírito Santo, tu nos corrijas onde quer que erremos, nos fortaleças em nossas fraquezas e nos encorajes a persistir no que é correto, para que assim sejas glori cado na igreja, por meio do mesmo Jesus Cristo, nosso Senhor e Salvador. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; Samuel J. Stone,

“Da igreja o fundamento”, Hinário

PARA REFLETIR: Sl 45.6; Dn 2.44; Mt 6.9-13; Mc 1.15; Lc 1.31-33; At 4.11-12; 1Co 3.11; 15.20-28; Hb 12.18-28; Ap 21.1-4

45

As palavras “discípulo” e “disciplina” soam semelhantes; e de fato o são.

Não há discipulado sem disciplina.

Mas a disciplina foi abandonada por grande parte do cristianismo protestante. E é possível entender o porquê. Enfatizamos a responsabilidade individual para com Deus e a doutrina da graça.

Quando ensinamos essa doutrina, dizemos que penitências, domínio próprio e boas obras não podem nos garantir a salvação, pois somos alvos pela graça redentora de Deus. Então, deixamos a disciplina de lado e, agindo assim, lançamos fora o bebê junto com a água do banho.

Descartamos a disciplina, tanto na esfera individual quanto na coletiva.

De fato, a salvação é pela graça de Deus, mas demanda disciplina para que seja individual e coletivamente efetiva.

[Contudo, movimentos cristãos que praticam tais disciplinas] não representam o reino de Deus; antes, são meros simulacros desse reino, sob cuja elevada disciplina devem estar. Somente assim poderão salvar-se da presunção de santidade e do senso de justiça própria.

E. Stanley Jones, *Ao longo da estrada indiana*, p. 208-209

Pai celestial e misericordioso, que nos ensinaste nas Escrituras Sagradas que somos justos todos pelo dom da tua graça, não permitas que, em nossa liberdade, abandonemos a ti e conchemos em nossos próprios recursos; antes, “manda para longe de nós todo desejo impuro, inclina nosso coração ao cumprimento da tua lei e guia nossos pés pelo caminho de paz”. Assim, permanecendo obedientes a ti em tudo, quando nos deres nossos dias na terra nós nos alegraremos e te renderemos graças, por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; “Coleta pela renovação da vida”, Oração matinal diária: rito 2, LOC

PARA REFLETIR: Pv 12.1; Rm 6.23; 1Co 3.1-4,16-23; 6.12-20; 9.19-27; 10.23-24; Fp 3.7-21; 4.8-9; Tt 1.8; Hb 12.5-11; Tg 1.19-27; 2.8-24; 3.1-12; 1Jo 2.1-29

46

Os construtores da civilização procuram erguê-la sem Cristo. De fato, achamos que poderíamos deixá-lo como mero objeto decorativo, apenas para que o edifício se mostrasse religiosamente respeitável. Não zemos dele a fundação; não construímos sobre ele. Pensamos que ele não fosse viável. Agora, a civilização desmorona à nossa volta. Os fundamentos estão errados; são desprovidos de Cristo e, por isso, vêm abaixo. Esses

“construtores” — os especialistas — nos decepcionaram, pois falharam com Cristo. Todas as tentativas que zeram no sentido de garantir a diplomacia, o equilíbrio de poder, a segurança amparada em armas e o nacionalismo egoísta nos levaram à ruína. A bancarrota desses métodos se desnudou diante de nós, e agora precisamos recomeçar. Desta vez, Jesus não deve ser meramente decorativo, mas consistir, ele mesmo, no fundamento. Essa é nossa única esperança.

E. Stanley Jones, *Vida vitoriosa*, p. 344

Deus eterno e todo-poderoso, a história da nossa salvação, tal como revelada nas Escrituras, não é teoria nem mera lousa, mas, sim, o relato de como tu ages poderosamente na história humana, culminando na morte sacrificial e na ressurreição do teu Filho, Jesus Cristo. Mantém-nos arraigados nesta realidade objetiva, para que sinalizemos a comunhão do teu reino àqueles que não te conhecem; por meio de Jesus, nosso Salvador, que vive eternamente contigo e com o Espírito Santo. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse II

PARA REFLETIR: Sl 18.31; Is 28.16; Jr 17.5-18; **Mt 12.21; 16.18; 21.44; Rm 9.33; Hb 1.10; 1Pe 2.4-5; Ap 11.15; 21.1-4**

47

Para experimentar uma vida vitoriosa, devemos vencer o medo do fracasso. Mas como? Em primeiro lugar, olhando para o pior que nos pode acontecer. Imagine que você venha a fracassar. Acaso seria mesmo pior do que está agora? Definitivamente. Porque, nessa inércia em que se encontra, você já está em queda. Suponha que você falhe em obedecer ao que sentiu ser o chamado de Deus para sua vida. Será que estará falhando mesmo? Pouco provável, pois, a própria obediência já é o sucesso. Não é da sua conta se você é bem-sucedido ou não — sua responsabilidade é ser fiel ao chamado de Deus. Os resultados estão nas mãos dele. Além disso, Deus tem seu próprio jeito de transformar fracasso em vitória incontestável. A cruz é o maior fracasso do mundo, mas nós nos agarramos a esse fracasso como se fosse a última esperança.

Deus tem um jeito de tornar a cruz de seu fracasso em sucesso supremo.

E. Stanley Jones, *Vida vitoriosa*, p. 215

Pai eterno, que não vês como o ser humano e que zeste “a sabedoria deste mundo parecer loucura”, concede a nós, teus servos, coragem em relação àquilo em que tememos fracassar, a fim de que usemos os talentos que nos deste e que o façamos com coração fiel a ti em vez de buscar o sucesso conforme o mundo o define, pois sabemos que fazes “todas as coisas cooperarem para o bem daqueles que te amam e que são chamados de acordo com teu propósito”, por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor.

Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; Romanos 8.28;

PARA REFLETIR: 1Sm 16.7; Sl 23.1-6; 27.1; 56.3-4; 91.1-16; Is 41.10; Mt 10.29-31; Jo 16.13; Rm 8.15,28, 38-39; 1Co 1.20; 2Tm 1.7; Hb 13.6; 1Pe 5.6-7; 1Jo 4.16-18

KARL BARTH

(1886–1968)

Nenhum teólogo do século 20 é tão influente quanto Karl Barth. Ele foi o principal impulsionador do que se denomina teologia neo-ortodoxa ou teologia neorreformada (ou, ainda, teologia dialética). Seu nome é citado juntamente com os de Tomás de Aquino, João Calvino e Friedrich Schleiermacher, e é lendária sua oposição às forças nazistas que intencionavam reduzir a igreja à condição de marionete. Barth foi quem mais inspirou Dietrich Bonhoeffer e quem idealizou a Declaração de Barmen, um documento ousado que contrapõe o evangelho ao nazismo. Barth também foi o principal responsável por investigar a onda teológica liberal que se espalhou amplamente sobre diversas universidades e seminários europeus e norte-americanos.

Karl Barth nasceu em Basel, na Suíça, filho de um ministro reformado.

Em 1904, começou a estudar teologia na Universidade de Berna, mas foi na Alemanha que prosseguiu com os estudos. Uma vez ordenado, serviu como pastor em Genebra (1901–1911) e na pequena Safenwil, uma vila de operários (1911–1912). Em 1913, casou-se com Nelly Hoffmann, aluna de sua primeira turma de graduação em Genebra.

Em agosto de 1914, a teologia liberal de Barth foi abalada por um manifesto assinado por 93 intelectuais alemães em apoio às aspirações militares do imperador Guilherme II. Até então, Barth apreciava o trabalho de alguns professores liberais que assinaram tal documento.

Porém, a capitulação desses homens ao militarismo fez que ele se desse conta de que não poderia abraçar a frouxa teologia defendida pelo grupo. Então Barth mergulhou no estudo das Escrituras, em particular a epístola de Paulo aos Romanos. Em 1919, publicou seu comentário sobre Romanos, *Der Römerbrief*, que teve o efeito de uma bomba teológica. Na obra, Barth introduzia uma noção de teologia voltada tão

somente a Deus em sua soberania autônoma em contraponto à humanidade, sobretudo ao ser humano religioso. O teólogo suíço descobriu na Bíblia um mundo novo e inusitado, habitado pela

soberania, pela glória e pelo inexplicável amor de Deus.

48

É certo que, em *Jesus Cristo*, tal como é descrito nas Sagradas Escrituras, não estamos lidando com o homem em abstrato. [. .] Mas também não estamos lidando com *Deus* em abstrato; não com aquele que, em sua deidade, só existe separado do homem, distante e estranho e, por isso mesmo, não humano — para não dizer um Deus inumano. Em Jesus Cristo, Deus não se isola do homem, nem o homem de Deus. Em vez

disso, em Cristo encontramos a história, o diálogo no qual Deus e o homem se encontram e se juntam, a realidade da aliança *mutuamente* estabelecida, preservada e cumprida. A pessoa de Jesus Cristo é verdadeiramente *Deus*, companheiro leal do ser humano, e verdadeiramente *homem*, companheiro leal de Deus. Jesus é o Senhor que se deixou humilhar para alcançar comunhão com o homem e, igualmente, o Servo que se deixou exaltar para alcançar comunhão com Deus. Ele é ambos, sem que se confundam e sem que se dividam.

Karl Barth, *A humanidade de Deus*, p. 46-47

Deus todo-poderoso, cujo Filho “não considerou que ser igual a Deus fosse algo a que devesse se apegar”, mas que “esvaziou a si mesmo; assumiu a posição de escravo e nasceu como ser humano”; ele “veio em forma humana, humilhou-se e foi obediente até a morte, e morte de cruz”; nós adoramos o santo nome de Jesus porque tu o elevaste “ao lugar de mais alta honra” e lhe deste “o nome que está acima de todos os nomes”, para que, ao nome dele, “todo joelho se dobre, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua declare que ele é Senhor”. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; Filipenses 2.6-11

PARA REFLETIR: Dt 31.6; Is 7.14; 41.10; Sf 3.17; Mt 1.18-23; 6.25-34; Jo 1.1-14; Rm 8.38-39; 1Co 8.6; **Fp 2.6-11**; Cl 1.15-20; 1Jo 2.1-6, 5.20; Ap 1.14-16

49

Jesus Cristo é o Mediador, o Reconciliador entre Deus e o homem. Ele vem na direção do *homem* em nome de *Deus*, chamando e despertando para a fé, o amor e a esperança; e vai na direção de *Deus* em nome do *homem*, a quem representa, prestando contas e intercedendo. [. .] Assim, Jesus garante ao homem a livre *graça* de Deus e, ao mesmo tempo, garante a Deus a livre *gratidão* do homem. Desse modo, Jesus

estabelece em si a justiça de Deus perante o homem, e a justiça do homem perante Deus. Desse modo, ele é a plenitude da aliança, o reino dos céus que está próximo, no qual Deus fala e o homem ouve, Deus dá e o homem recebe, Deus ordena e o homem obedece, a glória divina brilha nas alturas e dali alcança as profundezas, e a paz vem à terra para estar entre aqueles de quem ele se agrada.

Karl Barth, *A humanidade de Deus*, p. 47

Deus todo-poderoso, em um ato que certamente assombrou as hostes celestiais, tu enviaste ao mundo teu Filho unigênito, para que ele fosse o Mediador entre ti e os pecadores e, suportando nossos pecados, se tornasse também nosso amado Reconciliador. Desperta agora nosso coração para receber Jesus como Senhor e Salvador, a m de que alegre e livremente nós te rendamos graças adequadas ao teu maravilhoso amor; por meio do mesmo Jesus Cristo, que vive contigo e com o Espírito Santo. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III

PARA REFLETIR: Jo 5.19-24; 7.37-39; 10.1-42; 14.6; 17.1-26; At 2.22-36; 2Co 5.21; Cl 2.9-15; 1Tm 2.5; Hb 1.1-14; 8.6; 9.15; 12.24

50

Quando nós, cristãos, falamos de “Deus”, devemos deixar claro que essa palavra signi ca desde o início aquele que é fundamentalmente Outro, e que não deve ser confundido nem equiparado com hipóteses, ilusões, ideias e especulações humanas. Diferente de todos os outros deuses, o Deus da con ssão cristã não é encontrado ou inventado ou, por m, descoberto pelo homem; ele não é o cumprimento de algo que o homem imaginava procurar. [. .] Mas nós, cristãos, falamos dele como alguém que ocupa totalmente o lugar de quaisquer outras coisas comumente chamadas de “Deus”, e que portanto suprime e exclui todas elas, a rmando ser ele mesmo a única verdade. Se não houver esse discernimento, ainda não se compreendeu o que signi ca o “Creio em Deus” confessado pela igreja cristã. E o signi cado é que o homem encontrou a Realidade que nunca procurou nem descobriu.

Karl Barth, *Esboço de uma dogmática*, p. 36

Deus todo-poderoso, uma vez que o nito não pode alcançar o in nito e que a criatura não pode descobrir o Criador, tu, em misericórdia e amor por este mundo decaído e pecaminoso, revelaste a ti mesmo como Pai, Filho e Espírito Santo; concede agora que amemos e adoremos somente a ti, o único e verdadeiro Deus, fechando os ouvidos para mestres dedicados em corresponder às noções humanas acerca de quem tu és e dando a glória

devida apenas a ti, por teu santo nome. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III

PARA REFLETIR: Êx 3.13-22; Sl 139.7-12; Is 6.1-5; 40.10-17,21-23; 42.5-13; 44.9-17,24-28; Lc 1.49,24-28; Lc 1.49; At 17.24-26; Gl 4.8-11; Ef 4.4-6

51

Não podemos falar em termos abstratos do favor de Cristo. Devemos conhecer seu favor em ação, a m de que o conheçamos.

Tal favor consiste nesta verdade revelada: Deus foi feito homem em benefício de mim, um homem. Pronunciar o nome de Jesus Cristo signi ca reconhecer que somos cuidados, que não estamos perdidos.

Jesus Cristo é a salvação do homem em todas as circunstâncias e diante de tudo o que assombra a vida, inclusive do mal que procede do próprio homem. Não há nada que já não tenha sido feito bom nisso, isto é, em que Deus se tornou homem para nosso bem. Tudo o que resta não passa da descoberta desse fato. Nossa existência não tem como cenário uma espécie de incerteza sinistra; nós existimos por meio de Deus, que nos mostrou sua graça antes que viéssemos a existir. [...] Ele assim agiu a m de que haja salvação para tudo o que estiver perdido.

Karl Barth, *Esboço de uma dogmática*, p. 70-71

Ó Senhor, nosso Pai celestial, cujo Filho veio em carne para salvar a raça humana do perecimento e para revelar que “não há salvação em nenhum outro”, pois “não há nenhum outro nome debaixo do céu, em toda a humanidade, por meio do qual devamos ser salvos”, concede que perdidos de toda língua e nação olhem para Cristo e encontrem amor em meio à impiedade, esperança em meio ao desespero e luz em meio à escuridão, para que tu sejas louvado no mundo assim como és no céu, por meio do próprio Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; Atos 4.12

PARA REFLETIR: Is 43.10; Jo 6.50-71; 14.17; 20.19-23; At 4.12; Rm 5.11; 15.13; 1Co 15.1-58; Ef 2.8-9; Fp 3.7-11; Cl 1.11; Hb 1.3; 1Jo 2.1-5, Ap. 22.17

52

Se as falas humanas sobre Deus se propõem proclamá-lo, isso só mostra o anseio por servir a Palavra de Deus e, assim, apontar para o enunciado primordial, feito pelo próprio Deus. A proclamação não pode assumir-se como Palavra de Deus, pois Deus é quem santifica o ser humano [porta-voz] para ser sua testemunha. O desejo humano só pode ser o desejo de aceitar uma tarefa. É parte fundamental do discernimento da verdadeira profecia compreender que o homem, em si, não tem nenhuma condição de pronunciar a Palavra de Deus. A intenção da fala humana sobre Deus destinada à proclamação não é a graça, mas estar a serviço da graça ou mediá-la. Se o desejo em questão corresponder ao desejo humano de alcançar algo além de si mesmo e colocar-se, com sua palavra sobre Deus, no lugar do próprio Deus, isso consistirá em rebeldia blasfema.

Karl Barth, *Dogmática eclesiástica*, vol. 1, parte 1, p. 53

Deus eterno e celestial, que em Cristo, nosso Senhor, reconciliaste contigo o mundo e nos com a te “mensagem maravilhosa de reconciliação”, concede que reconheçamos nosso chamado a sermos éis “embaixadores de Cristo”; faz teu “apelo por nosso intermédio”, pois “não andamos por aí falando de nós mesmos, mas proclamamos que Jesus Cristo é Senhor” e que somos servos por causa desse mesmo Jesus, que reina eternamente contigo e com o Espírito Santo. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III;

2Coríntios 4.5; 5.19-20

PARA REFLETIR: Sl 1.1-3; Is 52.7; 55.11; Mt 4.4; 9.37-38; Lc 4.18; 8.11-15; 1Co 2.12-13; **2Co 4.5; 5.19-20**; Cl 3.16; Hb 4.12; Tg 1.21-23; 1Pe 1.23-25; 2Pe 2.1-22

53

A sucessão apostólica signfica que a igreja é guiada pelo cânone, ou seja, pela palavra profética e apostólica, que condiciona a validade de toda palavra na igreja. Isso deve signficar que a igreja sucede os profetas e os apóstolos em seu ofício de proclamar, e o faz de maneira tal que a proclamação deles precede a dela livre e independentemente, enquanto a proclamação da igreja se vincula à deles, devendo-lhe obediência e sendo por ela abalizada. [...] Na condição escrita do cânone, enquanto *scriptura sacra* [sagrada escritura], ancoram-se a autonomia e a independência

[profética

ou

apostólica

do

escritor]

e,

consequentemente, sua livre preeminência à frente da igreja e da natureza viva da sucessão apostólica.

Karl Barth, *Dogmática eclesiástica*, vol. 1, parte 1, p. 104

Ó Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, assim como teu servo Judas entendeu que devia insistir que seus leitores defendessem “a fé que, de uma vez por todas, foi dada ao povo santo”, também cremos ser necessário defender a ininterrupta sucessão da verdade apreendida pelos profetas e guiada pelos apóstolos. Sustém-nos pela presença perene de teu Santo Espírito, para que tua igreja permaneça firme contra as heresias e os falsos ensinamentos que nos assolarão até o fim dos tempos.

Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; Judas 1.3

PARA REFLETIR: Nm 27.22-23; Mt 28.16-20; Lc 9.1-2; 10.1-3; 24.47; Jo 17.18; 20.21; At 1.8; 13.1-4; Rm 10.15; 2Co 5.20; **Ef 2.20**; 1Tm 4.14-16; 2Tm 1.6; 2.1-2; **Jd 1.3**

54

Há a possibilidade de uma genuína delidade humana em relação à delidade divina. [...] Se é verdade que, ainda que tímida e hesitantemente, um homem possa ser cristão, e ainda que com muitas qualificações ele seja seriamente referido como tal, isso significa que, apesar da condição do homem que foi, é e será, não permanecerá o mesmo, pois terá se tornado alguém diferente. Ele agora vive com um novo caráter, que o torna estranho para si e para os que o rodeiam. A despeito de identificar-se consigo mesmo, ele também é diferente de si próprio. Tornou-se portador de um novo nome. Se não houver inevitável assombro diante dessa verdade, é sinal de que a bússola indicativa do que significa para um homem tornar-se ele ao Deus ele não foi apenas meramente subestimada, mas totalmente abandonada.

Karl Barth, *Dogmática eclesiástica*, vol. 4, parte 4, p. 3

Deus misericordioso, nosso Salvador nos ensinou que, a menos que

nasçamos de novo, não podemos ver o teu reino, pois o que é nascido da carne é carne. Dá-nos um novo nascimento a fim de que vejamos a nós mesmos e ao mundo como tu vês e creiamos que as coisas outrora lançadas ao chão estão sendo reerguidas, que as coisas velhas têm sido renovadas e que tudo está sendo levado à perfeição por aquele por meio de quem tudo se fez, teu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

Adaptado de “Coletas solenes”, Sexta-Feira Santa, LOC

PARA REFLETIR: Jo 3.1-15; 6.63; At 2.38-39; Rm 6.1-4; 2Co 5.17; Cl 1.15-20; 1Pe 1.3-5,23; 3.18-22; 2Pe 1.4; 1Jo 1.7; Jd 1.24-25

55

A Palavra de Deus é a Palavra que Deus *pronunciou, pronuncia e pronunciará* em meio aos homens. Independentemente de ser ouvida ou não, ela é, em si, direcionada a todo homem. É a obra da Palavra de Deus sobre os homens, para os homens e com os homens. A obra divina não é inaudível; de fato, ela soa em alta voz. Uma vez que somente Deus pode fazer o que faz, somente ele pode dizer em sua obra aquilo que diz.

E, uma vez que sua obra não é dividida, mas única (ainda que assuma diversas formas entre sua origem e sua realização), sua Palavra também é simples e única (ainda que revele exuberante riqueza). Ela não é ambígua, mas unívoca; não é obscura, mas clara. Em si mesma, porém, é facilmente inteligível tanto para o mais sábio quanto para o mais tolo.

[...] Não há liberdade a não ser mediante a Palavra de Deus, o Evangelho.

Karl Barth, *Introdução à teologia evangélica*, p. 18-19

Deus eterno, assim como ontem, hoje e para sempre, tua palavra é “viva e poderosa”,

“mais cortante que qualquer espada de dois gumes, penetrando entre a alma e o espírito, entre a junta e a medula, e trazendo à luz até os pensamentos e desejos mais íntimos”. Deus, ajuda-nos a rejeitar “todos os atos vergonhosos e métodos dissimulados”, para que não procuremos “enganar ninguém”, nem distorcer tua palavra. Em vez disso, que digamos “a verdade diante de Deus”, e que todos saibam disso; por meio de Cristo, nosso Senhor. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III;

PARA REFLETIR: Jo 5.24,30-47; 6.63; 8.31-33,41-43; 14.6; 15.1-11; 17.14-17; Rm 10.17; 1Co 2.1-16; **2Co 2.17; 4.2;** 5.14-21; 6.4-10; Ef 5.25-27; Cl 3.16; **Hb 4.12**

SADHU SUNDAR SINGH

(1889–1929)

Sadhu Sundar Singh foi um “santo” reverenciado por muita gente, na Índia e em outras partes do mundo, pelo modo simples e convidativo com que apresentava a fé cristã. Quando tinha 30 anos, seu nome e seu retrato se tornaram populares em boa parte da cristandade. Singh nasceu em 3 de setembro de 1889, no norte da Índia. Foi criado no siquismo, religião que combina elementos do islã e do hinduísmo.

Frequentou uma escola primária dirigida por missionários norte-americanos, onde as Escrituras eram lidas diariamente. No entanto, ele se recusava a participar dessas leituras. Embora as histórias sobre o amor de Deus fossem atraentes, Singh as considerava falsas.

Aos 14 anos, perdeu a mãe, o que lhe causou muita revolta. Chegou a queimar uma cópia dos evangelhos, mas sua infelicidade só aumentou.

Em dezembro de 1903, Singh pediu a Deus que se revelasse a ele. Logo seu quarto foi tomado por um clarão, e um homem lhe apareceu dizendo: “Por quanto tempo ainda me negará? Eu morri por você”

(*Sadhu Sundar Singh*). Sundar caiu de joelhos e experimentou paz e alegria exuberantes. A despeito da intensa oposição familiar, foi batizado em seu aniversário de 16 anos, em 1905.

Em outubro de 1906, vestindo um turbante e uma túnica alaranjada como um *sadhu* (um asceta hindu), Singh começou sua jornada como mensageiro cristão. Determinado a contar a todos sobre o amor de Deus, seguiu para o norte, em uma viagem na qual atravessou diversos países e sofreu perseguição religiosa; por fim, voltou para casa. As comunidades cristãs o chamavam de “apóstolo dos pés sangrentos”.

Por uma curta temporada, Singh estudou para a ordenação como sacerdote anglicano. Contudo, não conseguiu se adaptar nem se submeter aos requisitos vinculados à ordenação anglicana. Segundo ele, í

eram regras irrelevantes para o evangelho de que a Índia carecia. Para

que se difundisse no país, a Palavra deveria ser apresentada de forma adequada para os indianos.

56

Deus é amor e, em toda criatura, principalmente no homem, ele colocou a capacidade de amar. Assim, é certo que o Deus de Amor, que nos deu vida, propósito e amor, deve receber de volta esse tributo amoroso. Se a dádiva de Deus não for usada corretamente, se falharmos em amar, com todo o coração, a alma, a mente e a força, aquele que nos revestiu de amor, então o próprio amor deixará sua condição elevada e se tornará egoísmo. E o desastre virá sobre nós e sobre todas as criaturas de Deus. Pessoas egoístas, por incrível que pareça, se tornam assassinas de si mesmas.

Quando alguém ama a Deus e ao seu próximo como a si mesmo, e o

faz com todo o coração, a mente e a alma, não há espaço para dúvidas acerca de Deus. O reino de Deus, que não terá fim, se estabelece nessa pessoa. Moldada e amalgamada na chama do amor, ela é transformada à imagem do Pai celestial, como foi no início.

Sadhu Sundar Singh, *Aos pés do Mestre*, parte 1, seções 2, 4

Pai celestial, tu nos zeste à tua imagem e para ti mesmo. Quando estivermos ansiosos por algo que nada no mundo pode satisfazer, dá-nos sabedoria para ver que fomos feitos para outro mundo, teu reino eterno, e dá-nos ouvidos éis para ouvir a verdade de que “quem vence a batalha contra o mundo” é aquele que “crê que Jesus é o Filho de Deus”. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; 1João 5.5

PARA REFLETIR: Dt 6.5; Mt 7.11; Mc 12.29-31; Lc 10.27; Jo 6.50-71; 14.23-24; 15.12-14; Rm 1.18-32; 1Co 12.7-11; 1Pe 4.8,10; **1Jo 4.19; 5.5**

57

O espírito humano habita o corpo assim como o pintinho incubado habita sua casca. Se fosse possível dizer ao pintinho que aqui fora há um mundo imenso, cheio de frutas e ores, montanhas imponentes e rios, que sua mãe o aguarda sair e que tudo isso está à disposição dele, ele nada entenderia. Se alguém lhe dissesse que aquelas penugens ainda tão novas um dia seriam capazes de voar, ele não acreditaria. Nada lhe poderia provar a existência dessas coisas antes que ele deixasse a casca.

De maneira semelhante, muitas pessoas são incertas quanto à existência de Deus e à vida futura porque não conseguem ver para além do corpo de carne que lhes serve de casca. Seus pensamentos, como asas em formação, não podem levá-las para além de sua compreensão limitada. Fracos, seus olhos não podem ver os tesouros eternos e imperecíveis que Deus preparou para os que o amam. A condição para chegar à vida eterna é que, ainda habitando este corpo, devemos, por fé, receber do Espírito aquele calor vivi cante que o pintinho recebe de sua mãe enquanto ainda ocupa o ovo. Do contrário, seguiremos para a morte eterna.

Sadhu Sundar Singh, *Aos pés do Mestre*, parte 1, seções 2, 7

Nosso Pai misericordioso que estás no céu, “nós, os pecadores, não podemos ver tua glória sem tremor”; portanto, enquanto ainda estivermos neste corpo, concede-nos fé pelo Espírito Santo para que reconheçamos que tens tesouros eternos para todos os que te amam e que as coisas que podemos encontrar neste mundo nada são quando comparadas com a glória que nos revelarás por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor, a quem sejam a honra e a glória, juntamente contigo e com o Espírito Santo, agora e para sempre. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; Reginald Heber

(1783–1826), “Santo, Santo, Santo”, trad. de João Gomes da

Rocha (1861–1947), Hinário; Romanos 8.18

PARA REFLETIR: Sl 119.18; Is 63.4; 65.17; Mt 6.23; 13.15; Jo 3.19; 8.12; 14.26; Rm 8.18, 26-27; 1Co 2.9-11; 2Co 4.4; Gl 3.14; Ef 1.13-19; 4.17-24; 1Ts 5.4-7

58

O Mestre: Nunca se esqueça de que questões religiosas e espirituais relacionam-se menos com a cabeça e mais com o coração, que é o templo de Deus. Quando o coração está cheio da presença de Deus, o mesmo ocorre com a cabeça. A mente e o olhos do entendimento nada são sem a Verdadeira Luz, assim como nada são os olhos naturais sem a luz do dia. No escuro, alguém pode simular que uma corda é uma cobra, assim como o sábio deste mundo perverte as verdades espirituais e desorienta mentes ingênuas. Com efeito, ao seduzir Eva, Satanás não usou uma ovelha nem uma pomba, mas a serpente, o mais astuto dos animais. Por isso, Satanás toma o conhecimento do instruído e a sabedoria do sábio e os torna recursos úteis para seus propósitos. Não basta ser douto e esperto; é preciso também ter a

inocência da pomba.

Minha cruz e minha expiação estão para os crentes assim como a serpente de bronze estava para os israelitas: somente os que olharem para o alto com os olhos da fé serão salvos. Contudo, algumas pessoas se queixaram desse método salví co e acabaram perecendo.

Sadhu Sundar Singh, *Aos pés do Mestre*, parte 2, seção 2, subseções 1-2

Deus eterno, teu profeta anunciou o dia em que as pessoas ouviriam o que dizes e não entenderiam, veriam o que fazes e não compreenderiam; nós te rogamos que, em tua graça, dês a nós, que andamos na escuridão e vivemos na “terra de trevas”, “a verdadeira luz, que ilumina a todos”, a m de que contemplemos “a glória do Filho único do Pai”; por meio de Cristo, nosso Senhor. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; Isaías 9.2;

Mateus 13.14; João 1.9,14

PARA REFLETIR: Nm 21.9; Is 9.2; Mt 10.16; 13.13-14; Mc 4.15; Jo 1.9,14; 3.14-15; 9.39-41; At 26.15-18; 1Co 1.26-31; 4.5; 2Co 4.2; 11.14; Ef 4.18; Cl 2.8

59

A oração é, por assim dizer, respirar no Espírito Santo; assim Deus derrama seu Espírito na vida daqueles que oram para que se tornem

“almas viventes”. Essas pessoas nunca perecerão, pois o Espírito se derrama em seus pulmões espirituais e as enche de saúde, vigor e vida eterna. Deus, que é amor, concedeu a todos o que é necessário para a vida temporal e espiritual. Porém, embora ele ofereça salvação e seu próprio Espírito gratuitamente, muitos os tratam com leviandade, sem demonstrar nenhuma gratidão ao Criador. Por outro lado, têm em alta estima os presentes divinos que lhes chegam sob a forma de ouro, prata e joias preciosas, coisas que nunca poderão satisfazer a fome e a sede do coração.

É com tal insensatez que pessoas mundanas agem em relação às coisas espirituais. Apenas àquele que ora são oferecidas sabedoria verdadeira e vida eterna. A oração nos ensina a valorizar os dons espirituais concedidos por Deus, tão necessários para a vida quanto ar e água, luz e calor. Sem eles, é impossível viver plenamente.

Sadhu Sundar Singh, *Aos pés do Mestre*, parte 3, seções 1, 2

Ó eterno Deus de misericórdia e amor, cujo Espírito “nos ajuda em nossa fraqueza, pois não sabemos orar segundo a vontade de Deus, mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos que não podem ser expressos em palavras”, capacita-nos, por esse teu Santo Espírito, a orar como devemos, ó Senhor, com gratidão genuína, pois tu nos deste tudo de que precisamos para esta vida e, principalmente, toda a sabedoria que nos conduzirá para a vida eterna, por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; Romanos 8.26

PARA REFLETIR: Gn 2.7; Mc 1.35; Lc 3.21-22; 4.1,14,18; Jo 20.22; Rm 8.26-27; Ef 6.18; Fp 4.6; Cl 3.16; 1Tm 6.10; Hb 5.7; 13.5; Jd 1.20

60

A oração torna possíveis coisas que, sem ela, jamais existiriam. Deus realiza feitos que não apenas são contrários às regras e aos argumentos da sabedoria mundana, como são por ela considerados impossíveis. A limitada visão científica da realidade não reconhece que Deus, que pôs em ordem todas as coisas criadas e estabeleceu leis para elas, não pode ser prisioneiro dessas mesmas leis. Embora os caminhos do grande Legislador sejam inescrutáveis, sua vontade e seu propósito eternos agem livremente no sentido de abençoar todas as suas criaturas e fazê-las prosperar.

O maior dos milagres é a nova criação mediante o Espírito Santo. Para quem experimenta esse milagre, todos os outros são possíveis. Em regiões de clima muito frio, é comum ver, durante o inverno, pontes formadas por água congelada. A superfície dos rios se solidifica, embora a água sob ela continue seguindo seu curso. Habitantes de áreas tropicais podem achar isso impossível. Essa mesma diferença de perspectiva ocorre entre os que são nascidos do Espírito e cultivam sua vida espiritual mediante a oração e os que vivem segundo a sabedoria mundana, valorizando apenas coisas materiais.

O que é espiritual só pode ser discernido espiritualmente.

Sadhu Sundar Singh, *Aos pés do Mestre*, parte 3, seções 3, 9

Pai celestial, cujo apóstolo nos ensinou a não viver preocupados “com coisa alguma”, mas, em vez disso, a orar a ti pedindo aquilo de que precisamos e agradecendo pelo que já zeste, concede-nos sabedoria espiritual para conhecer e con antemente acreditar que “o que é impossível para as pessoas é possível para ti”, a fim de que encontremos “a paz que excede todo entendimento”, por meio de Cristo Jesus, nosso Senhor, que

reina eternamente contigo e com o Espírito Santo. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; Lucas 18.27;

Filipenses 4.6-7

PARA REFLETIR: Dt 32.39; 1Cr 29.11-12; Sl 103.19; Is 42.5-13; 43.11-21; 44.24-28; 45.7; **Lc 18.27**; Rm 9.21; **1Co 2.14**; 2Co 5.16-21; Ef 1.4; **Fp 2.13; 4.6-7**

61

Certa vez, enquanto viajava pelo Himalaia, vi algo que tornou o amor de Deus muito real para mim. Ao passar por um vilarejo tibetano, notei que havia um grupo de pessoas diante de uma árvore em chamas, e toda aquela gente olhava para cima, na direção dos galhos. Quando cheguei perto, descobri uma ave entre os galhos, voando ansiosamente ao redor de um ninho cheio de lhotes. A ave mãe queria salvar seus pequenos, mas não conseguia. No momento em que o fogo atingiu o ninho, as pessoas observaram afoitas o que ela faria. Ninguém podia subir na árvore, nem ajudá-la. Era evidente que ela poderia ter levantado voo e escapado com vida, mas, em vez disso, pousou no ninho e cobriu os lhotes com suas asas. O fogo a alcançou e a transformou em cinzas.

Aquela ave mostrou seu amor por seus lhotes dando a própria vida por eles. Então, se aquela pequena criatura tinha tamanho amor, o que dizer do amor de nosso Pai celestial por seus lhos? O Criador ama suas criaturas!

Sadhu Sundar Singh, citado em Friedrich Heiler, *O evangelho*

de Sadhu Sundar Singh, da trad. de Olive Wyon, p. 151

Deus todo-poderoso, teu amor pela raça humana ultrapassa nossa compreensão, pois,

“quando estávamos completamente desamparados”, tu enviaste “na hora certa” teu Filho para morrer “por nós, pecadores”, mostrando-nos teu “grande amor”. Que esse teu amor por nós seja conhecido em todo o mundo, por meio daquele que entregou a própria vida em nosso favor, Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; Romanos 5.6-8

PARA REFLETIR: Is 49.8-13; Os 11.1-4; Am 9.11-15; Mq 7.18-20; Sf

3.14-20; Mt 6.30-33; 23.27; Lc 12.4-7; Jo 3.16; 10.1-14; 15.13; **Rm 5.6-8**; 1Jo 3.16

TERESA BENEDITA DA CRUZ (EDITH STEIN) (1891–1942) Entre as muitas pessoas que o nazismo assassinou, estava uma brilhante filósofa e teóloga chamada Edith Stein, mais conhecida como Teresa Benedita da Cruz, da Ordem dos Carmelitas Descalços. Stein, mártir e santa da Igreja Católica Romana, nasceu em Breslau, na Alemanha (hoje Wrocław, na Polônia), filha de uma devota família judia. Aos 14 anos, porém, declarou-se ateia. Estudando na Universidade de Göttingen, tornou-se protegida do renomado fenomenologista Edmund Husserl.

Em 1916, obteve o doutorado em filosofia e passou a lecionar como monitora universitária, função que exerceu até 1922. Sua jornada na direção da fé cristã e da vida como freira começou com a leitura da autobiografia de Teresa d'Ávila, freira carmelita espanhola do século 16.

Outro fato que contribuiu para influenciá-la foi ter testemunhado o poder da cruz de Cristo na vida de uma amiga enlutada.

Edith foi batizada em 1922. Doze anos mais tarde, e assim como fez Teresa d'Ávila, tornou-se freira carmelita, assumindo o nome de Teresa Benedita da Cruz. O sobrenome passou a ser o mote de sua teologia.

Depois de uma temporada no Carmelo de Colônia (1934—1938), ela foi transferida, por questões de segurança, para um mosteiro carmelita em Echt, na Holanda. Mas, ao ocupar esse país em 1940, os nazistas aprisionaram todos os judeus holandeses convertidos ao cristianismo.

Teresa e sua irmã Rosa permaneceram sob proteção até 2 de agosto de 1942, quando foram presas e enviadas a Auschwitz, o famoso campo de extermínio mantido pelos alemães. Sete dias depois, elas morreram na câmara de gás.

Teresa da Cruz foi beatificada pelo papa João Paulo II em 1º de maio de 1987 e canonizada em 11 de outubro de 1998. “Agora nos curvamos diante do testemunho da vida e da morte de Edith Stein, notável filha de

Israel e, também, filha da Ordem Carmelita” (João Paulo II, citado em “Teresa Benedita”).

(O poder da cruz testemunhado na vida de uma viúva enlutada fez cair as barreiras da incredulidade em Teresa, para quem a cruz de Cristo abriu o caminho da solidariedade com os que sofrem.)

Há uma ciência da cruz; não estamos lidando com uma teoria, um corpo de proposições. Tampouco estamos lidando com uma estrutura de ideias de nidas de maneira razoável. Lidamos com uma verdade viva, real e e caz. Essa verdade está arraigada em nosso íntimo, como uma semente que cria raízes e cresce, deixando nela uma marca bem nítida em nossa alma, determinando o que fazemos e o que omitimos — e, ao resplandecer para fora de nós, é reconhecida justamente nisso: em atos e em omissões, uma ciência da cruz. Desse elemento vital e dessa força que ocupam os recônditos de nosso ser, surge uma perspectiva de vida, a imagem que fazemos de Deus e do mundo; assim, podemos expressá-la mediante nosso modo de pensar.

Teresa Benedita da Cruz, *A ciência da cruz*, p. 9-10

Senhor Deus Todo-poderoso, cujo Filho compreendeu que deveria ir até Jerusalém para, ali, morrer no madeiro a m de tirar o pecado do mundo, defende-nos contra teologias inócuas que sentimentalizam essa verdade viva, real e e caz; faz morar em nosso coração a realidade objetiva da cruz, para que glori quemos devidamente o santo nome de Jesus, o único nome “debaixo do céu, em toda a humanidade, por meio do qual devamos ser salvos”. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; João 1.29; Atos 4.12

PARA REFLETIR: Mt 10.37-38; 27.42; Jo 1.29; 19.16-37; At 4.12; 1Co 1.17-31; Gl 6.14; Ef 2.1-22; Fp 2.8; Cl 1.15-23; Hb 12.1-3

63

Esses são os sinais evidentes de que a natureza humana existe em condição de degeneração da qual resulta uma inabilidade para responder às verdades da fé de modo compatível com o valor que elas têm. Isso pode derivar de uma mente apática, de indiferença ordinária ou de desinteresse em relação a algumas impressões, motivado pelo hábito de insistir em ignorá-las.

Some-se a isso uma preocupação com questões próprias, uma preocupação que se recusa a focalizar qualquer outra coisa.

Mas, onde há fé genuína, vigorosa, a doutrina da fé e os “feitos

notáveis” dão substância à vida. Tudo o mais ca em segundo plano e é in uenciado pela fé. Isto é *realismo santo*: a íntima receptividade da alma renascida no Espírito Santo. Qualquer coisa com que a alma depare é recebida com a devida profundidade e encontra uma energia vivi cante, dinâmica e dócil, que, livre de inibições, se permite ser fácil e alegremente conduzida e moldada por aquilo que se recebeu.

Teresa Benedicta da Cruz, *A ciência da cruz*, p. 10-11

Pai celestial e misericordioso, tu nos ensinaste em tua Palavra que, na igreja ou fora dela, a espiritualidade morna e indiferente é abominação aos teus olhos; incita na alma do teu povo, mediante a habitação do Espírito Santo, uma fé genuína e vigorosa para que, sendo espiritualmente avivados, nós nos maravilhemos de novo, com grande alegria e gratidão, diante de teus feitos notáveis em nosso favor e para nossa salvação, por meio de Cristo, nosso Senhor, que reina contigo e com o Espírito Santo, agora e para sempre. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III

PARA REFLETIR: Sl 16.11; 32.11; 43.4; Is 35.10; Jo 15.11; 16.24; Rm 5.11; 8.1-4,26; 14.17; 15.13; Gl 5.22-23; Fp 4.4-8; Cl 1.11; 1Pe 1.8; Ap 3.16

64

Então, encontrei em mim mesma outro tipo de ser que não vem de mim, mas serve de amparo e alicerce para a criatura desamparada e desalicerçada que sou.

Há duas maneiras pelas quais posso reconhecer esse ser eterno como meu alicerce. Uma é mediante a fé, quando Deus se revela Criador e Sustentador e quando nosso Redentor diz: “Quem crê no Filho de Deus tem a vida eterna”. Assim, nessa declaração, encontro resposta para os enigmas do meu próprio ser. E quando Deus me diz, por meio do profeta, que é mais el a mim do que meu pai e minha mãe, que ele mesmo é o amor, então entendo quão “racional” é minha con ança no braço que me carrega e quão tolo é meu medo de ser vítima da futilidade — a menos que eu me aparte dessa custódia acolhedora.

Teresa Benedicta da Cruz, “Carregada por braço forte”,

em *Escritos essenciais*, p. 68

Ó Deus, nosso Criador, Redentor e Sustentador, que prometeste vida eterna a todo o que crer em teu Filho e garantiste que “nada, em toda a criação,

jamais poderá nos separar do amor de Deus revelado em Cristo Jesus, nosso Senhor”, concede-nos que, estando bem arraigados na “fé que, de uma vez por todas, foi dada ao povo santo”, encontremos a paz que o mundo não pode dar e a esperança que não nos frustra, pois o amor de Deus foi derramado em nosso coração por intermédio do Espírito Santo concedido a nós. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; Romanos 8.39;

Judas 1.3

PARA REFLETIR: Dt 1.31; Sl 18.1-6; 19.14; 28.7; 46.1; 68.19; Is 12.1-6; 25.1-4; 40.9,27-31; **Jo 3.36; Rm 5.5; 8.39;** 2Co 4.7-18; Ef 6.10-20; Fp 4.8-9; **Jd 1.3**

65

(Esta exortação, datada de 14 de setembro de 1939, foi ministrada às freiras carmelitas no mosteiro em Echt — onde Edith estava abrigada por questões de segurança — por ocasião da renovação anual dos votos dessas irmãs.)

Os seguidores do anticristo profanam as imagens da cruz e fazem todo o esforço para arrancá-la do coração dos cristãos. E, com muita frequência, têm sido bem-sucedidos. [...] Vocês se manterão éis ao Cruci cado? Pensem nisso com atenção! O mundo está em chamas, a

batalha entre Cristo e o anticristo foi declarada. A decisão por Cristo pode lhes custar a vida. Considerem cautelosamente a promessa que estão fazendo, pois é dirigida ao Senhor dos céus e da terra. Se não estiverem absolutamente resolutas quanto à intenção de cumpri-la, vocês cairão nas mãos do Deus vivo.

Cristo veio ao mundo não para fazer sua própria vontade, mas a vontade de seu Pai. Se pretendem ser a noiva do Cruci cado, devem renunciar totalmente aos próprios anseios e não desejar nada além de cumprir a vontade de Deus.

Teresa Benedita da Cruz, “Elevação da cruz”, em

A vida escondida, p. 131-132

Ó Deus, que com tua misericórdia amparas os desamparados, veste em nós tua armadura, para que permaneçamos “rmes contra as estratégias do diabo”, pois “não lutamos contra inimigos de carne e sangue, mas contra governantes e autoridades do mundo invisível, contra grandes poderes neste

mundo de trevas e contra espíritos malignos nas esferas celestiais”; assim, veste-nos de toda a tua armadura, para que resistamos “ao inimigo no tempo do mal” e, então, “depois da batalha”, continuemos

“de pé e rmes”, para tua honra e glória, Pai, Filho e Espírito Santo. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; Efésios 6.11-13

PARA REFLETIR: Mt 8.20; Lc 9.23-26; 14.25-33; 22.42; Jo 6.35-40; Rm 12.1-2; Ef **6.11-13**; Fp 1.21; 2.5-8; 3.18-19; 2Ts 2.3-4,16; 1Tm 4.10; 1Jo 2.22; 4.1-3

66

A obediência santa ata nossos pés e, assim, eles não seguem mais os próprios caminhos, mas os de Deus. Os lhos do mundo alegam ser livres quando não se sujeitam à vontade de outrem, quando ninguém os impede de satisfazer seus desejos e inclinações. Em nome desse sonho de liberdade, envolvem-se em batalhas sangrentas e sacri cam a própria existência. Os lhos de Deus veem a liberdade sob outra perspectiva.

Querem seguir o Espírito de Deus de maneira desimpedida e sabem que os maiores impedimentos não vêm de fora, mas habitam dentro de nós.

A razão e a vontade humanas, cujo anseio é serem senhoras de si, não se reconhecem suscetíveis à in uência de suas inclinações naturais e ao risco de serem por estas escravizadas. Não há melhor maneira de ser liberto dessa escravidão e estar aberto à orientação do Espírito do que mediante obediência santa.

Teresa Benedita da Cruz, “O casamento do Cordeiro”, em

A vida escondida, p. 138-139

Deus eterno e todo-poderoso, que vês os lhos do mundo tomarem por liberdade o que na verdade é escravidão e seguirem “indiscriminadamente os recursos e desejos de seu próprio coração”, concede que teus lhos adotivos, uma vez iluminados e transformados por teu Santo Espírito, a rmem com coração sincero aquilo que o apóstolo Paulo escreveu: “antes [éramos] escravos do pecado, mas agora [obedecemos]

de todo coração a este ensino que [nos] é transmitido”. Faz assim em nome de Cristo, nosso Senhor e Salvador. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III;

“Confissão do pecado”, Oração vespertina diária:

rito 1, LOC; Romanos 6.17

PARA REFLETIR: Jo 8.32; 15.1-8; **Rm 6.12-14, 17**; 8.1-4; 14.13—15.6; 1Co 10.23-33; Gl 5.1,13-15; 2Tm 1.7; Tg 1.22-25; 1Pe 2.16

REINHOLD NIEBUHR

(1892–1971)

Uma lista de teólogos que tiveram signi cativo impacto público na história norte-americana precisa incluir Reinhold Niebuhr (cujo irmão mais novo, H. Richard Niebuhr, especialista em ética e professor na Yale Divinity School, teve in uência praticamente semelhante). Niebuhr viveu e atuou numa época em que teólogos e membros do clero ainda dominavam a atenção pública. Foi capa da edição comemorativa de 50

anos da revista *Time*, publicada em 8 de março de 1948.

Criativo em sua atuação em teologia e ética, Niebuhr examinou a fé cristã sob a ótica das questões morais e políticas de nidoras de seu tempo. Por mais de trinta anos, lecionou no Union Theological Seminary, em Nova York, onde mentoreou gerações de sacerdotes e professores de teologia. Em sua condição de proeminência, deu conselhos à nação norte-americana e ao mundo como um todo.

Niebuhr é conhecido por sua doutrina do realismo cristão, uma abordagem da ética cristã que busca equilibrar as reivindicações do evangelho com fatores que estão no cerne de problemas geopolíticos, morais e econômicos. Esse realismo, aperfeiçoado durante o período em que Niebuhr trabalhou como pastor em Detroit e como professor de seminário, o tornou in uente na igreja e no debate público. Parte dessa abordagem por ele defendida consistia em um lúcido reconhecimento de como o pecado original assola as relações humanas.

Niebuhr nasceu em Wright City, Missouri, em um lar de imigrantes alemães. Seu pai, Gustav, era pastor evangélico. Como a família falava alemão em casa e na igreja, não foi fácil para os lhos estudar nas escolas norte-americanas. Em 1913, Reinhold ingressou na Yale Divinity School. Depois da graduação, tornou-se pastor de uma congregação composta por famílias de classe operária em Detroit e

começou a

relacionar a fé cristã aos desafios sociais, econômicos e políticos enfrentados no cenário industrial dos Estados Unidos. Como pastor em Detroit, preocupou-se particularmente com a condição dos funcionários das fábricas de automóveis de Henry Ford.

67

[A doutrina cristã do pecado original] fornece uma importante contribuição para toda razoável teoria social e política. A ausência dessa doutrina privou de bom senso as teorias convencionais, visto que essa doutrina enfoca uma realidade atestada em todas as páginas da história humana. Por meio da doutrina do pecado original é possível entender que não há amplitude de perspectiva que a mente humana possa alcançar, não há largura de lealdade que a imaginação humana possa conceber, não há universalidade coletiva que a política humana possa organizar, e não há pureza a que os idealistas mais virtuosos possam aspirar, em m, não há grau de conquista humana moral ou social que não implique algum tipo de desvio associado à autovalorização e ao amor-próprio.

Essa sincera e objetiva noção da condição humana foi habilmente rejeitada pela cultura moderna; daí terem sido criados tantos planos fúteis e presunçosos para resolver o conflito entre o indivíduo e a coletividade e entre as comunidades nacional e mundial.

Reinhold Niebuhr, *Os filhos da luz e os filhos das trevas*, p. 16-17

Deus eterno e todo-poderoso, tu vês, com muito mais clareza que nós, que “de dentro, do coração da pessoa, vêm maus pensamentos, imoralidade sexual, roubo, homicídio, adultério, cobiça, perversidade, engano, paixões carnis, inveja, calúnias, orgulho e insensatez”, pois toda a raça humana é nascida de Adão. Concede-nos compreender a verdade de nossa inerente condição de escravos do pecado, para que não continuemos incompreensíveis para nós mesmos e para que não busquemos libertação em ninguém além de nosso Salvador Jesus Cristo, pois “como todos morremos em Adão, todos que são de Cristo receberão nova vida”. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III;

Marcos 7.21-23; 1Coríntios 15.22

PARA REFLETIR: Gn 3.1-19; Sl 14.2-3; 51.5; Ec 7.29; Jr 17.9; **Mc 7.21-22**; Rm 3.10-18; 5.12-14; 7.14; 8.7; **1Co 15.22**; Ef 2.1-3; 1Pe 1.18-19; 1Jo 1.8-10

Somente uma consciência que transcende o tempo pode de nir e circunscrever o uxo do tempo. A pessoa que busca signi cado e satisfação para além dos feitos históricos equivocados e frustrantes dispõe de uma estatura espiritual que nenhum processo histórico pode abranger completamente. [...] Havendo esse nível de consciência, um novo tipo de riqueza e maior possibilidade de justiça tornam-se acessíveis à comunidade. Mas tal estatura vem abaixo quando, em nome da paz e da ordem, a comunidade tenta eliminar prematuramente o pináculo da individualidade. A correta relação entre o indivíduo e a comunidade não pode ser alcançada se esse grau de consciência não estiver atrelado ao discernimento acerca da fonte soberana e do propósito para o qual tanto um quanto a outra existem, e se não atender aos limites xados contra a autoexaltação idólatra de ambos.

Reinhold Niebuhr, *Os filhos da luz e os filhos das trevas*, p. 84-85

Pai todo-poderoso que estás no céu, tu sabes que teus lhos vivem em um mundo confuso e idólatra onde não houve, não há e nunca haverá sentido e satisfação duradouros; livra-nos, portanto, do pecado da autoexaltação e dá-nos sabedoria espiritual para olhar além das realidades passadas, presentes e futuras deste mundo para buscar tua vontade soberana para nossa vida individual e comunitária, a m de que encontremos paz, sentido e satisfação abundantes por meio daquele que nos redimiu e que nos sustentará até o m dos tempos, Jesus Cristo, nosso Senhor.

Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III

PARA REFLETIR: Sl 37.27-29; Pv 24.24-25; Is 1.10-20; 30.18; Am 4.1-8; 5.19-24; 6.4-7; 9.5-15; Mq 6.6-8; Zc 7.8-10; Mt 5.1-26; Tg 2.1-13; 3.13—4.10; 5.1-20

A doutrina cristã do pecado original atesta o evidente fato de que os seres humanos são obstinadamente inclinados a pôr-se em primeiro lugar e assiduamente diligentes em cuidar dos próprios interesses em vez de a rmar alguma noção “objetiva” acerca de sua importância. Em suas diversas formas, a cultura moderna assegura que, se os homens pudessem ser objetivos e despretensiosos o bastante para reconhecer a injustiça de seu egocentrismo, também poderiam, a tempo, trocar a objetividade de seu juízo enquanto observadores da realidade humana

pelo juízo enquanto atores e agentes da história humana. Essa é uma ideia absurda que todo estadista ou homem de negócios sabe ignorar, pois, em seu cotidiano, encontra ambições e paixões que refutam a moderna e reinante teoria de que homens e nações são potencialmente inocentes.

Reinhold Niebuhr, *A ironia da história americana*, p. 17

Senhor Deus todo-poderoso, tu sabes e nos ensinas em tua Palavra que “todos pecaram e não alcançam o padrão” de tua glória; em tua misericórdia, ó Senhor, livra-nos da cegueira espiritual e abre-nos os olhos para que enxerguemos a patente verdade de que toda a raça humana sofre os efeitos do pecado que lhe é intrínseco e que resulta em ambições e paixões ególatras, a m de que, em contrição e arrependimento, nos voltemos para tua misericórdia e perdão e encontremos a novidade de vida que só tu podes dar, por meio de Cristo Jesus, nosso Senhor. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; Romanos 3.23

PARA REFLETIR: Dt 27.19; Pv 6.16-19; 10.9; 16.18; 28.5; Is 44.24-26a; 66.2; Jr 17.9; **Rm 3.22-23**; 12.1-21; Gl 5.16-26; 6.7-8; Cl 3.12; 1Pe 5.6; Ap 13.1-18

70

Nem a vida nem a história dão margem a consonâncias simplórias, as quais são erroneamente acolhidas como pressuposições do culto à felicidade. Existe a possibilidade de amenizar as incongruências da vida.

[...] Mas nenhum desses esforços pode sobrepujar o aspecto fragmentário da existência humana. A de nitiva sabedoria de vida não implica a revogação das incongruências, mas sim o alcance da serenidade dentro delas e sobre elas.

Nada cuja execução valha a pena pode ser realizado nesta vida; portanto, devemos ser salvos pela esperança. Nada que seja verdadeiro, belo ou bom se mostra completamente tangível no contexto histórico imediato; portanto, devemos ser salvos pela fé. Nada do que fazemos pode ser realizado sem a contribuição de outra pessoa, mesmo que haja virtude em nossos feitos; portanto, devemos ser salvos pelo amor. Aos olhos de nossos amigos e adversários, nenhum de nossos atos é tão virtuoso quanto é aos nossos olhos; portanto, devemos ser salvos pela manifestação absoluta do amor, que é o perdão.

Querido Deus de amor e misericórdia, em quem somente encontramos vida plena e longe de quem nada podemos fazer a não ser lutar inutilmente para vencer as incongruências que nos têm assolado no decorrer da história, concede a nós, pecadores, três coisas de que necessitamos: “a fé, a esperança e o amor”, sendo o amor “a maior delas”, para que sejamos salvos por tua misericórdia e amor, para esta vida e para a vida vindoura, por meio do Salvador do mundo, Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; 1Coríntios 13.13

PARA REFLETIR: Dt 31.6; Sl 46.10; Is 40.27-31; Jo 13.34-35; **15.5**; Rm 5.2-5; 12.9,13; **1Co 13.1-13**; Gl 2.20; 5.22; Ef 2.8; 6.10-18; Cl 3.14; Hb 11.1-6; 1Jo 4.16

71

A cruz é central para a religião cristã, pois simboliza uma verdade igualmente cósmica e histórica. O amor vence o mundo, mas essa vitória não é nada fácil. O preço de toda criação e de toda redenção é o sofrimento. Muitos dos religiosos da modernidade que entendem o Deus Criador, mas não o Deus Redentor, fracassam em compreender este segundo justamente por não notar quão relacionadas estão a criação e a redenção. [...] Eles não percebem que a criação é um processo doloroso no qual, antes de dar lugar ao novo, o velho tenta suplantá-lo.

A cruz de Jesus é, de fato, o que mais adequadamente simboliza a estratégia e o destino do amor, não somente na história, mas também no universo. Podemos assegurar que a cruz é o único e legítimo símbolo das verdades eternas, o qual não pode ser sacri cado.

Reinhold Niebuhr, *Folhas do caderno de*

um cínico domesticado, p. 123

Pai de compaixão, as “mãos carão fracas” e os “joelhos, frouxos como água”, mas, ainda assim, homens e mulheres inconsequentes, tanto dentro quanto fora da igreja, não reconhecem seu estado “infeliz, miserável, pobre”, não sabem de sua cegueira nem de sua nudez; concede, então, que atentemos à voz de Cristo e nela acreditemos, pois ele a rma que “as pessoas sábias não precisam de médico, mas sim os doentes”, e que não veio “chamar os justos, mas sim os pecadores”. Assim, “nós nos orgulharemos de nossas fraquezas, para que o poder de Deus opere por nosso intermédio”. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; Ezequiel 7.17;

Mateus 9.12; Marcos 2.17; 2Coríntios 12.9; Apocalipse 3.17

PARA REFLETIR: Ez 7.17; Mt 5.1-12; 9.12; Mc 2.15-17; 15.33-39; Lc 1.26-56; 5.27-32; 7.36-50; 9.46-48; 14.15-24; 15.1-2; 16.19-31; 19.1-10; 1Co 1.26-31; 2Co 12.9; Tg 2.5-7; Ap 3.17

CORRIE TEN BOOM

(1892–1983)

Das terríveis atrocidades cometidas pelo nazismo, emergiram histórias imortais de fé e sacrifício corajosos protagonizadas por judeus e outros alvos de extermínio. Nenhuma dessas histórias é mais fascinante que a de Corrie ten Boom e sua família, que, para proteger judeus, despenderam esforços ousados e custosos.

Cornelia “Corrie” ten Boom nasceu em Amsterdam e cresceu numa cidade próxima, Haarlem. Teve duas irmãs: Betsie, que morreu em 1944, e Nollie, falecida em 1953. Antes da Segunda Guerra Mundial, seus pais dirigiam uma loja de joias no bairro judeu de Amsterdam. A família, ligada à Igreja Reformada Holandesa, fez amizade com muitos judeus, que a convidavam a participar de cerimônias de *shabat* e outras comemorações judaicas.

Quando os nazistas invadiram a Holanda em maio de 1940, Corrie tinha 48 anos, era solteira e trabalhava como relojoeira na loja do pai.

Pouco a pouco, ela se envolveu em atividades clandestinas por meio das quais encontrou, no interior do país, refúgios temporários para judeus.

A notícia se espalhou entre os refugiados, e cada vez mais gente passou a procurar seu auxílio. Corrie, então, acabou construindo uma parede falsa em seu quarto — o “lugar secreto” —, atrás da qual escondia foragidos. Não demorou muito para que sua casa sediasse uma organização clandestina que atuava em todo o território holandês.

Corrie começou a administrar cartões de vale-ração roubados mensalmente para alimentar os judeus. Essa atividade extremamente arriscada de certo levantaria suspeitas.

Um dia, um homem entrou na loja da família de Corrie e disse que sua esposa fora presa por abrigar judeus e que precisava de dinheiro para

subornar o policial que a prendera. Esse homem acabou por se revelar um informante do partido nazista. Naquele dia, a casa de Corrie foi metralhada, e a família foi rendida e aprisionada. Dez dias depois, seu pai morreu de uma enfermidade. Corrie e Betsie foram transferidas para o campo de concentração de Ravensbrück, na Alemanha, ao qual Corrie sobreviveu, mas sua irmã não.

72

(Depois de quatro dias excruciantes em setembro de 1944, o trem que conduzia prisioneiras de Scheveningen, na Holanda, chegou a Ravensbrück, famoso campo de extermínio alemão. Corrie e Betsie haviam conseguido levar, escondida, sua preciosa Bíblia para aquele lugar desprezível.

Elas foram instaladas na caserna 28, projetada para abrigar 400 pessoas, mas, à época, ocupada por 1.400 mulheres de origens diversas. Diariamente, depois do trabalho exaustivo e de uma concha de sopa de nabo, Corrie e Betsie davam um jeito de car em uma sala ao fundo da caserna e fazer um período de louvor sob a luz de uma minúscula lâmpada. O número de prisioneiras que se juntavam a elas aumentava a cada dia.)

Os cultos na caserna 28 eram muito singulares. Os encontros podiam incluir um recital do *Magni cat* em latim conduzido por um grupo de católicas romanas, um hino sussurrado por algumas luteranas e um cântico *sotto voce* entoado por ortodoxas ocidentais. A cada vez, o ajuntamento à nossa volta se expandia, ocupando as plataformas mais próximas e espremendo-se pelos cantos, até que a estrutura do local gemia e balançava.

Por m, Betsie e eu abríamos a Bíblia. Como somente as holandesas entendiam o texto holandês, tínhamos de traduzi-lo em voz alta para o alemão. Então, ouvíamos aquelas palavras de vida se propagarem pelos corredores pronunciadas em alemão, polonês, russo, tcheco e novamente em holandês.

Corrie ten Boom, *O refúgio secreto*, p. 212-213

Deus misericordioso, tua Santa Palavra é como luz em um mundo obscurecido pelo pecado e pela crueldade, e em tua presença há uma esperança viva que tudo suporta até o m, pois alguns de nós estávamos “sentados na escuridão e em trevas profundas, presos com as algemas de ferro do sofrimento”, mas tu nos tiraste dessa escuridão e quebraste nossas algemas, por meio de Cristo, nosso Senhor. Amém.

PARA REFLETIR: Sl 107.10,14; Dn 3.1-30; 6.1-28; Mt 5.10-11; At 5.12-26; 6.8-15; 12.1-17; 14.21-22; 16.25-34; 1Co 4.7-12; 6.1-10; Fp 1.12-14

73

A cada noite, sob a pequena lâmpada, nossos cultos eram singelas amostras do céu. Eu pensava em Haarlem e em cada uma de suas igrejas grandiosas, ocultas atrás de grades de ferro forjado e uma grande barreira doutrinária. E então eu reconhecia, mais uma vez, que é na escuridão que a verdade de Deus brilha com maior clareza.

De início, Betsie e eu nos sentíamos constrangidas ao convidar outras mulheres para aquelas reuniões. Mas, como noite após noite os guardas nem sequer se aproximavam de onde estávamos, fomos ganhando ousadia. Acabou que havia tanta gente interessada em se juntar a nós que inauguramos um segundo culto, depois da chamada noturna, quando veri cavam nossa presença. Ali, na *Lagerstrasse* [“rua do campo”, termo usado para nomear a principal via em um campo de concentração alemão], cávamos sob severa vigilância, os guardas marchando de um lado para outro com suas boinas de lã. O mesmo ocorria na sala central das casernas: sempre havia meia dúzia de vigilantes do campo ou soldados nazistas. Contudo, o grande dormitório quase nunca era supervisionado, e não entendíamos por quê.

Corrie ten Boom, *O refúgio secreto*, p. 213

Pai misericordioso que estás no céu, “nem mesmo na escuridão” podemos nos

“esconder de ti”, pois “para ti, a noite é tão clara como o dia; escuridão e luz são a mesma coisa”. Concede-nos a fé ousada daqueles teus lhos que, neste mundo caído, sofreram por teu nome, mas tudo suportaram para tua honra e glória. Ajuda-nos a conhecer o que eles conheciam e a acreditar naquilo em que eles acreditavam, pois

“nosso sofrimento de agora não é nada comparado com a glória” que nos será revelada por meio de Cristo, nosso Senhor e Salvador. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; Salmos 139.12;

Romanos 8.18

PARA REFLETIR: Sl 108.13; **139.12**; 150.1-6; Jo 1.5; 8.12; 16.13; Rm **8.18**; 1Co 15.57; 2Co 3.17; 12.9-10; Tg 1.12-14; Ap 3.7-13; 22.12-21

74

Prezado senhor,

Hoje quei sabendo que, muito provavelmente, foi você quem me traiu. Passei dez meses no campo de concentração. Meu pai morreu depois de passar nove dias preso. Minha irmã morreu na prisão.

Deus transformou em bem o mal que você planejou contra mim, pois isso me levou para mais perto dele. Uma dura punição aguarda você.

Tenho orado em seu favor, para que o Senhor o aceite caso venha a se arrepender. Pense que, ao pender na cruz, o Senhor Jesus também levou consigo os pecados que você cometeu. Se admitir isso e desejar tornar-se lho de Deus, você será salvo por toda a eternidade.

Eu o perdoo de tudo o que fez. Deus fará o mesmo, se assim você lhe pedir. Ele o ama. Ele o ama e enviou o próprio Filho à terra para redimir seus pecados, os quais, por natureza, seriam motivo de sofrida punição, como seria para mim. De sua parte, você deve responder a esse ato divino. Se ele lhe diz: “Venha a mim e dá-me seu coração”, sua resposta deve ser: “Sim, Senhor, eu irei, torna-me teu lho”.

Corrie ten Boom, *Cartas da prisão*, p. 81

Pai celestial, tu nos ensinaste a perdoar os outros como tu mesmo nos perdoaste, para que, então, nós nos achegássemos a ti. Afasta-nos do ódio que destrói nossa alma. Vem a nós, teus lhos, e enche-nos do amor que precisamos ter, como tu ordenas, para que nosso testemunho atraia outros ao arrependimento de que tanto necessitam para apresentar-se inculpáveis no dia do teu justo julgamento, pelos méritos de Jesus Cristo. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III

PARA REFLETIR: Gn 33.1-14; **50.15-21**; Sl 103.10-14; 130.3; Mt 6.12,14-15; 18.21-22; Mc 11.25; Lc 6.27; 15.25-32; 17.3-4; Rm 12.14-21; Ef 4.32

GEORGES FLOROVSKY

(1893–1979)

À Revolução Comunista de 1917 sucedeu-se a emigração de intelectuais russos para a Europa Ocidental e a América do Norte. Nesse processo, os emigrantes preservaram e ampliaram sua herança cultural. Entre eles estavam o teólogo e filósofo político Nikolai Berdyaev e o filósofo Nikolay Lossky. Outro desses emigrantes foi o clérigo russo Georges Florovsky, um dos mais importantes líderes ortodoxos do século 20.

Nascido na cidade de Odessa, na Ucrânia, foi o quarto filho de um sacerdote da Igreja Ortodoxa Russa. A riqueza intelectual dos ambientes que Florovsky frequentava durante os anos escolares era tanta que ele aprendeu inglês, alemão, francês, latim, grego e hebraico. Aos 18 anos, começou a estudar filosofia e história. Em 1919, depois de obter uma *licentia docendi* que lhe possibilitou lecionar em escolas de ensino superior russas, tornou-se professor na Universidade de Odessa. Por causa da intolerância para com dissidentes do movimento comunista, a família de Florovsky fugiu da Rússia em 1920. Foi em Paris (1920–1949) e nos Estados Unidos (1949–1979) que Florovsky exerceu o restante de sua vida profissional.

Em 1925, foi indicado ao cargo de professor de patrística no Instituto Teológico Ortodoxo de São Sérgio, em Paris. Segundo Florovsky, os pais da igreja modelaram a teologia e a exegese ortodoxas. Em 1932, foi ordenado padre da Igreja Ortodoxa. Na mesma década, escreveu sua obra mais relevante, *Caminhos da teologia russa*.

Florovsky foi um dos pioneiros do movimento ecumênico moderno.

Contudo, acreditava que a teologia ortodoxa havia sido afetada negativamente por influências ocidentais, como o escolasticismo, o pietismo e o idealismo. Em sua visão, tais desvios poderiam ser corrigidos mediante observação atenta dos pais da igreja. Em 1949,

Florovsky mudou-se para Nova York, onde assumiu a reitoria do Seminário Teológico Ortodoxo de São Vladimir, cargo em que se manteve até 1955. Depois, deu aulas na Harvard Divinity School (1956–

1964) e na Universidade de Princeton (1964–1972). Faleceu em Princeton, Nova Jersey, em 1979.

A catolicidade da igreja não é um conceito quantitativo nem geográfico; ela não depende de quão amplamente os fiéis estejam dispersos pelo mundo. A universalidade da igreja é consequência ou manifestação,

não causa ou fundamento, de sua catolicidade. A extensão da igreja pelo mundo é apenas um sinal externo, não um fator absolutamente mandatário. A igreja já era católica mesmo quando as comunidades cristãs não passavam de ilhas esparsas em um mar de incredulidade e paganismo. Catolicidade significa, em primeiro lugar, a integridade e a integralidade da vida interior da igreja. Descreve sua verdadeira essência, e não suas manifestações exteriores. Catolicidade se refere à ortodoxia eclesial, à verdade da “Grande Igreja”, em oposição ao espírito de separatismo e particularismo.

Georges Florovsky, “A qualidade intrínseca da catolicidade”,
em “A catolicidade da igreja”

Deus todo-poderoso, cuja igreja começou em uma pequena província do Império Romano e se espalhou para todos os cantos da terra, concede-nos reconhecer que o único fundamento da igreja, Jesus Cristo, nosso Senhor, é o que lhe dá real universalidade e abrangência, de modo que todos os povos da terra encontrem nela um lugar de refúgio e acolhimento por meio daquele que derramou o próprio sangue em seu favor, o mesmo Jesus Cristo, nosso Senhor, que reina eternamente contigo e com o Espírito Santo. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III

PARA REFLETIR: Jo 17.20-26; Rm 12.3-8; 1Co 10.17; Ef 1.22-23; 2.19-22; 4.11-16; Cl 1.15-23; 3.11; Ap 1.9-20

76

A catolicidade da igreja tem dois lados. Em termos objetivos, ela denota uma unidade do Espírito. O Espírito de amor e paz não apenas une os indivíduos, mas também se torna, em cada alma, fonte de paz interior e integridade. Em termos subjetivos, significa que a igreja é uma unidade de vida, uma irmandade ou comunhão, uma união de amor. A novidade do mandamento cristão relativo ao amor é que devemos amar nosso próximo como a *nós mesmos*. Isso é mais que equipará-lo conosco; significa que nos vemos nele. O amor cristão vê em nossos irmãos o

“próprio Cristo”. Todo cristão é convocado a ser católico. Devemos

“rejeitar a nós mesmos” para participar da catolicidade da igreja.

Essa rejeição não implica que a personalidade deva se dissolver na multidão. Pelo contrário, a abnegação amplia o escopo de nossa

personalidade; na autonegação, conservamos a multidão dentro de nós.

Georges Florovsky, “A transfiguração da personalidade”,
em “A catolicidade da igreja”

Pai celestial e eterno, teu Filho nos ensinou que, se alguém “tentar se apegar à sua vida, a perderá”; mas, “se abrir mão de sua vida” por causa do próprio Filho “e por causa das boas-novas, a salvará”. Perdoa, assim, nosso egocentrismo e transforma nosso coração individualista, para que a cada dia reitamos mais e mais o amor de nosso Salvador, que não veio para ser servido, “mas para servir e dar sua vida em resgate por muitos”; por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; Marcos 8.35; 10.45

PARA REFLETIR: Mc 8.35; 10.42-45; Lc 22.26-27; Rm 12.3-21; 13.8—15.13; 1Co 12.13,25; Gl 5.13; 6.2; Ef 5.25; Fp 2.5-11; 1Ts 5.11; 1Pe 2.21; 4.10

77

Cristo pertence à igreja como seu Cabeça, e não apenas como Senhor ou Mestre. Ele não está acima nem fora da igreja. A igreja está *nele*. A igreja não é meramente uma comunidade de pessoas que creem em Cristo e andam segundo seus mandamentos. É uma comunidade de gente que habita nele. Os cristãos são separados, “nascidos de novo” e recriados; a eles é dado não apenas um novo padrão de vida, mas também um novo princípio: a nova Vida no Senhor por meio do Espírito.

A comunidade cristã, a *ekklesía*, é uma *comunidade sacramental*, uma “comunhão nas coisas santas”. [...] A unidade da igreja se efetiva mediante os sacramentos: o Batismo e a Eucaristia são os dois

“sacramentos sociais”, nos quais se revela e se realiza o real significado do “ajuntamento” cristão. É apenas pelos sacramentos que a comunidade cristã ultrapassa a condição puramente humana e se torna a igreja.

Georges Florovsky, “A nova realidade”,
em “A igreja: natureza e tarefa”

Deus eterno e todo-poderoso, teus filhos são nascidos da carne de Adão, e

“aqueles que ainda estão sob o domínio de sua natureza humana não podem agradar” a ti; nós, porém, não somos “controlados pela natureza humana, mas pelo Espírito”, e “quem não tem o Espírito de Cristo, a ele não pertence”. Ouve nossa prece de gratidão por nos teres dado novo nascimento, pois somos nova criatura em Cristo, em tua santa igreja, adorando a ti incessantemente, por meio do próprio Jesus Cristo, nosso Senhor, que reina eternamente contigo e com o Espírito Santo. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; Romanos 8.8-9

PARA REFLETIR: Mt 26.17-29; 28.19; Mc 14.12-25; Lc 22.1-20; 24.30-32; Jo 6.32-35,50-58; 7.37-39; **Rm 6.1-4; 8.7-9;** 1Co 5.7; 10.16-17; **2Co 5.17;** 11.23-26; Cl 2.12

78

Na natureza, Deus se manifesta como o Criador. Mas, naquilo que sobrepuja a natureza, Deus é revelado como aquele que falou. Ele é revelado na Palavra, e só a palavra dele consiste em revelação, no sentido exato do termo. Deus criou o homem à sua imagem e semelhança, a fim de que o homem escutasse sua Voz e Palavra, desse ouvidos a elas e as apreciasse, recordasse e preservasse. Quando tratamos da revelação, referimo-nos apenas à Palavra de Deus por nós ouvida. As Escrituras Sagradas são o registro escrito da revelação ouvida por seus autores. Deus deu a eles força, mediante o derramar de seu Espírito Santo.

Não podemos entender de todo como “os santos de Deus” ouviram a

Palavra do Senhor e como a repetiram em sua própria língua. Mas, ainda que fosse transmitida de uma pessoa para outra, o que se ouvia era a Voz de Deus, a Voz do Espírito Santo. [...] Nisso reside o milagre e o mistério da Bíblia, que é a Palavra de Deus e, também, a Palavra do Espírito em *língua humana*.

Georges Florovsky, “A obra do Espírito Santo na revelação”

Ó Deus, nosso Pai eterno e celestial, tu nos ensinaste em tua Palavra que somos

“salvos pela graça, por meio da fé”, e que isso não vem de nós; antes, é uma dádiva tua. Concede-nos que, regenerados e feitos teus Ihos por adoção e graça, sejamos cada dia mais gratos por tua dádiva, mais ousados em oração e com os olhos mais aguçados na fé, a fim de que contemplemos tua glória no mundo, revelada para nós em Jesus Cristo, que reina eternamente contigo e com o Espírito Santo. Amém.

PARA REFLETIR: Jo 1.1-18,41; 3.15-16,19-21,36; 4.14,23-25; 5.19,21,43; 6.32-33,51-63; 8.12,26,28,32,54,58; 10.7,33; 11.25; 12.28,32; 14.6,9; Ef 2.8; Hb 1.1-2

79

À igreja cabe o testemunho da nova vida, revelada em Cristo Jesus. [...]

E ela o faz por palavras e obras. A verdadeira proclamação do evangelho corresponde precisamente à prática dessa nova vida.

A igreja é mais que um conjunto de pregadores, uma associação de ensino ou um comitê missionário. Ela não deve apenas convidar as pessoas, mas também introduzi-las nessa nova vida, da qual é testemunha. Sua atividade missionária não é apenas comunicar convicções ou ideias ou impor uma regra de vida, mas apresentar às pessoas a nova realidade, convertê-las, trazê-las a Cristo por meio da fé e do arrependimento, para que renasçam nele e para ele, pela água e pelo Espírito.

A igreja está no mundo para que este seja salvo. Por isso, ela deve renunciar a “este” mundo. [...] A igreja tem a incumbência de testemunhar o “totalitário” chamado de Deus.

Georges Florovsky, “A nova criação”,

em “A igreja: natureza e tarefa”

Deus de misericórdia e amor ilimitados, que desejas que todos os homens e mulheres do mundo nasçam novamente em Cristo, concede que o povo de tua igreja seja inspirado pelo poder do teu Santo Espírito para pregar e ensinar teu evangelho, e para testemunhar, mediante palavras e obras, o soberano chamado que dirigiste a nós, a m de que povos de todos os lugares e circunstâncias sejam levados ao arrependimento e à fé no Salvador, que deu a própria vida para salvá-los. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III

PARA REFLETIR: Mt 5.14-16; 28.19-20; Jo 3.16-17; 15.5; Rm 10.14-15; 12.2; 1Co 15.20-28; 2Co 5.17,20-21; Ef 2.10; Fp 1.5; Cl 1.16-20; 1Pe 1.14-16

Seguindo os Santos Pais. [...] Isso não é uma referência a alguma tradição abstrata, a fórmulas e proposições. É, em primeiro lugar, um apelo às pessoas, às *testemunhas santas*. O testemunho dos Pais é intrínseco à estrutura da fé ortodoxa. A igreja é igualmente comprometida com o

“querigma” [proclamação] dos Apóstolos e com os “dogmas” [doutrinas]

dos Pais. Esses dois compromissos são inseparáveis. A igreja é

“apostólica”, mas também é “patrística”. Apenas quando atende à segunda condição é que ela pode atender consistentemente à primeira.

Os Pais testificam a apostolicidade da tradição. A proclamação da fé cristã tem dois estágios básicos. Nossa fé elementar teve de ganhar corpo; havia em nós um impulso no sentido dessa transição do querigma para os dogmas. Apesar disso, as doutrinas dos Pais são, em essência, o próprio querigma “elementar”, uma vez apresentado e *penhorado* pelos Apóstolos. [...] Mas, agora, elas constituem justamente essa proclamação devidamente articulada e elemente testemunhada.

Mais que conservar a pregação apostólica, a igreja vive essa pregação, garantindo sua continuidade.

Georges Florovsky, “Seguindo os Santos Pais”

Deus de graça e verdade, de modo festivo cantamos: “Oh, como pulsa o coração quando nos lembra a antiga fé que revelaram nossos pais, ante a dor e a morte até!”

Bendita fé dos nossos pais, inspira nossos ideais!”. Pela inspiração do Espírito Santo, permite que as palavras de nossos lábios reflitam a intenção de nosso coração e capacita-nos para que nos juntemos na unidade da sua doutrina, a fim de darmos continuidade à igreja de nossos pais, por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; Frederick W. Faber

(1814–1863), “A fé dos nossos pais”, Hinário

PARA REFLETIR: Jo 16.13-14; Rm 3.21-26; 1Co 15.1-11; Gl 1.8; 2.1; 2Ts 2.14-16; 1Tm 6.3-5; 2Tm 1.13; 4.3; Tt 1.9; 1Jo 4.1,9-10

ALEXANDER MEN

(1935–1990)

A perseguição de cristãos durante o governo comunista na Rússia (1917–1991) e a recusa desses irmãos ante a possibilidade de rendição se personalizaram no padre Alexander Men, arcepreste ortodoxo russo.

Assim como João Batista, Men foi uma “voz que clama no deserto” (Mc 1.3), bem como um dos mais proeminentes líderes cristãos de seu país.

Lamentavelmente, seu heroísmo é pouco conhecido no cristianismo ocidental.

Alexander Men nasceu judeu, mas foi batizado ainda criança, com sua mãe, já viúva. Ele foi membro da igreja clandestina russa — a extinta Igreja das Catacumbas — e alvo da KGB, órgão responsável por capturar, prender e executar “inimigos do estado” soviético. A KGB

sujeitou Men a intimidações e interrogatórios, além de fazer buscas em sua residência. Em 1960, ele concluiu a graduação no Seminário Teológico de Leningrado e foi ordenado padre. Mais tarde, obteve o título de doutor em teologia pela Academia Teológica de Moscou.

Como sacerdote evangelista, o padre Men conduziu muita gente à fé em Cristo. Dada a oposição que lhe impunham as forças comunistas, Men viveu experiências assombrosas. Além de ter publicado muitos livros, ajudou a instituir, em 1990, a Universidade Ortodoxa Russa Aberta e a fundar o periódico *O mundo da Bíblia*. Estabeleceu uma escola para jovens missionários e idealizou obras de caridade promovidas no Hospital Infantil Russo. Lançado em 1981, seu livro *Como ler a Bíblia* teve sucessivas edições em seu país. O padre Men “advogou em prol da abertura, da tolerância e da humildade, tomando esses valores e perspectivas como aspectos centrais da Igreja Ortodoxa Russa. Segundo ele, o prolongado cisma entre a igreja e a sociedade era um dos

principais problemas eclesiásticos, pelo que buscou meios de saná-lo”

(Daniel, “Father Aleksandr Men”, resumo).

Em 9 de setembro de 1990, a caminho da igreja, o padre Men foi assassinado com um golpe de machado desferido por um assaltante.

“Venha e veja”, aplicam-se à igreja de Cristo assim como aludem à vinda de Cristo à terra. Quando as pessoas nos perguntam: “Onde está, então, sua verdade? Em que ela consiste?” — pois muitos a consideram desnecessária ou morta —, nós respondemos: “Venha e veja”. Contudo, não venha olhar para nós, pecadores, porque somos péssimas testemunhas do divino. Olhe para nosso Senhor, para sua beleza e seu amor pela humanidade; olhe para seu amor sacri cial e sua cruz; para seus ensinamentos; para seu sofrimento; para seu Espírito, que está conosco.

Venha e veja a sacralidade do evangelho, seu poder insuperável, conquistado ao longo de centenas de anos — a despeito de quanto as pessoas o tenham perseguido e tentado destruir, ele sempre se levanta da sepultura, assim como o próprio Cristo, vencendo a morte.

Alexander Men, *Desperto para a vida*, p. 27

Senhor Deus todo-poderoso, que conheces até mesmo as fraquezas e a pecaminosidade do homem e da mulher mais con áveis de tua igreja, concede-nos sabedoria para dar ao mundo incrédulo não a visão de nós mesmos, mas a de Jesus Cristo, nosso Senhor, e de tudo o que ele fez e ensinou na terra; acima de tudo, que o mundo veja o amor que levou Cristo à cruz para nossa salvação e a glória da luz do evangelho. Oramos em nome dele, Jesus Cristo, que vive eternamente contigo e com o Espírito Santo.

Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III

PARA REFLETIR: Mc 9.31; 10.33-34; Lc 20.13-15; Jo 1.1,14, 43-51; 8.58; 10.30-33; 14.9; 15.9-17; 1Co 8.6; 2Co 5.14; Ef 3.17-19; Cl 1.15-17; 1Jo 3.16; 4.9

82

O coração pode ser frio, negligente e insensível. Mas os que levaram um parálítico em uma maca até Jesus desejavam tanto que aquele homem fosse curado que era como se eles mesmos estivessem enfermos e ansiassem levantar de seu leito.

Então, caros amigos, temos diante de nós um belo exemplo. Que tipo de exemplo? O de que somente juntos, ajudando uns aos outros, amando e perdoando, estendendo a mão, podemos ser salvos e encontrar o Senhor em nossa vida. Se buscarmos e vivermos isso, a mão de Deus, a mão de Cristo se estenderá de volta para nós. Isso

porque, ao mesmo tempo que nos salva do abismo, Deus quer que auxiliemos uns aos outros. Se não podemos ajudar manifestamente, por meio de ações, podemos ajudar com nossa intercessão. Portanto, as orações diárias que fazemos uns pelos outros não devem consistir apenas em uma lista de nomes.

Alexander Men, *Desperto para a vida*, p. 33

Pai celestial, que por amor e misericórdia enviaste teu Filho ao mundo para nos salvar do abismo infernal, transforma nosso coração a m de que, alegres por nossa liberdade, sinceramente apresentemos em oração (e, se possível, alcancemos) aqueles que, nesta vida transitória, enfrentam problemas, tristeza, necessidade, doença ou qualquer outra adversidade. Que façamos isso em feliz obediência ao mandamento de Cristo, ou seja que amemos uns aos outros como ele nos amou. Assim oramos em nome dele, Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; João 15.12

PARA REFLETIR: Mc 2.15; 11.25; Lc 5.17-20; 22.26-27; Jo 15.12; Rm 12.3-8; Gl 6.2; Ef 5.21; Fp 1.9-11; 2.3; Cl 4.2; 1Ts 1.2; 5.12-16; Hb 10.24; 1Pe 4.10

83

Sempre consideramos o paganismo mais fácil. A religião rudimentar sempre é mais fácil. [...] Com frequência, o que se apresenta como ortodoxia ou qualquer outra coisa cristã não passa de religiosidade natural, a qual, em si, é um tipo de ópio do povo. Ela funciona como uma espécie de anestésico espiritual, ajudando o indivíduo a se adequar ao mundo que o rodeia.

O cristianismo pode ser autêntico ou falso. A segunda forma é sempre mais conveniente, sempre nos cai melhor. É por isso que, prevalecendo a conveniência pessoal, a vida religiosa contemporânea é comumente caracterizada por uma “falsidade com cara de igreja”.

Não foi para isso, em absoluto, que o Senhor nos chamou ao dizer “a porta é estreita” e “o caminho é difícil”. Vez após vez, precisamos entender que o Espírito não é calor, mas fogo. Fogo.

Alexander Men, *Sobre Cristo e a igreja*, p. 52-53

Deus eterno e todo-poderoso, cujo Filho, nosso Senhor, nos ensinou que “a estrada que conduz à destruição é ampla, e larga é sua porta, e muitos escolhem esse caminho”, livra-nos da falsa religião adequada às estradas

agradáveis que escolhemos e que levam apenas ao deserto; por teu Santo Espírito, conduze-nos à verdadeira religião, a qual demandou o sacrifício do teu Filho, nosso Senhor, e que nos convoca a segui-lo a despeito das circunstâncias, para assim chegarmos em segurança ao teu reino celestial, que, unicamente por tua graça, é também nosso. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; Mateus 7.13

PARA REFLETIR: Mt 7.13-14; 1Co 2.9-16; 3.1-4; 6.1-6; 2Co 2.14-17; Tg 2.14-26; 4.1-10; 5.1-11; 1Jo 2.9; Ap 1.7; 2.14-16,19-29; 3.1-6, 14-22

84

A ocasião mais importante de nossa vida é nosso encontro com o Senhor, nosso encontro pessoal com ele. Foi precisamente por causa desse encontro que nos achegamos a ele e à igreja. Pode ser que ocorra com toda gente: estou convencido de que Deus bate à porta de cada um de nós, embora por vezes o faça de maneira anônima. Mas o homem pode rejeitá-lo, voltar-lhe as costas, desejar que o encontro não tivesse acontecido. Para nós, que, a despeito de nossa débil voz, respondemos a tal encontro, preciosíssimo é o fato de, na caminhada, termos encontrado contigo, ó Senhor. [...] Esse evento nos enriqueceu in nitamente a vida, expandiu horizontes, abriu dimensões in ndáveis, deu-nos força para lutar apesar das di culdades. Nossa jornada para o alto já começou.

Alexander Men, *Sobre Cristo e a igreja*, p. 97-98

Ó Senhor, nosso Pai celestial, Deus todo-poderoso e eterno, cujo Filho ressuscitou dos mortos, virando o mundo de cabeça para baixo e legitimando em de nitivo as boas-novas cristãs, nós oramos por todos os povos, para que encontrem o Cristo ressurreto e, pelo poder do Espírito Santo, sejam atraídos à comunhão com ele e com a igreja.

Então, nós e toda a igreja glori caremos sem cessar a ti, Pai, Filho e Espírito Santo, agora e para sempre. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III

PARA REFLETIR: Mt 28.1-20; Lc 24.1-53; Jo 2.19-22; 6.50-71; 11.25; At 2.24,29-31; Rm 1.4; 6.1-4; 8.11; 14.9; 1Co 15.1-58; 1Pe 1.3; Ap 1.17-18; 5.1-14; 7.17

C. S. LEWIS

Nenhum nome do século 20 é mais identificado com a apologética (do grego *apologia*, “defesa”) cristã do que Clive Staples Lewis. Durante sua notável atuação como professor universitário e crítico literário, Lewis publicou livros que podem muito bem provar-se imortais na literatura cristã. *O problema do sofrimento* (1940), *Cartas de um diabo a seu aprendiz* (1942) e *Cristianismo puro e simples* (1952, produzido a partir de transmissões radiofônicas entre 1941 e 1944) abrem a lista. Os sete volumes da série *Crônicas de Nárnia* (1950–1956), concebidos como literatura infantil, constituem uma magistral alegoria da expiação e da ressurreição de Jesus, bem como de outros temas cristãos.

Lewis nasceu em Belfast, na Irlanda. Entre amigos e familiares, era conhecido como Jack, nome associado a um querido cachorro de estimação. Aos 15 anos, tornou-se ateu, interessando-se por mitologia, ocultismo e literatura escandinava antiga. Em 1917, ingressou na Universidade de Oxford, mas logo teve de servir ao exército. A experiência em batalhas robusteceu seu ateísmo. No nal da década de 1920, converteu-se ao cristianismo pela influência do clérigo, autor e poeta George MacDonald, do amigo J. R. R. Tolkien e de G. K.

Chesterton. Lewis descreve o processo em *Surpreendido pela alegria*: “Sei muito bem quando se deu o passo nal, embora me escape como. Fui levado até o zoológico Whipsnade numa manhã ensolarada. Quando partimos, eu não acreditava que Jesus Cristo é o Filho de Deus, e quando chegamos ao zoológico, já cria”.

Em *A vida de C. S. Lewis*, Alister McGrath afirma que “juntamente com o Lewis autor de romances famosos, há uma segunda *persona*, menos conhecida: o Lewis escritor e apologista cristão, preocupado em comunicar e compartilhar sua rica visão do poder intelectual e

imaginativo da fé cristã — uma fé que ele descobriu já adulto e considerou racional e espiritualmente irresistível” (p. 13).

85

Em um jogo de xadrez, podemos fazer concessões arbitrárias ao nosso oponente. [...] É possível privar-nos de uma torre. [...] Mas, se concedêssemos tudo o que o favorecesse — se todos os movimentos dele fossem revogáveis e nossas peças sumissem sempre que ocupassem uma posição por ele indesejada —, não haveria jogo de fato. Assim é com a vida das almas no mundo: as leis rígidas, as

consequências de necessidades causais e toda a ordem natural são os limites aos quais a vida cotidiana está con nada, e também a única condição sob a qual qualquer vida como essa é possível. Tente excluir a possibilidade de sofrimento inerente à ordem natural e ao livre-arbítrio, e descobrirá que excluiu a própria vida.

C. S. Lewis, *O problema do sofrimento*, p. 22

Pai de misericórdia e graça, com olhos de amor e empatia vês teus lhos sofrerem neste mundo por ti criado e governado; concede-nos fé para orar por consolação e alívio nas horas de a ição, apresentando a ti nossas súplicas e sempre lembrando que

“nem morte nem vida, nem anjos nem demônios, nem o que existe hoje nem o que virá no futuro, nem poderes, nem altura em profundidade, nada, em toda a criação, jamais poderá nos separar do amor de Deus revelado em Cristo Jesus, nosso Senhor”.

Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; Romanos 8.38-39

PARA REFLETIR: Gn 2.16-17; 50.20; Dt 13.4-10; 28.1-68; 29.29; 30.19-20; Ne 9.6; Pv 8.13; Jr 17.9-10; **Rm 8.38-39**; Gl 5.16-17; 6.7-8; Ef 6.10-18; **Fp 4.6**

86

A igreja é a noiva do Senhor, a quem ele ama tanto que, nela, nenhuma mancha ou ruga é tolerável. [...] O amor demanda o aperfeiçoamento daquele que é amado; a “bondade” que, com exceção do sofrimento, tudo tolera no objeto amado se opõe ao amor. Quando nos apaixonamos por uma mulher, acaso deixamos de considerar se ela está limpa ou suja, se é honesta ou desleal? [...] É possível amar quando o amado já não é belo, mas não propriamente pelo fato de não haver beleza. O amor pode perdoar todas as fragilidades e amar apesar delas, mas não deixa de ansiar que sejam abolidas.

Quando o cristianismo alega que Deus ama o homem, signi ca que Deus *ama* o homem. Em tremenda e espantosa verdade, somos objeto de seu amor. Você pediu por um Deus amoroso e agora já tem um. [...]

Não se trata de uma senil benevolência que, em letargia, espera que você seja feliz à sua maneira; trata-se do próprio fogo consumidor, o amor que criou o mundo e é tão persistente como o amor do artista

por sua obra.

C. S. Lewis, *O problema do sofrimento*, p. 34-35

Deus todo-poderoso e todo-amoroso, “todos nós nos desviamos como ovelhas” e deixamos os teus caminhos para seguir os nossos; apesar disso, tu nos amaste como um pai sábio e afetuoso ama o lho ímpio e egoísta — com paciência amorosa e disciplina, até que alcance saúde e restauração — e, por m, por tua misericórdia e graça, tu nos tornaste completamente “irrepreensíveis até a volta de nosso Senhor Jesus Cristo”. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; Isaías 53.6;

1 Tessalonicenses 5.23

PARA REFLETIR: Lv 11.44-47; Dt 4.23-24; Sl 1.1-6; **Is 53.6**; 57.15; Jr 18.1-23; Hb 1.13; At 17.24-26; Ef 5.27; Cl 1.12-18; **1Ts 5.23**; 1Tm 6.15; Hb 12.25-29

87

Não podemos reconhecer nossa falha em manter a lei de Deus exceto quando nos esforçamos ao máximo (e, então, falhamos). [...] Assim, em certo sentido, a estrada de volta a Deus é uma estrada de empenho moral, de ávido esforço. [...] Mas não é a tentativa que nos traz de novo ao lar. [...] Ela conduz ao instante crucial em que nos dirigimos a Deus, dizendo: “Isso é contigo. Não dou conta”. Não comecem perguntando a si mesmos: “Será que alcancei esse instante?”. Não quem sentados observando sua mente investigar se está chegando a hora. [...] O que importa é deixar de con ar em esforços próprios e passar à condição na qual nos desesperamos por não conseguir agir por nossa conta e, então, entregamos tudo a Deus.

C. S. Lewis, *Cristianismo puro e simples*, p. 22

Deus de misericórdia e graça, que nos deste teus mandamentos e nos chamaste à obediência, nós prostramos nosso coração diante de ti, pois amamos tua lei. Contudo, há em nós “outra lei” que guerreia com nossa mente e nos torna escravos do pecado que nos habita; assim, torna-nos satisfeitos por não haver “nenhuma condenação para os que estão em Cristo Jesus”, nosso Senhor, e dá-nos graça para “viver uma vida mais piedosa, reta e sensata”, para tua honra e glória. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; Ordem penitencial:

rito 1, LOC; Romanos 7.22-23; 8.1

PARA REFLETIR: Jo 1.12; 3.1-16; 5.24; Rm 5.1-21; 6.5-14,20-23; 7.4-20, **22-23**; **8.1-5**; 1Co 1.20; 2Co 5.17; Gl 2.16-21; 3.10-14,21-27; 5.16-18; Ef 2.1-9; Tt 3.5

88

Prazer, dinheiro, poder e segurança são, quanto possível, coisas boas. A maldade consiste em buscá-las por meios errados ou em demasia. A iniquidade vem a ser a busca de algo bom de maneira equivocada. É

possível ser bom apenas pela bondade em si; mas não se pode ser mal por causa da maldade. A maldade não pode ser má do mesmo jeito que a bondade é boa. [...] Maldade é bondade corrompida. É necessário que algo seja bom para que se venha a se corromper. [...] Podemos explicar o que é pervertido com base no que é regular, mas não podemos explicar o que é regular a partir de algo pervertido.

Esse Mau Poder, supostamente equiparável ao Bom Poder e amante da maldade tal como este ama a bondade, é pura quimera. [...] Sendo mau, não é capaz de prover-se de bons impulsos que resultem em perversão. O Mau Poder precisa obter algo de seu opositor. Entende, então, por que o cristianismo ensina que o diabo é um anjo caído? [...]

O mal é um parasita, e não algo original.

C. S. Lewis, *Cristianismo puro e simples*, p. 45-46

Pai celestial e eterno, que no início viste Lúcifer cair do céu e agora vês que nós, homens e mulheres ímpios, caímos da condição de seres feitos à tua imagem, que é pura santidade e perfeita bondade, concede que sejamos cheios de fome e sede de bondade e justiça e sinceramente atraídos àquele que se assenta no trono e diz:

“Vejam, faço novas todas as coisas!”, o próprio Jesus Cristo, nosso Senhor, cujo discurso é “digno de con ança e verdadeiro”. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; Romanos 21.5

PARA REFLETIR: Is 14.12; Mt 6.23; Jo 8.44; 2Co 4.4; 11.13-14; Ef 2.2; 6.11-12; Hb 2.14; 1Pe 5.8; 1Jo 3.8; Ap 12.9; 21.5

89

[Um diabo a seu aprendiz:] “Com exceção da extremada devoção ao Inimigo [i.e., Deus], todos os extremos devem ser encorajados. [...]

Toda modesta confraria, unida por algum interesse que outros homens desprezem ou ignorem, tende a desenvolver dentro de si uma estufa de admiração mútua e, em relação ao mundo externo, imensa quantidade de orgulho e ódio desprovidos de qualquer pudor, pois sua ‘Causa’, tida como impessoal, é quem os fomenta. E isso é válido até mesmo nos casos em que esse pequeno grupo existe para atender aos propósitos do Inimigo. Queremos que a igreja seja pequena não apenas para que poucos conheçam o Inimigo, mas também para que os que virem a conhecê-lo alcancem a inquieta intensidade e a presunção defensiva típicas de uma sociedade secreta. [...] A igreja é massivamente defendida, e nunca tivemos êxito em atribuir-lhe *todas* as características de uma facção; mas, não raro, pequenas facções subordinadas produzem resultados admiráveis.”

C. S. Lewis, *Cartas de um diabo a seu aprendiz*, p. 32-33

Deus todo-poderoso, tu vês tua santa e apostólica igreja em vergonhosa desunião, induzida pelo pai da mentira a juntar-se em conluíus farisaicos; concede à tua igreja unidade de visão e santo propósito; torna-a um “hospital para pecadores”, um lugar para aqueles que se apercebem do próprio pecado e depravação e, sentindo-os, orem constantemente a ti, rogando por consolação e auxílio, e creiam no perdão de pecados mediante a cruz de Cristo, nosso Senhor, em cujo nome oramos. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III

PARA REFLETIR: Jo 17.6-19; Rm 14.1—15.6; 16.17-20; 1Co 1.10-15; 3.3b; 11.18; 12.25; Gl 5.19-21; Ef 4.14-16; 5.21; Fp 2.5-11; Cl 3.12-17; Jd 1.17-19

90

[Um diabo a seu aprendiz:] “Para nós, o ser humano é, em primeiro lugar, comida; nosso objetivo é absorver sua vontade e torná-la nossa.

[...] Mas a obediência que o Inimigo requer é algo bem diferente. Ele de fato quer encher o universo de repugnantes copiazinhas dele mesmo —

criaturas cuja vida será, em minúscula escala, qualitativamente semelhante à dele, não porque ele as absorveu, mas porque a vontade delas se conforma voluntariamente à dele. Queremos um gado que por m se torne comida; o Inimigo quer servos que por m se tornem lhos. Desejamos sugar; ele deseja liberar. Somos vazios e devemos ser saciados; ele é pleno e transbordante. O propósito de nossa batalha é um mundo no qual Nosso Pai Baixíssimo atraia todos os outros seres

para si; o Inimigo almeja um mundo repleto de seres que a ele se juntem.”

C. S. Lewis, *Cartas de um diabo a seu aprendiz*, p. 38-39

Deus eterno e todo-poderoso, nosso Pai celestial, cuja amável e graciosa vontade é que todos se unam como teus lhos e lhas, “guia-nos por sobre o tempestuoso mar; não há nenhum Deus tão grande a nos auxiliar, capaz de nos guardar, sustentar e de nós cuidar”; por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor e Salvador, que reina contigo e com o Espírito Santo, agora e para sempre. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; James Edmeston,

“Guia-nos, Pai celestial, guia-nos”, Hinário

PARA REFLETIR: Lc 12.32; Jo 1.10-13; 8.34; 15.11; Rm 6.23; 8.1-4; Gl 3.23-29; 4.3-7; Ef 1.3-6,15-23; Fp 4.4-9; Tt 3.3-7; 1Pe 2.9-10; 1Jo 2.16-17; 3.1-3

DIETRICH BONHOEFFER

(1906–1945)

Na madrugada de 9 de abril de 1945, Dietrich Bonhoeffer “foi levado nu até o pátio de execuções” da prisão de Flossenbürg, na Alemanha.

“Os guardas o ridicularizaram e desprezaram. Aos pés do cadafalso”, Bonhoeffer ajoelhou e orou. “Então, subiu os degraus até a forca”, onde morreu cerca de trinta minutos depois, asfixiado por um nó de corda de piano (Bonhoefferblog). Ele ainda é uma voz profética para a igreja e para o mundo, bem como um notável exemplo de fé cristã levada às últimas consequências. A custosa oposição ao regime nazista, a sua percepção acerca das implicações do discipulado cristão, o desvelamento do cristianismo superficial e a habilidade de ajudar a igreja a traçar uma rota em meio ao Ocidente pós-cristão tornam Bonhoeffer um permanente pai da igreja.

Dietrich nasceu em Breslau, Alemanha (agora Wrocław, Polônia), filho de Karl e Paula Bonhoeffer. O lar ofereceu solo fértil para seu crescimento religioso, intelectual, moral e estético. Em 1923, Bonhoeffer iniciou seus estudos de teologia na Universidade de Tübingen. De 1929 a 1930, serviu como coadjutor (assistente de pároco) em uma congregação alemã em Barcelona, na Espanha, e, depois, como pastor de expatriados alemães. Em 1930, estudou no Union Theological Seminary, em Nova York. Participou da Abyssinian

Baptist Church, no Harlem, congregação a que foi atraído pelo louvor caloroso e convicto, pelas canções afroamericanas e pela pregação de Adam Clayton Powell.

Tendo o nazismo se descortinado por toda a Alemanha, Bonhoeffer cogitou não retornar mais para lá. Então, foi repreendido por seu mentor, Karl Barth, que lhe disse que, se não se dispusesse a sofrer com seu povo, não deveria crer que fosse capaz de ajudar a reconstruí-lo.

Bonhoeffer foi um dos principais líderes da Igreja Confessante, que se opunha ao nazismo e que, sob a orientação de Barth, elaborou a Declaração de Barmen, de 1934, cujos signatários se recusavam a submeter a Palavra de Deus ao controle nazista.

Em 5 de abril de 1943, dois agentes da Gestapo chegaram à casa dos pais de Bonhoeffer para detê-lo por suspeita de atuação na resistência alemã. Na ocasião, Bonhoeffer já estava envolvido em um esquema para matar Hitler, embora não se soubesse disso à época. Ficou um ano e meio encarcerado na prisão militar de Tegel, em Berlim, onde aguardou julgamento. Fracassada a tentativa de assassinato de Hitler em 20 de julho de 1944, documentos da Abwehr (serviço de inteligência do exército alemão) acusaram Bonhoeffer de ter tomado parte na conspiração. Ele foi transferido para o presídio de segurança máxima da Gestapo; depois, para o campo de concentração de Buchenwald; e, nalmente, de lá para Flossenbürg, onde foi executado.

91

A graça barata é a inimiga mortal de nossa igreja.

A graça barata é graça como resto de estoque. Os sacramentos, o perdão dos pecados e as consolações da religião são barateados. É graça sem preço, graça sem custo.

A graça barata é graça como doutrina, como princípio, como sistema.

É perdão dos pecados proclamado como verdade geral.

A graça barata signi ca a justi cação do pecado sem a justi cação do pecador.

A graça barata é graça sem discipulado, graça sem cruz, graça sem Jesus Cristo vivo e encarnado.

A graça preciosa é o tesouro oculto no campo, pelo qual o ser humano

vende feliz tudo o que possui.

A graça preciosa é o evangelho que sempre se deve procurar, a dádiva que se deve pedir, a porta à qual se deve bater.

Dietrich Bonhoeffer, “A graça preciosa”, cap. 1,

em *Discipulado*, p. 45-47

Ó Deus de toda graça, tu nos ensinaste com clareza que somos declarados justos por tua graça, e que se é pela graça, então “não se baseia em obras”; em tua misericórdia, livra-nos da noção de “graça barata”, pois nossa salvação custou ao teu Filho a própria vida. Não permitas que falemos em perdão ou justi cação sem apontar para a cruz e convidar aqueles que não o conhecem a render a vida a ele, Jesus Cristo, nosso Senhor e Salvador, que entregou tudo por nós. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; Romanos 3.24; 11.6

PARA REFLETIR: Mt 10.37; Mc 8.34-38; Lc 9.23; 14.25-35; 23.32-49; Jo 15.18-25; **Rm 3.24; 11.6**; 12.1-2; Fp 1.21; 3.7-8; 2Pe 2.17-22; Ap 3.1-6,14-22

92

A cruz é imposta a cada cristão. O primeiro sofrimento com Cristo, que cada um tem de vivenciar, é o chamado que rompe nossa união com este mundo. É a morte do velho ser humano no encontro com Jesus Cristo.

Desde sempre, quem entra no discipulado entrega-se à morte de Jesus, põe a vida à disposição da morte. A cruz não é o m terrível de uma vida feliz e piedosa; ela se encontra no início da comunhão com Jesus Cristo.

Todo chamado de Jesus leva à morte. Talvez se dê à maneira dos primeiros discípulos, que deixaram casa e pro ssão para segui-lo. [. .]

Mas, em qualquer situação essa morte nos espera, a morte em Jesus Cristo, a negação de nosso velho ser humano. Jesus Cristo é, com sua palavra, nossa morte e nossa vida.

Dietrich Bonhoeffer, “O discipulado e a cruz”, cap. 4, em *Discipulado*, p. 99

Pai celestial, teu Filho nos ensinou que, se alguém “tentar se apegar à sua

vida, a perderá”, mas, “se abrir mão de sua vida” por causa dele, “a encontrará”. Nós te rogamos que extermines nosso velho Adão e nos dês um novo coração a m de que a rmemos, em verdade e sinceridade: “Fui cruci cado com Cristo; assim, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim. Portanto, vivo neste corpo terreno pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim”. Amém

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III;

Mateus 16.25; Gálatas 2.20

PARA REFLETIR: Mt 5.1-12; 9.17; 10.38; **16.25**; Jo 3.3; Rm 6.1-6; **Gl 2.20**; 5.16-18; Ef 4.22-24; Fp 3.7-11; 4.8-9; Cl 3.9-17; Tt 2.12-13; Hb 12.3; 1Pe 1.14

93

Ecce homo! Eis o homem! Nele o mundo foi reconciliado com Deus. Não é mediante derrota que o mundo é subjugado, mas pela reconciliação.

Não é por meio de ideais e planos, nem pela consciência, por obrigação, responsabilidade ou virtude que a realidade é confrontada e suplantada, mas somente pelo perfeito amor de Deus. [...] Não é mediante uma ideia generalista acerca do amor que se alcança isso, mas pelo amor de Deus verdadeiramente *vivido* em Jesus Cristo. Esse amor divino não implica abster-se da realidade e tornar-se uma nobre alma reclusa do mundo. Ele vivencia a realidade do mundo e sofre com toda severidade que nela há. O mundo despeja sua fúria contra o corpo de Cristo. Mas, em suplício, Jesus perdoa o pecado do mundo e, assim, a reconciliação se concretiza.

No Deus-homem, o segredo do mundo é desvelado, e nessa gura encontra-se revelado o segredo de Deus.

Dietrich Bonhoeffer, “Ética como formação”, cap. 3,

parte 1, em *Ética*, p. 72

Ó Senhor Deus todo-poderoso, em Cristo reconciliaste contigo o mundo, “não levando mais em conta os pecados das pessoas” e dando-nos a “mensagem maravilhosa de reconciliação”; concede agora que nenhum de nós, a quem foi con ada essa mensagem, pregue e ensine falsas ideias e princípios concebidos em nossa própria mente, pois este mundo caído e pecaminoso só pode ser suplantado por tua formidável graça, que nos alcança por meio da morte e ressurreição de Cristo, nosso Senhor, que

reina eternamente contigo e com o Espírito Santo. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; 2Coríntios 5.19

PARA REFLETIR: Mt 1.18-25; 26.57-68; Mc 6.3; 15.6-20; Lc 1.26-56; 2.1-16; 23.1-25; Jo 1.1-14; 19.1-12; **2Co 5.19**; Gl 4.4-7; Fp 2.7; Hb 2.9; 1Pe 2.21

94

Ecce homo! Eis o Deus que se tornou homem, o insondável mistério do amor de Deus pelo mundo. Deus ama o homem. Deus ama o mundo.

Ele não ama o homem ideal, mas o homem tal como é; não o mundo

ideal, mas o mundo real. Aquilo que reputamos por abominável na oposição do homem a Deus, aquilo que nos faz contrair em dor e hostilidade — o homem real, o mundo real — para Deus é terreno de amor insondável, e é a isso que ele se une inteiramente. [...] Enquanto distinguimos entre o piedoso e o ímpio, o bom e o perverso, o nobre e o mesquinho, Deus, em seu amor, não faz distinção nenhuma. [...] Ele não permite que classi-quemos os homens e o mundo de acordo com

nossos próprios padrões, nem que nos coloquemos como juízes.

Dietrich Bonhoeffer, “Ética como formação”, cap. 3, parte 1,

em *Ética*, p. 73

Senhor Deus todo-poderoso, que por muito amar este mundo decaído deste teu Filho unigênito para que tomasse sobre si nossa natureza e viesse ao mundo à nossa semelhança em todos os aspectos, com exceção do pecado, livra-nos de toda ideia tola baseada em algum tipo de bondade humana inata que supostamente nos faça merecedores de teu amor. Em vez disso, planta em cada coração a gratidão por teu santo nome, pois, embora fôssemos indignos “quando estávamos completamente desamparados, Cristo veio na hora certa e morreu por nós, pecadores”. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; Romanos 5.6

PARA REFLETIR: Is 9.6; Mt 9.10-12; Lc 1.35; 15.11-32; Jo 1.1-18; 3.16; 8.56; 10.1-42; 13.1-38; 15.13; **Rm 5.6-8**; 8.37-39; Gl 4.4; 1Tm 3.16; 1Jo 1.1-2; 3.16; 4.2,9-12

95

(O texto a seguir, acerca da soberania de Deus na história, foi escrito

enquanto Bonhoeffer era mantido preso pelos nazistas, que o submeteram à força em 9 de abril de 1945.) Creio que Deus pode e irá produzir o bem a partir de coisas más, até mesmo da pior delas. Para tanto, ele precisa de homens que façam o melhor uso de tudo o que lhes vier às mãos. Creio que Deus nos dará a força de que precisamos para resistir em tempos de a ição. Mas ele não o faz de antemão, pois, se assim fosse, con aríamos em nós mesmos, e não nele. Esse tipo de fé deveria dissipar nossos temores quanto ao futuro. Acredito que até mesmo nossos erros e incapacidades são transformados em bem, e que, para Deus, lidar com eles não é mais difícil que lidar com as nossas supostas boas obras. Creio que Deus não é um acaso atemporal; antes, ele não apenas espera por orações sinceras e ações responsáveis como também responde a elas.

Dietrich Bonhoeffer, *Cartas e anotações escritas na prisão*, p. 11

Pai celestial, sabemos que fazes “todas as coisas cooperarem para o bem” de quem ama a ti e é chamado segundo o teu propósito. Por tua amorosa graça, dá-nos a força de que carecemos para, a despeito de nossos erros e más escolhas, seguir em frente certos de tua divina providência e con antes de que ela nos protegerá “ao longo da jornada”

e nos conduzirá “em segurança” ao lugar que preparaste para nós, desfazendo assim todas as nossas ansiedades e medos, para tua honra e glória, ó Deus Pai, Filho e Espírito Santo. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; Êxodo 23.20;

Romanos 8.28

PARA REFLETIR: Gn 50.20; Êx 23.2.; Sl 103.19-22; Is 46.10; Jr 32.17-25; **Rm 8.28**; Ef 1.11; Cl 1.16; Ap 1.12-19; 5.6.-10; 11.15-19; 19.11—20.6; 21.1-8; 22.10-17

96

A menos que tenhamos coragem de lutar pelo restabelecimento de uma distância saudável entre os homens, pereceremos em meio a uma anarquia de valores humanos. O atrevido desprezo com que essa distância é considerada é característica das massas populares. [...]

Quando nos esquecemos do que cabe a nós e do que cabe ao outro, e quando a convicção acerca do valor humano e o poder de manter a distância deixam de existir, o caos bate à nossa porta.

Estamos testemunhando o rebaixamento de todas as classes sociais e,

ao mesmo tempo, o surgimento de um novo senso de nobreza, que vem unindo homens de todas as camadas sociais já conhecidas. A nobreza surge e existe a partir de sacrifício, coragem e um claro senso de responsabilidade pessoal e social, a partir do evidente respeito que alguém espera receber; ela também revela igual respeito pelos outros, sejam estes de camadas mais altas, sejam de camadas mais baixas.

Precisamos recuperar a esquecida noção de qualidade e retomar a ordem social que nela se baseia.

Dietrich Bonhoeffer, *Cartas e anotações*

escritas na prisão, p. 12-13

Pai eterno, que criaste os céus e a terra e zeste o mundo de modo que não fosse “um lugar de vazio e caos”, perdoa nossa estupidez, cria em nós um novo coração e dá que respeitemos as pessoas, independentemente de quais sejam as condições ou circunstâncias em que vivem. Concede-nos um espírito de sacrifício e coragem, um claro senso de responsabilidade para com todos e, acima de tudo, um espírito humilde,

“pois os que se exaltam serão humilhados, e os que se humilham serão exaltados”.

Assim, no teu devido tempo, o caos deste mundo se tornará amor e paz, por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; Isaías 45.18;

Lucas 14.11

PARA REFLETIR: Is 45.18; Mt 7.1-2; 11.25-30; Lc 14.11; Rm 14.10-13; Ef 4.2; Fp 4.8; Cl 3.13; Tt 2.11-14; Tg 3.1-18; 1Pe 1.13-21; 2Pe 1.5-8; 2.9b-22

LESSLIE NEWBIGIN

(1909–1998)

A história do bispo Lesslie Newbigin se destaca em duas frentes: seu papel como missionário-teólogo para a Índia e seu papel como teólogo-missionário para a cultura ocidental pós-cristã.

Newbigin nasceu em Newcastle upon Tyne, no nordeste da Inglaterra.

Em 1928, ingressou no Queens' College, de Cambridge. Foi nessa época que ele se tornou cristão. Em 1931, mudou-se para Glasgow

com o objetivo de atuar no Movimento Cristão Estudantil. Em 1933, retornou a Cambridge, onde estudou no Westminster College a fim de se preparar para o ministério cristão. Depois de ordenado ministro presbiteriano em 1936, foi designado como missionário em Madras, na Índia, pela Igreja da Escócia. Em agosto de 1936, casou-se com Helen Henderson, e já no mês seguinte o casal embarcou para a Índia.

Em solo indiano, Newbiggin logo notou que as divisões entre os cristãos locais impediam o trabalho missionário. Seu compromisso com o ecumenismo deslanchou quando ironicamente, em 1947, ele mesmo, um ministro presbiteriano (tradição em que não há bispado), foi indicado como um dos primeiros bispos da recém-formada Igreja da Índia do Sul, instituída a partir da coalizão de diversas igrejas protestantes. Seus esforços ecumênicos se expandiram quando, em 1959, ele se tornou secretário geral do Conselho Missionário Internacional, cuja integração ao Conselho Mundial de Igrejas (CMI) supervisionou.

Newbiggin veio a se tornar secretário geral associado do CMI e trabalhou em Genebra, na Suíça, até 1965, quando retornou à Índia como bispo de Madras. Aposentou-se em 1974, aos 64 anos, e voltou para a Grã-Bretanha, onde iniciou sua segunda empreitada missionária.

Ao examinar a autoidolatria adotada pela cultura secular ocidental, e como esta conhecia pouco do evangelho, Newbiggin percebeu que o

Ocidente precisava ser evangelizado tanto quanto o restante do mundo.

Mas, antes de se engajar nesse compromisso missionário, a igreja precisava redescobrir o evangelho como boas-novas “públicas” acerca do plano divino para a história da humanidade, e não como questão de mera salvação pessoal.

97

É possível habitar o relato bíblico de maneira tal que o olhar para as Escrituras, vistas de fora, não se equipara ao modo como se olha para o mundo a partir delas, pelas lentes que elas oferecem. [...] A questão não é apenas entender o texto bíblico da mesma maneira que se entende o mundo por meio dele. [...] O uso que fazemos da Bíblia é análogo ao uso que fazemos da linguagem: nós habitamos nela em vez de observá-la de fora.

Mas, para que isso aconteça, “habitar” deve significar ser parte de uma

comunidade cuja vida é modelada pelo relato bíblico. Quando vivemos como parte desse relato, sempre relembando e revivendo seus fatos fundamentais, semelhante ao que fazemos na liturgia da igreja, ele se torna como nossa linguagem, provendo modelos e conceitos pelos quais buscamos compreender os eventos cotidianos e entender como lidar com eles. Em comunidades cristãs bem rmadas, o aprendizado desse relato ocorre da mesma forma como aprendemos nossa língua materna.

Lesslie Newbigin, *Verdade para contar*, p. 47-48

Ó Deus, Rei eterno, teu apóstolo Paulo nos ensinou que “toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para nos ensinar o que é verdadeiro e para nos fazer perceber o que não está em ordem em nossa vida”; dá-nos humildade individual e coletiva e também a sabedoria de que precisamos para compreender que, ao estudar a Bíblia, não somos nós que a dissecamos, mas tua Palavra é que nos diseca, moldando nosso entendimento sobre nós mesmos, sobre o mundo e sobre ti, Pai, Filho e Espírito Santo, um só Deus, por toda a eternidade. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; 2Timóteo 3.16

PARA REFLETIR: Sl 133.1-3; Mt 26.20-29; Lc 22.14-30; 24.13-27; Jo 17.6-19; At 2.42-47; Rm 12.3-13; 1Co 12.25-27; Gl 6.2; **2Tm 3.16**; Hb 10.24-25

98

Considerando que o entendimento da história humana implicado na Bíblia é radicalmente diferente daquele implicado em nossa vida pública contemporânea, há pré-requisitos para que as Escrituras encontrem nossa sociedade. [...] Esse encontro não se dá entre um livro e a nossa cultura. A Bíblia não passa de linguagem desencarnada, quando não se vincula à vida da comunidade que fala essa linguagem. Quando é a linguagem viva de uma comunidade viva, sua capacidade se revela não por meio de validação externa, mas pelo modo como ela, a Bíblia, capacita a comunidade que a utiliza a compreender o complexo universo de coisas e acontecimentos que os seres humanos precisam enfrentar.

[...] Acreditamos que essa é a linguagem que faz sentido por causa da palavra de Deus, encarnada em Jesus.

Lesslie Newbigin, *Verdade para contar*, p. 48

Pai celestial, que nos deste a mente para pensar e raciocinar à medida que

buscamos compreender nosso mundo, nossa existência e as coisas que acontecem a nós e aos outros, conduze teus Ihos às Sagradas Escrituras e ilumina-nos para que encontremos verdade, sentido, propósito e, acima de tudo, teu Filho, nosso Salvador,

“cheio de graça e verdade”, o qual “existia antes de todas as coisas e mantém tudo em harmonia”, sim, Jesus Cristo, que reina contigo e com o Espírito Santo, um só Deus, agora e para sempre. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; João 1.14;

Colossenses 1.17

PARA REFLETIR: Sl 86.11; Mt 5.16; Lc 11.34-36; **Jo 1.1-14**; 3.21; 8.31-32; Rm 12.2; 1Co 10.16-17; 12.13; Ef 2.19-22; 4.15-21; **Cl 1.17**; Hb 4.12; 1Pe 1.14-15

99

Nos evangelhos, a conversão é uma guinada que habilita o homem a crer no reino vindouro de Deus e a participar dele. [...] A rmar a consumação da obra de Cristo signi ca alegar que, mediante a participação na comunidade comprometida com Cristo como Senhor, somos capazes de interpretar a ação de Deus na história e, por conseguinte, dedicar-nos a atuar de maneira construtiva nessa história.

Tal a rmação tem efeitos sobre a conversão. Propriamente entendida, a conversão a Cristo é essa guinada que, na comunhão daqueles igualmente comprometidos, habilita a pessoa a atuar na história de modo a testemunhar e levar adiante o real propósito de Deus para a criação.

A conversão envolve compromisso com a vontade de Deus. [...] Mas é mais radical que isso. Ela envolve a puri cação pessoal mais profunda possível, o perdão, a reconciliação e o renovo.

Lesslie Newbigin, *A finalidade de Cristo*, p. 110-112

Deus eterno e perene, está registrado nas Escrituras que “ninguém pode dizer que Jesus é Senhor a não ser pelo Espírito Santo”. Por esse mesmo Espírito, ó Deus, não permitas que cumpramos esta profecia: “Este povo fala que me pertence; honra-me com os lábios, mas o coração está longe de mim”. Que teus Ihos experimentem a genuína conversão, a m de que deem uma guinada rumo à comunhão daqueles que estão comprometidos contigo, até que sejam sujeitos à puri cação pessoal mais profunda possível,

ao perdão, à reconciliação e à renovação, por meio de nosso Salvador, Jesus Cristo. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; Isaías 29.13;

1Coríntios 12.3

PARA REFLETIR: Is 29.13; Mc 4.20; At 2.37-39; 3.19-21; Rm 12.1-2; 1Co 6.19-20; 12.3; 2Co 7.1; Gl 5.16-26; Ef 4.17-24; 1Pe 1.13-25; 1Jo 1.5-10; 3.4-10,13—5.5

100

Como pode haver uma história universal? Somente se, por algum meio, o narrador se convencer sobre o m dessa história estando, ele mesmo, no curso dela. Tal convicção será, ao mesmo tempo, um compromisso para agir de certo modo na história que está sendo escrita hoje e que o será amanhã.

Falar da consumação de Cristo é falar dele como chave para a nossa interpretação da história. [...] Isso implica que nossa convicção acerca de Jesus e nosso compromisso em servi-lo nos dão o ponto a partir do qual entendemos a história humana em sua totalidade. Portanto, essa perspectiva nos coloca em uma discussão que inclui não apenas os adeptos de outras religiões, mas todos os que buscam entender a condição humana e discernir o tipo de envolvimento necessário a quem pretende se responsabilizar pelo curso da história da qual somos parte.

Lesslie Newbigin, *A finalidade de Cristo*, p. 71-72

Deus todo-poderoso, que anuncias, “desde já, o que acontecerá no futuro”, e cujos planos se cumprirão, porque fazes tudo o que desejas, concede-nos paz, pois concordamos com o antigo ditado: “Não sabemos o que o futuro nos prepara, mas sabemos quem prepara o futuro”. Dá-nos força para servir-te em alegre confiança e fé e para buscar em Jesus Cristo a compreensão dos fatos passados, presentes e futuros, sabendo que “ele existia antes de todas as coisas e mantém tudo em harmonia”.

Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; Isaías 46.10-11;

Colossenses 1.17

PARA REFLETIR: Is 46.9-11; Mt 24.3-50; Lc 21.29-36; 1Co 15.20-28;

Ef 1.3-11; Cl 1.15-17; 2Ts 1.7,10; Tt 2.1-14; Ap 1.17-20; 21.1-7; 22.1-7,17-21

101

A religião, portanto, nunca poderá ser assunto particular: é uma visão do sentido da vida humana como um todo, ancorada na ação primeira de Deus ao estabelecer sua aliança com a humanidade. A vida do homem é uma unidade, e falar em uma área específica da vida chamada “religião”

é recorrer a uma abstração irreal.

Os eventos pelos quais se instituiu e se renovou a aliança de Deus com a humanidade — fatos reais registrados na história — não podem de maneira nenhuma ser reduzidos a “ilustrações” de uma relação atemporal entre Deus e a alma do indivíduo. A história tem uma estrutura real, oferecida mediante os atos dessa aliança. O homem cumpre seu chamado ao participar dessa história. A igreja, como comunidade incumbida de testemunhar tal aliança, nada pode fazer além de sinalizar os eventos pelos quais os contornos da história, em sua totalidade, são manifestos.

Lesslie Newbigin, *Testemunho cristão*

numa sociedade pluralista, p. 13

Ó Senhor, nosso Pai celestial, cuja vontade é que teus filhos vivam na fé em Cristo e pela fé nele, mantém adiante de nós, à medida que cumprimos nossa jornada aqui na terra, as palavras do apóstolo: “Não vivemos nem morremos para nós mesmos. Se vivemos, é para honrar o Senhor. E, se morremos, é para honrar o Senhor. Portanto, quer vivamos, quer morramos, pertencemos ao Senhor”. Assim pedimos em nome desse mesmo Senhor, Jesus Cristo. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; Romanos 14.7-8

PARA REFLETIR: Sl 105.8-11; 118.1-29; Is 40.21-31; 53.1-12; Jr 31.31-34; 50.5; Mt 5.17; **Rm 14.7-8**; 1Co 15.51-58; Gl 3.8; Hb 6.18; 8.8.13; 12.18-24; 13.20

102

Da perspectiva bíblica, a fé cristã é uma interpretação da história pública do homem e também de sua história espiritual individual; separá-las é violentar a real natureza humana. [...] A verdadeira

descoberta da igreja primitiva, a saber, que Jesus, o Cordeiro imolado, é também o vitorioso Leão da tribo de Judá, poderia — depois da conversão do Império Romano — ser fácil e fatalmente traduzida como uma falsa imagem de Jesus, visto como o equivalente celeste dos governantes terrenos.

Contra todos esses mal-entendidos encontra-se, no cerne do cristianismo, o fato de que Jesus, que veio anunciar e personificar o reino de Deus, morreu na cruz como um derrotado, condenado e excomungado. [...] É esse Jesus que a igreja proclama como o ressurreto e vitorioso Senhor e Rei. O crucificado é Senhor; o Senhor é o crucificado.

Lesslie Newbigin, *Testemunho cristão numa*

sociedade pluralista, p. 14

Deus, nosso Pai, cujo Filho exaltamos como “Senhor dos senhores e Rei dos reis”, mas o qual também disse “Meu reino não é deste mundo”, concede que os éis proclamem ao mundo a maior das glórias, a cruz de Cristo, pois ele “veio em forma humana, humilhou-se e foi obediente até a morte, e morte de cruz”, para que, ao nome dele,

“todo joelho se dobre, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua declare” que Jesus Cristo é Senhor, para a glória de Deus Pai. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; João 18.36;

Filipenses 2.7-8,10-11; Apocalipse 17.14

PARA REFLETIR: Ez 36.24-28; Mt 4.1-11; 5.1-16; 6.9-13; 26.24-54; Mc 1.12-13; 15.1-39; Lc 4.1-13; 23.1-49; **Jo 18.36**; 19.12-37; Rm 14.7; **Fp 2.8,10-11**; **Ap 17.14**

MADRE TERESA

(1910–1997)

Nenhum nome do cristianismo moderno é mais universalmente reconhecido que o de Madre Teresa de Calcutá, não somente pelos escritos que ela deixou, mas pela qualidade dos serviços que prestou aos necessitados.

Nasceu sob o nome de Anjezë Gonxhe (“botão de rosa”) Bojaxhiu, na cidade de Skopje, na Macedônia. Aos 8 anos de idade, perdeu o pai, fato que a aproximou ainda mais da mãe compassiva, a qual

frequentemente abria a casa para pessoas carentes. Quando tinha 12 anos, durante uma peregrinação à Igreja da Virgem Negra, em Letnica (parte oriental de Kosovo), Anjezë sentiu-se chamada à vida religiosa. Aos 18, viajou para Dublin, na Irlanda, onde se juntou às Irmãs de Loreto e adotou o nome de Irmã Maria Teresa, em referência a Teresa de Lisieux (1873–1897).

Um ano depois, deslocou-se para Calcutá e, em seguida, para Darjeeling, ambas na Índia, para um período de dois anos de noviciado que precederia sua primeira profissão de votos, ocorrida em 25 de maio de 1931. Teresa comprometeu-se com uma vida de pobreza, castidade e obediência, com especial atenção ao ensino de jovens. Foi enviada a Calcutá para instruir garotas de famílias bengalesas muito pobres, sempre procurando conduzi-las a Cristo. Em vista disso, aprendeu a falar bengalês e hindi. Teresa fez sua última profissão de votos de pobreza em 24 de maio de 1937 e, como era tradição, assumiu o título de “madre”.

Em 10 de setembro de 1946, durante uma viagem de trem de Calcutá até o sopé do Himalaia, Madre Teresa experimentou “um chamado dentro do chamado” (*Venha, seja minha luz*, p. 3), no qual Cristo a instruiu a trabalhar nas favelas de Calcutá, em meio a miseráveis e enfermos. Desse chamado originaram-se as Missionárias da Caridade,

congregação cuja aprovação canônica lhe foi concedida. Em 19 de outubro de 2003, o papa João Paulo II beatificou Madre Teresa. E, em 4

de setembro de 2016, muito perto do aniversário de 19 anos de sua morte, ocorrida em 5 de setembro de 1997, ela foi canonizada.

103

Com frequência vemos os curtos e outros longos, cabos elétricos dos mais baratos aos mais caros — todos são, em si, inúteis: se não forem percorridos pela corrente elétrica, não haverá luz. Vocês e eu somos os.

Deus é a corrente. Podemos deixar que a corrente nos atravessasse e nos use para produzir a luz do mundo, ou podemos nos recusar a ser usados, permitindo, assim, que a escuridão se espalhe. Minha oração é que cada um de vocês seja santo a fim de espalhar o amor de Deus. [...] Deixem a verdade dessa luz iluminar a vida de cada pessoa, a fim de que Deus continue amando o mundo por meio de vocês e de mim. Dediquem-se a viver como luz resplandecente.

A Palavra encarnada é como uma chama viva: quanto mais seco o combustível, com mais intensidade ela queima — é assim que nosso coração deve se apartar dos assuntos mundanos e se apegar à vontade de Deus.

Madre Teresa, *A vida no Espírito*, p. 7-8

Pai eterno, tu chamaste teus filhos a que fossem luz em um mundo escurecido pela culpa; uma vez que “não faz sentido acender uma lâmpada e depois colocá-la sob um cesto”, mas sim deve-se colocá-la “num pedestal, de onde ilumina todos que estão na casa”, inspira-nos a fazer resplandecer nossa mais intensa luz, aquela que brota do amor de um pecador perdoado, pois, como teu Filho ensinou, “a pessoa a quem pouco foi perdoado demonstra pouco amor”; por meio de teu Filho Jesus, nosso Senhor, que vive contigo e com o Espírito Santo, um só Deus, agora e para sempre. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; Mateus 5.15;

Lucas 7.47

PARA REFLETIR: Is 60.1; Mt 4.16; **5.13-15**; Lc 7.47; Jo 1.4-8; 8.12; 12.36; At 26.18; Rm 12.2; 2Co 4.6; Ef 5.8; Fp 2.14-16; 1Ts 5.5; 1Pe 2.9; 1Jo 1.5-10

104

Precisamos orar pedindo a luz que ilumina corretamente a palavra de Deus e o amor que aceita sua vontade e obedece a ela.

Jesus veio como a Luz do mundo. A imagem da luz que irradia verdade e vida em um mundo assolado pelas trevas é recorrente nos evangelhos. [...] Paradoxalmente, parece haver dois tipos de trevas. Há as trevas do pecado e da morte, e há as trevas que permitem que nos tornemos aquelas crianças pequenas às quais devemos nos assemelhar se quisermos entrar no reino dos céus. [...] O cego está preparado para se lançar completamente às mãos de Deus, a fim de ser guiado como uma criança. Talvez seja por isso que, para nos alçar à condição de servir, Deus nos faça mergulhar na escuridão. [...] Assim, aprendemos a confiar somente no Senhor e nos tornamos canais efetivos da luz que vem não de nós, mas dele.

Madre Teresa, *A vida no Espírito*, p. 8

Deus de misericórdia e graça, cujo “poder opera melhor na fraqueza”, leva-nos a cair de joelhos como o cego Bartimeu — necessitado,

humilhado, sem nada a oferecer —, cuja única esperança era receber a amorosa misericórdia de Jesus de Nazaré, e abre nossos olhos, como zeste com os do mesmo Bartimeu, para que contemplemos Jesus como Salvador e, então, alegremente atraíamos outros para esse Salvador, a Luz do Mundo. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; 2Coríntios 12.9

PARA REFLETIR: Mt 18.33; **Mc 10.46-52**; Lc 4.18; Jo 1.5-9,14,17; 3.21; 4.23-24; 8.12,32; 12.36,46; 14.6; 16.13; 17.17; At 26.18; Rm 13.12; **2Co 12.9**; Ef 5.8; 6.12; Cl 1.13

105

Nunca devemos nos habituar com a preocupação quanto ao futuro. Não há razão nenhuma para isso, pois Deus está presente. Quando ansiamos por dinheiro, ansiamos também por aquilo que o dinheiro pode oferecer: coisas supér uas, ambientes agradáveis, luxo à mesa, mais roupas, admiradores etc. Nossas necessidades aumentam, pois uma coisa chama outra, resultando em insatisfação sem m.

A primeira pobreza verdadeira ocorreu quando Cristo “esvaziou a si mesmo”. Por nove meses, ele se manteve anônimo no ventre de Maria; nem mesmo São José sabia quem Jesus era: tendo todas as coisas, todavia nada possuía. [...] Não havia necessidade nenhuma de Jesus se lançar a essa absoluta pobreza. Existe uma única razão para tanto: ele quis que fosse assim. Ele desejou ser completamente como “um” de nós.

Madre Teresa, “O que é a pobreza?”

em *Escritos essenciais*, p. 107-108

Pai celestial, quando o assunto é doar, tu nos ensinaste que “cada um deve decidir em seu coração quanto dar” e que não devemos contribuir “com relutância ou por obrigação”, pois tu amas “quem dá com alegria”. Derruba os muros de nosso egoísmo, para que nos tornemos entusiasmados doadores de dinheiro, amor e bondade àqueles que enfrentam carência espiritual ou material. Pedimos que faças assim a m de que re itamos o amor de Jesus Cristo, que por amor a nós “se fez pobre, para que por meio da pobreza dele” nós nos tornássemos ricos. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; 2Coríntios 8.9; 9.7

PARA REFLETIR: Mt 5.1-12; 6.19-21,24; Lc 1.26-38; 12.15,33-34; Rm 12.2; **2Co 8.1-15; 9.7**; Fp 2.5-11; 3.7-16; 1Tm 6.6-10; Hb 13.5; Tg

106

Para garantir que deixam a graça de Deus trabalhar em sua alma, aceitem o que quer que ele lhes dê e deem-lhe o que quer que ele tome de vocês. A verdadeira santidade consiste em fazer a vontade de Deus com um sorriso no rosto.

A solicitude é o ponto de partida da grande santidade. Se vocês aprenderem a arte de se mostrarem solícitos, mais e mais parecidos com Cristo se tornarão, pois ele tinha coração dócil e sempre pensava nos outros. Jesus “foi por toda parte fazendo o bem”. Em Caná, Nossa Senhora não fez nada mais que pensar na necessidade alheia e torná-la conhecida a Jesus. Tão prestativos Jesus, Maria e José eram que tornaram Nazaré o domicílio do Deus Altíssimo. Se tivermos o mesmo tipo de solicitude uns para com os outros, nossas comunidades de fato se tornarão morada desse mesmo Deus Altíssimo.

Madre Teresa, “Em busca de santidade”,

em *Escritos essenciais*, p. 130

Deus todo-poderoso, que escolheste “os pobres deste mundo para serem ricos na fé” e os zeste “herdeiros do reino prometido” àqueles que te amam, concede-nos um coração cheio de fé e amor para alcançar o faminto, o sedento, o estrangeiro, o despido, o enfermo e o prisioneiro, pois, agindo assim, alcançaremos a ti e honraremos muitos deste mundo que serão os primeiros em teu reino; por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; Tiago 2.5

PARA REFLETIR: Sl 37.11; Pv 31.26-31; Lc 22.42; Jo 2.1-12; 7.17; At 10.38; Gl 5.22-23; 6.1; Fp 4.8; Cl 3.12; Tt 3.12; **Tg 2.1-13**; 3.17; 4.6-10; 1Pe 3.4

107

(Em 1937, quando estava prestes a fazer sua profissão de votos perpétuos, Teresa escreveu para um ex-confessor, o padre jesuíta Franjo Jambreković, uma carta na qual expressou o segredo da obra de Deus em sua vida.)

Eu de fato não consigo ser suficientemente grata a Deus por tudo o que ele tem feito por mim. Sou dele por toda a eternidade! Agora, regozijo

de todo o coração por ter carregado minha cruz com Cristo, e por tê-lo feito com alegria. Houve sofrimento — ocasiões em que meus olhos se encheram de lágrimas —, mas graças sejam dadas a Deus por tudo.

Não pense que minha vida espiritual é só rosas — essa é uma or que encontrei muito raramente durante a caminhada. Pelo contrário, minha companhia mais frequente é a “escuridão”. E, quando a noite se adensa por demais — e me sinto como alguém que segue rumo ao inferno —, simplesmente me ofereço a Jesus. Se ele quiser que eu vá para lá, estou pronta, mas só sob a condição de esse ato verdadeiramente satisfazê-lo.

Preciso de muita graça, muito da força de Cristo para perseverar em conança, naquele amor cego que conduz unicamente a Jesus crucificado.

Madre Teresa: Venha, seja minha luz, p. 20

Pai misericordioso que dás força ao fraco, quando estivermos sobrecarregados com as cruzes que devemos levar, concede-nos a esperança de que necessitamos para dizer de todo o coração: “De todos os lados somos pressionados por a ições, mas não esmagados; camos perplexos, mas não desesperados”; “nosso corpo continua a participar da morte de Jesus, para que a vida de Jesus também se manifeste em nosso corpo”.

Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; 2Coríntios 4.8,10

PARA REFLETIR: 1Rs 19.1-18; Sl 42.1-11; Mt 11.29; 26.36-46; Mc 8.34-35; 14.35-36; Jo 15.1-7; 1Co 10.13; **2Co 4.8-10**; Fp 2.5-8; Hb 12.3-24; 1Pe 5.6-10

108

Todo domingo, visito os pobres nas favelas de Calcutá. Não posso ajudá-los, pois não disponho de coisa alguma, mas dou-lhes alegria. Da última vez, cerca de vinte pequeninos esperavam ansiosos pela “Ma”, como eu era conhecida. Quando me viram, correram até mim, até mesmo pulando em um pé só. Então entrei. Naquele *para* — termo que nomeia um conjunto de casas aqui — viviam doze famílias, cada uma ocupando um cômodo apenas. [...] O teto era tão baixo que eu mal conseguia car em pé. [...] A pobre mãe daquela família não pronunciou uma só palavra sobre sua pobreza. Era doloroso para mim ver aquela situação, mas, ao mesmo tempo, quei muito contente ao

notar que estavam felizes com minha visita. Por m, aquela mãe me disse: “Oh, Ma, venha outra vez! Seu sorriso traz o sol para esta casa!”.

Madre Teresa: Venha, seja minha luz, p. 27

Deus todo-poderoso, teu Filho, nosso Senhor, nos ensinou que todas as gerações terão a oportunidade de alcançar o necessitado com amor, dizendo: “Vocês sempre terão os pobres em seu meio”; e também nos ensinou que, ao oferecer um banquete, devemos convidar “os pobres, os aleijados, os mancos e os cegos”. Dá a teus lhos, Pai, um espírito grato pelas bênçãos que tu nos concedeste, e assim uirá continuamente de nosso coração um zelo amoroso pelos outros, para tua honra e glória, por meio do próprio Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; Marcos 14.7;

Lucas 14.13

PARA REFLETIR: Lv 19.10; Dt 15.9; 27.19; 1Sm 2.8; Sl 12.5; 14.6; 72.4; Jr 20.13; Ez 16.49; Mt 25.35; **Mc 14.7; Lc 14.13;** At 9.36; Gl 2.10; Tg 2.2-6

109

(O objetivo das Missionárias da Caridade é “saciar a sede que Jesus sentiu na cruz” [*Venha, seja minha luz*, p. 153]. Para Madre Teresa, João 19.28 era um resumo e um lembrete de seu chamado; isso revela que sua comunhão com Cristo acontecia no contexto do Calvário.)

“Estou com sede”, disse Jesus na cruz, privado de qualquer consolo, morrendo em absoluta miséria, sozinho, desprezado, com o corpo e a alma arruinados. Ele falava de uma sede não de água, mas de amor, de sacrifício.

Jesus é Deus; portanto, seu amor e sua sede não têm m. Nosso propósito é saciar essa sede in nita de um Deus que se fez homem. Do mesmo modo que anjos celestiais adoradores cantam louvores a Deus continuamente, assim as Irmãs, pelos votos de Absoluta Pobreza, Castidade, Obediência e Caridade com que servem aos pobres, saciam a Deus constantemente ao amá-lo e ao mostrar amor às almas que elas mesmas conduzem a ele.

Madre Teresa: Venha, seja minha luz, p. 41

Ó Senhor Jesus Cristo, Filho do Deus vivo, “quem sondará, quem contará a

dor que padeceste”? As palavras que pronunciaste no Calvário, “Estou com sede”, expressaram não apenas uma real e extrema sede de água, mas também uma sede espiritual e in nita, que pode ser saciada por lhos de Deus que se sacri cam por aqueles que estão a itos, necessitados, doentes e miseráveis. Oramos, ó Senhor, para que envies teu Santo Espírito ao nosso coração e, assim, em amor ao próximo, possamos saciar tua divina sede. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; Cecil Frances

Alexander (1818–1895), “Oh, quanto, quanto nos amou”

, da trad. de João Gomes da Rocha (1861–1947), Hinário;

João 19.28

PARA REFLETIR: Dt 10.12; Sl 34.7; 103.20; Mt 1.18; 18.10; 23.27; 27.32-54; Lc 1.35; 15.10; Jo 1.14; **19.25-30**; 1Co 10.31; 1Tm 3.16; 1Jo 1.1-2; 4.2; Ap 5.9-13

THOMAS MERTON

(1915–1968)

Pode-se questionar por que Thomas Merton, monge trapista e escritor prolí co, é citado em um livro de “heróis da igreja”. Alguns dos interesses tardios de Merton zeram que críticos contestassem sua delidade aos votos monásticos e à ortodoxia cristã. Apesar disso, é inquestionável que Merton foi alguém cheio do conhecimento e do testemunho de Cristo.

Nascido em Prades, na França, Thomas cou órfão aos 16 anos.

Cresceu em uma atmosfera destituída de interesses e ensinamentos religiosos, tendo frequentado escolas nas ilhas Bermudas, na França, na Inglaterra e nos Estados Unidos. Em 1935, depois de passar por Cambridge, Merton se matriculou na Universidade Columbia, em Nova York, onde obteve os graus de bacharel e mestre, desenvolveu-se como escritor e tornou-se amigo de autores, artistas e lósofos in uentes.

Com a morte de seus amados avós, Merton se interessou por alguns místicos católicos, pelas *Con ssões* de Agostinho e pela Igreja Católica Romana. Em 1938, converteu-se ao catolicismo romano; então, gradativamente, cultivou a ideia de se tornar monge. No período em que lecionou na St. Bonaventure University, perto de Olean, Nova York, ouviu falar da Abadia de Nossa Senhora do Getsêmani, um

mosteiro trapista próximo de Bardstown, no Kentucky. Depois de se retirar por um tempo ali, Merton foi aceito como postulante em 13 de dezembro de 1941; sua intenção era o sacerdócio. Em sua aclamada autobiografia, *A montanha dos sete patamares* (1948), Merton detalha as mudanças em sua vida religiosa que o levaram a se tornar monge trapista (seus votos solenes foram proferidos em 1947) e padre católico (ordenado em 1949).

Durante a década de 1960, Merton criticou a Guerra do Vietnã e apoiou o movimento pelos direitos civis. Ao nal da vida, desenvolveu grande interesse pela relação entre o cristianismo e algumas tradições religiosas orientais, sobretudo o zen budismo. Os esforços que depreendeu para conciliar o zen e sua fé cristã renderam suspeitas acerca de sua ortodoxia e de sua delidade aos votos trapistas.

110

Talvez uma das funções de um contemplador [cuja vida é essencialmente devotada à oração, em especial em um mosteiro ou convento] seja ajudar outras pessoas, com palavras ou puramente com o exemplo, a perceber quanto são capazes de amar a Deus — ou quanto já o amam sem sabê-lo. Cristo se reconhece quando as almas que se assemelham a ele em caridade percebem-se mutuamente por alguma expressão do amor dele mesmo ofertado de umas para outras; então, elas começam a adorá-lo, a agradecer-lhe e a mover-se umas na direção das outras para que o amor se expanda, na alegria do próprio Cristo.

É magnífico quando Cristo, escondido nas almas — e talvez forçado pelo mundo a manter-se oculto —, inesperadamente se manifesta mediante uma expressão fortuita de sua presença. Quando isso ocorre, as almas se iluminam todas ao reconhecê-lo e o descobrem em si mesmas sem sequer terem imaginado que ele estivesse em algum lugar.

Sendo única, a imagem dele está em todos nós; e nós o descobrimos ao perceber, uns nos outros, a semelhança dessa imagem.

Thomas Merton, *O sinal de Jonas*, p. 149-150

Deus de in nita sabedoria e conhecimento, “a quem todos os corações se abrem” e que conhece o coração humano como ninguém mais, concede-nos que quando Cristo, na pessoa do Espírito Santo, misericordiosamente habitar em nós, manifestando-se em amor e bondade, tenhamos a humildade de reconhecer que essas virtudes não vêm de nós, mas do

próprio Cristo, para que gloriquemos somente a ti, ó Pai, Filho e Espírito Santo. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; “A Palavra de Deus”,

Santa Eucaristia: rito 1, LOC

PARA REFLETIR: Sf 3.17; Mt 25.1-46; Jo 13.34; Rm 12.10; 13.10; 1Co 1.1-13; **Gl 2.20**; Ef 4.1-32; 1Jo 3.16-17; 4.1-21; 5.5

111

O mal no mundo moderno deveria ser su ciente para indicar que não sabemos tanto quanto pensamos saber. É um estranho paradoxo que o homem moderno deva saber tanto e ainda não conheça quase nada.

A plena felicidade do homem e sua sanidade dependem de sua condição moral. E uma vez que a sociedade não existe por si só, mas é feita de indivíduos que a compõem, os problemas sociais não podem ser de nitivamente resolvidos senão nos termos da vida moral desses indivíduos. Se os cidadãos são saudáveis, a cidade será saudável. Se os cidadãos são animais selvagens, a cidade será uma selva.

Mas a moralidade não é um m em si mesmo. Para um cristão, a virtude não é a recompensa pela própria virtude. Deus é nossa recompensa. A vida moral leva a algo que a ultrapassa: a experiência da união com Deus e nossa transformação na semelhança dele.

Thomas Merton, *Ascensão para a verdade*, p. 6-8

Eu te rogo, Ó meu Deus, que me concedas conhecer-te, amar-te e alegrar-me em ti, e se nesta vida eu não conseguir a plenitude dessas coisas, ao menos deixa-me avançar dia após dia, mais e mais, até que nalmente eu seja cheio delas. Que meu conhecimento de ti aumente; que em mim cresça teu amor até que seja pleno; que minha alegria aqui seja engrandecida pela esperança, até que ela se complete em ti no dia da ressurreição. Amém.

Anselmo (c. 1033–1109), arcebispo de Cantuária, *Livro de*

meditações e orações, meditação 21, seção 106

PARA REFLETIR: Dt 5.33; Sl 119.105; Pv 3.5-6; 27.17; Ec 4.9-12; **Rm 12.9-21**; 13.1-7; 1Co 12.25-27; Gl 5.19-21; Ef 2.10; 5.3-4; Fp 2.3-16; Hb 12.1

112

A Verdade de que o homem precisa não é uma abstração losó ca, mas o próprio Deus. O paradoxo da contemplação é que Deus só é realmente conhecido quando amado. E não podemos amá-lo a menos que façamos sua vontade. Isso explica por que o homem moderno, apesar de saber muito, é ignorante. Porque nele não há amor, não consegue ver a única Verdade que importa.

Deus se faz presente de maneira muito especial e se manifesta no mundo toda vez que é conhecido e amado. [...] Sua glória resplandece inefavelmente mediante aqueles a quem ele uniu a si mesmo. Quem não sabe nada de Deus tem o direito de esperar que nós, que supomos conhecê-lo, ofereçamos evidências disso, não apenas respondendo a quem nos pergunta “a razão de nossa esperança”, mas, acima de tudo, pelo testemunho de nossa própria vida.

Thomas Merton, *Ascensão para a verdade*, p. 10-11

Deus eterno e todo-poderoso, tu nos chamaste a fazer tua vontade e a obedecer aos teus mandamentos, dos quais o maior é amar a ti de todo o coração, alma, mente e força; bem sabes que estamos muito aquém disso e, ainda assim, nosso amor por ti é imenso, pois fomos imensamente perdoados. Torna-nos ainda mais conscientes de nosso pecado, a m de que nosso amor por ti aumente e o testemunho de nossa vida dê bons frutos, para tua honra e glória, por meio de nosso Salvador Jesus Cristo. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; Marcos 12.30

PARA REFLETIR: Sl 40.9-10; Mt 5.13,16; **Mc 12.30**; **Lc 7.47**; Rm 10.14-15; 2Co 4.5-6; Fp 2.15; Cl 2.11-12; Tg 1.22-25; 2.8-17; **1Pe 3.15**; 1Jo 2.1-29

113

(Depois de um turbulento processo decisório, Merton havia chegado a Bardstown, Kentucky, onde ingressaria como postulante no Getsêmani, o mosteiro trapista próximo dali.) Eu estava livre, havia recobrado minha liberdade; pertencia a Deus, não a mim mesmo. E pertencer a ele é ser livre, livre das ansiedades, preocupações e tristezas próprias desta terra e livre do apreço pelas coisas que nela existem. Que diferença poderia haver entre um lugar e outro, uma habitação [monástica] e outra, se a vida pertencia a Deus e estava completamente abrigada nas mãos dele? A única coisa que importava era o sacrifício, a dedicação essencial do próprio eu, da própria vontade. O restante era puramente involuntário.

Só há felicidade onde há paridade com a Verdade, a Realidade, o Ato

que fundamenta e direciona todas as coisas à sua completude essencial e contingencial — e é essa a vontade de Deus. Só há uma felicidade: agradá-lo. Só uma tristeza: desagradá-lo, rejeitá-lo, voltar-lhe as costas.

Thomas Merton, *A montanha dos sete patamares*, p. 370

Ó Deus, nosso Pai misericordioso, se há apenas uma felicidade real, agradecer-te, e apenas uma tristeza real, desagradar-te, concede-nos sabedoria espiritual para que reconheçamos que crer em teu Filho como nosso Salvador, que morreu por nossos pecados e ressuscitou — sem o rejeitar e sem lhe voltar as costas —, causa em ti grande prazer, assim como deixar de crer nele — rejeitando-o e voltando-lhe as costas

— causa em ti grande desprazer. Faz assim mediante o próprio Jesus Cristo, que vive eternamente contigo e com o Espírito Santo. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III

PARA REFLETIR: Dt 28.1-68; 30.6; 1Rs 8.61; Sl 40.8; Pv 3.5; 16.3; Is 26.3; 50.4-9; Jr 42.6; **Jo 6.29**; 8.32-36; 14.23; Rm 6.17; 8.1-2; 12.2; 15.13; Ef 5.1-11

BILLY GRAHAM

(1918–2018)

Billy Graham gura entre grandes evangelistas, como D. L. Moody e Billy Sunday. O historiador Grant Wacker, da Universidade Duke, afirmou que, ao lado de Martin Luther King Jr. e o papa João Paulo II, Graham foi “um dos cristãos mais influentes e criativos do século 20”

(*America’s Pastor*, p. 2). Em seu ministério, Graham enfrentou desafios diferentes daqueles por que passaram Moody e Sunday, mas sua mensagem coincidia com a deles: Jesus Cristo é amigo dos pecadores e, independentemente do passado que tenham, pode introduzi-los no reino de Deus. Como Moody e Sunday, Graham proclamou, em linguagem simples, que Jesus Cristo é a esperança das nações. Em conversas com o evangelista, na casa em que este residia no topo de uma montanha na Carolina do Norte, Wacker — que o chama de “pastor da América” (p. 282) — reconheceu nele uma pessoa muito humana, que via em Cristo como seu Salvador e não cava justificando as ocasiões em que por vezes deixou de “expressar a verdade aos poderes

[políticos]” (p. 297). Contudo, durante décadas, Graham chamou seus

ouvintes à “responsabilidade” pública e privada como cristãos, norte-americanos e cidadãos do mundo (p. 2).

Nascido em Charlotte, na Carolina do Norte, e crescido em uma fazenda leiteira, Graham foi influenciado, quando adolescente, pelo evangelista Mordecai Ham († 1961). Graham graduou-se no Wheaton

College, em Illinois, onde conheceu Ruth McCue Bell, filha de um missionário na China com a qual se casou. Ruth exerceu enorme influência no ministério do esposo. Em 1939, Graham foi ordenado ministro pela Convenção Batista do Sul, mas nunca fez dessa identificação denominacional uma bandeira.

A agitada carreira de Billy Graham começou em Los Angeles, durante um reavivamento ocorrido no ano de 1949. A ocasião seguia para um desfecho comum quando Stuart Hamblen, um radialista famoso, convidou Graham para seu programa, e William Randolph Hearst, magnata do jornalismo, recomendou que os noticiários cobrissem os encontros reavivalistas conduzidos pelo jovem evangelista. Ali desabrochava o formidável legado da Associação Evangelística Billy Graham.

114

O gênio inventivo do homem deu-lhe condições de mudar tudo, exceto a si mesmo. Pois, a despeito do tão aclamado “progresso”, o homem continua sendo o que era no início.

O pecado também permanece intocado, embora o homem não tenha medido esforços para modi-cá-lo. Temos buscado dar-lhe outros nomes, colocando novos rótulos no mesmo frasco de veneno de sempre.

Tentamos cair o edifício podre e ngir que ele parece seguro (ou novo).

Temos buscado chamar o pecado de “erro”, “equivoco” ou “mal-entendido”, mas ele permanece o mesmo. Não importa quanto tentemos redimir nossa consciência, sabemos que os homens ainda são pecadores; e as consequências do pecado ainda são doença, frustração, desilusão, desespero e morte.

Cristo veio para nos dar respostas aos persistentes problemas do pecado, da amargura e da morte. E a persistência dele é insuperável.

Deus todo-poderoso, “se afirmamos que não temos pecados, enganamos a nós mesmos e não vivemos na verdade”, mas, “se confessamos nossos pecados”, tu és “el e justo para perdoar nossos pecados e nos purificar de toda injustiça”. Que teu Santo Espírito faça nosso coração cair de joelhos, para que apresentemos nossas confissões, certos de tua amável misericórdia. Indignos que somos, tu nos salvarás segundo a tua Palavra, e cantaremos louvores a ti continuamente, durante nossos dias na terra e também na eternidade no céu; por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor e Salvador. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; 1João 1.8-9

PARA REFLETIR: Gn 3.1-24; Dt 30.15-16; Sl 32.5; Is 59.1-2; Mt 25.31-43; Jo 3.16-17; 6.50-71; Rm 1.18-23; 5.21; 6.23; Ef 2.8-9; Cl 1.21-23; **1Jo 1.8-9**; 3.6-8

115

No Evangelho de João, há uma descrição da perspectiva de Jesus sobre aqueles que o seguiam: “Jesus, porém, não conhea neles, pois conhecia a todos”. A mente daqueles homens e mulheres acreditava em Jesus, mas não o coração.

Há uma enorme diferença entre crença intelectual e conversão que salva a alma. [.] Milhares de pessoas tiveram algum tipo de experiência emocional à qual se referem como sendo conversão, mas elas nunca se converteram de fato.

Cristo requer que você mude de vida — e se sua vida não condiz com aquilo que você experimentou, então há razões de sobra para duvidar dessa experiência! É certo que suas emoções serão modificadas e você passará a odiar o pecado e amar a justiça.

Deve haver conversão da própria vontade! Deve haver aquele compromisso de obedecer e seguir a Cristo. [...] O “eu” deve ser pregado na cruz.

Billy Graham, *Paz com Deus*, p. 135

Senhor Deus, nosso Pai, tu disseste: “Este povo fala que me pertence; honra-me com os lábios, mas o coração está longe de mim. A adoração que me prestam não passa de regras ensinadas por homens”. Pelo poder do teu Santo Espírito, concede a todos que se dizem cristãos uma conversão que de fato caracterize renascimento, a fim de que honremos a ti, não

apenas com os lábios, mas também com nossa vida; por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor, a quem, juntamente contigo e com o Espírito Santo, sejam toda honra e toda glória, por toda a eternidade. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; Isaías 29.13

PARA REFLETIR: Is 29.13; Lc 9.23-24; Jo 2.23-24; At 17.30-31; Rm 6.1-4,11; 8.12-13; Gl 2.20; 5.24; Ef 2.1-22; 4.22; Cl 3.1-17; 1Ts 5.4-11,23-24; Tg 4.8

116

Um cristão pode ser sincero em sua busca pelo poder do Espírito Santo e, ainda assim, buscá-lo por motivos errados. Há quem o busque por algum tipo de experiência emocional.

Por vezes, o Espírito Santo pode nos oferecer uma noção profundamente tocante de sua presença ou nos ajudar a superar uma situação particularmente difícil. Mas devemos cuidar para que não desejemos ser cheios dele com base em motivações egoístas. Ele veio para que pudéssemos gloriar a Cristo.

O Espírito Santo veio para esse propósito. [...] Esta é uma das coisas que comprova uma vida cheia do Espírito: Cristo está se tornando mais e mais evidente em minha vida? As pessoas estão vendo mais dele e menos de mim?

Por que precisamos da plenitude do Espírito Santo? Porque apenas no poder do Espírito podemos viver de maneira que gloriemos a Deus.

Billy Graham, *O Espírito Santo*, p. 126-129

Ó precioso Espírito Santo, “vive em mim, Consolador! Enche-me de poder! Chamas de zelo, amor e fé em mim vem acender”. Nós te rogamos que assim faças em cada um de nós, não segundo os desejos e conselhos de nosso coração, mas segundo aquilo pelo que tu queres que tenhamos zelo, amor e fé. “Oh, vive em mim Consolador!

Vem dominar meu ser, minha vontade sujeitar a Cristo e seu querer.” Dá que seja assim por meio de Cristo, nosso Senhor, que reina eternamente contigo e com o Pai.

Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; Edwin Hatch (1835–

1889), “Oh, vive em mim, Consolador”, da trad. de Werner

Kaschel (1922–2010), Hinário

PARA REFLETIR: Mt 5.16; Jo 15.26; 16.14; At 8.9-25; Rm 7.15-19; 1Co 10.31; 12.1-26; 2Co 4.1-12; Gl 5.22-23; 2Pe 2.17-22; 1Jo 4.1; Jd 1.10-13

117

A menos que o Espírito controle nossa vida, seremos dominados por nossa velha natureza pecaminosa Para saber o que é ser cheio do Espírito Santo, devemos atacar todo e qualquer pecado em nossa vida.

[...] Em geral, nossos pecados resultam de orgulho, o qual sofre profundo golpe quando honestamente admitimos, diante de Deus e dos homens, que não somos tão bons quanto pensávamos ser.

Lidar com nossos pecados também é difícil porque, para isso, é necessário que não somente os reconheçamos, mas que nos

arrependamos deles. E entre nós há quem abrigue os próprios pecados, recusando-se a abandoná-los.

Não devemos nos satisfazer com uma análise casual de nossa vida.

Precisamos confessar não só o que consideramos pecado, mas o que o Espírito Santo diz ser pecaminoso quando ouvimos sua voz mediante a Palavra de Deus. [...] A confissão deve ser tão abrangente quanto o pecado.

Billy Graham, *O Espírito Santo*, p. 138

Pai celestial, teu Filho nos ensinou que a obra primordial do Espírito Santo é convencer o mundo “do pecado, da justiça e do juízo”; uma vez que nossos pecados nos perseguem todo o tempo, inclusive os que se abrigam na escuridão de nosso coração, faz brilhar em nós a divina luz do Espírito, para que vejamos nossa miséria com mais clareza e sinceramente nos arrependamos “bem junto à cruz de Cristo”, onde declaramos “seu amor, amor incomparável” por nós pecadores. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; Elizabeth C.

Clephane (1830–1869), “Bem junto à cruz de Cristo”, da trad.

de João Wilson Faustini (1931–), Hinário; João 16.8

PARA REFLETIR: Sl 32.5; Pv 28.13; Jo 16.8-15; At 19.11-20; Rm 8.1-17; 2Co 5.10; Gl 5.13-24; Ef 4.17—5.12; Tg 5.16; 1Pe 1.1-2; 2.4-12; 1Jo 1.10; 2.1

JOÃO PAULO I

(1920–2005)

Em 5 de outubro de 1995, o papa João Paulo II — cuja vida, segundo o biógrafo George Weigel, foi um “testemunho” da esperança cristã (*Witness to Hope*, p. xix-xxiv) — discursou na Assembleia Geral das Nações Unidas:

Senhoras e senhores! No limiar de um novo milênio, estamos testemunhando um avanço global extraordinário da busca por liberdade, busca essa que é uma das grandes dinâmicas da história humana. Esse fenômeno não se restringe a nenhuma parte do mundo, nem com gura uma expressão cultural específica. Homens e mulheres de todo o planeta têm arriscado a vida em prol da liberdade, mesmo sob ameaça de violência, pedindo o direito de uma vida social, política e econômica que corresponda à sua dignidade como seres humanos livres que são.

Esse anseio universal por liberdade é, de fato, uma das marcas distintivas de nosso tempo.

“Discurso de Sua Santidade”, seção 2

Nas palavras de João Paulo, há um testemunho indelével da vida de um dos mais notáveis paladinos cristãos da liberdade e da dignidade humana, mártires [do grego *martus*, “testemunha”] e rmes visionários do século 20. Sua incansável luta contra o nazismo e o comunismo totalitaristas, conduzida em nome do Senhor dos senhores que liberta de todo tipo de tirania, deveria constar para sempre dos registros cristãos como bastião do evangelho. Jay Nordlinger, da revista *National Review*, assim sintetizou: “Nunca houve um casamento tão perfeito entre homem e trabalho como no caso de Karol Wojtyla e o papado”

(“Pole in Rome”).

João Paulo II “in uenciou mais vidas, nas mais diversas circunstâncias, que qualquer homem ou mulher de seu tempo”. Ele encarnou “aquilo que tanto admiradores quanto críticos reconheceram como genuína nobreza de espírito e de coração na defesa dos direitos humanos, na

paixão pela verdade e na abertura para as verdades que outros experimentaram em sua própria vida” (Weigel, *Witness to Hope*, p. xix).

118

Jesus revelou, sobretudo com seu estilo de vida e com suas ações, como se faz presente o amor no mundo em que vivemos, um amor operante, amor que se dirige ao homem e abraça tudo o que constitui sua humanidade. Tal amor transparece especialmente no contato com o sofrimento, a injustiça e a pobreza; no contato com toda a “condição humana” histórica, que de várias formas manifesta as limitações e a fragilidade, tanto físicas como morais, do homem. Precisamente o modo e o âmbito em que se manifesta o amor são chamados na linguagem bíblica de “misericórdia”.

Cristo revela Deus que é Pai, que é “amor” [...]. Revela Deus “rico em misericórdia” [...]. Essa verdade não é apenas tema de ensino; é realidade que Cristo nos tornou presente. Tornar presente o Pai como amor e misericórdia constitui, na consciência do próprio Cristo, ponto fundamental do exercício de sua missão como Messias; com isso as palavras que ele pronunciou, primeiro na sinagoga de Nazaré e, depois, diante de seus discípulos e dos enviados de João Batista.

João Paulo II, *Dives in Misericordia* [Rico em misericórdia], 30 de novembro de 1980, parte 2, seção 3

Deus de misericórdia e amor, teu Filho nunca passou por um miserável, um amargurado, um incapacitado ou um enfermo sem parar para lhe mostrar compaixão e misericórdia, e ele também nos ensinou que todo ser humano é “infeliz, miserável, pobre, cego e nu”. Assim, faz que teu povo se alegre na esperança da cura divina e tenha discernimento espiritual para reconhecer que todos nós precisamos dela, agora e na hora de nossa morte e julgamento; por meio desse mesmo Filho, Cristo, nosso Senhor. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; Apocalipse 3.17

PARA REFLETIR: Sl 5.7; 13.5; 25.10; 89.14; Is 54.8; 55.7; Mq 6.8; Lc 1.49-55; Rm 11.30-36; Ef 2.4; Tt 3.5; Hb 4.16; 1Pe 1.3; 2.10; **1Jo 4.16; Ap 3.17**

119

O Espírito Santo é quem dá continuidade à sua obra: ele recebe do que é de Cristo e transmite-o a todos, entrando incessantemente na história do mundo por meio do coração humano. É aí que ele se torna

[...]

verdadeiro “pai dos pobres, distribuidor dos dons e luz dos corações”,
o

“hóspede amável das almas”, que a Igreja saúda, sem cessar, no limiar da intimidade de cada pessoa. Pois ele traz “descanso e refrigério” no meio dos esforços, do trabalho dos braços e da mente humana; traz

“descanso” e “alívio” nas horas de calor ardente do dia, no meio das preocupações, das lutas e dos perigos de todas as épocas; e traz, por m, a “consolação”, quando o coração humano chora e é tentado pelo desespero.

A Igreja professa sem cessar sua fé: há em nosso mundo criado um Espírito, que é um dom incriado. É o Espírito do Pai e do Filho: como o Pai e o Filho, ele é incriado, ilimitado, eterno, onipotente, Deus e Senhor.

João Paulo II, *Dominum et Vivificantem* [Senhor e Doador da vida], 18 de maio de 1986, concl., seção 67

Vem, ó Espírito Santo, e adorna-nos com teus variados dons, para que realmente percebamos e exaltemos os grandes feitos de Deus, realizados mediante Jesus Cristo; faz queimar em nós o fogo do teu pleno fervor e consome toda nossa malícia, bem como todos os outros anseios e desejos carnavais; acende a luz da tua verdade, a m de que sirvamos ao nosso Deus ardorosamente em espírito e fé, com sinceridade e zelo.

Amém.

“Oração no domingo de Pentecostes”, *Pequeno tesouro*

de orações, aplicação 1, no 12

PARA REFLETIR: Mt 28.16-20; Lc 4.1,18; Jo 1.32-33; 3.5; 14.18-26; 16.12-15; At 2.1-4,17-18; Rm 8.1-27; 1Co 2.14; 6.11; 12.7-13; Gl 5.16-28; Ef 2.18; Hb 9.14

120

O homem é chamado a uma plenitude de vida que em muito ultrapassa as dimensões de sua existência terrena, porque consiste na participação na própria vida de Deus. A sublimidade dessa vocação sobrenatural revela a grandeza e o valor inestimável da vida humana, mesmo em sua fase temporal. Com efeito, a vida temporal é condição

basilar, momento inicial e parte integrante do processo total e unitário da existência humana. É um processo que, para além de toda expectativa e merecimento, é iluminado pela promessa e renovado pelo dom da vida divina, que alcançará sua plena realização na eternidade [...]. Ao mesmo tempo, é precisamente o próprio chamado sobrenatural que sublinha o caráter relativo da vida terrena individual. A nal, esta vida não é realidade “última”, mas “penúltima”; trata-se, em todo o caso, de uma realidade sagrada que nos é con ada para a guardarmos com sentido de responsabilidade e levarmos à perfeição no amor e na dádiva de nós mesmos a Deus e a nossos irmãos e irmãs.

João Paulo II, *Evangelium Vitae* [O evangelho da vida],

25 de março de 1995, introd., seção 2

Pai celestial, que con aste à raça humana a “sagrada realidade” da vida na terra, preserva-nos no caminho durante nossa jornada neste mundo e leva-nos ao lugar que nos preparaste; puri ca-nos de todo pecado e imundície a que nos vinculamos “no curso da vida terrena” e prepara-nos plenamente para a “esperança da vida eterna”

que tu, “aquele que não mente”, prometeste “antes dos tempos eternos”; por meio de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; “A entrega”,

Funeral: rito 1, LOC; Êxodo 23.20; Tito 1.2

PARA REFLETIR: Êx 23.20; Mc 16.15; Jo 3.16; 10.10; Rm 2.14-15; Tt 1.2; 1Jo 3.1-2

121

Jesus Cristo, Filho do Deus vivo, tornou-se nossa reconciliação com o Pai. Ele somente satisfaz o eterno amor do Pai, aquela paternidade que desde o princípio se expressou na criação do mundo, conferindo ao homem toda a riqueza do que foi criado.

Com essa revelação do Pai e efusão do Espírito Santo, que imprimem um selo indelével no mistério da Redenção, explica-se o sentido da cruz e da morte de Cristo. O Deus da criação revela-se como Deus da redenção, como Deus “ el a si mesmo” e el ao seu amor para com o homem e com o mundo, o que já se revelara no dia da criação. Esse seu amor é amor que não retrocede diante de nada daquilo que nele mesmo exige a justiça. Pois “por nossa causa (Deus) fez pecado aquele

(o Filho) que não conheceu o pecado”. E se “fez pecado” aquele que era absolutamente isento de qualquer pecado, foi para revelar o amor que é sempre maior que tudo o que é criado, o amor que é ele próprio, porque

“Deus é amor”.

João Paulo II, *Redemptor Hominis* [O Redentor do homem],

4 de março de 1979, parte 2, seção 9

Eterno Deus de amor, “cujo desejo é que todos sejam salvos”, nós, que antes éramos teus inimigos e estávamos longe de ti, de ti separados por nossos “maus pensamentos e ações”, agora somos reconciliados contigo “por meio da morte do Filho no corpo físico”

e podemos nos apresentar em tua presença “livres de qualquer acusação”. Cuida de nós e fortalece-nos, ó Senhor, pois “somos embaixadores de Cristo”, cujo apelo tu fazes

“por nosso intermédio” para que todos se reconciliem contigo; por meio do mesmo Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; 2Coríntios 5.20;

Colossenses 1.21-22; 1Timóteo 2.4

PARA REFLETIR: Gn 1.26; 3.6-13; Sl 8.6; Lc 15.11-32; Jo 16.13; Rm 5.11; 8.18-20,29-30; 2Co 5.20-21; Gl 3.13; Ef 1.7-8; Cl 1.20-22; 1Ts 5.24; 1Tm 2.4; 1Jo 4.8,16

122

Cristo é a chave das Escrituras. [...] Cristo é o centro da economia da salvação, [...] das promessas da Lei e do seu cumprimento no Evangelho; é o elo vivo e eterno entre a Antiga e a Nova Aliança.

Jesus leva a cumprimento os mandamentos de Deus, especialmente o mandamento do amor ao próximo, interiorizando suas exigências e levando-as ao sentido mais pleno. O amor ao próximo nasce de um coração que ama, e precisamente porque ama está disposto a viver as mais elevadas exigências. Jesus mostra que os mandamentos não devem ser entendidos como um limite mínimo a não ultrapassar, mas sim como uma estrada que implica uma jornada moral e espiritual rumo à perfeição, cujo âmago é o amor.

O próprio Jesus é o “cumprimento” vivo da Lei, visto que ele realiza seu signi cado autêntico com o dom total de si: ele mesmo se torna Lei viva e pessoal que convida as pessoas a seguirem-no; mediante o Espírito, ele concede a graça de partilhar sua própria vida e amor.

João Paulo II, *Veritatis Splendor* [O esplendor da verdade], 6 de agosto de 1993, cap. 1, seção 15

Senhor Jesus Cristo, tu viste e experimentaste a pecaminosa insu ciência de todo homem e toda mulher para viver segundo as santas leis de teu Pai, em especial as maiores delas, o amor a Deus e o amor ao próximo como a nós mesmos; por tua amorosa misericórdia, pedimos que coloques tua cruz entre nossos pecados e o julgamento de nossa alma e transformes nosso coração por meio do desejo ardente de seguir a ti, pois és a pessoa mais amável que já existiu. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III

PARA REFLETIR: Mt 5.17, 21-22,27-28; 21.42; 22.34-40; Lc 24.21-27; Jo 1.43-51; 5.39; 13.34-35; At 1.16; Rm 10.4; 13.8; Cl 3.14; Tt 2.14; 1Pe 1.18-23

JOHN R. W. STOTT

(1921–2011)

John Stott, clérigo anglicano, foi um eminente líder do cristianismo evangélico no século 20. Em abril de 2005, a revista *Time* o incluiu em sua lista das cem pessoas mais in uentes do mundo (Graham, “Heroes and Icons”). Como alguém sobre quem Cristo tinha “controle completo” (*Cristianismo básico*, p. 128), Stott generosamente colocou a ótima formação que recebeu no Trinity College, em Cambridge, e o privilégio social de que dispunha (seu pai foi um importante médico inglês) a serviço do Redentor e de sua igreja. A proeminência de Stott derivou de sua atuação diplomática em diversos contextos

denominacionais e nacionais; de seu exitoso trabalho como reitor (pastor) da All Souls Church, em Langham Place, Londres; de seu empenho na criação da Sociedade Evangélica na Comunidade

Anglicana, que ofereceu bolsas de estudos para potenciais líderes oriundos de países em desenvolvimento; da autoria de seus mais de cinquenta livros; de sua in uência na formação de estudantes universitários, particularmente em Londres e na série de conferências missionárias em Urbana, Illinois, nos Estados Unidos; da liderança que exerceu no histórico Congresso de Evangelização Mundial de

Lausanne, em 1974, no qual che ou o comitê redator do Pacto de Lausanne; da fundação, também em 1974, do programa Langham Partnership International, em resposta às necessidades de igrejas e pastores de países em desenvolvimento; e do estabelecimento, em 1982, do Instituto de Londres para o Cristianismo Contemporâneo, dedicado a comunicar a fé cristã ao público secular. Billy Graham afirmou que os recursos educacionais oferecidos por Stott a potenciais líderes de países em desenvolvimento contribuíram significativamente para o “crescimento explosivo do cristianismo” nesses países (Graham, “Heroes and Icons”).

Tudo começou quando, aos 17 anos, enquanto estudava na Rugby School, Stott ajoelhou-se ao lado de sua cama e “disse a Cristo que havia feito de sua vida uma grande confusão”. Ele confessou seus pecados, agradeceu a Cristo por ter morrido em seu favor e lhe pediu que entrasse em sua vida. O Senhor o atendeu, veio “à [sua] casa”, “limpou-a” e cuidou dela daquele dia em diante (*Cristianismo básico*, p. 128).

123

Somente um vislumbre da cruz nos tornará desejosos de negar a nós mesmos e seguir a Cristo. [...] Se tivermos um lampejo da grandeza de seu amor, só nos restará uma linha de ação. Como podemos negar ou rejeitar alguém que nos ama tanto?

Se você sofre de anemia moral, que longe do cristianismo. Se quer uma vida de confortável autoindulgência, faça qualquer coisa, mas não se torne cristão. Mas se almeja uma vida de autodescoberta, em alegre concordância com a natureza que lhe foi dada por Deus; se quer uma vida de aventuras, na qual tenha o privilégio de servir ao próprio Deus e a seus irmãos; se quer uma vida em que possa expressar um pouco da imensa gratidão que passou a sentir por aquele que morreu em seu lugar

[. .], eu o incentivo a entregar a vida ao Senhor e Salvador Jesus Cristo.

John R. W. Stott, *Cristianismo básico*, p. 119

Concede, Deus todo-poderoso, que nós, sendo renovados por teu Espírito, não apenas permaneçamos no temor do teu nome mas também avancemos mais e mais e sigamos rmes, para que, armados com teu poder invencível, lutemos incansavelmente contra todas as artimanhas e ataques de Satanás e, assim, levemos nossa batalha até o m, sustentados por tua misericórdia,

na expectativa da vida que nos está reservada no céu; por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

João Calvino, *Oseias*, cap. 6, palestra 16, oração

PARA REFLETIR: Mt 10.38; 16.24-25; Mc 8.34; Lc 14.27; Jo 3.14-16; 15.1-17; Rm 6.1-11; 1Co 1.18; Ef 6.10-13; Fp 2.8; 3.17-21; Hb 12.2; 1Pe 2.24-29; 1Jo 1.3.1

124

Talvez a maior das provas da ressurreição seja a transformação por que passaram os discípulos de Jesus. [...] Podemos notar a mudança neles ocorrida sem que precisemos ser orientados a tal. Em Atos, os homens que guram nas páginas dos Evangelhos se mostram novos e diferentes.

A morte de seu Mestre os deixou desanimados, desiludidos, quase desesperados. Em Atos, porém, eles ressurgem como homens que arriscam a vida pelo nome do Senhor Jesus Cristo e que deixam o mundo de cabeça para baixo.

A ressurreição transformou em coragem o receio de Pedro, e em fé a dúvida de Tiago. [...] A ressurreição tornou o sábado em domingo e os judeus remanescentes na igreja cristã. [...] Transformou Saulo, o fariseu, em Paulo, o apóstolo — o perseguidor fanático em um pregador da própria fé que ele outrora tentara destruir.

John R. W. Stott, *Cristianismo básico*, p. 58-59

Concede, Deus todo-poderoso, que sejamos a tal ponto preservados em obediência a ti pelo ensino de tua Palavra que nunca nos desviemos, nem para a esquerda, nem para a direita, mas continuemos naquela adoração pura, que tu mesmo prescreveste, a m de que testi quemos com clareza que és nosso Pai, pois estamos continuamente sob a proteção de teu Filho unigênito, o qual nos enviaste para que fosse nosso Pastor e Comandante até o m. Amém.

João Calvino, *Oseias*, cap. 4, palestra 11, oração

PARA REFLETIR: Mc 16.1-7; Lc 24.1-27; Jo 6.54; 14.18-31; 21.1-24; At 2.1-42; Rm 1.4; 6.4-5; 8.9-11; 1Co 15.3-4; Ef 1.17-21; Fp 3.7-20; 1Pe 1.3

125

O evangelho da cruz nunca será uma mensagem popular, pois humilha o orgulho de nosso intelecto e caráter. [...] A cruz é a maneira pela qual Deus satisfaz seu próprio amor e justiça na salvação dos pecadores.

Portanto, ela também manifesta seu poder.

Quando olhamos para a cruz, vemos a justiça, o amor, a sabedoria e o poder de Deus. Não é fácil de nir o que nela é mais claramente revelado: se a justiça de Deus ao julgar o pecado; se o amor de Deus, que toma para si o juízo em nosso lugar; se a sabedoria de Deus, que combina perfeitamente essas duas coisas; ou se o poder de Deus, que salva quem crê. Pois a cruz é, de igual maneira, um ato e, portanto, uma demonstração da justiça, do amor, da sabedoria e do poder de Deus. Ela nos garante que Deus é a realidade que está por dentro, atrás e além do universo.

John R. W. Stott, *A cruz de Cristo*, p. 226

Quero estar ao pé 1da cruz, de onde rica fonte

Corre franca, salutar, do calvário monte.

Sempre a cruz, Jesus, meu Deus, queiras recordar-me;

Dela à sombra, Salvador, queiras abrigar-me.

Junto à cruz, ardendo em fé, sem temor vigio,

Pois à terra santa irei, salvo, além do rio.

Fanny Crosby (1820–1915), “Quero estar ao pé da cruz”, da

trad. de Júlio Cesar Ribeiro (1845–1890), Hinário

PARA REFLETIR: Jo 3.16; Rm 1.4,16; 3.26; 5.8,18; 9.22; 16.25; **1Co 1.18-31**; 2.6; 3.19; 4.20; 2Co 6.4-7; 13.4; Ef 1.7-8; Fp 2.8; 1Pe 2.24-25; 1Jo 1.9; 3.16

126

Para os cristãos, como foi para Cristo, a vida implica con ito. Para os cristãos, como foi para Cristo, ela também implica vitória. Nesse sentido, Jesus deliberadamente traçou um paralelo entre ele mesmo e nós, prometendo o direito de partilhar de seu trono àquele que resistir como ele resistiu.

Contudo, esse paralelo é apenas parcial. Seria absolutamente impossível que lutássemos contra o diabo e o vencêssemos por nossa própria conta. [...] Seria também desnecessário tentar fazê-lo, pois Cristo já o fez. A vitória dos cristãos consiste, portanto, em ingressar na vitória de Cristo e desfrutar seus benefícios. [...] Pelo poder da graça de Deus, nós que partilhamos da ressurreição de Cristo também temos parte em seu trono. Considerando que Deus colocou todas as coisas sob os pés de Jesus, elas estarão sob os nossos também, se estivermos nele.

John R. W. Stott, *A cruz de Cristo*, p. 239

Ó meu Senhor e Salvador, em teus braços estou seguro; mantém-me nesse lugar e nada terei a temer; abandona-me e nada terei pelo que esperar. Não sei o que me sobrevirá antes de minha morte. Nada sei sobre o futuro, mas cono em ti. Oro para que me dêes o que é bom para mim; oro para que tires de mim o que põe em risco minha salvação. Dá-me conhecer a ti, crer em ti, amar a ti, servir a ti; que eu sempre almeje seguir para tua glória, viver por ti e para ti, ser um bom exemplo para todos à minha volta. Que eu só venha a morrer no tempo e à maneira que mais te glori quem e mais bem façam à minha salvação. Amém.

John Henry Newman, “Jesus, nosso Guia e Guardião”, em

Meditações e devoções

PARA REFLETIR: Mc 3.27; Jo 14.26; 16.33; **1Co 10.13; 15.57; 2Co 12.9-10; Ef 1.20-23; 2.4-6; 6.13; Cl 2.8-15; 3.12-17; 1Jo 2.13; 4.4; Ap 3.21; 21.6-7**

MARTIN LUTHER KING JR.

(1929–1968)

Martin Luther King Jr. consta no rol daqueles que deram a vida para expandir as implicações morais e sociais do trecho bíblico “nem judeu nem gentio, escravo nem livre, homem nem mulher” (Gl 3.28). Hoje, alguns biógrafos seculares tentam minimizar a influência de Jesus no conceito de justiça social adotado por King. Ignoram as palavras do próprio biografado, esvaziando sua alma. Não se pode, por exemplo, compreender sua prática da resistência não violenta, “um corajoso enfrentamento do mal pelo poder do amor” (King Jr., *Stride toward Freedom*, p. 98), sem considerar os evangelhos.

King nasceu no sul dos Estados Unidos durante a era Jim Crow, sistema de organização social instituído depois da Guerra Civil (1861–

1865) e marcado por discriminação racial reforçada mediante leis, costumes e práticas religiosas. À época, placas sinalizadoras indicavam em quais estabelecimentos e serviços o acesso era permitido apenas a brancos. Aos negros, vedavam-se igualdade de direito a voto; oportunidades de moradia e educação; acesso a restaurantes, hospedarias, banheiros, meios de transporte e recursos médicos (Woodward, *Strange Career of Jim Crow*). Talvez em nenhum outro lugar as leis de Jim Crow fossem rati cadas com tanto vigor quanto nas igrejas. O objetivo era convencer a todos de que os negros eram, por natureza, aquilo que a legislação e a polícia alegavam: sub-humanos.

Havia proibições semelhantes instituídas em localidades fora do sul do país (“List of Jim Crow Law”).

Foi contra isso que Martin Luther King Jr. — ministro cristão, sulista e doutor em loso a pela Universidade de Boston — atuou por meio de resistência não violenta. Ele ansiava “transformar o vozerio dissonante de [sua] nação em uma bela sinfonia fraterna”, na qual crianças fossem

jugadas “não pela cor de sua pele, mas por seu caráter” (King Jr., “I Have a Dream”). King insistiu que, quando entendemos a graça de Deus como peça-chave das comunidades de reconciliação, não há base bíblica nem teológica para a segregação ou o racismo. Todo ser humano, por ser humano, recebeu o irrevogável selo da graça divina.

127

O movimento dos direitos civis nos Estados Unidos é um fenômeno singular que deve ser entendido à luz da história do país e considerado em termos da situação nacional. Mas, em outro e importante sentido, o que está acontecendo nos Estados Unidos hoje é parte signi cativa de um desenvolvimento em nível mundial.

O grave rumor de descontentamento que ouvimos hoje é o estrondo

das massas deserddadas, que emergem dos calabouços da opressão para as resplandecentes colinas da liberdade. Em majestoso coro, as massas entoam nossa canção de liberdade: “Ninguém nos fará recuar”. Como uma febre que se espalha pelo mundo, a liberdade se propaga no maior movimento de libertação já visto na história. As grandes massas populares estão decididas a acabar com a exploração de sua raça e terra.

Martin Luther King Jr., *Daqui, para onde vamos: caos ou*

*Deus todo-poderoso, já ouviste o clamor do teu povo e viste suas di-
culdades, seu trabalho árduo e sua opressão; então, o libertaste “com mão
forte e braço poderoso, com atos temíveis, sinais e maravilhas”; nós te
rogamos que também hoje ouças o clamor de a itos e oprimidos de todo o
mundo e os conduzas ao lugar que lhes preparaste, à maior de todas as
liberdades: a libertação do pecado, da culpa, da morte e do juízo, por meio
de Cristo, que nos torna “livres de fato”. Amém.*

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III;

Deuteronômio 26.7-8; João 8.36

PARA REFLETIR: Dt 26.7-9; 2Sm 8.15; Sl 82.3; 89.14; Pv 21.3; Is
9.6-7; Jr 23.5; Ez 45.9; Mt 12.7; 25.1-46; Lc 4.18-19; Jo 7.24; **8.36**;
1Co 13.6; Tg 4.1-10

128

Os oprimidos não podem permanecer oprimidos para sempre. A ânsia
por liberdade cedo ou tarde se manifesta. A Bíblia relata como Moisés
se apresentou diante da corte do faraó, sécu los atrás, interpelando-o:

“Deixe meu povo sair”. Esse foi o capítulo introdutório de uma
história que se estende até hoje, e que tem como um de seus capítulos
mais recentes a batalha que enfrentamos nos Estados Unidos. [...]
Algo dentro do negro o fez lembrar que a liberdade é um de seus
direitos inatos, e algo fora do negro o fez lembrar que é possível obtê-
la.

Um dos grandes riscos na história é que muitos não se mantêm
despertos durante períodos de intensa mudança social. Em toda
sociedade há quem se dedique a proteger o *status quo* e a coadunar
com a indiferença. [...] Hoje, nossa sobrevivência depende de nossa
capacidade de nos manter despertos, de nos ajustar às novas ideias e
encarar o desa o da mudança. [...] Devemos aprender a viver juntos
como irmãos; do contrário, seremos forçados a perecer juntos como
loucos.

Martin Luther King Jr., *Daqui, para onde vamos: caos*

ou comunidade? , p. 170-171

*Ó Deus de toda graça e paz, tu desprezas práticas religiosas desprovidas de
paixão pela justiça e não tens nenhum prazer em assembleias solenes cujos*

motivos sejam outros que não o amor pelo bem e o ódio pelo mal; vem arar o improdutivo solo de nossa consciência e treinar nossos olhos baços a reconhecer-te no estrangeiro, no faminto, no sedento, no doente e no encarcerado. Torna a letargia de nossos desertos um caudaloso amor pela justiça e faz tua retidão uir em nós como um rio. Amém.

Adaptado de Amós 5.14,21-24; Mateus 25.31-40

PARA REFLETIR: Êx 1.8-14; 3.7-12; Sl 9.9; 91.1-16; 147.1-6; Pv 14.23; Is 40.3-5; 42.1; Jr 5.25-29; 22.13; **Am 5.14,21-24**; Ml 3.5; **Mt 25.31-40**; Lc 4.18-19; **Gl 3.28**; Fp 1.1-25; Tg 2.6

129

Vim a Birmingham com a esperança de que líderes religiosos brancos percebam como é legítima a nossa causa.

Ouvi vários líderes religiosos sulistas exortarem seus seguidores a aquiescer com a decisão de dessegregar porque assim diz a lei. Mas meu anseio é ouvir ministros brancos declarando: “Sigam esse decreto, pois a integração é moralmente correta e porque o negro é seu irmão”. Em meio a injustiças tão agramantes, vi religiosos brancos colocando-se de lado e proferindo irrelevâncias piedosas e trivialidades hipócritas. Em meio a intensa luta para livrar nossa nação da injustiça racial e econômica, ouvi muitos ministros dizerem: “Isso são questões sociais que, na verdade, não dizem respeito ao evangelho”. [...] Vi muitas igrejas se comprometerem com uma religião “de outro mundo” que estabelece uma estranha e antibíblica distinção entre corpo e alma, entre o sagrado e o secular.

Martin Luther King Jr., “Carta da prisão de Birmingham”, em

Por que não podemos esperar, p. 90

Deus eterno e todo-poderoso, “de um só homem” zeste os povos da terra e nos ensinaste que todo homem ou mulher, irmão ou irmã, que por fé pertença a Cristo é verdadeiro lho de Abraão e herdeiro dele conforme a tua promessa. NÓ s te rogamos que nos livres de toda e qualquer ideia tola e pecaminosa segundo a qual tu consideras algumas pessoas e raças superiores a outras. Assim pedimos em nome de Jesus Cristo, que morreu pelos pecados de toda a humanidade. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; Atos 17.26;

Gálatas 3.29

PARA REFLETIR: Sl 55.21; 101.7; Mt 7.21-23; 15.7-9; Mc 7.6-8; Lc 12.2; Jo 2.2; At 17.26; Rm 2.1-5,17-19; Gl 3.29; Tt 1.5-11; Tg 1.22-25; 2.14-26; 1Pe 2.16; 1Jo 2.9

130

Viajei por todo o Alabama, pelo Mississípi e por outros estados do sul.

Em sufocantes dias de verão e frescas manhãs de outono, vislumbrei as belas igrejas dessa região, com suas torres altas apontando para o céu.

Contemplei o notável desenho de seus sólidos edifícios destinados ao ensino religioso. E vez após vez me perguntei: “Que tipo de gente adora aqui? Quem é o Deus deles?”.

Profundamente desapontado, chorei a frouxidão da igreja; contudo, garanto que minhas lágrimas brotaram do amor. Onde não há amor, não há desapontamento. Sim, eu amo a igreja. Como poderia ser diferente?

Sou lho, neto e bisneto de pregadores. Sim, considero a igreja o corpo de Cristo. Mas, ah, como manchamos e ferimos esse corpo com a nossa negligência e o medo de que nos chamem dissidentes!

Martin Luther King Jr., “Carta da prisão de Birmingham”, em

Por que não podemos esperar, p. 90-91

Deus todo-poderoso, que nos criaste à tua imagem, concede-nos graça destemida para combater o mal e não nos conformar com a opressão; ajuda-nos a usar nossa liberdade de modo reverente para a manutenção da justiça em nossas comunidades e entre as nações, para a glória do teu santo nome, por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor, que vive e reina contigo e com o Espírito Santo, um só Deus, agora e para sempre.

Amém.

“Pela justiça social”, Coletas: contemporâneas, LOC

PARA REFLETIR: 1Sm 16.7; Is 1.-11-15; Jr 5.30-31; 7.21-26; 50.6; Am 5.11-15, 21-24; Mt 23.27-28; Tg 1.27; 1Pe 2.1-25; 1Jo 3.17-18; Ap 3.1-6

DESMOND TUTU

(1931-)

No livro de Ester, Mardoqueu pergunta à sobrinha: “Quem sabe não foi justamente para uma ocasião como esta que você chegou à posição de rainha?” (Et 4.13). Essas palavras se aplicam também ao reverendo Desmond Tutu, a quem Deus reservou tarefas remidoras signi cativas em circunstâncias históricas bastante críticas, especialmente durante o m do *apartheid* na África do Sul.

Desmond Tutu nasceu em Klerksdorp, na antiga província de Transvaal, e foi criado sob o regime do *apartheid*, que comprometeu todos os aspectos da sociedade sul-africana. Em 1954, graduou-se na Universidade da África do Sul. Depois de lecionar por três anos a alunos de ensino médio, começou a estudar teologia, preparando-se para atuar como ministro cristão. Foi ordenado padre anglicano em 1960. De 1962

a 1966, prosseguiu com os estudos teológicos na Inglaterra, onde obteve o grau de mestre. De volta para a África do Sul, lecionou teologia entre 1967 e 1972, para em seguida retornar a Londres durante três anos na condição de diretor assistente de um instituto teológico. Em 1975, transpôs uma importante barreira racial ao assumir o decanato da Catedral de Santa Maria, em Johannesburgo. Foi bispo do Lesoto entre 1976 e 1978, ano em que se tornou o primeiro negro a ocupar o cargo de secretário geral do Conselho de Igrejas Sul-Africanas. Em 1985, Tutu iniciou seu ministério como primeiro bispo negro de Johannesburgo, e um ano depois foi escolhido como arcebispo da Igreja Anglicana Sul-Africana na Cidade do Cabo. Em 1987, tornou-se presidente da Conferência das Igrejas de Toda a África, posição em que se manteve até 1997. Em grande medida por razão de seu empenho para pôr m ao *apartheid* em seu país, Tutu recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1984.

Em 1996, o presidente Nelson Mandela delegou a Desmond Tutu a liderança da Comissão de Verdade e Reconciliação, um esforço sem precedentes no sentido de restaurar uma nação profundamente marcada por um legado de opressão racial.

131

(Um dos mais marcantes relatos de reconciliação registrados no século 20 diz respeito ao m do regime de segregação racial sul-africano. O *apartheid* começou a ruir no início da década de 1990, processo que culminou, em 1994, com a formação de um governo democrático na África do Sul. Tal cenário motivou a extraordinária atuação da Comissão de Verdade e Reconciliação, cujos dirigentes incluíam Desmond Tutu.)

Nelson Mandela alcançou, na prisão, uma envergadura tal que deixou muita gente preocupada com a possibilidade de ele, um verdadeiro santo, emergir do cárcere com meros “pés de barro” e, assim, decepcionar quem o venerava.

Mas o Sr. de Klerk [presidente sul-africano de 1989 a 1994] não encontrou uma pessoa vingativa, rmente decidida a retribuir os brancos na mesma moeda. [...] Ele encontrou um homem

majestosamente digno, com generosidade exuberante e o desejo de dedicar a própria vida à reconciliação daqueles então separados não só pelo *apartheid*, mas pela injustiça e pela dor inerentes ao racismo.

Nelson Mandela não deixou a prisão cuspiendo palavras de ódio e vingança. Aliás, ele nos surpreendeu ao mostrar-se um heroico exemplo de reconciliação e perdão. [...] Ele emergiu da cadeia como uma pessoa plena. [...] Os anos em que esteve aprisionado foram como fogo que o tornou em aço. [...] Pode ser que, sem a experiência de tamanho sofrimento, ele se tornasse alguém menos compassivo e magnânimo do que viria a ser.

Desmond Tutu, *Não há futuro sem perdão*, p. 38-39

Senhor Deus, teu Filho ordenou que perdoemos como fomos perdoados; porém, com coração obstinado, consideramos a obediência a esse mandamento praticamente impossível. Dá-nos um novo coração, como zeste com Nelson Mandela, e assim glori caremos ao teu Filho. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III

PARA REFLETIR: Gn 45.4-8; Et 4.14; Pv 15.18; Ez 36.26; Mt 5.7; 6.15; 7.1-29; 18.21-35; Ef 4.31-32; Fp 4.8; 1Pe 3.9

132

(Para o desalento de alguns, Desmond Tutu, o alegre ministro cristão, andou lado a lado com pessoas ligadas a outras expressões de fé enquanto batalhava por justiça e liberdade, e o fez sem diminuir sua con ança em Jesus Cristo.)

Nós, cristãos, devemos proclamar honesta e sinceramente a verdade de nossa fé e, sem comprometê-la, rea rmar de maneira cortês e inequívoca nossa crença em que, no m das contas, todas as aspirações e alegações religiosas se cumprem em Jesus Cristo. Mas devemos garantir às outras pessoas o mesmo direito de recomendar sua fé, na esperança de que o cristianismo, com seu supremo apelo e sua

autenticidade cabal, se encarregue, ele mesmo, de atraí-las. Então, ao ver o impacto do cristianismo no caráter e na vida de seus adeptos, os não cristãos desejaram abraçá-lo, assim como outrora os pagãos eram atraídos à igreja não tanto pelo que era pregado ali, mas sobretudo pelo que viam na vida dos cristãos primitivos, e o que viam os fazia exclamar: “Como esses cristãos se amam!”.

Desmond Tutu, *Deus não é cristão*, p. 17-18

Pai celeste, o inequívoco testemunho do Novo Testamento é que tu nos deste vida eterna, e essa vida está em teu Filho, pois “quem tem o Filho tem a vida”, e quem não tem o Filho não a tem. Fortalece-nos, ó Senhor, para que em todo tempo nos rmemos em nossa fé, mas sempre em humildade e respeito, sem esnobismo ou presunção, a m de que os que não conhecem a ti se admirem de nós e digam: “Como esses cristãos se amam!”; por meio do Autor do amor, Cristo, nosso Senhor. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; 1João 5.11-12

PARA REFLETIR: Mt 5.14-16; Jo 8.12; 10.1-42; 13.35; Rm 1.16; 2Co 4.6; Gl 5.22-23; Cl 3.12; 4.2-6; 2Tm 1.8-12; 2.24; Hb 1.4-14; **1Jo 5.11-12**

133

Em nossa cosmovisão africana, temos algo a que chamamos de *ubuntu*.

[...] É um termo bastante difícil de traduzir, mas podemos parafraseá-lo assim: “Somente por meio de outras pessoas é que nos tornamos pessoa”. É preciso estar com outros seres humanos para aprender como ser humano. [...] Para nós, falar em ser humano solitário con gura uma contradição terminológica.

O conceito de *ubuntu* trata de como minha humanidade está inextricavelmente vinculada à sua. Isso implica dizer: “Sou porque pertenço” [...]. O ser humano autossu ciente é sub-humano. Só posso ser eu mesmo se você for inteiramente você. Sou porque você é, pois somos feitos para a unidade, para compor uma família. Somos complementares; existimos para formar uma intrincada rede de relações, de interdependência com nossos irmãos humanos e com o restante da criação.

Ubuntu mostra como pessoas são mais importantes que coisas, lucro ou bens materiais.

Desmond Tutu, *Deus não é cristão*, p. 21-22

Deus todo-poderoso e Pai todo-misericordioso, tu nos deste um novo mandamento, a saber, que amássemos uns aos outros; então, dá-nos graça para que possamos cumpri-lo. Faz de nós pessoas gentis, respeitosas e tolerantes. Guia nossa vida para que enxerguemos o bem nas palavras e atitudes dos outros. E santi ca nossas amizades com as bênçãos do teu Espírito, em nome daquele que nos amou e se entregou por nós, Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

“Pelo amor dos homens”, em *Orações: compiladas e adaptadas*

de fontes antigas e modernas, p. 31-32

PARA REFLETIR: Lv 19.9-18; Sl 133.1-3; Ec 4.9-12; Ez 34.1-31; Sf 7.9-10; At 4.32-35; **Rm 1.5**; 12.3-13; Ef 4.2-6; Fp 2.3-16; Cl 3.13; 1Ts 5.14

134

Deus sempre teve a intenção de que vivêssemos em comunhão e harmonia. Esse era o cerne da vida no Éden, onde não havia derramamento de sangue, nem mesmo para sacrifícios religiosos. O leão e o cordeiro brincavam juntos. [...] Então, a harmonia primordial pretendida por Deus para a criação foi abalada, e toda a criação foi infectada por uma ruptura radical.

Os crentes dizem que grande parcela da história humana pode ser descrita como uma busca por recuperar a harmonia, a comunhão e a paz para as quais fomos criados. A Bíblia apresenta essa história como uma campanha para que Deus restabeleça aquela harmonia primordial; nessa ocasião, o leão novamente se juntará ao cordeiro e eles não conhecerão mais a guerra, pois as espadas terão sido transformadas em arados e as lanças, em foices.

A intenção divina era trazer todas as coisas, nos céus e na terra, à unidade em Cristo.

Desmond Tutu, *Não há futuro sem perdão*, p. 263-265

Querido Pai celestial, no princípio tu criaste teus lhos para que vivessem nesta terra em perfeita paz contigo, uns com os outros e com todos os seres; em decorrência do pecado, caímos de tua graça e vivemos em inimizade contigo, uns com os outros e com todos os seres. Nós te louvamos, ó Senhor, pois nos revelaste tua “vontade secreta”, o plano de, no devido tempo, reunires “sob a autoridade de Cristo tudo que existe nos céus e na terra”. “Vem, Senhor Jesus.” Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; Efésios 1.9-10;

Apocalipse 22.20

PARA REFLETIR: Gn 3.1-24; 4.1-16; 6.1-22; **Is 2.4**; Jr 29.11; **Mq 4.3**; Mt 15.19; Rm 3.23; 5.12-14; 6.23; 1Co 2.14; **Ef 1.3-10**; 1Jo 3.2-3; **Ap 21.1-27; 22.20**

HENRY NOUWEN

(1932–1996)

Nascido em Nijkerk, na Holanda, Henri Nouwen, o “pastor dos pastores”, foi o primogênito de quatro lhos. Desde bem pequeno, desejou tornar-se padre católico romano. Foi ordenado em 1957, depois de se formar no seminário de Rijsenburg. Embora seu arcebispo pretendesse vê-lo estender os estudos na Universidade Gregoriana de Roma, Nouwen decidiu estudar psicologia na Universidade Católica de Nijmegen (1957–1964). Durante as férias, trabalhava em minas e também como capelão no exército e em navios de cruzeiro.

No período de 1964 a 1966, Nouwen contribuiu com programas de apoio religioso e psiquiátrico na Clínica Menninger, em Topeka, nos Estados Unidos. Ali, tomou conhecimento da atuação de Martin Luther King Jr., pelo que tomou parte nas célebres marchas de Selma a Montgomery, organizadas por ativistas dos direitos civis dos negros.

Entre 1966 e 1968, trabalhou como professor visitante de psicologia na Universidade de Notre-Dame, no estado de Indiana, e por insistência dos alunos também deu aulas de psicologia pastoral. Em 1968, voltou para a Holanda, onde prosseguiu com a carreira acadêmica e revelou-se um escritor de estilo intimista e vulnerável. Lecionou teologia pastoral na Yale Divinity School de 1971 até 1981, período esse pontuado por retiros sabáticos, produção escrita e atividade docente cada vez mais intensa. Em 1983, foi nomeado professor de divindade na Harvard Divinity School, cargo que ocupou em expediente de meio-período.

Durante a temporada que passou em Harvard, Nouwen envolveu-se profunda e conscienciosamente com a teologia da libertação sul-americana. Seu período em Harvard foi ao mesmo tempo prolífico e insatisfatório. Em 1986, depois de uma estada na comunidade L’Arche de amparo a de cientes intelectuais em Trosly-Breuil, na França,

Nouwen juntou-se à L’Arche Daybreak em Toronto, onde morou e trabalhou com internos e alguns auxiliares até 1996, quando veio a

falecer. O impacto libertador que a experiência em Daybreak teve na vida de Nouwen é relatado em sua obra *A volta do lho pródigo*.

135

Uma das estratégias do diabo é fazer-nos considerar a oração uma atividade primordialmente mental que mobiliza sobretudo nossa capacidade intelectual. Isso reduz a oração a uma conversa com Deus ou a um pensamento acerca dele.

Para muitos de nós, orar não é nada mais que bater um papo com Deus. E, visto que costuma se parecer mais com uma relação unilateral, a oração não passa de um mero falar a Deus. Isso é suficiente para produzir grande frustração. [...] Quando a impressão crescente é a de que estou falando no escuro, não surpreende que eu logo comece a suspeitar que meu diálogo com Deus seja, de fato, um monólogo.

O motivo de nossa vida de oração estar em crise é que nossa mente pode estar ocupada com ideias sobre Deus, enquanto nosso coração permanece longe dele. A verdadeira oração vem do coração.

Henry Nouwen, *O caminho do coração*, p. 72-75

Ó Senhor, nosso Pai celestial, Deus eterno e todo-poderoso, em quem “vivemos, nos movemos e existimos”, sedentos de ti nós ofegamos como a corça que vaga na aridez do deserto ansiando pelo fresco riacho. Ouve-nos enquanto oramos com coração jubiloso em louvor e ação de graças, pois tu nos alegras e nos dás tudo de que necessitamos para viver; por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor e Salvador. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III; Atos 17.28

PARA REFLETIR: Sl 42.1-11; 63.1-11; 91.1-16; 145.18-19; Is 26.3; Mt 6.1-34; Lc 6.27-28; At 17.28; Rm 8.26; Ef 6.18; Fp 4.6-7; 1Tm 2.8; 1Pe 5.8

136

A oração que vem do coração não nos permite restringir nossa relação com Deus a palavras interessantes e emoções piedosas. Por natureza, essa oração volta todo o nosso ser na direção de Cristo precisamente porque nos abre os olhos da alma para a verdade de quem somos e de quem Deus é. Em nosso coração, reconhecemo-nos como pecadores abraçados pela misericórdia divina, e é essa compreensão que nos faz clamar: “Senhor Jesus Cristo, Filho do Deus Vivo, tem misericórdia de

mim, pois sou pecador”. A oração do coração nos desafia a não ocultar nada de Deus e a render incondicionalmente à misericórdia dele todo o nosso ser.

Portanto, a oração do coração é a oração da verdade. Ela desmascara as muitas ilusões que abrigamos acerca de nós mesmos e de Deus; ela abre espaço para o verdadeiro relacionamento entre o pecador e o Deus de misericórdia.

Henry Nouwen, *O caminho do coração*, p. 78-79

Ó Pai misericordioso, tu nos ensinaste que a fé sem obras é morta, bem como são mortas obras que não resultem da fé. Nós, frágeis pecadores, estamos lamentavelmente distantes daquilo que esperas do discipulado cristão; contudo, de modo admirável tu nos tomas de volta vez após vez, e como a criança que retorna correndo para o colo sempre disponível da mãe amorosa, assim nós corremos para ti.

Aumenta nossa fé para que encontremos a força necessária para trilhar a árdua jornada do discipulado, não para conquistar teu amor, mas para mostrar nosso amor e gratidão por tua misericórdia e graça, por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor e Salvador. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III

PARA REFLETIR: Sl 37.7; 96.5; **139.1**; Jr 16.17; 23.24; Mt 16.24-26; Mc 14.36; Jo 17.17; Rm 10.9-10; Ef 1.13-14; Hb 4.13; Tg 1.18; **2.14-26**; 5.16; **2Pe 1.4**; 1Jo 1.9

137

Mas o que dizer do pai do lho pródigo? Por que nos concentramos tanto nos lhos se é o pai quem está no centro da situação e é com ele que devemos nos identificar? Por que debater sobre a semelhança com os lhos se a verdadeira questão é: “Você tem interesse em ser como esse pai?”. De certo modo, é agradável poder dizer: “Esses lhos são parecidos comigo”. [...] Mas como será poder afirmar “Eu me pareço com o pai”? Acaso quero me parecer com ele? Quero estar não só no lugar daquele que é perdoado, mas também no daquele que perdoador?

Quero ser não apenas o que é recebido de volta, mas também aquele que dá as boas-vindas? Não somente o que é alvo de compaixão, mas também aquele que a oferece?

O retorno ao Pai é, em última instância, o desejo de se tornar o Pai.

Ó eterno e encarnado Filho de Deus Pai, Mediador da nossa salvação, tu nos deste um novo mandamento: que amássemos e perdoássemos uns aos outros como tu nos amaste e perdoaste. Coloca em nós um coração semelhante ao teu, para que nos tornemos verdadeiros lhos de nosso Pai celestial, que se deleita em amor inabalável, não retém sua ira para sempre e faz o sol nascer sobre os bons e os maus. Amém.

Adaptado de “Pela paz”, Orações por graças variadas, em

Coletas antigas e outras orações, p. 80

PARA REFLETIR: Is 55.7; Dn 9.9; Mq 7.18-20; **Mt 5.43-48**; 6.12-15; 18.21-22; **Lc 6.27,36; 15.11-32**; 17.3-4; 23.34; **Jo 13.34**; Rm 8.17; Gl 6.1; Cl 2.13; 3.13

138

O que está em debate é a pergunta: “A quem pertencço: a Deus ou ao mundo?”.

Enquanto fujo da indagação “Você me ama? Você realmente me ama?”, dou carta branca para as vozes do mundo e me coloco sob servidão, pois o mundo é cheio de “se”. Ele diz: “Sim, eu o amo se você for bonito, inteligente e rico. Eu o amo se você for bem-relacionado, tiver boa formação acadêmica e bom emprego”. [...] São incontáveis os

“se” implícitos no amor oferecido pelo mundo, e eles me escravizam, pois não consigo responder apropriadamente a todos. [...] Se continuar procurando a mim mesmo neste mundo de amor condicional, eu me mantereí “viciado” nele. [...] E, por oferecer algo que é incapaz de satisfazer o anseio mais profundo do meu coração, este é um mundo que induz ao vício.

Henry Nouwen, *A volta do filho pródigo*, p. 42

Ó Príncipe da Vida, Senhor Jesus Cristo, Libertador dos cativos, nós te prestamos louvor diante do teu poder e glória, pois triunfaste sobre a morte e o inferno, sobre os teus inimigos e os nossos. Aumenta em nós a compreensão de que morremos contigo para as forças escravizantes que regem este mundo. Por teu Espírito, capacita-nos a manifestar tua liberdade em tudo o que somos e temos. Concede-nos, ó Deus — Pai, Filho e Espírito Santo —, as muitas riquezas da tua graça. Amém.

Adaptado de Tersteegen (1731), “Oração para o domingo de

Páscoa”, em *Orações da coleção do finado Barão Bunsen*,

p. 119-120

PARA REFLETIR: Dt 7.7-8; Jr 31.3; Mt 5.43-48; Lc 6.27; 15.20-22; Jo 3.16-17; Rm 5.8; 8.35; 1Co 13.1-13; Ef 2.8; 3.14-19; **Cl 2.20**; Tt 3.4-5; 1Jo 3.16; 4.7-11

WALTER BRUEGGEMANN

(1933–)

Entre as palavras que podem descrever Walter Brueggemann —

intelectual, pregador, poeta, profeta, crítico —, nenhuma é mais apropriada que a expressão “homem de igreja”. Sua obra extensa e pioneira como estudioso do Antigo Testamento parece mirar o chamado para que a igreja pratique aquilo que as Escrituras e o Senhor apresentam e têm como propósito. Nenhum acadêmico contemporâneo

se dedicou a cumprir esse chamado de maneira mais el e criativa quanto Brueggemann. Durante décadas, ministros cristãos das mais diversas denominações buscaram nele recursos indispensáveis para seu sacerdócio. Mais que informativa, a leitura de suas obras —

especialmente a de sua prosa intrigante — inspira amor pelas Escrituras e pelas possibilidades e responsabilidades associadas ao evangelho de Jesus Cristo. “Nenhum comentarista bíblico é mais consistentemente provocativo, interessante, desadorado e imaginativo que Walter Brueggemann” (Nation, citado em “About Walter Brueggemann”).

Brueggemann é professor emérito de Antigo Testamento no Columbia Theological Seminary em Decatur, na Geórgia, Estados Unidos.

Nascido em Tilden, no estado de Nebraska, e filho de um pastor evangélico alemão, ele afirma que sua teologia tem raízes no pietismo germânico. Ordenado ao ministério na Igreja Unida de Cristo e tido como calvinista “moderado”, considera querelas doutrinárias pouco interessantes (Henning, “A Conversation with Walter Brueggemann”).

Graduado no Elmhurst College e no Eden Theological Seminary, em

1961 Brueggemann concluiu o doutorado em teologia no Union Theological Seminary, onde foi aluno de James Muilenburg, acadêmico renomado que se tornou conhecido por apresentar o Antigo Testamento como uma narrativa dramática. Mais tarde, Brueggemann obteve o grau

de doutor em educação pela Universidade de St. Louis. Um de seus atributos é a incrível capacidade de abordar as Escrituras hebraicas como um texto pertencente tanto aos judeus quanto aos cristãos, mostrando como elas se relacionam com o Novo Testamento e com a

proclamação cristã. No capítulo nal de sua *Introdução ao Antigo Testamento*, Brueggemann esclarece de que maneira o estudo crítico das Escrituras pode contribuir para que elas sejam entendidas como texto canônico.

139

Quando os cristãos dizem que a Bíblia foi “inspirada”, isso implica que o próprio objetivo de Deus, sua vontade e sua presença foram “soprados”

no texto bíblico. E a essa alegação não está necessariamente associada a noção literal de um “ditado direto” realizado pelo Espírito divino;

“inspirada” é uma maneira simples de dizer que todo o processo tradicionalizante dá continuidade e expressão a uma representação ampliada da realidade, à luz da santidade de Javé. Por meio dessa manifestação, que se interrompe e recomeça mediante a imaginação e a ideologia humanas — mas nunca é domesticada por nenhuma delas —, recebemos uma “revelação” do segredo da vida do mundo e da vida de Deus no mundo. E, nós, como igreja, ousamos dizer com lábios trêmulos: “A Palavra do Senhor [...] Graças sejam dadas a Deus”, pois é assim que a entendemos.

Walter Brueggemann, *Introdução ao Antigo Testamento*, p. 10-11

Mestre querido, tuas muitas bênçãos e dons encheram meu coração até que ele transbordou de gratidão e louvor. A ti sejam dados louvor e graças; tu me levaste da morte para a vida e me zeste regozijar em tua comunhão e amor. Estar assentado aos teus pés é incomparavelmente melhor que ocupar o mais alto trono da terra. Por tua graça, aceita-me e usa-me para tua glória, onde e como quiseres. Pois tu és meu, e eu sou teu; tiraste-me do pó, zeste-me à tua imagem e deste-me o direito de tornar-me teu lho. Amém.

Sadhu Sundar Singh, adaptado de “Oração”,

em *Aos pés do Mestre*

PARA REFLETIR: Js 1.8-9; Sl 119.11; Mt 4.4; Lc 2.32; Jo 6.35; 8.23,28; 1Co 15.1-58; Cl 1.15-20; 2Tm 3.16-17; Hb 4.12; 2Pe 1.1-2; Ap 22.18-19

140

O cânone é uma dádiva divina que promove a revelação do próprio Deus. [...] A autorrevelação é uma questão pessoal e interpessoal que não pode ser completamente reduzida a nenhuma fórmula exata. [...]

Devemos reconhecê-la mediante esclarecimento que re ita com precisão a vontade de Javé, embora esse esclarecimento seja sempre elusivo, visto que o Deus em quem cremos permanece um mistério até mesmo quando autorrevelado.

A Bíblia não fornece nenhuma certeza rasa como as que se podem encontrar na sociedade moderna e tecnológica. A Bíblia fornece a autenticidade de Javé, uma autenticidade insistente, rigorosa e transformadora; portanto, o estudo bíblico é uma empreitada que põe a vida em risco e também a transforma. Essa particular autenticidade divina não é ofertada de modo simplório, mas só quando vivemos junto daquele que é evidenciado pelas Escrituras e a ele respondemos. A Bíblia não é algo que se visita abruptamente; ela requer que a habitemos e a observemos, em uma presença permeada de inocência con ante e uma observação pautada na consciência crítica.

Walter Brueggemann, *Introdução ao Antigo Testamento*, p. 402

Ó Senhor, misericordioso para com todos, remove os pecados que há em mim e, com tua misericórdia, acende em meu interior o fogo do Espírito Santo. Tira de mim o coração de pedra e dá-me um coração de carne, para que eu te ame e te adore, para que eu me deleite em ti, para que eu te siga e desfrute tua companhia, em nome do Cristo. Amém.

Ambrósio de Milão (c. 340–397), oração citada em E. A. Kemp,

“A excelência da devoção”, p. 11

PARA REFLETIR: Êx 4.13-17; 20.1-6; Is 6.1-5; 40.17-23; Ez 43.1-12; Mt 16.17; Jo 1.9-18; 3.3-15; 8.48-58; 11.21-27; 14.1-7; **Rm 12.2; Ef 3.1-6**; Hb 1.1-4; Ap 1.12-16; 4.1-11

O Deus da Bíblia é o que há de mais estranho na Bíblia. Na história da religião, não há nenhum outro como o Deus bíblico. [...] Isso é algo difícil de compreender. Por isso, as pessoas que, na Bíblia, se relacionaram com Deus sempre buscaram interagir com o Eu Divino do modo como interagiam com outras noções de Deus. E, em todas as épocas, incluindo a nossa, somos tentados a encaixar Deus em categorias, como se ele pertencesse a um grupo homogêneo de agentes.

Contudo, Deus não é como nenhum outro, e sua estranheza reside justamente nisso. Deus está *com* as pessoas e *para* as pessoas. Sua bondade não corresponde a um imenso poder transcendental, a um distanciamento sublime ou a uma severidade elevada, mas à prontidão para estar junto das pessoas e a favor delas. [...] Essa companhia e essa disponibilidade nada têm a ver com troca de favores, artimanha ou intimidação. Deus simplesmente quer ser assim.

Walter Brueggemann, *A Bíblia faz sentido*, p. 35

Bendiga o Senhor, ó minha alma, e tudo o que há em mim bendiga o seu santo nome.

Bendiga o Senhor, ó minha alma, e não se esqueça de nenhum dos benefícios que ele lhe deu. Ó Deus de toda graça, que eu possa adorar-te com toda a aptidão da minha alma; que eu possa agradecer-te devidamente por toda manifestação de tua misericórdia. Meu Deus, minha Força, ilumina minha mente e acende a devoção em meu coração; por meio de Jesus Cristo, que vive e reina contigo e com o Espírito Santo, um só Deus eterno. Amém.

Adaptado de Agostinho (354–430), bispo de Hipona,

“louvor a Deus”, em *Orações da coleção do finado Barão*

Bunsen, p. 147-148

PARA REFLETIR: Js 1.9; Sl 23.1-6; 73.23-28; **103.1-2**; 139.7-10; Is 40.9-14; 41.10; 43.1-3; 49.13; Mt 1.18-25; 28.16-20; Jo 1.1-18; 10.11; 14.16-17, 25-29; Rm 8.38-39

A partir dos relatos do nascimento de Jesus, podemos entender melhor seu ministério, pois este consistiu em cumprir o que se anunciou

quando de sua vinda ao mundo. O ministério de Jesus é o foco dos evangelhos, sobretudo de Mateus, Marcos e Lucas, que se voltam primordialmente para o que Jesus realiza, e não para quem ele é. Só se pode saber quem Jesus é com base no que ele faz. E o que ele faz é estar conosco e agir em nosso favor. Ele dá poder ao fraco e desanimado. Ele alimenta quem está desesperadamente faminto. Ele leva cura a lugares onde a enfermidade parece imperar. Ele leva vida aonde só se pode prever morte. [...] Ele foi o principal meio pelo qual Deus mostrou quem era:

“embora fosse rico, por amor [...] se fez pobre”; sendo pleno, esvaziou-se por nós; o Deus vivo que, elmente, entregou-se à morte.

Walter Brueggemann, *A Bíblia faz sentido*, p. 42

Ó Filho de Deus, Jesus Cristo de toda graça e de todo amor, a ti sejam o louvor e as ações de graças por tua encarnação e nascimento e por teu grande amor e misericórdia em tomar sobre ti nossa carne e nosso sangue. Tu te tornaste nosso Irmão, elevando-nos à condição de lhos do Pai celeste e herdeiros contigo. Em ti são benditas todas as nações da terra, pois em ti o Pai estabeleceu eterna aliança de comunhão e amor. Amém.

Adaptado de Johann Arndt (1555–1621), “A encarnação de Nosso Senhor”, em *Orações da coleção do finado Barão*

Bunsen, p. 155-156

PARA REFLETIR: Mt 1.18—2.6; 5.1-12; Lc 1.46-55; 2.1-20; 4.14-21; 5.1-24; 8.22-33; 13.10-20; Jo 10.11; 2Co 8.9; Gl 3.6-9; Fp 2.6-11

143

A autoridade de Jesus, seu poder transformador, se revelou em sua pobreza e fome e na angústia que sofreu diante da morte de seu povo.

Em sua pobreza, ele conquistou poder para fazer que muitos fossem ricos. [...] Em sua fome, tornou-se capaz de alimentar os outros. Em sua angústia, alcançou poder para dar às pessoas alegria e plenitude. Por ser quem era, teve autoridade para garantir o futuro de quem o seguia.

Esse modo de discernir o poder soberano da graciosa compaixão de Jesus nos remete de imediato à sua *ressurreição*, propulsora de nitiva desse novo futuro. Tudo o que restou da dor da sexta-feira foi o desespero do sábado, e os discípulos não tinham motivo nenhum para

esperar pelo domingo. [...] A ressurreição só pode ser recebida, rati cada e celebrada como ato inédito de Deus cujo propósito é criar novos futuros para as pessoas e maravilhá-las em meio ao desespero.

Walter Brueggemann, *A imaginação profética*, p. 106-107

Ó Senhor poderoso, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, que não consideraste “que ser igual a Deus” fosse algo a que devesses te apegar, mas esvaziaste a ti mesmo e assumiste “a posição de escravo”, tu rompestes as portas do túmulo na manhã de Páscoa. Triunfante, mostraste a bandeira da tua ressurreição e abriste diante de nós os átrios celestiais. Tu nos amaste e, por teu sangue, nos libertaste de nossos pecados, fazendo de nós um reino de sacerdotes de teu Pai, a quem seja a glória, assim como a ti e ao Espírito Santo. Amém.

Adaptado de “Páscoa”, Orações para datas sagradas, em

Coletas antigas e outras orações, p. 54; Filipenses 2.6-7

PARA REFLETIR: Lc 23.50-56; **24.21**, 36-43; Jo 20.11-23; At 2.1-47; Rm 6.4; 8.11; **2Co 8.9**; Ef 1.15-23; 2.1-11; **Fp 2.5-11**; 3.20-21; Hb 13.20-21; 1Pe 1.3

144

A pregação da igreja pode apropriar-se das lembranças da boa e velha hinologia, como “Descansando no poder de Deus”, “Graça excelsa” e

“Necessitado”. Esses hinos são meditações acerca do sangue sacri cial do próprio Deus, que liberta o mundo e põe m à maldade. Ao mesmo tempo, a pregação da igreja deve incorporar o grande clamor missional de hinos como “Onde os caminhos da vida se encontram”, “Não há em Cristo norte ou sul”, “Somos um no Espírito, somos um no Senhor”.

[...] Combinadas, as a rmações do primeiro grupo de canções e a esperança instilada pelo segundo grupo abrem possibilidade para uma nova vida. Que as pregações sejam tão conservadoras quanto possível com referência ao Deus que se entrega e acaba com toda malignidade.

Que o pregador seja tão ousado quanto possível no que diz respeito à restituição da família em toda escravização e exploração que praticamos.

Walter Brueggemann, *Enfim vem o poeta*, p. 39

Ó Deus, grande em poder e insondável em entendimento, maravilhoso conselheiro de teus lhos, enche com o dom e o poder do teu Santo Espírito todos os que pregam o evangelho de Jesus Cristo, que proclamam salvação às nações, para que, livres de qualquer temor, eles tornem conhecido o mistério do evangelho, para tua glória, ó Pai, Filho e Espírito Santo, um só Deus para sempre. Amém.

Adaptado de “Pelos sacerdotes”, Orações para uso do clero,

em *Coletas antigas e outras orações*, p. 177

PARA REFLETIR: 1Cr 16.24; Sl 96.1-13; Is 52.7; Jn 1.1—4.11; Mt 28.19-20; Mc 16.15; Lc 4.16-30; At 1.8; 13.47; Rm 3.24-25; 5.9; Ef 6.19; 1Pe 1.18-19

145

A doxologia nos livra do eu e nos move na direção de Deus. A rmamos a soberania criadora de Deus e, ao reconhecer o Criador, percebemos a criação sob um novo viés. Assim o salmista compreende nossa adoração como parte do grande louvor expresso por toda a criação: “Louvem-no, sol e lua! Louvem-no todas as estrelas brilhantes!” (Sl 148.3).

Quando cantamos, nossa face se volta totalmente para o trono.

Sabemos quem nos acompanha em louvor e, embora não cantemos sozinhos, todos somos atraídos pelo trono. [...] Nosso próximo canta conosco, e nós com ele. Uma vez que nos voltamos para o trono, as diferenças, as divergências, as ameaças e os pavores que hoje experimentamos não parecem tão absolutos, pois todos entoamos o mesmo cântico para o único Soberano.

Walter Brueggemann, *Enfim vem o poeta*, p. 69-70

Toda a glória seja àquele que nos ama e nos libertou de nossos pecados por meio de seu sangue, fazendo de nós um reino de sacerdotes para Deus, seu Pai. Toda a glória seja àquele que é poderoso para guardar-nos de cair e para levar-nos, com grande alegria e sem defeito, à sua presença gloriosa. Toda glória seja àquele que é o único Deus, nosso Salvador por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor. Glória, majestade, poder e autoridade lhe pertencem desde antes de todos os tempos, agora e para sempre.

Amém.

Adaptado de Judas 1.24-25; Apocalipse 1.5b-6

PARA REFLETIR: Êx 20.2-6; 1Cr 16.23-31; Sl 29.1-11; 100.1-5; 148.1-4,7-10; Rm 11.33-36; Ef 3.20-21; 1Tm 1.17; Hb 13.20-21; Jd 1.24-25; Ap 1.5b-6; 4.8-11; 14.7

FRANCISCO

(1936–)

“Eu pre ro uma Igreja contundida, ferida e cheia de pó por ter saído pelas estradas a uma Igreja enferma pelo con namento e a comodidade de se apegar à própria segurança” (*Evangelii Gaudium*, cap. 1, parte 5, seção 49). Isso foi o que, em exortação apostólica de novembro de 2013, Jorge Mario Bergoglio, hoje papa Francisco, comunicou à Igreja Católica Romana e ao mundo sobre o que poderiam esperar de sua liderança espiritual. Em 13 de março de 2013, aos 76 anos, ele se tornou o primeiro papa originário do continente americano e também o primeiro jesuíta eleito para o ponti cado. Adotou de imediato o nome Francisco, indicando ao mundo que seu espírito e ministério seriam inspirados na ordem de Francisco de Assis (1181/82–1226).

Observadores comentaram que, depois de ser eleito, o novo papa, em vez de enviar um portador, foi pessoalmente pagar a conta da pensão onde estivera hospedado. Em sua primeira exortação apostólica, Francisco convocou a igreja a retomar e manifestar a alegria do evangelho como sua marca mais proeminente. Ele convidou os éis para

“um novo capítulo de evangelização” marcado pela “alegria do evangelho”, que “enche o coração e a vida dos que se encontram com Jesus” (*Evangelii Gaudium*, introd., seção 1).

Depois de três anos e meio de papado, Francisco ainda pregava a mesma mensagem à igreja. Em 14 de agosto de 2016, um domingo, durante o ângelus semanal proferido na Praça de São Pedro, ele disse ao público: “A Igreja não necessita de burocratas, nem de funcionários diligentes, mas de missionários apaixonados, consumidos pelo ardor de anunciar a todos as palavras consoladoras de Cristo” (McKenna, “Pope Francis Treats Homeless”).

Nascido em Buenos Aires, Francisco começou a se preparar para o sacerdócio no Seminário Diocesano de Villa Devoto, na capital argentina. Em março de 1958, iniciou o noviciado na Companhia de Jesus. Bergoglio estudou teologia no Colégio de San José (1967–1970), foi ordenado padre em 1969 e, em 1986, conquistou o título de doutor em teologia em Freiburg, na Alemanha. Antes de ser eleito

papa, serviu como arcebispo de Buenos Aires (1998–2013) e cardeal da Igreja Católica Romana da Argentina (2001–2013). Entre 2005 e 2011, presidiu a Conferência Episcopal Argentina.

146

A fé nasce do encontro com o Deus vivo, que nos chama e revela seu amor, um amor que nos precede e sobre o qual podemos apoiar-nos para construir solidamente a vida. Transformados por esse amor, obtemos novos olhos, uma visão renovada, e nos damos conta de que há no amor uma grande promessa de plenitude e que se abre à nossa frente uma visão do futuro. A fé, que recebemos de Deus como dom sobrenatural, torna-se luz para o caminho, orientando nossos passos no tempo. Por um lado, provém do passado, a luz da memória basilar da vida de Jesus, luz que manifestou seu amor plenamente con ável, capaz de vencer a morte. [. .] Por outro lado, a fé é luz que vem do futuro, que abre diante de nós horizontes vastos e nos leva a ultrapassar nosso “eu”

isolado, na direção da amplitude de comunhão.

Francisco, *Lumen Fidei* [A luz da fé], 28 de junho de 2013, introd., seção 4

Pelo dom da fé, ó Deus, tu curaste nossas feridas mediante as chagas do teu Filho unigênito. Que faremos agora que fomos comprados por tão alto preço? Como serviremos a esse Senhor, pelo qual recebemos a promessa de liberdade e a oferta de herança? Opera em nós, ó Deus, conforme o teu querer, para que sejamos plenamente possuídos por ti, Vida nossa, enquanto habitas em nós mediante o Espírito prometido.

Amém.

Adaptado de “Pela conversão da vontade a Deus”, Orações

por graças variadas, em *Coletas antigas e outras orações*, p. 72

PARA REFLETIR: Pv 3.5-6; Hc 2.4; Mt 15.25-28; Jo 3.36; 5.24; Rm 1.17; 5.1-5; 10.8-11,17; 2Co 5.6-10; Gl 2.16; Ef 2.8-9; Hb 11.1—13.25; 1Pe 1.21

147

Convido todos os cristãos, em qualquer lugar e situação, a renovar neste momento o encontro pessoal com Jesus Cristo, ou pelo menos a deixar-se encontrar por ele; eu peço que o façam a cada dia, sem

cessar. Não há motivo para pensar que este convite não lhes diz respeito, pois “da alegria trazida pelo Senhor ninguém é excluído”. O Senhor não decepçiona quem assume esse risco; sempre que damos um passo em direção a Jesus, descobrimos que ele já nos aguardava de braços abertos.

Este é o momento para dizer a Jesus: “Senhor, deixei-me enganar; de mil maneiras fugi do teu amor, mas aqui estou novamente, para renovar minha aliança contigo. Preciso de ti. Resgata-me mais uma vez, Senhor; aceita-me novamente em teus braços redentores”.

Francis, *Evangelii Gaudium* [A alegria do evangelho], 24 de novembro de 2013, introd., parte 1, seção 3

Pai celestial, cuja onipotência, compaixão e amor sacri cial excedem a compreensão humana, concede a nós, afogados e desamparados em um mar de pecado, miséria e morte, um coração el que clame a ti em meio à necessidade e que reconhece teu poder salvador; por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor, que reina e vive contigo e com o Espírito Santo, agora e para sempre. Amém.

Reverendíssimo Frank F. Limehouse III

PARA REFLETIR: Sl 51.10-12; Is 40.31; Jr 31.31-34; Mt 13.34; Jo 7.37-39; 15.11; Rm 5.5; 13.10-11; 14.7; Gl 5.22; Cl 3.10-12; 2Tm 1.6; Ap 3.15-22

LUKE TIMOTHY JOHNSON

(1943–)

Luke Timothy Johnson, ex-monge beneditino e hoje professor de Novo Testamento e de origens cristãs na Emory University, é um ótimo exemplo do êxito do programa de estudos bíblicos promovido pela Igreja Católica Romana e iniciado durante o papado de Pio XII (1876–1957). O orescimento católico vem abençoando generosa e igualmente tanto católicos quanto ortodoxos e protestantes.

Em 30 de setembro de 1943, Pio XII expediu a carta encíclica *Divino Af ante Spiritu* [Inspirados pelo Espírito Divino], que trata da “maneira mais apropriada de promover os estudos bíblicos”. Conhecida como a Carta Magna dos estudos bíblicos católicos, a encíclica, intitulada *Providentissimus Deus* [Deus de toda providência], foi publicada pelo papa em comemoração ao cinquentenário de uma carta expedida por Leão XIII em 18 de novembro de 1893. De forma moderada, a

encíclica de Leão XIII abriu caminho para que recursos acadêmicos modernos fossem usados no estudo das Escrituras; até então, a teologia e o ensino católico oficial haviam se mostrado fortemente receosos e apreensivos quanto a novos métodos de estudo bíblico. Embora tenham enfrentado dura oposição até o início do Concílio Vaticano II (1962–1965), Leão XIII e Pio XII, que tinham em seu histórico uma ousada dedicação aos estudos bíblicos, e o próprio Concílio — sobretudo pela publicação do documento *Dei Verbum* [A Palavra de Deus], no qual se expõe a fé eclesiástica na revelação de Deus à humanidade na Bíblia —

impulsionaram uma mudança de guarda que resultou no atual florescimento dos estudos bíblicos católicos. Hoje, com seus colegas protestantes, estudiosos católicos romanos como Luke Johnson estão à frente do serviço acadêmico voltado para o testemunho e para a missão da igreja.

A obra de Johnson *Escritos do Novo Testamento* é, hoje, uma das mais recentes introduções ao Novo Testamento como Escritura Sagrada.

Johnson estabelece uma noção doxológica de que o encontro dos autores neotestamentários com “o Sagrado” no Cristo ressurreto serve de catalisador do Novo Testamento. Em 2011, Johnson recebeu o prestigiado prêmio Louisville Grawemeyer de religião por seu livro *Entre os gentios: Religião greco-romana e cristianismo*.

148

Quando o testemunho do Novo Testamento é tomado na totalidade, pode-se detectar uma profunda coerência. [...] O “Jesus verdadeiro” é o poderoso e ressurreto Senhor cujo Espírito transformador atua na comunidade. Mas seguir a Jesus não tem a ver com um tipo de poder que subjuga os outros, nem com o aspecto “já instituído” do reino de Deus. [...] Na verdade, tem a ver com transformação conforme o padrão revelado pelo Messias. Assim, o “Jesus verdadeiro” é também aquele por meio do qual o Espírito reproduz na vida dos que creem a sua obediência a Deus e o serviço amoroso às pessoas. [...] Em todos esses escritos, a imagem de Jesus envolve o tenso paradoxo entre morte e ressurreição, sofrimento e glória.

O discipulado não consiste em criticar a sociedade sob uma perspectiva contracultural. Também não consiste em operar milagres arrebatadores. [...] O padrão de sofrimento obediente e serviço amoroso é que é a norma.

Deus eterno e todo-poderoso, que adornas o sagrado corpo de tua igreja com as conssões dos santos mártires, pedimos que nos dês as doutrinas e o el exemplo desses irmãos de fé autêntica, “muito mais preciosa que o simples ouro”. Que a nossa fé seja provada e re nada a m de que resulte em tua glória e honra, na revelação de Jesus Cristo. Por tua misericórdia, aumenta nossa fé e sempre fortalece nosso discipulado, pelo poder do Espírito Santo. Amém.

Adaptado de “Dia dos santos”, Orações para datas sagradas,
em *Coletas antigas e outras orações*, p. 68-69; 1Pedro 1.7

PARA REFLETIR: Mt 5.10; 28.16-20; Jo 7.27-44; 10.27-30; 14.1-7,12-17; 16.12-15; 17.17-19; At 1.1-11; 2.1-4; Rm 1.1-5; 8.1-8; 15.19; 1Co 4.8; Fp 1.27—2.3; **1Pe 1.7**; 4.12-19

149

Desde o início, o cristianismo está arraigado na a rmação paradoxal de que um ser humano executado como criminoso é a fonte do Espírito de Deus, que transforma e dá vida. Desde o início, essa “boa-nova” tem sido reputada como estupidez pelos sábios do mundo. O cristianismo nunca foi capaz de “provar” essa a rmação senão apelando para as experiências e convicções daqueles que já haviam sido por ele convencidos. A única comprovação real de que Cristo é aquilo que o credo alega ser — isto é, luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro

— deve ser manifesta na vida daqueles que assim confessam.

Somente quando os cristãos e suas comunidades manifestam uma vida transformada segundo o padrão de el obediência e serviço amoroso expresso por Jesus é que a a rmação de que vivem pelo Espírito de Cristo tem validade. As alegações do evangelho só podem ser legitimadas pelo discipulado cristão autêntico.

Luke Timothy Johnson, *O Jesus verdadeiro*, p. 168

Deus eterno e todo-poderoso, que acendes a chama do teu amor no coração dos santos, dá-nos a mesma fé e o mesmo poder manifesto no amor desses homens e mulheres, a m de que sigamos seu exemplo e que nossas boas obras brilhem “para que todos as vejam” e louvem a ti, Pai celeste. Que, alegres pelo testemunho desses irmãos, possamos também produzir “muitos frutos”, por meio de nosso Senhor e Salvador Jesus

Cristo. Amém.

Adaptado de “Dia dos santos”, Orações para datas

sagradas, em *Coletas antigas e outras orações*, p. 69;

Mateus 5.16; João 15.8

PARA REFLETIR: Is 9.6; Mt 1.18; **5.14-16**; Lc 1.26-38; Jo 1.1-18; 8.48-59; **15.8**; Rm 1.4; 1Co 1.18-30; Fp 1.27-30; 4.4-9; 1Tm 3.16; 1Jo 1.1-2; Ap 1.4-8,12-16

150

[Todo o Novo Testamento] deve ser mantido vivo se a igreja de fato anseia manter-se viva em qualquer tempo e lugar. Em tempos de reforma, a voz de Paulo pode se mostrar mais pertinente; em tempos de lassidão moral, a de Tiago ou a de Mateus. Em períodos de perseguição, o Apocalipse é lido de maneiras bastante diferentes daquelas em períodos de calma. Em tempos de alienação, 1Pedro revela um novo e rico sentido. [...] Diante da corrupção moral, Judas de pronto parece bem adequado. Frente ao ceticismo racionalista, 2Pedro se torna surpreendentemente contemporâneo. E isso não é uma questão temporal apenas. A igreja é universal e existe em contextos muito distintos. [...] Aqui, ela pode ser próspera e bem conceituada; ali, perseguida e miserável. Em um lugar, pode carecer de voz profética; em outro, do conforto da promessa.

Luke Timothy Johnson, *Escritos do Novo Testamento*, p. 608-609

É bom manter-nos rmes a toda a tua Palavra, ó Senhor. Que, pela inspiração do Espírito Santo, ouçamos na Bíblia a tua voz, sem limitá-la ou negligenciá-la.

Con rma, em nossas ações, que “toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para nos ensinar o que é verdadeiro e para nos fazer perceber o que não está em ordem em nossa vida”, pois “ela nos corrige quando erramos e nos ensina a fazer o que é certo”.

Que não falhemos em ouvir tua voz nem a obedecer a ela, a m de que a esperança que nos une a ti não seja comprometida; por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor.

Amém.

Adaptado de “Pela esperança”, Orações por graças variadas,

em *Coletas antigas e outras orações*, p. 76; 2Timóteo 3.16

PARA REFLETIR: Js 1.8; Sl 19.7-11; Mt 16.16-18; Jo 5.39; Rm 15.4; **1Co 2.16**; Ef 1.15-23; 3.7-21; 4.1-6; Cl 1.24; **2Tm 3.16-17**; Hb 12.8-24; Tg 1.23-25

151

O cristianismo não é uma religião de iluminação mística. Jesus não é reverenciado como um sábio que se uniu ao divino e, então, mostrou às pessoas como alcançá-lo. [...] A experiência cristã mais elementar não é testemunhada quando vemos outros experimentarem o que Jesus experimentou. [...] O cristianismo começa quando os cristãos vivenciam, de maneira totalmente nova, o Jesus morto e ressurreto. A experiência dos primeiros cristãos consistia em encontrar no Outro o Jesus ressuscitado. *O cristianismo nasce quando há fé na ressurreição.*

A certeza de que Jesus vive e atua poderosamente na comunidade que nele crê é pressuposição implícita, e por vezes explícita, de todos os textos do Novo Testamento. O Jesus dos evangelhos não é mera personagem do passado. [...] Ele é o Deus vivo confessado e experimentado pela comunidade e cujas palavras alcançam os crentes de hoje. Ele é uma presença viva e atuante.

Luke Timothy Johnson, *Escritos do Novo Testamento*,

p. 109-110, 117

Con rma, ó Senhor, o coração de teu povo, tua igreja, e fortalece-o na certeza de tua ressurreição, pois não só a recebemos como nela nos rramos e somos salvos. Em um mundo que rejeita o evangelho por considerá-lo tolice, nós nos alegramos, ó Cristo, em confessar que és o Filho de Deus em santidade e poder, segundo o Santo Espírito, mediante tua ressurreição dos mortos. Toda glória seja ao único Deus, Pai, Filho e Espírito Santo. Amém.

Adaptado de “Pelo amor”, Orações por graças variadas, em

Coletas antigas e outras orações, p. 77

PARA REFLETIR: Mt 28.9-20; Mc 16.9-20; Lc 24.13-49; Jo 20.11-21,23; At 2.17-21,32-33,38; 1Co 2.12; 15.1-58; 2Co 12.1-5; Gl 1.15-16; 3.3-5; 4.6; 1Ts 1.9-10; 4.14; Tt 3.5

N. T. WRIGHT

(1948–)

Possivelmente em nenhum outro momento da história do cristianismo a igreja se beneficiou de estudos bíblicos tão excepcionais quanto os de hoje. De maneira honesta e criativa, acadêmicos contemporâneos lançam mão de antigos e novos recursos a serviço da fé vivida pela igreja; tal habilidade contribui para uma poderosa proclamação do evangelho, incentiva trabalhos missionários, aperfeiçoa o discipulado e fortalece a igreja contra críticos que desprezam as Escrituras. O clérigo anglicano e prolífico acadêmico N. T. Wright é um dos principais representantes dessa onda de erudição que se propaga entre os crentes.

A exposição que Wright faz da vida de Cristo em *Os desasos de Jesus* não apenas dá ao leitor cristão informações sobre Jesus como personagem da Palestina do primeiro século, mas também esclarece por que a igreja tem confessado historicamente que Jesus é o Cristo, Senhor de todos, por que ela deve fazer essa confissão e por que exaltamos Jesus como Deus encarnado.

Arrebatado pelo amor divino desde a infância, Nicholas Thomas Wright foi bispo de Durham, na Inglaterra e hoje lidera os estudos sobre Novo Testamento e cristianismo primitivo na Universidade de St.

Andrews, na Escócia. Durante vinte anos, Wright conduziu estudos acerca do Novo Testamento nas Universidades de Cambridge, McGill e Oxford. É bastante requisitado como palestrante e porta-voz da fé cristã ortodoxa, o que é comprovado por suas participações em programas de televisão e rádio como *Nightline*, *Dateline*, *The Colbert Report* e *Fresh Air*.

Os diversos livros que escreveu vão de temas eruditos (p. ex., *Jesus e a vitória de Deus*, 1996) a pastorais (p. ex., *Eu creio. E Agora?*, 2010).

Wright se destacou por defender uma “nova perspectiva sobre Paulo”, isto é, uma vívida e controversa revisão do tradicional entendimento

luterano e reformado acerca do ensino desse apóstolo quanto à relação entre lei, graça, fé e justificação.

152

As solenes e frequentes advertências de Jesus quanto ao destino de Jerusalém, de modo mais geral, e do templo, em particular, zeram que as pessoas questionassem não apenas quem ele pensava que era para

pronunciar tais juízos, mas também o que ele achava que Javé colocaria no lugar do templo. [...] A resposta de Jesus deveria ser óbvia. Javé não construiria um novo prédio no lugar do antigo; ele substituiria todo o sistema por uma nova comunidade formada precisamente por Jesus e seus discípulos.

Tudo isso signi cava — em sentido carregado de relevância encarnacional — que, vindo Jesus a Jerusalém, era certo que ele e o templo seriam contrapostos. [...] Não era possível haver dois lugares, duas maneiras mediante as quais Deus habitasse entre seu povo, com amor perdoador e restaurador, alcançando o mundo, como sempre fora seu propósito.

Jesus agia como sendo a personi cação do *shekinah*, a presença de Javé tabernaculando com seu povo.

N. T. Wright, *Os desafios de Jesus*, p. 112-114

Ó amável e eterno Filho de Deus Pai, ressurreto e eterno Verbo e Poder de Deus, sem o qual nada existe, por meio do qual são todas as coisas, que é Deus conosco e sobre todos nós; tua paixão é nosso livramento; tua morte, nossa vida; tua cruz, nossa redenção; tuas feridas, nossa cura. Que, crucificados contigo e mediante teu favor, sejamos levados às alturas até o Pai e alcancemos a graça da ressurreição, por meio do próprio Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

Adaptado de “Tempo da Paixão”, Orações para datas

sagradas, em *Coletas antigas e outras orações*, p. 43-44

PARA REFLETIR: Mt 12.1-8; 21.23-27; 23.37; Mc 14.53-65; Lc 19.41; 22.66-71; Jo 2.1-22; 5.1-47; At 2.14-36; 1Co 3.16; 6.19; 2Co 6.16; Cl 2.9; Hb 10.19-20

153

A vida, a obra e os ensinamentos de Jesus não remetiam apenas a uma nova e atemporal compreensão sobre Deus. Jesus não veio para oferecer um novo padrão ou mesmo um novo grau de espiritualidade. A profundidade espiritual e o renovo vêm como parte de um pacote maior, que está relacionado à libertação das garras do mal, ao retorno do exílio, à su ciência de pão, ao reino de Deus estabelecido na terra como é no céu. Trata-se do conjunto do Advento. Jesus assumiu um enorme risco ao a rmar que essas coisas aconteceriam por meio de sua obra, e todas elas estão contidas na palavra “Pai”.

Para Jesus, aquela era uma grande aposta na fé e em sua vocação.

Signi cava deixar a segurança do lar, da família e do emprego em razão de o Pai tê-lo chamado para um novo propósito. [...] Ele, o carpinteiro, foi convocado a tomar sobre si o madeiro e os pregos a m de cumprir o legítimo êxodo, a de nitiva derrota do mal.

N. T. Wright, *O Senhor e sua oração*, p. 17-18

Suplicamos a ti, ó Senhor, que incites nosso coração a preparar o caminho para o teu Filho unigênito, para que, por seu advento, tenhamos condições de servir-te com a mente puri cada. Tu dispersarás “os orgulhosos e os arrogantes”; derrubarás

“príncipes de seus tronos” e exaltarás os humildes; encherás “de coisas boas os famintos” e despedirás os ricos “de mãos vazias”; ajudarás teu servo Israel e te lembrarás “de ser misericordioso”; por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

Adaptado de “Advento”, Orações para datas sagradas, em

Coletas antigas e outras orações, p. 16; Lucas 1.51-54

PARA REFLETIR: Is 40.3-5; 42.1-4; 52.7; 53.1-12; Ez 37.1-14; Mt 6.9-13; Mc 4.3; 5.2; Lc 1.32-33, **46-55**; 22.39-46; Jo 1.1-18; 4.31-38; 6.35-40; Fp 2.5-11; Hb 5.1-9

154

No jardim do Getsêmani, Jesus chamou Deus de “Pai” mais uma vez.

No Evangelho de João, ele recorre à imagem do pai e do lho para explicar o que estava realizando. Naquela sociedade, o lho é aprendiz do pai, cujo ofício aprende por observação; quando tem algum problema, o lho busca saber como o pai lida com aquilo. É isso o que Jesus faz no Getsêmani. “Pai, este é o caminho certo? Preciso mesmo tomar deste cálice?” [...] O que vemos no Getsêmani é o lho aprendiz certi cando-se de como o pai age. Qual é o projeto com o qual Pai e Filho estão comprometidos? Nada menos que o novo êxodo: resgatar Israel e todo o mundo da maldade, da injustiça, do medo e do pecado.

[...] Jesus, assim como nós, foi aprendendo o que de fato signi cava chamar Deus de “Pai”.

N. T. Wright, *O Senhor e sua oração*, p. 18

Ó Sagrada Aliança! Ó Santo Testamento! Precioso Senhor Jesus, como poderemos render-te adoração e graças su cientes? Obediente Filho do Pai, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, por tuas amargas a ições glori caste ao Pai, assim como o Pai glori cou a ti; por tua paixão e ressurreição, conduziste à glória muitos lhos e lhas.

Agora, mediante o Espírito Santo prometido, revela em nós a sabedoria e o discernimento do plano secreto do Pai: unir em ti tudo o que há nos céus e na terra.

Amém.

Adaptado de Quirsfeld (1642–1686), “Sobre a instituição da Ceia do Senhor”, em *Orações da coleção do finado Barão*

Bunsen, p. 113-114

PARA REFLETIR: Mt 6.9-13; Lc 11.2-4; Jo 1.16-18; 5.1-27,30-37; 6.31-39,53-63; 8.44-59; 10.14-18,36-38; 12.27-36b; 13.1-5; 15.1-17; 16.7-11; 17.4; Ef 1.9-10

155

A adoração nunca termina. Prédios desmoronam; pessoas reu nidas em assembleias adormecem; orçamentos resultam em nada. Nossas construções se destinam ao tempo atual, nossas discussões se referem ao tempo atual e gastamos com coisas ligadas ao tempo atual; mas, na era vindoura, o tempo atual terá sido abolido. Hoje vemos a beleza de Deus por meio de uma lente obscura, mas então o veremos face a face; agora o apreciamos em parte, mas então o conheceremos e apreciaremos como ele é, assim como o Deus vivo nos conheceu e nos apreciou.

Portanto, agora devemos adorar, evangelizar e conduzir, e a maior dessas tarefas é a adoração.

A adoração nada mais é que o amor ajoelhado diante do amado, assim como a evangelização é o amor prostrado a serviço do amado.

N. T. Wright, *Por que Deus importa*, p. 9

Ó Senhor, nosso Deus, grande, eterno e maravilhoso em glória, que estabeleces e manténs a aliança, Criador e Redentor, Auxílio de todos que correm para ti, Esperança de todos que clamam por ti, nós te adoramos. “Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos; toda a terra está cheia de

sua glória!” Perdoa nossos desvios e repreende nossa desatenção; por tua graça, capacita-nos a nos apresentarmos como sacrifício vivo, santo e agradável a ti, e que esta seja nossa verdadeira e alegre adoração. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Adaptado de Orações introdutórias, em *Coletas antigas e*

outras orações, p. 2; Isaías 6.3

PARA REFLETIR: Êx 15.2; 1Cr 16.29; Sl 24.3-6; 29.2; 95.1-6; 96.9; **Is 6.3**; 40.21-23,28-31; Hc 2.18-20; Mt 4.10; **Rm 12.1**; Hb 12.28; 13.15; Ap 4.11; 15.3-4

156

Se a epístola a Filemom fosse o único fragmento que nos evidenciasse algo acerca do cristianismo primitivo, concluiríamos que algo bastante notável teria acontecido, algo que mudou radicalmente o modo como as pessoas viam a si mesmas, como viam umas às outras e como viam o mundo.

Há outras cartas da antiguidade que falam de escravos fugitivos, e em geral elas adotam um tom paternalista e condescendente: o escravo quase não é tido como humano. A epístola de Paulo, por sua vez, inspira algo totalmente distinto. Paulo e Filemom são irmãos em Cristo. Paulo e Onésimo são irmãos em Cristo. Paulo se coloca entre eles de forma a acolher e unir um e outro, senhor e escravo.

A origem disso é evidente: essa postura vem do Calvário, onde o mais famoso prisioneiro de Pôncio Pilatos estendeu o braço para acolher judeus e gregos, escravos e livres, homens e mulheres; mais que isso, para acolher e reconciliar Deus e a humanidade, o Criador e seus servos fugidios, o Criador e o mundo a ele insubordinado.

N. T. Wright, *Por que Deus importa*, p. 52

Ó Filho do Deus vivo, Redentor vitorioso, Libertador dos cativos, nós adoramos a ti.

Derrotaste os poderes e des zeste as barreiras que outrora separavam homens e mulheres de ti, deles mesmos e uns dos outros. És o glorioso Autor da nova criação, o verdadeiro Pão da Vida oferecido a todos que vivem com a alma abatida, a consciência culpada e o espírito sedento. Como An trião celestial, convidas todos os Ihos de Adão ao teu banquete. Por tua graça, recebe-nos na vida eterna juntamente com o Pai e o Espírito Santo, único Deus para sempre. Amém.

Adaptado de Agostinho (354–430), bispo de hipona, “Coleta

para o Domingo de Páscoa”, em *Orações da coleção do finado*

Barão Bunsen, p. 118

PARA REFLETIR: Sf 3.17; Jo 3.16-21; At 10.34-35; Rm 2.9-11; 3.21-26; 5.1-19; 10.11-13; Gl 3.26-29; Ef 2.4-5; Fp 1.1-25; 1Tm 2.3-4; Tg 2.9; 2Pe 3.9

157

Nós, cristãos ocidentais, nos desviamos ao discutir sobre a ressurreição.

Apegamo-nos aos fatos materiais do que aconteceu e, quando o assunto é o *signi cado* da ressurreição, nos mostramos vazios. Falamos sobre nossa própria vida depois da morte, mas a ressurreição *signi ca* muito mais que isso. A ressurreição não a rma apenas que Jesus vive hoje, que posso ter um relacionamento pessoal com ele; ela não revela simplesmente que há uma vida após a morte. A ressurreição diz que há um *mundo novo*, uma nova criação, um novo jeito de ser. [...] Deus criou um caminho em meio à morte e atravessou até o outro lado. Nesse processo, o mundo tal como o conhecemos — este mundo onde se veem belas cenas de alvorecer e também crianças violentadas — está sendo conduzido à morte e atravessando a sepultura rumo a uma nova vida.

N. T. Wright, *A coroa e o fogo*, p. 63

Ó exaltado Príncipe da Vida, Primogênito dentre os mortos, Plenitude do Deus encarnado, Senhor Jesus Cristo, Criador da primeira criatura, no dia da tua ressurreição, o primeiro dia da nova criação, nós te adoramos por teu poder e glória.

Exaltado, desarmastes “os governantes e as autoridades espirituais” e os envergonhaste publicamente “ao vencê-los na cruz”, tornando-te, assim, a Cabeça do corpo, tua igreja, e o Redentor do mundo. Em ti, por intermédio do Espírito Santo, são revelados os tesouros do Pai: sabedoria e conhecimento, graça e glória. Amém.

Al Truesdale; Colossenses 2.15

PARA REFLETIR: Jo 11.25; 20.1-23; At 2.14-36; Rm 6.1-4; 8.11; 1Co 15.20-58; 2Co 5.16-21; Gl 2.20; Cl 1.15-29; 2.15; 1Pe 1.3; 2Pe 1.4; Ap 1.12-16; 5.6-14; 7.9-12

Os discípulos tinham motivações das mais diversas, boas e ruins, e essa mistura não vinha em proporção equilibrada. Apesar disso, eles obedeciam: formavam o mais estranho amontoado de anti-heróis já visto. [...] Não pareciam nem um pouco capazes de incendiar o Jordão; mas essa não era mesmo a intenção. Eles é que seriam incendiados.

Quando Deus chama um homem, ele o manda vir e queimar — queimar

com um novo amor, um novo anseio que toma todo o emaranhado de desejos e ambições e os faz arder até que se rene o que fora dado por Deus, purgando tudo que seguia em outra direção. [...] Este é o destino daquele a quem Deus convoca: ser “tomado por fogo ou fogo”; de fato é consumido por ambos de uma só vez.

E esse punhado de retalhos e remendos saiu por todo o mundo levando cura, reconciliação, vida e amor, mediante o poder e o fogo do Espírito Santo.

N. T. Wright, *A coroa e o fogo*, p. 76-77

Ó Deus, que derramaste sobre os discípulos de Jesus o Santo Espírito prometido, concede à tua igreja o mesmo ardor e re namento para que, assim como aqueles primeiros homens e mulheres declararam que Jesus é o Redentor do mundo, nós também sejamos revestidos de poder para proclamar as boas-novas de que Cristo “se tornou sabedoria de Deus em nosso favor, nos declarou justos diante de Deus, nos santi cou e nos libertou do pecado”. Assim pedimos por intermédio do próprio Jesus, nosso Senhor.

Adaptado de “Tempo de Pentecostes”, Orações para

datas sagradas, em *Coletas antigas e outras orações*, p. 63; 1Coríntios 1.30

PARA REFLETIR: Mt 16.22-23; Mc 14.43-50; Lc 22.31-34,54-62; At 1.6-14; 2.4,14-36; 3.1-16; 4.1-31; 5.12-32; 6.1-15; **1Co 1.30**; 2Co 4.1-12; 5.1-21; Fp 3.1-21

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

As leituras, orações e hinos usados neste livro foram adaptados das

fontes abaixo. Os títulos entre colchetes indicam o nome pelo qual as obras, em geral, são conhecidas em língua portuguesa e mencionadas ao longo deste volume.

Alhstrom, Sydney E. *A Religious History of the American People*. New Haven, CT: Yale University Press, 1972.

Anselm. *St. Anselm's Book of Meditations and Prayers* [Livro de meditações e orações]. Londres: Burns and Gates, 1872. Reimpr., Christian Classics Ethereal Library (CCEL).

< <http://www.ccel.org/ccel/anselm/meditations.html> >.

Barth, Karl. *Church Dogmatics* [Dogmática eclesiástica]. Vol. 1, pt. 1, *The Doctrine of the Word of God*. Edit. por G. W. Bromiley e T. F. Torrance. Londres: T and T Clark International, 2004.

_____. *Church Dogmatics*. Vol. 4, pt. 4, *The Doctrine of Reconciliation*. Edit. por G. W. Bromiley e T. F. Torrance. Londres: T and T Clark International, 2004.

_____. *Dogmatics in Outline* [Esboço de uma dogmática]. Nova York: Harper Torchbooks, 1959.

_____. *Evangelical Theology: An Introduction* [Introdução à teologia evangélica]. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1963.

_____. *The Humanity of God* [A humanidade de Deus]. Richmond, VA: John Knox Press, 1960.

Bonhoeffer, Dietrich. *The Cost of Discipleship* [Discipulado]. 2a. ed. Londres: SCM Press, 1959.

Reimpr., Nova York, Macmillann, 1963.

_____. *Ethics* [Ética]. Trad. de Neville Horton Smith. Nova York: Macmillan, 1955. Reimpr., Nova York: Simon and Schuster, 1995.

_____. *Letters and Papers from Prison* [Cartas e anotações da prisão]. Trad. de Reginald Fuller.

Nova York: Macmillan, 1971.

Bonhoefferblog. "The Execution of Dietrich Bonhoeffer (by Alfred the Great Academy)." More on the Execution of Dietrich Bonhoeffer.

< <https://bonhoefferblog.wordpress.com/2009/12/19/more-on-the->

execution-of-dietrich-bonhoeffer/> .

Book of Common Prayer [Livro de Oração Comum, LOC]. Nova York: Church Hymnal Corporation, 1979. <http://justus.anglican.org/resources/bcp/formatted_1979.htm> .

Bright, William. *Ancient Collects and Other Prayers Selected for Devotional Use from Various Rituals*

[Coletas antigas e outras orações]. Oxford, UK: J. Parker, 1902. HathiTrust Digital Library.

<<http://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=hvd.hn2z78;view=1up;seq=50>> .

Brueggemann, Walter. *The Bible Makes Sense* [A Bíblia faz sentido] . Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 2001.

_____. *Final y Comes the Poet: Daring Speech for Proclamation* [En m vem o poeta]. Minneapolis: Fortress Press, 1989.

_____. *An Introduction to the Old Testament: The Canon and Christian Imagination* [Introdução ao Antigo Testamento]. Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 2003.

_____. *The Prophetic Imagination* [A imaginação profética]. Filadélfia: Fortress Press, 1978.

Bunsen, Christian Carl J. *Prayers from the Collection of the Late Baron Bunsen* [Orações da coleção do nado Barão Bunsen]. Londres: Longman, Green, and Co., 1871. Internet Archive.

<<https://archive.org/details/prayersfromcoll00bunsgoog>> .

Calvin, John. *Hosea* [Oseias] . Vol. 1 de *Commentaries on the Twelve Minor Prophets*. Trad. de John Owen. 1846–1849. Reimpr., CCEL. <<http://www.ccel.org/ccel/calvin/calcom26.i.html>> .

_____. *Institutes of the Christian Religion* [Institutas da religião cristã]. Vol. 1. Edit. por John T.

McNeill. Trad. de Ford Lewis Battles. Library of Christian Classics, 1960. Reimpr., Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 2006.

Chesterton, G. K. *Heretics* [Hereges]. Nova York: John Lane, 1919. Reimpr., CCEL.

< <http://www.ccel.org/ccel/chesterton/heretics.html> > .

_____. *Orthodoxy* [Ortodoxia]. Nova York: Dodd, Mead, 1908. Reimpr., CCEL

< <http://www.ccel.org/ccel/chesterton/orthodoxy.txt> > .

Daniel, Wallace L. “Father Aleksandr Men and the Struggle to Recover Russia’s Heritage.”

< http://www.alexandrmen.ru/english/demokratizatsia/Father_Aleksandr_Men_and_the_Struggle_to_Recover_Russia.html > .

Denney, James. *The Death of Christ* [A morte de Cristo] . 1911. Reimpr., CCEL.

< http://www.ccel.org/ccel/denney/christ_death.txt > .

Dyer, Helen S. *Pandita Ramabai: Her Vision, Her Mission and Triumph of Faith* [Pandita Ramabai: Visão, missão e o triunfo da fé]. Londres: Pickering and Inglis, [1922?]. Internet Archive.

< <https://archive.org/stream/panditaramabaihe00dyeruoft#page/n5/mode/2up> > .

Erskine, Noel Leo. “Martin Luther King, Jr.: A Theologian with a Passion for Reconciliation.”

31 de março de 2016. *Sightings*, Martin Marty Center, University of Chicago Divinity School.

< <http://us6.campaign-archive2.com/?>

[u=6b2c705bf61d6edb1d5e0549d&id=96c8f6e863&e=4094c28798](http://us6.campaign-archive2.com/?u=6b2c705bf61d6edb1d5e0549d&id=96c8f6e863&e=4094c28798) > .

Florovsky, Georges. “The Catholicity of the Church” [A catolicidade da igreja]. Em *Bible, Church, Tradition: An Eastern Orthodox View*, p. 37-55. *The Collected Works of Georges Florovsky*, vol. 1. Varduz: Büchervertriebsanstalt, 1987.

< http://jbburnett.com/resources/orovsky/1/orovsky_1-3-catholicity.pdf > .

_____. “The Church: Her Nature and Task” [A igreja: natureza e tarefa]. Em *The Universal Church in God’s Design*, vol. 1. Norwich, UK: SCM Press, 1948.

< [http://www.fatheralexander.org/booklets/english/catholicity_church_ orovsky.htm](http://www.fatheralexander.org/booklets/english/catholicity_church_orovsky.htm) > .

____. “Following the Holy Fathers’: Father Georges Florovsky and the Patristic Mindset”

[Seguindo os Santos Pais]. (Excertos de “Patristic Theology and the Ethos of the Orthodox Church”, vol. 4, pt. 2 de *The Col lected Works of Georges Florovsky* [Belmont, NA: Nord land, 1987], p. 15-22. Orthodox Christian Information Center.

< http://orthodoxinfo.com/phronema/ orov_fathers.aspx > .

____. “The Work of the Holy Spirit in Revelation” [A obra do Espírito Santo na revelação].

The Christian East, vol. 13, n. 2 (1932), p. 49-64.

< http://www.fatheralexander.org/booklets/english/holy_spirit_revelation_ orovsky.htm > .

Forsyth, Peter T. *Lectures on the Church and the Sacraments* [Palestras sobre a igreja e os sacramentos]. Londres: Longmans, Green, 1917. Internet Archive.

< <https://archive.org/details/lecturesonchurch00fors> > .

____. *The Soul of Prayer* [A alma da oração]. Londres: Independent Press, 1916. Reimpr., CCEL. < <http://www.ccel.org/ccel/forsyth/prayer.txt> > .

____. *The Work of Christ* [A obra de Cristo]. Londres: Hodder and Stoughton, 1910. Internet Archive. < <http://www.ccel.org/ccel/forsyth/work.txt> > .

Francis. *Evangelii Gaudium* [A alegria do evangelho]. 24 de nov. de 2013. Vatican Website.

< http://w2.vatican.va/content/francesco/en/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html > .

____. *Lumen Fidei* [A luz da fé]. 29 de jun. de 2013. Vatican Website

< http://w2.vatican.va/content/francesco/en/encyclicals/documents/papa-francesco_20130629_enciclica-lumen- dei.html > .

Graham, Billy. "Heroes and Icons: John Stott." 18 de abr. de 2005. The 2005 Time 100. *Time*.

<http://content.time.com/time/specials/packages/article/0,28804,1972656_1972717_1974108

,00.html>.

_____. *The Holy Spirit: Activating God's Power in Your Life* [O Espírito Santo]. Waco, TX: Word Books, 1978. Reimpr., Nashville: Thomas Nelson, 2000.

_____. *Peace with God: The Secret of Happiness* [Paz com Deus]. Ed. rev. Nashville: Thomas Nelson, 2000.

Guardini, Romano. *The End of the Modern World* [O m do mundo moderno]. Ed. rev.

Wilmington, DE: ISI Books, 2001.

_____. *The Lord* [O Senhor]. Washington, DC: Regnery Gateway, 1954.

Henning, Kathy. "A Conversation with Walter Brueggemann." 28 de junho de 2013. *Response*, Seattle Pacific University. <<http://spu.edu/depts/uc/response/new/web-features/2013/walter-brueggemann.asp>>.

Hopkins, Charles Howard. *The Rise of the Social Gospel in American Protestantism, 1865-1915*.

New Haven, CT: Yale University Press, 1940.

Hymnary.org. [Hinário] <[http://www.hymnary.org/texts?qu=+in:texts](http://www.hymnary.org/texts?qu=)>.

John XXIII. *Ad Petri Cathedram* [À cátedra de São Pedro]. 29 de jun. de 1959. Papal Encyclicals Online. <<https://www.papalencyclicals.net/john23/j23petri.htm>>.

_____. "Announcement of an Ecumenical Council" ["Anúncio"]. 25 de jan. de 1959.

Transmitido na Basílica de São Paulo. Vatican II—Voice of the Church.

<<http://vatican2voice.org/91docs/announcement.htm>>.

_____. *Grata Recordatio* [Grata recordação]. 26 de set. de 1959. Vatican

Website.

< http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/en/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_26091959_grata-recordatio.html > .

_____. *Humanae Salutis* [Da salvação humana]. 25 de dez. de 1961. Vatican Website.

< http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/apost_constitutions/1961/documents/hf_j-xxiii_apc_19611225_humanae-salutis.html > .

_____. *Pacem in Terris* [Paz na terra]. 11 de abr. de 1963. Vatican Website.

< http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_26091959_grata-recordatio.html > .

John Paul II. “Address of His Holiness John Paul II” [“Discurso de Sua Santidade”]. 5 de out. de 1995. Vatican Website. < [https://w2.vatican.va/content/john-paul-](https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/en/speeches/1995/october/documents/hf_jp-ii_spe_05101995_address-to-uno.html)

[ii/en/speeches/1995/october/documents/hf_jp-ii_spe_05101995_address-to-uno.html](https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/en/speeches/1995/october/documents/hf_jp-ii_spe_05101995_address-to-uno.html) > .

_____. *Dives in Misericordia* [Rico em misericórdia]. 30 de nov. de 1980. Vatican Website.

< http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/en/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_30111980_dives-in-misericordia.html > .

_____. *Dominum et Vivi cantem* [Senhor e doador da vida]. 18 de maio de 1986. Vatican Website. < http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/en/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_18051986_dominum-et-vivi-cantem.html > .

_____. *Evangelium Vitae* [O evangelho da vida]. 25 de mar. de 1995. Vatican Website.

< http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031995_evangelium-vitae.html > .

_____. *Redemptor Hominis* [O Redentor do homem]. 4 de mar. de 1979. Vatican Website.

< http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/en/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_04031979_redemptor-hominis.html > .

_____. *Veritatis Splendor* [O esplendor da verdade], 6 de ago. de 1993. Vatican Website.

< http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_06081993_veritatis-splendor.html > .

_____. Citado em “Teresa Benedict of the Cross Edith Stein (1891—1942)”. Vatican Website.

< http://www.vatican.va/news_services/liturgy/saints/ns_lit_doc_19981011_edith_stein_en.html > .

Johnson, Luke Timothy. *The Real Jesus: The Misguided Quest for the Historical Jesus and the Truth of the Traditional Gospels* [O Jesus verdadeiro]. Nova York: HarperSanFrancisco, 1996.

_____. *The Writings of the New Testament: An Interpretation* [Os escritos do Novo Testamento].

Minneapolis: Fortress Press, 1999.

Jones, E. Stanley. *Along the Indian Road* [Ao longo da estrada indiana]. Londres: Hodder and Stoughton, 1939. Internet Archive.

< https://archive.org/stream/alongtheindianro035269mbp/alongtheindianro035269mbp_djvu.txt > .

_____. *A Song of Ascents: A Spiritual Autobiography* [Cântico de subidas]. Nashville: Abingdon, 1968.

_____. *Victorious Living* [Vida vitoriosa]. Danbury, CT: Summerside Press, 2010.

Kemp, E. A. “The Excellence of Devotion.” *The Herald of Gospel Liberty*, 109, n. 16 (19 de abr.

de 1917), p. 10-11.

King Jr., Martin Luther. “I Have a Dream” [Eu tenho um sonho]. Discurso proferido no Memorial Lincoln, Washington, DC, 28 de ago. de 1963. American Rhetoric.

< <http://www.americanrhetoric.com/speeches/mlkihadream.htm> > .

_____. *Stride toward Freedom: The Montgomery Story* [Avanço rumo à liberdade]. Nova York: Harper and Brothers, 1958.

_____. *Where Do We Go from Here: Chaos or Community?* [Daqui, para onde vamos: caos ou comunidade?]. Nova York: Harper and Row, 1967. Reimpr. com introd. de Vincent Harding.

Boston: Beacon Press, 2010.

_____. *Why We Can't Wait* [Por que não podemos esperar]. Nova York: Harper and Row, 1964.

Kuyper, Abraham. *The Ascent of the Son—The Descent of the Spirit: Kuyper Meditations* [A ascensão do Filho, a descida do Espírito]. 1888. Trad. de Jan H. Boer. Social Theology.

<<http://www.socialtheology.com>>. Reimpr., CCEL.

<<http://www.ccel.org/ccel/kuyper/ascentofchrist.txt>>.

_____. *Common Grace: God's Gifts for a Fal en World* [Graça comum]. Vol. 1. Trad. de Nelson D.

Kloosterman. Grand Rapids: Acton Institute for the Study of Religion and Liberty, 2015.

_____. *To Be Near unto God* [Estar perto de Deus]. Trad. de J. H. de Vries. Grand Rapids: Eerdmans-Sevensma, 1918. Reimpr., CCEL.
<<http://www.ccel.org/ccel/kuyper/near.txt>>.

_____. *The Work of the Holy Spirit* [A obra do Espírito Santo]. Trad. de J. H. de Vries. Nova York: Funk and Wagnalls, 1900. Reimpr., CCEL.
<http://www.ccel.org/ccel/kuyper/holy_spirit.txt>.

Lewis, C. S. *Mere Christianity* [Cristianismo puro e simples]. Ed. rev. Nova York: HarperOne, 2015.

_____. *The Problem of Pain* [O problema do sofrimento]. Nova York: MacMillan, 1976.

_____. *The Screwtape Letters* [Cartas do diabo a seu aprendiz]. Reimpr., Nova York: HarperSanFrancisco, 1996.

_____. *Surprised by Joy: The Shape of My Early Lif e* [Surpreendido pela alegria]. Reimpr., Nova York: Houghton Mif in Harcourt, 2001.

“List of Jim Crow Law Examples by State Explained.” Everything Explained Today.

<http://everything.explained.today/List_of_Jim_Crow_law_examples_by_State/> .

The Little Treasure of Prayers. 4a ed. Columbus, OH: Lutheran Book Concern, 1888. Reimpr., CCEL. <<http://www.ccel.org/ccel/anonymous/treasure.cover.html>> McGrath, Alister. C. S.

Lewis: A Life [A vida de C. S. Lewis]. Carol Stream, IL: Tyndale House, 2013.

McKenna, Josephine. “Pope Francis Treats Homeless to Pizza and Swim at the Beach.” 15 de ago. de 2016. Beliefs. *Religion News Service*.

<<https://www.religionnews.com/2016/08/15/pope-francis-treats-homeless-to-pizza-and-swim-at-the-beach/>> .

Men, Alexandr. *About Christ and the Church* [Sobre Cristo e a igreja]. Trad. de Alexis Vinogradov.

Torrance, CA: Oakwood Publications, 1996.

_____. *Awake to Life: Sermons from the Paschal (Easter) Cycle* [Desperto para a vida]. Torrance, CA: Oakwood Publications, 1996.

Merton, Thomas. *The Ascent to Truth* [Ascensão para a verdade]. Nova York: Harcourt, Brace, 1951.

_____. *The Seven Storey Mountain* [A montanha dos sete patamares]. Nova York: Harcourt, Brace, 1948.

_____. *The Sign of Jonas* [O sinal de Jonas]. Nova York: Harcourt, Brace, 1953.

Mother Teresa. *Life in the Spirit: Reflections, Meditations, Prayers* [Vida no Espírito]. San Francisco: Harper and Row, 1983.

_____. *Mother Teresa: Come Be My Light; The Private Writings of the “Saint of Calcutta”* [Madre Teresa: Venha, seja minha luz]. Edit. por Brian Kolodiejchuk. Nova York: Doubleday, 2007.

_____. *Mother Teresa: Essential Writings* [Escritos essenciais]. Compil. por Jean Maalouf.

Maryknoll, NY: Orbis Books, 2001.

Mott, John R. *The Evangelization of the World in This Generation* [A evangelização do mundo nesta geração]. Nova York: Student Volunteer Movement for Foreign Missions, 1900.

Internet Archive.

< [http://www.archive.org/stream/evangelizatioof00mottuoft/evangelizationof00mottuoft_djvu.](http://www.archive.org/stream/evangelizatioof00mottuoft/evangelizationof00mottuoft_djvu.txt)

txt > .

Nation, Mark Thiessen. Citado em “About Walter Brueggemann.” The Words Online.

< <http://www.thewords.com/articles/walterabout.htm> > .

Newbigin, Lesslie. *Christian Witness in a Plural Society* [Testemunho cristão numa sociedade pluralista]. Londres: British Council of Churches, 1977.

_____. *The Finality of Christ* [A nalidade de Cristo]. Londres: SCM Press, 1969.

_____. *Truth to Tel : The Gospel as Public Truth* [Verdade para contar]. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans, 1991.

Newman, John Henry. *Meditations and Devotions of the Late Cardinal Newman* [Meditações e devoções]. Edit. por W. P. Neville. Londres: Longmans, Green, 1907. Reimpr., Newman Reader, National Institute for Newman Studies, 2007.

< <http://www.newmanreader.org/works/meditations/> > .

Niebuhr, Reinhold. *The Children of Light and the Children of Darkness* [Os lhos da luz e os lhos das trevas]. Nova York; Charles Scribner's Sons, 1960.

_____. *The Irony of American History* [A ironia da história americana]. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1952.

_____. *Leaves from the Notebook of a Tamed Cynic* [Folhas do caderno de um cínico domesticado].

Nova York: Meridian Books, 1960.

Nordlinger, Jay. “The Pole in Rome.” *National Review*, 11 de out. de 1999.

< <http://www.nationalreview.com/article/214065/pole-rome-jay-nordlinger> > .

Nouwen, Henri J. M. *The Return of the Prodigal Son: A Story of Homecoming* [A volta do lho pródigo]. Nova York: Doubleday, 1994.

_____. *The Way of the Heart: Connecting with God through Prayer, Wisdom, and Silence* [O

caminho do coração]. Minneapolis: Seabury Press, 1981.

Page, Herman; Laidlaw, Gilbert W. *Prayers: Compiled and Adapted from Ancient and Modern Sources* [Orações: compiladas e adaptadas de fontes antigas e modernas]. Nova York: Edwin S.

Gorham, 1918. Reimpr., Project Gutenberg. < <https://archive.org/details/prayers00page> > .

Rauschenbusch, Walter. *The Social Principles of Jesus* [Os princípios sociais de Jesus]. Londres: International Committee of Young Men's Christian Associations, 1916. Reimpr., Project Gutenberg, 2009. < <http://www.gutenberg.org/files/29912/29912-0.txt> > .

"Sadhu Sundar Singh: Indian Christian Missionary." CCEL. < <http://www.ccel.org/ccel/singh> > .

Singh, Sadhu Sundar. *At the Master's Feet* [Aos pés do Mestre]. Trad. de Arthur Parker e Rebecca Jane Parker. Londres: Fleming H. Revell, 1922. Reimpr., CCEL.

< <https://www.ccel.org/ccel/singh/feet.txt> > .

_____. Citado em Friedrich Heiler, *The Gospel of Sadhu Sundar Singh* [O evangelho de Sadhu Sundar Singh]. Trad. abrev. de Olive Wyon. Londres; George Allen and Unwin, 1927.

Internet Archive.

< <https://archive.org/details/TheGospelOfSadhuSundarSinghByOliveWyon-1927-UploadedByPeterjohn> > .

Stein, Edith [Teresa Benedita da Cruz]. *The Hidden Life: Hagiographic Essays, Meditations, Spiritual Texts* [A vida escondida]. Trad. de Waltraut Stein. Vol. 4 de *The Collected Works of Edith Stein*. Washington, DC: ICS Publications, 2014.

_____. *Essential Writings* [Escritos essenciais] . Edit. por John Sullivan. Maryknoll, NY: Orbis Books, 2002.

_____. *The Science of the Cross* [A ciência da cruz]. Trad. de Josephine Koepfel. Washington, DC: Institute of Carmelite Studies, 2002.
< <http://worldcat.org/title/collected-works-of-edith-stein-sister-teresa-benedicta-of-the-cross-discalced-carmelite/oclc/11398111/viewport> > .

Stott, John R. W. *Basic Christianity* [Cristianismo básico]. 2a ed. Grand Rapids: William B.

Eerdmans, 1971.

_____. *The Cross of Christ* [A cruz de Cristo]. Downers Grove, IL; Intervarsity Press, 1986.

ten Boom, Corrie. *Corrie ten Boom's Prison Letters* [Cartas da prisão]. Fort Washington, PA: CLC

Publications, 2015.

_____. *The Hiding Place* [O refúgio secreto]. Grand Rapids: Chosen Books, 1984.

Tutu, Desmond. *God Is Not a Christian: And Other Provocations* [Deus não é cristão] . Edit. por John Allen. Nova York: HarperOne, 2011.

_____. *No Future without Forgiveness* [Não há futuro sem perdão]. Nova York: Image Books, 2000.

Wacker, Grant. *America's Pastor: Bill y Graham and the Shaping of a Nation*. Cambridge, MA: Belknap Press, 2014.

Weigel, George. *Witness to Hope: The Biography of Pope John Paul II*. Nova York: Harper Perennial, 2005.

Woodward, C. Vann. *The Strange Career of Jim Crow*. Nova York: Oxford University Press, 1955.

Wright, N. T. *The Challenge of Jesus: Rediscovering Who Jesus Was and Is* [Os desafios de Jesus].

Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1999.

_____. *The Crown and the Fire: Meditations on the Cross and the Life of the Spirit* [A coroa e o fogo]. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1992.

_____. *For Al God's Worth: True Worship and the Cal ing of the Church*
[Por que Deus importa].

Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1997.

_____. *The Lord and His Prayer* [O Senhor e sua oração]. Grand Rapids:
William B. Eerdmans, 1997.



mundocristao.com.br

Compartilhe suas impressões:

opinio-do-leitor@mundocristao.com.br

Document Outline

- Volume 1: A era primitiva
 - Sumário
 - Introdução
 - Os Pais Apostólicos
 - Clemente de Roma
 - A Doutrina dos doze apóstolos (Didaquê)
 - Inácio de Antioquia
 - Policarpo de Esmirna
 - O Pastor de Hermas
 - A epístola a Diogneto [Mathetes]
 - Os Apologistas Gregos
 - Aristides
 - Justino Mártir
 - Atenágoras
 - Teófilo de Antioquia
 - A “Escola” de Alexandria
 - Clemente de Alexandria
 - Orígenes
 - Dionísio de Alexandria
 - A Igreja do Ocidente
 - Irineu
 - Hipólito de Roma
 - Tertuliano
 - Cipriano de Cartago
 - A Igreja do Oriente depois de Orígenes e antes de Niceia
 - Gregório de Neocesareia
 - Metódio de Olimpo
 - Apêndice
 - Fontes bibliográficas
- Volume 2: A era medieval
 - Sumário
 - Introdução
 - Eusébio de Cesareia
 - Atanásio
 - Hilário de Poitiers
 - Macário-Simeão (Pseudo-Macário)
 - Os Pais Capadócijs
 - Basílio Magno
 - Gregório de Nissa
 - Gregório de Nazianzo

- Ambrósio de Milão
- João Crisóstomo
- Agostinho, bispo de Hipona
- João Cassiano
- Vicente de Lérins
- Leão Magno
- Gregório Magno
- Anselmo, arcebispo de Cantuária
- Bernardo de Claraval
- Hildegarda de Bingen
- Francisco de Assis
- Mestre Eckhart
- João de Ruysbroeck
- Juliana de Norwich
- Catarina de Sena (Catarina de Benincasa)
- Tomás de Kempis
- Teologia germânica
- Fontes bibliográficas
- **Volume 3: A era da Reforma**
 - Sumário
 - Introdução
 - Catarina de Gênova (1447–1510) (Caterina Fieschi Adorno)
 - Martinho Lutero (1483–1546)
 - Tomás More (1478–1535)
 - João Calvino (1509–1564)
 - Tomás Cranmer (1489–1556)
 - Menno Simons (1496–1561)
 - Teresa de Ávila (1515–1582) (Teresa de Cepeda y Ahumada)
 - João da Cruz (1542–1591)
 - Francisco de Sales (1567–1622)
 - Metrofânes Critopoulos de Alexandria (1589–1639)
 - Jeremy Taylor (1613–1667)
 - François Fénelon (1651–1715)
 - Madame Jeanne Guyon (1648–1717)
 - Johann Arndt (1555–1621)
 - John Owen (1616–1683)
 - Blaise Pascal (1623–1662)
 - Philip Jacob Spener (1635–1705)
 - Henry Scougal (1650–1678)
 - Fontes bibliográficas
- **Volume 4: A era moderna**
 - Sumário

- Introdução
- Jonathan Edwards (1703–1758)
- John Wesley (1703–1791)
- George Whitefield (1714–1770)
- John Woolman (1720–1772)
- John Carroll (1735–1815)
- William Wilberforce (1759–1833)
- William Carey (1761–1834)
- Elizabeth Ann Seton (1774–1821)
- Thomas Chalmers (1780–1847)
- Augustus Wilhelm Neander (1789–1850)
- John Henry Newman (1801–1890)
- Phoebe Palmer (1807–1874)
- Søren Kierkegaard (1813–1855)
- John Charles (J. C.) Ryle (1816–1900)
- Frederick Douglass (c. 1818–1895)
- Hannah Whitall Smith (1832–1911)
- Charles H. Spurgeon (1834–1892)
- Dwight Lyman (d. l.) Moody (1837–1899)
- James Orr (1844–1913)
- Teresa de Lisieux (1873–1897)
- Fontes bibliográficas
- Volume 5: A era contemporânea
 - Sumário
 - Introdução
 - Abraham Kuyper (1837–1920)
 - Peter T. Forsyth (1848–1921)
 - James Denney (1856–1917)
 - Pandita Ramabai (1858–1922)
 - Walter Rauschenbusch (1861–1918)
 - John R. Mott (1865–1955)
 - G. K. Chesterton (1874–1936)
 - João XXIII (1881–1963)
 - E. Stanley Jones (1884–1973)
 - Karl Barth (1886–1968)
 - Sadhu Sundar Singh (1889–1929)
 - Teresa Benedita da Cruz (Edith Stein) (1891–1942)
 - Reinhold Niebuhr (1892–1971)
 - Corrie Ten Boom (1892–1983)
 - Georges Florovsky (1893–1979)
 - Alexander Men (1935–1990)
 - C. S. Lewis (1898–1963)
 - Dietrich Bonhoeffer (1906–1945)
 - Lesslie Newbigin (1909–1998)

- Madre Teresa (1910–1997)
- Thomas Merton (1915–1968)
- Billy Graham (1918–2018)
- João Paulo II (1920–2005)
- John R. W. Stott (1921–2011)
- Martin Luther King Jr. (1929–1968)
- Desmond Tutu (1931–)
- Henry Nouwen (1932–1996)
- Walter Brueggemann (1933–)
- Francisco (1936–)
- Luke Timothy Johnson (1943–)
- N. T. Wright (1948–)
- Fontes bibliográficas